



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

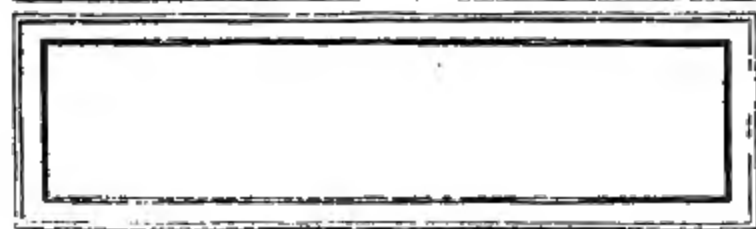
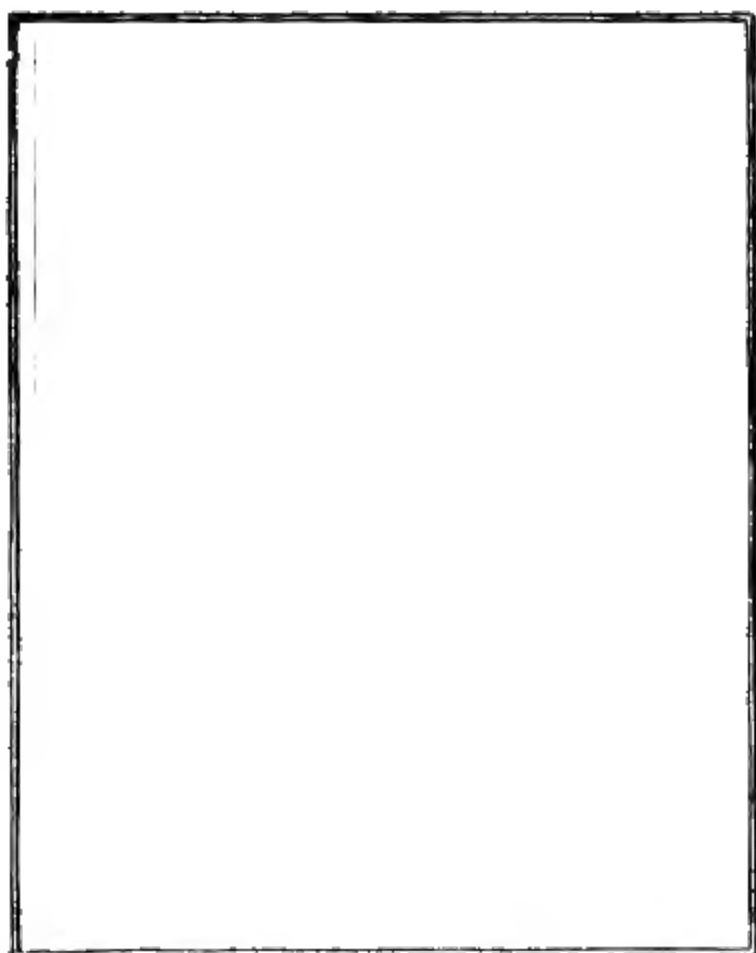
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



—
MENDES DOS REMEDIOS

UNIV. OF
CALIFORNIA

HISTÓRIA
DA
LITERATURA PORTUGUEZA

DESDE AS ORIGENS ATÉ A ATUALIDADE

—
QUINTA EDIÇÃO

LUMEN

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

Lisboa - Porto - Coimbra - Rio de Janeiro

Séde—132, R. do Ouro, 138—Lisboa

1921

TO WHOM IT MAY CONCERN:

AMERICAN AIR

HISTÓRIA

—

LITERATURA PORTUGUÊSA

TIPOGRAFIA LUSITANIA
Rua da Picaria, 73-PORTO

UNIV. OF
CALIFORNIA

MENDES DOS REMEDIOS

HISTÓRIA
DA
LITERATURA PORTUGUÊSA

DESDE AS ORIGENS ATÉ A ATUALIDADE

QUINTA EDIÇÃO

LUMEN

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

Lisboa - Porto - Coimbra - Rio de Janeiro

8428—132, R. de Ouro, 138—Lisboa

1921

PRESERVATION

COPY ADDED

mlf 5/02/91

UNIV. OF
CALIFORNIA

794w
M538
1921

HISTÓRIA

DA

LITERATURA PORTUGUÊSA

INTRODUÇÃO

Sumário: 1. História da literatura; seu âmbito: situação geográfica, raça, tradição e meio. — 2. Sentido em que aqui se emprega. — 3. Antologia portuguesa. — 4. Divisão da história da literatura portuguesa. — 5. Critério desta divisão. — 6. Esquema geral.

1.— História da literatura; seu âmbito. Estudar a história da literatura dum país é estudar os documentos em prosa ou em verso apreciáveis pelo seu *valor intrínseco* ou pela sua *fôrma*; é conhecer a vida dos homens que os escreveram, especialmente na parte que ela ajuda a entendê-los e interpretá-los. Neste sentido não é, no fundo, senão uma face e uma parte da história geral, mas é talvez aquela que melhor e mais completamente traduz o génio e os costumes duma nação, o espírito, o character e as tendências duma sociedade ¹. As literaturas, como as línguas, que lhes servem de instrumento, são verdadeiros organismos sujeitos a fases de origem, desenvolvimento e decadência. Como manifestação da vida dum povo acompanham este na sua actividade histórica. A formação embrionária dum país, a sua situação geográfica, o clima, a raça ou raças que entraram na sua constituição, bem como as suas lutas e conquistas, o progresso ou retrocesso na marcha geral da sua existência, as glórias que o corôam, as amarguras que o contristam, numa palavra o palpar de toda a sua vida, vão reflectir-se na obra dos seus filhos mais ilustres. Assim, estudando a *situação geográfica* do nosso país, a sua extensa costa marítima povoada de portos e em admirável posição para ser um entreposto universal, as suas múltiplas variedades de relevo e de terrenos, a sua rica fauna e flora, tudo isto dispondo-nos e encaminhando-nos para a vida marítima e colonial, tornando-nos ao mesmo tempo aptos, pela variedade de recursos, para o desenvolvimento duma bela civilização ²; atendendo por outro

¹ Petit de Julleville, *Hist. de la lit. franç.*, ch. 1.
² Poincard, *Le Portugal Inconnu*, Paris, 1910, pág. 9.

lado ao *fundo étnico*, que é um misto do «cruzamento complicadíssimo de selvagens da época quaternária com ibéros, ligures, fenícios, celtas, cartaginêses, romanos, suevos, godos e árabes predominando, ao que parece, os velhos troncos ibéros modificados pelos elementos arianos¹; tomando ainda em linha de conta a *tradição* e o *meio*, que nos fornecem uma grande quantidade de idéas e inspiram muitos dos nossos costumes impondo-se-nos ás vezes despoticamente, embora quasi sem nós darmos por isso², melhor compreenderemos as grandes fases literárias do nosso país e as suas figuras mais representativas, pois que assim temos estudado os grandes factores donde derivam as características do nosso povo: o factor geográfico — o meio, o factor etnográfico — a raça, o factor psicológico — a educação.

2.—**Sentido em que aqui se emprega.** Considerada sob este ponto de vista a literatura é rigorosamente o que lhe chamou De Bonald — a *expressão da sociedade*. Mas não é sob este aspecto *amplo e lato* que aqui a estudamos; se o fôsse equivaleria a termos de mencionar todas as manifestações do espírito, todos os conhecimentos humanos expressos pela palavra escrita.

O termo literatura toma-se aqui num sentido mais *restrito*, como sinónimo de *Humanidades* ou *Belas-Letras*, compreendendo sobretudo o estudo da *Poesia*, da *Eloquência* e da *História*. Uma história da literatura portugêsa deve, pois, registrar, embora de fôrma sucinta, todas aquelas individualidades que se tornaram notáveis pelos seus escritos, em prosa ou verso, sobre qualquer daquelas espécies ou nas suas congêneres — a *crítica*, a *filologia*, a *arqueologia*, o *romance*, etc., etc. Não compete a um trabalho desta ordem mencionar tudo quanto em língua portugêsa foi escrito desde as origens até nossos dias. Essa função pertence antes ás *Histórias literárias* e aos *Dicionários bibliográficos*, como succede para o francês com a *Histoire littéraire de la France* iniciada na primeira metade do séc. XVIII pelos Benedictinos, para o italiano com a *Storia della Lit. Italiana* de Tiraboschi, como o fez Teuffel para a Literatura Latina, como o sam para nós a *Bibliotêca Lusitana* de Barbosa Machado ou o *Dicionário Bibliográfico* de Innocencio da Silva, etc. Repetimos — estudámos a Literatura como sinónima de *Belas-Letras* abrangendo o que provoca evocações imaginativas, excitações sentimentais, emoções estéticas, no dizer de Lanson. Isto é o essencial. Podem advir-lhe acidentalmente

¹ Sylvio Romero e J. Ribeiro, *Compêndio de história da Lit. Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909, pág. xxxvi.

² L. Poinsard, *Ob. cit.*, 16.

pela linguagem ou pelo estilo outros elementos, mas só aquilo lhe é próprio e peculiar. O que é preciso conhecer, antes de mais, são os que deixaram nome imorredouro na cultura literária de Portugal e que como tais são considerados seus filhos mais gloriosos, porque por eles se criou eterno e grande o nome da Patria querida. A história da literatura portugêsa apresentar-nos-há os nomes desses beneméritos, os factos principais da sua vida e as suas obras mais importantes e mais dignas de serem conhecidas e imitadas. É um campo vastíssimo e dos mais curiosos e instrutivos.

O estudo da Literatura é, pois, profundamente científico. Remontando a Sainte-Beuve, que agrupou as suas críticas em volta dum grande nome, por ex., de Chateaubriand e do meio em que elle viveu, a Taine que nos seus estudos literários dos Países-Baixos e da Inglaterra e noutros partiu da idéa do *meio, da raça, e do momento*, completa-se com Brunetière que mostra o valor dum novo elemento — a *evolução*, que nos permite avaliar o encadeamento dos factos literários. Por outro lado surgiu também o conceito *estético* com a criação desta sciência por Baumgarten (1762) e a sua divulgação por Guyau, Hennequin, etc., até á sua aplicação ao campo literário por Bouterweck, Bellerman, Sismondi e outros. De modo que se chegou a um conceito inteiramente novo da História literária que, alargando-lhe o âmbito, tornou a missão do historiador muito mais difficultosa pela complexidade de investigações a que terá de proceder fazendo que elle seja, por vezes, simultâneamente, não simples historiador, mas filólogo, arqueólogo, crítico, estéta, etc.

3. — Antologia portugêsa. Mas não podemos nem devemos limitar-nos ao estudo *bio-bibliográfico* dos escritores portuguezes. Ao lado desse conhecimento, que é indispensável, a lição colhida da própria leitura das obras que immortalizaram seus autores é, antes de tudo, *necessária e útil*. Por isso damos no nosso trabalho larga parte aos documentos, que constituem uma verdadeira *Antologia* de prosa e poesia desde as origens até á actualidade, e que são tanto mais importantes quanto a raridade de muitos dos livros portuguezes, bem como a sua reprodução cuidadosa e esmerada, torna ainda mais difficultosa a lição e aproveitamento que deles pode e deve de tirar-se. Não esqueçamos, porém, que este livro representa um mero subsídio. Como compêndio ou manual não passa de síntese de *idéas completíssimas*. O seu estudo tem de ser acompanhado de esforços próprios, base de todo o saber.

4. — Divisão da História da literatura portugêsa. A história da nossa literatura pode considerar-se dividida em três grandes épocas, marcando três grandes correntes de idéas dominantes :

- I — Medieval** abrangendo os séculos XII a XV ;
- II — Clássica** compreendendo os séculos XVI a XIX ;
- III — Romântica**, que principia em 1825.

Nestas três épocas fica abrangida a vida literária do nosso país :

a) primeiro, uma fase de *infância ou de iniciação*, período das origens em que a língua sai pouco a pouco, através de formas múltiplas, do latim popular, do qual, como em outro lugar vimos, ela com as suas congêneres novi-latinas deriva¹. A literatura ensaia também os seus primeiros vãos; os documentos literários que possuímos dêste período, a princípio irregulares e até mesmo, por vezes, ininteligíveis, gradual e sucessivamente se acentuam e caracterizam. Até 1245, reinado de D. Sancho II, há o que pode chamar-se o período proto-histórico da literatura, em que se faz uso duma língua ainda na sua infância; com D. Afonso III abre-se uma era de progresso, a língua começa a fixar-se, os pensamentos que ela é chamada a traduzir são ingênuos, graciosos, cheios de vivacidade, embora a prosa seja ainda hesitante e a versificação muitas vezes dura e pouco regular. Nesta época, que denominamos *Medieval*, predominam por um lado os TROVADORES, em grande parte influenciados pela corrente que provinha da Provença, por outro os CRONISTAS, dominados pela grande figura de Fernão Lopes.

b) Inicia-se em seguida o *Classicismo*, época a princípio de *esplendor e virilidade* e em que as obras clássicas dos gregos e latinos, impostas pelo Renascimento, são o modelo e o guia de todos os espíritos cultos. Cria-se a Epopeia nacional; funda-se o Teatro. A língua entra abertamente numa fase histórica, definida e regular; toma formas amplas e opulentas nas obras dos que chamamos os clássicos dos séculos XVI e XVII, auxiliados ou secundados na fixação dessas formas pelos gramáticos, como Fernão de Oliveira e João de Barros.

Uma triplíce corrente — *italiana* no século XVI, *espanhola* no XVII e *francêsa* no XVIII, atravessa sucessivamente esta época, á qual com propriedade compete a designação de *clássica* por durante ela se fazer sempre sentir o predomínio das literaturas grêga e latina. Mas a energia e vigor de estilo que assinalam as obras de muitos dos escritores desta primeira fase, que bem pode chamar-se áurea, a louçania e pintoresco que traduzem na sua linguagem, vêm a decair na affectação e agudeza dos conceitos e no artifício dos sentimentos postos em jogo pelos escritores cultistas ou gongoristas do século XVII. Pelos meados do século XVIII opera-se uma reacção: — é o período do Arcadismo. É a França que nos dá os cânones por onde

¹ Cfr. a nossa *Introdução á Historia da Literatura Portuguesa*, 3.^a ed., Coimbra, 1911, 1 vol.

se guiam os autores portugueses, entre os quais alguns, como Bocage, Filinto e Tolentino são verdadeiros precursores da época imediata.

c) Por último temos a terceira época — a *Romântica*, em que se estabelece a fusão dos antigos elementos medievais com os populares e tradicionais. Iniciada sob a poderosa acção de Garrett e Herculano a breve trecho os exageros dos sequazes, os ultra-românticos, provoca a reacção dos *Dissidentes* e com ela a dissolução das escolas literárias.

Temos, pois

I *Epoca Medieval* abrangendo os séculos XII a XV e compreendendo as Escolas: 1.^a) dos *Trovadores* ou *Provençal* 1200-1385. Iniciada pelo tempo de D. Sancho I, isto é, pelos primeiros anos do século XIII termina com o começo das empresas marítimas, a entrada numa nova fase histórica. 2.^a) *Epoca dos Poetas Palacianos e Crónistas* 1385-1521, isto é, desde a subida ao trono de D. João I até á morte de D. Manoel.

II *Epoca Clássica* desde o século XVI até o XVIII e compreendendo: 3.^a) Escola *Quinhentista* ou *Italiana* 1521-1580, a idade áurea da nossa vida literária, assinalada pelos dois grandes genios — Camões e Gil Vicente; 4.^a) *Escola Seiscentista* ou *Gongórica* 1580-1700, que marca a supremacia do gosto espanhol, esterilizando muitos dos nossos bons engenhos; 5.^a) Escola *Arcádica* 1700-1825, o período das Academias e Arcádias, em que muito se trabalhou pela restauração da língua e do bom gosto literário.

III *Epoca Romântica* iniciada com a publicação do *Camões* e da *D. Branca* de Almeida Garrett.

E' claro que estas divisões ou outras congéneres não têm uma rigidez matemática nos seus limites definidos com precisão.

Seguidas mais ou menos desde o sábio helenista francês Boissonade, que em 1806 escrevia «para que a história literária seja convenientemente tratada é preciso dividi-la em certas idades, cada uma das quais tenha sua feição particular», salvam-se nas suas linhas gerais.

5. — **Crítério desta divisão.** A divisão que acabamos de fazer não é isenta de defeitos, parecendo antes — e nem sempre com rigor — mais adequada a uma divisão de história da poesia portuguesa do que a uma divisão da história geral da literatura. Por outro lado como que amesquinha a originalidade da nossa literatura pondo em relevo as correntes estrangeiras a que ela se subordinou ou pelas quais se deixou guiar.

Mas além de que nenhuma classificação, em princípio, é isenta de defeitos, deve ponderar-se que ela oferece vantagens didáticas — a) distinguindo e acentuando com nitidez as fases predominantes da evolução literária, b) delimitando épocas, cuja distinção é efectiva e:

real, c) e prestando-se, por isso, a uma melhor fixação da parte de quem a estuda. Por outro lado, quando falamos em *correntes estrangeiras* não queremos dizer que elas sejam o elemento principal e fundamental da nossa literatura. Em todos os países houve sempre na sua vida de espírito uma ou outra corrente de imitação. E' um factor secundário, contingente, prestes a desaparecer deante doutro mais intenso. O que fica sempre, o que é primordial e basilar é o que deriva da própria natureza, do próprio organismo social. Quando Bouterweck em 1804,¹ Sismondi em 1829² e Wolff em 1843³ se referiram á falta de originalidade da Literatura Portuguesa ou á sua dependência de literaturas estrangeiras não existiam ainda publicados os *Cancioneiros*, por ex., e facilmente se atribuíam a espanhois obras nossas, como os romances de Amadis e do Palmeirim.

Descontemos, portanto, a parte inegável de imitação dos grandes modelos estrangeiros e ainda nos ficará muito e em todos os géneros com que afirmar uma honrosa independência literária. Estabelecido assim o critério da divisão não há inconveniente em aceitá-la. Obedecendo ainda ao critério pedagógico seguimos quanto possível a exposição cronológica mantendo dentro dela a seriação dos géneros característicos, de fórma a ressaltar de tudo um quadro geral e a síntese harmónica e perfeitamente bem estabelecida da nossa evolução literária.

6. — Esquema geral. No quadro seguinte contêm-se e harmonizam-se entre si as classificações mais adoptadas pelos autores.

¹ *Geschichte der portug. Poesie und Beredsamkeit*, Gottingen, 1805 (Vol. 4.º da *Gesch. der Poesie und Beredsamkeit*).

² *De la litt. du Midi de l'Europe*, Paris, 4 vols.

³ *Zur Gesch. der Port. Lit. na Mittelalter in Hallische Allg. Litt. — Zeitung*, Mai 1843, nos. 87-91) trad. fr. de Du Méril — *Journal des Savants de Normandie*, Caen, 1844) reimpr. nos *Studien zur Gesch. des sp. und port. National — Litt.*, Berlin, 1859.

QUADRO DA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

I — Época Medieval. (XII-XV)	I Escola dos Trovadores ou provençal (1200-1385)	D. Afonso Henriques (1128-1185) D. Sancho I D. Afonso II D. Sancho II D. Afonso III D. Denis D. Afonso IV D. Pedro I D. Fernando I (1367-1383)
	II Escola dos Poetas palacianos e dos Cronistas (1385-1521)	D. João I (1385-1433) D. Duarte D. Afonso V D. João II D. Manoel (1495-1521)
II — Época Clássica.. (XVI-XVIII)	III Escola quinhentista ou italiana (1521-1580)	D. João III (1521-1557) D. Sebastião D. Henrique (1578-1580)
	IV Escola seiscentista ou gongórica (1580-1700)	Filipe I (1580-1598) » II » III D. João IV D. Afonso VI D. Pedro II (1683-1706)
	V Escola francesa ou arcádica (1700-1825)	D. João V (1706-1750) D. José I D. Maria I D. João VI (1816-1826)
III — Época Romântica (XIX)	VI Escola romântica (Desde 1825)	D. Pedro IV (1826-1834) D. Maria II D. Pedro V D. Luís I D. Carlos I D. Manoel II (1903-1910)

I

EPOCA MEDIEVAL

(XII-XV)

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente à Escola dos Trovadores ou Provençal

I

Monarcas portugueses

D. Afonso Henriques.	1128-1185
D. Sancho I	1185-1212
D. Afonso II	1212-1223
D. Sancho II	1223-1248
D. Afonso III	1248-1279
D. Denis	1279-1325
D. Afonso IV	1325-1357
D. Pedro I.	1357-1367
D. Fernando	1367-1383

II

Sincronismo político e social

- 1095 — Resolve-se a 1.^a expedição das *Cruzadas* no Concílio de Clermont, a instâncias de Pedro o Eremita.
- 1099 — Tomada de Jerusalém pelos cristãos sob o comando de Godofredo de Bu-
lhões.
- 1187 — Tomada de Jerusalém aos cristãos por Saladino.
- 1205 — Francêses e venezianos tomam Constantinopla e fundam o chamado *Im-
pério latino do Oriente*, que acaba em 1261.
- 1300 — Descoberta da bússola por Flavio Gioio, de Amalfi.
- 1132 — Abolição da Ordem dos Templários.
- 1321 — Invenção da pólvora.
- 1328 — Primeiras invasões dos turcos na Europa.
- 1336 — Nascimento do Tamerlan.
- 1362 — Os turcos criam a milícia dos janízaros.

III

Sincronismo literário

ESPANHA

Estabelece-se o ciclo dos *Poemas do Cid*, criando-se em volta de Rodrigo Diaz Bivar (1040-1099), o *Cid* invulnerável, o afamado *Campeador*, personagem semi-lendária, toda a efervescência literária, que a França teve para Carlos Ma-
gno. Merecem citar-se :

D. AFONSO O SABIO (1221-1284) autor das *Cantigas de Santa Maria*, publicadas, depois de seis séculos, pela R. Acad. Española sob a direcção do Marquês de Valmar (Madrid, 1889, 2 vols.) Há dois códices no Escorial. Do principal deles é que se fez a ed. da Academia que reproduz as miniaturas cromolitograficamente. São 428 composições escritas em honra da Virgem e constituem uma fonte riquíssima para o estudo da poesia trovadoresca, sendo sob este aspecto como para o estudo da língua um subsídio importante a pôr ao lado dos cancioneiros portugueses, como éles escrito em galego e reflectindo as tendências da época. Das obras históricas mencionaremos a *Estoria d'España* ou *Cronica general* composta de 1260 a 1268 por ordem e traça dele. Outra é a *Grande et general Estoria*, que ficou por acabar. A obra de maior importância de Afonso x é *Las siete partidas* em que trabalharam vários autores, documento preciosíssimo histórico, social, linguístico, literário, e sobretudo legal. Donoso Cortês disse que as três obras mestras da idade-média são a *Catedral de Colonia*, a *Divina Comedia* e as *Partidas*.

PEDRO LÓPEZ DE AYALA (1332-1407) autor do celebrado poema *Rimado de Palacio* e

JUAN RUIZ († 1351), mais conhecido pelo nome de *Arcipreste de Hita*, cujas obras (Do «Libro de buen Amor» há trad. portug. dos fins do séc. xiv (Solalinde *Rev. de Filologia Esp.* 1, 1914) misturam orações á Virgem com sátiras á corte pontificia, dissertações dogmáticas, batalhas alegóricas e graciosas fábulas, que se podem lêr no tomo LVII da *Biblioteca de Rivadeneyra*.

Não esqueçamos memorar a tragi-comédia de *Calisto e Melibea*, mais conhecida pelo nome de *Celestina*, em 21 actos, que teve grande influência na eclosão do drama espanhol e em outros ramos literários.

FRANÇA

A França tem neste período a primazia literária, criando a poesia provençal, que irradiou para toda a Europa. Estabelece-se a luta entre a língua de oïl e a língua de oc (segundo a maneira por que se exprimia a afirmação — oïl no norte, oc no sul), com predomínio final daquela. Os poemas são históricos ou cavalleirescos e a arte dramática inicia-se com os mistérios, o mais notável dos quais é de João MICHEL. Temos ainda Villehardouin — *Chronique* (1205-1203); Gautier de Coincy — *Miracles de Notre Dame* (1230), Guillaume de Lorris — 1.^a p. do *Roman de la Rose* (1237).

ITÁLIA

Os ensaios e tentativas da língua italiana que nos apparecem em documentos interessantes como em *I fioretti di Sancto Francescho*; o *Tesoretto* de B. Latini (1220-1295), que foi embaixador de Florença na corte de Afonso x; as poesias de Guido Cavalcanti (por 1259-1300), de Cino de Pistoia (1270-1337) são eclipsados pela obra prodigiosa de DANTE ALIGHIERI (1265-1321) de Florença, n. 3 anos depois do nosso D. Denis. Suas obras principais: *De monarchia* (1311) acompanhada da *Vita nuova*, do *Cancionero* e do *Convito*. Mas o seu trabalho capital é a *Divina Comedia* formada de três partes: *Inferno* (34 cantos), *Purgatório* (33 c.) e *Paraíso* (33 c.) — 100 cantos, em tercetos endecasilabos, cuja inspiração inicial, pelo menos, se deve á sua paixão por Beatriz. [Em português: A. J. Viale — *Inferno* c. i-ii in — *Mem. da Acad.*, 1, p. 2.^a; c. iii in — *Inst.* ix, p. 297-309; c. v in — *Annaes das Sc. e Letras*, cl. 2.^a, t. 1.^o, p. 185 e seg., traduções depois reunidas na *Misc. helenico-literária* (1868) e, definitivamente, nas *Tentativas dantescas* (1884); Domingues Ennes, *O Inferno...* *ilustrado com as celebres grav. de G. Doré...* acompanhado do texto italiano, Lisboa, 1887, um vol.; J. Pinto de Campos, Lisboa, 1886 — *A Divina Co-*

media... Versão portug. comentada e anotada; F. M. Esteves Pereira, *Francisca de Rimini... e as suas versões em lingua portugêsa*, Coimbra, 1915, 1 folh)

DANTE teve, sobretudo, dous sucessores ilustres :

PETRARCHA (1304-1374) que escreveu odes, sonetos e canções revestindo-as das mais ricas fórmulas de dição e estilo. As suas *Rime* e os *Trionfi* inspirados em Laura, elevam o sentimento e a paixão erótica ao seu mais alto gráu.

BOCCACCIO (1313-1375) coleccionador do *Decamerone*, novelas licenciosas tanto ao gosto da época. O título é um helenismo composto « dez dias ». O autor imagina dez pessoas retiradas numa casa solitária para fugir da peste de Florença as quais, para passar o tempo, narram contos, um por dia, e por pessoa, enlaçando-se todos no entrecho e no enredo.

INGLATERRA

CHAUCEUR (1328-1400) considerado como o pai da poesia inglesa compôs vários poemas, o melhor dos quais, embora incompleto, é *Canterbury Tales*, contendo vinte e três contos muito apreciáveis pela riqueza e colorido do estilo.

ALEMANHA

Este país sofre a influência da poesia provençal, sendo os seus cantores designados pelo nome de *Minnesingers* (cantores de amor) e *Meistersingers* (mestres cantores), poetas líricos dos séculos XII e XIII que nos seus *Lieds* cantavam principalmente o amor elevado a um verdadeiro culto.

Os *Nibelungos* obra anónima, cheia de maravilhoso, sam uma fonte inextinguível de inspiração. Têm duas partes: a 1.^a narra o amor de Sigfrido e Crimbilda e a 2.^a a vingança que esta toma dos assassinos daquele. A acção passa-se no tempo de Atila (séc. 5.^o). *Nibelungenlied* sam a condensação das lendas referentes a esta época, ou seja de muitos cantares que deverão ser ou contemporaneos ou pouco posteriores aos acontecimentos, e outros mais modernos. Não se sabe quando se formou a compilação muito mais antiga, sem dúvida, que o poema hoje conhecido, o qual não é senão a sua última fórmula — uma manifestação sintética completamente literária. Em geral tem-se como da segunda metade do séc. XII ou princípios do XIII e tem sido chamada a *Iliada alemã*.

CAPÍTULO I

Escola dos Trovadores ou Provençal

(1200-1385)

Sumário: 7. Idade proto-histórica da lingua portuguesa—8. Origem da literatura portuguesa—9. Situação política da Provença—10. Origem e difusão da poesia provençal. Causas gerais—11. Causas da difusão em Portugal—12. Caracter da poesia provençal—13. Arte poética provençal—14. Trovadores, segreiros e jograis—15. Antiguidade dos trovadores em Portugal—16. D. Denis—17. D. Pedro—18. Outros trovadores—19. Origem dos Cancioneiros—20. Cancioneiro da Ajuda—21. Cancioneiro da Vaticana—22. Cancioneiro Colocci-Brancuti—23. Importância dos cancioneiros—24. Primeiros ensaios históricos—25. Livro de Linhagens—26. Novelas de Cavalaria—27. Círculo Carolíngio—28. Círculo Bretão—29. Círculo Greco-Latino—30. Círculo dos Amadises—31. Fábulas e lendas—32. Documentos apócrifos.

POESIA

7. — Idade proto-histórica da lingua portuguesa. O facto determinante do aparecimento e formação da lingua portuguesa, e a seguir da respectiva literatura, é a constituição da nacionalidade, cujos fundamentos começam a estabilizar-se desde 1093 com o casamento do Conde D. Henrique com D. Teresa, filha de D. Afonso VI de Castela.

Os primeiros documentos escritos em lingua caracteristicamente portuguesa datam do último quartel do século XII. Anteriormente, a contar já do século IX, o que se nos depara é sómente, por entre as várias formas do latim popular, um ou outro termo português, como pode vêr-se nos documentos publicados nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no *Elucidario* de Santa Rosa Viterbo, nas *Dissertações cronológicas e críticas* de João Pedro Ribeiro e noutros trabalhos do género.

E' o período do *português arcaico*, que decorre até meados do século XVI caracterizado pela instabilidade de formas e singularidades

fonéticas e sintáticas, que nitidamente o distinguem do *português moderno*, que vai do século XVI á actualidade ¹.

Quanto mais nos afastámos do século XII, mais as fórmulas portuguesas se tornam numerosas, próprias e definidas. Mas não é de tais documentos, que interessam em primeira linha ao filólogo e ao gramático, que aqui temos de occupar-nos. O que nos importa conhecer são os trabalhos literários, embora envolvam simultaneamente um problema linguístico, e é deles, sob esse aspecto considerados, que passamos a tratar.

8. — Origem da literatura portuguesa. Pode dizer-se que a literatura portuguesa nasceu na Provença. E' lá que é preciso ir procurar a origem dos nossos primeiros documentos literários, documentos em verso, como o *sam*, em geral, os da infância de todos os povos. De lá nos veio com o caracter e feição especial dessa poesia, que tam notável influência exerceu na nossa vida literária, a fórmula e o ritmo, que são a essência da arte poética. Transplantada da provincia meridional da França para o nosso país, essa poesia amorosa, cheia de sentimento e de vida, recebeu em Portugal a centelha do entusiasmo, tornou-se querida de todos e por isso mesmo popular.

9. — Situação política da Provença. Mas o que era a Provença e como se tornou ella o foco da poesia a que indelevelmente ligou o seu nome?

A Provença depois da desmembração do império de Carlos Magno foi elevada a reino (879), passando posteriormente (943) a ter o simples título de condado. Sob o governo de Raimundo Beranguer e dos seus successores uma série feliz de circumstancias politicas e sociais trouxe um notável progresso material e moral á antiga provincia. As liberdades politicas e municipais, o gosto da cavalaria, das artes e das letras, a appropriação da sciência dos árabes, tornaram-na esse foco de luz, que irradiou sobre toda a Europa inundações de poesia e de amor. Iniciada com Guilherme de Poitiers (1087-1127) o trovador mais antigo que se conhece, tem o seu periodo de *desenvolvimento* de 1090 a 1140; a *idade de ouro* de 1140 a 1250 e a *decadência* de 1250 a 1292, segundo Diez, o que lhe dá uma duração approximada de dois séculos.

¹ Para este estudo histórico da lingua podem vêr-se: Dr. Ribeiro de Vasconcelos — *Gram. historica da Lingua Portuguesa*, Paris, 1909; Leite de Vasconcelos — *Textos arch.*, Lisboa, 1908, e *Lições de Philologia*, 1911; Epiphânio Dias — *Sintaxe hist. portug.*, 1918; J. J. Nunes — *Chrestom. Arc. e Compêndio de Gr. hist. portug.*, 1919; Gabriel Pereira — *Trechos portug. dos sécs. XIV e XV* [*Bol. da Acad. das Sc.*, V. (1911), 3 9-335]; Oliv. Guimarães — *Docs. inéditos dos sécs. XII-XV*, Porto, 1896, etc.

O casamento de Raimundo Beranguer III, o Grande, conde de Barcelona, com D. Dulce, filha e herdeira de Gilberto, conde de Provença, causou a união, sob o mesmo cetro das duas províncias (1113) e preparou de longe a irradiação, que acontecimentos posteriores largamente tornaram conhecida ¹.

10. — Origem e difusão da poesia provençal. Causas gerais. A poesia provençal teve origens clássicas? Inspirar-se-ia sobretudo em Ovidio, cujas obras, como os *Amores*, encerram todas as teorias queridas do *Minnessang*, como a psicologia do amor desde o normal ao mórbido, como o conceito divinizador da mulher? etc. Ao contrário, não deve nada a essa cultura e nasceria na própria idade-média, de fontes populares? Terá origens germánicas? ² Seria influenciada pela corrente arábica, de que dá testemunho a descoberta imprevista no Museu Asiático de Petrogrado do Cancioneiro de Abencuzman? ³ São pontos ainda não inteiramente solucionados. Melhor conhecida é a forma como essa poesia chegou até nós, como, transpondo as Astúrias e o reino de Lião veio engrandecer-se em Portugal. Foi dos países cis-pirenaicos da língua d'oc, sob a égide de soberanos ilustrados que governaram simultaneamente a Provença e o conado de Barcelona e cingiram posteriormente a corôa de Aragão que, na opinião dos romanistas, proveio o gosto e o interesse pela poesia palaciana, que se comunicaram primeiro a Navarra e Castela, depois a Lião, para finalmente atingirem á última hora a nova monarquia portuguesa, desagregada do reino galego-lionês nos últimos anos do século XI ⁴. E assim observamos que nos primeiros reinados da monarquia já nós trovávamos á provençal e aí está a carta do Marquês de Santillana (1398-1458) para fazer fé de que primeiro e melhor que ninguém o fizemos em todas as Espanhas e de que na mesma côrte de Castela o português era a língua da poesia culta. ⁵

¹ Esta divisão nas suas linhas gerais é exacta, confirma Anglade. « Morre-nos como os que sam amados dos deuses! ». *Les Troubadours, leurs vies, leurs œuvres, leur influence*, Paris, 1908. pág. 20.

² E. Gorra, *Origini, spiriti e forme della poesia amorosa di Provenza secondo le più recenti indagini*, 1910.

³ O Ms unico foi reproduzido fotograficamente a expensas do Barão de Ganzburg (Berlin, 1896) e estudado por D. J. Ribero y Tarragó em 1912 no discurso da sua recepção na Real Acad. Esp.

⁴ D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 689.

⁵ O célebre testemunho de Santillana encontra-se na *Carta ou Proémio* dirigida ao Condestável de Portugal e diz o seguinte: « E despues fallaron esta arte que mayor se llama, e el arte comun, creo, en los reynos de Galicia e Portugal, donde non es de dubdar que el exercicio de las sciencias mas que en ningunas otras regiones ni provincias de España se acostumbro; en tanto grado que non ha mucho que qualesquier decidores e trovadores destas partes (agora fuesen Castellanos, Andaluces o de la Estremadura) todos sus obras componian

A Itália e a Alemanha, a Inglaterra e a França, a Espanha e Portugal, todas aceitaram essa corrente poética iniciada pelos trovadores e por êles tornada conhecida e estimada. Para essa difusão concorreram:

- a) os guerreiros que nos séculos XI a XIII partiram para as cruzadas;
- b) os trovadores e jograis que visitavam as côrtes estrangeiras ou os solares dos ricos-homens e assistiam ás romarias célebres;
- c) os casamentos dos príncipes, que levavam consigo o séquito dos seus menestreis;
- d) a escolha de prelados francos, gauleses, anglo-normandos e flamengos para as catedrais das cidades reconquistadas aos Mouros;
- e) a vinda de colonos para repovoação de terrenos devastados. Etc.

11. — Causas da difusão em Portugal. Em Portugal, além destas, outras causas atuaram no estabelecimento e difusão da poesia provençal.

Sam conhecidas as circunstâncias políticas, que deram em resultado a constituição de Portugal como reino independente (1114). As lutas empenhadas nessa empresa e as regalias oferecidas aos que nela colaboravam atraíam os cantores guerreiros, que encontravam campo onde exercitar o seu génio poético e os seus instintos belicosos. Por outro lado armadas de cruzados, dirigindo-se á Terra-Santa, aportaram algumas vezes a Lisboa e muitos dos trovadores, que nelas vinham, ficaram residindo no nosso país. O asilo que nas côrtes dos reis e nos paços dos nobres encontravam esses trovadores não poderia também ser estranho a Portugal ¹.

D. Afonso Henriques em 1150 casou com D. Mafalda, filha de Amadeu II, conde de Saboia. Ora a côrte de Saboia era vassala e vizinha da Provença e por isso é de presumir que a princesa, que esposava o monarca português, trouxesse consigo para a nova residência o gosto da poesia cavalheiresca dos trovadores.

Foi na mesma côrte da Provença que D. Sancho I procurou aquela que esposou em 1178, D. Dulce, filha de Raimundo Beranguer IV, conde de Barcelona e de sua mulher D. Petronilha, rainha de Aragão. A datar desta aliança, as relações entre as côrtes de

en lengua gallega (o portuguêsa). E aun destes es cierto rescebimos los nombres del arte, asy como: maestria mayor e menor, encadenados, lexapren e mansobre». Cfr. Menendez y Pelayo, *Antologia de Poetas líricos*, v, 1894, pág. 18. Trad. portug. nos *Annaes das Sc. e L.*, Lisboa, 1868, 284-305; e Th. Braga, *Poetas Palac.*, Porto, 1871, 161-169.

¹ Th. Braga, *Canc. Portug. da Vaticana*, introd.

Portugal e Aragão fôram cada dia mais estreitas. A necessidade de conter em respeito os reis de Castela não era talvez estranha a estes sentimentos, mas também é certo que isso vinha a redundar em favor da influência em Portugal da poesia trovadoresca ¹.

Pacificadas as lutas tendentes a consolidar a nova monarquia autónoma, e a seguir com D. Denis a poesia provençal adquire com D. Afonso III o seu maior desenvolvimento, o seu maior brilho e a sua maior fecundidade.

A idade áurea desta poesia no nosso país é a *Afonsina* até 1280; o período *Dionisiaco*, até 1300, já se lhe não equipára. Aquele é no dizer de D. Carolina Michaëlis, *meio dia*, este já é *tarde*. «Embora D. Denis seja de facto, individualmente, o mais fecundo entre todos os trovadores de amor... a pleiade de fidalgos que o circunda, incluindo os jograis que afluem á sua côrte é muito menos numerosa e nem de longe possúe o brilho, a originalidade, o viço e fervor da que poetou em volta de Afonso III, e principalmente junto ao sábio de Castela» ².

D. Afonso III vivêra durante treze anos (1235-1248) em França e de lá com os numerosos fidalgos, que o acompanharam, trouxe o gosto de trovar, que durante mais de trinta anos de govêrno desenvolveu e fomentou.

Por essa época começava a Universidade de Paris a tornar-se conhecida e admirada. Dela saía a luz que deslumbrava e atraía todos os países do sul da Europa.

O seu contacto, mantido durante tam longo tempo, não podia ser infructífero para D. Afonso III.

Também é lá que êle vai procurar o mestre e educador de seu filho e herdeiro — D. Denis que teve educação esmerada, tornando-se êle próprio cultor apaixonado da poesia.

A estas circunstâncias que concorreram para o desenvolvimento da poesia provençal há a juntar a nossa vizinhança com a Galiza, solar das antigas musas espanholas e estreitamente relacionada com a gente portugêsa.

Nessa região não se cultivava com menos entusiasmo a poesia provençal.

A esta proximidade geográfica junte-se também a afinidade da lingua, que se tornou típica dos trovadores, a lingua poética por ex-

¹ Baret, *Les Troubadours et leur influence sur la littérature du midi de l'Europe*, etc. Paris, 1867, pág. 193; Milá y Fontanals, *Obras Completas*, II, *De los trovadores en España*, Barcelona, 1889. Sobre as relações entre Portugal e Aragão — Marquês de Ayerbe *Discursos na Real A. de la Historia*, Madrid, 1899.

² *Canc. da Ajuda*, II, 600.

celência, aquela que, na opinião de todos, era a mais apta para exprimir as idéas galantes e cavalheirescas do tempo ¹.

Não era o provençal, nem o castelhano; era outra considerada então de superiores condições musicais e por isso mesmo preferida para todas as poesias sagradas ou profanas que se destinavam ao canto.

Esta língua amoldou-se de tal sorte á imitação dos provençais, que adoptou grande parte do seu vocabulário, como a sua variedade e riqueza métricas ².

Poetas, fôsem provençais, galegos ou portugueses empregavam muitos termos comuns, como: *sol* (sómente), *puñar* (pugnar), *mesura*, *afan*, *coyta*, (queixa, pesar), *osmar* (conjecturar) *adubado* (disposto, decidido), *aquel*, *aqueste*, as fórmulas *lh* (ill) e *nh* (gn), etc. ³.

Esta língua que, no dizer de Raynouard, precedeu e preparou a formação das línguas particulares a cada uma das nações da Europa meridional, não podia deixar de ser um laço poderoso ligando entre si todos os trovadores desta escola galaico-portuguesa, tendo então, como tem hoje, tam intimas relações, e uma e outra tendo a mesma comum origem como uma simples leitura comparativa o evidencia ⁴.

12. — Carácter da poesia provençal. Mas o que era essa poesia provençal, que foi a primeira inspiradora dos cantos portugueses? Era, segundo a expressão apropriada de Villemain, a liberdade de imprensa dos tempos feudais ⁵. Os apóstolos dessa liberdade fôram os trovadores. Eles se encarregaram de levar a toda a parte as idéas de egualdade e fraternidade, que os uniam. Reis, príncipes, grandes senhores, barões, ricos cavaleiros, ou simples filhos do povo, desde que compothessem trovas, todos eram admitidos na mesma confraternidade. O gosto de trovar era sinal de distinção, que todo o bom cavaleiro timbrava de possuir. Trovar era cumprir uma missão civilizadora. De país em país, de castelo em castelo, o trovador era o pioneiro audaz, que, com o pensamento na sua dama, espalhava mui-

¹ Amedée Pagès, *Auzias March et ses predecesseurs. Essai sur la poésie amoureuse et philosophique en Catalogue aux XIV, et XV, siècles*. Paris, 1912, pág. 123.

² Menendez y Pelayo, *Antologia de Poetas liricos castellanos*, etc., Madrid, 1890, I, pág. LXXXIV.

³ Baret, *Les Troubadours*, etc., já cit., pág. 190.

⁴ A. Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France*, Paris, 1904, 1 vol. Além dos textos originaes já publicados de muitos trovadores, há excellentes selectas para o estudo da língua provençal, como a de K. Bartsch, *Chrestomatie provençale*, 6.^a ed. 1904, 1 vol.; C. Appel, *Provenzalische Chrestomatie*, 1907, 1 vol.; e outras que podem vêr-se em J. Anglade, *Les troubadours*, já cit.

⁵ V. Balaguer, *Los trovadores*, I, pág. 71, Madrid, 1882.

tas idéas, que dulcificavam os costumes. A glória, a independência e o amor brotavam naturalmente dos seus cantos. A dignidade da mulher foi por êles elevada a uma espécie de culto. Cantando-a sob nomes supostos — *Belvecer*, *Mielz de donna*, *Delfi*, *Bel-Miralh*, *Mieux que Dame*, etc., — cercavam-na sempre dum alto respeito, de que se mostravam orgulhosos procurando sobresair aos jograis quer com expedientes formais, estilísticos e métricos (donde *trobar clus*, *rims cars*), quer com a novidade do conteúdo. Para isso adestravam-se nas Escólas, onde cultivavam as sete artes liberais, em especial a Gramática e a Dialéctica, o que liga o Minnesang, a poesia lírica ás doutrinas filosóficas debatidas nas escólas superiores do tempo ¹.

13. — Arte poética provençal. Os trovadores tiveram uma arte poética variadíssima. A designação de verso (*palavra*) era aplicada a quaisquer composições metrificadas, que depois vieram a ter nomes próprios. A estrofe é uma *cobra* ou *talho*; a repetição duma rima *refram*, o fecho *finda*. Compôr versos é *trobar* e fazer música para êles *ensoar*, *fazer o som*. Uma poesia é uma *cantiga*, um *cantar*, *canção*. ² Uma das grandes preocupações do trovador era a música de que só podemos fazer hoje idéa imperfeita, embora conheçamos exemplares do género ³ e os instrumentos de que se serviam ⁴. Elementarmente o que importa conhecer são as estrofes principais:

a) *Canção* (*chansó*), o mais nobre dos géneros, próprio dos cavaleiros, por opposição a todas as espécies de composição em verso. Admitia versos e rimas variadas e terminava por uma estrofe ou *tornada*; quando fácil e curta denominava-se *cançoneta* (*chansoneta*); havia ainda a *meia canção* (*mieg chansó*).

b) *Sirventês*, *sirventesca*, *sirvente*, composição crítica e satírica, que derivou o nome ou do fim a que era destinada — engrandecer e louvar os senhores feudais (Diez, Bartsch), ou da origem — canto de servente ou soldado mercenário e aventureiro (Meyer). Também

¹ Escólas de poesia, onde aprendessem propriamente a arte de trovar não as houve, como nunca existiram também as afamadas *Côrtes de Amôr*. Veja-se Pio Rajna, *Le Corti d'Amore*, Milão, 1890; Crescini, *Per la questione delle Corti d'Amore*, Padua, 1891. A lenda proveio da *Art d'Amor* de André le Chapelain, do séc. xiii e encontrou em Raynouard o seu primeiro defensor — *Des troubadours et des cours d'amour*, Paris, 1817. O sr. Prof. T. Braga ainda as defende, quando Gaston Paris há muito as julgou definitivamente.

² E. Monaci, *Il trattato di poetica portoghese esistente nel Canz Col-Br.*, na *Misc. di Fil e Ling.*, 417-423; Lang, *Das Liederb. des Königs Denis*, Halle, 1894.

³ Beck, *Die Melodien des Troubadours*, Strassburg, 1908; *Id.*, *La musique des troubadours*, s. a.; P. Aubry, *Trouvères et troubadours*, 1909 na coleção "Les musiciens célèbres."

⁴ J. Riaño, *Critical & bibliographical notes on early spanish music*, Londres, 1887.

havia *mieg-sirvente* e *chansó sirvente* ou *chans mesclatz*. Era considerada em segundo plano pelos trovadores, mas tem para nós grande interesse por nos dar idéa dos costumes e cousas daquele tempo, ajudando a compreender muitas circunstâncias históricas.

c) *Descort*, *descordo*, *desacôrdo* ou por ser ordinariamente escrito em diversas línguas, ou por causa da irregularidade da medida dos versos, era uma poesia amorosa em que o poeta lamentava alguma paixão não correspondida. O trovador Raimbaut de Vaquières escreveu um *descort* em cinco línguas ou dialectos, uma por estrofe; a última é composta de dez versos, sendo dous em cada língua.

d) *Tensão*, *tense*, *contense*, género muito usado pelos provençais, consistia num diálogo ou controvérsia entre dois trovadores em que cada qual defendia e sustentava um tema e que costumava sujeitar-se á decisão dum árbitro. As rimas do que propunha a questão deviam ser conservadas pelo rival. Tomava o nome de *jocx-partitz* quando dois trovadores dividiam o assunto; se entravam mais de dois dizia-se *torneyamens*, e se o assunto era amoroso *jocx-encamorats*. Eis alguns temas destas discussões poeticas: 1) quem se conduz melhor — o que não póde resistir á necessidade de falar na sua dama, ou o que, sem falar, pensa muito nela? 2) como se prova mais o amor duma dama? Confessando-o e publicando-o por todas as partes como timbre de glória, ou guardando-o no fundo da alma, como se oculta um tesouro? 3) há dois maridos ciumentos. Um possúe uma mulher bela e cheia de mérito, o outro uma feia e grosseira: velam sôbre elas com igual solicitude. Qual dos dois é menos censurável¹.

e) Géneros mais simples, mais ligeiros, mas nem por isso despidos de menos graça e sentimento eram o *planh*, *planq*, espécie de lamentação ou elegia amorosa; *alba* e *serena*, cantos da manhã e da tarde; *pastorela*, idílio ou égloga entre o poeta e uma pastora ou guardadora de gado; *bailada* ou *bailia* se se occupava de bailes, *barcarola* se tratava de assuntos marítimos, e cantigas de *romaria*, cujo nome indica claramente o objecto.

No *Tratado de Poetica do Canc. Col.-Br.* ainda se citam nomes como *rifoelha*, *joquete serteiro*, *dobre*, *mordobre*, *seguir*, *cantigas de mestria* e de *refram*. Não se citam outros géneros de que há exemplos nos cancioneiros — canções de *queixa* (Vat. 573), de *louror* (Vat. 572), a *Maria* (Br. 359), *Partimen* (Vat. 826), *Lais*, (Br. 1, 3, 5), etc.

f) Para nós as poesias mais formosas de quantas nos legou a lirica provençal, sam indubitavelmente as *cantigas de amor*, as *de amigo*, e as que quando tomam feição satírica se denominam *de escarneo* e *mal-dizer*.

¹ Balaguer, *Los Trovadores*, ob. cit., I, 3.

Cantigas de amor dirigidas pelo apaixonado á *mia senhor*, *fremosa mia senhor*, de cunho palaciano, e *cantigas de amigo* contendo lamentos e queixas dirigidas pela mulher ao seu *amigo*, ao *amado*, confidências feitas para desoprimir o coração ás suas companheiras, ás mães, ás irmãs. Ligeiras, fáceis, graciosas, estas qualidades notam-se sobretudo nos *cantares paralelisticos*, *bailados paralelisticos* ou *encadeados*, em que a mesma idéa obedecendo a uma contextura ritmica de feição ingénuamente popular se repete já pelas mesmas palavras; já por termos sinónimos, mas de sons diferentes; já por palavras diversas, mas adrede dispostas a dar maior variedade e graça á composição. A fôrma estrofica é a mais simples possível — distico ou tristico com refram. As rimas sam muitas vezes assoantes, em regra graves (femininas), em contraste absoluto com a cantiga de mestria, que exige rimas agudas (masculinas). E exige uma syntaxe complicada, freqüentemente de *ata finda*, ao passo que nos géneros populares cada verso é uma proposição ¹.

Nascidas entre o povo as paralelisticas fôram usadas pelos nossos melhores trovadores e vêmo-las representadas na obra do grande Gil Vicente ² para se manterem através os séculos na poesia popular.

Encontramos exemplos de todos êstes géneros nos nossos cancioneiros medievais, como veremos ácerca dos principais nos documentos adiante transcritos nos respectivos logares da *Antologia*.

14. — Trovadores, segreis e jograis. Três classes de poetas. « *Trovador* era o que cultivava a poesia e a música criando ou inventando obras novas, como *dilletante*, isto é, com inteira independência, por gôsto, sem idéa alguma de lucro. *Segrel* era o que fazia da arte de trovar uma profissão aceitando paga pelas suas composições. *Jogral* era aquele cujo officio consistia em tanger vários instrumentos de música e em cantar versos alheios, tendo-lhe este mister servido de ponto de partida para também inventar sons novos e lavrar cantigas novas. O trovador era homem de côrte, filho d'algo. O jogral vilão de nascimento; o segrel ou jogral da côrte era, na maioria dos casos, um dos nobres desqualificados. Como *trovar* era o único termo técnico e simples, que caracterizava o trabalho mental do poeta e compositor, e *trova* o nome genérico da criação poética, o titulo *trovador* competia em boa lógica, e por isso applicava-se comumente a todos quantos, de facto, trovavam, aceitassem ou não o prêmio do seu saber, fôssem de que nascimento fôssem » ³.

¹ D. Carolina Michaëlis, *Rev. de Fil. Esp.*, 1915, pág. 262.

² Cfr. J. J. Nunes, *Chrestomathia*, já cit., pág. clvii. Id., *As cantigas paralelisticas em Gil Vicente*, Lisboa, 1910.

³ D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 629.

E assim é que vemos reis, príncipes, nobres e senhores, ricos e orgulhosos, nivelarem-se com indivíduos saídos da humilde classe do povo. Guilherme VII, Conde de Poitou e IX Duque de Aquitânia¹, o primeiro entre todos, e outros poderosos figuram ao lado de Bernard de Ventadour, filho dum forneiro do castelo, de Marca-brun exposto, de Guido de Folquet, filho dum obscuro cavaleiro, etc.². Clérigos, monges fugidos do claustro, engrossam esta falange de cantores, que tam poderosamente influíram na civilização moderna.³

15.— Antiguidades dos trovadores em Portugal. Os documentos que *atualmente* possuímos levam-nos a admitir que os primeiros poetas portugueses remontam ao último quartel do séc. XII ou princípios do século XIII. Um tal João Soares de Paiva é citado como trovador não muito depois da batalha de Ourique (1139) e a poesia mais antiga que possuímos alcança o ano de 1189 e é obra do trovador Pai Soares, de Taveiros (na Galiza). A poesia atribuída a D. Sancho I feita, parece, sob a inspiração da célebre D. Maria Pais Ribeiro, a «Ribeirinha» como na nossa história é conhecida,⁴ pertence ao período 1194-1199.

Notícias de haver jograis na côrte encontrámo-las remontando a D. Sancho I, que em 1193 fazia doações de umas terras a dois deles — um tal *Bonamis* e um *Acompaniado*, prometendo êles em *róbora* ou como emolumento *unu arremedillu*, o que significa um entremês e a que se pode chamar a primeira peça teatral da nossa literatura dramática⁵. A' volta de 1250 D. Afonso III mandava admitir na côrte sómente três jograis, segundo lemos no *Regimento da Casa Real*: «El-Rei aia três jograres em sa casa e nom mais; e o jogral que veer de cavalo doutra terra (ou segrel) de-lhe El-Rei ataa cem... (maravedis) ao que chus (=mais, do lat. *plus*) der, e non mais, se lho dar quiser»⁶. E o que parece indubitável é que, como já ponderámos, as poesias contidas no Canc. da Ajuda sam, na maioria, senão na totalidade, obra de trovadores afonsinos e pre-afonsinos. O nosso maior trovador é, porém, D. Denis destacando admirá-

¹ A. Jeanroy publicou as *Poésies de Guillaume IX*, Paris-Toulouse, 1905.

² J. Anglade, *Les Troubadours*, ob. cit. pág. 34.

³ O tipo do Trovador é descrito nesta passagem célebre de Baena: ome que aia cursado cortes de Reyes e con grandes señores, y noble filalgo, e gracioso, e cortés, e polido, e donoso, e que tenga miel, e azucar, e sal, e aire e donaire en su razonar, e outrosi que sea amador, e que siempre se precie e se finga de ser enamorado; porque es opinion de muchos sabios que todo ome que sea enamorado, conviene a saber, que ame a quien debe, e como debe e donde deba, afirman e dicen que el tal de todas buenas doctrinas es dotado.

⁴ Conde de Sabugosa, *Donas de tempos idos*, Lisboa, 1912.

⁵ D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 758; Conde de Sabugosa, ob. cit., pág. 32.

⁶ *Port. Mon. Hist. Leges*, pág. 199.

velmente dessa pleiada de poetas que partindo do trovador Soares de Paiva, ainda do séc. XII, ou melhor, com mais segurança, de Sancho I († 1212), chega até 1354, ano em que falece D. Pedro, conde de Barcelos, não alcançando portanto século e meio.

16.—D. DENÍS (1279-1325) merece ser citado em primeiro lugar. Ele recebeu dos seus dois mestres — Ayméric d'Ebrard († 1295) e D. Domingos Jardo, ambos ilustres, uma educação literária tam completa, que se pode contar como o mais sábio monarca do seu tempo. Ayméric era filho dum gentilhombre francês, natural de Cahors, na Aquitânia, chamado Guilherme d'Ebrard, senhor de S. Sulpício, em Quercy, vezinho, por conseguinte, do célebre Guiraut de Bornelh, de quem conhecia os versos e cuja língua decerto falava ¹. O monarca português fê-lo bispo de Coimbra logo no primeiro ano do seu reinado em 1279. D. Domingos Jardo, bispo de Evora e mais tarde de Lisboa desde 1291, estudára na celeberrima Universidade de Paris ². Tais foram os homens a quem D. Denis deveu a cultura e o desenvolvimento dos seus dotes naturais. Dessa cultura dão pleno testemunho muitos factos do seu reinado, como o mandar traduzir para português as leis das *Sete Partidas*, a *Crónica geral ou História de Espanha*, de Afonso o Sábio, e até do árabe a *História e Geografia da Península*, do moure Razis de Córdoba, tradução que foi feita pelo seu capelão Gil Pires ³. Prova evidente dessa cultura é também a fundação dos *Estudos geraes* ou Universidade promulgada por um diploma solene de 1 de março de 1290 ⁴.

A sua corte tornou-se o foco duma intensa vida literária, vindo jograis e trovadores da Galiza, Lião e Castela, acolher-se á sua sombra. A sua morte foi um rude golpe dado á poesia trovadoresca como o deixa perceber o *planh*, que o jogral Joham (de Leão) compôs a esse propósito:

¹ E. Baret, *Les troubadours*, já cit.

² Biogr. de linhas um pouco lendárias em F. Deusdado, *Educadores Portug.*, Angra, 1909, pág. 269-276.

³ O original árabe é desconhecido; um exemplar da trad. possui-o André de Resende, talvez o mesmo que no séc. XVIII andava na Livraria do Conde de Vimieiro e que desapareceu no terremoto de 1755. Cfr. Nic. Antonio, *Bibl. Hesp. Vetus*, I, l. VI, cxii, n.º 80 e *Collecção dos Docs. e Memorias da R. Acad. de Hist.* 1724, n.º xvii, pág. 9 e n.º xix, pág. 6; Leite de Vasc., *Textos Arc.* cit. 44. n.

⁴ Dr. A. de Vasconcellos, *Um documento precioso*, in-*Rev. da Univ. de Coimbra*, I, 1912, pág. 373.

Os namorados que trobam d'amor
 todos deviam gram doo fazer,
 et nom tomar em si nenhum prazer
 porque perderon tam boo senhor
 Com' el-rey D. Denis de Portugal.

.....
 Os trobadores que pois ficaram
 eno seu reino e no de Leon,
 no de Castella, no de Aragon,
 nunca pois de sa morte trobaron ¹!

Sam de dois géneros as canções que D. Denis compôs: umas, de character profano eram trovas próprias para se cantarem á teorba, ² outras de character religioso formavam o cancioneiro «*de louvores da Virgem N.^a S.^a*» ³.

As setenta e seis composições de D. Denis estão escritas em verso endecassílabo, em redondilha maior e menor e sam na maior parte *cantatares de amigo* e *cantigas de amor*, algumas *baladas* e *pastorelas*. Imitando quando queria os provençais, como éle próprio diz:

*Quer'eu em maneira de procnçal
 fazer agora um cantar d'amor*

o régio trovador cantou principalmente os sentimentos e tristezas do coração, não se encontrando na colecção das suas rimas, nem sirventês, nem cantos guerreiros, como muitos dos contemporâneos nos deixaram, o que bem se explica pelo seu génio ilustrado e pacífico.

Leiam-se as cantigas de amor, a pastorela e as baladas transcritas na nossa *Antologia*, e vêr-se-há ao lado da simplicidade da linguagem, a graça dessas composições, que tornaram consagrado o nome do rei trovador, de quem Ferreira escreveu: *honrou as musas, poetou o leo* ⁴.

¹ *Canc. portug. da Vaticana, ob. cit.*, n.º 708.

² Ed. de H. Lang., *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, 1 vol., Halle, na casa editora de Max Niemeyer, 1894.

³ A existência deste cancioneiro é atestada por uma afirmação positiva e categórica de Duarte Nunes de Lião na *Crónica dos Reis de Portugal*, parte 1, tomo II, pág. 77: «Grande trovador, diz éle referindo-se a D. Denis, e quasi o primeiro que na lingua portugüesa sereveo versos, segundo vimos por um Cancioneiro seu que em Roma se achou em tempo del Rei D. João III et per outro que stá na Torre do Tombo de louvores da Virgem N.^a S.^a»

⁴ Conde de Sabugosa, *Gente d'algo*, Lisboa, 1915, no cap. *As Musas d'El-Rei D. Denis*.

17.—D. PEDRO, Conde de Barcelos. Ao lado de D. Denis figuram os dois filhos D. Afonso Sanches e D. Pedro. O 1.^o (1286-1329), primogénito entre os nove bastardos do pai, autor de canções amorosas e satíricas (Canc. Vat., 17-27 365-368) é de relêvo inferior ao irmão — D. Pedro, Conde de Barcelos, (1289-1354), a quem foi atribuído como se só poesias dele contivesse o chamado *Livro das Cantigas*, que em testamento outorgado em Lalim a 30 de março de 1350 legou a Afonso XI de Castela, livro que era dele, sim, mas pelo facto da colecção e da propriedade e não porque só contivesse poesias dele ¹. Este cancioneiro devia conter as poesias galaico-portuguêsas recolhidas desde 1330 a 1350, em Portugal, Aragão, Lião, Galiza e Castela e decerto deveria ser uma colecção riquíssima. Infelizmente perdeu-se, e tudo quanto possa dizer-se sobre o valor das poesias que encerrava, seus autores, época e região em que viveram, bem como sobre as relações dele com os outros cancioneiros, não passa de meras conjecturas, mais ou menos verosímeis. Podemos fazer idea do talento poético de D. Pedro pelas onze canções, aliás mediocres, quatro de amor e sete de escárneo, recolhidas no *Canc. da Vatic.* (210-213 e 1037-1042). A sua glória é outra como prosador. O *Livro de Linhagens* ou *Nobiliário* que lhe tem sido atribuído, mas que dele não conserva senão uma parte diminuta, como adeante veremos, vincula, apesar de tudo, indelevelmente o seu nome.

18.—Outros Trovadores. A par do rei e dos príncipes contam-se muitos nobres, que formavam a côrte e pertenciam á sua casa militar ou eram funcionários como, no tempo de D. Afonso II e Sancho II, Vasco Gil e Abril Perez († 1245) de quem resta um *jocs enamoratx* com Bernaldo de Bornaval (Vat. 663). Deste tempo deve ser Pai Soares de Taveiros e seu irmão Pero Velho, e Martim Soares, de quem uma rubrica do Canc. Branc. (116) diz «foy de Riba de Linha em Portugal e trobou melhor ca todolos que trobaron e assi toz julgado antr' os outros trovadores». Mas é com D. Af. III (1247-1279) que a lírica chega ao apogeo. Entre outros Afonso Lopes Bavam, Vasco Gil, Fernam Garcia Esgaravunha «o que trobou ben», Joam de Guilhade, Nuno Fernandes Torneol, Martim Codax, todos do tempo dêsse monarca, e Joam Peres d'Avoim, Joam Soares Coelho, os irmãos Pero Marinho e Martim Marinho, do tempo de D. Denis, outros ainda que figuram no tempo dos dois monarcas como Joam Lobeira, — e muitos mais, ricos-homens, privais, escudeiros, cavaleiros, etc. ², cultivavam a poesia, concorrendo para

¹ No testamento o conde diz: «mando o meu livro das cantigas a el Rei de Castella» e não o livro das minhas cantigas, ou o livro que eu fiz.

² D. Carolina Michaëlis, *Canc. Ajuda*, II, 291-581; H. Lang, *Die Lieder des Königs Denis*, xxxv e segs.

avolumar esse número considerável de trovas que enchem os Cancioneiros, que ainda hoje possuímos, e que de certo formavam outros muitos que se perderam. A maioria e melhora dessas canções são como, já dissemos, de carácter amoroso — *Cantigas de amor*, muitas de confidências a amigos — *Cantigas de amigo*, muitas de teição satírica — *Cantigas de escárneo e maldizer*.

Se todas as poesias dos trovadores galaico-portugueses existissem, elas, juntas ás que possuímos, formariam organizadas e dispostas o grande *Cancioneiro geral galaico-português*, que se podia tripartir em 1.º — *Canc. de Amor*; 2.º — *Livro de Cantares de Amigo* ou *Livro das Donas*, e 3.º — *Canc. de Burlas*. O que temos soma um pouco mais de duas mil canções — precisamente 2.329 que, tirando as repetidas em número de 310, perfaz 2.019.

19. — Origem dos Cancioneiros. As composições trovadorescas foram a princípio recolhidas em grandes folhas de pergaminho e acompanhadas da respectiva notação musical, aproveitando-se as maiúsculas para lindas e delicadas miniaturas. Com o tempo essas folhas reunidas formaram cadernos; daí as coleções que modernamente se designaram por *Cancioneiros* abrangendo poesias de diferentes autores e várias épocas. Pena é que muitos deles se perdessem sabendo nós da sua existência, hoje, apenas por uma ou outra informação dada de passagem nos autores e por conjecturas mais ou menos fundamentadas.

Atualmente os cancioneiros galaico-portugueses que possuímos são: o da *Ajuda*, o da *Vaticana* e o de *Colucci-Brancuti*¹.

20. — Canc. da Ajuda. É assim denominado por se conservar na Bibl. da Ajuda, sendo também conhecido por do *Colégio de Nobres*, porque era na antiga Livraria deste Colégio, que se guardava, e ainda por *Livro das Cantigas do Conde de Barcelos* por serem erroneamente atribuídas todas as canções nele contidas ao

¹ Sobre o assunto merecem lêr-se a *introd. e notas* de Varnhagen ás *Trovas e cantares*, adiante cit., e os alemães: Bellermann, *Die alten Liederbücher der Portugiesen oder Beiträge zur Gesch. der portugiesischen Poesie vom 13 bis zum Anfang des 16 Jahrhunderts, nebst Proben aus Handschriften und alten Drucken*, Berlin, 1840, monografia que é, diz Kaussler (*Canc. Germ.*, ed. de Stuttgart, Vorwort, i, vii) fruto de investigações de muitos anos feitas em Portugal mesmo; F. Wolf *Zur Geschichte der portugiesischen Literatur im Mittelalter* nos *Studien zur Gesch. der spanischen und portug. Nationalliteratur*, Berlin, 1851, estulo a que deu ocasião o trabalho cit. de Bellermann; F. Diez *Ueber die erste portug. Kunst- und Hofpoesie*, Bonn, 1863. A todos esses trabalhos sobreleva, porém, a ed. monumental da Sr.^a D. Carolina Michaëlis já citada. No vol. II, 286-268 desta obra encontra o leitor luminosas conjecturas sobre a origem e inter-dependência dos Cancioneiros portugueses.

infante D. Pedro, conde de Barcelos. Publicado ¹ pela 1.^a vez por Carlos Stuart de Rothesay, embaixador inglês em Lisboa, numa ed. de apenas 25 exes., que pretendia ser rigorosamente diplomática, tornou-se mais conhecido com a ed. que o erudito brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) dele fez em Madrid em 1849, a que acrescentou *Novas páginas de notas* em 1868. ² Edições incompletas e imperfeitíssimas estas. Só com os trabalhos da snr.^a D. Carolina Michaëlis o Canc. obteve a sua ed. critica definitiva em 1904.

Possuímos agora o texto de todas as canções com resumos (em alemão), notas e análises métricas (I, 924 págs.), bem como preciosas investigações bibliogr., biogr. e histórico-literarias (II, 1001 págs.) ³. Apesar de truncado, representando talvez um fragmento do Canc. do Amor, i. é, da parte primeira do *Cancioneiro geral Galaico-português*, contém 286 canções completas e 27 fragmentos doutras, havendo 56 repetidas no Canc. da Vatic.

E' indubitavelmente o mais antigo dos nossos cancioneiros, ignorando-se por completo a sua história, antes de ter sido descoberto no depósito do Colégio de Nobres pelo Prof. jubilado de Direito, Dr. Raimundo Nogueira e de se ter occupado dele Antonio Ribeiro dos Santos, embora deficientemente. Deve remontar aos fins do séc. XIII, compreendendo as produções de trovadores Afonsinos e pre-Afonsinos ou seja, portanto, dos poetas mais antigos, que conhecemos. Escrito em pergaminho, com a letra inicial de cada canção maiúscula e colorida, não traz, contudo, as notas musicais nos primeiros versos de cada estrofe o que, representa, em verdade, uma falta lamentável.

21. — Cancioneiro da Vaticana. Foi o alemão Fernando Wolf o primero ⁴ que fundado nos dizeres de Duarte Nunes de Lião ⁵ chamou a atenção dos bibliófilos para este Cancioneiro achado no reinado de D. João III em Roma, na bibliotheca Vaticana, para onde fôra talvez oferecido por um dos nossos monarcas ao papa, no tempo em que a poesia dos trovadores era tida em alta estima. Buscas, após várias tentativas infrutíferas, deram o resultado que se queria, pois levaram á descoberta do códice 4.803 que não continha,

¹ *Fragmentos de um Canc. inédito que se acha na Livr. da R. Col. dos Nobres. Impr. á custa de C. S. Paris, 1823.* A « Advertência » com que abre a ed. é de Timóteo Lecussan Verdier, erudito estrangeiro, que viveu entre nós e muito pouco escreveu († 1831) [Cfr. *Panorama* VI, 406].

² *Trovas e Cantares dum codice do séc. XIV ou antes, mui provavelmente, o Livro das Cantigas do Conde de Barcelos, Madrid, 1849; Id. — Novas páginas de notas ás Trovas e Cantares, Viena de Austria, 1868.*

³ A ed. é de Halle, do editor Max Niemeyer, ambos os vols. de 1904.

⁴ Nos *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur*, Berlim, 1859, 1 vol.

⁵ Vide atrás a nota 5.^a ao § 16.

sómente, como se supunha, as poesias de D. Denis, mas um precioso pecúlio de cerca de 1.200 canções em que se achava representado, além do monarca, um ciclo dionisico brilhantissimo. O visconde da Carreira, nosso embaixador em Roma, fez extrair do precioso códice uma cópia que em 1847 o brasileiro C. Lopes de Moura deu á estampa com o título — *Cancioneiro d'el-rei D. Denis, pela primeira vez impresso sobre o manuscrito Vaticano, com algumas notas illustrativas e uma prefacção historico-literaria*, Paris, 1847. (1 vol. 196 pág.).

Era tam sómente uma parte das muitas canções contidas na vastissima colecção e mais que imperfeitamente apresentada. Em 1857, dez anos depois desta ed., F. A. Varnhagen descobriu em Madrid numa biblioteca particular um exemplar do Canc. da Vaticana, do qual fez cópia, que no intuito de publicar confrontou com o códice de Roma. Circunstâncias diversas fizeram com que só em 1872, e também só em parte, o dedicado bibliófilo realizasse os seus desejos publicando em Viena de Austria uma colecção escolhida dos cantares do grande Cancioneiro de Roma á qual pôs o título — *Cancioneirinho de trovas antigas*.

Mas o que se tornava indispensável era desde princípio a edição do texto, diplomática, fidelissima, que seguisse o original passo a passo, linha a linha. Foi o que pôde realizar o Prof. E. Monaci em 1875¹ habilitado por trabalhos anteriores² para essa magna empresa.

Pelos estudos do grande romanista³ ficou-se sabendo a historia do códice, não original, mas cópia tardia, de mão italiana, dos fins do séc. xv ou principios do xvi, feita por indústria do filólogo e humanista italiano A. Colocci († 1549). Tem 210 fls., faltando-lhe 42, que se conjectura faltassem também no original. Das 1.205 trovas que abrange aparecem 56 no Canc. da Ajuda. O serviço de Monaci foi inestimável pois o códice de papel e escrito com má tinta está sujeito a deteriorar-se. Ele servirá de base a quantos trabalhos filológicos, críticos ou literários se empreenderem, como já serviu á ed. que do referido Canc. deu em 1878 o Prof. Dr. Th. Braga⁴, e á que das canções de D. Denis publicou o Dr. Lang.

¹ *Il canzoniere portoghese della Bibl. Vaticana con una prefazione, con fac-simili e con altre illustrazioni*, Halle, 1875.

² *Canti antichi portughesi*. Imola, 1873; e *Canti di ledino*, 1875.

³ Falecido em 1918. Mario Pelaez na *Nuova Antologia* (julho de 1918) exalta-lhe a memoria comovidamente fazendo ressaltar os seus méritos.

⁴ *Canc. portug. da Vatic. Ed. critica restituida sobre o texto diplomatico de Halle, acompanhada de um glossario e de uma introd. sobre os Trovad. e Canc. portug.* Lisboa, 1878. [Sobre esta ed. vêr Epiphanio Dias — *Zeitschr. f. romanis. Phil.* herausg. v. Gröber, xi, 42-45. Lang no *Das Liederb. des Königs Denis* também aprecia severamente esta ed. «que revela a maior arbitrariedade

22. — Canc. Colocci-Brancuti. Foi ainda em Itália não, porém, em Roma, mas em Marca de Ancona, perto de Iesi, berço do humanista Colocci, que se fez a descoberta dum novo códice, o *Canc. Colocci-Brancuti* assim chamado do nome dos seus respectivos possuidores. Foi o Prof. Corvisieri quem trabalhando na livraria do Conde Brancuti o descobriu e dele logo deu conhecimento a Molteni, discípulo de Monaci, que o descreveu sucintamente¹ e se preparava para dá-lo á estampa quando inesperadamente faleceu (1880). A publicação foi feita por Monaci², mas só de 470 canções dentre as 1.675 que o manuscrito continha, pois todas as outras estavam no Canc. da Vatic. e eram portanto já conhecidas. Assim se completavam os dois importantes códices que, embora independentes, podem bem ter derivado duma mesma fonte primordiana, hoje perdida, mas que Colocci conheceu. Existirá ainda esse códice? Ser-nos-há ainda um dia revelado?

23. — Importância dos Cancioneiros. E' enorme o valor dos Cancioneiros não só como documentos da lingua, mas ainda como documentos literários e históricos. As idéas e os sentimentos duma época, para nós tam interessante, descobrem-se através das fantasias dos poetas. As tradições, as lendas, os costumes, o viver e as preocupações da sociedade têm neles grande parte. Quer dizer, os cancioneiros encerram uma fonte preciosa de indicações linguisticas, históricas, e sociais, ainda mal adivinhadas, descobrindo-se também por entre a aridez e monotonia, que enchem muitas das suas páginas, a verdadeira e legitima poesia. E' o que particularmente sucede com as *canções de amigo* e outras delicadas e suavissimas inspirações, primeira manifestação genuína do lirismo peninsular, cujo character de originalidade não é possível negar, pois nos encontramos a muita distância dos sentimentos formalistas da lirica provençal. Quem as lê com um pouco de atenção fica impressionado com a forma rítmica tam simples empregada para traduzir o sentimento do amor, da admiração, da confidência, do respeito, da doce intimidade familiar para com a donzela, a solteirinha, e com aquele vago tom de indefinida saudade, que devia ficar, através dos tempos, como nota diferencial de toda a poesia portugêsa. Jeanroy tem razão em afirmar que o provençalismo se estendeu até o mais extremo dos países ocitânicos, mas é preciso ajuntar que essa poesia estranha e longinqua encontrou aqui formas peculiares e proprias, uma verdadeira poesia popular,

tanto em relação á lingua, como á medida e sentido». Cfr. também D. Carolina Michaëlis — *Canc. da Aj.*, II, 44-48.

¹ *Il secondo Canzon. Portogh. di Angelo Colocci no* — Giornale di filologia romanza, I, 190-191.

² *Il Canzon. Portogh. Colloci-Br. pubblicato nelle parti che completano il codice Vatic. 4.803 da E. Molteni con un fac-sim. in eliografia.* Halle, 1880.

cujos primeiros documentos ainda pertencentes ao séc. XII desapareceram, restando-nos agora os que lemos nos Cancioneiros através dos quais podemos remontar mais longe ¹.

PROSA

HISTÓRIA

24. — Primeiros ensaios de prosa. Nos mosteiros nacionais ², especialmente nos de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra guardavam-se monumentos inapreciáveis da língua e da literatura desta primeira idade, como o deixam vêr os índices dos inventários daquelas casas conventuais, especialmente de Alcobaça. Alguns desses docs. têm sido publicados — a *Lenda dos Santos Barlaam e Josafat* ³, a *Vida de S.^{to} Amaro* ⁴, a *História do Cavaleiro Turgulo* ⁵, a *Lenda de S.^{to} Eloy* ⁶, — todos do Cód. Alcob. 266 — e os mais numerosos por Fr. Fortunato de S. Boaventura na *Colecção de inéd. portug. dos sécs. XIV e XV* ⁷.

Pela sua antiguidade e importância para o estudo do fabulário merece mencionar-se aqui o *Livro do Esopo*, desde 1906 conhecido pela publicação do Ms. respectivo existente em Viena de Austria ⁸. Entre estas tentativas de elaboração e formação da língua não falando nos docs. legislativos ⁹ e narrativos escritos em latim popular ¹⁰, fóra do nosso plano, vêem os cronicões do mais alto valor noutros sentidos, como os dos *Testamentos de Lorrão*, da *Mumadona* de Guimarães, do *Livro Preto* de Coimbra, *Censual* do Porto, *Fidei* de Braga, a que se refere J. Pedro Ribeiro ¹¹, documentos todos que por uma

¹ Menendez y Pelayo, *Ob. cit.*, pág. LXXXV.

² Os docs. mais antigos em port. e datados pertencem ao mosteiro de Vairão (Entre-Douro-e-Minho) — Leite de Vasc. *Textos*, 13.

³ Publ. por Vasconc. e Abreu, Lisboa, 1898, desfavoravelmente apreciada por Hinker no estudo abaixo cit.

⁴ Publ. por Otto Klobb, Paris, 1901.

⁵ *Rev. Lus.*, VIII, 249. Outra redacção deste trecho contida no Mos. Alcob. n.º 244 na mesma *Rev. Lus.* III, 101.

⁶ *Instituto*, XLVII, 118.

⁷ *Coll. de inéd. portug. dos sécs. XIV e XV que ou foram compostos originalmente, ou trad. de várias linguas por monges cistercienses destes Reinos, ordenada e copiada fielmente dos Mss. do Mos. de Alcob., Coimbra, 1829, 3 vols.*

⁸ Publ. pelo Dr. L. de Vasc., Lisboa, 1906.

⁹ *P. M. H. — Diplomatae et Chartae — Inquisitiones. Leges et Consuetudines.*

¹⁰ *P. M. H. I — Scriptores.*

¹¹ *Bol. da Bibl. Portug. de Fernandes Tomás*, I, 13.

evolução lenta nos levam até ás primeiras *Crônicas* assinadas por Fernão Lopes. Vamos citar os que mais de perto se ligam á história. Note-se, de passagem, que não têm razão os autores que, como D. Nicolau de Santa Maria, sustentaram que o officio de crónista fôra muito anterior a Fernão Lopes, sendo o primeiro crónista o prior de Santa Cruz, João Camelo, capelão de D. Afonso Henriques e por êle nomeado para aquele cargo ¹. João Camelo teria escrito o *Sumário das Famílias e primeiros conquistadores destes reinos* ², continuado pelo seu successor no mesmo cargo de crónista, Pedro Alparde ou Altarde, seguindo-se a êste outros priores *claustrais* de Santa Cruz. Tais afirmações por falta de base sam hoje unanimemente contestadas ³. O que nestes tempos antigos nos aparece numa ordem de trabalhos que mais de perto se liga com a História é o seguinte:

1. — *Crônica breve do Arquivo Nacional*, memória anónima duma centena de linhas, que trata sómente dos primeiros reis portugueses de 1150 até 1325, e parece ser o mais antigo fragmento de história em vulgar que possuímos (*P. M. H.* 1, 22-3).

2. — *Crônicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz*, talvez compiladas pelos fins do séc. xv, (*Ibid.*, 23-32).

3. — *Os Livros de Linhagens*, a que abaixo particularmentê nos referimos (*Ibid.*, 143-389).

4. — *Crônica da fundação do mosteiro de S. Vicente de Lisboa* ou simplesmente *Crônica dos Vicentes* (*Ibid.*, pág. 407-414), interessante e curiosa narrativa, ⁴ remontando ao séc. xv.

5. — *Crônica da Conquista do Algarve* descoberta por Fr. Joaquim de Santo Agostinho na C.^a Municipal de Tavira em 1788 (*Ibid.*, 415-420 e antes nas *Mem. de Lit. da Acad.* 1, 74-98).

Acrescentemos ainda a

6. — *Vida de S.^{ta} Isabel* impressa por Brandão na *Mon. Lus.*, VI, 495-534; e uma

7. — *Crônica General ou Estoria de Espanha* ⁵ escrita ou mandada compôr por D. Afonso o Sábio e mandada traduzir por D. Denis, continuada no reinado de D. Afonso V até 1455, e começada a

¹ *Chron. da Ord. dos Con. Reg.*, l. ix, c. ix; Barbosa Machado, *Bibl. Lus.* II, 620.

² Brandão, *Mon. Lusit.*, part. v, l. xvix, c. v.

³ Fr. Manoel de Figueiredo, *Diss. hist. e crit. ... para apurar o catálogo do Chron. mōres do reino e ultramar*, Lisboa, 1789. [16 págs.]

⁴ D. João III mandou-a imprimir no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em 1538. Consta de 24 fls. num. Rarissima (Inoc., Dic., II, 111). Foi reimpr. no Porto em 1873. Seria a obra com o título *Hist. Geral* que figura no catálogo da Livr. de D. Duarte?

⁵ Editada na *Nueva Bibl. de Autores Españ.*, por Menéndez Pidal, Madrid, 1906, 1 vol.

publicar em Coimbra em 1863 pelo dr. Antonio Nunes de Carvalho ¹. Desta Crónica há vários códices manuscritos.

25. — Livros de Linhagens. Dentre todas estas crónicas ou narrações merecem com justiça destacar-se os chamados *Livros de Linhagens*. Estes livros, que desde o século xvii começaram a ser conhecidos por *Nobiliários* ², são registos aristocráticos das famílias nobres de Portugal e constituem um repositório interessantíssimo dos feitos e das lendas que entretinham a imaginação popular, sendo também um documento precioso para o estudo da língua nos seus primeiros desenvolvimentos.

Supunha-se antigamente que D. Pedro, Conde de Barcelos, era seu único e exclusivo autor, mas A. Herculano demonstrou que « o livro das linhagens, chamado do conde D. Pedro, é o livro não dum homem, mas sim de um povo, de uma época; é uma espécie de registo aristocrático, cuja origem se vai perder nas trevas que cercam o berço da monarquia... e talvez que, no estado em que hoje o vemos, seja aquele a quem se atribue o que nele tenha mais diminuto quinhão ». Houve pois primitivamente um registo aristocrático que com o tempo se foi transformando e aumentando, devido isso já ao desenvolvimento e multiplicação das gerações, já á influência de indivíduos e de famílias poderosas que buscariam, com razão ou sem ela, alterar as tradições da própria origem, quando isso servisse a interesses materiais ou a emulações nobiliárias. O trabalho do Conde está provado pelos seus próprios dizeres: « eu o Conde D. Pedro... houve de catar por gran trabalho, por muitas terras e escripturas que falavam dos linhagens; e vendo as escripturas con grande estudo e en como falavam d'outras, e d'outros grandes feitos, compus este livro... », mas que nem tudo póde ser dele verifica-se, entre outros fundamentos, pelas referências a sucessos posteriores á morte dele, por ex., o relativo a D. Pedro I, o justiceiro, — quando o Conde faleceu em 1354 e êste nasceu em 1352 —. E o próprio D. Pedro convidava outros a que acrescentassem o seu trabalho — « rogo a aquelles que depois de mim veerem e vontade ouverem de saber os linhagens, que acrescentem... aqueles que adiante decenderem dos nobres fidalgos da Espanha, e os ponham e escrevam nos logares hu convem », o que se explica, afinal, pelo carácter do livro, que não era de mera curiosidade, mas da maior importância social, como se deixa vêr da letra dos Preambulos.

¹ Leite de Vasc. *Textos Arc.* 44, *Bol. das Bibl. e Arq.*, 1904, 173-177.

² Na ed. preparada por João Baptista Lavanha e publicada em Roma em 1640 é que appareceu pela primeira vez êste nome.

Possuimos hoje dos *Livros de Linhagens*, anteriores ao século XVI, quatro redações que são:

1.^a — O mais antigo chamado *Livro Velho*, publicado no tom o 1.^o das *Provas da Hist. Genealógica*, pág. 145.

2.^a — O fragmento, proximamente da época do antecedente, que se acha impresso depois daquele no mesmo volume das *Provas* e que o acompanha na mesma denominação de *Livro Velho*.

3.^a — Um fragmento de nobiliário ainda inédito, que anda desde o séc. XVI encadernado junto ao manuscrito do *Cancioneiro da Ajuda*. Parece pertencer ao séc. XIV. Vai desde o tit. 21 incompleto até o tit. 35 também incompleto.

4.^a — Aquele que foi atribuído ao Conde D. Pedro, chamado por isso « Nobiliário do Conde D. Pedro ». Além da ed. da Lavanha ¹, que alterou e suprimiu o texto a seu sabor, e da de Faria e Sousa ² que o trad. para espanhol com a maior arbitrariedade, não tendo portanto um nem outro valor documentário, nem científico, temos a ed. de A. Herculano, que se póde considerar como a dum texto inédito e que é a copia exacta e completa do apógrafo existente na Torre do Tombo ³.

Os códices, acima nomeados, á excepção do 3.^o, existiam na Torre e todos se perderam ficando as cópias feitas pelo escrivão do arquivo Gaspar Alvares de Lousada, que aqui não exerceu certamente o seu mister de falsario ⁴.

Estes documentos têm sido fonte de trabalhos de grande valor, como do *Canc. da Ajuda* da Sr.^a D. Carolina Michaëlis, dos *Brazões da Sala de Cintra* de Braamcamp Freire e deram o fundo a algumas narrativas de A. Herculano, como da *Dama pé de cabra*, do *Odio velho não cansa* de Rebelo da Silva, das *Telas antigas* de Alberto Pimentel, de *O que morreu de amor* de Júlio Dantas. Basta isto para tornar benemerita a memória de D. Pedro como autor dessa iniciativa a que ficará indelevelmente ligado o seu nome.

¹ *Nobiliário de D. Pedro, Conde de Bracelos* (sic.). Ordenado e illustr. com notas y indices por J. Bautista Lavaña, coronista mayor del reyno de Portugal. Em Roma, 1640, fol. gr. de xxi (inumer.) + 402 págs. Embora o título, como se vê, seja em castelhano, o livro é em português, com excepção das notas marginaes. Costuma trazer anexas *Notas* doutros autores.

² *Nobiliário de D. Pedro*, trad. y illustr. por M. de Faria y Sousa, Madrid, 1646, fol. de 725 págs.

³ P. M. H. I. — *Scriptores*, 230-390. O estudo de Herculano intitula-se *Mem. sobre a origem provavel dos livros de linhagens* e data de 1853 — *Mem. da Acad. das Sc.* 1, 35-47; nos *P. M. H. I, Scriptores*, 133 e no vol. da ed. moderna *Composições várias*, 245.

⁴ *Sobre os seus erros* — J. Pedro Ribeiro, *Observ. dipl.* 83-84; e *Dissert. Crón.*, II, 210; modernamente Viterbo, etc. [Cfr. *Inoc. Dic. Bibl.* III, 122].

NOVELAS

26. — Novelas de Cavalaria. Na efervescência da vida literária, que esboçámos a largos traços, as novelas brevemente tomaram o seu lugar. O espírito geral do maravilhoso domina essas composições tam curiosas, tam cheias de graciosas lendas que se denominam *novelas* ou *romances de Cavalaria*. O assunto delas gira no triplice ciclo já indicado por Jean Bodel, poeta do século XIII, nos dois versos

« Ne sont que trois materes a nul home entendant,
« De France, de Bretagne et de Rome la grant. »

Podemos, pois, distinguir três matérias ou ciclos, isto é, três grupos de novelas ligados entre si pelo seu objecto e natureza — o *ciclo francês* ou das lendas épicas, das gestas, o *bretão* ou dos romances cortêses, e o *antigo* ou *clássico*.

27. — Ciclo Carolíngio. A *matéria de França* fórma o ciclo *carolíngio* ou de Carlos Magno e seus companheiros de armas e canta as proezas por êles praticadas nas lutas de Espanha e Itália contra os Saxões. Foi a êstes poemas, que se deu o nome de *Canções de Gestas*,¹ que até há pouco se supôs filiar-se nas *Cantilenas* contemporâneas dos próprios eventos, que celebravam. Esta poesia, já desenvolvida sob os Merovíngios, maior brilho teve na época de Carlos Magno. Dessas cantilenas, que se perderam, derivaram as primeiras gestas que circularam na Europa — a *Chanson de Roland*, a mais notável de todas, a de *Gerard de Roussillon*, a de *Ogier*, a de *Raoul de Cambrai*, a de *Aliscans* e muitíssimas mais.

Estudos recentes levaram, porém, á convicção de que cada lenda carolíngia está intimamente ligada a um mosteiro, a uma peregrinação. As canções de gestas longe de terem alta antiguidade nasceram no séc. XII. Não foi a imaginação popular que as criou. Fôram monges ou clérigos que, para atraírem o povo a certas igrejas ou abadias, forneceram o núcleo, em volta do qual giram os poemas, aos troveiros e jograis, que iam ás festas ou andavam de castelo em castelo e aí as cantavam ao acompanhamento da cítola, espécie de guitarra parecida com a viola de arco².

¹ Ou poemas históricos, de *gesta*, lat., « feitos, acções », mas história entremeiada, quando não sufocada, pela lenda.

² J. Bédier, *Les legendes épiques*, Paris, 1908-13, 4 vols.

A arte desta poesia é rudimentar, como simples é a sua verificação, primeiro assonantada, só mais tarde rimada.

Desde a segunda metade do séc. XII e principalmente nos sécs. XIV e XV a grandeza épica é substituída pela prosa nascendo então as novelas de cavalaria, que fôram impressas no séc. XV. Como dissemos acima, a mais afamada das canções de gestas é a *Chanson de Roland* sobre a derrota dos francêses na garganta dos Pirineos em 778. Houve até quem a comparasse á *Iliada* mas, embora monumento de imaginação vigorosa e onde se encontra a alma duma época e dum povo é, todavia, de arte insuficiente ¹.

O caracter deste ciclo é o entusiasmo guerreiro e a bravura militar. Só há um episódio de amor, brevissimo embora cheio de ternura — o da formosa *Aude*, que cái morta aos pés de Carlos Magno ao saber da morte de Rolando. O heroismo é a principal virtude que se celebra. Rolando, morrendo em Roncesvales, farto de pelejar, exangue e desfalecido, vivo ele só no campo de batalha coberto dos cadaveres de mil francêses, derrotados pelos quatrocentos mil sarracenos, é o protótipo da valentia, o tipo inexcedível do cavaleiro medieval, a encarnação da pátria, da honra e do dever ².

E' também o mais divulgado na velha literatura peninsular, o que não admira por se tratar precisamente de Espanha e ter como herói principal o grande Imperador, desde tempos imemoriais enlçado com a lenda de S. Tiago de Compostela, que tam notável papel devia desempenhar na divulgação da arte, da poesia, da lenda, da folque-lore, etc. Fôram os romeiros que de todos os pontos de França, Itália, povos do Norte, etc., se dirigiam ao celeberrimo santuário os que se tornaram os pregoeiros das façanhas de Carlos Magno e dos seus Doze Pares. Entre os devotos jacobitas é que deveria ter nascido a famosa *Crónica de Turpin*, que ainda que escrita em latim se tornou o núcleo de numerosas lendas por toda a parte divulgadas.

A influência dêste ciclo na literatura do nosso país foi grande, encontrando se numerosas alusões aos seus heróis e aos feitos lendários que praticaram. O verso alexandrino francês aparece em alguns romances populares portuguezes; a *sanfonha*, instrumento músico, a que eram acompanhadas as gestas, ainda se encontra entre o povo.

¹ Conhecida também pelo nome de *Roman de Ronceval* e *Roman de Roland et Olivier*. E' anónima. O mais antigo texto remonta á segunda metade do século XI. Foi descoberto em Oxford e pela primeira vez publicado em 1837. Cfr. *La chanson de Roland ou de Roncevaux du XII^e siècle publiée pour la première fois en français d'après le Ms. de la Bibl. de Oxford par F. Michel*, Paris, 1837, e a ed. de Petit de Julleville, Paris. Lemerre, 1878, entre as muitas ed. Vid. Brunetière, *Et. critiques*, 1.^o

² Vid. Gaston Paris, *Esquisse historique de la littérature française au moyen âge*, Paris, 1907, pág. 71.

Nomes próprios como *Alda* derivada de Aude, a amante de Roland (Roldão), *Valdevinos* ou *Baldovinos*, de Baudouin ou Baldouin, que até se tornou nome apelativo como sinónimo de *vadio*, *vagabundo*, *Roldão* que teve a mesma sorte — homem *valentão*, *destemido*, e os de *Ferrabrás*, *Oliveiros*, *Turpin*, *Gaiferos*, *Montesinos*, acham-se em documentos antigos e vulgarizados em cantares populares, alguns dos quais ainda hoje subsistem. E' na *Chanson de Roland* que fôram inspirados os cantares populares relativos á derrota de Roncevaux, á perda do almirante Guarinos, ao desaparecimento de D. Beltrão, á morte de D. Alda, de que subsistem vestígios, dêste último até numa comédia de Gil Vicente ¹, entrando outros na literatura de *cordel*, como o de Valdevinos, em folheto de que é autor o cego Butasar Dias — *Tragédia do Marquês de Mantua e do Imperador Carloto* (*sic*) *Magno*, a qual trata como o Marquês de Mantua, andando perdido em caçada, achou a Valdevinos, ferido de morte; e da justiça que por sua morte foi feita a D. Carloto, filho do Imperador. A história do Marquês de Mantua difundiu-se tanto na Península, que Cervantes escreveu que ela era «sabida de los niños, no ignorada de los moços, celebrata y aún creida de los viejos y, con todo esto, nó más verdadera que los milagros de Mahoma» ². Garrett intercalou-a no *Romanceiro* ³. Um dos romances populares mais conhecidos e mais cantados em Portugal é o doutra personagem do ciclo carolíngio — o do Conde Claros de Montalban e dos seus amores com a Infanta Clarañina, filha do Imperador.

Entim, a imaginação popular até criou uma singular personagem — Durante, a *Durindana* temerosa de Ariosto e Bernardo, — personificação da espada de Roldão, o invencível! ⁴.

A influência do ciclo carolíngio em Portugal evidencia-se ainda pela popularidade que entre nós teve a *História de Carlos Magno e dos doze Pares de França*, conhecida desde os princípios do século XVI em edições castelhanas, e em traduções portuguesas desde 1728, ano em que o médico Jerónimo Moreira de Carvalho († antes de 1744) publicou a primeira que apareceu ⁵.

¹ Na *Rubena*. Cfr. a minha ed. das *Obras de Gil Vicente*, Coimbra, 1912, vol. II, pág. 33.

² *Quijote*, 1.^a p., cap. V.

³ II, 120, ed. 1904.

⁴ Vid. D. Carolina Michaëlis — *Estudos sobre o romanceiro peninsular, romances velhos em Portugal*, Madrid, 1909, 1 vol.

⁵ *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, trad. de Castellano em Português. Lisboa, 1728; Segunda Parte. Ibid., 1737. Ambas, ibid., 1750, 1784, 1814, 1854. Terceira parte em que se descrevem as gloriosas acções e victorias de Bernardo del Carpio pelo P.^o Alexandre Caetano Gomes, ibid. 1750. Há várias eds. das três Partes.

28. — Ciclo Bretão. A *matéria de Bretanha* forma o ciclo dos poemas que têm por assunto as façanhas épicas de Artus ou Artur, último rei dos Bretões. Este é o herói das guerras contra os anglo-saxões, e viveu no século VI, segundo a lenda, contada primeiro numa crónica latina do séc. IX atribuída a Nénio, depois na de Gaufrey de Monmouth do séc. XII. Fôra conquistador invencível, tendo expulsado os saxões de Inglaterra e levado as suas vitórias até Roma. Depois de inumeráveis conquistas, atraído por sua esposa Guenievra e por seu sobrinho Mordred, dá a este usurpador e traidor uma terrível batalha, em que o mata e êle fica ferido. As fadas levam-no então numa barca misteriosa para a ilha Avalon, «país de eterna mocidade», donde voltará um dia para libertar os Bretões. Como no ciclo anterior um pequeno número de factos reais desaparece sob a poesia das lendas, que os transfiguram. Estas lendas, fruto da pura fantasia, são:

a) a da *Távola Redonda*, assembléa de doze pares, todos entre si eguaes, correspondentes aos doze pares de Carlos Magno, que se assentavam sem distinção em volta duma mesa redonda, isto contra o uso geral da idade-média, que só admitia as mesas rectangulares, em que os lugares eram ocupados segundo a hierarquia dos convivas. Fôra Artus quem estabeleceu esta ordem da Távola Redonda na sua cidade de Coerleon. Da sua corte partem vários cavaleiros, como Perceval, Lancelot du Lac, Gouvain e outros em procura do *Santo Graal*, operando em toda a parte prodígios, atravessando florestas em que a fada Viviana conserva prisioneiro o encantador Merlin, o que origina um grande número de lendas e de romances.

Tais romances tiveram em Portugal grande voga. D. Denis cita no seu *Cancioneiro* a *Tristão e Iseu* tendo antes alegado *Flores e Brancaflor* a que já antes dele, por 1245 havia alludido também o trovador Joam de Guilhade como modelos de constância

... e o mui namorado
Tristan, sei ben que non amou Iseu
*quanto eu vos amo, esto certo sei eu*¹

Um escrivão da puridade do mesmo monarca — Estavam da Guarda lembra factos da vida de Merlin e do *grand brado* que deu:

... convem d'atender
a tal morte da qual morreu Merlin
*hu dará vozes fazendo ssa fin*²

¹ *Canc. Vatic.* 115. Ed. Lang, xxxvi.

² *Canc. Vatic.* 130.

Fernão Lopes escreve «hoje mais não cumpre que se leiam as proesas de Tristão e de Lançarote», o que bem indica a vulgarização dessas personagens da Távola Redonda.¹ No Livro de Linhagens há no tit. 2.º, em que se encontram condensados materiais tirados da *Hist. Britonum*, vários contos bretónicos, como o do *Rei Lear*.

No tempo de D. João I traduz-se a *História dos cavaleiros da Mesa Redonda e da demanda do Santo Graal*. D. Duarte tem na sua livraria os principais poemas deste ciclo, como *Merlin e Tristão*. D. Nuno Alvares Pereira imita a virgindade de Galaaz. Os cavaleiros portugueses equipáram-se aos heróis do ciclo adoptando os nomes de *Artus, Lançarote, Tristão, Perceval, Lisuarte*, etc. Mas é tudo, sem nomes, afinal, pois todos os livros se perderam. Nem um só dos que formavam a bibliotéca de D. Duarte chegou até nós.

b) A lenda do *Santo Graal*. O *graal* era a taça misteriosa por onde Jesus Cristo bebêra na última ceia e na qual José de Arimatia recolhêra o sangue derramado na cruz. Dizia a lenda que este vaso fôra guardado numa floresta de Nortumberland para escapar ás profanações dos saxões, esperando o momento em que cavaleiros eleitos de Deus o descobrissem, depois de terem obrado grandes feitos de armas. O mais fecundo dos poetas que em França exploraram durante o séc. XII a matéria de Bretanha foi Cristiano de Troyes que deixou o *Tristan e Erec*, hoje perdido, *Cliges* e quatro romances «arturianos» — *Erec et Enide, Chevalier au Lion* ou *Yvain, Chevalier de la charrete*, e *Perceval*.

Mas o desenvolvimento completo da lenda e o seu sentido místico só fôram dados mais tarde, no séc. XIV, por Roberto de Boron na trilogia *Joseph de Arimatia*, onde narra a origem, consagração e prodigiosas virtudes da Santa Reliquia; *Merlin*, onde converte em verdadeiro profeta este filho do diabo e o faz anunciar maravilhas futuras e *Perceval*, que apresenta incansável na procura e conquista do *graal*. Este foi o ponto de partida para outras narrativas.

Desta fase das novelas bretónicas tudo quanto nos resta cifra-se: 1) num *Livro de Joseph ab Arimatia*, Ms. cópia dum códice datado de 1207 a 1313, visto em Lisboa nos meados do séc. XIX e depois desaparecido; 2) numa *História de Vespasiano* impr. em 1496 narrando a cura maravilhosa deste Imperador, feita pela Virónica, a destruição de Jerusalem, a conversão de Vespasiano e Tito e o castigo de Pilatos, tida em tam alto conceito que D. Manoel enviou ao Preste João das Indias cem exemplares.² 3) E principalmente

¹ Cr. D. João I, P. 2.ª, C. 108.

² «*Estoria do muy nobre Emperador de Roma*». E no fim: *Foy empre-mida a presente estoria em a muy nobre e sempre leal cidade de Lisboa por Valentino de Moravia... na era de Mil CCCCLXXXVI*. Reimpr. por F. M. Esteves Pereira, Lisboa, 1905.

na *História do Santo Graal* incompleta, de que se conserva o Mss. na Bibl. de Viena de Austria e que pode remontar á primeira metade do séc. XIV. ¹

Caracteriza-se o ciclo bretão pela doçura e graça das composições. E' mais lírico, mais sentimental e subjectivo que o anterior; o amor domina nos seus poemas, o tipo rude do herói das gestas desaparece para dar lugar ao tipo do herói cortês, que faz tudo pela sua dama, correndo por ela todas as aventuras. O ciclo francês é mais violento, êste mais delicado. Predomina aqui um duplo mysticismo, o cavaleiresco e o religioso. O ciclo francês deriva do espirito dos germanos, o bretão do dos celtas. O maravilhoso discreto e religioso das Canções de gesta é substituído por um maravilhoso *feérico* e mágico, que domina tudo. Fôram cantores ambulantes que pela Bretanha executavam na harpa « *Lais* », isto é, curtos trechos de música acompanhados de cantos, que não podemos dizer hoje com rigor se seriam puramente líricos ou já narrativos, nem mesmo se eram em bretão, ou já em francês. Os *lais* referiam-se a aventuras de amor ou a contos *feéricos*, cujos heróis pertenciam á tradição clássica; os que os executavam juntavam-lhes um comentário oral em que a aventura era contada ². Eram geralmente em versos de oito sílabas. Do celta fôram traduzidos para francês e daí se espalharam para diversos países. Restam vinte, dos quais quinze, pelo menos, são devidos a uma mulher, Maria de França, que havendo-se estabelecido em Inglaterra aprendeu o bretão, ou pelo menos, o inglês e descreveu estas fábulas de aventuras e de amor com fadas, maravilhas, transformações, etc., sendo a mais notável a da *Mulher-Silva*, que trata dos amores de Tristão e Iseu ³.

29. — Ciclo Greco-Latino. « *Rome la grante* » fôrma o ciclo greco-latino, que versa sobre as personagens e factos da história antiga, revestidos dos costumes, crenças, e opiniões da idade-média. Troia era um castelo, os filhos de Priamo *bons cavaleiros*, Helena

¹ Apontada aos billiogr. desde 1838 por Varnhagen no *Cancioneirinho*, cit., 165 e 168; e *Livros de Caval.*, 19. O Mss. tem 199 fls. estando imprs. 77. Cit. *História dos Cavaleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graal... zum ersten male veröfentlicht von Karl von Reinhardtstoetner*, 1.º vol. (142 pág.) Berlim, 1887. Na *Rev. Lus.* vi, 332-346 foram publ. pelo Dr. O. Klob *Dois episódios ined. da Demanda do Santo Graal: As três maravilhas da floresta de Corberic* (fl. 183 v.-185 v.) e *A morte do rei Arthur* (fl. 192 v.-196 v.)

² Gaston Paris, *Esquisse histor. de la Litt. française au moyen age*, cit., 76. O elo desta poesia na velha lirica portugueza foi estudado por D. Carolina Michaëlis em *Lais de Bretanha*, Porto, 1900.

³ Ed. de Karl Warneke na *Bibl. Normannica* de Suchier, vol. III, com notas de Reinhold Röhler, Halle, Niemeyer, 1885.

uma *fremosa dona*, Eneas um *ricomem*. Os demais heróis da história clássica Alexandre, Cesar, Heitor, revivem assim completamente transfigurados.

Nas coplas do menestrel da idade-média, escreve Garrett, os donairosos sonhos da mitologia, assim como os severos sonhos da crença, tomavam sempre os hábitos sociais do seu tempo. Júpiter era Dom Júpiter, rei de corôa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido de nobres donzelas de espartilho e toucas altas: San Miguel e o próprio Lúcifer dois cavaleiros de lança em punho e escudo abraçado, justando em mui leal batalha nessas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; o Olimpo era um castelo feudal e o Céu uma roca-forte. Em suma, sem prin êsas e cavaleiros não havia poesia para êles, nem a podia haver, porque essa era a vida que êles conheciam, o belo e sublime da vida que conheciam ¹. Os três romances representativos deste ciclo são o *Roman de Thèbes* de 10.230 versos octossilábicos; o *Roman de Troie* de cerca de 30.000 e o *Roman d'Eneas* de 10.156, podendo assinar-se sómente ao segundo destes longos poêmas o autôr — Benoit de Sainte-More ². *Thèbes* considera-se o mais antigo podendo remontar a 1150 ou 1155, mas o mais importante não só pela sua extensão, como pelo assunto e fama que obteve é o de *Troia*, de que há 27 Mss. nas Bibliothécas e Arquivos da Europa. Os compiladores de *Histórias Troianas* ou *Romanas*, da 1.^a metade do séc. xv, beberam os seus ensinamentos não em Homero, que ignoravam, mas neste romance quer na sua forma primitiva, quer na sua redacção em prosa. Entre os romances históricos ou pseudo-históricos nomeemos o afamado *Romance de Alexandre* de 20.000 versos dodecassílabos escrito no séc. xii por Lambert le Tort, ou de Tours e Alexandre de Bernay ou de Paris, de quem veio o nome de *alexandrinos* (12 síl.) dado a esta espécie de versos.

Vê-se bem a influência deste ciclo em Portugal nas lendas ligadas á nossa história, por exemplo, na da fundação de Lisboa por Ulisses.

Na poesia popular também deixou vestígios, embora não tam numerosos como o ciclo carolíngio. O conto *Hero e Leandro*, o cerco de *Troia*, as crueldades de *Nero* fôram mais ou menos longamente memoradas, havendo também alusões a Dido e Eneas, Aquiles e Polixena, Páris e Helena, Orfeo e Euridice ³.

¹ A. Garrett, *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, t. 1.^o, pág. 144, na ed. de Lisboa, 1843.

² *Le roman de Troie... publié d'après tous les Mss. connus par Leopold Constans*, Paris, 6 vols. 1904-1912. Para a demais bibliogr. Petit de Julleville, *Hist. de la langue et de la Litt. fr.*, 1, 173-252.

³ D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o Romanceiro*, já cit., pág. 154.

30. — Ciclo dos Amadises. Além destes ciclos devemos enumerar o dos *Amadises*, que, originário das gestas bretónicas, foi o que maior vulgarização teve nas literaturas novi-latinas ¹. Quem foi o criador deste novo tipo de seres lendários, que tam grande simpatia adquiriu na Europa culta de então? qual a sua pátria? Em que língua foi escrito o primeiro Amadis? em português? em castelhano? em francês? Difícil e discutidíssimo problema até hoje sem solução cabal. Os textos não nos autorizam a uma afirmativa categórica, escreve Menéndez y Pelayo, mas a tradição portugueza é antiga e tem em seu abono poderosas razões. Todas estas efectivamente militam em favor não, como se dizia até há pouco, do trovador português Vasco de Lobeira, natural do Porto, contemporâneo del-rei D. Afonso IV, armado cavaleiro por D. João I antes de começar a batalha de Aljubarrota, mas de João Lobeira, trovador de quem temos poesias compostas entre 1258 a 1286.

O facto de se ter perdido o original português de que, desgraçadamente, nem uma só cópia se conhece, deu origem a tantas discussões como as que a este propósito se levantaram ², sustentando vários autores, desde Gayangos ³, que já no princípio da segunda metade do século XIV, por 1359, se liam e estavam vulgarizados em Castela os *três primeiros livros* do Amadis, citados por Pedro Ferrús, um dos mais antigos poetas do Canc. de Baena, pois compôs versos á morte de Enrique II, que succediu em 1379 e pelo chanceler López de Ayala no *Rimado de Palacio* em versos anteriores a 1385 e que portanto a redacção primitiva foi castelhana, sendo devida a Garcia Ordóñez de Montalvo, igualmente autor do 4.º livro, como se declara desde a 1.ª ed. conhecida de 1508 ⁴. Sem podermos opôr a estas pretensões um argumento decisivo como seria o do texto portu-

¹ A série destes romances principia nos do nome de *Amadises*, e continúa nos de *Sergas de Esplandian*, *Florismarte de Hircania*, *Galax*, *Florestan*, o *Palmeirim de Oliva* e o afamado entre os da série — o *Palmeirim de Inglaterra*, de que adeante nos occupamos, etc. A. Herculano, *Panorama*, t. IV, pág. 7—8.

² Vid. Th. Braga, *Ob. cit.*, pág. 103 e seg.: Inn. da Silva, *Dicc. Bibl.*, VII, verb. «Vasco de Lobeira». Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, art. «Vasco Lobeira» diz que o original se conservava na livraria dos duques de Aveiro. O conde da Ericeira em 1726 cita, com referência ao catálogo da bibliotheca do Conde de Vimieiro, «um A. de G. em português». Ter-se-ia perdido irremediavelmente no Terramoto de 1755?

³ Cf. *Discurso preliminar* nos *Libros de Caballeria* (1857), in *Bibl. Rivadeneyra*, vol. 40. Recentemente defendeu a mesma opinião o Dr. Gottfried Baist, prof. em Freiburg, cujas opiniões e sua refutação podem lêr-se em D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 514 e seg.

⁴ Na ed. de Roma, 1519 chama-se ao corrector dos 3 primeiros livros e autor do 4.º Garcia Ordóñez de Montalvo. Mas nas *Sergas de Esplandian*, Roma, 1525, é Garcia Gutierrez de Montalvo. Eis mais um problema...

guês, todavia poderosas conjecturas induzem a crer que a redacção primitiva deste romance foi obra do referido trovador português João de Lobeira, cabendo-nos por isso a glória da prioridade da redacção em prosa do primeiro tipo da família dos Amadises. Basta para o confirmar:

a) A análise do próprio romance, no qual se diz que um infante D. Afonso de Portugal indicou ao autor que modificasse o rigor com que tratava a heroína Briolanja. Este infante não podia ser outro senão o que depois foi rei D. Afonso IV, após o falecimento de D. Denis seu pai, em 1325.

b) Esta atribuição é também feita em 1454 por Gomes Eanes de Zurara na sua *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, que terminantemente escreve: «... livro (no singular, note-se) do Amadis feito a prazer de um homem que se chamava Vasco Lobeira, em tempo d'el-rei D. Fernando, sendo todas as cousas do dito livro fingidas do Autor»¹.

c) O mesmo se confirma pelo testemunho do filho do poeta dr. António Ferreira, em 1593, quando se refere a dois sonetos, o primeiro dos quais principia:

Bom Vasco de Lobeira, de gran sen, 2
De pran^o que vós haveades bem contido
O feito d'Amadys, o namorado
Sem quedar ende por contar hi ren

e que ele, embora erradamente, attribua a seu pai, mas onde diz: «êst s dois sonetos fez meu pae na linguagem que se costumava neste Reyno e o tempo del Rey D. Denis que he a mesma em que foi composta a *história de Amadis de Gaula* por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa de Aveiro».

d) No Canc. Cl. Br. há dois fragmentos duma canção (n.ºs 230-232) portuguesa, cujo estribilho é exactamente o mesmo doutra canção inserta no *Amadis* (l. 2.º c. II).

Leonoreta
fin roseta
bela sobre toda fror
fin roseta
non me meta
*en tal coita vosso amor!*⁴

¹ Liv. I, can. 63, pág. 422.

² *Sen*, sentido, juízo. Do lat. *sensu*. *Sen* é apócope de *seno*, como *don* de *dono*, e *son* de *sono*. E *senno* é assimilação de *senso*.

³ De *pran* -- francamente, certamente. Do lat. *plane* = *claro* ou *pran*.

⁴ Vide adiante, na *Antologia*, a canção completa como a interpretou D. Carolina Michaëlis: *O Leis q'leigo-português al conoreta, fin roseta e as origens do ad. «fin»*, Viana do Castelo, 1918). G. Baist se não partisse do preconceito da nossa suposta falta de originalidade não explicaria como tardia inter-

Ora êstes versos sam prováavelmente dos fins do séc. XIII ou, o máximo, dos princípios do XIV, porque nenhuma poesia tem menos antiguidade, donde se deduz que ao tempo de D. Denis, a cuja côrte pertencia o trovador João Lobeira, já existia em português um *Amadis* em prosa e com trechos líricos intercalados, como se costumava fazer nas novelas bretónicas. João Lobeira figura na côrte entre 1258 a 1285. Ele devia ser, pois, senão o autor, pelo menos, o refundidor do romance, a que D. Afonso IV impôs a celebrada emenda.

Pouco importa a incerteza que reina ácerca da vida do trovador português. Efectivamente Duarte Nunes de Lião¹, Barbosa² e A. Herculano³ supõem-no contemporâneo de D. João I, e Gomes Eanes de Zurara⁴ de D. Fernando. Faria e Sousa, tendo-o indicado primeiro como desta época⁵, escreve depois ser opinião dalguns ser êle do tempo de D. Afonso IV, embora se ache o seu nome em tempo de D. João I, mas, acrescenta judiciosamente: «... é verdade que podiam ser dois dêste nome⁶». A identidade do apelido explica a confusão entre Vasco e João Lobeira e ainda com um tal Pedro Lobeira, de quem fala Jorge Cardoso no *Agiologio*. Como acabamos de vêr as razões apresentadas ajustam perfeitamente ao trovador João Lobeira⁷.

O romance *Amadis* exerceu uma influência extraordinária sobre toda a literatura da Europa, sendo traduzido para espanhol, francês, italiano, alemão, holandês, inglês e hebreu⁸.

Ao fim de um século contavam-se já, pelo menos, doze *Amadises*⁹.

polação o aparecimento da cançoneta no *Amadis*. Cfr. *Grundriss* de Gröber, II b, 416-438-441.

¹ *Crónica del-Rey D. João I*, 195 (ed. 1642).

² *Bibl. Lus.* art. cit.

³ Estudo sobre *Novellas de caval. portug.* no *Panorama* de 1838, págs. 123, 139 e no de 1840, pág. 6, ou nos *Opúsculos*, IX, 87-114.

⁴ *Crónica do conde D. Pedro*, t. I, c. 63, pág. 422.

⁵ *Europa*, III, p. IV, c. VIII, pág. 360.

⁶ *Id.*, *ibid.*, pág. 373 «El primer libro de cavalarías que se escribió en Europa fué el Amadis; e su autor Vasco de Lobeira, que algunos dicen fué en tiempo del Rey D. Afonso IV si bien este autor se halla en tiempo del Rey D. Juan I que es mucho despues. Pero pudieron ser dos deste nombre».

⁷ Os docs. publicados por Th. Pires nos *Estudos Elvenses*, VII, *Vasco de Lobeira* (2.^a ed., 1917) referem-se como vivendo em Elvas a um Vasco, a um João, a um Pedro e a um José, todos do apelido de «Lobeira», mas sam posteriores todos á data a que é preciso attribuir o 1.^o Amadis.

⁸ Em hebreu só há trad, do livro I de que há dois Mss. um no British Museum e outro na Bibl. do Seminario Judaico de Breslao. Th. Braga, *Acad. das Sc. de Portugal* 1.^a s. II, 2.^a p. e III, Coimbra, 1915-16.

⁹ Eugène Baret, *De l'Amadis de Gaule et de son influence sur les moeurs et la littérature au XIV et au XVII siècle* (1873); a curiosa monografia de Var-

E donde proveio o Amadis? E' original no todo ou em parte? Tem fontes conhecidas na literatura geral da idade-média e particularmente na francesa? Questão não menos debatida que a da autoria. Baret julga-o uma refundição de livros bretões, como o provam os nomes de logares e os de pessoas ¹.

O mesmo demonstra a fabulação sendo a imitação patente desde os primeiros capítulos, pondo mesmo de parte as alusões directas a Tristão, Lançarote, S.^{to} Graal do liv. 4.^o, muito posterior aos três primeiros e obra de Montalvo.

Para o Sr. Prof. T. Braga o Amadis passou por quatro fases — agiológica, de cantilena anónima ou lais narrativo, de novela cíclica de gesta, e de novela em prosa, que é o estado atual, opinião insustentável em presença de todos os elementos, quer históricos, quer literários ². E', porém, indubitável que há ainda muitos pontos obscuros a resolver sobre a questão do Amadis, cuja origem portuguesa, entretanto, parece poder afirmar-se sem temeridade ³.

O assunto deste ciclo versa sobre os amores de Amadis, cavaleiro bretão, com Oriana, filha de Lisuarte, rei da Gran-Bretanha. Há ali prodígios incríveis, combates com gigantes e monstros, intervenções milagrosas, que constituem o tecido dos episódios, até que a fidelidade é recompensada e Amadis é feliz. Cervantes, ao classificar a obra como «*el mejor de todos los libros que de este género se han compuesto*», (*D. Quixote* I, c. 6). livrou-o do fogo e a posteridade confirmou a sua sentença: Amadis é a única novela cavaleiresca que merece ler-se.

nhagem — *Da Literatura dos livros de Cavalarias*, Viena, 1872; Th. Braga, *Hist. das Novelas portug. de Cavalleria*, Pôrto, 1873. O assunto é largamente estudado no ponto de vista geral das novelas de cavalaria por Menéndez y Pelayo no seu livro *Orígenes*.

¹ Garcia de la Riega, *El Amadis de Gaula*, Madrid, 1909, aproveita este argumento toponimico em favor do galego.

² *Hist. da Lit. Portug., I Edade Media*, 1909. Como o autor partisse duma fragil sugestão de Victor le Clerc que no *Discurso sobre o estado das letras em França durante o séc. XIV* (1862), lembrou que talvez do poema francês *Amadas et Idoine* pudessem colher-se alguns elementos sobre as origens do Amadis peninsular Menéndez y Pelayo anota «T. Braga com o espirito aventureiro que costuma comprometer e desluzir as suas melhores investigações...» *Orig. de la novela, ob. cit.*

³ Além dos trabalhos já cit. podem consultar-se: Gayangos «Discurso preliminar» nos *Libros de Caballeria*, 1857, vol. 4.^o da *Bibl. Rivadeneyra*; Amador de los Rios, *Lit. Esp.*, V, 78-97 H. Thomás, *Spanish and Portuguese romances of chivalry*, Cambridge, 1920, pág. 41. E especialmente: Brauenfels, *Kritischer Versuch über den Amadis von Gallien*, 1876. E' interessante sob o aspecto bibliogr. — Hugues Vaganay, *Les romans de chevalerie italiens d'inspiration espagnole. Essai de bibliogr. Amadis di Gaula*, Firenz e, 1915.

DOCUMENTOS APÓCRIFOS

31.— As chamadas relíquias da poesia portuguesa. Incluimos debaixo da designação de *apócrifos* as chamadas *reliquias da poesia portuguesa*, a que se assinalou grande antiguidade, mas arbitrariamente. O exame crítico delas conduz nos a rejeitar essa suposta antiguidade e a marcar-lhes o princípio do século XVII como a data da sua redacção ¹. J. Pedro Ribeiro († 1839) condenou em globo a genuinidade destes documentos fundando-se nas seguintes razões: 1) falta de provas da sua antiguidade, sendo umas produzidas por Leitão no meio duma novela ² em que até põe na bôca das suas fabulosas personagens um soneto de Camões; outros sam referidos por Brito ³ cuja fé é nenhuma; 2) porque as palavras que neles se empregam, todas de diversas idades da nossa língua, formando um todo afeitado, parecem ser mais obra de um artifício estudado; 3) porque as cartas de Egas Moniz Coelho, e a canção de Gonçalo Hermiguez, tam vezinhos em tempo a outros documentos vulgares verdadeiros, contudo se distinguem tanto em barbaridade que até nisso mostram a sua affectação ⁴. Sam os seguintes esses documentos: I) *Canção de Gonçalo Hermiguez, o Troga-Mouros*; II) *Poêma da Cava ou da perda ou destruição da Espanha*; III) e IV) duas *Cartas de Egas Moniz Coelho a sua dama (Violante)*; V) *Trovas dos Figueiredos*.

I.— Canção de Gonçalo Hermiguez, o Traga-Mouros. Consta de três estâncias de cinco versos cada uma aludindo ao rapto que Gonçalo Hermiguez fez de sua mulher Ouroana aos mouros de Alcácer, caso narrado por Fr. Bernardo de Brito, (1569-1617) que nos dá esta canção, obra dum verzejador de má fé, «por se ver, diz ele, os mais antigos termos da lingua portugêsa» ⁵, e que ainda encontrou o sr. Th. Braga para lhe defender a autenticidade e a traduzir *sem introduzir palavras novas, e simplesmente submetendo os versos ás exigências da rima* ⁶.

¹ D. Carolina Michaëlis, *Geschichte der portug. Litt.*, cit., pág. 161.

² *Miscelanea*.

³ *Monarch. Lusit.*, part. 1.

⁴ J. Pedro Ribeiro, *Dissert. chrón.* 1, 181.

⁵ *Chr. de Cister*, part. 1, liv. VI, cap. 1, adeante transcrita na *Antologia*.

⁶ *Canc. Pop.*, 197. Pode vêr-se a lição de A. Ribeiro dos Santos no *Jornal dos Amigos das Lettras*, pág. 74-75. Garrett servindo-se da tr. alemã do Dr. Bellerma no *Die alten Liederbücher*, etc., pág. 5, fez a versão que se lê na *Rev. Univ. Lisbon.*, v, 1846, pág. 417, incluída nas *Obras Completas*, Lisboa, 1904, vol. XXI, 57.

II. — Poéma da Cava, também conhecido por da Perda da Espanha. Tal como se deixa vêr pelo fragmento que resta, tratava da invasão sarracena e destruição da Espanha pelos árabes em 714. Faria e Sousa ¹, seguido por Bouterwek e Sismondi, fazia remontar êste poéma aos princípios do século IX. Ribeiro dos Santos fá-lo dos começos do século XIII ², Th. Braga julga-o dos fins do século XV. Mas a mais simples análise filológica demonstra que qualquer opinião de alta antiguidade é de todo o ponto insubsistente, sendo ainda J. Pedro Ribeiro quem tem razão em considerar um *artifício* êste poéma, que Leitão de Andrada ³ dizia ter tirado dum velho códice que nunca, afinal, ninguém logrou vêr e examinar.

III e IV. — Cartas de Egas Moniz Coelho. Atribuem-se estas duas cartas a Egas Moniz Coelho, primo daquele Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, de quem o nosso épico disse que

a troco da palavra mal cumprida
determina de dar a doce vida

uma delas escrita quando o poeta deixou a côrte e vae para Coimbra, e a outra ao voltar e saber que havia sido perjura aquela que lhe prometera fidelidade eterna.

Podem vêr-se em Miguel Leitão de Andrada ⁴, Faria e Sousa ⁵ e Almeida Garrêtt ⁶, que as supuseram do tempo de D. Afonso Henriques, dando este último uma linda versão delas, por certo muito mais bela que o original.

V. — Trova dos Figueiredos ou Canção do Figueiral. Refere-se ao tributo das cem donzelas, que os cristãos eram obrigados a pagar aos mouros de Espanha. Fr. Bernardo de Brito foi quem primeiro a publicou ⁷, attribuindo-a a um tal Guesto Ansur, que nunca existiu. Miguel Leitão de Andrada diz tê-la ouvido cantar «muito

¹ *Europa*, III, liv. IV, c. 9.

² *Mem. sobre as orig. da poesia portug.* no t. VIII, das *Memorias de Litt. da Acad.* O texto vem no *Jornal dos Amigos das Lettras*, cit., págs. 136-137.

³ *Miscelanea*, Lisboa, 1629.

⁴ *Miscelanea*, diálogo XVI.

⁵ *Europa*, II, p. IV, c. XI.

⁶ *Rev. Univ. Lisbon.*, VI, série V. pág. 100 e *Obras completas*, cit., 55. Veja-se também Ribeiro dos Santos no *Jornal dos Amigos das Lettras*, cit., 98-99.

⁷ *Monarch. Lusit.* II, 296.

sentida a huma velha de muita idade, natural do Algarve » ¹. Ribeiro dos Santos ² marca-lhe a época dos fins do século XII ou princípios do XIII, opinião inteiramente gratuita e que nada tem em que se estribar. Quando muito poderia considerar-se do século XV, falando em seu favor o sentimento e o ritmo dum cunho acentuadamente popular. A dúvida sobre a autenticidade dêsse documento não pode, porém, estender-se aos outros denominados apócrifos em que a fraude é logo denunciada pelo estudo comparativo com os de carácter absolutamente incontroverso ³.

¹ *Miscelanea*, diál. 1, págs. 25-26.

² *Ob. e loc. cit.*

³ D. Carolina Michaëlis, *Gesch. der portug. litter.* pág. 162. O dr. João Ribeiro diz que desta canção « se encontram alusões até no *folk-lore* do Brasil ». *Selecta Classica*, Rio de Janeiro, 1905, xxiv, nota.

ANTOLOGIA

SÉCULOS XII A XV

POESIA

Cantigas de amigo e de amor

I

Ai eu, coitada, como vivo
en gran cuidado por meu amigo
que ei alongado! muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu, coitada, como vivo
en gran desejo por meu amigo,
que tarda e non veio! muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

El-rei D. Sancho I (?), *Canc. B.*, n.º 348.

II

Como morreu quen nunca ben
ouve da ren ¹ que mais amou,
e quen viu quanto receou
d'ela, e foi morto por en ²:
Ay mia senhor, assi moir'eu!

Como morreu quen foi amar
quen lhe nunca quis ben fazer,
e de quen lhe fez Deus veer
de que foi morto con pesar:
Ay mia senhor, assi moir'eu!

Com'ome que ensandeceu,
senhor, con gran pesar que viu,
e non foi ledo nen dormiu
depois, mia senhor, e morreu:
Ay mia senhor, assi moir'eu!

¹ *Ren-cousa*, qualquer cousa, ás vezes *rem*. «*Nulha ren*» frequente nos provençais, *cousa* nenhuma, nada.

² *En*, pron. De *ende*, *inde* = em, d'ele, dela, disso. *Por end'*, *por ende*-por isso.

Como morreu quen amou tal
dona que lhe nunca fez ben,
e quen a viu levar a quen
a non valia, nen a val: -
Ay mia senhor, assi mojr'eu l.

Pai Soares de Taveiros, *Canc. A.*, n.º 35.

III

O meu amigo que me dizia
que nunca mais migo viveria,
par Deos, donas, aqui é já!

Que muito m'el avia jurado
que me non visse mais, a Deos grado,
par Deos, donas, aqui é já!

O que jurava que me non visse,
por non seer todo quant'el disse,
par Deos, donas, aqui é já!

Melhor o fezo ca o non disse;
par Deos, donas' aqui é já!

Pai Soares de Taveiros, *Canc. Vatic.* n.º 236.

IV

Disseron-mi ¹ ñas novas de que m' é mui gran ben
cá chegou meu amigu', e, se el ali ven,
a Santa Maria das Leiras
irei, velida, ² se i ³ ven meu amigo.

Disseron-mi ñas novas de que ei gran sabor
cá chegou meu amigu', e, se el ali fôr,
a Santa Maria das Leiras
irei, velida, se i ven meu amigo.

Disseron-mi ñas novas de que ei gran prazer,
cá chegou meu amigo, mais eu, polo veer,
a Santa Maria das Leiras
irei, velida, se i ven meu amigo.

Nunca con taes novas tan leda foi molher,
com' eu sôo com estas, e se el i vœer,
a Santa Maria das Leiras
irei, velida, se i ven meu amigo.

Afonso Lopes de Baian, *Canc. Vatic.* n.º 342.

¹ *Mí* de *míhi* e ás vezes *míh* e *m'* antes de vogal, tornou-se depois *me*.

² *Velida*, adj.-belo, formoso, alegre.

³ Adv., af. *Por por-é* isso. De *ibi*.

V

Ay Deus! que coita ¹ de soffrer
 por aver gran ben a querer
 a quen non ousarei dizer
 da mui gran coita 'n que me ten!
 Non lh'ouso dizer nulha ren
 da mui gran coita 'n que me ten!

Ja sempr' en coita viverei.
 Amo qual dona vus direi:
 a quen dizer non ousarei
 da mui gran coita 'n que me ten:
 Non lh'ouso dizer nulha ren
 da mui gran coita 'n que me ten!

Se lhe d'al quiser' ementar ²
 sol ³ non lh'én crecerà pesar.
 Pero non lh'ousarei falar
 da mui gran coita 'n que me ten:
 Non lh'ouso dizer nulha ren
 da mui gran coita 'n que me ten!

Airas Corpancho, *Canc. A.*, n.º 66.

VI

Am'eu tan muito mia senhor,
 que sol non me sei conselhar!
 E ela non se quer nembrar ⁴
 de min... e moiro-me d'amor!
 E assi morrerei por quen
 nen quer meu mal, nen quer meu ben!

E quando lh'eu quero dizer
 O muito mal que mi-amor faz,
 sol non lhe pesa, nem lhe praz,
 nen quer en min mentes ⁵ meter.
 E assi morrerei por quen
 nen quer meu mal, nem quer meu ben!

Que ventura que me Deos deu,
 que me fez amar tal molher,
 que meu serviço non me quer!
 E moir', e non me ten por seu!
 E assi morrerei por quen
 nen quer meu mal, nen quer meu ben!

¹ *Coita*, subs. fem., pena, dôr, queixa; donde *coitado*, cheio de coita, de angustia.
² *Ementar*, enmentar, fazer menção.
³ *Sol*, adv. de uso frequente, só, sómente. *Sol non*, nem sequer.
⁴ *Nembrar*, lembrar-se, recordar-se dalgum ou dalguma cousa.
⁵ *Mentes* — idéa, mente. Não quiere pôr o pensamento em mim, recordar-se de mim.

E veede que cuita ¹ tal,
 que eu já sempr' el a servir
 molher que mi-o non quer gracir, ²
 nem mi-o ten por ben, nem por mal !
 E assi morrerei por quen
 nem quer meu mal, nem quer meu ben !

Nuno Fernandes Torneol, *Canc. A.*, n.º 71.

VII

Quer' eu a Deos rogar de coração,
 com'ome que é cuitado d'amor,
 que el me leixe veer mia senhor
 mui ced'; e se m'el non quizer' oír,
 logo lh'eu querrei outra ren pedir :
 que me non leixe mais eno ³ mundo viver !

E se m'el á de fazer algum ben,
 oír-mi-á 'questo que lh'eu rogarei,
 e mostrar-mi á quanto ben no mundo' ei,
 E se mi-o el non quizer 'amostrar,
 logo lh'eu outra ren querrei rogar :
 que me non leixe mais eno mundo viver !

E se m'el amostrar' a mia senhor,
 que am' eu mais ca o meu coração,
 vedes, o que lhe rogarei enton :
 que me dê seu ben, que m' é mui mester ;
 e rogá-lh'ei que, se o non fezer',
 que me non leixe mais eno mundo viver !

E roga'-lh'ei, se me ben á fazer,
 que el me leixe viver en logar
 u a veja e lhe possa falar,
 por quanta coita me por ela deu ;
 se non, vedes que lhe rogarei eu :
 que me non leixe mais eno mundo viver.

Nuno Fernandes Torneol, *Canc. A.*, n.º 75.

VIII

Oi oj' eu cantar d'amor
 en un fremoso virgen ⁴,
 Ma fremosa pastor,
 que ao parecer seu
 jamais nunca lhi par vi,
 e poren dixi-lh' assi :
 — « Senhor, por vosso vou eu ».

Tornou sanhuda enton,
 quando m'est' oíu dizer
 e diss' : Ide-vos, varon !
 quen vós foi aqui traer
 pera m'irdes destorvar
 do dig' aqeste cantar,
 que fez quen sei ben querer ? »

¹ *Cuita*, o mesmo que coita, queixa, mágoa.

² *Gracir*, do lat. pop. *gratire*, agradecer, ser grato.

³ *Eno*, em no, i, é., em lo donde a atual forma *no*. De *in (il) lum*.

⁴ *Virgeu*, vergel, jardim.

«Pois que me mandades ir»,
dixi-lh' eu, «senhor, ir-m' ei,
mais já vos ei-de servir
sempr', e por voss' andarei;
ca voss' amor me forçou
assi que por vosso vou,
cujo sempr' eu ja serei»

Dix'ela: «Non vos ten prol¹
esse que dizedes, nen
mi praz de o oír sol;

ant' ei noj' e pesar en,
ca meu coraçon non é,
nen será, per bõa fe,
se non do que quero ben.»

«Nen o meu», dixi-lh' eu já,
«senhor, non se partirá
de vós, por cujo s'el ten».
«O meu», diss'ela, «será
u foi sempr' e u está.
e de vós non curo ren.»

D. Denis, apud H. Lang *Das Liederbuch*, já cit., pág. 60.

I-X

Preguntar-vos quero por Deus,
senhor fremosa, que vos fez
mesurada² e de bom prez,³
que pecados foron os meus
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.

Pero sempre vos soub' amar
des aquel dia que vos vi,
mais que os meus olhos em mi,

e assi o quis Deus guisar⁴
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.

Des que vos vi, sempr' o maior
ben que vos podia querer,
vos quiji a todo meu poder;
e pero quis nostro senhor
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.

Mais, senhor, a vida com ben
se cobraria ben por ben.

D. Denis, apud Lang, *ibid.*, pág. 44.

X

Ua pastor se queixava
muit' estando noutro dia,
e sigo medês⁵ falava
e chorava e dizia
con amor que a forçava:
par Deus, vi t'en grave dia,
ai amor!

Ela s'estava queixando
come molher con gran coita,
e que a pesar, des quando
nacera, non fôra doita;⁶

por en dizia chorando:
tu non es se non mia coita,
ai amor!

Coitas lhi davan amores
que non lh'eran se non morte;
e deltou-s' ant' ñas flores
e disse com coita forte;
— mal ti venha per u fôres,
ca non és se non mia morte,
ai amor!

D. Denis, apud Lang, *ibid.*, pág. 28.

¹ *Prol*, proveito, vantagem.

² De *mesura*, medida, e figuradamente, circumspecta, cortês, amável.

³ Merecimento, estima, valor.

⁴ Dispor, ordenar. De *guisa*, subs. fem., maneira, sorte. *Doutra guisa*, sem guisa, em guisa, etc. E *guisado*, disposto, resolvido.

⁵ *Medês*, pron. demons., mesmo, próprio.

⁶ Experimentado pela dor.

XI

Ūa pastor bem talhada
cuidava en seu amigo,
e estava, ben vos digo,
per quant' eu vi, mui coitada,
e diss' : oi mais non é nada
de fiar per namorado,
nunca molher namorada,
pois que mi-o meu á errado. ¹

Ela tragia na mão
un papagai mui fremoso,
cantando mui saboroso,
ca entrava o verão,
e diss' : « Amigo loução
que faria per aniores,
pois m'errastes tan en vão ? »
E caeu ² antr' ūas flores.

Ūa gran peça do dia
jouv' ali, que non falava,
e a vezes acordava
e a vezes esmorecia,
e diss' : « Ai Santa Maria!
que será de min agora ? »
E o papagai dizia:
« Ben, per quanto eu sei, senhora ».

« Se me queres dar guarida »
diss' a pastor, « di verdade,
papagai, por caridade,
ca morte m' é esta vida ».
Diss' el : Senhor comprida ³
de ben, e non vos queixedes,
ca o que vos á servida
erged' olho e vee-lo-êdes.

D. Denis, apud Lang, *ibid.*, 51-52.

XII

Levantou-s' a velida, ⁴ alegre
levantou-s' alva, ⁵
e vai lavar camisas
eno alto.
Vai-las lavar alva.

Levantou-s' a louçana,
levantou-se' alva,
e vai lavar delgadas ⁶
eno alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar camisas,
levantou-s' alva;
o vento lh'as desvia
eno alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar delgadas,
levantou-s' alva;
o vento lh'as levava
eno alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lh'as desvia,
levantou-s' alva;
meteu-se alva em ira
eno alto
Vai-las lavar alva.

O vento lh'as levava,
levantou-s' alva;
meteu-s' alva em sanha,
eno alto.
Vai-las lavar alva.

D. Denis, apud Lang, *ibid.*, pág. 76.

¹ Verbo intrans., quási sempre, enganar, ser infiel.

² Cair; no perf. *caeu*, pl. *caestes*.

³ Completa, rica, perfeita. E adverbialmente — *compridamente*.

⁴ Vide atrás Canção iv.

⁵ Cedo, de manhã cedo.

⁶ Subst. fem. camisas.

XIII

Non chegou, madr', o meu amigo,
e oj' est o prazo saído,
Ai madre, moiro d'amor!

E oj' est o prazo passado,
por que mentio o perjurado.
Ai madre, moiro d'amor!

Non chegou, madr', o meu amado,
e oj' est o prazo passado.
Ai madre, moiro d'amor!

Por que mentio o desmentido
pesa-mi, pois per si é falido.¹
Ai madre, moiro d'amor!

E oj' est o prazo saído,
por que mentio o desmentido.
Ai madre, moiro d'amor!

Por que mentio o perjurado,
pesa-mi, pois mentio a seu grado.
Ai madre, moiro d'amor!

D. Denis, apud Lang, *ibid.*, 74.

XIV

Ai flores, ai flores do verde pinho,
se sabe des novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabe des novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabe des novas do meu amigo,
aque l que mentiu do que pôs comigo!
Ai Deus, e u é?

Se sabe des novas do meu amado,
aque l que mentiu do que mi á jurado!
Ai Deus, e u é?

Vós me perguntades polo voss' amigo?
E eu ben vos digo que é san' e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss' amado?
E eu ben vos digo que é viv' e sano.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san' e vivo,
E seerá vosc' ant' o prazo saído.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é viv' e sano,
e seerá vosc' ant' o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

D. Denis, apud Lang, *ibid.*, 75-76.

¹ Part. de *falir*, saltar, ser infiel, perjuro.

XV

Quer'eu en maneira de proençal
fazer agora um cantar d'amor,
e querei muit' i loar mia senhor
a que prez nem fremosura non fal,
nen bondade ; e mais vos direi en :
tanto a fez Deus comprida de bem,
que mais que todas las do mundo val.

Ca mia senhor quizo Deus fazer tal
quando a fez, que a fez sabedor
de todo bem e de mui gran valor,
e com tod' esto é mui comunal ¹
ali u deve ; er ² deu-lhi bon sen, ³
e desi non lhi fez pouco de ben
quando non quis que lh'outra foss'igual.

Ca em mia senhor nunca Deus pos mal,
mais pos i prez e beldad' e loor
e falar mui ben, e riir melhor
que outra molher ; desi é leal
muit', e por esto non sei oj' eu quem
possa compridamente no seu bem
falar, ca nom a, trá-lo seu bem, al.

D. Denis, apud Lang., 41.

XVI

Amad' e meu amigo,
Valha Deus !
Vendel-a frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu' e meu amado,
Valha Deus !
Vede-la frol do ramo
e guisade d'andar.

Vede-la frol do pinho,
Valha Deus !
Selad' o baiozinho
e guisade d'andar.

Vede-la frol do ramo,
Valha Deus !
Selad' o bel cavalo,
e guisade d'andar.

Selad' o baiozinho,
Valha Deus !
Treide-vos, ⁴ ai amigo
e guisade d'andar.

Selad' o bel cavalo.
Valha Deus !
Treide-vos, ai amado,
e guisade d'andar.

D. Denis, apud Lang., *ibid.*, 77.

¹ *Comunal*, afável, bondosa.

² Er-ar, outra vez, ainda, mais, também. É partícula de reforço derivada segundo Cornu do *re* latino. J. J. Nunes, *Comp. de Gr. Hist.*, 360.

³ Juízo, descrição. De *sensum* já explicado.

⁴ De *tragere* (por *trahere*). Ind. *trago*, *trages* ; Perf. *trouxe* e *trouve* ; Impr. *treide*. *Treide-vos* ou *treides-vinde*.

XVII

Nom me poss'eu de morte defender
 poys vejo d'amor que me quer matar
 por hũa dona; mays poys m'eu guardar
 non posso já de por dona morrer
 catarey já das donas a melhor.

D. Pedro, *Canc. Vatic.*, n.º 213.

XVIII

Dizia la fremosinha:
 ay deus, val!
 Com' estou d'amor ferida,
 ay deus, val!

Dizia la ben talhada:
 ay deus, val!
 com' estou d'amor coyada,
 ay deus, val!

Com' estou d'amor ferida
 ay deus, val!
 non ven o que ben queria,
 ay deus, val!

Co'm estou d'amor coyada
 ay deus, val!
 non ven o que mult' amava
 ay deus, val!

D. Afonso Sanches, *Canc. Vatic.*, n.º 368.

XIX

Quando, amiga, meu amigo veer
 en quanto lh'eu preguntar hu tardou
 faláde vós nas donçelas enton;
 e no sembrant', amiga, que fezer
 veeremos ben se ten no coração
 a donzela por que sempre trobou

D. Afonso Sanches, *ibid.*, n.º 367.

XX

Proençaes soem mui ben trobar
 e dizem eles que é con amôr,
 mais os que troban no tempo da flôr
 e non en outro, sei eu ben que non
 an tan gran coita no seu coração
 qual m'eu por mia senhor vejo levar.

Pero que troban e saben loar
 sas senhores o mais e o melhor
 que eles poden, são sabedor
 que os que troban, quand'a frol sazón¹
 á, e non ante, se Deos mi perdon,
 non an tal coita qual eu ei sen par,

¹ Sazon — tempo ou ocasião.

Cá os que troban e que s'alegrar
van eno tempo que ten o color
a frol consigu'e, tanto que se fôr
aquel tempo, logu'en trobar razon
non an, non viven en qual perdiçon
og'eu vivo, que pois m'á-de matar.

D. Denís, apud Lang, 44.

XXI

Cantigas de escárneo e de maldizer

Tant' é Melion pecador,
e tant' é fazedor de mal,
e tant' é un om' infernal
que eu sôo ben sabe-lor,
quanto mais posso seer,
que nunca poderá veer
a face do Nostro Senhor.

Tantos son os pecados seus,
e tan mult' é de mal talan,
que eu sôo certo, de pran,¹
quant' aquest'é, amigos meus,

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pág. 101.

que, por quanto mal en el á,
que jámais nunca veerá
en nenhun temp' a face de Deos,

E fez sempre mal e cuidou,
e jámais nunca fezo ben;
e eu sôo certo por én
d'el, que sempre en mal andou,
que nunca ja, pois assi é,
pode veer, per bôa fé,
a face do que nus comprou,

XXII

Deus, com' ora perdeu Joam Simhom!
Tres bestas non vi de maior cajon²
nen perdudas nunca tan sen razon;
ca teendo-as :ãas e vivas
e ben sangradas com sazón,³
moireron-lhi todas com olivas.

Des aquel dia en que naci
nunca bestas assi perdudas vi,
ca as fez ant'el sangrar ante si;
e ante que saissem d'aquel mes,
per com' eu a Joam Simhom oí,
com olivas moireron todas tres.

Ben as cuidára de morte guardar,
Todas tres, quando as fez sangrar;
mais avia-lh'as u dem' a levar,
pois que se par tal cajon perderon.
E Joam Simhom quer-s' ora matar
porque lhi com olivas moirerom.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, 106-107.

¹ Sinceramente, francamente

² Subst. masc. desgraça, — infortunio.

³ A tempo, na ocasião devida.

XXIII

Alvar Roiz, monteyro mayor,
sabe bem que-lhi el-rey desamor,
porque lhe dizem que he mal feytor;
na ssa terra est' é cousa certa,
ca diz que se quer hyr, et per hu for
levará cabeça descuberta.

El entende que faz elrey pesar
se lh'y na terr' aqui mais morar,
por en quer hlr sa guarida buscar,
com gran despeit' en terra deserta:
et diz que póde per hu for levar
semp'r a cabeça ben descuberta.

D. Pedro, *Canc. Vatic.* n.º 1037

XXIV ¹

Os namorados que troban d'amor
todos devian gran doo fazer,
e non tomar en si nenhum prazer,
porque perderon tam boo senhor
Com'e el-rei D. Denis de Portugal,
de que non pode dizer nenhum mal
homem, pero seja porfaçador ².

Os trovadores que pois ficaram
e no seu reino e no de Leon,
no de Castela, no de Aragon
nunca pois de sa morte trobaron;
e dos jograres vos quer dizer
nunca cobraron panos nen aver,
e o seu ben muito desejaron.

Os cavaleiros e cidadãos
que deste rei aviam dinheiros,
outrosi donas e scudeiros
matar-se devian con sas mãos,
porque perderon a tan boo senhor,
de que eu posso en ben dizer sem pavor,
que non ficou dal nos cristãos.

¹ (Esta poesia têm passagens de leitura difícil, como se pode ver confrontando o texto de Monaci com o do dr. Th. Braga. Trascrevêmo-la dada a sua importância documentária).

² Zombador, escarnecedor.

E mais vos quero dizer deste rei
e dos que dele aviam ben fazer
deviam-se deste mundo a perder
quando ele morreu, perquanto eu vi e sei ;
ca ele foi rei assás mui prestador
e saboroso, e damor trovador,
todo seu ben dizer non poderei.

Mais tanto me quero confortar
en seu neto, que o vai semelhar
en fazer feitos de mui sablo rei.

De « Jeham, jogar morador em Leon ». *Canc. Vatic.*, n.º 708.

XXV

Lais de Leonoreta ¹

Senhor genta, ²
mi (n), tormenta
voss'amor en guisa tal
que, tormenta
que eu senta
Outra non m'é ben nem mal,
mais la vossa m'é mortal.

Leonoreta,
fin roseta. ³
bela sobre toda fror
fin roseta
non me meta
en tal coita vosso amor !

Dos que vejo
non desejo
outra senhor se vos non.
E desejo
tan sobejo
mataria um leon,
senhor do meu coraçon !

Leonoreta,
fin roseta
bela sobre toda fror,
fin roseta
no me meta
en tal coita vosso amor !

¹ O texto no *Canc. Colocci—Branc.* vem a págs. 103-104 e no *Amadis* ed. Rivadeneyra, L. II, c. XI, 134. A leitura e interpretação é da Sr.^a D. Carolina Michaëlis. Confronte-se com a do Dr. Th. Braga na *Hist. da Lit. Portug. Idade-Média*, 284.

² Senhora gentil.

³ Bela, delicada ou mimosa rósinha. *Fin* adj. apocopado de *fino*, e não *sin* de *sine* = sem, como lê Th. Braga.

Mha ventura
 en loucura
 me meteu de vos amar.
 E' loucura
 que me dura
 que me non poss'en quitar.
 Al fremosa sen par!

Leonoreta,
 fin roseta,
 bela sobre toda fror,
 fin roseta
 non me meta
 en tal coita vosso amor!

João Lobeira.

PROSA

XXVI

Lenda do rei Leir

Quando foi morto rrey Baldue o voador rreynou seu filho que ouve nome Leyr. E este rrey Leyr nom ouve filho, mas ouve tres filhas muy fermosas e amavaas muito. E hum dia ouve sas rrazões com ellas e disselhes que lhe dissessem verdade qual dellas o amava mais. Disse a mayor que nom auia cousa no mundo que tanto amasse como elle, e disse a outra que o amava tanto como ssy meesma, e disse a terçeyra, que era a meor, qae o amava tanto como deve d'amar filha a padre. E elle quialhe mall porem, e por esto nom lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Escócia, ¹ e nom curou da meor. Mas ella por sa ventuira casousse melhor que nenhuma das outras, ca se pagou della elrrey de França e filhoua por molher. E depois seu padre della em sa velhiçe filharomlhe seus gemrros a terra e foy malladamte, ² e ouue a tornar aa merçee delrrey de França e de sa filha a meor a que nom quis dar parte do rreyno. E elles receberomno myn bem e deromlhe todas as cousas que lhe foram mester e homrraromno mentre foy vivo e morreu em seu poder. E depois se combateo elrrey de França com ambos os cunhadoss de sua molher, e tolheelhos a terra. Morreo elrrey de França e nom leixou filho vivo. E os outros dous a que tolhera a terra ouverom senhos ³ filhos e apoderarromsse da terra toda, e prenderam aa tya, molher que fora delrrey de França, e meterompa em huume carçer e alli fezerom morrer.

De « Os livros de linhagens », P. M. H., *Scriptores*, 1, 238.

¹ No original *Tostia*, o que parece indicar erro de leitura segundo D. Carolina Michaëlis — *Rev. Lus.*, VIII, 221.

² Malladamte — malandante, infeliz, sem ventura, por opposição a *benandante* — feliz, venturoso.

³ Pron. indef. — um a cada um, a cada qual o seu.

XXVII

Lenda da Dama Pé-de-Cabra

... Dom Diego Lopez era mui bo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atendendo quando verria o porco, ouydo cantar muyta alta voz huuma molher em çyma de huuma pena: e el foy pera lá e vioa seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorouse logo della muy fortemente e preguntoulhe quem era: e ella lhe disse que era huuma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher d'alto linhagem que casaria com ella se ella quisesse, ca elle era senhor daquella terra toda: e ella lhe disse que o faria se lhe promettesse que numca see santificasse, e elle lho outorgou, e ella foisse logo com elle. Esta dona era muy fermosa e muy bem feita em todo seu corpo saluando ¹ que auia hum pee forçado como pee de cabra. E viuerom gram tempo e ouuerom dous filhos, e hum ouue nome Enheguez Guerra, e a outra foy molher e ouue nome dona...

E quando comiam de suum ² dom Diego Lopez e saa molher asseemtana ell apar de ssy o filho, e ella asseemtana apar de ssy a filha da outra parte. E hum dia foi elle a seu monte e matou hum porco muy grande e trouxeo pera sa casa, e poseo ante sy hu sia ³ comendo com saa molher e com seus filhos: e lançaram hum osso da mesa e veerom a pellejar hum alaão e huuma podemga sobrelle em tal maneyra que a podemga trauou ao alaão em a garganta e mateuo. E dom Diego Lopez quando este vyo teueo por mi llagre esynousse e disse «samta Maria vall, quem vio numca tall cousa!» E saa molher quando o vyo sinar lançou mão na filha e no filho, e dom Diego Lopez trauou do filho e nom lho quis leixar filhar; e ella rrecudio com a filha por huuma freesta do paaço e foyse pera as montauhas em guisa que a nom virom mais nem a filha.

De «Os livros de linhagens» *P. M. H. Scriptores*, I, 258-259.

XXVIII

Uma aventura de D. Ramiro ou Lenda de Gaia

Este he o linhagem dos mui nobres e muy honrados ricos-homens, e filhos-dalgo da Maya, em como elles vem directamente do muito alto e muy nobre rey D. Ramiro; e este rey D. Ramiro sêve casado com huma rainha, e fege nella rey D. Ordonho; e pois lha filhou rey Abencadão que era mouro, e foilha filhar em Salvaterra no logo que chamão Myer; entom era rey Ramiro nas Asturias; e quando Abencadão tornou adusea ⁴ para Gaya, que era seu castello, e quando veo rey Ramiro não achou a sa molher e pesou-lhe ende muito, e enviou por seu filho D. Ordonho e por seus vassallos, e fretou saas naves, e meteuce em ellas, e veyo aportar a Sanhoane da Furada; e pois que a nave entrou pela foz cobrioa de panos verdes, em tal guiza que cuidassem que eram ramos, cá entonce Douro era cuberto de huuma parte e da outra darvores; e esse rey

¹ Excepto que...

² *Suum, suun, sun, de...*, conjuntamente.

³ Impf. de seer, estar. Perf. seve. Cfr. J. J. Nunes, *Crest. Arc.*, cxxxii.

⁴ Arc. *Aduzer*, trazer, conduzir.

Ramiro vestiose em panos do veieto,¹ e levou consigo sa espada, e seu corno, e falou com seu filho e com os seus vassalos que quando ouvissem o seu corno que todos lhe acorressem, e que todos jovecem pela ribeira per antre as arvores, fóra poucos que ficassem na nave para mantela, e el foice estar a huma fonte que estava perto do castello; e Abencadão era fóra do castello, e fora correr seu monte contra Alfão; e huma donzella que servia a rainha levantouce pela menha que lhe fosse pela agoa para as mãos; e aquella donzella havia nome Ortiga; e ella na fonte achou iazendo rey Ramiro, e nom o conheceo, e el pediu-lhe dagoa pela aravia,² e ella deu-lha por hum acetre,³ e el meteu hum camafeo na boca, o qual camafeo havia partido com sa mulher a rainha pela meidade; el deuse a beber, e deitou o anel no acetre, e a donzella foice, e deo agoa a rainha, e cahio-lhe o anel na mão, e conheceo ella logo: a rainha perguntou quem achara na fonte; ella respondeu que não era hi ninguem: ella dice que mentia, e que lhe non negace, ca lhe faria por ende bem, e mercê; e a donzella lhe diase entom que achara hum mouro deente e lazarado, e que lhe pedira d'agoa que bebece, e ella que lha dera; e entonce lhe disse a rainha que lhe fosse por el, e se hi o achasse que lho adusesse.

A donzella foi per el, e dicelhe ca lhe mandava dizer a rainha que fosse a ella; e entonces Rey Ramiro foise com ella; e el entrando pela porta do paço conheceo-o a rainha, e dice-lhe

— «Rey Ramiro quem te aduse aqui?»

E el lhe respondeu

— «cá o teu amor»

e ella lhe dice que vinha a morrer, e elle lhe responden, ca pequena maravilha, e ella dice á donzella que o metese na camara, e que lhe não desse que comese nem que bebece; e a donzella pensou del sem mandado da rainha; e el jazendo na camara chegou Abencadão e deraolhe que jantace, e depois de jantar disse a rainha

— «se tu aqui tivesses rey Ramiro, que lhe farias?»

O mouro então respondeu — «o que el a mi faria: matálo.»

Então a rainha chamou Ortiga que o adusesse da camara, e ella assim o fez, e adoseo ante o mouro, e o mouro lhe disse

— «es tu rey Ramiro?», e elle respondeo

— «eu sou», e o mouro lhe perguntou

— «a que vieste aqui?» elrey Ramiro lhe disse entom

— «vim ver minha mulher que me filhaste a torto⁴; ca tu havias comigo treguas, e nom me catava de ti:» e o mouro lhe disse

— «vieste a morrer; mas quero perguntar; se me tiveces em Mier que morte me darias?»

Elrey Ramiro era muito faminto e respondeolhe assim

— «eu te daria um capão assado e huma regueifa, e fariate tudo comer, e darteia em cima ũa copa cheia de vinho que bebesses: em cima abrira portas do meu curral, e faria chamar todas as minhas gentes, que viessem ver como morrias, e fariate sobir a um padrão,⁵ e fariate tanger o corno, até que te hi abice o folego.

Então respondeo Abencadão.

— «essa morte te quero eu dar.»

¹ Subs. masc., mendigo pedinte.

² Na linguagem de mouro, empregada pelos mouros.

³ O original traz *antre*, termo desconhecido talvez em lugar de *acetre*, que aparece noutra recensão e significa o vaso de dar agua ás mãos.

⁴ Que me roubaste injustamente, com violencia.

⁵ Torre ou ponto elevado.

E fez abrir os curraes, e fezeo sobir em hum padrão que hi entom estava; e começou rey Ramiro entom seu corno tanger, e começou chamar sua gente pelo corno que lhe acorressem, cá agora havia tempo; e o filho como ouviu, acorreolhe com seus vassalos, e meterãose pela porta do castello, e el deceuse do padrom adonde estava, e veyo contra 1 elles, e tirou sa espada da bainha, e descabeçando até o menor mouro que havia em toda Gaya, andarão todos á espada, e nom ficou em essa villa de Gaya pedra sobre pedra, que tudo não fosse em terra; e filhou rey Ramiro sa mulher com sas donzellas, e quando haver ahi achou e meteu na nave, e quando forão a foz d'Ancora amarrarão as barcas, e comerão hi e folgarão, e D. Ramyro deitouce a dormir no regaço da rainha, e a rainha filhouce a chorar, e as lagrimas d'ella caerão a D. Ramiro pelo rosto, e el espertouce, e diselhe, porque chorava, e ella dise-lhe

— « choro por o mui boim mouro que mataste ».

e então o filho que andava hi na nave ouviu aquella palavra que sa madre dissera, e disse ao padre

— « padre não levemos connosco mais o demo. »

Entom rey Ramiro filhou uma mó que trazia na nave, e ligoulha na garganta, e anchorouha no mar, e dês aquella hora chamarão hi Foz d'Ancora. Este Ramiro foice a Meyer e fez sa corte, e contoulhe tudo como lhe acaecera, e entom baptizou Ortiga, e casou com ella, e louvoulho toda sa corte muito, e posihe nome D. Aldar., e fege nella hum filho e quando nasceo posihe o padre o nome Albozar, e disse entom o padre, que lhe punha este nome porque seria padre o Senhor de muito boa fidalguia; e morreo rey D. Ramiro. Deus lhe aya saude a alma, requiescat in pace.

De « Os livros de linhagens », *Ibid.*, 180-181.

XXIX

Demanda do Santo Graal

Vespera de pinticoste foy grande gente assunada ² em Camaalot, asi que podera homem hi ueer muy gram gente, mujtos caualeyros. E mujtas donas muy bem guisadas. El rey, que era ende muy ledo, horrou os mujto e ffezeos mui bem servir. E toda rem, que entendeo, por que aquella corte seeria mais uiçosa e mais leda, todo o fez fazer. Aquel dia que uos eu digo, directamente quando querriam poer as messas, esto era ora de noa, aueo ³ que hũa donzela chegou hi, mui fremosa e muy bem uestida; e entrou no paço a pee como mandadeira ⁴. Ella começou a catar de hũa parte e da outra pello paço; e perguntanamna, que demandaua.

— « Eu demando, disse ella, por dom Lançarot do lago; he aqui? »

— « Si donzella, disse hũa caualleiro. Veede llo; sta aaquella freesta allando com dom Gualuam »; ella foe logo para el e salouo.

Elle tanto que a uio, recebeoa muy bem e abraçoua; ca aquella era hũa das donzellas, que morauam na jnsoa da lediça, ⁵ que a filha Amida del rei Pelles amaua mais que donzella da sua companha.

¹ Na direcção de...

² Partic. de *assunar*, junta, reunida.

³ Aconteceo, *avêir*, *avir*.

⁴ Como se levasse mandados ou recados.

⁵ Na ilha da alegria.

Como a donzella disse a Lançelot que fosse com ella

— « Ay donzella », disse Lançelot, que ventura nos adusse aqui, que bem sey que sem razom nom uestes uos?

— Senhor, verdade he, mais rogo uos, se vos aprouguer, que uaades comigo aaquella foresta de Camaalot; e sabede, que manhã ora de comer seeredes aqui.

— Certas, donzella, dise el, muito me praz; ca theudo soom de uos fazer seruiço em todalas cousas que eu poder.

Entam pedio suas armas. E quando el rei uio, que se fazia armar, a tam gram coita foi a el co a raynha e dise lhe: como leixarnos queredes aatal festa, hu caualeyros de todo o mundo ueem aa corte, e muj mais ajnda por uos ueerem ca por al — delles por uos ueerem e delles por auerem uosa conpanha.

— Senhor, dise el, nom uou senam a esta foresta com esta donzella, que me rrogou; mais tras ora de terça seerei aqui.

Hist. dos Cavaleiros da Mesa redonda..., ed. de Karl von Reinhardstoettner.

XXX

Fabulas

O gallo e a pedra preciosa

Comta-se que hũa vez hũu guallo, andamdo em hũa caualariça escaruando por achar algũa cousa pera comer, achou hũa muy fremosa pedra preçiosa; e maravilhou-se e disse:

— O' gema preçiosa e nobilissima, a qual jazes em aueste vill luguar; tu nom fazes a mym nhũu proueyto; mais se te a ty achasse outra perssoa que conhecesse o teu nobre esplandor, tu serias posta em algũu luguar arteficioso e nobre. Certo tu nom es compridoyra a mim, nem eu a ty. Eu seria mays ledto se achasse hũa pouca de hisca pera comer, que achar ty.

Per auesta hestoria reprehende este auctor os samdeus e homões de pouco emtender, os quaes nom curam nem querem curar por a sciencia quando podem; e quando achan algũa cousa que lhe seria proueytosa, ha despreçam e non curam d'ella, e ao depois se rependem: assi que pello gualo se entende o sandeu, e pela pedra preciosa se emtende a graça da sapiemçia, a qual nom he conhecida dos samdeos, mas he conhecida dos sabedores.

XXXI

O cão e a posta de carne

Comta-se que hũa vez hũu cam furtou hũa posta de carne; e fugindo con ela passaua per hũa ponte, e memtres que passaua, guardou na augua, e vio a soombra da carne que leuaua na boca, a qual soombra parecia a elle que era duas tanta carne que aquella que elle leuaua na boca. E veemdo a soombra, deytou-se na augua, cuydamdo tomar a outra carne, e abrio a boca; e abrindo

a boca pera tomar a soombra que lhe semelhava carne, cayo-lhe a carne que levava na boca: e assy perdeu hũa e a outra.

Em aquesta hestoria ho douctor reprehende ha aquelles que leixam as cousas certas pelas jmcertas, e querem leixar as suas cousas por cobijça de cobrar as alheas, assy com fez este cam, que leixou perder a carne que levava na boca, por cobrar a soombra que lhe parecia mayor.

XXXII

O leão velho, o asno, o touro e o porco

Comta-se que hũ leom era tam velho que se nom podia mouer; e emcomtrou com hũ asno e com hũ touro e com hũ porco. Veemdo estes que o leom per velhiçe nom se podia mouer, disserom aintre sy:

— Ora he tempo que filhemos vinguança deste treedor, que matou nossos parentes e fez a muytos mal.

E ho asno lhe deu dous couçes, e o porco com os dentes e o touro com os cornos. E o leom chorava e bradava, dizendo:

— Tempo fuy que eu vemçia todas as alimalias! E ora todas as animalias vemçem a mym! E eu perdoey a muytos, e estes nom perdoam a mym!

Per esta guisa o leom ficon chorando.

Em aquesta hestoria o doctor diz que nas nossas bem auenturanças deuemos fazer muyto pera avermos amiguos e nom ymijgos, ca os boos amiguos ajudam os homēes nas suas pressas, e os emijgos fazem todo polo contrayro. Ajmda diz que o homem nom deue fazer a outrem aquello que nom queria que fosse facto a elle.

De « *O Livro do Esopo* ».

XXXIII

Um milagre de Santo Eloy

Em estes dias o piadoso e nobre rey Lotario penssou em seu coração como mandase fazer hũa seeda¹ ou cadeira real e honrradoira e bem pareçente, a qual fosse toda d'ouro fino e de pedras preciosas da qual se servise e usase honrrosamente ē algũas principaaes festas e ajunctamentos de seus povos por magnificencia de deus e honrra e excellencia de seu estado. E fallãdo seu concepto e desejo cõ algũas pessoas, nõ se achava nẽm huũ official que se atrevesse a ffazer a dicta obra segundo que elrei desejava. E seendo pera esta obra requirido o mestre ou ourivez moor delrrey, ē cuja casa pousava Elligio, nõ se estre-vẽdo o dicto mestre fazer semelhante obra assy sutil e nobre qual se requiria, disse a elrrey: « Senhor, em minha casa he huũ mançobo chamado Elligio, de muy maravilhoso engenho e subtileza e muyto comprido da arte do nosso officio

¹ *Seeda* do lat. pop. *sédita*, assento ou cadeira.

e mester, o qual peenso que fara esta obra segundo vosso desejo e vontade.» E logo Ellisio foy chamado, e veo perante elrey o qual, vendo sua perssoa e ouvido suas palavras as quaaes erã simplizes e humildes cõ hũa graciosa e prazivel compisiçom foy elle muy paguado e prazente del. Porem lhe disse: «Ellisio, farneas tu hũa tal obra?». E o virtuoso mançobo respondeo: «Senhor, eu me confio ã deus que m'ẽsignara eni isso fazer todo vosso conceito e desejo.» E seendo elrrey muy allegre e prazente da sua resposta, logo lhe mãdou dar grande quãtidade douro segundo a obra que el quiria e elle pedisse, ho qual requereo que lhe fosse dado per peso e toque. Finalmente Elligio começou aquella obra em nome de deus. A qual acabou em muy breve tempo; e pesou a cadeira, e esguardou ¹ no ouro que sobejava, e consiron ² que joya faria a elrrey cõ que elle fosse mais prazẽte e penssou ã lhe fazer hũa sella real. Empero ³ parecialhe que no abundaria aquel ouro que sobejara da cadeira pera a sella que ellẽ quiria fazer. Empero cõ a ajuda de deus a começou e acabou em sua perfeiçõ. E ffez cadeira e sella ambas de ygual peso d'ouro. Assim que cada hũa pesava tanto como el recebera pera a cadeira. A qual cousa sem duvida quis o senhor deus assy fazer por tal que se conheçesse o sseu servo segundo a sua virtude.

De *A Lenda de Santo Eloy*, in *Instituto*, vol. 47.

XXXIV

Retrato moral e fisico de Santo Eloy

E veendo o piadoso e nobre rey tãta virtude ã o sancto barom, cõ prazer lhe dava muy arõdosa ⁴ e larguamente de seus thesouros, conheçendo que elle era fiel dispenseiro e muy sages ⁵ e caridoso esmoller. Oo se *vir* [i] as o sancto homẽ muytas vezes sahir de sua casa, o qual assy aguardavam aa sua porta, e outrosy os luguares per hu sabiam que ell avia d'ir, como fazem os mininos aos que fazem alguũs jogos ou dam paun por deus a todos: assy o sancto barom, vendoos assy, se allegrava como sooe ⁶ a fazer aquel que se alegra quando acha a cousa que muyto ama e avia perdida. E dessy dava a cada huũ sua esmolla ordenadamente, assy como se sooe a dar bollos e fruyta ou outras viandas ã os vodos hu se nõ negua o que he ordenado a todos. Muytas vezes eram tãtos que nõ os podiam abastar os dinheirros que o sancto de deus Elligio trazia ã seu bolso ordenadamẽte, e nõ em pouca quantidade, o por tal que nem huũ se partise del sem esmolla e caridade, elle dava todas outras cousas de seu uso atee çinta. E assi virias o sancto de deus hir esbulhado sem saya e sem çinta çingido cõ huũ pedaço de baraçõ ou de jũcos. E assy se hiia ao paaço, nõ esguardando como hiia; ea nõ por isso ho nãiam nõ escarneçiam os que o viam como se sooe a fazer aos que assy voom aparelhados como bragantes e tafuis ⁷; antes eram todos provocados e amoadados por esto aa compaixom dos pobres e louvavam a deus em o sseu servo, conhecẽdo a ssua grande virtude. E muytas vezes o rey e alguns outros Senhores cõ gram prazer lhe davã logo suas vestiduras e dinheirros que destribuisse cõ os pobres.

¹ Olhou com atenção, cuidadosamente.

² Considerou.

³ Todavia.

⁴ Abundante.

⁵ Sabio, prudente.

⁶ Como costuma. Do lat. *solet*.

⁷ Como libertinos e sem vergonha.

E tanto crecia a fama do sancto homẽ que em muitas partes assy preto como longe fallavam da sua sanctidade. E porquanto a cãdea, segundo diz o senhor, se nõ pode scõder que nõ alomee os que som em a casa, porẽ começou o sancto de deus Elligio resplandeçer per millagres, querendo o senhor deus em elle mostrar a sua virtude. E por se conheçer quejando era na alma, pos deus em elle tanta fremosfera e composiçom de fora que quẽ o visse, poderia julgar quẽ era. E esta era sua forma: d'estatura era comprido, a face fremosentada de hũa temperada ruyveza ou collor, os cabellos fremosos, as mãos hunestas e os dedos compridos, ho vulto angellico e a vista simplez e honesta; ho uso das suas vestiduras acostumadas era sempre tal que nõ era de preço, nõ muy desprazivel, mas de huũ bõo modo tẽperado e honesto assy que a todos os que o viiam, era precioso exemplo de honestidade e temperança.

Tanto era prazente e gracioso que assy os grandes como os meãos e pequenos ho amavam muyto. E o piadoso rey sobre todos se dileitava e allegrava cõ el em tal guisa que muitas vezes, leyxando a companhia dos grandes homẽs e dos prelados e grandes saybhos, apartavase soo cõ elle e fallava do bẽ e consollaçom da alma.

De A Lenda de Santo Eloy, ibid.

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente à Escola dos Poetas palacianos e dos Cronistas

I

Monarcas portugueses

D. João I.	1385-1433
D. Duarte	1433-1438
D. Afonso V.	1438-1481
D. João II	1481-1495
D. Manoel	1495-1521

II

Sincronismo político e social

- 1400 — Origem da casa dos Medicis em Florença.
- 1414-1418 — Concílio de Constança aberto por João xxiii e encerrado por Martinho v, no qual João Huss e Jerónimo de Praga fôram condemnados e entregues ao braço secular, que os mandou queimar (1414).
- 1428-1431 — Aparecimento, façanhas e suplício de Joana d'Arc.
- 1453 — Tomada de Constantinopla pelos Turcos.
- 1456 — Invenção da Imprensa.
- 1487 — Estabelecimento da Inquisição em Castela.
- 1492 — Tomada de Granada pelos reis católicos Fernando e Isabel e expulsão definitiva dos árabes de Espanha. Descobrimento do Novo-Mundo por Cristovão Colombo.
- 1513 — Princípio do pontificado de Lião x.
- 1516 — Subida de Carlos v ao trono de Espanha.
- 1517 — Primeiras pregações de Lutero.
- 1519 — Fernão de Magalhães, o imortal navegante realiza a 1.ª viagem de circumnavegação em volta do globo. [Vid. Simões Baião — *Arch. Hist. Portug.*, II, 321].

III

Sincronismo literário

ESPANHA

ÍÑIGO LÓPEZ DE MENDOZA, Marquês de Santillana (1398-1458); das suas obras interessa-nos conhecer sobretudo a carta intitulada *Prohemio*, que versa sobre a poesia provençal e é dirigida a D. Pedro, Condestável de Portugal e filho do infante D. Pedro, Duque de Coimbra.

JUAN DE MENA (1411-1456) autor do poema alegórico *Labirinto*, que pela exuberância da sua imaginação, beleza dos seus versos de arte maior e ardente patriotismo exerceu grande influência, entre outros, sobre o Condestável D. Pedro, nas *Coplas*.

JORGE MANRIQUE (1440-1478) que escreveu poésias á maneira provençal merecendo aqui citar-se as quarenta e três estrofes que intitulou: *Coplas de Jorge Manrique por la muerte de su padre*, que bastariam a ganhar-lhe a immortalidade.

GARCIA ORDÓÑEZ DE MONTALVO, que em 1452 traduziu, adaptando-o, o *Amadis de Gaula* do nosso João de Lobeira. (Vid. n.º 30).

Como pertencente a esta época, que corresponde a D. João II (1419-1454), devemos ainda citar o *Cancionero de Baena*, que compreende versos duns sessenta poetas do tempo daquele monarca espanhol. A este grupo pertence o lendário *Macias*, *El enamorado*, morto ás mãos dum marido ciumento na ocasião em que cantava a sua platónica paixão. Macias é repetidas vezes lembrado na literatura peninsular.

FRANÇA

VILLON (1431-1484) poeta satirico, que deixou no *Petit Testament* e no *Grand Testament* um retrato fiel da época em que viveu.

FROISSART (1337-1410) funda o género histórico, já tentado por Villehardouin († 1213) e Joinville († 1317). Nas suas *Crónicas de França, Inglaterra, Escócia, Espanha, Bretanha, Gasconha, Flandres e outros logares* faz, sobretudo, menção das guerras entre a França e a Inglaterra. Froissart muitas vezes se compara com o nosso Fernão Lopes.

ITÁLIA

LOURENÇO DE MÉDICIS (1448-1492) o *Magnifico*, célebre ditador de Florença, a quem se deve uma parte importantissima no despertar da poesia nacional, poeta lirico muito notável, imitador distincto de Petrarca, autor da *Selve de Amore*, dos *Poemeti*, e dos *Canti Carnavaleschi e Beoni*.

ANGELO POLICIANO (1454-1494) preceptor dos filhos de Lourenço de Médicis e um dos espiritos mais brilhantes da sua corte, humanista muito citado, autor do drama *Orpheu*, de *Epigramas* e *Epistolas*, escritas em grego, e da *Conjuração dos Pazzi*, em latim. Foi admirador do nosso monarca D. João II, a quem dirigiu algumas cartas. [Fôram trad. por Epiphanyo da Silva Dias e publicadas por Th. Braga, no vol. *Poetas Palacianos*, Porto, 1871, pág. 299 e seg.].

INGLATERRA

É dominada pelo ciclo de Artus, comunicado a Portugal pelo casamento de D. Felipa de Lencastre com D. João I.

ALEMANHA

Continuam os *Meistersingers* a cultivar a poesia popular, sendo o maior poeta desta época **BRANT** ou **BRANDT** (1458-1521), autor do poema *Barca dos Loucos*.

CAPÍTULO II

Escola dos Poetas palacianos e dos Cronistas

(1385-1521)

Sumário: 32. Caractéres gerais dêste período. — 33. Invenção da imprensa; seu início em Portugal. — 34. Estudo da poesia. — 35. Garcia de Resende. — 36. Cancioneiro geral. — 37. Influência espanhola. — 38. Condestável D. Pedro. — 39. D. Duarte. — 40 D. Pedro, Duque de Coimbra. — 41. Aparecimento da História. — 42. Fernão Lopes. — 43. Gomes Eanes de Zurara. — 44. Rui de Pina. — 45. Autores de biografias.

32.—Caractéres gerais dêste período. O empenho de consolidar a monarquia e de alargar os seus domínios, absorvendo a atenção dos primeiros monarcas portugueses, mal podia permitir que êles se entregassem ao cultivo da vida literária. Esta veio com a pacificação geral do país e quem a inaugurou foi o justamente egnominado *Rei trovador*.

O impulso dado ás letras por D. Denis derivou não só dos seus trabalhos pessoais, mas ainda da fundação da Universidade. A data de 129), ano des-a fundação, é memorável na história portuguesa. É o início duma instituição gloriosa que tantos filhos ilustres veio a dar á pátria. Até áquele tempo os estudos, muito restritos, limitavam-se ás escolas criadas pelos bispos junto dos mosteiros. Sabe-se que durante a idade média fôram êstes institutos a única salvaguarda da ciência. Em Portugal succedeu o mesmo que no resto da Europa. A primeira escola que houve em Coimbra foi instituida logo no reinado do Conde D. Henrique, pai do nosso primeiro monarca, pelo primeiro bispo daquela cidade D. Paterno ¹. Fôram também os prelados, abades e reitores de vários mosteiros e igrejas que se encarregaram de dotar com os rendimentos e bens, que lhes pertenciam, o *Estudo Geral*, que D. Denis resolvera fundar em Lisboa pelo diploma régio de 1 de março de 1290, *guarnecendo-o com abundância de doutores*

¹ Vid. Francisco Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio sobre a história literária de Portugal*, pág. 85 e seg.

em todas as artes e vigorizando-o com muitos privilégios ¹, e logo nêle se começou a ensinar o direito canónico, a medicina, a dialéctica e a gramática ². Este impulso não se perdeu. O último quartel do séc. XIV e o séc. XV representam um período de grande importância política para Portugal e simultaneamente de grande desenvolvimento intelectual.

Basta atentar na série dos monarcas deste período: — D. João I, cujo reinado marca talvez a época mais brilhante da história de Portugal, sem exceptuar a do próprio D. Manuel, e êle mesmo cultor das letras como adeante veremos. D. Duarte é o mestre de prosa que se sabe.

D. Afonso V, que tam felizmente ampliou as conquistas dos portugueses e ao tempo de quem remonta o nosso mais antigo código administrativo, civil e penal — as *Ordenações Afonsinas* (1446) ³, foi dos monarcas mais afeiçoados ás letras sendo, como escreve Rui de Pina, «o primeiro Rey destes Reynos que ajuntou boës livros e fez livraria em seus paços». D. João II foi justamente cognominado o *Príncipe Perfeito*. D. Manuel mandou uma frota em demanda das terras do Oriente em momento tam feliz, que Vasco da Gama descobriu o novo caminho marítimo para a India (1497-9) ⁴. Que mais era preciso para uma efervescência literária despontar em pujantes promessas?

O mestre de Aviz subindo ao trono pela fôrça do povo firmou a independência da nação e preparou os portugueses para o commitmentto de empresas épicas e gloriosas. O seu casamento com D. Felipa

¹ Dr. António de Vasconcelos, *Um documento precioso in-Rev. da Univ. de Coimbra*, I, 363.

² Sobre a história da Universidade de Coimbra consulte-se: Francisco Leitão Ferreira *Noticias chrón. da Universidade de Coimbra*; o *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra*, 1772; Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a hist. do Gov. e da legisl. de Portug.*; Francisco Freire de Carvalho, *Primeiro ensaio sobre a história literária de Portugal*; Th. Braga, *Hist. da Univ. de Coimbra*, I, 1289-1555; II, 1556-1699; III, 1700-1800; IV, 1801-1872; Lisboa, 1892-1902, 4 vols

³ Fôram concluídas e publicadas em 1446 em nome de D. Afonso V sendo regente o infante D. Pedro. Cfr. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a história do governo e da legislação em Portugal*, Coimbra, 1887, pág. 118.

⁴ Foi D. João II quem em 1486 confiou a Bartolomeu Dias a empresa de colher informações do misterioso *Preste João*. Uma tempestade arrojou-o para além do *Cabo Tormentoso*. Vasco da Gama saio de Lisboa a 8 de julho de 1497 do sítio do Restelo, em Belem, comandando as três náos — *S. Gabriel*, *S. Rafael* e *Bérrio*, além doutra com mantimentos. Transposto o Cabo e depois de tocar em Moçambique e Melinde viajou para o Oriente avistando a desejada terra a 17 de maio de 1498. Dias depois aportava a Calecut, na costa do Malabar

Das viagens dos portugueses ficaram Roteiros, dos quais é autor D. João de Castro, trabalho a que com elogio se refere Barros (Dec. 2.º e 1.º do L. 8.º) e que só se tornou conhecido quase 3 séculos depois — pelo Dr. António Na-

de Lencastre deu ao país uma geração de heróis — D. Henrique o Navegador, D. Duarte o Sábio, que lhe sucedeu, D. Fernando o Santo, que a morte surpreendeu no cativeiro de Fez, e D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reino. O seu glorioso reinado preparou a vinda de escriptores como Fernão Lopes, Zurara, Pina, etc.

Desta *inclita* geração D. Duarte foi um letrado insigne, e D. Henrique pelo seu espírito empreendedor deu alento ás conquistas e descobertas, que tanto engrandeceram Portugal. A Universidade encontrou neste último um zeloso amigo e protector ¹. Elle lhe doou edificio próprio onde os estudos se fôram realizando até o reinado de D. Manoel, bem como dotou com pensão certa a cadeira de prima de Teologia.

Pode, pois, dizer-se que os quatro monarcas desta época são beneméritos da pátria e da civilização.

33 — Invenção da Imprensa. Seu início em Portugal. Quem foi o inventor da imprensa? Esse título caberá áquele que primeiramente se serviu de caractéres móveis e imaginou operar a tiragem do texto assim composto por meio duma prensa. Poderemos nós dizer quem foi? é impossivel, hoje, responder com absoluta segurança. A discussão está circunscrita a João Gutenberg e a Lourenço Coster. A obra impressa mais antiga parece ser o *Speculum humanae salvationis*, anterior a 1450, devida a Coster, ao passo que

nes de Carvalho — *Roteiro em que se contém a viagem que fizeram os Port. no ano de 1541 partindo da nobre cidade de Goa até Suez...* Paris, 1833.

O 2.º Roteiro é o de Goa a Dio, viagem de 1538 e 1539: *Primeiro Roteiro da Costa da India desde Goa a Dio narrando a viagem que fez o Vice-Rei D. Garcia de Noronha...* por D. João de Castro, segundo Mss autógrafo publ. por Diogo Kopke, Porto, 1843; 2.ª ed. em 1861 por A. Herculano e Barão do Castelo de Paiva.

E ainda 3.º — *Roteiro de Lisboa a Goa anotado*, por J. de Andrade Corvo. Lisboa, 1882. Cfr. Inoc., *Dic. Bibl.* III, 345 e x, 213.

Nomeemos nesta ordem de trabalhos: *Livro de Marinharia...*, de João de Lisboa, publ. por Brito Rebelo em 1903, e *Esmeraldo De situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira, em ed. crítica de Epiphânio Dias de 1905.

¹ Num alv. de 21 de abril de 1441 chama-se lhe *Governador* da Univ.; na Prov. de 27 de fev. de 1479 dá-se lhe o título de *Protector*, que aparece também no *Livro dos Privilégios*. Cfr o estudo do Dr. J. M. Rodrigues, *O Infante D. Henrique e a Univ. no Instituto*, xli, 485 e seg. De D. Henrique (1394-1460) citam-se — uma *Carta* a seu pai de como se fez o casamento de seu irmão D. Duarte escrita em 1428 (impressa em Soares da Silva, *Memorias*, I, 92, pág. 410 e Sousa, *Provas*, I, 515 e as notícias a que Barbosa Machado, na *Bibl.*, II, 436, chama a uma — *Conselho sobre a guerra de Africa*, e a outra — *Conselho of. a seu Pai quando partia para Tanger*. Escreveu também um trabalho em espanhol com o título *Secreto de los secretos de Astrolog.* Cfr. *Bol. de Bibliogr. portug.* I, 53-55, noticia tirada de Gallardo, II, 553. Vide também Garcia Peres, 630.

a primazia compete á
 ém de 1456. Mas mesmo que se considerasse a
 ade de Harlem, onde teria apparecido o *Speculum*,
 ascer o inventor dos caracteres móveis, convém
 nberg a de ter descoberto a prensa e aperfei-
 s processos anteriores, de modo que se êle não
 1, o verdadeiro inventor. Seja como fôr, certo
 os anos esse poderoso propulsor da civilização
 devido á iniciativa dos judeus. Até então a ra-
 norme, o seu custo fabuloso. As livrarias pos-
 los príncipes e reis representavam verdadeiros
 1. João I, D. Duarte e D. Afonso V. ¹ Muitos
 ustosa de escribas e iluminadores com precio-
 vam ciosamente escondidos e guardados, alguns
 , presos por cadeas ás estantes, como bem se
 do Dr. Mangancha de 1445 mandando que os
 sem «em hum livraria por cadeia». Mas a
 entrou em Portugal e cedo se propagou e des-
 beiro dos Santos ² faz remontar o 1.º prélo a
 de Noronha, ³ fundando-se em Rossi ⁴ biza
 a que se seguiria em 1487 uma ed. do Pen-
 d. do *Sacramental* de 1488, se é exacto o tes-
 . Carvalho ⁵. De 1489 sam as *Novellas in le-*
 Mas o mais notavel incunábulo português é de
 e a seguir *Vespasiano* de 1496, d'este ano
 e Abraham Zacuto, as *Constituições do bispado*
Evangelhos e Epistolas também de 1497, e o
ca de Kaminto de 1500.

A *Vita Christi* é tradução da obra, em latim, d'esse nome, es-
 crita por Ludolfo da Saxonia, da Ordem da Cartuxa e foi mandada
 fazer pela duqueza de Coimbra D. Izabel, 1431-1455 que veio a ser
 molher de D. Afonso V, ao monge cisterciense Fr. Bernardo de Al-
 cobaça († 1478) e saiu dos prélos em 1495 ⁷ por diligências da rainha

¹ Sousa Viterbo, *A Livraria real especialmente no reinado de D. Ma-
 noel*, Lisboa 1901, pág. 5.

² *Mem. de Lit.*, viii, p. 1.ª.

³ *O Canc. Geral*, Porto, 1871.

⁴ *Orig. Typ. hebr.*, C. iv.

⁵ Em Inoc. da Silva, *Dic. Bibl.*, II, 83.

⁶ Mendes dos Remedios, *Os judeus em Amsterdam*, 55.

⁷ Fr. Manoel do Cenáculo nas *Mem. hist. do minist. do Pulpito*, 118
 conheceu dous exes. em Lisboa, um na Bibl. dos Padres da Divina Providência,
 outro na dos Padres Franciscanos da observância da Provincia de Portugal. Ri-
 beiro dos Santos apontava oito, 4 dos quaes na provincia—do Bispo de Beja,
 Lervão, Arouca e Santa Cruz. Fr. Fortunato de S. Boaventura acrescentava

D. Leonor e de seu marido D. João II depois de estar inédita durante muitos anos.

No ano immediato imprimio-se também em Lisboa a *Estoria de muy nobre Vespesiano emperador de roma*, documento preciosissimo não só por ser o segundo livro impresso em lingoagem portugûsa, mas também de inestimável valor pelas-numerosas estampas que ilustram as suas páginas, que revelam o adeantamento que a arte tipográfica e as do desenho e gravura tinham atingido em Portugal nos fins do séc. xv.¹

Primeiro que Roma, Veneza, Sabioneta, Mântua, Cremona, Verona, Brixia, Ferrara e outras cidades de Itália, primeiro que Constantinopla e Tessalónica, muito antes da França, Inglaterra, Castela, Polónia, Holanda e a própria Alemanha, podemos orgulhar-nos de termos nós tipografia. D. Afonso v, D. Manoel, D. Sebastião concederam diversos privilégios aos livreiros, como o da isenção do pagamento dos direitos de sisa pelos livros que importassem e vendessem em Portugal. Por isso vemos que já no século xvi eram numerosas as tendas dos livreiros em Lisboa.² Pode dizer-se, pois, que a introdução da imprensa em Portugal e os acontecimentos políticos em que sobressaem as navegações arrojadas sam um inicio feliz dessa idade que já se pressentia — o *Renascimento*.

POESIA

34. — Estudo da poesia. Os documentos por onde melhor podemos avaliar o estado das letras em Portugal no periodo que se denomina *Escola dos Poetas palacianos*, têm como fonte principal o *Cancioneiro* organizado por Garcia de Resende, o qual fecha o ciclo dos cancioneros medievais e que na história da nossa literatura é conhecido pelo nome de *Cancioneiro Geral*.

35. — GARCIA DE RESENDE. (por 1470-1536). É indispensável começar por traçar, embora de forma muito rápida, a biografia de Garcia de Resende³, para se comprehender como foi orga-

mais um — o segundo de Arouca, mandado para a Livr. de Alcobaça. Cfr. *Hist. cron. e cul. de Alcobaça*, 79-83. Descrição por A. Ribeiro dos Santos, *Mem. da Lit. Portug.* viii, 55; A. Carvalho, *Os incunábulo da Bibl. Publ. do Porto*, 73; Dr. Simões de Castro, *Bol. da Bibl. da Univ. de Coimbra*, i, 473; Inoc. Dic. *Port.* a. v. Bernardo de Alcobaça; José dos Santos, *Bibl. da Lit. Cl.* 1917, 115.

¹ F. M. Esteves Pereira, *Hist. de Vespas.*, cit.

² Souza Viterbo, *Literaria Real.*, 1905, 5.

³ Com a mestria habitual o sr. Braacamp Freire occupou-se de Resende no vol. *Cron. e História*, Lisboa, 1910, págs. 28-95.

seu Cancioneiro Geral. Resende era Moço da escrevaninha ou secretário de D. João II, cargo em que se houve de tal modo afeição do monarca, que depois também de D. Manoel. De quanto o estimava, folgava D. João II sempre que se oferecia ocasião ou para escrever. Assim « ao Moço da Escrevaninha compete emquanto D. João II escrevia, uma penna substituir aquella de que elle se estava servindo » ¹.

E decerto, a afeição que o monarca tinha por Resende, os incitamentos com que aplaudiu o seu trabalho, os motivos principais que concorreram para a produção das numerosas trovas que formam o Cancioneiro do poeta, Resende distinguia-se também pela sua versificação, de debuxador e tocava, compunha musicas. Referindo-se a estas aptidões várias escrevi-

E Garcia de Resende,
Feito peixe tamboril
e inda que tudo entende,
Irá dizendo por ende,
Quem me dera um arrab

E outro contemporâneo, o poeta D. Francisco

O redondo do Resende ²
Bem m'entende
Tunje e conta muito ben
E achucara alquem
Se com isto não se offen

O alto conceito que d'ele fazia o Rei, e a honra que d'ele fez para secretário da magnífica embaixada de D. João III a Portugal, são prova da estima em que o monarca o tinha.

¹ Sr. Braacamp Freire, *Crítica e Historia*, pág. 35.

² Cfr. a minha ed. das *Obras* de Gil Vicente, I, 233.

³ Alusão á descomunal gordura do poeta que deu têma a tantos apólogos dos seus contemporâneos. Cfr. ed. Dr. G. Guimarães, IV, 375.

a Cunha, em 1514, quando era

Resende a *Vida e feitos de D.*
va como mezquinha collecção de
lgumas páginas como o suplicio
ssínio doutro (D. Diogo) ⁵, e o
parece envenenado (D. João II).
na maior parte a crónica do

o servilmente das mesmas con-
cepções, idéas e pensamentos, e até das próprias palavras acrescen-
tando, apenas, aqui e além alguns factos próprios ⁶. Deve porém
dizer-se, que a crónica está escrita com singelesa e oferece leitura a
que não é estranho certo gosto e encanto, dando-nos noticia de «usos,
costumes, trajos, cerimoniaes, trechos de conversações, noticias de
relações sociais e muitas outras informações interessantes, incluindo
as anedotas, que nos revelam em parte o modo de viver da gente
portuguesa daqueles tempos» ⁷. E' também interessante a *Miscelanea
e variedade de historias* ⁸, espécie de crónica rimada dos factos
mais notáveis da sua época. De maneira que não sendo insigne, diz
a Sr.^a D. Carolina Michaëlis, em nenhuma especialidade, a critica
moderna fez justiça aos serviços importantes que prestou á pátria e
ao seu espirito enciclopédico de músico, desenhador, poeta e histo-
riador ⁹. Mas o principal merecimento de Resende resulta de ter sido
o colecionador do

36. — Cancioneiro Geral. Foi este cancioneiro publicado
pela primeira vez, em 1516 com o seguinte titulo: *Cancioneiro
gerall... ordenado e emendado por Garcia de Resende...* Come-

¹ Vid. Salvatore de Ciutiis, *Une ambassade portugaise à Rome au XVI^e siècle*, Naples, 1899.

² A 1.^a ed., hoje raríssima, é de 1515. Há uma ed. da Imp. da Univ. de Coimbra de 1793 com o titulo *Chr. dos valerosos e insignes feitos d'el-rei D. João II*, bastante errada, especialmente na *Miscelanea*.

³ *Opúsculos*, v, 27.

⁴ D. Fernando, 3.^o duque de Bragança, que subiu ao cadafalso em Évora, em 1483.

⁵ D. Diogo, duque de Viseu, que foi assassinado pelo próprio rei D. João II.

⁶ Vid. Garcia de Resende, *excerptos seguidos duma noticia sobre sua vida e obras*. E' o vol. III da *Livraria Classica dos Castilhos*.

⁷ Br. Braacamp Freire, *Crítica e Historia*, pág. 30.

⁸ Vol. IIX dos *novos Subsidios*, Coimbra, 1917, reproduzindo fielmente a ed. príncipe, que é de 1554.

⁹ *Estudos sobre o romancero peninsular*, pág. 260.

ramente (182 págs.) e parte do ix (50 págs.), e António Feliciano de Castilho, *Garcia de Resende. excerptos...*, Rio de Jan., 1865, 1 v.

¹ Várias vezes impresso. Logo em 1514 teve nova ed. Reimpr. em 1882 pela «Soc. de Bibliófilos» teve em 1904 reprod. fac-simile de milionário Her-
setington.

Principia o debate e nêle tomam parte, usando já do espanhol, já do português, dez poetas ¹, cujo ídolo troca, por fim, as fantasias dos seus admiradores na maior parte, de resto, casados, pela realidade do casamento com um provinciano beirão. Acabado êste debate palaciano que enche catorze folhas do Cancioneiro seguem-se poesias amorosas, satíricas, epigramáticas, roçando algumas por uma vivacidade de imagens atrevidas e até grossciras, o que explica que a inquisição no seu índice expurgatório de 1624 as trancasse em muitos lugares. Foi o que succedeu ás poesias do coudel-mór Fernam da Silveira altamente ofensivas do decoro.

O que mais chama a atenção dêste Cancioneiro, escreve Menéndez y Pelayo, não é a diferença de línguas, que é meramente accidental e não afecta o conteúdo poético, é sim a penúria de inspiração histórica, o divórcio em que êstes trovadores cortesãos parecem viver de toda a grandiosa vida do seu povo, e em que alguns dêles tomaram parte muito honrosa e distinta. Nem as emprêsas de Africa, nem as portentosas navegações do Oriente têm éco nesta retórica convencional e enfadonha.» Como excepção pode apenas apontar-se a descrição da tomada da fortaleza de Azamor pelo duque de Bragança em 1513, pouco bela, mas um dos raros trechos históricos da colecção, podendo considerar-se como uma pequena epopeia com invocação á SS. Virgem em lugar de ser ás musas. O grande Mestre Castilho diz: «substância poética... pouca se espreme do corpulento volume do *Cancioneiro*, quasi nenhuma fôra expressão mais exacta.» Assim é. As excepções sam insignificantes. Aparte Alvaro de Brito e D. João Manoel que escreveram *planhs* á morte prematura do principe D. Afonso, filho de D. João II falecido em 1491, poucos dias depois do seu casamento, composições ainda assim frias e sem vislumbre de sentimento, só o próprio colecionador protestou contra a frivolidade dos têmeas, cantando a morte de D. Inês de Castro em versos cheios de movimento e de bela elevação e que inspiraram depois as inimitáveis estrofes do nosso supremo cantor ². Há ainda, aqui e além, algumas trovas que compensam bem a aridez do grande número, tais o *Fingimento de amores* «clara revelação de subido engenho e apurado gosto», obra de Diogo Brandão ³, algumas cantigas, e outras composições que damos na *Antologia*.

¹ Se não é uma ficção e as poesias não pertencem todas e unicamente a dois poetas — Fernam da Silveira e D. João de Meneses, como supõe o Dr. Gonçalves Guimarães. Cfr. a sua ed. do Canc., v, 427.

² Seriam estas *Trovas de D. Inês* inspiradas nalgum verso tradicional? Assim openson Menéndez y Pelayo. Cfr. *Antologia*, já cit., vol. ix, págs. 284-288.

³ Traçou-lhe o perfil o sr. Braamcamp Freire no *Arc. Hist. Port.*, vi, 288 e seg.

A contextura das estrofes que aparecem no *Cancioneiro* é muito variada: há nêles amostras muito dignas de adopção, por seu geito e graça peculiar. Para tal o apontamos, escrevia uma autoridade competente, aos pouquíssimos engenhos excelentes que se têm empenhado em regenerar a nossa lírica, enriquecendo-a com a máxima variedade de períodos, com a máxima abundância e novidade de rimas; mas a metificação é muito irregular e muito descuidada a rima, jogando por exemplo *serras* e *quiseras*, *palavras* e *desejavas*, etc.¹.

Olhado por outro lado o *Canc. Geral* é inestimável. « Há aí minúcias interessantes, que em balde se buscariam nas chancelarias e nas crónicas, de usanças velhas, de trajos, de alfaías caseiras, de relações familiares do rei com a sua côrte, de amizades e inimizades dos cortesãos entre si, do papel que as senhoras representavam na sociedade alta, das liberdades, hoje inadmissíveis, então moeda corrente, do pendor epigramático e faceto do espírito nacional, da bonhomia do viver antigo, das tendências erúditas de alguns verzejadores, filhos da Renascença, para o culto dos clássicos romanos, das microscópicas maledicências em que se entretinham os cavaleiros, quando deseansavam em Évora ou Almeirim das frágolas de Arzila ou Azamor; e há também embuçadas referências genealógicas e históricas que, observadas com critério, dão luz á história geral².

37.—Influência espanhola. O *Cancioneiro Geral* traduz a imitação da poesia espanhola, que caracteriza esta época. Entre portugueses e castelhanos há relações amistosas, que não impedem o cobrirem-se de vez em quando de injúrias. Sem originalidade, portanto, as, pouco mais ou menos, mil poesias, que encerra o valioso trabalho de Resende, são de caracter *palaciano* — fruto de artifício por vezes laborioso, inferior, em regra, como documento poético, mas indispensável como subsídio histórico para o estudo do século xv. Lá figuram as composições poéticas dos nobres que frequentavam a côrte de D. Afonso v, D. João ii e D. Manoel, portanto, do mais notável período da história nacional. Lá figura a nobre e altiva figura do Condestável, o mais notável dentre todos esses cortesãos do séc. xv, quasi todos poetas bilingues e discípulos de Santillana e de Mena. Lá encontramos algumas composições de trovadores castelhanos como João Rodriguez de la Cámara e João de Mena e muitas de portugueses em língua castelhana como de D. João de Meneses, mordomo-mór de D. João ii e D. Manoel; de Fernão da Silveira, de Alvaro de Brito Pestana, Duarte de Brito, D. João Manoel; do Conde de

¹ Castilhos, *Liv. Clássica Portug.*, ob. cit., vol. x, pág. 131.

² Do Prefácio ao Índice do *Canc. de Resende* e das *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1900. Anónimo. (Autores Júlio de Castilho e Braamcamp Freire).

Vimioso, de António Mendes, de Portategre, de Fernão Brandão, Jorge de Resende, Duarte de Resende, Luís Enríques e do próprio Garcia de Resende.

Entre êle e os cancioneiros, que o precederam, e que não sam prováavelmente senão cópias dum original que se perdeu, há uma notável diferença.

Uma língua irregular servindo ou traduzindo rudes mas enérgicos pensamentos, certa naturalidade, graça e viveza nas mais antigas poesias, e já nas do reinado de D. Denis grande affectação e artifício, tais as qualidades das manifestações poéticas características dos trovadores portugueses, que nos deixaram perto de mil canções escritas, segundo Wolf, no período decorrido entre 1245 e 1357. Agora nêste temos as trovas de 286 autores quasi todos da segunda metade do séc. XV e principios do XVI. Anteriores sam sómente o rei D. Pedro I e o infante D. Pedro, filho de D. João I. A maioria viveu, como acabamos de dizer, nas côrtes de D. João II (1481-1495) e de D. Manoel (1495-1521). Lá nos apparecem os nomes de Af. de Albuquerque, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, e Gil Vicente, que depois se tornaram assinalados por feitos tam diversos. O *Canc. Geral* excitou a principio bastante curiosidade, sendo levado até á Índia onde, pelo menos, uma vez, segundo refere João de Barros ¹ se jurou sobre êle, como sobre uns Evangelhos, ao celebrar-se um tratado de paz com o rei do Pegú!

38. — CONDESTÁVEL D. PEDRO (1429-1466). Dentre os poetas do *Cancioneiro* ² devemos destacar o Condestável D. Pedro, filho do infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e rei de Aragão desde 1464 a 1466. Expulso do país por infortunios politicos viveu em Castela sete anos (1449-1456) durante os quais aprendeu o castelhano. Isto explica que quasi tudo o que dêle possúamos esteja escrito em espanhol e por isso o seu nome seja contado entre os que ilustram a literatura do país vizinho sendo talvez o primeiro portuguez que occupa lugar na literatura espanhola. E' de D. Pedro a obra que intitolou *Satyra de felice e infelice vida* dedicada a sua irmã D. Isabel casada com D. Afonso V, cheia de copiosas notas marginaes que muito abonam a sua erudição, algumas das quais sam de excepcional valor, como aquella que se refere á Rainha Santa de Portugal, a relativa ao enamorado Macias, etc. Espécie de novela alegórica de género sentimental, foi escrita em portuguez no meiado de 1448 e novamente redigida em castelhano depois de 1449, antes dos dezoito anos ³. O

¹ Dec. III, l. III, c. 4.º; transcrevemos adeante êsse trecho.

² *Canc. de Res.*, I, 67-69.

³ Publicada por Paz e Mélia no vol. XXIX dos *Bibliófilos Espanhoes*, Ma-

falecimento (1455) de sua irmã D. Isabel inspirou-lhe outra obra, em prosa e verso, com o título: *Tragédia de la insigne Reyna doña Isabel*¹, que não é uma tragédia, mas antes uma lamentação pessoal, mistura de Job, Boécio e Bocácio. Mas a obra que dá a D. Pedro maior renome e que um êrro de Garcia de Resende atribuiu não a êle, mas a seu pai, êrro em que caíram escritores contemporâneos como Inocência da Silva e O. Martins, é a conhecida pelo nome de *Coplas del contempto del mundo*, ou *Poema del menosprezo del mundo*, a melhor obra que no século xv foi escrita em espanhol por um trovador português².

Ao condestável D. Pedro é que o Marquês de Santillana dirigiu entre 1445 e 1458 o seu *Proemio*, de tam alto valor para o estudo das origens da poesia peninsular.

PROSA

Monarcas escritores: D. João I, D. Duarte e D. Afonso V

Entre os prosadores desta época cabe o primeiro lugar a D. João I (n. 1365, gov. 1385-1433) como autor do *Livro da Montaria*, autor senão único, pelos menos, principal, segundo o testemunho do filho D. Duarte — «o mui excelente e virtuoso Rey, meu Senhor e Padre... fez um *Livro de Horas de Santa Maria* e *Salmos* certos para os finados e outro de *Montaria*³ » e noutro lugar «el-rei meu senhor põe alguns avisamentos no seu «*Livro da Montaria*⁴.» O primeiro destes livros também lhe é atribuído por F. Lopes⁵. Mas êsse e o dos *Salmos* perderam-se. O Mss. do *Livro*

drid, 1892, e por Menéndez y Pelayo na *Antologia dos Poetas lyricos castellanos*, VII, 263.

¹ Foi publicada no livro *Homenaje a Menéndez y Pelayo en el año vigesimo de su profesorado*, Madrid, 1899, I, 687, pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasc. O texto ocupa na separata as págs. 53-96. De 1-52 vem uma introdução bibliogr. e hist. que dá alguns subsídios importantes para a biografia tanto do Condestável como de seu Pai e corrigindo várias asserções de O. Martins emitidas nos *Filhos de D. João I*.

² *Coplas hechas por el muy illustre señor Infante Don Pedro de Portugal en las quales ay mil versos com sus glosas, contenientes del menosprecio e contempto de las cosas fermosas del mundo, demonstrando la sua vana e feble beldad no Canc. Geral* II, 229 e quasi completas em Menéndez y Pelayo, *Antologia*, etc., II, 263. Escreve a Snr.^a D. Carolina Michaëlis relativamente ás datas atribuídas a ed. príncipe das *Coplas* — «1464 ou 1465 não merecem discussão. A de 1478 estabelecida... por O. Martins provém de uma nota manuscrita lançada á margem do *Prólogo*. O tipo gótico, o papel grosso e a falta de todas as datas tornam provável a hipótese dêle pertencer ao séc. xv ».

³ *Leal Conselh.*, C. 27, pág. 94.

⁴ *Arte de Cavalgar*, p. v, c. 11.

⁵ *Cr. de D. João II*, pág. 41.

da *Montaria* que fez parte da Livraria-Real perdeu-se, restando a cópia existente na Bibl. Nac. por onde foi feita a ed. de 1918¹. A obra foi feita «com o acordo de muito bons monteiros» e é posterior a 1415 porque D. João intitula-se «Senhor de Ceuta», e anterior a 1433, ano em que faleceu. No *Prólogo* encarece o assunto como o mais alto e proveitoso, superior aos de Falcoaria e de Cantigas. A matéria é depois versada com pormenores técnicos curiosíssimos sobre os cães empregados na caça do porco montês, sobre os cavalos próprios e modo de os cavalgar, trajos dos caçadores, costumes, etc. Mais que este aspecto técnico, nos interessa o gramatical e literário. Neste sentido pode dizer-se que o *Livro da Montaria* fica a ocupar um dos primeiros lugares entre as grandes obras do séc. xv, não inferior de certo, ao que, pelo consenso de todos, ocupam as obras de D. Duarte, (n. 1391, gov: 1433-1438), cujo amor pelas letras o levou a mandar fazer grande número de traduções que com as muitas obras que adquiriu no estrangeiro por intermédio das feitorias portuguesas constituíam a sua preciosa livraria, infelizmente perdida.² As obras mais notáveis deste monarca que o assinalam além de estilista como um cultor de sã filosofia moral só foram publicadas pela primeira vez em 1842 e são: *Leal Conselheiro* e *Livro de Ensinança de bem cavalgar*³. A linguagem de D. Duarte é muito polida e sofre, por vezes, confronto lisongeiro com a do nosso primeiro cronista, F. Lopes.

Dado ao estudo e à meditação, as suas obras revelam-no como um alto e profundo espírito, a quem a sêde da perfeição íntima e o desejo de bem governar o seu povo dominavam o espírito até à obsessão, à doença. O Visconde de Santarem na ed. do *Leal Cons.* feita pelo P. Roquete enumera várias obras existentes na Cartuxa de Evora, donde em 1730 as copiou o Conde da Ericeira sendo publicadas por Caetano de Sousa nas *Provas* (I. 529-548), ficando ainda outras inéditas, e hoje, talvez, perdidas.

Na lista dos livros de uso do Monarca o n.º 78 inscreve-se «*Livro das trovas del-rei*» [Sousa, *Provas* I, 54], o que levou mui-

¹ *Livro da Montaria* feito por D. João I, conforme o Mss. 4352 da Bibl. Nac. de Lisboa publicado por F. M. Esteves Pereira, Coimbra, 1918.

² O catálogo nas *Provas da Hist. Gen.*, I, 514-516 comentado por T. Braga na *Hist. da Univ.* I, 209. Dos livros que ajuntou D. Duarte apenas sabemos da existência da *Côrte Imperial*, hoje publ., e do fragmento do *Reg. de Principes*, obra de Giles de Roma escrito para a educação de Felipe o Belo.

³ *Leal Conselheiro seguido da arte de bem cavalgar*. Dado pela primeira vez à luz sobre o ms. original da biblioteca real de Paris, com notas filológicas e um glossário das palavras antigas, por J. I. Roquette, Paris, 1842. Saltou-se nesta ed. o c. 55 pelo que em 1854 apareceu nova ed. Foi reimp. em 1843 em Lisboa. Das duas vezes com o *Livro da Ensinança de bem Cavalgar*, [Este segundo o Mss. de Paris, n.º 7007.] Vid O. Martins, *Os filhos de D. João I*, cap. vi; na nota de pág. 162 vêem enumeradas outras obras de D. Duarte.

tos a considerá-lo como trovador, afirmação gratuita não abonada em autoridade alguma. E não sam uma poesia e uma trova tradução da oração latina do Justo Juiz que dariam tal título a D. Duarte ¹.

Mais infeliz que os precedentes pelo destino que tiveram as suas obras foi D. Afonso V (1438-1481), de quem nem o « *Tratado da Milícia* » nem o da « *Constelação do Cão* » conseguiram salvar-se. Conhecidas d'êlé há apenas duas cartas: uma dirigida ao cronista Zurara, igualmente honrosa para ambos ², e outra, em espanhol, a sua irmã D. Joana, a Beltraneja. Cronologicamente êle ocupa o segundo lugar entre os Portuguezes que escreveram em espanhol.

Podíamos ainda citar outros membros da dinastia de Avis, mas para não descer a maiores minuciosidades citemos sómente a filha mais nova do regente D. Pedro e sua 6.^a filha—D. Filipa de Lencastre [1437-1497] de quem há impr. por Fr. Francisco Brandão em 1643 o « *Conselho e voto...* » sobre as terçarias e guerras de Castela». Outro trabalho vagamente cit. por Barbosa, mas que Dias Gomes (*Obras*, 205) diz ter visto é — *Nove estações ou meditações da Paixão*.

41.—O Infante D. Pedro. Duque de Coimbra (1392-1449), 2.^o filho de D. João I, é outro príncipe que merece menção especial. Tendo-se illustrado em numerosas viagens que fizeram entrar o seu nome da lenda e tradição popular ³ foi Regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Afonso V, desde 1438 até 1448. Daí a pouco deu-se o lamentável desastre de Alfarrobeira em que pereceu (1449). A sua obra capital *Da Virtuosa Bemfeitoria*, em seis livros, sobre filosofia moral em que procurou seguir e imitar a Seneca ⁴ só foi publicada ⁵ em 1910. É dedicada a seu irmão D. Duarte. Nela foi

¹ Th. Braga. *Canc. Pop.* n.^o 11.

² Transcrita adiante, na *Antologia*.

³ A lenda apossou-se com efeito do Infante fazendo-o percorrer as *sete partidas do mundo* com doze companheiros quando, naturalmente, êle nem chegou a sair da Europa. Começou esta viagem em 1424 e a 28 de set. 1428 regressava a Portugal. Deve-se a Gomes de Santo Estevão, que seria um desses companheiros, a narrativa primitivamente escrita em espanhol e publicada depois dos meados do século XVI, traduzida a seguir para português, entrando mais tarde na chamada *literatura de cordel* e contando dezenas de edições. Sobre o Infante vid. a *Tragedia...* ed. da S.^a D. C. M. de Vasconcellos cit. em nota anterior; Sousa Viterbo, *O Infante D. Pedro, o das sete partidas*, Lisboa, 1902; o *Boletim de la R. S. Geográfica*, de Madrid, XIV, 3.^o trimestre, 1903, artigo de D. C. Fernandez Duro, que reproduz o texto, em espanhol e português, da sua versão das viagens, e as *Cartas Bibliográficas* por Fernau les Thomás, Coimbra, 1876, págs. 33 a 43. Ed. do *Auto ou Livro ou História do Infante* em português há nove, pelo menos, sendo a 1.^a de 1554.

⁴ Sobre L. Annae Seneca veja-se a nossa *Introd. á hist. da lit. portug.*, Coimbra, 1911, pág. 187.

⁵ Vol. II da *Collecção de Manuscr. inéd.* publicada pela Câmara Muni-

auxiliado pelo seu confessor, licenciado Fr. João Verba, e estava concluída antes de 14 de agosto de 1433 em que faleceu D. João I. Fez parte da Livraria de D. Duarte e D. Afonso V e existia na Livraria do Mosteiro da Cartuxa de Évora, havendo atualmente notícia de 4 códices ¹. Zurara transcreveu verbalmente e quasi completamente alguns capítulos ². É obra de grande mérito pela elevação de idéas, nobreza e elegância do estilo, como o mais simples trecho o manifesta ³, e ainda notável pelos problemas que suscita ⁴. Temos em poesia breves estâncias dirigidas a João de Mena, o poeta mais celebrado da corte de Castela, as quais saíram no *Cancioneiro Geral* de Resende ⁵. Traduziu também para a nossa língua o tratado de Cicero *De officiis* ⁶; o *De regimine Principum* de Egidio Romano e o *De re militari* de Vegetio ⁷. Mencionaremos ainda as *Cartas* escritas em diversos periodos da sua vida algumas já impressas ⁸.

42. — A Corte Imperial. Com este título existia na Bibliotéca do Porto um Mss. que foi dado á estampa em 1910 ⁹. Redigida por um anónimo é uma obra de polémica filosófica e religiosa contra árabes e judeus para mostrar a superioridade da doutrina cristã. Figurou na Livraria de D. Duarte (n.º 39), mas ninguém a aproveitou, ninguém dela fez citação. Será original? No princípio lê-se «...eu peccador confiando começo este livro nom como autor e achador das cousas em elle contheudas, mas como simpres ajuntador dellas em huū vellume». Discute com o Judeu «con sua barva grande e seu

cipal do Porto. Com este título: *O livro da Virtuosa Bemfeitoria do Infante Dom Pedro*. Porto, 1910, 1 vol.

¹ O mais precioso, reputado como original, em pergaminho, na Bibl. Nac. de Viseu; 2.º, cópia, em pergaminho, in-fol., letra do séc. xv na Livr. da Acad. R. de Hist. de Madrid; 3.º, cópia em livro de papel letra do séc. xix na Bibl. N. da Acad. das Sc. de Lisboa e 4.º cópia de livro de papel de letra do séc. xix da Bibl. Mun. do Porto.

² *Chr. da tomada de Ceuta*, ed. da Acad. das Sc. de Lisboa, 1915, pág. xxiii.

³ Veja-se adeante na *Antologia*.

⁴ Dr. Paulo Merea, *As teorias políticas medievais no tratado da Virt. B. na Rev. de Hist.* iii, 1-21.

⁵ Ed. Impr. da Univ. de Coimbra, cit. II, 225-228 e J. Soares da Silva, *Mem. para a história de Portugal*, etc., iv, 463-506.

⁶ A resenha dos títulos dos capítulos desta obra e a dedicatória ao infante, depois rei, D. Duarte, fôram publicadas na introd. com que Pereira de Sampaio (Bruno) precede a ed.

⁷ R. de Pina, *Chr. de D. Af. V*, c. 125, pág. 433.

⁸ O. Martins, *Os Filhos de D. João I*, Ap.; Soares da Silva, *Mem.* I, 374-379; Sousa, *Hist. Gen.*, v, 64 e 120-139; J. P. Ribeiro, *Dissert.* I, n.º 118, pág. 398-413. E inéditas, segundo Aires de Campos, nos Arquivos da Câmara de Coimbra-73.

⁹ É o vol. I da referida *Col.* publ. pela Câmara Portuense em 1910, 1 vol.

naryz longo vestido em panos pretos» e com um Mouro «velho vestido en hũa aliuba tenada e seu albornoz de lã preta e huũ alfaleme branco na cabeça».

A discussão paira sempre numa alta esfera espiritual erúdit e tolerante. A linguagem dêste livro emparceira-o, sem menoscabo, com os melhores de que nos ocupamos.

HISTÓRIA

43.—Aparecimento da história. A história digna dêste nome e elevada a um género independente e próprio só aparece entre nós com Fernão Lopes. «Os agiológios imaginados pelo fervor religioso e abraçados pela crença popular, as narrativas legendárias e as vidas dos Santos, investigadas pela piedade dos monges, os livros dos forais e constituições dos bispados coligidos e ordenados pelo andamento das necessidades da organização civil, tudo isto dispõe os primeiros passos, e ao mesmo tempo os primeiros elementos da nossa história»¹. O título de fundador da história cabe, pois, com justa razão a Fernão Lopes. Ele abre a série dos cronistas oficiais estipendiados pelos reis para desempenharem a missão de escreverem a história nacional. Esta circunstância suscita no nosso espírito certas dúvidas sobre a absoluta sinceridade com que êles poderiam ter escrito. Autores de histórias oficiais e subsidiadas poderiam ter o desassombro dos que escrevessem sem essa pressão? A respeito de Fernão Lopes escreve um historiador contemporâneo: devemos sempre desconfiar um pouco do velho cronista, porque êle é visivelmente parcial a favor de D. João I e dos que o ajudaram a subir ao trono². Há também quem lhe chame o mais antigo dos panegiristas oficiais, o decano dos aduladores retribuidos, a que chamaram cronistas e o biógrafo do paço sustentando com melhor ou peor habilidade a fama e o bom nome dos reis.

Rui de Pina recebeu várias tenças de D. Manoel. É certo que, não obstante isto, nós vemos êste cronista não ocultar na *Cr. de D. João II* as suspeitas de envenenamento, que iam atingir precisamente D. Manoel, o seu amigo e protector, e vemos também Castanheda no liv. X da *Hist. da India* censurar asperamente os fidalgos que se desonraram no segundo cêrco de Dio. Mas também vemos que quando e onde apareceram a independência e o desassombro logo surgiu a influência cortesã ou impedindo que a obra se imprimisse, ou obstando á sua divulgação, ou procurando suprimir ou acrescentar nela o que era consoante os seus interesses—como suce-

¹ Ferreira, *Curso*, cit., 286.

² Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*, II, § 611, pág. 53.

deu com Damião de Goes, com Gaspar Corrêa e Castanheda. O que isto significa, pois, é que os cronistas devem ser lidos com certas precauções, procurando-se sempre que seja possível contraprovar os seus dizeres com outros testemunhos, ou, o que é o ideal, recorrer aos próprios documentos originais emanados dos seus autores sem preocupações de passarem á posteridade ¹.

44.— FERNÃO LOPES (1380?-1450?). Quási nada sabemos da vida do nosso primeiro historiador. Investigações recentes apenas nos revelaram a modestia das suas afinidades indicadora, por ventura, da sua estirpe. De concreto nada sabemos nem da sua família, nem dêle, nem das condições em que se educou e preparou para a sua missão de Cronista. Vêmo-lo por D. João I nomeado guarda do Real Arquivo ², depois Torre do Tombo, cargo que exerceu durante trinta e seis anos, sendo substituído, quando já fraco e velho, por Zurara. Quando D. Duarte subiu em 1434 ao trono encarregou-o de «*de poer em caronyca as estórias dos reis, que antygamente em Portugal foram e... os grandes feytos e altos do muy vertuoso, e de grandes vertudes, El rei seu senhor e padre*» (D. João I). Em obediência a esse mandato escreveu: a *Chrónica d'El-rei D. João I de boa memória* ³, que contém além das duas partes, obra sua, a terceira sobre a tomada de S-uta, escrita por Zurara; a *Chrónica do senhor rei D. Pedro I* e a *Chrónica do senhor rei D. Fernando* ⁴.

Tinha-se até há pouco como anónima a *Crónica do Condestável D. Nuno Alvares Pereira* afirmando-se apenas que F. Lopes a utilizara largamente, em especial na *Cr. de D. João I* chegando a transcrevê-la literalmente. Uma análise minuciosa entre essas duas Crónicas levou á conclusão de que o autor é indubitavelmente o mesmo Fernão Lopes, que a deve ter composto entre 1431 e 1443 ⁵.

¹ José Caldas, *História dum Fogo-morto...* Porto, 1903, pág. xxiv e seg.; id., *Benigna verba*, Coimbra, 1907; Braamcamp Freire, *Amarrado ao plourinho*, Lisboa, 1907.

² A história do nosso Arquivo Nacional está feita: J. Pedro Ribeiro, *Mem. autênticas*, Lisboa, 1819; Pedro de Azevedo e A. Baião, *O Arch. da Torre.*, Lisboa, 1905. A sua origem parece datar dos primeiros monarcas. Estabelecimento fixo entre 1390 e 1416, e talvez antes, por 1375 com D. Fernando. No reinado de D. João I estava na Torre do Castelo de Lisboa, chamada do Tombo por lá estar o Livro dos Tombos da Corôa ou próprios da Corôa, antigamente *Recabedo Regni*, principiando desde aquele monarca a designação quasi constante de Torre do Tombo. J. Silvestre Ribeiro, *Primeiros Traços*, 157.

³ Lisboa, 1644; 2.^a ed. 1897-98; 3.^a é a reprod. segundo um Mss. da Torre do Tombo, cópia ordenada por D. Manoel, portanto da maior fidedignidade — *Primeira Parte da Cr. de D. João I. Ed. do Arquivo Hist. Portug.* 1915, t. xx + 388, Ed. primorosa dirigida pelo Sr. Braamcamp Freire.

⁴ Ambas na *Collecção de Liv. inéd. da Hist. Portug.* IV, 1-20 e 121-525.

⁵ Essa reivindicação é gloria do Sr. Braamcamp Freire no estudo magistral que antepõe á ed. da *Crónica de D. João*, que nos deu em 1915. Antes

Todas estas obras se distinguem pela fidelidade, clareza da expressão, vigor e nitidez dos quadros.

« Nas crónicas de Fernão Lopes não há só história, escrevem A. Herculano; há poesia e drama; há a idade-média com sua fé, seu entusiasmo, seu amor de gloria ¹ ». Pode dizer-se que as obras do grande historiador sam o que a idade-média nos legou de mais perfeito. Nada lhe falta — colorido, vida e entusiasmo. Uma geração inteira com as suas ambições e as suas lutas surge nas páginas das suas crónicas. Se lhe fôsse possível conhecer a revolução científica que depois dêle se operou não teríamos quo invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores. A descrição do cerco de Lisboa, a da batalha de Aljubarrota, na Cr. de D. João I, o retrato de D. Pedro I, na Cr. d'êste monarca, traçado a côres inolvidáveis como quando por suas mãos applica justiça ao Bispo do Porto ou a manda executar sobre os assassinos de Inês de Castro, ainda na Cr. de D. Fernando o que êle escreve sobre a intrigante figura de Leonor Teles e seus amores com o rei, etc., sam quadros, que só o pincel dum grande artista poderia ter desenhado.

Ferdinand Denis, que foi um cultor tam justo e tam conhecedor da nossa literatura, considerava Fernão Lopes como historiador superior ao seu século e aprovava a opinião de Dias Gomes quando êste critico escreveria que fôra êle o primeiro que mais dignamente escrevera a história na Europa ². Nisto vai o seu melhor elogio.

45. — GOMES EANNES DE ZURARA († 1474) nascido no segundo decénio do séc. xv succedeu a Fernão Lopes nos cargos de crónista-mór do reino e no de guarda da Torre do Tombo. Escreveu: a) *Chronica delrei D. João I 3 terceira parte, em que se contém a tomada de Seuta*. Esta p. é a continuação das duas de F. Lopes. Independentemente escreveu b) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* ³, em que refere os successos das guerras movidas pelos Mouros para recuperar a cidade de Ceuta no tempo em que o Conde D. Pedro de Meneses foi capitão da mesma cidade, i. é., desde a tomada de Ceuta em 1415 até o ano de 1437; c) a *Cr. de D. Duarte de Meneses* ⁴, trata dos feitos d'êste fidalgo desde a conquista

aproximata-se dessa conclusão o Sr. Esteves Pereira — Acad. das Sc. de Lisboa, *Bol. da segunda Cl.*, ix, 380, 1.ª ed. 1526. Recitei-a nos *Subsidios para o estudo da Hist. de Ist.* onde é o vol. xiv — *Cr. do Condest. de Portugal*, Coimbra, 1911 de xiv — 234 págs.

¹ *Opusculos*, v, 1881.

² *Resumé de l'hist. lit. du Portugal*, ch. v, pág. 80.

³ Lisboa, 1644.

⁴ Na *Col. de Liv. inéd. da Hist. Portug.* II, precedida dum estudo do abade Corrêa da Serra.

⁵ Na mesma *Col.* III, de 1793 Cfr. sobre estas Crs. o *Bol. de Bibliogr. Portug.*, Coimbra, 1879, pág. 49.

de Alcácer Ceguer, de que êle foi capitão em 1458 até o ano de 1464, em que morreu para salvar a vida de D. Afonso v na entrada que fez até á Serra de Benacofu. Foi êste monarca quem lhe ordenou que deixando todas as outras occupaões do seu cargo escrevesse os feitos de D. Duarte. Para bem cumprir esse mandato fez a viagem á Africa, onde esteve um ano desde 1467 a 1468 recebendo aí a Carta a que já aludimos ¹. d) Vem por último a *Cr. do descobrimento e conquista de Guiné* ². Nesta revela o seu grande saber. A par da Biblia e dos escritores eclesiásticos mostra conhecer os autores profanos tanto antigos, como medievais, revelando grande familiaridade com as crónicas e histórias e até com as novelas de cavalaria francesas, italianas, alemãs e espanholas ³.

Zurara foi acusado por Damião de Goes de palavroso e inchado. Mas ninguém lhe contestou a sua fidelidade como historiador. O amor da verdade levou-o a empreender essa viagem a Africa a fim de estudar os logares e as circunstâncias dos factos, que tinha de referir. Na intumescência retórica tam afastada da lhanza de dizer do seu antecessor, salva-o a sinceridade com que escreve.

Lendo as diversas obras de Zurara, escreve um erúdito contemporâneo, além das afirmativas terminantes e reiteradas de que só procura interpretar a verdade, há trechos que nos denunciam, a par dum espírito recto e esclarecido, superior aos preconceitos do seu tempo, uma alma bondosa e internecida, que se compadece com o sofrimento dos outros. E' sem dúvida lisongeiro e curva-se reverente e adulator diante da pessoa de D. Afonso v, mas também seria ingratião se não se mostrasse reconhecido aos beneficios que a cornucópia rial despejava de continuo sobre a sua cabeça ⁴.

46. — RUI DE PINA (1440?-1521?) Foi o successor imediato, não de Zurara, mas de *Vasco Fernandes de Lucena* que

¹ Vid. adiante na *Antologia*.

² Ed. de Paris, só de 1841! Foi Ferdinand Denis quem descobriu o original desta *Cr.* na Bibl. de Paris. A ed. foi feita por diligência do visconde da Carreira e nela colaboraram o visconde de Santarem e J. L. Roquette. O Sr. Edgar Prestage verteu-a para inglês para a colecção *Hakluyt Society*. Nesta versão de págs. xiii a lxxvii da Introd. ao t. 1.º vem um estudo do Sr. Prestage sobre a vida e escritos do Crónista. Sobre Zurara, vid.: — *Ined. da Hist. Portug.*, já cit.; Sr. Gama Barros, *Hist. da Administração*, II, nota xiv; Ernesto do Canto, *Boletim de Bibl. Port.*; Sousa Viterbo, *Rev. Portug. Colonial e Marítima*, n.º de 20 de out. de 1898 (n.º 18 do 2.º ano). Traz algumas cousas inéditas, fixa a data da morte do crónista, etc. Veja-se também deste último autor o artigo *A cultura intelectual de D. Afonso V* no *Arch. Hist.*, II (1904, 254 e seg.

³ Rebelo da Silva, *Hist. de Port.*, v, 266.

⁴ Sousa Viterbo, *Rev. Portug. Colonial e Marítima*, cit. na nota antecedente.

desempenhou de 1435 a 1497 papel notável como Dr. «utriusque juris», cujo nome não registamos áparte por dêle não restar uma só página *original* em história. Todo entregue á vida política — em Portugal brilha em 1438 nas Côrtes de Torres Novas e em 1481 nas de Evora; no estrangeiro foi enviado de Portugal aos concílios de Basilêa (1435) e Bolonha e fez parte das embaixadas enviadas por D. Afonso v a Nicolao v e Inocência VIII — não pôde ocupar-se dos estudos históricos necessários para poder desempenhar as obrigações do seu cargo, de que desistiu a favor de Rui de Pina, em 1479¹. Este cronista também envolvido em cargos diplomáticos, pois como secretário acompanhou a Castela D. João da Silveira, barão de Alvito, em 1482, no mesmo cargo foi a Roma felicitar o Papa Inocência VIII e esteve de novo em Castela e Barcelona em várias missões, consagrou-se, por fim, aos trabalhos oficiais de historiador. Como tal é, decerto, superior a Zurara, mas de merecimento inferior ao antecessor dos dois. Gózou da estima de D. João II, que o nomeou cronista-mór e guarda da Torre do Tombo, recebendo, tanto dêste rei, como de D. Manoel, muitas mercês e honrarias. Viveu ainda alguns anos no tempo de D. João III e parece ter deixado apontamentos para uma crónica de D. Manoel, que Damião de Goes aproveitou. E' grande o número das crónicas, que lhe sam atribuídas: — de D. Sancho I², D. Afonso II³, D. Sancho II⁴, D. Afonso III⁵, D. Denis⁶, D. Afonso IV⁷, D. Duarte⁸, D. Afonso V⁹, e D. João II¹⁰, mas a substância dalguma delas deve pertencer a Fernão Lopes, cujos apontamentos êle utilizou não se podendo calcular em que medida, visto se terem completamente perdido, supondo A. Herculano que o culpado da desapareção foi o próprio Pina, «pobre corvo do João II que se quis adornar com

¹ Herculano, *Opusculos*, v 17. As obras de Lucena raras fôram impr. e dessas só resta o *Discurso* em latim *De Obedientia* pronunciado em Roma em 1485 perante o P. Inoc. VIII, aí impr. e que se salvou na reimpr. feita no *Jornal de Coimbra*, 1813, III, 309-323.

Os Mss. com trabalhos dêle que existiram até 1755 na Bibl. Rial e no Palácio do Duque de Aveiro perderam-se na catástrofe do terramoto.

Uma antiga trad. fr. de Quinto Curcio pertence a outro individuo do mesmo nome, mas não a êle Cr. Inoc. XII, 402, *Dicc. Bibl.*

² Ed. por Miguel Lopes Ferreira, Lisboa, of. Ferreiriana, 1727.

³ Ed. do mesmo e na mesma of. 1727.

⁴ Id., *Ibid.* 1728.

⁵ Id., *Ibid.* 1728.

⁶ Id., *Ibid.* 1729.

⁷ Ed. de Paulo Craesbeeck, na of. do mesmo, Lisboa, 1653.

⁸ Inserta na *Coll. de liv. inéd. da Hist. Portug.*, I, Lisboa, of. da Acad. rial das Sc., 1790. A *Cr. de Duarte* foi reimpr. em ed. da Renascença Portug. dirigida por A. Coelho de Magalhães, Porto, 1914, 1 vol.

⁹ Id., *Ibid.*

¹⁰ Id., *Ibid.*

as pennas de pavão do Homero de João I». A sua alta situação na corte tornava-o temido, procurando até homens eminentes, como Afonso de Albuquerque, mendigar-lhe elogios a trôco, «de aneis de diamantes e rubis e de muitas e preciosas joias» de maneira que «não se esquecesse dêle quando escrevesse das coisas da Índia»¹.

«Aquêlê cujo nome devêra encher o mundo não teve a consciência de que era o maior capitão do século e creu que a sua immortalidade dependia dum cronista obscuro! Triste documento de que os génios mais portentosos estão, como os homens ordinários sujeitos às mais ridículas fraquezas!»

47.— BIOGRAFIAS, CRÔNICAS RELIGIOSAS E OBRAS DIVERSAS. Não obstante a sua designação individual, interessa á história geral do país na época a que respeita a *Cr. do Infante Santo*, obra do seu capelão e companheiro de exílio Fr. João Alva-
res. É um verdadeiro modelo de naturalidade e desafecção de linguagem, de clareza e de simplicidade merecendo contar-se entre os mais formosos escritos da nossa literatura quatuorcentista².

A *Cr. da Ordem dos Frades Menores*, há pouco publicada³, parece ter sido redigida pelos meados do séc. XIV. O Mss. existente traz a data de 1470, mas talvez não seja o primitivo, sendo antes cópia doutro mais antigo. Ignora-se quem seja o autor, ou melhor o tradutor, visto tratar-se não duma obra original, mas da versão dum texto latino. É mais uma obra que vem enriquecer notavelmente o pecúlio reduzido desta época.

Pelo pitoresco das notícias e subsídio que fornecem á crítica dos costumes da época merecem ainda conhecer-se as quatro *Cartas* que Lopo de Almeida escreveu em 1451 da Itália a D. Afonso V sobre a jornada, recepção e festas realizadas por ocasião do casamento de D. Leonor, irmã do rei, com Frederico III, imperador da Alemanha⁴.

¹ O caso tornou-se conhecido por Barros (*Asia*, l. VII, c. 1, fl. 98 v. da 1.ª ed., 1553) que o leu em cartas particulares enviadas pelo grande Albuquerque ao Cronista. Vid. Sousa Viterbo, *As dadivas de Afonso d'Albuquerque no Arch. Hist.*, II, 4-7. O *Compêndio e sumário das grandezas e cousas notáveis que há entre Douro e Minho, e sua comarca, vistas pelo muito douto Ruy de Pina* é opúsculo raro, impresso em 1608, de 16 pág. sómente.

² A ed. príncipe é de 1527. Reimprimi-a nos meus subsídios — *Cr. do Infante Santo... segundo um Códice Mss. do séc. XV*, Coimbra, 1911, xxiv + 183 págs.

³ *Cr. da Ordem dos Frades Menores* — Mss. do séc. XV agora publicados inteiramente pela 1.ª vez... por J. J. Nunes, 2 vols., Coimbra, 1918.

⁴ Podem lêr-se em Sousa, *Provas da Hist. Geneal.*, I, 633; foram reimpr. na *Rev. de Hist.* VIII (1919), 293.

ANTOLOGIA

SÉCULO XV

POESIA

I

Trouas q Garcia de Resende fez à morte de Dõa Ynes de Castro, que elrrei Dõ Afonso o quarto, de Portugal, matou em Coimbra, por o príncipe Dom Pedro, seu filho, a ter como mulher, e, pelo bem q lhe queria, nam queria casar.

ENDEREÇADAS HAS DAMAS

Senhoras, salgum senhor
Vos quiser bem ou servir,
Quem tomar tal servidor,
Eu lhe quero descobrir
O galardam do amor.

Por sua mercê saber
O que deve de fazer,
Vejo que fez ésta dama
Que de ssy vos dará fama,
S'estas trovas quereis ler.

Fala dona Ynes.

Qual será o coraçam
Tam cru e sem piadade,
Que lhe nam cause paixam
Hũa tam gram crueldade,
E morte tam sem rrezão?

Triste de mym, ynocente,
Que por ter muito fervente
Lealdade, fee, amor,
Ho príncipe, meo senhor,
Me mataram cruamente.

A mynha desventura
Nam contente decabar-me,
Por me dar mayor tristura,
Me oy pôr em tantaltura
Para dalto derribar-me.

Que se matár alguem,
Antes de ter tanto bem,
Em tays chamas nam ardêra,
Pay, filhos nam conhecêra,
Nem me chorára ninguem.

Eu era moça menina,
Per nome dóna Ignês
De Crasto; e de tal doutrina
E vertudes, quera dina
De meo mal ser ho rrevés.

Vivia sem me lembrar,
Que paixam podia dar,
Nem dala ninguem a mym.
Foymo princepe olhar,
Por seo noj' e mynha fym.

Começou-ma desejar,
Trabalhou por me servir;
Fortuna foy ordenar
Dous corações conformar
A hũa vontade vyr.

Conheceo-me! conhecio-o!
Quys-me bem! e eu a elle!
Perdeo-me! tambem perdi-o!
Nunca tee morte foy frio
O bem que, triste, pús nelle.

Dey-lhe minha liberdade,
Nam senty perda de fama;
Pus nele minha verdade;
Quys fazer sua vontade,
Sendo muy fremosa dama.

Por m'estas obras pagar,
Nunca jámais quys casar,
Polo qual aconselhado
Foy elrey, quera forçado,
Polo seu de me matar.

Estava muy acatada,
Como princesa servida,
Em meos pacos muy honrada:
De tudo mui abastada;
De meo senhor muy querida.

Estando muy devaguar,
Bem fóra de tal euidar,
Em Coymbra d'assesego
Polos campos de Mondego
Cavaleyros vy somar.

Como as cousas qu'am de ser,
Logo dam no coração
Comecey entrestecer
E coniguo soo dizer:
«Estes omcês d'onde yrãm?»

E tanto que preguntey,
Soube logo queera elrei;
Quando o vy tam apressado,
Meo coração trespassado
Foi, que nunca mays faley.

E quando vy que decia,
Sahy á porta da sala,
Devinhando o que queria,
Com gram chôro e cortesia
Lhe fiz hũa triste fala.

Meos filhos pus derredor
De mym, cõ gram omildade,
Muy cortada de temor
Lhe disse: «avey, senhor,
«Desta triste piadade!»

«Não possa mais a paixam
Que o que deveys fazer;
Metey nisso bem a mam
Qu'ê de fraco coração
Sem porquê matar molher.

Quanto mays a mym, q̃ dam
Culpa, nam sendo rrezam
Por ser m̃ay dos ynocentes,
Qu'ante vós estam presentes,
Os quaes vossos netos sam.

«E tem tam pouca ydade,
Que se não forem criados
De mym, soo com saudade,
E sua gram orphindade,
Morrerãm desamparados.

Olhe bem quanta crueza
Faraa nisto voss'altessa;
E tambem, senhor, olhay,
Pois do princepe sois pay,
Nam lhe dêis tanta tristeza.

«Lembre-vos o grand'amor,
Que me vosso filho tem,
E que sentiraa gram dôr
Morrer-lhe tal servidor,
Por lhe querer grande bem;

Que, salgũ êrro fizera
Fôra bem que padecêra,
E questes filhos ficãram
Orfaãos tristes e buscaram
Quê deles paixam ôuvera.

«Mas poys eu nunca errey,
E sempre merecy, mais
Deveys, poderoso rrey,
Nam quebrantar vos a ley,
Que, se moyro, quebrantays.

Usay mais de piadade
Que de rrigor nem vontade;
Avey doo, senhor, de mim,
Nam me deis tam triste fim,
Pois q̃ nunca fiz maldade.»

Elrrei, vendo como estava,
Ouve de mym compaizam
E vyo o que nam olhava,
Qu'eu a ele nam errava,
Nem fixera traíçam;

E, vendo quam de verdade
Tive amor e lealdade
Hoo princepe, cuja sam
Pôde mais a piadade
Que a determinaçam;

Que se me ele defendêra,
Qu'a seu filho não amasse,
E lh' eu nam obedecêra,
Entam com rrezam podêra
Dar-ma moorte, qu' ordenasse.

Mas, vendo que nenhã ora
Des que nacy atégora,
Nunca nisso me falou,
Quando se disto lembrou
Foi-se pola porta fóra,

Com sef rosto lagrimoso,
Co proposito mudado,
Muyto triste, muy cuidadoso,
Como rrey muy piadoso,
Muy cristam e esforçado.

Hũ daqueles que trazia
Comsigo na companhia,
Cavaleiro desalmado,
Detras dele, muy yrado,
Estas palavras dezia:

« Senhor, vosa piadade
• He dina te rreprender,
• Pois que, sem necessidade,
• Madaram vossa vontade
• Lagrymas dũa molher.

« E quereys qu'abarregado,
• Com filhos, como casado,
• Estê, senhor, vosso filho?
• De vós mais me maravilho,
• Que dele quee namorado.

« Se a loguo nam matais,
• Nam sereis nunca temido,
• Nem faram o que mandays,
• Poyz tam cêdo vos-mudays
• Do conselho que era avido.

« Olhay quam justa querela
« Tendes pois por amor dela!
« Vosso filho quer estar
« Sem casar e nos quer dar
« Muita guefra com Castela.

« Com sua morte escusareis
« Muytas mortes, muytos danos;
« Vós, senhor, descansareis,
« E a vós e a nós dareis
« Paz para duzentos annos.

« O princepe casará
« Filhos de bençam terá
« Sераa fóra de pecado;
« Qu' agora seja anojado
« Amanhã lhe esquecerá. »

E ouvynho seu dizer
Elrrey ficou muy torvado,
Por se em taes extremos ver,
E que avya de fazer
Ou hũ ou outro... forçado.

Desejava dar-me a vida
Por lhe nam ter merecida
A morte nem nenhũ mal;
Sentya pena mortal
Por ter feyto tal partida.

E vendo que se lhe dava
A ele tod' esta culpa,
E que tanto o apertava,
Disse aaquelle que bradava:
— « Minha tençam me desculpa:

« Se o vós quereis fazer,
« Fazey-o sem mo dizer,
« Queu nisso nam mando nada,
« Nem vejo en essa coytada
« Porque deva de morrer. »

Dous cavaleyros yrosos,
Que taes palavras lh'ouvíram
Muy crus e nam piadosos,
Perversos, desamorosos,
Contra mym rijo se-vyram!

Com as espadas na mam
Matravessam o coraçam;
A confissam me tolheram;
Este he o gualardam
Qua meos amores me deram.

II

Fingimento de amores

1

Eram da sombra da terra
As nossas terras cubertas,
Quando parecem desertas
As abitações sem guerra.
Ao tempo que rrepousam
Os corações descansados,
E os malfeytores ousam
Cometer mores peçados.

2

Os nove meses do ano
Eram já casy passados
Quando eram meos cuydados.
Crecydos por mais meo dano:
E assy com mall. tâm forte
Mays crescendo mynha fee
Vy passar além do pee
As guardas do nosso norte.

3

Se dormia não sey certo,
Se velava muyto menos:
Com meos males não pequenos
Nem durmo nem sam desperto!
Nam mestreo de torvado
Dizelo, nom sey se cale,...
Daly me senty levado,
E pôsto nũ fundo vale.

4

Ó divina sapiencia!
De todos tam desejada,
E de mym pouco gostada
Por nom ter sufficiencia.
Fazeme tam sabedor
Que possa dizer aquy,
Com favor do teu favor
As grandes cousas que vy.

5

Por este val corria
Hũa tam funda rribeyra,
Que estando juncto da beira
Escassamente se via!
Tanta tormenta soava
Naquele lugar eterno
Que se me rrepresentava
Quanto dizem do ynfferno!

6

De muy escūra neblyna
Fra o ar todo cuberto;
Devia ser daly perto
O luguar de Proserpina.
O fogo sem sapagar;
O mall sem comparaçam
Podiam bem demonstrar
O dominyo de Plutam.

7

Nõ vy camaras pintadas
Com rricos patyns de fundo,
Dos rricos daqueste mundo
Por demasia buscadas.
Nem vy ssuaves cantores
Com vozes muy acordadas,
Mas muy discordes clamores
Das almas atormentadas.

8

Nõ vy aves muy suydosas,
Que cantassem docemente;
Mas bradavam fortemente
Serpentes muy espantosas.
Aly prazer nom senty,
Antes descontentamento;
Toda cousa, qualy vy,
Era para dar tormento!

9

Daly quisera salvarme,
Do que via temeroso,
E das armas do medroso
Junctamente proveytarme;
Mas achar não pude vya
Pera me podêr salvar;
Em tam mostrey valentia
Para mays me condenar.

10

E sem fazer a vontade
Nem esperar por saude,
Quys aly fazer vertude
Da mynha necessidade:
E tambem por ser sem falha
Esta verdade, que digo,
Cos que fojem na batalha
Passam sempre mór perygo.

11

E como faz quem peleja,
Vendo-se desesperado,
Por honrra tomar forçado
A morte que já deseja;
Assy me fuy juntamente
Donde o fogo mais ardia,
Por viver honrradamente,
Ou morrer como devia.

12

Assy de todo mudado
Aly junto me cheguey
E neste modo faley
Assaz bem temORIZADO.
O jentes atribuladas!
Por que rrazão de vós dê,
Dizey a causa porquê
Scês assy atormentadas.

13

Logo de todo cessarâm
Daqueles grandes tumultos;
E com muy disformes vultos
Para my todos olharam!
E logo salevantou
Dantre todas hũa delas,
E sem culpar as estrelas
Desta maneira falou:

14

— «Este pranto tão durido,
De tantas tribulações,
Sam os justos galardões
Dos ssecações de Cupido:
Que por lhe sermos leaões
Tantas mortes nos persseguem.
Que nossas dores mortaões
Som muy mays das q se seguẽ.

15

«Penamos pelas folguanças
Que vivendo procuramos;
Que é ympossivel q aiamos
Duas bemaventuranças.
Que seria gram destórea,
E juizò muy profundo,
Levar lá prazer no mundo,
E nesto ntro tam bem grorea!

16

«Somos passados de fryo
Em grandissima quentura;
A vida nam tem segura
Quem bebe daqueste rryo.
Que neste fogo penados
Sejamos sem esperança,
Mata-nos mays a lembrança
Dos prazeres já passados!

17

«Polo qual, se tu quiseses
Ser livre de nosso mall,
Trabalha quanto podéres
Pôr fugir caminho tall.
Sempre te guie rrazam,
Governe como cabeça;
A vontade lhobedeça,
Sem outra contradicam.

18

«E se quereys saber mays
Porque des conta de my,
Sam huũ dos que decendy
Nos abysmos ynfernaes.
E fuy lá com tall ventura.
Que quanto quys acabey,
Mas deploys me condeney
Por nom guardar a postura.

19

«E por mays certos signaes
Dem Rudice foy marido,
Por ela mesma perdido
Nestas penas ymmortaes.
Eu fuy aquelle couvistes
Que na música soube tanto,
Que fyz com meu doce canto
Nom penar as almas tristes.

20

«Aquessas outras cõpãhas
Que penam nestas cavernas
Antiguas, tãbem modernas,
Son de mil terras estranhas.
Que já mays se passa dia
Quaqui nam sejam trazidos...
He muy espaçosa via
A que seguem nos perdidos.»

E por ysso que partays,
Em qualquer parte questeys,
Em meu coraçam fycays;
Poys nelle vos converteys.

Rui Gonçalves de Castello-Branco, *Canc. Geral*, III, 138.

IV

Comiguo me desavym:
Vejo mem grande periguo!
Nam posso vyver comyguo
Nem posso fogir de mym!

Antes queste mal tevesse
Da outra gente fugya:
Aguora já fugyrya
De mym, se de mym podésse!

Que cabo espero, ou q fym
Deste cuydado, que syguo
Pois traguo a mym comiguo
Tamanho imiguo de mym!

Francisco de Sá [de Miranda] *Canc. Geral*, III, 152.

V

Coytado quem me-daraa
Novas de mym, hondestou;
Pois dizeys que nam som laa
E caa comigo nam vou!

Todeste tempo, senhora,
Sempre por vós preguntel;
Mas que farey, que já aguora
De vós, nem de mym nam ssey?

Olhe vossa mercê laa
Se me tem; se me-matou;
-Porqueu vos juro que caa
Morto, nem vyvo, nam vou!

Francisco de Sá [de Miranda] *Canc. Geral*, III, 154.

VI

Porq̃ meu mal sy dobrase
vos fez Deos fremosa tanto,
que nam sey santo tam santo,
que pecar nam desejasse.

Polo qual sey, que me vejo
de todo ponto perder,
por nam ser em meu poder
partir-me deste desejo.

Mas quem meste malfadasse,
e me traga dano tanto,
praz-me; poys nã sey tam santo,
que pecar nam desejasse

Condell mor, *Canc. Geral*, I, 210.

VII

Poys minha triste vêtura
nã meu mal nã faz mudança
quem me vir ter esperança,
cuyde que é de mais tristura.

E poys vejo que em morrer
levays gloria nom pequena,
antes nam quero vyuer,
que vyuerdes vos em pena.

quero triste sepultura;
quero fym sem mais ta
poys nunca tyue esper
que nam fosse de trist

D. João de Meneses, *Canc. Geral*, I, 143.

VIII

Folguo muyto de vo
pesa-me quando vos v
Como pod'aquisto sser
que ver-vos he meu d

Isto nam sey que o
nem donde tall mall n
sey bem que vos quero
com quanto dano me t
Mas ystee para descre
ter senhora tam gram
morrer muyto por vos
pesa-me quando vos v

Tristam Teyxeyra, *Canc. Geral*, II, 148.

IX

Senhora, partem tãtristes
meus olhos por vós, meu bẽ,
que nũca tam tristes vistes
Outros nenhũs por ninguém!

partem tam tristes os
tam fóra desperar bem
que nũca tam trystes
outros nenhũs por ni

João Rodrigues de Castello-Branco, *Canc.* (

X ¹

Versos trocados entre o Infante D.

Do Infante

1

Nom vos será gram louvor
por serdes de mim louvado,
que nam sam tam sabedor
em trovar, que vos dei grado.
Mas meu desejo de grado
a mim praz de vos louvar,
e vós o podeis tomar
tal quejando vos é dado.

Sab
gra
cor
em poesias trazer.
Ou de novo as fazer
hu compre com gram meestria,
de comparar melhoria
dos outros deveis aver.

¹ Sam importantes como documento. Lá vem a alusão ás viagens do Infante, que, como se vê, profundamente haviam impressionado os seus contemporâneos. Segue-se o texto do *Canc. Geral*, ed. da Impr. da Univ., II 225.

3

Damor trovador sentido,
 como a quem seu mal sentio,
 e o ouve bem servido,
 e os seus segredos vio.
 E de todo departio
 mui formoso, e mui bem,
 como pode dizer quem
 vossas copras ler ouvio.

4

De louvar quem a vós praz
 aconselhar lealmente,
 desto sabeis vós assaz,
 e fazei-lo sajesmente.
 E assentar soo presente
 creo nam terdes ygoal.
 de conssoar outro tal,
 julgue-o quem o bem sente.

5

Por todo esto sam contente
 das vossas obras que vejo,
 e as nam vistas desejo,
 faze-me delas presente.

Resposta de D. Joam de Mena

1

Principe todo valiente
 en los fechos muy medido,
 el sol que naace en oriente
 se tiene por ofendido
 de vuestro nombre temido,
 tanto luze en occidente.
 Soes de quien nunca os vido
 Amado publycamente,
 tan perfecto esclarecido,
 que por serdes bien regido,
 Dios vos fizo su Regiente.

2

Vos de reis engendrado,
 y de reis engendrador,
 hijo dino muy loado
 de rey santo, vencedor,
 Linaje demperador,
 Cabeça de gran senado
 De lealtad y damor
 tam gram fruto avês mostrado,
 que a vuestro gran onor
 Dos treys y huñ señor
 Son y és muy obrigado.

3

Nunca fue despues ni' ante
 quien viesse los atavios,
 y secretos de levante,
 sus montes, insoas y rios,
 sus calores y sus frios,

como vos senhor Ifante.
 Antre moros y judios
 esta gram virtud se cante,
 entre todos tres gentios
 cantaran los metros mios
 nuestra perfeccion delante.

Vos de my no dar loores,
 Mas recebirlos deveis,
 vós gram señor de señores
 que aveis fecho y fazeis
 tanto que grandes astores
 muy ocupados teneis.
 Eu dezir vuestros dulçores,
 porque siempre vos llameis
 príncipe de los mejores
 porque creçam los lavores
 desse reino portugues.

REPRICA O INFANTE

Como terra frutuosa
 Joam de Mena respondestes
 com messe mui abastosa
 do fruto que recebestes.
 Mas em esto vos errastes
 louvar mais do merecido,
 mas por mim he recebido,
 que louvando me ensinastes.

FIM

Aquelo que devisastes
 seguirei a meu poder,
 se quer que possam dizer,
 que muito nam sobejastes.

PROSA

XI

Prefácio da VITA CHRISTI

Prohemial epistola ao serenissimo príncipe elRey potentissimo e senhor dom Joham o segundo Rei de portugal e dos algarues daquê e dalem mar em affrica Senhor de guynée dirigida preposta em a lectura da vida de xpo peſ ordenança e mandado da muy esclarecida de sangüe e virtudes e antre as princeſas da cristandade yllustrissima senhora Raynha dona Lyanor sua muy virtuosa molhér inpressa pellos honrrados meestres e empressores felicemente se co-meça....

Visto como nesses regnos som muyto mais os vulgares que os que a lingua latina conheçem : querẽto apuestar aa saluaçam dos muytos por em vida eterna receber moor guarladam : aos taes per xpo ja pormetido (sic). mandou [D. Leonor] estãpar e de forma fazer em lingoa materna e portugues linguagem : como de fei:õ com divino favor per obra comprio com muyta dispeza de sua fazenda : por serviço de nesso senhor e porveito comuu : as quatro partes do livro intitulado vita xpi. nom aquelle apocrifo da infancia do saluador : mas ho ordenado e composto pello reverẽdo padre Ludolfo cartusiano : chamado meditações da vida de Jhesu : no qual se cotẽm todol os mysterios da ffé catholica : segudo a escriptura dos quatro evangelistas e notarios cristiculos : com verdadeyras e deuotissimas exposições de diversos doctores : egregios : devotos : e muy gloriosos...

A qual obra tam virtuosa e como pteeçe assi castigada pello uenerauel padre e devoto religioso frey andree observante da religiam de sam francisco de vossa e sua alteza orador devotissimo : emendada e bem corregida em ho modo de sentencias. E posto que dos antigos vocablos na psente obra alguns se achẽ q aos modern' destes nossos typos : os quaes de gentijs e doçes termos se prezam e oẽ enueterados como grossos emge tam : gosto de suavidade nom offereçerem nem ha queirõ de si como cousa fastidiosa e insipida vomitar dos novos vocabulos a esse dãdo causa muy grãde donde ho dicto padre he mais digno de venia que de reprehensom. E assi cõ a dicta correçom clara e illucida : a petiçam e mādado da dicta senhora Raynha com muyta diligencia eu Valẽtino d Moravia co meu parceiro Nicolao d Saxonia açeptamos de fazer...

Acabase a prohemial epistola di
rigida pellos imprimeadores ao
serenissimo principe e Rey putẽ
tissimo Senhor dom Joham
ho seguindo Rey de portugal

XII

Retrato de Jesus Cristo

Lee-se nos livros ānuaes que ham os romaños que Jesu Cristo que he chamado dos gentios Prophet, da verdade foy de statura do corpo grande nom desc. mpassada, mas meãã e vistosa e honrrosa e reverente. E a cara teve digna de honrra a qual poderiam amar e temer os que o vissem. Os seus cabellos erã de aveiaã madura e chegavã aas orelhas yguaes e chaños e dally ao fundo quanto quer crispos e louros e cobriã e avanavã sobre os ombros. E no meio da cabeça tijnha hũa spartadura segundo costume dos nazareos. A testa chãa e muy clara e a face sem emverrugadura nem magoa : a qual afremosentava a vermeidom temperada. Do nariz e da boca nom avia tacha nẽ reprehendimẽto alguu. A barba era grossa ou farta de cabellos nom longa, mas na fim forçada. E sem esguardamento era simprez e sesudo ; os olhos de collores e claros ; em seu repreliender muy spãntoso ; em amoestar blãdo e mavioso ; alegre cõ pesso. Alguas vezes chorou mas nũca rijo. Em a feitura do corpo bein fundado e direito. As maãos e braços muy bem pareçetes ; em a falla pessado e de autoridade e bem arazoadado de poucas pallavras e certas. E porem com razom diz o Psalmista : fremoso he em sua feitura sobre todos os filhos dos homẽs

Vita Christi, Prohemio, fol. vi v., 2.^a col.

XIII

- Jesus Cristo e a Samaritana

Começa-se o livro segundo intitulado de vida de Cristo em lingoagem portugues...

E foy-se outra vez Jesus a Gallilea... a cerca de Sicheim cidade de Samaria onde stava a fonte que Jacob abrira... e veyo huua mulher do regno de Samaria... a tirar agua e demãdando-lhe o Senhor augoa por o trabalho e fadiga do caminho. E conhecẽdo-o a mulher em as faldas do mantom por judeu porque assy como os judeus erã devisos delles em louvor e serviço de Deus em a circũcisom, assi tijnhã defferença nos vestidos. Disse-lhe a mulher:

— Os Judeos nõ lusam nẽ conversã cõ os Samaritanos... Eu vejo q̃ Propheta es tu.

E Jesus respõdẽdo disse:

— Que tẽpo vijnria em q̃ o evangelho seria publicado. E entõ os homẽs nõ adorariã õ Jherusalẽ nẽ em aquille mõte... mas os verdadeiros adoradores adorarã o padre em spiritu e verdade.

Nẽguẽ pero daquelles lhes disse q̃ demãdas ou q̃ fallas cõ ella? porque sabiã que sua falla non seria sem proveito segũdo se mostrou pela obra seguinte, porque tanta devoçom concebeo e ouve ella da pallavra de Cristo que leixou a agua necessaria aa vida corporal por tal que sem detença fosse denũciar a Cristo.

De A segunda parte... ibid., fol. II.

XIV

Do Requerimento da graça

Deus que he geeral começo, e fim, poendo graaos em as cousas que fez, ordenou pera tal guisa o estado dos homẽs que em cada huũ he achada mingua, e nenhũa condiçom he tanto ysenta que em falecimento nom aia sua parte: E por sse manter tal hordenança prougue-lhe de poer natural afeyçom perque sse ajudassem as suas criaturas. E liou spyritualmente a nobreza dos principes, e a obedeença daqueles que os hã de servir com doçe e forçosa cadea de benffeytura per a qual os senhores dam e outorgam graadas, e graciosas mercees: E os sobdictos offerecem ledos, e voluntarios os serviços aaquelles aque por natureza vivem sogeytos, e som obrigados por o bem que rrecebem. Da virtuosa prisom daquesta cadea despojs que eu tive conhocimento, entendendo que he muy necessaria em a geeral governança do mundo, e que por ella podemos aa fonte chegar que sobre todos sparge suas augas, e doutrem as nom riecebe: Propuse de screver algũs cousas que ao bem fazer sam compridoyras con que eu filhasse menbrança de fazer serviço aaquelle senhor em cuia obrigraçom todos iazemos. E sentiundo o que diz o apostolo Sã paulo em o nono capitullo da epistolla aos rromaaõs que a boa uoontade nom tem seu primeiro começo em o deseidor, Nem tem o correr comprimento em o que faz: Mais a merçee de deus em cuia speranza todos uiuemos usa de cada huũ a seu prazimento: Conheci que sse nom pode fazer boa obra sem aiudoyro daquelle senhor cuia uirtude ao verdadeiro requeredor nunca sse nega: E querendo eu seer em companhia daquelles ue da persunçom dos seus entendimentos deseiam sempre uiuer alongados qonho feuzã en a uirginal madre que de todallas graças he ministrador rogando-a p

em aquesta guisa = Vos senhora santa maria, mais gloriosa que outra persoal criatura, e uirtuosa posuydor em sobre auondante comprimento; Em cuio uentre de uirtuosa pureza fez a deidade graciosa morada: E ffoy geerado fruyto temporalmente homem, que eternamente he deus geerado nosso remydor Chrispto lezhu, porque nós sooes exalçada sobre todas lherarchias dos santos principados: Per este uosso infyndo mereciment^o senhora vos peço humildosamente que em sua presença em tall guisa me façaaes seer gracioso, que mereça de servir, e louuar elle e vós: Compoendo esta obra ao proueyto daquelles a que sua doutrina he compridoyra. E por eu merecer de a vossa petiçom seer a meu proueyto ouuida ofereço com toda humyldade meus fracos rogos em aquesta maneyra = Padre nosso que sobre todollos Ceeos sooes exalçado praza-nos de o vosso sancto nome ser louuado per minha obra, em guisa que eu seia mereccdor do celestial regno seendo a uoontade do vosso prazi mento comprida em my que som terra: Sguardaae senhor a my vosso filho que na aruore da verdadeyra cruz geerastes com grande door; E ueede como iação no valle da ygnorancia, deseiendo de sobir aa serra muito alta do conhecimento verdadeyro: Eporem seia vossa mercee de me outorgardes cada dia o pam de vossa infynda misericordia, que sooes vós mesmo, porque eu receba sfforço pera vos seruir em este aucto, e em qualquer outro: Ordenando boo começo com proueytoso meyo poendo fim que a ny e aos outros traga melhoramento per guisa que nom soamente perdoemos aos que nos errarem; mas demos benefiços aos mesteyrosos seendo uerdadeyros gradecedores de todo bem en que a vós somos obrigados: E porque senhor em quanto em este mundo uiuemos somos per temptaçoens tornados de fazermos boas obras; praza-vos de me soportar que em temptaçom non seia derribado, e li-vraae-me do mill que a vós he auorreçuel. Amem.

Infante D. Pedro. Cap. I do Liv. da Virtuosa Benfeitoria, 5-5.

XV

Da maneira que fui doente do humor menenconico e del guareci.

Por quanto sey que muytos foram, som, e ao diante seram tocados deste pecado de tristeza, que procede da uoontade desconcertada, que ao presente chamam em os mais dos casos doença de humor manenconico, do qual dizem os fisicos que vem de muytas maneiras per fundamentos e sentidos desvairados; mais de tres anos continuados fuy del muyto sentido, e per special merece de Nosso Senhor Deos ouve perfeita saude: com a teençom que primeiro screvi dalguñ; desta breve e symprez leitura filhareis proveitosa ensynança e aviso-mento, prepus de vos screver o começo, perseguimento e cura que del ouve, por tal que mynha speriencia a outros seja exemplo: ca nom he pequeno conforto e remedio aos que som desto tocados saberem como os outros sentiram o que elles padecem, e ouverem comprida saude, porque huñ dos seus principaes sentymientos he pensarem que outrem j mais nunca tal sentio que fosse tornado a seu bo: stado em que antes era.

E porem esta desesperança he huñ grande parte do seu sentimento, da qual por o que screvo razoadamente se devem tirar, e tambem fi har grande conforto, pensando que outros de grande stado, e que som theudos em razoada estima, foram desto sentidos, porque nom se desprezam tanto assy medes por receberem tal pensamento com tanto padecimento de tristeza, quando pensam que taacs pessoas ja tal passarom, porque este desprezo que cada huñ de sy ha he huñ grande aazo de sua tristeza, o qual tirado, e havida qualquer parte de boa sperança, logo começa de aver saude, e se faz muyto desposto pera receber per a graça do Senhor Deos perfeita cura. Quando eu era de xxij annos, ElRei

meu senhor e padre, comprido de muytas virtudes, cuja alma Deos aja, despoendosse pera filhar a cidade de Cepta, mandoume que tevesse carregó do conselho, justiça e da fazenda, que em sua corte se trautava... e desi por grande voontade que avia de se proceder per o dito feito, recebi sem outro reguardo todollos dictos carregos, aos quaaes me pus assy, fora de boa d. sclicom, que na primeira quareesma, que logo veeo fazia tal vyda. Os mais dos dias bem cedo era levantado, e, missas ouvidas, era na rollaçom ataa meo dia ou acerça, e vinha comer. E sobre mesa dava odiencias per boo spaço, e retraya-me aa camara, e logo aas duas oras pos meo dia os do conselho e veedores da fazenda erom com migo, e aturava com elles ataa IX oras da noite, e desdeque partiom, com os officiaes de minha casa estava ataa XI oras. Monte, caça, muy pouco husava; e o paaço do dicto senhor vesitava poucas vezes, e aquellas por veer o que el fazia, e de mym lhe dar conta.

D. Duarte, *Leal Conselh.*, c. XIX, 114.

XVI

Em nome de Nõsso Senhor Jhu Xpo, com sua graça, e de Virgem Maria sua muy sancta Madre Nossa Senhora, Começasse o livro da ensynança de bem cavalgar toda sella, que fez ElRey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve, Senhor de Cepta, o qual começou seendo lffante.

Aos que dizem que esta manha [de bem cavalgar toda sella] sem livro se deprende, digo que he verdade; mas entendo que a moor parte de todos acharam grande vantagem em leerem bem todo esto que screvo. E porque nom sey outro que sobreyo geeralmente screvesse, me praz de poer esta sciencya primeiro em scripto, e antremety algũas cousas que perteeceem a nossos costumes, ainda que tam a proposito nam venham, por fazer a alguũs proveito, posto que a outros pareça sobejo. E conhecendo que o saber dos senhores, segundo razom, em hũu soo manha, nom pode seer muyto avantajado, por certo he que a virtude espalhada he mais fraca que se for ajuntada; mas por averem conversassom com muytas pessoas destados e saberes desairados de mais cousas que outros, auendo entender natural, razoadamente deuem saber. Porem a uontade me requiere que algũas ouuy, e per mym entendo que screua por se del as a meu juyzo poderem fihar boos avysamentos sem nenhũa perda.

E os que esto quizerem bem aprender, leamno de começo, pouco, passo, e bem apontado, tornando algũas vezes ao que ja leerom pera o saberem melhor; ca se o leerem ryjo, e muyto juntamente, como livro destorias, logo desprazera, e se enfiadarom del, por o nom poderem tambem entender nem renembrar, porque regra geeral he, que desta guisa se devem leer todollos livros dalgũa sciencia ou ensynança.

D. Duarte, *Ibid.*, 497.

XVII

De como dō Nuno Alurez foy criado em casa de seu padre; como em hydade de treze ânos per seu padre foy dado a el-rey dom Fernaudo por morador em sua casa.

Sendo dom Nunalurez criado a grã viço em casa de seu padre. E chegãdo a hydade de treze ânos: e auendo elrey dom Fernãdo de Portugal guerra com elrey dō Anrrique de Castella. Este rey dom Anrrique de Castella se trabalhou de vijr: e de feito veo com seu poderio e çidade de Lixbõa. E a esta sazom estava elrey dom Fernãdo em Santarem, e com elle o prioll dom Aluaro Gõçalvez Pereyra com çertos caualleiros da sua ordem e doutros. E outrosy estauam com elle algũs dos seus filhos antre os quaes era dō Nunalurez, moço de treze annos q̃ aynda nunca tomara armas. E porque as gentes delrey de Castella passauam per açerca de Santarem pera Lixbõa honde seu senher estava. O priol por ensayr dom Nunalurez seu filho. Pero assy fosse moço lhe mandou que caualgasse. E esso mesmo mandou a outro seu filho que chamauã Diegalurez, que foy huũ boũ caualleiro da ordem: que tãbem caualgasse. E mandou com elles outros caualleiros e escudeyros de sua cassa que fossem fora a descobrir terra pera verem as gentes delrey de Castella que passauam pera Lisboa que gentes eram: e a mañeyra que leuavã. E logo Diegalurez e esso meesmo dom Nunalurez porque fosse moço. E os outros que com elles mandaram fizeram o que lhes o prioll mandou e se foram fora da villa contra aquella parte per honde deziã que as gẽtes delrey de Castella passauam: e porque nõ achãrom: nem poderã veer nenhũa cousa tornaramse pera a villa: e chegando asy aa villa ajunto com o castello honde por entom elrey dom Fernando e a raynha dona Lianor pousauam: os quaes a essa ora sijã comendo. Souberom como dom Nunalurez: e Diegalurez seu jrmão: e outros asy vinham de fora e mãdarom nos chamar honde asy sijã comendo: e dom Nunalurez e seu jrmão se deçeram logo das bestas e se foram honde elrey e a raynha estauam: e elles o receberam bem: e lhes fizeram pergunta donde vinham e pollo que foram: e que era o que lla acharom y vijam. E dō Nuno Alurez Pereyra respondeo que lhe parecia muyta gente mal acaudellada: e que pouca gente cõ boũ capitã bem acaudellada os poderia desbaratar. E em fallãdo estas pallauras a raynha como molher que era muyto paçã e de boã palaura: fallou contra elrey em sabor dizendo, que ella queria tomar Nuno Alurez por seu escudeyro: e elrey lhe respondeo que era bem feito: e que elle queria tomar por seu caualleiro Diegalurez seu jrmão. E ditas estas palauras per elrey e per a raynha: logo a raynha disse contra dō Nuno Alurez que ella o queria armar de sua mão como seu escudeyro: e nõ queria que doutras mãos tomasse armas e dom Nuno Alurez assy como era moço: era muy vergonhoso e missurado. E quãdo ouuio o que a raynha dezia es- nõdeo que lho tinha em grãde mercee: e que prazeria a Deos que ajnda lho serũ- ria: e beijoulhe por ello a mão. E auendo a raynha em vôtade de poer em obra o que disera. Logo se trabalhou de mandar buscar arnes cõuinhael pera dom Nunalurez: qual lhe compria. E porque elle era pequeno de hydade de treze annos como ja ençima faz mençam: nãm lhe podiam achar arnes tam pequeno. E entom disseram a rrainha de como o Mestre dAuiz, que entom era jrmão delrey dom Fernando, tinha huũ arnes que ouuera em seendo assy moço pequeno. E fezerõlhe entender que seria boũ e bem conçertado pera o dom Nunalurez. E ella ho mandou logo pidir ao Mestre: e tanto que o Mestre sobre ello vyo recado da rrainha: logo lhe enuiu o arnes com boã vôtade: e a rrainha o deu logo a dom Nunalurez segundo lho auia prometido. E assy tomou dom Nunalurez as primeyras armas que forom do Mestre dAuiz: e per mãos da raynha dona Lyanor. E de hy em diante a rrainha o ouue sempre por seu

falassem por ele a Lazeraque, que o mandase tirar daquela escuridom, e que o posessem em lugar onde o eles podessem curar, e ajuda-lo, porque com gran pena se leuantaua ja a fazer suas neçesidades.

E forom se entom tam tristes, como quem tijnha posto sua vida em tal risco de a perder. Falaron a el Rey e aa Rainha, e a irmãa del Rey, que era a mayor molher de Lazeraque, de que nom ouverom outra reposta, saluo:— «dizeeihe que se esforce a sy o melhor que poder, ca nos nom podemos em isso nenhũa cousa fazer, nem requerer.»

A quantos aleaides e homes honrados vijnham ao alcaçer, eles faziom queyxume de tanta crueza, pedindo-lhes mjsericordia para aquêlê atribulado Senhor, que tanto auja mester; e com mujtas lagremas se leuantauom anteles em terra beijjando-lhes os pees e as mãas; e de todos nom aujom outra ajuda, senon que hñus diziom:— «quem cujaes que se atreua a falar nijsto ao Senhor?»

Outros diziom:— «Deus sabe que mal nos parece o que lhes fazê, e nos pesa delo mujto, mas nom he em nosa mão de outra cousa fazermos.»

Outros se rjom fazendo deles escarnho, e diziam:— «daae nos Çepta, e logo uoso Rey auera mais fauorança.» E en esto chegaarom ao alcaide Laaçem, que era o mayor priuado de Lazeraque, e poserom suas prezes ante ele, recon-tando sua neçesidade. E dês que os ouujo começou de se asanhar contra eies, dizendo-lhes:— «Cãaes, peros, sem ley e sem hem, parece que nos homês ha de darem saude ao uoso Rey?! hy-nos dhy asinha, ca se Deus qujser ele o mata, ou dara sãao!»

Com esta louca sentença os lançou dante sy muy desconsolados. E entom ouuerom com o alcayde da Çaqujia, que deles tijnha a guarda, que notificase a sen Senhor o perijgo da morte, em que o Ifante estaua; o quall nom tanto por socoro do Ifante, como por sua guarda, lho foy dizer. Nom enbargando que outro remedio nom lhe posessem, nem lhe adesem alghũa cousa a ele da regra acostumada; que auja soamente que o fisico esteuese com ele, e alghñus outros cristãos que ouuessem mester. Des a terça feira ataa quarta segujnte estancou a corença de todo.

Cr. do Infante Santo..., ed., 1911, pág., 99-102.

XIX

Morte do Conde de Andeiro.

...baterom aa porta, e o Porteiro como emtrou o Meestre, quis çarrar a porta por nom emtrar nehñu dos seus, e disse que o preguntaria aa Rainha, nom por delles aver nehũa sospeita, mas porque a Rainha estava com doo, e nom era costume de nehñu emtrar, salvo esses senhores, sem lho primeiro fazer saber. E o Meestre rrespomdeo ao Porteiro: *Que as tu assi de dizer?* E em esto emtrou de gnisa, que emtrarão os seus todos com elle; e ell moveo passamente contra homde estava a Rainha; e ella se levamtou, e todollos outros que eram presentes.

E depois que o Meestre fez rreveremça aa Rainha e misura a todos, e elles a ell rreçebimento, disse a Rainha que sse asemtassem, e fallou ao Meestre dizendo: *E pois, irmão, que (he) isto a que tornastes de vosso caminho?*

Tornei, Senhora, disse elle, porque me pareceo que nom hia desembargado como compria. Vos me hordenastes que tevesse carregado da comarca dAmtre Tejo e Odiana, se per ventuira elRey de Castella quisesse vinir ao rregno e quebrar os traustos damtre vos e elle; e porque aquella fromtaria he grossa de gentes e grandes senhores, assi como do Meestre de Samtiago, e do Meestre dAlcátara e doutros e boôs fidallgos; e aquelles que vos assinastes pera a guardarem comigo, me parecem poucos; por emde tornei pera me dardes mais

vassallos, pera vos eu poder servir, segundo compre a minha homrra e vosso serviço.

A Rainha disse que era mui bem, e mandou logo chamar Joham Gomçallvez seu Escrivam da Poridade, que visse o livro dos vassallos daquella comarca, e que lhe desse quantos e quaes o Meestre rrequeresses, e que fosse logo desembargado de todo. Joham Gomçallvez foi chamado a pressa e foyse assemtar com seus escrivães a proveer os livros pera desembargar o Meestre.

Em esto começaram de o comuidar os Comdes cada huũ per ssi; e isso meesmo o Comde Joham Fernandez se aficava mais que comesse com elle que os outros. O Meestre nam quis tomar convite de nehuũ, escusamdosse per suas pallavras, dizendo que ja tinha prestes de comer que mandara fazer ao seu Veedor; porem d zem que disse mui escusamente ao Comde de Barçellos que o nom sentio nehuũ: *Conde, hiivos daqui, ca eu quero matar o Comde Joham Fernandez.* E que ell rrespondeo que sse nom viria, mas estaria hi com elle o ajudar.

Nom sejaaes, disse o Meestre, *mas rrogovos todavia que vos vaades daqui, e me aguardees pera o jantar;; ca eu Deos querendo tanto que isto for feito, logo hirei comer com vosco.*

A ventuira por melhor aazar a morte do Comde Joham Fernandez, começou de lhe fazer rreçar a viimda do Meestre; per tal guisa que lhe pos em voomtade, que mandasse a todollos seus que sse fossem armar e se veuessem pera elle; e de qualquer geito que foi, partiromisse os seus todos do Paaço assi fidallgos que o aeõpanhavom como os outros, e foromsse armar pera sse viimrem per eelle; e esta foi a rrazoe por que ell ficou sso de todos elles, e nenhuũ estava hi quando morreo.

A Rainha isso meesmo pos fememça nos do Meestre; e veemdoos assi todos armados, nõ lhe prouge em seu coração, e disse fallamdo contra todos:

Samta Maria vall! como os Ingresses ham mui boom costume, que quando som no tempo da paz, nom tragem armas, nem curam damdar armados, mas boas rioupas e luvas nas mãos como domzellas; e quando ssom na guerra, emtom costumam as armas e husom dellas como todo o mundo sabe.

Senhora, disse o Meestre, *he mui gram verdade. Mas isso fazem elles porque ham mui a meude guerras, e poucas vezes paz, e podemno mui bem fazer; mas a nos he pollo contrairo, ca avemos mui a meude paz e poucas vezes guerra; e sse no tempo da paz nom husarmos as armas, quando vehesse a guerra nom as poderiamos soportar.* E fallamdo em isto e em outras cousas, chegavomsse as horas do comer, e espediosse o Comde de Barçellos, e desi os outros, ca os mais delles dava a voomtade aquello que sso depois fez.

Ficamdo assi o Comde Joham Fernandez, gastavasse lhe o coração, e tornou a dizer ao Meestre: *Senhor, vos todavia comerees comigo.*

Nom comerei, disse o Meestre, *ca tenho feito de comer.*

Si comerees, disse elle, *e em quanto vos fallaaes, hirei eu mandar fazer prestes.*

Nõ vaades, disse o Meestre, *ca vos ei de fallar huua cousa amte que me vaa, e logo que me quero ir, ca ja he horas de comer*

Emtom se espedio da Rainha, e tomou o Comde pella mão e sahirom ambos da camara a huũ gramde casa que era adeante, e os do Meestre todos com elle, e Rui Pereira e Lourenço Martiiz mais açerca. E chegandose o Meestre com o Comde açerca dhuũ freesta, sentirom os seus que o Mestre lhe começava de fallar passo, e estiverom todos quedos. E as pallavras foram amtrelles tam poucas e tam baixo ditas, que nenhuũ por estomçe emtemdeo quegemdas eram; porem afirmam que foram desta guisa.

Comde, eu me maravilho muito de vos seerdes homem a que eu bem queria, e trava'hardesvos de minhã desomrra e morte.

Eu, senhor! disse elle, quem vos tall cousa disse, mentivos mui grande mentira.

O Meestre que mais voomtade tiinha de o matar que destar com elle em rrazões, tirou logo huū cuitello comprido, e emvioulhe huū gollpe aa cabeça; porem nom foi a ferida tamanha que della morrera, se mais nom ouvera. Os outros que estavom darredor, quando virom esto, lamçarom logo as espadas fora pera lhe dar, e ell movemdo pera sse colher aa camara da Rainha com aquella ferida, e Rui Pereira que era mais açerca, meteo huū estoque darmas per elle de que logo caliu em terra morto.

Os outros quiseromlhe dar mais feridas, e o Meestre disse que estevessem quedos, e nehuū foi ousado de lhe mais dar; e mandou logo FernamdAlvarez e Lourenço Martiiz que fossem çarrar as portas que nom entrasse nehuū, e dissessem ao seu Page que fosse a prëssa pella villa braadamdo que matavom o Meestre, e elles fezeromno assi.

E era o Meestre quando matou ho Comde, em hidade de viimte e çim-quo anos e amdava em viimte e seis; e foi morto seis dias de dezembro, era ja escprita de quatro çentos e viimte e huū.

F. Lopes, *Cr. de D. João I*, ed. do *Arch. Hist.*, cit., pág. 17.

XX

O conde D. Pedro faz talar os campos de Seuta

Como disse aquelle grande Istorial Romano, a^a que chamáraõ Tito Livio: «Que muitas mais vezes dam as cousas conselho aos homens, do que os homens dam conselho às consas.» E porem o trabalho daquella sahida naõ soamente fez honra ao conde, e aaquelles, que o seguiraõ, mas ainda proveito; porque aprendeo pera ao diante se avisar melhor dos enganos de seus amigos, especialmente das cilladas; e porque sentio, que sua vida sempre seria perigosa em quanto aquelles vallados, e arvoredos alli estevessem, õuve conselho com aquelles Fidalgos, e acháraõ, que era necessario tallarem as arvores, e derribarem os vallados; e estando sobre esta determinação começaram de vir cavallos de Castella porque os Fidalgos mandáraõ, em tanto que eraõ na Cidade até quatorze; e assy com elles, como com toda a outra gente sahio o conde da Cidade, e pôs suas guardas, que sostevessem algum perigo se sobreviesse d'Aljazira, ou d'outra parte, e a gente de pee mandou, que cortassem naquellas arvores, em quanto lhes o dia durasse, e des q̃ pedreiros, e homens, que sabiam daquelle mester, que derribassem as cerraduras e paredes das Ortas, e Pumares, e assy os vallados, de guisa que em breve foi todo achãado, nom sem grande trabalho daquelles, que o fazião. O' quem nom averla piadade de vêr a destruição de tanta nobreza; porque alli cahião Torres forradas d'oliveis pintados, e crastas ladrihadas de marmores, e ladrilhos vidrados, em que havia diversos labores; tantas arvores frutiferas, e odorosas, que áquelles mesmos, que as cortavaõ vinha piadade; ora que fariam os Mouros, que estavaõ nos muros, e Torres d'Aljazira, os quaes chorando per suas barbas, gemiaõ aquella perda.

Zurara, *Chr. do Conde D. Pedro de Meneses*, ed. da Acad., II, c. XVI, 260.

XXI

Assassinato do Duque de Viseu

E seendo El-Rey em Alcacer do Sal, sabendo o Duque, e os da conjuraçam, que avia de tornar per mar; detriminaram esperallo na praya, e ali ao sair dos batees ho matarem. Do qual perygo ordenado, ElRey foy per Dom Vasco logo avisado; pello qual mudou por isso a vynda do mar, e fez o caminho da Landeira per terra, bem acompanhado de boa gente de sua guarda, que por isso, e sem algũ alvoroço, fingindo outro achaque, a mandou perceber; porque depois da morte do Duque de Bragança, sempre ElRey trouxe guarda da Camara, e dos Ginetes, de que era Capitã Fernam Martyns Mazcarenhas, que nestes fectos, em que a vida, e saude d'ElRey e do Regno pendiam, sempre servio bem, continuoada, e muy lealmente, e de quem ElRey entam mais confiava. Chegou ElRey a Setuvel sexta feira vinte e sete dias d'Agosto de mil quatrocentos oytenta e quatro; e ao outro dia sabado mandou vyr ho Duque de Viseu de Palmella onde pousava, e em se çarrando a nocte ho chamou a sua guardarroupa, que era nas casas que foram de Nuno da Cunha, em que entam ElRey pousava; onde ho Duque entrou da todo desacompanhado, e sem muitas palavras que precedessem, RiRey ho matou per sy as punheladas...

R. de Pina, *Chr. de D. João II*, ed. da Acad., II, c. XVIII, 59.

XXII

Justiça que el-rei D. João II mandou fazer na estatua do marquês de Monte-Mór

Estãdo el-Rei em Abrãtes, por ser certificado que o marq̃s de Monte-Mór estãdo em Castela não deixava de seguir sua má vontade cõtra elle, com os do seu cõselho, e leterados, ordenou, e quis em sua auēcia mandar fazer justiça e justicar sua estatua nesta maneira. Na praça da dita villa se fez hũ cadafalso de madeira, grande e alto, todo cuberto de panos d'cõ, e nelle assentos para corregedores, desembargadores e juizes; ahi em pé meirinhos, alcaide e officiaes da justiça. E pubricamente foi alli trazida hũa estatua do marq̃s, natural como viva, que se parecia cõ elle, e vinha armado de todas armas, e e cima della sua cota d'armas, e na mão direita hũa espada alta, e na esquerda hũa bandeira quadrada de suas armas; e ali polos juizes lhe forã lidas em alta voz suas culpas, e logo per todos juizes e desembargadores sentenceado, que morresse per justiça morte natural, e pubricamente fosse degolado. E acabada de ler a sentença, veo hũm Rei d'armas, e em voz alta dizia: — Porquanto vós, cõdestable, por vosso tão grande officio creis obrigado a ter muita lealdade ao vosso rei. e servillo e ajudar a defender seus reinos, e vós não no fizestes, antes trabalhastes e procuraste por lhe offender, e lhe fostes desleal, não mereceis ter tal espada. — E logo lhe foi tirada da mão, e tornou logo a dizer. — Porquanto vós marquês, por vossa grande dignidade vos foi dada bandeira quadrada como a principe e por esta honra e dignidade que reccheistes creis obrigado guardar a honra e estado d'elRei vosso senhor e servillo e acatalo como natural e verdadeiro rei e senhor e vós tudo isto fizestes ao contrayro tal bandeira não deveis ter porque a não mereceis: — e lh'a tomaram logo da mão e pola mesma maneira e cerimonia lhe tiraram a cota d'armas e armadura da cabeça e todas as outras peças d'armas até ficar desarirado em calças e em gibão. E então veo hu pregociro e hum algoz e com pregão de justiça em que declarava suas culpas lhe cortaram a cabeça de que

sahiu sangue artificial que parecia de homem vivo. E acabada esta grande cerimonia de justiça que durou muito se desceram todos do cadafalso e logo foi posto fogo nelle e estatua e o cadafalso todo assi como estava foi queimado cousa que pareceo espantosa. E o marquês sendo d'isto sabedor foi mui enojado e triste e d'ahi a pouco tempo se finou em Castella onde elle estava.

G. de Resende, *Chr. de João II*, cap. XLVIII.

XXIII

Do que el-rei disse a hum homiem, que bebia vinho mais do necessário

Um homem honrado, que se não nomea, folgava de beber vinho; e porque o el-rei não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalhavã por seguir as obras e condição del-rei. E este homem ás vezes lhe fazia o vinho dãno, de que elrei tinha desprazer. E hum dia o mādou chamar, e elle, por não cheirar a vinho, comeo folhas de loureiro, a que muito cheirava; e el-rei lhe disse:

Foão, debaixo desse louro, a como val a canada? De que o homem ficou envergonhado e trabalhou de se emendar.

G. de Resende, *ibid.*, cap. CLII.

XXIV

Do que el-rei disse ao Conde de Borba em um conselho

O Cõde de Borba dõ Vasco Coutinho de sua condição falava sempre muito alto, e ás vezes, quando se queria frautar, falava muito baixo. E hum dia, estãdo elRei em hum conselho, quando veiu o Cõde a dizer seu parecer, falava tão baixo, que se não ouvia; e elRei lhe disse:

— Cõde! os vossos baixos são tão baixos, que vos não ouve ninguem; e os altos são tão altos, que se não ouve ninguem comvosgo.

G. de Resende, *ibid.*, cap. CXCv.

XXV

Morte de D. João II

Mandou saber em que ponto estava a maré, e dando-lhe a reposta disse: Daqui duas horas me finarey: e assi foy. E estãdo assi cõ muita pena tirando cõ grandes e mortaes saluços, que lhe acudiã de quando em quando disse: Tenho tamanho amargor na boca, que se não pode sofrer. Disse-lhe o Bispo de Coimbra: Senhor, lembre-nos o vinagre e azedo, que derão a beber a Nosso Senhor IESV Christo estando na Cruz, e não vos amargará a boca. E el Rey lhe respondeo: O' Bispo, quãto vos agradeço isso, porque esse passo soo me esquecia da paixã. E estando assim yeyo lhe hu muito grande accidente antes de lhe sayr a alma, que o trespassou; e cuidando todos, que era finado, o Bispo de Tangere lhe fechou os olhos e a boca; e elle o sentio e tornou a si, e disse: Bispo, ainda não vem a hora. E falando sempre palauras santas, e encomendando a todos, que

Iho agradeço muito, e vós así lhe di ei de minha parte. Não he sem razão, que os homens que tem voso cargo sejam de prazer e honrar, que depois daquies Pr.^{es} ou Capitaens que fazem os feitos dignos de memoria, aquelles que depois de seus dias os escreverão muito louvor merecem: bem aventurado, dizia Alex.^o, que era Achilles porque tivera a Homero por seu escritor. Que fora dos feitos de Roma se Tito Livio os não escrevera? E Quinto Curcio os feitos de Alexandre? Homero os de Troya? Lucano os de Cesar? E así outros A. A. Muitas cousas estes fizeram, as quaes não são tão dignas de memoria quanto são doces de ouvir, e leer, pello bom estilo com que forão escritas. Lê se no prim.^o de Tito Livio (como vós melhor sabeis) que se não fora a oração que fez hum nobre Barão daquelle tempo, quasi todo o povo de Roma fôra perdido. Muitos são os que se dão aos exercícios das armas e muy poucos ao estudo da arte oratoria. Así que pois vós sois nesta arte assás ensinado, e a natureza vos deu muy grão parte della; com muita razão eu e P.^{es} de meus Reynos e Capitaens devem daver a merçe que vos seja feita por bem empregada. Muitos certo vos são obrigados porque ainda que os feitos de Cepta sejam assás de recentes, depois que eu vi a Cronica que vós delles escrevestes a muitos fis honra e merçe com melhor vontade, por ser certo do algũs boës feitos que laa fiserão por serviço de D.^e e dos Reis meus antecessores, e meu, e a outros por serem f.^{os} daquelles que así laa bem servirão, do que eu não hera antes em tam comprido conhecimento, e creio que não menos serão aos que depois de my vierem, quando virem o que haveis de escrever dos feitos de Alcaçar. E se alguns merecem gloria por irou a esa terra, por servirem a Deos e a mi, e fazerem de suas honras, vós assás sois de louvar que cõ desejo de escrever a verd.^e do que eles fizeram, vos desposcestes a levar o trabalho que eles suportarão; vós podereis laa ser bem agasalhado do Conde; mas se o desejo que tẽdes de me servir, e fazer o que o vosso serviço pertence,

vos laa fizesse viver contente, certo he que não pode Alcaçar dar bo que Lix.^a tem; aquella vida fostes vós buscar por usares de vertude que aos outros em lugar de pena dão por desterro; asi que quanto eu isto melhor conheço, tanto vos mais tenho em serviço de ho fazerdes. E não quero que esteis laa mais que q.^{to} sêntirdes que he compridoiro para o que tendes de escrever, e a vós aprouver.

Do que dizeis do Cômendador Alvr.^o de Faria eu estimo seu serviço como he razam e assi espero de lhe fazer m.^{ce}. Q.^{to} ao que dizeis da mingua de mantim.^{to} faz-se nisso por minha parte tudo o que se pode fazer, mas duas cousas se requerem para os que estão em Alcaçar serem bem providos, a hũa estar laa milho em almazem para socorro de quando pello tempo ou por outra neçessidade, tão asinha não vay o pam, e a outra que o Conde, ou qualq.^r outro Cap.^m que laa estiver, me faça saber aos quarteis do anno a gente que laa estaa, pera homem concertar a despesa com a reçep^{ta}. Todo o bem que me dizeis do Conde eu creio que ha nelle, e certo cuido que nõ he menor pello que eu dello conheço. Tenho-vos em serviço de quererdes saber novas de minha desposição, e graças a Ds. eu me acho bom asi do corpo como das outras cousas. Empero homẽ anda no mar deste mundo onde he continuam.^{te} combatido das ondas delle em especial pois todos andamos naquella taboa depois do primr.^o naufragio, asi que ninguem se pode segurar ate que não chegue aquelle verdadr.^o porto seguro que homẽ não pode ver senão depois da sua vida, ao qual a Deos praza de nos levar q.^{do} vir que he tempo, porque elle he marinhr.^o e piloto sem o qual algũ homẽ não pode entrar. Do B.^o noso amiguo saberéis que ho vejo ledos e são e de boa desposição, e praza a D^s. de lhe encaminhar as cousas seg.^o elle deseja se forem de seu serviço. Da Torre dos pergaminhos eu tirarei aquella lembrança que vir que he meu serviço. O meu vulto pintado eu o não tenho pera vo-lo aguora laa poder enviar, mas o proprio prazeraa a Ds. que vereis laa em algũ tẽpo, cõ que vos laa mais deve prazer. A vossa Irmãa averey em minha encomenda segundo me escreveis.

Escrita a xxj. de Novembro.

(Desta carta faz menção J. de Barros, *Dec. 1.^a 1. 2.^o, cap. 2.^o, fl. 34 v.*; é transcrita de J. Soares da Silva. *Col. dos Docs. com que se autorisam as Memorias para a Vida delrei D. João*, I. IV, 1-4.)

II
EPOCA CLASSICA
(xvi-xviii)

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente á escola italiana

I

Monarcas portugueses

D. João III	1521-1557
D. Sebastião.	1557-1578
D. Henrique.	1578-1580

II

Sincronismo político e social

- 1531 — Estrondoso terramoto em todo o reino, que destróe povoações inteiras.
1535 — Introdução do calvinismo em França.
1536 — Estabelece-se em Portugal o sanguisedento tribunal da Inquisição.
1545 — Paulo III abre o Concílio de Trento.
1547 — Morte de Francisco I de França e de Henrique VIII de Inglaterra.
1552 — Naufrágio de Sepúlveda.
1556 — Abdicação de Carlos V.
1564-1569 — Aceitação indietinta dos cânones do Concílio de Trento, em Portugal.
1571 — Batalha naval no golfo de Lepanto ganha por D. João de Austria aos Otomanos.
1572 — Matarça de S. Bartolomeu em que morreram milhares de Huguenotes.
1578 — A 4 de Agosto dá-se o terrível desastre de Alcácer-Qêbir.

III

Sincronismo literário

ESPAÑHA

Llugo López de Mendoza, marquês de Santillana, um dos homens mais notáveis do seu tempo, e Jorge Manrique, autor das celebradas *Coplas* já nomeados anteriormente fazem como que a transição para a idade áurea da literatura espanhola, que se abre neste período dominada pela influência de Itália. O caudilho deste renascimento é Boscán (1490-1542) que naturalizou o soneto, o terceto, a canção, a oitava rima, tomando como modelos, sobretudo, Petrarcha e Sannazzarro. Sôbressaíram:

GARCILAO DE LA VEGA (1503-1536), autor de trinta e oito sonetos, ao gosto de Petrarcha, cinco canções, duas elegias, uma epístola em verso solto e três éclogas, obra pequena (morreu aos 33 anos) em quantidade, mas que não tem igual em valor na literatura castelhana, conforme o juízo de Fitzmaurice Kelly.

DIEGO HURTADO DE MENDONZA (1504-1575), poeta, historiador e romancista, autor da *História da guerra contra os Mouros de Granada*. A conhecida novela *Lazarillo de Tormes* foi-lhe por muito tempo atribuída, mas sem razão,

como o demonstrou o hispanófilo Morel-Fatio. Não se pode determinar nem o autor, nem o ano, nem o lugar da publicação. As três ed. mais antigas conhecidas saíram em 1554.

FERNANDO DE HERRERA (1534-1597), cognominado o «divino» pela elevação das suas produções, entre as quais há uma elegia a propósito do desastre de Alcácer-Qêbir.

SANTA TERESA DE JESUS (1515-1582), a célebre mística, denominada «Vidente de Ávila», milagre de génio, a maior mulher, talvez, de quantas até hoje maneжaram a pena, a única do seu sexo que pode ombrear com os mais insignes mestres do mundo. [Fitzmaurice-Kelly, *ob. cit.*, 266].

JUAN DE MARIANA (1537-1624), o Tito-Lívio espanhol, autor da *História Geral de Espanha*, que vai até á morte de Fernando o Católico.

JORGE DE MONTEMÓR OU MONTEMAIOR (1523-1561) um dos pr. étas portuguezes que maior renome alcançou na literatura peninsular. A sua *Diana* divulgou-se rapidamente, sendo trad. em inglês, alemão, holandês e francês, onde conta, pelo menos, 12 ed. Ele seria o iniciador do género pastoril se Sanazarro antes d'ele não tivesse publicado a sua *Arcádia*. Mas introdutor d'esse género na literatura peninsular cabe-lhe a glória de ter criado vários discípulos — Fernão Alvares do Oriente com a sua *Lusitânia transformada*, F. Rodrigues Lobo com o *Pastor peregrino* e João Nunes Freire com os *Campos Elísios*, além de outros. Pena é que Montemór escrevesse tão pouco em português, que apenas se possa citar d'ele na nossa língua um trecho em prosa e algumas quadras da sua *Diana* [Vid. S. Viterbo, no *Arch. de Hist.*, I, 249].

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA (1547-1616), o imortal autor do *D. Quixote de la Mancha*, da novela pastoril *Galatea*, da tragédia *Numância*, do poema alegórico *Viaje al Parnaso* (revista dos poetas do seu tempo) e de várias outras obras. Entre todas avulta o *D. Quixote*, que criou ao seu autor fama universal.

[Em português: *D. Quixote...* tr. de Ricardo Augusto P. Guimarães, (Visconde de Benalcanfor) efectuada de colaboração com D. Luís Bréton y Vedra, Lisboa, 1877, 2 vols.; outra tr. do Visconde de Castilho (continuada pelo Visconde de Azevedo e concluída por Manuel Pinheiro Chagas, 2 vols., com as ilustrações de G. Doré. Há também uma tr. saída na Tip. Rollandiana, 1794, 6 vols., in-8.º, outra de 1853. Em 1906 saiu uma, em Lisboa, 3 vols. De Cervantes traduziu Bocage *Galatea*, tr. elaborada sobre a interpretação franceza de Florian, e José Pedro Francisco de Paula Campos *El zeloso estremeño* com o título: *O velho e a menina ou o casamento desigual...* Lisboa, 1818, 80 págs.].

Influenciados pelo cardeal XIMENES († 1517) os estudos de filologia desenvolvem-se e ANTÓNIO DE NEBRIJA (1444-1552, o maior dos humanistas espanhóis, publica os primeiros trabalhos sobre a língua espanhola.

FRANÇA

Em França, onde também se acentua a influência de Itália, merecem citar-se:

RABELLAIS (1495-1553), autor dos dois romances satíricos *Gargântua e Pantagruel*.

MAROT (1497-1544), que aperfeiçoou a forma da poesia ligeira nos epigramas e nos *fabliaux*; sobresaiu num género de que é o criador, o *Epistolar*.

ROUSARD (1524-1585), chefe da *Pleiada*, a célebre escola poética fundada para elevar o nível da língua e da literatura franceza, da qual em 1549 Du Bellay redigira o programa.

DE LAIGNE (1555-1622), bot. vel. moralista, autor de *Ensaio*.

ITÁLIA

Entre os homens que ilustraram a Itália neste período contam-se:

SANNAZARO (1499-1530), cuja *Arcádia*, publicada em 1504, fundou a novela past·ril que em Portugal encontrou um exímio cultor em Bernardim Ribeiro, passando depois a Espanha com Jorge de Montemór.

TRISSINO (1478-1550), autor da tragédia *Sophonisbe* (1515) escrita á imitação do teatro clássico, e do poema *Itália Libertada*.

ARIOSO (1474-1533), o maior poeta italiano do séc. xvi de que n, além de poesias líricas, h' o *Orlando furioso*, poema em oitava rima. [Em português: José Manoel d'Almeida e Araújo Corrêa de Lacerda, *Orlando Furioso*, tr. em versos portugueses... , Lisboa, 1850 (só saiu o vol. 1.º); Xavier da Cunha, *Orlando furioso*..., Lisboa, s. a., com gravs. de G. Doré; J. M. da Costa e Silva, *O delírio de Orlando*, c. xxii in-*Ramalhete*, n.º 111 de 20 de março de 1840, pág. 81; o escritor brasil. Luís da Silva Alves de Azambuja tr. em prosa o *Orlando*, 4 vols., Rio de Janeiro, 1833].

TORCATO TASSO (1544-1595), que escreveu o drama pastoril *Aminta*, que foi muito imitado, e o poema *Jerusalem libertada*, que o consagrou entre os grandes génios da humanidade. [Em português; Pedro de Azevedo Tojal, *Godofredo ou Jerusalem libertada*, Lisboa, 1633, 1 vol.; André Rodrigues de Mattos, *Godofredo ou Hierusalem libertada, poema heroico*..., Lisboa, 1682, xxxii-559 págs., outra ed., Coimbra, 1859; João Felix Pereira, *A Jerusalem libertada*, ibid., 1877, 495 pág.; J. Ramos Coelho, *Jerusalem Libertada*, Lisboa, 1864; nova ed., ibid., 1905].

Como eruditos merecem citar-se os nomes de **MACHIAVELLI** (1469-1527), **GUICCIARDINI** (1482-1540), dos carleais **BEMBO** (1470-1547) e **SADOLETO** (1477-1548) do filólogo **POMPONIO** (1425-1497) e dos dois **SCALIGEROS**, o **JULIO** (1484-1558) e seu filho **José** (1540-1609).

INGLATERRA

A literatura inglesa tem neste período o seu escritor mais notável:

WILLIAM SHAKSPEARE (1564-1616), cujas tragédias principais sã o *Romeu e Julieta*, *Othello*, *Hamlet*, *Macbeth* e *Rei Lear*. As melhores comédias: *Mercador de Veneza*, *Sonho d'uma noite de S. João*, *Muito ruido para nada*, *As alegres esposas de Windsor*; dramas históricos: — *Júlio Cesar*, *António e Cleópatra*, *Ricardo II*, *Ricardo III*, etc. **W. SHAKSPEARE** é um profundo pensador tendo traduzido todos os caracteres e exprimido os maiores sentimentos da natureza humana. [Em português: Castilho, *Sonho d'uma noite de S. João*, Porto, 1874, D. Luís I, *Hamlet*, Lisboa, 1887 (sobre esta tr. Silva Pinto, *Comêntos e Críticas*, 2.ª ed., Lisboa, 1907), *O Mercador de Veneza*, ibid., 1879, *Ricardo III*, ibid., 1880, *Othello, o mouro de Veneza*, ibid., só esta tr. é que trás o nome do tradutor; Luís A. Rebello da Silva, *Othello*, ibid., 1856; Bulhão Pato, *Hamlet*, ibid., 1879; *Mercador de Veneza*, ibid., 1881; José Antonio de Freitas, *Othello*, ibid., 1882; Júlio Dantas, *Rei Lear*, adaptação da trag. de *Shakspeare*, Lisboa, 1905, 1 vol.; dr. Domingos Ramos, *Rei Lear*, Porto, 1905, *Hamlet*, *Othello*, *Romeu e Julieta*, todos no Porto e de 1911, *Mercador de Veneza*, ibid., 1912 e outras].

Como figuras secundárias ao grande trágico há nesta época:

JOHN LILY (1554-1603) autor do *Euphues* que pôs em moda o estilo affectado dos gongoristas de Espanha e Portugal; e os líricos

WYATT (1503-1541) e

HENRY HOWARD (1515-1547).

CAPÍTULO III

Escola Italiana ou Quinhentista

(SÉCULO XVI)

Sumário: 46. O Renascimento; sua difusão. — 47. O Renascimento em Portugal. — 48. Os promotores do Renascimento em Portugal. 49. Senhoras portuguesas ilustres. — 50. POESIA ÉPICA. — Luis de Camões. — 51. Sua biografia. — 52. Camões escritor. — 53. Jerónimo Côrte-Real. — 54. Luis Pereira Brandão. — 55. Francisco de Andrade. — 56. POESIA LÍRICA. — Bernardino Ribeiro. — 57. Cristovão Falcão. — 58. Francisco de Sá de Miranda. — 59. António Ferreira — 60. Pedro de Andrade Caminha — 61. Diogo Bernardes. — 62. Fr. Agostinho da Cruz. — 63 POESIA DRAMÁTICA. Origem do teatro. — 64. Gil Vicente. — 65. Escola de Gil Vicente. — 66. Afonso Alvares. — 67. António Ribeiro Chiado. — 68. Baltasar Dias. — 69. António Prestes. — 70. Simão Machado. — 71. Escola clássica. — 72. A HISTÓRIA NO SÉCULO XVI; suas características. — 73. D. Jerónimo Osório. — 74. João de Barros. — 75. Diogo do Couto. — 76. Damião de Goes. — 77. Fernão Lopes de Castanheda. — 78. António Galvão. — 79. Outros historiadores deste século. — 80. Samuel Usque. — 81. Narrativas de viagens; seus autores. 82. Fernão Mendes Pinto. — 83. A história trágico-marítima. — 84. ELOQUENCIA SAGRADA. — 85. D. Frei Bartolomeu dos Mártires. — 86. Fr. Luís de Granada. — 87. Fr. Miguel dos Santos. — 88. Diogo de Paiva de Andrade. — 89. Dr. Francisco Fernandes Galvão. — 90 MORALISTAS. 91. — ROMANCES DESTE PERÍODO. — 92. Fernão Alvares do Oriente. — 93. OBRAS POÉTICAS ESCRITAS EM LATIM. — 94. TRABALHOS FILOLÓGICOS. — 95. OBRAS DE ERUDIÇÃO.

46. — O Renascimento; sua difusão. E' um êrro, escreve um autor contemporâneo, acreditar que o amor das artes e das letras antigas se extinguiu totalmente no decurso da idade-média.

Com um pouco de atenção vê-se em todas as épocas esta chama imortal fazer-se luz aqui e além, através das ruínas dos séculos. A prosperidade crescente dos povos, a liberdade de que gozavam as grandes cidades acabaram, enfim, por criar, ao lado da cultura eclesiástica, uma cultura secular.¹ Factos múltiplos preparam o movimento característico dessa época memorável chamada *Renascimento*. Constantinopla tomada pelos turcos viu brilhar no alto dos seus minaretes o crescente muçulmano (1453), e isso obrigou os sábios, ali

¹ Fr.-X Krauss, *Hist. de l'Eglise*, III; ch. I.

residentes, a refugiar-se em Itália onde abriram os tesouros da sua erudição. A *imprensa*, a nova faculdade, na frase de Lamartine, começava de produzir os seus fecundos resultados. Descobriam-se a *pólvora*, que mudou a política das nações, a *bússola* de marear, que abriu um caminho através dos mares *tenebrosos*. Vasco da Gama descobrindo o caminho marítimo para a Índia e Cristovam Colombo a América revelaram ao velho mundo mundos novos.

A era moderna foi aberta na Itália por Dante, Petrarca, Boccaccio, entrando primeiramente em Florença onde teve a poderosa proteção dos Médici, ganhando depois Roma, onde depressa encontrou graças aos auxílios do Papa Lião X, que era daquela família. Da Itália o movimento humanista comunicou-se à Alemanha e aí encontrou uma falange entusiasta de adeptos, dentre os quais sobresai Erasmo, o sábio mais querido da Europa inteira nos princípios do século XVI. O movimento generalizou-se depois a todas as nações da Europa.

47.—O Renascimento em Portugal. A literatura portuguesa tem neste século a sua idade de ouro. Foi este período de curta duração, é certo, mas durante ele viveu a pleiade de escritores mais numerosa e mais brilhante que temos tido. Portugal acompanhava a febre de progresso, que aquecia toda a Europa culta. Embora por pouco tempo gozou duma felicidade material e moral, que os demais países invejavam.

Abundava o dinheiro. Por vezes sucedeu na casa da contratação da Índia, em Lisboa, quererem os mercadores pagar em certo dia e não o poderem fazer por não haver tempo de contar o dinheiro.¹ Do Oriente chegavam-nos a cada momento náos carregadas de pedras preciosas e de objectos de valor.

D. Manoel, no reinado de quem estes factos sucederam, não soube ou não quis aproveitar as circunstâncias felizes que o haviam elevado ao trono. Mas esta riqueza que se perdeu e nos ajudou até a levar á ruína, foi compensada por outra riqueza maior, e essa imperecível, constituída pelas obras dos que ilustraram o reinado daquele monarca e dos seus sucessores. Bastaria só que contássemos entre os nossos escritores um épico como Camões, um dramaturgo como Gil Vicente, um historiador como Gomes para dessa época restar com que nos lisonjearmos.

48.—Os promotores do Renascimento em Portugal. Foram muitas as causas que trouxeram a Portugal a corrente hu-

¹ Damião de Goes, *Crón. de D. Manoel*; cfr. Viterbo, *Estudos sobre D. de Goes*, 2.^a s. 70.

manista. A Espanha era para nós uma instigação e um exemplo. O Cardeal Francisco Ximenes, o gramático António de Nebrija e outros caminhavam na vanguarda do movimento que em breve se comunicou ao nosso país.

Com a Itália mantinhamos nós relações literárias desde muito cedo. D. Afonso V, de quem fôra mestre Mateus de Pisano,¹ chegou a mandar vir de Itália o dominico frei Justo Baldino, sábio e doutor em ambos os direitos, para escrever em latim as histórias do reino.² Em Roma o bispo de Evora D. Garcia de Meneses³ causava pela sua eloquência e erudição latina a admiração dos espíritos mais cultos como Júlio Pomponio e o cardeal Sadoletto.

Da Itália nos veio também o afamado latinista CATALDO AQUILA SÍCULO, poeta e orador, mestre de latim de D. Jorge, 1.º duque de Aveiro, filho natural de D. João II, cujas obras fôram publicadas em Lisboa em 1500.⁴

No reinado de D. João II, Portugal assombrava o mundo inteiro com as suas descobertas e conquistas. Angelo Policiano escrevia-lhe, feliz por se dirigir a tam grande Rei.⁵ Demais no curto mas brilhante periodo do nosso renascimento tivemos espíritos superiores que compreenderam essa renovação e concorreram inteligentemente para a introduzir ou estabelecer em Portugal, tais foram: — Aires Barbosa, Pedro Nunes, Lourenço de Carceres, Jorge Coelho, Diogo Sigeo, Pedro Sanchez, Pedro Margalho, Clenardo, Vaseu, André de Resende, Jerónimo Cardoso, Francisco de Holanda, Gil Vicente, Damião de

¹ De Pisano († 1466) apenas resta *De bello Septensi* publicado sómente em 1790 pela Acad. R. das Sc. de Lisboa no vol. 1.º dos *Inéditos da Hist. Portuguesa* e trad. para portug. por Roberto Corrêa Pinto, *Livro da guerra de Ceuta escrito por Mestre Mateus de Pisano em 1460...*, Coimbra, 1915, 1 vol. Zuzara (*Chr. de D. Pedro de Meneses*, 215 do vol. II destes *Inéditos*) chama-lhe poeta laureado, filósofo e orador, mas nada, além da apontada narração latina, resta dele.

² Baldino morreu em 1463 de peste em Almada sem haver composto cousa alguma.

³ Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio* já cit., pág. 59 e nota 37.

⁴ As obras latinas entre as quais avulta o poema *Arcitanga* fôram reimpres. em Sousa, *Provas*, VI. A ed. *princeps* [1509] é rarissima. A Bibl. da Univ. de Coimbra possui um ex. que foi de Ferdinand Denis, a quem o comprou o insigne bibliófilo A. F. Tomás. Alguns dados sobre a biogr. de Cataldo em Sousa, *Hist. Gen.* III, 156, Leitão Ferreira *Noticias Cron. da Univ. de Coimbra*, 414; S. Viterbo, *A cultura intelectual de D. Afonso V*, no *Arch. Hist.*, II, 260, e A. Carvalho, *Os incunabulos da Bibl. P. do Porto*, Porto, 1904, 34.

⁵ *Angeli Politiani operum tomus primus: epistolarum lib. XII*, etc., vid. (ed. 1528) uma carta de A. Policiano a D. João II, na pág. 584; uma carta deste a A. P. a pág. 290 e ainda uma carta de A. P. a João Teixeira a pág. 291. Policiano foi dos espíritos mais brilhantes da corte de Lourenço de Médiçis, como dissemos no cap. anterior.

Goes, Sá de Miranda e outros.¹ NICOLAU CLENARDO ou CLEYNARTS (1495-1592), que veio para Portugal na qualidade de mestre do'cardeal Infante D. Henrique, foi um apaixonado cultor do latim, grego e árabe, e pode considerar-se como o «grand: reorganizador das linguas mortas em Portugal». Ensinou o latim em Braga, Evora e por ventura também em Coimbra. As suas *Cartas*, escritas em latim, são altamente interessantes para o estudo da sociedade portuguesa no século XVI.² VASEU († 1562), insigne latinista, flamengo, natural de Bruges, veio com o anterior para Portugal onde residiu doze anos e dirigio em Braga uma escola de latim.³ ANDRÉ DE RESENDE⁴ (c. 1500) o erudito anticuário que foi o mensageiro enviado a Salamanca para trazer consigo Clenardo, autor da *De Antiquitatibus Lusitaniae*,⁵ da *História da antiguidade da cidade de Evora*⁶ e da *Vida do Infante D. Duarte*,⁷ foi um espirito duma alta cultura,

¹ Dos Humanistas portug. se ocupa o citado Leitão Ferreira nas *Noticias Cronologicas*. De muitos ha trabalhos criticos modernos, como por ex. do matematico Pedro Nunes, de quem foram recitadas as obras portuguesas na *Rv. de Engenharia* de 1911-1913, como adeante dizemos.

² *Nic. Clenardi epist. libri duo, Antuerpiae, 1561*. Vid. Sr. Joaquim de Vasconcelos, *As Cartas Latinas de Damão de Goes*, no *Instituto*, XLVIII, 58; Lopes de Mendonça, *Annaes das Sciencias e Letras*, I (1857), 121 e seg.; Chauvin et Rorsch, *Etude sur la vie et les travaux de Nicolas Clénard*, Bruxelles, 1900, 1 vol. e sobretudo Dr. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal—Clenardo (com a trad. das suas principaes cartas)* Coimbra, 1917-18, 2 vols.

³ «... Sai de Braga deixando lançados os fundamentos duma escola, que ficou dirigindo o meu companheiro de viagem, Vaseu...» Carta 4.^a pág. 25, ed. *infra*. E em outro lugar «... Vaseu, que foi companheiro da minha primeira viagem, voltou depois dalguns meses com toda a familia para Braga; e lá está dirigindo a nova escola, com o ordenado anual de cem mil dinheiros ou sejam 300 ducados. Não se póde dizer que eu o tenha feito infeliz nas Espanhas...» *Nic. Clenardi epist., ob. cit.*, 59. (É a carta 13.^a). Vaseu publicou em Salamanca em 1552 uma *Chr. de Espanha*. *Arch. Hist. Portug.*, VIII, 342, nota (91).

⁴ Os estudiosos encontrarão subsidios importantes para a biogr. deste formoso antiquário no *Arch. Hist.*, III (1905) art. de A. F. Barata, *André de Resende e não Lucio André de Resende* (pág. 43; D. Carolina Michaëlis, *Lucio Andreas Resendius Lusitanus* (*ibid.*, 161), e ainda Barata, *Ultima verba, André de Resende Lucio? Resposta e additamento a um artigo da sr.^a D. C. M.*, Evora, 1905, *Revista Literaria*, III (Porto, 1839), 340 e seg. e IV, 495. No *Arch. Hist. Port.*, VII e VIII foram publicadas duas recensões da *Vida de A. de Resende* escritas por Francisco Leitão Ferreira (1735) com eruditas anotações de Braamcamp Freire. Veja-se tambem D. Carolina Michaëlis, *Notas Vicentinas na Rev. da Univ. de Coimbra*, I (1912), pág. 243 e segs.; Braamcamp Freire, *Opusculos Resendianos* no *Bol. da Acad. das Sc. de Lisboa*, VII, (1912) 90.

⁵ 1.^a ed., fol., de 1593, reimpr. na *Coll. das obras de Auctores Classicos*, da imp. da Univ. de Coimbra, 1790, 2 voll.

⁶ 1.^a ed., 1576; depois reimpr. na *Coll. das Antiguidades de Evora*, de Bento José de Sousa Farinha.

⁷ Mandada publicar pela Acad. R. das Sc. de Lisboa, 1789.

merecendo ser escolhido para fazer o elogio da Universidade em 1551. JERÔNIMÔ CARDOSO († 1569), como os precedentes também insigne humanista, autôr dum *Dicionário Latino Lusitânico* e de várias obras, todas escritas na famosa língua do Lácio. FRANCISCO DE HOLANDA (1518-1584) iluminador, pintor, arquiteto e escritor, até há pouco conhecido das pessoas doudas pelo extrato, aliás infiel, que de parte da sua obra deu em tradução o conde Racinski no seu livro *Les Arts en Portugal* (págs. 5-73) e agora, felizmente, posto ao alcance de todos pela edição das suas obras ¹. Francisco de Holanda era filho de António de Holanda, iluminador, «o primeiro que fez e achou em Portugal o fazer suave de preto em branco, muito melhor que em outra parte do mundo» e a quem se atribue o trabalho do livro de *Horas* da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, maravilha de gosto e de delicada execução artística, hoje na Bibliotéca Nacional. ² Francisco de Holanda recebeu de seu pai o talento artístico. Como escritor, diz o critico que melhor até hoje o tem estudado «acha a expressão do seu pensamento ás vezes com dificuldade, mas mesmo nos casos em que o dizer não é genuinamente português devemos admirar o esforço e louvar a originalidade da fórmula, a dicção espontânea. Fala por imagens, como se talhasse ideias plasticamente, e apesar de poeta e artista, conscio do seu valor e vaidoso, por vezes, parece-nos sincero e veridico no que diz de si e dos outros» ³.

49. — Senhoras portuguesas illustres. No movimento do Renascimento português do século XVI desempenha papel brilhante o grupo de senhoras duma fina distinção intellectual, a cuja frente encontramos uma Rainha e uma Infanta. A Rainha é D. LEONOR, mulher de D. João II, a fundadora da 1.^a Misericórdia (1498) que houve em Portugal, e que na Madre de Deus que igualmente fundou (1509) deixou bem assinalada a sua protecção ás artes da pintura, escultura, ourivesaria, etc. Ela foi que amparou o genio incipiente de Gil Vicente, tendo também o seu nome vinculado á impressão da *Vita Cristi* ⁴. A Infanta é D. MARIA, filha do rei D. Manoel e de sua ter-

¹ Ed. de J. de Vasconcelos que em 1879 publicou: *Da fabrica, fa-
lece á cidade de Lisboa e Da sciencia do desenho*; e em 1896 o tratado *Quatro
Dialogos da Pintura antiga*. E em 1918—*Da Pintura antiga tratado de F. a
Holanda... Primeira ed. completa... comentada por J. de Vasconcelos*, Porto,
1 vol.

² Vid. *Arte Portuguesa, revista illustrada de Archeologia e Arte moderna*,
n.º 1, art. de José Pessanha — *As «Horas» da rainha D. Leonor*.

³ J. de Vasconcelos, *Quatro Dialogos*, ed. 1918, pág. 14.

⁴ Vid. Braamcamp Freire, *Crítica e Hist.*, 1, 97-138 e J. de Vascon-
celos, *Arte Religiosa em Portugal*, fasc. 16.

ceira mulher, D. Leonór, irmã do imperador Carlos V. Faziam parte do grupo, de que ela era como que centro e mentora entre outras, as duas irmãs castelhanas Luisa Sigêa e Angela Sigêa, Joana Vaz, a filha do Marquês de Vila-Rial D. Leonor, D. Helena da Silva, religiosa de Celas, Paula Vicente, e, embora não fôsse desta roda de cortesãs, adquiriu como elas renome e glória imortais — Públia Hortênsia de Castro ¹. O conhecimento das línguas e em especial da latina, o estudo da teologia e da filosofia, o amor da poesia constituíam a erudição do século em que essas damas viveram e êsse é o domínio em que se immortalizaram. A infanta D. Maria escrevia a sua mãe em latim ²; em latim, grego, hebraico, siríaco e árabe se dirigia LUISA SIGÊA. († 1560) ao Pontífice Paulo III e em latim escrevia o seu poemeto *Syntra* ³; JOANA VAZ era igualmente conhecedora emérita da língua latina e mereceu os encómios do célebre Clenardo que a chama «distintamente ilustrada» ⁴.

PAULA VICENTE, a filha de Gil Vicente ajudou seu pai na composição e representação das peças teatrais ⁵ e figura como *tangedora* no livro das moradias da casa da rainha D. Catarina ⁶; PUBLIA HOR-

¹ Públia Hortênsia de Castro foi moça da câmara da Infanta D. Maria, de quem recebia 6000 riais anuais, sendo contemplada com igual quantia no testamento. Cfr. *Arch. Hist.*, v, 118, art. de Gomes de Brito — *As tenças testamentarias da Infanta D. Maria*.

² Sobre a Infanta D. Maria e a sua Corte veja-se Fr. Miguel Pacheco († 1668) *Vida de la Infanta D. Maria...*, Lisboa, 1675. D. Carolina Michaëlis de V., *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*, Porto, 1902; Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra, desenhos de S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia, apontamentos hist. e arch. do...*, Lisboa, 1903, pág. 106; Joaquim de Azaújo, *A Infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel I de Portugal*. Genova, 1909.

³ José Silvestre Ribeiro, *Luisa Sigêa, breves apontamentos historico-literários*, memória apresentada á Acad. R. das Sc. de Lisboa, 1880. Não obstante o seu título, a interessante monografia da noticia das outras damas illustres contemporâneas de Sigêa. Aí encontra também o leitor a bibliografia do assunto, que aqui julgo escusado repetir. O poema *Syntra* vem publicado na integra no *Apêndice*, e também, com a tradução ao lado, no livro *O Paço de Cintra* do Conde de Sabugosa, cit., pág. 255.

⁴ O testemunho de Clenardo vem numa carta a Joaquim Polites e diz o seguinte: «... *etiam apud puellas me in hac furia* [vem falando do seu entusiasmo pelas composições em verso] *venditavi, ut uterque Clenardum sexus nihili putet esse Poëtam. ... Est hic inter aulicas assecras virgo eleganter literis culta, adeo mihi nota, ut vix nomen tenuerim, nisi subvenisset Resendius: eam quoque ad exequias Erasmicas mire venusto carmine cohortatus sum. ... Est enim virgini nomen Joannae Vasiae cujus abhinc biennium epistolam vidi, cujus nec te puderet...*» (*Nic. Clenardi epistolarum libri duo...* Antuerpiae, 1566, pág. 79).

⁵ Ensaio sobre a vida e escritos de Gil Vicente no tomo I das *Obras de Gil Vicente* da ed. de Hamburgo, 1834.

⁶ *Obras de Luis de Camões*, I, ed. de Juromenha.

TENÇIA DE CASTRO cursou humanidades, filosofia e teologia, defendendo teses em Évora, em 1565, quando apenas contava dezasete anos.

Constituíam estas e outras senhoras o que ás vezes se chama impropriamente *Academia feminina portuguesa*.

Do que não resta dúvida é de que essas damas de espírito culto e erudito que abrilhantavam os serões da casa de D. Maria sam uma prova do esplendor que em Portugal teve a eclosão e desenvolvimento das letras.

A época do nosso Renascimento foi brilhante, embora fugaz. Só começa depois da Reforma, que se iniciou com as primeiras pregações de Lutero em 1517. Não excede a 1.^a metade do reinado de D. João III sendo o de D. Sebastião apenas um reflexo. E' entre 1520 a 1540 que a cultura clássica e o amor á antiguidade, que de modo muito imperfeito haviam penetrado na Côrte de D. João II e D. Manoel, se expandem imp-tuosamente. D. João III convencido de que assim cumpria uma missão civilizadora atraiu para o país humanistas distintos, quer estrangeiros, quer nacionais educados lá fóra.¹ Mas já em 1539 estava estabelecida a Inquisição em Portugal, e em 1545 os Jesuitas dominavam como soberanos. Os sintômas da decadência moral eram apontados, pelo menos, desde 1534 em várias passagens das célebres *Cartas* de Nicolau Clenardo², como nas obras de muitos escritores da época.

Não obstante isso, porêm, a galeria dos nossos escritores é vastíssima, como passamos a vêr.

POESIA ÉPICA

50.—LUÍS DE CAMÕES. Camões vale por si só uma literatura inteira, escreveu Schlegel³. A frase do notável crítico alemão é perfeitamente exacta. Irmão, pelo génio, de Homero e de Vergílio, Camões simboliza as aspirações, a glória e o valor do país, que o viu nascer. A literatura portuguesa gira em volta do seu nome. Mas há mais: o Renascimento encontrou nêle o poeta, que melhor o soube traduzir e cantar em versos imortais. Dá o nome a um povo. Diz-se a pátria de Camões, como se diz a pátria de Homero. Dá o nome a

¹ D. Carolina Michaëlis, *A Infanta D. Maria*, 31.

² «... soube que meu irmão não gostava nada de Portugal, o que me não contrista, não sómente porque êle é uma criança que teria de lidar com uma mocidade inteiramente perdida — que assim vive a mocidade de Espanha, ou melhor, a multidão de mancebos que do nosso país para aqui veio, sobretudo em Lisboa, onde tinha de viver e onde há uma sociedade de verdadeira libertinagem, mas também por causa do nome de que usa, que o meu próprio é, o que me valeria, decerto, algumas vezes, a aguentar os desvarios fraternos... » (*Carta 1.^a*, pág. 5, ed. cit.). Veja-se também a carta 2.^a, tr. de Lopes de Mendonça, *loc. cit.*

³ *Hist. da Lit. antiga e moderna*, II, 15.

uma época. Diz-se — o Renascimento produziu Camões. Isto explica que comecemos por êle o estudo dêste período.

51.—Biografia de Luís de Camões (1524-1580), oriundo duma família galiciana, nascido em Lisboa ¹, fez os seus primeiros estudos em Coimbra em circunstâncias ainda não esclarecidas, que alguns biógrafos substituem por conjecturas e hipóteses mais ou menos fantasiosas ² e começou muito cedo a frequentar a corte de D. João III, onde se inicia a sua vida aventureira e cortada de desgostos, que não mais cessaram de o perseguir. Diz-se que fôram os amores com a dama do paço D. Catarina de Ataíde, filha de D. António de Lima, mordomo-mór do Infante D. Duarte e de D. Maria Bocanegra, que viera de Espanha no séquito da rainha D. Catarina, e que o poeta immortalizou sob o anagrama de *Natércia*, o pretexto para o afastar da corte, pretexto facilmente justificado pelo seu génio ativo e independente. Em 1547 tendo-se espalhado a notícia do cerco de Mazagão, embarcou para Africa alistado como soldado, e lá durante dois anos, deu asas ao seu temperamento belicoso, perdendo numa refrega com os árabes o olho direito. Tendo voltado a Lisboa e cumprido a pena de perto dum ano de prisão no Tronco da cidade por um conflicto por ocasião da procissão de *Corpus Christi* com um tal Gonçalo Borges, moço dos arreios de D. João III, embarcou para a India. Era em 1553. Esta viagem é decisiva na vida de Camões, cujo cérebro alimentava já a idéa de cantar

« o peito illustre lusitano
« a quem Neptuno e Marte obedeceram ».

¹ E' a opinião do Bispo de Viseu D. F. Alexandre Lobo, o qual escreve porêm: «... que as três rivais — Lisboa, Coimbra, Santarem, continuem embora a disputar entre si o berço do grande poeta: a quarta — Alenquer —, não tem decerto direito nem fundamento algum para entrar na liça». Vid. *Memória hist. e crítica acérca de L. de Camões*, nas *Obras*, 1. As dúvidas aumentaram depois dos docs. produzidos por Brito Aranha, no *Dic. bibl.* xiv, 15 e seg., mas o Dr. Th. Braga, *Camões, Epoca e Vida*, Porto, 1907, 166 e seg. demonstra cabalmente ser Lisboa a terra natal do glorioso Epico. E' lamentavel que Manoel Correia [+ 1613?], o 1.º Comentador do Poeta [*Os Lus... Coment.*, 1613], que com êle privou em amizade estreita nada dissesse sôbre a biogr. dêle. Sabe-se que Pedro de Mariz [ainda vivia em 1616] quis suprir essa falta na «Vida» anteposta áquela 1.ª ed. de M. Correia. Mas o autor dos *Dialogos de varia História* (1594) e do interessante livro inexplorado *História do Bemaventurado S. João de Sahugum* (1609) fez êsse trabalho sem discernimento. E' preciso vir até Severim de Faria (*Discursos...* 1624) e Faria e Sousa (*Lus... comentados*, 1639) e melhor até o Bispo Lobo (*Obras*, 1, 21) para achar já elementos valiosos.

² O que se não tem dito dum susposto tio do Poeta, D. Bento de Camões, abade de S.ta Cruz, que lhe teria dirigido a educação! Entretanto Pedro de Azevedo demonstra que êsse tio nunca existiu. Cf. *Bol. da Seg. Cl. da Acad.*, xi (1918), 24.

É pouco crível a tradição que diz ter êle lido durante a sua estada na prisão a 1.^a *Década* de Barros, que apparecêra em março de 1552 e que, suggestionado por êsse poêma em prosa da nossa história da India, lá compusera nada menos que os primeiros seis cantos dos *Lusiadas*. Qualquer que fôsse a idéa geratriz do poêma, é certo que êle não podia ser composto dum jacto, ininterruptamente. Durante vinte e cinco anos, de 1544 ou 1545 a 1570 trabalhou o Poéta na sua obra prima. « Principiada com impeto juvenil, quando tudo parecia sorrir ao apaixonado e genial fidalgo-cavaleiro e quando o sol da pátria estava perto do seu apogeu, a epopeia foi adiantada de vagar, após graves estudos e duras experiências e só saiu á luz quando a velhice batia á porta e as provas de decadência do país se haviam multiplicado ». ¹ A viagem á India tinha ainda a vantagem de lhe mostrar os lugares, que queria descrever. Que melhor resolução poderia pois tomar? Em 1553 chegava a Gôa, tendo então mais ocasiões de empunhar a espada do que a pena. Foi aqui que êle suportou o martírio dum pesado cruzeiro

« Junto dum sêco, duro, esteril monte,
« inutil e despido, calvo e informe »

.....

(Canção x)

Em 1558 partiu para Macau a exercer o cargo de *Provedor mór de defuntos e ausentes*, a quem competia arrecadar as heranças. Enquanto desempenhava êste cargo compôz, segundo refere a tradição ² na gruta ainda hoje conhecida pelo seu nome, a maior parte dos *Lusiadas*, chegando ao canto VII. Chamado a Gôa, o navio, em que embarcára, naufragou não na costa de Cambodja, na foz do rio Mecon, como se tem dito, mas « na parte fr nteira do golfo de Tonquim, a suêste, num dos parálêlos que cortam o norte do reino do Anam, ou, mais precisamente num dos baixos a que as an-

¹ D. Carolina Michaëlis, *Bibl. Romanica*, vol. x, « Os *Lusiadas* ».

² Numa das suas notáveis *Cartas de Londres* Gonçalo da Gama, pseudónimo dum português que viveu sempre no estrangeiro [João Fri ck. 1839-1909] combateu a velha tradição procurando demonstrar que Camões nunca esteve em Macau, que nem mesmo Macau, ao tempo, ainda existia, não passando então dum covil de piratas. O mesmo autor aventou a hipótese do poeta ter ido morrer « com a espada na mão, ao lado do seu rei nos campos de Alcacer-Quebir ». Esta carta tem o título *Tradição não é história* e foi publicada no *Portugal*, n.º 2, de 1907 e transcrita no *Oriente Português* (Nova Gôa) n.º de abril de 1907. Mas um escritor tam ponderado como o Bispo Lobo (*ob. cit.*, I, 59) exara: « ... a demora do Poéta em Macau não pode pôr-se em dúvida sem con-

tigas cartas geográficas davam o nome de ilhas ou Baixos do Parcel ou de Parcel», no mar da China, em fins de 1558 ou principios de 1559,¹ e a custo êle se salvou e a obra, que tam preciosa era. De Gôa saiu para Moçambique em 1567 e daí é que partiu para o reino na companhia de Diogo do Couto, que o encontrára (1568) *tam pobre que comia de amigos*. (Dec. VII, c. 28). Depois de dezasseis anos de desterro entrava o Poeta na capital do seu país, agora devastada pela peste. Morrêra a mulher que fôra a inspiradora dos seus versos, a sua Natércia. Restava-lhe sua mãe, a quem jubilosa-mente, decerto mostraria a obra que era seu orgulho e seu enlevo. Os *Lusiadas* fôram concluidos depes da sua chegada a Lisboa, a 7 de abril de 1570, sendo o alvará do privilégio para a impressão datado de 23 de setembro de 1571. Por este tempo foi-lhe roubada uma collecção de poesias, que êle intitulára *Parnaso*. Os *Lusiadas* que saíram do prelo em principios de julho de 1572 fôram dedicados a D. Sebastião, que galardoou o seu autor com a parca pensão anual de quinze mil réis.² Camões viveu ainda oito anos após o aparecimento da sua obra e teve por isso ocasião de assistir ás lutas e ás intrigas mesquinhas, levantadas pelos seus inimigos. Mas alguma cousa o abalou mais que essas lutas que o seu enorme talento despertava. O desastre de Alcacer-Quibir acabava de dar-se, e a dominação de Castela batia ás portas de Portugal. Ao seu amigo D. Francisco de Almeida, que em Lamego preparava meios de resistência contra o invasor, Camões escrevia: *enfim, acabarei a vida e verão todos que fui tam afeiçoado á minha patria, que não me contentei de morrer nela, mas com ela*. A 10 de junho de 1580 expirava o maior cantor das glórias pátrias.³ Onde? Como? Parece que numa pequena casa junto ao largo onde hoje se ergue a sua estátua e em extrema miséria, sendo enviada da casa Vimioso a mortalha que o

trariar, e com pouco ou nenhum fundamento, a tradição...». Quanto era judicioso êste assêrto demonstrou o Jordão de Freitas, *Camões em Macau*, Lisboa, 1911. Que Camões aí viveu durante algum tempo «di-lo a tradição constante, repetem-no os mais antigos biógrafos camoneanos e confirma-o um antigo título dos bens de raiz do collegio de Macau...» pág. 7.

¹ Jordão de Freitas elucidou cabalmente este problema — *O naufragio de Camões e dos Lusiadas*, Lisboa, 1915.

² Poderia corresponder a noventa escudos da moeda atual e foi-lhe paga pontualmente segundo prova Juromenha, mas é bom não esquecer que outros individuos de menos méritos recebiam mais avultadas somas, sendo por is o para desejar que se «usasse com ele liberalidade mais generosa do que a que inculca a tença anual de quinze mil reis», como escreve o Bispo Lobo. [*Obras*, cit., I, 92]. O alvará da tença destes quinze mil reis era por tres anos. Em 1575 foi este alv. confirmado por uma apostila de 2 de agosto prolongando por mais três anos a tença, que ainda foi renovada a 2 de julho de 1578.

³ Ou 1579, como sustenta o Sr. Jordão de Freitas? Vid. *Diario de Noticias* de 10 de junho de 1913.

envolveu, e sendo sepultado na igreja das freiras franciscanas sob a invocação de Santa Ana. Dezaseis anos depois D. Gonçalo Coutinho, da Casa Marialva, mandou recolher-lhe os ossos em modesta **campa**. Depois Martim Gonçalves da Camara restaurou a sepultura arruinada e substituiu o epitáfio por outro em versos latinos do jesuita Matos Cardoso. O terramoto de 1755 dispersou os ossos, que Garrett, Castilho, e comissões especiais (1854 e 1880) debalde se esforçaram por achar e autenticar. ¹

52. — Camões escritor. Façamos agora do escritor. Três géneros de poesia cultivou Camões — o épico, em que foi inimitável, o lírico, em que pode dizer-se, que é o primeiro do seu tempo, e o dramático, em que sobressaiu notavelmente. Vejamos por esta ordem as suas obras:

a) Os *Lusiadas* são a nossa epopeia nacional, uma das quatro ou cinco grandes epopeias do mundo. O assunto indica-o o poeta dizendo que canta as armas e os barões assinalados, ou o *peito illustre lusitano*. A descoberta do caminho para a Índia pelos portugueses deu-lhe motivo de expôr a história nacional, os feitos heróicos dos portugueses. Não é, pois, essa descoberta o objecto do seu poema; não é Vasco da Gama o seu herói. O que êle vê na sua frente é um povo glorioso, heróico, audaz e uma série extraordinária de factos operados por êle, tanto por terra como por mar. Daí a idéa da sua obra, a que pôs justissimamente o nome de *Lusiadas* aproveitando a palavra inventada pelo antiquário Resende ². Vasco da Gama encarna a alma dum povo; a sua navegação, que o Poeta encontrava descrita no *Roteiro de Vasco da Gama*, na *Asia de Barros* e no *Descobrimento e Conquista da Índia* de Castanheda, forma o nó do excursão histórico do Poeta, que está dividido em 10 cantos e cada canto em estâncias de 8 versos. Contêm ao todo 1.102 oitavas ou 8.816 endecassilabos. A narração, sempre interessante, é cortada de descrições e de episódios magistrais, entre os quais avultam o do *Adamastor*

¹ Dr. Costa Ferreira, *Os ossos de Camões, tentativa de uma investigação antropológica*. Lisboa, 1912, 1 folh.

² O Dr. J. Maria Rodrigues nos seus notáveis estudos sobre as *Fontes dos Lus.* (*Instituto*, LI, 754) supõe que fôra Jorge Coelho, rival e amigo de Resende, quem primeiro empregara a palavra *Lusiadas* em obra impressa, embora este a tivesse já usado no *Vincentius Levita et Martyr* II, v. 195, então inédito. D. Carolina Michaëlis mostrou que a passagem de Resende se achava reproduzida na *Oratio pro rostris*, pronunciada na Univ. de Lisboa em 1 de outubro de 1534, o que matava a questão. Mas a descoberta recente dum exemplar do raríssimo opúsculo de Resende *Carmen eruditum et elegans...* impresso em 1531 reforça singularmente a opinião da preclara romanista pois evidencia que o vocabulo *Lusiadas* já desde 1531 corria mundo, segundo a frase do sr. A. Braamcamp na comunicação á Acad. das Sc. de Lisboa de 14 de março do ano de 1913.

(v, 37-59), o de *Inês de Castro* (iii, 109-135), o do *aparecimento do Indo e Ganges* a D. Manoel (iv, 68-74), o dos *doze de Inglaterra* (vi, 43-67), o da *ilha dos Amores* (ix, 54-79), etc., etc.

Porque muito viu e observou nas suas longas viagens, o nosso épico sobressai na pintura dos costumes e dos factos, que feriam a sua atenção. O mar encontrou nêle um pintor inimitável, como se pode vêr na descrição da *tromba marítima* (v, 18-22), e na da *tempestade* (vi, 70-80). O seu pincel não é menos fiel ao descrever os lances duma guerra; veja-se, por exemplo, o formosíssimo quadro da *batalha de Aljubarrota* (iv 28-44), o da de *Ourique* (iii 44-54). Que viveza, e que colorido não ressumbram da pintura dos *costumes da India* no canto vii! Que acentos apaixonados ao referir o caso de Sepúlveda nas três citavas (46-48) do canto v!

Que formosíssimos retratos, ás vezes limitados a pequenas pinceladas, os de Viriato (iii, 22 e viii, 6), Sertório, (viii, 6 e seg.), D. Fuzar Roupinho (viii, 16 e seg.), Mem Moniz (viii, 20), Egas Moniz (iii, 37 e seg., e viii, 13), Geraldo sem Pavor (viii, 21), Magriço (vi, 53 e seg.), o de D. Maria solicitando de seu pai auxílio para seu marido D. Afonso de Castela (iii, 102 e seg.), o do Condestável D. Nuno Alvares Pereira (iv, 14 e seg., e viii, 28 e seg.), o de Vasco, no encantador episódio dos Cafres na Angra de Santa Helena (v, 30 e seg.)! E' esta galaria famosa de valentes e de heróis que numerosas vezes lhe detêm a pena para romper em hinos patrióticos. E' sempre com enternecimento que êle fala do *amor da patria*, não movido de prêmio vil (i, 10), do seu *ninho paterno* (*Ibid.*), da *patria amada* (iii, 21 e 24), da *patria cara* (ix, 17), da *amada terra* (v, 3), da *nossa terra* (vi, 42), da *ditosa patria* (viii, 32), enfim, da *pequena casa lusitana* (vii, 14)!

Algumas censuras fôram feitas aos *Lusíadas*, como, o é a principal, a mistura do maravilhoso pagão com o do cristianismo, mas essa censura só deriva do desconhecimento do século em que o Épico viveu. Tasso e Milton e os outros artistas do Renascimento não procediam diferentemente. Essa fusão, olhadas as circunstâncias, pode apontar-se até como uma superioridade.

A ella deveu Camões o interesse e a vida que dão verdadeiro encanto á leitura da sua obra decorridos mais de três séculos. O concilio dos deuses no Olimpo (i 20-41), o episódio das Nereidas erguendo o peito ás náos para evitar que os Portugueses entrem em Malagá, onde seriam aniquilados (ii, 18-24), a descrição de Venus a caminho do Olimpo a suplicar favor para os Portugueses (ii, 43-41), a descrição do palácio de Neptuno e a do Concílio dos deuses aquáticos (vi, 16-34), a descrição da Ilha dos Amôres (ix 54-63) enfim, o barquete dado por Tétis a Vasco da Gama em que uma ninfá canta os louvores dos Portugueses (x, 1-73) e tantos

outros, sam uma fonte inexaurível de graça, de variedade, de brilho e de encanto ¹.

b) Camões distinguuiu-se também no género lírico, escrevendo sonetos, elegias, canções, eglogas, odes, etc. ². O seu lirismo é repassado de grande naturalidade. O coração humano, em toda a complexa gama de sentimentos, — a ternura, o entusiasmo, o desespero, — toda a paixão, toda a vida, sam ás vezes retratados por Camões num simples verso. Fôram-lhe escola a amarga experiencia e a

« vida
« mais desgraçada que jamais se viu. »

(Soneto).

Nesta obra lírica devemos colocar em primeiro lugar os sonetos. Conquanto, escreve um crítico eminente, não cheguem a trinta os que entre todos se avezinham da perfeição ³ e que ainda nesses ache em que topar o reparo de um juiz escrupuloso é certo que nenhum dos mais merece inteiro desprezo, mas antes em quase todos, seja nos pensamentos, seja nos affectos, seja na expressão e na melodia, só encontra motivo de louvor e aparece o grande talento de Camões ⁴.

Que poderemos afirmar ácerca da interpretação da lírica camoneana modernamente estabelecida e que a filia na sua paixão pela Infanta D. Maria? Teremos de abandonar a tradição que diz ter sido D. Catarina de Ataíde, a dama que mais lhe prendeu o coração, e que êle cantou sob o anagrama de *Natércia*? Terá esta de passar para um segundo plano, uma das várias damas cantadas pelo *namorador incorrigivel*, que foi Camões, para se dar o lugar que ela até

¹ A ed. *principe* dos *Lusladas* é de 1572: *Os Lusladas de Luis de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, & do Ordinário. Em casa de António Gôçalvez impressor 1572, 4.º* Sobre esta ed. devemos notar o seguinte: 1.º) Há duas impressões do mesmo ano de 1572, aparentemente iguais, mas vê-se que numa o pelicano, que vem gravado no frontespício, tem o bico voltado para a direita do leitor, e na outra tem-no voltado para a esquerda. Parece ser aquela, de facto, a 1.ª, reimpressa, entre outras, na ed. do Morgado de Mateus; 2.º) Ao contrário do que se tem afirmado a censura nesta 1.ª ed. foi tolerante e benévola, não sacrificando em nada a integridade do text., como aconteceu na ed. de 1584, por exemplo.

² A ed. *principe* das líricas é de 1595 *Rythmas de Luis de Camoens divididas em cinco partes... Ano de MDLXXXV, A' custa de Estevão Lopes, mercador de livros.*

³ Quinze do género erótico — 14, 24, 30, 34, 35, 40, 41, 53, 70, 78, 81, 84, 147, 185, 186; doze de géneros diversos — 6, 59, 88, 96, 100, 108, 173, 228, 237, 238, 239, 254.

⁴ D. Fr. Alex. Lobo, *Mem... acerca de Camões*, já cit. 118.

hoje occupava á Infanta D. Maria, a formosissima filha de D. Manoel, a illustrada e altiva figura intellectual e moral mais distinta do seu tempo? E' inquestionável que muitas das circunstâncias da vida do Poéta e da Infanta se harmonizam perfeitamente com as líricas camoneanas, que estas parecem ser vistas a nova luz quando se supõem traduzir êsse sentimento apaixonado do Poéta, ao qual, é certo, a Infanta não correspondeu, não o tendo talvez mesmo sequer pressentido. Mas estas aproximações feitas por um juizo cauteloso e erudito, como o possúe o autor desta interpretação, podem parecer meras coincidências, opiniões subjectivas, ainda dependentes de factores ignorados de novas e mais decisivas investigações ¹.

c) Para o teatro escreveu Camões três autos — *Amfitriões*, moldado pela comédia do mesmo nome de Plauto ², versando um assunto mitológico — Amfitrião, casado com Alcmena parte para a guerra. Júpiter disfarça-se e consegue passar junto da esposa como seu verdadeiro marido. Mas êste regressa e a scena complica-se perante os dois *Amfitriões*, até que Júpiter declara quem é e explica que o seu intuito foi honrar a descendência de Amfitrião fazendo com que de Alcmena nascesse o invencível Hércules. Esta comédia foi escrita em redondilha maior parte em castelhano, parte em português, diz-se, quando ainda frequentava a Universidade entre 1539-1542 e representada pelos estudantes, conforme o costume do tempo.

El-rei Seleuco sôbre um facto muito tratado na antiga história de Roma, — Antioco, filho do rei Seleuco apaixonou-se por Estratónica, sua madrasta. Impossibilitado de confessar a sua paixão adoece e definha dia a dia. Mas o médico chamado para o tratar descobre o motivo da doença e leva o rei a ceder-lhe por esposa a bela Estratónica — intriga em que se quis vêr uma alusão aos amores de D. João III quando ainda príncipe, com sua madrasta a rainha D. Leonor ³.

A terceira e última — *Filodemo* escrita para as festas da investidura no cargo de governador de Gôa de Francisco Barreto. Dos amores dum fidalgo português nascem duas crianças — Filodemo e Florimena que, ficando orfãs de pai e mãe, são recolhidas e criadas por um pastor. Com o tempo Filodemo vem a entrar ao serviço de D. Lisidardo, seu tio, que tem um filho e uma filha. Ninguém suspeita do parentesco. Os primos namoram-se e acabam por casar desvendando-se então o mistério desse parentesco.

¹ Dr. J. Maria Rodrigues, *Camões e a Infanta D. Maria*, Coimbra, 1910, 1 vol.

² Sôbre Plauto vid. a nossa *Introd. á Hist. da Lit. portug.*, 3.^a ed., 1911, 154.

³ Dr. Th. Braga, *Escola de Gil Vicente*, Porto, 1898, pág. 204 e seg.

Não deslustram estas obras o alto conceito que possamos formar do maior dos nossos poetas ¹. Nelas, afastando-se bastante da inspiração clássica, ligou-se Camões antes á escola popular de Gil Vicente, de quem adiante falaremos ².

53.— JERÓNIMO CORTE-REAL. (1533-15 nov.—1588) ³ figura com distinção entre os que, depois de Camões, cultivaram o género épico. Da sua vida, actualmente bem conhecida, mereê dos documentos descobertos por Sousa Viterbo apura-se que fôra muito novo militar na Índia e em Africa, tendo-se encontrado no posto de capitão a pelear em Tanger no dia em que foi morto o famoso fronteiro D. Pedro de Meneses em 18 de maio de 1553. Conta Faria e Sousa que elle se offercera a D. Sebastião para o acompanhar á jornada de Africa, mas que o monarca o dispensára, como a outros, por a sua avançada idade lhe não permitir sofrer os rigores inevitáveis da guerra. Tomou, todavia, parte na expedição e em Africa ficou cativo com dous sobrinhos seus, filhos de D. Manoel de Portugal. A sua velhice deveria tê-la passado em *Vale de Palma*, junto de Evora, consagrada, talvez inteiramente, á composição das obras poéticas que nos legou e são:

a) *Segundo Cêrco de Diu, estando D. João de Mascarenhas por capitão da fortaleza*, poema em 21 cantos, em endecasílabos soltos ⁴, muito elogiado por Francisco de Andrade, Caminha, António Ferreira e Diogo Bernardes.

b) *Austriada, ou Vitória de D. Juan de Austria en el golfo*

¹ Os autos *Filodemo* e *Amfitriões* saíram pela primeira vez em 1587, publicados juntos aos de António Prestes: *Primeira parte dos Autos e Comedias portuguezas*, por António Prestes e por Luís de Camões, etc., por André Lobato, impressor de livros, 1587, 4.º de 179 pág. Vid. a ed. popular — *Comedias de L. de Camões*, Lisboa, 1880.

² Vid. Ed. das *Obras*, de Juromenha, especialmente o vol. 1.º, 1860; Th. Braga, *Camões, Epoca e Vida*, Porto, 1907, 2 vo. s. O Martins, *Camões. os Lusíadas e a Renascença*, 1 vol., 1891, e sobretudo, Wilhelm Störck, *Vida e Obras de Luis de Camões*, 1, Lisboa, 1898, tr. de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos; Bispo de Viseu, *Memória*, já cit., etc. Para a bibliogr. v. d.: Th. Braga, *Bibliogr. Camoniana*, Lisboa, 1880; J. de Vasconcelos, *Bibliogr. Camoniana*, Porto, 1880; Brito Aranha, *ob. cit.*, etc. Xavier da Cunha publicou *Uma carta inédita de Camões, Apografo existente na Bibl. Nac. de Lisboa*, Coimbra, 1904. O Dr. J. Maria Rodrigues publicou artigos sobre as *Fontes dos Lusíadas*.

³ Datas conjecturais fixadas por A. F. Barata no estudo *Subsidios para a biogr. do poeta J. Corte-Real*, etc., folh. de 25 pág. impresso em Evora, 1891; id., *Evora e seus arredores*, 1 vol., Evora, s. a. (1904); S. Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, II, 182, fixa a data do falecimento em 1588.

⁴ 1.ª ed. de Lisboa, 1574; outra ed. de 1784. O Ms. autógrafo está no arquivo da Casa Cadaval e é ricamente illustr., S. Viterbo reproduziu a estampa do c. XXI nos *Trabalhos Nauticos*, pág. 2.ª, 182. Cfr. Martinho da Fonseca, *Bol. da Soc. de Bibl. Barbosa Machado*, III (1915), n.º 2, 77-79.

de Lepanto, oferecido a Filipe II Castella, escrito em espanhol, do que se desculpa com a sua ascendência materna ¹, em endecassílabos soltos, e 15 cantos, também muito elogiado por Caminha e Bernardes.

c) *Naufrágio de Sepúlveda*, em 17 cantos, verso solto, sobre o mesmo assunto das três estâncias dos *Lusiadas* acima mencionadas ², publicado quatro anos depois da sua morte por um dos herdeiros ³.

d) *Auto dos quatro novissimos do homem, no qual entra também uma meditação das penas do Purgatório*, poemeto em versos soltos, de 23 pág. apenas, só publicado em 1768.

Muitos dos seus admiradores chegaram a colocá-lo acima de Camões referindo-se também, com hiperbólicos exageros, ao seu talento como pintor. E' certo que êle ilustrou o *Segundo Cêrco de Diu* e a *Austriada* com desenhos com que pretendia amenizar a leitura e dêle se rão, talvez, dous quadros, um das *Almas*, e outro da *Mocidade e Velhice*, aquele ainda hoje existente na igreja de Santo Antão de Evora, e êste de que se sabe a existência por uma poesia sua, inédita, a que se refere Rackzinski ⁴.

A todos êstes elogios deu a crítica imparcial o respectivo desconto. Como poeta Côrte-Real tem nas suas obras alguns episódios de muito merecimento e descrições traduzidas com grande vigor e colorido. «Mas além de ser sequíssimo na invenção, é no estilo tão frio e despido de nervo que raramente deixa de ser languido e abatido» ⁵. Como pintor o seu valor é medíocre ⁶.

O que se deduz do que os documentos nos deixam adivinhar é que Côrte-Real, fidalgo, soldado, poeta e pintor, passou uma existência aduadada e satisfeita, rodeada da consideração dos seus contemporâneos, sem as amarguras que trituravam a alma do imortal épico, que os invejosos colocavam em plano inferior.

¹ «La lengua e frasis castellano escogi, aunque murmurado y arguido de algunos de mi patria: Con los quales non me ha valido decir que los Mendoças y Baçanes de Castilla, abuelos mios, a ello me dan licencia, cuya sangre en un mismo grado me fuerza y obliga quasi con yguai razon». Sua mãe, D. Brites de Mendoça era dama da rainha D. Catarina, cujos pais eram D. Inigo López de Mendoça e D. Maria Baçan. 1.^a ed. da *Austriada*, de Lisboa, 1578.

² 1.^a ed. de Simão Lopes, 1594; outras ed. de 1783 e 1840.

³ A descrição pormenorizada d'êste Naufrágio pode lêr-se em Inácio da Costa Quintela, *Anals da Marinha Portuguêsa*, pág. 452 e seg. do 1.^o vol.

⁴ *Les arts en Portugal*, 218.

⁵ Dias Gomes, *Ob. Poet.*, 40.

⁶ Cfr. C. Rackzinski, *Dict. hist. et art. du Portugal*, 56.

54. — LUÍS PEREIRA BRANDÃO (1540?-?), do Porto, é autor do poema *Elegiada*¹ sobre o desastre de Alcacer a que assistiu, tendo acompanhado D. Sebastião á Africa. Lá ficou prisioneiro, conseguindo só tarde o resgate á custa do ouro de Felipe II. Foi sobre essa pavorosa catástrofe de Alcacer que escreveu o seu poema, em 18 cantos e oitava rima, acolhida com aplausos por todos quantos deixavam na sombra Camões. Francisco Dias Gomes, o erudito e consciencioso crítico julgava a *Elegiada* como a «obra mais infeliz que appareceu em Portugal no século de quinhentos, a qual mais desonra a nação do que a acredita». Seu autor, continua elle, fez no estilo «muitas e indiscretas inovações, que o inundam dos mais enormes vícios de locução»². Garrett não foi tam rigoroso na apreciação da obra de Luís Pereira Brandão. Tem, escreveu, excelentes oitavas, algumas descrições felizes, grandissima riqueza da linguagem, mas pouco mais³. A ordem histórica e cromológica que seguiu tornam-no arrastado, não despertando o mínimo interesse.

55. — FRANCISCO DE ANDRADE (1540?-1614), de Lisboa, nomeado para substituir António de Castilho no lugar vago de Guarda-mór da Torre do Tombo e Cronista-mór do Reino por Felipe II em 1599, é certamente mais historiador que poeta. Como historiador escreveu a *Chronica de D. João III*, mais notável pela linguagem, que pelo critério com que foi redigida⁴ sendo acusado de omitir assuntos importantes que tinha o dever de tratar. Como poeta, além da tradução dum pequeno poemeto lírico — *Philomena de S. Boaventura*,⁵ deixou-nos o *Primeiro cêrco de Diu*, poema em 20 cantos e oitava rima⁶ escrito na linguagem castigada dos autores do seu século, bem versificado, mas sem interesse artístico, pondo em relevo a figura heróica de D. João de Castro. Contam-no os críticos entre os melhores poemas heróicos de 2.ª ordem.

¹ - 1.ª ed. de Lisboa, 1588, 8.º de iv-286 folhas, reimpr. por Bento José de Sousa Farinha em 1785.

² *Obras Poet.*, cit. 41.

³ *Parnaso Lusitano*, I, xxvii.

⁴ Lisboa, 1613; 2.ª, Coimbra, 1796.

⁵ Reimprimi-o segundo cópia manuscrita, tendo-se perdido o único exemplar impresso conhecido, no *Arquivo Bibl. da Bibl. da Univ. de Coimbra*, ns. 5-7 de 1907, de que se fez *separata*. Francisco de Andrade ainda fez mais duas trad. que sam: — *Chronida do valeroso e invencivel capitão Jorge Castriolo... escrita em latim, por Marino Brlecio Scutarino...* Lisboa, 1567; e *Instituição de El-Rei, escrita em latim por Diogo de Teive ou Epodos que contem sentenças uteis...* trad. em verso solto, Lisboa, 1786. Outra ed., 1803.

⁶ Coimbra, 1589, 4.º; 2.ª ed., 1852.

POESIA LÍRICA

56. — BERNARDIM RIBEIRO (1482-1552), da vila do Torão, no Alentejo, era filho de Damião Ribeiro e de Joana Dias Zagalo. Implicado na conspiração contra D. João II, Damião Ribeiro fugiu para Castela não conseguindo ainda assim evitar a cólera do monarca, por ordem do qual foi assassinado. Bernardim Ribeiro, então de dois anos, juntamente com sua mãe e uma irmã encontrou refúgio em Sintra em casa de seus primos Zagalos, que habitavam a Quinta dos Lobos ¹, a protecção dos quais o amparou até se bacharelar em leis (1511) na Universidade, que então estava em Lisboa. Contava a este tempo 32 anos. D. João III nomeou-o por carta de 23 de set. de 1524 escrivão da câmara. A paixão por sua prima D. Joana Tavares Zagalo foi funesta para ele e para esta, que se viu forçada por interesses de família a casar com um tal Pero Gato. D. Joana morreu, diz-se que doida, no convento de Santa Clara de Estremoz. Bernardim Ribeiro morreu também doido no Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, em 1552. Em escritor nenhum talvez é tam necessário o conhecimento dos dados biográficos. Eles é que nos ajudam a compreender as suas obras e constituem o melhor comentário. A *Menina e Moça* ² notável pela simplicidade, pela candura e pela saudade, «cujo poeta foi e cujos suaves tormentos tam longo padeceu e tam bem pintou» ³ tinha ficado inexplicável até há poucos anos, porque por muito tempo se supôs que a famosa novela descrevia a paixão que o autor ousára ter pela infanta

¹ A topografia desta Quinta foi estudada com muito cuidado por A. Maria de Freitas (Nicolau Florentino). «Fica no concelho de Sintra, cêrca de um kilometro a leste da estrada de Mafra, com a qual está ligada por meio dum ramal». Vid. a carta do referido escritor em Th. Braga, *Bernardim Ribeiro e o Boculismo*, Porto, 1897, pág. 23, nota.

² A 1.^a ed. rarissima é de Ferrara, 1554, *História de Menina e Moça... agora de novo estampada e con suma diligencia emendada e assi algumas eglogas suas...* A mais antiga ed. conhecida é de 1557: *Primeira e segunda parte do livro chamado «As saudades de Bernardim Ribeiro» com todas as obras. Traslado do seu proprio original. Novamente impresso 1557.* No fim: «imprimiose estas obras. . na muito nobre e sempre leal cidade de Evora em casa de André de Burgos». A 3.^a é de Colonia, 1559. Depois várias. Em 1891 appareceu uma ed. da *Menina e Moça*, prefaciada e revista por D. José de Pessanha e em 1905 outra dirigida por Delim Guimarães. Sobre B. Ribeiro, vid.: Costa e Silva, *Ensaio* cit. 1, 102 e seg.; D. Carolina Michaëlis, *Poesias de Sá de Miranda*, 767, id., *Geschichte*, cit., 291; Th. Braga, *B. Ribeiro*; acima cit.; Menéndez y Pelayo, *Origenes de la Novela*, Madrid, 1905.

³ Garrett, *Parnaso Lusitano*, já cit.

D. Beatriz, filha de D. Manoel, depois casada com Carlos III, duque de Saboia ¹.

Confiando-se nessa tradição avigorada pela proibição inquisitorial da novela — posta no Index em 1581 só de lá foi retirada em 1640 — dizia-se que o poeta quando a infanta partira para Itália a desposar o duque Carlos, se fôra até lá em trajo de mendigo, tendo de voltar á pátria desiludido e pobre ². Este lado romântico da vida de Bernardim Ribeiro desapareceu á luz de investigações modernas. A novela vaga e melancólica foge a uma análise precisa. Nem as personagens, nem os logares da scena têm a realidade, que desejáramos. Abre pelo monólogo duma donzela, a *Menina e Moça* (c. I). seguido do diálogo com certa «dona, senhora do tempo antigo (II). Contada por esta vem depois a história de Lamentor e de Narbindel ou Bimnarder, novela de cavalaria. A acção passa-se em lugar incerto (IV), num vale onde chegam o cavaleiro Lamentor, sua esposa Belisa e uma irmã desta, a donzela Aónia. Ao passar por uma ponte Lamentor tem de bater-se com um cavaleiro, que ali estava em obséquio de sua dama e a quem mata por fim (V), morte que é sentidamente chorada pela irmã (VI). Entretanto Belisa morre depois de dar á luz uma menina (VII-VIII). E quando sua irmã Aónia lamentava esta perda chega um cavaleiro, que vinha submeter-se á aventura da ponte (IX) e que logo se apaixona por ela (X). Era Narbindel que renega o seu amor por Cruelcia e muda até o nome para Bimnarder (XIV). Após uma visão de máo preságio (XV) entra ao serviço dum maioral de gado (XVI). «Tangia e cantava» (XVII) do que de uma amostra — «Fogem as vacas para a agua»... (XVIII). Aónia tem apenas 13 ou 14 anos, é a ama que lhe fala do pastor-poeta (XIX), de quem presenciera a bravura por ocasião da luta de dous touros (XX). E' ainda a ama quem vem embalando a meuina e que recita á maneira de soláo o

*Pensando-vos estou filha
Vossa mãe me está lembrando...*

Apaixonada pelo pastor, não obstante os conselhos prudentes da ama (XXII-XXIV), Aónia chega a ir com a sua confidente a visitá-lo á

¹ Vid. S. Viterbo, *O dote de D. Beatriz de Portugal Duquesa de Saboya*, Lisboa, 1908.

² A interpretação muito vaga aparece já na ed. de 1645. Depois Faria e Sousa na *Fuente de Aganipe* de 1646 fixa-a e dá-lhe novos pormenores na *Europa Portuguesa*, II, Lisboa (1679), pág. IV, c. 1.º, 549. Garrett idealizou sobre a vida romântica de B. Ribeiro o formoso drama *Um auto de Gil Vicente*, que embelezou com muitos pontos da sua fantasia, como a entrega do avel á nova duquesa de Saboia durante a representação das *Côrtes de Jupiter*.

cabana (xxv). Entretanto Lamentor trata de a casar com o filho dum cavaleiro vezinho, muito rico — Fileno, (xxviii) sem que Bimnarder de nada soubesse até vêr passar o cortejo, após o que « se foi e não no viram mais ». Como se vê todas as personagens sam designadas por meio de anagramas — *Bimnarder* é Bernardim Ribeiro; *Aónia* sua prima Joana Tavares; *Belisa* é a irmã D. Isabel, ambas filhas de *Enis* ou seja Inês Zagalo. *Fileno* é Pero Gato.

Tal a história a que B. Ribeiro não deveria, decerto, ter posto o nome de *Menina e Moça*, pois não é a história da *Menina* a que se conta no livro; ela é que conta histórias alheias. Trinta e um capítulos tem o livro na 1.^a ed. de Ferrara (1554), com mais 12 da 2.^a P. Todas as demais ed. trazem uma continuação em 58 cap., que a maioria dos criticos tem como não escrita por B. Ribeiro, embora alguns trechos possam, de facto, ser dêle. Esta *Segunda parte... a qual é declaração da primeira* vem já na ed. de Evora de 1557, que serviu de tipo ás posteriores... A diferença de carácter, imaginação e estilo entre as duas partes é evident. A primeira é uma novela subjectiva, uma análise de paixão; a segunda uma novela inteiramente externa e de aventuras, que não sai do tipo geral das da sua classe. As personagens sam novas em grande parte. Bimnarder e Aónia passam a segundo plano e só em metade da obra se fala dêles. O herói é Avalor (Alvaro) enamorado de Arima (Maria). Talvez o continuador aproveitasse alguns fragmentos que deixasse B. Ribeiro para os primeiros doze capítulos, que sam melhores que os restantes. Na história de Arima e Avalor há cousas, o cap. XI, por exemplo, que têm toques delicados podendo bem ser de B. Ribeiro¹.

Como obras poéticas temos de Bernardim Ribeiro, além doutras poesias menores, cinco églogas notáveis pela naturalidade e que constituem também um comentário precioso á sua vida acidentada². Sam estas obras poéticas que lhe dão direito a que o consideremos como o *fundador da poesia bucólica* em Portugal, género em que foi seguido por Camões, Falcão, Bernardes e tantos outros que produziram verdadeiras obras de mérito, sem todavia o excederem.

Pelo sentimento e suavidade dos affectos, doçura de estilo, vernaculidade de linguagem, sempre portugêsa, não tendo escrito, como

[Auto de G. Vicente que dá, afinal, sem grande motivo, o título ao drama de Garrett] á qual, disfarçado de moura encantada B. Ribeiro consegue assistir, e e o final do 3.^o acto a bordo do galeão S. Catarina. Prestes a ser surpreendido por D. Manoel o poeta arroja-se ao mar entre as sombras da noite. Cfr. Menéndez y Pelayo, *Origines de la Novela*, Madrid, 1906, pág. CDXLIII.

¹ Menéndez y Pelayo, *ob. cit.*

² Egloga I: *Persio e Fauno*; II: *Jano e Franco*; III: *Silvestre e Amador*; IV: *Jano*; V: *Ribeiro e Agrestes*. Para a interpretação destas églogas vid. *Bernardim Ribeiro*, de Th. Braga, cit. pág. 70 e seg.

Ferreira, uma só linha em espanhol, ¹ B. Ribeiro constitue um alto modelo a citar. Ensaçando as suas extraordinárias faculdades em poesias miúdas ² é com as églogas de beleza incomparável, e com a prosa igualmente artistica e bela das *Saudades*, é com as três lindas poesias *Romance de Avalor*, *Ao longo de uma ribeira* e *Pensando-vos estou, filha*, ³ todas impregnadas do mesmo mistério, do mesmo sonho, da mesma profunda tristeza, que B. Ribeiro cria o género bucólico em Portugal ocupando o alto lugar indisputado, que deixamos dito.

57. — CRISTOVÃO DE SOUSA FALCÃO (1515?-1558?)
foi natural, como o antecedente, seu contemporâneo e amigo, do Alentejo, de Portalegre, onde nasceu por 1515, ⁴ sendo seus pais João Vaz de Almada Falcão, capitão da Mina, e D. Beatriz ou Brites Pereira. Não se conhecem com precisão as datas do seu nascimento e morte, mas pode dizer-se, de modo geral, que a sua vida coincidiu quasi com o reinado de D. João III (1521-1557). Este monarca consagrou-lhe muita estima, como o prova o facto de o mandar numa espinhosa missão diplomática a Roma, em 1542. A inspiradora dos seus versos foi Maria Brandão, com quem contraiu casamento clandestino, portanto tendo ela menos de 12 e elle menos de 14 anos de idade. ⁵ Para não sancionarem uma união que no ponto de vista dos interesses materiais estava longe de ser vantajosa, os pais encerraram Maria Brandão ou Brandôa, como dizem os livros de linhagens, no mosteiro cisterciense de Lervão, até que por fim a obrigaram a casar com quem entenderam. Sobre este conflito passionnal escreveu Cristovão Falcão a sua afamada égloga *Crisfal*, na qual a estas circunstâncias todas allude vagamente — pelo que respeita ao casamento nas estâncias 2, 3, 84 e 88 e ao mosteiro nas est. 7 e 51, em especial. Numa *Carta* que acompanha a égloga allude também á prisão que elle sofreu durante cinco anos. Allusões igualmente vagas se fazem a outras personagens — a uma pastora Joana, que á familia descobre os amores dos dois (est. 4), aos pas-

¹ Os editores de 1852 e outros attribuíram-lhe sen fundamento poesias espanholas, cfr. D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o Romancero*, 123 e 261.

² *Canc. geral*, Ed. da Impr. da Univ., v, 96-99, 268-274.

³ O *romance de Avalor* vem intercalado na *Segunda Parte* e já saiu na ed. de Ferrara; *Ao longo de uma ribeira* primeiro em fl. solta foi fixado na ed. de 1545; o *Pensando-vos...* encontra-se no cap. 21 da Parte I. Todos tres e a *Garrafa*, *Romancero*, ed. 1904, II, 103-118.

⁴ Falcão entrou para moço fidalgo da Casa Real em 1527 e se, conforme o costume, essa matricula se effectuou aos 12 anos de idade (Duarte Nunes de Leão, *Descr. do Reino de Portugal*, 314) a data do nasc. do Poeta pode fixar-se em 1515.

⁵ *Constituições de Lisboa*, 1.^a tit. 8.^o

tores Natonio e Guiomar (ests. 32 a 35) e ainda a um Rodrigo e Fernando (est. 39), que em balde se procuraram identificar. E quem era a amada de Crisfal? Impossível de o saber. A Maria Brandão dos linhagistas não pode ser a mesma que outras e melhores fontes indicam.¹ Seja como fôr, a Crisfal aí está em toda a sua beleza ingénua, suave e misteriosa, perfumada da mesma simplicidade nativa das églogas de Bernardim. Quasi toda ela é ocupada pelo *Sonho* de Crisfal [ests. 28 a 98], em que os dois pastores se confiam mutuamente os seus sentimentos de paixão, até que Crisfal acorda para a realidade (est. 99), sem que mais alguma coisa se nos diga do seu destino

O que se fez de Crisfal
Não sabe certo ninguém²

Procurou-se recentemente dar a autoria desta égloga ao maviioso Poéta das *Saudades*.³ O criptónimo *Crisfal* não está a indicar o nome de *Cris(tóvão) Fal(cão)*, mas formou-se de *cris(ma) fal(so)*, nada tendo, portanto, com o nome daquele indivíduo, que não passaria dum simples fidalgo, por sinal, de apoucados recursos intellectuais, como o deixa vêr uma sua carta repleta de erros orthográficos. Todavia nenhum argumento concreto, nenhum testemunho positivo, nenhuma informação directa e objectiva conseguiram firmar a nova hipótese e abalar a tradição antiga, que se funda em testemunhos indestrutíveis como os das edições de Ferrara — 1554, e Colónia — 1559 que dizem: «Hũa mui nomeada e agradável Egloga chamada Crisfal que diz «Entre Sintra a mui prezada», que dizem ser de Cristóvão Falcão porque parece aludir o nome da mesma Egloga. E hũa carta do dito «Os presos contam os anos — Mil anos...» E outros que entrelendo se poderam vêr»; e de Diogo do Couto (1542-1576) e de Faria e Sousa (1590-1649), para não ci-

¹ Cfr. Braamcamp Freire, *Arch. Hist. Portug.* vi (1909), viii, (1910) e *Atlantida* i (1916), 518-538; Dr. Th. Braga, *Atlantida* i, 809-829.

² Vid. *Obras de Chr. Falcão*, ed. de Th. Braga, Porto, 1871; do mesmo *Obras de C. F.*, Porto, 1916 e sobretudo a ed. de Epifanio da Silva Dias, *Obras de Chr. Falcão, ed. crítica anotada*, Porto, 1893; Delfim Guimarães fez também uma ed. sob o título *Trovas de Crisfal*, Lisboa, 1908, attribuindo-as segundo a sua convicção a Bernardim Ribeiro.

³ Esta opinião foi sustentada com raro brilho pelo ilustre publicista Delfim Guimarães no vol. *Bernardim Ribeiro (O Poéta Crisfal) — subsídios para a história da literatura portuguesa*, Lisboa, 1908; Id. — *Theophilo Braga e a lenda do Crisfal*, Lisboa, 1909. Perfilhou-a um escritor brasileiro de talento — Silvio d'Almeida, *A Mascara do Poéta*, Lisboa, 1913. Mas a doutrina clássica encontrou um defensor de raras aptidões que desfez com clareza as miragens — Raul Soares, *O Poéta Crisfal, subsídios para o estudo de um problema histórico-literário*, Campina, 1909.

tar outros todos já mais tardios. Se Bernardim é positivamente o autor das *Saudades*, porque não será Cristovão Falcão o autor do *Crisfal*? Porque na sua carta não há gramática nem ortografia? Mas diremos que Camões não escreveu os *Lusiadas* porque igualmente numa carta sua, certamente autêntica, há, como escreveu o editor dela, « incorrecções não sómente numerosas, mas até mesmo escandalosas? »¹ Deve, portanto, subsistir a longa tradição indisputada até prova em contrário.²

58. — SÁ DE MIRANDA (por 1485-1558),³ de Coimbra, filho de Gonçalo Mendes de Sá, fez os seus estudos na Universidade começando a usar o título de *Doutor* (em leis) desde 1516. Vivendo na corte de D. Manoel desde tenros anos, não se deixou absorver pela insânia dos prazeres, geral no tempo daquêlê monarca. O seu espírito reflexivo e meditabundo, o seu amor ao estudo e á solidão não se casavam com a vida buliçosa da corte do rei venturoso. Devia ser, pois, sem custo senão com prazer que em 1521 abandonava o seu país, para viajar, para se instruir, decerto também para fugir ás inquietações da corte dirigindo-se a Itália, cuja literatura brilhava então com os nomes do Cardeal Bembo (1470-1547), de Ariosto (1474-1533), do « bom velho » Sannazzaro (1458-1530). Pode supôr-se o que o ânimo perspicaz e investigador de Sá de Miranda não faria num meio tam diferente daquêlê que, cheio de tédio, abandonava. Cinco ou seis anos o poeta esteve por lá visitando Turim, Roma, Florença, Veneza, Nápoles, pondo-se em contacto com os espiritos mais eminentes, que então ilustravam a Itália. Ao voltar á pátria em 1526, vinha cheio de idéas novas, que já em Espanha andavam popularisadas por Garcilaso e por Boscan. Miranda não o ignorava e isso o animou á renovação literária, que immortaliza o seu nome — reavivando os antigos metros nacionais, com os *vilancetes*, *cantigas*, *esparsas*, *glosas*, *sátiras*, etc., introduzindo a inovação do endecassílabo italiano, ensinando a estrutura do soneto⁴ e da

¹ Compara-se a *Carta* de Falcão em Delfim Guimarães, *Bernadim Ribeiro*, ob. cit., pág. 158 com a de Camões no *Bol. das Bibl. e Arch. Nac.* Coimbra, 1904, pág. 28.

² « Por ora não-convertida continuarei a diferenciá-los » diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis nos *Estudos sobre o Romanceiro*, pág. 292, nota (3).

³ O pai era cônego e a mãe uma dama nobre, solteira, de nome Inês de Melo. Devia o pai entender-se bem com o bispo D. João Galvão, 1.^o Conde de Arganil, que tinha amores com sua irmã D. Guiomar de Sá. Sendo D. João Galvão transferido para o arcebispado de Braga casaram-na os irmãos com Afonso de Barros. Logo que o Prelado o soube veio de Braga a Coimbra para a matar e dizem que desta paixão morreu.

⁴ Sobre a origem desta forma poética veja-se René Doumic — *Une histoire du Sonnet* na *Rev. de Deux-Mondes*, 1904, II, 444. Em Portugal, Leite de Vasconcellos, *O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1910, págs. 71 e 154, nota.

canção como usára Petrarcha, os tercetos á maneira de Dante, ou enlaçados em elegias e capitulos á maneira de Bembo, a oitava-rima de Policiano, Boccacio, e Ariosto, e as églogas de Sannazzaro com os seus versos encadeados, abrindo assim uma nova era que havia de atingir em 1572 o ponto culminante com a publicação dos *Lusíadas*.¹ Compete-lhe, pois, bem o título de reformador não só da fôrma, mas também e sobretudo de novos ideais e mais vastas inspirações. Ao lado do renascimento clássico bebido em Vergílio, Horácio, Plauto e Terêncio vinham os modernos, os principes da poesia — Dante, Petrarcha, Ariosto, etc. A celeuma que levantou a sua empresa, junta aos desgostos que a vida da côrte, em que novamente se achára envolvido, lhe provocaram, fizeram certamente com que de todo se afastasse para o remanso da solidão, declarando então que

Homem d'um só parecer,
D'um só rosto e d'ua fé,
D'antes quebrar que torcer,
Outra cousa pode ser,
Mas de côrte homem não é.

As obras de Miranda compreendem cartas, elegias, canções, sonetos, etc., escritos já em português, já em espanhol e mais nesta do que na nossa língua, sobretudo nos novos metros italianos, preferindo a língua nacional — e felizmente — para a redondilha, para os metros antigos.²

Escreveu também duas comédias seduzido pela imitação italiana e em que copiou tudo ficando longe dos tipos que desejava reproduzir.³ *Estrangeiros* é a 1.^a que compôs, por 1527, e nela censura, em alusão transparente, Gil Vicente, por ter escrito em verso e lhe chamar Auto. *Vilhalpandos* é muito posterior, de 1538, quando já retirado no voluntário exílio. Pela dedicatória ao infante D. Henrique, irmão de D. João III, depois rei, então arcebispo de Braga, sabemos que este mandára pedir estas comédias ao autor, sabendo também pela *Vida* de Miranda por D. Gonçalo Coutinho que êle as fizera representar perante si e os magnates da sua côrte prelatícia, mandando por fim imprimi-las. Certo é, porém, que ambas de duas fo-

D. Carolina Michaëlis, *Poesias de Fr. de S. de Miranda*, ed. cit. na nota seguinte.

² Ed. da Sr.^a D. Carolina Michaëlis — *Poesias*... Ed. feita sobre cinco Miss. inéd. e todas as impr. Halle, 1885; Id. *Novos estudos sobre Sá de Miranda*, Lisboa, 1911; Delfim Guimarães, *Versos Portugueses*, Lisboa, 1909.

³ Esteves Pereira, *As comédias de...* no Bol. da Seg. Cl. de Acad. das Sc. de Lisboa, ix (1914) 142.

ram incluídas no *Indice* de 1624. Falhas de enredo, confusas, sem côr, elas interessam sómente o erudito pela vernaculidade da frásce.¹

O seu retiro voluntário foi a *Quinta da Tapada*, [entre Minho e Douro,] e data de 1536, ano em que se realizou também o seu casamento com D. Briolanja de Azevedo, a fiel e boa companheira que, pelo seu falecimento em 1555, fez com que o poeta *começasse a morrer logo também para todas as cousas do seu gosto*. A sua morte deu-se a 15 de março de 1558, na Tapada; tinha êle 63 anos. Alguns o denominaram o Platão português.

Recentemente duas novidades literárias alargaram o âmbito dos nossos conhecimentos ácerca de Miranda e permitiram uma análise mais profunda e mais íntima da sua individualidade. Foi uma delas o aparecimento dum caderno com *poesias autógrafas* que nos mostram o autor no acto psicológico da sua elaboração, na sua maneira de escrever e de corrigir e emendar o que escrevia. Por uma nota aposta a uma das poesias incluídas nêsse caderno ficamos sabendo também que Miranda escreveu uma tragédia, ao gosto clássico, hoje inteiramente desconhecida, e a que dêra o título de *Cleópatra* e que seria importantíssima para determinar o lugar que nêsse género conviria dar ao seu autor.²

A outra novidade de assunto mirandino foi a publicação do poemeto *Vida de Santa Maria Egipciaca*, escrito em redondilhas, que se supõe redigido nos últimos dois anos da vida de Sá de Miranda.³

Entretanto o principal título de glória de Sá de Miranda consiste nas Cartas cheias duma sã filosofia e escritas com admirável simplicidade, o que fez dizer a Garrett que Sá de Miranda *filosofou com as musas e poetizou com a filosofia*.

59. — ANTÓNIO FERREIRA (1528-1569), de Lisboa, preparou-se com uma forte erudição na Universidade, que, tinha êle nove anos, fôra definitivamente transferida para Coimbra. Nela cursou os estudos e se doutorou em Direito Canónico, dizendo-se que aí ficára lecionando. E', porém, certo que dois anos depois já se achava em Lisboa, sendo possível que voltasse, continuando a sua convivência com propugnadores do renascimento como Sá de Miranda, Diogo de Teive, Manuel de Sampaio, António de Castilho e Jorge Bucha-

¹ Ed. dos *Vilhalpandos*, Coimbra, 1560; d. s. *Estrangeiros*, ibid., 1569 e ambas nas eds. do Poeta e impr. com as de António Ferreira.

² Cfr. *Novos estudos*; cit., onde vem a estança de 12 versos, unica que resta.

³ A *Egipciaca Santa Maria* pela primeira vez publicado por Th. Braga-Porto, 1913. O assunto foi tratado também por Leon da Costa. *A conversão miraculosa de felice Egipcia penitente Santa Maria, sua vida e morte*, Lisboa, 1627.

nan e aprendendo a conhecer a fundo os autores clássicos, em que depois tam superiormente se inspirou. Em 14 de outubro de 1567 foi despachado desembargador da Casa do Cível, vindo a falecer na robustez da vida e do talento, em novembro de 1569, quando a peste naquele ano invadiu Lisboa. Amigo de Sá de Miranda é, como êle, um campeão do classicismo. A sua obra imortal é a *Castro*, escrita ao gosto clássico entre 1553 e 1567, segundo se crê, e pela primeira vez representada em Coimbra. Tratando um assunto tam profundamente nacional — e na língua nacional — note-se —, Ferreira avanta-se ao seu predecessor Trissino (1478-1550), que embora usasse a língua literária da Itália escolheu, porém, um assunto da antiguidade para a sua *Sofonísba*. A obra do nosso poeta pela originalidade, — entre nós apenas apparecia um eco apagado da tragédia antiga na tradução da *Orestia*, de Sófocles por Aires Vitória — pela escolha do assunto tam sublime e patético como outro não ôferencia a história nacional, pelo entrecho e disposição das scenas, pelo movimento e jogo dos côros, que Garrett reputava superiores a todos os exemplares da antiguidade, pela linguagem castiça e portuguesa de lei, sempre acomodada á grandeza do objecto, ocupa lugar primacial na nossa literatura. Não quer isto dizer que a *Castro* seja impecável. Mas censurá-lo pela apropriação dos Côros da tragédia grega, pelo emprego dos trechos líricos, pelo afastamento em quasi toda a peça da segunda personagem. D. Pedro, cujos diálogos com D. Inês poderiam fornecer soberbos lances, pela dureza da versificação, pelo emprego de locuções por demais familiares, é esquecer a época e condições em que escrevia Ferreira. O diálogo entre D. Afonso IV e os Conselheiros (Acto II, 2º) especialmente a invocação (ibid, 34), o Côro das «moças de Coimbra» (III, 38), as falas de Castro (IV, 50 e 54), as imprecções do Infante (V, 65) sam belezas indiscutíveis. ¹ Também a sua influência foi notável. Quita, Nicolau Luís, Manuel de Figueiredo, João Baptista Gomes, entre os nacionais, e entre os estrangeiros Houdard de La Motte (1723) e outros de longe ou de perto não desfitaram a obra de Ferreira. ² Mas nenhum procedeu como o autor espanhol Bermudez, que plagiou ou melhor fez uma cópia da obra de Ferreira pretendendo evidentemente fazê-la passar como original. Frei Jerónimo Bermudez (1530?-1590?) era um domínico galiciano, que com o pseudónimo de António Silva publicou *dez anos antes* que apparecesse em português, mas *oito depois* da morte de Ferreira, a *Nise Lacrimosa* (morte de D. Inês de Castro) seguida pouco depois

¹ Vide a nossa ed., vol. XVIII dos *Subsidios...*, Coimbra, 1915, onde debatemos a questão do plágio de Bermudez e citamos os esclarecimentos precisos.

² Dr. T. Heinemann, *Ignês de Castro — die dramatischen Behandlungen des Sage in den romanischen Literaturen*, etc. Leipzig, 1914.

da *Nise Laureada*, (sua coroação como rainha) imitando a *Castro* tam servilmente na disposição das scenas, no entrecho, no estilo, no movimento dos diálogos, na formação dos côros, que a sua obra é um plágio completo da do nosso autor. Além da *Castro* temos, «scritas para o teatro, as duas comédias—*Bristo*, que êle confessa *ter ordenado em poucos dias*, e *Cioso*, imitações ou talvez traduções do italiano—visto que nomes das personagens, seus caractéres, costumes e alusões a factos históricos não pertencem á sociedade portugueza,—esta superior áquella, mas ambas muito inferiores em mérito á *Castro*.¹ No género lirico deixou-nos Ferreira grande números de *sonetos* inspirados primeiro em amores que teve em Coimbra e que não foram correspondidos com uma senhora de apelido Serra, e depois em Maria Pimentel, que depois foi sua mulher; de *odes* e *epístolas*, que lhe merecêram o cõgnome de Horácio portuguez; de *églogas*, onde se encontram algumas belezas; de sentidas *elegias*, como a consagrada á morte da mulher, e de várias poesias meudas, todas publicadas sob o titulo de *Poémas Lusitanos*.²

Antonio Ferreira escreveu todos os seus versos em língua nacional da qual escreve,³

*Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa llingua e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva*

exemplo notável no seu tempo, muito para admirar e louvar e que fez dizer dêle ao seu discípulo e amigo Diogo Bernardes:

*— Que dando á Pátria tantos versos raros
Um só nunca lhe deu em llingua alheia.*

¹ Por muito tempo inéditas foram pela 1.^a vez dadas a público por António Alvarez, Lisboa, 1622.

² *Obras completas. Quarta ed. annot. e precedida dum estudo, sobre a vida e obras do poeta*, pelo cõnego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, Paris, 1865; *Livraria Clássica*, vol. XI-XIII; Th. Braga, *Hist. dos Quinh.* págs. 180-214.

No *Archivo Histórico Português*, I, 1903 fôra n publicadas duas cartas autógrafas, uma do dr. António Ferreira, e outra de Diogo Bernardes com vários comentários de Brito Rebelo.

³ As suas obras foram publicadas vinte e nove anos depois da sua morte por diligência do filho Miguel Leite Ferreira, Lisboa, 1598. Durante êste tempo foram copiadas muitas obras do poeta, que se encontram em cancioneiros contemporâneos e posteriores, como o publicado em 1903 por A. F. Barata, onde aparece a *Carta* dirigida a D. Sebastião, que ali vem anónima, mas que desde 1598 anda impr. em todas as ed. das obras de Ferreira, facto aliás desconhecido por quem no Prefácio a êste cancionero a atribue a Camões!

60.—PERO DE ANDRADE CAMINHA (1520-1589), do Porto, inimigo de Camões, contra quem escreveu vários epigramas, ¹

«da-me huma *fúria* grande e sonora»

(*Lus.*, I, est. 5)

Caminha escreve:

«Dizes que o bom Poeta á de-ter *fúria*;
Se non á de ter mais és bom Poeta.
Mas se o Poeta á de ter mais que *fúria*
Tu non tem mais que *fúria* de Poeta!»

(*Epigr.*, CXLV)

e de Pamião de Góes, cuja situação agravou com o depoimento que contra êle fez no tribunal de inquisição em 20 de abril de 1571, ² deve o melhor do seu nome ao empenho que foi toda a preocupação da sua vida literária — imitar António Ferreira. Num tempo em que Camões morria de fome, diz um escritor, gozava Caminha de todas as delicias duma invejável posição. Privado do infante D. Duarte († 1540), recebendo recompensas de D. João III e D. Sebastião, rico, adulado, benquisto, a amizade de homens como Ferreira, Sá de Miranda, Bernardes e outros cobria-lhe um pouco a mediocridade. As suas poesias, inéditas durante mais de duzentos anos, foram publicadas nos fins do século XVIII pela Academia Real das Sciencias de Lisboa ³ e em melhor e mais vasta colheita recentemente, ⁴ que ainda poderá ser, senão ampliada, talvez corrigida ou, pelo menos aperfeiçoada. ⁵ Aí se nos deparam os temas aproveitados pelos outros poetas seus amigos e contemporâneos — epigramas, epistolas, elegias, odes, epitáfios, églogas, sonetos, canções, etc. Caminha é um poeta notável pela correcção do metro e pela elevação dos pensamentos, mas

¹ Este por exemplo: aludindo ao verso:

² Cfr. este depoimento no processo, hoje publicado na integra por Guilherme J. C. Henriques, *Inéditos Góesianos*, vol. 2.º, págs. 44-45. Um ano antes, isto é, em 3 de Julho de 1570 tinha subido as escadas dos Estãos, onde estava estabelecida a inquisição, para denunciar um pobre emigrado de Portugal por motivos religiosos. Comunicação á Acad. das Sc. de Lisboa em 14 de março de 1913 pelo Sr. A. Baião.

³ *Poesias, mandadas publicar pela Acad. R. das Sc. de Lisboa*, 1791, XI-427.

⁴ *Poesias inéditas... publicadas pelo dr. J. Pribsch*, Halle, 1898.

⁵ *O Poeta A. C. e um seu Cancioneiro desconhecido*, comunicação feita á Acad. das Sc. de Lisboa pelo Sr. António Baião no *Bol. da 2.ª Cl.*, x (1917) 484-510. Trata-se dum Mss. da Torre do Tombo, dos principios do séc. XVIII, diferente dos dois em que se baseou a ed. da Acad. e dos três de que se serviu o Dr. Pribsch.

nunca consegue emociar-nos. O seu estilo é frio, a sua inspiração medida e artificial. ¹

61. — DIOGO BERNARDES (1520-1605) natural de Ponte da Barca, ² discípulo como o anterior, de Sá de Miranda e Ferreira, fez parte da malograda expedição a Alcacer como cantor oficial, que devia ser, das glórias do novo rei Artus. Regressando á pátria depois de cinco anos de cativeiro passou a vida na solidão escrevendo muitas poésias, algumas repassadas de verdadeiro sentimento. Eis as suas obras:

a) *Várias rimas ao Bom-Jesus*, de carácter espiritual e místico. ³

b) *Flôres do Lima*. ⁴ São na maior parte sonetos e cantigas, com algumas canções, elégias, etc., de carácter profano.

c) *O Lima*, contendo vinte églogas e trinta e três cartas, ⁵ que formam as suas obras mais extensas.

Faria e Sousa, e com elle muitos outros criticos, accusa-o de ter roubado a Camões o poema *Santa Ursula*, cinco églogas e outras poésias. Nunca se provou esta accusação. ⁶ O mavioso e delicado cantor do *Lima* revela-se até como um dos cultores mais felizes do género bucólico. Tem quadros dum descriptivo maravilhoso, que nos impressiona pelo tom de ternura e de tristeza com que estão traçados. Os seus campos, os seus pastores respiram realmente o ar campestre. Poucas são as composições em que o rebuscado da frase ⁷ já denuncia a mácula dos vícios, que principiava a invadir-nos e de que nem o próprio Camões ficou indene. A regra é a pureza da linguagem servindo admiravelmente a harmonia dos versos. ⁸

¹ Ver ainda D. Carolina Michaëlis, *Pedro de A. C.* (Extrait. de la Rev. Hisp.) Paris, 1901.

² Outros dizem de Ponte do Lima. A questão está bem elucidada pelo Sr. J. Gomes de Abreu, *Diogo Bernardes e a sua naturalidade*. Ponte do Lima, 1907. 1 folh. e mais recentemente ainda pelo Sr. Hemeterio Arantes, *Frei Agostinho da Cruz*, Lisboa, 1909. 1 folh. Concisa, a demonstração é convincente.

³ *Várias rimas ao Bom-Jesus e á Virgem gloriosa sua Mãe e a vários Santos particulares. Com outras mais de honesta e proveitosa lição*. Lisboa, Simão Lopes, 1534, 4.º. É a 1.ª ed.; outras 1601, 1608, 1616, 1622, 1770.

⁴ *Rimas várias, Flôres do Lima*, Lisboa, Manuel de Lyra, 1596, 8.º; outras, 1633, 1770.

⁵ A 1.ª ed. é de Lisboa, por Simão Lopes, 1536, 4.º de iv-173; outras, 1761, 1860.

⁶ Donde derivou o menoscabo de Bernardes? Decerto do facto de se encontrarem em antigos Cancioneiros poetas de Camões como se fôsem de Bernardes. Mas se há outras de Bernardes com a assinatura de Camões! O facto de indevidas attribuições é vulgar e sem propósito, donde a accusação é plágio perfeitamente gratuita.

⁷ Leia-se para ex. o Son. 82, p. 56 das *Flôres do Lima*.

⁸ Rebelo da Silva, *Hist. de Port.*, v, 275.

62. — FR. AGOSTINHO DA CRUZ (1540-1619). É irmão do precedente pelo sangue e pelo talento poético. Tinha no século o nome de Fr. Agostinho Pimenta, entrando depois na vida monástica com o nome de Fr. Agostinho da Cruz, por que é conhecido. A collecção das suas odes, sonetos e églogas foi publicada em 1771¹ mas só desde 1918 a obra do grande Solitário pode dizer-se conhecida.² Por toda ela perpassa a sombra duma grande melancolia. Todas as poesias são de carácter profundamente religioso, revelador do estado de alma de quem as redigiu-pobre monge recolhido na Arrábida que quiz apagar a lembrança do tempo que vivera entre os homens, queimando todos os versos dessa época:

*Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia
Queimei...*

Mas nas suas poesias religiosas há um sentimento tam sincero de verdade que impressiona profundamente. É a alma dum verdadeiro crente, resignado, compassivo, adorável. Se possuíssemos a parte da sua obra, que elle implacavelmente fez desaparecer para sempre, não pode restar dúvida de que o seu nome se aureolaria de mais radiante fama. Dessa vida passada só se divisam sombras de sombras intangíveis. Canta o «doce Lima», que o viu nascer, o «Mondego e o Tejo» que o viram crescer e prosperar, especialmente este ultimo, a que parece ligar recordações de ternura e de saudade. Mas o que domina a obra do simpático eremita é a nota do mistério do além, que faz das suas poesias verdadeiros trenos impregnados de religiosa piedade comunicativa.³

POESIA DRAMÁTICA

63. — Origem do teatro. A poesia-dramática não teve forma regular antes de Gil Vicente, que por isso é, com justa razão, apelidado de fundador do nosso teatro. As representações scenicas sempre foram queridas dos povos. Através o longo período da idade-média o elemento dramático conservou-se vivo e persistente. Entre nós chegou a ter tal desenvolvimento que os bispos nas Constituições diocesanas se viram forçados a proibir as representações nas igrejas, certamente pelo abuso que as tinha manchado. Nas *Constituições* do

¹ *Várias Poesias*, Lisboa, 1771.

² Vol. XXI dos meus *Subsídios — Obras de Frei Agostinho da Cruz conforme a ed. de 1771 e os Codices Mss. das Bibliotecas de Coimbra, Porto, Evora.* — Coimbra, 1918.

³ Veja-se o estudo com que antecede a citada ed.

Bispado de Evora (1534) lê-se: «defendemos a todas as pessoas eclesiásticas e seculares, de qualquer estado e condição que sejam que não comam nas igrejas, nem bebam com mesas nem sem mesas, nem se façam nas ditas igrejas ou adros delas jogos alguns, posto que sejam de vigilia de santos ou de alguma festa; nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo ou de sua resurreição, ou nascença, de dia, nem de noite, sem nossa especial licença, porque de tais actos se seguem muitos inconvenientes...» (*Const.* 10, tit. 15).

Igualmente nas *Const. do bispado do Porto* aparece a mesma proibição: «e porque não é decente interromper o santo sacrificio da missa, e deixar de cantar o que a igreja nela tem indicado se cante para intrometer nela *cançonetas* ou *vilancicos*, e ainda que sejam pios e devotos... proibimos que se cantem *cançonetas* e *vilancicos*, nem *motetes*, *antifonas* e *hinos*, que não pertençam ao sacrificio que se celebra, nem enquanto se disser alguma missa se consente cantar *cantigas profanas*, nem *festas*, nem *danças*, *autos*, *colóquios*, posto que sejam sagrados, nem *clamores*, *petitorios de esmolas*. E outro sim mandamos, sob as ditas penas (excomunhão maior) que nenhuma pessoa nas ditas igrejas, ermidas ou seus adros, *façam comédias*, *representações*, *entremeses* ou *alegorias profanas*... nem se façam *danças*, *bailes*, *folias*, *suetos*, ou cousas semelhantes, nem *cantigas desonestas*» (l. III, tit. 2.º, const. 7, pág. 175, e *ibid.*, l. IV, tit. 9, constit. 6, pág. 427). Estas e outras censuras não faziam mais que renovar a letra dos Concílios da idade-média e a *Lei das Partidas* (l. I, tit. VI).

Além deste teatro de carácter religioso, tirando o seu assunto das scenas da vida da igreja, da dos santos, das lendas cristãs, etc., havia outro de carácter profano, cultivado nos paços reais, onde a aristocracia se deliciava com as *mimicas*, *momos* e *entremeses*, que nunca deixava de haver nas grandes solenidades e festas. Aproveitar estes vestígios de tradição inteiramente popular e imprimir-lhes o cunho duma poderosa individualidade, tal foi o trabalho de Gil Vicente.

64. — GIL VICENTE (1470? 1540?), justamente cognominado o *Plauto Português*, desde que pela primeira vez mestre André de Resende assim o apelidou, nasceu talvez em Guimarães, talvez na provincia da Beira, (d)onde passados os primeiros anos da infância, saiu para Lisboa começando na Universidade o estudo da jurisprudência, que todavia não chegou a concluir. Tem-se afirmado que por 1493 seria mestre de retórica no duque de Beja, depois rei D. Manuel, circunstância que lhe daria com a amizade do monarca, a entrada no paço, mas o facto não é nada verosimil, embora seja certo que na corte desempenhou qualquer officio, pois disso recebia tença, como de

costume.¹ O talento poético de Gil Vicente revelou-se por ocasião do primeiro parto da rainha D. Maria, esposa do rei D. Manoel. No dia imediato a êsse parto, a 7 de junho de 1502, na própria câmara da rainha e deante da côrte aí reunida, de seu marido D. Manoel, de sua cunhada a rainha D. Leonor, de sua sogra a infanta D. Beatriz, de sua outra cunhada a Duqueza de Bragança, etc., Gil Vicente recitou o *Monólogo da Visitação* ou do *Vaqueiro* escrito em espanhol para melhor ser entendido pela rainha, filha, como se sabe, dos reis católicos Fernando e Isabel, e ainda porque a língua castelhana era então a preferida pela côrte portuguesa.²

O monólogo representado pelo próprio Gil Vicente que, como Shakspeare e Molère, era ao mesmo tempo autor e actor, agradou tanto, que a rainha D. Leonor quiz que o repetisse para as festas do Natal, com o que êle se não contentou compondo para a circunstância novo auto — *Pastoril castelhano*. Estava achado o velho riquíssimo dêste génio. Durante mais de trinta anos a côrte de D. Manoel e a seguir a de D. João III, iam admirar as produções dêste homem extraordinário, que é uma das figuras salientes do humanismo do século XVI, verdadeiro discípulo de Erasmo pela liberdade com que criticava os abusos das classes dominantes — nobres e clero — dominados pelo egoísmo, eivados de vícios e de paixões sensuais, esquecidos uns e outros das virtudes que tinham distinguido os seus ascendentes doutras épocas.³

A obra de Gil Vicente é vastíssima e complexa, pois se compõe de 44 peças nas quais se encontra o verdadeiro retrato da época. Sob o ponto de vista da língua em que foram escritas podem distribuir-se em 3 grupos:

1) só em PORTUGUÊS: *Auto de Mofina Mendes*, *Pastoril Português*, *Feira*, *Alma*, *Barca do Inferno*, *Barca do Purgatório*, *História de Icus*, *Resurreição*, *Cananã*, *Exhortação da guerra*, *Côrtes de Júpiter*, *Serra da Estrêla*, *Romagem de Agravados*, *Velho da Horta*, *Almocreves* e *Clérigo da Beira*.

2) só em ESPANHOL: *Visitação*, *Pastoril Castelhana*, *Reis*

¹ O d. e. foi encontrado e publicado por Brito Rebelo: *Gil Vicente*, Lisboa, 1922, pág. 11.

² O monólogo tem adaptação moderna de A. Lopes Vieira em *A Campanha Vicentina*, Lisboa, 1914. O mesmo ilustre poeta publicou *Autos de G. V. seguidos da guns excerptos*, Porto, 1916.

³ O que até hoje pode apurar-se da obscura biogr. de G. V. encontra-se na ob. de Brito Rebelo, cit., na Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vase., que prepara a ed. critica do dramaturgo e tem publicado como preliminares *Notas Vicentinas*, I *Gil Vicente em Bruxelas* (1912); II *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro* (1913); III *Romance à morte del Rei D. Manoel* (1919), no sr. Braamcamp-Ferreira, que nos deu no magnífico vol. *Vida e Obras de Gil Vicente*, Porto, 1919 a análise pormenorizada de quantas questões pode levantar a bio-bibliogr. do Poeta.

Magos, Sibila Cassandra, Quatro tempos, Barca da Glória, S. Martinho, Comédia do Viuvo, D. Duardos, Amadis de Gaula, Farça das Ciganas.

3) BILINGUES: *Auto da fé, Auto da Festa, Rubêna, Coimbra, Floresta de Enganos, Não d'amores, Fragoa d'amor, Exhortação da guerra, Templo d'Apolo, Triumpho d'inverno, Romagem d'agravados, Quem tem farelos?, India, Fama, Fadas, Inês Pereira, Juiz da Beira, Lusitania e Físicos.*

Sob o ponto de vista da idéa que presidiu á idealização desta vasta obra podem ainda fazer-se três grupos:

a) obras do carácter *hierático*, em que aproveitou as tradições e costumes religiosos. Entram neste grupo o *Monólogo do Vaqueiro* ou da *Visitação* acima referido, o *Auto pastoril castelhano*, *Reis Magos, Sibila Cassandra, Auto da Fé, Auto dos Quatro tempos, Pastoril Português, Feira, Mofina Mendes, Alma, História de Deus, Ressurreição, S. Martinho*, a trilogia *Barca do Inferno, Barca do Purgatório e da Glória*, e o último desta série, que é a *Cananêa*.

b) O segundo grupo do teatro vicentino compreende as obras *aristocráticas*, para cuja composição êle naturalmente era levado pelo contacto com a corte em que viveu — *Auto da Fama, Exhortação da guerra, Côrtes de Júpiter, Fragoa d'amor, Templo d'Apolo, Coimbra, Não d'amores, Lusitania, Amadis de Gaula, D. Duardos.*

c) Temos, enfim, o *teatro popular*, em que habilmente Gil Vicente pôs em jogo os costumes e as festas em que o povo era principal protagonista, criando verdadeiros tipos de género, como o *Ratinho, o Fidalgo pobre, o Frade devasso, o Judeu explorado, o Galante namorado*. Neste género foi escrita a farça *Quem tem farelos?* nome que, segundo êle próprio diz, foi posto á sua obra pelo público; *Almocreves, India, Velho da Horta, Viuvo, Fadas, Físicos, Ciganas, Inês Pereira, Juiz da Beira, Romagem de Agravados, Floresta de enganos*. Os autos *Jubileu de amores* representado em Bruxelas no palácio do embaixador português D. Pedro de Mascarenhas em 21 de dezembro de 1531 para comemorar o nascimento do príncipe D. Manoel, filho de João III, e de D. Catarina, *Aderência do Paço e Vida do Paço* perderam-se inteiramente talvez devido á condenação muito especial que por parte da Inquisição sôbre êles recaiu, sendo provavelmente o próprio dramaturgo quem já os não incluiu na *Compilação* das suas obras que preparou e que seus filhos Paula e Luis vieram á publicar em 1562.¹

Todas estas obras foram compostas durante 34 anos, devendo ter sido conhecidas do público á medida que iam sendo representa-

¹ Estes factos foram postos em evidência nas *Notas Vicentinas* da Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasc. (1912), 205.

das, em folhas avulsas. Gil Vicente coligiu as publicadas por esta forma e as inéditas e dividiu-as nos três grupos apontados: *hierático* (obras de devoção), *aristocrático* (tragi-comédias), e *popular* (comédias e farças), auxiliado nesta faina por sua filha Paula. O poeta morreu porém em 1540 e só em 1562 é que elas apareceram a público sob os cuidados do filho Luís Vicente, mas já revistas pela Censura eclesiástica.

Não obstante parte importante do teatro Gil Vicente ser, como vimos, em espanhol, o que perfeitamente se explica pelo público, em que havia rainhas e cortesãos espanhóis, estar inteiramente eivado do gosto castelhano, todas as obras do nosso Molière são eminentemente nacionais pelo génio que as inspira, pela sua contestura e assuntos. Não sofrem peias nem pela linguagem, nem pelo local a que eram destinadas. Mordaz e cáustica, a sua veia cómica retalha, como um escalpelo, as podridões e os vícios dos seus contemporâneos, qualquer que fôsse a situação em que se achassem. Pontífices, reis, aristocratas, clero, bem como o povo, a arraja-meuda, defrontam-se cortados a golpes de sátira, desassombradamente. Semelhante liberdade não podia deixar de criar embaraços a quem se mostrava tam pouco tolerante com os vícios, que corroíam as diferentes classes da sociedade, em especial, a dos nobres e a clerizia. Por isso as intrigas não o poupáram e entre outras uma parece tê-lo maguado profundamente — a de que as suas composições não eram obras originais, mas sim plágios. Diziam isto certos homens de *bom saber*, sublinha êle irónicamente. Talvez aludissem aos autores castelhanos que antes e ao tempo de Gil Vicente compunham autos e farças — Juan del Enzina, Lucas Fernandez e Torres Naharro, o primeiro dos quais já por 1492 era representado em Castela. Dêle se lembra Resende na *Miscelânea* onde, reconhecendo-lhe prioridade afirma, porém, que Gil Vicente escreveu «com mais graça e mais doutrina». ¹ E' precisamente o juizo da posteridade que dá valor muito superior ao fundador genial do teatro português ². Para desfazer as calunias, Gil Vicente num serão do paço pediu que lhe dêssem um tema. Deram-lho — «*mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube*». O poeta desquitou-se triunfantemente escrevendo a sua melhor obra, uma comédia de caracteres, a *Inês Pereira*. Além desta merecem ainda citar-se *Rubena*, *Almocreves*, *Floresta de Enganos*, *Três Barcas*, etc. ³. Quem queira vêr até onde pode altear-se o génio criador

¹ Estancia 186 na ed. cit. dos *Subsidios*.

² Menendez y Pelayo, *Antologia de Poetas líricos castellanos*, VII.

³ A 1.^a ed. traz o título: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicents*, a qual se reparte em cinco livros. O primeyro he de todas suas cousas de deuçam. O segundo as comedias, o terceyro as tragicomedias. No quarto as farças. No quinto as obras meudas... Ano M.D.LXII. São rarissimos os exemp'ares desta

do Poéta leia o *Auto da Alma*, por ex., em que há trechos de admirável sublimidade, como a oração de S.^{to} Agostinho, que começa

*Alto Deos maravilhoso
Que o mundo visitaste...*

não menos admirável que o formosíssimo trecho posto na boca do Anjo

*Alma humana formada
De nenhuma cousa, feita
Mui preciosa...*

Algumas passagens dos autos assombram-nos pelo arrojo da concepção como a scena entre *Todo o Mundo* e *Ninguém* na *Farça da Lusitania*, que lembra o conhecido passo do *Frei Luís de Sousa* de Garrett, e a scena da tentação no *Auto da Alma*, que recorda o *Fausto* de Goethe. Também o Poéta fere a nota do sentimento patriótico em apaixonados acentos na *Exhortação da Guerra*

*Oh famoso Portugal
Conhece teu bem profundo
Pois até ó polo segundo
Chega o teu poder real...*

auto que é, pode dizer-se, todo êle um entusiástico hino consagrado á Pátria.

Mas há a notar ainda uma particularidade na obra Vicentina. Semeiados pela sua vasta obra dramática há, aqui e além, trechos líricos dum encanto e suavidade extraordinários, demonstrando o multiforme talento do Poéta. A sua lira deixa de ter os acentos da sátira rude, feroz e cruel, para ser cândida, simples, maviosa.¹ Obteve Gil Vicente tal renome com as suas obras que se chegou a dizer ter Erasmo aprendido o português de propósito para o apreciar. Conquanto nada haja que abone esta tradição, serve ela para demonstrar a fama de que gozára, entre os seus contemporâneos, o nosso ilustre dramaturgo. Mas pode crêr-se que o grande humanista conhecesse efectivamente o maior artista dramático da Europa do seu tempo, talvez por intermédio do seu amigo Damião de Goes e de mestre André de Resende. Tal é o que de melhor se pode apurar

ed.; raros igualmente os da 2.^a de 1586 e mais raros ainda os das folhas avulsas, em que a princípio saíram os autos. Veja-se na ed. cit. do Sr. Braamcamp, de págs. 269 a 302, a «tentativa bibliográfica».

¹ Reuni os versos líricos na minha ed. das *Obras do Poéta*, III, 263. Vide também Aubrey Bell, *Lyrics of Gil Vicente... translated by...*, Oxford, 1914.

sôbre a biografia do grande escritor do Renascimento português. Se foi ou não o autor da maravilhosa custódia de Belem é ponto que muito se tem discutido, parecendo mais segura a opinião que attribue á mesma personalidade os autos e essa famigerada obra de ourivesaria, que foi feita, com ouro das páreas de Quíloa. Pelo menos um documento de 1513 menciona Gil Vicente como ourives da rainha D. Leonor e como mestre da balança da Moeda de Lisboa, a que algum contemporâneo e decerto pessoa autorizada lançou esta cota marginal *Gil Vicente Trovador Mestre da Balança*, doc. portanto, senão definitivo, pelo menos eloquente em favor da identidade. ¹

ESCOLA DE GIL VICENTE

65. — O impulso dado ao teatro português pelo génio assombroso de Gil Vicente, não se perdeu. Em Lisboa, Evora, Santarem e Coimbra, onde as composições vicentinas foram por vezes ouvidas, o gosto do teatro criou discípulos e imitadores do grande mestre.

Nêste século, além de Camões que se aproxima de Gil Vicente nos seus três *Autos*, temos a mencionar como adeptos mais ilustres do teatro popular:

66. — **AFONSO ALVARES**, mulato, creado do bispo de Evora D. Afonso de Portugal, acerbamente satirizado por Chiado, autor dos autos *Santa Barbara*, *Santo António*, *S. Tiago Apóstolo* e *S. Vicente Mártir*, êstes dois últimos hoje perdidos. ²

67. — **ANTÓNIO RIBEIRO CHIADO**, memorado no *Auto d'El-Rei Soleuco* ³ do nosso imortal épico, e na *Aulegrafia*, ⁴ de Jorge Ferreira de Vasconcelos, frade professo no convento de S. Francisco da cidade de Evora, onde tinha o nome de Fr. António do Espírito Santo, sendo, só depois que despiu o hábito, conhecido por António o *Chiado*, alcunha que o público lhe pôs e da qual derivou depois o nome para a rua de Lisboa, hoje oficialmente *rua Garrett*, mas ainda vulgarmente designada o *Chiado*.

¹ O Sr. Braamcamp Freire estuda brilhantemente a questão. Para a leitura das Obras do Poeta pode consultar-se na minha colecção *Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa*, o vol. xi, 1.º das *Obras de Gil Vicente*, Coimbra, 1907 que contém as obras *portuguesas*. O 2.º volume de 1912, contém as obras *bilingues*; o 3.º vol. as obras *espanholas*, 1914.

² Para as ed. dêstes autos como dos autores que seguem pode vêr-se Innoc., no *Dicc. Bibl.*, e Ricardo Pinto de Mattos, *Manual Bibliographico português de livros raros clássicos e curiosos...*, Porto, 1878.

³ No *Prologo*.

⁴ Act. iv, sc. 2.ª.

Diante de D. João III representou o seu *Auto da natural invenção* e escreveu mais a *Prática de oito figuras*, o *Auto das Regateiras* e a *Prática de compadres*.¹

68.—BALTASAR DIAS é de todos os poetas dramáticos portugueses o mais conhecido e ainda hoje amado pelo povo. Era da ilha da Madeira e cego, escreveu sempre em português e possuía o dom de saber falar e ser compreendido pela alma ingénua da multidão, como dotado, que era, dum talento incontestável. Tornou-se popular e muito aplaudido no reinado de D. Sebastião, pelas suas trovas metrificando tradições medievais, intercalando na sua obra numerosos versos de cantilenas jogralescas² e pelos seus autos pondo em scena lendas hieráticas; competia com Gil Vicente não na corte, mas entre o povo, cujo filho era e de quem recebia os parcos réis pela venda das suas composições,³ que já eram divulgadas antes de 1537. Dêse possuímos autos sacros como o *de Santo Aleixo*, *Santa Caterina*, *Nascimento de Cristo*, *Salomão*, *Paixão*, e as narrativas de cordel, ainda hoje reproduzidas *História da imperatriz Porcina* mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o dito Imperador mandou matar a esta senhora; *Tragédia do Marquês de Mantua* e do Imperador Carlos Magno, que Garrett incluiu no seu *Romanceiro*, considerando-a como tradução dum romance originalmente francês ou provençal dos fins do séc. XIV ou princípios do XV, e outras de menos nomeada. Homem pobre, sem outra indústria para viver senão a venda das suas obras, como êle próprio escreveu, que nos teria dado o talento dêste jogral do povo se tivesse vivido noutras condições?

69.—ANTÓNIO PRESTES, de Torres Novas, escreveu diferentes autos que, como muitos dos seus contemporâneos, foram primeiro publicados em folhas volantes ou *pliegos sueltos*, e de que em 1587 um tal Afonso Lopes, moço da capela rial, fez uma colecção de 12 com o título — *Primeira parte dos Autos e comédias portuguesas feitas por António Prestes e por Luiz de Camões e outros*

¹ Impr. pelo Sr. Alberto Pimentel a expensas do Sr. João Eduardo Gomes de Barros: *Obras do Poeta Chiado, colligidas, annotadas e prefaciadas* por... , Lisboa, 1 vol., 1899. Sobre esta ed. escreveu Epiphânio Dias um artigo critico na *Zeitschrift f. rom. Philologie*, xv (1891), págs. 551-558. Vid. ainda do mesmo Sr. A. Pimentel, *O Poeta Chiado (novas investigações sobre a sua vida e escritos)*, Lisboa, 1901; Sr. Conde de Sabugosa, *Auto da natural invenção, obra desconhecida com uma explicação prévia*, Lisboa, 1917.

² D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro peninsular*, já cit., pág. 112.

³ Dr. Th. Braga, *Escola de Gil Vicente e desenvolvimento do teatro nacional*, Porto, 1898.

autores... ¹. Nesta colecção há de Prestes 7 — *Avé-Maria*, *Ciosa*, *Procurador*, *Desembargador*, *Dous Irmãos*, *Mouro encantado*, e *Cantarinhos* ².

70.—SIMÃO MACHADO, que professou a regra de S. Francisco, em Castela, no convento de Barcelona, chamando-se na religião Fr. Boaventura Machado, patricio do anterior e talvez o discípulo mais ilustre de Gil Vicente. Ainda vivia em 1632. E até no dizer de Costa e Silva, ³ as suas comédias *Cêrco de Diu* e *Pastôra Alfêa* sam pela variedade de lances, desenho e desempenho dos caracteres, superiores aos autos do próprio Gil Vicente. Pena é que a maior parte dessas comédias esteja escrita em espanhol, lingua que, bem como o mais, começava a invadir a classe culta e a desterrar do uso o português, mais tarde quasi sómente falado pelo povo. E' o que êle próprio diz querendo desculpar-se do emprêgo da lingua estrangeira:

Se um estranho á terra vem,
Dizeis todos em geral,
Nunca aqui chegou ninguem,
E do vosso natural
Nada vos parece bém.

.....
Vendo quam mal acceitais
As dores dos naturaes,
Fiz esta em lingua estrangeira,
Por vêr se desta maneira
Como a elles nos tratais
Fiome no Castelhanao
Fiome em ser novidade,
Se nũa, & noutra me engano,
Vós Portugal, eu o pano
Cortay á vossa vontade ⁴.

As duas comédias de Simão Machado saíram em 1706 juntas com *dous entremeses*, um dos quais de D. Francisco de Quevedo e mais *quatro loas famosas* de Lope de Vega. ⁵ Os trechos mais for-

¹ 1 vol., 4.º, 179 pág.

² A ed. de 1587 é raríssima. Há 2.ª ed. feita por Tito de Noronha, Porto, 1871. O *Auto da Ave-Maria* e o dos *Cantarinhos* têm ed. na Bibl. Univ., Lisboa, 1889, 1 vol. Do *Auto do Flsico* de J. Ribeiro há ed. da Acad. das Sc. de Lisboa dirigida por Esteves Pereira, Lisboa, 1918.

³ *Ensaio biogr.-crit. sobre os melhores poetas portug.*, VI, 106-153.

⁴ Pág. 143.

⁵ *Comédias Portugêsas feitas pelo excelente poeta Simão Machado...* Lisboa, 1631, outra ed. 1706. Uma ed. da *Diu* de 1601 é hoje totalmente desconhecida.

mosos sam indubitavelmente aqueles em que a influência de Camões se faz sentir. Transcrevêmo-los na *Antologia*. Só por si, êsses trechos revelam o grande poeta que foi Simão Machado ¹ de quem muito se poderia esperar se não tivesse professado abandonando a carreira por que mostrára tam decidida vocação e entregando-se a trabalhos de ordem bem diferente.

ESCOLA CLÁSSICA

71.— Chamou-se com grande propriedade á corrente iniciada pelo fundador do teatro português, toda inspirada nas tradições nacionais, escola popular; em oposição á de Sá de Miranda e António Ferreira, que, como vimos, seguiram os modêlos eruditos e clássicos. Filia-se nesta escola clássica JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS [? — †1585?], autor das 3 comédias *Eufrosina*, ² *Ulysipo* ⁴ e *Aulegrafia*, ³ acolhidas com grande entusiasmo pelos contemporâneos e que na realidade revelam muita aptidão dramática. Na opinião de Dias Gomes, ⁵ crítico tam insuspeito como perspicaz, Jorge Ferreira leva decidida vantagem a Sá de Miranda e Ferreira, tendo scenas inimitáveis, especialmente na *Eufrosina*, que constituindo as primícias do seu talento ⁶ é, como as outras duas, fonte inexaurível de verda-

¹ Há nas duas comédias de Simão Machado expressões e formas de dizer que muito interessam ao gramático. Na «*Dio*»: *Que num madeiro chantado* (p. 4, c. 1.^a); *Numa cidade chantado* (p. 4, c. 2.^a); *Chantai-vos bem para aqui* (p. 5, c. 1.^a); *engullipado* (p. 4, c. 1.^a); *Hom'acha* (p. 4, c. 1.^a); *marpuz* (p. 4, c. 1.^a); *bosás* (p. 4, c. 2.^a); 5 — 2.^a; 31 — 1.^a; 41 — 2.^a; 53 — 2.^a); *bem é que lha'queça assi* (p. 6, c. 1.^a); *Dinha mõi* (p. 6, c. 1.^a; 14 — 2.^a); *inho* (p. 110, c. 2.^a; 111 — 1.^a); *Trouge* (p. 58, c. 2.^a); *Má ora* (p. 58, c. 2.^a); *Aramá* (*ibid.*); *cachopo* (p. 59, c. 1.^a), etc., etc.

Na «*Alfêa*»: *emposilgado* (p. 109, c. 2.^a); *seja espldo* (p. 110, c. 1.^a); *samicas* (p. 110, c. 1.^a); *Fato* (p. 133, c. 2.^a; 170 — 2.^a); *resai passinho* (p. 136, c. 1.^a); *Sejo* (p. 158, c. 1.^a; 164 — 2.^a; 165, 1.^a); 171 — 1.^a; *Cachopina* (p. 170, c. 2.^a). Etc., etc.

² 1.^a ed. Evora, 1551; outra, Lisboa, 1616, revista e emendada por F. Rodrigues Lobo e não dêle como alguns autores suposeram; 3.^a, 1786, reimpressa por Bento José de Sousa Farinha; 4.^a publicada por ordem da Acad. das Sc. de Lisboa por Aubrey Bell, Lisboa, 1919.

³ A 1.^a é desconhecida. 2.^a ed. Lisboa. 1618. 3.^a Lisboa, 1787, também reimpr. por Farinha.

⁴ 1.^a ed. Lisboa, 1619.

⁵ *Obras*, 292.

⁶ Como se conclúe do *Proémio* ao Príncipe D. João (1537-1553), o primogénito de D. João III, casado com a filha de Carlos V, D. Joana, que deixou grávida quando prematuramente faleceu em 1553 com dezasseis anos incompletos. Moço da câmara do malogrado Príncipe a êle dedicou todas as suas obras, menos a *Eufrosina*, oferecendo-as depois de sua morte ao filho póstumo el-rei D. Sebastião.

deiro estilo cómico. Nenhum escritor nosso deixou tam grande quantidade de provérbios ou ditados morais, que êle se compraz em pôr na bôca das suas personagens quási página a página, e que muitas vezes deixa ao cuidado do leitor o completar. Usa também de locuções e dizeres especiais, que se sam agradáveis ao historiador da língua e ao gramático, interessando igualmente o apaixonado dos antigos usos e costumes nacionais, tornam em extremo penosa e difícil a tarefa do comum dos leitores, que sem preparação especial se abalancem a manuseá-lo. Riqueza vocabular, vernaculidade, variedade de alusões a personagens e a ditos célebres sam motivo bem suficiente para atrair o estudioso dum dos nossos melhores escritores antigos.

Qualidades igualmente primorosas de linguagem e de estilo com abundância de descrições pitorescas se nos depaeram no *Memorial das Proëzas da Segundá Tavola Redonda*¹, novêla de cavalaria, que êle diz ter escrito « fundado mais na alta matéria, que confiado no próprio engenho ». Em volta do rei Sagrator, cavaleiros andantes obram prodigios de valentia, nem melhores, nem diferentes, dos de todos que figuram nos livros dêsse género. Uma ou outra vez encontram-se intercaladas na prosa algumas poesias de bom cunho tradicional, devendo especializar-se o « Romance que as fadas cantaram » após o célebre torneio, que é o remate do livro

Soberbo e-tá Portugal
Em sua glória enlevado
Vê-se de um rei sabedor
Mimoso e bem governado...

Parece que Jorge Ferreira ainda escreveu uma *Segunda Parte* [Cap. 27, *in-fine*] que, entretanto, nunca foi publicada.

OS PROSADORES

72.—A história no séc. XVI; suas características. A fórmula principal da prosa no século XVI é a história. Uma pleiada numerosa e distinta de escritores empreende a narração das conquistas e descobrimentos dos portugueses, as quais estavam, na realidade, pela sua importância e pelo seu número, reclamando cronistas que as transmitissem á posteridade. E' claro que os trabalhos históricos dêste período, em geral, não sam, nem podiam ser, moldados em bases críticas, de cunho científico e imparcial. Faltava aos seus autores a educação precisa para isso; a sua época não possuía ainda para semelhante efeito a disciplina filosófica indispensável. O que te-

¹ Evora, 1567, 2.^a ed., Lisboa, 1867.

mos sam narrações ditadas por um critério simples e ingénuo, sam factos contados com a consciência de inteligências que se deixam deslumbrar pelo que contam. Muitos dos seus autores *viram* o que escreveram; apaixonaram-se pelo assunto, não lhes faltava pois a sciência dos factos, mas a serenidade para os apreciar e o critério para os dissecar. Desta fôrma algumas vezes escreveram narrações enfáticas, aduladôras e exageradas.¹

73.—D. JERÓNIMO OSÓRIO (1506-1580) é dos historiadores mais imparciais e mais desassombrados dêste período. Homem muito distinto e erudito, formou a sua educação nas universidades de Salamanca, Paris e Bolonha, vindo a falecer com 74 anos bispo de Silves.² Escreveu quasi todas as suas obras em latim,³ com tanto gosto e perfeição que mereceu por isso o título de *Cícero* português. A sua obra capital é a crónica de D. Manoel: — *De rebus Emmanuelis gestis*,⁴ traduzida por Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elisio).⁵ O facto de ser esta obra escrita em latim, tornou-a e ao seu autor muito conhecidos na Europa.⁶ Cita-se com muito louvor a passagem em que êle censura D. Manoel pelo *expediente iniquo e injusto* da expulsão dos judeus.⁷ Das suas *nove Cartas*, escritas em português, é mais conhecida aquella em que o illustre prelado tenta dissuadir D. Sebastião da jornada de Africa, cousa bem rara em negócio em que, como é sabido, o próprio Camões tanto empenhára o desgraçado monarca.

Nessa luta contra o projecto do megalómano monarca apenas se encontraria forte com a opinião do bispo de Miranda e Leiria, D. António Pinheiro († 1582), que pela sua superior educação dispôs de grande valimento nas côrtes de D. João III, D. Catarina e do Cardeal D. Enrique. Isso mais abona o procedimento do bispo Osório.

74.—JOÃO DE BARROS (1496-1570), de Viseu, denominadô o *Lívio* português, sobresái entre os escritores dêste século pela beleza do estilo e pelo vigor e propriedade da linguagem, que lhe dam jus a ser contado como um dos nossos primeiros clássicos.

¹ J. Silvestre Ribeiro, *Estudo moral e politico sôbre os Lusíadas*, Lisboa, 1853, pág. 72.

² Vid. Bispo de Viseu, *Obras*, I, 293-301.

³ Vid. *Bibl. Lusit.*, II, 514 e 516.

⁴ Impressa em 1586.

⁵ *Da vida e feitos del Rey D. Manoel*, 1804.

⁶ F. Denis, *Resumé de l'hist. litt. du Portugal*, Paris, 1826, pág. 225.

⁷ Vid. vol. I, l. I, pág. 45 e seg. na ed. de Coimbra, 1791. A collecção das obras de Osório, em 4 tomos, foi feita em Roma, em 1592, por diligência dum sobrado do prelado, também do nome de J. Osório. Das *Cartas* saiu uma ed. em Paris por Verissimo Alvares da Silva, 1859.

De família nobre começou muito cedo a frequentar a corte de D. Manoel, cujas graças profusamente mereceu, bem como as de D. João III, que o cumulou de todos os benefícios. Embora nunca fôsse capitão de S. Jorge da Mina, como afirmou Severim de Faria, pois na lista das nomeações existente na Torre do Tombo não figura o seu nome, desempenhou os cargos de tesoureiro e feitor da Casa da Índia, de que ficou a receber avultada tença quando a êles renunciou. Da forma como o tratava D. João III bem o testifica, além doutras provas, o *Prólogo* da Crónica do *Clarimundo* dirigido áquele monarca, no qual diz tê-la composto em espaço de oito meses e «per cima das arcas de vossa guarda-roupa». A *Crónica do Imperador Clarimundo* declara ser tradução do úngaro, o que é méra ficção, pois se trata de trabalho original de Barros, que nela quis experimentar os recursos da sua imaginação de pouco mais de vinte anos, escrevendo uma novela de Cavalaria, segundo o gosto do género. Ele próprio diz ainda que revendo a sua obra hesitou em publicá-la.¹ Mas D. João III adivinhou-lhe o talento e encarregou-o de escrever a *história da Índia*, incumbida a seu tio Lourenço de Cáceres que a morte surpreendeu antes de realizado o mandato. Do modo como se desempenhou daquele encargo aí estão as quatro *Décadas da Ásia* a atestá-lo.² A primeira delas, aparecida um ano antes da partida de Camões para a Índia (1553) provocou, na opinião de muitos escritores, a concepção dos *Lusíadas*. Só porisso mereciam elas ser registadas com amor na memória de todos os portugueses. Mas a *Ásia* de Barros é, áparte a pureza e louçania da linguagem, um repositório excelente de notícias etnográficas da Índia. Os feitos dos portugueses tiveram, por outro lado, em João de Barros um verdadeiro cantor e apolo-gista. Pode talvez ser acusado por êste lado, mas, como escreveu Sismondi, «chega-se mais vezes a conhecer a verdade pelos escritores parciais da sua pátria, do que por aqueles que nada sentem; pelo menos os primeiros têm uma coisa verdadeira — o sentimento»³.

Entre as outras obras de Barros citam-se como dignas de melhor nota:

¹ *Crónica do Emperador Clarimundo, donde os Reis de Portugal descendem, tirada da linguagem ungara em a nossa portuguesa, dirigida ao esclarecido príncipe D. João, filho do mui poderoso rey D. Manuel*, Coimbra, 1520 (hipotética), Outras ed.: 1550, 1553, 1601, 1742, 1791, 1843. (Rolandiana).

² *Ásia... dos fechos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, 1552, a 2.^a em 1553, a 3.^a em 1563 e a 4.^a, já reformada, acresc. e ilustr. por João Baptista Gavanha, em 1615. Depois as tres 1.^{as} — 1628 e todas as quatro em 1777-78 em 8 vols. e mais a *Vida de J. de Barros* por Manoel Severim de Faria e um índice. A Dec. 1.^a saiu 3.^a vez em 1752.

³ Cit. por F. Denis, *ob. cit.*, pág. 235.

— *Rhopica pnefma* ¹ ou *Mercadoria espiritual*, colóquio em que são interlocutores o Tempo, o Intendimento, a Ventura e a Razão; *Cartinha para aprender a lêr* ²; *Gramática da língua portuguesa* ³; *Diálogo da viciosa vergonha* ⁴; *Diálogo... com dous filhos seus, sobre preceitos morais em modo de jogo* ⁵.

Os *Panegiricos do grande Joam de Barros* feitos um á infanta D. Maria e outro a el-rei D. João III saíram pela primeira vez nas *Noticias de Portugal* de Manoel Severim de Faria, sendo como as outras obras do mesmo autor modêlos acabados de boa linguagem ⁶. Barros era um erudito e não simplesmente um crítico á Tito Livio, escreveu Viterbo. Era um filósofo do seu tempo e não menos livre pensador que Damião de Goes. O que admira é como a soltura da sua linguagem mais abertamente manifestada na *Rópica Pnefma* não lhe causasse algum dissabor inquisitorial. Contentaram-se com lhe pôr a obra no Index. Vê-se que êle acompanhára o movimento da Reforma ⁷.

75.—DIOGO DO COUTO (1542-1616), de Lisboa, é o digno continuador de Barros a quem, se não eguala pelo estilo vence como narrador e apreciador dos factos ⁸. Tendo partido aos dezasete anos para a Índia lá teve ocasião de observar os sucessos que descreveu. Foi amigo pessoal de Camões a quem acompanhou para a metrópole em 1570. Regressando depois á Índia, morreu em Goa com 74 anos. Para o conhecimento integral da obra e do valor de Couto muito

¹ Lisboa, 1532; reimpr. em 1869 juntamente com o *Diálogo com dous filhos seus...* sob o título *Compilação de várias obras do insigne Joam de Barros...* serve de segunda parte á compilação dos monges da Cartucha de Evora, Porto, 1869, 1 vol.

² Lisboa, 1539.

³ Ibid., 1540. Nêste vol. se encontra o pequeno *Dialógo* em louvor da nossa linguagem reprod. em 1785 pelos Monges da Cartuxa de Evora, e em 1917 pelo *Bol. da Bibl. da Univ. de Coimbra*.

⁴ Ibid., 1540.

⁵ Ibid., 1563.

⁶ Ed. de 1655 e 1740. Há ed. independente de 1791.

⁷ As 1.^{as} eds. são raríssimas. Os monges da Cartuxa de Evora fizeram sair—*Compilação de várias obras* (Cartinha, Gram. e Dial. da viciosa vergonha), Lisboa, 1785. Ma^{is} cfr. *Errata para servir de appendix á Compilação...* Coimbra, 1830 16 págs.) E' de Joaquim Inácio de Freitas que descobriu nesta reimp. 173 erros! O Conde de Azevedo deu em 1869 á estampa uma também chamada *Compilação...* (*Rópica e Diálogos com dois filhos*). A biogr. do historiador tem de ser refeita em muitos pontos pois Severim de Faria, loc. cit., incorre em lacunas e erros, e assim também os que nêle se fundaram como P. Chagas nos *Novos ensaios criticos*, 177-199, etc. Vid. António Baião, *Documentos inéditos sobre J. de Barros*, Coimbra, 1917. Ter-se-hiam perdido para sempre *Década da Africa* e o *Tratado de Geografia* que se sabe com certeza êle ter posto?

seg.^a Comunicação do Sr. A. Baião á Acad. das Sc. de Lisboa—*Bol. da* xi, 51.

devem concorrer as investigações ultimamente feitas no Arquivo da Torre do Tombo, onde há os originais das Dec. contendo partes não conhecidas, como são as passagens cortadas pela censura inquisitorial ¹ e na Bibl. Municipal do Porto, onde se descobriu um exemplar das Dec. 8.^a e 9.^a, cópia talvez do original ².

Encarregado de continuar as *Décadas* de Barros fê-lo com superior critério e com muita independência. A estas qualidades deve atribuir-se certamente o roubo que lhe fizeram das *Décadas* originais 8.^a e 9.^a, das quais temos apenas para as suprir meros epílogos feitos por êle próprio ³. Sobre a decadência dos portugueses na Índia escreveu:—*Observações sobre as principais causas da decadência dos portugueses na Asia, escritas em forma de diálogo com o título de Soldado práctico* ⁴; e uma biografia curiosa e bem escrita com o título de:—*Vida de D. Paulo de Lima Pereira* ⁵. Tem ainda outras obras de somenos valor. Couto é um estilista claro e correcto.

A sua vasta obra — as nove décadas compreendiam noventa livros — é um repositório interessante, em que o autor trabalhou com um amor de verdade e de sinceridade verdadeiramente notáveis ⁶.

76.—DAMIÃO DE GOES (1501-1574), de Alenquer, occupa um lugar distintissimo entre os nossos clássicos e está acima dêles pelo seu espírito livre e enciclopédico. Deveu isso talvez á sua educação. Começando cedo a frequentar a corte de D. Manoel nella recebeu essa educação, sendo despachado para a feitoria de Flandres e empreendendo cedo o giro das suas viagens, não para a Africa ou para a Índia, como a maioria dos seus contemporâneos, mas para a Eu-

¹ Sr. João Grave, *Para a hist. da Lit. Quinhentista* no mesmo *Bol.*, xi, 1041.

² Vide Severim de Faria nos *Discursos Vários* e 1.^o vol. das suas *Décadas*, ed. de 1736.

³ A 1.^a Dec. de Couto saiu com êste título: «*Década quarta da Asia. Dos feitos que os portug. fizeram na conquista e descobrimento das terras e mares do Oriente*. Lisboa, 1602. Tomou a numeração de 4.^a por ser continuação feita sobre a 3.^a, que Barros deixára ainda impressa em sua vida. Passados anos porém veio a imprimir-se a *Década* 4.^a do mesmo Barros, que por morte dêste ficára manuscrita e informe. Temos pois duas *Décadas* quartas, cada uma de seu autor. A 5.^a e 6.^a—1612; 7.^a—1616; 8.^a—1673. A última ed. é de Lisboa, 1778-1788, 14 vols. Innoc., *Dicc. Bibl.*, ii, 153 e ix, 123.

⁴ Lisboa, 1790.

⁵ Publicada em 1765.

⁶ O sucessor de Couto foi António Bocarro, que escreveu a *Década* 13.^a da *História da Índia*, ed. dirigida por Lima Felner e publicada em 1876 com prefácio de Bulhão Pato. Há entre as *Décadas* dos dois autores uma lacuna de 12 anos. A obra de Bocarro abrange somente o período de 5 anos, 1612 a 1617. Vid. Innoc., *Dic.* i e viii; o dito *Prefácio* de B. Pato e *Bol. da Separação de Acad. das Sc. de Lisboa*, iv, 1911, pág. 424, comunicação do Sr. Azevedo.

ropa, para os centros mais distintos pelas afirmações literárias e científicas, onde se demorou vinte e um anos podendo dizer-se que não houve centro afamado pela sua cultura que elle não visitasse. Encarregado de várias missões diplomáticas nas principais côrtes da Europa o desempenho dêsse cargo official ofereceu-lhe o ensejo de se relacionar com as primeiras individualidades da época. Lutero e Melanchthon, o cardeal Bembo, o historiador Olau Magno eram seus amigos. Tratou com Erasmo ¹, o demolidor temivel do *Elogio da loucura*, que também foi seu mestre e amigo dedicado. Albrect Dürer, o famoso pintor alemão, tirou-lhe o retrato. Educado nesta forte escola, com a inteligência da sua têmpera, estava preparado para ser mais do que um cronista crédulo e simples. Foi-o na realidade e isso o perdeu. De volta á pátria, encarregado em 1558 pelo cardeal D. Enrique, escreveu a *Crónica de D. Manoel*, ², a que já se haviam escusado Rui de Pina, J. de Barros e outros.

Esse trabalho levou-lhe nove anos e fez com que escrevesse também a *Crónica do Principe D. João* ³ como introdução ao reinado de D. Manoel. O desassombro e altiva coragem com que foram redigidas as páginas da crónica do rei venturoso podem calcular-se pela guerra movida ao seu autor, guerra que teve o seu epílogo na prisão de Goes a 4 de abril de 1571. O nobre velho contava então 70 anos. A inquisição, que por duas vezes vira fugir a sua prêsa ⁴, cevou-se na pobre vítima durante mais de ano e meio. E' justo dizer que a família agravou singularmente a situação do historiador, vindo depôr contra elle uma sobrinha e o genro! Por fim e depois de vários rogos, quasi sem forças e «cheio de usagre e sarna por todo o corpo,

¹ «... prudentissimo e gravissimo Erasmo Retrodamo... príncipe de toda a doutrina e eloquência,... por espaço de cinco meses com elle em Friburgo de Brisgoia pousei...». do *Prologo* á trad. do *Culão Maior ou da Felhice*. Cfr. *Notice sur les rapports d'Erasme avec Damien de Goes*, artigo do *Annuaire de l'Univ. cath. de Louvain*, 1853, pág. 273, repub. por Eugénio do Canto, Lisboa, 1912, folh.

² *Chronica... dividida em quatro partes*. Lisboa: As duas primeiras partes sam de 1666, as outras de 1567; 2.^a ed., Lisboa, 1619; 3.^a, 1749; 4.^a, 1790. Para a composição desta obra serviu-se em parte dos *Anais de Azila Crónica inéd. do sec. xvi* de Bernardo Rodrigues, Lisboa, 1915 e 1920, 2 vols., publ. pela Acad. das Sc. de Lisboa sob a direcção proficiente de David Lopes.

³ *Chr. do Principe Dom Joam, Rei que foi d'estes regnos segundo do nome, em que sumariamente se tratam as cousas sustanciais que neles aconteceram do dia do seu nascimento até o em que el Rei dom Afonso seu pai faleceu*. Lisboa, 1557. Outras ed.: 1724, 1790, 1905.

⁴ *Inéditos Goesianos*, coligidos e anotados por Gilherme J. C. Henriques. vol. 1 — Documentos (1896); 11 — O processo na Inquisição (1899). Goes foi denunciado primeiramente á inquisição de Evora em 1515 e segunda vez á de Lisboa em 1550. Sobre estes trabalhos vêr Sr. J. de Vasconcelos, *Archeologo Port.*, iv.

que me falta pouco para me julgarem leproso», agravado ainda o debil organismo por outras doenças perigosas, foi mandado em penitência para o mosteiro da Batalha (16 de dezembro de 1572), onde não estaria muito tempo, pois se achava em sua casa e vivendo com os seus quando lhe sobreveiu a morte em circunstâncias ainda não de todo elucidadas. Uma versão do meado do século XVII diz: «que sendo velho e estando ao fogo, recolhida sua família, caiu nêlo com um acidente, e ao outro dia o acharam morto e meio queimado». Foi enterrado na igreja de Nossa Senhora da Várzea, em Alenquer¹.

Além das duas crónicas mencionadas, há de Damião de Goes o *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catão mayor, ou da Velhice*² e em latim a *Embaixada do Prestes João*; a *Fé, Religião e Costumes dos Etiopes*; *Descrição de Lisboa*, etc.³ A justa fama, porém, de que goza provém-lhe principalmente da Crónica de D. Manoel, tam fiel e imparcial como bem escrita, e tam bem escrita que alguns críticos o collocaram no número dos clássicos logo a seguir a João de Barros, ocupando êste o primeiro lugar.⁴

77. — FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA († 1550), de Santarem, emparceira louvavelmente com os cronistas já mencionados. Tendo sido seu pai nomeado para exercer o cargo de ouvidor de Gôa acompanhou-o em 1528 e lá trabalhou «por alcançar saber muito particularmente o que até áquele tempo fizerão os portugueses no descobrimento e conquista da India, e isto não de pessoas quaisquer senão de Capitães e Fidalgos, que o sabião muito bem por serem presentes nos conselhos das causas e na execução delas e por cartas

¹ J. de Vasconcelos. — *Damião de Goes*, Porto 1897; Id., *Musicos Portug.*; S. Viterbo, *Damião de Goes e D. António Pinheiro*, Coimbra, 1895 (*Instituto*, XLII); Id., *Estudos sobre D. de G.* (*Ibid.*, XLVI-XLVII). Menendez y Pelayo, *Hist. de los Heter. Españoles*, II, 129-143; Th. Braga, *Hist. da Univ. cit.*, I. António Baião, *Episodios dramáticos da Inquisição Portuguesa*, I, 1919, onde publica 4 cartas inéd. O *Arch. Hist. Portug.*, I, n.º 11, pg. 379 traz um fac-simile da assinatura de Damião de Goes; Guilherme J. C. Henriques, *A bibliogr. Goesiana*, (separata do «*Bol. da Soc. de Bibl. Barb. Machado*», Lisboa, 1911).

² Veneza, 1534, e Lisboa, 1845.

³ Reimp. na *Col. das obras de autores clássicos portugueses* que escreveram em latim, que no fim do séc. XVIII saíram da Impr. da Univ. de Coimbra. Sam 16 vols. [cfr. Inoc., *Dic. Bibl.*, II, 85]. A de Goes é a 1.ª — *Goes (Damiani): Opuscula, quae in Hispania illustrata continentur*, 1791, 1 vol.

⁴ Para história bibliográfica e crítica desta Crónica importa ter presente o *Eleucho das variantes e diferenças notáveis que se encontram na 1.ª p. da Cr. delrei D. Manoel*. Porto, 1866 de que Eugénio do Canto deu em 1912 a reprodução, e a que em 1913 acrescentou *Aditamento á reprod. do Elencho dos Variantes*, publ. ambos na Impr. da Univ. de Coimbra.

e sumários...». Nestas pesquisas gastou Castanheda vinte anos — o melhor tempo da sua idade, declara-o êle próprio. Foi toda a riqueza que trouxe da India. Tam desprotegido e tam falto de meios se viu, que para poder manter-se teve de aceitar em Coimbra o lugar de bedel da Faculdade das Artes, corrector das impressões da Universidade e guarda do seu cartório e da sua Livraria.¹ A sua obra, de correcta e elegante linguagem, tem o título — *História do descobrimento e conquista da India pelos portugueses*.²

Ele compreendeu a missão do historiador: «... háde fazer as diligências que eu fiz e vêr a terra de que háde tratar como eu vi». A sua imparcialidade criou-lhe inimigos que impediram a publicação dos liv. 9 e 10. E' Diogo do Couto quem narra o caso do requerimento de vários fidalgos a D. João III que julgando-se agravados em suas honras pelo que dêles se dizia a respeito do 2.º cerco de Dio, onde tinham estado, pediam ao Rei mandasse eliminar o 10.º liv.!

78.—ANTÓNIO GALVÃO (1446-1557), é uma personalidade extraordinária do século XVI, parecendo a sua vida mais imaginária que rial. Nascido na India, foi nomeado governador de Moluco, tornando-se notável no desempenho dê-te cargo pela sua rectidão e justiça. Tal prestígio alcançou como magistrado que lhe foi oferecido o trono de Ternate.³ Voltando ao reino debalde solicitou qualquer mercê, que lhe garantisse a subsistência. Durante d-zasete anos viveu de esmolas de amigos tendo por último de recolher ao hospital de Lisboa onde faleceu a 11 de março de 1557! A publicação póstuma da sua obra tem o título:

— *Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India ás nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a era de 1550*.⁴

E' aos cuidados e diligências do seu amigo e testamenteiro Sousa Tavares, que devemos a publicação de tam curioso trabalho, notável pela singelza e brevidade aliados a uma certa elegância de dizer muito peculiar dêste autor.

¹ A obra foi devidida em 10 l., mas o 9.º e o 10.º nunca fôram impressos. O 1.º livro saíu em 1551. Foi depois reimpr. em 1554; o 2.º l. appareceu em 1552; 3.º, 4.º e o 5.º — 1557; 6.º e 7.º — 1554; o 8.º — 1561. Sam rarísimos. Do 1.º l. ha nova ed. em Lisboa, 1791 e de toda a obra, ibid., 1833, 7 vols.

² Docs. respectivos publ. no *An. da Univ. de Coimbra*, 1902, p. 40 e 51.

³ Pequena ilha pertencente ao arquipélago das Molucas.

⁴ Li-boa, 1563, 80 fls.; reimpressa em Lisboa, 1731. Foi trad. para inglês na colecção Hakluyt Society, 1862, 8.º gs. de xu-242 págs.

79. — Outros Historiadores deste século. Avultado número de escritores ilustra ainda este século, mas dêles impossível é dar aqui desenvolvida notícia. Nomeemos: GASPAR CORREIA (1495-1563?) que viveu largos anos na Índia, para onde foi aos 17 anos em 1512 e cujos usos, costumes e superstições conheceu muito bem, deixando-nos de tudo uma descrição muito pitoresca e interessante nas *Lendas da Índia*, que abraçam os sucessos passados nessa região desde 1497 até 1550¹, e que se sam « inferiores pela forma às décadas de Barros e até se quizerem á rude história de Castanheda, são quanto á substância muito superiores áquelas e ainda á humilde, mas evidentemente sincera narrativa de Castanheda »... Em relação á viagem do descobrimento como em relação a tantos outros pontos da nossa história da Índia, as *Lendas* levam decidida vantagem ao que escreveram Barros e Castanheda². Na disposição das scenas, escreveu Bolhão Pato, vivesa das côres, pitoresco dos paineis... leva vantagem a todos os nossos escritores do Oriente³. Em 1561 vivia em Malaca trabalhando nas *Lendas* quando foi assassinado por assassinos de D. Estevão da Gama.

BRAS DE ALBUQUERQUE (1500-1580) filho natural do grande Afonso de Albuquerque, cuja biografia traçou nos seus *Comentários, de Afonso de Albuquerque*,⁴ em estilo simples que João de Barros caracterizava como de *nua e chã pintura* e onde esta grande figura do nosso império colonial se retrata tam bem como nas suas próprias *Cartas* por mais de tres séculos inéditas, e que igualmente o acreditam como escritor⁵.

Citemos ainda, omitindo outros menos importantes: FR. BERNARDO DA CRUZ (1530?) que, tendo acompanhado como capelão a expedição a Alcacer-Qêbir, escreveu por 1586 a *Crónica de D. Sebastião*, que só foi publicada em 1837 por A. Herculano e o Dr. A. C. Paiva⁶ DUARTE NUNES DE LIAO († 1608) que, além das obras grammaticais, adiante citadas, escreveu uma *Descrição do reino de Portu-*

¹ Publicadas depois de mais tres séculos pela Acad. R. das Sc. de Lisboa, sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, em 4 tomos, cada um devidido em parte 1.^a e 2.^a, 1858-1864.

² A. Herculano e Castelo de Paiva, *Roteiro de viagem de Vasco da Gama*, Lisboa, 1861, pág. ix.

³ No prefácio á *Década 13.^a de A. Bocarro*, ix.

⁴ Lisboa, 1557, outras ed.: 1576, 1774.

⁵ *Cartas de Af. de Albuquerque seguidas de doc. que as elucidam publicadas de ordem .. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, 6 vols. 1884-1916. Sobre o grande vulto Af. de Albuquerque vid. — *Bol. da Seg. Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa*, iv, (1911), pág. 49 e seg.; *Arch. Hist.*, i, n.º 12 (1903), 410, art. de S. Viterbo; António Baião, *Af. d'A.*, Lisboa, 1914.

⁶ Nesta *Crónica* se baseia em grande parte a *Chr. do Cardeal Rei D. Henrique e vida de Miguel de Moura*, anónima, publicada pela « Soc. propagadora dos conhecimentos úteis » em 1840.

gal¹, e a *Primeira parte das Crónicas dos reis de Portugal reformadas*².

Ao mesmo autor se deve o ter coligido por ordem de D. Sebastião as *Leis Estravagantes* de Portugal³. Merecem citar-se também DUARTE GALVÃO (1416-1517) autor da *Crónica de D. Afonso Henriques*⁴ deslustrada por várias lendas e erros históricos, e MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA (1553-1632) de Pedrogão, bispado de Coimbra, não porque escrevesse uma obra rigorosamente histórica, e com são critério — ao lado de formosíssimas líricas de Camões pôs algumas das relíquias apócrifas — mas porque a sua *Miscelânea* contém numerosos dados interessantes sobre a história e tradições, usos e costumes populares, e até sobre muitos factos de que elle foi testemunha ocular, como os que se referem á batalha de Alcacer-Qêbir, á qual assistiu e depois da qual ficou prisioneiro, libertando-se ao fim de algum tempo, para ir cair sob as garras de Filipe II, que o mandou prender por elle seguir o partido do Prior do Crato⁵.

80. — SAMUEL USQUE, judeu português, nascido em Lisboa, talvez dos princípios do séc. XVI, deixou-nos uma obra que merece lugar áparte, á que pôs o título de *Consolaçam ás tribulações de Israel* (Ferrara, 1532), que é uma exposição dialogada das perseguições sofridas pelos Judeus em todas as edades até ao tempo do autor.

A elegancia e pureza com que está escrita e certos dados históricos que ministra com proficiência, pois que de muitos d'elles foi testemunha presencial o seu autor⁶, dão á obra de Usque um lugar primacial na nossa literatura. Poucas vezes a linguagem atingiu tam

¹ Lisboa, 1610; 2.^a — 1785. Mencionemos como subsídios para os estudos arqueológicos de Portugal as *Varias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1635 [2.^a ed. 1754], de Gaspar Estação; irmão de Baltazar Estação, autor do livro *Sonetos, canções eclogas e outras rimas*, Coimbra, 1604. Este é clássico de 2.^a ordem e um dos 1.^{os} imitadores do Gongorismo.

² Lisboa, 1600; e 1677, 1774.

³ Lisboa, 1569, e Coimbra, 1796.

⁴ Lisboa, 1726; 1727? Anda quasi sempre encadernada com as dos cinco reis seguintes de Rui de Pina.

⁵ *Miscelânea do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão Grande, apparecimento da sua santa imagem, fundação do seu convento, e da See de Lisboa, expugnação dela, perda de elrei Sebastião. E que seja nobreza, Senhor, Senhoria, Vassalo del Rei, Rico homem, Infanção, Corte, Cortezia, Mizura, Reverencia e Tirar o chapeo, e prodigios...* Lisboa, 1629, 1 vol.; outra ed. — 1867. Brito Rebelo publicou no *Arch. Hist.*, I, 12 e seg. uma biographia muito completa do simpático e aventureiro prisioneiro de Alcacer-Qêbir.

⁶ Vid. na minha Col. *Subsídios para o estudo da História da Literatura portuguesa*, os vols. VIII, IX e X, onde se publicou a obra completa de Samuel Usque, Coimbra, 1906.

sentido cunho de naturalidade espontânea e desafectada. Impregnada duma vaga tonalidade mística inspira-nos simpatia pela causa que defende, comunica-nos a solidariedade da sua dôr. Os seus queixumes partem dum coração que chora sentidamente as perseguições dos seus irmãos de raça e fazem lembrar por vezes os trenos bíblicos mais sentidos e mais impregnados de poesia.

VIAJENS

81. — Narrativas de viagens; seus autores. É muito fecunda a literatura dêste período em narrações de viagens. Os portugueses levados a ignotas regiões, sulcando mares nunca dantes navegados, deviam sentir a necessidade de transmitir aos vindouros a notícia dos estranhos sucessos de que eram autores ou testemunhas. Foi o que originou essa curiosa série de livros de viagens, que occupa lugar tam proeminente na nossa história literária. Citemos ANTONIO TENREIRO autor do *Itinerario em que se contem como na India veo por terra a... Portugal* ¹; FRANCISCO ALVARES, que escreveu a *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias* ²; FR. PANTALEÃO DE AVEIRO autor do *Itinerário da Terra Santa* ³; JOÃO DE LUCENA (1549 1600), que nos deixou a *História da vida do Padre Francisco Xavier* com muitas curiosidades da Asia, obra que mereceu ser traduzida em várias línguas e que merecia também ser mais lida do que é por estar escrita em estilo correcto e puro, podendo afoutamente colocar-se o seu autor entre os melhores clássicos da língua ⁴ († 1501; GASPAR FRUCTUOSO, autor das *Saudades da Terra* ou *História das ilhas dos Açores*, o mais esclarecido de todos os cronistas micaelenses, só em parte publicada ⁵; FR. JOÃO DOS SANTOS, autor da *Ethiopia Oriental* ⁶; GASPAR BARREIROS, († 1574) sobrinho de João de Barros, que na sua *Corographia* descreve os logares por onde passou quando foi enviado por D. Henrique, em 1546, a agra-

¹ Ed. de 1560, 1565, 1829 e juntamente com as *Peregrinações* de F. Mendes Pinto—1725 e 1762.

² 1540; ed. de 1883 illustr. com diversos fac-similes da Imp. Nac. de Lisboa.

³ Ed. de 1593, 1596, 1600, 1685, 1721, 1732.

⁴ 1600; 1788 em 4 vols.

⁵ *Saudades da terra...* de que só se conhecia a descrição do *Vale das Furnas* [na *Viajem* de B. J. de Sena Freitas, 97-105], mas em 1873 Alvaro Rodrigues de Azevedo publ. a *Hist. das ilhas de Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens*, em 1876, Fr. Maria Supico e J. Pedro Cardoso deram a *Hist. Geneal. de S. Miguel* e nos três 1.^{as} vols. do *Arch. dos Açores* apareceram diferentes excerptos, com comentários, correcções, etc. Da obra de Fructuoso há diversas cópias Mss. Cfr. Inoc., *Dic. Bibl.*, ix, 414.

⁶ Évora, 1609.

decer ao Pontífice Paulo III a elevação ao cardinalato ¹; FERNÃO CARDIM autor da *Narrativa apistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto-Seguro, Pernambuco, Espírito Santo* ²; FR. GASPAR DA CRUZ, que deixou notícias preciosas no seu *Tratado das cousas da China e de Ormuz* ³; DUARTE BARBOSA, († 1521) companheiro de Fernando de Magalhães nas suas aventurosas peregrinações e cuja obra só conhecemos através da trad. italiana cotejada com uma cópia português-a, conforme saiu na *Col. de Notícias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas* ⁴, etc. A todos sobressae, porém,

82. — FERNÃO MENDES PINTO (por 1514-1583). Natural de Montemor-o-Velho, este escritor é pela sua vida aventureira uma das figuras mais extraordinárias deste século. Filho de pais modestíssimos, o seu espírito aventureiro levou-o cedo a deixar Portugal. Viajou durante vinte anos pela Etiópia, Arábia, China, Tartária e pela maior parte do arquipélago oriental. As desgraças que lhe sucederam conta-as êle com extrema simplicidade. Treze vezes foi cativo, dezasete vendido. Teve ocasião de observar as religiões e os costumes de numerosos povos primeiro que qualquer outro viajante europeu. Foi do que viu e ouviu que compôs a sua notabilíssima *Peregrinação* «um dos livros de mais popular e aprazível lição que jámais se escreveram em idioma algum» ⁵. A riqueza do vocabulário, a propriedade das expressões, a justa medida do estilo, a singeleza unida ao vigor, o colorido e a vida que irrompem espontâneos das suas narrações fazem de Fernão Mendes Pinto um dos vultos mais simpáticos da nossa literatura e da sua *Peregrinação* um dos livros mais dignos de ser consultado por todos aqueles que tenham amor pela nossa bela língua. A acusação de *noveleiro* ⁶ e «descarado mentiroso» como o apoda o inglês Donald Fergusson ⁷ caiu por terra

¹ 1561, impr. em Coimbra, com vários opúsculos, por seu irmão Lopo de Barros.

² Lisboa, 1847, publicada por diligências de Varnhagen.

³ Evora, 1570; reimpr. com a *Perigrinação* de F. Mendes Pinto em 1829.

⁴ Cfr. Inoc. Dic. Bibl., II, 206. A obra foi trad. para inglês pela Hakluyt Society, Londres, 1866.

⁵ *Livraria Clássica Portug.*, t. XVI, parte 2.^a, onde vem a pág. 6-19 a notícia da vida e obra de F. M. Pinto escrita por J. Castilho; Sr. Cristovão Ayres, *F. Mendes Pinto — subsídios para a sua biografia e para o estudo da sua obra. Memoria apresentada á Acad. R. das Sc. de Lisboa*, Lisboa, 1904; Id., *F. M. P. e o Japão. Pontos controversos...* Lisboa, 1906 Sr. Jordão A. de Freitas, *Subsídios para a bibliografia portuguesa relativa ao estudo da lingua japonesa e para a biogr. de F. Mendes Pinto...* Coimbra, 1905.

⁶ Teve-se até o mau gosto de inventar este trocadilho: *Fernão, Mentos? Minto.*

⁷ Nas *Letters from Portuguese Captives in Canton written in 1536 and 1536.*

sendo hoje unânimes os críticos, dentro e fóra de Portugal ¹, em o considerarem como autor fidedigno e original. Pode e háde haver, escreve um dos seus melhores biógrafos, alguma coisa de exagerado ou menos exacto nas suas narrativas, mas o facto é que fontes de diversa natureza o estão hoje justificando como informador *geralmente* verdadeiro e original ². As suas *Peregrinações* foram traduzidas para alemão, inglêa, francês e espanhol e contam hoje numerosas edições no nosso país ³. Bem o merecem: — riqueza e variedade de linguagem, primores de estilo, propriedade nas locuções dam á obra de Mendes Pinto logar eminente entre os melhores escritos da nossa língua ⁴.

83. — Não queremos deixar de mencionar no número das narrações que atraem a atenção do estudioso, as que formam a compilação da *História trágico-marítima em que se escrevem cronologicamente os naufrágios que tiveram as naus de Portugal, depois que se pôs em exercício a navegação da Índia* ⁵.

Esta colecção de relações dos naufrágios, que sofreram os navegadores portugueses, empreendida por Bernardo Gomes de Brito (1688), é um modelo de linguagem simples, espontânea e verdadeiramente popular. Sam doze essas relações: 1.^a — do naufrágio do *Galeão grande S. João* na Terra do Natal (1552), que deu o assunto do poema de J. Corte-Real — *Naufrágio de Sepúlveda* e das estâncias de Camões (v. 46-48), pois é do naufrágio de Manoel de Sousa

¹ O último historiador que se ocupa do Japão, sua descoberta, introdução do cristianismo, etc. julga que se Mendes Pinto em particularidades usou das galas e enfeites duma rica fantasia, manteve a narração, em geral, como viva e fiel imagem da vida e costumes dos povos da Asia Oriental. Cfr. Hans Haas, *Geschichte des Christentums in Japan*, c. III. Este cap. foi trad. por Sousa Monteiro e publicado no *Bol. da Segunda Classe* II (1910) pág. 84.

² Sr. Christ. Ayres, *ob. cit.*, e *log. cit.*, pág. 33. Idêntico é o juízo do último biógrafo de Mendes Pinto, Brito Rebelo, na *Notícia* que precede a ed. que dirigiu em 1908, pág. xxiii. Antes do aparecimento desta ed. a de 1829 em 4 vols. era considerada a melhor por seguir exactamente a 1.^a e conter muitas adições e correções.

³ A 1.^a é de 1614, a última, que é a 8.^a, saiu em 1908, em 4 vols. sob a direcção de Brito Rebelo.

⁴ Sobre a parte que no trabalho de F. Mendes teria tido o editor da 1.^a ed., o cronista F. de Andrade, veja-se o estudo de Castilho, *cit.* na pág. anterior, e Sr. Christ. Aires, *ob. cit.*, pág. 52 D. Ambos impugnaram a opinião do Conde da Ericeira D. Fr. Xavier de Meneses, segundo o qual Andrade preparara e dirigira a ed., *serrindo-se das memórias que Mendes Pinto deixára*. Diz com inteira justiça Brito Rebelo: «quem conhece a patidez de estilo d'este cronista, tanto em prosa, como em verso, reconhece prontamente no fulgor da prosa de F. Mendes, a sua grande intelligência e o vigor de um estilo que prende e domina...». *Log. cit.*, pág. xxxii.

⁵ Em 2 tomos, o 1.^o de 1735, o 2.^o de 1736.

de Sepúlveda, que essa narração se ocupa; 2.^a — da *Náo S. Bento* no Cabo da Boa-Esperança (1554); 3.^a — da *Náo Conceição* nos Baixos de Pero dos Banhos (1555); 4.^a — das *Nãos Aguiã e Garça* (1559); 5.^a da *Náo Santa Maria da Barca* (1559); 6.^a — da *Náo S. Paulo* na ilha de Sumatra (1561); 7.^a — da *Náo Jorge de Albuquerque Coelho* (1565); 8.^a — da *Náo Santiago* (1585); da *Náo S. Tomé* (1589); 10.^a — da *Náo Santo Alberto* (1589); 11.^a — da *Náo S. Francisco* (1596; 12.^a — do *Galeão S. Tiago* (1604) ¹.

ELOQUÊNCIA

84. — Eloquência sagrada. São deficientíssimos os documentos para o estudo da eloquência neste período, reduzida por enquanto á fôrma religiosa do púlpito. Alguns oradores sabemos terem existido tam sómente pelas referências dos historiadores, como Fernão Lopes que cita o dominicano Fr. Rodrigo ² e os franciscanos Fr. Pedro ³, Fr. João Xira ⁴ e Fr. Rodrigo de Sintra de quem o velho cronista diz que era «notável e grande prégador mui letrado e teólogo» ⁵, os quais todos viveram no tempo de D. João I.

No século xv adquiriram fama de notáveis prégadores o dominicano Fr. Vicente de Lisboa, que publicou excelentes instruções para os que se entregavam ao ministério do púlpito ⁶, e o carmelita Fr. João Sobrinho, que foi prégador de Afonso v. O que caracteriza os trabalhos oratórios dêstes, como de todos os oradores anteriores ao século xvi, é, segundo Cenáculo, a familiaridade no dizer, a simplicidade do estilo em harmonia com a pouca instrução do auditório, as referências freqüentes á Sagrada Escritura e aos Santos Padres. Mas a sciência teológica tomou grande impulso com o Concílio de Trento (1545-1563) e disso se resentiu a eloquência do púlpito, como não podia deixar de ser desde que Portugal tomou parte e muito notável nessa grande reunião das forças católicas. Como se sabe o Concílio Tridentino compreende três períodos distintos.

A êle assistiram como delegados do nosso país no tempo da primeira abertura (1545-1547) três grandes teólogos dominicanos — Fr. Jerónimo da Azambuja ou *Oleaster*; Fr. Jorge de Santiago e Fr. Gaspar dos Reis, e o bispo do Porto D. Fr. Baltazar Limpo.

¹ A alguns exemplares da *História Trágico-Marítima* anda anexo um 3.^o vol. formado de várias *Relações avulsas* (Cfr. Innoc., *Dic. Bibl.*, I, 378).

² *Crónica de D. João I*, p. III, c. II.

³ *Ibid.*, p. II, c. XLVIII.

⁴ *Ibid.*, p. III, c. LI e XCV.

⁵ *Ibid.*, p. I, c. CLI.

⁶ Cenáculo, *Mem. hist. do ministério do púlpito*.

Na segunda abertura (1547-1559) estiveram como embaixadores de D. João III — Diogo da Silva, Diogo de Gouvêa, João Pais e Diogo Mendes de Vasconcelos, assistindo também o bispo de Silves D. João de Melo e D. Estevão de Almeida, que tinha a sua diocese em Espanha.

Na terceira e última abertura (1561-1563), entre os muitos portugueses que assistiram distinguiram-se o arcebispo de Braga, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, o bispo de Coimbra D. Fr. João Soares, o doutor Diogo de Paiva de Andrade, Frei Francisco Foreiro, da ordem dos Prégadores e D. Gaspar do Casal, bispo de Leiria.

Estes e outros teólogos portugueses alcançaram justificada fama pelo conhecimento profundo da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, ¹ sendo alguns apontados como notáveis prégadores, D. Fr. João Soares, por ex., venerado pelos seus contemporâneos como um segundo Demóstenes, diz Fr. Luís de Sousa. ² No último quartel do século XVI citam-se alguns escritores, que foram igualmente modelos de boa elocução como Fr. Pedro Calvo, Fr. António Feio, o padre Luís Alvares, o bispo de Miranda e Leiria D. António Pinheiro ³ e outros. Falaremos aqui tam sómente dos mais ilustres.

85. — D. FR. BARTOLOMEU DOS MARTIRES (1514-1590), o célebre arcebispo de Braga, cuja mitra renunciou em troca da paz do convento de Viana, que fundára, além das obras latinas ⁴ deixou um *Catecismo da Doutrina Cristã* ⁵ em estilo correcto e simples. Como orador, segundo o dizer do seu biógrafo, tinha um estilo de pregar « mui diferente do que usava na corte... deixou flôres de retórica, explicações agudas, e conceitos levantados, que serviam lá para orelhas delicadas, e entendimentos mimosos para os penetrar, e fazer efeito a doutrina medicinal a modo de bom guisado e entregou-se todo a termos chãos e doutrina clara, que servisse para todos... » ⁶

86. — FR. LUÍS DE GRANADA (1504-1588), embora espanhol, pois nasceu na cidade do seu apelido, viveu, ensinou, pregou e morreu em Portugal. Temos dêle um *Compêndio da doutrina cristã* ⁷

¹ P. António Pereira de Figueiredo, *Portugueses nos Concílios Gerais*, 1 vol., 1787.

² *Vida do Arc.*, I, II, c. 17.

³ As suas obras foram publicadas em 2 vols., 1784 e 1785 por Bento José de Sousa Farinha.

⁴ Vid. Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*

⁵ Imp. em Braga, 1564. Outras ed.: 1574, 1594, 1603, 1617, 1628, 1656, 1666, 1674, 1684, 1765, 1785.

⁶ Fr. Luís de Sousa, I, c. XIV (ed. 1857).

⁷ Lisboa, 1559; outras: 1780, 1789.

de linguagem simples, mas apurada. A este *Compêndio* andam anexos os seus *Sermões*, pelos quais foi celebrado como orador de fama. Veio para Portugal a pedido do cardeal D. Henrique, de quem foi confessor e conselheiro e de quem escreveu uma biografia, que se conserva ainda inédita, como várias cartas ultimamente descobertas. Considerando clássico entre nós, Fr. Luís de Granada é no país vizinho tido como um dos creadores da prosa espanhola ¹.

87. — FR. MIGUEL DOS SANTOS († 1595) é contado no número dos mais abalizados oradores do seu tempo. Dos sermões o mais notável e o único hoje conhecido é o prégado nas exéquias de D. Sebastião celebradas nos Jerónimos, em Belem, a 19 de setembro de 1578 ².

88. — DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE (1528-1575), um dos representantes de Portugal no Concílio de Trento, onde foi enviado por D. Sebastião, quando apenas contava trinta e três anos, irmão do cronista Francisco de Andrade, foi também orador notável, como se pode ajuizar pelos 181 sermões, que d'ele restam ³. O auditório diante do qual se fazia ouvir era sempre do mais selecto. Os seus sermões sam, no dizer de Cenáculo, juntamente com os de Fr. João de Ceita, Fr. Filipe da Luz, Francisco Fernandes Galvão e Fr. Tomás da Veiga, os mais seguros exemplares onde o orador português pode estudar o génio da língua, pureza de dicção, e mais qualidades no que diz respeito ao exercicio concinatório. Escreveu contra Kemnitz e a favor dos jesuítas vários trabalhos em latim, que o acreditaram no seu século como abalizado teólogo ⁴.

89. — FR. FRANCISCO FERNANDES GALVÃO (1554-1610) distinguio-se muito cedo no púlpito. Indo a Roma em 1578 o Papa admirou-o tanto que lhe deu uma cónazia em Coimbra e os Cardeais chamavam-lhe o *doutor português*. Os seus sermões póstumos foram três volumes ⁵, escritos em linguagem pura e muito familiar.

¹ Cfr. *Bol. da 2.ª Cl. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, 1, (1903), 228.

² Há duas ed., uma de Camilo Castelo Branco nas *Virtudes Antigas*, e outra no semanário de Braga a *Crus*, 3.º ano, n.º 9-19.

³ Distribuidos em 3 vol., contendo o 1.º (1603) os sermões do Advento e Festas do Natal; o 2.º (1604) de N. Senhora e dos Santos e o 3.º (1615) de Quaresma, fúnebres e outros.

⁴ Cfr. Barbosa, *Bibl. Inst.*, 1, 684; *Panorama*, 1, 14.

⁵ Sermões de Quaresma (1611); 2.º Festas dos Santos (1618); 3.º Festas de Jesus Cristo (1616).

MORALISTAS

90. — Vários escritores cultivam neste século uma literatura filosófico-moral. Já falamos do historiador Barros. Um outro Barros — o Dr. João de Barros — (n. depois de 1553) publicou o *Espelho de casados* e é autor da *Geografia de entre Douro e Minho e Trás-os-Montes* há pouco publicada ¹; Martim Afonso de Miranda deixou no *Tempo de agora*, em forma dialogal, conselhos e sentenças morais ²; D. Joana da Gama (†1586) professa ou, pelo menos, recolhida dum convento de Evora, escreveu os *Ditos da Freira... nos quais se contem sentenças mui notáveis e avisos necessários* ³; D. Francisco de Portugal, deixou também *Sentenças morais e criteriosas* ⁴. Mas há, sobretudo, três escritores que aqui merecem menção honrosíssima. Todos três são considerados mestres da língua, que muito opulentaram de termos novos e adequados. A pureza, o gosto, a suavidade, são qualidades que adornam a linguagem de que usaram: HEITOR PINTO († 1584), da Covilhã, lente de Escritura na Universidade de Coimbra, autor da *Imagem da vida christã* ⁵, obra de grande erudição sagrada e profana escrita em estilo cheio de correcção e altamente instrutivo. Quem quizer vêr a verdadeira imagem da eloquência do divino Platão e do eloquentíssimo Cícero, escreve Dias Gomes ⁶, leia os *Diálogos* deste autor. Além da mais pura e santa moral cristã, que constitue o fundo especial dos ditos diálogos, nêles admirará, quem os lêr, em grau superior todas as graças do estilo, o mais puro e correcto. AMADOR ARRÁEZ († 1600) de Beja, celebrado bispo de Portalegre, autor dos *Diálogos* ⁷ que o immortalizaram como dos primeiros mestres da língua, e em que trabalhou afanosamente no silencio do Colégio do Carmo de Coimbra, a que se recolhera, tendo resignado o bispado em 1596. «...Posso com verdade dizer muito mais me aver

¹ 1.^a ed., raríssima 1540; 2.^a ed. por Tito de Noronha e António Cabral, Porto, 1874. A ed. da *Geografia* forma o vol. v da *Col. de Mss.* publ. pela Câmara do Porto, 1919.

² 1.^a p. 1622, 2.^a p. 1624, reimpr. por Farinha em 1785.

³ Tem junto — *Trovas, vilancetes e sonetos, cantigas e romances agora novamente feitos pelo mesmo autor*. 1.^a ed. raríssima, Evora, 1555, reimpr. por Tito de Noronha no Porto, 1872. Vid. também Inoc., *Dice.*, x, 140.

⁴ Vid. na minha *Col. Subsídios para o estudo da história da Literatura portuguesa*, o vol. vii — *Sentenças de D. Francisco de Portugal*, Coimbra, 1905, 1 vol.

⁵ *Imagem... ordenada por diálogos*. [São 11 diálogos], etc. Coimbra, 1.^a parte, 1563, 1565, 1567, 1572, 1580, 1591, 1592, 1603. A 2.^a parte saiu em 1572, 1575, 1580, 1585, 1591, 1592, 1593, 1631, 1843.

⁶ *Obras Poéticas*, pág. 29.

⁷ Ed. de Coimbra, 1589, 1604, 1846.

fundado na diligência, estudo e substancia das cousas, que no artificio e elegancia das frases pulidas, palavras trocadas e consonâncias de cláusulas em que nunca achei sabor, nem foram de meu estômago».

Se a algum dos *Diálogos* houvessemos de dar preferência nomeariamos como primeiro o 4.º — *Da Gloria e Triunfo dos Lusitanos*. A obra termina com uma poesia encomiástica a Coimbra — *In laudem Colimbricæ* — «cidade onde gastei a flor da minha adolescência, cidade varonil, que me succedeu em lugar de Pátria...»¹; FR. TOME' DE JESUS († 1582), irmão do teólogo Diogo de Paiva de Andrade e do cronista Francisco de Andrade, já nomeados. Escreveu os *Trabalhos de Jesus*² obra elogiada por nacionais e estrangeiros, muitas vezes trad. em várias línguas³ e que, na opinião do bispo de Viseu, «na parte do atrevimento e beleza das metaphoras vence indispensavelmente todos os nossos escriptores de «rosa». Se em Fr. Luís de Sousa, continúa o abalisado crítico, o gosto se satisfaz mais, o estudo não aproveita tanto; e se Vieira não é menos abundante, e é mais regular, na audacia metaphorica fica int-iramente a perder de vista. E quem, no que toca á prosa portugueza, sobressai a Vieira e a Sousa, mais ninguém lhe resta entre os nossos de que possa ganhar victória»⁴. Nomeado por D. Sebastião para acompanhar como capelão o exército que se destinava a Alcácer aí foi ferido no dia do combate e ficou cativo sendo levado para Mequinés e lançado no fundo d'um calabouço. Tirado dessa prisão pelo embaixador português D. Francisco da Costa, que fôra a Marrocos tratar da redenção dos cativos, não quis voltar a Portugal por não julgar terminada a sua missão evangélica. Faleceu em Marrocos rodeado de veneração. Os *Trabalhos* foram escritos no meio de todas as privações. «Cometi esta obra, diz elle, havendo por industria e muito segredo papel e tinta e escrevendo as mais das vezes sem mais luz que a que entrava pelas gretas da porta ou agulheiros e buracos das paredes».

ROMANCES DÊSTE PERÍODO

91. — Entre os romances dêste século, ao lado da *Menina e moça*, da *Crónica do imperador Clarimundo*, e do *Memorial dos cavaleiros da Segunda Távola redonda*, já citados; merece mencio-

¹ Dr. Simões de Castro, *Guia Hist. do Viajante em Coimbra*, 2.ª ed., 86 88.

² Parte I, Lisboa, muito depois da morte em 1602; Parte II, 1609. As duas partes na ed. de 1666, num vol.; 3.ª ed. 1733; 4.ª, 1781, 5.ª, 1865.

³ Sr. E. Prestage, *Bol. da Seg. Cl. [da Acad. das Sc. de Lisboa]*, VI, fasc. 1.º, out. de 1910, pág. 13.

⁴ *Obras*, I, 292.

nar-se em primeiro lugar o *Palmeirim de Inglaterra* de FRANCISCO DE MORAIS († 1572) que alguns escritores, como Gayangos¹, têm atribuído ao toledano Luís Hurtado, romance que obteve grande voga, sendo traduzido para francês e italiano, e do qual Cervantes no *D. Quixote* dizia, pela boca duma das suas personagens, que merecia que se fizesse para êle «otra caja como la que halló Alejandro en los despojos de Dario, que la dió para guardar en ella las obras del poeta Homero» (1.^a P., cap. 6.^o).

A circunstância que motivou os debates sobre a originalidade do *Palmeirim* foi o ter aparecido publicado o texto espanhol² em 1548 ao passo que o português³ appareceu em 1567, quasi vinte anos depois. Mas está provado a) que Francisco de Moraes foi quem escreveu originalmente em português o *Palmeirim* em 1544 dedicando-o á infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor e irmã de D. João III. Além dêste argumento deduzido da *dedicatória* do romance, b) a simpatia nêle manifestada em vários lugares por Portugal e seus heróis, c) a exactidão das referências locais o topográficas, d) a adjectivação apropriada que lhes dedica, e) a concordância dalgumas passagens com o critério que deveria ter Moraes conforme se colhe da sua biografia, por ex., o episódio tam conhecido das quatro damas francesas (cap. 137 a 148), que se ajusta perfeitamente⁴ a Moraes e fica inexplicável quando suposéssemos o livro da autoria de Huardo, que não oferece dúvidas atualmente nem entre nós⁵ nem entre autores estrangeiros⁶, ainda mesmo espanhóis⁶, o cotejo dos textos recaindo sobre «omissões, adições e mudanças», — tudo esclarece e resolve a questão em favor do autor português⁷.

¹ *Discurso Preliminar nos Libros de Caballerias* (Ed. Rivadeneyra), Madrid, 1867.

² *Libro del muy esforçado caballero Palmeirim de Inglaterra hijo del rei D. Duardos...* 1548. — *Libro segundo...* en el qual se prosiguen y han fin los muy dulces amores que tuvo con la Infanta Polinarda..., Toledo, 1548.

³ *Crónica de Palmeirim de Inglaterra*, 1.^a e 2.^a p. Evora, 1567. — *Crónica do famoso e muito esforçado cavaleiro... filho del rey D. Duardos*, Lisboa, 1592. E mais, Lisboa, 1786, 3 vols., e *ibid.*, 3 vols., 1852.

⁴ Diz o Dr. José Maria Rodrigues nas *Fontes dos Lusladas* no cap. «Camões e Fr. de Moraes», nota—«A questão... está definitivamente resolvida».

⁵ Conclusão do estudo de Purses: «A careful examination... leaves no doubt... that the *Palm. of Engl* was originally written in portug. and that the autor was F. de M.» (Pág. 362).

⁶ Cfr. Cejador e Franca na sua *Hist. de la lengua y lit. castellana*, II, 188 (Madrid, 1915) nem sequer alude a questão.

⁷ Sobre este ponto vid. M. Odorico Mendes, *Opúsculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra*, etc., Lisboa, 1860; N. D. Benjumea, *Discurso sobre el P. de I.*, Lisboa, 1876; D. Carolina Michaëlis, *Versuch über den Palmeirim*, Halle, 1883; Inoc., *Dicc. Bibl.*, III, 14, e IX, 349 e F. Pinheiro, *Curso*, etc., pág. 18 e *Resumo*, pág. 99 e sobretudo William Edward Purser, *Palmeirim of England, some remarks on this Romance and on the controversy concerning*

O *Palmeirim* teve dois continuadores: DIOGO FERNANDES, que escreveu a 3.^a e 4.^a partes com o título: *D. Duardos*¹, e BALTASAR GONÇALVES LOBATO, autor da 5.^a e 6.^a partes com o título *D. Clarisel da Bretanha*².

92. — FERNÃO ALVARES DO ORIENTE (1540-1595), de Goa, escreven á imitação da *Arcadia* de Sannazaro a sua novela pastoril *Lusitania transformada*, obra em prosa e verso, aonde figuram sob forma alegórica o próprio autor e muitos escritores dos fins do século XVI³. Mencionemos, enfim, GONÇALO FERNANDES TRANCOSO, que sob o título *Contos e histórias de proveito e exemplo* compôs trinta e nove contos, alguns da tradição popular, muitos imitados de Boccácio e outros autores e que sam, no dizer de Faria e Sousa⁴, o primeiro livro de novelas que saiu á luz em Espanha.

93. — Obras poéticas escritas em latim. Já em outro lugar mencionamos alguns escritores que compuseram todas ou algumas das suas obras na língua latina, á semelhança do que na mesma época fizeram os escritores de outras nacionalidades. Cleonardo, Vaseu, Damião de Goes, D. Jerónimo Osório, André de Resende, e as poétisas Sigêas e Joana Vaz pertencem a êste número. A afinidade entre a língua portugueza e a latina explica muito bem a existência desta ordem de trabalhos, como nos dá igualmente a razão da cultura da língua grêga em Portugal, que teve o seu apogeu no reinado de D. João III⁵. Estas obras não sam propriamente do domínio da literatura e por isso nos limitamos a registrar aquelas

its authorship, Dublin, 1904, 1 vol., que prova a prioridade portugueza do afamado romance, e de que se encontra a sùmula dos principais argumentos no *Bol. da Seg. Cl. da Acad. R. das Sc.*, II, Lisboa, 1910, 281-299, num lùcido relatório de Sousa V'onteiro.

¹ *Terceira parte da Cr. do P. de Ingl., na qual se tratam as grandes cavalias de seu filho o Príncipe D. Duardos segundo...*, 1587. E no mesmo vol.: *Quarta parte da Cr. do P. de Ingl. onde se contam os feitos do valoroso Príncipe o segundo D. Duardos seu filho...* Ibid.

² *Quinta e sexta parte...* Crónica do famoso D. Clarisel da Bretanha, filho do Príncipe D. Duardos..., Lisboa, 1602.

³ Ed. 1595. E mais duas — 1607 e 1787.

⁴ *Europa Portugueza*, III, p. IV, c. 8.^o, n.^o 67. Os primeiros contos de Trancoso saíram em 1585 com o título *Contos Proveitosos*, em duas partes; já depois da morte do autor, em 1596, é que apareceram em três partes e com o título que damos no texto. Outras ed. 1633, 1646, 1681, 1710. A ed. mais vulgar, mas ainda assim rara, é de 1772.

⁵ Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Memoria do começo, progresso e de cadência de litt. grega em Portugal*, etc., in-*Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, VIII, p. 1.^a e Dr. A. J. Gonçalves Guimarães, *O Grego em Portugal*, Coimbra, 1894.

individualidades, que na sua maioria viveram no século XVI e escreveram o latim com rara elegância. Andam as suas obras reunidas no *Corpus illustrium poetarum lusitanorum, qui latine scripserunt*, dado á luz pelo Padre António dos Reis e aumentado com a vida dos poetas pelo Padre Manuel Monteiro ¹. Encontram-se nesta obra reunidas as produções latinas dos seguintes poetas:

vol. I: Pedro Sanches, Henrique Caiado, Manuel da Costa, Diogo Mendes de Vasconcelos, Miguel de Cabedo e António de Cabedo, todas reimpr. excepto as do 1.º;

vol. II: João de Melo de Sousa; já publ. em Lugduni, 1615;

vol. III: Diogo de Paiva de Andrade ², também já impr.;

vol. IV: Lopo Serrão, (já impr. Lisboa, 1579) Fr. Francisco de Barcelos, (também impr. Coimbra, 1583);

vol. V: Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa, e António de Figueira Durão (também já impr.);

vol. VI: Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo;

vol. VII: Continuação desde Fr. Francisco de Macedo, Jorge Coelho e António de Gouvêa;

vol. VIII: As do Editor P.º António dos Reis ³.

Antes das produções poéticas de cada autor, epigramas, sonetos, cartas, etc., há primeiramente a sua biografia (*Vita*), e a seguir, a transcrição dos elogios que lhe foram dirigidos por outros colegas (*testimonia authorum*). Destaquemos dentre essas produções: a intitulada *Cháuleidos* sobre o cerco de Chaul, muito admirada entre os estrangeiros, a de Fr. Tomé de Faria no vol. V que é a tradução para latim dos *Lusiadas*, e «que mais parece romance punico que romano», conforme escreveu D. Francisco Manuel de Melo no *Hospital das Letras*; e no vol. VI, as de Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, de Coimbra, a princípio jesuíta, depois capucho observante, polígrafo afamado que em Veneza, em 1667, defendeu por espaço de oito dias teses que acusam uma erudição verdadeiramente extraordinária ⁴, pelo que mereceu que aquela República mandasse colocar o seu retrato na Bibl. de S. Marcos, autor das tragi-comédias

¹ Lisboa, 1745-48, 8 vols.

² Filho do cronista Francisco de Andrade e sobrinho do Dr. Diogo de Paiva de Andrade, orador notável, mencionado no texto como autor do poema *Chauleidos*, sobre o cerco de Chaul, sendo governador dessa cidade D. Francisco Mascarenhas e vice-rei da Índia D. Luís de Ataíde (1570-1571). Dignissimo de ser cantado era este cerco, porque nêle se não praticaram menos gentilezas de armas que no de Diu em tempo de D. João Mascarenhas. Com 12 c. é imitação do poeta Estacio. Escreveu ainda o *Casamento Perfeito* (1.ª ed., 1680; 2.ª, 1726; 3.ª s. a. [1905]), e o *Exame de Antiguidade*, [1616].

³ Cfr. Innoc. da Silva, *Dic. Bibl.*, I, 244.

⁴ Vid. a sua enumeração no cit. t. VI do *Corpus* e J. S. Ribeiro, *Primeiros traços*, etc., já cit., pág. 24.

Orpheu e Jacob compostas para a côrte de Luís XIV e nela representadas. As teses tinham o nome «*Rugitus Literarii Sancti Marci*» e têm a data de 26 de set. de 1667. Outra prova do seu saber e memória está na defesa em Roma por três dias de conclusões *De omni scibili*. As conclusões de Veneza terminaram por êste pasmoso desafio «será licito a quem quizer argumentar, estabelecer e perguntar tudo aquilo que bem lhe parecer» ¹.

TRABALHOS FILOLÓGICOS

94. — Gramáticos portugêses. Devemos assinalar nesta época o aparecimento das primeiras gramáticas portugêsas. Portugal antecedeu nêste género as outras nações civilizadas da Europa, pois que Fernão de Oliveira, (1507-1581), o autor da *Fabrica das Naos* ², publicou a sua *Gramática da língua portugêsa* em 1536 ³, seguindo-se-lhe três ou quatro anos depois João de Barros, que publicou a sua *Cartinha para aprender a lêr* em 1539, e a sua *Gramática* em 1540.

Do bispo D. Fr. João Soares é também uma *Cartinha* sobre regras de gramática, tendo aparecido várias outras por êstes mesmos tempos. Duvidou-se até da prioridade que teria João de Barros sobre D. João Soares questão, por ventura insolúvel, versando sobre «tam miudos volumes, tam distantes de nós e que a curiosidade que lhes sobreveiu ainda hoje encrua as esperanças de se acharem». O que é certo é ter-se publicado a Gramática de Oliveira em 1536 e três anos depois a de J. de Barros. Antes de 1540 coloca o erudito Cenáculo outra *Cartinha para ensinar a lêr*... ⁴.

Ora os primeiros esforços para constituir uma gramática franceza datam de Meigret que publicou o *Tretté de la grammère françoise* em 1550, de Estienne que em 1557 deu á estampa o *Traicté de la gr. françoise* e de Ramus, cuja *Grammère* é do ano de 1562 ⁵. Ao lado dos trabalhos que procuravam estabelecer as leis gramaticais

¹ Ferdinand Denis *Resumé*, 220. Sousa Viterbo traçou-lhe a biogr. no *Arch. Hist. Port.* viii (1910), 199-206 (com retrato). No *Bol. da Acad. das Sc. de Lisboa* vii (1913), 48, vêem algumas notas curiosas que se contêm num itinerário escrito por um P.^o Agostinho Descalço, que foi a Roma em 1666 para tratar de negócios da Ordem. Encontrando-se com Fr. Agostinho, que vinha de Veneza, dá conta dos projétoes que êle concebia.

² H. Lopes de Mendonça, *O P. F. de Oliveira e a sua obra nautica; mem. compreendendo um estudo biog... e a 1.^a reprod. typogr. do seu trabalho inéd.* *Livro da Fabrica das Naos*, Lisboa, 1898.

³ Reimp. no Porto, 1871. *A Inquisição, Damão de Goes e Fernão d'Oliveira julgados por ela* — *Serões* n.^o 14, agosto 1906, já cit.

⁴ *Memórias históricas*, II, 65.

⁵ Nyrop, *Gr. hist. de la langue française*, 1899, pág. 54.

portuguesas pelo seu confronto com as regras latinas, os estudos similares difundem-se. PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO publica em 1574 as *Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa com um diálogo em defesa da mesma*; DUARTE NUNES DE LIÃO em 1576 escreve a *ortografia da língua portuguesa* e em 1606 a *Origem da língua portuguesa*¹; enfim JERONIMO CARDOSO dá-nos em 1570 o seu *Diccionario latino-lusitanico et lusitanico-latinum*.

95. — **Scientistas.** Sob esta categoria devemos mencionar alguns escritores, que criaram nome imorredouro pelos seus trabalhos, como PEDRO NUNES (1492-1544), célebre cosmógrafo e geômetra, inventor do *nónio* e cujas obras o colocam na vanguarda dos sábios da sua época²; GARCIA DA ORTA, médico e botânico distintíssimo que com o muito que estudou na Índia, onde residiu durante trinta anos, escreveu os *Coloquios dos simplices e drogas*, ainda hoje estimado e devidamente considerado³, sábio a quem o nosso Epico dedicou a ode que começa

Aquelle unico exemplo
De pobreza heroica e ousadia⁴

.....

e que primeiro que ninguém fez conhecer a cólera morbo numa *descripção tam viva como exacta*⁵.

¹ Nem só vol. com o título: *Origem e Orthogr. da língua portug...* Lisboa, 1784. Outra ed.: 1866. Outras obras — *Hist. da provincia de S.ta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, Lisboa, 1576; Rio de Jan. 1858 e deste mesmo ano, Lisboa, pela Acad. R. dos Sc. [E' o n.º 3 da Col. dos *Opusc. reimp. relativos á hist. das navegações, etc.*]; *Tratado da Terra do Brasil...*, Lisboa, 1826 [No t. iv da Col. de notícias para a hist. e geogr. das Nações ultram.].

² Vid. relação das suas obras em Freire de Carvalho, *ob. cit.*, nota (54), pág. 312. Só duas sam em português — *Tratado em defensam da carta de marear*, publ. em 1537 no *Tratado da sphaera* e reimp. na *Rev. de Engenharia militar*, 1911-1912; e *Tratado sobre certas dúvidas de navegação*, publ. no mesmo livro e na mesma Revista reimp. em 1913. Cfr. também *Mem. da Acad. rial das sc. de Lisboa, A. da Litt.*, vii, 250-83; e os artigos de Rodolfo Guimarães entre outros na revista de Coimbra, *Instituto*, 1901, pág. 396; sr. J. Bensaude, *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Berne, 1912 e sr. Prof. Luciano P. da Silva na *Rev. da Univ. de Coimbra*. ii (1913) pág. 127 e 246; Ant. Baião, *O matemático P. N. e sua família á luz de docs. inéd.* Coimbra, 1915, 1 folh. Etc.

³ Vid. ed. de Juromenha, *Obras*, ii, 275.

⁴ 1.ª ed., Goa, 1563, os *Coloquios* foram trad. para latim, francês, italiano e espanhol. O conde de Ficalho deu em 1891 uma bela ed. (Lisboa, 2 vols.), e um estudo sobre o grande botânico com o título *Garcia da Horta e o seu tempo*, Lisboa, 1886; A. Tomás Pires, *Estudos e notas elvenses*, viii — *Garcia da Horta*, Elvas, 1905, 1 folh.; *Garcia da Horta (An appreciation)* por Clements Markham na *Rev. de Hist.* 1913.

⁵ Apud — *Gazeta medica do Porto*, setembro de 1901, p. 437.

Mencionemos ainda ANTÓNIO LUIS, que na Universidade explicava Aristóteles e Galeno na própria língua grega e que parece ter entrevisto a lei da *atração universal* enunciada por Newton ¹.

Ao lado destes autores outros há como Pedro da Fonseca, Sebastião do Couto, Baltasar Alvares, que se tornaram notáveis no domínio filosófico, pela exposição das suas próprias teorias, ou pelos comentários das de autores estranhos. Era sobretudo Aristóteles quem reinava nas escolas, foi também êsse autor grego quem exgotou o melhor dos esforços dos filósofos portugueses ².

Entre todos êstes muito se distinguiu o célebre FRANCISCO SANCHES (1562.1632), médico e filósofo, que ensinou sobretudo no estrangeiro e que defendeu o sceticismo científico na mais conhecida das suas obras, a que pôs o título de *De multum nobili, et prima universali scientia — quod nihil scitur*, há pouco vertida para português ³.

¹ Freire, *ob. cit.*, pág. 116.

² A evolução das doutrinas filosóficas em Portugal não encontrou ainda o seu historiador. O trabalho do Dr. Lopes Praça — *História da Filosofia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da Filosofia* (Coimbra, 1868) é apenas um esboço e, demais, incompleto. No entretanto é o único trabalho de conjunto, que pode dar-nos idéa do interessante movimento filosófico português durante o seu curto, mas glorioso reinado. Apontemos aos estudiosos duas monografias de grande valor do Dr. Joaquim de Carvalho, *António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença*, Coimbra, 1916; e *Leão Hebreu Filósofo*, *ibid.*, 1918.

³ Dr. Fr. S. filósofo e médico, trad e notas de Basilio de Vasconcelos na *Rev. de Hist.*, 1918, n.º 6 e segs. E. Senehet no seu trabalho *Essai sur la méthode de Francisco de Sanches, prof. de philosophie et de médecine à l'Univ. de Toulouse, Laval, 1904, 1 vol.*, afirma que Sanches não é português, mas espanhol, nascido em Tui. O estudo de Senehet traz o retrato de Sanches.

ANTOLOGIA

SÉCULO XVI

POESIA

I

Soneto

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças;
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor hum mal, que mata e não se vê.

Que dias ha que na alma me tõe posto
Hum não sei que, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei porque.

Camões, Obras, (ed, Juremenha), II, son. xv.

II

Outro

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pôde merecer-te
Algũa cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Id., ibid., son. XIX.

III

Outro

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la:
Porém o pai, usando de cautella,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

Id., ibid., son., XXIX.

IV

Outro

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha;
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece;
Tudo possível faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal! Estranha desventura!
Por um pequeno bem, que desfallece,
Um bem aventurar, que sempre dura!

Id., ibid., son. OLXXX.

V

Voltas.

MOTIVO ALHEO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição;
Que o que em vós é senão,
E' em outras gentileza;
O verde não se despreza,
Que, agora que vós os tendes,
São bellos os olhos verdes.

Id. *ibid.*, IV, 64.

Ouro e azul é a melhor
Côr, por que a gente se perde;
Mas a graça d'esse verde
Tira a graça a toda a côr.
Fica agora sendo a flor
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

VI¹

MOTIV

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Salinho de chamalote²;
Traz a vasquinha³ de cote⁴,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.

Id. *ibid.*, 97.

Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr d'encarnado,
Tão linda que o mundo espanta;
Chove nella graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa e não segura.

VII

Endechas a Barbara escrava.

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo.
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no Céo estrellas,
Me parecem bellas,
Come os meus amores,
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

¹ Rodrigues Lobo glosou o mesmo mote, que adeante, no seu logar respectivo. transcrevem-os. E com que suavidade o fez!

² Do b. latim *Camelotum* de *Camelus*, tecido de pêlo de camelo.

³ *Vasquinha*, vestido antigo de mulher, também empregado em Gil Vicente, *Obras*, I, 313.

⁴ Frase adv. — quotidianamente, do lat. *quotidie*.

Uma graça viva,
Que nelles lhe mora,
Para ser Senhora
De quem é captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão,
Perde opinião,
Que os louros são bellos.

Pretidão de amor,
Tão doce a figura
Que a neve lhe jura
Que trocára a cor.

Id. *ibid.*, 118.

Léda mansidão,
Que o siso acompanha:
Bem parece estranha,
Mas barbara não.

Presença serena,
Que a formenta amansa:
Nella enfim descansa
Toda minha pena.
Esta é a captiva,
Que me tem captivo;
E pois nella vivo,
E' força que viva.

VIII¹

Redondilhas.

1

Sobolos rios que vão¹
Por Babylonia, me achei.
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

2

Alli lembranças contentes,
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes,
Como se nunca passaram.
Alli, depois de acordado,
Co'o rosto banhado em agoa,
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado,
Não é gosto, mas é mágoa

3

E vi, que todos os danos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem,
Quão pouco espaço que dura,
O mal quão depressa vem,
E quão triste estado tem,
Quem se fia da ventura.

4

Vi aquillo que mais val,
Que então se entende melhor,
Quanto mais perdido for:
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor,
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.

5

Bem são rios estas agoas,
Com que alanho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade do mágoas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Depois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:

6

Assi, depois qu'assentel,
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.
Aquelle instrumento lédo,
Deixei da vida passada;
Dizendo: Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredado
A' memoria consagrada,

¹ Esta poésia é uma parafrase do Salmo 136. No simbolismo do Poéta *Sião* designa Lisboa e o céu, *Babylonia* umas vezes a India e outras o mundo em geral.

² Sobolos = Arc. de super — sober ou sobre em que a troca do e em o se explica por influência da labial, segundo L. de Vasc., *Lições de Fil.*, 91.

7

Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Par'onde estaveis, correndo;
E as agoas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir;
Jámais vos não ouvirão
Os tigres que s'amansavam,
E as ovelhas, que pastavam,
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavam.

8

Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente;
Nem poreis frelo á corrente,
E mais se for dos meus olhos
Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois não pudestes mover
Desconcertos da ventura.

9

Picareis offerecida
Á fama, que sempre véla,
Franta de mi tão querida;
Porque mudando-se a vida,
Se madam os gostos d'ella,
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.

10

Um gosto, que hoje s'alcança,
Amanhã já o não vejo:
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa,
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Está recitando a morte.

11

Mas deixar n'esta espessura
O canto da mocidade,
Não cuide a gente futura,
Que será obra da idade
O que é força da ventura,
Qu'idade, tempo, e espanto,
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mi puderam tanto,
Que postoque deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.

12

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto, e contentamento,
Por o sol, por neve, por vento,
Tendré presente a los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos, e frauta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro, que alli estava,
Que para tropheo ficava
De quem me tinha vencido.

13

Mas lembranças da affeição,
Que alli cativo me tinha,
Me perguntaram então,
Qu'era da musica minha,
Que eu cantava em Sião:
Que foi d'aquelle cantar.
Das gentes tão celebrado,
Porque o de xava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado.

14

Canta o caminhante lédo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredó;
E de noite o temeroso
Cantando refrêa o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.

13

15

Eu qu'estas cousas senti
N'alma, de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si,
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar,
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engelto.

16

Que não parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandá-la cante.

17

Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.

18

Que se vida tão pequena
S'accrescenta em terra estranha;
E se amor assi o ordena,
Razão é que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna já me cansar,
Não canse para voar
A memória em Sião.

19

Terra bemaventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena d'este desterro,
Qu'eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

20

E se eu cantar quiser
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
A's fauces, pois te perdi,
S'em quanto viver assi
Houver tempo em que te negue,
Ou que m'esqueça de ti.

21

Mas ó tu, terra de gloria,
S'eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia,
Não me lembras na memoria,
Senão na reminiscencia?
Que a alma é táboa rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vò da propria casa,
E sobe á patria divina.

22

Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Ceo,
D'aquella santa Cidade,
D'onde est'alma descendeu.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não é quem se ha de buscar;
E' raio da formosura,
Que só se deve d'amar.

23

Que os olhos, e a luz que atela
O fogo que cá sujeita,
Não do Sol, nem da candeia,
E' sombra d'aquella ideia,
Qu'em Deos está mais perfeita.
E os que cá me captivaram,
São poderosos affeitos
Qu'os corações têm sujeitos;
Sophistas, que me ensinaram
Mãos caminhos por direitos.

24

D'estes o mando tyranno
M'obriga com desatino
A cantar ao som do damno
Cantares d'amor profano,
Por versos d'amor divino.
Mas eu, lustrado co'o santo
Raio na terra de dôr,
De confusões, e d'espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?

25

Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude:
E o qu'en toimei por vicio,
Me faz gráo para a virtude;
E faz qu'este natural
Amor que tanto se préza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.

26

Fique logo pendurada
A fructa com que tangi,
O' Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada
Para só cantar de ti.
Não captivo e ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vícios desatado,
E cá desta a ti levado,
Patria minha natural.

27

E s'eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes,
E tomando já na mão.
A lyra santa, e capaz
D'outra mais alta invenção,
Cale-se esta confusão,
Cante-se a visão de paz.

28

Ouçá-me o Pastor e o Rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no mundo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinodia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião,
A' qual não posso subir,
Se me vós não dais a mão.

29

No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arraza-los igualmente:
Conheçam que humanos são.

30

E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho,
Qu'incendem alma e engenho;
Que já m'entraram o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes, que tão furiosos
Gritando vêm a escalar-me,
Mãos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;

31

Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles;
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos d'elles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós santo Capitão,
Nesta minha Fortaleza
Não puserdes guarnição

32

E tu, ó carne que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda a miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que tu lhe fizeste:

33

Quem com disciplina crua
Se fere mais que uma vez;
Cuja alma, de vícios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar!
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os afogar,
Por não virem a parar
Em vícios graves e urgentes:

37

Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente
Tão justo e tão penitente,
Que depois de a ti subir,
Lá descansa eternamente!

Camões, *Obras*, (Ed. Jorumenha), iv, 1-17.

34

Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo, quando imagina
Nos vícios da carne má,
Os pensamentos declina
A'quella Carne divina,
Que na Cruz esteve já.

35

Quem do vil contentamento
Cá d'este mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil,
Passar logo entendimento
Para o mundo intelligibil;
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouco recreia,
Nem por sobeja enfastia.

36

Alli verá tão profundo
Misterios da summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
O' tu, divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar.
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?

IX ¹

No cruzelro da costa da Arabia

Junto d'um sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave vôa ou fera dorme,
Nem corre claro rio ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruído,
Cujo nome, do vulgo introduzido,
E' Feliz, por antiphrazi infelice,

O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde um braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada, já foi Berenice,
Ficando á parte donde
O sol que nella ferve se lhe esconde ;

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do austro vem correndo,
Limite faz Arómata chamado,
Arómata outro tempo, que völvendo
A roda, a rude lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe têm dado.
Aqui, no mar que quer, apressurado,
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.

A qui, nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quis que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve espaço,
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços rapartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitarios.
De trabalho, de dôr e de ira cheios,
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as águas frias,
Os ares grossos, férvidos e felos,
Mas os meus pensamentos, que são melos
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu ja no mundo vi quando vivi.
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.

¹ Ignora-se a época e o lugar onde foi composta esta *Canção* x, da qual *Jornal* meka, 11, 518, diz ser difícil encontrar em qualquer Poéta poesia que se lhe oponha. Reproduz-se o texto de 1852 conforme Dr. J. M. Rodrigues, *Camões e o Infante*, 209.

Aqui 'stive eu, com estes pensamentos,
Gastando tempo e vida, os quaes tão alto
Me sublam nas asas, que cala
(Oh! vêde se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompião os ares
Aqui, a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeada e de pesares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel e importuna!

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso!
Tudo dôr lhe era e causa que padeça
Mas que pereça não, porque passasse
O que quis o destino nunca manso.
Oh que este irado mar, gemendo, amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfrêam;
Sómente o ceu severo,
As estrellas, e o fado, sempre fero
Com meu perpétuo dano se recream,
Mostrando-se potentes e indignados.
Contra um corpo terreno,
Bicha da terra, vil e tão pequeno.

Se, de tantos trabalhos, só tirasse
Saber inda, por certo, que algum'hora
Lembrava a uns claros olhos, que já vi,
E se esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella, em cuja vista já vivi,
A qual, tornando um pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces erros,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E, posto que já tarde, piedosa,
Um pouco lhe pesasse,
E, lá entre si, por dura se julgasse:

Isto só que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica!
Com isto atagaria o sofrimento!
Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica
Estais, que cá, tão longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,

Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças,
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte !
E logo se me juntam esperanças,
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.

Aqui, com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora;
A's aves que d'alli voam, se vos viram
Que fazeis, que estaveis praticando,
Onde, como, com quem, que dia e que hora ?
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vê-ros,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho ;
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assi vivo e se alguém te perguntasse,
Canção, porque não mouro,
Podes-lhe responder que porque mouro.

Camões, Obras, (Ed. Jorumenha), II, 206.

X

Morte de D. Leonor

(CANTO XVII)

No canto atras passado (se vos lembra)
Vistes o Capitão ouvir mil gritos,
E o coração presago, a dura morte
Da sua Lianor lhe descubria.
Com trabalho se apressa, por achar-se
Presente ao mal, que teme & já vê certo :
E da penosa dor afadigado,
Quasi arrastando vay os lassos membros.
Hum difficil hanélito lhe seca
A boca já mortal ; & os tristes olhos
Sumidos da fraquesa em vivas fontes
De lagrimas piedosas se convertem.
Chega a donde Lianor ao passo forte
E termo tão tímido estava entregue ;
Ve que a turvada vista rodeando,
A elle so demanda, a elle so busca ;

E vendo que he chegado, esforça um pouco
 O animo, & procura despedir-se,
 Levanta com trabalho os mortaes olhos.
 Quer-lhe fallar, a morte a lingua impide.
 Firma-os cada vez mais no triste rosto
 Daquelle unico amigo, que já deixa:
 Trabalha agasalhá-lo, & não podendo
 Com dor mortal na terra se reclina.

.....
 Entregão-se a morrer aquelles olhos
 Que mil mortes já tinham dado a multos
 Huma mortal angústia lhe rodeia
 Aquele alegre e angelico semblante;
 Já de todo lhe fuge a côr de rosa
 Do rosto tão feroso; já s'esfria,
 Já fica a branca mão sem movimento;
 O peito eburneo fica sem sentido.

Qual da Casta Diana a bella image
 Se vio per mão de Phidias esculpida,
 Que o soberbo edificio ennobrecendo,
 Sentio do tempo avaro a fôrça & a ira:
 Entre antigas ruinas jaz a illustre
 Admiravel figura despojada;
 E ainda que perdeu estado e glória,
 Dissenho lhe ficou valor & estima:
 Alli mostra hum perfil medido e justo,
 Nos membros proporção perfeita & rara
 Mostra formosos olhos, mostra graça,
 Mostra tudo formoso, mas sem vida.
 Tal na deserta Praia fica o corpo
 Mais que marmore ou branca neve, branco
 De crespas febras d'ouro soccorrido,
 Que com intento casto alli defendem.
 Alça-se um alarido até as estrellas,
 Das criadas que em torno d'ella estavam;

Ferem com duros punhos rosto & peitos,
 Fazendo um triste som, que rompe as nuves.
 Dos gritos & lamento outra vez torna
 O concavo rochedo huma voz escura,
 E correndo por baixo do arvoredor
 Miseraveis assentos vai formando:
 Quantas vezes o nome amado chamão
 Com palavras do choro interrompidas,
 Tanta Eco chorosa lhe responde
 Co'a mesma dor, c'o mesmo sentimento.
 O varão infelice trespassado
 De huma terribil dor já sem remedio
 Tremendo as fracas pernas, não podendo
 Soffrer a grave carga & peso triste
 Junto do amado corpo se reclina.
 Com semblante affligido, os tristes olhos
 Com intrinsega pena os tinha promptos
 Naquelle já defunta fermosura.

Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos seus bens se reduzirão.
Cuida em contentamentos já passados
Que agora muito mais o entrestecião.
Alli (para mais dor) se lhe apresenta
O vário proceder de seus amores,
O principio alterado, & o successo
Tão prospero, jucundo & tão elice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro & tão amigo, de mudanças
E quando imaginava estar mais alto
Vio da mudavel roda a volta dura.
Depois que um grande espaço está pasmado,
Opprimido de dor o peito enfermo,
Alevanta-se & vay mudo & choroso
Onde a praia se vê mais oportuna.
Apartando co'as mãos a branca areia,
Abre nella hum estreita sepultura,
Torna-se atras, alçando nos cansados
Braços aquele corpo lasso & frio,
Ajudão as criadas as funestas
Derradeiras exequias com mil gritos.
«Ai duro tempo! (dizem) como apartas
Para sempre de nós tal fermosura!»

Na perpetua morada tenebrosa
A deixão, levantando alto alarido;
Com salgado liquor banhando a terra
Aquelle último *vale*! todas dizem
Não fica so Lianor na casa infausta.
Que de um tenro filhinho se acompanha
Que a luz vital gozou quatro perfectos
Annos, ficando o quinto interrompidos
Alli co'a morta mãe o filho morto,
Ambos com morto amor em terra jazem.
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gosto;
Ambos na solitaria praia ficam
Junto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo tão triste raro exemplo
De perversa, cruel, impia fortuna.
O mísero Sepulveda rodea
Os olhos com effeito de saudade;
Em lagrimas desfaz o bulcão turvo
De que assombrado tinha o triste spirito.
Com voz do triste choro embaraçada
Palavras diz de lástima & piadosas.
Nos braços toma hum filho que ali tinha
De tenrra idade & vista miseravel!
Por estreita vereda entra no mato
Dos bravos leões e tigres povoados;
A morte vai buscando: elles doídos
De seu mal lh'a darão em breve espaço.

XI

El-Rei D. Sebastião em Sintra

.....

 Ve bem no cume uma maravilha
 Que não cuido que não fosse igual contada :
 So cem passos da terra o moço trilha
 Em cima que não fosse alcantilada ;
 Os quaes occupa um templo que se invoca
 A senhora da Pena ou da alta Roca.

Aqui viu claras fontes crystallinas,
 Que em duras pedras tinham nascimento,
 Edificadas altas officinas
 D'um consagrado e pudico convento :
 Um peregrino alli de peregrinas
 Pedras com jamais visto intendimento
 Um retabolo fez, que parecia
 De rica e subtil marceneria.

De Pario alabastro marchetava
 O Corynthio porphydo enxerindo
 O jaspe em luso marmore ; que estava
 Suspenso o rei, pintar-se presumindo.
 Brutescos e cordões dependurava
 (Tudo de pedra) que se estará rindo ;
 Quem não viu ésta obra desusada,
 De muitos que a viram celebrada.

Não so no altar sancto se embebia
 O moço rei ; que está raptó e enlevado
 Ouvindo tam suave melodia
 Que lhe parece estar beatificado.
 Mas como para o mundo emfim pendia,
 Sai-se do templo a ver o mar inchado,
 Descobrendo d'alli do Olympio monte
 Do meio orbe terreno o horisonte.

Tendo sempre presente na memoria
 O que lhe o seu esforço promettia.
 Dos seus passados á superna glória,
 Que n'elle o tempo assim escurecia,
 A prolongada empresa, e obrigatoria
 A quem a lei de Christo pretendia
 Estender até o ultimo terreno
 Contra a força do barbaro Agareno.

Mágoa com que ao mar o rosto vira
Por lhe não renovar tristes lembranças !
E caminhando assim triste suspira
(Efeitos de compridas esperanças)
Do monte desce enfim onde subira
A ver o que é sугeito de mudanças
E fonte de perigos não cuidados
So para cubiçosos ordenados.

Ve que as nuvens abaixo errando andavam
Cubriendo os valles que altas serras fendem;
Desce até que per cima lhe ficavam,
Que em fria sombra pelo ár se estendem
Bosque de fertéis plantas se mostravam,
De cujos ramos varios fructos pendem;
Umas e outras sempre florecendo,
Como que sempre fosse amanhecendo.

Ouvindo as rôtas lymphas que cahindo
Por entre lisas pedras murmurando
Parece certo alli que vêm sentindo,
O que no peito o moço está traçando;
Onde Flora de Zephyro fugindo
As esquecidas folhas meneando
Do bosque bem parece que dizia
Porque tam cruelmente lhe fugia.

Sendo nectar e ambrósia alli o rocio
Que em matutinas flores lento e grave
Cahindo la do ceo, coalhado e frio
Da astuta abelha era manjar suave:
Debaixo de um castanho alto e sombrio
Se assenta o Luso porque mais o aggrave
Seu mal ouvindo ao som de claras aguas
Passarinhos cantarem ternas mágoas.

Alli pois divertindo o vagamundo
Pensamento, mil cousas considera
Por aplacar o peito furibundo,
Que com nenhum repouso se modera:
Alli ve que o que foi senhor do mundo
Que mais depois de se-lo, não quisera
Que lograr o repouso desejado
Em doce companhia congregado.

Mas nada o satisfaz, porque faltando
Ao appetite aquilo que deseja,
(O peor muitas vezes desejando)
Nada o queira enfim, por mais que veja;
E assim todo o repouso desprezando

Abraça uma interna e van peleja :
D'onde turbado e triste se levanta
Depois que de confuso se quebranta.

Por entre os lisos troncos corvados
O passo move onde escritas crescem,
Várias tenções de peitos namorados,
Que em perpetua memoria permanecem :
Estão d' tempo ali dos reis passados,
Que os cortezãos d'agora já aborrecem
A pureza d'amor, porque chorando
Não andem as pobres arvores riscando.

Cintra se chama ésta deleitosa
Parte, onde repouso o moço engeita.

L. P. Brandão, *Elegiada*.

XII

A habitação dos ventos

.....

... n'hua profunda cova escura,
Os inquietos ventos encerrados,
Jupiter pôs, e com bem forte e dura
Prisão a todos tõe presos, e atados :
E para que inda possa mais segura
Mente alli seus furores ser domados,
Lhe pôs tambem um grande monte em cima,
E hum Rey lhes deu q os mande e q os reprima.

Elles com grão ruído e estrondo horrendo
Sempre em torno da porta estão bramando,
Eolo, a quem o padre alto, e tremendo
Deu sobr'elles o sceptro, deu o mando,
Os está d'hua torre alta regendo,
Seus impetos, e furias temperando,
E de tal sorte o temem, e venerão,
Que por elle s'enfreião, ou se alterão.

.....

Logo do real sceptro a ponta vólta
Ao cavo monte, que em si os ventos cerra,
Empucha-o para hum lado, e a prisão sólta,
A'quelles com que faz a sua guerra :
Sahe a turba feroz, com grãa revolta,
Subverter desejando o mar, e a terra,
Mas vendo do seu Rei a veneranda
Presença, párao, vendo o que elle manda.

Elle lhes manda então que ao companheiro
Zefiro dêem favor no que pretende,
Já Zefiro d'alli parte ligeiro,
E ajudado do amor que dentro o acende,
Em breve tempo chega onde o primeiro
Raio da luz dourado Apollo estende,
Contente assaz de vêr-se já tão perto
Do seu bem, que ser seu já, tõe por certo.

Os furiosos ventos, que seguirão
O companheiro sempre que os guiava,
Tanto que da prisão soltos se virão
Mostrão a sua antiga furia brava :
Os mansos mares tanto que sentirão
Aquella furia, que antes presa estava,
De tal sorte se vão embravecendo,
Que até ás nuvens parece ir-se erguendo.

As grossas altas ondas escumosas,
Dos furiosos ventos constrangidas,
Vão quebrar seu furor nas alterosas
Rochas, ou lá nas praias estendidas :
Retumbão as montanhas cavernosas,
Vêem-se do mar as nuvens combatidas,
Qu'a força com que encontra a rocha dura
Lhe faz com que então suba a tanta altura.

O claro ar e sereno s'escurece,
Qu'a grossa e negra nuvem lhe succede,
O resplendor do Sol desaparece,
Qu'esta nuvem tambem mesma lh'o impede :
No mar ao meio dia hoje anoitece,
Horisonos trovões de si despede
O Ceo, e apoz estrondos espantosos
Sólta de si mil raios luminosos.

Chegão entretanto Euto, Africo e Noto
Onde os navios vão, que os lá levárão,
E co'o seu costumado terremoto,
Em tudo grão temor então causárão,
Eis já com alta voz grita o Piloto,
Os marinheiros não se descuidárão,
Saltão de cá e de lá com grande pressa,
Hum á corda, outro ao remo se arremessa.

Mas por mais que ande esperto e diligente,
De se poder salvar já desconfia,
Porque cada momento mais presente,
Crescendo a tempestade, a morte via,
Zefiro receioso e descontente
Do perigo em que vê por quem morria,
Roga aos ventos, que em si queirão pôr freio,
Nem lhe dêem tanto bem com tal recelo.

Porém elles, que mal então podião
 Refrear o que tõe por natureza,
 Cada momento mais então crescião,
 Em impeto, furor, ira e bravesa:
 Ora por entre as ondas descobrião
 Dos mares a areosa profundeza,
 Ora fazem que o mar tão alto saia
 Que lá nas nuvens quer fazer a praia.

Nas náos atribuladas isto espalha
 Grande espanto, temor, desconfiança,
 Mas a gente que nellas se agasalha
 Faz, quanto de viver lhe dá esperança:
 Com revezada força se trabalha
 Na longa bomba, e o mar ao mar se lança,
 Ora se encolhe a escota, ora se solta,
 Cresce a voltas do medo, a grãa revólta.

G. de Andrade, *Primeiro Cêrco de Diu*, ed. 1852, canto IV est. IX-XVI.

XIII.

Romance

Cap. XXI da «Menina e moça». Chama-lhe o autor «Um cantar á maneta do solão, que era o que nas cousas tristes se acostumava...» E' posto na boca da ama e dirigido a Aónia.

Pensando-vos estou, filha;
 vossa mãe m' está lembrando;
 enchen-se-me os olhos d'agua,
 nella vos estou lavando.

Nasceste, filha, antre magua;
 pera bem inda vos seja!
 pola em vosso nascimento
 Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento,
 nenhuma alegria ouvistes;
 vossa mãe era finada,
 nós outros eramos tristes.

Nada em dor, em dor creada,
 não sei onde isto ha de ir ter;
 vejo-vos, filha fermosa
 com-olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa
 pera nacer em desterro.
 Mal haja a desventura
 que pos mais nisto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura
 vossa mãe, e magua a nós;
 não ereis vós, filha, não,
 pera morrerem por vós.

Não ouvem fados rezão,
 nem se consentem rogar;
 de vosso pae hei mór dó,
 que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só,
 primeiro que outrem ninguém;
 não foreis vós, se eu não fôra;
 não sei se fiz mal, se bem.

Mas não pode ser, senhora,
 pera mal nenhum nascerdes,
 com esse riso gracioso
 que tendes sob olhos verdes.

Conforto, mas duvidoso,
 me é este que tomo assi;
 Deus vos dê melhor ventura
 do que tiveste té'qui.

A Dita, e a Fermosura,
 dizem patranhas antigas,
 que pelejaram um dia,
 sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão que é phantasia;
 eu, que vi tempos e annos,
 nenhuma cousa duvido
 como ella é azo de damnos.

Mas nenhum mal não é crido;
o bem só é esperado
e na crença, e na esperança,
em ambas ha 'hi cuidado,
em ambas ha 'hi mudança.

Bernardim Ribeiro, ed. Pessanha, 173-176.

XIV

Romance de Avalôr

Está intercalado na *Segunda Parte*, c. xi da *Menina e Moça* e é precedida das seguintes palavras: «de sua ida [da partida de Arima da corte] e como Avalôr também após ela se foi, não se soube então inteiramente mais que per um *Cantar-romance*, que daquele tempo ficou». Reproduz-se o texto conforme a ed. crítica de Ferrara 1554, segundo a lição da Sr.^a D. Carolina Michaëlis com a disposição épica dos versos — Cfr. *Estudos sobre o Romanceiro*, 266.

Pola ribeira de um rio,
vai o triste de Avalôr.
As aguas levam seu bem!
Soo vai e sem companhia,
que quem não leva descanso,
D'escontra onde ia a barca
indo-se abaixando o sol
tudo se fazia triste
Da barca levantam remos
começaram os remeiros
«*Que frias eram as aguas!*
Dos outros bancos respondem;
senão quem a vontade pôs
Tra la barca lhe vão olhos
Não durou muito, que o bem
Vindo o sol posto, contr'ele,
soltou rédeas ao cavalo
A noite era caláda
e ao compasso dos remos
Querer contar suas magoas
Quanto mais se ia alongando,
dos ouvidos e dos olhos
Assim como ia o cavalo
e dando um longo suspiro
«*Onde magoas levam alma*
E indo assim, por acerto
que estava amarrado á terra
Saltou, assim como ia, dentro
A corrente e a maré
Não sabem mais que foi d'ele
Suspeitou-se que era morto,
que o embarcou Ventura

que leva as águas ao mar,
Não sabe se hade tornar!
ele... leva o seu pesar!
que os seus fôra ele deixar,
descansa em só caminhar.
se ia o sol abaixar:
escurecia-se o ar;
quanto havia de ficar.
e ao som do remar
dos bancos este cantár:
quem as haverá de passar.
«*Quem as haverá de passar*
onde a não póde tirar?»
quanto o dia dá lugar!
não póde muito durar,
soltou os olhos ao chorar,
d'á beira do rio andar.
pera mais o magoar,
era o seu suspirar.
seria areas contar,
se ia alargando o soar;
a tristeza foi igual.
foi pela agua dentro entrar,
ouvía longe falar.
vão também corpo levar!
foi c'um barco n'agua dar,
e o seu dono era a folgar.
e foi a amarra cortar.
acertaram-no a ajudar.
nem novas se podem achar,
mas não é pera afirmar,
pera só [n]isso [o] guardar!

Mais são as magoas, d'amor

do que se póde coidar!

XV :

Egloga II

Interlocutores — Jano, e Franco

1

Dizem que havia um pastor
Antre Tejo, e Odiana,
Que era perdido de amor
Por uma moça Joana:
Joana patas guardava
Pola ribeira do Tejo;
Seu pai acerca morava,
E o pastor, de Alentejo
Era, e Jano se chamava.

2

Quando as fomes grandes foram,
Que Alentejo foi perdido,
Da aldea que chamam Torrão
Foi este pastor fogido:
Levava um pouco de gado,
Que lhe ficou de outro muito
Que lhe morreu de cansado;
Que Alentejo era enxuto
D'agua, e mui seco de prado.

3

Toda a terra foi perdida:
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida;
Vêr Alentejo era um dó;
E Jano pera salvar
O gado que lhe ficou,
Foi esta terra buscar;
E se um cuidado levou,
Outro foi elle lá achar.

4

O dia que alli chegou
Com seu gado, e com seu fato,¹
Com tudo se agasalhou
Em uma bicada de um mato,
E levando-o a pascer,
O outro dia, á ribeira;
Joana acertou de hi vêr,
Que se andava pola ribeira
Do Tejo a flores colher.

5

Vestido branco trazia;
Um pouco afrontada andava;
Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava.
Jano em vendo-a foi pasmado;
Mas por vêr que ella fazia,
Escondeo-se entre um prado.
Joana flores colhia,
Jano colhia cuidado.

6

Depois que ella teve as flores
Já colhidas, e escolhidas
As desvairadas cores
Com rosas entremetidas,
Fez dellas uma capella,
E soltou os seus cabellos
Que eram tão longos como ella,
E de cada um a Jano em vellos
Lhe nacia uma querella.

7

E em quanto a questo fazia
Joana, o seu gado andava
Por dentro da agoa fria
Todo ápos quem o guiava.
Um pato grande era guia,
E todo junto em carreira,
Hora rio acima ia,
Hora na mesma maneira,
O rio abaixo decia

8

Joana como assentou
A capella, foi com a mão
A' cabeça, e atentou
Se estava em boa feição:
Não ficando satisfeita
Do que da mão presumia,
Partio-se dalli direita
Pera onde o rio fazia
D'agoa uma mansa colheita.

¹ Importante pelos elementos auto-biográficos que encerra.

² Cousas do uso pessoal dos pastores, muito usado pelos Quinhentistas.

9

Chegando á beira do rio
As patas logo vieram
Todas uma, e uma, em fio,
Que toda a agoa movêram :
De quanto ella já folgou
Com aquestes gasalhados
Tanto entonces lhe pesou,
E com pedras, e com brados
D'alli longe as enxotou.

10

Depois que ellas foram idas
E que a agoa assossegou,
Joana as abas erguidas
Entrar pol'agoa ordenou ;
E assentando-se, então
As çapatas descalçou
E pondo-as sobre o chão
Por dentro d'agoa entrou,
E a Jano polo coração.

11

Em quanto com passos quédos
Joana pola agoa ia,
Antre uns desejos e medos
Jano, onde estava, ardia ;
Não sabia se falasse,
Se sahisse, se estivesse,
Que o amor mandava que ousasse,
E porque a não perdesse
Fazia que arrecesse.

12

Dizem que'naquesto meio
Se esteve Joana olhando,
E descobrindo o seu seio,
Olhou-se, e disse, um ai dando :
Eu guardo patas, coitada,
Não sei onde isto ha d'ir ter,
Mais era eu pera guardada,
Que concerto foi este ser
Fermosa e mal empregada !

13

Em aquisto Jano ouvindo,
Não se pôde em si sofrer,
Que d'antre as ervas sahindo
Se não lançasse a correr :
Joana, quando sentiu
Os estrompidos de Jano,
E que se virou, e o viu,
Temor do presente damno
Lhe deu pés com que fugiu.

14

Mui perto estava o casal
Onde vivia o pai della,
Que fez ir mais longe o mal,
Que Jano teve de vê-la :
Mas o medo que causou,
Joana partir-se assi,
Tanto as mãos lhe embaraçou,
Que a çapata esquerda, alli,
Com a pressa lhe ficou.

15

Jano quando viu, e olhou
Que nenhum remedio havia
Pera o lôgar se tornou
Aonde ella n'agoa se via ;
E vendo a çapata estar
No areal, á beira d'agoa,
Foi correndo a abraçar.
Tomando-a, cresceu-lhe a magoa
E começou de chorar.

16

Toda, a çapatar os peitos,
Em lagrimas se banharam.
Muitos foram os respeitos
Que tanto choro causaram.
Encostado ao seu cajado,
A çapata na outra mão,
Depois de um longo cuidado,
De dentro do coração
Começou falar, cansado :

17

JANO

Despojo da mais fermosa
Cousa, que viram meus olhos.
Pera elles sois uma rosa,
E pera o coração abrolhos :
Çapata, deixada aqui,
Pera mal de outro môr mal,
Quem te leixou, leva a mi;
Que troca tão desigual
Mas pois assim é, seja assi.

18

Agora hei vinte e um annos,
E nunca inda té agora
Me acorda de sentir damnos,
Os deste meu gado em fora ;
Hoje, por caso estranho,
Não sei em que hora aqui vim,
Cobrei cuidado camanho,
Que aos outros todos pôs fim ;
Eu mesmo a mim mesmo estranho.

14

19

Antes que este mal viesse,
Que me tantos vai mostrando
Que alguns cuidados tivesse
Não me matavam cuidando:
Agora por meus peccados,
E segundo em mim vou vendo,
Não podem ser outros fados;
Meus cuidados não entendo,
Morro-me assim de cuidados.

20

Dentro de meu pensamento
Ha tanta contrariedade,
Que sento contra o que sento ¹
Vontade, e contra vontade;
Estou em tanto desvairo,
Que não me entendo comigo.
Donde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo,
E muito mór o contraíro.

21

Quem me trouxe a esta terra
Alheia, onde guardada
Me estava camanha guérta,
E a esperança levada?
Comigo me estou espantado
Como em tão pouco me dei,
Mas cuidando n'isto estando
Os olhos com que outrem olhei
De mim me estavam vingando.

22

E por meu mal ser mór inda
De mim tenho o agravo. mór,
Que da minha magoa infinda
Eu fui parte, e causador;
Que se me não levantara
D'antre as ervas onde estava,
Mais dos meus olhos gosara,
E já que assim se ordenava
Isto ao menos me ficara.

23

Desastres, cuidava eu já
Quando eu ontem aqui cheguei,
Que a vós, e á ventura má,
Ambos acabava; e errei:
Triste que me parecia,
Que o meu gado remediado
Comigo bem me haveria,
E estava-me ordenado
Est'outro mal que indo havia.

24

O mal, não vos sabe a vós
Quem me vós a mim causou,
tristes dos meus olhos sós,
Que trouxeram, aonde estou,
Olhos a certo lugar.
Ribeira, mór das ribeiras
Que levam as agoas ao mar,
Vós me sereis verdadeiras
Testemunhas de pezar.

.....
.....

Bernardim Ribeiro, *Obras*, ed. 1852, 280-287.

XVI ²

Egloga Cristal

AUTOR

1

Antre Sintra, a mui prezada,
e serra de Riba-Tejo,
que Arrábida he chamada,
perto d'onde o rio Tejo
se mette nagoa sa'gada,
ouve um pastor e pastora,
que com tanto amor se amárão,
como males lhe causárão
d'este bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cuidárão.

2

A ella chamavão Maria,
e ao pastor Crisfal,
ao qual de dia em dia
o bem se tornou em mal,
que elle tão mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentião,
que o dia, que não se vião,
se via na saudade
o que ambos se querião.

¹ Igual a *sinto*, 1.^a p. s. do ind. pres., como *mento* de mentir.

² Texto da ed. de Epifânio.

3

Algũas horas falavão
andando o gado pacendo,
e então apacentavão
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavão.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidado
de guardar melhor, que o gado,
o que lhe Crisfal dizia;
mas em fim foi mal guardado.

4

Que depois de assi viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
em fim se ouve de saber
por Joana, outra pastora,
que a Crisfal queria bem.
— Mas o bem, que a tal vem,
não ser bem maior bem fôra,
por não ser mal a ninguem. —

5

A qual logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.
Crisfal não era então
dos bês do mundo abastado
tanto como do cuidado,
que por curar da paixão
não curava do seu gado.

6

E como em a baixeza
do sangue e pensamento
he certa esta certeza
cuidar que o merecimento
está só em ter riqueza,
enquerirão que teria
e do amor não curarão,
em que bem se descontarão
riquezas que faleirão
por males que sobejarão.

7

Então descontentes d'isto
levarão-na a longes terras,
escondêrão-na antre serras
onde o sol não era visto,
e a Crisfal deixarão guerras.
Além da dor principal,
pera mor pena lhe dar
puserão-no em lugar
mao pera dizer seu mal,
mas bõo pera o chorar ¹.

FALA CRISFAL

24

.....
Companheiras do meu mal,
agoas que d'alto correis,
onde caís desigual,
parece que me dizeis:
Porque não choras, Crisfal?
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noute sonhei,
com o qual tal dor tomei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

25

Depois de ontem deixar
de vos contar os meus males
ful-me cá baixo deitar
no mais baixo d'estes valles
antre pesar e pesar.
Onde depois que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastados muitas rezões,
mudei os meus pensamentos
em minhas contemplações.

26

Contente de descontente
a noute sendo calada,
como he certo em quem sente,
não ficou cousa passada
que me não fosse presente.
Vindo-me á memoria dar,
Quando andava com o gado
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir desejar
de mim pouco desejado.

¹ Suprimem-se por não importarem essencialmente ao sentido as ests. 8 a 23.

27

E crendo que aproveitasse
 pera meu contentamento
 se eu com ella sonhasse,
 deu-me lugar meu tormento
 que algum pouco repousasse.
 E como cansado estava
 do que no dia passei,
 a dormir pouco tardei,
 e adormecido sonhava
 o que vos ora direi.

Sonho

28

Sonhava, em meu sonhar,
 onde dormindo estava
 alli velando estar,
 quando da parte do mar
 grão vento se alevantava
 e qual com tal sobresalto
 chegava onde eu jazia,
 que da terra me erguia
 em tanto extremo alto,
 que a vista me fallecia.

29

Vendo-me em lugar tal
 baixei os olhos á terra;
 vi craro'dia, não al,
 e os valles e a serra
 tudo julguei por igual;
 mas como aborrecido
 tanto da vida andasse,
 que meu mal já dessejasse.
 temor tão pouco temido
 não creio eu que se achasse.

30

Depois de me ter mostrado
 este perigo de morte,
 á terra mais abaixado
 contra a parte do norte
 sonhava que era levado.
 Antre o Tejo e Odiana
 era o meu caminhar,
 donde poderei contar
 se o que notei nom me engana
 cousas bem pera notar.

31

Porque vi muitos pastores
 andar guardando seus gados,
 vestidos d'alegres cores,
 bem fóra dos meus cuidados,
 mas não dos seus amores,
 não querendo mais averes,
 nem querendo mais riqueza,
 por que amor tudo despreza;
 mas todos os seus prazeres
 forão pera mim tristeza.

32

Em hum valle descontente
 estar Natonio vi,
 d'estes assaz diferente,
 que casi o não conheci
 sendo bem meu conhecente,
 —aqueste lie o pastor
 que já veio aqui buscar-me
 nom mais que por consolar-me,—
 e vi-o com tanta dor,
 que dor me dá o lembrar-me.

33

Chorando lagrimas mil
 estava comsigo só,
 ao modo pastoril
 de dó bem pera aver dó
 tinto o ábito vil.
 Em hũa frauta tanhendo
 ao pé de hu'arvore estava;
 desde da boca a tirava,
 de dentro d'alma gemendo
 em vez de cantar chorava.

34

Quisera-o eu consolar,
 mas em cujo poder ia
 não me deu a mais lugar
 que ouvir-lhe que dizia
 «O' Gulomar, Gulomar,
 em vós pus minha esperança;
 e quanto ella encobre
 agora em dor se descobre;
 perigos de confiança
 fizerão do rico pobre».

35

Assi, por elle passando
«Natonio tenhas prazer»
lhe dixе grão brado dando,
tê o da vista perder
os olhos nelle deixando.
Deos lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na tristura;
em que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

36

D'aqui fomos percorrendo
até o Tejo passar,
a agoa de quem eu vendo
mê foi dor sobre dor dar
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança d'ella.
Virada foi minha face
pera onde o gado paze
da grande serra da Estrella
da qual o Zezare nace.

37

Posto no seu alto cume
deixarom-me alli estar,
e meu coração présume
que foi por me magoar,
como tinham por costume.
D'alli os pães semeados
ver a meus olhos deixarom,
que por não grados julgarom,
mas, posto que forão grados,
eu sei que não me agradarom.

38

Já o sol se encobria
a este tempo e mais
ficando a terra sombria,
e o gado aos currais
já então se recolhia.
Ouvi cães longe ladrar
e os chocalhos do gado
com hum tõe tão concertado,
que me fizerom lembrar
de quanto tinha passado.

39

Por mais minhas queixas vãs
vi berrar o gado moucho
cuberto de finas lãs
e assoviar o moucho
com o triste cantar das rãs.
Já as serranas ao abrigo
se ião, os prados deixando,
as mais d'ellas suspirando;
hũa dizia «Ai, Rodrigo!»,
outra dizia «Ai Fernando!»

40

Hũa ciumes temia
outra de si tem receo;
hũa ouvi que dizia
«Quão asinha a noite veol»
outra «Já tarda o dia».
E por este experimento
foi amor de mim julgado
por nom menos occupado
do que he o pensamento,
que nunca está descansado.

41

Antre estas, só, saudosa
vi antre duas ribeiras
hũa serrana queixosa
cercando hũas cordeiras,
—sendo cordeira fermosa—
como alli tem por uso
em hũa roca fiando;
mas, como que ia cuidando,
cahia-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.

42

Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino ¹:
«Yo me yua, la mi madre,
a sancta Maria del pino» ²
O vestido lhe ouvi,
e vi que era hum brial
de seda e não de saial ³,
a qual eu afigurei
a Menga, la del boscal ⁴.

¹ Como se sabe Th. Braga leu *cantar cantou de ledino* e entendeu por isso um canto popular, de romarias e festas aos Santos. Veja-se Leite de Vasc. *Notas Filológicas*, 13; e Júlio Moreira, *Estudos*, II, 138.

² Estribilho tal qual em Barbieri, *Canç. Musical dos sécs. XV e XVI*, Canção 380, Madrid, 1890.

³ Opõe o *brial*, vestido de mulher, de seda ou rico estofo ao *saial*, de tecido grosseiro, próprio das serranas.

⁴ *Menga*, equivalente a *Domingas*; do *boscal*, i. é., do *Boscal*? nome próprio de lugar, para a distinguir de outras mulheres do mesmo nome? Cfr. Barbieri *loc. cit.* Canção 350 «*Es Mengua la del vocar* 1».

43

Depois d'acabar seu canto
 dizia: «Ninguém me crea
 por me ver alegre tanto;
 visto-me á vontade alhea,
 e o meu cantar he pranto;
 anda a dor dessimulada,
 mas ella dará seu fruto;
 a minha alma traz o luto;
 de pouco são esposada,
 mas descontente de muito.

44

Troquei amor por riqueza
 porque mo trocar fizeram;
 mas bem pago esta crueza,
 que, em que cem contos me derom,
 descontarão-se em tristeza:
 meu esposo abarreço,
 quando me a lembrança vem
 do primeiro querer bem
 ninguém venda amor por preço,
 pois elle preço não tem.

45

Não tenho que lhe falar,
 se não são cousas passadas;
 se lhe estas quero contar,
 vão ser todas namoradas
 pera o pouco namorar.
 Fôra elle o meu amor,
 e vivêra eu pobremente!
 Que grande engano de gente!
 Que pobreza ha i maior
 que a vida descontente!

46

Quando com elle me assento
 mil vezes cáio em mingoa,
 porque, por esquecimento,
 falando descobre a língoa
 o que está no pensamento.
 Faz-nos isto então ficar,
 eu muda elle mudado:
 ama-me como he amado;
 pera me d'isto guardar,
 por bem ei o guardar gado.

47

Maria perdi, mesquinha;
 logo, em sermos apartadas,
 do meu mal fui adevinha.
 Melhor sejam suas fadas
 do que foi a fada minha.
 Deos a dê ao seu Crisfal
 por ambos contentes ser:
 e mais não lhe quero ver,
 mas já sei pello meu mal
 o bem d'outrem escolher.»

48

Quando a eu assi ouvi
 doer-se da minha pena,
 com novos olhos a vi,
 e então que era Elena,
 minha amiga conheci.
 Esta pastora e dama
 certo que melhor lhe ia,
 quando a cantar ouvia
 dando fé que em sua cama
 o velho não dormiria.

49

Pena me deu de não crer
 vel-la em tal tristeza posta;
 quisera-lhe eu responder,
 mas trespôs hũa trespоста,
 pelo qual não pode ser.
 Depois de ver me sem vel-la
 os meus olhos me chorarão;
 quantas cousas lhe lembrarão
 que antre mi, Maria, e ella
 em outros tempos passarão!

50

Desque aqui com meu cuidado
 me estive fazendo guerra,
 sendo o dia já passado
 vi-me levado da terra
 contra as nuvês alçado.
 Então, como ave voante,
 de quem me alli trouxera
 sonhei que levado era
 contra onde a tarde ante
 o sol vi que se posera.

51

Indo nam com menos dor,
em que já com mais sossego,
os ventos me forão por
depois de passar Mondego
sobre as serras de Lor.¹
Vão ali grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de souts cubertas,
aos naturais estranhas
mas á saudade certas.

52

Junto de hũa fonte era
o lugar onde fui posto,
onde se-lo não quisera,
sendo bem lugar de gosto
pera quem gosto tivera;
mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me não fez contente,
que nisto o magoado
he como o muito doente.

53

Cuberta era a fonte
de tão fresco arvoredó,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte;
a noite de vento muda,
como saudade escolha,
e, porque mais prazer colha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha.

54

Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
sonhava que acordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo só por verdadeiro
ao pé de hum castanheiro
me pus triste assentado
ouvindo o tço de hum ribeiro.

55

Meus olhos e eu passámos
alli a noute em clamores
até que ao tempo chegámos
a que nós outros pastores
o dilúculo chamamos.²
Naqueste tempo corrompe
a ave que chamão real³
o silencio de seu mal,
que he quando a alva rompe
e ó dia faz signal.

56

Então porque tudo fale
contando as mais paixões
que rezão he que não cale,
ouvi gritar huns pavões
lá no mais baixo do valle;
tras isto pouco tardando,
hum doce cantar ouvia,
que na minha alma cahia,
o qual eu bem escutando
entendi que assi dizia.

57

Cantiga

Não sei para que vos quero,
—pois me d'olhos não servís,
olhos, a quem eu tanto quis!

58

Volta

Pera ver me fostes dados;
vós só a chorar vos déstes,
e se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizestes;
desque nelles me pusestes,
do descanso me fogis,
olhos, a quem eu tanto quis!

¹ Note-se o artificio literário, de que há outros exs., da divisão da palavra *Lorvão*.

² O romper da manhã.

³ E' o roussinol. Uma filha dum rei de Atenas metamorfoseou-se nessa ave, donde o epíteto de *real*.

59

Meus olhos, por muitas vias
usais comigo cruezas;
tomais as minhas tristezas
pera vossas alegrias;
entrão noites, entrão dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos, a quem eu tanto quis!

60

Quando vós primeiro vistes,
que não me era bõo sabieis;
mas, por gozar de que vieis,
em meu dano consentistes;
o que então me encobristes
agora m'o descobris,
olhos, a quem eu tanto quis!

61

Ando-vos a vós buccando
cousas que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
tristezas me andais tornando;
agora vou-vos cantando,
vós a mim chorando me is,
olhos, a quem eu tanto quis!

62

Fim

Quem o que digo cantava,
desque o cantado teve,
não sei o que o causava,
mas espaço se deteve,
assi como que cuidava;
depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou
e este cantar começou,
o qual devia de ser
aquillo em que cuidou.

68

Cantiga

Como dormirão meus olhos!
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.

64

Volta

Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir
nunca a pude dormir,
de ser muito acordada;
dos meus olhos foi velada;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?

65

As horas d'ella cuidel
dormi-las; forão veladas;
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noutas passadas
neste pensamento vão,
pois que vela o coração.

66

Passaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós sereis desamados.
Em meus olhos agravados
vereis se tenho razão,
pois que vela o coração.

67

Fim

Como a cantiga mostrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava;
porque, de quem ser podia,
então sospeita meu deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria
ou a do desejo meu.¹

¹ *Desejo*, com 2 ss representa a pronúncia originária conforme a etim., do L. pop. *dissidium*. [Epifanio].

68

Com hum temeroso prazer
que soe ter quem desseja,
dessejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.
Neste desejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deos ser ella pedindo,
vi-a vir o vale acima
em seu cantar prosiguinto.

69

Muito a vi eu mudada,
mas com tudo conheci
ser a minha dessejada
a quem, assi vendo, vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar penoso
e passadas esquecidas
ao tão d'elle medidas,
vestida vir de arenoso,¹
as mãos nas mangas metidas.

70

Hũa coisa não lavrada,
antes sem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
hũa talhinha pedrada
ou hum pedrado atanor.²
Quisera-a ir receber
vendo-a ante mim presente,
mas não pude de contente,
que indo pera me erguer,
de prazer me achei doente.

71

Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava
e vi que aquella hora
comigo emparelhava;
dando huns mui doces brados
saídos do coração,
á cantiga vinha então
«Em meus olhos agravados
vereis se tenho razão».

72

Ao que eu responder
me lembra: «São agravados?
Podem logo os meus dizer
que são bemaventurados,
pois que vos poderão ver».
Como ella em me ouvir
grão sobresalto sentisse,
quis fogir; mas quem lhe disse
que se posesse em fogir,
lhe fez com que não fogisse.

73

Nas molheres o temor
tanto o poder empede,
quanto o medo maior for,
e contra donde procede,
os olhos costumão pôr.
Ella, fazendo assim,
vendo-me ficou mudada;
depois, já em si tornada,
se chegou mais pera mim
a ser bem certificada.

74

Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lágrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, sem nada dizer.
Eu lhe disse: «Meu desejo»
— vendo-a tal com ássaz dor —
«desejo do meu amor,
crerei eu ao que vejo
ou crerei ao meu temor?»

75

A isto, bem sem prazer,
me tornou então assim
com voz de pouco poder:
«Crisfal, que ves tu em mim,
que não seja pera crer?»
Eu lhe respondi: «Perder-vos
de vos ver por tanto anno
faz-me assim temer meu dano,
que vejo meus olhos ver-vos
e temo que me engano».

¹ De côr da areia.

² Vasilha de barro.

76

«Pois crê certo que esta são»
 — deu a isto por reposta,¹
 ainda que alegre não —
 «e quem em tal dor he posta,
 • que d'ella não crerão!
 Bem he de crer o meu choro
 a que tu causa me déste:
 não t'espante o que fizeste,
 que quem me pôs neste foro
 tu es o que me poseste.

77

Por ti vim eu desterrada
 a estas estranhas terras
 de onde eu fui criada,
 e por ti antre estas serras
 em vida são sepultada,
 onde a se me perderem
 a frol dos annos se vão;
 ora julga se he rezão
 das minhas lagrimas serem
 menos d'aquestas que são».

78

Depois que isto falou,
 como quem em si respelta,
 as mãos ambas ajuntou
 e postas na face direita
 dizer assi começou:
 «Sobre o muito que perdi,
 nenhuma cousa duvido
 em ter o saber perdido,
 pois tão mal me defendi
 do que me era defendido».

79

Eu lhe perguntei a-hora
 mui triste de assi a ver:
 «Quem teve tanto poder,
 que tenha poder, senhora,
 de nada vos defender?
 Respondeo por antre dentres,
 como fala quem se peja:
 «Dir-t'o-ei, em que erro seja:
 defendem-me meus parentes
 que te não fale nêem veja.

80

E, Crisfal, he-me forçado
 fazer a vontade sua,
 porque lh'ó tenho jurado
 e tambem porque da tua
 o certo me tem mostrado;
 que me dão certa certeza
 porque fazem conhecer-me,
 o que eu ei por grão crueza,
 o amor que mostras ter-me
 ser só por minha riqueza».

81

Ouvir-lhe eu isto me era
 passar o trago mortal,
 que não ha cousa tão fera
 como he achar-se o mal
 onde o bem achar-se espera.
 Vendo já que estava posta
 em o que eu não esperel,
 com minha dor trabalhei
 por lhe dar esta resposta
 que me lembra que lhe dei.

82

«Ó Maria, ó Maria,
 brando achára meu mal,
 se, pera minha alegria,
 vos vira a vontade tal
 como me ella ser devia.
 Mas não he nova usança,
 quem grande bem esperou
 não ver o que-desejou.
 Muito pode a mudança,
 pois que vos tanto mudou!

83

Quem poderia sospeltar
 que no amor e na fé
 me avleis de faltar!
 Mas pois isto assi he,
 tudo he pera cuidar.
 Pois, por mais mal que se guarde,
 sempre será meu amor
 como a sombra, emquanto eu for:
 quanto vai sendo mais tarde,
 tanto vai sendo maior.

¹ Dacordo com a etim. — *reposita*.

84

Quando vos dei a vontade,
inda vós ereis menina
e eu de pouca idade;
mas cahio minha mofina
sobre a minha verdade.
Muito vos quis bem primeiro
que de riquezas soubesse;
pois meu amor verdadeiro,
de quem só sois interesse,
quem me faz interesseiro.

85

Sobre a terra anda o gado,
e sobre ella ouro e riqueza;
mas pera que he desejado?
que em fim não tira tristeza
e acrescenta cuidado.
Não sei em que se encerra
ser esquecida e estranha
esta verdade tamanha,
cá fica o aver na terra,
e amor a alma acompanha.

86

Nuns neste mundo nacemos
e nuns sairemos d'elle;¹
neste meio que vivemos
só o rico he aquelle
que ser contente sabemos.
É que grandes bões vos dessem
aquelles que vo-os derão,
eu sei bem que nuns nacerão,
e antes que os tivessem
he certo que não tiverão.

87

Pois se isto he assi
e o eu tambem conheço,
como se crerá de mim
que soffrer o que padeço
pode ser a este fim?
Cuidar que cuidado tinha
das vossas riquezas grossas!
Nas cousas passadas nossas
vereis ser riqueza minha
vós, que não riquezas vossas.

88

Mas que fosse assi e mais,
que remedio vos dão,
com quem conselho tomais,
á grande obrigação
em que a Deos me estais?
que não são casos pequenos
pera que a alma não doa.
Respondeo: « Essa he boa!
Dizem que isso he o menos,
que Deos que tudo perdoa.

89

E dizem que eu moça era
ao tempo que isso foi ser;
como tempo de crescer
tinha, que assi justo me era
te-lo de me arrepender.
Isto e mais se me diz,
— crê que te falo verdade, —
que não tinha liberdade,
pera fazer o que fiz,
por minha pouca idade.

90

Então me mândão que meça
amor com quão longe estamos,
pera que mais não me empeça,
e, se prazeres passamos,
os dessemule e esqueça
e que então me buscarão
hum mui grande casamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão,
e que o mais crea que he vento.

91

E eu de mui esquecida
vou-lhe fazer o contrairo!
A ser tal culpa sabida
sei certo que este desvairo
pagarei com minha vida.
É em isto ser assi
assaz de rezão seria,
pois tão mal naqueste dia
o seu mandado compri
como o que me a mim compria.

¹ Dístico que traduz exactamente Job I, 21.

92

Não te veja aqui ninguém ;
vai-te, Crisfal, d'esta terra ;
não quero teu querer-bem,
porque me não dê mais guerra
da que já dado me tem ».
Em lhe isto eu ouvindo
fui pera lhe rêsponder,
mas, depois de o dizer,
contra d'onde tinha vindo
se me tornou a volver.

93

Dei hũa voz mui dorida :
« Porque me negais conforto,
alma desagradecida ? »
Então cahi como morto ;
oxalá perdêra a vida !
Não sei eu o que passou
em quanto isto passei,
mas junto comigo achei
quem me este mal causou,
depois já que em mim tornei.

94

E dizendo: « Ó mezquinha !
como pude ser tão crua ! »
bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua
e a sua face na minha.
Lágrimas tinha choradas,
que com a boca gostei,
mas, com quanto certo sei
que as lágrimas são salgadas,
aquellas doces achei.

95

Soltei as minhas então
com muitas palavras tristes,
e tomei por concrusão :
« Alma, porque não partistes ?
que bem tinheis de rezão ».
Então ella assi chorosa
de tão choroso me ver,
já pera me socorrer
com hũa voz piadosa
começou-me assi dizer :

96

« Amor de minha vontade,
ora nom-mais, Crisfal manso,
bem sei tua lealdade :
Jesu, que grande descanso
he falar com a verdade !
Eu sei bem que não me mentes,
— que o mentir he diferente ;
não fala d'alma quem mente ;
Crisfal, não te descontentes,
se me queres ver contente.

97

Quando contigo falei
aquella ultima vez,
o choro que então chorei,
que o teu chorar me fez,
nunca o eu esquecerêi.
Foi esta a vez derradeira,
mas começo da paixão
passando-me eu então
para o Casal da Figueira
do Val de Pantaleão.

98

Minha fé te he verdadeira :
no mal que te fiz o vi,
porque em fim á derradeira
não quero mal contra ti
que o meu coração queira.
Por me ver livre de dor
deixára eu de te querer,
se o podera fazer ;
mas poder e mais amor
não podem estar num poder ».

99

Neste passo acordei eu ;
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento,
qual nunca cousa me deu.
Não sei eu que a Deos custava,
porque não me outorgára
que nesta gloria ficára,
ou, pois já que acordava,
que d'isto não me acordára.

100

Assi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os sinos dóbrão a pares,
morreo meu contentamento
dobrarão-se meus pesares.
Por quão grão dita tivera,
se por dar fim á tristura
eu n'este tempo morrêra !
Sabe Deus que eu bem quisera,
mas não quis minha ventura.

101

Não vos posso mais contar,
agoas minhas, minhas agoas,
que não me deixa o pesar.
Ora choral minhas maguas,
que bem são para chorar ;
que em que cem olhos tivera,
como teve Argos pastor,
da vaca lo guardador,
mais olhos mister ouvera
pera chorar minha dor.

102

Por me isto alembrar,
não vos pareça estoria,
que as cousas de muita gloria,
como as de muito pesar,
recebe bem a memoria.
Por sonho ante vós ponho
o que eu velando vi ;
por meu mal foi todo assi ;
mas seja para vos sonho,
pois sonho foi pera mim ».

103

Isto que Crisfal dizia,
assi como o contava,
hũa ninfa o escrevia,
num alemo que alli estava,
que ainda então crecia.
Dizem que foi seu intento
de escrevê-lo em tal lugar
pera por tempo se alçar
onde baixo pensamento
lhe não podesse chegar.

104

Eu o treladei d'alli,
donde mais estava escrito
que aqui não escrevi,
porque mal tão infinito
não se lhe pode dar fim.
O que se fez de Crisfal
não sabe certo ninguém :
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem.

XVII

Carta a António Pereira, Senhor de Basto,
quando se partio para a Corte

Este António Pereira era o irmão mais velho de Nuno Alvares Pereira, filho de João Rodrigues Pereira, de alcunha o *Marramaque*, senhor de Cabeceiras de Basto. Segue-se a ed. da Sr.^a D. Carolina Michaëlis.

1

Como eu vi correr pardaos ¹
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tam maos
Tal trilha, tamanho rasto,
Nesta ora os olhos ergui
A' casa antiga e á torre
Dizendo comigo assi:
Se nos deus não val aqui,
Perigoso imigo corre!

2

Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa,
E que algum embique ou caia!
O' longe va, mau agouro
Falar por aquella praia
Na riqueza de Cambala,
Narsinga das torres de ouro.

3

Ouves, Viriato, o estrago
Que ca vai dos teus costumes:
Os leitos, mesas, os lumes,
Tudo cheira: eu olhos trago,
Vêm outros, trazem perfumes.
E aos bons trajos de pastores
Em que saistes ás pelejas
Vencendo tais vencedores,
São trocados os louvores,
São mudadas as invejas!

4

É entrada polos portos
No reino crara peçonha
Sem que remedio se ponha.
Uns doentes, outros mortos,
Outro polas ruas sonha.
Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,
Vencer caje á natureza.
Medo hei de novo a riqueza
Que nos torne a cativar.

5

Penedos sobre penedos
De que as serras cá são cheas,
Vistas se vos fazem feas.
Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas ²
A quem, nos convites dado ³
A provar se lhe aprovesse,
Depois, nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) *enforcado*
Quem a forza assi merecesse.

6

A's vozeiras montarias
Derribar aves que vão
Cantando inverno e verão,
Que al é se não remir dias
Do enfadamento aldeão?
Que trabalhosos concertos
Os de vilãos mal criados,
Os de vilãos mal cubertos,
Os de vilãos pouco certos,
Muito desarrezoados.

¹ Antiga Moeda da India.

² Ministro de Pirro, rei do Epir.

³ Banquetes.

7

Direis, e não vo-lo nego;
 Porem quereis que vo-lo diga?
 Este mundo é armado em briga,
 Não achais nele asossego
 Nem naquela ermida antiga.
 Mas porem ha differenças
 Antre o de ca e de la:
 Ca nas mais das desavenças
 Vos ereis o das sentenças,
 La embaixo outrem as dá.

8

Em troca tereis manjares,
 Composições delicadas,
 Uas sobre outras grosadas,
 Por perigos, por pesares
 Primeiramente compradas.
 Convites de quem convida!
 Amostrarão vos suas tendas:
 Quanta cousa é i perdida!
 Ceas imigas da vida,
 Imigas más das fazendas.

9

De isto o cheiro, de isto a cor
 Que não tem preço igual.
 Milagres de Portugal!
 Cousas de tanto sabor,
 Todas a saberem mal,
 Onde se ha de lançar tanto?
 Aquilo é pagar o pato!
 Em fim, quando me levanto,
 Ou hei de morrer d'espanto,
 Ou se não me espanto, mato.

10

Que contas vão tam erradas!
 Enfastia o que sobeja!
 Quem come o que não deseja?
 Soão ser as convidadas
 Vontades, agora é inveja.
 Entra connosco a manhã,
 E' ja dia, e pedis velas.
 A tal cea cortesã
 Quanta inguarla vã
 A fora a das escudelas.

11

Os bons convites antigos,
 Antes de se tudo alçar,
 Erão pera conversar
 Os parentes e os amigos,
 Que não pera arrebentar,
 E de viver juntamente
 Houverão convites nome,
 Soltos ós olhos da gente
 Que vissem quam santamente
 Ali se matava a fome.

12

Aquela ufana rainha,
 Irmã do vil Ptolemeu,
 Que o rico pendente deu
 Prodigamente á cozinha¹
 De um grande banquete seu,
 Vendo tudo ir se a perder
 Todavia convidava,
 Já porem não de viver,
 Mas de assi juntos morrer
 O's tais convites chamava!

13

Á vossa fonte tam fria
 Da Barroca em julho e agosto
 (Inda me é presente o gosto)
 Quam bem que nos i sabia
 Quanto na mesa era posto!
 Ali não mordida a graça,
 Erão iguais os juizes,
 Não vinha nada da praça,
 Ali da vossa cachaça,
 Ali das vossas perdizes!

14

Ali das fruitas da terra,
 (Que dá cada tempo a sua)
 Colhida á mão cada ãa!
 Nunca o sabor a vista erra,
 Cheirosa, formosa, e nua.
 Oh ceas do paraíso
 Que nunca o tempo vos vença,
 Sem fala da nossa ou riso,
 Nem carregadas do siso,
 Nem danadas da licença!

¹ Alude a Cleópatra que fez dissolver em vinagre uma perola, para dar a beber a Marco António.

15

Des 1, o gosto chamando
A outros mōres sabores,
Llamos pelos amores
Do bravo e furioso Orlando,¹
E da Arcadia os bons pastores.
Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era,
Por meu conto avante fora,
Mas não diz ora com ora;
Vão se como ó fogo a cera!

16

Que troca ver la Pasquinos
Portugueses cento a cento
(Quem o ve sem sentimento?)
Tratar os livros divinos,
Com tal desacatamento!
E o que não podem ousar
De ler se em giolhos não,
(Que graças pera chorar!)
Torcem fazendo falar
O' som da sua paixão.²

17

Esquecidos do conselho,
Pudera dizer mandado,
Sendo por quem foi vedado
No santíssimo evangelho:
O's edis não deis o sagrado.
Almas que ós sonhos andaís,
O muito não o troqueis.
Por nadas, como o trocaís;
As perlas orientais
*O's porcos as não lanceis.*³

De aquelle grande estorço
De atambor que á guerra chama,
Leva o velho, leva o moço;
Primeiro entra em destroço
Que perca de vista Alfama.⁴

20

Ah vida dos lavradores,
Se eles conhecessem bem
As vantagens que têm
Aqueles santos suores⁵
Que santamente os mantêm,
Tratando coa madre antiga
Que de quanto em si recebe
(Não entre engano ou ma liga)
Por seu costume se obriga
A tornar mais do que deve.

¹ Ha uma variante notavel nesta est. 15, que reproduzimos pela sua importancia. Depois do v. «Do bravo e furioso Orlando» acrescenta:

Envoltos em tantas flôres
Llamos os Assolanos
De Bembo, engenho tam raro
Nestes derradeiros annos,
E os pastores italianos
Do bom velho Sannazaro.
Llamos ao brando Lasso
Com seu amigo Boscão
Que honraram sua nação.
Ia-me eu passo a passo
Aos nossos que aqui não vão.

² Allusões a Gil Vicente?

³ Os vv. grifados sam trad. de S. Mat. vii, 6.

⁴ D. João II Lôr Resende, *Cron.* c. 110.

⁵ O célebre bairro de Lisboa.

⁶ Das *Georg*, II, 459 — *Oh fortunatos nimium...*

21

Vedes como aquelles nossos
Antigos padres primeiros
Eão no começo inteiros,
Eão santamente grossos,
Sem mal como os seus cordeiros,
Regidos da natureza;
Não tanto papel escrito
De que um reza e outro reza
Té cansarem sem certeza
Donde jáz sômente o fito.

22

Foi sem malicia e mau erro
A boa idade dourada,
Seguiu logo a prateada;
Não tardou nada a de ferro
Que tudo trouve á espada.
Quanta sombra aqui aparece!
Tapai me a boca com as mãos!
Om atras, que não me esquece,
Tambem por ca adoece.
Vão porem ares mais sãos.

23

Por isso a gentilidade
Com sua filosofia
A deus da saude erguia ¹
Templo fora da cidade
Onde os seus votos he ouvia.
E aquele Virbio a quem ²
Tomara a vida, ja ás festas
Nem ás cidades não vem,
Sempre sô por fora o vêm
Caçando polas florestas.

24

I que encontre um lobo cão,
Um nsoo que se erga em pé,
Isso menos mái não é,
Que onde eles tão bastos são
Que antre eles se dorme e sé. ³
Da cousa má claramente
Logo quem a ave, se vela,
Chega se á que branda sente;
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzela.

25

Nossos maiores se alguem
Louvavão, não de senhor,
Não de rico era o louvor,
Chamavão lhe homem de bem,
E ainda bom lavrador.
A nossa gente que quis
Arremedar nos louvores
Que agora parecem vis,
Aos bons reis Sancho e Dinis ⁴
Chamavão lhe lavradores.

26

Os valerosos romanos
Antes que o tino perdessem,
Donde cuidais que escolhessem
Cincinatos e os serranos ⁵
Que ante si em campo pusessem?
E aquella sua grandeza
Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza
Sobrenomes de riqueza
Não pôs, se não da lavoura.

27

Inda hoje vemos que em França
Vivem nisto mais á antiga;
Na vila o vião se abriga
Onde tem nome e herança,
Vive i da sua fadiga.
Acende a fragoa o ferreiro
O' tempo que o galo canta;
Morde o couro o çapateiro,
Brada co moço ronçeiro
Que saia de baixo da manta.

28

Vive a nobreza por fora
Segura, despovoados ⁶
Corre cos lobos ousados,
Por d'arredor donde mora
Mantem livre o campo aos gados,
Da má gente aventureira
Que ás escuras traz sem trato
Que possa livre quem queira
Cantando ir de noite á feira
Ou dormindo no mulato. ⁷

¹ Esculapio, cujos templos eram nos bosques.

² Virbis = bis — bis = homem duas vezes.

³ Sé de sedef = é, muito frequente em Gil Vicente. Vej. Obras, III, 398.

⁴ D. Sancho o Agricultor ou Povoador e D. Denis, o Lavrador.

⁵ General romano que abandonou o campo pela acção política.

⁶ Despovoados = des povoados.

⁷ Mulo, macho.

29

Bom tempo quando segura
A cabeça se encostava,
Onde o sono a convidava,
Contente de cobertura
Que lhe o ferno ceo dava!
Bebião da agua coas as mãos
Nas fontes inda em velhice,
Milhor que por vasos vãos.
Lavava a agua os peitos sãos
Antes da gargantoice ¹.

30

Natureza nos posera
(Como os olhos nos abriu)
Diante tudo o que viu
Que necessario nos era;
Do mais todo se sorriu.
Como? Na ave ja vezada
A toda delicadeza
E' melhor ajuizada?
Foje a gaiola dourada,
Vai buscar a natureza.

31

Jacob fugindo ao irmão
Que o mal tinha ameaçado,
Que andava assi antre o gado,
Passou o rio Jurdão
Na ajuda do bom cajado.
Como o sol no mar deceu,
Levaria o seu fardel,
Da agua no rio bebeu,
Sobre pedra adormeceu,
Pôs nome ó lugar Betel ².

32

Ua disposição má,
Longa enfermidade e dôr
Que de mal vai em pior,
Onde remedio achará
Se á natureza não fôr?
Leda da minha fadiga
Que em vão tantas rezões gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Is vos apos a madrasta.

33

Por toda esta grande Espanha
Froais que soião chamar ³,
Fez em Pereiras mudar
Não do rei mouro a patranha
Mas vosso antigo solar.
Do qual não ha muitos anos
Um que aqui Braga regeu,
Pondo aparte os longos panos,
O passo dos castelhanos
A' espada o defendeu.

34

Ao reino cumpre em todo ele
Ter a quem o seu mal doa
Não passar tudo a Lisboa,
Que é grande o peso, e com ele
Mete o barco na agua a proa.
E mais is vos muito ao ponto
Pera qualquer apetito.
Então já eu ouvi um conto:
A quem espregia e está pronto,
Não vades mudar o fito.

35

Tereis la conversações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas;
Passarão derivações
Se já a todos são passadas.
Transposerão os amores,
Deixarão o paço ás cegas,
Saem atraves mantedores,
Rousinois asoviadores
Polas hortas d'Enxobregas.

36

Vereis barcos ir a vela
Uns que vão, outros que vêm
Como que desavem
C'ua viração singela;
Tanta força a arte tem;
Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção,
Nas enxarcias dos navios
Volteão como bogios
Inda que vos al pareçam.

¹ Rabelais tirou de português o nome de Gargântua. D. Carolina Michaëlis, *Obras de S. de M.*, 804.

² Quando fugiu de seu irmão Esau, Jacob fundou o lugar de Betel — *Gen.* xviii, 17.

³ Froais — Forjais — Forjases. *Pereiras*, alusão, talvez, ao avô do grande Condestável, D. Gonçalo, arceb. de Braga no meiado do séc. xiv.

37

Não hei por perda esta leve.
 Que sejam palavras tudo
 Mas ó coração acudo.
 Se não, dizei quem se atreve
 A dor esperá-la mudo.
 São elas porem já muitas,
 Fe-las ir crescendo a magoa,
 Lembro vos as vossas frutas!
 Lembro vos as nossas frutas!
 Que andão ja por vossas na agua.

Sá de Miranda, ed. da Sr.^a D. Carolina Michaëlis, 237 a 250.

XVIII

Egloga Basto

Pastores da Egloga: BASTO — representador
 BIEITO } contendores.
 GIL }

1

BASTO

Como corre e como atura
 Quem vai apos o seu gosto,
 Quer por frio, quer quentura
 E no suor do seu rosto!
 Busca ás vezes da má ventura,
 Sem guia e sem esconjuro
 Cos medos se desafia,
 Só vai afonto e seguro
 De noite polo escuro,
 Por montes ermos de dia.

2

Este apetito que digo
 Quem o desse a má maleita,
 Que traz mil artes consigo!
 Guar-te d'ele, que te espreita
 Por dar d'avesso contigo
 Rosto ó si e rosto ó não,
 A fortuna é feita assi;
 Mal a conhece o vilão.
 Cuidas que a tens na mão:
 Está se rindo de ti.

3

Onde quer cho demo jaz! ¹
 Pera haver d'embicar nele;
 Topei c'um lobo rapaz ²,
 Dei me cos meus cães tras ele,
 Tive da fadiga assaz!
 Eis que traspõl, e eis que assoma!
 Desfazia me correndo:
Toma aqui, cão, ali toma.
 Cego da perfla em soma
 Fui me traspondo e perdendo.

4

Isto a quem não acontece?
 Seja porem na má ora!
 Que ha de vir e não se estrece ³.
 Estão se rindo os de fora,
 A nos não no-lo parece.
 A correr e a dar á choca ⁴.
 Este desafia mil;
 Vende aquele, compra e troca;
 Outro traz graças na boca,
 Faz falar se arrabil ⁵.

¹ *Cho*=te o. Era arcaico. As formas dos pronomes eram 1.^a p.—mi, me, m', mh, mos; 2.^a p.—ti, te, t', chi, che, ch', vos; 3.^a p.—x', xi, xe, s', si, se. Cfr. Nohrling na sua ed. das *Cantigas de D. João de Guilhade e Rev. Lus.* ix, 184.

² De *Rapace*, que rouba. Sobre a etim. J. J. Nunes, *Comp. de Gr. Hist.* 377.

³ Derivado do castelhano, verbo imp., esterce—estorce=evita.

⁴ Jogo da bola. Sr.^a D. Carolina Michaëlis, 776.

⁵ Espécie de rebeca usada pelos pastores.

5

Cuida que as namora todas,
 Não sei quem che, por fermoso ¹,
 Vai se às festas, vai se às bodas;
 Tenho me eu co dadivoso:
 Que unta o carro, andão as rodas.
 Grandes cousas, capa em colo
 Conta, (se elas são assi)
 Que me dão volta ao miolo;
 Deve me de ter por tolo,
 Eu a ele outro que si.

6

Como lontra jaz no rio
 Um que o seu gado mal passa,
 Ele pesca, ora co fio
 Ora cana, ora com naça;
 Outra anda sempre em clo,
 (E não sei como se chama),
 Parte e deixa a mulher nova
 Dando voltas pola cama,
 Ele por neve e por lama
 Corre cos seus cães a prova.

7

Vai assi ja muitos dias
 Que não torna atras ninguem;
 Bebemos das bemquerias ²
 Que cada um consigo tem,
 Damos d'essas rezões frias.
 O bom Gil sendo mais moço
 Muita da terra correra,
 Vem um, vem outro alvoroço:
 Co seu fardel ó pescoço
 A ser pastor se acolhera.

8

Ora ele assi pastor sendo,
 Se primeiro andara mal,
 Foi apalpando, foi vendo
 Antre nos que era outro igual.
 Tambem se foi delambendo!
 Uma vez lama, outra peo,
 Sempre homem anda achacado!
 Fez inda mais outro voo:
 Por melhor houve andar soo
 Que assi mal acompanhado.

9

Era grande amigo seu
 Bleito, e vendo a tal mania,
 Consingo acinte la deu.
 Tiverão grande porfia,
 Um rezôis deu, outro deu:
 Não ha quem se não defenda
 A pareceres alheos.
 Antes dez quedas que emenda!
 Contar vos hei da contenda
 Sem meter verbas nos meos: ³

10

BLEITO

Que é isto, Gil, que assi triste
 Te nos fez este ano abril?
 Não sei que demo tu viste,
 Que tu não pareces Gil.
 Di me e u te nos suniste?
 U-lo aquele grande amigo
 U-lo dos bofes lavados
 D'aqueles do tempo antigo?
 Que o siguro e o perigo
 Não mos trazia encubados.

11

Assi tão soo te vieste?
 Tomaste forte borrão!
 Tantos amigos vendeste,
 Por não sei que nem que não,
 Que nem a mi o disseste.
 Ora di me, se te praz,
 Depois de tanto sol posto,
 Tal inchaço inda em ti jaz?
 Arrenega o mal, que traz
 Sempre consigo mao rosto.

12

Tu olhas me de traves?
 Parece que a mal o tomas,
 Mas se tu inda este es,
 Não hei medo que me comas
 Por mais mudado que estês,
 Que inda que certo hajas feito,
 Ûa tamanha mudança,
 Que te tem como desfeita,
 D'este nome de Bleito
 Sequer has de ter lembrança.

¹ Explicado atrás. Igual a é.

² De bemquerer, bemqueria, mas aqui as cabaças de vinho.

³ Apostilas ou notas.

13

Muitas vezes esmagino,
Gil amigo, em ti cuidando,
Na brandura e bom ensino
Que departias estando
Duas oras c'um menino;
Olha bem, olha o que fais,¹
Tinhas tantos de bons modos
Cos iguais e não iguais,
Dés que em ti falem os mais
Quando estavas bem com todos.

14

Que se fez do teu cantar?
Ninguém não cantava assi.
Mas, para que é perguntar
Se não que se fez de ti?
Onde te iremos buscar?
Não ha ora um tanto espaço
Quando Ginebra casou
Com Gregorio teu colação,
Quem teve rosto ós do paço?
Quem tangeu e quem cantou?

15

Morreu do gado miudo?
Foi um andaço geral!
Não se pode lograr tudo,
Virá bem apos o mal.
Sofre, que sofre o sesudo,
Arrenega d's assanhos,
Ja os devias ter provados;
Não são os ma'es tamanhos!
Se não fol o inverno de anhos
Outros virão melhorados.

16

GIL

Seja, amigo meu Bieito,
Essa vinda em hora boa.
Eu digo amigo escolheito
Como quem o leite coa
Que deça limpo ó seu peito,
E, respondendo ó que dizes:
Ves me fardel e cajado
Não vou armando a buizes;
Bem sei que ha muitos juizes,
Ando tras este meu gado.

17

E espreito andando o que quer,
Parece que folga mais
Por agora de pacer
Por estes andurriais.²
Faça como lhe aprouver.
Que por certo homem dirá
Nas cousas que não são certas,
Eis nos ca e eis nos la.
A's vezes no pior se dá
A's vezes tambem acertas.

18

Do mais que pesa e val
(Ca a nos parece nos muito)
Diz Toribio, diz Pascual
Palavras vans e sem fruto,
E ás vezes ainda sem sal.
Quando a bíbora no ar morde,
Por mais peçonha que triaga,
Não temas que inche e que engorde,
Não hajas medo que acorde
Bradando pola triaga.

19

Ves tu cousa que estê queda?
Ora é noite, ora amanhece,
Ora corre ãa moeda,
Ora outra; tudo envelhece,
Tudo tem no cabo a queda.
Nas vilas um baillo danção
Em que todos ó som andão,
Ums ca, outros la se lanção;
Como ó tanger não alcanção
Mais pês nem braços não mandão.

20

Do leite e sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Corre e salta polo prado,
Depois lavra perguçoso,
Tira o seu carro cansado.
Cos dias e co trabalho
O brincar d'antes lhe esquece,
Não é já o que era almalho,³
Venda se pera o talho
Que este boi velho enfraquece!

¹ O que fazes. *Fais* é assim empregado por Gil V.

² Caminhos isolados.

³ Bezerra, novilho.

21

No começo os erros têm
Bom remedio, ao diante
Têm o mau; se não vas bem,
Pior irás mais avante,
Torna atras que te convem,
Não o tenhas por amigo
Que te anda sempre a vontade
Dissimulando contigo.
Olha aquelle dito antigo:
Que enfada muito a verdade.

22

Mal vai quem sempre 'emplora!
E que lingua a dos pastores!
Um olho ri, outro chora,
Este diz que são amores,
Outro mais que é mal de fora.
Um se torce, o outro diz:
(E' mau jogo este das linguas)
Ou tal fiz ou tal não fiz.
A cada canto um juiz!
Entre tanto á praça as minguas.

23

O moço que entra em terreiro
E não toca o chão de leve,
Polo ar voa o pandeiro,¹
E a toda a festa se atreve
Ele só com seu parceiro,
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, va, pase adiante,
Este volte, este espante,
Este dê penas e pene!

24

Mas quem já se vêm das pontas,
Não acha o que soia em si,
Começa entrar noutras contas:
Ouvi já mi'hor e vi,
Suar e passar afrontas.
Vai se o tempo, tudo foge,
Corre o dia apos o dia;
Queres que homem não se anoje?
Que me não conheci hoje
Nua fonte em que bebia.

25

E porque ora te conte
De como te aconteceu:
Quando me eu tal vi de fronte,
Dos olhos agua correu
Mais que corria da fonte.
Passou se me a sede em fim
Que me aquella agua mostrara
E a tal desacordo vim,
Quando já tornei em mim,
Grande espaço o sol andara.

26

BIEITO

Come de toda a vianda,
Não andes nesses entejos,²
Vai te por onde o carro anda,
Tem te ás voltas com desejos.
Passa o mal cedo ou abrandas.
Ves como os mundos são feltos?
Somos muitos, tu só es,
Poucos são os satisteitos.
Um esquerdo, outros direitos,
Parece que anda ao reves.

27

Dia de maio choveu:
A quantos a agua alcançou,
A tantos endoudeceu,
Houve um só que se salvou,
Assi então lhe pareceu.
Dera vista ás sameadas,³
Essas que tinha mais perto,
Viu armar as trevoadas,
Alongou mais as passadas,
Foi-se acolhendo ao cuberto.

28

Ao outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz;
Vinha outro que o 'escornava;
I tambem era o juiz
Que de riso se finava;
Bradava ele: *homens, olhai:*
Ião lhe co dedo ao olho.
Disse então: e assi che val?⁴
Não creio logo em meu pai
Se me d'esta agua não molho.

¹ Noutra poesia chama-lhe adufe. Ambos os termos hoje ainda empregados.

² Aborrecimento ou aversão.

³ Campos lavrados e semeados.

⁴ Veja-se atrás explicado este pron.

29

Apaixonado qual vinha
Achoi num charco que farte.
O conselho havido o tinha,
Molhou se de toda parte,
Tomou a como mezinha.
Como o virão la corrêrão.
Um que salta, outro que trota,
Quantas graças que i fizêrão,
Logo todos se entenderão:
Eis l's, vão nãa chacota.

30

GIL

Tu sabes que eu me abrigara
A esta vida de pastor:
Vinha mul corrido á vara,
Cuidei que era ela milhor
Como quem a não provara.
Determinava de já
Andar tras estas ovelhas.
A conta saiu me má.
Mas fadas vão ea e la
Que bem cho dizem as velhas.

31

Um vento apos outro vem:
Andara muitos lugares,
Vira ja muito, e porem
O que não eisprimentares,
Não cuides que o sabes bem!
Quando. Bieito, ja cuidamos
Que alguma cousa entendemos,
A' cabra cega jugamos.
Achei vos ca fortes amos,
Querem que os adoremos.

32

Para cousas que acontecem,
Quando os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empeçam.
Ao trosquiar achas dono.
A's pressas não te conhecem.
Tudo lhes o demo deu!
Quantos suspiros em vão!
Quando te hão mister, es seu,
Quando os has mister, es teu,
Que não tens amos então.

33

Essa vez que saem á rua,
Estremece toda a aldea,
Eles bebem, homem sua;
Doi lhes pouco a dor alhea;
Querem que nos doa a sua.
Inda que o dano é em grosso,
Poderá o dissimular,
Isto, parceiro, não posso:
O entendimento que é nosso,
Não no-lo querem deixar.

34

Polo qual co meu fardel
Fugi das vossas aldeas;
Não trago nos beijos mel,
Que não são cresta colmeas,
Nem posso ser ministrel.¹
A suidade não se estrece,
Porem sofra o coração,
(Que este é o que mais me empece),
Se outro senhor não conhece
Salvo justiça e rezão.

35

Então queixo me te logo,
Que em casos que a'ontecêrão,
Vi me por eles no fogo,
Bradei, e não me valerão
Nem os brados nem o rogo.
Ali me sai meu quedo
A quedo, e fará um dia
O que outro não fez, e hei medo
De ver môr vingança cedo
Do que já 'gora queria.

36

BIEITO

Trouxeste me ora á lembrança
Aquele amigo fuão
Que, ó tempo d'essa mudança
Tua, foi te assi á mão
Como quem os dados linça.
E lembra me ora bem tudo,
(Que era eu i no tal ensejo
Inda que então me fiz mudo)
Falou te como sesudo;
Parece me ora que o vejo.

¹ Homem de doces palavras. Minestrel i. é., menestrel, trovador.

37

Disse: *muito em pra boa,*
Mas eu antre este meu gado
Dizem, de vespora a nã,
Cada ora me acho enganado.
Não é tudo com o soa,
Dir te hei o que me acontece
Quando n'este vale estou,
Qualquer outro que aparece
Muito milhor me parece,
Não é assi quando lá vou.

38

Agora, Gil, o que eu digo:
 A la fe, que hei mui bom medo,
 Quando debates contigo,
 Que te estém mostrando ao dedo
 Pedro, Giraldo e Rodrigo.
 Não queiras ir muito ao fundo
 Inda que ora tanto entendas,
 Não has de emendar o mundo.
 Nesta só razão me fundo
 Por mais que d'elas despendas.

39

Perigosa é a dianteira!
 Deixa ir diante os mais velhos!
 Com a paixão tençeira
 Nunca hajas os teus conselhos,
 Sempre foi má conselheira.
 Quem consegue traz rancor
 E em espreita anda do mal,
 Nunca lhe falece dor,
 Mas se o bem igual não for,
 Seja o coração igual.

40

GIL

Se cos teus olhos não vejo
 Nem ouço cos teus cuídos,
 Todo o debate é sobejo;
 Reges te por teus sentidos,
 Também polos meus me rejo;
 Comes tubaras da terra,
 Eu não as posso comer:
 Pará que é sobre isto guerra?
 Nem um, nem outro não erra.
 Come o que te bem souber.

41

Não porque cada um faça
 Quanto lhe á vontade vem,
 (Que essa seria má graça)
 Mas entendo o *sabir bem*
 Do que se vende na praça.
 Porque o tempo fez abalo.
 E somos em forte ensejo
 Inda alevanto outro valo
 Que nos doentes não falo
 A que mata o seu desejo.

42

Bem vejo que a verdade era
 Ir polo fio da gente;
 Cos outros te respondera,
 E o amigo e o parente
 Que murmurar não tivera
 Porem assi só não minto,
 Não finjo, não lisonjeo.
 Som farto ou que som faminto.
 Que mal é o meu distinto
 Antes seguir que o alheio?

43

Vou fugindo ás armadilhas
 Que via armar e tecer;
 Não quero ouvir maravilhas
 A's vezes mui más de crer.
 E contão d'elas em pilhas!
 Querem que homem ouça e crea;
 Não ja eu! crea o nosso Jane,¹
 Crea o baboso d'aldea.
 Que traz sempre a boca chea
 Das filhas de dom Beltrane!

44

Olha se a razão concrude:
 Es doente, teu pai não?
 Digo outro tal da virtude:
 Pola ventura es tu são
 Porque teu pai tem saude?
 Não, que cumpre outra mezinha.
 Olhe cada um por si!
 O bem não é como a tinha,
 Não se apaga tam azinha,
 O mal pode ser que si!

¹ Forma pop. equivalente a João.

45

Lê me primeiro outra lenda :
Deixarão te os teus passados
Do gado e vinhas de renda,
Olha que vão misturados
Encargos coa fazenda.
Cumpre a cada um que arrive
Por si se deseja a honra ;
Não dizer : boms donos tive ;
Que quem como elles não vive,
Antes lhe sai em deshonra.

46

BIERTO

Pois contigo a rezão val,
Veamos quem mais conjunta.
Olha que todo animal,
Forte ou fraco, aos seus se ajunta
Por distinto natural.
Voão as pombas em bandas,
Altos vão os groux em haz, ¹
Não querem de nos viandas
Altas andurinhas brandas,
Querem companhia e paz.

47

Toma esemplo no teu fato
Que o trazes junto em rebanho,
Não rez e rez polo mato ;
Te o carneiro tamanho
Se atras fica, é lambiato. ²
Mas inda hão mister mastins,
Inda funda e cajado hão,
Que a estes lobos ruins
Que decem dos montesins ³
Te ajudem sentar a mão.

48

Eu vi ja sobre isto apostas.
Conta se do alifante
O que traz torres ás costas
Que ha mister quem o levante
Se dá consigo de costas.
Se não fosse esta prestança
Da fala e rezão do homem,
Per forças ele que alcança ?
Mister ha fazer liança
Se não maos bichos o comem.

49

Em esta liança tal
Que digo, ainda não meto
Salvante a do meu igual,
Dos outros não me antremeto,
Digo falando em geral.
Como no mundo apontamos,
Tanto que em terra calmos,
Dos choros nos ajudamos ;
Antão para que prestamos ?
Socorro e ajuda pedimos.

50

Fui um dia a villa, Gil,
E logo, ó sair da casa,
Mais verde que um perrexil ⁴
Cuidei que matava a brasa ⁵
De galante e de gentil.
Bem passei cos viandantes
Mas despois la, quando cheas
Vi ruas de outros galantes,
Se eu viera ufano de antes,
Não tornei tal ás aldeas.

51

Dezia um vendo me assí :
Bom vai o do barretinho !
Outros dar os o hos vi,
Outros chamar me ratinho,
Tanto té que me escondi.
Finalmente poi acerto
Vi alguns nossos de ca,
Deixei os chegar mais perto,
Meti me antre eles por certo.
Que tarde me acolhem la !

52

Um bacarote orgulhoso
Deu vista ó gado ovelhum,
De quexiquer espantoso ⁶
Trombejava ele um e um,
Andava todo bravoso.
Vem o lobo um dia e apanha
Pelo pescoço o doudete,
Abrandou lhe aquela sanha,
Brada *ai dos meus* ; em tamanha
Pressa ninguem arremete.

¹ Do lat. *acies*, em bando.

² Partic. irreg. de *lambear* = *lamber* = comer.

³ Logares rusticos.

⁴ Salsa a também da côr de salsa, como aqui.

⁵ Cuidei que excedia a todos.

⁶ O que se quer, qualquer cousa.

53

Vinhão os porcos da aldea
 Mais atras grunhir ouvirão;
 Cada um d' eles esbravea,
 Estes si que lhe acudirão:
 Perde o lobo a sua cea.
 Ele solto, viu que o gado
 De lá branca estava olhando
 De longe, ainda amedrontado.
Antes, disse, ser mandado
Que a tal perigo tal mando.

54

GIL

Falas me nos animais
 A que nós brutos chamamos.
 Que guardão leis naturais,
 Nós outros não-nas guardamos,
 A isso obrigados mais.
 Estes homens com quem tratão,
 Piores que liões bravos,
 Por força tudo rematão;
 Os liões não se resgatão,
 Não se prendem por escravos.

55

Pera que mandem nem rejão,
 Não vão ás aguas tengidas
 Do seu sangue; se pelejão,
 Não alçam forcas erguidas
 Onde ás aves manjar sejão;
 Não têm repartida a terra
 Por marcos tam desiguais
 Onde por possança perra¹
 Um tenha de serra a serra,
 Outro nada ou dous tojais.

56

É cousa pera espantar
 Da irmandade das gralhas
 Que vendo a ãa queixar
 Decem gritando em bata²has,
 Matão se pola salvar.
 O que te digo, é assi:
 Quem diz o que viu, não mente;
 Guar te de embicar aqui,
 Que verás passar por ti
 O amigo e o parente:

57

Que nunca ouvi um rifão
 Mais corrente, mais usado
 Que *darem todos de mão*
Se jaz o carro entornado,
Quantos vêm e quantos vão.
 Falo porem em geral
 Que a alma, dizendo isto, affronta;
 Não quero que cuideis al;
 Amigos do meu sinal
 Não vão eles nesta conta.

58

Andando assi não me empecem
 Maos olhos nem más palavras,
 Nem me empecem se engafecem .
 Por outros fatos as cabras;
 Curo as quando adoecem.
 Porque tudo diga em soma,
 Não me temo que o cabrito
 Me esconda o vizinho e coma.
 Aqui se a paixão me toma,
 Posso cantar voz em grito.

59

Que me não ouça ninguem,
 Sômente as aves (que tais
 Duas vantagens tem
 D'esses outros animais,
 Voar e cantar tamhem),
 Ou o som da augua que cai
 Rompendo polos penedos,
 Dece ao fundo, e ó alto sai,
 Parte, e a grande pressa vai:
 Eles por sempre ali quedos!

60

Ves tu a minha cabana?
 Se o tempo se muda, assi
 A mudo eu. Guilomar nem Ana
 Não dão volta por aqui,
 Cantando se a muliana²
 Com dos outros seus solaos,
 Que me fação merecer
 Muitas d'estas varapaos
 Com seus olhos vaganaos³,
 Bons de dar, bons de tolher.

¹ Poder injusto e vil. *Pera do pero* — cão.

² Cantiga popular, de baile.

³ Que vagueam, que nunca estão quietos.

61.

Deixa me ver este seo,
E o sol em que vai tal lume
Que a vista nunca soffreu,
Aquillo é uso e costume,
Que tantos tempos correu!
Que claridade tamanha,
Que fogo nele aparece:
Quanto raio o acompanha!
Dize se que o mar d'Espanha
Ferve quando nele dece.

62

Des l'cobre se d'estrelas
Tudo quanto arriba vemos,
Poem se d'elas, nadem d'elas,
Té que d'outra parte as vemos,
E a lña fermosa antre elas
Que se renova e reveza,
Ora um fio, ora crescente,
Ora em sua redondeza,
Cada mes com que certeza!
Semelha a da nossa gente.

63

Do mais dizia Pascual:
Sabeis que é o que nos come?
São mimos, que não são al;
Onde quer se mata a fome,
Matão se apetitos mal.
Pola calma e pola neve
Natureza, a grande madre,
Que em fim também no-lo deve,
A tudo acudir se atreve
Por mais que este ventre ladre.

64

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Vir me hão ver os meus amigos,
O' sol nos estenderemos
Falando em tempos antigos.
E depois dos meses mil
Quíçais inda dirá alguém
Olhando este meu covil:
Por aqui cantava Gil
*Sem queixia de ninguém*¹.

65

Quando tudo era falante,
Pacia o cervo um bom prado,
E veu um cavalo andante,
Quis comer algum bocado;
Pos se lhe o cervo diante,
Não que o prado fosse seu,
(Que erão pacigos gerais)
Mas tinha pontas e deu.
Este quero e posso me eu
Tanto ha já que nos fez

66

Vendo tam pouca prestança
O cavalo de antes forro,
Com desejo de vingança,
Pedu ao homem soccorro;
Por terra aos seus pés se lança,
Não pode á justa querela
Negar-se, (é caso tam feo),
Mas foi necessaria a sela;
Põlha e fãz se forte nela,
Toma a redea, e prova o freo.

67

Assi dão volta ó imigo
O qual, como ao homem viu,
Entendeo o seu perigo,
Deixou o campo e fugiu,
Foi buscar outro pacigo.
O cavallo vencedor
Corre o verde, corre o seco.
Fora, fora o contendor!
Ficou lhe porem sanhor,
Não foi tanto o outro enxeco².

68

Tu olhas como o sol anda;
Folga ora, amigo. esta tarde,
Estê se á parte a demanda,
Que se co'ella o peito arde,
A cea fará mais branda.
Com dous peixinhos passarás
Do rio, não d'almocreves,
Que as villas fazem tam caras.
Beberás nas fontes claras,
Sonharás sonhos mais leves.

¹ Sem ofensa, ou queixume.² Incómodo ou mal.

BIBITO

69

Volves me as cousas do inves;
 Bem ou mal, ques que te crea
 O que tu quijas não cres.
 O coração é na aldeia,
 La me hão de levar os pés.
 E tu dize o que quiseres,
 Torce ca e torce la;
 Defende teus pareceres,
 Mas onde i não ha molheres,
 Sabe que i vida não ha!

70

Aquella graciosa idade,
 O parecer que nos furta
 Com tanta força a vontade,
 Com tanta o juizo encurta,
 Não é de todo vaidade.
 Suspiraste! ora eu te intendo;
 Nós falaremos depois.
 Por ora a Deus te encommendo.

GIL

Não te quero estar detendo.

BIEITO

Vou me (que é tarde) ós meus boia.

BASTO

71

Contou se isto pola terra
 Em as juntas dos pastores
 Eis que logo um outro aferra
 Sobre quais rezõis milhores
 São, quem acerta, e quem erra.
 Porem todo o calendario
 Lido e contas recolheitas,
 Fica assi posto em sumario:
 De Gil: que é um voluntario,
 Homem Bieito ás direitas.

Sá de Miranda, *ibid.*, pág. 156 a 183.

XIX

Soneto

Aquelas esperanças que eu, metido
 A tormento, lancei fora por vãs,
 Que fazem ainda aqui com aquelas sãs
 Confas, feito em pó já tudo bebido?

E será Amor tam cego e sem sentido,
 Será tam bravo, que não veja as chãs
 E rezõis craras? não veja estas cãs?
 Tempo lançado a longe e não vivido!

Esta alma tantas vezes enganada
 Não hav'rá de si dó, não fará conta
 Co sol, coa despesa, coa jornada?

Mas ai! que vi ja alguem que, em quanto conta
 Que nadando escapou ao mar sem nada
 Põi se ãa e outra vez á mesma afronta!

Sá de Miranda, *ibid.*, pág. 69.

XX

Outro

Não sei que em vós mais vejo e não sei que
Mais ouço e sinto ao rir vosso e falar;
Não sei que vejo mais té no calar
Nem, quando vos não vejo, a alma que ve?

Que lhe aparece, onde quer que ela esté,
Que olhe o ceo, que a terra, o vento, o mar?
E triste aquele vosso sospirar
Em quanto mais vai, que direi que é?

Certamente não sei: nem isto que anda
Antre nos, se é ele ar como parece,
Se fogo d'outra sorte e d'outra lei.

Em que ando? de que vivo? e nunca abranda
Por ventura se á vista resprandece?
Ora o que eu sei tam mal, como direi?

Sá de Miranda, *ibid.*, pág. 75.

XXI

Outro

Este retrato vosso é o sinal
Ao longe do quo sois, por desamparo
D'estes olhos de ea, porque um tam claro
Lume não pode ver vista mortal.

Quem tirou nunca o sol por natural?
Nem viu se nuvens não fazem reparo,
Em noite escura ao longe aceso um faro?
Agora se não ve, ora ve mal.

Para ums tais olhos, que ninguem espera
De face a face, gram remedio fora
Acertar o pintor ver vos dormindo.

Mas ainda assi não sei que ele fizera,
Que a graça em vos não dorme em nenhũa ora.
Falando que fará? que fará rindo?

Sá de Miranda, *ibid.*, pág. 451.

XXII

Elegia a Antonio Ferrelira em resposta a outra sua

O filho de Miranda Gonçalo Mendes de Sá morreu em Senta em 1555 combatendo contra os Mouros, na mesma refrega em que morreu também o amigo particular de Câmões — D. Antonio de Noronha.

Esta branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço e tal
Que vai fugindo ante ela a nevoa grossa,

Bem vejo que era a empresa principal
Esta a que vinha, mas a dor recente
Tempo esperava, cura mais geral.

Quando que áquela vea assi corrente
Se deve! áquele engenho pronto e raro
Que assi sente, assi diz tudo o que sente!

E mais em tal sazão, tal tempo, avaro
De louvores alheos, em gram dano
Dos engenhos que se achão sem amparo.

Vem um dando á cabeça e conta ufano
Cousas do seu bom tempo, ardendo em chamas
Polas que fez: todo al lhe é claro engano

Andão se ás razões frias polas ramas
Um vñancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invenções, motes ás damas,

Ua pergunta escura, esparsa triste!
Tudo bem! quem o nega? mas porque,
Se alguém descobre mais, se lhe resiste?

E como, esta era a ajuda? esta a mercé?
(Deixemos ja as mercés) este o bom rosto?
De menos custa em fim que esta tal é?

E logo aqui tam perto, com que gosto
Todos Boscão, Lasso, erguerão bando,¹
Fizerão dia, já quasi sol posto!

Ah que não tornão mais! vão se cantando
De vale em vale de ar mais luminoso
E por outras ribeiras passeando.

¹ Boscan e Garcilaso de la Vega que antes de Sá de Miranda transportaram para Espanha os metros Italianos.

Tornemos ao desastre a nós choroso !
Furtando m'ia á dor que inda ameaça
Como um parto ao fugir mais perigoso.

Não ousou inda a falar tanto de praça,
Falo convosco como em puridade,
Incerto do que diga e do que faça.

Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer pola fe, se assi cumprisse,
(Que esta era a verdadeira sua verdade) :

— Tu vas pelo caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta !
Sem perigos quem se acha que subisse ?

De tempo que assi fuge, que te monta
Vinte anos, trinta mais ? que montão cento ?
Ergueu a vista a mim alegre e pronta,

Sospirando por ser la num momento,
Se ser pudesse ! tam de pressa os fados
Corriam ! nomes vãos, sem fundamento !

Então o encarreguei d'estes cuidados ;
Deus e logo honra, logo o capitão.
Quam prestes a cumprir foi tais mandados !

Parece que os levou no coração,
Não soltos por defora nos ouvidos,
(Como outros fazem, que perdendo os vão).

Do corpo aqueles espertos sentidos,
Mais inda os da alma tam limpa e tam pura.
Ja agora os bons desejos são cumpridos.

Viu onde a deixaria em paz segura,
De pressa á occasião arremeteu,
Não quis mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheu,
Seguro viu a morte, espanto antigo.
Nós sonhamos aqui, tu vas te ao ceu.

Ditoso aquele mestre dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louvou
O filho e deu ao corpo em morte abrigo. ¹

¹ Rodrigo Manrique (1416-1476) foi deplorado por seu filho Jorge Manrique em 1479 naquela célebre elegia que começa « *Recuerde el alma orida* ».

Era ela conta igual que quem entrou
Antes á vida, saísse primeiro?
Eu sou que devera ir? quem nos trocou?

Cordeiro, ante o trono alto do cordeiro,
Lavado irás no teu sangue sem magua.
Oh quem como era pai, fora parceiro!

A Paulo, da fe nossa ardente magua,
Que pera o filho o pai ponha em tesouro,
Parece natural um correr d'agua.

Não assi ao contrario, abalxo o Douro
Aqui perto ao gram mar se lança escuro
Mondego e Tejo das areas d'ouro.

Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer: vim, vi, venci,¹
Cerrando e abrindo a mão posto em seguro.

Não se vejão mais lagrimas aqui,
Salvo se por nos forem que em tais trevas
E tam cega prisão deixaste assi.

Vai te a boa ora; não tens de que devas
Temer; la tudo é paz, tudo assossego!
Quem leva um tal seguro qual tu levas!

Ditoso, que não viste de dor cego
Por senhor um imigo da tua lei!
A tanta pressa fora um certo emprego.

Quantas graças, meu Deus, quantas te dei
Sabendo da alma que era libre e viva;
Sem ela ao corpo de que temerei?

Sabia a sua condição altiva
(Nesta só parte, no mais branda, humana,);
Era para morrer, não ser cativa.

A sepultura que os olhos engana
E' levissima perda; assi tambem
E' lodo, é terra, é pó, terra africana.

¹ Ao anunciar a sua vitória sobre Farnaces Júlio César pronunciar as palavras, que ficaram memoráveis — *veni, vidi, vici*.

Que tam estreito mar antre si tem
Abila e Calpe, foi tempo um sômente,
Dous agora, um d'aquem, outro d'alem,

Nos quais duas columnas pos de fronte
Hercules, que ali entrada ao gram mar deu.
Falece antes quem crea que quem conte.

Os Gregos no que escrevem poem de seu
A's vezes muito e ha quem diz que chamadas
Ja forão as columnas de Briareu.

Acabemos nas bemaventuradas
Almas subidas para sempre á luz
Sem trevas, rindo la dos nossos nadas :

Um só, que em sangue aberta traz a cruz
Branca por armas, deu Deus á cidade,
Milagre que em sinais claros reluz.

Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, mouros a milhares,
Morde se a inveja as mãos, ri se a verdade.

Para as festas divinas que lugares
Tam claros l ganhastes polas lanças,
Correndo ledos á tal gloria a pares,
Sem fim, sem sobresaltos, sem mudanças.

Sá de Miranda, *ibid.*, págs. 461-465.

XXIII

Cantiga em diálogo

A este cantar das moças
ao adufe :

*N'aquela serra
Quero ir a morar ;
Quem me bem quiser,
Lá me irá buscar.*

N'estes povoados
Tudo são requestas ;
Deixai me os cuidados,
Que eu vos deixo as festas.
D'aquelas florestas
Verel longe o mar :
Pôr me hei a cuidar.

Responde-lhe outra companheira
d'outra opinião :

Sombras e auguas frias,
Cantar de aves bem !
Quando as tardes vêm
Por ca bradarias.
Ves que pressa os dias
Levão sem cansar ?
Nunca hão de tornar.

A primeira :

Não julgue ninguém
Nunca outrem por si !
Mais d'um bem que vi
A vida não tem.
Não deixa este bem
Onde se ele achar
Mais que desejar.

A outra

Deixa as vaidades,
Que da mão á boca
O sabor se troca;
Troço se as vontades,
São essas suidades
Armadas no ar:
Não podem durar.

34 de Miranda, *ibid.*, pág. 42.

X

Tragéd

Eis uma sümula do entrecho: 1 — abre com os sentimentos de confiada alegria de Inês de Castro expostos á Ama, e com a afirmação do amor de D. Pedro por ela num diálogo com o secretario. 11 — Os aulicos persuadem D. Afonso a deixar matar D. Inês. 111 — Abre com o sonho — presagio de Inês e logo o côro lhe annuncia a sentença fatal. iv. — D. Inês apela para a clemencia real, mas debalde E' o côro que nos dá noticia da morte. v. — O secretario faz sciente o Principe, que rompe em exclamação de dôr e de vingança. Extratos da ed., que fiz, Coimbra, 1915.

ACTO II

El Rey D. Affonso IV. Pero Coelho. Diogo Lopes Pacheco. Conselheiros.

.....
.....
Cons. Senhor, pera que he mais? moura esta dama
Rey. Que moura todavia? **Pach.** Senhor moura
Por salvação do povo. **Rey.** Não he crueza
Matar quem não tem culpa? **Cons.** Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.
Rey. Com que cor, com que causa esta matamos?
Pach. Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promette?
Rey. Ella que culpa tem? **Pach.** Dá occasião.
Rey. Oh que ella não a dá, o lffante a toma,
Que ley ha, que a condene, ou que justiça?
Cons. O bein commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.
Rey. Assi que assentaes nisto? **Cons.** Nisto: moura.
Pach. Moura. **Rey.** Hũa innocente? **Cons.** Que nos mata!
Rey. Não averá outro meo? **Pach.** Não o temos
Rey. Metê-la-ey num Mosteiro **Cons.** Ey-lo quelmado
Rey. Mandá-la-ey deste Reyno. **Cons.** O amor voa.
Este fogo, Senhor não morre logo.
Quanto lhe mais resiste, mais a acende.
Contra Amor que lugar darás seguro?
Rey. Matá-la he cruel meo, e riguroso.
Pach. Não vês, não ouves quantas vezes morrem
Muitos, que o não merecem? Deos o quer
Polo bem, que se segue. **Rey.** Deus o faça,
Cuja vontade he ley, e a minha não.

- Pach.* Essa licença tem também os Reys,
Que em seu lugar estão. *Rey.* Antes não tem
Licença pera mais, que quanto pede
A razão, e justiça: a mais licença
He barbara crueza de infieis.
- Pach.* Pois que dirás d'aquelles, que a seus proprios
Filhos, e a seu amor não perdoaram
Polo exemplo commum, e bem do povo?
- Rey.* Aos que o bem fizeram, hey inveja.
Os outros nem os louvo, nem os sigo.
- Cons.* Inda que houvesse excessos, todavia
Mais males atalharam, dos que deram
- Rey.* Não se hade fazer mal por quantos bens
Se possam dahi seguir. *Cons.* Nem bem nenhum,
De que se sigam males. *Rey.* Mal parece
Matar hũa innocente. *Pach.* Não he mal:
Que a causa o justifica. *Rey.* Antes Deos quer
Que se perdoe hum mío, que um bom padeça.
- Cons.* O bem geral quer Deos que mais s'estime,
Que o bem particular. Nas circumstancias
Se salvam, ou se perdem as obras todas.
- Rey.* Enganão-se os juizos muitas vezes.
- Cons.* Os dos Reys bem fundados Deos inspira.
- Rey.* Ey medo de deixar nome de injusto.
- Cons.* De justo o deixarás, pois te conselhas
Cos juizos dos teus leaes prudentes.
- Pach.* Vês, poderoso Rey, vês cos teus olhos
A peçonha cruel, que vây lavrando
Gerada deste amor cego: vês quanto
A soberba, e desprezo destes homêes
Contra ti, e contra todos vay crescendo.
S'em tua vida nos tememos tanto,
Que faremos depois de tua morte?
Por dar saude ao corpo, qualquer membro
Que apodrece, se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Este teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lh'a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.
Medico, Senhor, és desta Republica.
O poder, que tem o Medico num corpo,
Tens tu sobre nós todos: usa delle.
Se te parece em parte isto crueza,
Não he crueza aquella, mas justiça,
Quando de cruel animo não nasce.
Tua tenção não pecca, em si se salva.
A aspereza dest'obra he medicina,
Com que s'atalham as mortes, que adiante
Muitos he que por força te mereçam.
A clemencia por certo he grã virtude,
E digna mais dos Reys, que outras virtudes,
Polo perigo grande, que ha na ira,
Em quem tão livremente assi a executa:
Mas com esta o rigor é necessario,
Por não vir em desprezo tal virtude.
Este he o que se chamou severidade,

De que tantos exemplos nos deixáram
Os famosos Romaões em paz, e guerra.
Estas columnas ambas são tam fortes,
Que bemaventurado este teu Reyno,
Que nellas por ti só está tam fundado.
De tal modo, Senhor, ás de usar d'ellas,
Que hũa vá sempre d'outra acompanhada.
Exemplos tens mostrado de clemencia,
Mostra agora, que he bem, severidade.

Rey. A parte, que me cabe deste feito,
Eu a ponho em vós toda, como aquelles,
Que sem odio, e temor sois obrigados
Aquillo conselhar-me, que he só justo,
Mais serviço de Deos, e bem do povo.
Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo.
Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.
Minha tenção me leve, ella me salve.
O engano se he vosso, em vós só caya.

Pach. Sobre nós descarrega esse teu peso.
Cons. Eu tomo minha parte, ou tomo todo.
Almas, e honras temos: estas ambas
A ti. Senhor, se devem, a ti as damos.
Estas sós te conselham, que bem vês
Quam grande mal he nosso, o que fazemos.
Aventuramos vidas, e fazendas,
Que em odio de teu filho ficam sempre,
Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.
Mas percamo-nos nós, percamos vidas;
Soframos crueis mortes; nossos filhos
Fiquem orfãos de nós, e desherdados;
A furia de teu filho nos persiga,
Antes que esse tal medo em nós mais possa,
Que o que a virtude manda, e te devemos.

Rey. Ivos apparelhar, que em vós me salvo.
Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam;
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo, em que está: não sey que siga.
Entre medo. e conselho fico agora:
Matar injustamente he grã crueza.
Socorrer a mal publico he piedade.
D'hũa parte receo, mas d'outra ousa.
Oh filho meu que queres destruir-me!
Ha dó desta velhice tam cansada:
Muda essa pertinacia em bom conselho.
Não dês occasião para que eu fique
Julgado mal na terra, e condenado
Ant'aquelle grã Juiz, que está nos Ceos.
O' vida felicissima, a que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna, e descansado,
Livre destes desastres, que cá reynam! ¹

¹ Reminiscencia de Vergílio, *Georg.* II, 458-460, que já notámos igualmente em Sá de Miranda.

Ninguém menos é Rey, que quem tem Reyno.
 Ah que não he isto estado, he cativoiro
 De muitos desejado, mas mal crido.
 Huma servidão pomposa, hum grã trabalho
 Escondido sob nome de descanso.
 Aquelle he Rey sómente, que assi vive
 (Inda que cá seu nome nunca s'ouça)
 Que de medo, e desejo, e d'esperança
 Livre passa seus dias. O' bons dias!
 Com que eu todos meus annos tam cansados
 Trocára alegremente. Temo os homês,
 Com outros dissimulo: outros não posso
 Castigar, ou não ousa. Hum Rey não ousa.
 Tambem teme seu povo: tambem sofre.
 Tambem suspira. e geme, e dissimula.
 Não sou Rey, sou cativo: e tam cativo
 Como quem nunca tem vontade livre.
 Salvo-me no conselho dos que creio,
 Que me serão leaes: isto me salve,
 Senhor, contigo; ou tu me mostra cedo
 Remedio mais seguro, com que viva
 Conforme a este alto estado, que me déste.
 E me livra algum tempo antes que moura,
 De tanta obrigação, pera que possa
 Conhecer-me melhor, e a ti voar
 Com mais ligeiras asas do que póde
 Hũa alma carregada de tal peso.

ACTO III

Choro. Castro. Ama.

Tristes novas, crueis,
 Novas mortaes te trago, Dona Ines.
 Ah coitada de ti, ah triste, triste!
 Que não mereces tu a cruel morte,
 Que assi te vem buscar. *Am.* Que dizes? fala.
Ch. Não posso. *Choro. Cast.* De que chóras? Vejo
 Esse rosto, esses olhos, essa... *Cast.* Triste
 De mim, triste! que mal? que mal tamanho
 He esse, que me trazes? *Ch.* He tua morte.
Cast. He morto o meu Senhor? o meu Infante? ¹
Ch. Ambos morrereis cedo. *Cast.* O' novas tristes!
 Matam-me o meu amor? porque me matam?
Ch. Porque te matarám: por ti só vive.
 Por ti morrerá logo. *Am.* Deos não queira.
 Tal mal, tal desventura. *Ch.* Vem muy perto.
 Nam te tardará muito, poem-te em salvo.

¹ Não pode negar-se grandeza a este passo. Anunciam-lhe a morte dela — *E'* tua morte! Mas o seu espírito só tem uma visão e exclama: — *E'* morto o meu senhor?...

Fuge coltada, fuge, que já
 As duras ferraduras, que te
 Correndo a morte triste. O
 Correndo vem, Senhora, e
 ElRey te vem buscar deter
 D'em ti vingar sua furia. V
 Salvar tambem teus filhos,
 Parte de teus maos fados. V
 Só, triste, perseguida! h.ay
 Onde estás, que não vens?
 Ch. ElRey. Cast. Porque me m
 Cruéis os que movêram a l
 Por ti vem perguntando. E
 Vem só buscar, pera com
 Serem furiosamente traspas
 Am. Cumpriram-se teus sonhos
 Sonhos cruéis! porque tan
 Me quizeses sayr? ó sprito
 Como não creste mais o m
 Que crias, e sabias? Ama,
 Fuge desta ira grande, que
 Eu fico, fico só, mas innoc
 Não quero mais ajudas, ve
 Moura eu, mas innocente.
 Vivireis cá por mim: meu
 Que cruelmente vem tirar
 Soccorra me só Deos, e so
 Vós moças de Coimbra. H
 Esta innocencia minha, so
 Meus filhos não chorais: e
 Logray-vos desta mãy, dei
 Em quanto a tendes viva
 Cercay-me em roda todas,
 Defendey-me da morte, qu

ACTO

Pacheco. ElRey. Chu

Coelh.
 Por mágoa dessas lagrimas
 Que este tempo, que tens,
 Tomes pera remedio da tu
 O que elRey em ti faz, faz
 Nós o trazemos cá, não co
 De sermos em ti cius: ma
 Este Reyno, que pede esta
 Que nunca, ó Deos quiser
 Nos fora necessario. A elR
 Que crueza não faz: se a
 Por ti ante o grã Deos ser
 Vingança justa, se te não
 Que perdão merecemos na
 Com que elRey conselham
 Dona Ines, tua morte! po

Se ganha hũa geral vida a todo Reyno.
Bem vês por tua causa como estava,
Além desse peccado, em que te tinha
O Iffante forçada (que assim o cremos)
Mas pois pera remedio he necessario
A morte sua, ou tua, he necessario
Que tu sofra a tua com paciencia,
Que isso te ficará por mayor gloria
Que aquella, que esperavas cá do Mundo.

E quanto mais injusta te parece,
Tanto mais justa gloria lá terás,
Onde tudo se paga por medida.

Nós, que a teu parecer mal te matamos;
Não viveremos muito: lá nos tens
Antes de muito tempo ant'esse trono
Do grã Juiz, onde daremos conta
Do mal, que te fazemos. Não ouviste
Já das Romãs, e Gregas com que esforço
Morrêram muitas só por gloria sua?
Morre pois, Castro, morre de vontade,
Pois não pôde deixar de ser tua morte.

Cast. Triste pratica, triste! crú conselho
Me dás. Quem o ouvira? mas pois já mouro,
Ouve-me Rey senhor: ouve primeiro
A derradeira voz dest'alma triste.

Co estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tens segura, Rey. Que me queres!

Cast. Que te posso querer, que tu não vejas!
Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes.
A causa, que te move a tal rigor.
Dou tua consciencia em minha prova.
S'os olhos de teu filho s'enganáram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,
Fraqueza costumada em todo estado.
Se contra Deos pequei, contra ti não.
Não soube defender-me, del-me toda.
Não a inimigos teus. não a traidores,
A que alguns teus segredos descobrisse
Confiados a mim, mas a teu filho
Príncipe d'este Reyno. Vê que forças
Podia eu ter contra tamanhas forças.
Não cuidava, senhor, que t'offendia.
Defenderas-me tu, e obedecêra,
Inda que o grand'amor nunca se força:
Igualmente foy sempre entre nós ambos:
Igualmente trocamos nossas almas.
Esta que te hora fala, he de teu filho.
Em mim matas a elle: elle pede
Vida par'estes fi'hos concebidos
Em tanto amor. Não vês como parecem
Aquelle filho teu? Senhor meu, matas
Todos, a mim matando: todos morrem.
Não sinto já, nem choro minha morte,
Inda que injustamente assi me busca,
Inda que estes meus dias assi corta

Na sua flor indigna de tal golpe:
 Mas sinto aquella morte triste, e dura
 Pera ti, e pera o Reyno, que tam certa
 Vejo naquella amor, que esta me causa.
 Não vivirá teu filho, dá lhe vida
 Senhor, dando-ma a mim : que eu me irey logo
 Onde nunca appareça ; mas levando
 Estes penhores seus, que não conhecem
 Outros mimos, e tetas senão estas,
 Que cortar-lh'ora queres; hay meus filhos
 Choray, pedi justiça aos altos Cecs.
 Pedi misericordia a vosso avô
 Contra vós tam cruel, meus innocentes.
 Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,
 Que não poderá ver-vos, sem me ver.
 Abraç-y-mê, meus filhos, abraçay-me.
 Despedi-vos dos peitos, que mamastes.
 Estes sós foram sempre: já vos deixam.
 Ah já vos desempara esta mãy vossa,
 Que achará vosso pay, quando vier?
 Achar-vos-á tam sós, sem vossa mãy:
 Não verá quem buscava: verá cheas
 As casas e paredes de meu sangue.
 Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.
 Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.
 Isto te peço, e rogo: vive, vive.
 Empara estes teus filhos, que tant'amas.
 E pague minha morte seus desastres,
 Se alguns os esperavam. Rey senhor
 Pois podes soccorrer a tantos males,
 Soccorre-me, perdoa-me. Não posso
 Falar mais. Não me mates, não me mates.
 Senhor não to mereço. Rey. O' mulher forte!
 Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.
 Vive, em quanto Deos quer. Ch. Rey piadoso
 Vive tu, pois perdoas: cura aquele,
 Que sua dura tenção leva a diante.

Dr. A. Ferreira, *Poemas Lusitanos*, ed. 1598.

XXV

Cartas a Joam López Leitam, na India

Do antigo Portugal, da grã Lisboa,
 Por novos mares, novos ceos, e climas
 Ao novo Portugal, á clara Goa,
 Te vay saudar, Joam López, s'inda estimas,
 S'inda as nove lrmãs honras, minha Musa,
 Dem lugar duros Trões ás brandas Rimas.

Ou teu armado braço estê no que usa,
Com Marte contendendo em fortaleza
Sem ao Rume aceitar ouro, ou escusa,
Ou rompendo com furia, e com braveza
As escumosas ondas, vás levando
Socorro á quasi entrada Fortaleza.
Não deixes de ir cos olhos só passando
Estes versos, verás quanto ás trombetas
Mais animoso som estaram dando.
Antes que com forte animo comettas
A feroz multidão, e com honroso
Despojo, humilde o imigo a ti somettas,
Ou do triste successo temeroso
(Como a fortuna quer) com arte, e rogo
Tornes o teu soldado furioso,
As Musas ouve sempre, acendem fogo
Nos altos corações, e o mór perigo
Te fazem parecer prazer, e jogo.
Tanto mais forte irás contra o imigo
Co sprito aceso em doce som de gloria
Quanto das Musas mais fores amigo,
Ao som da alta trombeta, que a memoria
De Achilles fero ao mundo renovada,
Encheo o grã Macedonio su'alta historia.
Quantas vezes gemia, e suspirava
Com generosa inveja do alto canto,
Que a nova gloria, e fama o levantava !
Aquelle sprito aceso, aquelle santo
Furor do Rey Profeta, ao som da lira
Hora era fogo todo, hora era pranto.
Sobre si posto ja mais que homem aspira
Aos ceos, e altos segredos, que lá via,
Deos chama, de Deos canta, a Deos suspira.
Já aquelle fogo claro, que assi ardia
Antigamente nũs spritos raros
Torna infiammar a nossa idade fria
Já os dias nascer vemos mais claros
O mundo mais fermoso ; e já das nove
Musas os nomẽs mais ao mundo charos.
Tambem algũa esse teu peito move,
E todo a honra, e gloria tu levanta,
Por mais que em ti o Amor suas frechas prove.
Mas tu com Marte t'arma, com Amor canta.
Inda juntos verás Venus, e Marte,
Juntos Apollo, e Pallas em paz santa.
Ah quanto ceu, quanta agoa, João, nos parte !
Os spritos porém de lá se chamam.
Lá de mim tens, amigo, a melhor parte.
Não são os olhos, não os corpos, que amam.
Outra força secreta nos convida ;
Naturalmente hũs s'amam, hũs se desamam.
Pôde hũa voz, hũa fama ao longe ouvida
Juntar duas almas em amor igual,
Fazendo em dous hũa vontade e vida.

Esta é a sancta amizade, esta a que val.
 Dos corpos, e olhos são baixos amores,
 Que ao bem se chegam, apartam se co mal.
 Dous em bom amor juntos são senhores
 De duas almas: nisto, João, vencemos
 Mil grandes Reys, e mil Emperadores.
 Elles tem seus Imperios: mas nós temos
 Nossas vontades, boa segurança.
 Reynem temidos lá, nós nos amemos.
 A estrada cham da bemaventurança,
 Que desta vida á eterna vay sobindo.
 Que he, se não deste amor sam confiança?
 Em quanto tu teu braço estás tingindo
 Nesse barbaro sangue, e das honrosas
 Folhas essa tua fronte vás cingindo,
 E inda ás armas antigas, e fermosas
 Nova, e mór fermosura vão ganhando
 Teu forte peito, e mãos victoriosas,
 Eu estou tua doce vista desejando
 Com toda est'alma, com toda a vontade,
 Ah vive, e vem, João, de cá gritando.
 Devemos este amor ao nosso Andrade,
 De nosso amor seguro fundamento.
 Amigo tens em mim, tens sam verdade:
 Que servidor nome he de comprimento.

Dr. A. Ferreira, *Poemas Lusitanos*, 1598, pág. 183.

XXVI

Soneto

Quando eu vejo sair a menham clara
 Nos olhos dia, as faces neve, e rosas,
 Afugentando a sombra, qu'as fermosas
 Cores do campo, e ceo d'antes roubára;

E quando a branca Delia a noite aclara,
 E traz nos brancos cornos as luminosas
 Estrellas, serenando as tempestuo as
 Nuvēs, qu'o grosso humor nos ceos juntára

Tal he, digo comigo, a clara estrella,
 Que minh'alma me encheo do: tra luz nova,
 E meus olhos abriu ao que não viam.

Assi me leva a vida, e ma renova,
 Assi as vās sombras, que antes m'escondiam
 O claro ceo, fugindo vão ante ella.

Dr. A. Ferreira, *Poemas*, cit. pág. 10 v.

XXVII

Outro

Aquelle claro Sol, que me mostrava
O caminho do ceo mais chaõ, mais certo,
É com seu novo rayo ao longe, e ao perto
Toda a sombra mortal m'afugentava;

Deyxou a prisão triste, em que cá estava.
Eu fiquey cego, e só co passo incerto,
Perdido peregrino no deserto,
A que faltou a guia, que o levava.

Assi co sprito triste, o julzo escuro,
Suas sanctas pisadas vou buscando,
Por valles, e por campos, e por montes.

Em toda parte a vejo, e a figuro.
Ella me toma a maõ, e vay guiando.
E meus olhos a seguem feitos fontes.

Dr. A. Ferreira, *ibid.*, pág. 17.

XXVIII

Outro

Aquella nunca vista fermosura,
Aquella viva graça, e doce riso,
Humilde gravidade, alto aviso.
Mais divina, qu'humana real brandura,

Aquella alma innocente, e sabla, e pura,
Qu'entre nós cá fazia hum parayso
Ante os olhos a trago, e lá a deviso
No ceo triumphar da morte, e sepultura.

Pois por quem choro, triste? por quem chamo
Sobre esta pedra dura a meus gemidos,
Que nem me póde ouvir, nem me responde?

Meus suspiros nos ceos sejam ouvidos:
E em quanto a clara vista se m'esconde,
Seu despojo amarey, amey, e amo.

Dr. A. Ferreira, *ibid.*, pág. 17.

XXIX

Elegia IV

*(A Diogo Bernardes em resposta d'outra sua,
á morte do doutor António Ferreira)*

Um silencio, Bernardes, me rompestes
Já quasi a não fallar determinado
Na dor, que hora de novo em mim moveste.
Igualmente á dor minha ser chorado
Não podia em meu verso o meu Ferreira,
Nem ser de mim seu sprito bem cantado.
Entendia de mim que á verdadeira
Fama do que elle em tudo merecia,
Naõ chegaria a minha voz inteira.
Calava, e a fallar nelle m'escondia,
Por naõ offender morto um bom amigo
Que me quiz tanto quando cá vivia.
Fizesteme chorar ora contigo
Com nova magoa, nova saudade,
A dor que eu cá chorava só comigo.
Movestem'Alma a nova piedade,
A nova pena, e novo sentimento
D'aquel a grande perda d'esta idade.
Aquella grande perda que dum momento,
Despois de tanto mal acontecido,
Naõ deixei de trazer no pensamento.
Mas eu naõ choro ver d'entre nós ido
Este retrato só da idade antiga,
Do Ceo á nossa lingua concedida:
Mas faltarme um ingenho a que o meu siga,
E uma voz que ouça, e espirito de que aprenda;
E os segredos das Musas m'abra, e diga.
E quem o meu máo verso me reprenda,
E o meão me concerte, e mo levante
Com douto aviso, e com segura emenda.
Sinto faltar, Bernardes, quem m'espante
Com seu bom canto, com seu bom escrito.
Com cuja imitação possa ir avante.
Aquelle claro, aquelle puro espirito
De saõ conselho cheo, e de prudencia,
Sempre será de mim cantado e escrito,
Agora em sua triste e longa ausencia
Quem acharei que a dor me desaggrave?
E me mostre o remedio na paciencia?
Fazia-me a tristeza menos grave,
Mais branda a dura pena, a dor mais leve,
Faziam'a alegria mais suave.
Se teve (magoa nossa!) a vida breve
Largo nome terá, larga memoria
Que a toda a parte, e tempo a fama leve
Já do tempo terá certa victoria.
Quem s'ouve assi na triste e mortal vida,
Qu'aspirou sempre á clara e immortal gloria.
Nella da mortal carne despedida,
Esquecida de tudo, nos amores
Divinos estará toda embelida.

A voz levantará a outros louvores
Mais devidos, mais puros, e mais santos
Arrebatada d'immortais fervores.
Mil versos, e mil ignos, e mil cantos
Cantará sempre á eterna Fermosura,
Mais dinos de memoria, mais d'espantos.
Será nelles guiado de mais pura,
De mais fermosa, de mais rica Musa,
Mais ornada de copia, e da brandura.
Amará, e será amado, assi lá se usa;
Cantará, e será ouvido d'a quem canta,
Que quem lá se ama, d'amar não s'escusa.
O Sol que sobre o mundo se levanta,
Que com sua luz clara, e tam fermosa
Nos vence a vista, e o espirito nos espanta:
Em conta não terá. que outra gloriosa
Luz que dá luz ó Sol, e ás Almas lume,
Lhe terá mais que o Sol Alma lustrosa.
Um tempo eterno, um immortal costume
Seguirá sempre, tempo alegre e puro,
Primavera que nunca se consume.
Lá não verá Inverno triste e escuro,
Não ventos, não tormentos, não mudanças;
Mas tudo quieto em Deus, tudo seguro.
Livrouse das incertas esperanças
Que nos desassossegam, e desbaratam;
E das leves e falsas confianças.
Não vês, Bernardes, como nos maltratam
Os movimentos vaõs, e os vaõs receos
Que as Almas inquietam, as vidas matam?
Quem pode defenderse a mil enleos?
Quem se pode valer'em mil perigos
D'outros muitos perigos sempre cheos?
É perigo não ter, e ter amigos:
Mal se pode viver nesta estreiteza,
Se m'ey de velar d'elles como imigos.
O nosso Antonio está em outra largueza,
Ninguém teme, ninguém d'elle se teme;
Em tudo vê pureza, e tem pureza.
E cá, Bernardes nosso, quem não treme?
Quem não deve de si mesmo temerse?
Quem á que contra tempo em vaõ não reme?
Quem vê cousa de que possa valer-se?
Olhos no Ceo, e no divino Norte,
Póde gular tod'Alma a não perderse.
Não chores já do nosso Antonio a sorte,
A minha sorte chora, e a sorte tua,
Pois nolo tem roubado a dura morte.
A nós dura, a nós aspera, a nós crua
Que nos levou o nosso amigo brando,
E a doce e branda conversação sua.
Por elle rindo, por mim vou chorando,
E por elle contente, e por mim triste
Sem elle a vida irei toda passando

Tú que a nossa amizade clara viste,
 Claro verás que á dor da perda grande
 D'um claro amigo bom, mal se resiste.
 Nunca tal perda, amigo, o Ceo te mande;
 Dor é que nunca a vida perde um'ora:
 Remedio póde aver com que se abrande,
 Naõ que de todo a vença, e deite fora.

— P. d'Andrade Caminha, *Obras*, ed. da Academia, pág. 127.

XXX

Elégia

(Sobre o desastre da jornada de Africa)

.....
 « Al triste Lusitania, triste chora,
 « Que nunca para choro eterno e triste,
 « Tanta causa tiveste como agora.
 « Aquelle que com lagrimas pediste,
 « Quando tam duramente a tenra vida
 « Do Principe seo Pay cortada viste.
 « Agora nesta sua despedida
 « De lagrimas te quis deixar herdeira,
 « Ou inda a plor mal offerecida.
 « Mas o Ceo o permitta de maneira
 « Que do teu rico ceptro Soberano
 « Se conserve a potencia sempre inteira.
 « Ah jornada infelice! ah cégo engano?
 « Deixar tam rica terra, ir a desteros
 « Por livrar d'um Tyrano outro Tyrano.
 « Ambos imigos nossos, ambos Peiros
 « Ambos despresadores da Cruz Santa,
 « Ambos tinham hum culto, ambos mil erros.
 « Quem poem os olhos nisto não s'espanta,
 « De permitir o Ceo castigo tanto
 « A descuido tamanho, a culpa tanta.
 « Dia cheo de dôr, cheo d'espanto,
 « Em quanto o sol der luz, verdura os prados
 « Celebrado serás com triste pranto.
 « Morrestes, Cavalleiros esforçados,
 « Daquel a multidão de bruta gente
 « Vencidos não, mas de vencer cansados.

Diogo Bernardes, *Várias Rimas*, ed. 1594, pág. 85 v.

XXXI

Outra

(Estando captivo)

Eu, que livre cantel ao som das agoas
 Do saudoso, brando, e claro Lima,
 Ora gostos d'amor, outr'ora magoas,
 Agora ao som do ferro, que lastima
 O descoberto pe, choro cativo
 Onde choro não val, ou amor s'estima.

Cuido que me deixou a morte vivo
 Vendo que não chegava seu tormento
 A tormento tamanho, e tam esquivo.
 Acabando co'a vida o sentimento
 Ficarás escondido, oh dia triste,
 Nas turvas aguas do esquecimento.
 Oh Sol, como tua luz não encobriste
 Quando do Real sangue Lusitano,
 As ervas, que secaste, humidas viste?
 Que Libico Leão, que Tigre Hircano
 Negara desusada piedade,
 A lastima tamanha, a tanto dano?
 Não te valeo, oh Rey, a tenra idade,
 Não te valeo esforço, nem destreza,
 Não te valeo suprema Magestade.
 Das armas a provada fortaleza
 Poderosa não foi pera guardar-te
 Da mão de fogo armada e de crueza
 Conjurou contra ti o fero Marte,
 Vendo que sua fama escurecias,
 Si vencedor ficavas desta parte.

.....

Diego Bernardes, *ibid.*, pág. 81.

XXXII

Soneto

(A quem ler)

Os Versos, que cantei importunado
 Da mocidade cega a quem seguia,
 Queimei (como vergonha me pedia)
 Chorado, por haver taõ mal cãtado.

Se nestes não ficar taõ desculpado
 Quanto o mais alto estilo requeria,
 Não me podem negar a melhoria
 Da mudança, q fiz d'hum n'outro estado.

Que vai que sejaõ bem, ou mal aceitos?
 Pois os não escrevi para louvores
 Humanos, pelo menos perigosos,

Senaõ para plantar em frios peitos
 Desejos de colher divinas flores
 A' força de suspiros saudosos?

Fr. Agostinho da Cruz, *Obras*, 1.

(A

Do Lyma, do
Cavar cá n
Não sinto
Sem me sei

A laã de que
Torcendo e
Os pés que
Nem me de

O povo cujo
Vendo teu
A Príncipe

Louvará mult
De mim, m
Louva comi

Fr. Agostinho da Cr

Puz em tam
Que o perdo
Cansado de
Parou em d

Por elle mo
Mas não ca
Inda que o
De que eu

Bem pode
Esta sombra
Seguindo se

Só nunca p
Fazer que n
Com pena,

Fr. Agostinho da Cr

XXXV

Outro

A duqueza d'Aveiro

Quando na verde planta, ou pedra dura
Me mandava escrever minha tristeza,
Nunca me pareceo, alta Princeza,
Que podessem meus versos ter ventura

Pera cuidar que houvesse creatura,
A quem taes partes dêsse a natureza,
Que podesse mover minha dureza
A não lhes dar no fogo sepultura.

Como já fiz de quantos tinha feito
Na ribeira do Lima em tenra idade,
Por dar algum remedio a meu defeito.

Mas pois Vossa Excellencia tem vontade
De lhos dar, eu me dou por satisfeito,
Que tudo pôde em fim pura amizade.

Fr. Agostinho da Cruz, *ibid.*, 185.

XXXVI

Auto da Mofina Mendes

Dos *Mistérios da Virgem* deveria antes ser como diz o Frade no Prólogo e muito bem lembra o Sr. Braamcamp Freire, *Obras*, 232. Mofina Mendes é uma pastora, que entra episódicamente no auto. O patrão pede-lhe contas do seu gado, ela pede-lhe as da sua soldada. Damos esta scena conforme a nossa ed., I, 11-14.

PESSIVAL

Achaste a tua burra Andrel ?
AND. Bofá não. PES. Não pode ser. ¹
Busca bem, deixa o fardel ;
Que a burra não era mel,
Que a havião de comer.

ANDRÉ

●
Saltarião pegas nella,
Por caso da matadura ?
PES. Pardeos ! essa seri' ella ! ²
E que pèga seria aquella,
Que lhe tirasse a albardura ?

¹ Bofá ou bofé, indiferentemente, á boa fé!

² Pardeos — Por Deos ! exclamação frequentissima.

PAY. Mas cre q
 Molina M
 Que, segu
 Se isto nã
 Que não s
 Ora cha
 E aposto-l
 Que a neq
 Molina M
 AND. Molina M
 MOF. Que quer
 AND. Vem tu c
 E se has c
 E acharás
 A teu amc

E

Onde d
 E as vaca
 MOF. Mas que c
 De me pa
 Que ha ta
 PAY. Molina dá
 Onde fica
 MOF. A bo ada
 Anda lá n
 Nem sel q
 Nem as
 Samicas c
 Mas não t
 Que anda
 Saltando
 PAY. Dá-me co
 Pois pede
 MOF. Das vaca
 E dos boi

Que co
 Que taes ...
 MOF. Dos porcos os mais são mortos
 De magreira e ma aventura.
 PAY. E as minhas trinta vitellas
 Das vacas, que te entregarão?
 MOF. Creio que hi ficarão dellas,
 Porque os lobos dezimarão,
 E deu ôlho mao por ellas,
 Que mul poucas escaparão.

¹ Adv. talvez, por ventura.

PAYO VAZ

Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?
MOF. Erão tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos,
E levou-os hum e hum.

PAYO VAZ

Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa,¹
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.
MOF. Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.

PAYO VAZ

Os carneiros que ficárão,
E as cabras, que se fizerão?
MOF. As ovelhas reganhárão,
As cabras engafecêrão,
Os carneiros se afogárão,
E os rafeiros morrerão.
PES. Payo Vaz, se queres gado,
Dá ó demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, va-se embora
Ou ma-ora,
E põe o teu em recado.

PAYO VAZ

Pois Deus quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite.
E vae-o vender á feira;
E quiçaes medrarás tu,
O que eu contigo não posso.
MOF. Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.

¹ Apressada, ligeira.

E estes ovos chocarão
 Cada ovo dara hum
 E cada pato um tosto
 Que passará de hum
 E meio, a vender bai
 Casarel rica e honr
 Per estes ovos de pai
 E o dia que for casad
 Sahrel ataviada
 Com hum brial d'escr
 E diante o desposado
 Que me estara namoi
 Virei de dentro baila
 Assi dest'arte bailado
 Esta cantiga cantand

Estas cousas diz /
 e andan

P

Agora posso eu di
 E jurar e apostar,
 Qu'es Mofina Mende
 Pes. E s'ella baila na vod
 Qu'está ainda por soi
 E os patos por nasce
 E o azelte por vende
 E o noivo por achar,
 E a Mofina a ballar;
 Que menos podia ser

Vai-se Mofina A

MOFINA

« Por mais que a dita
 « Pastores, não me d
 « Que todo o human
 « Como o meu pote d
 « Ha de dar comsigo

*Entrão outros pastores, cujos n
 Baldinho; e diz*

BRAZ (

O Pessival meu ve
 Pes. Braz Carrasco, dize,
 A burra desse outelri

¹ Estêfo rico, como se disse já.

BRA. Pergunta tu a Tibaldinho,
Ou pergunta a Barba triste,
Ou pergunta a João Calveiro.

TIB. O fato trago eu aqui,
E a burra eu a meti
Na corte do Rabileiro.
Nós deitemo-nos per hi.
Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos senhos bocados,
Que a meia noite vem ja.

Gil Vicente, *Obras*, Coimbra (1907), págs. 11-14.

XXXVII

Auto da Feira

Dos mais afamados autos Vicentinos e dos mais... castigados pela censura inquisitorial. E' Mercurio quem anuncia a Feira, á qual vem vender o Tempo e o Diabo. Roma vem comprar. Damos estas scenas cheias de desassombrada crítica, *ibid.*, I, 47-55.

MERCURIO

Eu sam Mercurio, senhor
De muitas sabedorias,
E das moedas reitor,
E deos das mercadorias:
Nestas tenho meu vigor.
Todos tractos e contractos,
Valias, preços, avenças,
Carestias e baratos.
Ministro suas pretenças,
Até as compras dos çapatos.
E porquanto nunca vi
Na corte de Portugal
Feira em dia de Natal,
Ordeno hũa feira aqui
Pera todos em geral.
Faço mercador-mor
Ao Tempo, que aqui vem;
E assi o hei por bem
E não falte comprador,
Porque o tempo tudo tem.

Entra o Tempo, e arma hũa tenda com muitas cousas, e diz:

TEMPO

Em nome daquelle que rege nas praças
D'Anvers e Medina as feiras que tem,
Começa-se a feira chamada das Graças,
A' honra da Virgem parida em Belem.

Quem quizer feirar,
Venha trocar, qu'eu não hei de vender:
Todas virtudes qu'houverem mister,
Nesta minha tenda as podem achar,
A trôco de cousas que hão de trazer.

Todos remedios especialmente
Contra fortunas ou adversidades
Aqui se vendem na tenda presente,
Conselhos maduros de sans calidades
Aqui se acharão.

As mercadorias damos e rezão,
Justiça e verdade, a paz desejada,
Porque a Christandade he toda gastada
So em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deos,
Que he ja perdido em todos Estados;

Aqui achareis as chaves dos Ceos,
Mui bem guarnidas em cordões dourados:
E mais achareis

Somma de contas, todas de contar
Quão poucos e poucas haveis de lograr
As feiras mundanas; e mais contareis
As contas sem conto qu'estão per contar.

E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo.
Se forão perdendo de dias em dias,
Com a vontade que déste ó Messias
Memoria o teu anjo que ande comigo,
Senhor, porque temo
Ser esta feira de maos compradores,
Porque agora os mais sabedores
Fazem as compras na feira do Demo,
E os mesmos diabos são seus corretores.

Entra hum Seraphim enviado per Deus a petição do Tempo, e diz:

SERAPHIM

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores.

Feirae o carão que trazeis dourado;
O' presidentes do crucificado,
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.

O' Principes altos, imperio facundo,
Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos;
Comprae grande somma de temor de Deos
Na feira da Virgem, Senhora de mundo,
Exemplo de paz,
Pastora dos anjos, luz das estrellas.
A' feira da Virgem, donas e donzellas,
Porque este mercador sabeí que aqui traz
As cousas mais bellas.

Entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si, como bufarinheiro, e diz:

DIABO

Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quiser,
Que na feira onde eu entrar
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo;
E de tudo quanto vendo
Não pago sisa a ninguém
Por tracto que ande fazendo.

Quero-me fazer á vela
Nesta sancta feira nova.
Verei os que vem a ella,
E mais verei quem m'estrova
De ser eu o maior della.

TEM. Es tu tambem mercador,
Que a tal feira t'offeraces?

DIA. Eu não sei se me conheces.

TEM. Fallando com salvanor,¹
Tu diabo me pareces.

DIABO

Fallando com salvos rabos,
Inda qué me tens por vil,
Acharás homens cem mil
Honrados, que são diabos,
Que eu não tenho nem ceitil.
E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem divedo comigo.²
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada contigo.

TEMPO (ao Seraphim)

Senhor, em toda maneira
Acudi a este ladrão,
Que me ha de danar a feira.
DIA. Ladrão? Pois haj'eu perdão,
Se vos metter em canceira.
Olhae ca, anjo de bem,
Eu, como cousa perdida,
Nunca me tolhe ninguém
Que não ganhe minha vida,
Como quem vida não tem.

¹ Savanor — *salva honor*, com o devido respeito

² Impedimento que resulta do parentesco, amizade, convivência, etc.

- Vendo dessa marmelad
E ás vezes grãos torrados
Isto não releva nada ;
E em todos os mercados
Entra a minha quintalada
- SER. Muito bem sabemos nós
Que vendes tu cousas vis
- DIA. Hi ha de homens rúis
Mais mil vezes que não t
Como vós mui bem senti
E estes hão de compra
Disto que trago a vender
Que são artes de enganar
E cousas para esquecer
O que devião lembrar :
Que o sages mercador ¹
Ha de levar ao mercado
O que lhe comprão melh
Porque a ruim comprado
Levar-lhe ruim bocado.
E mais as boas pessoas
São todas p bres a elto ;
E eu por este respeito
Nunca tracto em cousas l
Porque não trazem prove
Toda a glória de viver
Das gentes he ter dinheir
E quem muito quizer ter
Cumpre-lhe de ser prime
O mais ruim que puder.
E pois são desta manei
Os contractos dos mortae
Não me lanceis vós da fe
Onde eu hei de vender n
Que todos á derradelra.
- SER. Venderás muito perigo,
Que tens nas trevas escu.
- DIA. Eu vendo perfume duras,
Que, pondo-as no embigo
Se salvão as criaturas.
- As vezes vendo virotes
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacere
Arreneguem cada dia,
E joguem té os pellotes.
- ER. Não venderás tu aqui iss
Que esta feira he dos ceo
Vae lá vender ao abisso
Logo, da parte de Deos.
- DIA. Senhor, apello eu d'isso.

¹ Prudente, sensato.

² De lat. *Abyssus*, abismo.

S'eu fosse tão mau rapaz
 Que fizesse força a alguém,
 Era isso muito bem ;
 Mas cada hum veja o que faz,
 Porque eu não forço ninguém.
 Se me vem comprar qualquer
 Clerigo, leigo ou frade
 Falsas manhas de viver,
 Muito por sua vontade ;
 Senhor, que lh'hei de fazer ?
 E se o que quer bispar
 Ha mister hypocrisia,
 E com ella quer caçar ;
 Tendo eu tanta em porfia,
 Porque lh'a hei de negar ?
 E se hãa doce freira
 Vem á feria
 Por comprar hum inguento
 Com que voe do convento ;
 Senhor, inda que eu não queira
 L'hei de dar aviamento.

MERCURIO

DIA. Alto, Tempo, apparelhar,
 Porque Roma vem á feira.
 Quero-me eu concertar,
 Porque lhe sei a maneira
 De seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando

ROMA

«Sôbre mi armavão guerra :
 «Ver quero eu quem a mi leva.
 «Tres amigos que eu havia,
 «Sôbre mi armão porfia ;
 «Ver quero eu quem a mi leva».
 Vejamos se nesta feira,
 Que Mercurio aqui faz,
 Acharei a vender paz,
 Que me livre da canceira
 Em que a fortuna me traz.
 Se os meus me desbaratão,
 O meu soccorro onde está ?
 Se os Christãos mesmo me matão,
 A vida quem m'a dara,
 Que todos me desacatão ?
 Pois s'eu aqui não achar
 A paz firme e de verdade
 Na sancta feira a comprar,
 Cant'a mi dá-me a vontade
 Que mourisco hei de fallar.

DIA. Senhora, se vos prouver,
Eu vos darei bom recado.
ROM. Não pareces tu azado
Pera trazer a vender
O que eu trago no cuidado.

DIABO

Não julgueis vós pola côr,
Porque em al vai o engano;
Ca dizem que sob mao panno
Está o bom bebedor:
Nem vós digais mal do anno.

ROMA

DIA. Eu venho á feira direita
Comprar paz, verdade e fé.
A verdade pera que?
Cousa que não aproveita,
E aborrece, pera que he?
Não trazeis bôs fundamentos
Pera o que haveis mister;
E a segundo sã os tempos,
Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.
E pois agora á verdade
Chamão Marla peçonha,
E parvoice á vergonha,
E aviso á ruindade;
Peitae a quem vo-la ponha,
A ruindade digo eu:
E aconselho-vos mui bem,
Porque quem bondade tem
Nunca o mundo sera seu,
E mil canceiras lhe vem.
Vender-vos-hei nesta feira
Mentiras vinte e tres mil,
Todas de nova maneira,
Cada hũa tão subtil,
Que não vivais em canceira:
Mentiras pera senhores,
Mentiras pera senhoras,
Mentiras pera os amores,
Mentiras que a todas a horas
Vos nasção dellas favores.
E como formos avindos
Nos preços disto que digo,
Vender-vos-hei como amigo
Muitos enganos infindos,
Que aqui trago comigo.
ROM. Tudo isso tu vendias,
E tudo isso feirei
Tanto, que inda venderei,
E outras sujas mercancias,
Que por meu mal te comprei.

Porque a trôco do amor
De Deos, te comprei mentira,
E a trôco do temor
Que tinha da sua ira,
Me dêste o seu desamor :
E a trôco da fama minha
E sanctas prosperidades,
Me dêste mil torpidades ;
E quantas virtudes tinha
Te troquei pelas maldades.

E pois ja sei o teu geito,
Quero ir ver que vai ca.
DIA. As cousas que vendem lá
São de bem pouco proveito
A quemquer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio, e diz:

ROMA

Tão honrados mercadores
Não podem leixar de ter
Cousas de grandes primores ;
E quant'eu houver mister
Deveis vós de ter, sênhores.
SER. Sinal he de boa feira
Virem a ella donas taes ;
E pois vós sois a primeira,
Queremos ver que feitraes
Segundo vossa maneira.
Ca, se vós a paz quereis,
Senhora, sereis servida,
E logo a levareis
A trôco de sancta vida ;
Mas não sei se o trazeis.
Porque, Senhora, eu me fundo
Que quem tem guerra com Deos,
Não pôde ter paz c'o mundo ;
Porque tudo vem dos ceos,
Daquelle poder profundo.

ROMA

A trôco das estações
Não fareis algum partido,
E a trôco de perdões,
Que he thesouro concedido
Para quaesquer remissões ?
Oh ! vendei-me a paz dos ceos,
Pois tenho o poder na terra.
SER. Senhora, a quem Deus dá guerra,
Grande guerra faz a Deos,
Que é certo que Deos não erra.

- Vêde vós que lho
 Vêde como o estim
 Vêde bem se o tem
 Attentae com quem
 Que temo que cahí
- ROM. Assim que a paz não
 A trôco de jubileus
- MER. Ó Roma, sempre vi
 Que matas peccado
 E leixas viver os b
 E não te corras d
 Mas com teu poder
 Assolves a todo o r
 E não te lembras d
 Nem vês que te va
- ROM. Ó Mercurio, valei-
 Que vejo maos apj
- MER. Dá-lhe, Tempo, a c
 O cofre dos meus c
 E podes-te lr muito
 Hum espelho hi
 Que foi da Virgem
 Co'elle te toucarás,
 Porque vives mal
 E não sîntes como
 E acharás a maneli
 Como emendes a
 E não digas mal d
 Porque tu seras pe
 Se não mudas a ca
 Não culpes aos
 Que tudo te vem c
 Polo que fazes ca
 Que, offendendo a
 Se resulta o mal se
 E tambem o digo
 E a qualquer meu
 Que não quer guer
 Tenha sempre paz
 E não temerá perij

Preposito Frei S
 Diz lá o exemplo
 Dá-me tu a mim c
 E dá ao demo o c

XXXVIII

Farça dos Almocreves

O fundamento desta farça he, que hum fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capellão seu e ourives seu, e outros officiaes, aos quaes nunca pagava: e vendo-se o seu capellão esfarrapado e sem nada de seu, entr. dizendo:

CAPELLÃO

Pois que não posso rezar,
 Por me ver tão esquipado,
 Por aqui por este arnado
 Quero hum pouco passear
 Por espaçar meu cuidado.
 E grossarei o romance
 De *Yo me estava en Coimbra*,
 Pois Coimbra assim nos cimbra ¹
 Que não ha quem preto alcance.

Grosa

Yo me estava em Coimbra,
 Cidade bem assentada;
 Pelos campos de Mondego
 Não vi palha nem cevada.
 Quando aquillo vi mesquinho,
 Entendi que era cilada
 Contra os cavallos da côrte
 E minha mula pellada.
 Logo tive a mao sinal
 Tanta milhan apanhada,
 E a peso de dinheiro
 O mula desemparrada.
 Vi vir ao longo do rio
 Hũa batalha ordenada,
 Não de gente, mas de mus, ²
 Com muita raiva pisada.
 A carne está em Bretanha,
 E as couves em Biscaia.

San capellão d'hum fidalgo
 Que não tem renda nem nada;
 Quer ter muitos apparatus,
 E a casa anda esfaimada;
 Toma ratinhos por pagens,
 Anda já a cousa damnada.
 Quero-lhe pedir lieença,
 Pague-lhe minha soldáda.

¹ De significação desconhecida.

² Do lat. *mulus*, mulo ou macho.

Chega o Capellão a casa

- Senhor, ja sera re
 FID. Avante, padre, fallar
 CAP. Digo que em tres an
 Que sam vosso cape
 FID. He grande verdade :
 CAP. Eu fôra ja do lffante
 E pudera ser que d'
 FID. A' bofé, padre, não
 CAP. Si, senhor, qu'eu so
 Aindaque ca m'emp
 Ora pois veja, sen
 Que he o que m'ha
 Porque alem do alta
 Servia de comprador
 FID. Não vo-lo hei de ne
 Fazel-me hũa petiçã
 De tudo quanto requ
 CAP. Senhor, não me pro
 Qu'isso não traz con
 Nem vejo que a que
 Porque me fiz pel
Clericus et negociatus
 FID. Assi vos dei eu favo
 E disse pouco qu'eu
 Vos fiz mais que out
 Ora hum clerigo qu
 De renda nem d'out
 Que dar-lhe homem
 Que he cada dia hui
 E mais muito a seu
 Ora a honra que s
 He capellão de fuão
 CAP. E do vestir não faze
 E esse comer com p
 E dormir com tanta
 Que a corôa faz no
 Sem cabeça!, e á hũ
 E missa sempre de c
 E por vos cair em g
 Servia-vos tambem c
 Té comprar sibas na
 E outros cárregost
 Deshonestos pera mi
 Isto, senhor, he assi
 E azemel nesses carr
 Arre aqui e arre alli
 E ter cárrego dos ga
 E dos negros da coz
 E alimpar-vo-los çay
 E outras cousas qu'e

¹ *Silvas*, qualquer espécie d

FIDALGO

Assi fei eu de vós
Toda a minha esmolaria,
E daveis polo amor de Deos,
Sem vos tomar conta hum dia.

CAP. Dos tres annos qu'eu allego
Da-la-hei logo sem pendenças:
Mandastes dar a hum cego
Um real por endoenças.

FID. Eu isso não vo-lo nego.

CAPELLÃO

E logo dahi a hum anno,
Pera ajuda de casar
Hũa orfan; mandastes dar
Melo covado de panno
D'Alcobaça por tosar ¹.
E nos dous annos primeiros
Repartistes tres pescadas
Por todos esses mosteiros,
Na pederneira compradas
Daquestes mesmos dinheiros.

Ora eu recebi cem reaes
Em tres annos. contaẽ bem,
Tenho aqui meio vintem.

FID. Padre, boa conta dais,
Ponde tudo n'hum item,
E fallae ao meu Doutor,
Que elle me fallará nisso.

CAP. Deixe Vossa Mercê isso
Pera ElRey nosso senhor,
E vós fallae-me de siso,

Que como, senhor, me ficastes
(Isto dentro em Santarem)
De me pagardes mui bem...:

FID. Em quantas missas m'achastes?
Das vossas digo eu porém.

CAP. Que culpa vos tem Çamora?
Por vós estão ellas nos ceos.

FID. Mas tomæ-as para vós,
E guardæ-as mui'embora,
Então pague-vo-las Deos:

Que eu não gasto meus dinheiros
Em missas atabalhoadas.

CAP. E vós fazeis foliadas ²
E não pagais ó gaitero?
Isso são balcarriadas ³.

¹ Aperfeiçoar.

² Danças, folguedos.

³ Falsidades prejudiciais.

Se vossas mercês não hão
 Cordel pera tantos nós
 Vivei vós áquem de vós,
 E não compreis gavião,
 Pois que não tendes piós ¹.

Trazels seis moços de pé
 E acrecental-los a capa,
 Coma rei. e por mercê,
 Não tendo as terras do Papa,
 Nem os tratos da Guiné,
 Antes vossa renda encurta
 Coma panno d'Alcobaça.

FID. Todo o fidalgo de raça.
 Emque a renda seja curta,
 He por fôrça qu'isso faça.

Padre, mui bem vos entendo:
 Foi sempre a vontade minha
 Dar-vos a ElRei ou á Rainha.

CAP. Isso me vai parecendo
 Bom trigo, se der farinha.
 Senhor, se m'isso fizer,
 Grande mercê me fará.

FID. Eu vos direi que será:
 Dizei agora um profaceo, a ver
 Que voz tendes pera lá.

CAP. Folgarei eu de o dizer;
 Mas quem me responderá?

FID. Eu.

CAPELLÃO

Per omnia secula seculorum.

FID. *Amen.* CAP. *Dominus vobiscum.*

FID. Avante. CAP. *Sursum corda.*

FID. Tendes essa voz tão gorda,
 Que pareceis alifante
 Depois de farto d'açorda.

CAPELLÃO

Peor voz tem Simão Vaz,
 Thesoureiro e capellão
 E peor o Adalão,
 Que canta como alcatraz ².
 E outros que por hi estão.
 Quereis que acabe a cantiga,
 E vereis onde von ter.

FID. Padre, eu hei de ter fadiga,
 Mas d'Elrei haveis de ser.
 Escusada he mais briga.

Correia para prender os pés das aves.
 Certa ave.

CAPELLÃO

Sabeis em que está a contenda?
Direis: He meu capellão:
E ElRei sabe a vossa renda,
E rir-se-ha se vem á mão,
E remetter-m'ha á Fazenda.

FID. Se vós foreis ento do.

CAP. Que b'm posso eu cantar
Onde dão sempre pescado,
E de dous annos salgado,
O peor que ha no mar?

Vem um Pagem do Fidalgo, e Diz:

PAGEM

Senhor, o ourives s'he alli. ¹
FID. Entre. Quererá dinheiro.
Venhaiz embora cavalleiro:
Cobri a cabeça, cobri.
Tendes grande amigo em mi,
E mais vosso pregoeiro.
Gabel-vos hontem a ElRei.
Quanto se póde gabar,
E sei que vos ha de occupar,
E eu vos ajudarei
Cada vez que m'hi achar.

Porque ás vezes estas ajudas
São melhores que cristels,
Porque so a fama que haveis,
E outras cousas meudas
O que valem já sabeis.

OUR. Senhor, eu o servirei
E não quero outro senhor.

FID. Sabeis que tendes melhor?
(Eu o dixei logo a ElRei,
E faz em vosso louvor:)

Não vos dá mais que vos paguem,
Que vos devem de pagar.
Nunca vi tal esperar,
Nunca vi tal vantagem,
Nem tal modo de agradar.

OUR. Nossa conta he tão pequena,
E ha tanto que he devida,
Que morre de promettida,
E peço-a ja com tanta pena,
Que depenno a minha vida.

¹ É, está ali. Já explicado.

FIDALGO

Ora olhae esse fallar
 Como vai bem martelado!
 Folgo não vos ter pagado,
 Por vós ouvir martelar
 Marteladas de avisado.

OUR. Senhor, beijo-vos-las mãos,
 Mas o meu queria eu na mão.

FID. Também isso he cortezão:
 «Senhor, beijo-vos-las mãos,
 O meu queria eu na mão».
 Que bastiões tão louças s!

Quanto pesava o saleiro?

OUR. Dous marcos bem, ouro e fio.

FID. Essa he a prata: e o feltio?

OUR. Asaz de pouco dinheiro.

FID. Que val com feltio e prata?

OUR. Justos nove mil reaes.
 E não posso esperar mais,
 Que o vosso esperar me mata.

FID. Rijsamente m'apertais.
 E fazeis-me mentiroso,
 Qu'eu gabel-vos d'outro gelto;
 E s'eu tornar ao defeito,
 Não sera proveito vosso.

OUR. Assi que o meu saleiro pelto? ¹

FID. Elle he dos mais maos saleiros,
 Que em minha vida comprei.

CUR. Ainda o eu tomarei
 A cabo de tres janceiros
 Que que ha vo-lo eu fiel.

FIDALGO

J'agora não he rezão;
 Eu não quero que vós percais.

OUR. Pois porque me não pagais?
 Que eu mesmo comprei carvão
 Com que me encarvoicais.

FID. Moço vae-me ver o que faz ElRei,
 Se parecem Damas lá:
 Este dia não se va
 Em pagarás, não pagarei.
 E vós tornae outro dia ca.

Se não achardes a mi,
 Fallae c'o meu Camareiro,
 Porque elle tem o dinheiro,
 Que cada anno vem aqui
 Da renda do meu celeiro;
 E delle recebereis
 O mais certo pagamento.

¹ Pagar o que não era devido.

o,
?

ão, vai dizendo :

ELIÃO

o?

uele.

em recado e diz :

GEM

Paço.
ibasta.

'eu faço.

ALGO

mas mesmas.
Não as chamava ninguém.

n.

rei,
hl.

,

1 1

res

Cedo não ha de haver
 Todos d'ElRei, todos d'
FID. E tu zombas? **PAG.** Não
 Que tambem alguns ch
 Não de deixar a costu

Torna o Capellão:

CAPELLÃO

Vossa Mercê por ventura
 Falhou já a ElRei em mi?
FID. Ainda geito não vi.
CAP. Não seja tão longa a cura
 Como o tempo que servi.
FID. Anda ElRei tão occupado
 Co'este Turco, co'este Papa,
 Co'esta França, co'esta trapa,
 Que não acho vao azado,
 Porque tudo anda solapa.
 Eu entro sempre ao vestir;
 Porem pera arrecadar
 Ha mister grande vagar.
 Podeis-me em tanto servir,
 Até qu'eu veja logar.
CAP. Senhor, queria concrusão.
FID. Concrusão quereis? Bem, bem,
 Concrusão ha em a'guem.
CAP. Concrusão quer concrusão,
 E não ha concrusão em nada,
 Senhor, eu tenho gastada
 Hũa capa e hum mantão;
 Pague-me a minha soldada.
FID. Se vós podissemos achar
 A altura de Leste e Oeste,
 Pois não tendes voz que preste,
 Peraqui era o mandar.
CAP. E vós pagais-me co'o ar?
 Mao caminho vejo eu este.

(vai-se).

PAGEM

Deve-o ElRei de tomar,
 Que lucra como damnado.
 Elle he do nosso logar;
 De moço guardava gado,
 Agora veio a bispar.
 Mas não sinto capellão
 Que lhe chante hum par de quedas,
 E chama-se o Labaredas.
FID. E ca chama-se Cotão,
 Mais fidalgo que os Azedas.
 Satisfação me pedia,
 Que he peor de fazer
 Que queimar toda Turquia;
 Porque do satisfazer
 Nasceu a melancholia.

Vem Pero Vaz, almocreve, que traz um pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocalhada e cantando:

PERO VAZ

«A serra he alta, fria e nevosa,
«Vi venir serrana gentil, graciosa.»

Arre, mulo namorado,
Que custaste no mercado
Sete mil e novecentos

.....
Apre, ruço, acrecentado
A moradia de quinhentos,
Paga per Nuno Ribeiro.

.....
Arre, arre, arre embora,
Que já as tardes são d'amigo.
Apre, besta do ruim.

Uxtix! o atafal vai por fóra ¹
E a cilha no embigo.
São diabo: pera os ratos
Estes vinhos da Candosa.

«A serra he alta fria e nevosa,
«Vi venir serrana, gentil, graciosa.»

Apre ca ieramá.
Que te vas todo torcendo,
Como jogador de bola.
Uxtix, uxtexulo ca, ¹
Que t'eu dou irás gemendo
E resoprando sob a coa.
Ao corpo de mi Tareja,
Descobris-vos vós na cama.
Parece? Dix, pera vossa ama:
Não criarás tu hi vareja.

«Vi venir serrana, gentil, graciosa,
«Cheguei-me per'ella com gran cortezia.»

Mando-vos eu suspirar
Pola padeira d'Aveiro,
Que haveis de chegar á venda,
E então allí desalbardar,
E albardar o vendeiro.
Se não tiver que vos venda
Vinho a seis, cabra a tres,
Pão de calo, fiuhós de manteiga,
Moça formosa, lençoes de veludo,
Casa juncada, noite longa.
Chuva com pedra, telhado novo,
A candeia morta, gaita á porta.
Apre, zambro, empearás.
Olha tu não te ponha eu
Oculos na rabadilha,
E verás per onde vás,
Demo que t'eu dou por seu,
E andarás lá de cilha.

¹ Consideram-se como vozes onomatopaicas para incitar os animais a andar.

«Cheguei-me a ella de gran cortezia,
«Disse-lhe: Senhora, quereis companhia?»

.....
.....

PAGEM

Senhor, o almocreve he aquelle,
Que os chocalhos ouço eu:
Este he o fato, senhor.

FID. Ponde todos cõbro nelle.

PER. Uxtix, miulo do judeu! —
O fato hu s'ha de pôr?

PAG. Venhais embora, Pero Vaz.

PER. Mantenha Deos vossa mercê.

PAG. Viestes polas Folgosas?

PER. Ahi estive eu hoje faz
Oito dias pé por pé,
Em casa d'hũas tias vossa.

PAGEM

Ora meu pae que fazia?

PER. Cavando andava bacelo,
Bem cansado e bem suado.

PAG. E minha mãe? PER. Levava o gado
Lá pera Val de Cabelo,
Mal roupada qu'ella ia.
Uxtix, que mao lambaz! —¹
E vossa mercê que faz?

PAG. Estou loução como que.

PER. E á bofé creceis assaz.
Saude que vos Deos dê.

PAGEM

Eu sam pagem de meu senhor,
Se Deos quiser pagem da lança.

PER. E hum fidalgo tanto alcança?
Isso he d'Imperador.

Ora prenda ElRei de França.

PAG. Ainda eu hei de chegar
A cavalleiro fidalgo.

PER. Pardeos, João Crespo Penalvo,
Que isso seria esperar
De mao rafeiro ser galgo.

Mais fermoso está ao villão
Mao burel, que mao frisado,
E romper matos maninhos;
E ao fidalgo de nação
Ter quatro homens de recado,
E leixar lavrar ratinhos.

¹ Que comilão, que faminto!

Qu'em Frandes e Alemanha,
 Em toda França e Veneza,
 Que vivem por siso e manha,
 Por não viver em tristeza,
 Não he como nesta terra;
 Porque o filho do lavrador
 Casa lá com lavradora,
 E nunca sabem mais nada;
 E o filho do broslador
 Casa com a brosladora : ¹
 Isto per lei ordenada.
 E os fidalgos da casta
 Servem os reis e altos senhores,
 De tudo sem presumpção,
 Tão chãos, que pouco lhes basta.
 Para todos lavrão pão.

PAGEM

PER. Quero ir dizer de vós.
 Ora ide dizer de mi :
 Que se grave he Deos dos ceos,
 Mais graves deoses ha aqui.

(ao Fidalgo)

PAG. Senhor, alli vêm o fato,
 E está á porta o almocreve :
 Vêde quem lhe ha de pagar
 Isso tal que se lhe deve.

FIDALGO

Isto he com que m'eu mato
 Quem te manda procurar ?
 Attenta tu polo meu,
 E arrecada-o muito bem,
 E não cures de ninguém.
PAG. Elle he d'apar de Viseu,
 E homem que me pertem ;
 Pois a porta lhe abri eu.

Entra dentro o almocreve e diz :

PERO VAZ

Senhor, trouxe a frascaria
 De vossa mercê aqui.
 Hi estão os mus albardados.
FID. Essa he a mais nova arabia
 D'almocreve que eu vi :
 Dou-te vinte mil cruzados.

¹ O que se ocupava em fazer bordados.

PER. Mas pague-me vossa mercê
O meu aluguer, nó mais,
Que me quero logo ir.

FID. O aluguer quanto he?

PER. Mil e seis centos reaes,
E isto por vos servir.

FIDALGO

Fallae c'o meu azemel,
Porque he doutor das bêstas
E astrologo dos mus,
Que assente em hum papel
Per avaliações honestas
O que se monta : ora sus.
Porque esta he a ordenança
E estilo de minha casa ;
E se o azemel for fóra,
Como culdo que he em França,
Dareis outra volta á massa,
E ir-vos-heis por agora.

Vossa paga he nas mãos.

PER. Já a eu quisera nos pés,
O' pesar de minha mãe.

FID. E tens tu pae e irmão?

PER. Pagaе, senhor, não zombels,
Que sou d'alem do sertão,
E não posso ca tornar.

ID. Se ca vieres á côrte,
Pousarás aqui co'os meus.

PER. Nunca mais hei de flar
Em fidalgo desta sorte.
Emque o mande San Matheus.

FIDALGO

Faze por teres amigos,
E mais tal homem com'eu,
Porque dinheiro he hum vento.
PER. Dou eu ja ó demo os amigos
Que me a mi levão o meu.

Val-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diz

FIDALGO 1.º

Oh que grande saber vir,
E que gran saber-me a vontade!
F. 2.º Pois, senhor, que vos parece?
Desejo de vos servir,
E não quero que venha á cidade
Hum quem não parece esquece.

F. 1.º Paguei soma de dinheiro
A hum ourives agora,
De prata que me lavrou,
E paguei a um recôveiro,
Que he a dar dinheiros fóra
A quem não sei como os ganhou.

FIDALGO 2.º

Ganhão-nos tão mal ganhados,
Que vos roubão as orelhas.

F. 1.º Pola hostia consagrada
E polo Deus consagrado,
Que os lobos nas ovelhas
Não dão tão crua pancada.
Polos sanctos avangelhos,
E polo *omnium sanctorum*,
Que ate o meu capellão,
Por mezinhas de coelhos
E hũa *secula seculorum*,
Lhe dou por missa um tostão.

Não ha ja homem em Portugal

Tão sujeito em pagar,
Nem tão forro pera mulheres.

F. 2.º Guardae vós esse bem tal,
Que a mi hão-me de matar
Bem me queres mal me queres.

F. 1.º Por quantas damas Deos tem
Não daria nem migalha.
Olhae que descubro isto.

F. 2.º Sam tão fino em querer bem,
Que de fino tomo a palha,
Pola fé de Jesu Christo.

Quem queres que veja olhinhos,
Que se não perca por elles,
Lá per huns geitinhos lindos,
Que vos mettem em caminhos,
E não ha caminhos nelles,
Senão espinhos infindos?

F. 1.º Eu ja não hei de penar -
Por amores de ninguem;
Mas dama de bom morgado,
Aqui vai o remirar,
Aqui vai o querer bem,
E tudo bem empregado.

Que porque dance mui bem,
Nem bailar com muita graça,
Seja discreta, avisada,
Fermosa quanto Deos tem —
Senhor, boa prol lhe faça,
Se seu pae não tiver nada.
Não sejais vós tão Mancias,
Que isso passa ja d'amor,
E cousas desesperadas.

F. 2.º Porém lá por vossas vias
Vou-vos esperar, senhor,
A rendeiro das jugadas.

- Porque galante caseiro
 He pera pôr em historia.
- F. 1.º Mas zombae, senhor, zombae.
- F. 2.º Senhor, o homem inteiro
 Não lh'ha de vir á memoria
 Co'a dama o de seu pae ;
 Nem ha mais de desejar
 Nem querer outra alegria,
 Que so *Los tus cabellos niña*.
 Não ha li mais que esperar,
 Onde lie esta cantiguinha.
 E, *Todo o mal he de quem no tem*
 E, *Se o disserem digão — Alma minha,*
Quem vos anojou, meu bem :
 Hel os todos de grosar,
 Ainda que sejam velhos.
- F. 1.º Vós, senhor, vindes tão bravo,
 Que eu hei-vos medo ja.
 Polos sanctos evangelhos
 Que levais tudo ao cabo,
 Lá onde cabo não ha.
- F. 2.º Zombais e dais a entender
 Zombando, que m'entendeis.
 Pois de vós mui alto estou,
 Porque deveis de saber
 Que se d'amor não sabeis,
 Não podeis ir onde eu vou.
 Quando fordes namorado,
 Vireis a ser mais profundo,
 Mas discreto e mais subtil,
 Porque o mundo namorado
 He lá, senhor, outro mundo,
 Que está alem do Brasil.
 Oh meu mundo verdadeiro !
 Oh minha justa batalha !
 Mundo do meu doce engano !
- F. 1.º Oh palha do meu palheiro,
 Que tenho hum mundo de palha,
 Palha ainda d'ora a hum anno ;
 E tenho hum mundo de trigo
 Pera vender a essa gente.
 Boa cabeça tem Morale.
 Não quero d'amor, amigo,
 Andar gemente e flente
In hac lacrymarum valle.

FIDALGO 2.º

Vou-me ; vós não sois sentido,
 Sois mui duro do pescoço ;
 Não vale isso nem migalha :
 Pesa-me de ver perdido
 Hum homem fidalgo ensonço,
 Pois tem a vida na palha.

XXXIX

Farça de Ines Pereira

[É a farça feita para responder aos seus detractores. Reproduz-se a parte que realmente justifica o ditado que lhe deram. Ed. de Coimbra, II, 318 emendada pelo texto anterior á *Compilação* de 1562 segundo exemplar da Bibl. de Madrid, reprod. na obra do sr. Braamcamp Freire, com fac-simile da portada, 358].

Finge-se que Ines Pereira, filha de hũa mulher de baixa sorte, muito fantasiosa, está lavrando em casa, e sua mãe he a ouvir missa, e ella diz :

INES

Renego deste lavar
E do primeiro que o usou;
Ao diabo que o eu dou,
Que tão mau he de aturar.
Oh Jesu! que enfadamento,
E que raiva e que tormento.
Que cegueira e que conselra!
Eu hei de buscar maneira
Dalgum outro aviamento.

Coitada, assi hei de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem asa,
Que sempre está num lugar?
E assi hão de ser l. grados
Dous dias amargurados
Que eu posso durar viva?
E assi hei d'estar cativa
Em poder de desfiados?

Commendo-me eu logo ó demo
S'eu mais lavro nem pontada;
Ja tenho a vida cansada
De jazer sempre dhum cabo.
Todas folgam, e eu não,
Todas vem e todas vam
Onde querem, senão eu.
Hui! que peccado he o meu,
Ou que dor do coração?

Esta vida he mais que morta,
Sam eu coruja ou corujo,
Ou sam algum caramujo,
Que não sae senão á porta?
E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,
Que possa estar á janella,
He já mais que a Madanella,
Quando achou a aleluia.

Vem a Mãi, e diz:

MÃI

Logo eu adevinhei
Lá na missa onde eu estava,
Como a minha Ines lavrava
A tarefa que lhe eu dei.
Acaba esse travesseiro.
Huy! naceo-te algum unheiro
Ou cuidas que é d'a sancto?

INES

Praza a Deos que algum quebranto
Me tire do captiveiro.

MÃI

Toda tu estás aquella!
Chórão-te os filhos por pão?

INES

Prouvesse a Deos; que já he rezão
De eu não estar tão singela.

MÃI

Olhade lá o mau pesar!
Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?

INES

Mas eu, mãi, sam aguçosa,
E vos dais-vos de vagar.

MÃI

Ora espera assi, vejamos.

INES

Quem ja visse esse prazer.

MÃI

Cal'-te que poderá ser,
Que ante pascoa vem os Ramos.
Não te apresses tu, Ines,
Maior he o anno que o mes.
Quando te não precataes
Virão marido, a pares,
E filhos de tres em tres.

INES

Quero-m'ora alevantar;
Folgo mais de falar nisso,
Assi Deos me dê o paraiso,
Mil vezes que não lavrar:
Isto não sei que o faz.

MÃI

Aqui vem Lianor Vaz.

INES

E ella vem-se benzendo.

.....

LEONOR

..... Eu venho
Com grande amor que vos tenho
Porque diz o ex mplo antigo
Que amiga e bom amigo
Mais aqueita q e o bom lenho.
Ines está concertada
Pera casar com algum?

MÃI

Atégora com ninguém
Não he ella embaraçada.

LEONOR

Em nome do Anjo bento:
Em vos trago hum casamento,
Filha, não sei se vos praz.

INES

E quando, Lianor Vaz?

LEONOR

Já vos trago avlamente.

LEONOR

Lêde a carta s'm dó,
Que inda eu sam contente delle?

INES (prosegue na leitura.)

*Nem cantar presente mi,
Pois Deos sabe a rebentinha
Que me fizestes então
Ora, Ines, que hajais benção
De vosso Pae i a minha,
Que venha isto a concurião.
* E rogo-vos como amiga
Que samicas vos sercis
Que de parte me fa'eis.
Antes que out. em vo-lo diga.
E se não fiaes de vir
Esteja vossa Mãi ahí
E Lianor Vaz de presente
Veremos se sois contente
Que casemos na boa hora.
* Des que nasci até agora
Não vi tal vilão com'este
Nem tanto fóra de mão.*

LEONOR

Queres casar a prazer
No tempo d'agora, Ines?
Antes casa, emque te pêz,
Que não he tempo d'escolher.
Sempre eu ouvi dizer,
Ou seja sapo ou sapinho,
Ou marido ou maridinho,
Tenha o que houver mister,
Este he o certo caminho.

MÃI

Pardeos, amiga, essa he ella;
Mata o cavallo de cela,
E bô he o asno que me leva.

LEONOR

Filha, no chão do Couce,
Quem não puder andar choute.
E mais quero e quem madore,
Que quem faça com que chore.
Chamá-lo-hei, Ines?

INE. Si,
Venha e veja-me a mi,
Quero ver, quando me vir,
Se perderá o presumir
Logo em chegando aqui,
Pera me fartar de rir.

MÃI

Touca-te bem, se vier,
Pois que pera casar anda.

INES

Essa he boa demanda!
Ceremonias ha mister
Homem que tal carta manda?
Eu o estou ca pintando:
Sabeis, m'li, que eu adevinho?
Deve ser hum vilãozinho...
El-lo se vem pnteando:
Será com algum ancinho?

*Vem Pero Marquez vestido como fl-
lho de lavrador rico com hum gabão
azul deitado ao hombro, com o ca-
pelo por diante, e diz:*

PERO

Homem que vai onde eu vou
Não se deve de correr;
Ria embora quem qu ser,
Que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui:
Olhae que mesquece a mi!
Eu creio que nesta rua,
Esta parreira he sua:
Ja conheço que he aqui.

(Chega a casa de Ines Pereira.)

Digo que esteis muit'embora.
Folguei ora de vir cá
Eu vos escrevi de lá
Hũ cartinha, senhora:
Assi que e de maneira...

MÃI

Tomai aquella cadeira.

¹ Os versos marcados entre * não figuram na ed. de 1562, faltando portanto na ed. de Hamburgo e em todas as demais.

PERO

E que vale aqui hñta destas ?

INES

Oh Jesu ! que Jam das bêstas !
Olhai aquella canseira.

(Assentou-se com as costas para ellas, e
diz:)

PERO

Eu cuido que não estou bem.

MÃI

Como vos chamam, amigo ?

PERO

Eu Pero Márquez me digo,
Como meu pai que Deos tem.
Faleceo, perdoe-lhe Deos,
Que fôra bem escusado,
E ficamos dous hereos,
Porém meu he o morgado.

MÃI

De morgado he vosso estado ?
Isso viria dos ceos.

PERO

Mais gado tenho eu já quanto,
E o mor de todo o gado,
Digo maior algum tanto.
E desejo ser casado,
Prouguesse ao Spirito Sancto,
Com Ines ; que eu me espanto
Quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
E eu de bem er tambem.
Ora vós ide lá vendo.
Se lhe vem melhor ninguém,
A segundo o que eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
Peras da minha pereira:
Hão de estar na derradeira.
Tende ora, Ines por hi.

INES

E isso hei de ter na mão ?

PERO

Deitai as peas no chão.

INES

As perlas pera enfiar,
Tres chocalhos e hum novelo,
E as peas no capelo:—
E as peras onde estão ?

PERO

Nunca tal me aconteceu :
Algun rapaz mas comeo ;
Que as meti no capelo,
E ficou aqui o novelo,
E o pentem não se perdeo :
Pois trazi'-as de boamente.

INES

Fresco vinha o presente
Com folhinas borrifadas.

PERO

Não qu'ellas vinham chentadas
Ca no fundo no mais quente.
Vossa mãe foi-se ? Ora bem,
Sós nos leixou ella assi ?
Cant'eu quero-me ir daqui,
Não diga algum demo alguem...

INES

E vós que haviéis de fazer,
Nem ninguém que ha de dizer ?
O galante despejado !

PERO

Se eu fôra ja casado,
Doutra arte havia de ser,
Como homem de bom recado.

INES (á parte.)

Quão desviado este está !
Todos andam por caçar
Suas damas, sem casar,
A este, tomade-o lá !

PERO

Vossa mãe he lá no muro ?

INES

Minha mãe eu vós seguro
Que ella venha ca dormir.

PERO

Pois, senhora, quero-me ir
Antes que venha o escuro.

INES

E não cureis mais de vir.

PERO

Virá ca Lianor Vaz,
Veremos que lhe dizeis.

INES

Homem, não aporfeis,
Que não quero, nem me praz.
Ide casar a Cascais.

PERO

Não vos anojarei mais,
Inda que saiba estalar;
E prometo não casar
Até que vós não queirais.
Estas vos sam ellas a vós;
Anda home a gastar calçado,¹
E quando cuida que he aviado,
Escarnefucham de vós.
Não sei se fica lá a pea:
Pardeos! bô ia eu á aldea.
Senhora, ca fica o fato.

INES

Olhai se o levou o gato.

PERO

Inda não tendes candeia?
Ponho per cajo que alguém
Vem como eu vim agora,
E vos acha só a tal hora:
Parece-vos que sera bem?
Ficai-vos ora com Deos:
Carrai a porta sôbre vós

Cora vossa candelazinha;
E siquais sereis vós minha,
Entonces veremos nós. (Vai-se.)

INES

Pessoa conheço eu,
Que levava outro caminho.
Casai lá com hum vilãozinho,
Mais covarde que hum judeu!
Se fôra outro homem agora,
E me topára a tal hora,
Estando assi ás escuras,
Falara-me mil doçuras,
Ainda que mais não fôra.

MÃI

Pero Márquez foi-se já?

INES

Pera que era elle aqui?

MÃI

Não te agrada elle a ti?

INES

Vá-se multieramá;
Que sempre disse e direi;
Mãi, eu me não casarei
Senão com homem discreto,
E assi vo-l-o prometo,
Ou antes o leixarei.
Que seja homem mal feito,
Feo, pobre, sem feição,
Como tiver descrição,
Não lhe quero mais proveito.
E salba tanger viola,
E coma eu pão e cebola.
Siquer hã cantiguinha,
Discreto, feito em farinha,
Porque isto me degola.

XL

Comédia Alfea

Fala de Silvio a Celia

..... Conheço
Que dais mais do que mereço.
Pois por preço em q̃ mais ganho;
Me dais o que não tem preço.

A mão vos dou de ser vosso,
E dado que a mão não dera,
Não ser vosso mal podera,
Porque querendo o que posso,
Só o ser vosso quisera.

Vós ribeiras caudalosas
Celebrareis este dia,

Roxos lírios, brancas rosas,
Boninas flores cheirosas,
Celebray minha alegria.

Arvoredos que cubris
Com fresca sombra os pastores,
Porque vos não revestis
Doutras cores frutos, flores,
Pois minha g'loria sentis?

Dai-me minha Celia agora
O que peço como esposa.

Simão Machado, *Comédias Portuguezas*, pág. 108, 2.^a col.

XLI

Comédia Alfea

SILVIO

Dizei-me fermosas flores,
Que sabeis de Celia bella?
Doei-vos de minhas dores,
Que essa fermosura, & cores,
Me dizem que sabeis della.

Como não ha fermosura
Onde Celia está ausente,
A que tendes me assegura,
Que em vós a tenho presente,
Mas escondem a ventura.
Ay que até o engano meu
Me persegue, & me faz guerra,
Se Celia quer dizer Ceo,
E a terra a não mereceo,
Como a busco eu ca na terra?
Desse lugar onde estais,
Querida Celia vos peço,
Qual he mayor me digais,
Se a pena que eu ca padeço
Se a gloria que la gozais?

E se foy de vos perder,
A causa não merecer-vos,
Vós me fazeis merecer
Ir-vos la tão cedo a ver,
Quam cedo deixey de ver-vos

Alfea pois me roubaste
A vida com que vivia,
Porque vivo me deixaste,
Para morrer cada dia,
Ausente de quem levaste?

.....

PASCOAL

A lugar despovoado,
Apartado de alegria,
Irey sem levar meu gado,
Nem mais outra companhia,
Que só a de meu cuidado.

Alli em a soidade
Moverão minhas querella
As crueis foras, & nellas
Veray achando piedade,
Quanto es tu mais cruel quellas.

Alli com tristes lamentos
Espalharey pelos ventos
Palavras que formem crua,
Ajudandome com a sua
O Ecco nos finaes assentos.

Id. *ibid.* págs. 118-119 e 129.

PROSA

XLII

Sobre a pintura em Flandres e em Itália; apologia desta arte

Diálogo em que sam interlocutores: — a Marquesa de Pescara, Vittoria Colonna — Messer Lattanzio Tolomei — Francisco de Hollanda — Frate Ambrogio di Siena — Miguel Angelo.)

.....
Dixe M. Angelo: — Mas peça-me v. ex.^a cousa que se a ella possa dar, e será sua.

E ella, sorrindo-se: — Muito desejo de saber, pois stamos nesta materia, que cousa é o pintar de Frandes, e a quem satisfaz, porque me parece mais devoto que o modo italiano.

— A pintura de Frandes, respondeu devagar o pintor, satisfará, Senhora, geralmente a qualquer devoto, mais que nenhuma de Italia, que lhe nunca fará chorar uma só lagrima, e a de Frandes muitas; isto não polo vigor e bondade d'aquella pintura, mas pola bondade d'aquelle tal devoto. A molheres parecerá bem, principalmente ás muito velhas, ou ás muito moças, e assi mesmo a frades e a freiras, e a alguns fidalgos desmusicos da verdadeira harmonia. Pintam em Frandes propriamente pera enganar a vista exterior, ou cousas que vos alegrem ou de que não possaes dizer mal, assi como santos e profetas. O seu pintar é trapas, maçonarias, verduras de campos, sombras d'arvores, e rios e pontes, a que chamam paisagens, e muitas figuras para ca e muitas para acolá; e tudo isto, inda que pareça bem a alguns olhos, na verdade é feito sem razão nem arte, sem symetria, nem proporção, sem advertencia d'escolher nem despejo, e finalmente sem nenhuma sustancia nem nervo; e comtudo noutra parte se pinta por que em Frandes. Nem digo tanto mal da framengi pintura porque seja toda má, mas porque quer fazer tanta cousa bem (cada uma das quaes só bastava por mui grande) que não faz nenhuma bem.

Sómente as obras que se fazem em Italia podemos chamar quasi verdadeira pintura, e por isso a boa chamamos italiana, que quando, noutra terra se assim fizesse, d'aquella terra ou provincia lhe daríamos o nome. E a boa d'esta não ha cousa mais nobre nem devota, porque a devoção, nos discretos, nenhuma cousa a faz mais lembrar nem erguer que a defculdade da perfeição que se vai unir e ajuntar a Deos; porque a boa pintura não é outra cousa senão um terlado das perfeições de Deos e uma lembrança do seu pintar, finalmente uma musica e uma melodia que sómente o inteleito póde sentir, a grande defculdade. E por isto é esta pintura tão rara que a não sabe ninguem fazer nem alcançar.

E mais digo (o que quem o notar, terá em muito) que de quantos climas ou terras alumia o sol e a lua, em nenhuma outra se póde bem pintar senão em o reino da Italia; e é cousa quasi impossivel fazer-se bem senão aqui, ainda que bem nas outras provincias houvesse melhores engenhos, se os póde haver, e isto polas razões que vos diremos.

Tomai um grande homem d'outro reino, e dizei-lhe que pinte o que elle quizer e melhor souber fazer, e faça-o; e tomai um mau discipolo italiano e mandai-lhe dar um traço, ou que pinte o que vós quiserdes, e faça-o; achareis, se o bem entendeis, que o traço d'aquelle aprediz, quanto á arte, tem mais sustancia que o d'aqueloutro mestre, e vale mais o que elle queria fazer

que tudo o que aqueloutro fez. Mandai a um grande mestre, que não seja italiano, inda que bem fosse *A'berto*, homem delicado na sua maneira, que para me enganar a mi ou a *Francisco d'Olanda*, queira contrafazer e arremedar uma obra que pareça de Italia, e se não poder ser da muito boa, que seja da arrezada, ou da má pintura, que eu vos certifico que logo a tal obra se conheça não ser feita em Italia, nem por mão de italiano.

Assim affirmo que nenhuma nação nem gente (deixo estar um ou dous spanhoes), póde perfeitamente faltar nem emitir o modo do pintar da Italia (que é o grego antigo), que logo não seja conhecido facilmente por alheo, por mais que se nisso esforce e trabalhe. E se por algum grande milagre algum vier a pintar bem, então, inda que o não fizesse por arremedar Italia, se poderá dizer que o sómente pintou como italiano.

Assi que não se chama pintura de Italia qualquer pintura feita em Italia, mas qualquer que fór boa e certa, que, porque nella se fazem as obras da pintura illustre mais mestrosas e gravemente que em nenhuma outra parte, chamamos a boa pintura *italiana*, a qual, inda que se fizesse em Frânces ou em Spanha (que mais se aproxima connosco), se boa fór, pintura será de Italia, porque esta nobelissima sciencia não é de nenhuma terra, *que do ceo veio*; porém do antigo inda ficou em a nossa Italia mais que em outro reino do mundo, e nella culdo eu que acabará.

Assim dizia elle. Vendo eu que *Micael*, stava callado, por este modo o tornei a provocar:

—Assi, *mestre Micael Angelo*, que vós affirmaes que sómente aos italianos concedel: entre todo o outro mundo a pintura?

Nem que mil gre é ser isso assi? Saber is que em Italia pinta-se bem por muitas razões, e fóra de Italia pinta-se mal por muitas razões. Primeiramente a natureza dos italianos é estudiosissima em stremo e os de engenho já trazem do seu proprio, quando nascem, trabalho gosto e amor áquillo que são inclinados, e que lhes pede o seu genio: e se algum determino de fazer profissão, e seguir alguma arte ou sciencia liberal, não se contenta elle com o que lhe basta para ser por aqella rico e do numero dos officiaes mas por ser unico e stremado vegia e trabalha continuamente, e só traz ante d's o hos este tamanho interesse de ser monstro de perfeição (fillo onde sei que sou cri'o) e não arrezado: naquella arte ou sciencia. E isto porque a Italia não stima este nome de arrezado, que tem por baixissima cousa nesta parte o remedio: e sómente d'aquelle falla e tr'o coo alevanta a que chamam *orgãos*, como sobrepujadores dos outros todos e como penetradores das nuvens e da luz do sol.

Depois nociois na provincia (vêde se é isto vantagem) que é mãe e conservadora de todas as sciencias e descepias entre tantas reliquias dos vosos antigos, que em nenhuma outra parte se acham, que lá de minimos, a qualquer cousa que a vossa inclinação ou genio emclina, tonaes ante os olhos pelas ruas muita parte d'aquellas, e costumados sois de pequenos a terdes vistas aquellas cousas que os velhos nunca viram noutros reinos.

Depois crescendo, inda que bem fosseis rudos e grosseiros, trazels já do costume os olhos tão cheios da noticia e vista de muitas cousas antigas nomeadas, que não podeis deixar de vos chegar a imitar d'ellas: quanto mais que com isso se ajuntam engenhos (como digo) stremados e estudo e gosto incansavel. Tendes mestres que imitar singulares, e as suas obras, e das cousas modernas cheas as cidades de todas as galantarias e novidades que se cada dia descobrem e acham. E se todas estas cousas não bastam, que eu por mui sufficiente stimaria pera a perfeição de qualquer sciencia, ao menos esta é mui bastante: que nós outros, os Portugueses, inda que alguns naçamos de gentis engenhos e sp'itos, como naceem muitos, todavia temos por desprezo e galantaria fazer pouca conta das artes; e quasi nos enjuriámos de saber mui'o d'ellas, onde sempre as deixamos imperfeitas e sem acabar. A vós os italianos (não digo já allemães nem francezes) a mór honra, a mór nobreza e o ser pera mais, sómente pondeis em um

[homem] ser terrível pintor, ou terrível em qualquer faculdade; e aquelle só dos fidalgos, dos capitães, dos discretos, dos pragueiros, dos príncipes, dos cardeaes e dos papas é tido em muito e quasi d'alguns exalçado, que alcança fama de consumado e raro na sua profissão. E não stimando em Italia grandes príncipes, nem tendo nome, sómente a um pintor vão chamar o *divino*: *Micael Angelo*, como em cartas que vos escreveu *Aretino*, praguejador de todos os senhores christãos, achareis.

Ora as pragas e os preços, que em Italia se dão pola pintura, tambem me parecem muita parte de em nenhum outro lugar se poder pintor, senão dentro nella, porque muitas vezes por uma cabeça ou rosto tirado do natural se pagam mil cruzados; e outras muitas obras se pagam como, senhores, melhor sabeis, mui deferentes do que pagam po'os outros reinos, posto que o meu é dos magníficos e largos. Ora veja a Excellencia Vossa se são estas deferentes casões e ajudas.

— Parece-me, respondeu a senhora *Marquesa*, que per cima d'esses desaios tendes vós engenho e saber não de tramontano, mas de *bom italiano*; emfim, por toda a parte é uma mesma a virtude, e um mesmo bom, e um mesmo máo, inda que não tenham outras policias das nossas.

— Se isso (respondi eu) ouvissem na minha patria, bem, senhora, se spantariam assi de me v. ex.^a louvar e por essa maneira, como por fazer essa deferença dos homens italianos aos outros, que lhe chamaes tramontanos, ou de tra-los-montes:

*Non obtusa adeo gestamus rectora Pæni,
Nec tam aduersus equos, Lysia, sol iungit ab urbe.*

Temos, senhora, em Portugal cidades boas e antigas, principalmente a minha patria Lisboa: temos costumes bons e bons cortesãos e valentes cavalleiros e valerosos príncipes, assi na guerra como na paz e sobretudo temos um rei mui poderoso e caro, que em grande assocego nos tempera e rege, e manda províncias mui apartadas de gentes barbaras, que á fé converteu; e é temido de todo o oriente e de toda Mauritania, e favorecedor das boas artes, tanto que por se enganar com o mau engenho, que de moço algum fruto prometia me mandou ver Italia e suas policias, e mestre *Micael Angelo*, que aqui vejo estar. É bem verdade que não temos outras policias dos edificios, nem de pinturas como cá tendes mas todavia já se comçam e vão pouco a pouco perdendo a superfluidade barbara, que os gótos e mauritanos semearam por as Spanhas. Tambem spero que, chegando a Portugal e indo de cá, que eu ajude ou na elegancia do edificar, ou na breza da pintura a poderem competir comvosco. A qual sciencia de todo esá quasi perdida e sem resplendor nem nome naqueles reinos, e não por culpa d'ourem se não do lugar e do descostume tanto que muitos poucos a stimam nem entendem, senão é o nosso serenissimo rei por sustentar t da virtude e a favorecer; e assi mes no o serenissimo infante D. Luis, seu irmão príncipe mui valeroso e sabio, que tem nella muito gentis advertencias e descripção, como até em todas as outras cousas liberaes. Todos os outros não entendem nem se prezam da Pintura.

— Faz m bem dixe *M. Angelo*.

Mas *Messer Lactancio Tolomei*, que havia um pedaço que não fallava, d'esta feição proseguo:

— Essa varagem temos mui grande. nós, os italianos, a todas as outras ações d'este grão mundo em o conhecimento e honor de todas as artes e sciencias illustres e dignissimas. Porém faço-vos saber, *M. Francisco d'Hollanda*, que quem não entender ou stimar a nobelissima pintura, que o faz por seu delecto, e não da arte, que é mui fida'ga e clara; e que é barbaro e sem julzo, e que não tem uma mui honrada parte de ser homem. E isto por muitos exemplos

dos antigos e novos emperadores e reis muito poderosos; polos dos philosophos e discretos, que tudo alcançaram, que tanto stimaram e se prezaram do conhecimento da pintura, e de fallar nella com tão altos louvores e exemplos, e de a usar e pagar tão liberal e magnificamente; e finalmente pela muita honra que lhe faz a Madre Igreja, com os santos pontífices, cardeaes e grandes principes e prelados. E pois achareis em todos os passados segres e todas as passadas valerosas gentes e povos que esta arte sempre trouxeram em tanto que nenhuma cousa tinham por mayor admiração, nem milagre. E pois vemos Alexandre o Manho, Demetrio e Tolomeu, reis famosos, com outros muitos principes, se vangloriam prontamente de a saber entender; e entre os Cesares Augustos o divo Cesar, Ottaviano Augusto, M. Agrippa, Claudio, e Caligula e Nero, só em isto virtuosos; assi Vespasiano e Tito, como se mostrou nos retavolos famosos do templo da Paz, o qual edificou despois que desfez os judeus e o seu Jerusalem. Que direi do grande emperador Trajano? que de Helio Hadriano? o qual pola sua propria mão pintava muito singularmente, segundo screve na sua vida Dion grego, e Spartiano, pois o divino Marco Aurelio Antonino, diz Julio Capitolino como aprendeu a pintar, sendo seu mestre Diogenito; e mesmo conta Helio Lampridio que o emperador Severo Alexandre, o qual foi um fortissimo princepe, pintou elle mesmo a sua genolosia por mostrar que descendia da linhagem dos Metelos. Do grande Pompeo diz Plutarcho que na cidade de Mitilene debuxou com stylo a planta e fórma do theatro, para o despois mandar fazer em Roma, assi como o fez.

E inda que pelos seus grandes effeitos e primores a nobre pintura mereça toda veneração sem buscar alegações d'outros senão proprios d'ella quis todavia mostrar aqui, ante quem o sabe, de que calidades de homens ella foi stimada. E se se achar por ventura, em algum tempo ou lugar, algum que de elevado e grande não queira prezar esta arte, saiba que outros já móres se prezaram muito d'ella; e quem póde elle ser que se lgoale com Alexandre o grego, ou o romano? quem será que exceda a proeza de Cesar? quem de mór gloria que Pompeo? quem mais princepe que Trajano? Pois estes Alexandres e Cesares não sómente amaram a divina pintura caramente, e a pagaram por grandes preços, mas po'as suas mesmas mãos a trataram e sentiram. Nem quem será que por braveza e presumpção a engeltar, que até á severa e grave face da pintura não fique muito humilde e para muito menos que ella? —

— Além d'essas cousas, que são grandes, qual cousa ha que maes ennobreça ou faça alguma outra cousa fermosa que a pintura, assi nas armas, como nos templos, como nos paços ou fortalezas, ou qualquer outra parte em que caiba fremosura e ordem? E assim affirmam os grandes engenhos que nenhuma cousa póde o homem achar contra a sua mortalidade, nem contra enveja do tempo, que a pintura. Nem se arredou muito d'esta tenção Pithagoras, quando dizia que sós em tres cousas se pareciam os homens com Deus immortal: na sciencia e na pintura e na musica. —

Aqui dixe *mestre Miçael*:

— Eu seguro, que se no vosso Portugal, *M. Francisco*, vissem a fremosura da pintura que está por algumas casas d'esta Italia, que não poderiam ser tão desmusicos lá que a não stimassem em muito e a desejassem de alcançar; mas não é muito não conhecerem nem prezarem o que nunca viram, e o que não tem.

XLIII

Menina e Moça em saudades do Bernardim Ribeiro

CAPÍTULO I

Menina e moça me levaram de casa de meu pae para longas terras.

Qual fosse então a causa d'aquella minha levada, — era pequena, — não sei. Agora, não lhe ponho outra, senão que já então parece havia de ser a que depois foi.

Vivi alli tanto tempo, quanto foi necessario para não poder viver em outra parte.

Muito contente fui eu naquella terra; mas, — coitada de mim! — que em breve espaço se mudou tudo aquello que em longo tempo se buscou, e para longo tempo se buscava.

Gran desventura foi a que me fez ser triste, ou a que, pela ventura, me fez ser leda. Mas, depois que eu vi tantas cousas trocadas por outras, e o prazer feito mágua maior, — a tanta paixão vim, que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha.

Escolhi, para meu contentamento (se entre tristezas e saudades ha algum), vir-me viver a este monte, onde o logar, e mingua da conversação da gente fosse como para meu cuidado compria, — porque, grande erro fôra, depois de tantos nojos, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanso que elle nunca deu a ninguem, — estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; d'onde não vejo senão serras, de um cabo, que se não mudam nunca, e, do outro, aguas do mar, que nunca estão quedas; onde cuidava eu já que esquecia a desventura, — porque ella, e depois eu, a todo poder que ambas podemos, não tirámos em mim nada em que podesse nova mágua ter logar (antes havia muito tempo que tudo é povoado de tristezas), — e com razão.

Mas parece que, em desaventuras, ha mudanças para outras desaventuras; porque, do bem, não ha havia para outro bem.

E foi assi, que, por caso extranho, fui levada em parte, onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em cousas alheas, todas minhas angustias; e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dor.

Alli vi, então, na piedade que houve d'outrem, camanha a divêra ter de mim, se não fôra tão demasiadamente mais amiga de minha dor, do que parece que foi de mim quem me e a causa d'ella; mas, tamanha é a razão porque sou triste, que nunca me veio mal nenhum, que eu não andasse em busca d'elle.

D'aqui me vem a mim a parecer que esta mudança, em que me eu vi, já então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ella aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma, para vir aqui acabar os poucos dias de vida, que eu culdei que me sobjavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, me enganei eu.

Agora, há já dous annos que estou aqui, e não sei ainda tão sómente detreminar para quando m'aguarda a derradeira hora. Não póde já vir longe.

Isto me pos em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas, depois, cuidando commigo, disse eu, que arrecear de não acabar d'escrever o que vi, não era causa para o deixar de fazer; pois não havia d'escrever para ninguem, senão para mim só. Quanto mais, que, em cousas não acabadas, não havia de ser nova: que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim? Antes me pareceu que este tempo, que hei d'estar aqui neste ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse, — pois Deus quis que assi minha vontade seja.

Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam: que, porventura, parecendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz bastava eu nacer pera minhas máguas, e não ainda pera as d'outrem.

Os tristes o poderão ler: mas ahí não os houve mais, homens, depois que nzs mulheres houve piedade. Mulheres, si; porque sempre nos homens houve desamor. Mas pera ellas não no faço eu; que pois o seu mal he tamanho, que se não pode confortar com outro nenhum, pera as mais entristecer sem-rezão seria querer eu que o lessem ellas; mas antes lhes peço muito que fujam d'elle, e de todas las cousas de tristeza; que, ainda com isto, poucos serão os dias que hão de poder ser ledas; porque assi está ordenado peia desventura com que ellas nadem.

Pera uma só pessoa podia elle ser; mas, d'esta, não soube eu mais parte, depois que as suas desditas, e as minhas, o levaram pera longes terras extranhas onde bem sei eu, que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vós com-rigo, e eu comvosco, sós, soíamos a passar nossos nojos grandes, e tão pequenos pera os de depois. A vós contava eu tudo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece ainda, senão que estava espreitando já que vos fosseis.

E por que tudo mais me maguas e, tão sómente me não foi deixado, em vossa partida, o conforto de saber pera que parte da terra ieis; ca descansaram os meus olhos em levarem pera lá a vista.

Tudo me foi tirado; no meu mal, remedio nem conforto nenhum houve ahí. Pera morrer, asinha me podéra isto aproveitar; mas, pera isso, não me aproveitou.

Ainda comvosco, usou a vossa desventura algum modo de p'edade (das que não acostuma fazer com nenhuma pessoa). em vos alongar da vista d'esta terra; cá, pois pera não sentirdes máguas não havia remedio, para as não ouvirdes vol-o deu.

Coitada de mim, que estou falando, e não vejo eu ora que leve o vento as minhas palavras, e que me não pode ouvir a quem eu falo!

Bem sei eu que não era pera isto a que m'eu ora quero pôr; que o escrever alguma cousa pede muito repouso; e, a mim, as minhas máguas ora me levam pera um cabo, ora pera outro. Iraz-m-me assi que me é forçado tomar as palavras que me ellas dão; porque não são tão constrangida a servir o engenho, como a minha dor.

D'estas culpas me acharão muitas neste livrinho; mas da minha ventura foram ellas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas? O livro ha de ser do que vai escripto nelle.

Das tristezas, não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem ellas.

Tambem, per outra parte, não me dá nada que o não lea ninguém; que eu não no faço senão pera um só ou pera nenhum; pois d'elle, como disse, não sei parte, tanto ha. Mas, se ainda me está guardado, pera me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos.

Muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

CAPÍTULO II

Em que a donzella vai proseguindo sua historia

.....
 ... a cabo do penedo, tornava a agua a juntar-se, e ir seu caminho sem estorvo algum, mas antes parecia que corria alli mais depressa que po a outra parte. E dizia eu, que seria aquello por se apartar mais asinha d'aquelle penedo, inimigo de seu curso natural, que, como por lo ça, alli estava.

Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se extendia, se veo pousar um roussinol; e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir.

E elle cada vez creia mais em seus queixumes, que parecia que, como enado, quer a acabar senão quando tornava como que começava então.

Triste da av sinha, que, estando-se assi queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por antre as ramhas, muitas folhas cahiram tambem com ella

Pareceu aquello signal de pesar, naquelle arvoredor, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agua e as folhas após ella, e quizera-a eu ir tomar; mas pola corrente que alli fazia, e de'o matto que d'alli para baixo ácerca do rio logo estava, p estes nente se alongou da vista.

O coração me doeu tanto então em ver tão asinha morto quem, d'antes, tão pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas

Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assi chorasse de vontade mas, em parte, este meu cuidado não foi em vão; porque, inda que a desventura d'aquelle avesinha fosse causa de minhas lagrimas, lá ao sahir d'ellas, foram juntas outras muitas lembranças tristes

Grande pedaço de tempo estive assi embargada dos meus o'hos, an're os cuidados que m ito havia que me tinham já então, e a nda terião, té que venha o tempo que alguma pessoa extranha, de dó de mim, com as suas mãos erre estes meus o'hos, que nunca foram tantos de me mostrarem máguas de si.

E estando assi olhando para onde corria a agua ouvi boir o arvoredor.

Cuidando que fosse outra cousa, tomei-me medo; mas, olhando para alli, vi que vinha uma mulher; e pondo nella bem os o'os, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar, e em seus seguros do corpo e do rosto e do olhar, parecia d'acatamento. Vinha só Na semelhança, tão cuidadosa, que não apartava os ram s de si, senão quando lhe empedião o caminho, ou lhe fariam o rosto. Os seus pés trazia por antre as frescas ervas, e parte do vestido extendido por ellas. E antre uns vagarosos passos que ella dava, de quando em quando colava um cansado tolego, como que lhe qu rir fallecer a ma.

Sendo ácerca de mim, e me viu, ajuntando as mãos (a maneira de medo de mulher) um pouco como que vira coisa deocos uma la ficou; e eu tambem assi estava. Não do m do, — que a sua boa sombra logo m'o não consentiu; mas da novidade d'aquelle, que a nda ali não vira, havendo muito que, por meu mal, tinha coninnado aquelle logar e toda aquella ribeira.

Mas não esteve ella muito qui, presce conhecendo tambem como estava, com uma boa sombra com ç u a dizer, vindo contra mim:

— « Maravilha é ver donzella em ermo. Depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu ... » —

E d'ahi a grande pedaço, misturado já com lagrimas, disse:

— « ... fith ... » —

Depois, tirando um lenço, começou a limpar o seu rosto, e chegar-se para onde eu estava.

« Alevantei-me eu então, fazendo-lhe aquella cortesia, que me ella com a sua, e consigo mesma, obrigava.

E ella :

— « O descostume grande, — me disse, — (que ha muito tempo que vivo neste ermo, sem ver pessoa alguma), me faz, senhora, desejar saber quem sois, e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, fermosa e só ». —

Eu, que um pouco tardava em lhe responder, pola dúvida em que estava do que lhe diria, parece-me que entendendo-me ella :

— « A mim poderéis dizer tudo, — me tornou, — que eu são mulher como vós, e, segundo vossa presença, vos devo ainda ser muito conforme ; porque me parece (agora que vos olho de mais perto) que deveis ser triste ; que vossos olhos teem vossa fermosura desfeita, e, ao longe, não se enxergava ». —

— « Paresceis vós logo ao longe, — respondi eu, — o que sois ao perto ; e não vos saberia negar cousa em que de mi vos servisseis, que os vossos trajes, e tudo o que vos eu olho, é cheio de tristeza, — cousa a que eu são ha muito tempo conforme : e porque posso mal encobrir o senhorio que eu mesma, ás longas máguas, sobre mi tenho dado, não me quero rogar, mas antes vos devia ainda de agradecer quereis saber de mim o que quereis, para ser, ao menos, mal escutado algum' hora ». —

— « Pois dizei-m'o, — me tornou ella, — que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é tambem de me obrigardes ; mas assi me pareceis vós, que de vos ser obrigada folgo muito ainda ». —

Satisfazendo-lhe eu então, disse :

— « Fui uma donzella que, neste monte da vanda d'alem d'este ribeiro, pouco ha que vivo, e não posso viver muito. Noutra terra naci ; noutra de muita gente me creei, d'onde vim fugindo pera esta, despovoadade tudo, senão de só as máguas que eu trouxe commigo. Este valle, per onde correm estas aguas claras, que vedes ; os altos arvoredos de espessas sombras sobre o verde ; erva e flores, que por aqui apparecem, e a seu prazer se extendem ; ribeiras d'esta agua fria ; doces moradas e pousos das sós deleitosas aves, — são tão conforme a meus cuidados, que o mais do tempo que o sol assegura a terra, passo aqui, que, em que me vejais só, acompanhada estou. Muito ha que tenho andado este caminho. Nunca vi senão agora a vós. A grande saudade d'este valle, e de toda esta terra por aquil derredor, me faz ousar vir assi, mulher (fermosa, bem vedes já que não). E pois não tenho armas pera offender, pera me defender já pera que me seriam necessarias ? A toda parte posso já ir, segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a nenhum cabo, que elle não vá após mim. Agora d'antes, estava eu aqui só, olhando pera aquelle penedo, (mostrando-lh'o eu então, d'alli) como estava anojando aquella agua, que queria ir seu caminho. Ante os meus olhos, sobre aquelle ramo que a cobre, se veo pôr um roussinol, docemente cantando. De quando em quando, parecia que lhe respondia outro, lá de muito longe. Estando elle assi, no melhor do canto cahiu morto sobre aquella agua, que o levava tão asinha, que o não pude eu ir tomar. Tamanha mágua me creceu d'isto, que me accordel d'outras minhas, de que tambem grandes desastres causa foram, e levavam-me onde me eu tambem não podia ir tomar ». —

A estas palavras se me arrasaram os olhos d'agua, e fui com as mãos a elles.

— « Isto, senhora, fazia quando vós apparecestes, e o faço as mais das vezes ; porque sempre ou choro, ou estou para chorar ». —

Eu, que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco, cuidando como lhe perguntaria outro tanto d'ella, — maiormente da causa que foi das suas lagrimas, quando não poudes, senão muito tarde, dizer : — « filho ».

Ella, cuidando que, pela ventura, eu não queria dizer mais, disse :

— « Bem se vê nisso, senhora, que sois d'outra parte, e ha pouco que

estais nesta; pois dos desastres que neste ribeiro acontecem vos espantais. Cá uma historia, muito falada nesta terra por aqui darredor, muito ha que aconteceu. Lembra-me que era eu menina, e ouvia já então contar a meu pae, por historia. Agora, inda folgo de cuidar nella, pelos grandes acontecimentos e desaventuras que nella houve. E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber, pera o soffrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão, e contra razão. De boa vontade, — pois parece inda que a não ouvistes, — vol-a contarei; que, segundo entendo, devem-vos d'aprazer as cousas tristes, como me vós a mim dizeis». —

— «O sol, — lhe respondi eu, — vai alto; e eu folgaria muito de a ouvir, pela ouvir a vós, e, depois, por saber como não busquei embalde esta terra pera minhas tristezas, pois tanto ha que se costumam nella. Outra cousa, senhora, vos quizeram eu agora perguntar; mas fique pera depois, que pera tudo haverá tempo, ainda que pois a historia dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia». —

— «Os dias são agora grandes, — me tornou ella, — e não poderam elles nunca ser tão pequenos, que vos eu, a todo meu poder, não fizesse a vontade nelles. Assi são, senhora, pagada de vós. Mas olhae o que quereis antes». —

— «Porque é cousa em que vós folgais ainda agora de cuidar, — lhe respondi eu, — não póde ser pouco pera desejar d'ouvir. Fique o que eu d'antes quizeram pera depois, ou pera sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui que eu não folgarei de ouvir a historia; porque esto podéra ser, se não fôra de tristezas, pera qu'eu vou achando, já agora, o tempo curto, — tanto folgo co'ellas. Por isso, conta-e-a, senhora, conta-e-a, pois é de tristezas. Gastaremos o tempo naquello pera que parece que nol'o deram, a vós e a mim». —

Ed. Pessanha, 3-31.

XLIV

Carta

Aos vereadores, e senado de Lisboa, querendo a Rainha Dona Catharina ir-se para Castella no anno de 1751

SENHORES: He tão prejudicial ao Serviço de El-Rei Nosso Senhor, e á Reputação de Sua Real Pessoa, e ao Bem Commum de Seus Subditos, e Vassallos, a ida da Rainha Nossa Senhora para fóra destes Reinos, que he de crer que em tudo o que sisudamente, com o devido acatamento, se fizer para a impedir, e conservar, o amor, e quietação entre Suas Altezaa, se haverá El-Rei Nosso Senhor por mui bem servido; e pelo pouco que Vossas Mercês nisto tem feito, e fazem, e pelo modo que o guião, entendemos, que ou não estão cahidos na importancia deste Negocio, ou não querem, por alguns respeitos, cumprir com a Obrigação que tem ao Serviço de El-Rei Nosso Senhor, e ao lugar, em que estão postos; por onde nos pareceo a alguns que nos ajuntámos para tratar desta materia, que vos deviamos lembrar por esta Carta quantas cousas pendem desta sua ida, como o porque lha deveis atalhar; se querem Vossas Mercês cumprir com a lealdade, e amor que devem ao seu Rei, e natural Senhor, e eximir-se da culpa, que Sua Alteza, e seus Povos, ao diante com razão vos poderão dar.

Bem sabem Vossas Mercês, que ha perto de cincoenta annos, que a Rainha Nossa Senhora he natural, e digna Companheira do Senhor Rei D. João, que com tanta prudencia, e paternal amor governarão, amarão, e estimarão seus Povos, e que de seus Povos com tanta razão forão sempre tambem providos, e amados, e tambem, Senhores, vos deve ser presente o grande valor, e discrição, com que esta valorosa Princeza Nossa Senhora, na força da paixão, e immensa dôr, que teria da perda de tal Marido, lançou mão do governo de seus Reinos,

e da tutela, e criação de seu Neto, Rei, e Senhor Nosso, e com quanta sufficiencia na sua Meninice lhe administrou seu Estado, e o cuidado que teve de sua criação, com que nullo deo tal Principe em Saber, Virtude, e Valor de Sua Pessoa, que a todos os do seu tempo, pôde fazer injuria; cumprindo finalmente tudo esta valorosa Senhora Nossa tão heroicamente, que em nella se sentio a falta do Catholico Rei seu marido, salvo na saudade, que por sua Real Clemencia, e Paternal amor de seus Povos, com tanta razão deixou a seus Vassallos. E sendo estes tão grandes merecimentos, tão notorios a todos os Principes do Mundo, e a todas as Nações estranhas; vendo agora (o que Deos não permita) que tal Princeza, sem nenhum desmerecimento seu se aparte de El-Rei seu Neto, que Ella creou com mais amor que de Mãe; sahe dos seus Reinos, em que tanto a devem respeitar; e que deixando sua natureza, e Senhorio de tantos annos, alongando se dos ossos de seu Marido e Filho; que tanto amou vai a Reino, alheio buscar Sepultura, bem entenderão os que isto virem, não pôde ser tamanho abalo, senão com muito maior força de escandalo, de que resultará no conceito dos outros Reis, e Principes, e Povos estranhos grande noção á honra de El-Rei Nosso Senhor, sendo elle, por suas Reaes Qualidades, merecedor de não ter nenhuma; e a seus Povos ficará pe petua Infamia de Ingratidão, commettida contra a sua Real Senhora, deixando-a tão desapegada, e apartar de si. Tambem he de considerar nos Reinos, para onde Sua Alteza, se quer ir, o grande escandalo que ficará nos corações dos Reis, e Principes seus Parentes, que com tanto amor a hão de receber; e a Ella tambem, que quanto mais disto acnar na casa alheia, tanto se lhe acrescentará mais a magoa que levar da sua; e de menos occasiões que estas se começaram em ouros tempos, dissensões entre ouros Reis que tiveram trabalhosos fins, de que o maior damno carrega sempre sobre seus Povos.

Sendo estas cousas de tanto pezo, bem nos pareceo não tratar por ora de outros muitos damnos, que desta triste ida se poderão seguir; porque não deve a vir em consideração a respeito destes. Os quaes, pôde ser, que não considerão algumas pessoas, que agora tão bom juizo tem; e por este respeito não he El-Rei Nosso Senhor avisado, como deve, do que convém á sua honra, e socego.

Obras inéditas de D. Hieronimo Osório, ed. 1818, pág. 58.

XLV

Cristovão Colombo apresenta-se a el-rei de Portugal

«Chegado Colom ante elRey. però que o recebeo cõ gasalhado, ficou mui triste quando vio a gente da terra que com el e vinha não ser negra de cabello revoltado & do vulto como a de Guiné, mas conforme en aspecto cor, & cabello como lhe dizião ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom falava maiores grandezas & cousas da terra do que nella avia, & isto com muita soltura de palavras, accusando & reprehendendo a el-Rey em não acceptar sua offerta: indignou tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajuntando este avorrecimento de sua soltura, com a magoa que não ter a elRey de perder aquella empreza, offercerão se de les que o quisião matar, & com isto se cullaria ir este homem a Castella. (A verdadeiramente lhe parecia que a vinda dell auia de prejudicar a este Reyno, & causar algum desassossego a sua alteza, por razão da conquista que lhe era concedida pelos summos Pontífices: da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes ofertas elRey não acceptou, ante as reprehendeo como principe catholico, posto que deste feito de si mesmo teuesse escandalo: & em lugar disso fez merce a Colom & mandou dar de vestir de graã aos homens que trazia d'aquelle nouo descobrimento, & com isto o espedio. E porque a vinda & descobrimento deste Chris-

touão Colom (como então algũs pronosticarão) causou logo entre estes dous Keys, & depois a seus succe sores algũas paixões & cõtendas, com que de hum reyno a outro ouue embaixadas, assentos, & pactos, tudo sobre o negocio da India que he a materia desta nossa scriptura: não parecerã estranho della tractar do principio deste descobrimento & do que del e ao diante succedeo. Segundo todos affirmão, Christouão Colom era Genoes de nação, homem esperto, eloquente, & bom latino, & mui glorioso em seus negocios. E como naquelle tempo lã das puõcias de Italia que maes nauegava por razão de suas mercadorias & commercios, era a nação Genoes: este seguindo o vso de sua patria & maes sua propria inclin ção, andou navegando per o mar de leuante tanto tempo, te que veo a estas partes de Hespanha, & deu se à nauegação do mar Oceano seguindo a ordem de vida que ante tinha. E uendo elle que elRey dom João ordinariamente mandaua descobrir a costa de Africa com intenção de per ella ir ter à India, como era homem latino & curio-o em as cousas da geographia, & lia per Marco Paulo que falava moderadamente das cousas orientaes do reyno Cathayo, & assi da grande ilha Cypango: veo a fantesiar que per este mar Oceano occidental se podia nauegar tanto, te que fossem dar nesta ilha Cypango, & em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do Lãtante dõ Henrique se descobrirão as ilhas terceiras, & tanta parte de terra de Africa nunca sabida nem cuidada dos Hespanhoes: assi poderia maes ao ponente aver outras ilhas & terras, po que a natureza não avia de ser tão desordenada na com,osição d'orbe vniuersal, que quisesse d'olhe maes parte do elemento da agoa que da terra descuberta, pera vida & criação dos animaes. Com as quaes imagin ções que l e deu a continuação de nauegar, & pratica dos homens desta profiçã que avia neste reyno mui expertos com os descobrimentos passados: veo requerer a elRey dõ João que lhe desae algũs navios pera ir descobrir a ilha Cypango por este mar occidental. Não confiado tanto em o que tinha sabido (ou por melhor dizer sonhado) d'algũs ilhas occidentaes, como querem dizer algũs escriptores de Castella: quanto na experiencia que tinha em estes negocios serem mui acreditados os estrangeiros. Assi como Antonio de Nolle seu natu al, o qual tinha descoberto a ilha de Santiago de que seus successores tinham parte da capitania: & hum João Baptista Frances de nação, tinha a ilha de Mayo, & los outra Framengo, outra do Fayal. E per esta maneira, ainda que maes não achasse que algũa ilha herma, segundo logo erão mandadas pouoar: ella bastava pera satisfazer a despesa que com elle fizessem. Esta he maes certa causa de sua empresa que algũas fições (q̃ como dissemos) dizem escriptores de Castella, & assi Hyeronimo Cardano Medico Milanes, barto certo, docto, & ingenioso: mas em este negocio mal informado. Porque escreue em o liuro que compos de sapiencia, que a causa de Colom tomar esta empresa foi d'aquelle dito de Aristoteles, q̃ no mar Oceano alem de Africa, aua terra pera áqual naueguão os Cartaginenses: & por decreto publico foi defe-o que ninguem navegasse para ella, porque com abastança, & mollicias della senão apartassem das cousas do exercicio de guerra. ElRey porque via ser este Christouão Colom homem falador & glorioso em mostrar suas habilidades, & maes fantastico & de imagin ções cõ sua ilha Cypago, que certo no q̃ dizia: dauahe pouco credito. Cõ tudo a força de suas importunações, mandou q̃ estivesse com dom Diogo Ortiz Bispo de Cepta, & com mestre Rodrigo & mestre Iosepe, a quem elle cõmetia estas cousas da cosmographia & seus descobrimentos: & todos ouuerão por vaidade as palauras de Christouão Colom, por tudo ser fundado em imaginações & cousas da ilha Cypago de Marco Paulo, & não em o que Hyeronimo Cardano diz. E cõ es e desengano espedido elle delRei se foi pera Castella, onde tambem andou ladrando este requerimento em a corte delRey dom Fernando, sem o qu rer ouir: te que per meio do Arcebispo de Toledo dom Pero Gõçalues de M.õ Joça elRey o ouiuo. »

XLVI

CAPITULO IV

Como Antonio Correa chegou ao Reyno de Pegu: & assi se descreve
o sitio e cousas delle & da paz que elle Antonio Correa
assentou com o seu Rey, & do maes que fez até chegar a Malaca

Antonio Correa quando veyo a fazer seu juramento, chegou-se a elle o capellão da nao vestido em sui sobrepeliz alua. E porq̃ em a nao não auia outro livro, que fizesse mayor pompa, por ser de folha de papel inteira, que ha Cancioneiro de trouas imprimidias, em o qual estavam as obras que os fidalgos, & pessoas deste Reyno que tinham vea pera isso, té aquelle tempo tinham feito: quiz Antonio Correa levar ante este livro, que o breuiario do clerigo, ou algum liuro de rezar, que na vista do gentio que era presente, parecia pouca cousa, & que não ornamentauamos bem as palavras de nossa crença. Finalmente tomando o capellão o liuro na mão, & aberto pera Antonio Correa jurar, pondo os olhos na letra, começou a ler alto (segundo o acto requeria) o principio das trouas, que tinha feito Luis da Silveira guarda mor do Principe dom João, que depois de Rey o fez Conde de Sortelha: o argumento dos quaes he do Ecclesiasticos de Salomão que começa: Valdade das vaidades, & tudo he vaidade. Na qual era por razão destas palavras, tomou tamanho receyo a Antonio Correa, com admiração dellas: & me saltou no espirito hu tremor, como se posesse as mãos nas palauras de toda nossa fé.

J. de Barros, *Dec. III, l. III, cap. 4.º fol. 64 da ed. 1628.*

XLVII

D. Henrique faz passar o cabo Bojador

... Mādou armar hũa barcha a capitania da q̃l deu a huũ Gilianes seu criado natural da villa de Lãgos, q̃ ja o anno passado fora a este descobrimento: & por lhe os tēpos nam terçarem bem, se foi as Canáreas, & em alguns saltos que fez tomou certos catiuos com que se tornou pera o reyno. E porque o Infante se mostrou mal seruido delle por este feito, ficou tam descontente de sy: que nesta segunda viagem determinou de offerecer a vida a todos pirigos, & nam vir ante o Infante sem mais certo recado do que trouxera o anno passado. E a este seu propósito se ajuntou a boa fortuna, ou por melhor dizer a ora em q̃ deos tinha limitado o curso de tão receo como todos tinham de passar aquelle cabo Bojador: o qual nome lhe elle entam apõs pelas razões que atrás dissemos, nã tendo até aquelle tempo alguũ acerca de nós, segundo a sua situaçam podemos dizer ser aquelle o cabo a que Ptholomeu chama Ganiarriá promontório. E posto que a obra desta passagẽ não foy grande em sy (quãto agóra) entam lhe foy contada por huũ grande feito, & ouuêram que era igual a huũ dos trabalhos de Hercules; porque com esta passagem desfez a vã opinião q̃ toda Espanha tinha, & deu animo áquelles que nam ousáuam seguir este descobrimento. Tornando Gilianes ao reyno com esta noua: foy recebido do Infante com aquelle prazer que se tem das cousas tam desejadas & per tanto tempo, & trabalho requeridas como eram aquellas, & agalardoou sua pessoa & assy os da sua companhia com honrra, & merce. E o que mais animou o Infante a esta impresa, foi cõtar-lhe Gilianes como saíra em a terra sem achar gôte, ou pouoacom algũa, & que lhe parecera muy fresca & graciosa: & que

em sinal de nam ser tam esterele como as gôtes diziam, trazia aly a sua merce em huñ barril cheo de terra, hñas heruas que se pareciam cõ outras q cá no reyno tem hñas flores a que chamã rosas de Santa Maria. As quaes sendo trazidas ante o Infante el'e as cheiraua, & tão se gloriaua de as ver, como se fora alguñ fructo & mostra da terra de promissan, dando muitos louuores a deos : & pedia a nossa senhora cujo nome aquellas heruas tinhã, que encaminhasse as cousas daquelle descobrimêto pera louuor & glória de deos e accrecentamêto de sua sancta fee. E nã sómente o Infante cuja era esta impresa, mas ainda elrei dom Duarte seu irmão que entam reinaua, ficou muy contête deste feito tão pella honra do Infante por saber as murmurações q andauão no reyno desta sua impresa : como por o proveito que elle & os seus naturaes nissó podiam ter. O qual logo publicamente quis mostrar este contentamento, porque estando em a villa de Sintra onde lhe foy dada pelo Infante esta noua : elle fez doaçam de todo o espiritual das ilhas da Madeira, Porto Santo, & Deserta ao mestrado de Christo, de que elle Infante era governador, & disso lhe passou carta a vinte seys de Outubro da era de mil quatro cõtos trinta & tres annos, pedindo nella ao papa que o cõfirmasse. E no mesmo tempo lhe fez merce a elle Infante, das ditas ylhas em dias de sua vida : cõ toda jurdiçam de ciuel & crime segundo em a doaçam se contem.

J. de Barros, *Década Primeira da Asia*, ed. 1552, cap.^{III}, fl. 10. 1.^a col.

XLVIII

De muitas cousas notauéis que ha nestas ilhas de Maluco, & dos fogos que algumas lanção

Estas cinco ilhas, aque propriamente chamamos de Maluco, são todas de hñ felção, & grãdeza, porque nenhũa d'ellas passa de seis legoas em circuito. São redondas, & querem imitar hum chapeo coscuzeiro, cujas abas são aquellas chans que todas tem em que nace os crauelros, & que são povoadas de suas cidades & villas. E do meyo de todas se alevantaõ huns montes muito altos. São todas muito alcantiladas, & redondas, pello que carecem de bons portos pera ambas as mouções, Noroeste, & Sul, só Ternate tem o porto de Talangame, hñ legoa da fortaleza, onde os nossos Galecõs inuernão. Tem outro hñ legoa d'este, chamado o toloco, em que podem as naos estar com prancha em terra. E quando elRey mandou, que se fizesse fortaleza naquella ilha, não se fez em algum d'estes portos, por ficar longe da cidade onde o Rey viue. Tem ambos estes portos o rosto a Leste. Ha por todas estas ilhas alguns arrecifez que seus moradores abríraõ, pera entrarem suas embarcações. E a ilha de Ternate tem hum defronte da nossa fortaleza, o que tem antre a terra, & elle hum poço onde podem entrar Carauelas de prea mar, d'agoas viuas descarregadas, & no poço estarem surtas a sua vontade. Todos estes arrecifez pñcipalmente este, são de pedra que se gera do coral, que depois de velho induresse, & com ter muitos ramos se ajuntaõ & conuertem em pedra de que se faz muito boa cal. Está este arrecife posto por tal ordem que quem vai do mar demandãlo, parece que ve fermosos edificios feitos ali pera defensaõ daquelle Porto. Este monte de Ternate, que se aleuanta do meyo da ilha, será de altura de duas legoas, he todo chelo de aruoredo, & palmares:
... La embaixo arrebenta hñ ferrosa fonte que corre pera hñ parte, cuja agoa ninguem chegou aprouar, nẽ se sabe se he doce se salgada. Este chão que embaixo aparece (que como dissemos he de pedra & terra mouidica, como hum entulho,) ferue de contino, com a força do fogo que tem por baixo, & lança para cima muitas vezes hum tão espeço, & fedorento fumo, que parece cousa que se pode palpar, & feda a enxofre : & parece que por debaixo he este monte

oco, por que n'este tempo vai sumido aquelle entulho (que declina se enxerga,) pera baixo como faz o trigo na tremonha da atafona, & muitas vezes acontece, quando lança aquelle espaço fumo fazer tamanhos terremotos & truenos, que parece aos que estão em cima, que cae todo o monte, & a voltas d'elles lança hãa grande quantidade de pedras vermelhas como fogo, que se espalhão pelos ares, como se saíssem de bocas de furiosas bombardas, & espalhando-se por toda a ilha com grandes terremotos, caem sobre a nossa fortaleza, & sobre a cidade: & algumas vezes se achou irem dar nas ilhas dos Meaos, & dos Calures, dezoito vinte legoas de Ternate. O fumo que lança he de muitas cores, & esta he a razão, porque esta ilha he mais doentia que todas, por cau a dos maos vapores, & corrupção do ar & das aguas, porque muitas vezes caem aquellas pedras nas fontes de que bebem que parece que as corrompe No Morro ha outra coua em outro monte que tambem lança fogo, & fumo. N'estas ilhas todas não ha verão nem inverno, & a chuua não tem tempo certo, mas he mais geral cõ o Noroeste que com o S. . . .

Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed. 1602, t. 7.º, cap. x.

XLIX

De quomo elRei mandou lançar hos Mouros, & Iudeus fora de seus Regnos, & senhorios

Depois que hos Reis de Castella lançarão hos Iudeus fora de seus regnos, & senhorios, . . . elRei dom Emanuel requer do p r castas dos mesmos Reis determinou de fazer ho mesmo, mas quomo ho negocio fosse de qualidade pera se delle não tomar resolução, sem bõ cõselho, houve sobrisso varios pareceres, porq hãa dizião q pois ho Papi cõsentia esta gẽ e õ todas terras da Egrja, permitindolhes viverem em sua lei, & q o mesmo fazio todos os Principes, & republicas de Italia, & Hungria, Bohemia, & Polonia, o q se podia cuidar, q não fazião sã causa, a cuja imitação õ toda a Alemanha & outros regnos, & provincias de Christãos os deixião tã õ viver, q causa haueria pera os lançar õ do regno, q não repugnasse cõ ha razão questoutras razões tãõ nõ pe a o consentir, & q õ disto os lanquẽ da terra cõ por isso lhes dũa azo de nas alheas se torna em Christãos, mas antes se se fõs e para ha d s mouros, se perd a d: todo ha esperança de nenhũ se cõverter, o q muitos de les viãõ entre nos mouros de nossa religião, & do bõ uso dellã se polia sp rar q fõzessem & tãõ ha ainda nisto outros inconvenientes, no q tãõ dos s: uicos & tributos q elRei p rilla ficaua obrigado a satisfazer às veadas q õ e le, & os Reis passados deles fõze õ merce, & q nãõ tãõ somente leuãõ o cõigo da terra muitos haueres, & riquezas, mas ainda o q era mais de e tãõ, leuãõ, sobra, & d bicados sp ritos com q saberã dar aos mouros auisos q lhes necessarios fõs õ cõ ra nõs, & sobre tãõ lhes insinariãõ seus officios mecãnicos, em q tãõ muitos destros principalmẽe no fazer das armas, do q se poderia s guir muito dãnõ, trabalhos, & perdas a si de pẽta, como de bẽta toda ha Christandade. Este fõ ho parecer, & opinãõ dalgũ do cõselho, a q outros repugnara n dũẽ lo q tãõ era verdade o q dũẽ lo, mas q os Reis de Franca, Inglaterra, Escocia, Dinamarca, Noruega, & Suecia, com muitas outras provincias vizinhas a estas, & todo o Estado de Flãndres, & Borgonha não lançãõ os Iudeus dũẽ re si mu tos annos hauerã sem pera o fazer terẽ boas causas & de receber, & q o mesmo se dũia cuidar dos Reis de Castella, o q bastaria pera auẽ õ de lançar esta nação fora do regno, quãto mais q não pareia bõ cõselho estãõ estes regnos cercados dos de Castella, & hos de Castella dos de Frãça, permitiẽ õ nãõ os Iudeus, senãõ lançados das terras de taes vizinhos & tãõ poderosos, hos quaes poderãõ tomar a mal parecemos, que tãõ nhamos milhor cõselho em deixar viãer esta gente entre nos, do q õlles tuẽãõ

em os liçarẽ de si, o qual degosta por vêtura tirão secreto, pera quãdo vissem tẽpo oportuno abriẽ has asas à tyrannia, & debaixo de cor de catholicos, & christianissimos nos fazerẽ o mal, & dão q̃ podessem, & que sobre tudo, o bõ cõselho era perder ha saudade, a todos os prqueitos, & tributos q̃ se desta gẽte tirauam, & por o intẽto em sô Deos, & na sua Sancta Fê, po. q̃ elle dobraria cõ suas merces o q̃ se nisto perdesse. & q̃ pois este negocio per sua võ ade viera a se por a determinação de conselho, q̃ ha resoluta conclusam delle fosse lançãdo logo do regno aquelles q̃ não quisesse receber ha agoa do baptismo, & crer ho q̃ cre ha Egr. ja Catholica Christã. Na qual opinião, & parecer foi el-Rei, sem ter cõta cõ no que se nisso perdia, nem com has satisfações, q̃ ficaua obrigada fazer. quomo depois por inteiro fez. E logo se assinou tempo certo para ha notificação deste negocio, ho qual foi declarado, & publicado, estando el-Rei ainda em Muja, no mes de Dezembro de M. ccccxcvj em tũ pregaçam q̃ se sobre isso fez, & nam tam sômente se assentou no cõselho q̃ os ludeus se fossem do regno cõ suas mulheres, & filhos & bẽs, mas também hos mouros pelo mesmo modo, pera h. q̃ lhes el-Rei limitou logo a todos tẽpo certo, & nomeou portos seus de seus regnos para suas embarcações.

Damião de Goss, *Chrón. de D. Manoel*, ed. 1619; parte 1, cap. xxii.

L

De como Vasco da Cama com outros capitães foi descobrir a India

E como quer que el Rey dom Manuel assi como succedeo nos reynos a el Rei D. João, assi também lhe succedeo nos desejos que tinha de descobrir a India: logo aos dous annos de seu reyn do entendeo no seu descobrimento, pera que lhe aproucou muyto as instruções que lhe ficarão del Rey dom João, e seus regimentos para esta navegação: e mandou fazer dous navios de madeira que el Rey dom João mandara cortar. E hum que era de cento e vinte toneladas ouue nome sam Gabriel: e outro de cento e hum Rafael: e comprou pera ir coestes navios hum caravela de cinco toneladas a hum piloto chamado Birrio de que a caravela tomou ho nome. E estes tres navios auia de mandar a este descobrimento e com capitania mór deles cometeo um Paulo da gama caualeyro de sua casa filio que fora Alcaide da gama alcaide mór na vila de Sinis no campo dourique, em que tinha grande confiança por ele ser pera isso: Do que se ele esauou por tũ doença que tinha com que não pod ria sofrer os trabalhos do capitão mór, p dinnio a el Rey que fizesse merce daquelle cargo a hum seu irmão mais moço chamado Vasco da gama que ho saberia muy b. m servir, e que elle iria também na armada por capitão pera o aconselhar e ajudar. Do que el Rey foy contente por saber que era assi, e que era Vasco da gama esprementado nas cousas do mar em que tinha feyto muyto seruico a el Rey dom João: e que era homem de grandes spiritos: e muyto propio para dar fim a este descobrimento, e assi lho disse quando lhe deu este cargo encomendandolhe muyto que satisfizesse ao credito que tinha nele, porque se assi ho fizesse lhe faria por isso muyto grandes merces, que lhe logo começou de fazer de tũ comenda, e de dinheiro pera o apercebimento de sua viagem. E pera ir m coele despachou também a Paulo da gama e a um Niculao coelho ambos criados del Rey e homens pera qualquer grande feyto. E por quanto nos navios da armada não podão ir mantimentos que abastassem á gente dela até tres annos, comprou el Rey tũ naõ a hum Ayres correa de Lisboa que era de duzentos toneis, pera que fosse carregada de mantimentos até a agoadã de sam Bras, e ali se despejaria e a queymarião. Despachado Vasco da gama em monte mór ho nouo onde el Rey estaua, partiose com seus capitães pera Lisboa: onde feyta sua armada embar-

eouse a gente dela, que forão cento e corenta e oyto pessoas: em Restelo, que será hũa legoa de Lisboa, hum sabado oyto dias de Julho do anno de mil ccccxcvij. E ao embarcar sayrão todos em procissam de nossa senhora de Belem: que he agora um mosteyro da ordem de sam Hieronimo, e yão em pelote e cirios acesos nas mãos, e os frades rezando: e ya coeles a maior parte da gente de Lisboa, e a mais dela choraua com piedade dos que se yão embarcar crendo que auirão todos de morrer. Embarcados todos e Vasco da gama com os outros capitães, logo derão ás velas e se partirão de foz em fora.

F. L. de Castanheda, *História do descobrimento, e conquista da India*, ed. 1797, l. 1, cap. II, fl. 8.

LI

Descobrimento das Antilhas, e Indias pollos Espanhoes feitas

...No anno de 539, mandou Fernaõ Cortez tres navios a Francisco Guilhoa pera descobrir a Costa de Culuaçaõ pera cima. Partiraõ de Capuleo tocaraõ Santiago de Boa Esperança, entraraõ no Estreito que Cortez descobrira: chegaraõ por elle acima atè trinta e dous graos daltura, que he a fim da agua, poze-raõlhe nome Ancon de Santo André, por ser em seu dia. Tornaraõ pera fóra ao longo da Costa da outra banda, dobraraõ a ponta de California, e meteraõse por antre as lhas, e a terra: foraõ ao longo della atè se poerem em trinta e dous graos, donde arribaraõ por vento contrairo, havendo hum anno que là andavão: dizem que gastou Fernaõ Cortez nestas Armadas, e descobrimentos duzentos mil cruzados, e que desta ponta do Engano haverà à outra do Liampo da China mil, ou mil e duzentas legoas de rota abatida, e que o que descobrio, e conquistou Fernaõ Cortez, e seus Capitães, he de doze graos atè trinta e dous de Leste-oeste, em que haverà setecentas legoas pella terra dentro, que he mais quente que fria, ainda que ha hi serras que dura a neve, e geada quasi todo o anno.

Ha na Nova Espanha muito arvoredado de flores, e frutos, diversos, e proveitosos pera muitas cousas, e a mais principal della se chama arvore metel, naõ he muy grande, nem grossa: prantaõna, podaõna, concertaõna como vinha: diz que tem quarenta folhas de feiçaõ de telhas, e servem disso, e quando saõ tenras fazem conservas della, papel, fiaõ nas como linho, fazem dellas mantas, alpargatas, esteiras, cintas, xaquemas: tem estas arvores humas espinhas taõ duras, e agudas que cozem com ellas como com sovellas, e o tronco dà bom lume, e cinza pera decoada: escavaõna ao pé e a agua que estilla, he como arrobe, se a cozem fica mel, se a purificaõ, açuquere, se lhe deitaõ patalim, vinho, se a destemperaõ, vinagre, as pencas assadas, e exprimidas sobre chagas, ou feridas, sara, e encoura; o sumo das espigas, e raizes emburilhadas com sumo de encenso, he bom contra a peçonha, e mordedura da bibora, assi que he a mais proveitosa arvore que se là sabe.

Ha là huns passarinhos, que se chamaõ Vicincilin, saõ pequenos, o bico delgado, e comprido, mantemse do rocio, mel, licor de flores, e rosa, tem as pennas meudas, e de diversas cores, prezaõnas muito pera lavrar ouro, morre, ou adormece cada ano: no mez Doutubro posto em hum raminho em lugar abrigado resuscita, ou acorda no mez Dabril, depois que ha flores, pello que lhe chamaõ o resuscitado. Ha cobras que sao como cascadeis quando andaõ: ha outras que emprenhaõ pella boca, como dizem da bibora: ha porcos com embigos no espinhaço, que matando-os se lho naõ cortaõ fede logo: ha pelxes, que guinchaõ como porcos, e roncaõ, por onde lhe chamaõ roncadores...

A. Galvão, *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, ed. 1781, pág. 86.

LX

A Vida pastoril

Falla Jacob com os Prophetas Nahum e Zacharias

Sabereis, yrmãos, que eu sam aquelle antiquissimo pastor que com peçoço e mãos vellosas, pera socceder na benção seu pae enyanou; e pelos amores d'ũa fermosa pastora sete e sete annos nos vigozes pastos de mesopotamia apascentei; dali partindo com hum rico e florido rebanho de cabras e ouelhas de diuersas e maneyadas côrs vim a lherdar os espaçozos campos e felice terra de Quenaã hões de meus padrest: recebi d'ella trinta e doze filhos, robustos varões; e com tantas e tan vigorosas riquezas entre elles alegre me gosaua; e hums mais deleitanto-se da grada das sumpas e pradeiras ouelhes, em rompendo a alua da manhãa, antes que no ar se o sol do ceo de sangalnea côr se manchase, sahyam com seu rebanho; e com vagaroso passo pisando as orna-lhadas eruas, e ouyndo o doce chillar dos passarinhos pacifica e sossegadamente o guiauã contra algum fresco e delicioso prado; onde arribados que eram sentando-se sobe la verdura dalgum pequeno outeiro, pera melhor contemplarem na manada, viam as ouelhas mães em prado cham as verdes e miudas eruas suauemente nascendo; outras, sembro em logares asperos se dependurauam a roer algum novo arvorezinho que n'tam tenro se leuantaua da terra; outra se empinava pera alcançar hum ramo d' figueira qual mordendo os tenros gomos das parteirinhas brancas, qual tascando a penca do saluatico cardo; ali os pequenos e tenros cordeiros de poucos dias antes nascidos arre-metiam ás cheas tetas das piadosas madres, apresurosamente mamão cõ aquelle gosto e sabor que quasi parecia lhe quererem as longas mamas arram-quar; muitas outras já contentes do pasto, bebendo nos claros ribeiros se ale-gravam veremse no fundo como viuas; e algũs carneiros avtando-se, arre-metiam de quando em quando a sua figura, e achando-se depois escarnecidos ficauam com a cabeça molhada como aton los.

Ora assi viçosamente passando a fresca manhã, quando jáa o sol, e sua
seca calma embebido aua nas verdes eruas o orvalho se a calhã e punham en
caminho com o rebanho de suas mãsas ouelhas a basquar as deleitosas sombras
onde a fresca e temporada virção os recreava: e lá ao cimo de hum alegre
vale hum fermoso e muy basto amoredado os recriava, regado, e viçoso co's doces
aguas d'ũa fonte que ao péo d'hum classico aroeste a b'bolhões, e con
alegria rebentava; junto da qual, fôrda a raia de como ordenadamente se
sentavam; e abrindo seus vellosos sarões que ao espaldado lado do pescoço lhe
pendiam (qual feito da brinca pele do terno cordeiro que o cruel lobo arreba-
ta, qual da ruiua pe'e do movido bezerra) tirava para a alegre mesa cada hũ
de suas viãdas gostosas e naturaes, e juntando-as com o mel, que neste bõ tempo
estava das arvores grossos flos estilando; e cõ o branco leite, que ás gordas
ouelhas, das mamas sobe las eruas, pascendo l'he gotejava, saborosamente
comião, e jáa que erã da fome despedidos, sentiã hum fresco aar, que com suaue
roído o cume dos altos alevos, e dos viçosos e grandes flaxs andava mouendo,
e doce-mête as mais altas ramadas brandindo, com hum fresco, e tam mauioso
compasso, que parecia darem-se humas a outras piz secretamente; e neste meo
as palmeiras melroas, os namorados e musicos andares, cõ muitos ouros gra-
ciosos passarinhos, que á so nora se vinham troliando da aspera calma, todo
aqueile logar, (respondendo-se hums a outros com doces e suaves vozes, ajudando-lhe
o murmurio da viva fõnte) enchiã d'armonia: e d'elles tangendo, hũs doce-
mête com suas frautas, e vilanescos instrumentos; outros ao som contra as na-
moradas pastoras, amorosamente cantavam: quaes com rusticas manhas, e pces

lutando; e quaes os fortes, e ousados carneiros, huns contra outros aticando, estauam vendo duramente marrar: e alguns, vencidos do sono, coa cabeça junto do roído da clara fonte, de viçosos, se dormiam.

Jáa neste tempo o Sol, feita sua obra, na fertil terra d'aquelle seu particular hemisperio, se aula escõdido debaixo das agoas do ponente, e variando o céu de inflamadas nuues, hñas louras da côr do puro ouro de Ophir, outras sanguineas, qual a fina escarlata, e preciosos robis; entre-negras algũas como longuos rayos; muitas como montanhas de neve, ou branca lãa escarmuada, sobre verdoengas agoas do mar; e á maneira de longas serras; algũas cinzentas, bordadas d'ouro com frescos ares, e quietas sombras deixaua os altos montes, e verdes campos nãa deleitosa temperança; e recolhendo as vagabundas ouelhas, que por entre aquelle aruoredo espalhadas andauam pascendo, e saydos por outra parte do bosque e hñia verde, e fermosa varzia, que sem trilhado caminho tẽe às choupanas, direita, se estendia, e toda aquella alegre companhia, vagarosamente com seus cajados guiando, tornaua em suas malhadas a descansar; e renouando nouos jogos de passo em passo hiam tirando coas fundas a algum aluo: e quem mais perto com o duro seixo lhe chegaua, todos os outros com bater de palmas, e alegre grita, o leuauam às costas té hum sinal; e deixando este jogo, ora saltando, ora tirãdo á barra, e lutando, ao vencedor coroauam com capellas de verde louro, tangendo-lhe com suas gaitas, e rebecas em sinal de vitoria: e assi pouco a pouco, às choças alegremente se hiam chegando: até que jáa fartos de tanto viço do dia, (quando nos charcos, cubertos de meuda eruiha, as rãas com rouca voz gritando e com hñ continuo, e penoso soom os grilos, escondidos nas couas a hñia e outra parte do caminho, chirrando, e toda a campina retenindo) contentes arribavam: e depois d'agasalhado, e recolhido em seus curraes o veloso rebanho, deixando os surrões e cajados, saparelhavam pera o desejada cêea, ao portal de suas ramosas choupanas, fundadas á beira do claro rio yurdão, onde ordenadamente se sentauam a comer á claridade da lua, que áquella ora, reuerberando nas agoas, hums rayos como de cristal aos olhos formaua, e acabando com grandissimo deleite, depois de muytos jogos, sendo gran pedaço da noite pasada ao sereno do céu cuberto destrelas huns fora sobre las eruas, e outros dentro nas choças, aqui e aly (como emborrachados) dormindo se cabiam.

S. Usque, *Consolaçam*, etc., Dial. I, ed. 1906, pág. III v. a v v.

LIII

A Inquisição

... Fizeram vir de Roma um fero Monstro de forma tam estranha e tam espantosa catadura que soo de sua fama toda a Europa treme, seu corpo he de aspero ferro cõ mortifero veneno amasado, com hñia durissima concha cuberta de bastas escamas de aço fabricada, mil asas de penas negras e peçonhentas o leuantam da terra, e mil pees danosos e estragadores o movẽ, sua figura daquella do temeroso lião toma parte e parte da terribel catadura das serpes dos desertos de Africa: a grandeza de seus dentes aquelles dos mais poderosos Elefantes arremedam: e o siluo ou voz, com moor presteza que o venenoso Basalisco mata: Dos olhos e boca continuas chamas e labaredas de cõsumidor foguo lhe saem, o pasto de que se ceua he outra com corpos humanos amasado, preçede a Aguia na ligeireza do seu voar, mas por onde passa faz com a tristonha sombra çerçarem, por mais claro que o Sol naquella dia se mostre, finalmente seu rrasto no que atraz fica deixa hñia tenebra como aquella que foi aos Egipçios dada por hñia das plagas, e depois que onde seu voo encaminhou arriba, a verdura que pisa, ou aruore viçoso sobre que põe os pees, seca estragua e a murcheçe, e sobre

ysso de rraiz com o destruidor bico o arranca e de tal sorte com sua peçonha todo aquelle çircuito que comprende o deixa assolado que como os desertos e areas da Sírria onde planta nam prende nem erua nasce o conuerte: Esta tal alimaria em todo o pouoado de meus filhos (que em habito de christãdade estauam desconhecidos) meteo, e com o foguo dos olhos hum grandissimo numero abrasou semeando a terra de infinitos orfãos e viuvas: com a boca e poderosos dētes suas riquezas e ouro lhes englutio, e distrinçou: com os pesados e peçonhentos pees suas famas e grandezas lhe pizou e destruyo e com a temerosa e disforme catadura, a outros seus coorados rostos lhe desfigurou e sumio e seus corações e almas com seu voo escureço, e estes mesmos efeitos vay aynda agora naquella rregião continuãdo nos mēbros que de meu corpo ficaram destroncados na Espanha...

S. Usque, *Consolaçam*, etc., Dial. 1a, ed. 1906, págs. xxvi e xxvi, v.

LIV

Variedade do gentio da India, especialmente no que toca á religião

... E postoque servira pera melhor se entender esta parte da historia tractar aqui hum pouco mais largamente da natureza, sortes, calidades & costumes do gentio da India, eu deixando a outros tudo o mais, farei caso sómente do que tem respeito á religiam. Das cousas do céu, & eternas, ha entre elles muy pouca, ou nenhũa noticia: nas temporais, & da terra, sam espertos, & tam entendidos, que nam dam vantagem nas sutilezas dos tratos & contratos aos mercadores de Europa. Estimam só esta vida, & os pontos em que poem a honra: que, como anda com a vaidade, & inconstancia da opiniam dos homēs, sam lá muy differentes dos de cá; viciosos tanto em cabo, & tam desobrigados á fé, & verdade humana, que parece perdeo com elles a propria consciencia, ou o officio de remorder, ou de todo a autoridade, & força de conuencer, & persuadir; sendo na mechanica das artes estremados; das sciencias tem sómente algũa medicina; & da Astrologia, o que basta pera tirarem os ecclipses do sol, & da lua, tanto dantemam, & aponto como nós. Escreuem com penas de ferro, & seruem lhes de papel (como de mil outras cousas) as folhas das suas palmeiras, de que fazem grãdes liuros das historias dos tempos, & de outras muytas materias, assi em prosa, como em rima, da qual, & de toda a sorte de poesia sam por extremo curiosos, & tam enleuados, que para o Demonio per seus ministros lhes fazer crer as mais fabulosas patranhas contrarias a suas proprias leys, e rezam natural, basta poremilhas; & cantaremilhas em verso; que postoque no numero das syllabas seja muy differente do nosso, & do latino (por que em cada um ha dauer setenta & duas) nam deixa de ter sua graça, & magestade.

Nestes versos está escrita em hũa lingua particular chamada *Gerodam*, a sua Filosofia, & Theologia, que os Brámenes estudam, & lem em universidades per todo a India. Consta esta doutrina de quatro partes, cada hũa das quais se divide primeiramente em seis a que chamam *Corpos*, & depois em dezoito, com nome de *Membros*, & finalmente em vinte e oito intituladas *Articulos*. E tractase na primeira das quatro partes da causa, & principio do universo, da primeira materia, dos Anjos, das almas, do premio do bem, do castigo do mal, dos elementos, da geraçam, & corrupçam das criaturas, que cousa seja peccado, como se deva remir, e quem póde delle absolver. Sam o argumento da segunda os Espiritos, que elles intitulam Regentes dos ceos, & dos elementos, & a que dam o governo de todas as cousas criadas. A terceira parte toda he moral, de bós preceitos, & conselhos, assi pera a vida politica, como pera a contemplativa, de que fazem particular profissam. A quarta contem as cerimoniaes dos pagodes, os sacrificios, as festas, & á volta disso muytas feitiçarias, encantamentos, & grande parte da arte magica.

Na distincção das gerações, & famílias, fazem ventagem a toda a outra gente do mundo. He nada em sua comparaçam quanto nesta parte ouve entre as casas, & tribus do povo d'Israel. Porque em muytas familias do Yndostem, nam sómente nam podem casar as pessoas dhãa com as da outra, mas nem comer á mesma mesa, nem entrar na mesma casa nem estar, nem passar juntamente pela mesma rua. Assi tem repartidos os officios de serviço da Republica, fazendo os de menos sorte os mechanicos, com tal ordem porem que cada familia usa o seu, sem poder jámais entrar no da outra. Os nobres ou sam Naires, que seguem sómente a guerra. ou Brámeres, a quem pertence o falso culto dos pagodes, & meneo de suas superstições. Estes fazem a todos os outros grandes ventagens; porque alem do falso sacerdocio, tem o poder, & autoridade real, que anda na sua familia já de muytos annos; com cujo favor ella he a mais respeltada, e dilatada na Yndia. & em outros muytos reynos orientais. Professam geralmente grande abstinencia; porque de mais de muytos jejús, que tem, nenhum, postoque seja Rey, pode per nenhum caso beber vinho, nem comer algũa sorte de carne, ou pescado, nem cousa emfim, que tevesse vida. Mas ainda entre elles ha muita diversidade. Hús vivem com suas mulheres & filhos nas villas, & cidades, tratando a mercancia, como toda a outra gente. Outros, a que chamam Iogues, & os Gregos antigamente chamaram Gymnosophistas, vendense por homêes castos, nã se obrigando nunca ao matrimonio; dos quaes muytos tomam por vida peregrinar per todo o Oriente, pregando á gente cega os sonhos de sua supersticam, que acreditam, & persuadem com a grande aspereza com que se tratam assi no vestir, como no comer. Algũs entrando pelos desertos, & meyoos enterrados nas lanas & cõvas das feras, passam com increivel soferimento quanto se pode imaginar de dureza, & trabalho, em fomes, sedes, frias, calmas, nudeza, continuas vigias, fugindo, como se lhe teveram odio, a tudo o que pode ser de gosto, & alento á natureza. Mas feito o noviciado, & curso deste tempo, & elles agraduados á ordem, que entre si tem, com nome de *Abdutes*, & nela qual dissimuláram com tam forte vida, ficam em premio da falsa penitencia, & por gloria da mais falsa religim com publica licença para se ergolha em em toda a sorte de vícios por abominaveis que sejam, sem alg em se poder, nem escandalisar, quando os vê, nem aggravar quando lhe toca; avendo que até das leis da rezam, & da vergonha os fíz, nam sómente isentos mas senhores aquelle seu deserto, & supersticiosa aspereza. Que quando he religiosa, como o foy a dos santos hermitãos da ley da graça, tem por fim a perfeita imitacão da pureza dos Anjos nas almas, & nos corpos, e nam vay parar naquelles mortuos de torpeza com que o Imigo de longe faz negaça aos infieis cegos, & tanto mais carnaes quanto mais sofrem pola carne.

João de Lucena, *Vida do P. Francisco Xavier*, l. II, c. XI, ed. 1600.

LV.

Peregrinação

*Do que passel em minha mocidade neste Reyno,
até que me embarquey para a India*

Quando ás vezes ponho diante dos olhos os multos, e grandes trabalhos, e infortunios, q por mim passiraõ, começados no principio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte, e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razã me posso queixar da ventura, que parece q tomou por particular tençaõ, e empreza sua perseguir-me, e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser materia de grande nome, e de grande gloria: porque vejo que naõ contente de me pôr na minha pátria, logo no começo da minha

moçidade, em tal estado que nella vivi sempre em m'érias, e em pobreza e não sem alguns sobresaltos, e perigos da vida, me quiz tambem levar ás partes da India, onde, em lugar do remedio, que eu hia buscar a ellas, me foraõ crescendo com a idade os trabalhos, e os perigos. Mas por outra parte, quando vejo que do meio de todos estes perigos, e trabalhos me quiz Deos tirar sempre em salvo, e pô-me em seguro, acho que não tenho tanta razaõ de me queixar por todos os males passados, quanta de lhe dar graças por este só bem presente; pois me quiz conservar a vida, para que eu pudesse fazer esta tosca, e rude escriptura, que por herança deixo a meus filhos, (porque só para elles he minha tençaõ escrevella) para que elles vejaõ nella estes meus trabalhos, e perigos da vida, que passey no discurso de vinte e hum annos, em que fuy treze vezes cativo, e dezasete vendido nas partes da India, Ethiopia, Arabia Feliz, China, Tartaria, Macassar, Samatra, e outras muitas Provincias daquelle Oriental Archipelago dos confins da Asia, a que os Escritores Chins, Siames, Gueos, Elequios nomeaõ nas suas Geografias por *Pestana do Mundo*, como ao diante espero tratar muito particular, e muito diffusamente; e daqui por uma parte tomem os homens motivo de se não desanimarem com os trabalhos da vida, para deixarem de fazer o que devem; porque não ha nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor Divino: e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor Omnipotente, por usar comigo de sua infinita Misericordia, a pezar de todos meus peccados; porque eu entendo, e confesso, que delles me naceraõ todos os males, que por mim passaraõ, e della as forças, e o animo para os poder passar, e escapar delles com vida.

*De algũa pequena informação desta cidade de Pequim,
aonde o Rey da China reside de assento*

... Esta Cidade que nós chamamos Paquim, a q os seus naturais chamaõ Pequim, por ser este o seu primeyro nome, está situada em altura de quarenta e hum grãos da banda do Norte: tem os seus muros de circúito, segundo os Chins nos affirmaraõ. e eu depois vi num livrinho, que trata das grandezas della, que se chama *Aquesendoo*, que eu trouxe a este Reyno, trinta legoas, dez de comprido, e cinco de largo; e outros affirmãõ que tem cincoenta, dezasete de cumprido, e oito de largo. E já que os que trataõ della variam nisto tanto, como he dizerem huns trinta, outros cinquenta legoas, quero eu declarar a causa desta duvida conforme ao que vi por meus olhos. Quanto ao como ella agora está povoada de casaria muito nobre terá de circúito as trinta legoas que dizem, e está cercada toda de duas ordens de muros muito fortes, com infinidade de torres, e baluartes ao nosso modo; mas por fóra desta cerca, que he a da propria cidade, vay outra de muito maior comprimento, e largura, que os Chins affirmãõ que antigamente fora toda povoada, o que agora não he mas tem sómente muitas aldeas, e povoaçõ s divididas lãas das outras, com muita quantidade de quintas ao redor muito nobres, em que entraõ mil e seiscentas, que tem muita ventagem de todas as outras; as quaes são aposentos dos Procuradores das mil e seiscentas cidades, e villas notaveis dos trinta e dous Reynos desta Monarchia, que quando chamaõ a Cortes, se ajuntaõ nesta cidade cada tres annos sobre o governo do proveito cõmum, como adiante se dará relaçaõ. Por fóra desta grande cerca, a qual, como digo, corre por fóra de toda a cidade, estáõ em distancia de três legoas de largo, e sete de comprido vinte e quatro mil jazigos de Mandarins, que são hãas capellas pequenas cozidas todas em ouro, as quaes tem todas adros fechados em roda com grades de ferro, e de lataõ feitas ao torno, e as entradas, que tem, são huns arcos de muito custo, e riqueza. Junto a estas capellas tem aposentos muito grandes com jardins, e bosques espessos de grande arvoredor, e muitas invenções de tanques, fontes, e lãas de agoa. E as paredes das cercas são forradas por dentro de azulejos de

porcelana muito fina, e por cima pelos espigões com muitos leões com bandeiras douradas e nos cantos das quadras curuchéos muito altos de diversas pinturas. Tem mais quinhentos aposentos muito grandes, que se chamaõ Casas do filho do Sol, onde se recolhem todos os que aleijaraõ na guerra em serviço delRey; e a fóra estes, outros muitos, que por serem velhos, ou doentes deixaraõ tambem a guerra, e se aposentaraõ. E a cada um de todos estes se dá um tanto por cada mez para seu mantimento, os quais segundo os Chins nos affirmaraõ chegavaõ á conta de cem mil: porque em cada hum destes aposentos dizião elles q̃ havia duzentos homens. Vimos mais hũa rua de casas térreas muito comprida, aonde pousavaõ vinte e quatro mil remeiros, que são os das panouras delRey. Vimos outra rua do mesmo modo de mais de hũa grande legoa de comprimento, aonde pousavaõ quatorze mil taverneiros, que são os da Corte; e outra rua pela mesma maneira, onde havia infinidade de mulheres solteiras, privilegiadas do tributo, que pagam as da cidade, por serem tambem da Corte; muitas das quais fugiraõ a seus maridos, por andarem nesta desventura, e se elles por isso lhes fizerem algum mal, tem muito grande pena; porque ellas tem alli seguro do Tutão da Corte, que he o supremo em todas as cousas, que tócaõ á Casa do Rey. Vivem tambem nes'a cerca todos os mamatos que lavaõ roupa a toda a cidade, que segundo nos affirmaraõ, passaõ de cem mil, por haver aqui grandes rios, e ribeiras de agoa, com infinidade de tanques muito fundos, e largos, fechados todos de cercas de cantaria muito forte, e de lágeas muito primas e bem lavradas. Tem mais o vaõ desta grande cerca, segundo conta este *Aquesendoo*, mil e trezentas casas nobres, e officinas de muito custo de molheres, e de homens religiosos, que professaõ as quatro leys principaes do numero das trinta e duas, que ha neste Imperio da China; das quaes casas dizem que alhũa tem das portas a dentro passante de mil pessoas, a fóra dos servidores, que ministraõ de fóra o necessario para sustentação dellas. Vimos mais outra grande quantidade de casas, que tem edificios muito grandes, e nobres com grandes cercas, em que ha jardins, e bosques espessos, onde se acha toda a maneyra de montaria, e caça quanta se pôde desejar, as quaes casas nobres são como estalagens, aonde concorre de continuo muita infinda genta assim a comer, como a ver Autos, farças, jóges, touros, lutas, e banquetes esplendidos ..

Como fomos remettidos á cidade de Tequim

...Um dia antes que nós partissemos, estando já embarcados na lantessa, e presos de tres em tres por umas cadêas muito compridas, que á maneyra de corrente vinham fechar nos élos que tinhamos nos pés, chegaram estes dous procuradores dos pobres, e provendo primeiro que tudo os mais necessitados com mantimento, e vestidos, conforme á necessidade que em cada um viam, nos perguntaram se haviamos mister alguma cousa para nossa viagem, a que respondemos que de tudo iamos tão faltos quanto Deus sabia; mas que se até então lhe não tinhamos dito as muitas misérias, que padeciamos, não fôra senão a fim de lhes pedirmos, que a esmola que nos haviam de fazer fosse darem nos uma carta para os tanigores d'aquella santa irmandade, em que lhe pedissem, que nos quisessem lá favorecer, porque eramos, como elles sabiam, tão desemparedados, que ninguem na terra nos sabia o nome; a que elles ambos responderam: — Não diges isso, que é grande peccado, inda que vossa ignorancia vos desculpa com Deus; porque sabeis, que quanto mais abatidos foides por serdes pobres no mundo, tanto mais altos sereis diante dos seus olhos se com paciencia soffrirdes a pena, que a suberba carne sempre enjeita, porque assim como o passaro não vôa sem asas, assim tambem a alma não merece sem obras. E quanto á carta, que pedis, vos daremos de muito boa vontade, visto quão necessaria vos ha de ser, para que o favor dos bons vos não falte no tempo

que o houverdes mister. — Então nos deram um sacco de arroz, e quatro taelas em prata, e uma colcha para nos cubrirmos; e nos encommendaram muito ao chifuu, que era o alcaide a quem iam os entregues, e se despediram de nós com muito boas palavras, e se tornaram a visitar a enfermaria da prisão que a tras disse, onde então havia passante de trezentos enfermos: e como ao outro dia foi manhan clara, nos mandaram a carta, que lhe tinhamos pedido, mutrada com tres sinetes de lacre verde...

Como partimos para a cidade de Pequim e das grandezas da cidade de Nankim

Sendo-nos dada esta carta, nos partimos ao outro dia ante-manhan presos da maneira que tenho contado; e continuando nossa viagem por jornadas incertas, por causa da impetuosa corrente, e grande força da agua, que n'aquelle tempo trazia o rio, fomos já quasi sol posto surgir a uma aldêa pequena, que se chamava Minhacutem, d'onde era natural o mesmo chifuu, ou alcaide, que nos levava, e ahi casado com mulher e filhos, na qual esteve tres dias aviando algumas cousas. E embarcando elle sua mulher, com toda a sua casa, e familia, seguimos nossa derrota, em companhia de outras muitas embarcações, que por aquelle rio iam para diversas partes dos anchacillados e senhorios d'aquelle imperio. E ainda que iam presos ao banco da lanteaa, onde remavamos, não deixavam os olhos de vêr cousas muito grandiosas nas cidades, villas, e logares, que ao longo d'este grande rio estavam situadas, das quaes brevemente direi alguma cousa d'esse pouco que vimos, e começarei logo por esta cidade de Nankim d'onde partimos. Esta está em altura de trinta e nove grãos e um terço debaixo do norte, lançada ao longo d'este rio, por nome Batampina, que na nossa lingua quer dizer, frol do peixe; o qual rio, segundo então nos disseram, e eu depois vi, sae da Tartaria, de um lago por nome Fàostir, nove legoas da cidade de Lançame, onde o Taborião, rei dos tartaros, reside o mais do tempo. D'este lago, que é de vinte e oito leguas de comprido, e doze de largo, e de grandissimo fundo, saem os mais poderosos cinco rios, caudaes, que ha em todo o descuberto... Esta cidade de Nankim está, como já disse, situada ao longo d'este rio da Batampina, em um teso de boa altura, por onde fica a cavalleiro das campinas, que estão em torno d'ella; cujo clima é algum tanto frio, porém muito sadio. Tem oito leguas de cerca por todas as partes, a saber: tres leguas de largo, e uma de comprido por cada parte; a casaria commua é de um só, até dous sebrados, porem as casas dos mandarins são todas terreas, e cercadas de muro, e cava, em que ha pontes de boa cantaria, que dão serventia para as portas, as quaes todas tem arcos de muito custo, e riqueza; com muitas diversidades de invenções nos curuchéos dos telhados, o qual edificio visto todo por junto, representa aos olhos uma grande magestade. As casas dos chões e anchacys, e aytas, e tutões, e chumbys, que são senhores, que governaram provincias, e reinos, tem torres muito altas, de seis e sete sobrados, com curuchéos cozidos em ouro, onde tem seus almazens d'armas, suas recamaras, seus thesouros, e seu movel de seda, e de peças muito ricas, com infinidade de porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria; a qual porcellana d'esta sorte não sae fóra do reino, assim porque entre elles vale muito mais que entre nós, como por ser defeso com pena de morte vender-se a nenhum estrangeiro, salvo aos persas do Xatamaas, a que chamam Soflo, os quaes com licença que tem para isso, compram algumas peças por muito grande preço. Affirmaram-nos os chins, que tem esta cidade ontocentos mil vezinhos, e vinte e quatro mil casas de mandarins, e sessenta e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de açougues de outenta talhos cada uma, e oito mil ruas; de que as seiscentas, que são as mais nobres, tem todas ao comprido de uma banda, e de outra grades de latão muito grossas feitas ao torno. Affirmaram-nos mais, que tem duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa, e são edificios

multo ricos, com torres de sessenta, e setenta sinos de metal, e de ferro coado muito grandes, que e cousa horrenda ouvillos tanger. Tem mais esta cidade trinta prisões muito grandes, e fortes, em cada uma das quaes ha dous, e tres mil presos, e a cada uma d'ellas as prisões responde uma casa como de misericordia, que prevê toda a gente pobre, com seus procuradores ordenar os em todos os trabalhos de civil, e criminal, e onde se fazem grandes senhores. Todas estas ruas nobres tem arcos nas entradas com suas portas, que se f chamam de route, e as mais d'ellas tem elevações d'agua muito boa, e são em si muito ricas e de muito grande tracto. Tem tambem as ruas novas, e velhas, feiras geraes, onde concorre infinidade de gente de diversas partes, e ha nellas grandissima abundancia de mantimentos, quantos se podem imaginar, assim de fructas, como de carnes. O pescado d'este rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas, e linguados, que parece impossivel dizer-se, o qual se vende todo vivo, com juncos mettidos pelos narizes, por onde vem dependurados; e afora este pescado fresco, o secco e sa'gado, que vem do mar, é tambem infinito. Affirmaram-nos mais os chins, que tinha dez mil teares de seda, porque d'aqui vai para todo o reino. A cidade em si é cercada de muro muito forte, e de boa cantaria, onde tem cento e trinta portas, para serventia da gente, as quaes todas tem pontes por cima das cavas. A cada porta d'estas estava um porteiro com dous albardeiros, para darem razão de tudo o que entra, e sae. Tem doze fortalezas requizas, quasi ao nosso modo, com baluartes, e torres muito altas, mas não tem artillaria nenhuma. Tambem nos affirmaram, que rendia esta cidade a el-rei todos os dias dois mil tocos de prata, que são tres mil cruzados, como já disse muitas vezes. Dos paços reais não direi nada, porque os não vimos senão de fora, nem d'elles sabemos mais que o que os chins nos disseram, o qual é tanto que é muito para arrecciar centallo, e por isso não tractarei por agora; d'elles, porque tenho por d'avante contar o que vimos nós da cidade de Pekim; dos quais confesso que estou já agora arreceando haver de vir a contar ainda esse pouco que d'elles vimos; não porque isso possa parecer estranho a quem viu as outras grandezas d'este reino da China, senão porque temo que os que quizeram medir o muito que ha pelas terras, que elles não viram, co pouco que vem nas terras em que se crearam, queiram pôr duvida, ou por ventura negar de todo o credito a aquellas cousas, que se não conformam com o seu entendimento, e com a sua pouca experiencia.

F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, ed. 1604, c. ov, LXXXVII, e LXXXVIII.

LVI

Da excellencia da vista sobre os outros sentidos, & do descobrimento da verdade

Indo praticando pelos censeyraes de Coimbra, ao longo do Mondego dous amigos, que sahirão da Cidade, hum dellas dado muito ao estudo da humanidade, que presumia excessivamente de discreto, & grãde Philosopho, & queria antes parecê-lo, que selo (da condiçã dos que escolhem antes latao lustroso, que prata sem lustro) outro menos humanista, mas mais humano, encontraraõ com hum Ermitaõ, homem religioso, & Letrado, de que tinhaõ conhecimẽto doutro tempo, em que todos n'aquella Universidade estudaraõ, & conversaraõ. E depois de saudados & passarem entre si algũas amorosas palavras, perguntou o Philosopho ao Ermitaõ como estava, & que annos tinha de idade, porque lhe parecia mais velho do que elle cuidava q era. Eu, respondeo o Ermitaõ, não estou, nem tenho hum só anno de edade, & o mesmo podem com verdade dizer de si todos os homẽs. Nova opiniaõ, disse o Philosopho, he essa. Antes, tornou o Ermitaõ, não he nova, nem opiniaõ, senão antiga, & manifesta ver-

dade. Que se fora nova, começára pouco ha, & ella he sentença dos sabios antigos, que de si deixaraõ gloriosa memoria: & se fora opiniaõ, fora de cousas contingentes, & incertas, & ella he necessaria, & certissima. E eu, disse o Philosofo, tenhoa por falsissima. E o he taõ sem duvida, que a não terá ni so, senão quem, segundo o costume dos Academicos, quizer em todo duvilhar. Ha verdades, disse o companheiro, que a nos não o parece, não pe o não serem, mas por não entendermos a diversidade de estilo em que são ditas. Digo isto, porque o Padre como se desnaturaliza do mundo, para que quanto dele estivesse mais apartado, tanto estivesse o Deos mais unido, & quanto mais longe estivesse da terra & de si ainda mais longe, tanto mais perto estivesse do Ceo, tem outro estilo tam diferente do nosso que havemos de entender, que se não entendemos he, porque passa elle além das balizas de nosso entendimento, mas não porque em suas palavras haja erro nem falsidade. Não sei, disse o Philosofo, para que são razões para escusar hũa sem razãõ: pois de querer escusar hũa nascem muitas. Assi como lançando hũa pedra em hũa granle poço se faz hum circulo na agua, & delle procede outro mayor, & este mayor faz outro mais estendido, apoz o qual vem outro, & outros cada vez mayores quasi em infinito, assi de hum erro nasce outro, & este traz outro consigo mayor, apoz o qual vem outros muitos cada vez mayores quasi em infinito se lhe não atalhaõ logo no principio. Facil cousa seria atamar logo no principio a um rio, entupindolhe a fonte donde nasce, ou lançandolha por outra banda, mas de pois que nelle entrãõ outros, & outros rios, & com a entrada de muitos rios se faz poderoso, & fundo, não ha quem lhe possa resistir. Isto he o que diz Aristoteles, que piqueno erro no principio, se faz grande no fim, & que dado hum inconveniente se seguem muitos: & ás vezes de não apagar hũa palha, se vem a atear o fogo em hũa e outra, até que se vem a queimar toda hũa casa, & de piquena faísca se faz grande incendio. Eu, disse o companheiro, não me determino logo taõ depressa como isso, a cõdinar o que não acabo de entender; & sempre tive para mim que as cousas se haviaõ de julgar com deliberação. Que, como diz Bias o Philosofo, segundo refere Iacinto, nem hũa coisa he mais contraria a deliberar, que a ira, & a pressa. E não vos pareça que reprehendo a diligencia nas obras, antes tenho para mim que não ha causa que ella não vença. Porque assi como a negligencia he madasta das virtudes, assi a diligencia he mãy de todas ellas. Ella he hũa mãna de tã, & a negligencia hum pego sem fundo em que todos se afogaõ; mas a diligencia ha de ser pesada, & levantando nos pés as esporas da ligeireza, & velozidade, ha de levar na mão as redeas da razão, & do conselho: de maneira, que na del beraçaõ ha de hauer tardança, & na execuçaõ da boa obra pressa. Donde veyo aquelle taõ antigo, como famoso Proverbio: Apressate de vagar...

Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, ed. 1671, parte 1, cap. 1.

LVII

Comparações

Assi como as ervas se crião com agoa mas sendo ella muita e demasiada alogão, assi os engenhos reverdecem e se aviventam com o trabalho, mas sendo elle sobejo os abate e destrue.

Assi como o feio sinal da ferida prior parece e mais disformidade faz no rosto que nas outras partes do corpo, assi o vicio mais detestavel é no Principe que é a imagem em que todos põem os olhos, que no vassalo pera que menos se attenta.

Assi como a terra amollece com a agoa assi o homem nobre abranda com boas palavras.

Assi como as verdes canas quando crecem de quando em quando vão fazendo uns nós como descansos, em que parece que a natureza descansa, não pera ficar alli, mas pera com maior força tornar a subir, assi os homens disciplinados no trabalho, vão ás vezes interpondo descanso a suas molestias como nós em que descansam, não pera tomar o corporal ocio por fim, mas por meio, para com maior esforço poder soffrer os importunos trabalhos e lançan mão dos honrosos exercicios.

Assi como a faca por quererem com ella cortar ferro, fica bota pera cortar, o pera que foi feita; assi o entendimento que quer penetrar o que lhe não convem, fica inhabil pera o que lhe convem.

Assi como as espigas quanto mais gradas e carregadas estão tanto mais se abaixam e inclinam, e pelo contrario quanto mais leves e vazias estão tanto mais se endireitam, e levantam pera cima; assi quanto mais cheios estão os homens de virtude e bom saber tanto mais se humilham e abatem, e quanto mais vazias disto estão tanto mais se levantam e ensoberbecem.

Assi como seccando-se a fonte se secca o ribeiro: assi seccando-se o interesse se secca tambem a amizade nascida não da virtude, mas da cobiça.

Quem lava copos de vidro não ha de carregar tanto a mão que os quebre, e quem reprehende ao amigo não ha de assentar tanto a mão que magoe.

Assi como não conhecemos a fineza do alambre senão se o esfregamos: assi não conhecemos a lealdade do amigo salvo se o experimentamos.

Heitor Pinto, *ibid.*

LVIII

Que as victorias dos Portugueses, em as partes das Indias orientaes,
se não hão de attribuir a forças humanas: e porque nas guerras
dos Christãos ha infelizes sucessos

Cousa certa he, que não fez Deos menos milmoz, e fauores ao pouo Christão, que ao Hebreo, en cujo logar o substitulo. E ainda q̃ disto dõ testemunho as victorias de Theodosio, Constantino, Carolo magno, Carlo quinto maximo (quá assi o nomeou o Papa Paulo terceiro) padre de elRey nosso Senhor, estamos os Portugueses tam ricos de exemplos proprios, que bem podemos escusar a relação dos alheos. En nossas guerras, nunca faltarão mostras de Deos as fauorecer, quomo suas: e porque nas partes remotissimas do Oriente, conuinha mais enxergarse este fauor, lá ouue por bem de mostrar muitas vezes, quam propicio era a nossas armas, e quanto tomava á sua conta a honra dellas. Sabemos, que en algũas batalhas, das q̃ na India aos nossos se derão, depois de muitos encontros, e recontros, se vio receberem os Portugueses os pelouros de ferro, no meo de seus corpos, sen o golpe lhes imprimir mais, que hũa piquena nodoa. E o que he mais de admirar, que voltando delles quebrauão os mesmos pelouros grandes escudos, e quanto achauão ante si espedaçauão. Taes sinaes, e visões do ceo se virão en guerras trauadas cos nossos, que fezerão confessar aos barbaros, que pelejára Deos por nos contra elles; quomo antiguamente confessarão

os Egipcios, que Deos era da parte dos Hebreos. E esta confissão lhes serua de desculpa do damno, que das armas dos nossos, em mui desigual numero, recebiam. Os que isto não crem, roubão sua gloria a Deos, e ignorão, quantas forças tem a vera religião daquelles, que fundão, e esteão suas esperanças no cmparo, e presidio de Deos, e por sua honra tratão armas plas, e justas. Porque David pos en Deos sua confiança, por isso venceo, com hũa funda, o grande gigante Golias, que en suas forças vinha mui confiado; e Gedeon, com panelas de barro, desbaratou os Madianitas. Quão mais cada hũ, medindo se por seu spirito, cuida que tem bastante animo, para vencer quaisquer imigos, tanto mais lhe conuem poer a confiança no Senhor, e encomendarlhe a sua causa. Este foi o norte, que guiou o grande Duarte Pacheco, triumphador do Çamorim de Calicut, soldado, e Capitão felicissimo, que tantas vezes, pola gloria de Christo, e dignidade delRey Dom Manoel, offereceo a extremos perigos seu peito, indomito, e incansavel: a cujas victorias não se podem comparar as de qualquer outro Capitão, inda que seja o Africano, porque foram miraculosas.

Amador Arraéz, *Dialogos*, ed. 1589, dial. III, C. XXI, pág. 109.

LIX

Dureza da gente ludaica

Grandes forão os trabalhos q̃ o Senhor soffeo os annos que andou peregrinando pellas Cidades de Israel, & Iudea, que o cansauão, & affligião muyto mais que a propria peregrinação. Entres elles hum muyto principal foy a dureza da gēte ludaica, q̃ não só não queria receber, mas encontraua toda sua doutrina, & diuinas obras: & della como de fonte nacerão todos os trabalhos, que a Christo nosso Senhor derão, & sua propria perdição. Antiquissimo vicio he na nação ludaica a dureza de coração, & de que está a diuina Escrip̃tura cheya. Tanto que sendo entre todas as nações do mundo escolhida pera pouo de Deus, apartado de todas as gētes pera o servir, & adorar, & espantando Deos o mundo com marauilhas que por elle fazia, nunca o pode dobrar a seu seruiço, & obediencia. Felos descendentes de troncos de Patriarchas santos, sempre os trouxe nas palmas das mãos, cheyos de mimos, & riquissimas merces: a elles fez todas as promessas do Messias, & de todos os bēs da terra, & do Ceo: esteue no monte Syna a fala com elles, mandandolhes muytos Prop̃hetas: deulhes em seus pecados espantosos castigos: perdoaualhes depois com admirauels fauores: liurauaos de todos seus inimigos, prouiaos larguissimamente, & por vias desacostumadas em todas suas necessidades: & cõ nenhũa cousa os pode nũca ter sujeitos, sempre lhe forão rebeldes, sempre maos de contentar, sempre falsos nas promessas que fazião de o servir. A Moyses no deserto quizerão apedrejar. A vista de Deos q̃ estava no monte Synai todo inflamado, falando cõ elle fizerão hũ bezerro de ouro, & com festa o adorarão. Ora lhe matauão seus prefeitas, ora punhão idolos pera tirar o pouo de adorar a Deos no seu Templo, ora adoravão os deoses das outras gentes: em fim que sempre andauão ao reues da vontade de Deos. E he tanto desta nação de juro, & herdade, dureza de coração, que ainda hoje em'dia a experiencia nestas partes de Berberia (onde ha grandes poucações delles) nos mostra que não só são tão duros que nem convencidos pellas diuinas Escrip̃turas em seus erros, & chegados a de todo não sabem contradizer a verdade manifesta, por nenhum caso se querem render, mas antes se prezão de dura seruiç, & tomão por honra o que Deos contra sua dureza diz na sagrada Escrip̃tura, como gente q̃ se não rende facilmente, senão as cousas q̃ forẽ muyto palpauels, & vistas a olho. E sendo na vida, & na malicia a plor. mais mal inclinada gente que na natureza, & mundo pode auer, assi se tem hoje por povo mimoso, & escolhido de Deos & pella melhor, & mais

aceita gente a elle, como se pu'lera ter o proprio santo Abrahão. de quem descen tem. E claro se ve nelles o q̃ diz a diuina Escripura, que saõ ven'idos pera fazer mal. Porque assi o tem por vida. & officio, que tirando-lhes Deos todos os t'õs temporaes que concede a todas as outras erradas nações, só lhes ficou a m'ntira, & engano de q̃ viuessem, só della se mantem: & isto com trazerem sempre o nome de Deus na bocca...

Fr. Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, ed. 1602, trab. xix, pág. 327 v.

LX

Do q'ue passou Palmeirim de Inglaterra em companhia da donzella que o leuaua cõsigo

Palmeirim de Inglaterra segulo tras a dõzella ao mayor passo de seu cauallo, porq̃ a sua pressa não consentia nen'ũ reponso. E posto q̃ muitas vezes quis saber della onde o leuaua, n'ũa cõ choro lhe pode dizer. Assi passarão todo aquelle dia & noite sem repouso nenhũ, leuãdo ja as caualgadas tã cãsadas q̃ não se podião bulir, ao outro dia pera mannaã quando a alua rompia. passarão pe lo pee de hum castello que se velaua. A dõzella se desuiou da estrada, rogando a Palmeirim que a esperasse. & chegando ao castello fallou com um dos valladores algũs palauras que não ouvio. & dalli t'ornando se para elle seguiram seu caminho com may'r pressa q̃ de antes, & cõ ella andarão tee horas de meyo dia q̃ chegarão a hũ val e grã le & gracioso q̃ estaua ao l'õgo da faldra de hũa pequena villa, que era no Ducado de Rossilhõ. Alli lhe disse q̃ se decesse quanto ella hia ter ao lugar & logo tornaria a elle. Palmeirim a q̃ o afrontamento do caminho fez des. jar algũ repouso, apeouse do cau. lo, & desenlaçou o elmo para melhor poder desabafar do trabalho. A dõzella como quem não sofria nenhũ v gar em suas cousas, porque a necessidade delias reueria muita pressa, toy à villa e fez volta tão prestes como se o seu palaf em andara em toda sua força, & chegando a Palmeirim vendoo sem elmo, tão moço & gentil homem nam ficou contente, crendo que para sua afronta achara fraco remedio, dizêdo mal à sua v'ẽura se queixaua mais q̃ de antes. Palmeirim mouido de piedade, não sabêdo a razão porq̃ se assi mataua rogou-lhe que sem pejo l'na dissesse.

— Que quereis que vos diga senhor caualleiro, disse a dõzella, senam que sou a mais mal auenturada molher do mundo, que indo bu car algum caualleiro famoso para hũa necessidade grande, reuolui a corte de França, & dando conta aos melhores della nenhum quis aceitar o que lhe pedi, que lhe pareceo graue de acabar, & vindo quasi desesperada acertei de chegar ao valle onde Florenda estaua, para lhe pedir que mandasse comigo algum dos seus goardadores em que mais confiasse, & porque vos vi em companhia de outro caualleiro que os estaua derribando todos, culdey que fosses assim como elle, & pedivos que me seguisseis sem vos querer dar conta do caso, que temi que sabido não quisesséis vir comigo. Agora que estaua, ao pee da obra vejo vos tam menino & moço, e de tam poucas forças ao parecer que perdi algũa esperanza se a em voz trazia.

— Senhora, disse Palmeirim, a razão & justiça queria que tiuesséis de vossa parte que no mais eu farey o que poder & por ventura sera mais do que julgais po'a idade, por isso peçovos que sem nenhum receo me digais ao que vim, que no que vos de mim comprir auenturarey a vida-a qualquer perigo.

— Ay senhor que bõas palauras, disse a donzella, se a obra dissesse com ellas. Sabey que nesta villa que vedes estam presas tres donzellas filhas de hum gram senhor que auia nesta terra, & porque seu pay nam quis casalas com o Du. ne de Rosilhom & outros dous seus irmãos, tiuerão maneira como por treição o

mataram, e elles a ellas trouxerão a esta fortaleza por força, & porq̃ nũca quizerão cõceder seu desejo, derão-lhe espaço te cje, q̃ he o derradeiro dia, para que buscassem algũ caualleiro q̃ por forças tivesse de seu poder, & auia-se de combater desta maneira. Primeramente à entrada da fortaleza cõ Bramarim primo do Duque, temido e nomeado em todo este Rey no, & vencendo-o ase de combater com outros dous caualleiros jntamẽte tamẽ seus parẽtes & mais esforçados, a que chamão Olistar & Alvariz, & saindo desta batalha vencedor, combaterse com o Duque & seus dous irmãos, q̃ cada um por si he tem especial caualleiro q̃ basta para o melhor desta terra, & por que oie he o derradeiro dia do prazo, no qual ellas ham de ser degoladas nam da do caualleiro que por si faça estas batalhas, dey a pressa que vistes em vossa vinda. Agora fuy ter à villa para lhe fazer saber que trazia comigo um caualleiro que se com el es combatesse segundo estava ordenado, de que o Duque esta muy aluorçado & contente crendo que irá com seu prouto diante, pola muita confiança que em si & nos outros caualleiros de sua casa tem.

— Por certo, senhora donzella, disse o muy esforçado Palmeirim de Inglaterra, agora nam me espanto, nam menos ey por muito recearem alguns caualleiros vir a tão incerta & duuidosa demanda como essa he, & parece-me muy mal de el Rey consentir que em seu senhorio se faça lũa tamanha sem razão como essa, alem de ser agrauo feito a molheres, cousa que antre os homens de grãde preço se nã devia cõsentir: & pois o mais do dia he gastado, & para tãtas batalhas fica pouco espaço, partamos logo, que eu espero em Deos q̃ a maldade desse seja causa de seu venciẽto.

E sem mais dizer, enlaçou o elmo, menenciõ de cousa tam mal feita. A donzella q̃ punha os olhos nelle quando o vio com tam lũa desejo & pouco temor, cobrou mais algum esforço do que lhe ficara depõs que o viu, & ambos juntamente entraram pola villa. & foram à fortaleza que estava bem assentada & forte. Causa que aos reos quando sam poderosos se nam auia de consentir, porq̃ muitas vezes a confiança destas forças he causa de muitos erros.

Fr. de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*, ed. 1592, p. II, cap. LXVIII, pág. 73.

**Quadro sinótico do movimento político,
social e literário
correspondente á escola Seiscentista ou Gongórica**

I

Monarcas portugueses

Felipe I	1580-1598
Felipe II	1598-1621
Felipe III	1621-1640
D. João IV.	1640-1656
D. Afonso VI.	1656-1668
D. Pedro II (regente)	1668-1680
D. Pedro II	1683-1706

II

Sincronismo político e social

- 1584 — Assassínio do Principe de Orange.
- 1587 — Execução da rainha da Escócia Maria Stuart.
- 1594 — Henrique IV sobe ao trôno de França.
- 1603 — Morte de Isabel, rainha de Inglaterra.
- 1609 — Expulsão dos Moiros de Espanha.
- 1618-1648 — Duração da guerra dos Trinta annos, que termina com o tratado de Vestfália.
- 1624-1642 — Govêrno de Richelieu.
- 1630 — Vitórias de Gustavo-Adolfo.
- 1632 — Morte dêste herói.
- 1640 — Sublevação da Catalunha.
- 1643 — Princípia a reinar Luís XIV.

III

Sincronismo literário

ESPAÑHA

E um período brilhantíssimo para a literatura espanhola o principio do séc. xvii. Citemos entre os poetas:

LOPE DE VEGA-CARPIO (1562-1635), fecundíssimo poeta, fundador do teatro em Espanha, para o qual escreveu centenas de composições que podem classificar-se em 1.º *comédias de capa e espada* ou de enredo; 2.º *dramas históricos*; 3.º *comédias familiares*; e 4.º *Autos*. Atribuem-se-lhe 1.800 comédias em três actos [21 milhões de versos!] e 400 autos; escreveu 5 dramas em quinze dias. Tem dous sobre assuntos portuguezes — *El Duque de Viseo* e *El Principe Perfecto*.

LUÍS VÁLEZ DE GUEVARA (1570-1643), deixou, entre muitas outras comédias, a intitulada *Reinar después de morir* sobre D. Inês de Castro, e a novela satírica *El diablo cojuelo* (diabo côxo), que Lesage imitou no *Diable boiteux*.

TIRSO DE MOLINA (1585-1648). pseudónimo de Gabriel Téllez, além de comédias e autos escreveu *El burlador de Sevilla*, onde descreveu com grande energia o tipo de D. Juan, que depois se universalizou.

PEDRO CALDERON DE LA BARCA (1600-1681). rival de Lope de Vega, a quem é superior no estudo das personagens que pôs em scena nos seus numerosos *Autos sacramentales*.

LUIS DE GONGORA (1591-1627) escreveu no género lírico e narrativo muitas composições em estilo, a que elle chamava *Culto* e que é também conhecido por *Gongorico*. Não obstante a acusação, aliás verdadeira, de ser esse estilo um tecido de metáforas obscuras e ridículas, Gongora conseguiu impô-lo com as suas obras *Soledades*, *Polifemo*, *Pyrame y Thisbe*.

FRANCISCO DE QUEVEDO (1580-1645), dotado de grande talento critico e satírico, autor de composições em prosa e verso muito estimadas, como *La historia del grande tacaño* e *Los sueños*.

Como historiadores:

ANTONIO DE SOLÍS (1610-1686) que além de obras poéticas, escreveu a *História da conquista no Mexico*, no género de Quinto Cúrcio, muitas vezes reimpressa.

NICOLAU ANTÓNIO, autor da *Biblioteca Hispana*, obra de paciente investigação bio-bibliográfica.

FRANÇA

Vigorou em França nesta época o chamado *Preciosismo* que foi importado da Itália.

A literatura do *Palácio de Rambouillet* corresponde no gozto e no estilo ao gongorismo da Península. O *Hôtel de Rambouillet* bem como os salões de M.^{lle} de Scudéry criam o pedantismo e a affectação, o que não impede que appareçam alguns grandes escritores, como passamos a ver.

MALHERBE (1555-1628) consegue libertar-se desta desastrada influencia, sendo correcto e natural. Boileau applicou-lhe o famoso verso: *Enfin, Malherbe vint...* É considerado um reformador da lingua.

LA FONTAINE (1621-1695) o afaçado fabulista inegnalável no género. Tr. portug.: Curvo Semedo. *Trad. livre das melhores fabulas de Laf.*, Lisboa, 1810; Filinto Eisio, *Obras*, vi ed. de Londres, 1813. 2 vols.; Vicente Pedro Nolasco da Cunha, *O homem singular in — O investigador português*; António Vicente de Carvalho e Sousa, *Dois Desposadas*, Lisboa, 1829, 4 vols.]

MOLIÈRE (1622-1681), talento genial, cujas obras primas são conhecidas em todos os povos civilizados. [Em portug.: Manoel de Figueiredo, *Theatro*, vii; Manoel de Souza, *Partifo ou o hipocrisia*, Lisboa, 1763; id. *O peão fidalgo*, *ibid.*, 1763; João Augusto Novaes Vieira, *Código do amor*, Porto, 1856; Castilho, *Partifo*, *Avarento*, *Médico á força*, *Sabichonas*, *Misantropo*; Coelho de Carvalho, *Escola de mulheres*, comédia em 5 actos em verso, versão liberrima, Lisboa, 1907].

BOILEAU (1633-1711) autor do poema heroi-cómico *Lutrin* (Estante do côro), imitado pelo nosso Cruz e Silva no *Hysopo*, e da *Arte Poética*, além de *Sátiras* e de *Cartas* [Em portug.: Pedro José da Fonseca, *Sátira do Homem*, Lisboa, 1800; António Lobo... Girão, *Trad. livre ou imitação da Sátira do homem*, Lisboa, 1837; Id., *Trad. livre ou imitação do Lutrin ou Estante do côro*, Lisboa, 1834; António José de Lima Leitão, *A estante do côro...* Lisboa, 1834; D. Fr. Xavier de Meneses, *Arte Poética*, 1818].

CORNEILLE (1595-1681), que deixou as obras primas da tragédia franceza *Cid*, *Horace*, dedicada a Richelieu, *Cinna*, o *Tolyente* [Em portug.: António José de Paula, *O Cid*, em verso...; Manoel de Figueiredo, *O Cid in Theatro*, viii; Id., *Cinna*, *ibid.*; Anónimo, *O Cid*, versão em verso (Innoc., vii, 298)].

RACINE (1639-1699) outro génio da scena franceza de quem temos, para sómente nomear as principais, as tragédias *Andromaque*, *Britannicus*, *Mithridate*, *Iphigénie*, e sobretudo *Esther* e *Athalie*. [Em portug.: Francisco José Freire, *Athalie*, Lisboa, 1762; Sebastião Francisco Mendo Trigo, *Fedra*, Lisboa, 1803; Manoel Joaquim da Silva Porto, *Phedra*, Rio de Janeiro, 1816; A. J. da Silva Leitão, *Ifigenia*, Rio de Janeiro, 1816; id., *Andrómaca*, *ibid.*, 1817].

A eloquência sagrada conta os seus melhores representantes neste século:

BOSSUET (1627-1704) immortalizado pelas *Orações fúnebres*, pelo *Discours sur l'histoire universelle* e pela *Hist. des variations des Eglises protestantes*. [Em portug.: A. Soares Barbosa, *Elevação a Deus sobre os mistérios da religião*].

BOURDALOUE (1632-1704), FLECHIER (1632-1710). [Em portug.: José Manoel Ribeiro Pereira *Compêndio das orações fúnebres*, Lisboa, 1764; Manoel de Souza, *Vida de Teodosio o grande*, Lisboa, 178...], FENELON (1651-1715). [Em portug.: Manoel de Sousa, *O Telemaco*, Lisboa, 1776, 2 vols. José Manoel Ribeiro Pereira, *Aventuras de Telemaco*, 1780, 2 vols.; *Aventuras de Telemaco*, tr. de Manoel de Sousa e de Fr. Manoel do Nascimento, retocada e correcta por José da Fonseca, Paris, 1855, 1 vol.] e MASSILON (1663-1742). [Em portug.: Antnio José Viale, *Conferências ecclesiasticas de... trad. em portug. e a expensas de S. M. a Rainha D. Estephania*, Lisboa, 1859; Fr. José do Espirito Santo Monte, *Pensamentos sublimes...*, Lisboa, 1786] embora inferiores a Bossuet, são modelos do género e perfectos cultores da lingua.

Entre os filósofos podemos nomear principalmente:

DESCARTES (1596-1650), cuja obra capital é o *Discurso sobre o método*.

PASCAL (1623-1662) que não só nos seus *Pensées*, mas ainda nas *Lettres Provinciales* deu prova de extraordinário vigor de linguagem aliado a uma grande beleza e concisão.

MALLEBRANCHE (1638-1715) imprime á filosofia cartesiana uma feição religiosa reflectindo a um tempo Platão e S. Agostinho.

LA ROCHEFOUCAULD (1613-1680). [Em portug.: Caetano Lopes de Moura, *Maximas e sentenças moraes pelo Duque de Rochefoucauld*, Paris, 1841] e LA BUEYER (1645-1695) são dois pensadores distintos, sobresaindo no talento de observação como o revelam as *Maximas* do primeiro, e os *Caractères* do segundo.

Na história:

CARDEAL DE RETZE (1614-1679), homem político que nas suas interessantes *Memórias*, se revela escritor vigoroso e correcto.

SAINT-REAL (1639-1692), cuja obra principal é a *Conjuração de Veneza*.

VERTOT (1665-1735) que, se outros títulos não tivera, merecia aqui menção condigna por se ter occupado da nossa história nas suas *Revolutions de Portugal* (1639).

FLEURY (1640-1723) é autor duma estimada *História ecclesiastica*. [Em portug.: João Rosado de Vila-Lobos e Vasconcelos, *Os costumes dos israelitas*, Lisboa, 1778].

No género epistolar:

MADAME DE SÈVIGNÉ (1626-1696), cujas *Cartas* dirigidas a sua filha manifestam finissimas qualidades de observadora, e que ficaram como monumento de estilo familiar.

ITALIA

Bastariam os nomes de GALILEO (1544-1642) e de TORRICELLI (1608-1647) para immortalizar este período. Mas a literatura atravessou uma fase de decadência por causa de mau gosto que dominou e que foi devido á influencia de

MARINO (1569-1625), que pelas suas composições se tornou o chefe da pleiada conhecida pelo nome de *Marinistas*. Foi o grande corruptor do gosto

italiano pelo abuso que cometeu dos *concetti* e das antíteses. A sua obra prima *Adonis* (cêrca de 45.000 versos), 1.^a ed., Paris, 1623 levantou renhidas polémicas. Tendo vivido em França e ganhado as simpatias de Maria de Médicis esta deu-lhe uma pensão de dous mil escudos. Marini consagrou-lhe um poema — *Templo Panegirico di Maria de Medici* — que é uma série de metáforas.

TASSONI (1565-1635) é conhecido sobretudo pelo seu poema heroico-cómico *La secchia rapita* (o balde roubado).

GUARINI (1537-1622) adquiriu imerecida reputação com o drama pastoril *Pastor Fido*.

SARPI (1552-1623) deixou a célebre *História do Concílio de Trento* á qual respondeu

PALLAVICINI (1607-1667), não conseguindo igualá-lo na singeleza e animação do estilo.

INGLATERRA

A Inglaterra sofre da mesma decadência e do mesmo mau gosto das outras nações no que respeita á extravagância da linguagem e dos assuntos literários. Chegou-se a essa corrente *Euphuismo* do romance de JOHN LYLY (1553-1606) intitulado *Euphues*, que teve grande voga no seu tempo, e já deixamos nomeado do período anterior.

MILTON (1608-1674) cujo *Paraíso Perdido* é, pobre, esquecido e cego ditou a sua mulher e aos seus dous filhos. Em doze cantos e verso branco o *The Paradise Lost*, sobre ser um monumento da poesia inglesa, é uma obra-prima do espírito humano. [Em portug.: José Amaro da Silva, *Paraíso Perdido...* Lisboa, 1870. 2 vol.; Francisco Bento Maria Targini (Foi Visconde de S. Lourenço), *O Paraíso Perdido... em verso...*, Paris, 1823. 2 vols.; António José de Lima Leitão, *O Paraíso Perdido... em verso...*, Lisboa, 1840, 2 vols., reimpresso em 1868, Lisboa, João Felix Pereira, trad. em verso solto endecassilabo, in *A Nação*, 28 nov. 1868 a 21 de Set. 1869. Do mesmo trad. em prosa no mesmo jornal, 30 set. 1869 a 20 de nov. 1870.

Merecem ainda apontar-se:

DRIDEN (1631-1701) o maior poeta inglês, depois de Milton, cultor de vários géneros literários em prosa e verso. [Em portug.: António de Araújo de Azevedo, *Ude de Dryden para o dia de Santa Cecília*, s. a. n. 1.].

JOHN BUNYAN (1628-1688) escreveu a *Viagem do Peregrino* (*Pilgrim's progress*) muito estimável.

A filosofia é representada por três nomes notáveis: BACON (1561-1626), restaurador do método e iniciador dum grande movimento filosófico; HOBBS (1588-1679) e LOCKE (1632-1704) [Em portug.: João de Oliveira de Carvalho, *Ensaio sobre a verdadeira origem, extensão e fim do governo civil*, Lisboa, 1834], aquele autor do *Leviathan* em que se encontram expostos os princípios do autor em psicologia, moral e política; este que tem, além doutras obras, o *Ensaio sobre o entendimento humano* em que suguiu a escola sensualista, que explicava todas as idéas como oriundas dos sentidos.

ALEMANHA

A Alemanha ilustrada neste século pelos filósofos LEIBNIZ (1646-1718) e WOLFF (1679-1754), teve um grande escritor em OPITZ, (1597-1639) que foi apêto e dramaturgo, deixando aos seus discípulos regras de metificação no seu *Pequeno tratado de poesia alemã*.

HEFFMANN (1618-1679) e LOHENSTEIN (1685-1633) agravaram os defeitos que já se revelavam em Opitz tomando como modelos Marini e Gongora.

CAPÍTULO IV

Escola Seiscentista ou Gongórica

(Séc. xvii)

Sumário: 96. Decadência literária, seus factores. — 97. Regimentos do S.^{to} Offício, censura e índices expurgatórios. — 98. Universidade de Évora. — 99. Escola Gongórica, caracteres. — 100. Academias literárias. — 101. Academias literárias portuguesas: a) *A. dos Generosos*; b) *A. dos Singulares*. — 102. Representantes do lirismo no século xvii. — 103. Francisco Rodrigues Lobo. — 104. D. Francisco Manuel de Melo. — 105. Outros líricos deste período. — 106. Representantes do género satírico. — 107. D. Tomás de Noronha. — 108. António Serrão de Castro. — 109. Diogo de Sousa ou Camacho. — 110. Poesia épica, seu carácter. — 111. Gabriel Pereira de Castro. — 112. Francisco de Sá de Meneses. — 113. Vasco Mouzinho. — 114. António de Sousa de Macedo. — 115. Brás Garcia de Mascarenhas. — 116. O teatro no século xvii. — 117. Carácter da História. — 118. Fr. Bernardo de Brito e seus continuadores. — 119. Fr. Luis de Sousa. — 120. Faria e Sousa. — 121. Jacinto Freire. — 122. Historiadores menos importantes. — 123. Viagens. — 124. Elquência: seus representantes. — 125. António Vieira. — 126. Manuel Bernardes. — 127. Trabalhos filológicos no século xvii. — 128. O jornalismo. — 129. Epistolografia. Cartas da Religiosa Portuguesa.

96. — Decadência literária; seus factores. A quadra literária do século xvii representa para Portugal um período de grande decadência. Os prenúncios deste abatimento geral, que não só literário, vinham já do reinado de D. João iii, aumentaram nos anos da menoridade de D. Sebastião, e nos dias do Cardeal rei D. Henrique (1578-1580) acabaram de caracterizar-se com mais vigor ¹.

D. João iii julgou obstar á invasão da reforma luterana, que lavrava como violento incêndio por toda a Europa, solicitando de Roma o estabelecimento da Inquisição. Gastando rios de dinheiro e empenhando nessa empresa a boa vontade e energia dos nossos melhores diplomatas, pôde enfim, vencida a relutância de Roma, obter a bula de 23 de maio de 1537 que definitivamente fundava em Portugal o terrível instituto.

Com a Inquisição vieram os jesuitas. Ainda antes de confirmada, já de Roma em 1540 vinham para Portugal membros da afamada *Companhia* e por tal forma se conduziam e irapunham ao ânimo de D. João iii, que entre 1552 e 1555 o ensino tinha caído

¹ Rebello da Silva, *Hist. de Port. nos séc. xvii e xviii*, t. v.

nas suas mãos ¹. André de Gouveia, doutor teólogo pela Univ. de Paris e prof. de humanidades em Bordeus fôra chamado pelo monarca português para vir em companhia de um grupo de homens eminentes em letras lecionar no colégio que êle desejava fundar junto á Univ. Era em 1547. Veio e trouxe consigo João da Costa, Buchanan, Diogo de Teive, Nicolau Gruchy, Guilherme Garambeo, Elias Vinet e outros. Passados, porém, poucos anos uma provisão de 10 de Setembro daquele ano de 1550 expedida a Diogo de Teive, mandava entregar ao Provincial da Companhia nêste reinos, que era Diogo de Mirão, o *Colégio das Artes*, para que os Padres *dirigissem e lessem as Artes e tudo o mais que lessem os mestres francêses*. Já por um alvará anterior — 2 de janeiro de 1552 — os professores dêste Colégio haviam sido iguallados em honras e privilégios aos da Universidade.

Que se passára para assim serem e-bulhados do ensino e, o que é mais, perseguidos pelo terrível tribunal, homens tam insignes e respeitaveis? Nos fins de 1549 procedia se em Paris por ordem do Cardeal D. Henrique a uma inquirição sôbre o comportamento que em França haviam tido os Mestres do Colégio. E como consequência no princípio de agosto de 1550 foi preso em Lisboa João Costa e no dia 10 do mesmo mês em Coimbra Diogo de Teive e Buchanan. O que se descobriu sôbre a vida e moralidades dos professores foi escandaloso e admira como o Colégio ainda subsistia em 1550 quando foi mandado passar para a posse dos jesuítas. O resultado foi serem despedidos êsses professores, alguns de reputação europeia, como Buchanan, Vinet, Fabricio, Nicolau de Gruchy, Resende, Teive, Costa e quantos, diz Cenáculo, em Coimbra e outras partes dirigiam o Colégio das Artes e os estudos das humanidades. Para cohonestar tal procedimento deram-se a alguns dêstes professores lugares que parecia de justiça: a Diogo de Teive um canonicato em Miranda, a João da Costa a igreja de S. Miguel em Aveiro; ficaram outros ensinando como particulares, outros saíram do reino para retiro dentro dêle ². Parece, porém, em presença dos docs. agora conhecidos que D. João III não podia proceder doutra fôrma embora os jesuítas se tivessem aproveitado de ocorrências, que aliás não provocaram ³.

¹ Coelho da Rocha, *Ensaio sôbre a hist. do gov. e legisl. de Portugal*, pág. 158.

² *Mem. Hist. do Sup. Prov... da Ordem Terceira*, Lisboa, 1794, II, 71.

³ As fontes indispensáveis para o estudo da acção pedagógica dos jesuítas nêste período são: Quicherat, *Hist. du Collège Sainte Barbe* e E. Gauthier, *Hist. du Collège de Guyenne* [F. Deusdado, *Educadores Portug.*, 287]; A. J. Teixeira, *Docs. para a hist. dos Jes. em Portugal*, Coimbra, 1899; F. Rodrigues, *A formação intelectual dos Jes.*, Porto, 1917; G. Henriques, *Buchanan na Inquisição no Arch. Hist. Portug.*, IV, 241. Braamcamp F., *Col. R. das Artes no Boletim da Acad. das Sc.*, IX (1914).

97. — Regimentos do S.^{to} Officio, censura e Índices.

A Bula que fundou em Portugal o S.^{to} Officio tem a data de 23 de maio de 1536 e o 1.^o Regimento por que se governou a de 3 de agosto de 1552, sendo depois sucessivamente publicados os de 1570, 1613, 1640 e 1774. Aquele que inicia esta série durou 18 anos e foi mandado organizar pelo Cardeal Infante «seguinto na esteira da jurisprudência inquisitorial da Idade-Média, menos liberal que o direito português coevo, não fazendo dêste entretanto differença extraordinária»¹. Lá vinha estabelecido o preceito da visita ás Livrarias públicas e particulares. Depois dos *Regimentos* vieram os *Índices*. Qual e quando foi o 1.^o livro censurado? Talvez o fosse o livrinho *Insino cristão* que saiu em Lisboa anónimo em 1539². Nêste ano também imprimia João de Barros a sua *Cartinha* e para isso foi necessária a licença de S.^{to} Officio. Dous anos depois em 1541 o Cardeal-Rei prohibia que se vendesse em Portugal o opúsculo de Damião de Goes impresso em Paris — *Fides, religio, moresque Aethiopum*. Mas é de 1547 o 1.^o Índice exurgatório, em que os livros em português ainda são raros³, apparecendo já em número maior no immediato de 1551, logo seguido de outros mais perfectos e completos, de 1564, 1581, 1597, 1624. Mas não era só isto.

Ao lado da censura ecclesiástica havia a civil estabelecida nas Ordenações do Reino e applicada pelo Desembargo do Paço. Um alv. de 4 de dez. de 1576 prohibiu a impressão dos livros sem licença régia precedida pela revisão do Desembargo, embora tivessem já aprovação do S.^{to} Officio e do Ordinário. Mais restrictiva ainda é a doutrina do alv. de 31 de agosto de 1588. Depois vem as Ord. Filipinas, l. v, tit. 102; o alv. de 16 de dez. de 1623 e o Assento de 19 de jan. de 1634, até que na época Pombalina esta legislação foi concentrada na Real Mesa Censoria por Carta de lei de 5 de abril de 1768 transformada, após a morte de Pombal, em Real Mesa da Comissão geral sobre o exame e censura dos livros extinta em 1794 passando a censura a ser regulada pelo Alv. d. 30 de julho de 1795 e ainda por último pela Port. de 18 de agosto de 1826. A Mesa do Desembargo eram apresentadas as censuras do Ordinário e do S.^{to} Officio e sendo conformes as três autoridades o livro «podia correr».

Relativamente aos livros impressos lá fóra⁴ e que podiam su-

¹ Foi o Sr. António Baião quem o descobriu na Torre do Tombo e na integra o publ. no *Arch. Hist. Portug.* v, 272-298.

² Inoc. *Dic. Bibl.* iii, 227; x, 88; D. Carolina Michaëlis, *Notas* Vic. i, 34.

³ Sr. António Baião, *A Censura literária inquisitorial*, Coimbra, 1919, 1 vol.

⁴ Correa da Serra, *Mem... sobre o estado das Sc. e Belas-Letras em Portugal durante a última metade do séc. passado* (o 18) trad. e publ. no *Primeiro Ensaio* de Freire de Carvalho, 401-403.

brepticiamente introduzir-se no país o S.^{to} Offício tomou medidas para o evitar escrevendo aos Bispos que tinham portos de mar nas suas Dioceses, de modo a que fôsem entregues ao seu respectivo comissário.

O original dos *Lusiadas* teve a censura, embora muito benévola de Fr. Bartolomeu Ferreira e assim passou incólume para a ed. de 1572, sendo já essa censura exagerada na ed. de 1584¹. As obras de Gil Vicente pela primeira vez publicadas juntas em 1562 sofreram igualmente censura, disparatada e absurda depois na ed. de 1586. Pode avaliar-se do rigor com que seriam observadas estas disposições proibitivas sabendo-se que o bispo de Coimbra D. Afonso de Castelo Branco teve de pedir ao Conselho do S.^{to} Offício autorização para imprimir as suas *Constituições do Bispado*! Vê-se se, sob semelhante regimen, a literatura deveria ou não de sofrer necessariamente rudes e certos golpes².

Para agravar este deplorável estado de coisas, vem a empresa mal concebida e pior executada de D. Sebastião, que sepultou a flôr do exército português nos areais de Alcácer-Qêbir; segue-se depois a regência desgraçadamente imbecil do Cardeal-rei e, a coroar este sudário, o domínio de Castela. O resto de vigor que ainda sustentava a nação extinguiu-se. Uma só das causas que apontámos seria bastante para dolorosamente se fazer sentir na expansão da vida nacional. E elas eram tais e tantas!

98. — Universidade de Evora. Em 1553 o Cardeal D. Henrique fundava em Evora o chamado *Colégio do Espírito-Santo* em que se estudava a Teologia, a Moral e Humanidades; ao cabo de muitos esforços conseguiu êle que esse Colégio fosse elevado á categoria de *Universidade* por Bula de Paulo IV de 18 de setembro de 1558 com a cláusula de nela se não ensinar o Direito Civil, o Canónico no fôro contencioso, nem a Medicina.

Um alvará de 4 de abril de 1562 de D. Sebastião concedia á nova Universidade os mesmos privilégios, direitos, isenções e prerogativas que tinha a de Coimbra. Foram naturalmente os jesuítas os encarregados da administração e ensino da nova escola havendo entre êles figuras de reputação europeia como Manuel Alvares, o célebre gramático e o teólogo Luís de Molina. E por aí se pode imaginar a direcção que imprimiram aos estudos. Até o próprio André de Resende, o famoso humanista, tam « estimado de Sua Alteza que por lhe fazer honra o ia ouvir algumas vezes, autorizando com sua real pre-

¹ S. Viterbo, *Frei Bartol. Ferreira o primeiro censor dos Lus.*, 1891.

² Vide o *Breve estudo sobre a história da censura literária em Portugal* posto pelo Sr. Th. Braga, á frente do vol. *Obras inéditas de José Agostinho de Macedo, Censuras*, etc. Lisboa, 1901.

sença a escola de tam insigne Mestre » até esse foi proibido de ensinar latim na cidade de Evora ¹! E o cronista da Companhia lá diz que não « havia negócio de importância e de confiança pertencente ao serviço de Deus, que [o Cardeal D. Henrique] não fiasse e entregasse á Companhia! » ². A Univ. subsistiu até o tempo do Marquês de Pombal sendo os seus benal e os do Colégio do Esp. Santo, após a sua extinção, incorporados na Univ. de Coimbra. Cartórios, papeis velhos, tombos e registos foi uma explosão! Uns foram para Coimbra, outros para Lisboa, ficaram outros em Evora ³.

99. — Escola Gongórica; caractéres. A imitação dos modelos espanhóes impôs-se além de razões de ordem política, que veio com o domínio dos Filipes [1580-1640] por causa dos interesses económicos e morais que resultara n' d'êss' estado de conquista, pelo prestígio das grandes figuras literárias que então brilham em Espanha e que são queridas e estimadas em Portugal a ponto de numerosas obras suas saírem dos prélos portugueses, o que tudo cria o espírito de imitação. Em consequência disto a Espanha exerceu sobre nós a perniciosa influência do mau gosto literário, de que ela própria também enfermava. Não fôram os seus e nossos reis os culpados. Está hoje provado, que os Filipes longe de procurarem propositadamente o embrutecimento do povo para apagarem quaisquer idéas de independência e de liberdade, antes se esforçaram por concorrer para o desenvolvimento da cultura geral. No seu tempo o número dos mestres e dos alunos aumentou consideravelmente. ⁴ Se em Portugal era má a situação literária, o mesmo succedia em Espanha e nas outras nações da Europa, como afirma Ticknor ⁵ e os factos o comprovam. São os conceitos á Marini em Itália; é o *Euphuismo* em Inglaterra, é o pedantismo do Hotel de Rambouillet em França, doenças perfeitamente correspondentes á da península. A evolução política concorreu apenas para que mais se estreitassem os laços que, sob o ponto de vista literário, já mantínhamos com Espanha. Os trovadores

¹ *Crón. da Companhia* pelo jesuíta Teles, p. II, l. v, c. xiv, § 9. Sobre a universidade de Evora podem consultar-se: *Evora Gloriosa*, pág. 416, n.º 723; *Mem. del rei D. Sebastião*, Machado, p. 1, l. 1, c. 9; *Bibl. Lusit.*, verb. *D. Henrique*, e *Colégio de Evora*; Fr. de Carvalho, *Primeiro Ensaio*, cit., págs. 122 e 123; e vários *Documentos* coligidos pelo Dr. António José Teixeira, lente de Matemática na Universidade de Coimbra, e impressos na Imprensa da mesma Universidade.

² *Id.*, *ibid.* p. II, l. v, c. xxxi, pág. 395 e seg.

³ Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses*, Univ. de Evora, 1892, 1 folh.

⁴ Vid. as provas no *Curso de Lit. Port.*, de Andrade Ferreira, II, 21 e seg.

⁵ *Hist. da Lit. espanhola*, III, cap. xxix. Vide também Lucien Paul Thonás, *Gongora et le Gongorisme considérés dans leurs rapports avec le Marinisme*, Paris, 1911, 1 vol.

do Cancioneiro de Resende, e Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda usaram simultâneamente das duas línguas. Seguem-lhes o exemplo Sá de Meneses, Quevedo, Faria e Sousa, D. Francisco Manuel de Melo e tantos outros. ¹ A invasão na língua sucede a invasão no gosto literário, que se abastarda num excessivo culto da palavra, donde o chamar-se á escola por êle formada *cultista*. Denomina-se também *gongórica*, por ser Luís de Góngora quem exerce o predomínio literário. Caracteriza-se o *cultismo* pela novidade das palavras e suas aplicações, pelas inversões forçadas, pela ousadia das hipérboles e profusão de figuras, que tornaram a língua quasi ininteligível. ²

Os altos quilates do estilo culto eram, diz C. C. Branco, ³ os equívocos, os trocadilhos, o marinismo, os *concetti*, hipérboles *raile-laiseanas*, o estilo *pompadour*, e consonâncias de cláusulas, homonimias, jogo de vocábulos, hipotiposes, enfim o gongorismo que se havia, com uma doçura insidiosa, infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do padre António Vieira e de Jacinto Freire.

Esta deletéria influência estuda-se muito bem no *Postilhão de Apolo* ⁴ e sobretudo nos cinco tomos da *Fênix Renascida ou Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses*, onde figura n muitos escritores da época, como Diogo de Souza ou Camacho, Fr. Jerónimo Vahia, D. Tomás de Noronha e outros. Basta lêr o título das poesias para se vêr a série de bagatelas e de futilidades com que em geral se entretinham os melhores espiritos do tempo: «A um desmaio», a «umas saudades», a um «pintasilgo cantando», a «uma bôca ferida», a «F. picando-se com uma rosa», «às barbas do regimento do conde de Rebat», a «uma dama sangrada», etc. ⁵

¹ Ver S. Viterbo, *A civilização portug. e a civilização espanhola*, Porto, 1892; id., *Poesias de autores portug. em livros de escritores espanhols*, Coimbra, 189.

² Bentlerweek, *Hist. of. Spanish*, etc., já cit., I, 533 e seg.; B. Sanvisenti, *Let. Spagnuola*, Milano, 1807, págs. 82, 83, 102; Costa e Silva, *Ensaio biog-crítico*, etc., x, l. xxv, c. v. Menendez Pidal, *Antologia de Prosistas Castel.*, Madrid 1917, 278. E ainda para a filosofia da escola Pauthan, *Psych. du Colombourg* na *Rev. des Deux-Mondes* de 15 ag. 1897 e Speranski, *Essai sur l'origine psych. des méthaphores* na *Rev. Phil.* xx, 11. Sobre preciosismo: — F. Brunetière, *Nouv. ét. crit.*, Paris, 1882, 24 e segs.; L. Zuccato, *Marinismo, Gongorismo e Preziosismo*, Ravenna, 1896. Sobre Eufuismo: Clarence Griffin Child — *John Lyly and Euphuism*, 1894; De Marchi, *L'influenza della lirica ital sulla lirica ingl. nel. séc. XVII* (*Nuova Ant.*, 1 julho 1895).

³ *Os hatos da Inquisição*, Porto, 1883, pág. 95.

⁴ *Ecos que o clarim da Fama dá: Postilhão de Apolo montado no Pegaso, girando o Universo para divulgar ao orbe literário as peregrinas flores da poesia portugêsa*, etc., etc., publicado por Joseph Maregato de O an, 2 vols., 1761-1762, Lisboa. O nome do coleccionador é anagrama de D. José Angelo de Moraes. Vej. Innoc., *Dic. Bibl.*, II, 219.

⁵ *Fênix... ou obras poéticas dos melhores engenhos portugueses*. Publicada por Matias Pereira da Silva, 5 tomos, 1715-1728. A respeito desta cole-

Nas conferências das Academias propunham-se assuntos desta ordem: « *Uma dama a quem pedindo Fábio uma prenda, soltou o cabelo e lhe deu com a mão uma figa* »; outro: « *A' convalescença de Amarilis* »; outro: « *A uma dama que expelindo da bôca uma folha de rosa, que nela tinha, se lhe pôs em sua face* ». Os títulos dos livros são: *Desmaios de Maio em sombras do Mondego*; ¹ *Crystaes da alma, frases do coração, rétorica do sentimento e amantes desalinhos*; ² *História do predestinado peregrino e de seu irmão precito*. ³ Mais ainda: *Fluxo breve, desengano perenne, que o Pegaso da Morte abriu no monte da contemplação em nove olhos de agua para refrescar a alma das securas do espirito...* Ou então: *Chrysol seraphico, Tuba concinatoria, Symtagma comparistica*, etc. ⁴

Não quer isto dizer que tudo fôsse absolutamente mau nessa escola, nada se salvando das produções literárias que elle abrange. Apesar de tantas extravagâncias, encontra-se certa *originalidade* nas expressões, uma tal ou qual *independência* nas frases, há muitas vezes no meio de semsaborias sem nome, pôr entre ridículas e ninharas simplesmente fastidiosas, sentenças do espirito e de talento, relâmpagos de imaginação que são muito para apreciar. Claro é que os melhores talentos da época viviam bem a atmosfera de perversão de gosto que respiravam.

Nu' p'greia *Fénix Renascida* apparecem os protestos contra os atentados literários que de todos os lados surgiam.

Grande cousa é ser culto
Fingir chimeras e fallar a vuoto!
Mas sempre ouvi dizer d'esta poesia
Que vestido de imagem parecia;
Pois quando v'amos o que dentro encobre
Quanto paas carenhos nos descobre. ⁵

escreve o Cavalheiro de Oliveira: « M. P. da Silva, Livreyro, me conheci na rua da va. de Lisboa, era o director desta curiosidade... Ouvindo que ele já não he Livreyro e sabendo, como nós d'zemos, que está muito adia gado, crey..., que se não cont nua a obra, porque mendigar sempre he dezaire ainda que seja mendigar versos, e como elle os não tinha que das esmollas dos curiosos, julgo que será contra a gravidade dar-se presentemente a essa pedintaria ». Cfr. *Memoires histor., politiq., et litter.*, etc. Haya, 1743, II, 337.

¹ De Diogo Ferreira de Figueiroa.

² De Gerardo de Escobar.

³ Alexandre de Gusmão

⁴ Vejam se n'ais exs.: em Manoel Inácio da Silva Alvarenga, *O Desertor, poema heroi-cómico em cinco cantos* Coimbra. Eram cu' romances insipientes escritos sob a influência da *Diana* de Montemór, ou requintados mysticismos expostos sem sciência nem arte e através dum vocabulário metafórico por vezes inteiramente enigmático.

⁵ *Fénix Renascida*, v, 54.

Mas ninguém viu êstes defeitos tam bem nem os apontou com mais desassombro do que FR. LUCAS DE SANTA CATARINA (1650-1740) já na transição para o século immediato. Pela sua crítica irreverente e iconoclasta faz-nos lembrar Verney. Vítima em certa cota parte dos vícios que condemna, resgata-se pelo vigor da frase, pela segurança da crítica. E' ver o seu *Serão político*, onde os *Cultos* sam apodados de *herejes do vocábulo*, de *obstinados apóstatas das suas línguas maternais*, de *meninos orfãos do Parnaso*, etc.¹

100. — Academias literárias. Á semelhança da França, da Alemanha, da Itália, etc., criaram-se em Portugal numerosas sociedades, umas com o propósito de aperfeiçoar a língua e a literatura, outras visando o engrandecimento das sciências. Essas sociedades, algumas das quais tiveram efêmera duração e somenos importância, existiram no nosso país, primário do que em várias nações da Europa. Com efeito a *Academia francesa* criada pelo cardeal Richelieu é de 1635; a *Academia real das inscrições e belas letras* de 1663, e a *Academia real das Sciências de Paris* de 1666; de 1700 é a *Academia real das sciências e belas-letras* da Prússia; o decreto que aprovou a *Sociedade Real de Londres* é de 1660; a *Academia Real Española* é de 1714 e a *Academia Real de S. Petersburgo* de 1726.² Mas o berço das Academias modernas e que deu o modelo a todas as da Europa foi a Itália, remontando as primeiras conhecidas ao séc. XIII. Em tempo de Cosme de Medicis (1470) fundou-se em Florença a *Acad. Platónica* em que figuram Marsilio Ficini, Pico de Mirandola, Maquiavelo, Policiano e outros. A mais famosa foi a *Crusca* fundada também em Florença em 1582 e que, apesar do seu cenário extravagante, produziu o melhor *Dicionário da língua italiana* (1.^a ed. 1612; 2.^a, 1623; 3.^a, 1691; 4.^a, 1733)³. Nós desde o século XVII tive mos sociedades literárias e scientificas, que podem, pelo menos algumas, por muitos dos seus trabalhos, figurar ao lado das congêneres do estrangeiro. Tais sam as Academias do século XVIII, de que no seu lugar falaremos, mas que fôram precedidas neste século XVII por outras, que não merecem total esquecimento. Estas não podiam dar todo o fruto que era de esperar de associações que se propunham

¹ *Seram politico...* Lisboa, 1723. Esta obra foi publicada sob o pseudónimo de *Felix da Castanheira Turacem*. Outras obras em Inoc, v, 292. No *Boletim da Seg. Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa*, xii, 1918, pág. 259 foi publ. uma sua *Farça Festival* pelo Sr. Pedro de Azevedo extraída dum Mss. da Torre do Tombo.

² Freire de Carvalho. *Primeiro Ensaio*, ob. cit., 177.

³ A *Crusca* tem sido fortemente atacada nos últimos tempos por não ter continuado, ao menos, a herança que recebera. Com efeito as primeiras fls. da 5.^a ed. do *Dicionário* appareceram em 1843 e por aí ou pouco mais se ficou. Cfr. *La Rassegna*, revista de Florença, 1920, págs. 124 e segs.

altos fins científicos e pedagógicos. Nem a educação unilateral e tendenciosa dos jesuítas, nem o pavor dos tribunais da Inquisição com as suas masmorras e os seus autos de fé, nem a carência das liberdades políticas eram atmosfera adequada a trabalhos de espírito científicos ou literários.

101.—Academias Literárias Portugêsas. Deixando aqui uma simples referência á *Academia dos Anónimos* ou *Ocultos* composta de muitos membros, alguns dos quais passaram depois dela extinta para a *Academia real da história Portugêsa* e na qual se havia *versistas*, como dizia o Cavalheiro de Oliveira, também havia *poétas*¹; mencionando a *Academia Instantânea* estabelecida no Porto pelo Bispo D. Fernando Corrêa de Lacerda; a dos *Solitários* instituída em Santarém em 1664; a dos *Ilustrados, Ocultos, Insignes, Obsequiosos*, etc., importa conhecer melhor a *Academia dos Generosos* e a dos *Singulares*, como as que mais importantes fôrão e deixaram, no meio da extravagância de assuntos e de estilo bastantes cousas dignas de registo e aproveitamento.

A) A Academia dos Generosos, a mais notável de todas, foi fundada pelo trinchante-mór de D. João IV, D. António Alvares da Cunha (1626-1690), sobrinho do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, guarda-mór da Torre do Tombo e pai de D. Luís da Cunha, em 1647, durando 20 anos, até 1667. Instituída para interpretar os autores antigos, reformar a eloquência e a poesia, deixou de funcionar naquele ano de 1668 para reaparecer em 1685 durando desta segunda vez sete anos sob os auspícios de D. Luís Alvares da Cunha. De novo se extingue em 1692 para resurgir em 1696 durando agora vinte anos até 1716 sob o patrocínio do 4.º Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Meneses, em cuja livraria se celebravam as sessões aos domingos. Mas neste 3.º período tomára o nome de *Academia das Conferências discretas e eruditas* para versar questões históricas e científicas. Pouco durou a 4.ª época, porque tendo começado em 1717 sob a presidência do mesmo Conde passou em breve a denominar-se *Academia Portugêsa*, donde, afinal, saíram muitos dos sócios que abrilhantaram a *Academia Real da História Portugêsa*, que estudaremos no séc. imediato.

A Academia dos Generosos foi muito celebrada no seu tempo. Dela fizeram parte muitos homens ilustres pelos seus conhecimentos ou pela sua posição social, como D. Francisco Manoel de Melo, António de Melo e Castro, Luís Serrão Pimentel, Conde da Ericeira

¹ *Mémoires hist., polit. et litt.* já cit.; *Progressos académicos dos Anónimos de Lisboa*, 1 vol., 1718.

(D. Luís), Conde de Tarouca, Marquês de Alegrete, etc. À Academia usava desta emprêsa—uma véla acêsa e tinha por mote «*Non extinguetur*»¹.

B) Academia dos Singulares. Dando a razão desta denominação diz-se no prólogo do livro *Academia dos Singulares*, «com epítetos particulares se apelidirão todos os Academicos do mundo; *Confiados* se chamarão os de Pavia; *Declarados* os de Sena; *Elevados* os de Ferr-ra; *Inflamados* os de Padua; *Unidos* os de Veneza... à imitação destas Academias se nomearão os sujeitos dêste livro *Singulares*, não porque presumão de unicos nos talentos, mas porque são singulares na ocupação...».

Esta academia celebrou a sua primeira Conferência em 4 de outubro de 1663 e perdurou até 24 de fevereiro de 1664; recommençou depois em 9 de outubro dêste último ano concluindo em 19 de fevereiro de 1665. Emblema — uma pirâmide na qual desde a base estavam inscritos os nomes de Homero, Aristóteles, Vergílio, Ovídio, Horácio, Camões, Garcilasso, Góngora e Lope, com a seguinte lètra; «*Solique non possunt hæc monumenta mori*». Para dar idéa do teor das conferências basta abrir os dois tomos de Conferências e lêr os temas que discutiam alguns dos mais ficam já pontados atrás². Entretanto não se avaliem só por isso os trabalhos desta Academia, porque n'ella tudo revelava igual extravagância. E tanto assim que os autores do *Dicionário da Academia* entenderam que podiam aproveitar os trabalhos dos *Singulares* por «serem estes os enghenhos mais célebres da sua idade e pela abundancia de vozes e frases familiares que se encontram nos mesmos escritos; sendo difficil que se nos deparem tais locuções fóra do estilo jocoserio, que é o predominant das aquellas locuções»³.

Cada Confer. abria com um discurso do Presidente, seguia-se a leitura dalgumas poesias em louvor dêle e recitavam os Academicos qualquer composição poética sobre o assunto escolhido para o dia. O 1.º Presidente foi Sebastião da Fonseca e Paiva e a seguir vieram João Aires de Moraes, Luís Bolhão, João da Costa Cáceres, Simão Cardoso Pereira, André Rodrigues de Matos, António Marques, Pedro Duarte Ferrão, João de Almeida Soares, Bartolomeu de Faria, etc.

¹ Lêr D. Fr. Manoel de Melo, *Obras Métricas* II, 146-165; 257-284, e III, 265; Edgar Prestage, *D. Fr. Manoel de Melo, esboço biogr.*, 1914 300-316.

² *Acad. dos Singulares de Lisboa dedicados a Apolo. Primeira e segunda parte*, Lisboa, 1665-68, 2 vols. Outra ed. 1692-98, 2 vols. Vid. também D. Fr. Manoel de Melo, *Obras metricas*, loc. cit.

³ Vid. J. Si vestre Ribeiro, *Primeiros traços*, etc., já cit., 145; id., *Hist. dos estabelecimentos scientificos*, etc., I, 158; *Dic. da Acad. no Catálogo dos autores*; etc.; *Curso de Lit. Portug.* de Andrade Ferreira, II, 131.

POETAS LÍRICOS

102. — Representantes do Ilirismo no século XVII. Enfermada dos defeitos que deixamos assinalados, a poesia lírica conta, ainda assim, neste período um representante da escola de Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão, mavioso cantor, por quem o bucolismo foi levado á maior altura e que é, por ventura, o primeiro dos escritores portugueses neste género — Francisco Rodrigues Lobo. Um paragrafo distinto figura também como poeta lírico — D. Francisco Manoel de Mello. Outros sam de valor secundário, que nomearemos adiante em um só parágrafo, mas aqueles dous nom s resgatam uma época e enchem um período.

103. — FRANCISCO RODRIGUES LOBO (1580-1622) de Leiria, pela suavidade das suas églogas mereceu ser cognominado o Teócrito português.

Tendo-se matriculado na Universidade em 1594 bacherelou-se em leis em 21 de maio de 1602, como consta dos registos de matrícula e dos livros dos actos e graus. Pouco mais sabemos da sua vida e estes mesmos elementos só recentemente sam conhecidos.

Em Coimbra lhe madrugou a inspiração como consta de romances á vida escolástica e de reminiscências espalhadas pela *Côrte na Aldeia*. Após a formatura deveria ir viver para Lisboa no meio das melhores relações sociais e literárias. Quando Felipe III em 1619 entrou solenemente na capital escreveu êle *La jornada* por causa da qual tem sido injustamente acusado de castelhanismo. Indo de Santarém para Lisboa morreo afogado no Tejo nos últimos meses de 1622. O bispo do Grão-Pará, D. João de S. José Queiroz, attribue-lhe uns amores com certa aia do palácio do Duque de Caminha em Leiria, *se não foram mais altos seus pensamentos*. Escreve êle referindo-se ao desastre no Tejo: « Queira Deus que tivesse naquelas correntes a de lágrimas para chorar quanto tinha cantado nas ribeiras de Lis e Lena nos loucos amores da aya ou dama do palácio do duque de Caminha em Leiria, se não foram mais altos seus pensamentos que, emfim se não foram de Icaro pareceram de Phaetonte no sitio da sepultura » ¹... Melhor conhecida é a sua obra literária, que se iniciou ainda em Coimbra com *Romances*,

¹ Bispo de Grão-Pará, *Memórias*, Porto, 1868, pág. 124. Comenta C. Castelo Branco: « eis aqui uma novidade biográfica... Com estas indicações pode ser que um agradável estudo nas poesias de Lobo colha algumas inferências... » *Ibid.* Cfr. as curiosas págs. que ao assunto dedicou Afranio Peixoto na *Poeira da Estrada*, 1918, 114-159.

quá-i todos, infelizmente, em espanhol. ¹ Mas era uma iniciativa, como êle proprio o declara: «como mais afeiçoado á nossa língua portugueza fui o primeiro que n-la cantei romances». ²

Isto deixa-nos num mar de conjecturas, a que ainda as melhores investigações não conseguiram dar corpo de realidade histórica.

Mas onde se revela um mestre é nas *Eglogas*, de que só queremos aqui lembrar a 1.^a «Uma novilha dourada», a 3.^a «Como estás, Gil, de cansado» e 4.^a «Ontem quando o sol nasceu», e ainda mais e melhor na *Primavera*, titulo geral das três novelas pastorais *Primavera* (1601), *Pastor Peregrino* (1608) e *Desenganado* (1614). ³ O seu fino gosto bucólico levou Guerrett a collocá-lo na primeira fila dos escritores do género e o escritor moderno Hugo Rennert a classificar a *Primavera* como «good as the best of spanish romances». ⁴

O *Condestábre* é um poema épico em 8.^a rima e 20 c. tendo por herói D. Nuno Alvares Pereira, parecendo minuciosa biografia com todos os incidentes da vida do biografado. ⁵

A *Côrte na aldeia e noutes de inverno* trata, em forma dialogada de assuntos variados como da linguagem e estilo (II, III, IV, V, VIII, IX), novelística (X, XI), cortesania (XII, XIII, XIV) instrução (XV, XVI), matérias morais e económicas (XV, XVI) ⁶. A harmonia dos versos de Rodrigues Lobo a elegância da sua prosa, o colorido e a vivacidade do seu estilo, sam as qualidades primaciais que distinguem. Exceptuando Camões, Sá de Miranda e Ferreira, diz Costa e Silva, Rodrigues Lobo é talvez o escritor que mais importantes e valiosos serviços prestou á lingua e literatura portugueza. E Camilo Castelo Branco, elogiando-lhe a pureza da frase, escreveu que êle «nas pinturas dos quadros da natureza distribue colorido admirável, aformoseado por uns toques de saudade e tristezas do ermo em que nenhum poeta portuguez se lhe avanta, nem em Sannazarro, seu mestre, os há mais encantadores». ⁷

¹ *Primeira e Segunda Parte*, Coimbra, 1596; 2.^a ed., Lisboa, 1654. Sam 31 na 1.^a p. e 27 na 2.^a Sam 4 em portug., 1 bilingue e todos os outros em esp.

² *Primavera*, Liv. 2.^o, fl. 5.

³ Sam numerosas as eds., mas todas mais ou menos raras. As *Obras Completas* saíram em 1723 em fol. de 754 págs. e depois em 1774 em 4 vols., mas que de imperfeitas! A *Bibl. Univ.* em 1888 deu o *Pastor Peregrino* e em 1890 a *Côrte*.

⁴ *The spanish pastoral romances*, 1912.

⁵ Lisboa, 1610; 2.^a-1627.

⁶ Lisboa, 1619, 1630, 1670, 1722, 1890.

⁷ O Dr. Ricardo Jorge levantou um monumento á memória do Poeta do Lis com a sua obra — *Francisco Rodrigues Lobo, estudo biográfico e crítico*. Coimbra, 1920.

104. — D. FRANCISCO MANOEL DE MELO, de Lisboa, (1608-1666) é um escritor distintíssimo, tendo ensaiado a sua pena em vários géneros e merecendo por isso a denominação de « polígrafo ». A maior parte das suas obras foi escrita em espanhol, e com tal perfeição, que é contado como clássico nessa língua. Na nossa escreveu o suficiente para não desmerecer dos elogios, que naquela lhe fazem. A sua vida é cortada de aventuras, mal se compreendendo como pôde consagrar-se ás letras pela forma por que o atestam as suas numerosas obras. Soldado do exército espanhol, onde chegou a obter o posto de Mestre de Campo, D. Francisco Manoel aliou sempre em todas as situações da vida a fidalguia do sangue á nobreza e porte das acções. Destinguiu-se nas lutas de Flandres e da Catalunha e em 1637 foi encarregado de pacificar os motins de Evora levantados por causa do imposto de 500:000 cruzados com que fôram sobrecarregados os habitantes daquela cidade.

Quando rebentou a revolução 1640 abandonou imediatamente as fileiras do exército espanhol e recolheu a Portugal, começando a desempenhar um papel preponderante na direcção dos negócios públicos ou pelo seu parecer directo ou por conferência com os que os dirigiam. Nêste tempo foi acusado do assassinato dum tal Francisco Cardoso e por êsse motivo encerrado nas prisões da Torre d. B. leu durante nove annos ¹. A inocência de D. Manoel tentada por numerosas testemunhas contestes, os pedidos feitos pelas maiores personagens da época, como por Ana de Austria, mãe de Luís XII, se é que as instâncias não fôram feitas pelo próprio Luís XIV, de nada valeram ao valoroso soldado e fidalgo.

Tudo quanto lhe fizeram foi trocar a prisão pelo desterro para o Brasil, para onde partiu moral e fisicamente abatido, sem bens, pois que lhe fôram confiscados, e onde esteve durante seis annos. A vista da intransigência de D. João IV em aceder aos rogos de tantos lados endereçados em favor do illustre escritor, muitos biógrafos reterem como motivo plausível da sua desgraça a aventura noturna que êle teve nos jardins do palácio da condessa de Vila Nova e Figueiró com o próprio monarca, aventura em que, desembainhadas as espadas e lutando, D. Francisco levára a melhor. Cumprindo o seu desterro, veio a falecer em Lisboa aos 54 annos, em 1666.

D. Francisco Manoel é um polígrafo de alto valor; escreveu a prosa e o verso com igual facilidade, cultivou os géneros histórico, didáctico, epistolar, político, moral, etc.

A primeira obra escrita em portuguez e separadamente publicada pelo seu autor é a *Carta de guia de casados*, obra de filosofia

¹ A aventura galante que originou a prisão de D. Francisco, pode lêr-se no prefácio á ed. da *Carta...* por C. C. Branco citada na nota immediata.

moral, notável de graça e simplicidade.¹ Temos mais: *Epanaphoras de vária história portuguesa*,² que consta de 5 partes: 1) Alterações de Évora (1637); 2) Naufrágio da armada portug. em França (1627); 3) Descobrimento da Madeira (1420); 4) Conflicto no Canal de Ingl. entre as armas espanholas e Holandesas (1639) e 5) Restauração de Pernambuco (1654). *Cartas familiares*³; a *Feira de Anemins*⁴ e *Apologos Dialogaes* contendo os seguintes diálogos: a) *Relógios falantes*, em que são interlocutores um relógio da cidade e outro da aldeia; b) *Escritório avarento*, entre um português fino, um dobrão castelhano, um cruzado novo e um vintem navarro; c) *Visita das Fontes*, entre a Fonte velha do Rocio, a Nova do Terreiro do Paço, Apolo e um Soldado; d) *Hospital das Letras*, entre Justo Lipsio, Bocalini, Quevedo e o autor, que o considerava precisamente como o melhor «e este *Hospital*... que mais estimo que todos». A. Herculano assim pensava também: — «este é certamente por todos os títulos o melhor e mais claro testemunho da vasta lição de D. Fr. Manoel, bem como da clareza do seu juízo em matérias literárias»⁵.

Podemos ajuizar do valor do seu estro poético, que é o dum lírico de muito merecimento, pelos sonetos (100), églogas (3) e cartas (14), que, com outros poemetos, formam as *Segundas três musas do Melodino*.⁶ No género dramático escreveu o *Auto do Fidalgo Aprendiz*,⁷ dividido em *jornadas* á moda de Lope de Vega, escrito em redondilhas, e uma reminescência do teatro popular, cuja tradição se perdêra com os últimos ecos de Gil Vicente. Esta comédia é pela sua contestura, pela naturalidade do entrecho e do diálogo, pela

¹ *Carta... para que pelo caminho da Prudência se acerte com a casa do Descanço...* 1561. Há numerosas ed., a de C. C. Branco com prefácio enriquecido de docs. inéditos é de 1873; depois há uma de 1898 e a última de 1916 com um estudo de E. Prestage.

² Lisboa, 1660, 1676; Inoc. *Dic. Bibl.* II, 441 demonstra a superioridade da 1.^a ed.

³ *Primeira Parte... das escritas a várias pessoas sobre assuntos diversos. Recolhidas, e publicadas em cinco centurias*, Roma, 1664. A última carta da 5.^a cent. parece ter sido mandada arrancar pelo S.^{to} Officio. Por esse ou outro motivo é raríssimo que apareça nesta rara ed. Há 2.^a ed. de 1572. A referida carta, aqui, é substituída por outra.

⁴ Ed. de Inoc. da Silva, Lisboa, 1875; 2.^a — 1916.

⁵ Lisboa, 1721; 2.^a — 1900 em 3 vols.

⁶ Faz in parte das *Obras Métricas*, 1665 — a 1.^a e a 3.^a p. das *Obras Métricas* sem em castelhano.

⁷ Lisboa, 1676. Saiu primeiro na 2.^a p. das *Obr. Metr.* Publiquei-o na minha *Collecção — Subsídios para o estudo da história da lit. portug.*, Coimbra, 1898, 1 vol.; 2.^a ed. 1915. Recentemente o Sr. Afranio Peixoto sustentou que Molière se inspirou no *Fidalgo Aprendiz* ao compôr *Bourgeois gentilhomme*. Cfr. *Atlantida*, ano IV, 553.

fluência do verso, linguagem rica e apropriada, um dos documentos mais curiosos da literatura dramática portuguesa. Das obras em espanhol é a melhor a *História de los movimientos y separacion de Cataluña* ¹, notável tanto pela elegância da frase e profundidade do conceito, como pela sua agudeza e descrição. Rebelo da Silva que muito se aproveitou duma obra manuscrita e ainda agora inédita de D. Francisco Manoel — o *Tacito Português* — que êle deixou incompleta, relativa a D. João IV ², considerava-o como um dos primeiros eruditos do seu tempo, e talvez o prosador mais substancial e conciso da língua portuguesa ³. Parece-nos que não há exagero neste juízo ⁴, desde que um erudito espanhol, como Menendez y Pelayo escreveu ser êle «o homem de mais engenho que produziu a Península no séc. VIII á excepção de Quevedo ⁵. Mal pôde dar uma idéa do brilho do seu talento o que adeante reproduzimos na *Antologia*.

105. — Outros líricos deste período. Dos demais líricos deste tempo sómente importa fazer aqui rápida menção, visto que eles ou se afundaram totalmente no vício do gongorismo, ou não conseguiram libertar-se doutro — o de preferirem á sua própria a língua castelhana, por forma a terem o direito de que os seus nomes figurem numa história da Literatura espanhola. Muitos dêles fôram mesmo em tudo — excepto na origem — castelhanos, pela falta do sentimento patriótico, pela língua que preferiram e pelo gosto com que escreveram. Citemos: SOROR VIOLANTE DO CEO (1602-1693) natural de Lisboa, mística exaltada, a quem os seus admiradores denominaram a *décima musa portuguesa* e que nas *Rythmas várias* ⁶ e no *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos* ⁷, escrevendo já em português, já — e quasi sempre — em espanhol se revela disci-

¹ Lisboa, 1645. Das demais ed. citaremos a da *Bibl. Clássica*, Madrid, 1833 precedida dum estudo biogr., e já depois 1885 e 1912.

² O catálogo das suas obras ms e inéditas é muito mais vasto que o das impr., denotando, portanto, uma actividade extraordinária. Veja-se Ed. Prestage, *D. Fr. M. de Melo, esboço biogr.*, Coimbra, 1914, pág. 134.

³ *Hist. de Portg.*, iv, 198.

⁴ Sobre D. Fr. M. de Meilo vid. o prefácio de C. C. Branco na ed. da *Carta de guia*, cit. atrás: este prefácio foi pub. na íntegra na *Boémia do Espírito*, Porto, 1886. Numa *Nota correctiva* C. C. Branco modifica o seu juízo sobre as responsabilidades de D. João IV. Vid. também a ed. da *Feira por Inoz.* cit., e o estudo de Herculano no *Panorama*, de 1840, págs. 173 e 204; e ainda a biografia posta á frente da ed. cit. na n. 1. O distincto lusófilo Sr. Edgar Prestage estudou com amorável solicitude tudo o que diz respeito á biografia de D. Francisco no vol. acima cit.

⁵ *Hist. de las ideas esteticas en España*, II, 416.

⁶ Ruan, 1648. Quasi todas as composições das *Rytmas* fôram reproduzidas na 2.^a ed. da *Fenix Renascida*.

⁷ Lisboa, 1733, 2 vols.

pula fervorosa de Góngora; ¹ outra poetisa, BERNARDA FERREIRA DE LACERD- (1595-1644), do Porto, igualmente elogiada pelos seus contemporâneos, ² autora das *Soledades de Buçaco* ³ e da *Espanha libertada*, ⁴ duas obras ambas em espanhol, aquela com algumas composições portuguesas, o que fez dizer ao seu contemporâneo Lope de Vega elogiando-a que ela se era pelo coração portuguesa pela língua era castelhana; MANOEL DA VEIGA TAGARRO, de Évora, licenciado em teologia, falecido talvez antes de 1640, que escreveu a *Laura de Anfriso*, ⁵ colecção de poesias amorosas, onde a inspiração é fundida em moldes nem sempre para desprezar; MANOEL DE FARIA E SOUSA, mais historiador que poeta, e por isso adeante nomeado, publicou a *Fuente de Aganipe y rimas varias*, ⁶ cuja raridade é notável, apesar das quatro edições que conta, raridade, em todo o caso, pouco para lamentar, porque o livro não vale os encómios que lhe teceram os seus contemporâneos; FR. BERNARDO DE BRITO, como Faria e Sousa, maior historiador que poeta e também adeante citado, escreveu em verso a obra *Sylvia de Lisardo* ⁷ a cujo respeito houve muitas contestações, muito saboreada pelos contemporâneos, contando várias edições, chegando Faria e Sousa a escrever que ele era superior a Diogo Bernardes! A verdade, porém, é que Brito está hoje justamente esquecido ao passo que Bernardes será lido enquanto houver gosto literário; ANTONIO DA FONSECA SOARES († 1682), mais conhecido por Fr. António das Chagas, nome que adoptou quando, depois duma vida aventureira, na qual se inclue um assassinato que cometera no Brasil, se decidiu a entrar no claustro, deixou no *Postilhão de Apolo* ⁸ e na *Fenix Renascida* ⁹ parte das suas poesias,

¹ O nome de Violante do Céu lembra o de dois outros talentos femininos inspirados na mesma corrente mística: *Maria do Céu* (1658-1753) e *Maria Madalena Eufémia da Glória* (1672). Reuni algumas das melhores composições das três no vol. XVI da minha colecção — *Subsídios para o estudo da história da Literatura Portuguesa, Escritoras doutros tempos* Coimbra, 1914, 1 vol.

² O famoso Lope de Vega dedicou-lhe a sua égloga *Phyllis*. Era natural do Porto. Vid. *Chr. das Carmelitas Descalços*, III, pág. 542 e seg.; *Arch. Hist. Portug.*, VIII, (1910) pg. 248.

³ Lisboa, 1634. Em portug. apenas as poesias a fl. 93, 94, 95, 112, 119, 120 e 121. Na obra há algumas poesias em latim e italiano.

⁴ Parte 1.ª 1618; 2.ª 1673.

⁵ 1627 e 1788.

⁶ Madrid, 7 vols.

⁷ Lisboa, 1597; outras ed.: 1626, 1632, 1668 e 1785. Sobre a atribuição desta obra a Frei Bernardo de Brito, especialmente S. Boaventura na *Hist. Cronol. e crit. de Alcobaça*, 137 e Inoc., *Dic. Bibl.* I, 375.

⁸ Em I, 281; II, 211.

⁹ Em IV, 356-372 e V, 72-136 (anónimas). Sobre a vida aventureira deste escritor publicou o Sr. Alberto Pimentel — *Vida mundana dum frade virtuoso*. Lisboa, 1890. O seu retrato nos *Anais das Bibl. e Arq. de Portugal*, II, 21 acompanhando o art. «A Livraria do Varatojo».

maculadas do defeito gongórico. Mais para louvar e estimar é como autor das *Cartas Espirituais*, em que há uma vaga aspiração sentimental de parceria com certa lhaneza de dizer muito agradável. Pena é que, como o seu antecessor nesta corrente ascética Fr. Agostinho da Cruz, tivesse queimado ao entrar no Convento do Varatojo, que fundou, as poesias em que o seu estro juvenil ensaiara temas de amor e de vida. Outros poetas de tendências ascéticas são: FR. JERONIMO VAHIA, fervoroso gongorista de quem aparecem numerosas composições na *Fenix Renascida*¹; D. FRANCISCO DE PORTUGAL (1555) autor dos *Divinos e humanos versos*² e enfim FRANCISCO RULIM DE MOURA (1572-1640) que revelou bem as tendências místicas nos *Novissimos*, em quatro cantos.³

POETAS SATÍRICOS

106. — Representantes do género. A poesia satírica encontrou em dois poetas deste período os precursores legítimos do mestre incontestado deste género, que é Nicolau Tolentino, do século imediato, e a seguir de Faustino Xavier de Novais. São eles — D. Tomás de Noronha e António Serrão de Castro, um e outro evocados à nossa história literária em edições recentes das suas obras. Ao lado dos dois pode mencionar-se Camacho.

107. — D. TOMÁS DE NORONHA († por 1651) figura com distinção entre os insulsos colaboradores da *Fenix Renascida* [v, 218 a 257]. Era natural de Alenquer e porque cedo se revelou pela sua veia cômica logo o chamaram o *Marcial de Alenquer*.

Devia ter falecido por 1651 depois duma vida dissipada nos prazeres e a braços com a miséria. Da mais fina linhagem portuguesa, os pergaminhos para pouco mais lhe serviram do que para lhe desagorentar a inspiração. As suas composições poéticas, áparte aquelas em que o decoro sossobra, só foram publicadas em 1899.⁴ Inspiração fácil e abundante, linguagem despida dos paroxismos em que tanto divertiram a sua actividade os colaboradores da *Fenix*, fazem de D. Tomás um poeta de leitura amena e apreciável. E' de crêr que haja muitas poesias deste escritor inéditas, recolhidas nas numerosas co-

¹ Em i, 215-376; ii, 290-383; iii, 1-219 e iv, 34-150.

² Lisboa, 1652. As 52 últimas págs. intitulam-se: *Prisoens e solturas de uma alma*. D. Francisco é também autor da *Arte de galanteria*, Lisboa, 1682, obra como a antecedente quasi toda em espanhol.

³ Lisboa, 1628, e *ibid.*, 1853.

⁴ Na minha colecção — *Subsidios para o estudo da história da Literatura portuguesa* com o título — *Poesia inéd. de D. T. de N.*, Coimbra, 1899.

lecções feitas no seu tempo, ainda hoje existentes nas Bibliotecas Públicas do país ou em poder de particulares.

108. — ANTÔNIO SERRÃO DE CASTRO (1610-1684), foi exumado dum quâse total esquecimento pela ed. que em 1883 C. C. Branco fez d'*Os Ratos da Inquisição*, poema de 2.090 versos octosílabos, tam facetos, diz Camilo, que as delongas lhes não exaurem a veia zombeteira. Serrão de Castro foi denunciado ao tribunal inquisitorial por judaizante, compondo os versos d'*Os Ratos* certamente para iludir as torturas das masmorras, onde o encerraram, mas escondendo-os cuidadosamente das vistas dos seus perseguidores. No t. iv da *Fênix* (151 a 251) estão mais versos seus, mas como os escreva com a espada de Dâmoçles sôbre a cabeça, não resumam a graça dos escritos em horas de amargura, quando a inspiração corria livres vãos. Há também d'ele muitas composições em prosa e verso nos dois vols. da *Academia dos Singulares*, já atrás mencionados¹.

109. — DIOGO DE SOUSA ou CAMACHO, de quem se ignora toda a biografia, sabendo-se apenas que era da vila de Pereira, perto de Coimbra, e que se licenciou em direito, e exerceu a advocacia. Lê-se com agrado a sua *Jornada ás côrtes do Parnaso*, publicada póstumamente na *Fênix*, [v, 1 a 37], alusiva em grande parte á monomania gongorista e marinista da época e com referências a personagens contemporâneas, num desassombro de crítica e mordacidade, que lhe dá em grande parte o interesse com que se lê. O verso é facil, em vários metros, podendo admirar-se o chiste e a agudeza que lhe não sam estranhos.

POETAS ÉPICOS

110. — Poesia épica, seu carácter. É vasta a galaria dos épicos d'este período, mas vê-se bem através das suas obras, a maior parte de há muito votada ao esquecimento, que distância os não separa de Camões!

Na obra do nosso grande Poeta transparece a alma dum povo traduzida em formas épicas e grandiosas. Ele criou só por si a epopeia e ao Olimpo em que ôle se entronizou não permittiram os deuses que, irreverentes, outros subissem para quinhoar glória igual. Há nos épicos do século xvii erudição vasta, segura e profunda. A tra-

¹ Vid. António Baião, *A Inquisição. O poeta S. de C., a perseguição feroz a uma família*, com docs. in d. e várias rectificações á biogr. feita por C. C. Branco, nos *Serões*, n.º 35, maio de 1908.

dição clássica conhecia-se, os recursos da arte poética eram numerosos e bem aproveitados. Mas, em primeiro lugar, Portugal tinha já a sua epopéa. Aí estava a sua história, entre o nimbo do mito e o da realidade. Visões do passado cristalizaram em estrófes inimitáveis nos *Lusiadas*. Uma grande alma de poeta, encarnando um povo, aproveitara o elemento nacional. Ora, demonstra-o a história, desde que a epopéa dum povo se formou, essa epopéa será *única*. Que restava, pois, aos continuadores de Camões? perder-se num ritualismo subtil, cuidar da urdidura dos seus poemas, metrificar mais ou menos sábiamente. No século XVII muitos dos poemas épicos sam, quando conseguem sê-lo para honra de seus autores, crónicas rimadas, quando não sam unicamente vastos repositórios de empoladas hipóboles, a desafiarem a mais acendrada paciência. Nêste caso estão os dous poemas de Manoel Tomás (1585-1665) a que êle pôs os títulos de *Insulana*¹ e *O Phenix da Lusitania*²; o *Virginidos* de Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcelos³; o *El Afonso...* de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcelos (1670-1747) sôbre a fundação de Portugal; a *Hespanha Libertada* de D. Bernarda de Lacerda; *Gigantomachia* de Manoel de Galhegos (1597-1665) o *Macabeu* de Miguel da Silveira⁴ († 1639?); a *Destruição de Hespanha, Restauração Sumária da mesma*⁵ de André da Silva Mascarenhas e outros e outros. Embora não isentos de defeitos sam doutro valor os escriptores que em seguida enumeramos, mas o sentimento popular e nacional sabia bem fazer a destriça entre a obra imortal de Camões e a dos seus émulos e continuadores. Durante a dominação castelhana os *Lusiadas* fôram reimpressos trinta e seis vezes!

111. — GABRIEL PEREIRA DE CASTRO (1571-1632), de Braga, doutor em cânones, além das obras jurídicas⁶, que lhe dam lugar honroso entre os jurisconsultos, escreveu *Ulisséa ou Lisboa edificada*⁷, poema em dez cantos e oitava rima, tendo por argumento o fabuloso conto da fundação de Lisboa por Ulisses. Garrett chamou-a

¹ Anvers, 1635. A *Insulana* trata do descobrimento da ilha da Madeira e tem 10 liv. ou cantos.

² *O Phenix... ou aclamação de... D. João IV*, Ruan, 1649. Ambos os poemas de M. Tomás obedecem ao estilo campanudo e hiperbólico do Gongorismo, mas a *Insulana* tem trechos aproveitáveis.

³ *Virginidos ou vida da Virgem Senhora nossa...* Lisboa, 1667.

⁴ Naples, 1638 e 1731 em Madrid. Sôbre êste poeta publ. S. Viterbo o opúsculo *Poesias avulsas*, Coimbra, 1906.

⁵ Lisboa, 1671.

⁶ *De Manu Régia*, Lisboa, 1622-25. 2 vols.; *Monomachia sôbre as concordias que fizeram os reis com os prelados de Portugal nas dúvidas da jurisdição eclesiastica e temporal...*, Lisboa, 1788.

⁷ Lisboa, 1636; outra ed., s. l. n. a.; e 1745, 1826, e duas em 1827, uma da Tip. Rolandiana e outra da Imp. Régia.

quixótica e sesquipedal ¹, epítetos que bem quadram a um poema sem vislumbre de originalidade, monótono e sem interesse de acção, aonde afloram afogadas em mitologia, apenas de vez em quando, algumas descrições magistrais. Há também a notar a abundância das locuções, a harmonia, o número e a sinónimia, qualidades em que prevalece ao próprio Camões, no dizer de C. C. Branco, conseguindo dar ás fórmulas pesadas da oitava rima macieza e flexibilidade, o que lhe deve ser levado em conta nas máculas do cultismo e nos plágios dos episódios ². O nome deste escritor anda envolvido numa tremenda injustiça que levou á fogueira um tal Solis e que, a ser exacta, como parece, desonra para sempre o seu nome ³.

112.— FRANCISCO DE SÁ DE MENESES, do Porto, († 1664) é o autor da — *Malaca conquistada* ⁴, cujo herói é Afonso de Albuquerque sendo a acção passada na metrópole indiana, que deu o nome á obra. O protagonista, bem como as personagens secundárias, são bem desenhadas; o maravilhoso, ao arrepio do uso vulgar, é deduzido das crenças cristãs; distinguem-se, pelo decoro, as pinturas eróticas; avultam as descrições de usos e costumes dos povos orientais. Mas estas qualidades aparecem infelizmente afogadas numa grande tibieza de estilo, chegando até ao prosaísmo, numa linguagem eivada de epítetos, metáforas e trocadilhos, que bem deixam ver a perniciosa influência do tempo. Garrett afirma que a *Malaca* é «um dos derradeiros títulos de glória da literatura portuguesa» ⁵ não obstante ser *hiperbórea e campanuda*, juízo em que não é tão rigoroso como Dias Gomes para quem ela não passava da «mais inferior das nossas epopeias regulares». O grande desgosto que lhe causou a morte da esposa fez com que tomasse o hábito e professasse no mosteiro de Benfica, da Ordem dos Prégadores, adotando aí o nome de Francisco de Jesus. Costa e Silva dá-o como falecido em 21 de maio de 1661 e Barbosa Machado em 27 do mesmo mês de 1664.

113.— VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO e CASTELLO BRANCO, de cuja biografia pouco ou nada se sabe, deixou-nos o

¹ Cfr. o *Bosquejo da hist. da poesia e lingua portug.*, que antecede o *Parnaso Lusitano*, I, cit.

² C. C. Branco. *Curso*, cit., pág. 31.

³ Vide Ribeiro Guimarães, *Sum. de vária his.*; Artúr Lamas, *Arch. Português*, x 244; A sentença deste caso anda em Pegas, *Tratado hist. e jur. do desacato de Odivelas*. 31-38 da ed. de 1710

⁴ *Malaca conquistada por o grande A. de Albuquerque. Poema heróico. Oferecido a Filipe III de Portugal*. Lisboa, 1634. Outras ed. 1658 e 1779.

⁵ *Bosquejo*, cit., ibid.

*Afonso Africano*¹ cantando os feitos valorosos de D. Afonso v na tomada Arzila e Tanger, duma urdidura alegórica, que afasta inteiramente o interesse da leitura. Quase todo o poema se passa na luta entre os *Sete pecados mortais* e as virtudes opostas, sendo aqueles representados pelos filhos do Governador de Arzila e estas por sete guerreiros cristãos, que os desbarratam e os subjagam! Alguns críticos classificam a *Ulissea* logo depois dos *Lusíadas* mas, diz Rebelo da Silva, se entre os poemas existe um ao qual possa caber a honra de tam alta classificação o *Afonso Africano* talvez seja o que a mereça, apesar das nódoas que em muitos lugares o desfeiam.

114.—ANTÓNIO DE SOUSA DE MACEDO (1606-1682)
natural do Porto, doutor em direito civil, e secretário de estado de D. Afonso VI, foi tentado a rimar o assunto banal já escolhido por Gabriel Pereira de Castro — a fundação de Lisboa por Ulisses — fábula a que Camões aludira nos *Lusíadas*,² mas fê-lo, mais atiladamente que aquele no seu poema *Ulissipo* em treze cantos e oitava rima.³ Das obras em prosa as mais estimadas são: as *Flôres de España, Excelências de Portugal*,⁴ obra escrita em espanhol, e *Eva e Ave ou Maria triunfante*,⁵ em português puro e muito correto. As obras de António de Sousa de Macedo revelam uma erudição pouco vulgar.⁶ Na *Ulissipo* excedeu Gabriel P. de Castro, não no estilo que é mero brilhante, mas na originalidade dos episódios e no gosto mais italiano que espanhol, mais á Marini que á Góngora, como diz Costa e Silva. Eruditíssimo, foi também um político muito hábil tendo prestado importantes serviços ao País.⁷

¹ *Afonso Africano: poema heroico da presa de Arzilla e Tanger. Dirigido a D. Alvaro de Sousa, Capitão da guarda alemã de Sua Magestade*, etc. Lisboa, 1611; outras ed.: 1785 e 1844.

² Cant. viii, est. 4.^a e 5.^a.

³ Lisboa, 1640; outra ed. 1848.

⁴ *Flores... en que brevemente se trata lo mejor de sus historias y de todas las del mundo, desde su principio hasta nuestros tiempos, e se descubren muchas cosas nuevas de prouecho, y curiosidad*. Lisboa, 1631; 2. ed. 1737.

⁵ *Eva... Teátro da erudição e filosofia cristã. Em que se representão os dous estados do mundo: caldo em Eva, e levantado em Ave* 1.^a e 2.^a parte. Lisboa, 1676. Outras ed.: 1700, 1711, 1716, 1720, 1734 e 1765.

⁶ Outras obras em Matos, *Manual*, 539 e Innoc., *Dic* Vid. também *Arquivo Pitoresco*, 1861-1863, págs. 364-368, e F. Deusdado *Educadores Portug.*, 307-312.

⁷ Vid. Edgar Prestage, *O Dr. A. de Sousa de Macedo, Residente de Portugal em Londres*, Lisboa, 1916, (com retrato) e *Dois cartas... escritas de Ingl.*, ibid.

115. — BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS (1596-1656); natural da vila de Avô, junto às margens do Alva, na comarca de Arganil. Obrigado a expatriar-se viajou por Espanha, França, Itália, Flandres e Brasil, voltando passados anos a Portugal. De gênio belicoso e cavalheiresco organizou e dirigiu por ocasião da revolução de 1640 um batalhão de voluntários conhecido por *Companhia dos liões*, e tomou conta da praça de Alfaiates no concelho de Sabugal. Preso e encarcerado por D. Sancho Manoel, general-comandante da Beira e por êste acusado de traidor à pátria, o desgraçado poeta obteve a liberdade conseguindo fazer chegar às mãos de D. João IV um memorial em verso, feito com as letras arrancadas a um *Flos Sanctorum* e coladas a uma página em branco do mesmo livro. Escreveu, além doutras obras perdidas, o *Viriato Trágico* só publicado quarenta e três anos depois da sua morte, poema em vinte cantos e oitava rima, que Costa e Silva considera como a nossa primeira epopéia de segunda ordem, notável ainda pelo pintoresco das algumas descrições, sobretudo das de assuntos militares¹. Brás Garcia soube afastar-se prudentemente da influência espanhola. A sua obra foi plagiada vergenhosamente por André da Silva Mascarenhas, no poema *Destruição de Espanha* (1671), bem longe de pensar o plagiário que, passados vinte e oito anos, com a impressão do *Viriato* semelhante vileza ficaria posta a nú².

POESIA DRAMÁTICA

116. — Teatro no século XVII. O teatro português no século XVII acusa uma deplorável decadência originada na perda do elemento tradicional, que tinha feito a glória das composições vicentinas e a dos seus imitadores. A influência espanhola exerce-se soberanamente. Os portugueses tomam gosto pelas comédias caste-

¹ Cfr. *O Passeio*, ed. 1945, notas, pág. 9. Eis as palavras deste autor: «... esta Epopeia [Viriato Trágico], hoje absolutamente desconhecida era digna de melhor fado. Mas por desgraça foi envolvida na proscrição geral, fulminada contra os Seiscentistas pelos Arcades, Restauradores da poesia e do bom gosto entre nós... E contudo entre os escritores do século seiscentos havia muitos poetas de grande talento... e nas suas obras apresentam grande número de belezas, que podem bem resgatar os defeitos do tempo. Neste número conto eu o Viriato Trágico, que tenho pela nossa primeira Epopeia-de segunda ordem...»

² Ed. de 1696, em Coimbra, oficina de António Simões, impressor da Universidade, 2.^a ed., 1846. Lisboa. Para a biog. do poeta o estudo do Visconde de Sanches de Frias — *O Poeta Garcia*, drama histórico, Lisboa, 1901, mas a obra definitiva fundada em dados críticos incontroversos é a do Prof. Dr. Ribeiro de Vasconcelos, começada a publ. na *Rev. da Univ. de Coimbra*, a sega.

lhanas e desnaturalizam o teatro. Lope de Vega, Calderon de la Barca, Tyrso de Molina, forneciam as diversas scenas da Europa. Não era, pois, de estranhar que entrássemos, nêsse número, nós, que tam íntimas relações políticas e sociais mantínhamos com a nossa vezinha Espanha.

A Lisboa, onde já não havia a côrte, concorriam os comediantes espanhois atraídos pelos viso-reis do seu país e representavam naturalmente os dramas dos seus compatriotas.

Escreveram unicamente em castelhano muitos portuguezes notáveis como Matos Fragoso, António Henriquez Gomez e Manuel Freire de Andrade. As comédias eram divididas em *jornadas*, e os *Piteos*, que assim se denominavam os lugares onde se representava, enchiam-se de povo, ávido do espectáculo. O primeiro teatro regular de que há noticia foi o *Páteo das Comédias*, a que se seguiu depois o das *Fangas da Farinha* e o da *Bitesga* ou da *Mouraria*¹. Assim se perdera toda a tradição nacional. E quando não era o teatro em espanhol, era o teatro em latim. Os jesuítas julgaram dever intervir, como processo educativo, nas representações dramáticas. Como exercício escolar, passatempo e modo de adquirirem fama para as suas escolas, faziam representar pelos alunos dos seus Colégios graves e pesadas tragi-comédias, que levavam dois e três dias a representar no meio dum aparato scénico verdadeiramente espantoso. Pode ajuizar-se da obra dramática jesuítica pelo vol. denominado *Tragicæ, comicæ que actiones à regio artium collegio societatis Jesu datas Conimbricæ in publicum theatrum*² de Luís da Cruz († 1604) onde se encontram as cinco tragédias³ *Prodigus* (1-213), *Vita Humana* (217-441); *Sedecias* (445-634); *Manasses* (637-828) e *Josephus* (831-1050). Foi talvez em 1550 para celebrar a vinda a Coimbra de D. João III, seu protector, que os Padres do Colégio das Artes ensaiaram a 1.^a peça recitada pelos estudantes na presença do rei⁴. Em outubro de 1570 D. Sebastião repetiu a visita do avô à Universidade, vindo acompanhado do Cardeal D. Henrique. Representou-se a *Sedecias* ou *Destruição de Jerusalém por Nabuco*, que durou dois dias acabando coberta de louvores⁵. Os Colégios de Evora e Lisboa ostentavam iguais exercícios, sendo de todos o mais apa-

¹ Aragão Morato. *Mem. sobre o Teatro Porquês* lida em 24 de Julho de 1817, v, 43; Freire de Oliveira, *Elementos para a hist. do Municipio de Lisboa*, iii, 40, n. 1; Júlio Castilho, *Lisboa Antiga*, ii, 136 [da 2.^a ed., 1904].

² Ludgani, *apud. Horacium Cardon*, 1605, 1 vol.

³ E não quatro como diz Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, verb. *Luís da Cruz*.

⁴ Sr. Dr. M. Simões de Castro, *Notas acerca da vinda e estada de el-rei D. João 3.^o em Coimbra no ano de 1550*, Coimbra, 1914, 1 folh.

⁵ J. Pereira Baião, *Portugal cuidadoso e lastimado*, Lisboa, 1737, pág. 170 e segs.

ratoso a representação da famosa tragi-comédia *Conquista do Oriente* por D. Manuel posta no palco de S.^{to} Antão em 1619 para festejar a entrada de Filipe III, que assistiu por dois dias consecutivos (21 e 22 de agosto) com as infantas D. Isabel e D. Maria, ouvindo nada menos que 350 personagens, ao meio de córos, máquinas, tramoias e as mais custosas decorações. Sabendo que D. Sebastião apreciava as comédias de Gil Vicente quiseram afastar dos ouvidos do infeliz rei e dos áulicos que o acompanhavam as liberdades dessas comédias *ridículas e sem gosto*, como as apodavam *homens graves e conspícuos em letras*¹.

Os jesuítas João da Rocha, Domingos Teixeira e Pedro de Vasconcelos, compuseram também trabalhos dramáticos, que fôram desempenhados na scena pública. E' do primeiro a tragédia intitulada *Daniel*, do segundo a égloga intitulada *Pastor David* representada em 1618, e do último a peça que elle intitulou *Dares e Entellus* que subiu á scena em 1629, todas ainda inéditas. Tais sensaborias estavam longe de substituir as comédias de Gil Vicente, Atonso Alvares, Baltasar Dias, António Ribeiro Chado e de outros, lançadas no *Index expurgatório* de 1624. Debaixo de tais influências, como poderia desenvolver-se o teatro nacional? E' por isso, que, tirando o *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Melo na la de belo nem que enobreça a época pode apontar-se no teatro do século presente.

Entre o povo havia ainda as funções devotas em que o divino se confundia com cousas mundanas, e ázuo muitas vezes nas procissões mulheres pouco honestas em figuras de santos e armando-se nas igrejas e capelas tablados, onde se representavam autos e farças acompanhados de cantigas e de danças. Chegou a abusar-se tanto que nos autos de *S.ta Barbara* e *S.ta Catarina* se reproduzia no teatro a cerimonia do baptismo e no auto da *Paixão* de Francisco Vez os actores e o público ajoelhavam em certas scenas!²

HISTORIADORES

117.—Carácter da história neste período. Não faltam os historiadores neste período, alguns dêles, principalmente os que viveram nos primeiros anos do século, dignos sucessores de João de Barros e Damião de Góes. Uma qualidade geral os caracteriza — a falta de simplicidade que é substituída pela affectação retórica e pelo

¹ Vid. o Prefácio ás citadas *Tragicæ... actiones*.

² O auto de F. V. intitula-se: *Obra novamente feita da muito dolorosa morte e paixão de N. S. J. C. feita por um devoto Padre, chamado F. V. de Guimarães*, Lisboa, 1559. Cf. Inoc., *Dic. Bibl.*, III, 75.

cuidado excessivo dado á fôrma, o que os recomenda mais como estilistas, do que como historiadores, quando os não expunge da lista dos bons mestres da língua.

Como vimos, alguns dos cronistas do século precedente fôram grandes investigadores, viajantes audazes que se não pouparam a fadigas para autenticarem o que escreveram. Dá a paixão, a vida e o calor que animam as suas narrações. Os historiadores do século XVII são, principalmente, frades que, alheios á luta das sociedades onde se desenrolam os acontecimentos, burilam friamente, serenamente, no silêncio das suas celas, as frases elegantes, os períodos sonoros, as rendilhadas expressões que traduzem os factos que outros lhes fornecem. A situação histórica também os não favorecia. A desastrosa expedição de Alcácer-Quêir lançou-nos numa atonia profunda. A glória de muitas batalhas e conquistas como que se eclipsára nos areais de Africa. Era preciso, escreve Ferdinand Denis, que empregassem cores mais vivas para fazer compreender aos homens do século as impressões que tinham devido sentir seus antepassados¹.

118. — Fr. Bernardo de Brito e seus continuadores. FR. BERNARDO DE BRITO (1568-1617) chamado, antes de professor no mosteiro de Alcobaça, Baltasar de Brito e Andrade, além de poeta, como dissemos, foi historiador, tendo escrito a *Crónica de Cister*² e os *Elogios dos Reis de Portugal*³. Como cronista mór do reino que foi, escreveu a 1.^a e a 2.^a parte da *Monarquia Lusitana*⁴ depois continuada por ANTONIO BRANDÃO (3.^a e 4.^a parte)⁵ FRANCISCO BRANDÃO (5.^a e 6.^a)⁶, RAPHAEL DE JESUS († 1693) (7.^a)⁷ e MANOEL DOS SANTOS (8.^a)⁸. Tantos architectos em volta do grandioso monumento conseguiram tão sómente debuxar-lhe os alicerces. E como não seria assim se o iniciador, como Garibay⁹ que começou a história de Espanha com o

¹ *Résumé de l'hist. litt. du Portugal*, cit., pág. 304.

² Primeira Parte e única publicada, Lisboa, 1602; outra 1720, *ibid.*

³ 1613, 1726, 1761, 1786, 1825.

⁴ 1.^a p. Alcobaça, 1577; 2.^a ed. 1690 e reimpr. na *Col. dos principais autores da histor. portug.*, Lisboa 1806, 5 vols.; 2.^a p., Lisboa, 1609; 2.^a ed., 1690 e reimpr. na mesma *Col.*, Lisboa, 1808-1809, 2 vols.

3.^a p. Lisboa, 1632, 1690 e 1806; 4.^a p. 1632 e 1725.

⁵ 5.^a p. Lisboa, 1650, 1752; 6.^a p., 1672 e 1751.

⁷ Lisboa, 1683. É também autor do *Castrioto Lusitano*, Lisboa, 1679, sobre a guerra entre o Brasil e a Hollanda, de semenos valor, como tudo o que deixou.

⁸ Lisboa, 1727. Fr. Manuel dos Santos é mencionado no séc. immediato.

⁹ Cronista esp. 1525-1593 bibliotecário de Felipe, o autor de *Los quarenta libros del Compendio historial...* (1628, 2 vols.), obra sem crítica na parte consagrada ás origens de Espanha.

dilúvio universal, deu princípio á de Portugal com a *criação do mundo*? O trabalho de Fr. Bernardo de Brito termina com a vinda á península do Conde D. Henrique, quer dizer, termina, pouco mais ou menos, onde devera começar. Não há, porém, razão de lamentar o esforço dispendido por Brito, dada a falta de critério histórico que se revela em toda a sua obra e que o levou a fazer-se éco de quantas lendas a imaginação ou a fantasia haviam sugerido. Nove anos depois da impressão da 2.^a parte da *Monarquia Lusitana*, mas no mesmo ano em que Brito apparecia nomeado Cronista-mór por Filipe II em 1616, publicava Diogo de Paiva de Andrade, filho de Francisco de Andrade, cronista-mór do reino, um livro intitulado *Exame de Antiquidades* (1616), apontando a falta de verdade histórica da citada *Monarquia*¹. Embora despeitado, diz-se, por não haver sucedido, como esperava, ao pai, é certo que a crítica posterior deu razão a Andrade. As cartas de sujeição e feudo de D. Afonso Henriques a Santa Maria do Claraval e á Santa Sé com a resposta de protecção e reconhecimento do título *Rial* do Papa Inocência II, a carta de S. Bernardo a D. Afonso Henriques com a profecia cominatória de fazer dependente a sorte da Monarquia da integridade das rendas de Alcobaca, não resistem á crítica de João Pedro Ribeiro. Em frente de todas as autoridades perdeu qualquer crédito, como o perdeu Gaspar Alvares de Lousada, que foi cooperador dalguns dos seus embustes, acabando A. Herculano por o colocar fóra das autoridades em matéria histórica. A personalidade de Brito salva-se só nente com o estilista. A linguagem é geralmente correcta, sem belas as suas descrições e belo é também o vigor com que desenha os caracteres das suas personagens. Mas é tudo, e isto não é ainda sem reservas, porque a linguagem d'ele não escapa á pecha do cultismo e fica geralmente fria e sem interesse, distanciando-se, por ex., muito da de Frei Luís de Sousa².

Dos continuadores de Brito é de justiça destacar o vulto de ANTÓNIO BRANDÃO (1584-1637). A consciência e exactidão dos factos que se encontram na 3.^a e 4.^a parte da *Monarquia*, obra sua, fizeram dizer a Herculano ser elle *uma das mais nobres intelligências que Portugal tem gerado e um ilustre restaurador da história pátria, e o homem que mais atingiu o espirito da sciência histórica, excetuando António Caetano do Amaral e João Pedro Ribeiro*³. E a Rebelo da Silva: «O belo portico rasgado pela pena critica do

¹ A Diogo de Paiva de Andrade respondeu o colega da mesma ordem Fr. Bernardino da Silva nos dois volumes *Defensão da Monarquia Lusitana* publicados em 1620 e 1627, que não levantaram a obra ao conceito que elle se propunha, «embora ninguém sustentasse melhor a má causa». *Panorama*, I, 15.

² Bispo de Viseu, *Obras*, II, 162.

³ *Opúsculos*, V, 102.

sábio religioso na parte, infelizmente curta, que lhe cabe na *Mon. Lus.* ficou aberto e desamparado, porque nenhum dos que lhe sucederam foi capaz de lhe seguir o plano severo acompanhando em lanços de igual solidez a construção durável que elle tinha desenhado e emprendido»¹. Diante de tais juízos não parecerá de todo exag·rada a afirmação de Fr. Fortunato de S. Boaventura quando classifica o exemplo de Brandão como «uma especie de fenomeno literario». ² Conceitos semelhantes na pena de tam judiciosos esmeriladores da nossa primitiva história dam a medida do valor de António Brandão. O período que elle descreveu e que vai desde o Conde D. Henrique até D. Afonso III, põe-nos em presença dum espírito de vasta erudição, fazendo uso duma sciência histórica e dum método critico verdadeiramente superiores e dignos de elogio.

119. — FR. LUÍS DE SOUSA (1555-1632), de Santarêm, é um dos mais delicados estilistas que conta a língua portugueza. Antes da sua profissão religiosa chamava-se *Manuel de Sousa Coutinho*. Militou na religião de Malta, esteve prisioneiro dos Mouros e foi levado cativo para Argel. Barbosa Machado affirmou, sem fundamento algum, que neste cativeiro tivera o nosso primoroso escritor estreita amizade com Cervantes, em testemunho do que elle o introduziu num episódio da sua novela *Trabalhos de Persiles e Segismundo*. ³ A lenda, a uma análise criteriosa, desfez-se depressa. Reatquirida a liberdade ao fim de quãse um ano voltou ao reino e casou com D. Madalena de Vilhena, viúva de D. João de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, 1.º Conde do Vimioso e que ficára morto na batalha de Alcácer-Quibir. Vivia na vila de Almada onde era coronel de 700 infantes e quãse 100 cavalos quando, para não hospedar os governadores espanhoes ⁴ que então eram do reino e fugiam da peste que grassava em 1577 em Lisboa, lançou fogo ao próprio palácio. Expatriou-se para fugir á vindicta dos inimigos ⁵ e, regressando á sua casa de Almada, aí, no remanso do lar, em companhia da esposa e da filha única se entregou aos cuidados literários. O falecimento desta filha levou os pais a procurarem no claustro um bálsamo aos corações alanceados. De comum acordo

¹ *Obras completas*, xxx, 52.

² *Hist. Crón. e crítica... de Alcobaca*, 77.

³ C. Castelo Branco *Curso*, II, 289 e *Inoc.*, *Dic. Bibl.*, xvi, 72.

⁴ Eram D. Miguel de Castro, arceb. de Lisboa; D. João da Silva, 4.º Conde de Portalegre, mordomo mór; D. Fr. de Mascarenhas, Conde de S. ta Cruz; D. Duarte de Castel-Branco, 1.º Conde do Sabugal, meirinho-mór do reino, e Miguel de Moura, Escrivão da puridade.

⁵ «Partindo para Madrid a informar o rei do procedimento que se usára para com elle e do modo por que, perdendo a paciência, se havia desagradado. Conhecendo-se a sem-razão de quem o havia provocado, foi atendido».

vestiram o hábito dominicano: Coutinho no convento de Benfica e D. Madalena no mosteiro do Sacramento. Tudo quanto se refere ao aparecimento de D. João de Portugal é pura lenda, que só teve o mérito de inspirar Garrett no primeiro dos seus drámas ¹. Foi em 1641 que Coutinho iniciou a sua vida claustral, adoptando desde logo o nome de *Fr. Luís de Sousa*. Aí no isolamento da cela e em obediência é que elle poliu e aperfeiçoou os materiais, que Fr. Luís de Cácegas reuniu durante mais de vinte anos de pacientes investigações sobre a história do seu convento e a vida do arcebispo de Braga, permitindo assim a Fr. Luís de Sousa escrever «assentado, quieto e escondido no canto da cela». Não eram incontroversos os dados que Cácegas juntára; por seu lado Fr. Luís de Sousa ocupado na superficialidade do estilo não tratou de os depurar no cãdinho da veracidade. A obra ressen-te-se por isso do descuido dos dois. A Fr. Luís cabe a glória de ter revestido os informes materiais do seu investigador com as roupagens dum estilo elegante, fecundo e cheio de naturalidade. As suas obras capitais são:

— *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires* ².

— *História de S. Domingos* ³.

— *Anais del-rei D. João III* ⁴.

As duas primeiras revelam o assombroso e finissimo burilador de frase que foi este escritor, que é um orgulho das nossas letras, mas não assim a última em que o assunto já tratado por J. de Barros nas *Décadas*, por F. de Andrade na *Crónica* do mesmo rei, e por Bernardo Rodrigues nos *Anais de Arzila* ⁵ se arrasta por vezes numa «série de apontamentos», como disse A. Herculano, só se alteiando e sendo «digno de si mesmo» quando a matéria acordava dentro d'ele

¹ Cfr. especialmente S. Viterbo, *Manuel de S. Coutinho...* Lisboa, 1902.

² *Vida de... da ordem dos Prégadores, Arcebispos & Senhor de Braga, primas das Espanhas. Repartida em seis livros com solenidade de sua trasladação... Por Fr. Luis de Cácegas, etc. Reformada em estylo e ordem e ampleada em successos & particularidades de novo achadas por...* etc. Viana, 1619. Outras ed.: Paris, 1664 (*Bol. Bibl. Port.* 1, 58) e 1760, 1763, 1785, 1818, 1850. *Rolandianas* há 5 eds., a última de 1857.

³ *Primeira Parte da História de S. Domingos...*, etc. 1623; *Segunda Parte...*, 1662; *Terceira Parte...*, 1678. Estas três partes, de Fr. Luís de Sousa, com uma 4.^a de Fr. Lucas de Santa Catarina, andam impr. numa ed. de 1767, 4 tomos; outra ed.: 1866, 6 vols.

⁴ Publicados por A. Herculano em 1846, 1 vol.

A vida do beato Henrique Suso... não parece ser de Fr. Luis de Sousa, mas do dominicano Fr. Pedro de Magalhães, como se pode vêr no *Catálogo dos autores*, que precede o *Dic. da Acad.*, pág. cxxv e Inoc.

⁵ *Anais de Arzila, Cr. inéd. do séc. xvi, publ. por ordem da Acad. das Sc. de Lisboa e sob a direcção de David Lopes*, 2 vols., 1913-20. Sousa teve em seu poder um Mss. pertencente á Misericórdia de Lisboa — *Introd.* xxix, que aproveitou nos 19 caps. que consagrou a Arzila em tempo de D. João III.

a memória do soldado, fidalgo e cavaleiro que fôra antes de envergar a estamenha de monje.

120.— MANOEL DE FARIA E SOUSA (1590-1649) escriptor fecundíssimo, de quem se conta que escrevia diariamente doze folhas de papel de trinta linhas cada uma; quâse tudo em espanhol, interessando-nos por isso unicamente pelas informações que sôbre cousas e pessoas de Portugal deixou.

Essas obras são: os setes vols. em verso *Fuente de Aganipe y rimas várias*, não melhores que as dos confrades e talvez piores pelo consumo que tiveram ¹; as históricas *Epítome de las histórias portuguezas*, a mesma que saíu mais tarde refundida sob o título: *Europa, Asia, e Africa portuguezas*; e os trabalhos de análise *Luíadas... commentadas* ²; e *Rimas várias de Luís de Camões commentadas* ³.

Bandado com Castela viveu na esperança mal recompensada dos favores de Felippe II, que incensou, bem como a Cristovão de Moura. Operada a restauração de 1640 deixou-se ficar em Espanha ao serviço de D. João IV. Começando como renegado acabou por ser espião, epítetos justos que infamam a sua memória.

Ferdinand Denis escreveu que êle se desdenhou a língua nacional, permaneceu português de coração ⁴; mas á crítica imparcial custa subscrever êste juízo, embora o veja elogiando a valentia dos portuguezes em Aljubarrota (*Europa*, II, p. 3, c. I, págs. 277-282), ou exaltando a nobreza de carácter de D. João I e do Condestável (*Ibid.*, pág. 269) e explicando mesmo a razão da escolha do castelhano para a elaboração dos seus livros (no *Prólogo da Europa*). A sua simpatia pela política dos usurpadores torna-no lo naturalmente suspeito. De modo que pela linguagem, pelo estílo culteranista que adótu, pelo meio histórico em que viveu e a que se subordinou, a fertilidade dêste autor redundá em quâse pura perda para nós e não pouco menoscabo para a glória própria dêle.

121.— JACINTO FREIRE DE ANDRADE (1597-1657) é dos escritores que figura na *Fenix Renascida* ⁵ e se medíocre é o seu valor como poeta, não é muito maior como prosador, segundo se vê da *Vida de D. João de Castro* ⁶, excurso biográfico em que o

¹ C. C. Branco, *Curso* 43.

² Madrid, 2 vols. 1639.

³ 5 vols., 1.º e 2.º, Lisboa, 1685; 3.º, 4.º, 5.º, *ibid.*, 1689.

⁴ *Ob. cit.* 367.

⁵ T. III, 274-284.

⁶ Ed. 1651. Das muitas ed. é mais estimada a da Acad., de 1835, de que foi encarregado o Cardeal patriarca D. Francisco de S. Luís, que lhe ajuntou muitas notas e vários inéd.

rigor histórico nem sempre é norma, correndo parelhas com a linguagem artificiosa, cheia de trocadilhos de mau gosto e falsa no desenho das personagens, a principiar no do protagonista mais bem caracterizado por qualquer das cartas que elle próprio escreveu ¹ do que pela longa e monótona exposição que o seu apologista nos legou, «historiador enfático e sem filosofia, mas consciencioso e instruido» na frase de Quental ².

122. — Historiadores menos importantes. Citemos neste número, entre outros, FR. ANTÓNIO DA ENCARNAÇÃO († 1665) a quem devemos as *Adições á História de S. Domingos* de Fr. Luís de Sousa e a *Vida de Fr. Luís de Sousa* ³; MANOEL SEVERIM DE FAIA (1583-1655) que nos *Discursos vários políticos* ⁴ traçou cuidadosamente as biografias de Camões, de João de Barros e de Diogo do Couto, e nas *Notícias de Portugal* ⁵, forneceu interessantes informações políticas, e outras relativas a famílias nobres, a moedas que tiveram curso em Portugal, biografias, etc.; D. FERNANDO DE MENESES 2.º conde da Ericeira, († 1699), que escreveu a *História de Tanger* ⁶ e a *Vida e acções d'el-rei D. João I* ⁷; D. LUÍS DE MENESES 3.º conde da Ericeira, (1632-1690) autor da *História de Portugal restaurado* ⁸ que fornece preciosas informações, embora nem sempre incontroversas, sobre o período da nossa história de 1640 a 1668; D. RODRIGO DA CUNHA (1577-1643), arcebispo de Braga e de Lisboa e antes bispo de Portalegre e do Porto, patriota exímio, autor da *Hist. Eccl. da Igreja*

¹ Algumas public. pelo proprio Andrade na *Vidas outras* por S. Luís na ed. cit. da Acad., outras no *Instit.*, vol. I a III etc., no *Investigador Port.*, em *Ingl.*, XVI, *Panorama*, XII-XV. Vid. Inoc., *Dic. Bibl.*, III, e X, 215. D. João de Castro bem merecia esta apologia. Quam diferente elle foi dos vizo-reis cruéis e traficantes que lá andaram pela India! Vide M. de Sousa Pinto, *D. João de Castro*. Lisboa, 1912. Aém dos trabalhos que sobre a India já citamos, de Barros, Couto, Corrêa, registre-se o livro de Francisco Rodrigues Silveira, *Memoorias de um soldado da India compiladas de um Ms. português do Museu Britânico* por A. de S. S. Costa Lobo, Lisboa, 1877. Silveira esteve na India desde 1555 a 1558, e também *Primor e honra da vida soldadesca. Livro excelente antigamente composto nas mesmas partes da India oriental sem nome de autor e ora posto em ordem de sair á luz pelo P. Mestre Fr. António Freire...*, Lisboa, 1630.

² *Cartas*, 38.

³ As *Adições* sam na pág. 2.ª de fl. 96 v. a 106 v. e a *Vida* abre a mesma pág. 2.ª.

⁴ Evora, 1624; 2.ª ed. Lisboa, 1791.

⁵ Lisboa, 1655, 1740 e 1791. Dr. Leite de Vasc., S. de F., notas biográf. lit. no *Bol. da Seg. A. da Acad.*, VIII.

⁶ Lisboa, 1677.

⁷ Lisboa, 1732.

⁸ I, 1679 e 1710; II, 1698. As duas partes em 4 vols. 1751 e 1759.

de Lisboa ¹, da *Hist. Eccl. de Braga* ², e do *Catálogo dos Bispos do Porto* ³ aquelas escritas com mais correcta exactidão que este, mas todas três com aquêl primor de linguagem que fazem tê-lo um mestre; JORGE CARDOSO († 1623) que deixou o *Agiológico lusitano* ⁴, no período seguinte continuado por D. António Castanho de Sousa e em que abundam no meio de prolixidades várias erúditas informações relativas a pessoas e cousas de Portugal.

VIAJENS

123. — **Viajens.** As obras mais importantes a citar neste capítulo referem-se á história da Etiópia nos séculos XVI e XVII e só recentemente são conhecidas graças á publicação dos respectivos inéditos, até agora senão totalmente ignorados, pelo menos imperfeitamente conhecidos. As nossas relações com a Etiópia datavam de D. Manoel e sobretudo de D. João III que encarregou os jesuítas da evangelização daquêles povos e conseguia lá a criação d'un Patriarcado. Após várias vicissitudes nos começos do séc. XVII esta missão atingiu grande prosperidade, mercê do zêlo do P. Pedro Pais, que fez com que o rei Seltan Sigad, então reinante, e os grandes e a maior parte da nação prestassem obediência ao Pontífice e acitassem como Patriarca a D. Afonso Mendes.

É a história dêstes successos religiosos, juntamente com noções históricas, geográficas, etnográficas, arqueológicas, botânicas, etc., que se nos deparam nos vols. da colecção *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti a saec. XVI ad XIX* publicada em Roma desde 1903. O t. 1.º não é senão o programma da Col. Os vols. II e III (1905-1906), são inlubitavelmente para nós os mais importantes. São obra de PEDRO PAIS (1564-1622) que, embora espanhol, escreveu em português esta sua *Hist. da Etiópia*, fruto de vinte annos de viagens pelas regiões que descreve. Lá apparece a mais antiga descrição das celebradas fontes do Nilo (Nilo Azul), que elle visitou em 1618.

MANOEL BARRADAS [n. 1572] é o segundo historialor-viajante, que dissertou sobre o *Estado da santa fé romana na Etiópia quando se lançou o pregão contra ella*, o *Reino de Tigre e cidade de Adem* (vol. IV). Ainda um terceiro escritor MANOEL DE ALMEIDA (1580-1646), nos fala da *Hist. da Etiopia a alta ou Abassia*, cujo rei vulgar-

¹ Dos 2 vols., annunciados no frontespício do 1.º, só este saiu em 1642.

² 1 vol., Braga, 1634 e 1535.

³ 1623 e 1742.

⁴ 4 vols. sendo o 4.º do seu continuador. O plano era abranger os doze meses do anno, mas só chega a Agosto.

mente é chamado *Preste João* (vols. V, VI, VII), onde se revela sensato, verdadeiro e sobrio.

Nêstes trabalhos, todos inéditos, se fundou naturalmente Baltasar Teles (1595-1675) que além da *Cr. da Comp. de Jesus*¹ em que se revela escritor aprimorado nos deixou a *Hist. geral da Etiópia a alta ou Preste João*².

A' literatura não interessam já os outros vols. da Coleção embora sejam de maior importância para a história nacional, pois sam ou em latim, como os vols. VIII e IX, obra do patriarca D. Afonso Mendes, ou de proveniência diversa e constantes de relações e cartas, como os vols. X a XIV, que compreendem os últimos docs. até 1815 sob a direcção da missão francesa. O último vol., o XV (1917) é o índice analítico de toda a obra. Não há dúvida de que estamos em presença de documentos do maior valor, que vêm provar mais uma vez o alto papel civilizador que Portugal desempenhou noutros tempos³.

Escreveram também narrativas de viagens FR. GASPAR DE S. BENARDINO, autor do *Itinerário da Índia por terra até á ilha de Chipre*; MANOEL GODINHO († 1712), natural de Mont. Ivão, distrito de Portalegre, que escreveu, além da biografia de Fr. António das Chagas, o celebrado místico fundador do seminário das missões do Varatojo, a *Relação do novo caminho através da Arábia e Síria que fez por terra e mar vindo da Índia para Portugal em 1663*; e JERONIMO DE MENDONÇA de quem temos a *Jornada de Africa*⁴ interessante como subsídio para o conhecimento do desastre calamitoso de Alcacer-Qêbir, onde o autor esteve e ficou prisioneiro⁵. Tem o valor duma testemunha presencial e está escrita com grande simplicidade.

¹ Em duas Partes: 1.^a, Lisboa, 1645; 2.^a pág., ibid., 1647.

² Coimbra, 1660.

³ Esteves Pereira deu no *Bol. da Acad. das Sc. de Lisboa*, VII (1913) 39-47 análise pormenorizada de *Rerum Aethiopicarum Scriptores*.

⁴ Lisboa, 1607; e *ibid.*, 1785.

⁵ É curiosa pelas informações que ministra não só sobre a capital, mas ainda sobre um ou outro ponto do país, a obra de Fr. Nicolau de Oliveira (por 1566-1634), *Livro das grandezas de Lisboa* [Vid. *Arch. Hist. Port.* II (1904), art. do Sr. Brito Rebelo com o título: «Frei Nicolau de Oliveira e a Inquisição»]. Também não queremos passar em silêncio o nome dum esmerado cultor da forma, homem de estudo e largo saber, Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680), cujas *Obras* (Lisboa, 1743, 2 vols., e 1767 e 1817) o revelam fraco poeta, mas correctíssimo prosador. Parece ter entrevisto a verdadeira lei dos trabalhos históricos quando escreveu: «averiguemos a verdade pelo exame dos monumentos dos edificios e das mesmas ruínas». O escritor brasileiro Solidônio Leite denunciou o plágio que Macedo fez da obra do Bispo Conde Sebastião César de Menezes († 1672), que até no título se equiparam — *Suma Política*. Cfr. *Clássicos Esquecidos*, Rio, 1914, págs. 131-146.

ELOQUÊNCIA

124. — Eloquência; seus representantes. Sofre a eloquência neste período a sorte dos demais gêneros literários. O *cul-tismo* desnaturaliza-a e, assim como os poetas faziam longos poemas sobre equívocos, sobre pequenos nada, com trocadilhos e arrebiques de linguagem insuportáveis, assim os oradores dissertavam sobre futilidades, que tornavam absolutamente improficuo o ensino do púlpito. O pregar tornou-se «efeminado, delicioso e de galantaria. Este método proveio de frequentarem os homens a lição e a representação das comédias de mau gosto. Os erúditos conhecem a locução destas peças do teatro espanhol... Os homens habituados a verem e ouvirem as pessoas conferentes naquêlo jôgo da comédia e aos assuntos e expressões pueris, de que abundavam as mesmas composições teatrais,... produziram um costume de se explicarem apaixonado, mole e delicioso... Muitos pregadores ou por condescendência ou por ditame nada menos eram que uns maneiristas daquela face do teatro»¹.

Dentre os muitos oradores dêste tempo, tais como Fr. Baltasar Pais († 1638), Francisco de Mendonça († 1620), Fr. João de Ceita († 1633), Felipe da Luz († 1633), Tomás da Veiga († 1638), Francisco de Amaral († 1647), António de Sá († 1678), Cristovam de Almeida († 1679), Bartolomeu do Quental († 1698), o fun ador da Congregação do Oratório em Portugal e Luís Alvares († 1709, sobresaíram a eclipsar totalmente o nome de todos o orador primacial que foi António Vieira e Manuel Bernardes.

125. — ANTÓNIO VIEIRA, de Lisboa, (1608-1687) é o orador privilegiado dêste século e um dos melhores clássicos da nossa língua. Nascido em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608 recebeu a sua primeira educação no Brasil, para onde fôra com seus pais desde a idade dos oito anos, num colégio que os jesuítas possuíam na Baía. Aos quinze anos entrou no noviciado da Ordem e dois anos depois, em 1625, pronunciava os seus votos solenes de religião. De tal forma se distinguiu nos seus primeiros ensaios, que os superiores o encarregaram de reger a cadeira de retórica e, passado tempo, o curso de dogmática.

Muito cedo se notabilizou como orador. Quando rebentou a revolução em Portugal que, acabando com o domínio castelhano, colocou no trono D. João IV, o Brasil aderiu ao movimento da metrópole e, para saúdar o novo rei e apresentar-lhe preito de obediência enviou o vizo-rei D. Jorge de Mascarenhas expressamente a Portu-

¹ Cenaculo, *Mem. hist. do Min. do púlpito*, 159.

gal seu filho D. Fernando de Mascarenhas acompanhado de António Vieira ¹. Tempo antes alguns filhos do Marquês de Montalvão passaram-se a Espanha chamando sobre si o ódio popular. Dêse ódio iam sendo vítimas os embaixadores do Brasil ao desembarcarem em Peniche, onde o navio acossado pela tempestade fôra abordar em 28 de abril de 1641, tendo saído da Bahia em 27 de fev. do mesmo ano. Salvou-os o Conde de Atouguia, governador da Praça. Dois dias depois Vieira partia para Lisboa, onde o rei não tardou em recebê-lo. E' de 1640 o sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, que Raynal declarava ser o discurso mais extraordinário pronunciado na tribuna sagrada. D. João IV precisava de alguém que reunisse á finura dum diplomata a energia intransigente dum patrióta para sustentar a causa portuguesa junto dos gabinetes da Europa ². Vieira foi escolhido para essa delicada missão, sendo ao mesmo tempo nomeado prégador da côrte. De então por diante a sua personalidade desempenha um largo papel nos negócios políticos do país e pode dizer-se que é desde êsse tempo que começa a sua laboriosa vida de diplomata, á qual consagrou dez anos, e de missionário e escritor a que dedicou todas as suas forças até ao último alento. Foi um apóstolo incansável da liberdade dos povos do Brasil, á qual por mais duma vez pouco faltou para sacrificar a vida, como sucedeu com a lei de 1609 em favor dos índigenas, que nêle encontrou um fervoroso defensor, e nos colonos e funcionários a mais enérgica oposição. Com a morte de D. João IV fecha-se o período de grande influência exercida por Vieira. Logo nos primeiros anos do reinado de D. Afonso VI o grande orador foi exilado para o Porto e pouco depois para Coimbra. Foi em seguida acusado á inquisição. Este grande génio supersticiosamente acreditára nas profecias de Bandarra, sobre a vinda dum príncipe que inauguraria uma época de prosperidade e de ventura para a Igreja e para Portugal, e no *Clavis Prophetarum* pretendia fundar êsses sonhos em razões deduzidas da S. Escritura! O tribunal do *Santo Ofício de Coimbra* encerrou-o pois nas suas prisões e aí o reteve desde 2 de Outubro de 1665 até 24 de Dezembro de 1667 ³. D. posto, pelos factos que todos conhecem, D. Afonso VI, subiu ao trono D. Pedro II e Vieira readquiriu o seu prestígio voltando a prégar na côrte na quaresma de 1669. Nêste mesmo ano partiu para Roma como promotor da causa da

¹ Na embaixada veio também o P.^o Simão de Vasconcelos [1598-1671], autor da *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, Lisboa, 1663; 2.^a ed., 1865.

² Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, VI.

³ Sobre o processo inquisitorial de Vieira—A. Baião, *Episódios dramáticos da Inq. Portug.*, cit., 205 e segs. fundado sobre o processo inéd. que se guarda no Arquivo da Torre do Tombo.

beatificação do P. Inácio de Azevedo que com trinta e nove companheiros havia sido martirizado pelos Calvinistas de Rochelle, em 15 de Julho de 1570. Durante os seis anos que viveu na capital do mundo católico, o ilustre orador obteve, sem dúvida, os seus maiores triunfos, sendo este o período mais brilhante da sua eloquência. Aí advogou junto do Papa Clemente x a causa dos Judeus de Portugal, *injusta, tirânica e barbaramente* perseguidos pela inquisição ¹.

Prégando por várias vezes na presença da rainha Cristina da Suécia, que então se achava em Roma, esta o nomeou seu confessor e pregador. Mas estas grandezas não deslumbravam o espírito de Vieira que em 27 de janeiro de 1681 embarcava para o Brasil. Tinha 71 anos. Entretanto, em Coimbra, ao ter-se notícia de que o tribunal da Inquisição ia novamente abrir-se, numa manifestação de entusiasmo, o retrato do velho batalhador era queimado publicamente no pátio da Universidade, isto ao mesmo tempo, que lhe prestava a homenagem do seu respeito e admiração a Universidade do México!

Ainda experimentado nos últimos anos pela falsa acusação de cooperação num assassinio e pelas intrigas dos seus próprios confrades da Ordem, Vieira veio a succumbir, depois de lenta agonia, aos 90 anos, no dia 18 de Julho de 1697.

Considerando agora Vieira como escritor é nos seus numerosos sermões e nas suas interessantes cartas que se encontra a melhor lição, que se pode procurar em tam grande mestre. As obras de Vieira são mina inexaurível onde o filão do ouro se não quebra nem exgota. Abundam as pinturas vivas, as descrições coloridas e movimentadas. A propriedade dos termos, a riqueza e variedade dos epítetos sucedem-se umas ás outras, com profunda abundância. Como orador Vieira deixou-se inquinar pelo mau gosto da época: reconhecia elle esses defeitos, mas adoptou-os, donde se não pode propôr como modelo incondicional. Aparte esses defeitos Vieira é um grande, um extraordinário orador, apresentando modelos de verdadeira eloquência, não merecendo as censuras agrestes de Verney no *Novo Método de Estudar*, sendo com mais imparcialidade avaliado pelo P. Isla, o engraçado autor da *História de Frey Gerundio de Campazas*, em que censura o gosto dos pregadores do séc. xvii. Depois de o repreender dos defeitos em que caiu escreve: leiam com reflexão os assuntos capitais que trata dos sermões do Advento e de Quaresma... e digam-me se algum orador, dos antigos ou modernos, tratou nunca estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia ou com mais triunfante eficácia.» Como epistológrafo as suas *Cartas* nem sempre têm a naturalidade do estilo familiar,

¹ Vid. *Inéditos de Vieira* publicados no *Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 1.º ano, pág. 77 e seg.

gal seu filho D. Fernando de Mascarenhas acompanhado de António Vieira¹. Tempo antes alguns filhos do Marquês de Montalvão passaram-se a Espanha chamando sobre si o ódio popular. Dêsse ódio iam sendo vítimas os embaixadores do Brasil ao desembarcarem em Peniche, onde o navio acossado pela tempestade fôra abordar em 28 de abril de 1641, tendo saído da Bahia em 27 de fev. do mesmo ano. Salvou-os o Conde de Atouguia, governador da Praça. Dois dias depois Vieira partia para Lisboa, onde o rei não tardou em recebê-lo. E' de 1640 o sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, que Raynal declarava ser o discurso mais extraordinário pronunciado na tribuna sagrada. D. João IV precisava de alguém que reunisse á finura dum diplomata a energia intransigente dum patrióta para sustentar a causa portugueza junto dos gabinetes da Europa². Vieira foi escolhido para essa delicada missão, sendo ao mesmo tempo nomeado prégador da côrte. De então por diante a sua personalidade desempenha um largo papel nos negócios políticos do país e pode dizer-se que é desde êsse tempo que começa a sua laboriosa vida de diplomata, á qual consagrou dez anos, e de missionário e escritor a que dedicou todas as suas forças até ao último alento. Foi um apóstolo incansável da liberdade dos povos do Brasil, á qual por mais duma vez pouco faltou para sacrificar a vida, como sucedeu com a lei de 1609 em favor dos indígnas, que nêle encontrou um fervoroso defensor, e nos colonos e funcionários a mais enérgica oposição. Com a morte de D. João IV fecha-se o período de grande influência exercida por Vieira. Logo nos primeiros anos do reinado de D. Afonso VI o grande orador foi exilado para o Porto e pouco depois para Coimbra. Foi em seguida acusado á inquisição. Este grande génio supersticiosamente acreditára nas profecias de Bandarra, sobre a vinda dum príncipe que inauguraria uma época de prosperidade e de ventura para a Igreja e para Portugal, e no *Clavis Prophetarum* pretendia fundar êsses sonhos em razões deduzidas da S. Escritura! O tribunal do *Santo Ofício de Coimbra* encerrou-o pois nas suas prisões e aí o reteve desde 2 de Outubro de 1665 até 24 de Dezembro de 1667³. Depois, pelos factos que todos conhecem, D. Afonso VI, subiu ao trono D. Pedro II e Vieira readquiriu o seu prestígio voltando a prégar na côrte na quaresma de 1669. Nêste mesmo ano partiu para Roma como promotor da causa da

¹ Na embaixada veio também o P.^o Simão de Vasconcelos [1598-1671], autor da *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, Lisboa, 1663; 2.^a ed., 1865.

² Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, VI.

³ Sobre o processo inquisitorial de Vieira—A. Baião, *Episódios dramáticos da Inq. Portug.*, cit., 205 e segs. fundado sobre o processo inéd. que se guarda no Arquivo da Torre do Tombo.

beatificação do P. Inácio de Azevedo que com trinta e nove companheiros havia sido martirizado pelos Calvinistas de Rochelle, em 15 de Julho de 1570. Durante os seis anos que viveu na capital do mundo católico, o ilustre orador obteve, sem dúvida, os seus maiores triunfos, sendo este o período mais brilhante da sua eloquência. Aí advogou junto do Papa Clemente x a causa dos Judeus de Portugal, *injusta, tirânica e barbaramente* perseguidos pela inquisição ¹.

Prégando por várias vezes na presença da rainha Cristina da Suécia, que então se achava em Roma, esta o nomeou seu confessor e prégador. Mas estas grandezas não deslumbravam o espírito de Vieira que em 27 de janeiro de 1681 embarcava para o Brasil. Tinha 71 anos. Entretanto, em Coimbra, ao ter-se notícia de que o tribunal da Inquisição ia novamente abrir-se, numa manifestação de entusiasmo, o retrato do velho batalhador era queimado publicamente no pátio da Universidade, isto ao mesmo tempo, que lhe prestava a homenagem do seu respeito e admiração a Universidade do México!

Ainda experimentado nos últimos anos pela falsa acusação de cooperação num assassinio e pelas intrigas dos seus próprios confrades da Ordem, Vieira veio a succumbir, depois de lenta agonia, aos 90 anos, no dia 18 de Julho de 1697.

Considerando agora Vieira como escritor é nos seus numerosos sermões e nas suas interessantes cartas que se encontra a melhor lição, que se pode procurar em tam grande mestre. As obras de Vieira são mina inexaurível onde o filão do ouro se não quebra nem exgota. Abundam as pinturas vivas, as descrições coloridas e movimentadas. A propriedade dos termos, a riqueza e variedade dos epítetos sucedem-se umas ás outras, com profunda abundância. Como orador Vieira deixou-se inquinar pelo mau gosto da época: reconhecia elle esses defeitos, mas adoptou-os, donde se não pode propôr como modelo incondicional. Aparte esses defeitos Vieira é um grande, um extraordinário orador, apresentando modelos de verdadeira eloquência, não merecendo as censuras agrestes de Verney no *Novo Método de Estudar*, sendo com mais imparcialidade avaliado pelo P. Isla, o engraçado autor da *História de Frey Gerundio de Campazas*, em que censura o gosto dos prégadores do sé. XVII. Depois de o repreender dos defeitos em que caiu escreve: leiam com reflexão os assuntos capitais que trata dos sermões do Advento e de Quaresma... e digam-me se algum orador, dos antigos ou modernos, tratou nunca estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia ou com mais triunfante efficácia.» Como epistológrafo as suas *Cartas* nem sempre têm a naturalidade do estilo familiar,

¹ Vid. *Inéditos de Vieira* publicados no *Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 1.º ano, pág. 77 e seg.

gal seu filho D. Fernando de Mascarenhas acompanhado de António Vieira ¹. Tempo antes alguns filhos do Marquês de Montalvão passaram-se a Espanha chamando sobre si o ódio popular. Dêsse ódio iam sendo vítimas os embaixadores do Brasil ao desembarcarem em Peniche, onde o navio acossado pela tempestade fôra abordar em 28 de abril de 1641, tendo saído da Baía em 27 de fev. do mesmo ano. Salvou-os o Conde de Atouguia, governador da Praça. Dois dias depois Vieira partia para Lisboa, onde o rei não tardou em recebê-lo. E' de 1640 o sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, que Raynal declarava ser o discurso mais extraordinário pronunciado na tribuna sagrada. D. João IV precisava de alguém que reunisse á finura dum diplomata a energia intransigente dum patrióta para sustentar a causa portugueza junto dos gabinetes da Europa ². Vieira foi escolhido para essa delicada missão, sendo ao mesmo tempo nomeado prégador da côrte. De então por diante a sua personalidade desempenha um largo papel nos negócios políticos do país e pode dizer-se que é desde êsse tempo que começa a sua laboriosa vida de diplomata, á qual consagrou dez anos, e de missionário e escritor a que dedicou todas as suas forças até ao último alento. Foi um apóstolo incansável da liberdade dos povos do Brasil, á qual por mais duma vez pouco faltou para sacrificar a vida, como sucedeu com a lei de 1609 em favor dos indígnas, que nêle encontrou um fervoroso defensor, e nos colonos e funcionários a mais enérgica oposição. Com a morte de D. João IV fecha-se o período de grande influência exercida por Vieira. Logo nos primeiros anos do reinado de D. Afonso VI o grande orador foi exilado para o Porto e pouco depois para Coimbra. Foi em seguida acusado á inquisição. Este grande génio supersticiosamente acreditára nas profecias de Bandarra, sobre a vinda dum príncipe que inauguraria uma época de prosperidade e de ventura para a Igreja e para Portugal, e no *Clavis Prophetarum* pretendia fundar êsses sonhos em razões deduzidas da S. Escritura! O tribunal do *Santo Ofício de Coimbra* encerrou-o pois nas suas prisões e aí o reteve desde 2 de Outubro de 1665 até 24 de Dezembro de 1667 ³. Depois, pelos factos que todos conhecem, D. Afonso VI, subiu ao trono D. Pedro II e Vieira readquiriu o seu prestígio voltando a prégar na côrte na quaresma de 1669. Nêste mesmo ano partiu para Roma como promotor da causa da

¹ Na embaixada veio também o P.^o Simão de Vasconcelos [1598-1671], autor da *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, Lisboa, 1663; 2.^a ed., 1865.

² Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, VI.

³ Sobre o processo inquisitorial de Vieira—A. Baião, *Episódios dramáticos da Inq. Portug.*, cit., 205 e segs. fundado sobre o processo inéd. que se guarda no Arquivo da Torre do Tombo.

beatificação do P. Inácio de Azevedo que com trinta e nove companheiros havia sido martirizado pelos Calvinistas de Rochelle, em 15 de Julho de 1570. Durante os seis anos que viveu na capital do mundo católico, o ilustre orador obteve, sem dúvida, os seus maiores triunfos, sendo este o período mais brilhante da sua eloquência. Aí advogou junto do Papa Clemente x a causa dos Judeus de Portugal, *injusta, tirânica e barbaramente* perseguidos pela inquisição ¹.

Prégando por várias vezes na presença da rainha Cristina da Suécia, que então se achava em Roma, esta o nomeou seu confessor e prégador. Mas estas grandezas não deslumbavam o espírito de Vieira que em 27 de janeiro de 1681 embarcava para o Brasil. Tinha 71 anos. Entretanto, em Coimbra, ao ter-se notícia de que o tribunal da Inquisição ia novamente abrir-se, numa manifestação de entusiasmo, o retrato do velho batalhador era queimado publicamente no pátio da Universidade, isto ao mesmo tempo, que lhe prestava a homenagem do seu respeito e admiração a Universidade do México!

Ainda experimentado nos últimos anos pela falsa acusação de cooperação num assassinio e pelas intrigas dos seus próprios confrades da Ordem, Vieira veio a succumbir, depois de lenta agonia, aos 90 anos, no dia 18 de Julho de 1697.

Considerando agora Vieira como escritor é nos seus numerosos sermões e nas suas interessantes cartas que se encontra a melhor lição, que se pode procurar em tam grande mestre. As obras de Vieira são mina inexaurível onde o filão do ouro se não quebra nem exgota. Abundam as pinturas vivas, as descrições coloridas e movimentadas. A propriedade dos termos, a riqueza e variedade dos epítetos sucedem-se umas ás outras, com profunda abundância. Como orador Vieira deixou-se inquinar pelo mau gosto da época: reconhecia elle esses defeitos, mas adoptou-os, donde se não pode propôr como modelo incondicional. Aparte esses defeitos Vieira é um grande, um extraordinário orador, apresentando modelos de verdadeira eloquência, não merecendo as censuras agrestes de Verney no *Novo Método de Estudar*, sendo com mais imparcialidade avaliado pelo P. Isla, o engraçado autor da *História de Frey Gerundio de Campazas*, em que censura o gosto dos prégadores do séc. xvii. Depois de o repreender dos defeitos em que caíu escreve: leiam com reflexão os assuntos capitais que trata dos sermões do Advento e de Quaresma... e digam-me se algum orador, dos antigos ou modernos, tratou nunca estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia ou com mais triunfante efficácia.» Como epistológrafo as suas *Cartas* nem sempre têm a naturalidade do estilo familiar,

¹ Vid. *Inéditos de Vieira* publicados no *Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 1.º ano, pág. 77 e seg.

gal seu filho D. Fernando de Mascarenhas acompanhado de António Vieira ¹. Tempo antes alguns filhos do Marquês de Montalvão passaram-se a Espanha chamando sobre si o ódio popular. Dêse ódio iam sendo vítimas os embaixadores do Brasil ao desembarcarem em Peniche, onde o navio acossado pela tempestade fôra abordar em 28 de abril de 1641, tendo saído da B.ia em 27 de fev. do mesmo ano. Salvou-os o Conde de Atouguia, governador da Praça. Dois dias depois Vieira partia para Lisboa, onde o rei não tardou em recebê-lo. E' de 1640 o sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, que Raynal declarava ser o discurso mais extraordinário pronunciado na tribuna sagrada. D. João IV precisava de alguém que reunisse á finura dum diplomata a energia intransigente dum patrióta para sustentar a causa portugêsa junto dos gabinetes da Europa ². Vieira foi escolhido para essa delicada missão, sendo ao mesmo tempo nomeado prégador da côrte. De então por diante a sua personalidade desempenha um largo papel nos negócios políticos do país e pode dizer-se que é desde êsse tempo que começa a sua laboriosa vida de diplomata, á qual consagrou dez anos, e de missionário e escritor a que dedicou todas as suas forças até ao último alento. Foi um apóstolo incansável da liberdade dos povos do Brasil, á qual por mais duma vez pouco faltou para sacrificar a vida, como sucedeu com a lei de 1609 em favor dos indíg. nas, que nêle encontrou um fervoroso defensor, e nos colonos e funcionários a mais enérgica oposição. Com a morte de D. João IV fecha-se o período de grande influência exercida por Vieira. Logo nos primeiros anos do reinado de D. Afonso VI o grande orador foi exilado para o Porto e pouco depois para Coimbra. Foi em seguida acusado á inquisição. Este grande génio supersticiosamente acreditára nas profecias de Bandarra, sobre a vinda dum príncipe que inauguraria uma época de prosperidade e de ventura para a Igreja e para Portugal, e no *Clavis Prophetarum* pretendia fundar êsses sonhos em razões deduzidas da S. Escritura! O tribunal do *Santo Ofício de Coimbra* encerrou-o pois nas suas prisões e aí o reteve desde 2 de Outubro de 1665 até 24 de Dezembro de 1667 ³. D. posto, pelos factos que todos conhecem, D. Afonso VI, subiu ao trono D. Pedro II e Vieira readquiriu o seu prestígio voltando a prégar na côrte na quaresma de 1669. Nêste mesmo ano partiu para Roma como promotor da causa da

¹ Na embaixada veio também o P.^o Simão de Vasconcelos [1598-1671], autor da *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, Lisboa, 1663; 2.^a ed., 1865.

² Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, vi.

³ Sobre o processo inquisitorial de Vieira—A. Baião, *Episódios dramáticos da Inq. Portug.*, cit., 205 e segs. fundado sobre o processo inéd. que se guarda no Arquivo da Torre do Tombo.

beatificação do P. Inácio de Azevedo que com trinta e nove companheiros havia sido martirizado pelos Calvinistas de Rochelle, em 15 de Julho de 1570. Durante os seis anos que viveu na capital do mundo católico, o ilustre orador obteve, sem dúvida, os seus maiores triunfos, sendo este o período mais brilhante da sua eloquência. Aí advogou junto do Papa Clemente x a causa dos Judeus de Portugal, *injusta, tirânica e barbaramente* perseguidos pela inquisição ¹.

Prégando por várias vezes na presença da rainha Cristina da Suécia, que então se achava em Roma, esta o nomeou seu confessor e prégador. Mas estas grandezas não deslumbravam o espírito de Vieira que em 27 de janeiro de 1681 embarcava para o Brasil. Tinha 71 anos. Entretanto, em Coimbra, ao ter-se notícia de que o tribunal da Inquisição ia novamente abrir-se, numa manifestação de entusiasmo, o retrato do velho batalhador era queimado publicamente no pátio da Universidade, isto ao mesmo tempo, que lhe prestava a homenagem do seu respeito e admiração a Universidade do México!

Ainda experimentado nos últimos anos pela falsa acusação de cooperação num assassinio e pelas intrigas dos seus próprios confrades da Ordem, Vieira veio a succumbir, depois de lenta agonia, aos 90 anos, no dia 18 de Julho de 1697.

Considerando agora Vieira como escritor é nos seus numerosos sermões e nas suas interessantes cartas que se encontra a melhor lição, que se pode procurar em tam grande mestre. As obras de Vieira são mina inexaurível onde o filão do ouro se não quebra nem exgota. Abundam as pinturas vivas, as descrições coloridas e movimentadas. A propriedade dos termos, a riqueza e variedade dos epítetos sucedem-se umas ás outras, com profunda abundância. Como orador Vieira deixou-se inquinar pelo mau gosto da época: reconhecia elle esses defeitos, mas adoptou-os, donde se não pode propôr como modelo incondicional. Aparte esses defeitos Vieira é um grande, um extraordinário orador, apresentando modelos de verdadeira eloquência, não merecendo as censuras agrestes de Verney no *Novo Método de Estudar*, sendo com mais imparcialidade avaliado pelo P. Isla, o engraçado autor da *História de Frey Gerundio de Campazas*, em que censura o gosto dos prégadores do séc. XVII. Depois de o repreender dos defeitos em que caiu escreve: leiam com reflexão os assuntos capitais que trata dos sermões do Advento e de Quaresma... e digam-me se algum orador, dos antigos ou modernos, tratou nunca estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia ou com mais triunfante efficácia.» Como epistológrafo as suas *Cartas* nem sempre têm a naturalidade do estilo familiar,

¹ Vid. *Inéditos de Vieira* publicados no *Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 1.º ano, pág. 77 e seg.

simples e corrente. Mas em tudo o que elle escreveu há graça, há abundância. Subscrevemos inteiramente á opinião dum seu biógrafo: «nenhum povo possuiu jámais nas obras de um só homem tam rico e tam escolhido tesouro da lingua própria, como nós possuímos nas d'este notável jesuita». A collecção das obras de Vieira, communmente havida por completo comprehende 26 vol. encerrando pouco mais ou menos 200 *sermões*, mais de 500 *cartas*, grande número de *informações políticas*, curiosas noticias sobre a *inquisição*, estudos *políticos e literários*, etc. Está esta edição longe de ser completa. No *British Museum* de Londres, na *Bibl. Nac. de Paris*, há manuscritos inéditos como o *Clavis Prophetarum*, que muito importaria conhecer ¹.

A *Arte de furtar*, que appareceu attribuida a Vieira pela primeira vez em ed. que diz ser de 1652, mas que parece não ter sido conhecida em Portugal senão em 1744 certamente não saiu da sua penna, de mais teresa linguagem e mais acendrado labor ². Pensaram muitos que fôsse do juriconsulto Tomé P. nheiro da Veiga († 1656), o autor da *Fastigimia* ³, outros de João Pinto Ribeiro, outros ainda de Duarte Ribeiro Macedo, ou de Alexandre de Gusmão, mas o caso constitue ainda hoje um problema bibliográfico ⁴.

126. — MANOEL BERNARDES (1644-1710), natural de Lisboa, oratoriano, pela harmonia do seu estilo e pela suavidade da

¹ Para a bibliografia de Vieira consulte-se Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, viii, verb. *Vieira*. Lucio de Azevedo, o historador de Vieira, dá-nos já — *Hist. do Futuro*, inéd. Coimbra, 1918 e *Dezanove Cartas inéd.*, ibid., 1915.

² C. C. Branco, *Curso*, cit., ii, 120, e seg. Bela ed., Rio, 1907, ed. dirigida pelo Dr. João Ribeiro.

³ A *Fastigimia* fornece interessantes subsídios para a documentação de usos e costumes da vida portuguesa e espanhola de grande parte do séc. xvii, tempo dos Felizes. É o vol. iii da *Collecção de Mss. inéditos*, Porto, 1911, publicada a expensas da Camara Municipal daquela cidade. Veja-se o Prefacio de José de Sampaio (Bruno), em que se desfazem muitas asserções que a respeito do humorístico autor fôram inventadas.

⁴ Era impossivel traçar aqui a larga biografia do famoso jesuita. Para amplo conhecimento vêr principalmete: P.^o André de Barros, seu contemporâneo posto que o não tratasse, *Vida do P. Vieira*, Lisboa, 1746; Bispo de Vizeu Alex. Lobo, *Obras*, ii, 173-356; João Francisco Lisboa (Timon Maranhense) *Obras completas*, iv, Maranhão, 1865; E. Carrel, *Vieira, sa vie, et ses oeuvres*, Paris; a noticia biogr. que precede os *Trechos Selectos*, publicação comemorativa do bicentenário da sua morte, Lisboa, 1897; Luis Cabral, *Vieira, biogr. caractère, éloquence*, Paris, 1900; Id., *Vieira Prégador*, Porto, 1901, 2 vols., e J. Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão-Pará, suas missões e a colonização, bosquejo histórico*, etc., 1 vol., Lisboa, 1901; Id. *Hist., de A. V. com factos e docs. novos*, i, Lisboa, 1918.

As obras todas fôrão reimpr. em Lisboa, 1854-58, em 27 vols.: *Sermões*, 15 vols.; *Cartas*, 4; *Ob. inéd.*, 3; *Várias*, 2; *Arte de furtar*, 1; *Hist. do fat.* 1; *Vida...* por André de Barros 1.

dição é superior ainda a Vieira e nisto, crêmos, fica feito o seu maior elogio. Se quiséssemos comparar Vieira a Bossuet, diríamos que Bernardes irmana com Fénelon. Distanciáram-se na prélica, como na vida. Vieira foi um lutador; a sua vida prende-se por mais dum laço á história política de Portugal; Bernardes viveu o melhor e maior tempo da sua vida — 36 anos — entregue á meditação e á redacção dos seus livros na pobre cela da congregação do Oratório. Lendo-os com atenção, escreve Castilho, sente-se que Vieira, ainda falando do céu, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes ainda falando das creaturas, estava absôrto no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte, para o mundo; Bernardes para a cela, para si, para o seu coração. Vieira estudava galas e louçainhas de estilo. Bernardes era como estas formosas de seu natural, que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem, que brilham mais com uma flor apanhada ao acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Todos os livros de Bernardes sam uma mina f-racíssima para o estudioso. Há a certeza iniludível de que se encontrará minério abundante e precioso. Basta lêr a *Nova Floresta*. Não sei, escreveu José Agostinho, que haja melhor livro, nem escritôr mais eminentemente português. Ali está a língua portugêsa na sua pureza, na sua harmonia, na sua maj-stade, na sua opulência; e a ninguém devemos mais, quando se trata da língua portugêsa. A cada página se acham frases e palavras não vistas nem sabidas pelos nossos mais laboriosos dicionaristas ¹.

A colecção das obras de Bernardes ² comprehende dezanove volumes, entre os quais se contam os *Sermões e práticas*, os *Exercícios espirituais e meditações da via purgativa*, os *Ultimos fins do homem*, os *Tratados vários* em cujo 2.º tomo entra o *Pão partido em pequeninos*, alguns opúsculos e as suas melhores obras, aquelas que fazem dêle um mestre incontestado da formosa língua portugêsa, em que as belezas do estilo se casam com o mais puro aticismo, a — *Luz e Calor* ³ e a *Nova Floresta* ⁴. Bernardes durante

¹ No opúsculo *Os Frades*, pág. 71.

² Vid. a indicação bibl. completa em Inoz., *Dic. Bibl.* v e no xvi do Supl. Os melhores estudos sôbre Bernardes encontram-se na *Livr. Clássica*, de António e J. F. Castilho, Lisboa, 1845, 7 tomos, e na do Rio de Janeiro, impr. em Paris *Excerptos seguidos de uma notícia sôbre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de belezas e defeitos e estudos da lingua*. Rebelo da Silva, *Obras completas*, xxiv, 93-140 fez um estudo calcado sôbre o dos Castilhos.

³ *Luz...*, obra espiritual para os que tratam do exercicio das virtudes e caminho de perfeição, etc., Lisboa, 1616. A 4.ª e última ed. 1871.

⁴ *Nova Floresta, ou Sylva de vários apophtegmas e ditos sentenciosos, espirituales e moraes*, etc., 5 tomos, 1701-1728. A última ed. é de 1903-1911, Porto, com preâmbulo de Pereira de Sampaio (Bruno), em 5 vols. De conjunto saia em Lisboa, 1919, 2 vols. — *Antologia Portug.* — *Bernardes*, sob a direcção de Agostinho de Campos.

o largo período em que viveu na (sou de trabalhar até dois anos an vista e a razão. Castilho dizia que publicadas naquêles dois anos melho...

127. — Trabalhos filológicos do século XVII. Há numerosos trabalhos linguísticos neste período, todos porém, de valor secundário. O que predominava no uso era a língua espanhola; por ela pretenderam, pois, diferentes autores explicar as alterações que, obedecendo a uma lei fatal, se produziam no português. Tais foram ALVARO FERREIRA DE VERA que em 1631 publicou a sua *Ortografia ou modo para escrever certo na língua portuguesa*¹ e JOÃO FRANCO BARRETO com a sua *Ortografia da língua portuguesa* que saiu em 1671². BENTO PEREIRA publicou em 1634 a sua *Prosodia*, de que saíram diferentes edições e na qual aparecem numerosas frases e adágios portugueses com os seus correspondentes latinos e em 1645 o *Tesouro da língua portuguesa*. Dentre todos os autores, porém, deste século sobressai AMEL DE ROBOREDO, secretário do arcebispo de Évora D. Diogo de Sousa, que pode chamar-se para o seu tempo gramático distinguíssimo, como o atestam as suas obras *Verdadeira gramática latina* (1615); *Raizes da língua latina* (1621) em latim e em português; *Arte de línguas* (1623); *Método gramatical para todas as línguas* (1619). Roboredo já pressentiu a importância da gramática, comparada, quando pela criação de língua materna, ao menos nas *Côrtes e nas Universidades*, e pela mudança de método no ensino da língua latina, de tanta necessidade para o conhecimento da língua materna; mas as reflexões do gramático português, diz um crítico, foram tão aturdidas como os vaticínios de Cassandra³.

128. — Jornalismo. Aparece neste século o primeiro jornal português, facto que não podemos deixar de registar, dado o desenvolvimento extraordinário que posteriormente deveria tomar o que agora nos não aparece senão como um pequeno e insignificante esboço.

Em 1625 publicava Manoel Severim de Faria em Lisboa a *Relação universal do que succedeu em Portugal e mais províncias do Ocidente e Oriente, de Março 625 até todo o Setêmbro de 626*,

¹ Lisboa, 1631, quâse sempre se encontra encadernado com o trabalho do mesmo autor *Origem da nobreza*... Lisboa, 1631; outra ed., 1791.

² Barreto traduziu a *Eneida*, Lisboa, 1664-70, 2 vols. E ainda 1763 e 1808. Terdo isto como secretário da embaixada a França mandada por D. João IV escreveu a *Relação da viagem que a França fizeram Francisco de Mello... e o Dr. António Coelho de Carvalho... a Luis XIII*... Lisboa, 1642. Tem ainda alguns opúsculos.

³ J. V. Gomes de Moura, *Notícia sucinta dos monumentos da língua latina*, etc., Coimbra, 1823, pág. 364.

e em Braga outra até Agosto de 1627. Várias publicações com título igual ou equivalente, como *papeis volantes*, *notícias avulsas*, etc., fôram certamente os precursores da *Gazeta*, em que se relatam as *novas todas que ouve nesta côrte e que vieram de várias partes*, cujo 1.º número appareceu em Novembro de 1641, com seis páginas em quarto e mensal. Em Janeiro de 1663 appareceu o *Mercúrio Português*, que durou até 1667 e que era redigido pelo secretário de Estado António de Sousa Macedo. O *Mercúrio* teve grande voga embora o P. António Vieira o apodasse de pouco verídico (*Cartas*, II, c. 4), de impolítico (*Ibid.*, c. 28 e 55) e até de mal escrito (*Ibid.*, I, c. 69). No reinado de D. João V reapareceram as *Gazetas* de Lisboa redigidas por José Freire de Monterroyo Mascarenhas desde 1715 a 1760. Mas para se avaliar o que eram tais jornaes basta dizer-se que a espantosa catástrofe do terramoto de Lisboa em 1755 é contada em seis linhas apenas, assim: «Lisboa, 6 de Novembro de 1755. O dia primeiro do corrente ficará memorável a todos os séculos, pelos terramotos e incendios que arruinaram uma grande parte desta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares». E a 13 do mesmo mês outras oito linhas, e nada mais!

Só com as ideias liberaes, depois de 1820, é que o jornalismo se propaga e engrandece, abusando por vezes da sua imensa força ¹.

129.—Epistológrafos. Cartas da Religiosa Portuguesa. Temos a registar no género epistolar vários documentos de valor literário. António Vieira é, em epistolografia, geralmente mestre e exemplar correcto e clássico. D. Francisco Manoel de Mello deixou esparsas nas suas *Cartas Familiares* muita daquela compungida tristeza que lhe amargurou a existência, aqui e àlém indicações literárias, políticas e sociais de valor a aproveitar para quem empreender o estudo da época e do século em que ele viveu; FR. ANTONIO DAS CHAGAS nos dois tomos das *Cartas Espirituais* ², já citadas soube arrancar-se ao lodçal gongorista em que se afundaram as suas composições poéticas.

Mas não sam as Cartas de nenhum destes escritores políticos, literárias, místicas, ou simplesmente de assuntos occasionais — as que detêm a atenção do crítico e do investigador. No percurso dêste pe-

¹ Silva Tulio, *Brinde aos... Assinantes do Diário de Noticias*, 1866, I a XXII; A. X. da Silva Pereira, *Resenha chronol. de todos os periódicos portug. impr. e public. no reino e estrang. desde o meado do séc. XVII até á morte de D. Luís*, 1895; Alberto Bessa, *O Jornalismo, esboço hist. da sua origem e desenvolvimento...*, Lisboa, 1904; Alredo da Cunha, *Diário de Noticias, a sua fundação, e os seus fundadores. Alguns factos para a hist. do jornalismo português*, Lisboa, 1914.

² 1.ª p. 1684, 2.ª 1687. Outras ed.: 1736 e 1761. Vid. outras obras em *Inoc.*, *Dic. Bibl.*, I, e Matos, *Manual*, 155.

ríodo da nossa história literária aparecem cinco Cartas, que imortalizaram o nome da autora e em volta dos quais se tem travado farta e acalorada discussão. Essas *Cartas* seriam de MARIANA ALCOFORADO, natural de Beja, onde nasceu a 22 de abril de '1640 e onde muita moça professára no Convento da Conceição, e teriam sido dirigidas a um Oficial francês por quem ela concebêra uma ardente paixão, o Conde de Chamilly, que em Portugal serviu ás ordens de Shomberg, com o título de Conde de Saint-Léger, quando êste veio auxiliar Portugal nas lutas contra Espanha. Nunca ninguém viu o original dessas Cartas, não se sabe mesmo se elas fôram primeiramente escritas em português, se em francês, e ao passo que uns vêem nelas um monumento de sentimento e de candura, uma obra de arte bela pela intensa verdade que delas ressalta, outros consideram-nas escritas por um homem (J. Rousseau), portanto, produto dum artifício literário, de origem francesa, como a índole e a contestura da frase o revelam (C. Castelo Branco). O facto é que o texto que primeiro deu a conhecer estas Cartas é *francês*, em edição de 1669, de Paris, que o editor apresentava como tradução do português, de que «com muito cuidado e trabalho conseguira obter cópia correcta». Não era senão uma ficção, completada logo a seguir por outra, a da publicação das *Respostas*, que também n teriam sido escritas em português, e se traduziam como as primeiras. E' ainda dêsse mesmo ano de 69 o acrescentamento ás cinco primitivas de mais sete Cartas, constituindo uma *Segunda Parte*, embora se não quisessem fazer passar como do punho da Freira portuguesa. Na convicção de que existira um original português fez-se a tentativa de surpreender a alma que escrevera as primeiras Cartas, e tanto quanto possível de as localizar na sua época e no seu meio¹. Filinto Elísio, que, aliás, aceitou como autênticas todas as doze², o Morgado de Matheus³, Lopes de Mendonça⁴, Domingos Ennes⁵ e Luciano Cordeiro⁶ entregaram-se a êsse fadigoso e inútil trabalho — esforçando-se em ressuscitar um texto, que nunca, seguramente, existiu. Como escreveria Mariana cartas a um francês numa língua que êle seguramente ignorava? Escreveu-as em francês⁷? Mas que e quem nos atesta que ela conhecia essa língua? E se a conhecia e em francês as escreveu que nos importam essas *Cartas*?

¹ A bibliogr. dos Cartas é muito extensa. Ver Luciano Cordeiro na sua obra e José dos Santos, *Bibliogr. da Lit. Clássica...* 1917, 137 e segs.

² *Obras Completas*, x, 480-494.

³ Ed. de Paris, 1824.

⁴ *Semana*, 1852, II.

⁵ Ed. de Lisboa, 1872.

⁶ *Soror Mariana*, Lisboa, 1888, 255-302.

⁷ Sr. Conde de Sabagosa; *Gente d'Ago*, Lisboa, 1915, fl. 255.

ANTOLOGIA

SÉCULO XVII

POESIA

I

Cantiga

Descalça vai para a fonte,
Leonor pella verdura.
Vai fermosa e não segura.

A talha leua pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão,
Beatilha soqueixada,
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vai fermosa e não segura.

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficão de inueja sem côr,
E de vergonha com graça,
Qualquer pegada que faça,
Faz florescer a verdura,
Vai fermosa e não segura.

Leua na mão a rodilha,
Feita da sua toalha,
Com hũa sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha,
Mostra os pés por marauilha,
Que a neue deixão escura,
Vai fermosa e não segura.

Não na ver o sol lhe val,
Por não ter nouo inimigo,
Mas ella corre perigo,
Se na fonte se ve tal,
Descuidada deste mal,
Se vae ver na fonte pura,
Vai fermosa e não segura.

F. Rodrigues Lobo, *As Eglogas*, ed. 1605, egloga, x, fl. 110.

II

Cantiga

Antes que o sol se leuante
Vai Vilante a ver o gado,
Mas não ve sol leuantado,
Quem ve primeiro a Vilante.

He tanta a graça que tem,
Com hũa touca mal enuolta,
Manga de camisa solta,
Faixa pregada ao desdem,

Que se o sol a vir diante,
Quando vai mungir o gado,
Ficara como enleado,
Ante os olhos de Vilante.

Descalça as vezes se atreue,
 Hir em mangas de camisa,
 Se entre as heruas neue pisa,
 Não se julga qual he neue,
 Duuida o que está diante,
 Quando a ve mungir o gado,
 Se he tudo leite amassado,
 Se tudo as mãos de Vilante.

F. Rodrigues Lobo, *ibid.*, fl. 113 v.

Se acaso o braço leuanta,
 Porque a beatilha encolhe.
 De qualquer pastor que a olhe,
 Leua a alma na garganta,
 E ainda que o sol se aleuante,
 A dar graça e luz ao prado,
 Ja Vilante lha tem dado,
 Que o sol tomou de Vilante.

III

A F. que morreo do ar

Com ar madrugada a flor mais engraçada,
 Pavão de Abril pomposo, e matizado;
 Mas para o seu alinhio ser prostrado,
 Basta-lhe o mesmo ar da madrugada.

Nasce ayrosa a vergontea delicada,
 Pluma do bosque, pavelhão do prado,
 Mas de hum zefiro o sopro arrebatado,
 Entre as plantas a deixa sepultada.

Assim foy, Fabio, Felis soberana,
 Delicada vergontea, e flor luzida,
 Hum ar a corta, se outro ar a abala:

Fragil morreo, se madrugava ufana,
 Porque em fim toda a pópa d'esta vida
 Apenas brilha, quando em ar acaba.

Anónimo, *Ecos que o clarim da fama dá...*, I, 269.

IV

A hum desengano

Será brando o rigor, firme a mudança,
 Humilde a presumpção, varia a firmeza,
 Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
 Triste o prazer, discreta a confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,
 Será rude o saber, sábia a rudeza,
 Lhana a ficção, sofisticada a lhaneza,
 Aspero o amor, benigna a esquivança.

Será merecimento a indignidade,
 Deteito a perfeição, culpa a defesa,
 Intrepido o temor, dura a piedade,

Delicto a obrigação, favor a offensa,
 Verdadeira a traição, falsa a verdade,
 Antes que vosso amor meu peito vença.

Anónimo, *ibid.*, II, 335.

V

SCENA 7.^a

(Vai Affonso Mendes á porta e traz consigo um Estudantão muito gujo e muito mal vestido. Entra muito devagar fazendo cortesias)

POET. O claro humor de Pyrene
em dipluvios fragrantés candidize,
borde, esmalte, retoque, aromatize,

GIL. Aio! este homem vem perene!

POET. A graça, a gentileza, a fidalguia,
o grão valor, o literário estudo,
de vossa Senhoria!...

GIL. Vedes, Aio?... todavia
bem disse eu que era sesudo!...

POET. Ante vossa presença jaz estatico
hum culto Professor do estudo critico,
que outros querem chamar humor frenetico

GIL. Aio! ouvis que vem asmatico?!...
Chamai logo o meu fisico,
que este me ha-de deixar etico!...

AF. Meu senhor! nunca se espante,
que estes tais palrão assim!

GIL. Mestre!... não falleis latim,
que eu nunca fui estudante.

POET. Fallarei, como mandais,
bom portuguez velho e relho.

GIL. Crêde que he melhor conselho.

POET. Venho a ver do que gostais.

GIL. Sois Poéta?

POET. E o declaro.

GIL. Fazels motes?

POET. E os remendo.

GIL. Remendão sois? ou entendo
eu mal, ou não falais claro.

POET. A's vezes sou de obia prima,
calçado velho outra vez.
Chega hum Fidalgo cortês...
— destes nem prosa, nem rima, —
que tem seus geitos no Paço...
Vem de noite, sem ser visto,
mostra hum hábito-de-Christo,
pede-me hum mote, e lho faço.
Outro, que engasgado vem
com dous versos sem feição,
pede — não mais de um tacho!...
Paga... e lanço-lho também!...
Quantos namoraõ na rua
que em mi cada qual se fia!...

GIL. Ah! por isso eu sempre ouvia:
«elles bebem e homem sua».

Ora de hum enguirimanso
chamado, como por momo,
«Cabeça de motes», como
vos vai, senhor Mestre?

POET. Manso!...

Querei-lo saber de mim?
Dir-vo-lo-hei...

GIL. Dizei ora!...

POET. Como ora digamos?

GIL. «Nora,
que anda á roda e não tem fim».
Como se fazem?

POET. Começa

perguntando o que mais ousa...
GIL. Callai, senhor, que em tal cousa
nunca achei pés nem cabeça.
Fazeis Sonetos?

POET. Geitosos.

GIL. Romances?

POET. Podem-se lêr.

GIL. Declimas?

POET. Quantas quiser.

GIL. Tercetos?

POET. São vagarosos!

AF. Dai vós ó demo o famaco!...
Como elle os homens estreita!

GIL. Pois fazei-los por receita,
ou assim trovas em saco?

POET. Os ver os têm seu quilate
e medidas já sabidas.

GIL. Oh! se os fazeis por medidas
sereis poeta alfalate!
Mas ora sus!, escutai,
bem que não tive lição,
hum trova com feição.

POET. Podeis dizer.

GIL. Ei! lá vai!...

«Vós estais no vosso estrado,
«jazendo como um Prelado,
«e eu, triste, na chuminé
«como um negro bujamé!»

POET. Não a fez tal frei Sicrocio!...

GIL. Poi he toda em consoante!

POET. Ora vamos adeante!...

GIL. Ouvi-lhe agora o negocio:

«Sendo todos de hum terrão,
«minha mana Grimanesa,
«não sei eu por que razão
«quereis sempre ser Princesa,
«e eu seja madraceirão.
«Todo o mundo por vós chama...
«que ha chamar de muitos modos,
«a mim apupão-me todos,
«do Mocambo intés Alfama!...»

POET. Ha mais?

GIL. Não!

POET. Estão bem feitos,
mas falta para dez hum.

GIL. Mestre! não falta nenhum.
São eles todos perfeitos?

POET. Todos, mas hum falta!

GIL. Eu sei
que não falta. Homem, não vês,
que de cada cousa dez
levão huma para el-Rei?
Pois eu não sou dos de Malta
pago como paga o prove,
de sorte que, se tem nove
nenhum para dez lhe falta.

(Chega Affonso Mendez á porta e torna logo).

AF. Dou tais mestres ao pecado!
Ora eis chega Dom Beltrão!

GIL. Vem por mim. Traz coche?

AF. Não.

GIL. Em que vem?

AF. No seu calçado.

GIL. Ora embora!... Como he perto
ir-nos-hemos passeando.

POET. Eu tambem me vou andando.

GIL. Ficamos neste concerto:
mandar-vos-hei o morzelo,
vireis cá todos os dias.

POET. Em dobro as senhorias
...e vou-me muito singelo.

(Vai-se o Poeta).

GIL. Dom Beltrão não quer subir?

AF. Diz que antes quer passear;
Agora o leva a cortar!

GIL. Ora sus! vou-me vestir.
Aio! dizei-me: he estreita
essa Rua?

AF. Senhor não.

GIL. E agora este Dom Beltrão
he homem de mão direita?

AF. Nada aos amigos negai,
que essa regra he cousa crua.

GIL. Não que hum fidalgo na rua
ha de saber como vai.

(Entrão-se ambos, toção-se as violas e se acaba a Primeira Jornada).

VI

Apologo da Morte

SONETO 81

Vi eu um dia a Morte andar folgando
Por um campo de vivos que a não viam
Os velhos sem saber o que faziam
A cada passo nela iam topando

Na mocidade os moços confiando
; Ignorantes da Morte a não temiam
Todos cegos, nenhuns se lhe desviam
Ela a todos co dedo os vai contando

Então quiz disparar e os olhos cerra
Tirou e errou Eu vendo seus empregos
Tam sem ordem, bradel: Tem-te, homicida!

Voitou-se e respondeu: tal vai de guerra,
Se vós t. d. s andais comigo cegos,
Que esperais que convosco ande advertida?

(*Obras Métricas*, II, pág. 41).

VII

Fabulas

I

«Ouvi que o Odio e o Amor
Jogaram a matar um dia
A quem matava melhor
Um se armou todo de dor
Outro todo de alegria.

Ja o Odio o arco atezado
Sempre envolto em furia brava
Fero, medonho, indinado;
Ja o Amor mui repousado
Salvando a quantos topava.

As gentes que o Odio viam
De tal gesto anteparavam
E as mais sem parar fugiam
As setas se lhe perdiam
Como do arco lhe voavam.

Mas indo delas fugindo
Os tristes homens com medo
Eis o Amor que era já vindo
Vai matando e vai ferindo
Muito falso e muito quedo.

Depois ao fazer da conta
Com ser o destro o Odio e membrudo
Não fez nada ou tanto monta
E o Amor só sem perder ponta
Tinha morto quase tudo.

Donde decerto se sobe
Que por mais que o Amor estude
Inda o Odio é menos grave
Somos tais que em nós não cabe
Excesso, nem de virtude.

Daqui os Persas principais
Jámais enquanto pequenos
Eram vistos de seus pais
E então lhes queriam mais
Quando lho mostravam menos.

Amor, caridade enfim
Ordem pede e discrição,
Para que tenha bom fim,
Nem lhe embarga o ser assim
A paterna obrigação.

(*Obras Metricas*, II, p. 77).

II

Vistes já Faetão pintado
Quando Piroos e Etão
Calram sob lo Pado
Das Irmãs antes chorado
Depois alamos em vão?

Dizei-me ora se haveis lido
Qual foi esse que o enganou
Senão seu próprio sentido?
Foi alto, foi atrevido
Ele próprio se abraçou.

(*Ibid.*, p. 80).

III

Quando tudo era falante
Diz que a raposa caio
Num poço de agoa abundante
Chegou um lobo arrogante
Que passa acaso e a vio;

De hũa polé pendurava
(Porque o poço era profundo)
Hũa corda á qual atava
Dous baldes; um no alto estava,
Noutro a raposa no fundo.

Pois a bicha que era arteira
 Chama o lobo e diz:— Senhor,
 Já que eu não fui a primeira,
 Socorrei vossa parceira,
 Que eu sei que tendes valor.

Ora assim, sem mais porfia
 O lobo que é fanfarião
 Já no balde se metia;
 Ele cai, ela subia
 Por hũa mesma invenção.

Toparam-se ao perpassar
 E o lobo melo caíndo
 Nem lhe anzava de falar
 Ela a rir e árrebentar
 De se ver também subindo.

Em fim ao medo venceu;
 Fala o lobo e diz: « Comadre
 Isto vos mereço eu? »
 Ela a zombar do sandeu
 Nem lhe quis chamar Compadre.

Mas diz-lhe — « Dom vagabundo
 Teus queixumes não me empecem,
 Acaba já de ir-te ao fundo
 Isto sam cousas do mundo
 Quando hũ sobe, os outros decem.

(*Ibid.*, p. 94).

IV

Nunca vistes no terreiro
 Touro bravo da Chamusca
 O que passa co toureiro?
 Que esse a quem primeiro busca
 Esse é quem mata primeiro.

Porém se acaso o vilão
 Por levar inteira a péle
 Se delta morto no chão,
 Que passa o touro por ele,
 Sem lhe tocar pé nem mão?

Mas comtudo se depois se ergue
 Se ergue, por provar ventura,
 Cos cornos ambos de dois
 A vida e o fato lhe fura,
 Sem dar por vacas, nem bois.

Pois assim com tal cegueira
 Se fa comigo o mundo esquivo
 Derrubou-me a vez primeira
 Passou; bulo e porque vivo
 Torna a mim doutra maneira

D. Francisco M. de Melo (*Ibid.*, p. 103).

VIII

Romance

A Democrita do Ceo
Ou a Heraclita do Polo,
Que se desfaz toda em riso
Que se desfaz toda em choro;

Filosofo no desprezo
De perolas hum thesouro
Derramava sobre a terra,
Bem que as trazia nos olhos.

Quando acordey, doce amigo,
Ao som de meus proprios roncros:
Era o tal sono cobarde,
Ronquellhe, e fugio o sono.

Vestime, e o rosto lavey,
Porque se não lavo o rosto,
Por meyo de deslavado
Se mete a ser vergonhoso.

Almocey hum frangalinho,
De peras cubertas oito;
Seis fôraõ, mas conto mais,
Porque me vem mais a conto.

Os consoantes pediraõ
As duas, que de mais ponho,
Que por amigos de doce
Querem campar de bom gosto.

Inda que as tiro da boca,
O que me pedem, lhe outorgo,
Que como são taõ meus amos,
Com elles peras não jogo.

Montay, meu Sousa, no macho,
Bem que nelle nada monto,
Pois da minha authricidade
He inimigo nos ossos.

Por esses trigos me vou,
Porém no campo espaçoso,
Bem que me vou por esses trigos,
Do caminho não me longo.

Na Golegão descavalgo,
Ou desmacho, que he mais proprio,
E se desasnára fora
Muy mais elegante modo.

Estalajem á mão direita,
N'um aposento taõ roto,
Que por seus velhos remendos
Se viaõ seus entreforros.

A miseria lhe notey,
Mas a soberba mais noto,
Porque tendo poucas partes,
Acho não tem fumos poucos.

Poeta me pareceo,
Mas não Poeta ostentoso,
Porque com ter variâs rimas,
Mostra nada ter composto.

Hum instrumento de boca
Temperou nossa ama logo,
E eu vendo que ella tempéra,
Minha garganta disponho.

Mas nisto chegou nossa ama
Com um prato muy fermoso,
Porque tinha huns olhos verdes,
A pedir de boca os olhos.

Eraõ muy tenros, muy doces,
Mas sou eu de taõ máo gosto
Que com serem taes, os trouxe
Entre meus dentes hum pouco.

Depois dos olhos de cove
Huma forçurinha como,
E comi bem por miudo,
Bem que o digo muy por grosso.

Huma franga vem sem pena
No cadafalso goloso,
Por ser christã nova hum tanto,
Sabio condenada ao fogo.

Mais fino do que hum amante,
E mais que hum Cid forçoso
Mais puro do que huma Vestal
Mais rubicundo, que Apollo.

Era o vinho, que bebi,
Taõ deigado, taõ gostoso,
Que muitos furos abaixo
Lhe fica o Falerno tosco.

Era em fim tal, que melhor,
Que a Freira de melhor rosto,
Obrigaria aos amantes
Não se apartarem do torno.

Regaley-me como hum Padre,
E farteyme como hum tolo,
Ceveime como espinga da,
E fiz-me como hum pelouro.

Comi finalmente hum doce,
Mas por ser muy torpe poço
O desta Villa, não quis.
Que fosse aguado o meu gosto.

Pus-me logo a caminhar.
E já depois do Sol posto,
Qual engenhosa abelhinha,
N'huma cortiça me ponho

Referirvos eu a cea
Fora processo enfadoso,
Bem que por estar muy quente,
A despachey n'hum assopro.

Comer, e callar me agreda,
Darey pois na boca hum ponto,
Porque de mim se não diga
Que bom como, e que mal coso.

IX

Um episódio dos «Virgídeos»

...deixando os solidos respirantes,
 Se leuantaõ em pé de Crauos & Rosas,
 Para hir render as purpuras fragrantas
 A a Flor de Ierichó, Flor das fermosas:
 Logo os Crauos tomando, como amantes,
 As Rosas pella mão, gentis esposas,
 Vão pisando dos Prados os verdores,
 Quaes Reys, acompanhados das mais flores.

.....

Acháraõ emballando ao sacro Arminho
 Tres Donze-las, que tem gentil presença,
 E a mais velha, que veste honesto alinhó,
 Era gentil, mas cega de nascença;
 Para ser mais fermosa, foi caminho,
 Ter nos olhos das mais a differença,
 Que as mais, se em olhos ter, tem mais belleza,
 Ella, em não tellos, tem mais gentileza.

A do meio de verde está vestida,
 Com que mais de fermosa se quillata,
 E assistindo entre as flores, a pulida
 Gala, hum campo florido se retrata:
 A mais noua das galas guarnecida,
 Com que o Sol vai decendo á lenta prata,
 Trajada ricamente se offerece,
 Que de purpura fina se guarnece.

Despois d'húas, & outras conuersarem,
 Com grauidade, graça, & subtileza,
 E summissoens alegres tributarem
 A a Graça, a que o Sol rende a gentileza:
 A Minina do Ceu por arrularem,
 Que he Minina dos olhos da belleza,
 A mais noua das tres, que o berço emballa,
 Assim canta, & o mais coro em tanto calla:

Minina celestial, Aue diuina,
 Rosa de Ierichó, Pheniz sagrada,
 Que sendo alua, qual a Alua cristallina,
 Qual a Aurora, tambem sois encarnada:
 Se de saber, qual Rosa matutina,
 Do Materno botaõ, estais cançada,
 Durmi ao canto meu hum pouco agora,
 E occultai esses Astros, como Aurora.

Se Aue, & Mar sois, em nome, & em graça viana,
 Sem cuidado durmi, Minina bella,
 Que está o Mar leite, em quão o tomais d'Ana,
 Que em quanto vos creaes, não ha procella :
 He Anna Aue Alcyonèa soberana,
 Que a virtude, ao crear desta Aue, assella,
 Que em quanto a Aue do Ceo no ninho cria,
 Iaz o Mar, dorme o Vento, & o Ceo vigia.

Aqui tendes mil Damas circunstantes,
 Creadas, para ser vosas criadas,
 Que em galas, & belleza estão brilhantes,
 E em festiuos aplausos occupadas :
 Pois, cerraí essas luzes rutilantes,
 Fechai essas janellas engraçadas,
 E as Mininas gentis, que assistem nellas,
 As vidraças fechar vos deixem bellas.

Aqui tendes mil guardas peregrinas,
 (Para em quanto durmirdes vos guardarem)
 Durmi sacro Portento, & as luzes finas
 Ao Iosué do sono hum pouco párem :
 Nesses berços do Sol, essas Mininas,
 Em quanto vós durmis, & descançarem,
 Falta vos não faraõ, para guardaruos,
 Porque as Mininas mil vejo cercaruos.

Acabou de cantar a Dama graue,
 Cujá mágica voz, & doce accento
 Era encanto das vidas, por suaue.
 Extasis d'alma, & suspensão do vento :

.....

Barbuda e Vasconcelos, *Virginidos*, ed. 1667, 74-78.

X

Helena depois da destruição de Troia

Arde a Neptunia Troya já rendida
 Ao cavallo fatal e grega espada,
 Em cinza, em fumo, em sombra convert da,
 Que a glória humana é fumo, é sombra, é nada
 Já tratavam os Gregos da partida,
 Carregando o despôjo a grande armada :
 E entre tão rica e soberana preza
 Era a fermosa Helena a mor riqueza.

Já co'a causa e desculpa do troyano
 Excidio, que na cinza inda fumava,
 Soltando a redea ás naus, o soberano
 Agamenon as âncoras levava :
 Da negra antena despregando o panno,
 Que indo prenhe do vento que soprava,
 O porto deixa, o alto mar cortando ;
 Vão-se as prayas e os montes affastando.

O destrôço fatal de Troya viam
Das naus que o Hellesponto atravessavam
Os Gregos, quando a vista suspendiam
Nas terras que já apenas divisavam.
So nas partes mais altas pareciam
Uns vestigios das tôrres que ficavam,
Adonde a vista o mais que determina
E' medir a grandeza co'a ruina.

Amphiteatros, máchinas e muros
Pyramides, colossos levantados,
Obeliscos que mostram estar seguros
Contra a força dos tempos e dos fados,
Jazem sem fama em cinza vil, escuros,
Das idades por fabula prostrados;
Que o tempo os bronzes e as colunas parte,
E os podêres da morte iguala Marte.

De bandeiras e flamulas ornaram
A victoriosa armada que partia;
E as proas para Tenedo inclinaram,
Que um bosque sôbre as ondas parecia:
Que alli vão despedir-se concertaram,
Onde a âncora pesada o sal feria;
Sôbre ella, quando o fere, se dilata
O mar azul em círculos de prata.

Ambos de Atreu os filhos valerosos
(Antes que um va a Esparta, outro a Missena)
Queriam despedir-se, desejosos
Que alli possa alegrar-se a bella Helena:
Com elles sai do campo e os seus fermosos
Olhos, de que reparte glória e pena
Amor que assaltear delles aprende,
Pelo flórido campo e praya estende.

De ve-la o mesmo ceo se namorava,
E o ar no do seu rosto se acendia,
O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
Parece que a beijar-lhe os pés corr a.
Quem as divinas graças que mostrava,
Contar quiser mais facil lhe seria
Contar as flores do lascivo mayo,
E do sol os cabellos raio a raio.

Pela testa sem ordem desparzido
Sôlto o cabello voa livremente,
Onde se a aquieixar-se de opprimido
De uma cinta de pedras refulgente.
No hombro soa o arco do brunido
Marfil; no lado a aljava está pendente:
Com menos graça ao bosque entrar costuma
A bella deusa que nasceu da escuma.

XI

Glaura, procurando no campo de batalha o corpo de Batrão seu esposo

Entre os mortos, da morte o ceo queixosa
O cadaver amado infelizmente
Busca a que foi Batrão amada esposa!...
Mas entre a multidão da morta gente
E confusão da noite tenebrosa,
O cuidado amoroso vão ficára
Se a bella face Cynthia não mostrara.

Com ância que a dôr causa, levantando
As chorosas estrellas ás estrellas,
Rogos e vãos queixumes misturando,
Assi roga, e assi aos ceos manda querellas:
« Eternas luzes que passaes brilhando
Per celestes caminhos, margens bellas!
Males de amor e morte já sentistes...
Mostrae quem morto adoro aos olhos tristes!

Dae-me morto o que vivo me tirastes,
E piedosas de mim seréis chamadas!...
Bastem os males já que me causastes,
Tanto tempo em meu dano conjuradas!
Assi no claro assento que occupastes
Nunca sejaes de nuvens eclipsadas!
Deixae que chegue a dar-lhe sepultura,
E o golpe em mim execute a Parca dura!...

E tu que com tres rostos resplandeces
No ceo, na terra, e lá no escuro Averno!
Tu que as plantas animas e enriqueces
O mar profundo com vigor interno;
Os rayos com que as cousas favoreces,
Cõmunicando teu valor eterno,
Estende, e mostra-me entre tantos, onde
A escura sombra o morto bem me esconde!....

Acaso, qual se rogos a obrigaram,
A face Della descobriu serena...
Primeiro os altos montes se mostraram,
Logo a cidade envolta em sangue e pena
Entre os que valorosos acabaram,
Como daquelle imperio a sorte ordena,
Conhece Glaura o ja perdido esposo,
Exemplo de valor pouco ditoso!

No amado peito a setta vai cravada...
Desmaia o coração á dôr rendido:
Cae mais morta emfim-que desmaiada
Sobre o que tanto amou, morto marido.
-Quasi da alma fugaz desemparrada,
A falta lha deteve do sentido,
Tendo suspensa a dôr; e do accidente
Mortal torna, respira, attenta e sente.

.....

X.

O Oceano festejando

Sentiu la no profundo
 Onde com Thetys passa
 Oceano, este abalo des
 Da fabricada subita flo
 E com tal novidade pe
 Deixa de parte o regos
 E per Tritão os deuses
 As agoas para cima foi

.....

Em calma neste tempo
 E como rio manso pare
 O vento em seu descar
 Nenhuma tábua concav
 Oceano, que a frota di
 De Lusitanos ser recon
 E por se lhes mostrar l
 Co' ésta voz faz attenta

• Ó bellissimas nymphs
 Habitadores do cristal
 A ésta armada agora a
 Que em calma a tem o
 E' justo festejemos taes
 Que tanto teem meu n
 Por elles sou famoso e
 A grandeza celebra do

Cesse já do Erithreu a
 E seus tropheus magnil
 Nem do Pontico mar lo
 Que meu direito e pree
 Outras crescentes, out
 Esse Mediterraneo se p
 Igualar-se commigo; e
 O Mauritano, o Caspio

Nenhum cerulco reino
 De gente em paz e em
 Nenhum com tal correr
 Costa em vieges tam m
 Nenhum seus braços ta
 A cidade tam nobre e
 Que, se Ulysses lhe de
 E' ja glória de Ulysses

Isto dizendo, os braços vai lançando
Com seu compaço igual pela agua fria
E a nau real c'os hombros inclinando
Escumas levantava e dividia;
Logo vai cadaqual outra aferrando,
Poi não ficar detras sem companhia:
O curso era tam destro e diligente,
Que iam surdindo todos igualmente.

O navio do principe tirava
Com graça estranha a linda Galatea,
Que por descuido a vezes se mostrava
Mais alva que o cristal da propria vea;
Os olhos após si todos levava
E corações tras elles senhores;
Quantos a culpam de ligeira e leve,
Pois tal vista lhes faz assim mais breve!

Vasco Mousinho Q. e Castello Branco, *Affonso Africano*, ed. 1768, II, 33.

XIII

Ulisses dispõe-se a fundar Lisboa

Naõ se desculda o sabio peregrino
Nos jogos com q̃ o Rey o testejava
De obedecer ao Ceo, & a seu destino
Na fundação que o fado lhe ordenava.
Com peito alegre, & cõ sēbrante dino
De quem tam alto bem partic pava,
Junta no largo campo a forte gente,
Desta maneira diz, grave, & eloquēte:

Illustres companheiros, cuja sorte,
Culo valor o mesmo fado adora,
E lle, que pio nos livrou da morte,
A empreza maior comnosco adspira.
Quanto se oppoz a vosso peito forte
Fora trabalho vaõ se o referira,
Pois ò sofrestes, só lembravros quero
Para o que intento o mais que cõsidero.

Sabeis como as Sirêas, celebrando
Exequias a seu fim com nossa historia,
Hũa nova cidade eternizando,
Nos prometeraõ, nella a maior gloria;
Occultas professias declarando,
De polo a polo ficará notoria
(Deziam) quando a terra que tẽ nome
D'hũa de nós os largos mares dome.

Hãa destas irmãs Lúgia se chama.
 Lysia, diz outra voz, se vãa não erra ;
 Por Lusitania, ou Lysia o mudo aclama
 Esta a que o Ceo nos trouxe feliz terra,
 Aquil pois nos espera eterna fama.
 Aqui o fado nossa gloria encerra,
 E no principio já do bem que temos
 O vaticinio das Sirêas vemos.

Nã vos deve esquecer, que o claro auspicio
 Daquella aguia fermosa q̃ admiramos,
 Cidade illustre nos mostrou propicio,
 Se a famosos sinaes credito damos.
 A gram Minerva com piedoso officio,
 Em cujo nome o templo fabricamos,
 Me animou a fundar nobre cidade,
 Que o fado consagrava à eternidade.

Bem lembrados estais, que a penha dura
 Que procurou naufragio a nossa vida,
 Em cidade gloriosa alta ventura
 Nos descobrio do fado promettida.
 O mesmo (ò cõpanheiros) me assegura
 (Fosse verdade, ou já visãõ flingida
 Entre sonhos da força de um desejo)
 O que no seio vi do claro Tejo.

A. S. de Macedo, *Ulyssipo*, ed. 1640, c. XIII.

XIV

Serralvo

Sem cessar a mortifera batalha
 Se embravecia cada vez mais fera,
 Que de todos os lados se trabalha ;
 A gente que da vida desespera,
 Dos peitos, e paveses faz muralha
 Circular, e a pé quedo a morte espera,
 Só o barbaro Serralvo se desvia
 Do perigo, em que as outras nações via.

Era Serralvo moço gigantado,
 Pequenos olhos tinha, e rosto feio,
 Mui calejada mão e pé gretado,
 Largo de espadoas, e de peitos cheio,
 Cabello crespo, e nunca penteado,
 Barba inculta, vestido sem asseio,
 As mãos vilosas, largas as m̃nhecas,
 Grossas as pernas, e as queixadas secas.

Este, que em muitas guerras pouco obrára,
Cobarde entre a bagagem se escondia
Tão vilmente, que nem volvia a cara
Ainda tão cara a vida se vendia.
Viriato, que umas mangas retirara,
E sobre todos tinha grã vigia,
Vendo aquelle corpaço alarpadado,
Mais severo o reprehende que indignado.

Desculpa-se tremendo, que não tinha
Arma, e por tanto ali se recolhera.
Viriato lhe diz — toma esta minha
Arma, e com ella faze o que eu fizera;
Para sempre t'a dou, alto caminha,
Que traz ti vou, e adverte que te espera
Grande castigo, ou premio: disse e parte
O bisonho discípulo de Marte.

Entra na escola sem conhecer letra,
Mas tão bem a lição do mestre aprende
Que do primeiro golpe, que soletra
Da testa aos peitos um centurio fende;
Multiplicando os vai, ossos penetra,
Que arma nenhuma d'elle se deffende:
A mais dobre, e fortissima armadura
Rompe, qual branda cera, a maça dura.

Um dardo, que lhe fora arremeçado
O ferio levemente na cabeça,
Do que impaciente o barbaro, indignado,
Em meio dos contrarios se arremeça,
Despedaçando os vai a cada lado,
Que de matar, e de bramir não cessa,
Parecendo-lhe poucos, quantos via
Para esfriar a colera, em que ardia.

.....

Dez mil, ou mais romanos acabáram
Neste conflicto horrendo, e memorando,
E depois que os despojos saqueáram,
A Tribula se foram retirando;
Ali tudo igualmente sortearam,
Entre grande e pequeno, não levando
Viriato dos despojos conquistados,
Mais parte que qualquer de seus soldados.

Vantagens aos de mais merecimentos
Repartiu, para que outros murmurassem,
Que murmurações, jogo e juramentos
Não houve guerra na qual não se achassem.
Murmurando os de máos procedimentos
De que Serralvo aos mais avantajassem,
Um travesso, que bem o conhecia,
E que a seu lado estava, lhe dizia:

Pouco fizestes : quem de vós ta
 Sós cem Romanos pondes no
 Se me deram tal maça eu me
 Com eila a derrubar mais de
 Responde muito simples : se
 Tambem eu os matara, comp
 Mas eram já tão poucos os q
 Que só de quando em quand

Todos me pareciam pigméosito
 Cernindo ao largo, como cãe
 Pois fugiam de mim como m
 Do fumo, e me deixavam só
 Mas se eu torno a encontrar
 Esta fará... e aqui erguendo
 Cabeceando se foi mui desco
 De em vez de a mil, matar a

.....

Bras Garcia de Mascarenhas, *Virtato*

PROS.

XV

O ouro

Se as causas são pollos elle tos conhecia, ou maldade delleas, qual o foy de mayo meteo aos homens em mais perigosos trabalhos podião todos chamar peste do mando, e posto que os notaveis exemplos das destruições e ruinas que nelle lez, podião tomar mais tempo do q̃ agora tenho para tratar delle, quero começar primeiro do seu nascimento, para que mostrem os seus arriscados principios, os desastrosos successos para que a malicia humana o descubrio. E não despexar do o que diz Plinio tão doutamente, q̃ não contentes os horrores com o que a superficie da terra produzia para sua recreação, e adorno, a fermosura das arvores, a diuersidade dos fructos, a belleza e cheiro das flores, a verdura das heruas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes quiseão desentranhar do centro della os segredos que a benigna natureza nos escondia

Nace o ouro nas entranhas dos montes, e nas arterias occultas dos penedros; e sobindo como arvore da profunda raiz donde começa vay espalhando os ramos em desigual medida, convertendo o sol com seus poderes aquella materia disposta e propria, até que chega a ser puro, e se demonstra por dourados sinais na face da terra, que logo daquelle empreendimento se mostra triste, dando por indicio da riqueza que encerra; heruas descorada, delgada, sutil, e sequinhosa; areia e barro leue, seco, e sem procreo e ate as agoas que por entre as veas decem, saem cruas, e com sabor pizado. Espreitando estes sinais a industria humana, entra fazendo guerra ao profundo caminhando por debaixo dos montes sustentados em colunas da mesma terra deixando a vista do sol, e das

estrellas, pondo as vidas ao risco das roinosas machinas que mil vezes os oprimem, que tanto a nossa sede fez cruel a benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar perlas, e aijofar, que do seu seyo, o inimigo ouro, que ainda então o não he mais que nas esperanças. Depois de tirado com tam custosas diligencias, saído como parto de venenosa bibora, rompendo as maternas entranhas, com o logo se aparta, apura, e aperfeiçoa, ficando menos apto para o seruiço dos homens, na cultiuação dos campos, e aruoreos, e mais aparelhado para sua destruição, e roina; porque ou se laura para ostentações, e demasias da valdade, ou se bate, e cunha em moeda, cujo preço tiranisa os poderes, e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas, e fez em si estaque de todos os comercios do mundo, no qual antes que elle apparecesse, se trocava as cousas hũas por outras, com hũa composição, e trato mais conforme, e obrigado a necessidade, e commodos da vida, que aos roubos da cobiça, maldades da auaresa, e sobegidoens da valdade; e apoderou-se tanto de tudo o que na terra aua, que veyo a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural, em que viulam. Forão crescendo seus atreuimentos, e se antes de sair do centro da terra começou a matar homens, sainda della se levantou contra o ceo, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes: tirou logo a vara das mãos á justiça, e deitado em sua balança peruerteo o fiel de sua igualdade.

F. Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, ed. 1619; dial. sétimo, 63.

XVI

A graça da voz, e as propriedades della.
O espirito, e viuesas dos olhos para o fallar.
O ar das sobranceilhas.
Cõpostura do pescoço, cabeça, boca.

... O primeiro instrumento da pratica he a voz, e para essa ser engracada no fallar ha de ter estas propriedades. Ser clara, branda, chea, e compassada, porque a voz escura confunde as palauras, a aspera, e seca, tiralhe a suauidade, a muito delgada e feminina faz impropria a acção do que falla, a muito apressada empeça e reuolue as razões que per si podem ser muito boas; não trato nas que a natureza inhabilitou para esta perfeição, como ha a voz do gago, do cisioso, e do rustico grosseiro; mas na do cortesaõ tomara eu estes attributos, porque ha algũs que fallão com a voz tam metida por dentro, que deixão as palauras para sy, e os ouuintes as escuras, que lhes he necessario estar espreitando o que lhes querem dizer. E outros que pronuncião com tanta aspereza, que espinhão as orelhas dos que escutão; e outros que fallam tão apressadamente, que parece que leuão esporas na lingua...

Depois da voz, os olhos dão muito espirito ás razões, porque como elles são as janelas d'alma, por elles se communica vida ás palauras: e assim hão de ser claros, alegres, e mouluéis, porque os muyto instensos, e estendidos, estristecem: os muito apertados e franzidos, mouem a desprezo; os muito abertos, pasmados, e saídos para fora, fazem temor, e posto que os olhos por risinhos, nunca perdem graça, parece que nas praticas, graues, e de importancia, não hão-de ser muito chucalheiros...

Tambem a acção do fallar toma muito [das sobranceilhas] porque franzidas fazem carranca, e mostrão que falla dnm homem com manencoria: baixas, representão tristeza, ou vergonha: muito arqueadas, significão espanto: e levantadas, alegria; e não menos conuem a composição da barba, que fincada nos

peitos mostra desconfiança, ou perfia; e posta no ar, vangloria: e o pescoço, que nem se ha de ter tam leuantado que faça soberba nas palauras, nem tão baixo, que pareça que não pode com a cabeça, a qual não ha de estar tão firme que pareça que a espectarão nelle, nem se ha de quebrar para todas as partes como grimpa.

Da mesma maneira a boca ha de ser quieta quando falla, sem estar mordendo os belços, nem torcendo-se, nem inchando com as palauras, nem com o riso se ha de mostrar tão descuidada que as entorne pollos cantos, nem tão apertada, que offenda a boa pronunciação e graça dellas no que vay mais á lingua portuguesa q̃ a outras muitas...

F. Rodrigues Lobo, *ibid.*, dial. oitavo, 72.

XVII

Visita das Fontes

Fonte Velha — Os homens principaes por hum de dous caminhos se lançaõ a buscar fortuna, ou pela rua das armas, ou pela rua das letras; a rua das armas he muyto comprida, e tem muytas travessas; a das letras he mais curta, porém muyto mais larga, e mais direyta; pelas armas, he verdade, que se acha mayor fortuna, mas tarde: pelas letras, ainda que menor mais em breve, e muyto mais certa; os erros das armas saõ como os da Cirurgia, os das letras como os da Medecina; aquelles logo se notaõ nos accidêtes exteriores; os outros com a terra se cobrem, e se dissimulaõ; por onde succede, que se hum Capitaõ errou, o castigaõ de cõtado e tẽ o perigo no mesmo erro; mas se errou o Letrado naõ he a letra vista, e sobejamente mofoino será aquelle, q̃ com dous annos mais de paciencia, que o outro, lhe naõ atalhe diante, ou sayba, ou naõ sayba; porque seu competente saber, he saber fazer isto.

Apollo — A quantos delles conheço eu!

Fonte Velha — A esta causa, e como elles no alheio se examinaõ, basta que hum homem falle confiado, tenha as barbas rocegantes, como opa de Cortes; que dos oculos se naõ dispa já mais; que donde o naõ entenderem falle latim; dezenrole Digestos, Textos, glosas, e expozicoens; com seus numeros, e paragrafos, mas que nunca tal digaõ; porque ao correr da conversaçãõ, se naõ enxerga se vaõ, ou naõ em seus lugares, para o que tal fizer seja tido por Oraculo.

Soldado — Por isso disse o nosso rifaõ: por fóra pão, e viola, e por dentro paõ dolorento.

Fonte Nova — Grande conceyto fiz eu já deste modo de homens, mas confesso-vos, os naõ conhecia tanto, como depois, que a frequencia de meus trabalhos mos fez familiares.

Fonte Velha — Pois agora como entendeis delles?

Fonte Nova — Entendo que o naõ entendo.

Apollo — He cousa triste viver com todos, e julgar os que vos hã-de julgar; sendo certo, como antigo, aquelle costume, ou ditado, que a justiça todos a querem; em sua casa ninguem, e menos em si mesmo. Confesso os commodos desta profissaõ, mas naõ ignoro os incomodos, que quando outros naõ tivesse, se naõ aquelle máo costume de ler sempre por ruim letra, naõ era pensaõ facil: por outra parte tambem considero ser esta huma vida segura, onde a vida poucas vezes naufraga.

Fonte Velha — Se Apollo bem soubera a observaçaõ, que tenho feyto em prova deste discurso, que mais se affirmara nelle.

Fonte Nova — Communicai-no-lo.

Fonte Velha — Vós sabeis, que trazendo nosso novo Reynado mil novidades ao mundo, salpicaraõ os inconvenientes dellas, naõ sem perigo, a toda a sorte de homens da Republica. Pelo Estado Ecclesiastico Arcebispos, Bispos, Religiozõs, e Prelados; pela ordem da nobreza Duques, Marquezes, Condes, Ministros, Fidalgos, e Desembargadores: pelo estado comum tratantes, Mercadores Officiaes e plebeos; vimos logo, que para todos estes generos de gente se estendeo a vara do castigo, ou do ferro, ou cordel, ou da reclusaõ, ou do exilio, mas naõ vimos, que sendo a tormenta taõ levantada, que as ondas apagarão as Estrellas, molhasse alguma destas ondas a esfera dos Letrados, sendo que mostra a razaõ, naõ podiaõ ser todos os sospeytosos innocentes, como o naõ foraõ todos os mais criminnados de diversas proffissoens.

Apollo — Largo, mas verdadeyro discurso. Assim foy pontualmente.

Fonte Nova — Bem dissestes dos Jurisconsultos, sois bem informada de tudo, e dahi vem, que de tudo podeis informarme.

Fonte Velha — Naõ fla Coimbra, Salamanca, nem Pariz como os muytos annos, se os cultiva o juizo.

Fonte Nova — Pela conta tambem conhecereis aquelle Clerigo pompozo, que por acolá atravessa, taõ seguido, ou taõ perseguido?

Fonte Velha — Naõ vos digo quanto pudera, e tinha para vos contar, por naõ levar tudo ao cabo, que já neste mundo humta pessoa de alta discricão, desgabava uma prezumida de muyto discreta, com dizer, que Deos a livrasse da pratica de fulano, porq̃ era homem prezado de ter resposta para tudo.

Fonte Nova — Antes he indicio de grande engenho, e lanço de estremado Cortezaõ.

Fonte Velha — Eu vos direy; assim he isso, como sentis nos termos ordinarios, mas se lançarmos o contra ponto sobre este ponto, naõ hade ser a conversão dos entendidos, como aquelle Adagio, que dizem da panella, e da pedra. Dá a panella, na pedra, mal pela panella! Deos vos livre de homens rhetoricos, que sempre querem ser a pedra, e fazer de vós a panella; sempre vos querem quebrar o verbo na boca, e que a sua valha: eis aqui o que chamamos discricão impertinente, e se mais apertares indiscriçaõ.

Apollo — Fallou a proposito esta fontainha como se fora mulher de arte, ou homem de enche maõ a todos vo lo declaro, o que naõ for comedido, naõ pôde ser entendido: tal vez se realça mais a sabidoria, parecêdo ignorância; se hũ discreto falla com hũ Principe, com hum Senhor, e em fim com um mayor, que elle, ou seu igual (e melhor se mais pequeno), he modestia prudentissima naõ querer afogar logo as alheias razoens com outras melhores, posto que naõ falem; porém aqui naõ chega a mera politica sem a prudencia propria; sendo a razaõ, porque os homens mais faci mente se apartaõ, do que gozaõ, que do que concebem: com tudo naõ he deyxar de acertar, mostrar embora, que as cousas se naõ acertaõ.

Fonte Nova — De esses seria aquelle grande cortezaõ dos Portuguezes, que disse ao filho, vindo do Paço: filho vamo-nos de Portugal, porque ElRey já sabe, que sey eu mais que elle.

Apollo — Devagar o dizeis porque naõ só he ufanía, mas perigo, querer sempre ter a melhor opiniaõ.

Soldado — Folgo de ouvir o colloquio e a velha honrada naõ vay fóra de caminho, pelo que logo direy: eu tinha no meu tempo, quando era espadachim, hum rodella de cortiça muyto molle, e hum borquel de aço muyto duro e como a cortiça fosse muyto brãda, e se deixasse penetrar das cõtrarias espadas me defendia melhor, ficando sempre salvo; o que naõ fazia o demonio do barquel, que a cada briga me estalava, deyxandome convidado do resto da mão dobre.

Fonte Nova — Estranhissima volta foy esta: dos breviarios, e foinhas de hum Clerigo viemos às espadas, e borqueis deste rufiaõ. Bem disse aquelle, que chamou arvores às conversaçõens; pela copia, e variedade de ramos, e de esgalhos, que lançaõ a cada palavra.

Fonte Velha — Emenday os desconcertos fazendo conta, que ainda agora me perguntastes por aquelle escollar.

Fonte Nova — Sobre emendar depressa desmanchos vagarozos, havia assàs que dizer; mas he ir dar em outros.

Fonte Velha — Aquelle Clerigo, que passou, por quem perguntastes he homem de melhor sangue, que juizo; e como se o despozorio da Mitra foraõ bodas temporaes, pertende pelo seu sangue a melhor espoza das Igrejas do Reyno: alcatruzou o pobre (ante tempo) como se na capacidade dos hombros estivesse a capacidade! Barbou no berço como se ao modo das forças de Samsão consistisse no cabelo a virtude; ha por isso quem affirme tem tantos unguentos para cayar as barbas, como algum velho verde para envernizar as cayaduras do tempo. Reza dezentoadado, para ser ouvid; esquecemhe os cilicios, e disciplinas por cima dos bofetes na casa das vizitas; e se ElRey vay a alguma Igreja, esquece-se elle no altar duas horas: finalmente tendo a ambição, vaidade, e cobiça de portas a dentro do animo, não ha diligencia oculta, que por illicita engeyte, a troco de se ver colocado entre os Antistetes da nossa terra.

Fonte Nova — Olhay cá, ainda podêra ser peyor: eu creyo, que o mundo não está de todo depravado, em quanto vejo durar a hypocrisia; esse fingimento de virtude ainda nos dà algum sinal de que ella pôde valer alguma cousa. Guardenos Deos de homens (e mais deste estado!) soltos e despejados dos devidos respeytos!

D. Francisco Manoel de Mello, *Apologos...* ed. 1721, 156 a 164.

XVIII

Preparativos para o descobrimento da Ilha da Madeira

Vendo-se o nosso Rey Dom João Primeiro, de boa memoria, ja desocupado das guerras de Castela, não quis, como varão constantissimo, desperdiçar a serenidade de sua Republica em o repouso, com que licitamente pudera gozalla, depois do largo trabalho de sua recuperação e defensa. Armou nobre exercito; cõ o qual passando o mar, antes q̃ algum Principe de Espanha, conquistou aos Mouros, a illustre Cidade de Ceyta, e antigo povo de Africa, a quem deu memoravel nome a perda de Espanha, que por suas portas teve principio. Alcançou Dom João este triumpho pellos annos de 1415, ajudado não só dos Vassallos, como filhos, mas dos filhos, como Vassallos, servindo-lhe de Capitães de suas hostes o Principe e os Infantes; entre os quaes se sinalou, em valor, e disciplina, seu terceiro filho Dom Henrique, Mestre insigne de toda a arte militar, e de nossa milicia de Christo; por ser mais rico, e afeiçoado ventajosamente a emprezas difficultosas; cujos intentos, crescendo em a virtuosa emulação do que via conseguir a elRey seu pay, em si mesmo se estava cada hora ensayando para mayores efeitos.

Havia o Infante estudado, entre as materias Mathematicas, com mais afeição, a Cosmographia; e como em Africa praticasse acerca della cõ muytos Judeos, e Mouros, noticiosos das Provincias remotas, e das costas, e mares, que as cercão, instantemente se inflamava seu coração, em o desejo de desobrilas, e ganhallas; não para acrecentar os dominios temporaes, mas para dilatar a Fè Catholica, e reverencia do nome de Christo; de cujo divino oraculo, he fama, fol animado à tal empreza.

Resoluto, em fim, a fazer a Deos este serviço, e este beneficio ao mundo todo; para melhor executar seus propositos, recolhêdose da jornada de Ceyta, se ficou no Algarve; donde em a Angra de Sagres hũa legoa apartada do antigo Promontorio, que *Sacro* disserão os Romanos (e dahi *Sagro*, a *Sagres*, a quem

chamamos hoje *Cabo de S. Vicente*) fundou hũa villa em ordem à sua assistencia, e mayor comodo das navigacoens que intentava... que depois em mais Portuguez, e grato modo, foi dita: *Villa do Infante*.

Por este tempo, e desde este lugar, começou D. Henrique novas conquistas, e descobrimentos: revolvendo cada dia suas embarcaçoens os mares do Atlantico, e Occidental...

Entre as pessoas, que o Infante D. Henrique occupava nestes descobrimentos, foi principal (pello menos, não se sabe de outra mayor) hum nobre Cavalliro de sua casa, que disserão: *João Gonçalves Zarco*. Duvida-se, se por alcunha apelido, ou façanha. Fora criado no Paço e disciplina delRey D. João o Primeiro, e por elle dado em grande estimacão ao infante. Não havia ainda neste tempo os livros dos Filhaões, d'onde permanece escrita a Nobreza civil eja invêrso, ou forma, se a hou no Reynado de D. Afonso Quinto. Por esta razão, não por falta de callidade, que em João Gonçalves houvesse (pois segudo affirmão os que d'elle escrevem, era s b j) e adelantada à de seus cõpanheiros, como se lê em João de Barros) e se achava nelle menos, o titulo de Fidalgo, da casa do Infante; a quẽ servia nos postos de mayor confiança e auctoridade: qual o mando que lhe encarregou com suas armas, em que de força havia de concorrer a mão delRei; ejo Capitam' mór do mar, algũs dizem que era; e este o mayor titulo, que nossos Reys davão aos Cabos de seus exercitos, no mar, ou no campo. He tambem de advertir, que nas armas do Infante, se incluyão as da Religião de Christo; de cujas rendas Dom Henrique fornecia seus navios; o que sendo, como he, sem duvida resulta em mayor honra da pessoa de João Gonçalves, e preminencia do grande lugar, que logo em seus principios occupou neste Reyno; o qual se lhe conferio por sangue, e merecimentos; havendo sido um dos Capitões, que o Rei Dom João o Primeiro armou cavalleiros, o dia do assalto de Ceypa; e que depois em todas as emprezas de Africa, acõpinhou a Rei seu senhor, e o Infante seu filho, cõ tanta singularidade, que se diz d'elle: *Foi o primeiro Capitão, que introduzio em os navios o uso da artilharia*.

Nesta forma governando sua Armada, desorteo João Gonçalves, pello estrito de Gibraltar, a fim de passar-se á costa de Africa, nos principios do anno de 1420 havendo já em o anno antes passado de 1418, como acaso, descoberto a Ilha do Porto Santo; vindo a riba do por razão de grandes tormentas da viagem, que aquelle verão fizera, em demanda do Cabo Bojador. Não estavam ainda as contendas de Portugal e Castella, por este tempo tam acabadas, que entre os subditos, não houvesse algũs de siens de discordia dõnde procedia, que Portuguezes, e Castelhanos, se estravão prendendo, quando no mar se achavão sem outro pretexto, que jugasse o aggressor mais poderoso.

Fallecera em a Ilha, a 5 de Maio de 1416, o Mestre de Calatrava D. Sancho filho ultimo delRey D. Fernando de Aragão; o qual Mestre de xara em seu testamento hum filho legítimo por seu filho; para que de barrocos, fosse resgatados muytos cativos Castelhanos; e entre estes foi hum dos que receberão primeiro liberdade (pello resgate do Mestre de Calatrava) o Piloto João de Moraes, de quem nãvemos feito particular menção, e correrá igual por todo este tratado. Naviga a a par de os, da Africa a Trilha, em hũa costa, q cõluzia a Espanha, a nascer norte dos resgatados Castelhanos, quando sendo descoberta, da Armada de João Gonçalves, e osseguiha dos navios mais ligeros, voyo, sem algũa d'fensa, a seu poder; mas o Rei o atentando a miseria dos cativos, como um certo da clemencia do Infante Dom Henrique, lhe deu logo liberdade, reservando só para si a João de Moraes, que como pessoa mais pratica, e de longo tempo, quis apresentar ao Infante; entendendo poderia alcançar d'elle algũs das noticias, que buscava; do qual proposito, sendo certificado João de Moraes, não pouco refreou a nova presa q como homem astuto, se o ereceo voluntariamente para servir com hũa grande oferta, à curiosidade do Infante D. Henrique praticando desde logo a João Gonçalves, parte do segredo da nova terra, que esperava inculcarlhe, e corroborando as noticias, que

della tinha, com a historia do Ingrez Roberto, a havia entendido.

Mais rico d'esta esperanza, que de outro loão Gonçalves ao porto de Terça Nabal; dond' viagem e facil encontro, apresentou ao Infante quem deu conta de sua arte e segredos. O que examinado, ja não sabia a hora, em que havia e tanto a seu genio acomodada: porque sobre pes fazem ventagem aos mais homões, na sutile mostra mais expressamente, que no apetite, a entre seus, e nossos affectos.

. D. Francisco Manoel de Mello, *Epanapha*

XIX

Carta a hum amigo acompanhando um

Bem aulados e tauaõ os pequenos, se f' igual ao beneficio! Entaõ só foraõ agradecido, se fossem, e não fossem. Quis Deus que esta miseria nos escapasse, ou nós a ella: porque senaõ prezasse muito a Fortuna, de que, sobre nos deixar miseraveis, nos deixava tambem infames. De outra sorte a grandeza seria contrato; pois dar para receber mercãcia parece, e não generosidade. Mas que conta dera eu de my, se houvesse de pagar a V. M. quanto lhe deuo? Ou se para lhe pagar necessitasse de outro metal que a memoria das diuidas? Invençaõ foy do Amor, que ou desprezou, ou não alcançou outros tezouros, que acunhar animos, e bater vontades, com que satisfazer a todos seus acreedores. Já reparei em que, não sem misterio, chamamos: Cifra a qualquer figura, que encerra algum segredo, e Cifra, áquella figura de Arismetica, que não montando nada dá valor a todas. Digo eu que deue ser este, o geroglifico da gratidaõ; porque sendo em sy não mais de hum humilde afelto, realça todas as obras, a que se ajunta. Ora Senhor, á conta destes nadas, receba V. M. este nada que lhe offereço. Queixesse embora o Filosofo, de que a amizade faça do nada alguma cousa. No cabo de tanto deuer, começo a deuer mais, obrigando, a que accelte V. M. culpas por satisfações. Em fim são obras minhas, que só agora acertáraõ, em buscar a V. M. Mas este caminho dias ha que o sabem os meus errores. V. M. he taõ Portugues, e taõ bom Português, que não engeitará a conversação destes consoantes; os quaes, ainda que meus, postos com pouco artificio, e pesados em breue consideração, (não sey eu, se se parecem com aquelles a que imitaõ) mas lá se tem, sequer, hum gram desejo de se lhe parecerem. Rico he o mar das mais soberbas aguas, e até o nosso riozinho de Alcantara corre para elle. Outros seraõ Tejos, e Douro; este he pequeno regato, mas leua o que tem á presença de V. M. e quem dá quanto tem, dizem por cá que não he mais obrigado. Tambem as nossas velhas são Arlostos. Nosso Senhor &c. Torre em 28 de Outubro 1648.

Id., *Cartas Familiares*, ed. 1664, Primeira parte, 159.

XX

Carta a hum Ministro satisfazendo algumas faltas de correspondencia

Que correspondencia se pode esperar de hua alma despadaçada? En me chamara ditoso, se so o fosse da violencia a pessoa, com que ao espirito se perdoasse. Lá chegaõ as lanças da sem razão, lá fere a dor, lá mata a melancolia.

Ainda mal por que os meus desprimores tem tão grande desculpa! Ando fora de my ha muitos tempos; e agora ando sem my; porque não bastou que me destruíssem estes que me perseguem, sem que também me enganassem. Tenho observado vey o meu negocio acima tão perdido em fim, como meu. E suppos.o que da Altura muito pudera confiar, a minha fortuna me faz temer não menos. Grande escudo he por certo aquelle, de quem V. M. me aulsa houue por bem cubrir, e amparar com sua somora minhas desgraças. Já pellos D. N. haula sabido a singular merce que a Sennora N. fazia ao meu nome: bem mais devida he esta obra ao seu sãgue, que ao meu merecimento, de todo indigno de tal auxilio. Se esta Princesa quis mostrar seu poder, e bondade em me valer; não acertára com outro sogeito, em que tudo mais se luzisse; porque tão grande desgraça, de tamanho fauor necessitava. Mais não ha em my. Mas também fora ingratidão faltar eu com o material para esta obra. V. M. pode offerecer-me a seus pés deuotissimo, e perpetuamente obrigado, e necessitado da honra e merce que N. comigo exercita: nesta vitima a fiação mais necessaria, que em nenhuma das passadas. Estou certissimo que tanto neste rogo e offerta, como em tudo mais, que me tocar, não fa tará V. M. em me fazer merce, conforme tenho visto, e espero ver em quanta viua, e também merecer. A consulta parece não tardará muito em vir á secretaria. Queira Deus seja de tal sorte, que tenha V. M. o primeiro contentamento de bom successo: e guarde a V. M. muitos anos, como desejo. Torre em 1 de Setembro de 1594.

Id., *ibid*, 507.

XXI

De algũas memorias que ha até o fim do Imperio de Octaviano Augusto...

Com a paz uuiuersal que veo ao mundo. nacendo o Author della, a tiue-
rão todas as Prouincias do Imperio: e cõ ellas nosso Reyno de Lusytania, can-
sados já seus naturaes de tão continuas guerras, como trouxerão cos Romanos,
em deffensão de sua liberdade; vendo quãto menor inconueniẽte era gozar
lãa sogeyção liure pera todo o mais que não fosse Reynar, que sustentar liber-
dade sogeyta a tantos contrastes, como traz consigo a guerra. Pera demonstra-
ção deste repouso (poucas vezes visto dos Romanos) mandou Octauiano cerrar
a vltima vez as portas do Templo de Ianno, de tres que (como quer Paulo Oro-
sio) as cerrou durante o tempo de seu imperio, sendo antigo costume tellas
abertas em quãto auia novas Conquistas, ou Prouincias rebelladas, o qual teue
seu principio (conforme aponta Macrobio) na guerra dos Sabinos, viuendo ainda
Romulo: porque estando a porta do Tẽplo de Ianno junto a outra do Muro da
Cidade, q̃ ali os soldados Romanos deyxarão desẽparada, cõ medo dos inimigos,
e indo já os Sabinos pera entrar por ella, s̃yo de dentro do Templo hum golpe
de agoa tão copioso e quẽte, que bastou a impedir a entrada aos contrarios, e
segurar a ruyna e destruyção dos Romanos. e por reconhecimento deste benefi-
cio, em quanto auia guerras contra Roma estavam as portas deste templo aber-
tas: dando nisto a entender a confiança que tinham em quem tão bem os ajudara.
E deste tempo tão antigo, ate o de Octaviano, só as vião cerradas, reynando
Numa Pompilio, e acabada a primeira guerra de Carthago, cẽlo com ul Tito
Munio, mas o que os antigos alanciarão tẽr remane em tan o d seu uso de
annos, se vio tres vèzes, nos cẽno a e seis que derão o Imperio de Oct uiano
Augusto a primeira das quais foy acabada a guerra com Lepido, Cleop tra,
e Marco Antonio: A segunda, dada a bõta, e a vltima, desbaratados os
Alemaes e gentes do Ilirico. E de to em dize to tẽ o mundo em grande repouso,
nacido mais da presença do seu Criador que nelle viuia já humanado, que do

temor das armas, & potencia do imperio Romano : & Octauiano gozou o que me restaura da vida, cõ grande felicidade, & fora mayor, se lhe não faltara nos descendentes, porque de quatro mulheres com que foi casado, ouve só hũa filha chamada Iulia, menos continente do que sua nobreza requeria. & sendo já viuva de dous maridos, chamados Marcello e Agrippa, a casou vltima vez com Tiberio seu enteado, filho de sua mulher Lúlia Drusilla, & de Tiberio Nero, com quem fora casada, & a quem Octauiano a tomou pera se casar com ella. O dote que deu ao enteado, foy tornalo por filho adoptiuo, & habilitalo pera a successão do imperio. Do que neste tẽpo succedia em Portugal ha muy pouca noticia, porque como cessarão as guerras, & viuão todos sujeitos aos Legados & Pretores Romanos, não aua cousas dignas de ponderação, que os Authores deixassem em lembrança...

Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, parte II, fl. 1.

XXII

Gonçalo Hermiguez o Traga-Mouros

.....

Tratou Gonçalo Hermiguez com algũs caualeiros amigos seus de fazerem hũa entrada em terra de mouros, & correram a villa de Alcacere do Sal, que por estar muito adentro em terra de inimigos não temia ser cometida senão por exercito formado. Guardouse esta determinação em segredo, por não vir a noticia dos Mouros, ate a entrada do mes de Junho, em que se forão a Lisboa poucos & poucos por caminhos diversos, pera assim encubrirem mais o caso, & aos dezasseis do proprio mes, tomando algũas barcas se meterão a metade pello rio, & a outra se passou ao castelo de Almada, levando todos concertado de acometerem os Mouros na madrugada da S. João Baptista, uns por mar, outros por terra, de modo que se achassem todos juntos na empresa. Favoreceus a ventura por chegarem vespõra da S. João a noite, uns pello rio, & outros por terra à vista da villa onde os Mouros descuidados de si me diante rebato, andauão occupados nas festas & jogos, que costumão fazer em tal dia, & na madrugada do seguinte antes de tẽper a menham, tendo o campo (a seu parecer) seguro, & o rio desoccupado de velhas contrarias, abrindo as portas da villa se sahirão ao campo Mouros & Mouras, & outros meninos em botes se alargarão pello rio, cantando mil romances & trouas ao Mourisco, & faze do grandes algazarras, & as Mouras nobres espalhadas uns pelas ortas com capellas de flores nas cabeças, outras ao longo da praya com ramos verdes nas mãos, adpanadas de Mouros illustres, hũão gozando das musicas dos barcos, & da frescura da menham, agorçando que esclarecesse mais o dia para verem hũa gentil escaramuça de caualo, que se havia de fazer, & quando se dũão por mais seguros, & o contentamento andaua mais em seu ponto sayo Gonçalo Hermiguez da emboscada, & postos os seus em concerto mandou tocar as trombetas, & gritando por Santiago, derão nos Mouros desarmados & vestidos de festa, & os barcos do rio remando com toda furia pera os contrarios posirão tudo em grande confusão, & mauer Mouro que tivesse acordo pera reparar tão supita desgraça, & se o gosio de matar & cativar não occupara o entendimento das nossas, sem duuida puderão ganhar a villa & ficar senhores della...

Aconteceo ver Gonçalo Hermiguez entre outras Mouras cativas hũa cuja estranha fermosura rode no meo de tanta confusão & ruido de armas mouer-lhe a conjeção a se copadecer das laçrimas que lhe via sair dos olhos, & como neste meo se acodi-se da villa muita gente de caualo, assim dos que escaparão fugindo como dos que não sahão aora, & começassem a jugar as lançadas cõ os

nossos, o capitão deu pressa a se recolherem os despojos nas barcas pera se alargarem de terra, & vendo que se não podia recolher tudo sem perigo, deixando algũs catiuos na praya, mandou levar ancora, & seguir sua derrota, por não perderem muitas pessoas a troco das poucas q̃ ficauão em terra, entre as quais ficou a Moura fermosa que o capitão trazia de olho, & quando os quis por nella vio que hum Mouro de caualo a tomava pera se recolher com ella, & a por em saluo, peilo que largando tudo o mais, & pondo as pernas ao ginete se lançou tras o Mouro com tanta velocidade como hũ rayo, sem bastarem ao deter muitos que lhe sahiaõ ao encontro, & dado que com a lança de arremesso lhe pudera fazer dano, deixou de lhe atirar por não offender a Moura que leuava cõsigo, pello que apertou tanto o caualo que ouue de chegar ao Mouro. a quem ferio de hũa cruei lançada, & cobrou a Moura com a qual se tornou á escaramuça, & vendo que os seus andauão muy embaraçados nella, temeroso de sobreuir maior numero de Mouros & lhe tomarem os passos, fez tocar a retirar, & como gentil ordem se forão despidindo dos imigos a quem foy por muytos annos assaz lamentavel aquelle dia, porque nelle perderão entre morta & catiua a flor & nobreza de sua villa, & assim as deixaremos em seu pranto por seguirmos o valeroso capitão Gonçalo Hermiguez que alegre da vitoria em que matara tantos, & muito mais de cobrar a Moura, hia com ella, sustetada no braço esquerdo emparandoa com adarga, & com a lança na direita rebatendo algũas arremetidas, que os imigos vinhaõ fazendo na retaguarda, ate que desconfiados de cobrarem o perdido, deixarão caminhar os nossos a seu saluo ate Almada, que então era hũa pouoação muito piquena, onde estiuẽrão aguardando ate chegarem as barcas pello Tejo acima, nas quais se foraõ ate Sãtarem onde estaua el Rey Dom Afonso, a quem foy muy alegre a noua de taõ bom successo. E vindo a repartir os despojos, escolheo Gonçalo Hermiguez pera si a Moura que ganhara por sua lança sem querer nenhũa outra cousa, com a qual acabou em breue tempo, que renunciada a ley de Mafoma se conuertesse á de Iesu Christo pera se poder casar com ella, & no baptismo mudou o nome de Fatima em Oriana Hermiguez, como lhe chama a memoria de que vou tirando toda esta historia. Taõ estranho foy o amor que ambos se tiuerão, que por marauilha se falaua nelle em Portugal, & o mostraõ bem algũs versos que lhe faziã de que porey algus, que tem lugar em qualquer obra, por se ver nelles os mais antigos termos da lingoa Portugueza.

*Tinherabos, nom tinherabos,
Tal a tal ca monta!
Tinheradesme, nom tinheradesme,
De la vinherades, de ca filharades,
Ca andabiã tudo em soma.*

*Per mil goiuos trebeilhando,
Oy oy, bos lombrego
Algorem sè cada folgança
Asmei eu: per que do terrenho
Nom ahi tal perchego.*

*Ouroana Ouroana, oy tem por certo
Que inha bida do biber
Se aluidrou per teu aluidro perque em cabo
O que eu ei de la cheb ne sem referta,
Mas não ha perque se ver.*

XXIII

Habitantes de Viana; a cidade

Os homens ou sigão as armas, ou as letras, ou se dem à mercancia & navegação em tudo provão bem, e n gèral agudos de engenhos, duros no trabalho, capazes, sizudos, amigos do bem comũ, & da conservação delle, moderados na vida, & gasto ordinario, mas nas occasiões de honra mais q liberaes: esforçados & animosos nos perigos: briosos em todo o tempo, & amigos de se fazer respeitar & conhecer por taes; nas armas, & nas ciencias tem lançado homens de tanto valor, & tantos em numero que se fazem agravo no que tem por honra, que he naõ buscarem escriptores que os fação no mundo celebrados.

Todos os nobres exerciaõ a mercancia a vso de Veneza & Genova contra o costume das mais terras de Portugal, que os louvãõ & naõ os seguã, invejão a felicidade & bõs sucessos do trato, & naõ sabẽ imitar a industria. As mulheres naõ vivẽ em ociosidade, mas sãõ daquelle humor q a Escriitura gaba na q chama forte, applicadas ao governo da sua casa, & a grangear com trabalho & industria das portas a dentro, como os homẽs fora de casa. E onde isto ha naõ faltaõ as mais virtudes de honestidade, & cõcerto de vida. Assi ha matronas de muyto preço, & bom exemplo, & rãõ inclinadas a encaminhar as filhas a serem moineires de casa, & governo: que assi como em outras terras he ordinario na tenridade mandallas a casa das mestras com a almofada, & agulhas: assi nesta as vemos ir às escollas com papel, & tinta, & aprender a ler, & escrever, & contar. Como a gente he tal a terra he bem governada, barata, limpa, bem provida, cheya de fontes trazidas com arte a lugares differentes pera comodidade dos visinhos, & fabricadas custosamente.

Ha muytos edificios nobres, se bem saõ de architectura ordinaria. Nas mais das casas portaes, & janellas de pedraria com suas rexis de ferro, & seus brasões, & divysas sobre as entradas: dentro concerto, & policia em atavios, & trajos, & alfayas: os templos como as casas, naõ tem excellencias de architectura, mas riqueza de retabulos dourados, & abundancia de prata & ornamentos, & bom serviço, especialemente a Matriz que he acompanhada de grande numero de clérigos, e autorizada com suas dignidades de Arcipreste, e conegos. No edificio tem grandeza: & nos officios divinos grande solenidade & cõcurso de todos os estados de gente, argumento de devaçoõ & bom espirito. Ha dous mosteiros de freiras de grande observancia, que cada hum passa de cem religiosas, & outro recolhimento de mulheres honradas pobres: mas naõ avia ao tempo que o nosso Arcebispo ali foy mais qum sò Convento de frades, & esse fõra da villa hũ bõ espaço, & de religiosos entregues mais à vida contemplativa, que aos cuydados & trabalhos da activa. He a Ordem de S. Francisco, a Providencia de S. Antonio.

O rio dece acompanhado de hũa, & outra margem de quintas frescas, & casaes rendosos, & lava os muros da villa da banda do Sul. Naõ traz muyta força de agoas, que he causa de abrir pouco em foz, & ser a barra estreyta, & de pouco fundo: cõ tudo he a melhor, & mais segura, & limpa de toda a costa, desdo Minho ao Tejo: & naõ a gabamos muyto porq̃ nesta distãcia avẽdo muytos rios, & algũs bẽ poderosos de agoas, nẽ ha porto bõ nẽ barra sã perigo. Para estarẽ seguros dos temporaes os navios q entrãõ, & aver juntamente cõ noidade na carga & descarga dellas corre ao longo do rio hũ grãde, & estendido caes de grossa cãaria, altamente fundado & terraplenado, com suas decidas de escadas e lingottas para serviço de toda hora: obra de muito custo, & de grande importancia, & nobreza para a villa: & vay cont nuando rio abayxo atẽ despegar dos muros: & depois de acompanhar hum espaço a povoação de fõra alarga contra o rio, & logo recolhe outra vez para a terra, de maneira que faz encima

hãa boa praça: & da esquina donde começa a recolher, lança hum molde de forte muro, que corre agoa abayxo hum bom espaço, arqueado como um braço: & assi fica fazêdo hum reducto capaz de grande numero de navios, estancia segurissima de todos os vêtos que aqui fazem dano, porque além de poderem ficar dêtro os navios em seco & cõ as proas em terra, ou metidos na vasa, ficão emparados dos ventos travessias que entrão por cima da barra, com outro muro q̃ abaixo em distancia competente sae da villa cõtra o rio, & faz frõtarla com a praça que dizemos assim. Guarda a bocca do rio hãa Força feita à moderna com cinco grãdes baluartes providos de boa artilharia, & guarnição de soldados competente. Mas melhor a guardão os moradores da villa, sempre espertos, & sempre prestes a tornarem por sy. A villa he cabeça de Comarca, & Correyção com muytas villas, & Conselhos sogeitos à jurdição do Corregedor della: & tem mais dous ministros Reaes letrados: hum que he Provedor da Comarca, & outro Juiz de fõra que administra justiça na villa & termo, & preside no governo da Camara. A um tal lugar parece que faltava sò para inteysra nobreza hãa companhia de Prégadores, que como soldados, & juntamête mercadores do Ceo esforçassem a devação, fizessem guerra aos vícios, & abrissem logea de mercadoria, & trato celestial. onde tanto havia da terra.

Frei Luís de Sousa, *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Martyres*, ed. 1619, liv. I, cap. xxvi, 47.

XXIV

Discurso do Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires ao Pontifice

... Mas, Santissimo Padre (acrescentou o arcebispo), huma obra tão santa e de tanta justiça não tem inda sua perfeição. Que V. Santidade tirou e não consente que os bispos que assistem a sua mesa estejam em pé e descubertos, como em tempo atrás se soffria; que mais razão ha para estarem da mesma forma nas juntas e congregações que se tem diante de V. S., como notei nesta ultima, que durou tres ou quatro horas, e todos estiveram em pé quantos bispos forão presentes, e com os barretes na mão? Juntando-se outra desigualdade que pera o meu entendimento faz o caso mais indigno, a qual foi ver no mesmo tempo os cardeaes bem assentados e suas cabeças cubertas. Se os bispos em quanto bispos são superiores aos cardeaes em quanto sòmente cardeaes (porque já deixamos declarado no concilio que os bispos tem o primeiro lugar da Igreja) em que justiça caberá que os cardeaes, que he huma dignidade instituida sòmente por authoridade e conselho humano, sejam aventajados diante de V. S. nas honras do barrete, e assento, aos bispos que forão creados por authoridade divina pelo mesmo Christo, Senhor nosso, e succederão no lugar dos santos apostolos? Que razão pode aprovar que onde os cardeaes estão com tanta honra, fiquem os bispos humilhados, e abatidos, e afrontados? Beatissimo Padre, os bispos em quanto bispos são vossos irmãos, e como taes devem ser tratados.

Id. *Vida do Arcebispo*, ed. 1763, pág. 180.

XXV

Doença e morte de Fr. Bartolomeu de S. Domingos

Sendo velho, foy selhe corrompendo a chaga da perna, & era intoleravel o tormento, que lhe causavaõ as dores, & juntamente o asco, & mau cheiro da ferida. Mas acudialhe o Senhor com hãa paciencia tão mayor, que o traba-

lho, que já nam parecia paciência, senam alegria, & triumpho; chegaram os religiosos a consollalo com lastima; tays respostas lhes daua, que tornauão compungidos, & confusos. Dores são, dizia, do Inferno, as que me cerco; mas eu tomara ter muitos corpos, & em cada hum muitos mais membros dos ordinarios & em cada membro outra tal chaga, & muito may res dores das que p deço neste: porque tudo fora ganho para mim, & merce de meu Senhor Iesu Christo, para lhe satisfazer, por meus grandes peccados, & alguma parte do muito, que elle fez por mim: eraõ desejos de coração. Parece que foraõ ouvidos no Ceo. Nam se pôle crer a tempestade de males, que vierão de nouo sobre elle, que a longa idade fazia mais perados. Veyo a ficar to hido de todos os membros, & sem mouimento natural em nenhum mais, que na lingua, & olhos. Mas neste estado a lingua, como a de outro loo, pregoaua lououres de Deos, & os olhos pregados em hum Crucifixo dauão testemunho com abundancia de lagrimas, que tudo haulta por pouco, para que se sentia obrigado a padecer por tam bom Senhor.

Deu o Ceo segundó testemunho em honra do Sancto aos quinze anos depois de seu bemdito transito. Abriose a cova para outro defuncto (estiucra até então respeitada por quem nella jaz a) eis que apparece estranha maravilha: topaõ os coueiros debaixo da terra com capa preta, & habitos brancos, tam saõs, & puros, como se daquella hora foraõ alli lançados. Passaraõ adiante: achão o corpo inteiro, & tam longe de corrupção para mais espantar, que alegraua, recreava, & consolaua hum halito, que daquella terra fria espiraua: terra tam poderosa, em virtude do Senhor a quem seruira, que bastou a com nunciar sua incorrupção, & fragancia, até a lam dos animais, de que era compo to o vestido. Dignissimo caso para se illustrar com mais que escriptura o dinaria: se nos nam fizera pusillanimes em todo tempo, recrearmos, que nos lance cores ao rosto, celebrar cousas, que por serem de nossos irmãos, fizaõ em lugar de proprias. Hũa, & outra ficou a benefico de tradição, & memoria dos successores: mas sabidas com tanta certeza, que naõ ha nenhuma na Prouincia mais aueriguada.

Fr. Luis de Sousa, *Vila de S. Domingos*, ed. 1662, parte II, cap. V, 127

XXVI

Ultimos momentos de D. João de Castro

Achava-se D. João de Castro gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, em que veio a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente e descobrio a doença em poucos dias indices de mortal, o que elle conhecendo pela molesta de repetidos accidentes se aliviou do cargo do governo. Chamou o brado D. João d'Albuquerque, D. Diogo d'Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, chanceller-mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobato, seu ouvidor-geral e a Rodrigo Gonçalves Caminha, vedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes vizinhos assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario-geral da India, ao guardão de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda d'el-rei, a quem fez esta fala:

— Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vizo-rei da India faltão nesta doença as commodidades que acora nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commettar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras thezouras, nem baixelas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse hum gallina; porque nas armadas que fiz

primeiro comião os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei: e não é de espantar que esteja pobre um pay de tantos filhos. Peço-vos que em quanto durar esta doença me ordeieis da fazenda real uma honesta despesa e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente.

E logo pedindo hum missal fez juramento sobre os Evangelhos que até a hora presente não era devedor á fazenda real hum so cruzado, nem havia recebido cousa alguma de christão, judeo, moço, ou gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaías que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera jámais possibilidade para comprar outra corcha, que a que na cama vião; so a seu filho D. Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima para passar ao reino. Que disto lhes pedia que mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, el-rei, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da cidade, a qual se podéra ler como instrucção aos que lhe succederão; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva que o exemplo.

Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro*, ed. 1651.

XXVII

O amor menino

Tudo curá o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digeree, tudo acaba. Atreve-se o tempo a c luras de marmore, quanto mais a corações de cêra! São as afeiçoens como as vidas, que não ha mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintarão o amor menino; porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afroxa-lhe o arco, com que já não atira; embotta-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que vò e foge. A razão natural de toda esta differença he, porque o tempo tira a novidade ás coisas, descobre-lhe os defeitos, enfustia-lhe o gozo, e para que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso quanto mais o amor?! O mesmo amar he causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

A. Vieira, *Sermão do Manulito*, pregado em Lisboa no Hospital Real em 1643.

XXVIII

A guerra

He a guerra aquelle monstro que se sustenta de fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e cons me, tanto menos se feita. He a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em hum momento sorve os reinos e monarchias inteiras. He a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja proprio

e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico n
pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem
tico não tem segura a immundade, o religioso nã
até Deus nos templos e nos sacraríos não está segui

A. Vieira, *Sermão... nos annos da Rainha
de Saboya* pregado em Lisboa em 1668.

XXIX

Preceitos da Oratoria Sag

...Ha de tomar o prégador uma só materia, ha de tomar a para que co
conheça, ha de dividi-la para que se distinga, ha de prová-la com a Escriptura,
ha-de declará-la com a razão, ha de confirmá-la com o exemplo, ha de amplifi-
cá-la com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as convenien-
cias que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devam evitar; ha de
responder ás duvidas, ha de satisfazer ás difficuldades, ha de impugnar e refutar
com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois disto ha de
colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto he
sermão, isto he prégar e o que não he isto, he fallar de mais alto. Não nego
nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses
hão de nacer todos da mesma materia, e continuar e acabar nella. Quereis vêr
tudo isto com os olhos? Ora vêde. Hum a arvore tem raizes, tem troncos, tem
ramos, tem folhas, tem varas, tem flores t m fructos. Assim ha de ser o sermão: ha
de ter raizes fortes e solidas, por que ha de ser fundado no Evangelho; ha de ter
hum tronco, porque ha de ter hum só assumpto e tratar hum a só materia. Deste
tronco hão de nacer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nacidos da
mesma materia, e continuados nella. Estes ramos não hão de ser seccos, senão
cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de pala-
vras. Ha de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios; ha de ter
flores, que são as sentenças, e por somate de tudo ha de ter fructos, que é o
fructo e o fim a que se ha de ordenar o sermão. De maneira que ha de haver
fructos, ha de haver flores, ha de haver varas, ha de haver folhas, ha de haver
ramos, mas tudo nacido e fundado em hum só tronco, que é hum a só materia.
Se tudo são troncos, não he sermão he madeira. Se tudo são ramos não he
sermão são maravilhas. Se tudo são fo has, não he sermão são varas. Se tudo
são varas, não he sermão he feixe. Se tudo são flores, não he sermão he rama-
lhete. Serem tudo fructos, não pode ser; porque não ha fructos sem arvore.
Assi que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o
proveitoso do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das
folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nacido e formado de hum só
tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do Evangelho:
Seminare semen. Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são.
E assim não he muito que se não faça fructo com elles...

...Fabula tem duas significçoens: quer dizer fingimento, e quer dizer
comedia; e tudo são muitas pregaçoens deste tempo. São fingimento, porque
são subtilzas e pensamentos aereis sem fundamento de verdade; são comedia,
porque os ouvintes vem a pregação como á comedia; e ha prégadores que vem
ao pulpito como comediantes. Hum a das felicidades que se contava entre as do
tempo presente, era achar n-se as comedias em Portugal; mas não foi así.
Não se acabáráo, mudarão-se; passáráo-se do theatro ao pulpito. Não cuidels
que encareço em chamar comedia a muitas pregaçoens das que hoje se usão.

Tomára ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, e verieis se não achaveis nellas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais solidos do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas prégações de hum orador christão, e muitas vezes, sobre christão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lles chamar comedia, porque multos sermões ha, que não são comedia, são farça. Sóbe talvez ao pulpito hum prégador dos que professam ser mortos ao mundo, vestido ou amortalhado em hum habito de penitencia (que todos, mais ou menos asperos, são de penitencia; e todos desde o dia que os professamos, mortallas): a vista he de horror, o nome de reverencia, a materia de compunção, a dignidade de oraculo, o logar e a expectação de silencio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se neste auditorio estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse e visse entrar este homem a fallar em publico naquelles traços, e em tal logar cuidaria que havia de ouvir huma trombeta do Céu; que cada palavra sua havia de ser hum raio para os coraçoes, que havia de prégar com o zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto, e com as acçoens havia de fazer em pó e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós, que he o que vemos? Vemos sahir da boca daquelle homem assi naquelles traços, huma voz muito affectada e muito polida, e logo começar com muito desgarrro, a qué? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipicios, a brilhar auroras, derreter crystaes, a desmaiar jasmins, a tocar primaveras, e outras mil indignidades destas. Não he isto farça a mais digna de riso, se não fôra tanto para chorar? Na comedia o rei veste como rei e falla como rei, o lacaio veste como lacaio e falla como lacaio, o rustico veste como rustico e falla como rustico; mas um pregador, vestir como religioso e fallar como... não o quero dizer por reverencia do logar. Já que o pulpito he theatro, e o sermão comedia, sequer, não faremos bem a figura? Não dão as palavras com o vestido e com o officio? Assi prégará S. Paulo, assi prégarão aquelles patriarchas que se vestiram e nos vestiram destes habitos? Não louvamos e não admiramos o seu prégar? Não nos prezamos de seus filhos? Pois porque os não imitam? Porque não prégarão como elles prégarão? Neste mesmo pulpito prégo S. Francisco Xavier, neste mesmo pulpito prégo S. Francisco de Borja, e eu que tenho o mesmo habito, porque não prégaréi a sua doutrina, já que me falta o seu espirito...

A. Vieira, *Sermão na Sexagesima* prégado na real Capela em 1655.

XXX

Descrição do polvo

O polvo com aquelle seu capello na cabeça parece um monge; com aquelles seus raios estendidos parece uma estrella; com aquelle não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E dabaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa testemunhão contestemente os dois grandes doutores da Igreja latina e grega que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta tração do polvo principalmente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres a que está pegado. As côres que no camalião são palpe no polvo são milicia: as figuras que em Proteo são tabula, no polvo são verdade e artificio. Se esta nos lhos faz de verde; se está na areia faz-se branco; se está no lodo faz-se pardo; se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E daqui que succede? Succede que outro peixe innocente da tração vai passando

desacautelado, e o saltador que está de emborgano, lança-lhe os braços de repente, e fa-lo p. Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judis a prendê-lo; o polvo he o que abraça e mais o que fez o sinal, e o polvo dos proprios braços fez a foi traidor, mas com lanternas diante, traçou a tou-a muito ás claras. O polvo escurecendo-se primeira traição e roubo, que faz, he à luz para peixe aleivoso e vil, qual he a tua maldade, p. he menos traidor.

A. Vieira, *Sermão de S. Antonio* pregado :

XXXI

O Estatuário

Arranca o Estatuário huma pedra dessas informe, & depois que desbastou o mais grossão, & começa a formar hum homem, primeira feição por feição até a mais miúda: ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama: & fica um homem perfeito, & talvez hum Santo, que se pôde pôr no altar.

A. Vieira, *Sermões*, III, 419-420.

XXXII

A fortuna

Varilmente pintaram os antigos a que elles chamaram a fortuna. Uns lhe poseram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formam de ouro, outros de vidro; e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com asas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de fortuna, que significa a o ou fado, erraram nas insignias, erraram na cegueira dos olhos e poderes das mãos: porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as coisas, significadas na cornucopia, pertence sómente á providencia divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança da sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto.

Acertaram porem os mesmos gentios na figura, que lhe deram, de mulher, pela inconstancia; nas asas dos pés pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jámais firmeza. Dos que a fizeram de ouro, diremos depois; o que agora sómente me parece dizer, é, que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, flagiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda.

A. Vieira, *ibid.*, XI, 4.

XXXIII

A formosura

A formosura é um bem fragil, e quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tyndaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos; e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a formosura de Helena, flor emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outrz, que, vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas; e, não achando a causa por que duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella.

A. Vieira, *ibid.*, II, 319.

XXXIV

Premio das acções honradas

Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida e as outras virtudes, de que se compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo le obre-se o capitão e soldado famoso, de quantos companheiros perdeu, e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixem. Os que morreram fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lh'a não pode dar. E quem por me cê de Deus ficou victorioso e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno dellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acrador, e gloriai-vos de que se não possa negar de devedor voss o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue e arrisrar a vida, mostrae, que tambem vos não feita para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu.

Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se emfim se vê morrer á fome, deixe-se morrer e vingue-se.

A. Vieira, *ibid.*, I, 299.

XXXV

Carta ao conde da Castanheira

Meu senhor:—He coisa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem, e para as vozes tem oucos. Pelo contrario he tão grande violencia não responder, que a s que nascê ão mudos, fez a natureza tambem surdos, porque se ouvissem, e não podessem responder, rebent riam de dôr. Esta he a obrigação e a pena em que a c na que recebi nesta frota de vossa excellencia me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta

do meu silencio fosse tão muda como elle, mas que a benignidade de vossa excellencia que neste excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhecerem os amigos, haviam os homens de morrer primeiro, e dahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo, como morto, agora com o espaço de hum anno e meio, he força que faile como resuscitado. O que só posso dizer a vossa excellencia he que ainda vivo, crendo, com fé muito firme, não será desagradavel a vossa excellencia esta certidão. Não posso comtado calar que no mesmo dia de seis de fevarelro em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha pouca saude este senno, que apenas por mão alheia me permite dictar estas regras, as quies só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações, quantas devo á patria na sua mais illustre nobreza. Sendo porém tão singular o não usada esta indulgencia, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e he que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber daqui por diante, assim como he graça e piedade de natureza não ouvir quem não póde fallar. E para que o despacho deste forçado memorial não pareça genero de ingratição da minha parte senão contracto útil de ambas, e muito digno de acceptação, sirva-se vossa excellencia de considerar, que se me farta a nação para escrever, me ficam duas mais livres para as levantar ao ceo e encor mandar a Deus os mesmos a quem não escravo, com muito maior correspondencia do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota, he memoria de uma vez cada anno; e as da orção de todas as horas, são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas offereço a vossa excellencia sem nome de despedida, e posto que em carta circular e commun, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a vossa excellencia devo, e me ficam impressas no coração. Deus guarde a vossa excellencia muitos annos, como desejo, com todas as felicidades desta vida, e muito mais da que não tem fim. Bahia, dia de Santo Iguacio, 31 de julho de 1694.

A. Vieira, *Cartas*, Lisboa, 1735, II, 464.

XXXVI

Carta a el-rei

Senhor: — O governador D. Pedro de Mello, segundo as Instancias com que tem pedido licença a vossa magestade para se recolher ao reino espera fazello na manção d'este inverno, ao qualto puto ao rio das Amazonas a assentar uma missão nas nações dos tapuyas, e outra na dos tapuyas que são vizinhas de muitas outras, em que se espera grande conversão de almas, serviço de vossa magestade, e augmento do estado, que só por esta via póde vir a ser o que promette a largueza de seus terras e mares: da importancia da paz dos portuguezes, e que se pode comtente a paz com as nações d'aquellas partes com os bellandres, já fôrta a vossa magestade, e de como tambem ficam reduzidos á obediencia de vossa magestade toda a serra de Tiblapava, e franqueado o caminho por terra de Maranhão, que são mais de 300 leguas por costas infelizadas de negros e bárbaros; agora levo tambem a meu cargo as ordens d'um novo descobrimento, de que se espera ainda maiores consequencias para o augmento dos reinos, que multidão e bondade de gente, e para nos servir de exemplo das capitánias, da parte do Maranhão; e as mais do estado, e do reino de todos os raios, e por isso menos defendidas, e expostas á fôrça dos inimigos, com os quos se experimenta já o valor e fidelidade d'esta nação, e a fôrça e azares d'elles que entre nós havia,

guerra fizeram aos hollandezes, quando occuparam esta fóra d'ella.

or, represen'to a vossa magestade, para que quando o carta antes de eu chegar d'estas missões, seja presente a to que a vossa magestade tem servido n'este estado, em meio de seu governo, porque tudo o que se obrou se seu zêlo, cuidado, disposição e execução, que é grande, poderá conseguir coisa de consideração, e muito menos as, em tão breve tempo. A Deus e a vossa magestade osos d'estas missões, lhe mande vossa magestade succedade assim o tenha ordenado, pessoa de tal talento e por diante o que elle tem começado, que vossa magestade, deve mandar agradecer e premiar como serviços tão ira que conheçam todos que vossa magestade estima os são verdadeiramente os maiores, e de que mais depende o, fundado só no mundo por Deus para dilatar a fé; e ade chama a D. Pedro de Mello para mais perto da real tade, por concorrerem n'este fidalgo as qualidades mais po presente, como n'elle tenho conhecido em todo o ntendo, e assim o peço a vossa magestade que na Pedro, pode vossa magestade, continuar a real protegestade foi servido crear e augmentar esta conquista de esa magestade do seu conselho e das suas noticias, que

... partes ultramarinas como em todas as mais experimentará vossa magestade quanto christão e bem intencionado é o seu zêlo, e quão acertado o seu voto.

Guarde Deus a real pessoa de vossa magestade, como a christandade e os vassallos de vossa magestade havemos mister. Maranhão, 4 de dezembro de 1660.

A. Vieira, *ibid.*, 1, 113.

XXXVII

Carta a D. Rodrigo de Meneses

Senhor: — Algum privilegio se ha de tomar á conta da saude de sua alteza, de que a vossa senhoria são devidos os primeiros parabens, como tão interessado, e mais que todos, no desejo e estimação d'ella. Confesso a vossa senhoria, que depois de tres vezes morto, e tres vezes resuscitado n'este anno, foi tanta minha desconfiança da vida como nos dias d'este grande cuidado. Bemdita seja a divina bondade que tão inteiramente nos livrou d'elle, e a vossa senhoria do extremo sentimento em que acompanharei e considerarei sempre a vossa senhoria, como quem tão lembrado está do affecto com que vossa senhoria amava e adorava a sua alteza, no tempo em que eu podia ser testemunha d'elle, que não considero hoje diminuido, senão mui crescido sempre, como o pede a razão.

Eu, senhor, como tenho dito a vossa senhoria, tres vezes cheguei ás portas da morte n'esta minha doença, de que tornei a arribar, fora de toda a esperança, por mercê de Deus. Sirva se sua divina Magestade que sera para o saber servir, ainda que pouco posso, mal convalecido, e com rece os de recair, porque não pôde a minha fraqueza com a intemperança d'estes ares, e com os rigores d'este segundo carcere de Castella para onde me mandaram, não sei por que culpas. Esta ha sido tambem a causa do meu di. turno silencio, e de não procurar novas de vossa senhoria por carta, como ainda agora o não fizera,

Senhor: — Vão estas regas, pois vossa senhoria lh'o consente, acompanhar a vossa senhoria na peregrinação de S. Izaberra, e usufructuar o melhor gosto com que o fizera, se lhe fôr a permissão que n'as escriptas de mim póde vossa senhoria dar-me credito, que é este o termo das encarecidas com que o meu coração poderá delatar o extremo com que agraço, e se recordo o regido á pessoa de vossa senhoria, pois não haveria outra força nem respeito de mim que o obrigasse a tornar a vêr o mundo depois de a ter tido desengonhada e perdido d'elle. Mas como em vossa senhoria se quebram todos os leis do mesmo mundo, razão era que se quebrassem também todas, para de mais perto servir, venerar, e lograr a presença de vossa senhoria. Bem sei que pelo fardo de vossa senhoria não fizo a não agia; e este compromisso só me basta para que tudo o mais me perdêra para que a minha sensação e gosto não possa jamais fazer naufragio. Tudo o mais pertence ao exterior, e eu só quero viver dos bens da alma, em que não tem poder o tempo, nem a sorte da fortuna. A de sua magestade, que Deus guie, ainda é a maior da que previamos os successos do anno passado, e em mim posto que seja por tantos annos o conhecel-a, não é merecimento o desajal-a, por não souber as obrigações de vassallo, tenho as que herdou dos mortos, e as que devo aos vivos, e as que me são deves á pessoa de sua magestade, quando, assim na verdade do meu affecto, como nas muitas interpretações, reconhecer um menor Daniel, e lograr uma maior monarchia. E que seria, senhor meu, se o principio d'esta novidade estivesse guardado para o sr. marquês, como principal intrinseco d'ella? Ou não a ho n'aquelle nos o propheta mais que um só encontro com os castromigos, que estar a ainda por cumprir, mas esse de tanta felicidade, que he a de a sombriar o mundo. Se esta ultima sentença hade por alguns interlunios não me consta, só poderei affirmar que não faz menção de la e guria o mesmo que esta é uma das razões, por que seriam de grande importância apressar a se os meios da successão a nossos principis. Nenhum sentimento tenho de que o casamento de França não esteja concluido. Poderá ser que tenha Deus determinado outra união mais vi-

zinha, e de maior grandeza e conveniencia. Entretanto, estimo a peregrinação de vossa senhoria sôbre tão repetidas assistencias do Corpo Santo, e me alegra summamente que a alma d'elle tenha tão bom gosto. Emfim, senhor, não é tempo de o tomar a vossa senhoria. Aquelle papel se vae fazendo, quanto o permite a frieza do tempo, e a fraqueza da saúde, mas não o verá o mundo sem que vossa senhoria o veja e o emende primeiro. Aquelles documentos em que fallei na carta passada, não dêem cuidado a vossa senhoria, porque ainda depois do entrudo virão a tempo. A obra ha de ser larga, e já o começa a ser; e ainda não é obra. Que o senhor marquês me tenha em sua graça, estimo quanto devo, e posto que em todos os meus sacrificios tenho particular cuidado, de os offerecer a Deus pela vida, estado, e felicidade de sua excellencia, d'aqui por diante o farei com o maior affecto e instancia que pede a occasião. Deus guarde a vossa senhoria muitos annos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 28 de janeiro de 1664.

A. Vieira, *ibid.*, I, 131.

XXXIX

Vaidades feminis

Tenho reparado em que os latinos a este ornato e adereços da mulher chamáráo mundo; e quer parecer-me que este nome não só quadra ao seu significado, enquanto quer dizer limpeza, senão enquanto quer também dizer o mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta não generos, e todo o mundo he necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde, se S. Gregorio achou, com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, porquanto com umas creaturas convem no ser, com outras no crescer, com outras no sentir, e com outras no entender, participando também o ornato de huma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão e verdade se chama e se ornato, mundo. Vejamo-lo mais em particular.

Dos reinos do Decão e Bisnagar, e de Golocondá, na India Oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos de Pegú e da cidade de Calecut, e da ilha de Ceilão, safiras; do Seio Persico entre Ormuz e o Bassorá, da Samatra, ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa, de Escocia, Silezia, e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar na Persia, leva aljófar (que d'alli se derivou este nome); da cidade de Syeno no Egypto superior, e do mar Thyrreno, leva coraes, que se se desterrárão já dos rosarios e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veroneis; dos campos de Piza e dos montes Alpes, leva cristaes; do mar da Suevia, e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Phactonte choradas solememente cada anno pela sua desgraça; dos reinos de Monomotapa e Zofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na nossa America, leva ouro; do Serro do Potosi nas conquistas d'el-rei Catholico, leva prata; de Allemanha, os camifões; de Moscovia, as zebelines e martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos Suizaros, os arminhos do Brasil as saguis para mangalhos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro em Fenicia, a purpura; da serra d'Arabida, grã; de Portugal e Castella, a côr; de Veneza e Hollanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos miens e callosas; de Cordova e Hungria, ao menos as receitas para as aguis odoríferas destes nomes; das Indias de Castella, a almeya, e oleo della para as mãos de rommem, o almiscar; do Maranhão e Seará o ambar, de Angola, Guine e Cabo-Verde, a algalia; das nossas Indias, o calanbunco e aguilã, os canequins e pratinhos de coco, e os toribios; da Africa, as pennas dos avestruzes, para os cotes de plumas; da China, os lós, os leques e as chitas; de Granada, os trevos; de Flan-

dres, as rendas; da cidade Cambrai, as têas finissimas e candidissimas que têm este nome; de Guimarães, as linhas; de Leão de França, as primaveras; de Modaba, na Persia, e de Italia, as télas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova e Napoles, os chamelotes; de França, as luvas, os signaes pera o rosto, e tambem os leques, huns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno; de Inglaterra, as meias, fitas e reloginhos de algibeira; da Arabia, a gomme, que tambem serve officio neste mundo; da Batalha, os azeviches, para dar figas aos mãos olhos.

Que mais? He necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras, que se esbulhem das perolas, senão tambem com tartarugas, que desarmem as costas para pentes e coifinhos, e com as balêas, que empenhem as barbas para sahir hum justilho, ou prepõem bem desarrugado; são necessarios de varias partes varios materiaes para bocetas, escritorinhos, baúys, guardaroupas, para recolher nos camarins e escaparates, este mundo abreviado: são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e rodomas, e bocetas, curiosa e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingrédientes liquidos e seccos, simples e confeccionados, que servem de estender o dia da formosura, quando já vêm cahindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer na cara ao desengano, que mente.

Que mais? São necessarias até as nuvens do céu, para a primeira agua de Maio, que opinarão fazia o carão lustroso: são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quiser o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda. Estava para dizer que são necessarios até os demonios: porque assim como a mão de Deus ajudou (como o diz o Texto Sagrado) a fermosura de Judith, porque se ordenava a intento santo e de sua gloria, assim tenho para mim que, sem a mão do demonio, não poderá o appetite humano inventar, e dispôr, e applicar tanta valdade e curiosidade.

Manoel Bernardes, *Nova Flóresta*, ed. 1706, I, 178 e seg.

XL

Degeneração de Portugal

As espadas largas degenerarão em cotós, e os capacetes se trocarão em perucas; já o pente em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheirão os homens a mulheres; não a Marte, mas a Venus. Quem havia de imitar ao grande Albuquerque, prendendo a barba no cinto, se já não ha novas de cintos, nem de barbas? Quem haveria de sair aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camarote em Lisboa, gracejando com as farçantes, e atirando-lhes já com chistes, já com dobrões? Ou como se havião adestrar em ambas as sellas, andando pelas ruas bamboleando nas seges? Amolleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que veneramos, devendo aborrecê-los; e nós, que estamos no fim da terra, ficamos no meio do mar de suas depravações.

Manoel Bernardes, *ibid.*, II, 314.

XLI

Celas de freiras levianas

Ver uma cela de freiras é ver huma casa de estrado de huma noiva. Laminas, oratorios, cortinas, saneias, rodapés, tomados a trechos com rosas de maravalhas, banquinhas de damasco, franjadas de seda ou de ouro, pias de

cristal, guarda-roupas de Hollanda, caçoulas, espelhos, craveiros, mangericões ou naturaes ou contrafeitos, passarinhos, cachorrinhos de manga, que, se adoecem de puro mimo, se chama o mais perito na arte de os curar; jarras, ramalhetes, perçolanas, brinquinhos de sangria, figuras de alabastro ou de gesso, frutas escolhidas para coroar as molduras da alcofa ou dos contadores, perfumes, alambiques, todo o genero de arame para a fabrica dos doces, almarios para os recolher, criadas para o ministerio da casa, tecto da cella com taes paisagens, relevos e pinturas, que passam para as mãos dos officiaes as bolsas dos parentes e devotos mais ricos.

M. Bernardes, *ibid.*, v, 31.

XLII

Quem quer vai, quem não quer manda

A este ponto faz o apologo, que se conta das cotovias, que tinham seus sinhos entre as searas. Dissera o dono do campo a seus criados, que tratassem de metter a fouce, se vissem estar os pães já sazoados; e ouvindo este recado uma d'ellas, foi pelos ares avisar as outras, que mudassem sitio, porque vinham logo os segadores; pôem outra mais velha as aquietou do susto, dizendo: Deixemo-nos estar, que de mandar elle os criados, e fazer se a obra, vai ainda muito tempo. D'alli a alguns dias, ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes incommendára, e que mandava cellar a egua para elle mesmo ir ver o que convinha. Agora sim (disse então aquella cotovia astuta) agora sim, irmãs, levantemos o vôo, e mudemos a casa, que vem quem lhe doe a fazenda.

M. Bernardes, *ibid.*, i, 70.

XLIII

Afonso de Albuquerque

O nosso grande Affonso de Albuquerque tanta fama ganhou de conquistador valoroso, que a cidade de Gôa não queria largar seus ossos para se trasladarem á de Lisboa: como se lhe parecesse, que n'elles, ainda que sêccos, e frios, conservava um certo genero de presidio contra as barbaras invasões de seus inimigos, e vinculado um como prazo de vencê-los. Mas dizem, que, obrigada por censuras, os deixou levar, e descansam no convento de N. Senhora da Graça. Não teve na terra premio competente a suas acções heroicas. A causa parece que se colhe sufficientemente de um dicto seo em occasião que acabava de lêr certa carta del-rei dom Manoel.

Fulano, e fulano (disse elle para alguns circumstantes) que eu enviei para o reino presos por graves culpas, tornam cá, um por capitão de Cochim, outro por secretario?! Eis-aqui fico eu mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'el-rei. Velho, acolhe-te á igreja; já é tempo de morrer, pois assim importa á tua honra: e eu sei que não deixarás tu de fazer, o que á tua honra importa.

M. Bernardes, *ibid.*, i, 334.

XLIV

Lenda dos bailarins

No anno da salvação humana 1012, imperando Henrique II, succedeu em Saxonia, que um sacerdote por nome Ruperto, presbytero da igreja de S. Magno Martyr, havendo começado a celebrar a primeira missa da noite de Natal, não podia proseguir, por se achar distraído com os estrondos de um baile que alli perto se fazia. E era, que um homem plebeo por nome Otherio, com outros quinze companheiros, e tres mulheres, dançando e cantando todos junctos no cemeterio, faziam notavel ruido. Mandou-lhe pois o sacerdote dizer, pelo sachristão, que se quisesse aquietar; porque não era aquel e o modo agradavel a Deus de festejar noite tão sancta; e zombando elles do recado com risadas, e dichotes, como gente de pouco intendmento, e menos temor de Deus, o sacerdote, accendendo se em zêlo da honra divina, e do decoro, que a seo ministro sacerdotal se devia, disse:

—Praza a Deus, que um anno inteiro bailem, sem parar!

Caso estupendo, ainda sómente ouvido, quanto mais visto! A bôcca do sacerdote o disse, e a mão do omnipotente assim o executou. Amanheceu, e anoiteceu o seguinte dia, e elles a bailar! Introu a roda de novo anno, e elles sem sahirem da mesma roda da sua dança! Passou um mes, e outro mes; accudia a gente attonita com tão raro espectáculo: dançando os achava, e dançando os deixava! Perguntavam-lhes uns uma cousa, e outros outra: a nada respondiam, nem attendiam: o seo destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante diligencia, era só andar á roda, uns atrás dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos instigados do aguihão d'aquella praga do sacerdote.

Não comiam, não bebiam, não mostravam cansaço, não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rompeu o vestido, nem cahiu sobre elles chuva. Da continua pista, ou calcadura, sumiram-se pela terra até mais acima dos joelhos: a si mesmos parece, que intentavam sepultar-se vivos, ou abrir caminho, por onde descessem a dançar ao inferno. Quis certo mancebo tirar da roda a uma das tres mulheres, que era sua irmã. E pegando-lhe do braço com violencia, este lhe veiu na mão, desmembrado do corpo, como se de uma pedra de linho separasse fóra alguma estriga; ou mettendo a mão na massa lèveda, trouxesse algum pouco no punho. E ella, como se o braço fosse alheio, nada disse, nem gemeu, e foi proseguindo a dança do seo fado, sem da ferida manar sangue!

Finalmente ao cumprir-se o anno, pelo natal de 1013, veiu áquelle logar S. Heriberto, arcebispo de Colonia, e os absolveu da maldicção; e introduzidos na igreja, os reconciliou com Deus. As tres mulheres, como sexo mais fraco, espantam logo; pouco tambem duraram alguns dos homens, dos quaes se diz, que, depois de mortos, obrou Deus por elles alguns milagres: como significando o perdão de seus peccados, que por meio de tão custosa penitencia tinham alcançado. Os mais que sobreviveram, sempre com o tremor de membros, e espanto dos olhos, mostravam bem o terrivel caso que por elles havia passado. E cada um d'elles era uma estatua do esgarmento, erigida para protestação da reverencia, que se deve aos mysterios, aos ministros, e aos logares sagrados.

M. Bernardes, *ibid.*, II, 15.

XLV

Repentes

Ha ingênhas felizes nos repentes, o que lhe concilia particular graça aos seus conceitos; que parecem flôres, não cultivadas, mas apparecidas, como por incentivo. Junto das saudeas águas do Mondego estavam uns estudantes em dia

de sueto; e vendo vir pelo rio uma cabeça, a tomaram por assumpto dos seus versos. Depois que os outros disseram, disse um por remate do certame:

Zombou de tantas cabeças
Uma cabeça vasia,
Cheia como zombaria!

Dom Thomás de Noronha, fidalgo de discrição mui celebrada neste reino, vendo falar uma pessoa de sua familia com certa mulher suspeitosa, perguntou o que era. E foi-lhe respondido, que era uma adella, a quem se procurava uns coraes. Disse então de repente:

A adella com quem falais,
Boas novas não ha d'ella:
E o que vós falais com ella,
Co'os coraes não o córaes.

Conhecêmos aqui em Lisboa um homem que glosava motes (por difficultosos, e paradoxos que fôsem), sem deter-se mais, do que em quanto corria a mão pelo bigode, torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propôs o marquês de Fronteira o seguinte mote

A mais formosa que Deus

E elle, levantando os olhos pensativos, e fazendo a acção costumada, sahiu logo com a seguinte glosa:

Com duas donzelas vim
Honte de uma romaria;
Uma feia parecia;
Outra era um seraphim.
E vendo-as eu assim
Sós, sem os amantes seos,
Perguntei-lhes: anjos meus,
Quem vos pôs em tal estado?
Disse a feia, que o peccado!
A mais formosa, que Deus!

M. Bernardes, *ibid.*, IV, 47.

XLVI

Grandioso presente

O nosso incllito rei D. Manoel, de feliz recordação, quando se viu dominador dos reinos do oriente, de sorte que piamos dizer, que as aas do oriente se mediam com o seo imperio, e que aquelles povos miliaes se não inclinavam contra a potencia de suas armas, mais que para ser d'ellas animados a ouvir os annuncios da palavra evangelica, então chegou de submissão a esta grandesa aos pés do summo pontife e ao X. por seus embaixadores particulares, tributando-lhe junctamente as primicias das riquezas do oriente.

O principal d'eles era Tristão da Cunha, a quem acompanhados outros dous, a saber, Diogo Pacheco, e João de Faria, desembargadores, e outros em-

coenta cavalleiros. E era em todos tanta a riqueza, e lustre, que até havia cellas, freios, peitoraes, e estribos de ouro de martelló, com pedraria fina, e perolas a montes.

Todos os embaixadores dos principes christãos, que se achavam em Roma, e o governador da mes na cidade, e muitos bispos, e familias dos cardeaes, e outra innumeravel nobresa deram nobres aumentos a ésta pompa, e o mesmo papa quiz lograr o vistoso d'esta intrada desde o castello de sancto Angelo.

Levavam-lhe um presente com um grande, e preciosissimo cofre, coberto com pano de ouro, e nelle debuxadas as reaes quinas, posto sôbre um elefante, o qual, tanto que avistou o summo pontifice, ajoelhou tres vezes, ensinado pelo Nayra, que de cima o governava, e logo mettendo a tromba em um grande vaso de água que alli estava prevenido, borrifou os cardeaes, e outras pessoas, que estavam pelas janellas, e o mesmo signal de festa usou com o mais povo, que estava apinhado pelas ruas.

Em outro dia, foi recebida a embaixada, orando elegantemente o Pacheco em consistorio; e no fim da oração, o papa exaltou com excessivos louvores as prendas de el-rei D. M. noel, e o catholico zelo, com que naquele novo mundo sollicitava propagar o imperio de Christo, e glória de sua santa igreja. Os pontos principaes da embaixada eram tres: o primeiro, que sua sanctidade emprendesse guerra contra o turco: segundo, que se tractasse mui devéras da reforma da igreja: terceiro, que a este fim se proseguisse, e concluísse o sagrado ecumenico concilio de Trento.

Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elefante diante de sua sanctidade.

Encerrava um ornamento pontifical inteiro, não só para a pessoa do papa, mas para todos os seus ministros; era todo de chaparia, e figuras de ouro, e pedraria preciosa e a trechos umas romãs de rubins escachadas; e sendo a material tal, ainda dos primores da arte era vencida; iam junctamente outras riquissimas joias, e ducados de 500 escudos de ouro, como para entulho. Avaliaram alguns o presente em um milhão, o qual veiu a ser dos que saquearam Roma.

Finalmente Alberto de Carpe, escrevendo ao imperador Maximiliano, como seu embaixador que então era, diz na sua carta este capitulo:

— Todo o povo universal de Roma concorreu por ver ésta novidade; e não é maravilha, porque poucas vezes ou nunca succedeu enviarem principes Christãos a Roma, tão magnifico apparato.

M. Bernardes. *ibid*, v 93.

XLVII

O Frade de tresentos anos

Estando um monge em matinas com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram áquillo do psalmo, onde se diz que: Mil annos á vista de Deus são como o dia de ontem que já passou, admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquillo podia ser. Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pediu affectuosamente a nosso Senhor se servisse de lhe dar intelligencia d'aquelle verso. Apareceu-lhe alli no côro um passarinho, que, cantando suavissimamente, andava diante d'elle dando voltas de uma para a outra parte, e d'este modo o foi levando pouco a pouco até um bosque, que estava juncto do mosteiro, e alli fez seu assento sôbre uma arvore, e o servo de Deus se pôs debaixo d'ella a ouvir. D'alli a um breve intervallo (conforme o monge julgava) tomou o vôo, e desapareceu com grande máguia do servo de Deus, o qual dizia mui sentido:

— Ó passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa?

Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquella mesma madrugada depois de matinas tinha sahido d'elle. Chegando ao convento, achou tapada a porta, que de antes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava? respondeu-lhe:

— Eu sou o sacristão, que poucas horas ha sahi de casa, e agora torno, e tudo acho mudado!

Perguntando tambem pelos nomes do abbade, e do prior, e procurador, elle lh'os nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar d'aquelles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abbade; e pôsto em sua presença, não se conheceram um a outro, nem o bom monge sabia que dissesse, ou fizesse mais, que estar confuso, e maravilhado de tão grande novidade. O abbade, então allumiado por Deus, mandou vir os annals, e histórias da ordem, onde buscando, e achado os nomes, que o monge apontava, se veio a averiguar com toda a claresa, que eram passados mais de tresentos annos, desde que o monge sahira do mosteiro até que tornára para elle. Então este contou o que lhe havia succedido, e os religiosos o acceitaram como a irmão seo do mesmo habito. E elle, considerando na grandesa dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os sacramentos e brevemente passou d'esta vida com grande paz em o Senhor.

M. Bernardes, *ibid.*, II, 3.

XLVIII

Freiras loucas

De má origem procede a altivez de espirito, e loucura de phantasia, e a hypocrisia, com que a tal religiosa todas suas cousas estima, todas as dos outros desdenha; enche-se de melindre, impertinencia, e affectação na voz, nos passos, no riso, no comer, beber, e vestir; finge accidentes, e desmaios, para merecer compaixões, e ostentar delicadezas; toma sangrias, não para inteirar a saude, senão para quebrar a côr, ou para dar occasião aos estremesimentos de quem a ama, e aos brincos, e regalos de quem apresenta; enjoa-lhe a pobreza, e achaques das outras, despreza-se dos ministerios baixos, qualquer falta de asseio lhe revolve o estomago, ao mesmo tempo que traz corrupta a alma, mandando bichos de mil defeitos, e peccados. Emfim vai-se convertendo em idolo de si proprio, só propicio a quem concorrer com adorações, e o incensar com perennes lisonjas, que todas crê, e admite, por exorbitantes, e ridiculas que sejam.

M. Bernardes, *ibid.*, II, 465.

**Quadro Sinótico do movimento político,
social e literário
correspondente á escola franceza ou Arcádica**

I

Monarcas portugueses

D. João V	1706-1750
D. José I	1750-1777
D. Maria I	1777-1816
D. João VI	1816-1826

II

Sincronismo político e social

- 1715 — Tratado de Utrecht; morte de Luís XIV.
- 1740-1786 — Governo de Frederico o Grande da Prússia.
- 1756 — Guerra dos Sete Anos.
- 1759 — Queda da Companhia de Jesus.
- 1774 — Sube ao trono Luís XVI.
- 1783 — Proclamam-se independentes os Estados-Unidos da América.
- 1785 — Máquina a vapor de Watt.
- 1789 — Principio da Revolução franceza.
- 1792 — Proclamação da República em França.
- 1793 — Execução de Luis XVI e de Maria Antonieta. Época do Terror.
- 1796-1821 — Napoleão.
- 1807-1811 — Invasões francezas em Portugal.
- 1820 — Revoluções liberais na Europa.

III

Sincronismo literário

ESPAÑA

Neste país começou a vigorar no século XVIII a influencia do gôto da escola, desenhando-se, ao terminar do século XVIII, o movimento literário, com: ISÁCO DE LUZÁN (1702-1764) a quem se attribue a introdução da poesia gótica em España; JOSÉ FRANCISCO D'ISLA (1733-1781) que na obra *obra de fray Gerundio de Campazas* fez a primeira tentativa de poesia gótica; IRIARTE (1710-1791); RAMON DE LA CRUZ (1731-1781) e ELLENDE (1731-1781); CARREROS (1764-1809) e JOVE LLANOS (1754-1811) que se destacam por suas obras pelas suas composições poéticas; FLORES (1731-1781) e CONCE (1731-1781) pelas seus trabalhos históricos.

FRANÇA

A França do século XVIII cria pelos seus filósofos o movimento de reacção religiosa e política que se infiltrou, como um fermento, em toda a sociedade europeia. Uma pleiade distinta iniciou esse movimento: VOLTAIRE, DIDEROT, D'ALEMBERT, o barão D'HOLBACH, CONDILAC, HELVECIO, no campo da filosofia; MONTESQUIEU e ROUSSEAU na da política social; MIRABEAU na eloquência; LESAGE, PREVOST, BERNARDIN DE SAINT-PIERRE e FLORIAN, no romance; LA HARPE, na critica literaria; FONTENELLE, na vulgarização científica, e muitos outros. Acima de todos se eleva, porém, VOLTAIRE (François Marie Arouet) 1694-1778, génio múltiplo e fecundo de quem Goethe fez este juizo: «génio, imaginação, profundidade, extensão, razão, gosto, filosofia, elevação, originalidade, ... elegância, alegria, zombaria, ... eis Voltaire». O poema épico *Henriada*, as traédias *Bruto*, *Morte de Cesar*, *Alzira*, *Merope*, *Tancredo*, *Mahomet*, *Semiramis* e *Zaira*; as poesias philosophicas *Discurso sobre o homem*, *Lei Natural*; a *História de Carlos XII*, *Século de Luís XIV*, *Ensaio sobre os costumes e espirito das nações*, os seus romances cartas, as criticas historicas, politicas e literarias, demonstram a extraordinária adaptação do talento de Voltaire a todos os assuntos. Por isso elle domina, facilmente, o seu tempo e a sua época.

Em portug.: Manoel Monteiro: *Hist. de Carlos XII...* Lisboa, 1739, 2 vols.; Albino de Sousa Coelho e Almeida, *Os Scythas, tr. em verso*, Lisboa, 1781, 117, págs.; Pedro António Pereira, *Zaira*, Lisboa, 1783, 39 págs.; outra tr. de Manoel F. de S. da Mota e Silva, Lisboa, 1815, 140 págs.; António José de Paula, *Mafoma*, Lisboa, 1785 (Não é de José Anastácio da Cunha como se supõe — *Inoc.*, *Dic.*, xii, 215); José Caetano de Figueiredo, *Alzira*, 1785, 79 págs.; Tomás de Aquino B. e Freitas, *Henriada*, Porto, 1789, 264 págs.; (José de Vasconcelos e Sousa), *Henrique IV*, poema épico, Lisboa, 1807; João Felix Pereira, *A Henriqueida*, Lisboa, 1878, 179 págs.; José P. de A. Sousa da Camara, *Orestes*, Lisboa, 1790, 130 págs.; Id., *Marianne*, *ibid.*, 1790, 103 págs.; Id., *Sophonisba*, *ibid.*, 1790; Id., *Bruto*, 2.^a Id., *ibid.*, 1822; José L. Pinto, *Semiramis*, Porto, 1783; José T. Cabral, *Zadig ou o Destino...*, Lisboa, 1807; outra tr. de Filinto Elysio in *Obras*, ix; José A. de A. Velloso, *Leis de Minos* in *Trad. Dram.*, Lisboa, 1816; José Th. da S. Teixeira: *Eryphile*, Porto, 1822; Tiburcio A. Craveiro, *Merope*, Londres, 1825; outra tr. de Manoel O. Mendes Rio de Janeiro, 1831; António da C. Paiva *Romances de Voltaire*, Porto, 1836; Filinto Elysio, *Virginidos ou a Donzella*. (É a tr. da *Pucelle* in *Obras*, ix; Manoel O. Mendes, *Tancredo*, Rio de Janeiro, 1839; Anónimo, *Alzira* in *c. Dic.*, vi, 298); Anónimo, *Memnon ou a sabedoria humana*, 1 folha, s. a. n. d.; Fernandes Costa, *Candido ou o Optimismo e a Princesa de Babylonia* na «*Bibl. univ. ant. e mod.*», de Lisboa.

Como se vê foram numerosas as trad. do fecundo escritor — e não estão, decerto, indicadas todas —; mas o gosto pela literatura franceza não se revelou sómente na difusão das obras de Voltaire. Temos mais, embora algumas sejam de época muito posterior: De DIDEROT: *O Pai de familia* (*Innoc. Dic.*, vii, 298); de CONDILLAC J. L. Freire de Carvalho, *Arte de pensar*, Coimbra, 1794. A 2.^a parte por Rodrigo F. da Costa e A. de Castro, *Obras elementares de phil. racional...* (Lógica) Lisboa, 1801. (Foi attribuida a Joaquim Arnos de Carvalho); de MONTESQUIEU, António V. de C. e Sousa, *Arsace e Ismenia, novella*, Lisboa, 1827; Rodrigo F. da Costa, *O templo de Gnido*, Paris, 1828; de J. J. Rousseau, João Baptista Gastão, *O contracto social...*, Lisboa, 1821; Bento L. Vieira, *Contracto social*, Paris, 1821; de LESAGE, Bocage, *Hist. de Gil Braz de Santilhana*, Paris, 1836 [D. Bocage, só o vol. i e ii até págs. 116, daí por diante e os vols. iii e iv de Luís Caetano de Campos]; outra tr. de Júlio Cesar Machado, ed. illustr. com 100 grav. e 30 oleogr., Lisboa, 1885, 2 vols., fol.; Carlos J. da Cunha, *O bacharel de Salamanca ou as aventuras de D. Churu*

him de la Ronda, Lisboa, 1802, 6 vols. ; outra tr. de Fernandes Costa, 1888, 2 vols. in « *Bibl. Univ. ant. e mod.* » de PRÉVEST, António M. P. Carrilho, *Manon Lescaut*, outra tr., Porto, 1897, 1 vol. (s. nome de tr.) ; de FLOBIAN, Manoel R. da S. Abreu, *Eliezer ou a ternura fraternal*, poema..., Braga, 1839 ; de FONTENELLE, D. Francisca de P. P. da Costa, *Conversações sobre a pluralidade dos mundos...* Lisboa, 1841 ; outra tr. de D. Christina H. H. de Carvalho, 1882, 2 vol. in « *Bibl. univ. ant. e mod.* » ; de LA HARPE, Filinto, *Córioriano*, in *Obras*, xi, (só dois actos) de B. SAINT-PIERRE, António P. de Paiva e Pona, *Paulo e Virginia...* Porto, 1883 ; outra tr. de Alfredo Alves e Bulhão Pato, Lisboa, 1898.

ITALIA

A Itália do século XVIII conta os seguintes homens notáveis:

METASTASIO (1699-1782) que em 1724 publicou a tragédia lírica *Dido abandonada*, obtendo o favor de Carlos VI que lhe deu o título de *Poeta Cesáreo* e a pensão de 3.000 florins. Compôs 63 tragédias. [Em Portug. : CAETANO J. DA S. SOUTO-MAIOR, *Operas de...* Lisboa, 1740 ; FERNANDO L. ALVIM, *Semiramis reconhecida*, Lisboa, 1755 ; Id., *Temistocles*, *ibid.* ; FRANCISCO L. AMENO, *Achilles em Sciro*, Lisboa, 1755 ; Id., *Alexandre na India*, *Zenobia em Arménia*, *A clemencia de Tito*, *Demofoonte em Thracia* e *Antigono em Thessalonica*, todas de Lisboa e 1755 ; Filinto, *Antigono em Thessalonica*, 1768 ; JOSÉ DE M. FALCÃO, *A valerosa Judith...*, Lisboa, 1773 ; JOSÉ B. DA GAMA, *A liberdade do sr. Pedro... poeta cesáreo, com a tr. fr. de Rousseau, de Genebra, e a portug. de Termino, poeta arcade*, Lisboa, 1773 ; JOSÉ V. BARRETO FEIO, *Themistocles*, Lisboa, 1818 ; da *Opera Achilles em Sciro* ha outra tr. por Manoel P. da Costa, Lisboa, 1755].

GOLDONI (1707-1793), que mereceu o cognome de *Molière italiano*.

ALFIERI (1749-1803), que deixou nas suas 14 tragédias e em muitas obras em prosa e verso provas sobejas do seu talento e gosto literário. [Em portug. : JOSÉ V. B. FEIO, *Orestes*, Lisboa, 1819 ; Id., *O tratado do Príncipe e das letras...*, Paris, 1832 ; Id., *O tratado da tyrannia*, *ibid.*, 1832 ; ANTÓNIO P. ZAGALO, *Conspiração dos Pazzis*, Porto, 1848].

Na história sobressaíu : VICO (1668-1744) creador da filosofia da história com a obra, que é o seu título á immortalidade — *Principi di una nova scienza intorno alla natura delle Nazione*, 1725, 2 vols., que mereceram a Michelet a honra duma tradução.

INGLATERRA

É de esplendor o século XVIII ; bastará mencionar na poesia YOUNG (1681-1765) conhecido pelas suas *Noites* ou *Pensamentos nocturnos*. [Em portug. : JOSÉ M. R. PEREIRA, *Noites selétas*, Lisboa, 1781 ; VICENTE C. DE OLIVEIRA, *Noites... a que se ajuntam muitas notas importantes e vários opusculos de Young*, Lisboa, 1785, 2 vols. ; outra ed., 1804, 2 vols. ; Id., *Nova tragédia intitulada a « Vingança » do dr...*, Lisboa, 1788 ; Id., *Busiris* no vol. anterior] ; POPE, (1688-1744), que desenvolveu o seu génio no poema cómico *Roubo d'uma madeixa*. [Em portug. : ANTÓNIO TEIXEIRA, *Ensaio sobre o Homem...*, Lisboa, 1769 ; JOZÉ N. DE MASSUELOS PINTO, *Epistola de Heloisa a Abailard...*, Londres, 1801 ; CONDE DE AGUIAR, D. FERNANDO J. DE PORTUGAL, *Ensaio sobre a crítica...*, Rio de Janeiro, 1811 ; Id., *Ensaio moraes... com as notas de José Warton e do tl.*, *ibid.*, 1811 ; FRANCISCO J. M. TARGINI, *Ensaio sobre o Homem, tr. verso por verso por... barão de São Lourenço...* dado á luz por uma sociedade literária da Grão-Bretanha, Londres, 1819, 3 vols. ; HENRIQUE E. DE ALMEIDA COUTINHO, *Epistola de Heloisa a Abailard...*, Porto, 1835 ; JOZÉ M. OSCRIO CABRAL, *O inverno ou Daphne*, in *Jornal de Coimbra*,

II, p. 2.^a, pg. 211; ANTÓNIO LUÍS GENTIL, *O roubo do anel de cabellos...* in-*Ramalhete, jornal de instr. e recreio*, I, 1837, pg. 22 e seg.; FRANCISCO J. P. MAGALHÃES, *O roubo da Medeira*, in-*Minerva Brasiliense*, I, 1843]; THOMPSON (1700-1748) imortalizado pelas *Estações*. [Em portug.: MARQUESA DE ALORNA, *Estações*, in-*Obras*, III], poema descritivo. A eloquência parlamentar tem neste século alguns dos seus melhores representantes: LORD CHATAM (1708-1778); EDMUND BURK (1730-1797); FOX (1748-1806) e WILLIAM PITT (1759-1806).

Sam insígnies na história DAVID HUME (1711-1776), também filósofo célebre, ROBERTSON (1721-1793) [Em portug.: João B. da S. Lopes, *Hist. de Carlos V*, tr. do 1.^o vol.] e GIBBON (1737-1794), cuja obra *História da decadência e queda do império romano* ficou clássica.

Na novela merecem registrar-se os nomes de DANIEL DE FOE (1661-1731), JONATHAN SWIFT (1667-1745) o conhecido autor das *Viagens de Gulliver*; RICHARDSON (1689-1761), [Em portug.: D. Felix Moreno de M. y Ros, *Pamella Andrews ou a virtude recompensada, novella...* Lisboa, 179..., 2 vols.] GOLDSMITH (1728-1774) [Em portug.: D. Maria B. G. Martins, *Hist. da Grécia...*, Lisboa, 1865 Anón., *Hist. secreta do Gabinete de Napoleão...*, Lisboa, 1811; Alex. Aragon *Hist. de Ingl.*, Lisboa, 1842 44, 4 vols.] e RADCLIFF (1764-1823).

ALEMANHA

O século XVIII é para a Alemanha a época áurea da sua literatura. HALLER (1708-1777); KLOPSTOCK (1724-1803). GESSNER (1730-1787) [Em portug.: *Obras*, Porto, 1791, 2 vols. *A morte de Abel* poema trad. por um anónimo, Lisboa, 1784, outra tr. pelo P. José Amaro da Silva, ibid, 1818.] e WIELAND (1733-1813) [Em portug.: Filinto, *Oberon*, in-*Obras*, II; Marquesa de Alorna, in-*Obras*, III (os 1.^{os} 6 cantos)] deixaram obras que tornaram imorredouros os seus nomes. Na história sobressaíram HERDER (1744-1803) e MÖLLER (1752-1809); na crítica literária LESSING (1728-1781). [Em portug.: João F. Pereira, *Fabulas*, Lisboa, 1853], os irmãos SCHLEGEL, Augusto Guilherme (1767-1845) e Carlos Guilherme Frederico (1772-1829); na filosofia WOLF (1679-1754), KANT (1724-1804) e FICHT (1762-1814). Mas a Alemanha é principalmente orgulhosa dos seus dois grandes poetas GOETHE e SCHILLER.

GOETHE (João Wolfgang) (1749-1832) escreveu numerosas obras, tendo as iniciado com o drama *Goetz de Berlichingen*. Quando em 1774 publicou os *Sofrimentos do joven Werther*, o seu nome tornou-se conhecido em toda a Alemanha. As suas baladas e canções, como *Rei de Tule*, *Canto do Conde prisioneiro*, o seu idílio épico *Hermann e Dorothea*, as suas tragédias *Torquato Tasso* e sobretudo *Iphigenia em Taurida*, e *Conde d'Egmont*, que passa pela melhor, e tantas obras admiráveis, dão-lhe lugar a ser considerado como um dos maiores poetas do mundo. Em 1790 apareciam as primeiras scenas da obra que foi a grande preocupação de toda a sua vida — o *Fausto*, que saiu completa em 1832. Goethe morreu em Weimar em 1832, cheio de amor e de glória, soltando, na agonia, aquelas célebres palavras que também um génio português repetiu: *Luz! ainda mais luz!* [Em portug.: Lino Augusto de MACEDO e MALLO, *Hermann e Dorothea* in-*Luz* e em separata, Leiria, 1856, 8.^o, 79 pgs.; outra tr. do dr. FERNANDES COSTA, 1857, in-*Bibl. univ. ant. e mod.*; AGOSTINHO DE ORNELAS, *Fausto...*, Lisboa, 1867, 270 pgs. incompleta); VISCONDE DE CASTILHO, *Fausto...*, Lisboa, 1872; JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *O Fausto de Goethe*, Porto, 1872; Eugénio de Castro, *Poesias de Goethe*, Lisboa, 1909, 1 vol.].

De trad. avulsas é mais conhecida a da lindíssima *Canção do Rei de Tule*, que em português foi traduzida por LUTINO COELHO, EÇA DE QUEIROZ [incompleta], GONÇALVES GRESPO, ANTHERO DE QUENTAL, CASTILHO e JOAQUIM DE VASCONCELLOS. Ultimamente ainda a *Canção* foi mais trad. pelo sr. ALEXANDRE FONTES,

in-*Occidente*, vol. xxx (1907), pg. 130 e com mais duas de Goethe e cinco de SCHILLER e outras in *Lira germânica*, Lisboa 1907.

SCHILLER (João Cristovão Frederico de) (1759-1805). Se Goethe é o homem de génio, como se diz na Alemanha, SCHILLER é o homem de coração.

Pode admirar-se a suavidade da poesia de Schiller nas baladas como as *Palavras de fé*, *Palavras de ilusão*, *Artistas*, *O Sino*, *O Ideal e a vida ou o reino das sombras*; nas odes com *A alegria*, na elegia *Resignação*, *Deuses da Grécia*, etc. Em todas estas composições ha uma nobre pureza e um superior estilo. Nas tragédias *Maria Stuart* (1800), *Pucelle d'Orleans* (1801), *Desposada de Massines* (1803) e sobretudo no *Guilherme Tell* (1804), o génio de SCHILLER subiu a toda a elevação épica. A Alemanha chorou a sua morte como uma perda nacional [Em portug.: João Felix PEREIRA, *O visionario romano*... tr. do alemão, Lisboa, 1852, 8.º, 225 pgs. E poesias avulsas como essa divinal *Die Glock* que o sr. FONSES tr. no livro cit. na nota ant.; em J. GOMES MENEIRO, *Ecos da lyra teutonica*..., Porto, 1848, encontram-se também algumas poesias de SCHILLER bem como de, GOETHE, LESSING, UHLAND...].

CAPÍTULO V

Escola Francêsa ou Arcádica

(Séc. xviii)

A POESIA

Sumário: 131. O século xviii, caracteres gerais.—132. Reacção literária.—133. O verdadeiro método de Verney.—134. Academias literárias: 1) Academia Real da História Portuguesa; 2) Arcádia Ulissiponense; 3) Academia Real das Sciências; 4) Nova Arcádia.—135. Géneros literários: principais representantes. 136. Pedro António Correia Garção.—137. Domingos dos Reis Quita.—138. António Dinis da Cruz e Silva.—139. Manuel Maria Barbosa du Bocage.—140. José Agostinho de Macedo.—141. Francisco Manoel do Nascimento.—142. Nicolau Tolentino de Almeida.—143. Duas poetisas.—144. O teatro no século xviii.—António José da Silva.—146. Nicolau Luís.—147. Manoel de Figueiredo.—148. A *poesia épica* no século xviii.—149. José Basílio da Gama.—150. José de Santa Rita Durão.—151. Os *Líricos*.—152. Thomás António Gonzaga.—153. António Pereira de Sousa Caldas.

131.—O século XVIII, caracteres gerais. A primeira metade do século xviii pouca diferença tem do último período do precedente século. A affectação e o mau gosto agravaram-se. Muitos escritores deixaram-se desvairar pelo grande engenho de Vieira copiando-lhe o mau e desprezando o que nêlle havia de bom. Usavam aquelas excrecências de estilo, escreve Rebello da Silva, como os sinais, os donaires e os riçados altos se trajavam nos atavios cortesãos, destituindo a fisionomia e as mais esbeltas proporções. O que não tinha resabos de artifício, uma tinta violenta e afogueada, desprezava-se como inferior á fama do escritor; e por isso naquêlê século, propenso ás agudezas e argúcias de téses e argumentos nubelosos, intrincados e sofistas, ninguém se eximiu inteiramente ao contágio ¹.

Por outro lado «o povo arrastava-se no seio da miséria, do embrutecimento e do fanatismo, segundo escreve Pinheiro Chagas, uma côrte frívola, devassa e beata insultava a miséria popular com a sua sumptuosidade, a instrucção pública estava paralisada nas mãos

¹ *Annaes das Sc. e Letras*, I, 1858, Lisboa. O aspecto histórico-social desta época é bem desenhado na *Hist. de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, Lisboa, 1860, 5 vols., de Rebello da Silva.

dos jesuítas, os cristãos-novos, que constituíam a parte mais esclarecida talvez da nação, fugiam para o estrangeiro com medo do santo officio, no reino decadente e pobre havia uma grande sombra, cortada pela chama dos autos de fé».

132. — Reacção literária. No meio desta decadência interna todos voltavam os olhos para a França, que sobre ela atraía as atenções de toda a Europa com o seu prestígio político desde o reinado de Luis XIV e com a fama dos seus escritores, que todos desejavam conhecer e imitar. Já dentro do próprio séc. XVII se notam esforços de imitação francesa, como o demonstra a traducção da *Arte Poética* de Boileau pelo Conde da Ericeira. A traducção não produziu o mínimo effeito na orientação do gosto literário, como aconteceu também com o poema dêle — *Henriqueida*. No conceito de Verney o Conde era homem erúdito, mas f' lho de método e de critica. A acção de D. João V também foi estéril, embora na sua época se fundassem várias Academias de História e de Literatura e se publicassem alguns trabalhos de erudição genealógica e histórica, como a *Bibl. Lusit.* de Barbosa Machado, o *Vocabulário* de Bluteau, e tantos outros. Mas lá está o gosto da época nos próprios nomes das Academias e até nos títulos dos livros e. para ex., êste mesmo Dicionário de Bluteau, que tem mais de 50 títulos na portada desde *culico* até *zoológico*, todos exdrúxulos! Desta inutilidade da época sam frisante exemplo osouteiros celebrados nos conventos por ocasião da eleição das abadessas — os *abadessallos*, a que concorria sempre grande multidão de fidalgos, e de poetas, e em que disputavam primasias os conceitos alambicados, os trocadilhos e os equívocos. As freiras ou rec' bidas lançavam através do locutório os *motes*, que a chusina de improvisadores *glosava* melhor ou pior conforme o seu valor. Lisboa, Coimbra, Porto, Evora, etc., conheceram êst s interessantes torneios, que ainda subsistiram até além dos meados do século XIX, tendo ficado memória dêes em poesias de Camilo Castello Branco e Guilherme Braga. Eram pretexto afinal para manifestação espectacular de luxo em trajos, em equipagens, em ditos espirituosos, ocasiões em que os conventos rivalizavam em fornecer aos seus convidados tudo quanto a mais fina, a mais curiosa, a mais inventiva arte de pasteleria havia descoberto, até nos nomes que ficaram históricos — pasteis de Santa Clara (Coimbra), manjar branco de Celas, nabada de Semide, e toucinho do céu, pingos de tocha, barriga de freira! etc. Destes *outeiros* nada ficou digno de registo, suc'dendo o mesmo às *assembleias* ou *serões* contemporâneos dêes, que constavam de «jogo, cantorias, danças e versos». Meros passatempos que pareciam ser a única manifestação séria de vida duma sociedade em verdadeira decomposição! Mas se a fisionomia da primeira metade do século é como a acabamos de tracejar, a última

metade já apresenta todos os sintomas duma revolução, que viria a dar o florescente período do renascimento romântico. Muitos escritores portugueses haviam fugido á intolerância política e religiosa do país, indo habitar a França, que desde Luís XIV, repetimos, alcançara em literatura prestígio indiscutível. Ao calor dos ideais de liberdade é que aqueceram os seus espíritos homens como Luís António Verney, Alexandre de Gusmão, o Cavalheiro de Oliveira, António Nunes Ribeiro Sanches, Correia da Serra, Brotero, Francisco Manoel do Nascimento e outros. Aos esforços dêstes grandes homens se deve a reacção em favor da língua, da poesia e da história; saem verdadeiramente os «*Precursores da reforma*». Verney com o seu *Método* atugentava a velha rotina literária e linguística; Ribeiro Sanches apontava ao Marquês de Pombal as transformações a realizar no ensino para o erguer do abatimento em que jazia; todos pelas suas obras prepararam o romantismo. Nêste movimento de reacção importa destacar, pela sua importância, alguns factores. Nomeemos especialmente o *Estabelecimento da Aula de Comércio* fundado em Lisboa em 1759 que, melhorado e desenvolvido, poderia de há muito ter-nos dado uma escola superior de comércio; a instituição do *Real Colégio de Nobres* criado em 1761 onde se estudavam as línguas clássicas e as modernas, a história, a filosofia, etc., que era para o seu tempo um instituto de que só modernamente temos similar nas Faculdades de Letras de Coimbra e Lisboa,¹ e enfim e sobretudo, a reforma da *Universidade de Coimbra* estudada pela *Junta de «Providência Literária»*, criada por carta régia de 23 de dezembro de 1880. Esta Junta composta de nove membros, de que eram inspectores o Cardeal da Cunha e o próprio Marquês de Pombal, e de que faziam parte, entre outros, o Bispo de Beja, José Seabra da Silva e D. Francisco de Lemos, passados oito meses apresentava o *Compêndio histórico do estado da Univ. de Coimbra*, donde talvez a côres um pouco exageradas sobresaia nitidamente a decadência e esterilidade do ensino universitário da época. A mesma Junta elaborou um plano de estudos, modelar para aquele tempo, como consta dos *Estatutos Novos* que criaram as Faculdades de *Matemática e Filosofia*, com o *Observatório Astronómico*, o *Museu de História Natural*, o *Gabinete de Física*, o *Laboratório de Química* e o *Jardim Botânico*, prenes testemunhos a gloriosamente atestarem a orientação pedagógica e o largo e profundo saber de quem os redigiu.²

¹ Criadas pelo Deccr. com força de lei de 19 de abril de 1911. Sobre o estado das letras em Portugal vid. Dr. A. de Vasconcelos, *Rev. de Letras*, *Inaugural do ano lectivo de 1912-1913 na sessão solenne de abertura da Univ. d. Coimbra a 15 de outubro*, Coimbra, 1912.

² Para a história da Univ. nêste período deve lêr-se a *Memoria...* de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, publicada pelo sr. dr. Th.

133. — O “Verdadeiro Método”, de Verney. A decadência literária e científica de Portugal foi apontada com muita justeza num livro que apareceu em 1746 sob forma epistolar e assinado por um *Frade Barbadinho*. Tal era o pseudónimo dum indivíduo de rara ilustração, de vasta e segura cultura e de desasombrado critério «por ventura o maior sábio português do século XVIII» como acerca dêlé escreveu Fr. Fortunato de S. Boaventura — LUIS ANTONIO VERNEY (1713-1792) ¹. Já atrás o citamos como um dos cooperadores da reforma das letras no séc. XVIII: merece o seu nome neste campo ser dentre todos singularizado. Verney fez a sua educação em Itália e de lá veio pôr ao serviço da sua causa uma erudição e tenacidade difficilmente superáveis.

Quando appareceu o *Verdadeiro Método de estudar* ² travou-se renhida polémica em volta dêlé e do autor. Verney não era, decerto, um escritor modelar; a frase saia-lhe incorrecta, a crítica desabrida e por vezes injusta. Mas isso mesmo constituiu uma das razões da salutar agitação operada em favor das boas letras. Os jesuitas eram os principalmente atingidos pela agudeza da crítica de Verney e por todas as formas procuraram inutilizar-lhe o esforço. Mas ao lado do implacável denegógo do velho e sedição ritualismo literário estavam a apoiá-lo homens como Cenáculo e Francisco José Freire. Nem ao próprio Camões Verney poupou os seus reparos e á chusma dos poetas atirava dardos desta ordem: *entendem que o compôr bem consiste em dizer subtilizas e inventar cousas que a ninguém ocorressem: com esta idéa produzem partos verdadeiramente monstruosos e que êles mesmos, quando os examinam sem calor, desaprovam.*

E' Frei António das Chagas quem êle escolhe para criticar, ou melhor, satirizar, como autor do poema *Filis y Demofonte*, que nunca viu a luz pública, mas circulava em cópias manuscritas por toda a parte, e de sonetos, cujo só titulo dizia tudo — «*Achando na*

Braga, sob o título — *Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Univ. de Coimbra*, etc., Lisboa, 1894. Também sobre êstos e os Estatutos que precederam pôde lêr-se o art. do Dr. A. de Vasconcelos in-*Anuário da Univ. de 1901-02* com o título — *Univ. de Lisboa Coimbra, Súmula histórica (1288-1900)*. O nome de D. Francisco de Lemos está estreitamente ligado á reforma do ensino público em Portugal. Em 1770 Reitor da Univ., em 1772 Reformador, em 1773 eleito coadjutor e futuro successor do bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, vindo a falecer em 1820, o bispo Lemos exerceu acção pedagógica larga e profunda na esfera superior, que sem a sua poderosa iniciativa seria inteiramente esteril. O governo universitário do bispo Lemos suscitou-lhe muitos inimigos. Cfr. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria*, Coimbra, 1910, pág. 139.

¹ Vid. a biogr. do benemérito pedagogo nos *Retratos e elogios de varões e donas* pelo P. José de Figueiredo; Ricardo Jorge, *Ensaio scient. e críticos*, Porto, 1886, págs. 67-82.

² Va ença, 1746, 2 vol.; e *ibid.* 1747, 2 vols. Innoc. na biogr. [Dic., v. 221 e vii, 257] enumera as publicações pró e contra esta obra.

beleza de Filis razão para deixá-la», ou *Aos olhos de Filis com nevoas*, ou *Fineza de não amar Filis*... e todos os outros de igual jaez. Documenta as suas afirmações com a transcrição e análise daquêlê soneto em que o Poéta canta o pé da sua dama,

*Instante de jasmim, conceito breve,
A'tomo de açucena presumido*

.....
Não pé, mentira sois...

a que êle faz chistosas considerações. Toma depois á sua conta Camões escolhendo os sonetos *Sete anos de pastor Jacob servia*, e *Alma minha gentil* .. «os dous gavadinhos, que se teem grozado cem mil vezes», a que declara não achar graça nem elvação alg ma. Depois chega a vez ás Eglogas, «que não se podem lêr com gosto», e aos *Lusíadas*, que encontra cheios de defeitos. Porque Camões não tinha talento? Não. Camões «teve muito engenho, imaginação fecunda e grande... teve muitas qualidades de Poéta e para aquêlê tempo em que não havia os conhecimentos que hoje há é maravilha que escrevesse bem». E lá vem um rosário de dislates, que outros repetiram pela falta de compreensão do que era a Epopeia dum povo, como Candido Lusitano, como Soares Barbosa, que sustentava que o título que bem quadrava aos *Lusíadas* era o de *Vasqueida* ou *Gêmeida*! Nenhum dêles compreendia, nem sabia explicar a razão daquêlê formoso título, abraçando em síntese a Raça, o Povo português, na plenitude da sua História. «Um termo latino, dizia desdenhosamente Verney, que tanto calça aos Portugueses navegantes, como aos que ficaram no reino e o peor é que o toma no plural, que não tem exemplo na boa antiguidade!»

Toda a *Carta VII do Verdadeiro Método* é uma fotografia do estado do espírito dêste curioso séc. XVIII.

Melhor senso mostrava Verney noutro ponto capital das suas críticas, o relativo á instrução a ministrar nas escolas desde a primária á superior, como sam dignas de registo as suas observações sôbre o estudo das mulheres, assuntos que versa na *Carta XVI*. Prova primeiro a capacidade delas e a seguir a necessidade de que estudem, aprendendo a lêr e escrever com acerto, com «ortografia e pontuação». Gramática muito simples, as quatro operações. A História com base na Geografia, primeiro a da Palestina, depois a de Roma e Grecia, por fim, a de Portugal, simples. Podem aprender o espanhol. Um pouco de economia doméstica, saber fazer compras, ter um livro para isso. E trabalhar, tocar alguns instrumentos com moderação, saber dançar,—sendo de boa educação saber dançar um minuete, fazer uma mesura... Quanto ao estudo do latim não fará mal entender-se alguma cousa. E que crítica acertadissima, vi-

brante de bom senso, a que faz aos sistemas filosóficos dominantes nas Escolas!

Tal era o homem, o demolidor dos velhos sistemas literários e científicos.

ACADEMIAS

134. — Academias literárias. Para operar a reforma literária fundaram-se no presente século várias Academias, á semelhança do que se havia feito no século anterior. Vamos mencionar as mais importantes e pelos traços, embora em esforço desenhados, vêr-se-ha o que valeram estas tentativas de revolução no campo das letras¹. Se todo êsse esforço tivesse sido norteiado noutro sentido, que riqueza e abundância em obras literárias nós não contaríamos! Mas assim, quási tudo sam futilidades, bagatelas, pequenos nada.



A Academia Real da História portuguesa. Esta sociedade foi instituída por decreto de D. João V de 8 de dezembro de 1720 com o fim de — «purificar da menor sombra de falsidade a narração dos successos pertencentes a uma e outra História (Eclesiástica e Secular), e investigar aquêles que a negligência tem sepultado nos arquivos.» — Usava como sêlo o escudo das armas reais, por baixo a figura do Tempo preso com cadeias, e em volta o dístico: «*Sigillum Regiae Academiae Historiae Lusitanae*»; a emprêsa era a figura da Verdade com a letra — «*Restituet omnia*». [Estatutos, § 10].

Os académicos principais dentre os *cincoenta* que contava no fim do 1.º ano, fôram D. António Caetano de Sousa; Diogo Barbosa Machado; Francisco Leitão Ferreira; José Soares da Silva; D. Rafael Bluteau, etc.

Os trabalhos desta Academia estão reunidos nos 15 vols. da *Colecção dos Documentos e Memórias*² publicados entre 1721 e 1736. Para se avaliar dos serviços por ela prestados ás letras pátrias basta

¹ Tivemos: *Academia dos Anónimos* ou dos *Ocultos*, a dos *Aplicados*, a *Problemática de Setubal*, a dos *Solitários de Santarem*, a *Problemática de Guimarães*, a dos *Illustrados*, a dos *Insignes*, a dos *Laureados*, a dos *Obsequiosos*, a dos *Unidos*, a *Latina e Portuguesa*, a *Mariana*; e no Brasil — a *Academia brasileira dos Esquecidos*, a dos *Felizes*, a dos *Selectos*, a dos *Renascentes* e a *Literaria*. E mais. Vid. J. Silvestre Ribeiro, *Hist. dos estabelecimentos scientij.*, e também nos *Primeiros traços*, pág. 144-150.

² *Col. dos Doc. e Mem. da Acad. R. da H. portug.* — 1721 a 1736 —, 15 vols. Vid. em especial Manuel Teles da Silva, Marquês de Alegrete, *Hist. da Acad. R. Portug.* Lisboa, 1727; J. Silvestre Ribeiro, *Primeiros traços...* pág. 132 e seg.

a na mesma Collecção feita em 1734 pelo 4.º D. Francisco Xavier de Meneses onde se encontrando de toda a collecção da Academia, a saber: *Contas annuaes*; *Panegíricos*; *Orações*; *Elogios*; *Declamações*; *Catálogos históricos*; *Extractos* dos manuscritos e impressos; *Documentos extrahidos* ou noticias d'elles; *Explicação de medalhas*, etc.; além de diplomas régios, estatutos, etc., relata entre as Memórias há muitas de subido valor a *hist. de El-rei D. João I* de J. Soares da Silva; de Sebastião de Barbosa Machado, as *Mem. de D. João de Mendonça de Piva e Proença*; as *Mem. de D. Jerónimo Contador de Argote*, as da *Pereira da Silva Leal*, etc. Depois de tantos Acad. decaiu e no reinado de D. Maria I foi extinta a R. das Sciências.

II

Academia das Sciências de Lisboa. Deve a sua fundação a Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, filha D. Maria I, quatro anos depois de ter ter-

minado auxiliado no seu propósito pelo Abade Cordeiro (1723) homem de vasta illustração botânica, que ali, onde reger um curso d'aquella sciência e o seu fim era comprehender a renovação sciëntifica que se fazia, que pelos Estatutos ficava com as três classes, *matemáticas* e *belas-letras*. A 1.ª sessão foi em 1780 sob a presidencia do Duque e a assistência de D.º Theodoro de Almeida, P.º Joaquim de Foios, etc. Neste 1.º periodo a Academia produziu o *Dicionário*, 1.º vol. em 1793, obra de Pedro de Almeida (1717-1816), prot. no Colégio de Nobres, e dos seus alumnos Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge; e a *Memoria para o adeantamento da agricultura, e industria em Portugal e suas conquistas* — 5 vols.,

de Lisboa para onde foi com os pais aos 6 annos e donde voltou aos 27. Em 1786 expatriou-se com recato do S.º Officio. Depois de uma vida agitada regressou a Portugal falecendo em 1823. *Ann. Bibl.*, iv, 339-341; Teixeira de Vasconcelos, *Glórias Portug.*; Dr. Júlio Henriques, *J. Corrêa da Serra*, Braga, 1918; Marquês de Avila e Bolama, *A Marquesa de Alorna*, 1916, p. 218; *Encicl. Portug. illustr.*, s. v.

1789-1815; 3.º) *Memórias de Lit. Portug.* — 9 vols., 1792-1814; 4.) *Hist. e Mem.*, 1.ª s., 20 vols., 1797-1839; 5.º) *Livros inéd. de Hist. Portug.*, 5 vols., 1790-1824; 6.º) *Mem. de Agricultura*, 2 vols., 1788-1791; 7.º) *Ephemerides náuticas*, 54 vols. 8.º); *Col. dos principais Autores de Hist. Portug.*, 8 vol., 1806-1809.

Não é menos notável a série de trabalhos correspondentes ao segundo período da vida da Academia posteriormente á reforma dos seus Estatutos em 1851 no tempo de D. Maria I, a saber: 1) *História e Memórias*, 6 vols., 1643-46; 2) *Cl. de sc. Matem., Físicas e Naturais*, 13 vol., desde 1854; 3.º) *Cl. de sc. morais, polit., e belas letras*, 18 vols., desde 1854; 4) *Portugalix Monumenta Histórica*, 20 fasc. publ.; 5.º) *Col. de opúsculos reimpr. relativos á hist. das navegações*, 1844-75 [I *Roteiro* por D. João de Castro anotado por A. Corvo; II *Estudo sobre as Prov. ultram.* por A. Corvo, 4 vol.; III *Os descobrimentos dos Portug.* por P. Chagas, 1 vol.; IV *Bibliog. dos descobrimentos* por Con-iglieri Pedroso]; 6.º) *Quadro Elementar*, 19 vols., 1842-76; 7.º) *Corpo diplomático*, 14 vols., a o que estão ligados os nomes de Rebelo da Silva, Mendes Leal e Jaime Moniz; 8.º) *Monumentos inéd. para a hist. das conquistas dos Portug.*, 19 vols. [I *Lendas da India*, 4 vol.; II *Subsídios para a Hist. da India*, 3 vol.; III *Decada XIII de Bactro*, 2 vols.; IV *Livro de Monções*, 4 vols.; V *Cartas de A. de Albuquerque*, 5 vols.]; 9) *Anais das sc. e Letras*, 4 vol., 1857-1858.

A Livraria da Acad. também merece menção. O fundo primitivo foi a livraria do Convento de N. S.ª de Jesus de Lisboa e foi instalada num salão construído por influência do Bispo Cenáculo contando muitos milhares de vols., mais duma centena de incunábulo, o Missal de Estevão Gonçalves, etc.

A Academia gozou sempre de maior ou menor favor do Estado. Em 1910 passou a designar-se *Acad. das Sc. de Lisboa*, iniciando nova série de estudos, que muito a dignificam ¹.

III

Arcádia Lusitana ou Ulissiponense ². Foi fundada em 1756 por António Dinís da Cruz e Silva e Manoel Nicolau Esteves

¹ Vide—Cristovão Aires, *Para a história da Acad. das Sc. de Lisboa* no *Bol. da Seg. Cl.*, XII (1918) págs. 783-897; Fidelino de Figueiredo, *O que é a Acad. das Sc. de Lisboa*. Porto, 915, 1 folh.

² Vid. nas *Mem. da Acad.*, IV, 2.ª p., 62 e 141 a *Mem. sobre a Arcádia*, (1840) de Francisco Manoel Trigo de Aragão Morato, e os artigos de Rebelo da Silva sobre a *Arcádia Portuguesa* nos *Anais das Sc. e Letras*, I (1857) págs. 75, 147 e 109 ou *Obras completas*, vols. 28 a 30 sob o título *Arcádia Portuguesa*; J. Silvestre Rebelo, *Primeiros traços...* cit., pág. 141 e *Hist. dos Estabelecimentos Sciêntíficos...*, vol. 1, págs. 266-272.

Negrão para « formar uma escola de bons ditames e de bons exemplos em matéria de eloquência e de poesia, que servisse de modelo aos mancebos e estudiosos e difundisse por toda a nação o ardor de restaurar a antiga beleza destas esquecidas Artes » E' o que dizem os Estatutos organizados por Cruz e Silva, que aggregou a si o poeta Garção.

Sem o conhecimento dos modelos antigos era impossível, segundo julgavam, enriquecer as suas composições das ininitas belezas poéticas, que descobre a cada passo quem frequenta a lição dos gregos e latinos. Sófocles, Vergílio, Horácio, Terêncio, passaram a ser os ídolos dos seus estudos ¹. O nome *Arcádia* tomou-o duma das mais célebres provincias da antiga Grécia, que as lentas consideravam a séde da poesia e da música; o local onde se reunia, que era umas vezes na Real Casa das Necessidades, e outras no edificio da Junta do Comércio era designado por *Monte Ménalo*; cada sócio na qualidade de *Arcade*, era obrigado a adoptar o nome e o sobrenome dum dos muitos pastores celebrados pelas musas gregas e latinas; a emrêsa era « meio braço pegando em um podão » com esta epigrafe — « *inutilia truncat.* » A sociedade tinha uma sessão particular por mês e duas públicas por anno. Os sócios mais notáveis foram:

Corrêa Garção (*Corydon Erymanteo*); Reis Quita (*Alcino Micenio*); Cruz e Silva (*Elpino Ninacriense*); Manoel de Figueiredo (*Lycidas Cyntio*); Francisco José Freire (*Candido Lusitano*); Manoel Nicolau Esteves-Negrão (*Almeno Sincero*).

A *Arcádia* manteve-se durante vinte anos ao fim dos quais para d'aparecer, mas resurgir com o título de Nova Arcadia, mantendo-se em todo o caso a sua influência mais ou menos até o aparecimento do Romantismo.

IV

Nova Arcadia. Esta sociedade é também conhecida pelo nome de *Academia das belas letras de Lisboa* e foi instituida em 1790 pelo conde de Pombeiro, José de Vasconcelos e Sousa. D'ela fizeram parte muitos poetas distintos:

Bucag- (*Elmano Sadino*); José Agostinho de Macedo (*Elmiro Tagideu*); Curvo Semedo (*Belmiro Transtagano*); Pato Moniz (*Olino*) e outros como França e Amaral, Pimentel Maldonado, Santos Silva, Lima Leitão, Maximiano Torres, Biagre, etc. Mas note-se que homens insignes como Francisco Manoel do Nascimento, Nicolau Tolentino e José Anastasio da Cunha não figuram ao lado dêles.

¹ São as próprias expressões de Garção no discurso recitado em 1758, 3.º anno da fundação da *Arcádia*; cfr. C. J. Branco, *Curso*, já cit., p.º

Sem o auxílio dos poderes públicos, como já acontecera á Arcadia Uli siponense, afirmada sómente pelo valor dos seus membros, a Nova Arcadia arriastou-se num formalismo esteril até se extinguir mercê em grande parte das lutas dos seus sócios, muito principalmente de Bocage e de José Agostinho.

135. — Géneros literários: principais representantes.

Vejamos agora quais fôram os escritores mais notáveis do nosso país durante o séc. XVIII. Bastantes mais poderíamos mencionar, mas muitos sam do domínio da história literária e não do da história da literatura. Alguns dos citados e que até registamos sob rubrica especial sam da Colónia Brasileira. Dos da metrópole, sam da *Arcadia Uli siponense*: Garção, Quita, e Cruz e Silva; sam da *Nova Arcadia*, CURVO SEMEDO ¹ (1766-1838) conhecido por *Belmiro Transtagano*, que escreveu *Composições poéticas* onde sobresaem os apólogos e os ditirambos; PATO MONIZ (1681-1772), *Olino* na Arcádia, autôr de talento que exgotou grande parte da sua veia literária numa luta sem trégoas contra José Agostinho de Macedo, a quem, para ridicularizar consagrou o poema *Agostinheida* ²; PIMENTEL MALDONADO ³ (1773-1838) notável pelos *Apólogos*; outros ainda que não chegam á craveira dos apontados, e o principe de todos Bocage, que abaixo mencionamos.

Sam dissidentes, isto é, não fizeram parte de nenhuma academia ou arcádia: JOSÉ ANASTASIO DA CUNHA († 1787), lente de geometria na Universidade, vítima illustre da inquisição, e poeta em quem apparecem vislumbres de romantismo ⁴; Filinto e Tolentino, a quem mais especificadamente nos referimos adiante. Na história e na epistolografia, que não sómente na poesia, tivemos verdadeiras celebridades, como passamos a vêr.

POESIA

136. — PEDRO ANTÓNIO CORREA GARÇÃO (1724-1772) de Lisboa, é o lirico mais influente da Arcádia, onde foi designado

¹ Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira, de Montemor o Novo. As *Comp. poet.* saíram o i e ii vols em Lisboa, 1803; o iii, *ibid.*, 1817 e o iv *ibid.*, 1835. Tem também *Trad. das melhores fábulas de Lafontaine*, Lisboa, 1820; 2.^a ed., *ibid.*, 1843.

² Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. A *Agostinheida*, poema heroico-comico em nove cantos saiu em Londres, 1817 e em Lisboa, 1834. Deve lêr-se *Innoc. Dicc.*, vi, 304.

³ João Vicente Pimentel Mandonado, *Apólogos*, Lisboa, 1820.

⁴ Para a biogr. do illustre perseguido vêr *Innoc. Dic.*, vi, 221-231; Bruno, *O Porto culto, obra para servir de remate e conclusão á dos Portuenses illustres*, 1, Porto, 1912, pág. 145 e segs.

pelo nome de *Corydon Erymantheo*. As suas epístolas e odes revelam-no como verdadeiro cultor apaixonado e sincero da beleza clássica, de que se tinha impregnado sobretudo nas leituras de Horácio. Por motivos que se ignoram mandou o Marquês de Pombal encerrá-lo numa das cadeias da capital na noite de 9 de abril de 1771 ficando desde logo *em segredo* e nêsse estado passando oito meses consecutivos de torturas físicas e morais. Depois de várias instâncias conseguiu a esposa que êle transitasse para a chamada *sala livre* e, após novas súplicas, alcançava ela a ordem de o saltarem que, todavia, só chegou quando êle estava prestes a expirar, como succedeu na tarde dêsse mesmo dia — dez de novembro de 1770.

Houve quem attribuisse a prisão a ter o poeta recitado na Academia dos Ocultos um poemeto intitulado *Ao infante D. Pedro não consentindo que se levantasse uma estátua*, em que Pombal teria visto uma alusão epigramática por ter mandado colocar o seu medallhão no monumento de D. José I. Outros attribuíram-na a uma aventura amorosa com a filha dum tal Macbean, escossês ao serviço de Portugal. A primeira hipótese é desfeita totalmente por esta simples questão de datas: a prisão deu-se em 1771 e a estátua de D. José só foi erigida em 1775. Resta a segunda, porventura ainda sujeita a desaparecer ou, pelo menos, a ser modificada.

Garção escreveu duas comédias que teem mais valor que os seus sonetos e gabadas ódes. No *Teatro Novo* êle reconhece e afirma a necessidade de criar, de dar novos alentos á scena em Portugal, mas acaba por confessar a impossibilidade de realizar êsse desiderátum. *Aprígio* inculca a suas filhas *Aldonsa* e *Branca* a vantagem de seduzirem *Artur Bigotes*

..... que na frota
Veio há pouco do Rio, e vem potente
Traz infindo dinheiro, papagaios,
Araras e bugios, traz mil coisas.

Seria êsse velho quem daria o dinheiro para estabelecer um teatro novo. Mas que comédia representar? Teatro clássico ou moderno, estrangeiro ou nacional? Na scena VI, que transcrevemos adiante, sam discutidos os alvitres, apresentando Garção as suas idéas pela boca de *Gil Leinel*. E êste é o nó da pequena interessante comédia, que é um só acto com dez scenas. A *Assembleia ou Partida* é uma comédia de costumes destinada a satirizar êstes exemplares tam numerosos da sociedade, que pretendem fingir o que não sam. *Braz Carril* quer dar em sua casa uma *partida*, um *chá*, idéa que a mulher *D. Urraca Azeira* abraça desvanecida, pois mostrará mais uma vez a sua prosápia de fidalga. Mas não há dinheiro para isso. E' um amigo velho *Gil Fustote* quem custeará

os gastos com outros amigos que emprestam as chécaras, as colhe-
res, etc. A *partida* estava no auge quando irrompem na sala os
meirinhos com mandado de penhora por uma dívida insolvida.
Então cada convidado reclama o que é seu até que o *Dr. Mucónio*
se responsabiliza pela dívida e conhecedor da inclinação de sua filha
por *Jofre*, filho de Braz Carril, dispõe o seu casamento. Desta
comédia faz parte a *Cantata de Dido*, que Garrett considerava
«como uma das mais sublimes concepções do engenho humano, das
mais perfeitas obras executadas da mão do homem». Como restau-
rador da poesia e do bom gosto Garção ocupa entre os seus contem-
porâneos lugar distinto. Bem lutou êle por estimular os sócios da
Arcadia nêsse caminho. Lêa-se a *Dissertação 3.^a*, onde êle defende
a doutrina de que o principal preceito para formar um bom Poeta
era procurar e seguir sómente a imitação dos melhores autores da
antiguidade. Entre os árcades, como entre os seus amigos, no
remanso da *Fonte Santa*, a quinta nos subúrbios de Lisboa, junto ao
Tejo, onde reunia uma sociedade de escol, (*idílio IV, Ob. compl.*, 83)
não cessava de ser, o que realmente era, um alto espírito embebido
da idéa da maior perfeição literária. Mas o descalabro veio rápido.
A morte do pai no terramoto deixou-o na penúria (*Epist. a João
Evangelista nas Obras compl.*, 201) e foi já no meio das maiores
dificuldades que veio a ordem de prisão de Pombal¹.

137. — DOMINGOS DOS REIS QUITA (1728-1770), o
Alcino Micénio da Arcádia, natural de Lisboa; é o nosso primeiro
bucólico segundo Garrett, o legítimo continuador de Rodrigues Lobo,
segundo o sr. Th. Braga, e este com mais razão que aquêle. Como
Garção, aprendeu na própria infelicidade toda a maviosidade dos
seus versos. Quita era filho dum comerciante que, falindo, lhe deixou
o pesado encargo da própria e da subsistência da mãe e de seus
seis irmãos. Na arte de cabeleireiro que aprendeu e seguiu encon-
trou os recursos de que necessitava. Isto explica os vagos tons de
sentimentalidade esparsos em toda a sua obra.

Os idílios, odes, sonetos, canções, epístolas, etc., o drama
pastoril *Licore* revelam uma leitura proveitosa dos que, como êle,
fizeram soar a frauta pastoril. E' nas églogas e nos idílios que se
estriba a sua principal glória. Das tragédias em verso *Astarto*,
Mégara, *Hermione* e *Inês de Castro* reputam os críticos como melho-
res as duas últimas. A *Castro* foi imitada por João Baptista Gomes na

¹ *Obras Poéticas*. Lisboa, 1778 [6 anos, portanto, depois da morte];
2.^a ed., Rio, 1817, 2 vols.; 3.^a, Lisboa, 1825, 2 vols. A todas sobreleva pelos
inéd., riqueza e esmero a 4.^a ed. — *Obras Poéticas e Oratórias* dirigida por J.
A. de Azevedo e Castro, Roma, 1888, 1 vol. Sobre Garção lêr Rebelo da Silva,
Ob. compl. xxviii; Costa e Silva, *Ramalhete*, III, 333; Inoc. *Dic. Bibl.* VI, 336.

*Nova Castro*¹, mas está longe da tragédia de Ferreira, da qual não tem nem o vigor, nem a consisão do estilo, nervoso e eloquente².

138. — ANTÔNIO DINÍS DA CRUZ E SILVA (1731-1799)
na Arcádia *Elpino Nonacriense*, natural de Lisboa, seguiu a magistratura sendo despachado pelo Marquês de Pombal Desembarçador da Relação do Rio de Janeiro, depois que o conheceu como autor do *Hyssope* pela queixa que lhe fez o bispo de Elvas, D. Lourenço de Lencastre.

Este quisera obrigar o Deão João Carlos de Lara a ir oferecer-lhe o hissope a uma porta lateral da Sé quando particularmente ele lá ia. Houve recusa do Deão, insistência do Bispo com intervenção do Cabido, rixas, questiúnculas. Nada mais era preciso para que um talento jovial fizesse aqui o mesmo que em França Boileau ao aproveitar a contenda entre o Bispo-Tesoureiro da Santa-Capela e o Chantre sobre o ter ou não este direito a mandar pôr diante de si, no Côro, a famosa Estante tam discutida. E assim salvou Deus o seu nome, que não pelas *Odes Pindáricas*, nem pelas *Anacreonticas*, onde se há um ou outro rasgo poético, a inspiração se abafa e afoga nas reminiscências clássicas, que as tornam monótonas e algidas.

O *Hyssope*, inspirado no *Lutrin*, é como a *Secchia Rapita* de Tassoni, o *The rape of the Lock* de Pope, uma sátira de costumes, escrita com imaginação, embora a frouxidão dos versos torne a leitura uma ou outra vez fatigante.

Garrett classificou-o « como o mais perfeito poema heroi-cómico que ainda se compôs em língua alguma », em atenção, decerto, á regularidade do plano, á pintura dos quadros, á variedade de episódios, que sam realmente dignos de se não esquecerem no confronto com os poemas congêneres. Ninguém negará chiste e boa graça á descrição do palácio do *Génio das Bagatelas*, (c. I), á pintura do *Banquete* oferecido pelo Bispo aos cónegos seus partidários (c. II), ao encontro do *Deão com o Padre-Mestre* na cêrca dos Capuchos, (c. V), ao *vaticínio de Abracadabro* (c. VIII) e a outros³.

¹ A 2.^a ed. das suas *Obras Poéticas*... Lisboa 1781, considera-a Innoc. (Dic. II, 196) com verdade como a mais acurada e completa. A 1.^a edição é de 1766. A 3.^a é Rolandiana como a 2.^a, 1831. A *Nova Castro* de Gomes teve trad. alemã, Leipzig, 1841.

Traz a biogr. do Poeta composta pelo seu colaborador e amigo Miguel Tiberio Pedagache Brandão Ivo. A *Megara* foi composta pelos dois, conforme a nota II, 119, em 1761.

² Está publ. na nossa *Col. dos Subsídios*, onde occupa o n.º XX, Coimbra, 1917.

³ *Poesias*... em 6 tomos, ed. de 1807-1817. Do *Hyssope* sam várias as ed.; a mais estimada é de 1879, illustr. e com comentários de Ramos Coelho. Pela crítica feita ao ensino nos princípios do século XIX é curioso lêr-se outro

139. — MANOEL MARIA B/ (1735-1805) de Setúbal, na Arcádia com de *Elmano Sadino*, tam falsamente av nome o conhecem, foi um esbanjador, u talento. Tendo embarcado para a Índi sendo mandado servir em Damão, desertou, fugindo para Macau e daqui para Lisboa, onde chegou em 1790 ¹. A vida libertina, que durante sete anos levou na capital, foi coroada tristemente com a publicação do poemeto *Pavorosa ilusão da eternidade*, que o levou Limoeiro, onde esteve três meses, daí ao cárcere do Santo ofício, onde permaneceu quatro, e daí ao mosteiro de S. Bento da Saule, e por último ainda á congregação de S. Felipe Néry. Nêste asilo, ilustrado por espíritos superiores como Bernardes, Teodoro de Almeida, e outros, empreendeu a tradução do 1.º livro das *Metamorphoses* de Ovídeo, de fragmentos de outros, e da 5.ª *Bucólica* de Vergílio. Readquirida a liberdade, seguiu nêsse empenho salutar, ganhando a subsistência para si e para uma sua irmã, com quem passou a viver ². Durante dos anos Bocage verteu os *Jardins* de Delille, as *Plantas* de Castel, o *Consircio das Flores* de Lacroix, a *Galhatea* de Florian, e muitas obras, algumas delas bem pouco dignas do exercício de tam grande talento.

Acusado por último, mas sem conseqüências, á Inquisição, o poeta veio a falecer em idade que a experiência dolorosa da vida tornaria mais frutuosa, se fôsse prolongada ³.

Há na vida de Bocage uma circunstância que muito concorreu para que o seu lirismo fôsse tam verdadeiro e tam sincero. Foi o amor puro e leal que consagrou a Maria Vicência, filha de António Marçal Leite, de quem foi hóspede. Quando fôra preso no Limoeiro pela acusação de revolucionário e ateu não foi difícil convencer a mãe dessa senhora de que não devia permitir o casamento com o apaixonado poeta. A' hora da morte a mãe fez jurar á filha que nunca realisaria ôsse casamento. Este amor contrariado inspirou a lira de Bocage duma forma superior. O poeta também cantou a

poema heroi-cómico, o *Reino da Estupidez* publ. anónimo em 1819 de Francisco de Meo Franco (1757-1823). Ambos de dois, com algumas sátiras de Tolentino, foram publicados e plene da ed. do Rio de Janeiro em 1910 com introd. critica e anotações do illustre filólogo Dr. João Ribeiro.

¹ Vide Ismael Gracías, *Bocage na Índia, Mem. hist. e critica*, sep. de *O Oriente Português*, rev. de Goa, 1917.

² Que ganhou, cê? Sabe-se que recebeu 48.000 rs. pelo t. 1.º das suas *Rimas* das mãos do tipógrafo — editor Simão Tadeo!

³ Ficou nos um retrato dêste tirado poucos dias antes da morte pelo pintor portug. Henrique José da Silva tudo como muito parecido. Cfr. Costa e Silva, *Passado* notas 17. Augusto de Castro, *Um retrato de Bocage na Terra Portuguesa*, 1916, n.º 8.

decadência do nosso domínio no Oriente. Êste lado por que deve ser apreciado o poeta setub. lense é, sem dúvida, bem superior ao que sobreviveu na tradição — o popular, que fez de Bocage um boémio incorrigível, aventureiro e vagabundo. Pelo alto sentimento que traz nos seus versos, pela onda revolta de protesto contra a decadência moral e política do seu tempo, tomando ora a forma do ridículo, da sátira, do doesto, ora a da invectiva desassombrada e eloquente, Bocage brilha na galaria dos nossos poetas como estrêla de primeira grandeza.

O talento de Bocage manifestou-se ainda no dom da *improvisação*¹, em que não conheceu rival, na *sátira*, que êle brandia vigorosamente retalhando a largos vergões os adversários, que se lhe atravessavam no caminho, como José Agostinho, contra quem escreveu essa soberba póstrofe — *Pena de Talião*, e nos *sonetos*, duma perfeição e dum brilhantismo, que ombreiam com o melhor de Camões nêsse gênero². Os discípulos de Bocage criaram a Escola *Elmanista*, que se inclinava á imitação francêsa e era viva, colorida, entusiástica, para contrapor a *Filintista*, que seguia na imitação dos clássicos greco-latinos.

140. — JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO (1761-1831) o inimigo roaz de Bocage está, apesar da sua inteligência fecunda e operosíssima e da sua vasta erudição, posto que superficial, muito abaixo do seu competidor. A relaxação dos seus costumes levou os frades Gracianos, em cuja agremiação entrou, a expulsá-lo solenemente, fazendo-lhe largar o hábito na presença de toda a comunidade³. Duma vaidade ridícula quis suplantar Camões e com êsse

¹ Nêste dom em que não conheceu rival se lembram o nome de António Gomes da Silveira Malhão, morto na flôr da idade, irmão de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão, que foi pai do grande prégador Malhão. Cfr. *Obr. Poét.* de Dias Gomes, nota de Stokler, 38.

² Sam várias as ed. das obras de Bocage. Veja-se em Innoc. a enumeração. Da antiga ed. em 7 vols., Lisboa, 1791-1842 alguns vols. fôram várias vezes reimpressos. Os vols. 17 a 25 da «Liv. clássica Portug.» Lisboa, 1845-47 compreendem excertos da obra de Bocage por Castilhos (António e José), que no Rio de Janeiro se reimprimiram em 3 vols. Vid. principalmente a ed. anotada por Innoc. e precedida dum estudo biográfico e literário por L. A. Rebelo da Silva, 6 vols., Lisboa, 1853; e a ed. *Obr. poéticas*, 8 vols., Porto, 1875-76; o último trás a biografia de Bocage pelo sr. Th. Braga. Dêste mesmo autôr — *Bocage, sua vida e época literária*; Eloy do Amaral, *Bocage, fragmentos de um estudo auto-biográfico*, Figueira da Foz, 1913. A cidade de Setúbal festejou o primeiro centenário do grande poeta, que faleceu em Lisboa no dia 21 de dezembro de 1805, no dia correspondente de 1905. Ver sobretudo *Diário de Notícias* de quinta feira, 21 de dezembro de 1904; *Ilustração do Século*, n.º 111. Vid. também *Serões*, n.º de dez. de 1905, pág. 510, — *Bocage e a linguagem* (acompanhado de muitas gravuras).

³ Foi nomeado prégador régio em 1802, Censor ordinário em 1824, Sócio da Acad. de Roma e da de Belas-Artes de Lisboa com o nome de *Alvaro Tagideu*, Deputado por Portalegre em 1822 e Cronista do Reino em 1830.

propósito retomou o assunto dos *Lusiadas* e organizou sem paixão, sem vida, sem poesia, o *Gama*¹, que depois denominou *Oriente*² e que no intuito de tornar mais perfeito chegou a refundir quatro vezes. Vêem depois, no género didascálico, os poemas *Natureza*³, *Newton*⁴, *Meditação*⁵, *Viagem extáctica ao templo da sabedoria*⁶, reveladores da sua facilidade em amontoar versos sobre versos, e pouco mais.

Do seu génio atrabiliário e carácter virulento que lhe criou numerosos inimigos sam prova incontroversa os *Burros*⁷, monstruosidade moral e literária contra os colegas da Arcádia, e os jornais que o seu ódio ferrenho de miguelista envenenava.— *A tripa virada*, *Tripa por uma vez*, *A besta esfolada*, etc. O procedimento que teve com Bocage nos últimos anos da vida do desditoso Elmano, e que Pato Moniz nos revelou, tornam tam odioso o seu carácter, como é superficial e sêco o seu talento. E' talvez nas obras ligeiras, cartas, sátiras, opúsculos de crítica, etc., que melhor se evidencia a maleabilidade do seu talento. Ao muito que d'êlê já se conhecia há agora a juntar as obras póstumas — as *Cartas e opúsculos*⁸ e as *Censuras a diversas obras, composições líricas, didácticas e dramáticas*⁹ que, fornecem vasta documentação para apreciar a nova bio-bibliografia de tam fecundo e poderoso escritor¹⁰, a quem se não se pode com justiça passar diploma de prosador em verso, não se comete iniquidade assegurando que o seu metro é martelado no ouvido, que a sua linha é turva quási sempre e que, fóra do erótico e do satírico, respira constrangido e invoca uma inspiração rebelde¹¹.

¹ *Gama*: poema narrativo, Lisboa, 1811.

² Lisboa, 1814, 2 vols.; *ibid.*, 1827 e Porto, 1754. Ramos Coelho no estudo *Camões e Macedo, análise do Discurso Preliminar com que êste prefaciou o «Oriente»*, (Lisboa, 1911) demonstrou que o rancoroso inimigo do grande Epico foi «além de injusto, falsário».

³ *A Natureza*, poema em 6 cantos, Lisboa, 1846; Porto, 1854.

⁴ Lisboa, 1813; 2.^a ed., *ibid.*, 1815 e Porto, 1854.

⁵ *Meditação*, poema filosófico em 4 cantos, Lisboa, 1813; *ibid.*, 1818; Porto, 1854; Pernambuco, 1837.

⁶ *Viagem...* poema em 4 cantos, Lisboa, 1830; Pernambuco, 1836; Porto, 1854.

⁷ *Os Burros ou o reinado da sandice*, poema eroico-satirico em 6 cantos, Paris, 1827; *ibid.*, 1835, Lisboa, 1837.

⁸ 1 vol., Lisboa, 1900, publ. pela Acad. das Sc. sob a direcção de T. Braga.

⁹ 1 vol., Lisboa, 1901, publ. identica á anterior.

¹⁰ Vid. além das ob. cit. no texto: Curso de C. C. Branco, já cit., pág. 264-265. Sobre a biografia: R. Ortiz, *La Literatura Portuguesa en el siglo XIX*, Madrid, 1869; *Annuais das Sc. e Letras*, II, 1849, artigos de Lopes de Mendonça sob o título *J. Agostinho e a sua esposa*; Carreira de Mello, *Macedo, biografia e catálogo de obras*, Porto, 1854; Innoc., *Dic. Bibl.*, IV, 183-215. Em 1899 foi publ. o estudo de Inoc. da Silva, *Mem. para a vida intima de J. A. de Macedo*, Lisboa, 1 vol.

¹¹ Rebelo da Silva, *Obras*, ed. cit., XXXII, 30.

141. — FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (1734-1819) é mais conhecido pelo nome poético *Niceno* e melhor pelo de *Filinto Elysio*, que lhe pôs a primeira Marquês de Alorna. Tendo escapado milagrosamente da perseguição do Santo Ofício, fugiu para Paris (1778), onde viveu a maior parte da sua vida — 41 anos — e onde morreu quasi na miséria, em 25 de fev. de 1819, com 85 anos de idade, não lhe faltando, porém, na terra de «exílio, de pobreza, de amarguras e de saudades» nos dias de doença os socorros materiais e na hora extrema os espirituais, mercê da gentileza do embaixador português Marquês de Marialva¹. Apesar de estar em contacto com uma sociedade, centro de cultura universal, as idéas novas não abriram brécha no seu amor exagerado a Horácio. Cantado por Lamartine em uma ode que ficou célebre, sequestrado da pátria e dos amigos, vivendo pobrissimamente rodeado de intortúnios, não pôde largar vãos amplos á fantasia e criar obras originais. Trabalhou muito para viver; os seus livros têm acentuado cunho didáctico; talvez por isso há uma affectação exagerada em tudo o que saiu da sua penna, que é muito, e que constitue um serviço enorme feito ao idioma pátrio. A versificação é pouco suave, mas altamente variada e rica. Das suas obras² destacam-se as traduções do *De rebus Emmanuel's gestis* de Osório, da *Punica* de Sílio Itálico, dos *Mártires* de Chateaubriand, do *Oberon* de Wieland, das *Fábulas* de La Fontaine. Dentre os trabalhos originais, as *odes* e *epístolas* sam os melhores conceituados. Entre estas há uma dirigida «Ao amigo Brito» sobre poesia e língua portugueza, que é digna de lêr-se pela proveitosa lição que encerra.

142. — NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA (1741-1811), durante catorze ou quinze anos professor de Retórica e de Poética em Lisboa e mais tarde Oficial da Secretaria de estado dos negócios do reino, é, com o anterior, o mais notável *dissidente* de qualquer tertúlia ou arcádia. O seu génio poético tomou a feição satírica e daí lhe derivou o maior título de glória. Mas como é que um poeta que se confessa dependente de toda a gente, em lástimas

¹ O funeral também foi feito a expensas do nesso embaixador. Passados 28 anos, em 1842, fôram os ossos trasladados para Lisboa, e em 19 de julho de 1856 colocados em túmulo especial no cemitério do Alto de S. João. Vid. o estudo do brasileiro Pereira da Silva — *Filinto Elysio e a sua época*, Rio de Janeiro, 1891. Pormenores inéditos interessantes na comunicação á Academia das Sc. de Lisboa de Sousa Monteiro. Cfr. *Bol. da Seg. Cl.*, 1, (1903), 151-168.

² Há duas ed. geralmente tidas como completas, a de Paris, 1817-1819, 11 vols., e a de Lisboa, 1836-1840, 22 vols.

que não tinham fim ¹, podia fazer vibrar nos seus versos a sentida e verdadeira indignação da sátira? E' por isso que a sua musa não tem a coragem da de Juvenal; é cortesã, respeitosa, engraçada, como disse Garrett. Sabe ter côres variadas e exactas para pintar os ridículos do seu tempo; distribue-as bem, com fluência e vernaculidade de frase. Essas qualidades revelam-se sobretudo nas sátiras que sam tidas pelas melhores — o *Bilhar*, *Passeio*, *Função*, a *Guerra*, que sam bem portuguesas pela linguagem castiça, pela elegância e pela côr, qualidades que êle adquirira na leitura dos clássicos, especialmente dos Quinhentistas, tendo também vasta lição de autores franceses e espanhóis ².

143. — Duas Poetisas. Entre os cultores da poesia que brilharam neste século e ainda em parte do immediato figuram duas senhoras não menos insignes que muitos dos seus contemporâneos — a VISCONDESSA DE BALSEMÃO ³, cuja obra está quasi inteiramente inédita, mas que bem merecia a consagração da publicidade, e a MARQUESA DE ALORNA ⁴, a decantada *Alcippe*, cujas *Obras Poéticas* revelam finissimo espirito e de esmerada cultura, como a podiam ter as mais viris intelligências do Renascimento, tanto nas belas-lettras, como nas sciências. Mais, porém, do que pelos seis volumes das suas poesias, o talento da Marquesa de Alorna tornou-se destinto e influuiu largamente no nosso meio pelos seus Salões que reuniam todas quantas pessoas em Lisboa primavam pelo saber e pelo amor ás letras e ás sciências.

¹ Nunca se mostrou satisfeito! E entretanto sabe-se que desde que foi Official de Secretaria nunca mais deixou de ter *sege* e que vendeu os dois mil exemplares da 1.^a ed. das suas obras, aliás mandadas imprimir pelo governo, por doze mil cruzados (L.800\$000 reis). Inoc. Dic. Bibl., s. v.

² *Obras completas... com alguns inéditos e um ensaio biogr.-crítico por José de Torres. Illustradas por Nogueira da Silva...* Lisboa, 1861. E' a ed. mais completa e estimada. A 1.^a biogr. do Poeta é de João Augusto do Amaral Frazão e saiu em Lisboa, 1843, com o título *Vida do Poeta Nicolau T. de Almeida*, 34 págs.

Note-se que os dous sonetos famosos *Contra os toucados altos* e *Contra o P.^o Macedo* não sam dele. O 1.^o é de António Joaquim de Carvalho e já desde 1805 anda incluído no t. 1.^o das suas *Obras Poet.*; o 2.^o é de José Basílio da Gama.

³ D. Catarina Micaela de Sousa Cesar de Lencastre [1749-1824], cuja biogr. se pode ler na *Illustração, jornal univ.*, 1, 1845, pág. 127 e seg.

⁴ Marquesa de Alorna, Condessa do Assumar e Oeynhausien — D. Leonor de Almeida Portugal, Duquesa de Lencastre [1750-1839]. Vid. *Panorama*, 1844, pág. 403 biogr. feita por A. Herdiano; Teixeira de Vasconcelos, *Glorias Portuguezas*, Lisboa, 1879, pág. 15-159 e o vol. 1 das *Obras*; D. Olga Morais Sarmento da Silveira, *A Marquesa de Alorna*, 1907, 1 vol.; Marquês de Avila e Bobadilla, *A Marquesa de Alorna*, 1916, 1 vol.

O TEATRO

144. — O teatro no séc. XVIII. Não tivemos teatro no século anterior, pode dizer-se. O *Fidalgo Aprendiz* é caso esporádico, tam singular êle é. A decadência continúa neste período. O teatro espanhol durou longo tempo entre nós. Em 1709 imprimia-se em Lisboa a *Musa jacosca de vários entremeses portugueses e castelhanos*, confessando o colecionador que se resolvera a isso por ser a *Musa entretenida de vários entremeses*, publicada por Manoel Coelho Rebelo em 1658, obra rara, e que, por o ser, se lhe fizera segunda edição em 1695. D. João V quis transplantar para Portugal a ópera italiana; isso fez nascer um novo género — as *Operas Portuguezas* representadas nos teatros públicos do Bairro Alto e da Mouraria desde 1733 a 1741. Não sam estimáveis estas peças, diz Aragão Morato, nem pela invenção, nem pelo enrêdo, nem pelo estilo e linguagem, mas têm muita graça cômica e certa originalidade que debalde se procura em todos os nossos dramáticos do séc. antecedente ¹.

Uma grande multidão de autores, hoje pouco menos que ignorados, alimenta as exigências do gosto popular dando-lhe comédias, farças e tragédias, que não sabemos, na maioria dos casos, se sam originaes, se traduzidas ou adaptadas. Impressas em folhas soltas, mão papel, sem nenhum cuidado de revisão, sem intento algum literário, destinavam-se á circumstancia de momento. Chamou-se-lhes *comédias de cordel* porque se expunham á venda nos mercados e praças presas ou suspensas em cordões, ao que alude Tolentino no *Bilhar*:

*Todos os versos leo da «Estatua equestre»
E todos os famosos entremeses,
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo num barbante.*

Seria interessante reunir essas peças teatraes, que figuram ás centenas, impressas e manuscritas, nas Bibliotécas públicas e nas mãos de particulares, porque estão sujeitas a perder-se e com elas um documento típico da época, no que respeita a linguagem, ás modas, ás preocupações e gostos da sociedade. Na maior parte sam anónimas ou trazem nomes supostos. Contra elas declamavam os moralistas, como Bernardes, que do seu cenóbio lamentava a assistência a êsses espectáculos perturbadores dos bons sentimentos, « porque o que ordinariamente vemos nelas sam assuntos amatorios

¹ Aragão Morato, *Mem. sobre o teatro português*, já cit. pág. 74.

representados por mulheres moças de ruím viver, bailes indecentes, trajos descompostos (e ás vezes transpostos saindo a fêmea com vestidos de varão), affectos lascivos metidos em verso, para se pregarem mais na memória, tonilhos e sarabandas mui picadas, que parece as inventou o diabo galanteios tecidos com tal arte sôbre o trama da história ou fabula, que a alma gosta do mesmo veneno, que está bebendo ¹.

A *Arcádia*, tentou a restauração do teatro, mas não o conseguiu, pois foi arrancá-lo á influência castelhana para o lançar sob outra influência estrangeira — a francêsa e a italiana. Obras de Voltaire, Racine, Molière, e de Metastasio, Goldoni, Maffei, acomodadas com melhores intenções do que feliz efeito ao chamado gôsto português inundaram simultaneamente o nosso teatro. Entre esta sujeição ao jugo estrangeiro e a influência decisiva do gôsto clássico, querendo muitos sujeitar toda a literatura ás leis traçadas por Aristóteles na sua *Arte Poética*, que Francisco José Freire desde 1748 traduzira, se vai arrastando o teatro até esperar a hora em que o pulso de Garrett o arrancará ao seu torpôr. Pondo de parte indivíduos de nome quasi ignorado, como ANTONIO XAVIER FERREIRA DE AZEVEDO (1784-1814) autôr da fôrça *Manoel Mendes*; JOSE' CAETANO DE FIGUEIREDO († 1815) da *Brites papaçã*; MANOEL RODRIGUES DA MAIA († 1604) do *Dr. Sovina*; ALEXANDRE ANTONIO DE LIMA (1609-1760) dos *Novos encantos do amor*, etc., os melhores representantes do teatro português do séc. XVIII sam, além de Garção e Quita, já citados, os que em seguida apontamos.

145. — ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA (1705-1739) é o representante legitimo dêsse teatro nacional e popular inaugurado por Gil Vicente, que as comédias espanholas haviam desterrado da scêna e do gôsto popular. Embora nascido no Brasil, (8 de maio de 1705), António José, conhecido pela designação de *Judeu*, por ter nascido duma família de cristão-novos — o pai, o advogado João Mendes da Silva e a mãe Lourença Coutinho fôrão remetidos para Lisboa, esta acusada de *cristã-nova* — é verdadeiramente um escritor nacional, que nas suas obras soube castigar os ridiculos da sociedade, em que viveu desde os oito anos até os trinta e quatro, em que expirou como vítima da inquisição, sendo degolado no auto-de-fé realizado a 18 de outubro de 1739. A *Vida de Esopo* era um bote jogado ás teses escolásticas; o *Labirintho de Creta* visava a mitologia considerada como indispensável na tabulação poética; as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* retratavam dois grupos de peralvilhos inúteis; o *Amphitrião* tinha scenas alusivas ao terrível tribunal, que

¹ Vários tratados, II, 536.

o não poupou. O público apreciava as « Operas » do *Judeu* como se via pela concorrência ao teatro do Bairro alto e pelas gargalhadas com que lhe sublinhava os dizeres.

As comédias de António José sam: *Vida de D. Quixote de la Mancha*; *Esopaida*; *Encantos de Medea*; *Amphitrião*; *Labirinto de Creta*; *Guerras do Alecrim e da Mangerona*; *Variedades de Protheo*; *Precipício de Phaetone*¹.

146. — NICOLAU LUÍS era mestre-escola e foi ensaiador no teatro do Bairro Alto quando começou a traduzir comédias do espanhol, do francês e do italiano. Foi o criador de muitas das denominadas « *de cordel* », e que alimentaram durante anos os teatros de Lisboa. Muitas tornaram-se popularíssimas aparecendo sem nome do autor e sem a mínima pretensão literária. A única que traz o seu nome é *Maridos peraltas*. Por testemunhos autênticos contemporâneos sabe-se serem d'ele a tragédia *D. Inês de Castro*, o *Belisário* e *Conde Alarcos*. Todas as outras sam duvidosas².

147. — MANOEL DE FIGUEIREDO (1725-1801), o *Lycidas Cynthio*, pretendeu ser o reformador do teatro nacional, mas êle próprio confessava a inanidade dos seus esforços. Traduziu de Eurípedes a *Andromaca* e a *Ifigénia*, de Corneille o *Cid* e o *Cinna*, de Addison o *Catão*, etc., e compôs algumas comédias que Garrett julgava aproveitáveis com « um diálogo mais vivo, e um estilo mais animado ». Nêsse número devem contar-se *O dramático aficionado*, o *Acrêdor*, a *Escola da Mocidade*, a *Apologia das Damas*, o *Fatuoso*, que reúnem curiosos quadros de costumes, em que muito temos a estudar e que os novos engenhos dados a êste género de letras poderiam aproveitar sem desaire para a nossa scêna e com agrado do público, pois ali encontrariam a observação e censura folgazã de muitos dos rídiculos que ainda sam dos nossos tempos e que seram sempre como que uma feição moral permanente do homem em sociedade³.

A falta de qualidades essenciais a quem escreve para o teatro,

¹ Consulte-se a *Ilustração Luso-Brasileira* de 1856, I, 190; Varnhagen, *Florilegio da Poesia brasil.*; Pereira da Silva, *Varões ilustres do Brasil*. As oito comédias de António José apareceram em dois vols. — *Teatro cómico português*, 1774. Na minha colecção *Subsídios para o estudo da história da Literatura Portuguesa*, vols. V-VI, publiquei a *Vida de D. Quixote*, Coimbra, 1905 e as *Guerras do Alecrim*, *ibid.*, 1905, etc., com introdução bio-bibliográfica no 1.º dêsses vols. No Porto, ed. da « Renascença Portug. » foi publ. *Amphitrião*, 1916, 1 vol.

² Cfr. o *Dic. Bibl. de Innoc.*, VI, 272 e seg., onde vem a lista, certa muito incompleta de 221 comédias de cordel.

³ J. M. Andrade Ferreira, *Lit., Mus. e Belas Artes*, II, 178.

a ruím metificação, o estilo didático, a frieza da acção, a pouca graça, tudo isso tornou o teatro de Figueiredo velho ainda para os seus contemporâneos, que nem lhe compreenderam os intuitos louváveis, nem o favoreceram e estimularam, deixando-o perecer no quâse completo desprêso da sua obra ¹.

COLÓNIA BRASILEIRA

I

OS ÉPICOS

148. — A poesia épica no século XVIII. Dos numerosos poetas épicos do presente século, áparte José Agostinho de Macedo que já estudamos, os restantes pertencem á colónia brasileira. Pertencem ainda á metrópole os seguintes de que bastará fazer menção: D. FRANCISCO XAVIER DE MENESES (1673-1733), 4.º Conde da Ericeira, na opinião de C. C. Branco « o espírito mais esterilmente afaadigado e o mais simbólico das academias de sua eleição » ² tradutor da *Arte poética* ³ de Boileau, e que escreveu a *Henriqueida*, cujo herói é Henrique de Burgonha, movendo-se a acção em volta da expulsão dos Mouros, poêma sem inspiração e sem entusiasmo ⁴, THEODORO DE ALMEIDA (1722-1804) ⁵ que, além da novela *Feliz independente do mundo e da fortuna* (1799, 3 vols.), da *Recreação filosófica* (10 vols., 1751-99) e das *Artes Físico-Matemáticas* (1784-99, 3 vols.), escreveu em seis cantos e oitava rima o poêma *Lisboa destruída*; PEDRO DE AZEVEDO TOJAL, autor do *Carlos Reduzido* e do poêma he-

¹ Vid. a ed. completa: *Teatro de...*, Lisboa, 14 tomos, 1804-15. Foi um irmão do autor quem lhe publicou as *Obras*, bem como as que saíram com o título *Obras Posthumas*, Lisboa, 1804, 1 vol. No vol. 14 e último há numerosas e interessantíssimas referências a pessoas e factos do séc. XVIII feitas por esse irmão, muito dignas de lêr-se.

² *Curso*, II, 138. Cfr. atraz, pág. 456.

³ Lisboa, 1818, e antes na 2.ª pág. do *Almanach das Musas*. C. C. Branco (*Curso*, II, 138-143) narra as peripécias interessantes que se deram entre Boileau e o 4.º Conde da Ericeira a propósito desta trad., e que são bem pouco honrosas para a memória do escritor francês.

⁴ Lisboa, 1741.

⁵ Homem de vasto saber. Viveu em França durante dez anos ensinando física e matemática. A sua obra capital é evidentemente a *Recreação filosófica ou diálogo sobre a filosofia natural*, para instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas, Lisboa, 10 vols. O *Lisboa destruída* tem valor histórico pelas minúcias com que se refere ao terremoto de 1755, como também acontece a dois poemas que tratam da edificação de Lisboa — *Lisboa restaurada*, por Vicente Carlos de Oliveira, Lisboa, 1784, e — *Lisboa reedificada*, por Miguel Manuio Ramalho, Lisboa, 1780. Th. de Almeida escreveu também sermões e

rói-cômico *Foquetario*¹, MEDINA DE VASCONCELLOS, que deixou o *Zarquida* e o *Georgeida*; e COSTA E SILVA († 1854), cuja obra o *Passeio* tem algumas belezas descritivas², etc. Da colónia brasileira temos:

149.— JOSÉ BASÍLIO DA GAMA (1740-1795) que nasceu a 22 de julho na vila de S. José do rio das Mortes, em Minas, hoje cidade de *Tiradentes* (Minas Gerais), e foi educado no Rio de Janeiro nas escolas que os jesuítas sustentavam com lustre naquela capital. Concluído o curso de preparatórios quis seguir os estudos superiores em Portugal na Universidade de Coimbra, mas pouco se demorou nesta cidade, partindo para Roma e daí para Lisboa, e por último para o Rio. Recebido nesta cidade com desconfiança, perseguido e preso como partidário dos jesuítas, obteve a liberdade com as boas graças que capou ao Marquês de Pombal por ocasião do casamento da filha deste, D. Maria Amália, escrevendo um epitalâmio, que é uma bela produção. Pombal deu-lhe o lugar de oficial da secretaria dos Negócios Estrangeiros; na mediania desta situação escreveu o *Uruguay*. Gama morreu a 31 de julho de 1795 em Lisboa, sendo sepultado na matriz da Boa Hora, em Belem. O *Uruguay* é um poema épico, tendo por herói o chefe indio Cacambo e por acção a luta entre os portuguezes e os indios do Paraguay. O poema é escrito em verso endecassilabo solto e tem episódios notáveis, como o da morte da heroína Lindoya, o sonho do herói, o discurso do Cacambo a Gomes Freire, etc. O *Uruguay* é, no dizer de Garrett, a melhor corôa da poesia brasileira³.

150.— JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (1722-1784) natural, como o antecedente, de Minas Gerais, tomou o hábito angustiano e doutorou-se na Faculdade de Teologia da Universidade de

vários opúsculos. O *Feliz Independente* é uma imitação do *Telêmaco*, como o é também o romance *Aventuras de Diophanes ou máximas da virtude e formosura com que Diophanes, Clymenea e Hemirna, príncipes de Thebas venceram os mais apertados lances da desgraça*, por Dorothea Engracia Tavadeda de Almira (1777) anagrama de Theresa Margarida da Silva e Horta).

¹ *Carlos reduzido, Inglaterra illustrada...*, Lisboa, 1716. Tojal como deixamos apontado no lugar competente, é um dos trad. de Tasso. Escreveu também um poema herói-cômico para ridicularizar o inventor dos balões — Lourenço de Gusmão — *Foquetario*, que eu reeditei na minha Coleção — *Subsídios para o estudo da hist. da Lit. Port.* E' o vol. iv, Coimbra, 1904.

² As *Poesias* abrangem 3 vols. Tem mais *Isabel ou a heroína de Aragão*; *Emilia e Leonida ou os amantes suecos*; *O Espectro ou a Baronesa de Gaya*; a trad. do poema de Delile, *A Imaginação*, e a de Apolónio Ródio, *Os Argonautas*. Mas acima de todos estes poemas está a sua obra em prosa de investigação e análise crítica — *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portuguezes*, Lisboa, 1850-59, 10 vols.

³ Ed. 1.^a, Lisboa, 1769. E 1811, 1822 e 1845. Vêr a ed., feita em 1900 em Pelotas com anotações de J. Artur Montenegro.

Coimbra (1756), onde recitou a oração latina de sapiência na abertura das aulas em 1778. Perpetuou-lhe o nome o *Caramurú* (1781), impr. doze anos depois do *Uruguay*.

A acção do poema, diz o próprio autor, é o descobrimento da Baía, feito quãse no meio do séc. XVI por Diogo Alvares Correia, nobre viannês, compreendendo em vários episódios da história do Brasil, ritos, tradições, milícias dos seus indígenas, como também a natural e política das colónias. Diogo Alvares... naufragou nos baixos de Boipebá, vizinhos da Baía. Salvaram-se com êle seis dos seus companheiros, e fôram devorados pelos gentios antropófagos, e êle esperado por vir enfermo para, melhor nutrido, servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a não, deixaram-no tirar dela pólvora, balas, armas, e outras espécies de que ignoravam o uso. Com uma espingarda matou êle, caçando, certa ave; do que, espantados os bárbaros, o aclamaram *Filho do Trovão* e *Caramurú*, isto é, Dragão do mar. Dêste momento por diante Diogo Alvares torna-se um semi-deus. Casa com Paraguaçu que conduziu a França, onde foi baptizada, sendo madrinha Catarina de Medicis, regressando depois á Baía, onde é recebido com o antigo respeito.

Sobresáem neste poema as descrições dos costumes dos selvagens do Brasil, o episódio de Moëma, o da estátua da ilha do Pico, etc. Cultor desvelado dos clássicos conseguiu Durão ser mais correcto que Basílio da Gama, que o excedia em delicadeza e gosto. O *Caramurú* foi impresso em Lisboa sob as vistas do autôr em 1781¹. Parece que Durão compôs muitas peças líricas, que inutilizou ou se perderam².

II

OS LÍRICOS

151.—Os líricos. O lirismo chegou a grande altura nas composições dalguns dos poetas da nossa colónia do Brasil, muitos dos quais faziam parte da *Arcádia Ultramarina* e constituíram a afamada *Escola-mineira* como CLAUDIO MANOEL DA COSTA (1729-1789),

¹ 2.^a ed., Lisboa, 1836; 3.^a, Baía, 1837; 4.^a, Lisboa, 1843. Reprod. com o *Uruguay* nos *Épicos Brasileiros*, de Varnhagem.

A vida de Durão foi muito esclarecida no valioso trabalho de Artur Viegas, [pseudónimo do illustre Jesuita, P. Antunes Vieira] *O Poeta S. R. Durão, revelações histor. da sua vida e do seu séc.*, Bruxelas, 1914, 1 vol., onde, entre outros docs., se pode ler uma autobiogr. do notável Brasileiro. (Págs. 1-68).

² No meu artigo *Alguma coisa de novo sobre S. R. D.* dei a biogr. académica do famoso poeta carioca e publiquei na íntegra um poemeto em latim macarrónico. Vide — *Rev. de Lingua Portuguesa* (do Rio de Jan.), 1, (1920), 69-82.

cujos sonetos sam petrarquistas e na contextura têm o sainete arcádico da escola de Garção ¹; IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO ² (1744-1793) e MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA ³ (1749-1814) o *Alcindo Palmireno da Arcádia Ultramarina*, líricos apreciáveis mas de craveira inferior a Gonzaga, de quem, todavia, tentaram aproximar-se. Gonzaga e Sousa Caldas merecem registo especial.

152. — TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA (1744-1807?), o Dirceu da Arcádia, nasceu no Porto, de pai brasileiro e mãe portuguesa-portuense, a 11 de agosto de 1744. Formado em Direito na Universidade de Coimbra (1763) seguiu a carreira da magistratura, passando á Baía no cargo de desembargador. Aí, quando estava para casar com aquela que depois cantou sob o nome de *Marilia* ⁴ salteou-o uma ordem de prisão motivada por o acusarem de fazer parte capital da chamada conjuração dos *Confidentes*, suposta rebelião republicana de Minas. Com a confiscação de bens, foi-lhe imposta a pena de degredo perpétuo para um dos presídios de Angola, depois comutada em dez anos de degredo para Moçambique, com pena de morte se voltasse á América. E no meio das agruras do exílio, entre os tormentos da loucura morreu o mavioso Poeta por 1807.

Imortalizou-o a *Marilia* obra repassada de sentimento e notável pela doçura e suavidade da expressão. Mas não há dúvida de que os amores desgraçados de Gonzaga têm grande parte na exagerada popularidade da sua obra ⁵.

¹ C. Castelo Branco, *ob. cit.*, II, 249. As suas poesias líricas encontram-se reunidas in *Obras de ... Arcade Ultramarino, chamado Glaucete Saturno...*, Coimbra, 1768, 1 vol., raro, com tudo o que é d'este poeta. Tem ed. na casa Garnier. O poema *Glauro* saíu na *Bibl. Univ.*, Lisboa.

² *Obras Poéticas*, Rio de Janeiro, 1865, ed. de J. Norberto de S. Silva.

³ E' o autor do poema heroi-cómico — *Desertor*, Coimbra, 1774. Ed. das líricas na mesma casa Garnier dirigida também por Norberto da Silva.

⁴ Maria Joaquina Dorothea de Seixas era a *Mirilia*, que o poeta esqueceu, anos depois, casando em 1793 em Africa com a opulenta senhora Juliana de Sousa Mascarenhas. No depoimento á autoridade eclesiástica declarou — *que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma!* (Fernandes Pinheiro, *ob. cit.*, II, 331). Mas se *Marilia* também casou!

⁵ Biogr. em Bruno, *Portugueses illustres*, Porto, 1907, pág. 297; Ol. Bilac., *Crítica e Fantasia*, Lisboa, 1904, pág. 9.

Sam numerosas as ed. Apreciável é a de Paris, 1862, 2 vols. — *Marilia de Dirceu. Liras de Tomás António Gonzaga, precedidas duma noticia bibliográfica e do juízo crítico dos autores estrangeiros e nacionais e das liras escritas em resposta ás suas e acompanhadas de documentos históricos*, por J. Norberto de Sousa S., Paris, 1862, 2 vols. Há uma ed. de 1888, de Lisboa. Mas a todas sobreleva a revista e prefaciada por José Veríssimo, Rio de Janeiro, 1910. É a 22.ª edição! Gonzaga traduziu o *Pastor Fido* de Guarini.

153. — ANTÔNIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS (1762-1814) é o poeta português que melhor desferiu vãos em assuntos religiosos. As suas *Poesias Sacras*, que abrem com a belíssima óde *Sôbre a existência de Deus* dam testemunho da vitalidade do seu estro. A óde *Sôbre a virtude da religião cristã*, a cantata chamada *Creação*, a óde *Sôbre a necessidade da revelação*, e muitas outras dam-lhe jus ao título de primeiro poeta sacro. Das composições profanas sobreleva em gosto e arrojo a cantata *Pigmalião*¹.

PROSA

Sumário: 154. História, seus representantes. — 155. Sebastião da Rocha Pitta — 156. Fr. Manoel dos Santos. — 157. D. Antônio Caetano de Sousa. — 158. Diogo Barbosa Machado. — 159. Francisco Leitão Ferreira. — 160. José Soares da Silva — 161. Fr. Manoel do Cenáculo Vilas Boas. — 162. Antônio Ribeiro dos Santos. — 163. D. Antônio Caetano do Amaral. — 164. João Pedro Ribeiro. — 165. D. Francisco Alexandre Lobo. — 166. D. Fr. Francisco de S. Luís. — 167. Fr. Fortunato de S. Boaventura. 168. Manoel Antônio Coelho da Rocha. — 169. Elóquência. 170. Epistolografia. — 171. Antônio da Costa. — 172. Antônio Nunes Ribeiro Sanches. — 173. Francisco Xavier de Oliveira. — 174. Alexandre de Gusmão — 175. Trabalhos filológicos do século xviii. — 176. Francisco José Freire. — 177. Antônio Pereira de Figueiredo. — 178. Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. — 179. Francisco Dias Gomes. — 180. Jerônimo Soares Barbosa. — 181. Obras diversas.

154. — História; seus representantes. Não chegaria um volume para falar dignamente de todos quantos neste século se empenharam em colher pelos arquivos do reino notícias que interessassem á nossa história quer eclesiástica, quer civil. Podemos dividi-los em dois grupos: os pertencentes á *Academia Real de História* e os da *Academia Real das Sciências*. Os seus trabalhos sam, como é natural, desiguais, mas todos se esforçam por serem exactos e conscienciosos. Deve-se-lhes, em geral, muita investigação sábia e pacientemente feita. Bastaria citar um Caetano de Sousa, um Barbosa Machado, um João Pedro Ribeiro, respectivamente os criadores dos estudos geneológicos, das investigações bibliológicas e das pesquisas diplomáticas e crítico-cronológicas da história nacional. Oxalá o nosso século pudesse apresentar assim uma pléiada tam numerosa e tam distinta de trabalhadores nos árduos campos da história nacional, onde ainda tanto há que arrotear e surribar!

¹ *Obras poéticas*: I — *Psalmos de David vertidos em ritmo português*... II — *Poesias sacras e profanas*... 2 vols. 1820-21. Outra ed., Coimbra, 1836 [sem os psalmos]. Caldas julgava as suas composições imperfeitas e pensou em queimá-las, propósito de que amigos o demoveram a muito custo. Vid. L. D. Vilela da Silva, *Observações críticas*... a Balbi, Lisboa, 1828, pág. 20.

a)

Academia Real da História

155.— SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1660-1738), em estilo eivado dos defeitos gongóricos, túmido e hiperbólico, deixou a *História da América Portuguesa desde o ano de 1500... até o de 1724*, útil pelas informações que sobre o assunto compendiou¹, mas sem cunho histórico propriamente dito, parecendo antes um romance histórico.

156.— MANOEL DOS SANTOS (1672-1748), um dos continuadores da *Monarchia Lusitana* de Brandão (Parte VIII, relativa a D. Fernando e D. João I), escreveu mais: *Alcobaça ilustrada*, e sobre a vida e feitos de D. Sebastião a *História Sebastiana*², 1.^a da série das obras que traçam a história do infeliz monarca e da sua época, a saber: as *Mem. de D. Sebastião* de Diogo Barbosa Machado; o *Portugal cuidadoso e lastimado* de José Pereira Baião; as *Crônicas* de D. Manuel de Meneses (mas veja-se Inoc. Dic. Bibl., v, 97) e de Fr. Bernardo da Cruz e a *Jornada de Africa* de J. de Mendonça.

157.— D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA (1674-1759), um dos fundadores da Academia Real da História Portuguesa, escreveu:

— *História Genealógica da Casa Real* 13 (tomos)³ á qual juntou, como documentos, as:

— *Provas da História Genealógica* (6 tomos)⁴ dando ainda um outro volume com o título — *Índice Geral*⁵.

Esta obra, fruto de largas investigações e denunciadora de aturado esforço, foi oferecida a D. João v. Não é um méro catá-

¹ Lisboa, 1730, 2.^a, *ibid.*, 1830, anotada por J. J. Goes, outra na Baía, 1878.

² Lisboa, 1735.

³ *Hist. Geneal. da Casa Real port. desde a sua origem até o presente com as famílias ilustres que procedem dos Reis e dos Serenissimos Duques de Bragança, justificada com instrumentos e escritores de inviolável fé*; Lisboa, 1735-48, 13 tomos em 4.^o

⁴ *Provas da Hist. Geneal. da Casa Real port., tirada dos instrumentos do Arch. da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Catedraes, Mosteiros e outros particulares deste reino*; Lisboa, 1739-48 6 tomos em 4.^o

⁵ *Índice geral dos appellidos, nomes próprios e causas notáveis que se comprehendem nos treze tomos da Hist. Geneal. e dos doc. comprehendidos nos seis vol. de Provas com que se acha auctorisada a mesma Hist.*; Lisboa, 1749, 1 vol. em 4.^o.

logo de famílias; mas uma história que se lê com interesse e com proveito. As *Provas* mereceram a J. Pedro Ribeiro graves censuras, que vê nelas « tantos erros e tão grosseiros que apenas se pode supôr que êle chegasse a lêr alguns monumentos que ali produziu, tendo-se servido de pessoas inteiramente ineptas para lhe tirar cópias »¹, e Herculano também afirma que raro será o doc. lançado nos seis vols. das *Provas*, que não venha cheio de erros grosseiros de cópia². Mas o ilustre Teatino se não pôde *de visu* contraprovar a rigorosa exactidão dos docs. que aproveitou por ninguém foi acusado de menos solícito ou de menos probo. D. António Caetano de Sousa acrescentou um 4.º tomo ao *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e escreveu *Memórias* dalguns bispados ultramarinos³.

158.—DIOGO BARBOSA MACHADO (1682-1772), illustre abade da igreja de Santo Adrião de Sever, no bispado do Porto. Reuniu á custa de improbo trabalho durante mais de oitenta anos uma rica bibliotheca, que só de opúsculos raros concernentes á história de Portugal e Brasil formava 85 vols., além de muitas outras preciosidades bibliográficas. Tendo-as legado á R. Bibl. da Ajuda⁴, fôram parar ao Rio de Janeiro quando em fins de 1807 o Principe Regente, depois rei D. João VI, para lá fugiu, vindo a constuir com outras o fundo da Bibliotheca Nacional do Rio, que assim pôde abrir ao público fartamente enriquecida em 1810⁵.

—*Biblioteca Lusitana*⁶. Debalde se procurará nos grandes

¹ Vid. as *Observações Diplomáticas*.

² *Composições várias*, Lisboa, s. a., 266, nota (2).

³ Afonso de Dornellas, *D. António Caetano de Sousa, a sua vida, a sua obra e a sua familia*, Lisboa, 1918, 1 vol.

⁴ « O senhor D. José que com esta Livraria, além de outras aquisições ia compensando a enorme perda da antiga Bibl. Regia fez ao Abade a graça da aceitação com uma tanga vitalícia de 60000 rs. e sobrevivência a algumas pessoas da obrigação do mesmo Abade » *Cenaculo Mem. Hist.*, II, 46.

⁵ O catálogo das col. de Barbosa foi publ. nos *Anais da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro 1875-77*, fase 1, onde vem a biog. e retrato de Barbosa. Segundo investigações recentes parece que os livros fôram mandados para o Brasil em tres successivas remessas, quando já lá estava D. João VI. Sobre as riquezas da Bibl. em imp., *Panorama*, VII, 223, e finalmente *Bol. da Soc. de Bibliophilas Barl. Machado*, vol. 2 (1910), onde a dívida do Brasil intellectual é paga ao paiz pelo « seu D. Diogo » sob a pena do Dr. Ramiz Galvão.

⁶ *Bibliotheca Lusitana, historica, critica e chronologica na qual se comprehende a noticia dos authors portuguezes e das obras que compuseram desde o tempo da promulgação da lei da União, até o tempo presente*. Off. á Augusta magestade de D. João V, Noss. Senhor, Lisboa, 1741-53. 4 tomos in-folio. Bento José de Sousa Ferreira reuniu este trabalho no *Sumário da Bibl. Lusit.*, Lisboa, 4 vols.

volumes da *Biblioteca* a nota crítica estremando as belezas e os defeitos das obras, que entram na sua galaria; mas há ali, que baste, um vastíssimo reportório de informações, com improbo trabalho colhidas, e que de muito têm servido aos continuadores de estudos idênticos. É de menor importância o vol. *Memórias para a hist. de Portugal que compreendem o governo d'el-rei D. Sebastião desde 1554 a 1561* ¹.

Diogo Barbosa teve dous irmãos: IGNACIO BARBOSA MACHADO autor dos *Fastos políticos e militares da antiga e nova Lusitania* e D. JOSE' BARBOSA MACHADO que deixou o *Catálogo cronológico, histórico e genealógico e crítico das rainhas e seus filhos* (1727) ², mas nenhum conseguiu sequer igualar a gloria do irmão Diogo.

159. — FRANCISCO LEITÃO FERREIRA (1667-1735) escreveu as *Noticias cronológicas da Universidade de Coimbra* ³, que abrangem o período das transferências da Universidade até á data de 1537, e constituem subsídio indispensável para quem quizer estudar a história do desenvolvimento literário do nosso país. A morte do autor fez com que ficasse incompleta a obra que é também um correctivo aos erros de Fr. António da Purificação (1601-1658) na sua *Crónica da antiquissima Provincia de Portugal* ⁴. As *Noticias da vida de André de Resende* sam um trabalho revelador da mais escrupulosa investigação histórica ⁵.

160. — JOSÉ SOARES DA SILVA (1672-1739). As suas *Memórias para a história de Portugal que compreendem o governo d'el-rei D. João I, do anno de 1383 até o de 1433*, estão escritas

¹ Lisboa, 4 vols.

² Lisboa, 2 vols. Outros trabalhos em Mattos, *Manual*, cit. e *Innoc.*, *Dic.* A obra de Fred. Francisco de la Fignière, *Memórias das Rainhas de Portugal*, (1859, 1 vol.), e a de Fr. da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal*, (1878, 2 vols.) fizeram esquecer inteiramente a obra de D. José Machado.

³ *Noticias cronológicas...* *Primeira parte que comprehende os annos que discorrem desde o de 1283 até principios de 1517.* Lisboa, 1729. Existe manuscrita a 2.^a parte de que há uma copia no Arquivo da Universidade de Coimbra.

No vol. IV da *Collecção dos Doc. e Mem. da Acad.* está publicado o *Catálogo cronológico critico dos Bispos de Coimbra* do mesmo autor. A propósito do trabalho sobre a Universidade encontram-se as *Memórias da Univ. de Coimbra* de Francisco Carneiro de Figueiredo, do Fr. António da Purificação (Dr. José Maria Rodrigues, *A Univ. de Lisboa e Coimbra, Cópia de uma obra allemã*, Coimbra, 1892, pág. 17) e se actualizam para os annos da Univ., 1871-72 e 1773-74 a 1881-82 quasi inteiramente.

⁴ Em duas partes: 1.^a, Lisboa, 1727; 2.^a, 1727, 1733.

⁵ Cfr. a ed. que com o nome de *Noticias da vida de André de Resende* se publicou em 1916 o sábio historiador Sr. Braamcamp Freire.

num estilo túrgido e afectado, que muito prejudica a beleza histórica desse período, um dos mais cavalheirescos de Portugal¹, e que com tanta grandeza épica ficou exarado por Fernão Lopes.

II

Academia Real das Sciências

161.—FR. MANOEL DO CENÁCULO VILLAS-BOAS (1744-1814), doutor e lente da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, bispo de Beja e depois arcebispo de Evora, foi um espírito ilustradíssimo, a quem as letras portuguezas devem serviços incalculáveis. O critério superiormente acertado com que durante vinte e cinco annos governou a diocese de Beja revelou-se numa multidão de actos qual dêles mais merecedor de applauso. No seu próprio paço criou um curso de humanidades e de teologia, instituiu escolas eclesiásticas, abriu escolas para o sexo feminino, formou um Museu de antiguidades, reuniu uma collecção notável de pinturas e, além de oferecer também muitos volumes á Real Bibl. Pública da Corte, deixou milhares de livros impressos, deenas de manuscritos, muitos de subido valor, e três mil moedas ou medalhas não duplicadas, comprehendendo moedas grêgas e romanas e outras raras e de aprego².

Escrevendo, aconselhando, dirigindo, o douto prelado ligou o seu nome ás reformas, que tanta gloria deram ao Marquês de Pombal, que o chamava «*pôço sem fundo e sem lodo*». Das suas numerosas obras destacam-se, como principaes, as — *Memórias históricas do Ministério do púlpito*³ e os — *Cuidados literários de Prelado de Beja*⁴, dois livros de vasto saber em historia eclesiastica, de honnissimos preceitos da vida sacerdotal, de regras oratórias para toda a eloquência⁵. Fr. Fortunato de S. Boaventura considerava-o «o maior homem do seu séc.»⁶.

¹ Ed. de Lisboa, 1730-1732, 3 vols. Em 1734 publicou o mesmo autor o vol. — *Collecção de Documentos com que se authorizam as Memórias...*

² Cfr. *Bol. das Bibl. e Arch. Nac.*, 1900, pág. 153.

³ *Mem. por um religioso da Ordem Terceira de S. Francisco*; Lisboa, 1776.

⁴ *Cuidados... em graça do seu bispado*, Lisboa, 1791.

⁵ C. C. Branco, *ob. cit.*, pág. 249. Fr. Vicente Salgado, *Origem e progresso das linguas orientais na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*, Lisboa, 1790; id., *Comp. hist. da Congregação da Terceira Ordem de Portugal*, Lisboa, 1793; e o *Flogio hist.* por Trigueiro recitado na sessão da Acad. R. das Sc. de Lisboa de 24 de junho de 1814 no t. IV das *Mem.* da mesma Acad. 1815, fol. O *Conimbricense* de 1858 publicou *Memórias intimas* onde o Prelado registava o que lhe parecia digno de nota como educador do Principe do Brasil, D. José, primogénito de D. Maria I e prematuramente falecido.

⁶ *Hist. cronol. e crit. de Alcobaça*, 82, nota, 2.

162.—ANTÔNIO RIBEIRO DOS SANTOS (1745-1818), lente de cânones, bibliothecário da Universidade, e depois da Bibl. Pública de Lisboa, polígrafo lusitano, devem-se-lhe trabalhos de subido valor, sendo principalmente as estimáveis à.ém d'outras, as *Memórias da Academia Real das Sci. e Let.* portuguezes desde os primeiros tempos da nacionalidade até aos fins do sc. XV¹, e sobre as *Origens da Geographia do Reino de Portugal* do sc. XVI². Dá o autor a prova de laboriosíssimas investigações e acendrado enthusiasmo. Além do livro dos Serões escreveu também sob o nome arcádico de *Paulo Lucio* e numerosas poesias ao sabor clássico³. Mas é nas excavações históricas, mais que nos vãos da fantasia, que a sua gloria se esculpe.

163.—ANTÔNIO CAETANO DO AMARAL (1747-1819) reuniu subsídios de muito alto valor para a história civil e económica do nosso país nas cinco *Memórias* as quaes a título revela a importância del'as, sobre materias de mais a mais ainda não desbravadas por nenhum paciente investigador. São:

Mem. 1.^a — *Estado da Lusitania até ao tempo em que foi reduzida a provincia romana*⁴;

Mem. 2.^a — *Estado Civil da Lusitania no tempo em que esteve sujeita aos romanos*⁵;

Mem. 3.^a — *Estado Civil da Lusitania desde a entrada dos povos do Norte até á dos Arabes*⁶;

Mem. 4.^a — *Estado do terreno que hoje ocupa Portugal, desde a invasão dos Arabes até á fundação da Monarquia Portuguesa*⁷;

Mem. 5.^a — *Primeira época da Monarquia Portugueza, desde o conde D. Henrique até o fim do reinado del-rei D. Fernando*⁸.

A' grande figura de apóstolo que foi D. Fr. Caetano Brandão consagrou dous vols. de *Memórias* e desenterrou do esquecimento a *Vida de S. Martinho Bracaraense*, que illustrou e completou com a

¹ Joaquim José Ferreira Gordo (1758-1838) juntou para a história dos judeus em Portugal algumas achegas na *Memória* que lhe consagrou e anda publicada no vol. viii da *História e Memórias da Academia* (1823).

² As primeiras publicadas nos vols. iii e iv das *Mem. da Lit.* e as outras duas no vol. viii das mesmas *Memórias*. Cfr. Innoc., *Dic. Bibl.*, vi, 203-210.

³ *Poesias*, vols. i, ii, iii, Lisboa, 1812-1817. Ribeiro dos Santos também trad. a *Poética de Aristóteles* (Lisboa, 1779, anónima) e a *Lirica de Horácio* (Lisboa, 1807, 2 vols.).

⁴ Publicada nas *Mem. da Lit. Port. da Acad. R. das Sc.*, i, 16-30.

⁵ *Ibid.*, ii, 313-353.

⁶ *Ibid.*, vi, 127-437.

⁷ *Ibid.*, vii, 60-236.

⁸ *Ibid.*, vi, p. ii das referidas *Mem.*, em fólio, e continuado no tomo vii.

Colecção de Cânones, obras todas que representam valioso auxílio aos esquadriñhadores da história eclesiástica portuguesa.

164. — JOÃO PEDRO RIBEIRO (1759-1839), do Porto, abalizado lente da cadeira de diplomática da Universidade, foi um dos investigadores da história de Portugal mais pacientes, mais eruditos e mais conscienciosos que temos tido, sobressaindo aos seus contemporâneos na crítica dos documentos e na interpretação e estudo das fontes.

Elucidou muitos pontos obscuros, corrigiu bastantes, que andavam adulterados em cronistas de menos escrúpulos, refez em bases novas a cronologia de factos importantes. Dos seus livros merecem menção principal as:

— *Observações históricas e críticas para servirem de Memórias ao sistema da Diplomática portuguesa*¹.

— *Dissertações cronológicas e críticas sobre a História e Jurisprudência eclesiástica e civil de Portugal*².

J. Pedro Ribeiro legou á Biblioteca da Universidade de Coimbra os seus livros e todos os seus manuscritos, entre os quais alguns há de subido merecimento, como o intitulado *Estractos para servirem a ordenar-se o Glossário latino-etimol. e arch. português*³.

165. — D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO (1763-1844), de Beja, lente da Faculdade de Teologia da Universidade e bispo de Viseu, é considerado como um escritor clássico, dotado de grande erudição literária, como se vê dos seus trabalhos, modêlos de linguagem pura e muito correcta. Os que se consideraram mais completos e perfeitos foram reunidos em vols. que se publicaram póstumamente⁴. Salientemos dentro êles as *Memórias* sobre Camões (vol. 1.^o), Fr. Luís de Sousa e António Vieira (vol. 2.^o), que sam modêlos no género e ás quais terá necessariamente de recorrer quem queira escrever sobre aquêles mestres da língua. E' também notável pela sobriedade do estilo o seu *Resumo da História do Antigo*

¹ Publ. pela Acad. Real das Sc.; Lisboa, 1798.

² *Ibid.*, 5 tomos, 1810-1836.

³ Começou a ser publ. no *Bol. Bibl. da Univ. de Coimbra*, 1915, pág. 299.

⁴ *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu. Impressas á custa do Seminário da sua Diocese*. Lisboa, 1843-53, 3 vols. Onde pararão as obras inéditas do Bispo Lobo, que se guardavam no Seminário de Viseu até há poucos anos? Sobre os Mss. do Bispo Lobo lêr o o artigo de Fortunato de Almeida no *Bol. da Seg. Cl. da Acad.*, xii, 248.

Testamento. Foi em 1828 nomeado Reformador Geral dos Estudos, lugar em que prestou ao ensino relevantes serviços ¹.

166.—D. FR. FRANCISCO DE S. LUÍS (1766-1845), mais conhecido pela designação de *Cardeal Saraiva*, doutorou-se em Teologia, foi reitor da Universidade e bispo de Coimbra, ministro de Estado e Cardeal-Patriarca de Lisboa. As memórias sobre história antiga e moderna, navegação e conquistas dos portugueses bem como sobre factos da história eclesiástica nacional, os seus estudos de linguística, etc., publicados nas *Obras completas* ² atestam o alto merecimento dêste ilustre prelado e o seu amor infatigável ao trabalho ³.

167.—D. FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA (1778-1844), outro prelado ilustre, doutor em Teologia e arcebispo de Evora, a quem as letras portugêsas mereceram belos estudos históricos e literários. Citam-se, entre outros, os referentes aos cronistas Fr. Bernardo de Brito, Fr. António Brandão, Fr. Francisco Brandão e um sobre os estudos das línguas grega e hebraica em Portugal ⁴.

168.—MANOEL ANTÓNIO COELHO DA ROCHA (1803-1850), insigne professor da Faculdade de Direito da Universidade, a quem se devem os valiosos trabalhos *Ensaio sobre a história do governo e da legislação de Portugal* e as *Instituições de Direito pátrio*. Guiado por lúcido critério Coelho da Rocha conseguiu elaborar uma obra de conjunto que muito honra a sua memória, e que é, até agora, na latitude que lhe deu, a única que possuímos ⁵.

¹ Vid. F. E. de Faria e Melo, *Memória sobre a vida de D. Fr. A. Lobo*, Lisboa, 1844.

² *Obras completas do Cardeal Saraiva, precedidas de uma introdução pelo Marquês de Rezende, publicadas por António Correia Caldeira*, Lisboa, 1872-1876.

³ Cfr. Marquês de Rezende, *Memória histórica...*, Lisboa, 1864.

⁴ Alguns dos seus livros, com o as *Alemórias para a vida da beata Malda* (Coimbra, 1814), e o *Sumário da vida de D. Fernando* (Modena, 1856), são bastante raros.

⁵ Para a história do direito civil são também sub-ídios de valor as memórias de JOSÉ ANASTÁCIO DE FIGUEIREDO (1766-1805) publicadas nos dois 1.^{as} vols. das *Mem. de Lit. da Acad.*, bem como a sua *Synopse Cronológ.* São também muito interessantes os trabalhos de D. ANTÓNIO DA VILHARÃO FREIRE DE CARVALHO publicados no *Investigador Port. em Ingl.*, viii-ix, n.^{os} 30-36, como aquêle em que analisa os motivos que teve D. João II para regitar os projectos de Cristovão Colombo; aquêle em que estuda o d. n.º Endoviteio (na 2.^a série, t. 1.^o, p. 1.^a dos *Mem. da Acad. R. das Sc.*) e outro sobre Fr. Bernardo de Brito (na Ed. da *Mon. Lus.*, publ. pela Academia).

ELOQUÊNCIA

169. — FR. ALEXANDRE DO ESPIRITO SANTO PALHARES (1748-1811) é o orador mais notável d'êste século. Os seus discursos (36) andam reunidos em dois vols., que fôram publicados depois da sua morte com o título: *Sermões do P. Mestre Fr.... copiados de manuscriptos originaes*¹. A collecção não é completa pois lhe falta o sermão prégado na presença da Rainha D. Maria I e da côrte, em que Fr. Alexandre desassombradamente invectivou os vícios das altas classes que o escutavam. Esse discurso valeu-lhe, diz-se, a deportação para fóra da capital.

Os sermões accusam no seu autôr muita leitura dos de Vieira.

Citam-se ainda como oradores apreciaveis: RAPHAEL BLUTEAU que como filólogo tem outros e novos títulos á lembrança do seu nome²; FR. JOAQUIM DE SANTA CLARA BRANDÃO, de quem se aponta, sobretudo, o oração fúnebre nas exéquias do Marquês de Pombal; FR. PATRICIO DA SILVA (1756-1850), bispo de Castelo Branco, depois arcebispo de Evora e por último patriarca de Lisboa, cujas orações e pastorais lhe deram grande nomeada; enfim ANTONIO JOSÉ DA ROCHA (1767-1831), lente de Teologia da Universidade e muito admirado pelos seus contemporâneos pela sua eloquência particular e inconfundível de quem há publicados apenas dois sermões, um prégado nas exéquias do bispo-conde D. Francisco de Lemos, (Coimbra, 1822), e outro em acção de graças pela restauração da monarquia independente, recitado na capela da Universidade, em 26 de fevereiro de 1824.

Pelos seus trabalhos apostólicos, virtudes exemplaríssimas e profunda erudição não calaremos o nome de D. FR. CAETANO BRANDÃO († 1805), bispo do Pará e depois Arcebispo de Braga, cujo centenário esta cidade celebrou em 15 de dezembro de 1905 e de quem há publicados, póstumamente, dois vols. de *Pastorais e outras obras...* (Lisboa, 1824).

170. — Epistolografia. No género epistolar podem apontar-se nêste século alguns trabalhos, mais valiosos como documentos auxi-

¹ Ed. de Lisboa, 1.^o, 1855; e de Coimbra o 2.^o, 1856.

² Como orador deixou: *Primicias Evangelicas, ou sermoens e panegyricos*, Lisboa, 1676. Parte 2.^a *ibid.*, 1685; parte 3.^a. Paris, 1698. Outra ed. só da p. 1.^a, Lisboa, 1701. — *Sermões panegyricos e doutrinaes que a diversas festividades e assumptos prégou o P. D. Raphael Bluteau*, part. 1.^a e 2.^a, Lisboa, 1732-33, 2 vols.

liares da história e subsídios para o conhecimento do século, do que propriamente como peças literárias. Tais são as cartas de António da Costa, Ribeiro Sanches, Alexandre de Gusmão e do Cavalheiro de Oliveira.

171. — ANTONIO DA COSTA (1714-1780), do Porto, designado vulgarmente por *Abade Costa* deixou nas *Cartas*, publicadas um século depois da sua morte ¹, escritas de Roma e Viena de Austria, muitas e interessantes referências para avaliarmos da nossa situação política, moral e religiosa no século XVIII.

Em Viena de Austria foi protegido do Duque de Lafões, D. João de Bragança, o que não impediu que vivesse em completa independência de idéas e de carácter. Foi também músico notável e como tal citado pelos especialistas ².

172. — ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES (1699-1783) homem maigne que viveu quâse toda a sua vida no estrangeiro, já na Rússia, onde foi por largos anos, médico de Catarina II e Director do Hospital do Colégio dos Nobres Militares, já em Paris, já em Leyde, onde estudou três anos, e trabalhando sempre activamente. Além de outras obras temos de Ribeiro Sanches as *Cartas sobre a educação da mocidade*, pela primeira vez publicadas em Colónia em 1760 ³. A criação do *Colégio de Nobres* levada a efeito pelo Marquês de Pombal em 1761 foi aconselhada por carta dêle, de Paris, de 19 de dezembro de 1759. ⁴ As *Cartas* discutem as bases duma educação integral, desde a primária á superior. A secularização do ensino, a utilidade geral do Estado como fim da instrução, a idéa dum contracto entre os povos e o soberano como fundamento da organização política, a afirmação de que as instituições devem adaptar-se ao grau de desenvolvimento dum povo pareceriam no seu tempo excessivamente revolucionárias e êle é, entretanto, seu expositor e apologista. Quando propõe para a nobreza a organização da Escola Militar é na idéa

¹ *Cartas curiosas anot. e precedidas de um ensaio biog.* por J. de Vasconcelos, Porto, 1879, 1 vol. Vid. sobre estas Cartas, Th. Braga, *Questões de Literatura*, pág. 295 e seg., artigo antes publ. no *Bol. de Bibl. Port.* 1, 93 e 125.

² Vieira, *Dic. de Musicos Portug.*, 1, 316

³ Reproduzidas em 1882 na *Rev. da Soc. de Instrução do Porto*.

⁴ Cfr. para a biog. de Sanches as *Obras de Filinto Elysio*, vol. ix, onde se encontra a trad. feita pelo poeta do estudo que o sábio Vieq. d'Azir escreveu a respeito dêle. O Sr. Prof. Ricardo Jorge publicou no opúsculo *Cartas de Ribeiro Sanches* (Lisb. a, 1907) duas cartas inéd. dirigidas pelo famoso médico ao P.^e Teodoro de Almeida acompanhando essa publicação de um estudo crítico-biográfico. O historiador da medicina portuguesa, Sr. Prof. Maximiano Lemos estudou com toda a profundidade a vida de Sanches — no vol. *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra*, Porto, 1911. Cfr. também do mesmo Prof. *Notícia de alguns Mss. de R. S. existentes na Bibl. Nac. de Madrid*, Porto, 1913.

de criar uma grande Escola de amor da Patria. « É escrever elle, não consiste só em perder a vida senher das terras, que as faz férteis, que multip as aldeias, contribuindo com o seu e com as suas êstes subditos e os que hão de vir desta união. dando comprar um vestido de pano de Inglaterra Civilhã. É tes sam os patriotas. . . »

173. -- FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA, de Lisboa, (1702-1783) mais conhecido por *Cavalheiro de Oliveira*, além das *Memórias históricas, políticas e literárias* escritas em francês e publicadas em Haia em 1743 (2 vols.) e outras obras, escreveu numerosas cartas que saíram pela primeira vez em 1741; em 1855 foram reeditadas em três vols. com o título *Cartas familiares, históricas, políticas e críticas*. São interessantíssimas algumas dessas cartas pelas alluções aos costumes do tempo. Nem sempre a dição é correcta, nem o estilo apurado; mas que viveza em todas aquelas páginas! Que bom humor num expatriado e perseguido, a quem a Inquisição, formando-lhe o processo em 1756, chegou a queimar em estátua no auto de fé de 20 de setembro de 1761!¹

Ficaram d'ele muitos Mss., cuja perda é muito para sentir. Garrett dá notícia dum exemplar da *Bibl. de Barbosa* com folhas intercalares onde, como nas fls. marginaes elle ia lançando anotações, emendas, comentários, etc. Coplas, romances, trovas antigas e até profecias como as do Bandarra havia-as com profusão. Garrett aproveitou imenso copiando umas cinquenta peças. Outro Ms. notável era o por elle intitulado *Oliveiriana*, que se compunha de 27 vols. um dos quais, todo autógrafo, fazia parte da livreria de Incêncio.

Algumas Cartas como as que versam o tema « eloquência (I, 267), a *Pronúncia de latim* (I, 456, adeante transcrita na *Antologia*) a justificação da leitura das *Novelas e Comédias* (II, 198), a *educação feminina* (II, 484) e tantas mais revelam a variedade da

¹ O processo guarda-se na *Bibl. de Évora*, Cód. cxxxi. O que lhe deu origem foi o *Discours patétique au sujet des calamités présentes arrivées en Portugal...* também trad. em português, onde, diziam os acusadores, elle sustentava que a causa do terramoto do 1.º de nov. de 1755 fôra dar-se culto às imagens, negava os sufrágios prestados às almas dos mortos, etc. [Veja-se a súmula do processo no *Arch. Hist. Port.*, I, n.º 11, 381-382, e completo na mesma revista, II, n.ºs 8 e 9, 281-320]. Do *Discurso patético* há ed. fac-símile de Joaquim de Araújo, Porto, 1893, 8.º, 94-v. pag. Deste panfleto eram conhecidos três exemplares e a reprodu. foi de 36, ficando assim da mesma maneira, quase, rara. Com o anagrama de *Felyx Vieyra Corvino de Arcos*, Oliveira publicou em Londres *Reflexoens... sobre a tentativa teológica do P. António Vieira*, opúsculo de 15 págs. raríssimo. Vid. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livreria*, pág. 74. Para a biogr. *Cartas*, II, I-XII, de Rivara.

sua erudição e a segurança dos seus juízos críticos. E todos os conhecimentos dos maiores segredos da língua, que na sua pena tinha a flexibilidade dos melhores escritores do nosso tempo.

174. — ALEXANDRE DE GUSMÃO (1695-1753) de Santos, província de S. Paulo, secretário particular de D. João V, individualidade superior pela lucidez política, carácter probo e íntegro, deixou nas suas *Cartas* menos do que modelos de linguagem, belos documentos de crítica e análise aos costumes da época como pode vêr-se nas que dirigiu a D. Luís da Cunha (*Col. de inéd.*, 41 e 64), a Barbosa Machado (*ibid.*, 61) etc. Para quem antepõe estudos sociológicos e preluxidades linguísticas, diz Camilo, o secretário de D. João V excede António Vieira e D. Francisco Manoel de Melo¹. Por morte d'este monarca (1750) extinguiu-se o cargo de escrivão da puridade, que elle exercia, o que o obrigou a voltar á vida particular, vivendo ainda oito anos amargurados p'los desastres familiares sobretudo, pois perdeu sua mulher e dois filhos, tendo-lhe também ardido o palácio em que vivia. Foi-lhe últimamente attribuída a paternidade da *Arte de furtar*.

175. — Trabalhos filológicos do século XVIII. O estudo da língua adquire notável desenvolvimento neste período. O Marquês de Pombal, a cuja providente atenção nada escapava, a 30 de setembro de 1770 fez publicar um decreto em que afirmava « que a correcção das línguas nacionaes é dos objectos mais atendíveis para a cultura dos povos civilizados, sendo pelo contrario a barbaridade das línguas a que manifesta a ignorância das nações ». Bastaria lembrar para honra d'este século e período literário a empresa a que se abalçou a Academia Real das Sciências relativamente á elaboração do grande « *Dicionário da língua* », a que já nos referimos.

¹ *Curso*, II, 162 De Alexandre de Gusmão há várias *Cartas* publicadas no *Investigador P. em Inglaterra*, *Colecção de vários escritos inéditos e literários*, Porto, 1841, e *Complemento de inéditos*, *ibid.*, 1844. Inoc. *Dic. Bibl.*, I, 33, VIII, 31. Irmão d'ele foi o celebrado P.^o Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o inventor dos balões (1865) o *Voador* ou *Passarola*, como o ridicularizaram os poetastros do tempo, como Tomás Pinto Brandão, autor do *Pinto Renascido* (1732) e Pedro de Azevedo Tojal, do *Foguetário* [Edit. nos meus *Subsídios*, Coimbra, 1904]. Quando em 8 de agosto de 1912 passou o 200.^o aniversário do invento de Gusmão o facto foi comemorado por uma lápide que se collocou em Lisboa no Castelo de S. Jorge e pelo projecto duma estátua a erguer em Santos, no Brasil, onde Gusmão nascera. Estes factos originaram brilhantes *Cartas* do Prof. Ricardo Jorge, que fôrão publicadas no *Diário de Notícias*, de Lisboa, durante o citado mês de agosto de 1912. Cfr. *Anais da Bibl. Nac. do Rio de Jan.* I, 190, onde se publicaram poesias satíricas curiosas e importantes na discussão do problema a que se referem.

179.—FRANCISCO DIAS GOMES (1745-1795, é um emendador da pureza e correcção da língua e crítico e consumado filólogo.

A *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*¹ é trabalho de proficiente análise e largo estudo. Mas onde a erudição filológica de Dias Gomes se revela com exuberância é nas «*Notas*» às suas *Obras Poéticas*², que justificam o título que alguns lhe têm dado de melhor crítico de século XVIII.

180.—JERONIMO SOARES BARBOSA (1737-1816) é o representante do movimento filosófico sensualista aplicado com discernimento á gramática portuguesa. A sua *Gramática philosophica* marcou-lhe um lugar notável na história da língua³.

Há ainda ANTÓNIO JOSE' DOS REIS LOBATO († 1804?), ANTÓNIO DAS NEVES PEREIRA († 1818) e outros⁴ que deixaram estudos gramaticais aproveitáveis como espezímente d'este último o *Exame crítico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores dos séculos XV e XVI*⁵.

OBRAS DIVERSAS

181.—Jurisprudência. Pelo vasto saber de que deram provas nos trabalhos que deixaram, pela influência que exerceram no seu tempo e fama que alcançaram merecem ser lembrados os nomes dos juriconsultos PASCOAL JOSÉ DE MELLO FREIRE DOS REIS (1738-1798), lente, na Universidade, e fundador da história do nosso direito civil; MANOEL FERNANDES THOMAZ (1771-1722), figura proeminente do moderno Portugal, modelo de abnegação patriótica, que

¹ In-vol. IV das *Mem. de Litt. da Acad.*, pg. 26-305. Uma análise á poesia bucólica dos poetas portuguezes foi feita por outro académico Joaquim de Foios (1738-1811), o judicioso prefaciador da 2.^a ed. da *Lusitana Transformada* de F. Alves do Oriente.

² *Obras Poéticas...* mandadas publicar pela Acad. R. das Sciencias a beneficio da viuva e orfãos do auctor. Lisboa., 1793, xxvii-425 pg. As xxvii pgs. contêm a biogr. do poeta Stockler. As notas tornam este livro, diz Innoc. [Dic. Bibl., II, 370], um verdadeiro breviário dos homens de gosto.

³ Vid. Innoc., *Dic. Bibl.*, III, 276 e x, 185.

⁴ A *Arte da Gram. da Língua Portug.* de Lobato parece ter saído pela 1.^a vez em 1771; de Neves Pereira há nas *Mem. de Lit. da Acad.* os seus trabalhos de maior valor.

⁵ Vid. o opúsculo do Dr. J. Leite de Vasconcelos, *A Philologia Portuguesa*, Lisboa, 1888.

morreu pobríssimo ¹ e que aqui merece figurar como autor do *Repertorio Geral ou Indice... das Leis extravagantes de Portugal*; MANOEL DE ALMEIDA E SOUSA (1745 1817) quase designado sómente pelo nome de *Lobão*, da aldeia da Baira Alta onde exerceu a advocacia, jurisconsulto famosíssimo, autor de numerosos trabalhos de que só aqui citaremos um sobre a *Emfiteuse* e outro sobre os *Morgados* ²; MANOEL BORGES CARNEIRO († 1833) patrióta exímio por sempre memorado tanto pelo seu amor á liberdade, cuja vítima foi, como pelo saber vasto e profundo do direito, de que sam provas, entre outros, os vols., sobre o *Direito Civil de Portugal* (4 vols.) e os *Extractos das leis...*; e enfim JOSÉ FERREIRA BORGES († 1838) o autor do *Código Commercial Português*, e um dos implantadores do regimen liberal em Portugal.

182.—Filósofos e Scientistas. Aristóteles foi sempre o filósofo mais comentado e explicado em Portugal. Toda a erudição dos nossos pensadores se esgota em subtilezas esforços de o analisar, de o decompor, de o modernizar. Esse trabalho colossal, mas esteril, encerra-se em centenas de volumes, quâse todos inéditos, uns irremediavelmente perdidos; outros guardados nos arquivos e bibliotecas do país, á espera da... consunção natural dos tempos. Mas pelos fins do século XVIII apparece uma pleiade de homens que intransigentemente combate essas idéas, procurando dar nova orientação ao ensino philosophico. São—VERNEY e THEODORO DE ALMEIDA, que já nomeamos; JACOB DE CASTRO SARMENTO, de Bragança (1691-1762) defensor e apologistas de Bacon, cujas obras pensou em traduzir não chegando, parece, a realizar o seu intento, médico famoso, a quem se attribue grande acção na orientação do ensino em Portugal; JOÃO DE CASTRO, autor da *Filosofia aristotélica restituta e illustrada*, livro em que se empenhou por «adornar a antiga Filosofia de Aristóteles com novos raciocínios e experiencias»; ANTÔNIO SOARES BARBOSA (1734-1801), lente de Filosofia na Universidade, de quem apenas aqui mencionaremos o seu—*Tratado elementar de Filosofia Moral*, em tres vols.; e SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA (1769 1846), polígrafo e mérito, autor de numerosos trabalhos de direito político e internacional, alguns dêles escritos em francês e inglês. As suas *Prelecções philosophicas* sam um dos seus trabalhos mais lúcidos, mais metódicos e mais bem organizados. Perseguido por Napoleão, destingue-se na primeira metade

¹ Vid. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria*, já cit., pág. 167-172; Ferreira-Densado, *Educadores Port.*, cit., 1910, 354.

² Biogr. no *Panorama*, VII, 382.

do séc. XIX como umas das figuras intellectual.¹

Figura primacial é também F (1828), o amigo de Filinto Eliaio, con tribunal da Inquisição, o que conseguiu na *flora Lusitana* classificar e descrever. MOURA PORTUGAL é outro génio a quem se deve o melhoramento... escritos nas primeiras (1821) deram nomeiada universal. singularizou-se pela profundidade de saber e talento inventivo nas sciências experimentaes.

183.—Políticos. Não é descabido citar aqui os nomes daquelas personalidades que ou dentro do país ou em missões difficis no estrangeiro, quer pelo seu porte irrepreensivel, seriedade da sua conduta, sagacidade, prudência e penetração no trato dos negócios, quer pela sua cultura, seberam honrar e engrandecer o nome de Portugal. Além de Alexandre de Gusmão, que já lembramos, temos ainda D. LUÍS DA CUNHA († 1709), do conselho dos monarchas D. Pedro II e D. João V, e seu embaixador das côrtes de Viena, Haia e Paris, de quem só pessão impresso *Testamento político* dirigido a D. José, quando ainda Príncipe do Brasil, e algumas *Cartas*, o que tudo appareceu no *Investigador português em Inglaterra*.

JOSÉ DA CUNHA BROCHADO (1651-1733) secretario da embaixada em Paris com o Marquês de Cascaes, D. Luís Alvares de Castro, e depois Enviado em Londres e Madrid, autôr de numerosos escritos na maior parte inéditos, nos quais se revela observador perspicaz e curioso anotador dos factos que podiam convir ás suas delicadas funções.²

MARQUÊS DE POMBAL, Sebastião José de Carvalho e Melo, (1699-1782), Ministro, Enviado ás Côrtes de Londres e Viena de Austria, Primeiro Ministro e Secretario de Estado de el-rei D. José, collaborador, senão autôr, da *Deducção chronológica e analytica*, cooperador do *Compendio histórico da Universidade de Coimbra* e o pulso de ferro que inspirou, sustentou e executou os *Novos Estatutos* da

¹ Vid. Teixeira de Vasconcellos, *Glorias Portuguezas*, pg. 160: Ferreira Densdado, *Educadores Portuguezes*, cit. pg. 411. A enueração das suas obras atinge em Innoc. Dic. VII, 259-273, nada menos que 293 números! Vide também *Mem. e Cartas biogr. nos Anals da Bibl. Nac. do Rio de Jan.*, II, 1887, 217.

² O seu *Elogio* anda na *Collecção dos Docum. e Mem. da Acad. das Sciências de Lisboa* vol. XIII. Impresso em separado não há de Brochado senão o *Auto da Vida de Adão...*, 1727, e aí mesino se assina com o criptónimo Felix Josep. da Soledade. Vid. o vol. XII da minha collecção *SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA: Memórias de José da Cunha Brochado*. Coimbra, 1909.

Universidade, figura colossal em volta da qual o fanatismo duns e o radicalismo doutros ainda não deixou exercer a serena e clarividente luz da crítica hiotórica ¹. As suas *Cartas* sam indispensáveis para o conhecimento da sua vida e época ².

¹ Innoc. *Dic. Bibl.*, vii, 209-216 fornece subsídios bibliográficos para o estudo do grande ministro de D. José. Apenas aqui indicaremos entre os mais recentes trabalhos dignos de nota: Latino Coelho, *O Marquês de Pombal*, gr. ed. pop. ilustr., Lisboa, 1905, 1 vol.; D. Miguel Sotto-Mayor — *O Marquês de Pombal, exame e história crítica da sua administração*, Porto, 1905, 1 vol.; Zepherino Brandão, *O Marquês de Pombal (Documentos inéditos)*, Lisboa, 1905, 1 vol.; J. Lucio de Azevedo, *O Marquês de Pombal e a sua Epoca*, Lisboa, 1909, 1 vol.; Jordão de Freitas, *O Marquês de Pombal e o Santo Ofício da Inquisição*, Lisboa, 1917.

² Publ. por D. José de Noronha, Lisboa 1916. Colecção de valor. Entre as 50 cartas ali publ. há 39 inéd. já escritas, após a queda, do desterro de Pombal.

ANTOLOGIA

SÉCULO XVIII

POESIA

I

Cantata

Já no rôxo Oriente branqueando
As preñhes vélas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sôbre as asas dos ventos se escondião.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullolando.
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cupolas suberbas
Pião nocturnas agouieiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com d'beis vozes,
Suspirando chamar: Elisa! Elisa!
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara,
Mas vio esmorecida
Em tôrno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Ja com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostrarão
As illiacas roupas, que pependentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustroso pavez, a teucra espada.

Com a convulsa mão subito arranca
 A lamina fulgente da bainha,
 E sôbre o duro ferro penetrante
 Arroja o tenro cristalino peito :
 E em borbotões de espuma murmurando
 O quente sangue da ferida salta :
 De roxas espadanas rociadas
 Tremem da sala as doricas columnas.

Trez vezes tenta esguer-se,
 Tres vezes desmaiada sôbre o leito
 O corpo revolvendo, ao ceo levanta
 Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha
 Do profugo Dardanio,
 Éstas ultimas vozes repetia,
 E os lastimosos lugubres accents
 Pelas aureas abobadas voando
 Longo tempo depois gemer se ouvirão :

« Doces despojos
 Tam bem logrados
 Dos olhos meus,
 Emquanto os fados,
 Emquanto Deus
 O consentião;
 Da triste Dido
 A alma accetae,
 D'estes cuidados
 Me libertae. »

« Dido infelice
 Assás viveu ;
 D'alta Carthago
 O muro ergueu :
 Agora nua,
 Já de Charonte,
 A sombra sua
 Na barca feia,
 De Flegetonte,
 A negra veia
 Sulcando vai.

Corrêa Garção, *Assemblea ou Partida*, Séc. xvi, 381.

II

A Assembléa ou Partida

SCENA I

BRAZ CARRIL E GIL FUSTOTE

Braz. Entendes, Gil Fustote, o que te digo?
Gil. Entendo, entendo : dizes que partida
 Hoje em casa terás ou assembléa ;
 Amigo Braz Carril, estas gaihofas,

Jantares e merendas são o fructo
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que perneias :
Compaixão, grande compaixão me debes.
Partidas ! Assembléa ! que mania !

Braz. E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver como vive a gente séria
Hoje em Lisboa ? grandes e pequenos
Todos querem gozar das sãs delicias,
Do suave prazer da companhia.

Gil. Sem esses bons prazeres e delicias
Nossos avós, e nossos paes viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.

Braz. Ora já que traziam retorcidos
Os grizalhos bigodes ; estirada
A esqualida guedela ; no pescoço
Crespas golilhas ; gorra na cabeça ;
As calças retalhadas e pantufos ;
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivelas os sapatos.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.
Não vês no frio inverno ao tronco annoso
Cair-lhe as murchas cãs, e quando torna
A fresca primavera verdejarem
Cobertos de mil folhas, novos ramos ?
Assim as modas são, assim os usos :
E devemos-nos todos sujeitar-nos
A tão perpetuas leis da natureza.

Gil. Amigo, amigo, estás perdido... doudo...
Braz. Com os olhos abertos.

Gil. Não t'o invejo,
Nem quero governar a casa alheia :
Fica-te em paz com tuas assembléas,
Pódes sem mim fazer a synagoga.

Braz. Caro Fustote, espera que não posso...

Gil. Eu não canto, nem sou arreburinho :
Pouco gosto de chá, menos de jogo :
Falta cá não farei : adeus, amigo.

Braz. Espera, espera, podes divertir-te
Ouvindo duas arias, temos doce,
E doce delicado, se quiseres,

Gil. Não caio nesse anzol.

Braz. Meu Gil Fustote.

Espera, escuta...

Gil. Dize, que mais queres ?

Braz. Eu queria pedir-te algum dinheiro
Porque estou sem real : olha em que dia !

Gil. Pois a perpetua lei da natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto ?

Braz. Amigo Gil Fustote, eu pouco peço ;
Dá-me, sequer, sels mil e quatrocentos ;
Acode-me ; e conforme o nosso ajuste,
Sete e duzentos lançarás na conta.

Gil. Seis mil e quatrocentos ! Quem m'os dera !
 Não me pagam tão bem os teus foreiros :
 E a divida vae já de foz em fóra.

Braz. Olto mil réis porás.

Gil. Isso é perder-te.

Braz. Qual perder-me !

Gil. Amigo, eu não podia ;
 Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta :
 Eu chamo a Deus dos Ceus por testemunha
 Sem juro te levar, sem interesse
 De tão forçosa vexação remir-te ;
 E que o pouco que mandas que accrescente
 A' nossa conta, é dado, e não por força,
 Sim de livre vontade. Adeus, amigo,
 Que vou vestir-me, e logo torno.

(Vae-se)

SCENA II

BRAZ SOMENTE

Tenho

Para sequilhos, chá, café e cartas,
 Falta só para luzes. Que remedio !
 Recorro ao coscorrinho da senhora,
 Que é fonte limpa. D. Urraca... Urraca.

(Cantando)

SCENA III

BRAZ E URRACA

Urraca. Assim se chama, Braz, uma fidalga ?

Braz. Perdôa, filha, que hoje não me lembro
 Nem de excellencias, nem de senhorias ;
 Mandando á via estou a nau ronceira
 Com vento escasso, e com estofas aguas.

Urraca. O rato sempre foge para a palha ;
 E preto velho não aprende lingoa.

Braz. Que vens a dizer nisso ? que me esqueço
 De etiquetas, medidas, ceremonias,
 E mais ritos e leis da fidalguia,
 Com que queres, Urraca, ser tractada ?
 Ou entendes que meus progenitores
 Descendem de outro Adão, e que não foram
 Por seus honrados feitos estimados,
 Bons vassallos fieis e servidores ?

Urraca. Tem bem que ver Carris com Azevias,
 Por linha masculina descendentes
 De Principes, de Reis, Imperadores,
 E que até nos colchetes de costados
 Tem mitras e roquetes !

Braz. Basta, basta !

(Fazendo-lhe muitas cortezias)

Senhora, excellentissima senhora,
D. Urraca Azevia ! mas menina,
Vamos ao caso : falta para a noite
Dois arratels de velas... Eu não posso...

Urraca. Queres, já sei, pregar-me esse callote.

Braz. Não é callote, que pagar prometto.

Urraca. Quando tiverem dentes as gallinhas ;
Mas para que conheças que não falto
Quando é preciso, mandarei buscá-los.

Braz. Onde mesas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiças, pratos, bandejas,
Querer dar assembléas, e partidas,
E' nadar sem bexigas.

Urraca. Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue ;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade :
E, como galgo em tréla, cubiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luzimento
Em ricas mesas, em custosas galas.

Braz. Ah ! vossa senhoria, ou excellencia,
E' perdida entre nós : que sã doutrina,
Que politicas maximas de estado,
Caindo não lhe estão por entre os dedos.
Que florente não fôra o vasto imperio
Dos fulas Amazonas, se o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre !

Urraca. Só me julga capaz de mandar gente
Tão çáfara e boçal ? Negros, Tapuias ?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito,
Que tu fazes de mim : bem me conheces,
Se fosse outra qualquer dessas que campam
Por lettradas, que gostam de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem (se lh'os fazem)
Dessas...

SCENA IV

UM GALLEGO COM UMA TEIGA, E OS MESMOS

Gallego. Aqui, senhor, manda meu amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede ;
Vem oito castiças : diz que tesoura
E' traste que não tem, menos de prata :
Que virá a seus pés, como lhe ordena ;
Que sempre estimará poder servi-lo.

Braz. Vae-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi : que fica entregue.

(Vae-se o Gallego)

SCENA V

BRAZ E URRACA

Braz. Vejamos que taes são. Oh lá! soberbos!
 Que secia, minha Urraca! Estás contente?
Urraca. Nunca vi castiças? Tu imaginas
 Que em berço de cortiça embalaram?
 Que nasci num curral?
Braz. Não digo tanto;
 Mas olha, são magníficos e novos.
Urraca. Na verdade são bons, mal empregados
 Em casa, onde bastava uma candela;
 E talvez que nem essa ella teria,
 Quando cebo vendia aos Romulares
 Na fétida baluca... Mas o tempo...

Corrêa Garção, *ibid.*, Sc. 1 a v, 339-350.

Teatro Novo

SCENA VI

Aprigio Fafes, Aldonsa e Branca (filhas de Aprigio), Arthur Bigodes (Mineiro), Jofre Gavino (Músico e Mestre de Aldonsa), Inigo (Actor), Gil Leinel (Poeta), Braz (Licenciado), Mousieur Arnaldo (Architecto).

.....

Aprigio. Sentemo-nos, Senhores:
 Que grave tribunal! Que magestoso!
 Mal sabe o mundo agora, que pendente
 Deste conclave está o seu destino.
 Oh! quanto, amada patria, quanto deves
 A teu bom cidadão Aprigio Fafes,
 Suando, e tressuando por salvar-te
 Do pelago profundo da ignorancia,
 Onde pobre jazias, atolada
 Entre pessimos Dramas corriqueiros!
 Deste cano real hoje te saco,
 Qual saca o Gandaeiro um prego torto
 D'entre os chichelos velhos da enxurrada.
Gil. Senhor Aprigio Fafes, isto é tarde,
 E eu tenho que fazer: vamos ao poncto.
Aprigio. Sim, Senhor, sim, Senhor: o caso é este:
 E bem o sabeis vós ha quanto tempo
 Que eu desejo fundar um bom Theatro:
 Agora que a Fortuna me depara
 Feliz occasião de executa-lo
 Com o favor alli de meu Compadre,
 E' preciso ajunctar a sarabanda,
 Repartir os papeis, escolher obra,
 As vistas idear, e celebrarmos
 Com solemne escriptura este contracto.

Gil. Senhor Aprigio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem dramas regulares? Uma boa,
E perfeita tragedia, inda despida
Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça, e mais força, q'um máu Drama
No theatro de Rheggio, ou de Veneza,
Com suberbas tramolas recitado.

Jofre. Amigo Gil Leinel, ninguém te nega
O constante poder da poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão, ou Dido
Do grande Metastasio, repetido (282)
Entre velhas cortinas, sem orchestra?

Aprigio. Nada, nada, Senhores; desse modo
Aqui nos amanhece: todos junctos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continua, meu Gil; dize o que entendes.

Gil. Errado vae, quem julga que o Theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos Poetas foi achado.
Com mais alto designio, Athenas, Roma,
E outras Cidades mil. o receberam:
Póde nelle ensinar-se á mocidade
Guardar as sanctas leis, a fé devida
A' cara Patria, ao Principe, aos amigos:
Póde nelle ensinar-se quanto é feio
O pallido semblante da Cubica;
Da Avareza infeliz; da triste Inveja:
Mas para recolher tão grande fructo
E' necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sisuda dicção, em phrase nobre,
Com sonoro verso torneado
Exponha ao povo fabulas sublimes,
Tragedias, ou Comedias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'effeminada musica moderna,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou ras eiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o portuguez Theatro,
Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleives que sem razão lhe assacam.

Aprigio. Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes:
Quem me dera q' o bom Goldoni ouvisse (283)
Como ronca um Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

Braz. Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em metter-nos
No principio em camisa de onze varas?
Tragedia é cousa que ninguém atura:
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,

Quer rir, e não chorar; lá vae o tempo
De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltam boas Operas, Comedias
Em Francez, Italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances;
Quem isto não fizer, jámais espere
Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.
E' o voto que dou.

Aprigio.

Optimamente.

Arnaldo, agora vota.

Arnaldo.

Meus Senhores,

Venho ajustar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os bastidores
E' só o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De vistas sobre vistas; as tramoiás,
Mares, incendios, dragos, e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Theatro trovoadas,
Com raios e relampagos tão proprios,
Que as damas desmaiavam: era um gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, biadar misericordia.

Aldonsa.

Negro gosto! Quem póde divertir-se
Co'a pavorosa scena de um flagello?

Branca.

Bom Architecto! Magico parece.

Aprigio.

Calae-vos filhas. Vote agora Inigo.

Inigo.

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De commigo tractar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarel; estou por tudo.
O cão é Mouro.

Arthur.

Aprigio.

Inigo, desabafa;

Dize quanto souberes: falla, falla:
E's a columna do Theatro novo.

Inigo.

Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem dança pouco vale;
Muito menos sem musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua portugueza: eu aqui trago
Uma por mim composta neste gosto.
E' a perda de Troia: vê-se Eneas
Sair co'o Pae ás costas: vae Ascanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a cidade: caem as altas torres:
Embarca a gente Phrygia: muitos annos
Por inhospito mar andam vagando,
Até que surgem no distante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,

E casa com Lavinia. (284)

Aprigio. Bravo! Bravo!

Inigo. Tem varios duos, arias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metastasio.

Branca. Agora sigo-me eu.

Aprigio. Espera. Branca.

Perdôa, amigo Jofre, que a memoria

Principia a faltar-me: preterido

Por engano ficaste: e bem podias

Pedir a tua vez. Perdôa, e falla.

Jofre. Em tal não reparei: eu sou sincero

Digo o que entendo; e culilo q' o Theatro

Sem musica, e sem dança, nada vale:

Ha cousa mais formosa que a ligeira

Calada pantomima, cujos gestos,

Sem auxilio das vozes, representam

Reconditas paixões, mudos suspiros,

Que entendem o coração, ouvem os olhos?

Que melhor espectaculo, que os leves

Grandes saltos mortaes? que vêr nos ares

Bater c'os calcanhares oito vezes,

Torcer o corpo, e revirar os braços!

Mas nunca votarei em que façamos

Opera em Portuguez, toda cantada:

Para tanto não e a lingua nossa:

Algumas arias, duos, recitados

Se podem tolerar; o mais em prosa:

Para o Theatro nós não temos versos.

Aprigio. Fallas como um Catão. Que dizes Branca?

Branca. Eu sou de parecer, que só se façam

As portuguezas Operas impressas;

Encantos de Medéa; Precipicios

Le Phaetonte; Alecrim e Mangerona: (285)

Em outras nunca achei galantaria.

Aprigio. Esse voto era digno de mais annos.

A ti, amigo Arthur, que te parece?

Arthur. Que podem parecer-me taes loucuras?

Estou tonto de ouvir estes Senhores!

Parece-me que estou entre Paulistas.

Que, arrotando Congonha, me aturdiam, (286)

Co'a fabulosa illustre descendencia

De seus claros Avós, que de cá foram

Em jaleco, e ceroulas. Mas pergunto:

As comedias de Calderon, Mureto.

Candâmo e Salazar, isso não presta? (287)

Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente?

Imperadores, Reis, Infantes, Duques,

Os Condes, e os Marquezes, q'as ouviam

Com gosto e com prazer, eram uns asnos?

Só estes, meus Senhores, tem juizo!

Que Colombos e Gamas denodados,

Para achar novos climas, novos mares!

Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa

Fôr de contrario voto o meu dinheiro

Servirá para as barbaras ideias,

De que prenhes trazeis essas cabeças.

VIII

Adamastor

Adamastor cruel ! de teus furores
 Quantas vezes me lembro horrorisado
 O' monstro ! quantas vezes tens traído
 Do soberbo Oriente os domadores !

Parece-me, que entregue a vis traído
 Estou vendo Sepulveda afamado
 Co'a sposa c'os filhinhos abraçado,
 Qual Marte com Venus e os Amos

Parece-me que vejo o triste esposo
 Perdida a tenra prole e a bella dama
 A's garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afoito
 Pelos nossos desastres es famoso:
 Maldito Adamastor ! maldita fama !

Bocage, *ibid.*

IX

Epigramas

O PAE ENFERMO E O DOUTOR

CC

Um velho calu na cama;
 Tinha um fiho esculapino,
 Que para adivinhações
 Campava de ter bom tino
 O pulso paterno apalpa,
 E recetar depois val:
 Diz-lhe o velho, suspirando:
 «Repara que sou teu pai.»

Hom
 Tendo
 Pedra,
 Um ve
 «Não
 Velho
 Não ha
 Mas o

A MOLESTIA E A RECEITA

Para curar febres podres
 Um dootor se foi chamar,
 Que, feitas as ceremonias,
 Começou a recetar.
 A cada pennada sua
 O enfermo arrancava um ai!
 — «Não se assuste, (diz Galeno)
 Que inda d'esta se não val.»
 — «Ah senhor ! (torna o coitado,
 Como quem seu fado espreita)
 Da molestia não me assusto,
 Assusto-me da receita.»

— «Me
 Este m
 Surge
 E diz d
 Ao teu

Um
 De cert
 Ante ui
 Todo al

— «Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio.»
Acode o outro:— «Ha um meio
Muito mais facil; curai-o.»

O RÉCIPE

Pos-se medico eminente
Em voz alta a recetar.
— «Recipe, (diz)... de repente
Grita da cama o doente:
— «Basta, que mais é matar.»

O ADEUS DO DOUTOR

Um medico recitou:
Subito o recipe veio.
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutio copo e meio,
— «Adeus até á manhan»
(Diz o fofa professor)
Responde o doente:— «Adeus
Para sempre, meu doctor.»

O LETRADO

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
K— «Em Cujacios, em Monochios,
Em Pegas e Ordenação,
Em Reinicolas e Estranhos
Tem carradas de razão.»

Id. *Obras*, III, onde vêem compendiadas os *Epigr.*, de 1 a cix, pág. 215 a 256.

— «Sim, sim, per toda essa estante
Tem razão, razão de mais.
— «Ah senhor! (o homem replica)
Tê-la-hei nos tribunaes?»

TÍTULO PARA UNS AFORISMOS

Certo Averroes quis no prelo
Ver seus aphorismos junctos.
Pos-lhes o editor singelo:
— *Arte de fazer defunctos.*—

A CURA

Lavrou chibante receita
Um doctor com todo o esmêro,
Era para certa môça.
Que ficou san como um pêro
— Tam cedo! é milagre — (assenta
A mãe, que de gôsto chora —)
— «Minha mãe não é milagre:
Deitei o remedio fora.»

ALIANÇA DE DUAS ALTAS POTENCIAS

Arrumado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava,
Mal que chega o bom Galeno,
Diz o outro em ar jucundo:
«Unamo-nos, meu doctor,
E demos cabo do mundo.»

X

O homem no estado insocial

Estado insocial, embora acclame
Teus falsos bens, quimerica igualdade,
O sabio hypocondriaco eloquente
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas no profundo estudo,
Que os homens aborrece, e os homens busca,
Que adora a solidão, martyr da glória,
E Timão so quer ser, sendo Aristippo.
Se elle comigo pela marge' immensa
Do Amazonas medonho os homens vira
Humanos na figura, em tracto feras,
Nus sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere e que os ferros,
E so menos cruel que o jugo injusto,
Que esses, que elle illustrou, cobardes soffrem.

Pelos vastos sertões sem lares gyrão,
 Qual onça insocial, so pasto buscam,
 Nos lacerados membros palpitantes
 De seus mesmos ignaes (e, de assustada
 Doce mãe natureza os olhos tapa)
 A crua fome, e a gula ávida cevam.
 N'elles é morta a luz do entendimento;
 Contra a injúria do ar lhe ensina apenas,
 Qual frada ás feras machinal instincto,
 A mal vestir enregelados membros
 De hirsutas pelles de animaes que matão
 Gente errante, infeliz, não sente apêgo
 A' terra em que nasceu; repousa e dorme;
 Onde a seus olhos lhe fenece o dia,
 Lança-se em terra, a languida cabeça
 A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.
 Se o sol surgindo as palpebras lhe toca,
 Frouxo, indolente o barbaro desperta.
 Ora um tigre veloz o despedaça,
 Ora co'a hervada frecha vara um tigre;
 Co'a mosqueda pelle os membros cobre,
 Se o frio agudo os membros lhe retalha.
 Sente o calor? indifferente a deixa;
 Não se ouve um pranto, lagrimas não correm,
 (Feudo que á morte a natureza paga)
 Se no bocejo extremo a vida foge.
 O cadaver esqualido na terra
 Jaz, ou no ventre da medonha Hyena;
 Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
 Nenhuma boca os ultimos suspiros
 Lhe toma, e lhe conserva: assim nos bosques
 Viveu per muitos seculos o homem;
 Assim vive o Tapuia errante agora
 Pelos sertões da America opulenta:
 Elle o primeiro annel d'inda não finda,
 Para o perfeito, progressão dos Entes;
 Tem limites no bruto o instincto, e nunca
 Dos homens a razão pára n'um ponto!

J. A. de Macedo, *Meditação*, ed. 1818, C. I, pág. 24.

XI

A criação

Quam longe estou da terra! Eis se esvaece
 Engolphada no ár... Enthusiasmo,
 Pára detem-te aqui... admira um pouco
 Ceo que outro ceo circunda, e todos chelos
 De immensa luz, revérbero brilhante,
 Que outros sóes fulgentíssimos derramão.
 Inda me alongo mais; rapido vôo
 Mais que a fuga do rapido cometa.
 Me levo pelos ceos onde não chega,
 Nem fugindo per seculos, um raio

Do fulgurante sol. Do espaço eu toco
A extremidade incognita aos humanos,
Onde a luz desfallece, onde se perde
De orgulhosos philosophos o estudo.
A congerie dos ceos, dos sóes, do todo,
Um ponto se me antolha e brilha apenas ;
Qual aeronauta ve d'além das nuvens
Assomar no horizonte a argentea lua
Toda involta no eclipse, em veo sombrio.
O que espaço não é, nem é materia
Além do immenso circulo dos mundos,
E' throno, onde se assenta eterna causa.
Eis o Deus que a Moysés inspira, ensina,
Auctor da natureza, auctor de tudo ;
Aos degraus de seu throno a fe se eleva,
Vai da razão seguida humilde e muda ;
Philosophia é so docil escrava
Da luz que revelada ilustra os homens.
Sôbre um throno immortal preside, existe
O que existe per si : seu nome soa ;
Ergue-se Newton, curva-se a seu nome.
Sem Deus em quem repouse o homem se perde.
A criação mysterio impenetravel
Ficará para sempre á mente humana.
São confusas hypotheses, problemas
Tudo o que Roma disse, e ouvira Athenas.
Sôbre as ruinas das sciencias todas
Alça a voz um propneta, e explica tudo :
(Oraculo immortal minh'alma abastas !)
«Creou Deus no principio os ceos e a terra.»
Mortaes, eis a verdade : o mais . . . delirio.

J. A. de Macedo, *ibidem*.

XII

Ode

Irritado da dôr, de vêr zombada
Por insultos pichôtes,
A lingua de Camões sonora e pura,
Que nos deu tanto nome ;
A phrase nobre e tersa com que a Castro
Derramava seu pranto ;
Chorando o fado dos alados cysnes,
Que do Parnaso as sendas
Nos calcárão com tão gentil despejo,
E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizérão
Herdeiros sumptuosos,
Fui sentar-me cuidadoso, magoado
Nas ribeiras do Tejo :
E, a mão na face, descabida a frente,
Lançava ao longe a vista
Pelas aguas do rio caudaloso,
Outrora tam cantadas,

Tam famosas na Europa, e no Oriente.
— Quem nos viu n'outras eras
Tagides nobres, celebres nos hymnos,
Levantar triumphantes
Nas claras ondas o soberbo rosto,
Entre as do Alpeu, do Mincio,
Na Italia e Grecia tam gabadas nymphas?
Hoje, de deslembadas,
Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos
Nos cantores de Elysia... —
N'isto... sinto um rumor... turbão-se as ondas;
Borbúlião, formão cercos,
Que vão, uns após outros, estendendo-se;
E entre miuda espuma,
Que alveja pelas lisas verdes tranças,
Diviso o lindo côro
Das graciosas nymphas, escoltadas
De trilhões escamosos
Com a forcada cauda o mar varrendo.
No meio um soberano
Ancião de branca barba ondeada e longa,
Que branda lhe descia
Pela ceruleta toga auri-brilhante.
De Nerea em Nerea
Os verde-mares olhos perpassando,
Curva real aceno
A' mais bella das nymphas, que responda
A meus vivos queixumes.
Callou-se o vento, e as ondas alizárão-se,
Como em luzente espelho
Tritões espadaúdos retratárão,
E o Tejo e suas nymphas,
Então em mim fitando a clara dea
O angelico semblante:
«Filinto, com razão, mui justas queixas
Apaixonado espalhas
Pelas nossas ribeiras saúdosas,
Depois que a morte crua
Segou, com fouce avara, aquelles grandes
Esp'ritos excellentes
Camões subl me, altiloquo Ferreira,
E quantos a era augusta
Criou com leite são, clara doutrina,
Que a patria acreditarão
E nume tutelar, benigno Phebo,
De accender não cessava
Divino fogo nos ingenhos Lusos
Mostando-lhes c'roado
De illustres ramas o desejo de honra
Gannada por bons versos.
Este ar, tirando ainda c'os furores
Da bellicosa turba
Que immortal aquecia o Vate ousado,
Quando lançava o brado
Que por esse Universo se estendia,
Mostrando os máres da Asia

Trilhados das afoutas proas Lusas,
E os feitos memorandos
Que inda echo fazem nos auritos montes,
Despértão lissofridos
Ardentes peitos de renome eterno
A treparem com ancia
Pela scabrosa encosta do alto Pindo,
E n'elle cortar louros.
Inda ha pouco Garção, Cipino, Alfeno
Per Apollo animados,
E nos nossos reg. ços instruídos,
As lyras recebêrão
Dos cantores mais altos do Parnaso,
E sôore as doudas cordas
Ja renovarão as canções Dirceas ;
E as musas, que corridas
Da rançosa academica cohorte,
Fugirão enojadas ;
Que, de mil semi-vates aprosados,
Escuros e espinhosos,
Desdenharão influir os anagramas,
Acrosticos e enigmas,
Ou gothicos, freiraticos conceitos ;
Ja canoras do Pindo
Vinhão descendo a bafejar os hymnos
Dos viços alumnos.
Nos gregos prados, nas latinas velgas
Medrados co'a cultura
Do apurado saber, ferrenho estudo....
Els que de negros corvos
Um bando iniquo em tórno deles grasna
Invejoso, molesto,
Moteja a lingua de aspera, e de antiga ;
De sentido enlelado ;
Acha bronco o Camões, charro o Ferreira ;
Camões ! a nossa gloria !
Por quem somos so lidas e estudadas
Nas terras mais remotas !
Erguem no povo rudo alto ruído
Contra os novos Orpheus.
E assim como as Bistónides raivosas
O canto lhe afogárão
Quando no Hebro a dulcisona cabeça
Arrojarão dementes :
Taes contra os meus alumnos, essas gralhas
Os gritos desentoão :
Dellas te queixa, nellas ceva as iras ;
Que as fl. xas do ridiculo
Horacio e Juvenal te afiã promptas :
Que não temos as nymphas
Mais armas que as do verso acicalado
Que rasga o amago d'alina.
Não somos Jove atirador-de-raios.
Nem Phebo arci-tenente,
Que contra esses, que a pura vela turvão
Da Pegasea Aganippe,

E ás estradas do Pindo o passo impedem
 Aos mimosos das musas,
 Disparemos bombardadas. Mas tu pódes,
 Novo Bolleau severo,
 Cortar per Scuderis, Cotins, Ea Serres,
 Descoser seus escriptos ;
 Ou novo Lobo, de engiaçado pico,
 Pô-los tam desprezíveis,
 Que nem os olhos levantar se atrevão
 Para que os sons melífluos
 Anclosos bebem na agua de Parnaso
 Alta esperança Lusa. »

Francisco Manoel do Nascimento, *Obras*, ed. 1817, I, 340.

XIII

Galicismo

Abra-se a antiga veneranda fonte
 Dos genuinos classico-, e soltem-se
 As correntes da antiga sã linguagem,
 Rompam-se as minas gregas e latinas ;
 (Não cesso de o dizer, porque é urgente)
 Cavemos a facundia que abasteça
 Nossa prosa eloquente e culto verso.
 Sacudamos das fallas, dos escriptos
 Toda a phrase estrangeira, e frandulagem
 Dessa tinha, que comichona afeia
 O gesto airoso do idioma luso.
 Quero dar que em frances hajam formosas
 Expressões curtas, phrases elegantes ;
 Mas indoles diff'rentes tem as linguas ;
 Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.
 Ponde um bello nariz alvo de neve,
 N'uma formosa cara trigueirinha ;
 (Trigueiras há, que ás louras se avantajam)
 O nariz alvo no moreno rosto,
 Tanto não é belleza, que é defeito.

.....

Se por força de fado, ou por penurla
 Forçados somos a espremer dos livros
 Franceses o alimento das sciencias ;
 Se como na paléstra em poeirada
 Vamos luctar contra a ignorancia bruta
 No gymnasio frances, tomemos o uso
 Dos antigos athletas, que ao sahirem
 Do pugilato ou fêrvida carreira,
 A pceira dos fatos sacudiam,
 E banhando-se em liquidas correntes
 Do Illiaso (que, alli perto, com sereno
 Passeio, alegre a margens estudiosas)
 Os corpos assejavam diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver frances volume,
Desempoar-se da estrangeira phrase
C'o espanador de Barros ou Vieira.

F. Manoel do Nascimento, *ibid.*

XIV

A Função

SÁTIRA

Musa, basta de rimar;
Ja fazes esforços vãos,
Vai a Lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar;

Já a velhice pesada
Te encheu de rugas a testa;
Ja co'a dura mão gelada
Te pos a marca funesta
Na madeixa branqueada;

Ten Estro, falto de meios,
Ja furta mais do que imita;
Vas dando airosos passelos,
E todo o Povo te grita:
«Larga os vestidos alheios»;

Tua valdade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos lucros furtados
Do sepulchro de Boileau:

Lêste por teu mal um dia
Este livro endiabrado;
Tal se pos a phantasia,
Que o corpo velho e cansado
Inda te pede folia:

Depois que vistosa Quinta
Te deu brilhante função,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel e tinta;

Bem me lembra o sitio ameno;
Quanto vi tenho presente;
Mas a ti é que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vas sempre deltar veneno:

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Per apraziveis caminhos,
Formoso Esquadrão montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Cousas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria?

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com postigas t'anças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adellas,

E que em quanto em taes desmanchos
A Irmã, com titulos falsos,
Faz a glória d'estes ranchos;
Corre o Irmão, co'os pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos:

Dizes que um, o qual eu calo,
Assentando que as Senhoras
Querem todas namorá-lo,
Cravando a furto as esporas,
Mettla em obra o cavallo:

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quis;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração:

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhes mudes,
Por mais que a teu geito o rimes
Creio que não são virtudes,
Porém também não são crimes!

No largo pateo apesdos,
Que alva cal em tórno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos passear na Quinta,
Uns dos outros separados:

Falsci
Perdiu
Gritos
— Onde estão, Portugal Velho,
Onde estão os teus costumes?

.....

N. Tolentino, *Obras Completas*, ed. 1861, pág.

XV

Carta oferecendo um peru em casa onde te
davam ao autor este prato

Senhora tambem um dia
Entrarei co'a frente erguida;
Não serei na vossa mesa
Dependente toda a vida.
Nem sempre abatido pejo
Dirá nesta cara fela,
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia.
Alroso, gordo peru
É meu soberbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente;
No santo dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perum;
A russa magra Josefa.
Ergueu queixume sentido;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defuncto marido.
O louro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo;
Tinha visias sobre a carne,
E muitas mais sobre o papo.
Seu almoço requerendo,
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada:
Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos meses,
Me disse «que o trouxesse eu.»

Eu o tr
Mas a ten
Traz escos
Maior, qu
Com un
O atraço
Vem a me
Porque m
Curae t
A minha
Sobre a m
Seja esta
De outr
Trocae em
E seja um
A phenix
Na ond
C'oa a bei
Seus frios,
De carne
Consenti
Ao prodig
E que den
A môr pai
Na dext
O seu pu
Em tentas
Para si o
Quanto
Meu voto
Porque ha
Muito me

N. Tolentino, *ibid.*, pág. 188.

XVI

Soneto

CAVALO À MARGEM

Vai, misero cavallo lazarento,
 Pastar longas campinas livremente ;
 Não percas tempo, em quanto t'o consente
 De magros cães faminto ajunctamento ;

Esta sella, teu unico ornamento,
 Para signal de minha dor vehemente,
 De torto prego ficará pendente,
 Despojo inutil do inconstante vento :

Morre em paz ; que em havendo algum dinheiro
 Hei de mandar, em honra de teu nome,
 Abrir em negra pedra este letreiro :

— *Aqui piedoso entulho os ossos come
 Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
 Que fôra eterno a não morrer de fome. —*

N. Tolentino, *ibid.*

XVII

Lindoya

..... Não faltava
 Para se dar principio á estranha festa
 Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
 Todas de brancas pennas revestidas,
 Festões de flores as gentis donzellas.
 Cansados de esperar, ao seu retiro
 Vão muitos impacientes a buscá-la.
 Estes da crespa Tanajura aprendem
 Que entrára no jardim triste e chorosa.
 Sem consentir que alguém a acompanhasse.
 Um frlo susto corre pelas velas
 De Caitutú, que deixa os seus no campo ;
 E a irmã per entre as sombras do arvoredó
 Busca co'a vista, e treme de encontrá-la.
 Entram enfim na mais remota e interna
 Parte de antigo bosque, escuro e negro,
 Onde ao pé de uma lapa cavernosa
 Cobre uma rouca fonte, que murmura,
 Curva latada de jasmins e rosas.
 Este logar delicioso e triste,
 Cansada de viver, tinha escolhido
 Para morrer a misera Lindoya.

La reclinada como que dormia
 Na branda relva e nas mimosas flores;
 Tinha a face na mão, e a mão no tronco
 De um funebre cypreste, que espalhava
 Melancolica sombra. Mais de perto,
 Descobrem que se enrola no seu corpo
 Verde serpente, e lhe passeia e cinge
 Pescoço e braços; e lhe lambe o selo.
 Fogem de a ver assim sobresaltados,
 E param cheios de temor ao longe;
 E nem se atrevem de chamá-la e temem
 Que desperte assustada e irrite o monstro,
 E fuja e apresse no fugir a morte,
 Porém o destro Caitutú, que treme
 Do perigo da irmã, sem mais demora
 Dobrou as pontas do arco, e quis tres vezes
 Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
 Entre a ira e o temor. Emfim sacode
 O arco, e faz voar a aguda setta,
 Que toca o peito de Lindoya, e fere
 A serpente na testa; e a boca e os dentes
 Deixou cravados no vizinho tronco.
 Açouta o campo co'a ligeira cauda
 O irado monstro, e em tortuosos giros
 Se enrosca no cypreste e verte envolto
 Em negro sangue o livido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindoya
 O desgraçado irmão, que ao despertá-la
 Conhece — com que dor! — no frio rosto
 Os signaes do veneno, e vê ferido
 Pelo dente subtil e brando peito.
 Os olhos, em que amor reinava um dia,
 Cheios de morte, e muda aquella lingua.
 Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
 Contou a larga historia de seus males.
 Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
 E rompe em profundissimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já trémula gravado
 O alheio crime e a voluntaria morte...
 Inda conserva o pallido semblante
 Um não sei quê de magoado e triste
 Que os corações mais duros entenece:
 Tanto era bella no seu rosto a morte!

J. Basilio da Gama, *Uruguay*, ed. 1845, c. III, pág. 51.

XVIII

Moêma

E' fama então que a multidão formosa
 Das damas que Diogo pertendiam,
 Vendo avançar-se a nau na via undosa,
 E que a esperança de o alcançar perdiam;

Entre as ondas com ância furiosa
Nadando, o esposo pelo mar segulam,
E nem tanta agua, que fluctua vaga,
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espectáculo assombrada,
E ignorando a occasião da estranha empreza
Pasma da turba feminil que nada :
Uma que ás mais precede em gentileza
Não vinha menos bella do que irada ;
Era Moêma que de inveja geme
E ja vizinha a nau, se apegas ao leme.

« Barbaro (a bella diz) tigre e não homem!...
Porém o tigre, por cruel que breme,
Acha fôrças, amor, que emfim o domem,
So a ti não domou por mais que eu te ame.
Furias, raios, coriscos que o ar consomem
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor como tedio e asco...
Ah que o corisco es tu... raio... penhasco!

Bem puderas cruel ter sido esquivo
Quando eu a fe rendia ao teu engano,
Não me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano :
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me traidor, e d'êsta sorte
Paga meu fino amor tam crua morte ?

Tam dura ingratidão menos sentira
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, es-a infame, essa traidora :
Por serva, por escrava te seguira
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçu que, sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é nescia e fela.

Emfim tens coração de ver-me afflicta
Fluctuar moribunda entre êstas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um al somante com que aos meus respondas
Barbaro, se êsta fe teu peito irrita
(Disse vendo-o fugir) ah, não te escondas,
Dispara sôbre mim teu cruel raio! . . »
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo.
Com mais ja sem vigor soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.

Mas na onda do mar que irado freme
Tornando a apparecer, desde o profundo :
« Ah Diogo cruel ! » disse com mágoa,
E sem mais vistas ser sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moêma acompanhavam,
E vendo que sem dor, navegam, d'ellas,
A' branca praia com furor tornavam :
Nem pode o claro heroe sem pena vel-as
Com tantas provas que de amor lhe davam :
Nem mais lhe lembra o nome de Moêma
Sem que ou amante a chere, ou grato gema.

J. de Santa Rita Durão, *Caramuru*, ed. 1787.

XIX

Lira XXVIII

Alexandre, Marilia. qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro ;
Morreu na flôr dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata.
Foi, Marilia, sómente,
Um ditoso pirata,
Um saltador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A' sua mesma patria a fé quebranta ;
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma.
Consegue ser heroe por um delicto :
Se acaso não ven esse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios : move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Tambem o mau tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo :
E tanto pode ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou heróe, Marília bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada :
Ganhei, ganhei um throno,
Ah ! Não manchei a espada,
Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito e nos teus braços :
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados ;
Nem descansam seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabla historia
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria !

Eu vivo, minha bella, sim eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto :
Quando estou acordado
Contemplo no teu rosto
De graças adornado :
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo,
Ah ! Nem desperto, nem dormindo, sôbe
A mais o meu desejo.

Th. A. Gonzaga, *Marília*, ed. 1840, pág. 73.

XX

Pygmalião

Ja da lucida aurora scintillava
O trémulo fulgor, e a noite fria
Nas ma's remotas praias do Ocidente,
Entre abysmos gelados se escondia.
Amor impaciente
Dos filhos de Morpheu se acompanhava,
E de Pygmalião a ativa mente,
Com lisongeiros sonhos, afagava,
Ora de Galatea,
A estátua airosa e bella,
Obra de seu cinzel, obra divina,
Se lhe avizava na amorosa idea,
Ora cuidava vê-la
Pouco a pouco animar-se
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave vital brandura divina
D'aquella que em Cythera,
Sobre os Amores, e o prazer domina.
Sobresaltado freme ;
E entre illusões espera
Galatea apertar nos ternos braços :

Mas subito desperta
Procura-a, não a ve ; suspira e geme.
Então com rosto triste e carregado,
O corpo ergue cansado,
E mal firmando os passos
Girando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
Da magestosa Juno,
Que junto collocara
Ao do implacabil fero deus Neptuno :
Lança mão do cinzel ; ergue o martello ;
Repoli-los intenta
E o extremo ideal tocar do bello ;
Mas o cinzel da mão se lhe extravia ;
Frôxo o martello assenta,
E na vivaz ardente phantasia
Se Galatea com prazer revia.
Acceso, arrebatado
De insolito furor, quebra, esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos, que polia ;
Arremeça por terra e á toa espalha
O martello, e o cinzel com que trabalha ;
Volve os olhos, repara
De Galatea amada
Na formosura rara ;
E ferido do amor curva tremendo
Os joelhos, e ja não lhe cabendo
Dentro d'alma encantada
O transporte que o agita, ardido brada :
« O' tu que os deuses do Olimpo
Feres de inveja, e de espanto,
Porque nunca pôde tanto
Todo o seu alto poder ;
E' possibil que reúnas
Tanta graça, tal belleza
E te negue a natureza
Respirar, sentir, viver ?
Eis do genio o prodigio soberano :
Nem poderá jamais o sprito humano,
Depois de rematar ésta obra-prima,
Conter fô ça sobeja
Que poderosa seja
Para novos inventos, sem que o opprima
Tam grande esforço d'arte,
E esmorecido desfalleça e caia
Amor, ó deus ! sem quem tudo desmaia ;
Amor que me guiaste
O sublime cinzel n'esta ardua empreza,
Ah ! desce, vem ; reparte
Da minha vida parte
Com aquella que tu avantajaste
A' deusa da belleza :
Supre assim o langor da natureza :

Influe doce alento
 Na minha Galatea tam formosa :
 Influe-lhe razão e sentimento.
 O' Amor ! ó deidade grandiosa !
 Anima-a do calor em que abrasado
 Meu coração a teu poder se rende.
 Rouba a Jove esse facho sublimado
 Do qual a vida pende :
 Sacode, vibra a chamma
 Que os mortaes aviventa, anima, inflamma.
 O' Amor ! ó deus grande ! per quem vive
 Quanto nos vastos mares
 Se volve, e quanto talha os leves ares ;
 Per quem tudo revive,
 E cuja mão potente desencerra
 A vital fôrça que fecunda a terra !
 Escuta a voz que o teu soccorro implora,
 E a minha Galatea
 Possa eu ver sem demora
 Sentir o fogo que em meu peito ondeia.
 Deuses, se isto impedis, de novo digo
 Que inveja negra e fea
 Em vossos corações achou abrigo.
 Mas que vejo ! ó justos ceus !
 Treme o marmore e respira,
 E parece se retira
 Ao toque de minha mão !
 Rubro sangue as veias gira,
 Já seu braço me rodea,
 E da linda Galatea
 Já palpita o coração !
 Nos olhos lhe circula, eu não me engano,
 O teu fogo, ó Amor ! hoje cessaste
 De ser um deus tyrano :
 Hoje sôbre os mais deuses te elevaste.
 Que te direi Amor ? . . . Olha . . . repara,
 Nas faces delicadas
 As graças animadas
 Atelando desejos, e compara
 Tuas acções com ésta que fizeste :
 Ve bem com' a ti mesmo te excedeste :
 Prazeres fervorosos,
 Suspiros incendidos,
 Transportes annos s,
 Mil ais interrompidos,
 Affagos e delectes, como em bando,
 Pela voluptuosa
 Cintura mais que airosa,
 Qual a era se enrolam, misturando
 As engraçadas frentes ;
 E de miolos ardentes,
 De delicias minha a ma repassando.
 O' Galatea ! ó minha doce vida !
 Tu me faltavas so para endeusar-me,
 E de immortaes prazeres inundar-me.

Agora brame irada
 A natureza contra mim erguida !
 Não a receio, e nada
 Já me póde assustar. porque te vejo
 Responder a meu férvido desejo ;
 Dar vida a novos seres.
 Criar o sentimento
 De mil novos prazeres :
 Eis, ó deuses ! sem dúvidas a ambrosia,
 O divinal sustento,
 A suave celeste melodia,
 Que embebe de alegria,
 E torna glorioso o firmamento ! »
 Com este pensamento
 Transportado contempla a Galatea
 (Que, ou mova a medo os passos,
 Ou revolva o semblante,
 Em torno ao seu amante,
 Ou ia recurve os braços
 A cada movimento,
 A cada novo instante,
 Sente uma nova idea
 Sente um novo prazer que a senhorea),
 Então outro prodigio amor obrando,
 A linguagem dos sons vai-lhe inspirando,
 E de repente usando
 D'este dote sublime
 A feliz Galatea assim se exprime :
 « Este marmore que toco,
 Esta flor tam graciosa,
 Nem esta árvore frondosa,
 Nada d'isto nada é eu :
 Mas, ó tu ! que ante mim veja,
 Que todo o meu peito aballas,
 Que tão doce d' amor fallas,
 Ah ! tu sim, tambem es eu,
 Vem a mim, querido objecto,
 Aperta-me nos teus braços :
 Convence-me em ternos laços,
 Que eu e tu somos so eu. »

A. P. Sousa Caldas, *Pigmalião, Obras*, 1820.

PROSA

XXI

Vieira julgado por D. Francisco Alexandre Lobo

Composto raro de imperfeições e de prendas insignes, serviu Antonio Vieira muito á religião, e não serviu menos á patria; mas poderia servir a ambas ainda melhor. A patria, se o louvou em seu tempo com demasia, tambem o tratou em alguns casos com desmerec das esquivanças. O seu zelo politico foi recompensado com injustos desterros; os carcereiros da Inquisição de Coimbra

foram pena sobejamente severa das suas singularidades; as suas prendas e serviços poderam ser mais atendidos e mais bem satisfeitos por el-rei D. Pedro II. A posteridade, mais cega ainda por odio, doestou as suas egregias qualidades, vilipendiou os seus talentos, calumniou as suas intenções, escureceu as suas obras, imputou-lhe aleivosamente culpas, perturbou, por último, e affrontou com furor barbaro as suas cinzas. Para que vejam os homens (quero dizê-lo, como Vieira o disse em substancia por varias vezes), para que vejam os homens, que o unico motivo certo, mas por si só superabundante, para se encaminharem ao bem, e o pôrem em prática, está nas approvações deliciosas da propria consciencia, e nas esperanças da justiça invariavel d'Aquelle, que na estimação do merecimento não pôde ter erro, nem pôde em o remunerar padecer defeito.

A. Lobo, *Discurso... acerca do P. A. Vieira*, ed. 1899, pág. 133.

XXII

O Amazonas

... Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido d'outros muitos rios, sempre insaciavel, não se demora jámais, mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espralar emfim no Oceano, e, confundido com elle, não ter mais nome nem gloria differente da sua. Que differentes e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens d'este grande rio!... Eis-ahi logo á primeira vista essas duas alamedas sempre frescas e viçosas, que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua extensão. Ah! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredado frondoso e cerrado, convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra; lá abrindo-se um pouco, e dando lugar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horizonte: para uma parte, cedros elevadissimos d'uma grossura espantosa, o tronco meio desarraigado pela fôrça da corrente, e ameaçando ruina com a sua quéda imminente; para outra, differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das suas côres. Repara para a multidão de aves que já parecem toldar o céu, já matizam os campos com o engraçado da sua pintura, já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem nestes logares amenos. Não vês como brilham lá ao longe as alvas areias de que está semeada aquella praia? Eis-ahi voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver, por seus redobrados gritos, que lá têm o mais a navel domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza apparecem tambem, volteando sob as aguas que banham aquella situação encantadora. Mais adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que, pelas diversas côres da materia de que se compõem, servem de balisa ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e intrincada cadeia de montanhas altissimas, correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece querer desafiar as nuvens, e vão esconder nellas a sua mais alta superficie! Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vae formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superficie da agua; d'ellas que d'ella tiram toda a sua substancia:

outras já profundamente arrelgadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flôres engraçadíssimas. Todo aquelle fresco terreno como está alcatilado d'uma relva verde e mimosa, que encanta o espirito!!

D. Fr. Caetano Brandão.

XXIII

Elogio funebre de D. Francisco de Lemos

(PERORAÇÃO)

Elle foi tão grande na morte, como na vida. Havendo atéll governado os outros, governa-se então a si proprio. Vê impavido e tranquillo a mais pavorosa das scenas, a vida, que foge, o tumulto, que se abre, a eternidade, que apparece. Mune-se dos sacramentos, medita as cousas eternas, afervora do seu espirito, une-se á Cruz do Senhor, e che o tanto de paz, como de annos lmeritos, deixa o mundo, cõe no seio da Divindade. Já não existe: apagou-se a luz dos seus dias; mas nunca se ha de apagar nem a magoa do nosso peito, nem o esplendor do seu nome. Oitenta e sete annos heroicamente vividos dão-lhe justa celebridade. Foi a honra do Sacerdocio, o lustre do Imperio, columna de ambos. Foi entre nós o Abrahão das Sciencias, o venerando Pai das Letras. Em quanto ellas acharem no mundo estima, em quanto se virem erguidas as paredes do nosso Atheneu, a sua memoria terá benções, cada pedra daquelle edificio será um padrão á sua fama. Cada Academico uma estatua ao seu nome. Embora se calem todos os outros seus trofeos, a Academia bradará sempre. O grande Affonso d'Albuquerque quasi moribundo escrivia ao seu monarcha: *Senhor, quanto ás cousas da India, nada digo; a India fallará por si e por mim.* Em egual forma pode dizer do meio d'aquelle feretro o Pai das Letras: *Essa Universidade fallará por si e por mim.* E se o grande Rei D. Manoel dizia ter segura a India com os ossos do mesmo Albuquerque, tambem nós podemos dizer, que longo tempo a sombra e restos veneraveis desse Varão exímio hão de ser o amparo e o incentivo das Letras.

Dr. A. José da Rocha, *Oração funebre das exequias de D. Francisco de Lemos*, pág. 13, ed. cit., no texto.

XXIV

Carta ao Snr. Manuel Gomes Costa

(Vienna d'Austria, 29 de Julho de 1780.)

Estimo muito, e estimarei sempre as suas cartas, pelas duas cousas que n'ellas resplandecem, a que o mundo chama tollice, isto é, a naturalidade e sinceridade com que V. M. falla, requisitos de que gosto sobre modo na communicação; e especialmente agora, porque ainda os não achei por cá, senão na gente verdadeiramente tola, e simploria. Admirou-me muito o desejar V. M. tanto lêr livros francezes e ingleses; e communicar pessoas que o pudessem *instruir* e dissolver as suas duvidas com sinceridade, porque eu tinha por certo que V. M. seria como os outros reinclias brasileiros que não estudaram antes de irem para a America; que, quando tornam, cuidam sómente em comer o que trouxeram, ou, quando muito, em conservarem um pouco de negocio. Quanto a parecer-lhe a V. M. que eu lhe podia ser bom aos seus intentos,

engana-se de remate; porque eu nunca fiz peculio na memoria do que li, ouvi e vi; creio que por me mostrar a experiencia que isso não me servia de nada mais, que de conhecer uma pequenissima parte das fraquezas do nosso natural assim V. M. por este motivo não tenha pena de eu lhe estar longe; antes assegure que, se falassemos muitos meses e annos, todo o fructo que V. M. poderia tirar de me ouvir, pelo que respeita a livros, era o persuadir-se de que em lugar de lhe aproveitar o tê-los, prejudicaria fóra de modo, se o fizesse como o commum da gente, que, sem nem vir-lhe ao pensamento o julgar d'elles por si mesma, julga quasi sempre das cousas por elles sómente, e que nunca nem das cousas, nem d'elles, pelo modo que deveria fazê-lo, isto é, valendo-se unicamente da sua pura experiencia, e ditames da razão. V. M. não terá nenhuma duvida em que o juizo, entre os outros dons que recebemos da natureza, é, sem nenhuma comparação, o mais estimavel de todos; mas eu não creio, como os que leem muito que os livros no-lo augmentam; porque não parece que a sua actividade natural não pôde crescer, nem ainda diminuir senão por propria indisposição de si mesmo, nascida de doença, idade, paixão etc., e que, se os livros nos tiram d'elle alguns erros dos infinitos de que nos vae enchendo desde a meninice, o que vemos e ouvimos no mundo, lhe impõem muitos mais. Não digo nada d'isto para o desconselhar a V. M. de lê-los absolutamente, mas para vir a concluir que leia quanto quizer, com a adveniência, porém, de não se desculdar nunca de julgar com toda a liberdade das cousas que lê, e do juizo dos autores que as escrevem; e se V. M. me disser que não se acha capaz de julgar com acerto da ruindade do juizo de autores famosos, responder-lhe-hei que também não se deve achar capaz de julgar com acerto da sua bondade; e por conseguinte, não lê-los de nenhum modo. Lei torno a dizer, quantos livros quizer, portuguezes, castelhanos, francezes e ingleses, traduzidos, mas leia-os pondo de parte inteiramente o que tem ouvido d'elles, e o grande conceito que os autores, ainda dos livros mais ordinarios mostram nas suas palavras fazer do seu talento, especialmente os francezes que neste ponto são insoffríveis; e até fazem insoffríveis os seus leitores pela maldita presumpção e vangloria de saber, e pelo desprezo com que fallam da ignorancia, isto é, da falta de lição dos livros francezes. Ainda outra vez, V. M. leia todos os livros que puder, mas como a gente olha para a fazenda de grande valor, quando a quer comprar; que a volta e em do aveço e do direito e repara bem nella de alto a baixo por todas as partes, para lhe descobrir os defeitos e avarias e espero que a comparação não lhe pareça demasiadamente encarecida; porque bem conhecerá que a perda de juizo e boas inclinações, que nos pôde vir da leitura cega de um só livro, é de maior consideração que todas as perdas que tivermos em quantas compras fizemos na nossa vida; e já que fallamos de livros, lhe direi logo que o tal Francisco Xavier de Oliveira não se acha em Vienna, nem eu acho nenhum rasto de elle ter estado aqui nunca; e por isso já V. M. vê que esta gente não o tem em nenhuma conta, nem boa nem má. Eu porém da minha parte, pelas informações que tive d'elle em Paris, lhe posso dizer, (em duvida, se entende) que faço mau conceito do seu juizo, porque não disseram, louvando o muito, que elle escrevêra um bello livro francez, em que corta muito os portuguezes e as suas cousas, e me offereceram para eu o vêr; que eu agradeci, mas não acceitei; porque já ha muitos annos que me dá uma grande fastieira de livros francezes, especialmente dos que cortam de outras nações; não porque cortam também da nossa, mas porque quasi tudo a cortam sem pinta de juizo. Ora V. M. considere se eu me acharia com animo para lêr um livro em que um portuguez corta a sua nação á franceza; sómente porque os francezes a cortam, a parecer d'elle, com grande juizo agora sim, V. M., que leu as suas cartas, é que me poderá dizer com certeza o conceito que faz do seu juizo, e natural. O mesmo que tenho dito a V. M. a respeito de livros lhe digo também a respeito de vêr mundo; nem eu lhe posso instruir o juizo, ou *destruir-lh'o*, contando-lhe o que vi, e vejo por cá; nem

M. se poderia instruir a si mesmo, se desse uma e muitas voltas por estas terras em que tenho estado; porque não veria senão a nossa mesma fé christã, as mesmas leis com pouca differença, e os mesmos costumes, entre elles o mais louco de todos, chamando matrimonio (chamo-lhe louco, da parte dos homens, pelo gosto com que abraçam, e fazem gloria da vil escravidão em que põem as mulheres); as mesmas fraquezas de juizo, e desordens do coração; e enfim os mesmos vícios e virtudes, & E' verdade que os movimentos do nosso espirito da cabeça, e do peito, que reluzem nos nossos costumes palavras, acções, etc., assim como não são os mesmos em numero, e qualidade, em todos os homens, não no são também no mesmo grau em todas as terras. Ora que se tira d'aquí? Por ventura que se V. M. andasse pela Europa oito ou dez annos, tomando bem sentido no modo de pensar e obrar, das suas nações, se recolheria com maior conhecimento do mundo que o com que se acharia n'aquelle tempo em Portugal, se estivesse estado sempre lá parado? Eu entendo que não certamente; antes quanto a minha pessoa, creio com toda a segurança que, se eu nunca sahisse d'esse reino, conheceria mais do mundo de que conheço hoje em todas as minhas giravoltas; porque os vícios e a virtude do nosso juizo e do nosso coração, são lá e cá, da mesma qualidade; e lá, ambas as cousas em maior grau conhecidamente; que não saiba o que eu digo quem se preza de ter girado.

Antonio da Costa, *Cartas*, ed. cit. no texto, xi, pág. 69-77.

XXV

Carta sobre a educação da mocidade

Illustrissimo Senhor. — Quando V. Illustrissima foi servido communicar-me o Alvará sobre a reforma dos Estudos, que S. Magestade Fidelissima foi servido decretar no mes de Julho passado, e juntamente as Instruções para os professores da Grammatica Latina, logo determinei manifestar a V. Illustrissima, o grande alvoroço que me causou a real disposição sobre a educação da Mocidade Portugueza; mas embaraçado com alguma dependencia que então me inquietava, e com a saude mui quebrantada ao mesmo tempo, não pude satisfazer logo o meu desejo; não só applaudindo o util d'esta lei, mas também, renovando os mais ardentes votos pela vida e conservação de S. Magestade que Deos guarde, que com o seu paternal amor cuida tão efficaçmente no augmento, como também na gloria dos seus amantes e fiéis Subditos.

Esta lei, Illustrissimo Senhor, incitou o meu animo, ainda que pelos achaques abatido, a revolver no pensamento o que tinha ajuntado da minha leitura sobre a Educação civil e politica da Mocidade, destinada a servir á sua patria tanto no tempo da paz como no da guerra. Ninguém conhece melhor a importancia desta materia, que V. Illustrissima, e nesta consideração he que determino patentear-lhe não só hũa succinta historia da Educação civil e politica que tiveram os Christaos Catholicos Romanos até os nossos tempos, mas também hũa noticia das Universidades, com a utilidade ou inconvenientes, que dedas resultarão ao Estado civil e Politico, e á Religião Espero que será do agrado de V. Illustrissima que me ocupe nesta indagação por algum tempo, e que admirará, depois de ser servido d'ella, a admiravel providencia de S. M. Fidelissima, expressada neste Alvará que venho de lêr novamente. Verá V. Illustrissima que não temos inveja aos imperadores Theodosio, Antonio Pio, ou a Carlos Magno; porque ainda que todas as monarchias, e Republicas decretaram leis para reger-se a Educação da mocidade, não li ategora que Soverano algum destruisse os abusos da errada, e que em seu logar decretasse a

mais re-ommandavel. Mostrarei pelo discurso deste papel, que toda a Educação, que teve a Mocidade Portuguesa, desde que no Reyno se fundarão Escolas e Universidades, foi meramente Ecclesiastica, ou conforme os dictames dos Ecclesiasticos; e que todo o seu fim foi, ou para conservar o estado Ecclesiastico, ou para augmentalo.

Somente S. Magestade Fidelissima foi o primeiro entre os seus Augustos Predecessores, que tomou a si aquella *Jus* da Magestade de ordenar que os seus Subditos aprendam de tal modo, que o ensino publico possa utilizar os seus dilatados Dominios. Só este grande Rey conheceu que como a alma governa os movimentos de todo o corpo para conserva-lo; assim elle como alma e intelligencia superior do seu Estado, era obrigado promover a sua conservação, e o seu augmento por aquelles meyoas que concebeo mais adequados. Aquelle benignissimo Alvará nos dá a conhecer que só a Educação da Mocidade, como deve ser, he o mais effectivo e o mais necessario. Porque S. Magestade, que Deos guarde com alta providencia, considera que lhe são necessarios Capitaens para a defesa; Consulheyros doutos e experimentados; como taõ em Juizes, Justicas, e Administradores das rendas Reais; e mais que tudo na situação em que está hoje a Europa, Embayxadores, e Ministros publicos, que conservem a harmonia de que necessitaõ os seus estados: esta Educação não seria completa se ficasse sómente dedicada á Mocidade Nobre; sua Magestade tendo ordenado as Escolas publicas, nas Cabeças das Comarcas, quer que nelhas se instruaõ aquelles que heõ de ser mercadores Directores das Fabricas, Architectos de Mar e Terra, e que se introduzaõ as Artes e Sciencias.

A' vista do referido permitta-me V. Illustrissima que s' tisfaça aquelle ardente desejo, que conservei sempre, e ainda taõ distante e por tantos annos longe de Portugal, de servi-lo do modo que posso, ou que penso lhe servirá de alguma utilidade. Nem a amoção de sair do meu estado, nem a cobiça de fazer lo mais commodõ, me obriga a occupar aquelle pouco tempo, que me d'yxão os achaques, em ajunctar neste papel tudo aquillo que tem connexão com o Alvará que V. Illustrissima foi servido ultimamente comunicar-me. He somente aquelle ardente zelo é somente aquelle amor da patria, que V. Illustrissima acendeo de novo em mim pelo seu claro e penetrante entendimento tão judiciosamente cultivado, pela sua clemencia, pela sua piedade, e por aquelle ardor de promover tudo para maior felicidade da nossa patria que satisfazõ que tenho neste instante! que louvo estas virtudes, taõ raras nos nossos dias, sem a minima adulacão, e sem o minimo interesse servi-lo. Aquelles Portuguezes que vivem pela piedade de V. Illustrissima, e todos, não só confirmariaõ o pouco que digo, mas augmentariaõ de tal modo o que agora callo, que teriamos ficasse offendida aquella modestia e aquella inimitavel affabilidade, com que V. Illustrissima sabe render os nossos coraçoes.

A. N. Ribeiro Sanchez, *Cartas, in — Rev. da sociedade de instrucção do Porto*, vol. II, pág. 283.

XXVI

Carta ao Principe Rodolpho Cantacuzeno de Valaquia, Duque de Bessaraba &c. sobre a pronuncia da Lingua Latina

Concedo que V. A. não entenda o que eu digo em Latim, porque o não sei fallar, porem nego que a pronuncia que lhe dou por ser Portuguez seja mais barbara que a que V. A. lhe dá sendo Valaco. Tendo pelo meu Pais o devido amor, e pelo de V. A. o devido respeito, posso entender que se na Valaquia se pronuncia o Latim de outra fórma, que isso não serve de prova que

se pronuncia melhor em Portugal, e melhor do que em outros muitos Países, em que ha muitas differenças que se não conformão ao uso, nem á pronuncia de V. A.

He verdade que digo *Imaginatio*, *Longitudo*, *Gigas* &c pronunhando *gi*, e não *gui*, e observando as Leis do uso nacional da Lingua Portuguesa que diz *Imaginação*, *Longitude*, *Gigante*, e não *Guigante*, *Longitud*, nem *imaginação* como pronunciam os Hespanhoes ainda sem escreverem o *u* nas ditas palavras, cu nas suas semelhantes, e que eu introduzo nas tres referidas para fazer a differença do *gui* ao *gi*. Tambem he verdade que digo *uniusque* *serpitque*, *fulgentiaque* &c. como se no *e* de *que* se achasse hum assente *é*, ao mesmo tempo que quasi todas as mais Nações pronuncião como se o acento se achasse em outras letras das dicioens, dizendo-as na fórma seguinte *uniúsque*, *serpitque*, *fu'gentidque* &c. Tenho a minha pronuncia por erro, e não sabendo dizer a V. A. a razão porque uso della, parece-me que trouxe esse mau costume de Portugal, onde creio que se pratica, e onde comecei a aprender o pouco e o mau Latim que sei. Finalmente estas, e semelhantes pronuncias fazem com que V. A. me não entenda, supondo que lhe falo Portuguez quando lhe falo Latim. Quando V. A. se explica nesta Lingua, tambem eu podia ter a liberdade de lhe dizer que não entendo Valacc. porem sabendo hum pouco da Lingua Castelhana, e tendo costumado os ouvidos á pronuncia do *gui*, em lugar do *gi* segui a V. A. que o entendo, porem segui-lhe ao mesmo tempo que outros muitos o não entenderão, e que homens muito grandes lhe dislam que pronunciava muito mal o Latim se o não pronunciasse como elles. Alem disso observe V. A. bem algumas pronuncias de todas as mais Nações que não he a Portuguesa, nem a Valaca; e achará diversidades que o obrigarão a confessar que todas se separão, ou que todas errão no uso da Latina, se he que o privilegio de acertar nessa materia não foi somente concedido á Veneravel Lingua de V. A. em que nenhum homem discreto até o presente falou huma só palavra.

Lembro a V. A. que Sciloppio, fidalgo de Franconia, que tomava o titulo de Conde de Claravalle, muito amado de pessoas poderosas, e recomendado a Luiz XIII de França, por hum Breve Pontificio, pretendeo mostrar naquelle Reino que o Latim se devia pronunciar na fórma seguinte *In Lathio decuus pronunkiationis & eloquenthiæ est Kikero*, em lugar de *In Latio cecus pronunkiationis & eloquentiæ est Cicero*.

Gerarde Vossio na sua *Grammatica Latina* pág. 2 falando da pronuncia das letras, diz que he agora muito differente do que foi em outro tempo, que os Romanos faziam distincção do *I* breve ao *I* longo, que não pronunciavão o *C* nas palavras *dicit* & *dices* differentemente do que o pronunciavão nas palavras *dico* & *dicam*, que faziam soar o *T* na palavra *artium* da mesma forma que na palavra *arti*, e que o *V* Romano tinha o mesmo som que o *W* dobrado dos Flamengos, e dos Alemães. Desta fórma pronunciando V. A. em Latim *Ultimam Ciceronem audivissemus Romani, ut pronunciaremus voces vestras et decet*, nei hum Romano o entenderia sendo certo que elles dirião pela regra de Vossio. *Outiram kikeronem audiuissimos, Romani, out pronunkiaremus woches vestras out deket*.

Contarei agora huma historia a V. A. Houve na minha terra hum Duque que falando Latim como qualquer, se sepunha homem douto em todas as materias. Fazendo-se em sua casa hum junta de Medicos, Parcas visíveis da vida, e do Latim, para vctarem na cura de hum seu filho que estava enfermo, fez o Duque a exposição, e deu a informação da enfermidade, tomando o lugar do Medico assistente a quem pertencia a acção. Depois de empregar no discurso todos os termos semelhantes a syntomas, accessos, principios, annuetos, e declinações, sem se esquecer de *cyrcoptes*, *efimeras*, e *febrifuges* perguntou muy valioso ao dito Medico assistente se tinha elle satisfeito á sua obrigação? Respondeu o Medico *Sim Senhor, V. Ex. para Duque sabe muito de Medicina, porem para Medico he certo que não sabe V. Ex. o que diz. ra*

sem duvida que o medico tinha razão, porque nenhum dos outros Doutores da junta tinha entendido o Duque. Eu não sou tão atrevido que aplique o caso, porem quem he que diz a V. A. que se fosse falar o seu Latim aos Romanos, Povos que tiverão mui pouco respeito aos de Valaquia, e aos de Bessaraba que não haveria algum tão ousado que dissesse a V. A. *Meu Príncipe, para vós Valaco falais bastante Latim, mas para Romano nem pronunciar o sabeis.*

Digo a V. A. sinceramente o que me parece verdade. Cada um dá hoje ao Latim a pronuncia que he natural á sua lingua. Isso deu occasião a Joseph Scaliger, para dizer por galantaria a hum Fidalgo de Escocia que lhe falava em Latim com a pronuncia do seu Pais, *Meu Senhor, perdoai-me se vos não respondo, porque não sei falar Escoces* Observe V. A. os Bávaros, e achará que dizem claramente *Poter & ponem*, pro *Panem & Pater*. Os ingleses dizem *kenis* pro *canis*, examine-os V. A. e verá facilmente que qualquer delles para dizer, *canis intravit meam cameram* lhe dirá, *kenis intrevit meem kermem*. Aqui ha muitos Polacos, a quem V. A. ouvirá dizer *quansam* pro *quamquam*, e *agfa* pro *aqua*.

Sei que he loucura escrever de huma fórma, e pronunciar de outra. Papiriano, Autor muito antigo pois que se acha citado antes de Prisciano, já notou isso mesmo. *Aliter scribere. aliter pronunciare vecordis est*, porem parece-me ainda maior loucura querermos que as pronuncias de todos os idiomas se unão na do Latino. Continue V. A. com o seu *Gue* a brilhante *Gemmans* da sua pronuncia Bessaraba, e permita que eu fique com o meu *ge*, *Gelaius* no defeito da minha pronuncia Portuguesa. Deos me livre de dizer que he a melhor das que se dá ao Latim, porem Deos me livre tambem de sacrificar á autoridade dos outros a dos primeiros Priores da minha terra em cousas em que todos tiverão igual razão. No que se não póde dar outra que a de *sicut voluerunt Priores* cada hum está obrigado a seguir, e a defender os da sua Nação, e esta lei fez-se tanto para todos que até chega a este.

F. Xavier de Oliveira, *Cartas*, vol. 1, pág. 455.

XXVII

Carta a Diogo Barbosa Machado

Sinto que Vmce. tomasse incommodo de buscar-me, e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da qual procurarei aproveitar-me sem molestia sua.

Muito tenho que agradecer á Vmce. occorrer-lhe o meu nome ao firmar hum catalogo dos Portugueses eruditos; sendo tanto maior o agradecimento, quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e supposto que não desconheça, ou deixe de apreçar a honra que Vmce. me faz, he justo também, que me não induza o amor proprio abuzar della. A'guns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico hum conceito vantajozo dos meos estudos; porem como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem; não devo attribuir o estabelecimento daquella fama senão á benevolencia dos que me favorecem; pois até o presente não tenho mostrado composição por onde podesse adquirir la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que a perderia de toda se soubesse á luz com algum volume. Supposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, ainda que me cause confusão: discorro que também Vmce. se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião e que seria extrahida a excepção, e boa critica de Vmce. contar na Bibliotheca Luzitana entre os Autores individuo que o não he: assim não tenho que responder ao interrogatorio principal das

obras que compuz. Julguei superfluo dar satisfação aos mais quesitos, que contem a carta de Vmce. No seu livro terei que envejar aos varoens, que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto, e intelligente Juiz; e sempre conservarei huma viva lembrança do lugar, que a bondade de Vmce. me queria dar nelle, e que sera hum novo motivo para dezejar repetidas occasioens em que possa servir a Vmce. e mostrar o meu reconhecimento. Deos Guarde a Vmce. muitos annos.

Alexandre de Gusmão, *Cartas*, in — *Investigador Portuguez*, vol. v, pág. 566

XXVII!!

Carta a Fr. Gaspar da Encarnação

Rmo. Senhor. — Eu já tive a honra de dizer a V. Rma. o que me parecia justo a respeito da empreza, que V. Rma. intentava; e se não me achasse molesto iria pessoalmente dizer-lhe que não se persuadissemos do que lhe dizem, e aconselhamos inadvertidamente esses doutores, por que não peçam a importancia, e gravidade da materia.

Senhor, a collecção das ordenações do Reino, que deve formar o corpo do Direito da Nação Portuguesa não he obra, que possa fazer com tanta semcerimonia, e facilidade, como elles incautamente imaginam.

Se V. Rma. tem empenho em querer emprehende-la, o que será muito bastante, sirva-se fazer convocar os Dezembargadores João Alves da Costa, Ignacio da Costa Quintella, Doutores José Pereira Barreto, Joze Gomes da Cruz, e João Thomaz de Negreiros, ou Francisco Xavier Teixeira de Mendonça, com os quaes fará algumas conferencias antes de principiar-se a obra, encarregando-lhes, que forme cada hum a sua idea sobre a organização do corpo das nossas Leis; e eu formarei tambem as minhas, as quaes todas juntas vistas, e examinadas pelos ditos juristas na presença de V. Rma., e ouvida a razão de cada hum delles a respeito do seu plano, e methodo, com que pretende arruma-las, se podera V. Rma. rezolver ao que for mais acertado, que será sempre o em que convierem os mais votos destes homens. Isto he o que me parece, e não espere V. Rma. que eu me exponha a acompanhar o bom homem Jeronimo da Silva, se elle cahir na fatuidade de proseguir no que tinha ententado; porque eu o conheço a elle, e sei que ignora a materia, que sem forças, nem conhecimento pertende tratar.

Tambem não promettem coiza de ponderação os auxilios dos Dezembargadores Marcel d'Almeida, e Fr. Sebastião, nem dos Dezembargadores Veiga e Brito. He o que posso dizer a V. Rma., ficando sempre á sua obediencia como o mais affectivo Criado.

Id. *ibid.*, vol. vi, pág. 516.

III

EPOCA ROMANTICA

(xix)

Quadro Sinótico do movimento político, social e literário correspondente á escola Romântica

I

Monarcas portugueses

D. Pedro IV	1826-1828
D. Maria II	1828-1853
D. Pedro V	1853-1861
D. Luís I	1861-1889
D. Carlos	1889-1908
D. Manoel II	1908-1910

II

Sincronismo político e social

- 1820 — Revoluções na Europa meridional.
1827 — Batalha de Navarino.
1830 — Independência da Belgica.
1854 — Guerra da Criméa.
1860 — Revoluções italianas.
1870 — Guerras da França com a Alemanha.
1837-1901 — Governo da rainha Vitória de Inglaterra.
1903 — Morre Leão XIII no dia 20 de julho deste ano, sendo a 4 de agosto eleito
seu sucessor o pontífice Pio X.
1905 — Rendição de Port-Artur a 2 de janeiro. A 5 de setembro paz de Portsmouth
entre a Rússia e o Japão.
1908 — A 1 de fevereiro é assassinado em Lisboa o monarca D. Carlos e o
Príncipe Real D. Luís Felipe. A 3 foi aclamado rei o então Infante D.
Manoel.
1910 — 5 de outubro. Estabelecimento em Portugal do regime republicano.

III

Sincronismo literário

ESPAÑHA

E um exame muito sintético e necessariamente muito imperfeito o que
passamos a fazer relativamente á historia da literatura das diferentes nações, que
mais ou menos estão ou têm estado em contacto com a nossa.

A corrente romantica acabou na Europa por avassalar todos os espiritos
superiores. Em Espanha sobressaíram nesta evolução:

MANOEL JOSÉ QUINTANA (1772-1857), célebre pelas suas poesias patrióticas, sobretudo pelas *Odes á Espanha livre* (1808) em que animava os seus compatriotas, á luta contra os Francêses; FRANCISCO MARTINEZ DE LA ROSA (1789-1862), político, orador e escritor afamado, a quem se deve, entre outras obras, o drama *Conjuração de Veneza*, o estudo sobre a revolução francesa *Esprito do século*, muitas poesias líricas, sátiras, etc.; JOSÉ D'ESPINOZA (1810-1842), romancista e poeta distincto, como o demonstram naquê e gêmeo o *Estudante de Salamanca* e *Sinhão de Salacha* e nêste o *Diábo-Mundo*; HARTZENBUSCH (1806-1880) conquistou a celebridade pelo seu drama *Los Anales de Tervel*; JOSÉ ZORRILLA (1817-1894) tornado célebre desde a publicação dos *Cantos del Trovador* em 1840, adquirindo desde então a glória, que depois perdurou engrandecida, com vários dramas como *D. Juan Tenorio*, *Diábo em Valladolid*, *os Lois Viso-heis*, etc.; RAMON DE CAMPOAMOR (1817-1901) nas *Lolores*, *Drama Universal* e nos *Pequenos Poemas* mostrou-se um grande e glorioso poeta, muitas vezes filósofo, outras humorista, a mais lídica glória da literatura poética espanhola contemporânea; NUNES DE ARCA é o ilustre poeta, célebre, sobretudo, depois da publicação dos *Gritos del combate*.

Distinguiram-se ainda nêste século na história o CONDE DE TERRENO (1786-1843), autor da *História do levantamento, guerras e revoluções de Espanha*; JOSÉ AMADOR DE LOS RIOS (1818-1878), que escreveu os *Estudios políticos e literarios sobre os juanes de Espanha* e a *História critica da literatura espanhola*; MODSTO L. FUENTE (1806-1866), a quem se deve a *Historia geral de Espanha*, 28 vol.

A filosofia orgulha-se com os nomes de BALMES (1810-1848) e CEFERIN GONZÁLEZ. A eloquência peninsular perdeu em EMILIO CASTELLAR (1832-1899) o seu mais genuíno representante.

No romance entre muitos outros, são sobretudo conhecidos ANTÓNIO DE TRUEBA (1821-1889) e FERNAN CABALLERO, pseudónimo de CECILIA RÖHL DE FABER (1797-1877). FERNÁNDEZ E GONZÁLEZ (1830-1888) e ENRIQUE PÉREZ ESCOBAR (1827) perdendo o seu tacto em numerosas obras de imaginação.

Pertencem á escola moderna PEDRO ANTÓNIO DE ALARCÓN (1832-1891) escritor fecundo e elegante, autor de viagens, contos e romances como *El sombrero de tres picos*, *El escándalo*, etc.; JUAN VALERA (1827-1905), cuja obra prima é *Leopoldo Juncos* e JOSÉ ECHegaray (1833-1916), um dos nomes mais discutidos da moderna literatura vezinha, grande critico e dramaturgo, homem de sciência, etc. Entre os escritores espanhóis recentemente falecidos devemos mencionar FERNÁNDEZ LURO († 1908) pelo trabalho que deixou e tem largo interesse para a nossa historia, *La conquista de los Azores en 1583*; CANOAS DEL CASTILLO, que nos *Los vicios del reinado de Felipe IV* fornece preciosos subjeitos para a história da dominação espanhola em Portugal nos séculos XVI e XVII; JOAQUIM COSTA grande pensador e parlamentar, etc. A todos sobrelava a figura eminente, asombra de erudição e de saber de M. MENENDEZ Y PELAYO († 1912) autor da *Hist. de los heterodoxos* e muitas outras. Atualmente são notabilissimos JOSÉ MARIA DE PEREDA (1834) com os seus livros *Escenas nauticas*, *El buey suelto* *Leña arrosa*, BENITO PÉREZ GALDOZ († 1920) com a *Gloria*, *Laña perfecta*, *Misericórdia* e com vários dramas sobretudo o conhecido *Electra*, que tam viva agitação levantou em Espanha, e D. EMILIA PARDO BAZAN (1852).

FRANÇA

Este país é representado na história da literatura do século XIX por uma série numerosa e distincta de autores, em que refulgem como astros de primeira grandeza nomes como os de MADAME DE STAEL (1766-1817), a quem cabe a honra de implantar em França o romantismo com o seu livro *Da Alemanha* e autora do notável romance *Corinna*. [Em portug.: D. Francisco de Paula Possolo da

Costa, *Corinna ou a Itália*, Lisboa, 1835, 4 vols.; José António Morão, *Agar no deserto, drama sacro em uma só scena...* Porto, 1846, 8.º de 30 pág.]; CHATEAUBRIAND (1768-1848), autor dos romances *Atala*, *Kené*, *Natchez*, *Aventuras do último Abencerragem*; do poema épico em prosa *Os Mártires*, do *Genio do Cristianismo*, das *Memórias d'Além da campã*, [Em portug.: Henrique Ernesto de Almeida Coutinho, *O enterro de Atala*, in-*Algumas poesias*, Porto, 1836; Manoel Cypriano da Costa, *Atala ou os amores de dois selvagens no deserto. Breve resumo (em quadras lyricas...* Lisboa, 1827; Felipe F. de A. e Castro, *Atala ou os amantes do deserto*, Lisboa, 18...; Th. Braga, *Obras primas. Atala, Kenato, Aventuras do derradeiro Abencerrage com um estudo do tr...* Coimbra, 1867; Guilherme Braga, *Atala*, Porto, 1818, 4.º gr. 1 v. l. com grav.; outra ed., Porto, 184; José A. C. de Melo, *Aventuras do ultimo Abencerrage*, Angra do Heroismo, 844; Marquesa d'Alorna, *De Bonaparte e dos Bourbons...*, Londres, 1814; Bento Luis Viana, *Kenato, episodio do Genio do Cristianismo...*, Paris, 1818, 1 vol.; Manuel Nunes da Fonseca, *Os Martires ou a religião christã em triumpho*, Lisboa, 1816, 6 vols.; D. Benvenuto A. C. de Campos, *Os Martires ou o triumpho da Religião christã*; Lisboa, 1816-17, 6 vols.; outra tr. por Filinto, *Obras*, vii e viii; Caelano Lopes de Moura, *Os Natchez, historia americana*, Paris, 1837, 4 vols.; Alrião Forjaz de Sampaio, *Pensamentos, memorias e sentimentos fructo de minhas leituras e Roma e seus arrabaldes...*, Paris, 1833; editado por José J. N. Arsejas (Cfr. In. e., *Dicc.* xii pág. 35. *Deus o quer*, Lisboa, 184); C. C. Branco, *O Genio do Cristianismo...* trad. rev. por A. Sorozenho; outra tr. de Castilho e Menles Le 1, Lisboa, 1854, 1 vol.; José A. N. Vieira *Mem. d'Além da Campã*, etc.; BANGS (1780-1857) o celebre autor das canções populares, que ele elevou muitas vezes a toda a altura da poesia lirica; LAMARTINE (1790-1869), orador parlatante notavel, historiador, romancista e poeta, de quem se citam como melhores as *Meditações* e as *Harmonias poeticas e religiosas* [Em portug.: Marquesa d'Alorna, *Ode a Filinto Elysio*, in *Obras*, iv; José M. d'A. Ferreira, *Hist. da revol. francesa de 1848* Lisboa, 1849-50, 4 vols.; Francisco D. de A. e Araújo, *Hist. dos Gierondinos*, Lisboa, 1854; Id., *O passado, o presente e o futuro da Republica* Porto 18...; id., *A politica racional*, Coimbra, 1859; José A. ...ias, *Biogr. de Jo'õ Guttemberg*, Lisboa, 1863, 4.º de 10 págs.; Manoel R. de S. Abreu, *O homem, meditação*, in-*Operario* semanário de Braga, 1871-72), n.ºs 8-11; Henrique Chagas, *Regina, episodio das «Confidencias»*, 1873, 1 vol.; id., *O pedreiro de Saint-Point, narrativa popular*, 1 vol.; id., *Genoveva*, Porto, 1851, 2 vols.; Maria A. V. de Carvah *Raphael*, Lisboa, 1889; outra tr. de D. Eugenia Smith, 1890, 2 vols. da «*Bibl. univ. ant. e mod.*»; Alfredo Campos, *Fior d'Alisa*, Porto, 1882, 1 vol.; Maria José da Silva Canuto, *Jocelyn*, tr. prosa: Bulhão Pato, *Graziella*, 1888, na «*Bibl. univ. ant. e mod.*»]; ALFRED DE VIGNY (1799-1863), autor do romance historico *Cinq Mars*, do drama *Chatterton*, e d. collecção de liricas *Poemas antigos e modernos*. [Em portug.: Joaquim M. d. Silva, *Chatterton, drama em tres actos*, Santarém, 1857]; DECAUVILLE (1793-1843), autor das trégédias *Vesperas Sciianas*, *Pátria*, *Marino Faliero*, das comédias *Escola dos Velhos*, *Com diantes* e de bellissimas elegias politicas intituladas *Messenienses*; Victor Hugo (1802-1885) que expôs a nova direcção dos espiritos no prefácio do drama *Cromwe*, e que ele brilhantemente exemplificou nos dramas *Hernani*, *Le roi s'amuse*, *Lucrecia Borgia*, *Ruy Blas* e *Burgraves*, nos romances *Nossa Senhora de Paris*, *Miseraveis*, *Homens do mar*, *Homem que ri*, *Noventa e tres*, e nas collecções poeticas *Voices interiores*, *Folhas d'outono*, *Contemplações Orientaes* e *Lenda dos seculos*, produções estas que lhe daram jus a ser considerado como um dos primeiros poetas que a França e o mundo têm admirado [Em portug.: Miguel A. da Silva, *Han d'Island*, Lisboa, 184..., 3 vols.; Francisco J. P. Guimarães *Hernani, drama*, Rio de Janeiro, 1843; José M. de S. Lobo *Os Burgraves trilogia*, Aviro, 1853; Francisco F. da S. Vieira, *Os operarios do mar*, Lisboa, 1855; Id., *Os*

miseraveis, 10 vols., *ibid.*; *id.*, *O homem que ri*, 2 vols., *ibid.*; Eduardo de Faria, *Ruy Braz*, drama hist. imitado em prosa, Lisboa, 1840. *Id.*, *Nossa Senhora de Paris*, Lisboa, 1841; João Pinheiro Chagas, *Nossa Senhora de Paris*, Porto, 1887, 1 vol. com grav.; An nymo, *Historia de um crime*, Lisboa, 1901, 8 vols.; *Nossa Senhora de Paris*, Lisboa, 1853. s. n. de tr.); João Hussa, *Claudio Gueux*, Porto, 1889; Antonio R. de S. e Silva, *Os Miseraveis*, tr. rev. por Gualdino de Campos, Porto, (s. a.) in-fol., com grav., 5 vols.; Alexandre A. Barreira, *Ruy-Jargal*, Porto, 1885, 1 vol.; August Machado, *Meus Filhos*, Porto, 1884, 1 vol.; Maximiano de Lemos, *Noventa e tres*, Porto, 1886, 2 vols.; Bulhão Pato, *Ruy Blas*, Lisboa, 1881; *Hist de um crime*, 2 vols., c. n. grav. (s. n. de tr.); *Napoléão o Pequeno*, 1 vol. com grav. (s. n. de tr.); Fernando Leal. Entre os trad. do verso de Hugo merece especial menção este autor. Vid. *Livro da Fé*, Nova Goa, 1906 pág 65-113 e outras tr. indicadas em Brito Abranches, *Factos e homens do meu tempo*, II, 285. THEOPHILE GAUTIER (1811-1872), [Em port.: D. Maria Pia S. d'Almeida, *Fortunio*, Lisboa, 1889 in- *Bib' univ. ant. e mod.*], THEODORE DE BANVILLE CHARLES DE BAUDELAIRE, LÉONCE DE LISLE, (1820-1894) A. DE MUSSET, 1810-1857, e JOSÉ MARIA DE HEREDIA, tiveram uma acção determinante no movimento poético contemporâneo. VERLAIN, STAPHAINE MALLARME renovaram modernamente o estilo, o ritmo e a beleza plástica do verso francez. Com SULLY PRUDHOMME († 1907) a literatura franceza perdeu o seu melhor poeta contemporâneo.

Com FREDERICO MITRE L († 1914) perdeu-se mais que um poeta regional ou francez um verdadeiro genio universal.

Um poeta que acordou a alma da França foi PAUL DEROULEDE († 1914) autor dos *Chants du soldat*.

A alcançaram no romance e no drama fama immortedoura: SCRIBE (1791-1861) [Em portug.: Joaquim M. Baptista, *Giralda ou a nova P'sché, opera comica, palavras de...*, Lisboa, 1850, 8º gr., 144 pág], os dois ALEXANDRE DUMAS, pae (1803-1870) [Em portug.: (citarem sóment os mais sensac o'nes) *O Conde de Monte Christo*, Lisboa, 1847, 6 vols (E' a 1ª tr em portug — *Innoc.*, *Dicc.*, XI, 35) Ha outras tr. de José M. de S. Ribeiro e d' Eduardo de Faria; Miguel A. da Silva, *O capitão Paulo*, Lisboa, 1841, 2 vols.: *Id.*, *Acté*, *ibid.*, 1847, 2 vols.; *Id.*, *Sylvandire*, *ibid.*, 1848, 2 vols.; *Id.*, *Eduardo III*, *ibid.*, 1850, 2 vols.; José M. de S. Ribeiro, *Hist dos Stuarts*, Lisboa, 1841, 2 vols.; *Id.*, *A Condessa de Salisbury, ou a instituição da Ordem da Ioga*, Lisboa, 1818, 2 vols.; José M. de S. Lobo, *Ken, ou a desordem e o genio*, Aviro, 1853; Francisco L. C. de Mraula, *Memorias d'uma favorita*, Lisboa, 1860-1863; João L. R. Trigueiras, *As gêmeas Machicou*, 1854, 4 vols.; *Id.*, *Os Mochicanos de Paris*, 1863-64, 12 vols.; *Id.*, *A jur a do Inferno*, 1866, 1 vol.; *Id.*, *Deos dispõe*, 1865, 2 vol.; Augusto J. H. Gonzaga, *Os tres Mosquiteiros*, Lisboa, 1855, 4 vols.; Augusto C. de Lacerda, *O ch-le de cachemira, comedia*, Lisboa, 1866; João B. Ferreira, *O sr de Dumbiki, comedia*, *ibid.*, 1745; Eduardo de Faria, *Memorias d'um medico*, Lisboa, 1848-49, 10 vols.; Francisco A. de A. P. e Sousa, *As duas Dianias*, Lisboa, 1847-48, 9 vols.; P. Chagas, *A San Felice*, 1864, 3 vols.; *Id.*, *O filho de Marat*, 1872-73, 4 vols.; *Id.*, *O Capitão Paulo*, 1878, 1 vol.; Manoel A. de S. M. Pinheiro, *Hist d'um morio contada por el e mesmo*, Lisboa, 1867; *Id.*, *Os dous estudantes*, *ibid.*, 1857 in-*Um palacio sem nome...* de P. Chevalier, tr. do mesmo; Francisco F. da S. Viçira, *Romance d'uma Senhora*, Lisboa, 2 vols.] e filho (1844-1895), [Em portug.: P. Chagas, *A dama das camelias*, 1 vol. (s. a.); outras tr. (s. n. de tr.) — *A dama das camelias*, com prefacio de Julio Janin; Antonio M. P. Carrilho, *A vida aos vinte annos*; *Id.*, *Diana de Lys*], EUGENE SUE (1804-1859) [Em portug.: José P. Reis, *Mysterios de Paris*, Porto, 1843, 8 vols.; *Id.*, *Os sete peccados mortaes*; Francisco C. de M. e Melo, *Mathilde...*, Lisboa, 1844-46, 8 vols.; José F. de C. B. e Noronha, *O Judeu errante*, Lisboa, 1845, 10 vols.; Eduardo de Faria, *Mysterio do povo*,

boa, 1850, 7 vols.; Francisco A. de A. P. e Sousa, *O aventureiro ou o ba Azul*, Lisboa, 1844, 3 vols.; Id., *O judeu errante*, 1850, 5 vols.; João R. Trigueiros, *Arthur*, 1850, 2 vols.; Id., *A família de Jouffroy*, 1854, 6 vols.; Id., *João Cavalleiro*, 1854, 2 vols.; Id., *Os segredos do travesseiro*, 1858, 4 vols.; Id., *Os filhos famílias*, 1866, 3 vols.], e os iniciadores da escola lista BALZAC (1799-1850) [Em portug.: Th. Braga, *Obras primas...*, Porto, 1879; Bulhão Pato, *Vendetta*, Porto, 1874; *Tio Goriot*, 2 vols.; *Os comediantes em o saberem*, (s. n. de tr.); Pedro dos Reis, *O lyrio do valle*, 1890, 3 vols.]; Assis de Carvalho, *A casa de Nucingen*, 1891, *A mulher de trinta anos*, de Luiz Cardoso, Lisboa, 1909, 1 vol.; e outros na *Bibl. univ. ant. e mod.*], ALBERT (1812-1880) [Em portug.: Francisco F. da Silva Vieira, *Salambô*, Lisboa, 1861, 2 vols.; João Barreira, *Madame Bovary, scenas da provincia*, 1 vol.; Id., *Salambô*, 1 vol.; Id., *A tentação de Santo Antão*, 1 vol.; ? *Educação sentimental*, 1 vol.] e ZOLA († 1902) levou o realismo ás últimas consequências. De género inteiramente diferente é JULIO VERNE (1828-1905), o criador dos romances geograficos e de sciências naturais. Dezenas de obras firmam neste género a sua reputação verdadeiramente universal.

Na oratória do pulpito, é, sobretudo, notavel LA FORDAIRE (1802-1861) [Em portug.: Hermenegildo A. Pinto, *Conferencias de Nossa Senhora de Paris*, Rio de Janeiro, 2 vols.] e MONSABRE [Em portug.: As suas Conferências em Notre-Dame que deram brado foram trad. pelo dr. Silva Ramos, decano da Faculdade de Teologia da Universidade], e na parlamentar BENJAMIN CONSTANT (1767-1830) e GAMBETTA (1832-1883).

Destinguem-se na história: GUZET (1787-1874), [Em portug.: Marianno J. Cabral, *Da democracia em França*, Lisboa, 1849?; Marquês de Sousa Holslein, *Hist. da civilização na Europa*, 2 vols.; Maximiano de Lemos, *Hist. de Inglaterra contada aos meus netos...*, illustr., 4 vols.] THIERRY (1788-1856), MICHELET (1798-1874) [Em portug.: José M. d'A. Ferreira, *O padre, a mulher e a família*, Lisboa, 1861, 1 vol.; Reis Damasco, *Joanna d'Arc*, 1890, 1 vol. na *Bibl. univ. ant. e mod.*], THIERS (1797-1877) [Em portug.: Miguel J. M. Torres, *Hist. da revolução franceza*, Lisboa, 1840, 6 vols.; Id., *Hist. do conculdo e do imperio*, *ibid.*, 1845 e segs.; outra tr. de Francisco Duarte de A. e Araújo] e RENAN com as suas obras das *Origens do Christianismo* [Em portug.: Francisco F. da S. Vieira, *Vida de Jesus*, Lisboa, 1864. Id., *Os Apostolos*, *ibid.*, 1866. Ha outras trad. da 1.ª obra]. O sabio Maspero († 1916) alcançou autoridade em assunto de Egiptologia.

Entre os philosophos deste século sobresaem AUGUSTO COMTE (1795-1877) e EMILE LITTRÉ (1811-1884). Na philosophia também RENAN e TAINÉ actuaram poderosamente na direcção das idéas contemporâneas.

Nestes últimos anos a França tem perdido grande número de escriptores notáveis como FRANÇOIS COPPÉE, († 1908) VICTOR EN SARDOU, LUDOVIC HALÉVY, EMILE GEBHART... (Sobre o movimento politico moderno, especialmente symbolista pode consultar-se ANDRÉ BARRE, *Le symbolisme, essai historique sur le mouvement symboliste en France de 1885 a 1900 suivi d'une bibliogr.*; Paris, 1912, 1 vol.) E. BRUYÈRE e E. FAGUET († 1916) a Literatura franceza perdeu os seus dois mais autorizados criticos: em JULES LEMAITRE (1914) em poeta, contista e homem de teatro de grande valor.

ITÁLIA

Os mais illustres cultores da Itália literária do século XIX são:

CARLO BOTTA (1776-1837), notavel pelas obras históricas — *Hist. da Itália desde 1789 até 1814* e a *Hist. da Itália continuada desde o fim da história de Guichardin até 1789*.

CESAR CANTU (1807-1895), escriptor católico e liberal cuja *Hist. Universal* tornou conhecido em todo o mundo [Em portug.: Luis Francisco Rizzo, *O bom*

menino, contos moraes..., Lisboa, 1850; José Caldas, *Margarida Pintaz*, Vianna, 1869; Manoel B. Branco, *Hist. Universal* (parte da tr. feita por Rebello Trindade), Lisboa, 1875-76; Antonio Ennes, *Hist. univ. reformada, accrescentada e ampliada na parte relativa a Portugal e Brasil...*, Lisboa, 20 vols.; Júlio de Castilho, *Os ultimos trinta annos*, Lisboa, 1880, 1 vol.].

Cultivam a filosofia e a teologia;

ROSMINI (1797-1885), GERBERTI (1801-1852) e VENTURA (1792-1861).

ALEXANDRE MANZONI (1784-1873), um dos arautos do romantismo com os seus *Himnos Sagrados*, a célebre ode *Cinco de Maio* sobre a morte de Napoleão e considerada uma das mais boas da nossa época, as tragédias *Cond de Camagnol* e *Adelchi* e a sua novella tam espalhada *I promissi sposi* (Os Desposados).

UGO FOSCOLO (1776-1827), poeta, dramaturgo e romancista, cuja obra capital são os *Sepulchros*.

SILVIO PELLICI (1789-1854) a quem a tragédia *Francesca de Rimini*, os *Canticos* e *Lo sias inediti* em verso e as obras em prosa *Deveres dos homens* e as *Minhas prisões* conferiram títulos de destino e clássico escritor [Em portug.: Francisco C. de M. e Mello, *Tratados dos deveres do homem dirigido a um joven*, Lisboa, 1843; Id., *As minhas prisões*, Coimbra, 1845].

GABRIELE LEOPARDI (1798-1837) talvez o primeiro poeta lirico da Itália moderna; autor das notabilissimas composições *Cazoni*, *Versi* da canção *O amor e a morte* e da obra em prosa *Opusculos in rasi*. Pertencem á Itália contemporânea JOSÉ CARLUCCI (1836-1905) cujas *Odes barbaras* o conagraram e não o primeiro poeta do seu país; EDMUNDO DE AMICIS (1840) cujas obras *Constantinopola*, *Marrocos*, *Sobre o Oceano* foram trad. por Pinheiro Chagas; ANTONIO TOGAZZERO (1842), brilhante representante do idealismo na poesia e no romance; EDMUNDO DE AMICIS (1845), contista e prosador fulgurante e GABRIEL D'ANNUNZIO (1863) cuja celebridade se propagou rapidamente em todos os países graças sobretudo aos seus dramas (Vide sobre a face contemporânea do romance — JEAN DERNIS, *Le roman italien contemporain* Paris, 1907).

INGLATERRA

Eis os nomes dos colifios do romantismo no presente período em Inglaterra:

WORDSWORTH (1770-1850), autor de sonetos e baladas, nas quais, bem como o *Prendio* e na *Excursão* traduz em formas simples os sentimentos mais elevados; é o chefe da escola do *Lakistas* assim chamada por os poetas cantarem repetidas vezes os lagos do Westmorland e do Cumberland.

THOMAS MOORE (1799-1852), autor das *Melodias irlandesas* e do romance *Lalla Rookh*, onde vêm int. realados quatro dos seus mais conhecidos pequenos poemas.

BYRÓN (1788-1824), o mais afamado poeta inglês depois de Shakespeare. Deixou o poema *Peregrinação de Chid Harold* os contos em verso *Cerco de Corinto*, *Prisioneiro de Chilon*, *Parisina* e *Masppa*; os dramas *Manfredo*, *Marino Faliero* e *Dois Foscari*, e o assombroso poema *D. João Byron* é uma das figuras mais notáveis e mais curiosas da Inglaterra literária dos tempos modernos [Em portug.: Fernando L. M. d'Albuquerque, *O preso de Chilon* Lisboa, 1833; Th. de Antonio Craveiro, *Lara*, Rio de Janeiro, 1835; Henri que E. de Coninbo, *O cerco de Corinto*, Porto, 1835; Manoel R. de S. Abreu, *O Corsario* (só o C. 1) in *Op. raro* (seminario de Braga), 1841-72, n.º 17; Alberto Teles, *Peregrinação de Chid Harold*, 1883, 1 vol.; Augusto C. Xavier, *Manfredo*; Id., *O Giaour*, Coimbra, 1893, 1 vol.; João Vieira, *Os amores de D. Juan*, 1 vol.]

SHELLEY (1792-1822), poeta mais revolucionário ainda que Byron, cuja fama não igualou porém.

TENNYSON (1809-1892), é especialmente conhecido pelas elegias que deixou com o título *In memoriam*.

SWIFBURN (1839-1905) era considerado o maior poeta contemporâneo de Inglaterra. A sua inspiração revelou-se brilhantemente na poesia épica, lírica e dramática.

A novela histórica encontra o seu fundador em **WALTER SCOTT** (1771-1833), de Edimburgo, que lançou as bases d'esse novo género literario no *Waverley*, *Antiquario*, *Puritanes da Escócia*, *Rob-Roy*, *Noiva de Lammermoor*, *Ivanhoe* e em muitos outros romances que lhe crearam uma reputação universal. O nosso A. Herculano inspirou-se para os romances históricos neste célebre autor [Em portug.: Caetano Lopes de Moura, *Os puritanos na Escócia*, Paris, 1837, 4 vols.; id., *A prisão d'Edimburgo*, *ibid.*, 1838; id., *O talismão ou Ricardo na Palestina*, *ibid.*, 1837; id., *O misantropo ou o anão das Pedras Negras*, Paris, 1833; id., *Quintino Darward ou o Escocês da corte de Luis XI*, Paris, 1841...; outra tr. Antonio J. Ramalho e Sousa, Lisboa, 1855, 4 vols.; outra de Julio Cesar G. de Magalhães, 3 vols.; Caetano L. de Moura *Waverley ou ha sessenta annos*, Paris, 1841, 4 vols.; Outra tr. de André J. Ramalho e Sousa, Lisboa, 18... 4 vols.; A. J. Ramalho e Sousa, *Os desposados...* Lisboa, 1837, 3 vols.; id., *Ivanhoe ou a cruzada britânica*, Lisboa, 1838, 4 vols.; id., *Kenilworth*, *ibid.*, 1842, 4 vols.; id., *Anna de Gierstein ou a donzella do nev erro*, *ibid.*, 1843-44, 4 vols.; José M. de Salle Ribeiro, *Mestre ro*, Lisboa, 1842, 3 vols.; id., *Abbade...*, *ibid.*, 1844, 3 vols.; Miguel A. da Silva, *Uma lenda de Montrose*, Lisboa, 1843, 3 vols.; id., *Guy Mannering ou o astrólogo*, *ibid.*, 1842, 5 vols.; id., *Woodstock ou o cavalleiro*, *ibid.*, 6 vols.].

CHARLES DICKENS (1812-1870), adquiriu uma grande reputação com o seu primeiro romance *Club Pickwick*. Dickens distingue-se pela finura de observação e pela exquisita sensibilidade que se revelam na *Vida e aventuras de Nicko au Nickleby*, *Barnab Rudge*, *Contos do Natal*, etc. Tem-se comparado a Dickens o nosso Julio Denis [em portug.: A C. xxx *Scenas da vida inglesa e uma Loa do Natal em prosa...*; Pedro dos Reis, *O homem e o espectro in-Bibl un v ant e mozt.* (outros contos na mesma Coleção), J. J. Teixeira Botelho, *Contos do Natal*, s. a. (1906), 1 vol., Lisboa].

Outros escritores notáveis poderíamos ainda mencionar, como **LYTTON** (1785-1812); **THACHERAY** (1811-1863); **THOMAS CARLYLE** (1795-1881) a quem se devem varios trabalhos de história sobre a *Revolução francesa*, (1831), *Frederico II da Prussia* (1860-64), etc.; **MASCHULAY** (1800-1859), autor da *história de Inglaterra desde a subida ao throno de Jacques II*; **STUART MILL** (1806-1862) que deixou obras de filosofia como o *Systema de Logica e de Sciencia social*, de politica como os *Principios de Económia politica*, *Governo representativo*, etc.; **HERBERT SPENCER** (1820-1905) é o maior psicólogo da Inglaterra contemporânea; **ALEXANDRE BAIN** (1818) fez, como ele, da biologia a base da psicologia. Um e outro influíram immenso na mentalidade do nosso tempo.

O melhor romancista do periodo contemporâneo é, pode dizer-se, **GEORGE ELIOT** (1819-1880). Os seus romances *Scenes of Clerical Life*, *Middlemarch*, *Daniel Deronda*, e outros, manifestam um espirito subtil e penetrante.

RUSKIN (1817-1899) é o grande Mestre da Arte. Livros como *The seven Lamps*, *of architecture*, *The stones of Venice*, *The Crown of wild olive*, etc., sam outros tantos exemplares de profunda critica e bellissimo gosto.

Esta resenha ficaria incompletissima se não mencionássemos as figuras primaciaes da literatura anglo-americana, em **EMERSON** (1803-1882) poeta de iado e psicólogo penetrante como o demonstrou nos *Ensaio sobre os homens representativos*.

LONGFELLOW (1807-1882) que se distinguin pela coleção lírica *Vozes da noite* e pelo poema *Evangelina*. Viajou muito e da sua estada em Espanha

resultou o traduzir as *Coplas de Jorge Manrique* com um estudo sobre a poesia espanhola [Em portug. : Miguel Street de Arriaga, *Evangelina*, Lisboa, 1879].

EDGAR POE (1809-1849) notavel pelos seus contos fantásticos (Há varios Contos, 1889 1 v. l. in-*Bibl. univ. ant. mod.*).

BROWN (1711-1809), IRVING (1783-1859) e sobretudo FENIMORE COOPER (1789-1851) são admiraveis prosadores, sendo universalmente conhecidos os seus romances [Em portug. : C.etano Lopes de Moura, *O Derradeiro Mechicano...*, Paris, 1838, 4 vols.; Id., *O Piloto*, ibid. 4 vols.].

Fecha brilhantemente esta série BEECHER-STOWE (1812-1891) de quem só citaremos uma das suas perolas — *A casa do Tio Tom*.

ALEMANHA

A literatura alemã conta no séc. XIX grandes poetas e grandes prosadores. Goethe implantara com a sua incontestavel autoridade a harmonia, a medida, o ritmo, características da literatura grega. Mas um grupo de escritores surgiu que desprezou e combateram esse hehenismo, voltando-se de preferencia para a *Id. de Média*, para os romances de cavalaria. Logo os baptizaram de *Romanticos* qual do mais propriamente os deveriam chamar *Germanicos*. Certo é que a nova escola depressa se imprimia com todas as suas vantagens mas também, e depressa, com todos seus abusos e extravagâncias. Citemos os corifeus principais: os irmãos SCHLEGEL (Augusto-Frederico) (1767-1845) (Frederico) (1772-1829) poetas e eruditos foram os primeiros theoreticos da escola. Seguiram-se NOVALIS (1772-1801) TIECK (1773-1853) que foi com os irmãos Schlegel um dos fundadores do *Athenoeum* o orgão da nova escola, CHAMISSE (1781-1838), cujo conto *Peter Schlemihl*, além de baladas e canções, tornou celebre, PLATNER (1796-1837) independente de escolas; KÖRNER (1791-1813) morto aos 22 anos, mas já immortalizado pelos seus cantos guerreiros; ARNDT (1769-1860) egualmente immortalizado pelos seus cânticos patrióticos; e enfim RECKERT (1784-1856).

Um grupo dissidente do romantismo é o que forma a *Escola suabia* com UHLAND (1787-1862) escritor cheio de serenidade, doce e simpático e KERNER (1786-1862), poeta e filósofo, á frente. HARN (1760-1826) pertence também a este grupo.

A *Escola austriaca* pertencem ZENLIDTZ (1790-1862) LENAU (1802-1850) e GRUN (1806-1876), tres poetas que cantam a natureza e a pátria, em formas ora simples, ora brilhantes.

JOVEN ALEMANHA. Revoltando-se contra a escola clássica e contra a romântica, surgiu um outro grupo de escritores capitaneados por HENRI HEINE (1797-1856) que se propôs realizar um programa politico social e literário. Poeta lírico, crítico, satírico, e humanista, Heine é uma das figuras mais notáveis da Alemanha literária contemporânea. O *Livro dos Cantos*, os *Novos Poemas*, o *Romancero*, no género lírico. *Atta-Troll* e *A Alemanha* no satírico, *Almansor* e *Ratcliff* no dramático assim como em prosa, a sua melhor obra *Reisbilder* colocaram-no na vanguarda dos escritores mais eminentes. [Em port.: uma ou outra poesia dispersa, e Joaquim de Araújo, *O intermezzo lyrico*].

Prosa. Não são menos ilustres que os poetas aqueles escritores que no séc. XIX cultivaram a filosofia, a história, o teatro, o romance... Nomeando FICHTE (1762-1814), SCHELLING (1775-1854), HEGEL (1770-1831) SCHOPENHAUER (1788-1860) e ultimamente NIERZSCHE (1844-1900), que produziu com as suas obras *Origem da tragedia*, *Assim falou Zarathustra*, e muitas outras, uma influencia consideravel na direcção dos espiritos da sua pátria temos indicado os principaes escritores que se distinguiram por trabalhos filosóficos.

Na *Crítica* são WOLFF (1759-1824), os irmãos GRIMM (Jocob e Guilherme, Grimm e Humboldt (1767-1835) e seu irmão Alexandre 1769-1859) naturalista e viajante eximio; na *História* NIEBUHR (1776-1831), GERVINUS (1805-1871),

LEOPOLD RANKE (1795-1866), SYBEL (1817-1895) CURTIUS (1814-1894) e MOMMSEN (1817-1903) que são profundos investigadores; no romance RICHTER. (1763-1823), HOFFMAN (1776-1822) cujos fantásticos contos toda a gente culta conhece, ANERBACH (1812-1882), KELLER (1819-1890) e KLUGE (1830) encontraram um público entusiasta: no Teatro o nome que naturalmente primeiro ocorre é o de WAGNER (1813-1883) poeta e músico destintíssimo, o criador genial do «drama musical», do *Navio phantasma*, *Tanhäuser*, *Lohengrin*, *Mestres Cantores*, *Parsifal*, etc.

Vêm depois os contemporâneos -- SÜDERMANN (Herman) nasce em 1857 que à éin de romances escreve *Die Ehre (A Honra)* bem conhecida em todos os grandes teatros europeus. *Heimat*, *Glück in Winkel*, *Moriturus* e outras são igualmente peças dramáticas de nome. HAUPTMANN mais novo que o seu competidor, pois nasceu em 1862 é, como ele, um autor do género naturalista, embora não absoluto. *Antes da aurora* é um estudo sobre o alcoolismo que impressiona profundamente. *Os tecelões* repousa sobre um facto histórico e produz igualmente emoção. *A Festa da paz*, *Almas solitárias*, *Florian Geiger*, etc. tratam também a questão social, onde positivamente Hauptmann alcançou os mais assinalados triunfos.

Não deixaremos de mencionar aqui o nome dum lusófilo notabilíssimo, que muito concorreu para o conhecimento da literatura do nosso País entre o estrangeiro -- *Wilhelm Storck*, (1829-1905), a quem o Sr. Leite de Vasconcellos devidamente comemorou no vol. *O Doutor Storck e a Lit. Port., estudo hist.-bibliogr.*, Lisboa, 1910.

Literatura Russa

Esta resenha das literaturas estrangeiras que precede cada período na nossa própria ficar-nos-ia incompleta se nós não dessemos aqui uma notícia, embora sumariíssima, daquelas individualidades que, fóra dos povos até aqui estudados, adquiriram uma fama merecida e universal. São particularmente russos e escandinavos que importa estudar no seu período contemporâneo e actual, visto que só modernamente se pode dizer que entraram no convívio intelectual e artístico dos velhos povos europeus. Isolados por condições geográficas políticas, linguísticas, uma sede de desconhecido, de imprevisto e de novidade levou os espíritos ocidentais a retemperar-se em fontes novas de inspiração. Uma aluvião de traduções apareceram em todos os países com o intuito de darem a conhecer os homens superiores que ilustram a literatura do século XIX e o corrente. Lembremos da Rússia:

L'OUCHKINE (1799-1837) representante do romantismo do seu país poeta e prosador vigoroso. Conhecedor do espanhol, do italiano e do inglês, foram as obras de Byron as que mais influíram no seu espírito. Os seus *Prisioneiros do Cáucaso* deram-lhe jus ao título de grande poeta. A sua *História de Pedro o grande* e o seu romance histórico a *Filha do Capitão* são as suas melhores obras. Foi morto em 1837 num duelo por Dantès, oficial de origem francesa.

GOGOL (1809-1852) professor na Univ. de Saint-Petersburgo, autor da *Hist. dos Arabes* e da *Hist. da Idade Média* e das novelas *Arabescos* e *Narrações de Mirgorod* e do grande romance *Almas mortas*. «Ninguém melhor do que ele, escreve Louis Léger, soube contar o esplendor das noites de Ucrânia, a magestade dos grandes rios, o encanto melancólico da estepe. As suas novelas são verdadeiros pequenos poemas e a sua prosa cadenciada tem a harmonia e o numero dos mais belos versos».

TOURGENEFF (1818-1883) um dos escritores que mais se distingue pelo cuidado, perfeição e delicadeza da forma. Os *Paes e Filhos*, *Terras virgens* são grandes romances de telas sociais. Algumas das suas novelas impressionam pela vida e realismo das personagens e do movimento scénico.

DOSTOIEWSKI. (1822-1881), escritor popularissimo na Rússia. Filiado numa sociedade secreta, foi condenado à morte, mas a pena foi-lhe comutada em exílio para a Sibéria. A este facto devemos uma das mais impressionantes obras — *Lembrança da casa dos mortos*. Outro romance de celebridade mundial é o *Crime e Castigo*. Na *Carteira dum escriptor* deixou muitos dados auto-biográficos.

TOUSTOI. O conde Leão Nicolaiévitch nasceu em 28 de agosto de 1828 em Iassna Poliana, no governo de Tula. É de todos os seus compatriotas o que maior glória literária conquistou. As suas teorias religiosas, políticas, sociais que não só literárias e estéticas tem sido e continuarão sendo mudamente analisadas, discutidas e criticadas. Ateu e nihilista na sua primeira maturidade, aparece-nos depois místico e senhor de uma nova forma religiosa. Para que citar os seus livros aqui nesta resenha esteril e eficientissima? Para que lembrar o seu famoso romance *Guerra e Paz* onde a vida russa é tão bem amente descrita? Ou o *Resurreição* onde de enha o ideal de uma vida social diversa da que temos? Ou o *Anna Karenina* pungente drama de um adúltero? Ou o seu drama realista *Poder das trevas*? etc. etc.?

SENKIEWICZ. (1816-1916) não poderia ser esquecido. Polaco, eu tive a lingua nacional com entranhado amor e com não menos entranhado amor canta nos seus romances a pátria esmagada e oprimida. De todos os seus romances foi o *Quo vadis* o que mais cohecientos tornou o seu nome. O seu estilo é cheio de clareza, de eloquência e de imaginação. E todavia sabe Deus por que traduções nós adivinhámos a magia de esse estilo!

MAXIMO GORKI. († 1918) é o sublime interprete das tragedias dos humildes e o propagandista das idéas mais avançadas.

Sobre o período actual cfr. SARGE PERSKY, *Les maîtres du roman russe contemporain*, Paris, 1912, 1 vol.

Literatura Escandinava

Por interessante que seja o período inicial da literatura escandinava com a sua série de lendas e de mitos, que no século XI tomaram a forma escrita sob o nome de *Eddas* e que são o elemento primordial dos *Nibelungenlied*, a que é preciso recorrer no estudo das origens das tradições poeticas e religiosas da Alemanha, nada mais aqui podemos fazer do que assinalar pouco mais que a personalidade extraordinária de Ibsen.

No século XVIII o nome de ANDERSEN (1805-1875) avulta já gloriosamente. Nas *Aventuras da minha vida* deixou expostos os tópicos da sua carreira accidentada. São principalmente os seus contos, ricos de fantasia, e bem dramatizados, que o tornaram conhecido e estimado entre nós, os occidentaes.

TEGNER (1872-1846) é um poeta de ta ento. *Frithjof* é um poema épico que pinta admiravelmente os costumes dos países setentrionaes.

RUNEBERG. (1804- 877), KILMANN (1811-1869) distinguiram-se na poesia e no romance. A maior gloria porém da literatura escandinava está em IBSEN (1828-1906) dramaturgo vigoroso, dotado de um poder de evocação maravilhoso, ventando com grande espirito de sobriedade e de clareza os mais empolgantes problemas religiosos e sociais, fazendo-nos sonhar algumas vezes, obrigando-nos a pensar sempre. Todos ou quasi todas as suas obras estão traduzidas para francees, sendo representadas em todos os grandes palcos do mundo. *Canard Sauvage*, *I'cer Gint*, *Revenants*, *Hedda Gabier*... contam-se entre as mais belas creações dramaticas dos nossos tempos.

Outro norueguês notável, ainda vivo, BJORNSEN BJORNSTIERNE nascido em 1832. *Hu Ih'da la boiteuse*, o *Roi Sverre* a *Trilogie de Sigurd*, os *Nouveaux mariés*, fôram dramas representados com extraordinarias ovações no teatro de Christiania, de que ele era Director.

JONAS LIN, que nasceu em 1833, é outro escritor contemporâneo destâ-tíssimo. O *Visionario*, novela romântica, conquistou-lhe de princípio grande reputação. Foi em Paris que escreveu os melhores romances — *Condamné à vie* e as *Filles du Commandant*. Em 1894 publicou um estudo sobre Balzac, justamente apreciado — *Honoré de Balzac, l'homme et l'artiste*. Citaremos ainda GEORGE BRANDÈS, nascido em 1842 em Copenhague, crítico de arte e escritor de grande erudição. A sua obra mais importante é a intitulada *Principaux courants dans la littérature du XIX^e siècle*.

ROMÊNIA

Exaltou o nome da sua Pátria, imortalizando-a uma escritora insigne, que foi também uma notável figura de mulher, a Rainha Izabel, mais conhecida pelo pseudónimo que adoptou de *Carmen Sylva* (1843-1916). Os romances e contos marcam-lhe lugar de destaque na actualidade. Quase todos os seus livros foram trad. para francês, o que tornou o seu nome conhecido de todos. A sua sensibilidade de mulher e de artista revela-se bem a que fez a leitura dos Pensamentos — *Les Pensées d'une Reine*.

BRASIL

Deveríamos consagrar neste lugar um § á literatura dos nossos irmãos dalém mar, áquella que nos deve com a lingua, a religião, o direito, a arte, a poesia, a literatura e todas as manifestações espirituais que tornam os brasileiros co-participes da moderna cultura occidental, como escreve SILVIO ROMERO.

Mas entendemos melhor remeter o leitor a quem o assunto interesse para o *Compêndio de História da Literatura Brasileira* daquele autôr e de João Ribeiro. (Rio, 1904, 2.^a ed.) e para a *Hist. da Lit. Brasileira* de José Verissimo, Rio, 1916. Lucidez, concisão, juizos e apreciações críticas bastantes a mortear quem segue a leitura, informações bio-bibliográficas comedidas dão a estes livros um lugar de distinção insubstituível.

A concisão que guardei para as outras literaturas tem explicação fácil. que aqui não colheria, nem para mim, nem para o leitor.

Comemoro apenas como uma grande perda nacional o desaparecimento das duas grandes figuras de críticos e de educadores — *Silvio Romero* e *José Verissimo*.

CAPÍTULO VI

Escola Romantica

(1825)

Sumário: 184. Romantismo: suas características — 185. O Romantismo na Europa. — 186. O Romantismo em Portugal. 187. Garrett. — 188. Herculano. — 189. Castilho.

184. — Romantismo: suas características. Nos princípios do séc. XIX iniciou-se na Alemanha um movimento literário, que em breve se comunicou a toda a Europa, e que é conhecido, á falta de melhor palavra, dizia Garrett, pelo nome de *Romantismo*¹. Este movimento procurou desterrar os moldes rotineiros e estéreis, que desde o séc. XVI dominavam soberanamente em todos os ramos das obras literárias, e, em vez dê-ses moldes clássicos já cansados, impôr novos ideais, fazendo consistir « a essência da arte e da poesia no maravilhoso e no fantástico, nas lembranças da idade-média e até do Oriente e nas tradições populares ».

Estudando a obra do Romantismo vê-se que as suas características são efectivamente:

1.º — A reacção contra a Escola Clássica. « Lencemos o martelo ás teorias, ás poéticas, aos sistemas, trovejava Victor Hugo no célebre prefácio do *Cromwel*, êsse prefácio que desde 1827, ano em que appareceu, se consueverou o grande manifesto da Escola Romantica. Abaixo o velho estuque que mascara a fachada da Arte! Não há regras nem modelos à ên das leis gerais da natureza, que planam sobre toda a arte, e além das leis especiais que, para cada composição, derivam das condições próprias a cada assunto ».

¹ Garrett dizia bem: nem etimologicamente, nem de facto êsse romantico termo *romantismo* caracterizava a nova corrente literária. *Romantismo* deriva de *romantico*, como êste derivou de *romance* e êste, como muitos outros, de Roma (Cfr. G. Viana *Apostilas aos Dicionários*, II, 376). *Romance*, *românica*, *romantica*, dizia-se na idade-média da lingua usual em contraposição á lingua das escolas, da igreja, dos doutos. Línguas e literaturas romanticas deviam ser, pois, na origem, as que se contituíram independentes do latim. Mas o termo foi *usurpado* para denominar a nova Escola e não há senão que aceitar os factos.

2.º — Condenado o que fazia o objecto da arte, era preciso oferecer alguma coisa que o substituisse. Esse substituto foi a arte, a poesia, a lenda da idade-média e das tradições pátrias. Escrevia Garrett: «o que é preciso estudar é as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas, lê-las no mão latim mosárabé meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no mão português dos forais, das leis antigas, e no castelhano do mesmo tempo. O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. Por tudo isso é que a poesia nacional ha-de resuscitar verdadeira e legítima¹». Este regresso ás fontes nacionais é a segunda característica da Escola.

3.º — Três séculos de classicismo haviam secado a veia popular. Desaparecera a espontaneidade. Na Itália, na Alemanha, em Inglaterra² como em Portugal, a influência da literatura francesa fizera-se sentir despoticamente e era por toda a parte a mesma imitação esteril, servil e monótona. O Romantismo proclamou o *individualismo* na arte, a liberdade contra o regime absoluto. Que cada um estude o que tem na própria casa, antes de ir vêr o que há na casa alheia. «Que o poeta se guarde, escrevia Hugo, de copiar quem quer que seja - nem Shakespeare, nem Molière, nem Schiller, nem Corneille». E em Portugal Garrett: vamos a ser nós mesmos, vamos a vêr por nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

Gregos, romãos e toda a outra gente...

E que ha-de fazer para isto? Substituir Goethe a Horácio, Schiller a Petrarca, Shakespeare a Racine, Byron a Vergílio, Walter-Scott a Dellile? Não sei que se ganhe nisso senão dizer mais sensaborias com menos regra³.

Tal a terceira característica, que não pôde dizer-se, todavia, absoluta, como se prova com os próprios fundadores do Romantismo em Portugal. Escreveria Almeida Garrett, diz com muita razão Lopes de Mendonça, o seu precioso *Camões* como o escreveu, se não tivesse lido o *Corsário* e o *Child-Harold* de Byron? Teria Alexan-

¹ Na *Introdução* ao vol. 1.º do *Romanceiro*, ed. 1904, pág. 6.

² Na Inglaterra e Alemanha a sujeição ao classicismo é passageira e devida á influência predominante do grande século clássico francês. Tomando consciência de si o espírito patriótico de ingleses e alemães sacode o jugo francês, torna-se independente, «individualista». «O romantismo inglês não começou pelo medievalismo, este foi um sentimento derivado». Cfr. Carlos de Mesquita, *O Romantismo inglês*, Coimbra, 1911, *Introd.*

³ *Ibid.*, pág. 6.

dre Herculano concebido o seu *Monge de Cister* com aquela magestosa e imponente fábrica de Walter Scott não nos houvesse dado o modelo do romance histórico ¹?» Prégando, pois, o *individualismo*, a revolta era contra a tut la despótica até então exercida pela Escola Clássica.

185.—O Romantismo na Eúropa. Quem primeiro levantou o grito da revolta foi a Alemanha, pelo que muitos autôres dizem que melhor se chamaria á Escola «*Germanismo*». Esse grito soltou-o uma pleiada de jovens poétas e críticos dos quais uns seguiram tendências filosóficas e estéticas como Schlegel, Novalis, Tieck, Schelling, e outras tendências nacionais e históricas como os irmãos Grimm e Uhland. Mas o movimento impôs-se com Goëthe e Schiller, tendo encontrado cooperadores em críticos da fôrça de Lessing e Wieland e tendo um representante superior no lirismo irónico de Henri-Heine.

De Alemanha a corrente romantica comunicou-se rápidamente a Inglaterra onde t-ve como arautos lord Byron e Walter Scott, «o primeiro com a sua poesia apaixonada, profundamente pessoal, amarga e duma ironia desesperada; o segundo ressuscitando a idade média escondida sob o pó dos séculos». Vem depois a Itália e a seguir a própria França, que entrou no movimento com M.^{me} de Staël e Chateaubriand, aquela dando a conhecer a Alemanha e a nova geração no livro que intitulou *De l'Allemagne* (1802), ê-te traduzindo e comentando os melhores poétas ingleses, como Milton e o seu *Paraíso Perdido*. Victor Hugo, Lamartine, Vigny, Dumas, Balzac, George Sand, Musset, e muitos outros deram brilho extraordinário á nova Escola, que a Espanha acolheu com alvoroço por intermédio do Duque de Rivas e de Espronceda.

186.—O Romantismo em Portugal. — A reacção literária efectuada em Portugal nos princípios do séc. XIX tomou, como no resto da Europa, o nome de *Romantismo*. A corrente clássica, desvirtuada pelas imitações espanhola e francesa, acabara entre nós por avassalar todos os géneros literários. O respeito pelas regras da arte poética fôra levado até o absurdo. O mecanismo substituíra a inspiração; o preciosismo desteriára o natural. A onda da erudição afogára os dominios da poesia. «Quáse se podia dizer destruída toda a nacionalidade, apagados os últimos vestígios originaes da nossa poesia, quando no fim do primeiro quartel dê-te século (XIX) a influência da renascença alemã e inglêsa se começou a fazer sentir», escreveu Garrett. Os sectários das novas formas apareceram, pois, como in-

¹ *Mémórias de Lit. Contemporânea*, 1855, pág 4.

submissos e inimigos declarados dos dogmas da velha igreja clássica. E' a Garrett que se deve a glória da inovação; dêle partiu, como êle próprio o acentuou, a primeira aclamação da nossa independência literária. Desde 1825²⁶ que fôra publicada a *Dona Branca* e o *Camões*, onde estão as primeiras tentativas da revolta. Em 1828 com a *Adozinda* e o *Bernal-Francês* firmou-se o estandarte da restauração. Falando do seu *Camões* dizia o autôr: « *Conheço que está fóra das regras e que, se pelos princípios clássicos o quizerem julgar, não encontrarão senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras, nem princípios, que não consultei a Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente após o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito* ». E' a êste rasgo o critério, igualmente seguido por Herculano e ainda, embora mais tarde por Castilho, que devemos a introdução da Escola Romantica em Portugal.

Quando Garrett aparece na scena literária degladiam-se ainda os discípulos de B e g e de Filinto. Ambos de incontestável talento, os dois grandes Mestres, que fazem a transição do Arcadismo para a nova Escola, aquelle com a melodia e espontaneidade dos seus versos, êste com as traduções de dois autênticos românticos — Chateaubriand e Wieland —, precisavam de ser substituídos nos temas das suas obras, nas idéas, na expressão, no vocabulário e no estilo. Com Bocag introduzira-se o abuso da transposição, as repetições hiperbólicas, o tumido verso inchado ao vento de falsas imagens. Os admiradores do grande Elmano exageraram o erro e fizeram da escola uma bodega olímpica, em que martelavam no ouvido versos hidrópicos, ridículos e gongoristas.

E Filint? Grandes serviços prestou á língua que purificou e enriqueceu constituindo-se seu polatino denodado, mas fê-lo com sacrificio da naturalidade e da simplicidade. O período que a elle inou em transposições contrfeitas; a locução esmerilhada á custa de vocábulos obsoletos e a construção corcovando a idéa debaixo do péso de expressões amanhadas, revirando o estilo a torniquet, diz Rebelo da Silva, roubaram pela demasia á sua Escola grande parte dos frutos, que a deviam popularizar, despiram o seu talento das amenas graças que dá a imaginação tunda, e da originalidade que sempre foge á rede de apinhar vocábulos com que armam á correcção os copistas¹.

Existia ainda José Agostinho pretendendo dar leis á Epopêa, triunfar pela sátira, intrometter-se no teatro, popularizar-se pelo jornal, insinuar-se pelas cartas e pelos juizos de censura literária, mas

¹ *Obras Completas*, ed. cit. xvii.

o seu estro não tem grandeza nem flexibilidade, a sua sátira é grosseira e até obscena, a sua erudição estéril. E' em 1826. E é nesse ano que apparece em Paris um poema em sete cantos ¹, celebrando a conquista do Algarve e assinado com duas iniciais F. E. O poema era *D. Branca* e o autor Garrett, acabando a suposição de muitos que traduziam aquelas duas letras como as iniciais de Filinto Elisio. Desde os primeiros versos se precente que alguma coisa de novo quer estabelecer se em lugar de alguma coisa que se quer substituir e pôr de parte. *A culta Grécia amável, a bela Vénus, Júpiter, Baco, Apolo...* de todos o poeta diz:

*Gentil religião, teu culto abjuro
 Tuas aras profanas renuncio
 E para novo altar meus hinos canto

 Disse adeus ás ficções de paganismo
 E cristão vate cristãos versos jaço.*

Pela primeira vez se aproveitavam num poema em linguagem fluida, espontânea e colorida, episódios da tradição e da lenda. Na *Crónica de D. Afonso III*, de Duarte Nunes de Lão Garrett lêra a relação da conquista do Algarve e aí a história da infanta D. Branca, filha daquele monarca, que foi senhora do mosteiro de Lorvão. Com esta infanta teve amores um cavaleiro — Aben-Afan, rei de Silves, cujo reino Garrett estende por todo o Algarve. E a sua fantasia aproveita, em volta deste ponto, episódios curiosos como o das bruxarias de Fr. Gil de Santarem (C. VIII-IX), o combate dos cavaleiros de Santiago em Tavira (VI), a última peleja ás portas de Silves (X) e até a narrativa da distribuição da posta de toucinho aos frades, por horas mortas designado por *Tremenda* (I-II).

E' que Garrett já está neste poema intimamente convicto da nova crença literária? Não. Mostra-se ainda indiferente, irresoluto (C. III, ESTR. XII). Mas aí está já *Camões* e essa intecisão no intuito, essa tal ou qual imperfeição e mesmo trivialidade nos contos desaparece. O romantismo estava definitivamente assegurado em Portugal.

Castilho que foi a princípio um clássico acabou por se converter ás novas idéas. Em 1844 escrevia o primoroso estilista "... bem sei eu que a Poesia portugêsa, como a do restante da Europa, e a nossa mesma linguagem, se andam, há annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxerga bem distincto; e que tudo que nós fazemos neste género, mórmente os que ainda, como eu, retiveram (máo gráo seo) alguma coisa, e muito, de certos hábitos tradicio-

¹ Quando Garrett refundiu o Poema acrescentou-o e modificou-o como entendeu, saindo então com os 10 centos, que possuía.

naís e viciosos em literatura, têm e temos de ficar esquecidos diante da brilhante escola que já por ventura vem raiando; *terra da promessa*, em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por coluna de luz, mas onde a nós outros nos não será dado penetrar». ¹ Castilho era arrastado para o classicismo pela sua educação e pela sua própria índole. ² Mas a sugestão do exemplo chamou-o para a orbita do romantismo. «Nascido, creado, ajuramentado na escola clássica, escreve devendo só a ela o primeiro favor que achei no público, fanatizado pelos belos genios da antiguidade, não cheguei senão tarde a fazer justiça a este livre e creador movimento da nossa era. Rendi-me, fascinado pelos seus prestimos, arrastado pelo caudaloso do exemplo, inspirado pelos dictames da propria razão». ³

Vejamos, agora, como êsses grandes escritores — Garrett, Herculano e Castilho — concorreram para a obra do rejuvenescimento literário, que proclamaram.

187.— João Baptista da Silva Leitão de ALMEIDA GARRETT (Visconde de Almeida Garrett), (1799-1854) ⁴ natural do Porto, começou os seus estudos na Ilha da Madeira sob a direcção de seu tio o bispo de Angra D. Frei Alexandre da Sagrada Família. Os seus primeiros trabalhos literários resentem-se da influência desta primeira educação, que foi sobretudo humanista, como se vê nos dramas *Méropé* e *Catóo* ⁵. As lutas políticas entre absolutistas e liberais obrigaram-no, como fervoroso apóstolo destas últimas, a emigrar. O convívio com o estrangeiro, onde viveu três anos (1823-1826), primeiramente em Inglaterra e depois em França, operou uma revolução completa no seu espírito. Abandonando os assuntos clássicos voltou a sua attenção para sucessos e caracteres exclusivamente nacionais, dêles soube o seu brilhante talento arrancar os melhores trechos para as suas obras — *Um Auto de Gil Vicente* (1838), relativo á época de D. Manoel e ao fundador do teatro nacional; *D. Filipa de Vilhena* (1840) sobre a revolução de 1640;

¹ Do *Prólogo das Excavações Poéticas*, vol. 1, ed. 1904,

² Cfr. *Excavações poéticas* ed. 1904 pág. 88.

³ Cfr. *Amor e Melancolia*, ed. 1903.

⁴ Sobre a vida política e literária de Garrett possuímos o estudo largamente documentado de Fr. G. de Amorim — *Garrett, memórias biográficas*, 3 vol., Lisboa, 1881-1888; vid. também Romero Ortiz — *La Literatura Portuguesa en el siglo XIX*. Madrid, 1869; Lopes de Mendonça, *Memórias de Lit. Contemporânea*, Lisboa, 1855; Th. Braga, *As modernas idéas na Literatura Portuguesa*, 1.º vol., pág. 25 e seg.

⁵ No vol. *Os primeiros versos de Garrett* (Porto, 1902) estão de págs. 112 a 122 as odes anacreonticas, que o poeta escreveu nos seus primeiros anos.

O *Alfageme de Santarem* (1841) sobre D. Nunalvares Pereira; a *Sobrinha do Marquês* (1848) alusiva á época do notável ministro de D. José e, enfim, a primeira entre todas o drama *Frei Luís de Sousa* (1844) que, pela pungente simplicidade em que se desenrola, verdade e beleza das situações, e aticismo da linguagem, é um padrão imorredouro na história do nosso teatro. Não ficaram aqui as obras de Garrett inspirado em factos da vida nacional. A biografia tam dramática do nosso primeiro épico deu-lhe o assunto do seu formosíssimo poema, em versos brancos, *Camões* (1825); uma lenda do tempo de D. Affonso III o conquistador do Algarve, inspirou-lhe *D. Branca* (1829), e o desejo de dizer alguma coisa sobre a pintura lusitana levou-o a escrever o *Retrato de Vénus* (1821). Estes estudos foram coroados com o *Romanceiro*, colecção de poesias populares, verdadeiro tesouro que encontrou em Garrett o mais cuidadoso defensor e guarda ¹.

As poesias líricas existem reunidas na *Lyrical de João Mímico*, nas *Flores sem fructo* e nas *Folhas caídas*, a primeira destas obras escrita até os vinte anos, a segunda compreendendo as poesias escritas desde aquella idade até os quarenta e três anos, e a última onde se encontram as suas derradeiras composições.

Das obras em prosa temos como principais as *Viagens da minha terra*, miscelânea de história e novelística; o *Arco de Sant' Anna*, novela histórica do tempo de D. Pedro I; *Portugal na balança da Europa*; *Tratado da Educação*, etc. ². Garrett foi também um orador eloquente e vigoroso, sendo algumas das suas orações parlamentares verdadeiros modelos do género.

Como o poeta é cheio de viveza e de colorido. Com uma acentuada predilecção por tudo o que era inglês daí sem dúvida lhe provinham a graça e o espirito, que vivificam as suas obras. Garrett tem ainda o mérito e a glória de ter começado a reacção romantica ³. Os seus restos mortais fôram solenemente transportados

¹ Com certas restrições, é claro, pois Garrett teve a infeliz idéa de retocar e aperfeiçoar o que lhe chegava da tradição oral. Mas isso, se empana, não invalida o grande serviço por êle prestado!

² A ed. completa das *Obras de J. B. de A. Garrett*, compreende 24 tomos, Lisboa, (1854-1877) ou 28 na ed. última de 1904-1905 Lisboa.

³ Garrett deixou alguns inéditos, ao que parece de somenos valor. No *Arquivo Histórico Português* (vol. 1, n.º 5, Maio de 1903) foi publicada uma carta a Herculano a acusar a recepção da *Harpa do Crente*. A carta é naturalmente de 1838 e não obstante ter então Garrett publicado já obras como *Camões* e *D. Branca* dizia nela: «Se eu tivesse saúde havia de refundir quasi tudo que publiquei e de que pela maior parte não gosto hoje». O Sr. Júlio Brandão no opúsculo *Garrett e as Cartas de amor*, Porto, 1913, revelou a existência de 22 cartas que Garrett escreveu á inspiradora das *Folhas Caídas*.

para a igreja de Santa Maria de Belem (Jerónimos) no dia 3 de maio de 1903 — justa glorificação em honra do patrióta, do escritor, do poeta, do dramaturgo e do estadista que foi o Visconde de Almeida Garrett.

188. — ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e Araújo (1810-1877) ¹, de Lisboa, é, diz Romero Ortiz, o poeta mais filosófico, o novelista mais erudito, o historiador mais consciencioso, o pensador mais profundo que teve a nação portuguesa no presente século ². S. Idado, como Garrett, do exercito liberal, como elle exilado da patria, não foi como o seu cooperador na obra do romantismo, um espirito vivo seduzido pelas glorias do mundo e que por elas se deixasse arrastar. Educado primeiramente no Collegio do Espirito Santo, dirigida pelos padres de S. Filipe Néri, encontrou logo a animar-lhe o talento incipiente a Marquêsa de Alorna, illustre senhora dotada de raras prendas de educação e alto espirito illustrado, «que fazia voltar a attenção da mocidade, escreve elle próprio, para a arte da Alemanha, a qual veio dar nova seiva á arte meridional que vegetava na imitação servil das chamadas letras clássicas, e ainda estas estudadas no transunto infiel da litteratura franceza da época de Luís XIV» ³. A emigração afervorou-o nas suas crenças politicas e literárias. A *Harpa do Crente* (1838) e a *Voz do propheta*

¹ Vid. A. de Serpa Pimentel, *Alexandre Herculano e o seu tempo*, Lisboa, 1871; Th. Braga, *História do Romantismo em Portugal*, Lisboa, 1880; id., *As modernas idéas na Lit. Port.*, I, pág. 45 e seg.; Bulhão Pato, *Sob os ciprestes. vida íntima de homens illustres*, Lisboa, 1877; Id., *Memórias, scenas de infância e Homens de letras*, Lisboa, 1894, vol. 1.º; Alberto Pimentel, *Vinte anos de vida litterária*, pág. 21 onde estuda Herculano sob o aspecto politico; Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo*, II, 7110. R. Ortiz, *ob. cit.*, pág. 298; D. António de Sanches Migue, *Alexandre Herculano de Carvalho*, Madrid, 1893, reproduzido no *Instituto*, vol. XLII (1896) pág. 415 e seg.; Silva Cordeiro, *A crise em seus aspectos morais*, Coimbra, 1896, pág. 18 e seg.; *Novo Alm. de Lembranças de 1879* biogr. por A. X. Rodrigues Cordeiro; *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*, VI, n.º II (1894) elogio por M. Pinheiro Chagas; Agostinho Fortes, *A Herculano Breve esboço da sua vida e obras* Lisboa, 1910; Gomes de Brito, *1.º centenario de A. H. 28 de março de 1810 a 28 de março de 1910. Páginas íntimas*, *ibid.*, 1910; Baltazar Osório, *Janegrico*, *ibid.*, 1910; Teixeira de Queiriz, *Centenario do nascimento de A. H.*, *ibid.*, 1910. Estes últimos são os melhores trabalhos que appareceram por occasião do centenario do nascimento do grande historiador. Veja-se ainda *Bol. da Seg. Cl. de Acad. das Sc. de Lisboa*, II (1910, n.º de homenagem), e J. Agostinho, *A Herculano*, Porto 1910; Gomes de Brito, *Herculano, estudos critico-bibliogr.* no *Dic. Bibl. de Inoc.*, XXI (1914); Ag. Fortes, *Esboço da vida e obras de H.*, 1911; Costa Ferreira, *H. sob o ponto de vista antropol.*, Lisboa, 1911, 1 folh.

² *Ob. cit.* pág. 297.

³ *Panorama*, VIII, (1844), pág. 404.

(1836) sam os protestos da sua razão indignada contra a violação das liberdades políticas e da consciência. Fundou á semelhança do jornal inglês *Penny Magazine* e com o intuito de « derramar a instrução fazendo descer a literatura e a sciência ao nível das intelligências comuns » o *Panorama* (1839)¹ que lhe deu ensejo a publicar as suas interessantes novelas históricas, que reunidas formaram os dois vols. das *Lendas e Narrativas* (1851), dos quais o primeiro compreende: *O alcaide de Santarem*; *Arrhas por fôro de Espanha*; *O Castelo de Faria*; *Abóbada*; e o segundo: *A dama pé de cabra*; *O bispo negro*; *A morte do lidador*; *O párocho de aldeia*; *De Jersey a Granville*. Nêste género de romance histórico Heroullano publicou, discutindo ao mesmo tempo uma têsse filosófica, o *Monasticon* em 2 vols. compreendendo *Eurico o presbitero*, relato á inv. árabe na Península, que foi publicado em 1844, e o *Monge de Cister* publicado em 1843 e referente á época de D. João I. Tudo nêsses volumes é estudado com o maior rigor desde as personagens aos acontecimentos, constituindo uma « intuição quâse profética do passado, ás vezes intuição mais difficultosa que a do futuro ».

A figura capital do 1.º romance é *Eurico*, descendente de antigos nobres e educado em Toledo, que se apaixona por *Hermengarda*, filha do Duque Favila e irmã de Pelayo. Tendo-lhe sido recusada a mão da donzela, vítima do orgulho paterno, Eurico faz-se sacerdote e torna-se pastor espiritual da pobre paróquia de Carteia, na Bética. A sua vida passa-se entre a recordação do amor longinquo, hoje impossivel, e o amor da Pátria invadida e subjugada. Ao peso das suas meditações vem arrancá-lo, um dia, a necessidade de combater o inimigo. Substituindo as vestes sacerdotais pelas armas do cavaleiro tem a ventura de salvar a Hermengarda das mãos do emir Abdelaziz. Mas quando ella descobre no seu salvador a Eurico e nêste presbitero enlouquece. Elle busca a morte voluntária na luta exclamando: « possa o sangue do martir remir o crime do presbitero! »

Nêste romance-poema há episódios sublimes como o da batalha de Chryssus (cap. xi), o do Mosteiro da Virgem Dolorosa (cap. xii), o das elegias do Presbitero (iv a vii). E em todo êle, da primeira á última linha, a mesma igualdade e brilho de estílo, o mesmo colorido e perfeição da linguagem.

No *Monge Cister* a acção desenrola-se no tempo de D. João I, e cavaleiro Vasco da Silva ao voltar da batalha de Aljubarrota en-

¹ Compreende cinco séries; i, vol. 1-5 (1837-41); ii, vol. 6-8 (1842-46); iii, vol. 9 (1846-52), e vol. 10-13 (1853-56); iv, vol. 14-16 (1857-58); v, vol. 17-18 (1866-68). Heroullano obrigara-se com os editores a escrever em todos os n.ºs duas a duas páginas e meia, pelo que recebia 40\$000 rs. mensais, Inoc. Dic., xvii, 136.

contra a sua prometida Leonor casada com Lopo Mendes por ser mais rico e nobre que elle; sua irmã Beatriz seduzida e depois abandonada por D. Fernando Afonso e seu pai Vasco Eanes morto de vergonha e de dôr. Desde então Vasco só alberga o sentimento da vingança e é a frio, serenamente, que assassina Lopo Mendes, e vestindo o hábito de Monge de Cister continúa perseguindo D. Fernando Afonso.

No desenho das figuras, como na dos vários successos Herculano pôs o mais rigoroso cuidado. Citaremos como ex. a retrato moral de D. João I e João das Regras (vol. I, cap. XV e XXIV); o do abade de Alcobaça D. João de Ornelas, tipo de perverso, ao lado de Fr. Lourenço Lampreia (vol. I, caps. VII, VIII), a descrição da procissão de Corpus Christi (II, cap. XVII), a da Festa da Maia (I, cap. IV), o do sarau da Côrte (II, cap. XXV).

Como se vê, tanto no *Eurico* como no *Monge* a figura central dos romances é um sacerdote e é na opposição do dever religioso — o princípio do celibato, com as imposições do coração no 1.º, e no 2.º a luta entre a vocação arrebatada, a profissão monástica feita no delirio da dôr irremediável e as paixões do homem e da sociedade, em que é preciso viver, — que se estriba todo o enredo até o desenlace. Qualquer que seja o nosso juizo sobre o pensamento philosophico, que dirigiu Herculano, o facto é ter elle escrito uma obra, que pôde contar-se como uma produção admirável do engenho humano. Mas vejamos outros trabalhos do autor. Profundas e demoradas investigações nos principaes cartórios do país habilitaram-no a escrever o mais vigoroso dos seus estudos — a *História de Portugal*¹, abraçando o mais difficil período, o das origens, em que, todavia, alguma coisa encontrou já feito no paciente e consciencioso estudo de António Brandão e nos trabalhos de Schäfer sobre a história do nosso país (1836). A celeuma que a *História de Portugal* levantou, pelo facto da ommissão do milagre de Ourique, originou os opúsculos de combate — *Eu e o Clero*, *Considerações pacíficas*, *Solemnia verba*, e o trabalho de mais largo fôlego *História da origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal* (1854-59, 3 vol.). Como sócio da Academia real das sciencias de Lisboa dirigiu a publicação *Portugalia Monumenta Historica*², e quando ainda a pátria muito havia

¹ 4 vols., I, 1846, até D. Afonso I; II, 1847, até D. Sancho II; III, 1849, até D. Afonso III; IV, 1853. Para elucidacão de certos pontos vêr o esplendido trabalho de David Lopes, *Os árabes nas obras de A. H., notas marginaes da lingua e história portuguesa*, Lisboa, 1911.

² Depois da morte de A. Herculano passou a direcção desta publicação para o seu testamentario e amigo, o paleógrafo João Basto que tantos serviços prestou aos eruditos portuguezes na Torre do Tombo, onde era empregado superior. A sua morte (1898) foi uma perda muito sensível. Sobre a indole e a cautela com que devem lêr-se os docs. dos *P. M. H.* vid. *Bol. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa*, II, (1910) 77 e seg. e *ibid.*, X, 1917, 233.

a esperar d'êle, desalentado, só ambicionando a obscuridade e nada mais, abandonou o convívio da sociedade e das letras, e enclaustrou-se na quinta de Vale de Lobos, em Santarém, onde faleceu a 13 de Setembro de 1877. Com êle perdeu a península ibérica o seu primeiro, o seu grande, o seu único historiador, de quem pôde dizer-se, sem lisonja, que reunia a elegância de Xenofonte á energia de Salústio, e a concisão de Tácito e a imparcialidade de Políbio¹. Se o principal título de glória de Herculano é a história, não devemos esquecer que é também um poeta eminente, como o provou com os pequenos poemas que intitulou *Deus, Semana Santa, Arrabida, Cruz mutilada, Victoria e Piedade* e muitos outros.

Os seus artigos mais importantes publicados no *Panorama* ou em folheto foram recolhidos acuradamente nos *Opúsculos*, de que há publicados dez vols., e de que, para se fazer uma idéa, respigamos alguns dos assuntos nêles tratados. Assim temos:

I—*A Voz do Profeta* (1-118); os *Egressos* (135-154); as *Freiras de Lorvão* (193-206).

II—*Monumentos pátrios* (3-54); *Mousinho da Silveira* (171-223).

III—*Eu e o Clero* (1-34); *Solemnia verba* (62-184); *Classes servas na Península* (237-332).

IV—*Os vínculos* (3-104); *Emigração* (107-292).

V—*Historiadores* (3-24); *Feudalismo* (193-300).

VI—*Bens da Corôa e forais* (183-301).

VII—*Forais* (277-286).

VIII—*Instrução pública* (105-163).

IX—*Origem do teatro moderno*.

X—*Reacção ultramontana em Portugal, a Concordata*.

Juntamos ainda um vol., de *Composições várias* e um 1.º vol. de *Cartas*.

Herculano foi um exemplar perfeito de honestidade, tinha a «rigidez de caracter de tempera antiga» e conquistou o respeito e simpatia de todos os homens de bem do seu tempo, a principiar no monarca D. Pedro V² que com a sua amizade honrava o grande escritor do seu reinado como no mesmo tempo Frederico, rei da Prússia, honrava o grande escritor Humboldt³. A sua obra histó-

¹ Ortiz, *ob. cit.*, pág. 334.

² D. Pedro V (1837-1861) era bem digno da amizade do grande historiador, que não podia ser mais profunda, nem mais sincera. Desenhei o perfil do saudoso monarca no vol. *Cartas inéditas de D. Pedro V*, Coimbra, 1903.

³ As palavras entre aspas saem do douto Prof. de Direito da Univ. de Coimbra, Vicente Ferrer de Neto Paiva (1800-1886), que aos 80 anos veio da sua aldeiazinha natal — Freixo, contigua a Lousã, — lêr o elogio do seu velho amigo na sessão solene que lhe consagrou o Instituto. Vid. *O Instituto*, vol. de 1878-

rica, embora não seja impecável, ficará sempre como um modelo de correção e de gravidade.

189. — ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO (1800-1875). natural de Lisboa, foi um cooperador operoso do romantismo ao lado de Herculano e de Garrett. Nenhum deles lhe levou a palma na graça, na harmonia, na pureza e no gosto com que escreveu o nosso idioma. Cego, em virtude da enfermidade do sarampo, desde a idade dos seis anos, a vivacidade das suas faculdades estéticas supriu a vista que a doença lhe roubou. Com seu irmão Augusto, mais novo quatro anos, e que foi para êle amigo e companheiro desvelado, assim como a luz dos seus olhos, estudou o curso de humanidades, concluido o qual, em 1817 se matriculou na Universidade, na Faculdade de Cânones.

A sua tendência romantica, manifestou-se logo nas nove *Cartas de Echo e Narciso*, cujo assunto era tirado da mitologia grega e que apareceram em 1821, na *Primavera* que é de 1822, no *Amor e Melancolia* de 1828, e acentuou-se poderosamente em *A Noite do Castello* (1836) e nos *Ciumes do bardo* (1838).

Quando a Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis iniciou em Lisboa a publicação dos *Quadros históricos de Portugal* Castilho encarregou-se da parte literária, mas a breve trecho tão útil como interessante publicação interrompia-se, ao mesmo tempo que o mavioso poeta partia para a Madeira a acompanhar seu irmão Augusto, que lhe era dedicadíssimo, mas que se achava já condenado pela terrível doença a que succumbiu em breve. Castilho voltou com o coração alanceado, mas brevemente se retemperou na luta sem tréguas das letras. Herculano fundára em 1837 o *Panorama*, Castilho fez pelo seu lado aparecer a *Revista Universal Lisbonense*, que durou quatro anos. Em 1845, de colaboração com seu irmão José, publicava a *Livraria clássica portuguesa* destinada a dar conhecimento por largos extractos, dos melhores escritores portugueses, mas logo dois anos depois o vamos encontrar na ilha de S. Miguel lançando os fundamentos da *Sociedade dos amigos das letras e artes* e dando ao prélo o seu livro *A felicidade pela agricultura*. Vêem a seguir, entre outros trabalhos, o *Tratado de metrificação*, o *Estudo histórico-poético de Camões* e o método primeiramente conhecido pelo nome de *Leitura repentina* e depois por *Método de Castilho*, que êle mesmo dedicadamente ensinava, como apóstolo fervoroso da instrução popular que sempre foi, e que lhe marca um lugar indisputado entre os pedagogistas mais distintos do nosso país. Para o defender publicou os folhetos *Ou eu ou êles* (1853), *Tosquia dum camêlo* (1853) e *Ajuste de contas* (1854). No Brasil, para onde partiu em 1854, escreveu Castilho a sua célebre *Epistola á imperatriz*. Não obstante serem todos os trabalhos, que deixamos enumerados,

suficientes para firmar uma reputação não constituem êles ainda o maior título de glória de Castilho. Efectivamente Castilho é sobretudo e antes de tudo um mestre da fôrma, uma purista, um clássico da linguagem e como tal se revelou principalmente nas traduções que empreendeu dalgumas obras primas das literaturas estrangeiras, como as *Metamorfoses* (1841) e os *Amores* (1858) de Ovídio, a *Lírica* de Anacronte (1866) e as *Georgicas* de Vergílio (1867).

De Molière appareceram quâse successivamente as belissimas traduções do *Médico á força*, *Tartufo*, *Avarento*, *Doente de scisma*, *Sabichonas* e *Misanthropo*; de Shakspeare, o *Sonho duma noite de S. João*; de Goethe enfim, o *Fausto*. Esta última deu origem a uma polémica violenta¹.

Tal o esboço, a largos traços, da vida dêste mestre da língua, que se extinguiu pelas duas horas e meia da tarde do dia 18 de junho de 1875, depois duma dedicação completa ao trabalho, cujo cantor foi, dedicação tanto mais para admirar quanto a fatalidade que o assinalou desde a infância lhe serviria por ventura de desculpa depois da morte².

ROMÂNTICOS E ULTRA-ROMÂNTICOS

Sumário: 190. Sequazes da Escola. Caractéres. F. Xavier de Novais e J. P. de Moraes Sarmiento. — 191. João de Lemos. O «*Trovador*». — 192. Os Poétas do «*Trovador*». — 193. A. A. Soares de Passos — 194. J. da S. Mendes Leal. — 195. Fr. Gomes de Amorim — 196. A. P. da Cunha e Castro. — 197. Thomás Ribeiro. — 198. Bulhão Pato.

190. — Sequazes da Escola. Caractéres. A Escola romântica estava definitivamente implantada pela poderosa influência dos seus iniciadores. Mais ou menos fieis ás fôrmas românticas appareceram numerosos discípulos entusiastas, seguindo o caminho por êles traçado. O abuso e exagêro das normas adoptadas devia produzir mais tarde uma reacção salutar e criar a escola dos *Dissidentes de Coimbra*, que fez enveredar por novo trilho a literatura portu-

¹ Gomes Monteiro, *Os Críticos do Fausto do Sr. Visconde de Castilho*; F. Adolfo Coelho, *Sciência e Probidade, a propósito das pasquinadas do Sr. J. Gomes Monteiro & Companhia*, Porto 1875; J. A. Graça Barreto, *Lição a um literato. A propósito do Fausto. Resposta ao Sr. J. Gomes Monteiro*; J. de Vasconcelos, *O consumado germanista (vulgo o Sr. J. Gomes Monteiro) e o Mercado das letras portuguezas*.

² Muitas obras de Castilho haviam-se tornado raras no mercado. Felizmente possuímos hoje as suas *Obras completas revistas, annotadas e prefaciadas por um dos seus filhos*. Lisboa, 1903-1910, 80 vols. Espalhados por esse monumento, o mais glorioso que podia ser levantado ao imoredouro escritor, encontra, quem quizer pesquisar-lhe a fecunda actividade, materiais de sobejo e dos de mais pura água.

guêsa. Como românticos mais notáveis podemos citar João de Lemos e os poetas do *Trovador*, e vários outros que abaixo designamos. Claro é que a escola romântica tem feições diferentes em todos os seus sequazes, alguns dos quais acentuaram mesmo a sua individualidade. Mas a influência dos processos e método da escola é nêles, mesmo quando reagem, nitidamente acentuada. E' satírica e mordaz em FAUSTIVO XAVIER DE NOVAES (1820-1869) que escreveu um volume de *Poesias* (Porto, 1855) ao gosto de Tolentino a quem excedeu «na largueza dos quadros, na variedade do feitiço e do assunto, na espontaneidade da inspiração, na ausência de artifícios arcadianos, e até, e muito no reflexo da sua pessoa, como altivo e de brios, a contrastar com a nojenta pedincharia do professor de retórica»¹; simples e popular em IGNAÇIO PIZARRO DE MORAES SARMENTO (1807-1870) que illustrou o seu nome com o *Romanceiro ou coleção de romances da Hist. Portug.* (Porto, 1841 e 1845) e os dramas *Lopo de Figueiredo ou a corte de D. João II* (Porto, 1839), *Diogo Tinoco* (Porto, 1839), *Proscripto* (ibid., 1839), e a *Filha do sapateiro* (farça). Mas a escola romântica adquire cambiantes várias desde os poetas do *Trovador* e Soares de Passos até Tomás Ribeiro e Simões Dias.

191. — JOÃO DE LEMOS. O «Trovador» JOÃO DE LEMOS SEIXAS CASTELLO BRANCO (1819-1890) foi conhecido desde o tempo de Coimbra, onde se formou em direito, pela publicação do jornal poético *O Trovador*, interessantíssimo repositório das produções poéticas dum grupo de moços estudantes². Além dêles, alma e director d'essa publicação, faziam parte do *Trovador* Luís da Costa Pereira, A. X. Rodrigues Cordeiro, José Freire de Serpa, Augusto Lima e Couto Monteiro, os autores da sextina

Sôbre as asas da poesia
Aqui nos trouxe a amizade
Cant' mos nas lyras d'ouro
Esp'ranças da mocidade,
E aos bardos da *Primavera*
Mandamos uma saudade.

¹ Novais morreu no Brasil com 49 anos de idade aos 16 de agosto de 1869. O Visconde de Sanches de Frias na obra inédita em verso que do Poeta publicou (*Ignês d' Horta*, comédia semi-trágica em 5 actos Lisboa, 1907) traça com larga abundância de informações o perfil do desditoso escritor, bem digno de melhor sorte. Aí se pôde vêr o retrato do Poeta, também reproduzido no *Occidente*, vol. xxx (1907), pág. 156.

² *O Trovador, collecção de poesias contemporâneas por uma sociedade de académicos*, Coimbra, Impr. do Trovão, 1848. Sôbre o grupo galhardamente capitaneado por João de Lemos ler-se ham com muito proveito as páginas que lhe consagrou Lopes de Mendonça nas *Memórias*, já cit.

em que coube a cada poeta seu verso e que foi deixada em 1844 pelos autores na *Lapa dos Esteios ou dos Poetas* depois de terem festejado o S. João na *Quinta dos Varandas*, que lhe fica em frente. Essa Quinta estava consagrada desde 1822 em que os irmãos Castilhos (António, Adriano, Augusto e José) com outros poetas, lá haviam celebrado em brilhante convivência primeiro a *Festa da Primavera*, depois a de *Maio*, que o 1.º Visconde de Castilho depois immortalizaria no poemazinho *A Primavera*, e onde em 1862 voltaria em saúdosa romagem¹. Na pleiada de moços do *Trovador* saudava Castilho uma nova geração destinada a receber-lhe a herança. «Além do mérito pessoal dos seus redactores, escrevia elle, além do mui elevado conceito que a todos merece a Universidade de Coimbra, existe uma idéa grandiosa que há-de comunicar ao *Trovador* a immortalidade. Os sons maviosos com que a sua lira louva a religião de nossos maiores. as canções em que a honra e o valor portuguez brilham cercados pela glória sam o pensamento da nova geração. O *Trovador* irá até á posteridade coroado com os louros que o adornam, porque traz no peito como devisa a cruz, e traja as cores nacionais»².

O grupo pagava esta saudação do famoso autôr da *Primavera* elegendo o seu Mestre e guia. «Ao desembarcarmos, diz João de Lemos na descrição do passeio a que nos referimos acima, luziu na alma de todos um sentimento, e, de cabeças descobertas, voou dos lábios de todos um nome: o sentimento era a admiração, o nome era *Castilho*»³!

Dentre este grupo sobressaia notavelmente João de Lemos, que se afirmou grande jornalista em defesa dos seus ideais políticos.

No seu *Cancioneiro* (1858-1867) — três vols. com os títulos: I, *Flôres e Amores*; II, *Religião e Pátria* e III, *Impressões e Recordações*, no vol. *Canções da tarde*, há muita produção de verdadeira beleza. Algumas das suas poesias, por exemplo, a *Lua de Londres*, adquiriram popularidade merecida. Arrojo, inspiração, espontaneidade e colorido tais sam as qualidades que brilhantemente afirmou nos melhores das suas produções. João de Lemos escreveu mais: *O tio Damão*, poemeto lírico; *O monge pintor*, poema em 4 cantos, pequeno vol. in-8.º, que foi o seu canto de cisne. Em prosa deixou os *Serões de Aldeia*, 1 vol., e muitos artigos jornalísticos depois colecionados com os títulos *Os Frades*, 1 vol.; *Ele e Ela*, 1 vol.; e a

¹ As festas da inauguração do monumento a Camões iniciaram-se com um passeio á *Lapa dos Poetas* em 5 de maio de 1881. Acaso a geração de hoje conhecerá ainda aquele nome? Cfr. Dr. Teixeira Bastos, *A vida do estudante em Coimbra*, Coimbra, 1920, pág. 42.

² *Rev. Univ. Lisbonense* de 20 de janeiro de 1848.

³ *Trovador*, pág. 198.

Inquisição de 1850, 1 vol.¹. Em Coimbra escreveu o drama em 4 actos *Maria Pais Ribeiro* representado em 1845 no Teatro Académico e *Um susto feliz*, comédia que anda na interessante colecção do *Teatro Moderno*.

192.— Os poetas do "Trovador".—Do grupo do *Trovador*, ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO (1819-1900) deixou *Esparsas*, *Serões de História*, numerosos artigos no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e vários trabalhos inéditos; algumas das suas poesias como a *Doida de Albano*, *Tasso*, *Outono*, tornaram-se populares pelo encanto e toada rítmica; JOSE' FREIRE DE SERPA PIMENTEL (1808) foi autor de vários dramas como *D. Sisanando*, *O A'mansor Aben-Afan*, *D. Sancho II*, várias poesias, solãos, etc.; AUGUSTO JOSE' GONÇALVES LIMA (1823-1867) reuniu os seus versos no vol. *Mu múrios*; ANTONIO MARIA DO COUTO MONTEIRO (1821-1896) deixou numerosas composições no *Trovador* citado. Quando estudante em Coimbra compôu a *Cabulogia*² encerrando inimitáveis paródias do *Camões* de Garrett. Nas poesias de João de Deus andava incluída uma *Melopeia da Dorotheia*, que lhe pertencia. Esta forma humorística sumiu-se no espírito do antigo trovador, para dar lugar às fórmulas e locuções jurídicas, pois Couto Monteiro foi um magistrado muito distinto; LUIS CURREIA CALDEIRA (1827-1859) falecido aos 32 anos, quando tinha aberto deante de si uma carreira de glórias. Lírico como todos os seus colegas do *Trovador* desfere mais tarde as asas para outros e mais largos horizontes fazendo traduções da sublime poesia hebraica, a que pôs o nome de *Flôres da Bíblia*. Basta ler *Jerusalém* e o *Mar Morto* para se vêr que estamos em presença dum temperamento verdadeiramente artistico, a que só faltou a vida para o consagrar entre os primeiros Poetas do género³.

193.—ANTÓNIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS (1826-1860) é um poeta ultra-romantico, melancólico, dum lirismo vago e doentio. Muito conhecido pela balada *O noivado do Sepulcro*, o illustre escritor portuense firmou com o seu nome uma série de poe-

¹ Vid. o seu esboço biográfico por A. X. Rodrigues Cordeiro no *Novo Alm. de Lembranças para o ano de 1891*.

² Ao lado da *Cabulogia* convem citar como elementos para o estudo da vida académica de Coimbra doutros tempos o trabalho de Guilherme Cantazzi, *O Estudante de Coimbra*, págs. 97-220 de *As literárias distrações*, Lisboa, 1861, e ver a *Vida e Feitos de Francisco M. G. da Silveira Nalhão* escrita por elle mesmo, Lisboa, 1824. 4 vols., em que sob a sua forma despreocupada há realmente muito chiste.

³ Pinheiro Chagas dedica-lhe lugar condigno nos *Ensaio Críticos*, 1886. Pinto Castro (Pedro Euzébio) nas *Figuras do Passado* dá o retrato e biogr. do Poeta e transcreve os dois belíssimos trechos citados.

sias repassadas de sentimento, dentre as quais avultam *Amôr e Eternidade*, *Vida*, *Desalento*, a *Ode a Camões* e mais que todas *O Firmamento*, que só por si faria a reputação dum homem de letras ¹, e que já foi considerada superior á famosa ode de Edmond Rostand ao sol no *Chantecler*, superior pela sua pujança e majestade verdadeiramente grandiosas ².

194. — JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL (1818-1896) de Lisboa, dramaturgo, jornalista, poeta, orador académico e parlamentar, crítico, romancista, tendo além disso uma vida agitada no seio da política portugêsa e em cargos e missões diplomáticas. Aos 25 anos tinha escrito, com aplauso do público, os *Dois Renegados*, *Homem da mascara negra*, *O pagem de Aljubarrota*, *D. Ausenda*, e *D. Maria de Lencastre*. Vieram depois numerosos dramas e comédias, dentre os quais obtiveram maior aplauso a *Herança do Chancelier*, os *Homens de marmore*, *O somno d'ouro*, *Egas Moniz* e *Primeiros amores de Bocage*, os últimos que escreveu. Mendes Leal cultivou todos os géneros de poesia, mas foi inegualável no género heróico, onde se contam como verdadeiras pérolas no arrojo e sublimidade a *Indiana* consagrada a Vasco da Gama, *Glória e Martyrio* no aniversário da morte de D. Pedro IV, *Ave Caesar* á morte de Carlos Alberto, *Ante o solio e o túmulo* na morte da rainha D. Maria II, *Napoleão no Kremlin* em que descreve o herói francês em toda a sua glória, nessa inexpugnável cidadela de Moscow, e enfim o *Pavilhão Negro* sobre a afronta que nos fez a França na questão *Charles et Georges*, uma das invectivas mais veementes e mais vigorosas que têm saído da penna de poetas ³.

195. — FRANCISCO GOMES DE AMORIM, o devotado amigo e companheiro de Garrett, foi um poeta de merecimento e um dramaturgo digno de que se lhe registre o nome. Além dos dous vols.

¹ *Poesias por...*, 1 vol. Porto, 1856. A última ed. rev. e aumentada com inéd. e precedida dum esboço biogr. por Th. Braga, é de 1909, Porto, 1 vol. Um contemporâneo do poeta acusou-o de plagiário e precisamente das composições que maior celebridade lhe deram. Foi o Sr. Lourenço de Almeida e Medeiros, que a si atribue a paternidade do *Noivado do Sepulchro* e do *Firmamento*, mas o Sr. Dr. Th. Braga demonstrou peremptoriamente a inpertinência da acusação. Vid. *Rev. lit., científica e artística do Século* de 1904, n.º de 19 de dezembro.

² A. Pimentel, *Bol. da Ac. das Sc. de Lisboa*, III, 1910, 168.

³ Vid. *Mem. polit., lit. e bibliogr.* e *Leituras por Bento Aranha* e que saíram como *Brinde do Diário de Notícias* de 1887; o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1888, biogr. por A. N. Rodrigues Cordeiro; artigo de Rebello da Silva na *Rev. Peninsular*, II; Ortiz; *ob. cit.*, pág. 223 e seg.; Lopes de Mendonça, *Mem. de Lit. Contemp.*, já cit., pág. 159, etc.

de versos *Cantos Matutinos* (1858) e *Ephemeros* (1866), é muito conhecida a formosa poesia intitulada *Flôr de Marmore*. Entre os dramas tiveram imensa popularidade *Ghigi*, *Abnegação*, *Cedro vermelho*, *Herdeiros de Viuva*, e mais que todos o *Odio de raça*; dos romances e narrativas são dignos de lembrança *Selvagens*, *Remorso vivo*, *Duas fiandeiras*, *Muita parra e pouca uva*, etc.

Amorim publicou também uma ed. anotada dos *Lustadas* em que se nota a sua falta de educação filológica, e as *Memórias de Garrett*, cheias de importantes pormenores sobre a vida do seu melhor amigo.

196.—ANTÓNIO PEREIRA DA CUNHA E CASTRO, de Viana do Castelo, um dos mais ilustres partidários da causa de D. Miguel, tendo por isso colaborado, em diversas épocas, no jornal a *Nação* e publicado em 1869 o opúsculo de propaganda *D. Miguel II*, que obteve no seu tempo larga vulgarização. Escreveu vários dramas, sendo os mais notáveis *As duas filhas*, *Brazia Parda* e *Herança do Barbadão* e um vol. de versos a que pôs o título de *Selecta* (1879). A musa de Pereira da Cunha é patriótica e religiosa. No amor da pátria e na fé cristã se inspiram as suas melhores composições, as quais lhe dão incontestável direito a que o seu nome seja recordado com justiça. É impossível esquecer que algumas das poesias da *Selecta*, por exemplo, o *Voto d'Elrei*, podem colocar-se ao lado do melhor que em língua portuguesa se tem escrito.

197—TOMÁS ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA (1831-1901) de Parada de Gonta (Beira Alta) é dos mais festejados e aplaudidos escritores dos últimos tempos; poeta e prosador dos mais elegantes; orador inspirado, historiador e jurisconsulto distinto, dedicou grande parte da sua vida ao jornalismo e á carreira diplomática e política, mas foi como poeta que a sua individualidade mais se acentuou no nosso meio contemporâneo. As suas magnificas poesias *A Judia*, *Festa e Caridade*, o poema *Delfina do Mal*, as líricas conglobadas nos *Sons que passam*, nas *Vesperas*, e nas *Dissonâncias*, apaixonaram a alma popular a tal ponto, que difficilmente se encontraria no país lugar onde alguns desses maviosos cantos não fôsem conhecidos e até de cór recitados. Duma viagem que em 1870 fez á India como Secretário Geral derivaram os seus vols. de prosa *Do Tejo ao Mandovy*, *Entre Palmeiras*, bem como o poemeto *Indiana*¹.

No domínio da investigação histórico-política deixou: *História da legislação liberal*, 2 vols.; *D. Miguel e a sua realeza*.

¹ *Entre Primores*, que se annunciou, nunca chegou a publicar-se.

Propositadamente deixamos para o fim desta imperfeita rese-
nha o primeiro e o mais amável dos seus trabalhos *D. Jayme*, o
poema em que vibra, em cada uma das estrófes, o amor acendrado
à pátria, o entusiasmo pela nossa história e pela nossa vida autó-
noma¹.

Tomás Ribeiro encanta pela melopêa dos seus versos, pela
cândura e simplicidade da sua linguagem. Conhecia todos os segre-
dos do ritmo e da eurtmia e sabia traduzir a suprema perfeição da
idéa numa linguagem melodiosa e pura.

O seu último canto foi o *Mensageiro de Fez*, onde a inspira-
ção, já enfraquecida e quebrada, se alteia por vezes, como águia, às
alturas que, em melhores tempos, fôram sua natural atmoféra.

198.—BULHÃO PATO (Raimundo de...) (1829-1912), n.
em Bilbau de pais portugueses, é o último representante da escola tí-
pica do Romantismo, cujos fundadores conheceu e tratou. O seu nome
ficará eternamente vinculado na história da poesia lírica, e n que
deixou um padrão imorredouro — a *Paqueta*, (1866) e as *Canções
da tarde*, as *Flôres agrestes*, *Sáviras*, *canções e idílios*, etc. A sua
prosa era viva, nervosa, colorida, como o atesta sobretudo o vol.
Sob os ciprestes. Chamaram-lhe o último abencerragem duma gera-
ção de poetas que passou, e com razão². Conviveu intimamente
com a camada dos nossos primeiros românticos Garrett e Herculano,
foi dos corifeos da segunda, companheiro glorioso de Mendes Leal, de
Rebello da Silva, de Lopes de Mendonça, Latino Coelho e tantos mais.

A REACÇÃO CONTRA O ROMANTISMO

Sumário: 199. Como surgiu esta reacção. Elogio-mútuo. — 200. Novas
tendências poéticas. — 201. J. Simões Dias — 202. João de Deus — 203.
Antero do Quental. — 204. Cesário Verde — 205. António Nobre. — 206.
G. de Azevedo. — 207. G. Crespo. — 208. Alex. da Conceição. — 209.
Conde de Monsanto. — 210. Outros Poetas.

199.—Como surgiu esta reacção. Elogio-mútuo. A
morte de Garrett trouxe as mais funestas consequências para o ro-
mantismo. Desaparecia com elle o Mestre que todos estimavam e
cuja obra mais profundamente impressionára o país. Herculano vivia

¹ Esta nota patriótica vibra também nos versos doutro romantico—*Luís
Augusto Palmeirim* (1825) autor da *Vivandeira*, *Guerrilheiro*, *Veterano*, etc.,
poesias inspiradas no alto sentimento da grandeza da Pátria.

² *Occidente*, n.º de 30 de agosto de 1912 biogr. e retrato. A *Acad. das
Sc. de Lisboa* pe a voz de Júlio Dantas prestou-lhe a devida homenagem em ses-
são solene de dez. de 1913. Bulhão Pato dirigiu enquanto pôde com afanoso cui-
dado a publicação das *Cartas de Af. de Albuquerque* até o 4.º vol.

ainda, mas morto inteiramente para a luta pelo isolamento a que êle próprio se submetera na sua Quinta de Vale de Lobos, em Santarém. Restava, pois, Castilho, sendo á sua sombra que se iam acolher muitos dos que enfileiravam pelo caminho das letras e que se julgavam felizes desde que os acolhia, benévolo, o juízo do Mestre. Desta sujeição incondicional á teocracia literária de Castilho nasceu a *Escola do Elogio-mútuo*, acusada de elemento pernicioso e deletério que consagrava as mediocridades, ao passo que se mostrava intolerante e cruel para com aquelles que aspiravam a novas formas tanto na arte, como na politica, tanto no romance, como na filosofia. Em 1865 appareceu o *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas e incluída nêle (pág. 183-423), sob o titulo *Crítica literária*, uma carta ao editor António Maria Pereira firmada por Castilho. Antéro dirigiu-lhe immediatamente a Carta *Bom senso e Bom gosto* que começava «Acabo de lêr um escrito de V. Ex.^a endr., a propósito de faltas de bom senso e de bom gosto se fala com aspera censura da chamada escola literária de Coimbra...» e em que, a seguir, Castilho era acusado de falta de boa-fé e se davam os motivos dos seus ataques que eram, no dizer de Quintal, não a uma opinião literária menos provável, a uma concepção poética mais atrevida, a um estilo ou a uma idéa. «Mas a guerra faz-se á independência irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedir licença aos Mestres... A guerra faz-se ao escandalo inaudito duma literatura desatrada que cuidou poder correr mundo sem o sêlo e o visto da chancelaria dos grão-mestres officiais...»¹

Daqui se originou a polémica designada por *Questão Coimbrã* ou do *Bom-senso e Bom-gosto* que durou mais de seis meses e durante a qual se publicaram algumas dezenas de folhetos assinados por Pinheiro Chagas, Júlio de Castilho, Theófilo Braga, Ramalho Ortigão, Camilo Castello Branco, Urbano Loureiro, António Feliciano de Castilho, Eduardo Vidal, José Feliciano de Castilho, Brito Aranha, Teixeira de Vasconcelos, Luciano Cordeiros e outros. A violência das paixões chegou ao ponto de provocar um duelo entre Antéro e Ramalho Ortigão, que na *Literatura de hoje* magoára a Escola de Coimbra, duello realizado nos subúrbios do Porto e breve terminado após um ligeiro ferimento de Ramalho, mas que causou a mais viva emoção.²

Castilho tinha razão quando dizia não adivinhar bem o que

¹ O folh. *Bom senso e Bom gosto* saiu em 1865 em Coimbra, e foi incluído no vol. *Cartas de Antéro*, Coimbra, 1915, 40-57. Sobre a questão Antéro publ. mais *A dignidade das letras e as lit. officiais*, Lisboa, 1865.

² Vide a enumeração dêstes folhas. em Inoc., *Dic. Bibl.* viii, 404-418; Th. Braga *As mod. idéas*, II, 179; Fran Paxeco, *A Esc. de C. e a dissolução do Romantismo*, Lisboa, 1917, pág. 346.

queria a geração que assim se afirmava rebelde a preceitos de Escola, audaz, violenta e agressiva. Todos êsses noços repelião o passado e citavam os arautos do pensamento que lá fóra revolviam a filosofia, a arte, a estética, a política, a história. Era Michlet e Quinet e Renan, os grandes agitadores de idéas, e Hegel e Vico e Prudhon, Hugo, Balzac, Heine, todos os que se impunham pela literatura, pela conferência, pelo livro ¹.

Castilho alvejava na sua crítica sobretudo Th. Braga, que em 1864 publicára a *Visão dos tempos* e as *Tempestades sonoras*, e Antéro de Quental que em 1865 aparecia com as *Odes Modernas*. A respeito dêles dizia: «pelas alturas em que voam confesso humilde e envergonhado que muito pouco enxergo, nem atino por onde vão, nem assento o que será dêles afinal» ². Castilho sereno e confiado nos seus ideais não compreendia êstes rebeldes e iconoclastas que lhe falavam de Goethe e de Hegel... lhe citavam nomes barbaros e sciências desconhecidas a Glotica, a Filologia, etc. ³

Anos depois em 1871 um grupo que representava este espirito de inovação e de revolta — eram Adolfo Coelho, Antéro, Eça de Queiroz, Batalha Reis e Salomão Saragaya — propôs-se fazer uma série de Conferências no *Casino Lisbonense*. Ainda se realizaram quatro, mas antes da quinta o Marquês de Avila, então chefe do Governo, mandou encerrar o Casino com o fundamento de que nas Conferências «se atacava a religião do Estado e certos princípios que as leis regulam e mandam respeitar». O grupo secundado por mais de 49 adeptos formulou no dia immediato — 26 de Junho de 1871 — um caloroso protesto «em nome da liberdade de pensamento, da liberdade de palavra, da liberdade de reunião, bases de todo o direito publico» ⁴. E Antéro escrevia ao Marquês de Avila uma Carta reivindicando para si e companheiros o direito máximo de expôr as suas idéas e classificando a sua acção de «má e tola» ⁵.

200.— Novas tendências poéticas. Mas a tempestade fez-se e alguma coisa ficou. Das figuras que nêsse movimento entraram eleva-se sobranceiramente pela acção decisiva sôbre a geração contemporânea — Antéro de Quental poeta que qualquer nação invejaria, e Eça de Queiroz, e pouco depois Ramalho Ortigão, João de

¹ Eça de Queiroz, *Notas Contemp.*, 349; Antéro, *Carta autobiogr.* Ao Dr. W. Storck.

² Na 2.^a ed. do poema de P. Chagas, Lisboa, 1901, pág. 179.

³ Na já cit. *Carta Autobiogr.*

⁴ Os docs. desta questão apareceram no *Diário do Gov.* de 14 ag. 1871. O 5.^o e último é o parecer do Procurador da Corôa, que então era Martins Ferreira, homem de grande saber e grande honradez.

⁵ No vol. das *Cartas*, cit., 57-69.

Deus e tantos outros. A escola de Coimbra teve o mérito de dar o rebate e acordar toda a geração que se lhe seguiu. Desta revolta contra o velho Castilho, o «árcade póstumo» como então se dizia, ou melhor contra o século e a escola que êle simbolizava, derivou toda a renovação contemporânea: o mutualismo na poesia de Cesário Verde, o romance de Eça de Queiroz, na história de Oliveira Martins.

A poesia liberta-se de fórmulas, é independente, insubmissa, «individual». Popular como Sinões Dias, patriótica com Tomás Ribeiro, filosófica com Antero de Quental, simples e amável com João de Deus, revestindo em cada qual sua feição própria — no que está o seu valor — aspira a ser cada vêz mais perfeita.

Esse cuidado da forma fez enveredar a poesia para o *Parnasianismo* que havia de, por sua vês, vir a produzir, como sucedeu em França, o *Symbolismo*.

Ao lado da impecabilidade da forma, que em França tivera o seu primeiro cultor em Leconte de Lisle (1820-1894) teria-se a nota *pessimista* com A. de Vigny (1797-1863) e com Musset (1810-1857). Essas correntes encontraram eco em Portugal como passamos a vêr.

201. — JOSÉ SIMÕES DIAS (1844-1899) da aldeia Benfeita, no concelho de Arganil, começou muito cedo a manifestar o seu talento poético, tendo fundado em Coimbra com Emídio Navarro e Lopes Praça o jornal *Academia*, com Teófilo Braga a *Crisálida* e colaborando com João Peres no jornal dêste — a *Folha*, e em outras revistas e publicações académicas. Concluída a formatura em 1868 consagrou-se ao ensino secundário em Elvas, Viseu e Lisboa tendo escrito com êsse destino alguns trabalhos didácticos. Os seus versos saíram coleccionados com o título *Peninsulares*, abrangendo quatro partes: *Elegias, Canções, Odes e Poemas*¹. Simões Dias caracterizou-se a si próprio com inteira verdade escrevendo que quis fugir ás peias do convencionalismo romântico e retemperar-se nas águas lustrais da inspiração popular, a única verdadeiramente humana e sincera, e que as suas obras poéticas são na sua maior parte versos amorosos e elegíacos, de carácter subjectivo, como aliás os faziam os menestres do tempo e hão-de de fazê-los sempre os poetas meridionais, enquanto durar o bom sol da Península, que tam generosamente os ilumina e aquece². De facto, a sua musa foi genuinamente popular, simples e espontânea, aninhando alguns dos seus versos na tradição, como se fôsssem nascidos da mesma alma do povo. A 3 de março de

¹ 5.^a ed., com um estudo crítico-biográfico pelo Visconde de Sanches de Frias, Lisboa, 1899, 1 vol. Este mesmo escritor dedicou ao poeta a maior parte do livro *Memórias litterárias, apreciações e críticas*, Lisboa, 1907.

² Na advertência da 4.^a ed.

1893, com 55 anos Simões Dias exalava, pobremente, entre um pequeno círculo de amigos, o último suspiro.

202.— JOÃO DE DEUS ¹ (1830-1896) é um lírico inimitável e o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguém teve a arte de dizer cousas mais belas em frases tão simples. Esta beleza e esta simplicidade casavam-se numa harmonia tão íntima, que tudo que saía da sua penna trazia o cunho do génio. E' percorrer as páginas do *Campo de Flôres* e vêr que tesouro se não encerra nessa colecção completa das suas poesias! João de Deus nasceu em S. Bartolomeu de Messines a 8 de março de 1830. Terminou o curso de direito na Universidade de Coimbra em 1859, mas só em 1862 abandonou a cidade ², deixando já um nome glorioso aureolado pelas composições que logo revelaram o poeta lírico simples e espontâneo que havia de ser toda a sua vida. Não dêsse tempo a elegia *Rachel*, a *Noite de Amores*, o *Adeus* e o poemeto *A Vida*, que principia com o extraordinário soneto:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava

.....

Das suas poesias fôram muitas publicadas em periódicos, hoje recordados apenas por terem o grande nome de João de Deus nalguns dos seus números; outras apareceram avulsas, várias andavam por mãos de amigos num descuido completo do grande joalheiro, que lapidava tam belas e raras preciosidades. Deve-se a Teófilo Braga a ed. dos versos e das prosas de João de Deus, aquela com o título *Campo de Flôres* ³ (1896), esta com o de *Prosas* ⁴ (1898). Mas a alma que conheceu tam belos cânticos imaginou também o mais simples e intuitivo método de leitura de que uma nação se póde orgulhar. *A Cartilha Maternal*, declarada nas côrtes de 1898 método

¹ *Echo sc. e lit.*, n.ºs 2 e 3 de 1902, art. de Th. Braga; Reis Damaso, *João de Deus e a sua obra*, Lisboa, 1895.

² Da vida académica do poeta ninguém escreveu páginas mais sentidas que o Dr. Pinto Osório (Pedro Enrico) nas *Figuras do Passado*, 51 e segs.

³ *Campo de Flôres, poesias líricas completas coordenadas sob as vistas do auctor*, I *Poesias líricas*; II *Sátiras e Epigr.*; III *Versões e Imitações. Teatro*, por T. Braga, 4.ª ed. Lisboa, s. a. 1915).

⁴ *Prosas, narrativas singelas, cartas, prólogos, críticas, cartas sobre o método de leitura, cartas intimas, através da imprensa, traduções, coordenadas por T. Braga. Lisboa, 1898.*

de leitura nacional, continha êsse mavioso *hino do amor* que as crianças na sua melopêa infantil cantam:

Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazareth
Em companhia
De São José
O bom Jesus
O Deus-Menino.

.....

A mocidade das escolas fest-jou-o numa grande apoteóse a 8 de março de 1895, que muito comoveu a alma do grande e ilustre poeta¹. M-nos dum anno depois, a 11 de janeiro de 1896, fal-cia êle em Lisboa, deixando as letras pátrias em luto pela sua perda irreparável.

Donde vem a grandeza de João de Deus? Da sua naturalidade: nada de esotérico, nem de artificial, nem de patológico em nenhuma das suas composições.

Alma simples, ingénua e bondosa, deu-nos sómente reflexos dela: versos simples, duma limpidez de cristal, fazendo-se amar pela sua mesma cândura, e espontaneidade.

Chamou-se-lhe o poeta do amor; o asserto é justo, que o fogo que aqueceu e inspirou a alma de Camões, Bernardim Ribeiro, Cristóvam Falcão e outros é o mesmo que aquece e ilumina os versos do autôr do *Campo de Flôres* — « Campo de estrelas, jardim sideral, lrio de luz inocente, a que mil milhões de anos não roubarão uma pétala », escreveu Guerra Junqueiro.

203. — ANTÉRO TARQUINIO DE QUENTAL (1842-1892)
é outro poderoso génio da nossa literatura, mas de feição diversa da de João de Deus. Logo em Coimbra começou por exercer na sua geração uma espécie de magistratura moral. Independente, insubmisso, melhor venceu o seu nome quando em 1862 tendo visitado Coimbra o Principe Rial de Itália, que depois foi Rei Humberto, êle na saudação que fez, disse-lhe: « Os estudantes da Univ. de Coimbra saudam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de Carlos Alberto; a mocidade liberal portugêsa saúda, em nome da liberdade do mundo católico, o filho de Victor Manol. Não é ao representante da casa de Saboia, que vimos prestar homenagem, é ao filho do primeiro soldado da independência italiana... » Antéro

¹ Vid. *O Festival de João de Deus. 8-III-1895... com um escoreço biográfico por T. Braga*. Lisboa, 1906, 1 vol.

foi um dos fundadores da Sociedade do *Raio* e as poesias escritas nesta sua quadra académica já se distinguem, como todas as posteriores, pela profundidade das idéas aliada a uma grande perfeição de forma ¹. E' preciso conhecer-se a psicologia mórbida de Antéro, as suas preocupações filosóficas, os seus estados de alma atormentados de dúvidas, de desesperos e de apatia, que o conduziram á noite fatal de 11 de setembro de 1891, para bem compreender as suas poesias, onde o pensamento filosófico mais abstracto soube, pelo dom do talento, encontrar uma forma sublime e inspirada.

Antéro publicou diferentes opúsculos como a *Dejeza da Carta evangélica de S.S. Pio IX contra a chamada opinião liberal* (1864), que era um protesto violento contra as folhas que atacavam o *Syllabus* em nome da liberdade, pretendendo ao mesmo tempo permanecer fiéis católicas; a *Carta ao Marquês de Avila e Bolama sobre a portaria que mandou fechar as Conferências do Casino Lisbonense* (1871) ², violenta sátira que fez baquear o ministério Avila-Bolama. A seguir publicou as *Causas de decadência dos povos peninsulares nos séculos XVII e XVIII* e as *Considerações sobre a filosofia da história Literária Portuguesa*, que elle próprio dizia ser o melhor trabalho em prosa, «prosa não de convenção, arremedando o estilo dos séculos XVI e XVII, mas duma prosa que tem o tipo na lingua viva e falada hoje, analítica já nos movimentos da frase, e na linguagem ainda e sempre portugêsa.»

Antéro entrou na *Questão coimbrã* com os dois opúsculos *Bom senso e Bom gosto* e *Dignidade das letras e literaturas officiais*, como dissemos atrás.

Mas as suas obras principais sam *Raios de extinta luz* ³, *Odes modernas* ⁴ e os *Sonetos* ⁵.

Esprito eminentemente filosófico se tivesse nascido, escreveu Bulhão Pato, duzentos ou trezentos anos atrás seria um cenobita, talvez retirado nas agruras da montanha, elevando os seus hymnos a Deus, em extásis místicos! (*Memórias*, I, 297). O que apressou a

¹ Tem págs. dum inédito encantador a respeito de Antéro o livro do Dr. Pinto Osório (Pedro Eurico) *Figuras do Passado*, cit., 77 e segs.

² «As conferências democráticas que evidentemente excitaram as iras públicas e officiais foram as duas do sr. Antéro do Quental, escreve A. Coelho, a minha sobre o ensino. e a annunciada do sr. Salomão Saraga sobre os *Historiadores críticos de Jesus...*» *A Portaria de 26 de junho proibindo as Conferências democráticas, carta pública ao Marquês d'Avila e Bolama, por F. Adolfo Coelho*, Lisboa, 1871, 1 folh., pág. 10.

³ *Poesias inéd.* (1859-1863) com outras pela 1.^a vez coligidas, publ. e precedidas dum escurso biogr. por Th. Braga, Lisboa, 1892.

⁴ *Odes...*, contendo várias composições inéd., Porto, 3.^a ed., 1898.

⁵ *Sonetos completos* publ. por Oliv. Martins, 2.^a ed. aumentada com um Apendice contendo trad. em alemão, fr., ital. e esp., Porto, 1890.

hora trágica do suicídio foi, muito mais que as dôres físicas, a dôr moral, o desconforto que dos homens e dos factos se infiltrou na sua alma de crente. Tinha a fé dum romântico, o entusiasmo pelos ideais que haviam sentido os poetas e os políticos de 1830. Tenho passado a vida, escrevia. êle próprio, a professar teóricamente uma imparcialidade estoica e a desmenti-la constantemente nos meus sentimentos. E assim era. Foi porque muito soube *sentir* que êle muito sofreu. Antéro como escritor é simplesmente admirável. Pensamento e forma, elevação, grandeza, sublimidade de idéas sam vasadas numa linguagem de que êle conhecia os segredos, e que é duma concisão e beleza verdadeiramente esculturais ¹.

204. — CESÁRIO VERDE (1853-1886) malgrado poeta, sincero, verdadeiro e original, perfeitissimo na sua arde de apanhar em flagrante a realidade, de descrever do *natural*, sem resabos doentios nem formas contorcidas, os pequenos quadros da sociedade, que passavam pelo prisma do seu espirito delicadissimo de artista.

« Evocar o seu nome, escreveu Silva Pinto, é um tributo a algumas sinceridades que nos domínios da nossa poesia vêem nêle o inspirador e o guia na interpretação poética da Natureza universal e da Dôr humana » ². As composições poéticas, que nos deixou a sua forte inspiração, distinguem-se por um grande espirito de verdade e de naturalidade e fôram colleccionadas e publicadas por Silva Pinto no *Livro de Cesário Verde* (1873-1883, 1 vol., 1901). Essas cem páginas do *Livro* valem muitos volumes e representam uma obra genial.

205. — ANTÓNIO NOBRE (1867-1900). Dentre os poetas da geração nova, alguns dos quais tam brilhantemente se têm afir-

¹ Sobre Antéro vid. os curiosissimos estudos reunidos na publicação *Antéro do Quental — In memoriam*, Porto, 1896; e a ed. dos *Sonetos* por Oliveira Martins, 1890; Bulhão Pato, *Memórias, scenas da infância e homens de letras*, já cit., vol. 1.º, pág. 295. N'A *Revista, mensario de sciências e letras*, do Porto (2.º ano, 1904) fôram publicadas muitas cartas suas interessantes como docs. literários e bibliográficos. Essas e muitas outras fôram public. no vol. *Cartas*, Coimbra, 1915 precedido dum largo estudo (vii-lxvii) de João de Faria e Maia. E' também indispensável lêr *Archivo dos Açores*, vol. xii, pág. 160 e segs., e a *Carta Autobiográfica* inserta entre outros lugares, a pág. 267-268 do vol. de Leite de Vasconcelos, *O Doutor Storck*, já cit. e nas *Cartas* a 1.º com que abre o vol. A. Sergio, *Notas sobre os sonetos e as tendências gerais da filosofia de A. do Q.*, Lisboa, 1909; F. de Figueiredo, *A. do Q., a sua psychologia, a sua filosofia, a sua arte*, Lisboa, 1909; A. Arroyo, *A viagem de A. do Q. á América do Norte em A. Aguiar*, n.ºs 56-57 (1916). Pedro Eurico, *Figuras do Passado*, 77-120 dá muita nota inéd. sobretudo da época coimbrã.

² *Noites de Vigília*, n.º 2, pág. 53.

mado, destaca pela sua poderosa e exquisita originalidade outro malogrado poeta que a tuberculose roubou, aos 33 anos, no dia 18 de março de 1900, quando ainda êle próprio, numa fementida esperança, se preparava para nos dar mais ampla e robusta obra. A morte, porém, não o poupou, infelizmente para nós, mas não para a sua memória, que tem a perpetuá-la êsse volume de preciosos versos denominado *Só*. A vida de António Nobre passou-se uma boémia despreocupada, fóra do lar a que êle aspirava voltar mais do que para morrer — para trabalhar, para viver a sua vida de espírito, no meio da paz, com os amigos e com os versos. Tendo principiado por se matricular em Coimbra na Faculdade de Direito, breve abandonou êste curso para seguir em Paris o de sciências políticas que completou em 1895.

A comoção produzida pelo seu livro foi enorme. O *Só* impôs-se, desde que foi publicado, pela sua alta inspiração, deçura e maviosidade rítmica e um não sei quê de bondade, que era um reflexo da alma do poeta. E nada mais deixou de completo e acabado. Póstumamente foi publicado o volume *Despedidas* (1 vol., 1902), de que faz parte o poema *Desejado*, infelizmente incompleto. Anunciou-se também outro volume com o título *Primeiros versos*.¹

206. — GUILHERME DE AZEVEDO (1846 † 6 de abril 1882) deixou três vols. de poesias a conquistar-lhe a admiração e estima de todos os cultores das belas letras — *Aparições*, *Radiações da noite* e sobretudo, *Alma Nova*. Espírito scintilante fundiu com Rafael Bordalo Pinheiro o *António Maria* (1873) e foi o cronista do *Ocidente* (1878), cargos que só abandonou para ir para Paris como correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Escreveu para o teatro, onde não foi feliz, *Rosalino* e a *Viagem á roda da Parvónia* em que entrou a colaboração de Guerra Junqueiro e que lançou a público com o pseudónimo de « Comendador Gil Vaz ». Esta última peça era uma espécie de revista e subiu á scena no teatro do Ginásio de Lisboa na noite de 17 de janeiro de 1879. Caiu tam ruidosamente que o Governador Civil a pretexto de perturbação de ordem pública proibiu no dia immediato a representação!

207. — GONÇALVES CRESPO (1846 † 11 de Junho 1883), de familia portuguesa, nascido no Brasil, poeta de requintada sensibilidade e do mais delicado espírito, enriqueceu a literatura portu-

¹ Vide o seu retrato, o autógrafo e muitos docs. in *A Águia*, I (1911) n.º 10, Porto; Visconde de Vila-Moura, *António Nobre*. Porto, 1915; A. Forjaz de Sampaio, *Os Bárbaros*. 1. *António Nobre*. Lisboa, 1919 e em réplica a êste livro César de Frias, *A afronta a A. N.*, Lisboa, 1920.

guêsa com dois padrões de incontestável mérito: *Miniaturas* (1870) e os *Noturnos* (1882) ¹. De colaboração com sua esposa, a distinta escritora D. Maria Amália Vaz de Carvalho escreveu os *Contos para nossos filhos*. G. Crespo formou-se em Direito na Univ. de Coimbra e foi redactor do *Jornal do Comércio*, pertencendo á geração de João Penha, Simão Dias, Guerra Junqueiro e tantos mais, que em Coimbra deram a nota da graça e do espírito.

208. — ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO (1842-1889), poeta, crítico e polemista insigne, que terçou armas com Camilo Castelo Branco por causa do romance *Euzébio Macário*. Primeiramente romantico como o provam os mais belos versos do vol. *Alvoradas* (1865), evoluiu para o realismo e nessa fase atacou Camilo que êle acusou de querer *lançar o ridículo sobre a escola realista* ². Na pleiade dos poetas do seu tempo... tinha mercidamente lugar de honra pela largueza dos traços, pelo colorido das tintas, pela feição muitas vezes irónica e discretamente naturalista com que floreava o pincel sobre telas que ainda hoje sam formosas ³.

209. — CONDE DE MONSARAZ, (António de Macedo Papança) (1852-1913) — poeta lírico consagrado pela opinião pública desde que em 1880, por ocasião das festas comemorativas do tricentenário de Camões recitou na *Sala dos Capelos* da Univ. de Coimbra as formosas estrófes do seu poemeto *Catarina de Ataíde*. Era um delicado artista, que punha grande cuidado e empregava uma arte requintada em burilar os seus versos, sempre harmoniosos e inspirados. No vol. *Obras* (Lisboa, 1895) andam reunidos o poemeto aludido e mais *O Grande Marquês* e *A lenda do jesuitismo*, que antes formavam o vol. *Telas Históricas* e haviam sido escritas por ocasião do centenário do Marquês de Pombal em 1882. O vol. último que publicou tem o título de *Musa Alemtejana* (Lisboa, 1908) e é todo sugerido pela região a que êle se orgulhava de pertencer. Alguns quadros como *As Mondadeiras*, que reproduzimos na *Antologia*, sonetos, como a *Calma*, os *Bois*, etc. só podiam sair da pena dum verdadeiro artista ⁴.

¹ *Obras completas* precedidas duma advertência por J. de Sousa Monteiro e Prefácios de Teixeira de Queiroz e D. Maria Amália Vaz de Carvalho, 1 vol., Lisboa, 1897; vid. também Cândido de Figueiredo, *Figuras literárias*, Lisboa, 1906, pág. 55.

² *Combates e Críticas*, 2.^a ed., 1907; Alberto Pimentel, *Vinte anos de vida literária*, já cit., 175.

³ Cândido de Figueiredo, *Figuras literárias*, Lisboa, 1907, pág. 152.

⁴ Retrato e art. crítico de A. Sardinha em *Terra Nossa*, n.º 2 (1916).

210.— Outros poetas. Ao lado dos que citamos avultam os nomes de alguns Poetas, a quem a morte prematura não deixou que a memória se vinculasse a larga e profunda demonstração do seu talento como era justo esperar. Estão neste caso GUILHERME BRAGA (1845-1874) immortalizado pelo seu vol. de deliciosas líricas *Heras e violetas*, cuja 3.^a edição (1917) revela que a sua lira tem alguma coisa de superior que se impõe, o que bem se conhece pelo trecho que na *Antologia* o leitor adiante encontra e em que poderosamente se condensa a idéa da tortura e da desilusão, característica dos seus versos. ANTONIO FOGAÇA († 1888) falecido no seu 3.^o ano jurídico e que publicou um ano antes de morrer os *Versos da Mocidade*, reeditado em 1903. EDUARDO COIMBRA (1867-1884) autor dos *Dispersos*, livro de líricas de fina composição e de inspiração sentida e apaixonada. HAMILTON DE ARAÚJO (1868-1888) cujas *Canções dum Bohémio* evocam em nimbo de profunda saudade o seu nome de inspirado poeta. ALFREDO SERRANO († 1904) que, além do vol. *Horas de prosa*, publicou o vol. de poesias *Manhã dourada*, ambos os quais a crítica acolheu benevolmente. É mais vasta a obra de EDUARDO AUGUSTO VIDAL, de quem temos *Folhas soltas*, *Canto do estio*, *Crepúsculos* e *No Ocidente*, em prosa *Contos da sêsta*, e *Entre a murta*. Na *Questão Coimbrã* deixou o epísculo *Guelfos e Gibelinos*, que é dos mais notáveis; e para o teatro o *Saboyano*, *Ao luar* e *O que fazem as roças*, e a de AUGUSTO LUSO DA SILVA (1902)¹ autor do vol. *Odes*, da *Colecção de poesias*, mas nem um nem outro iguala qualquer dos que antes deles citamos.

O nome de FERNANDO LEAL (1846-1910) em quem a Índia, donde era natural (Margão) perdeu um dos seus filhos mais ilustres não pode ficar esquecido. Há traduções que elle fez da língua franceza para a nossa que só por si bastam para fundamentar a sua reputação. Notável de espontaneidade e de colorido é também o seu *Livro da Fé*, (Nova Gôa, 1906).

A POESIA NOS SEUS ÚLTIMOS REPRESENTANTES

211.— A poesia nacional no periodo que podemos chamar contemporâneo quebrou o elo que a prendia ao passado, ou fôsse pela continuidade da tradição, ou pela sobrevivência dum ou outro grande nome de escola. Todo o poeta procura prescrutar-se a si próprio e de si próprio, das suas emoções e sentimentos, tirar o fundo de beleza, que deve animar as suas produções. Alguns lembram ainda o apego ao classicismo, traduzem tendências de educação, que não podiam

¹ Retrato e notas biogr. no *Occid.*, 1902, pág. 112.

desaparecer dum jacto, outros sam individualistas, fugindo a toda a imitação e se escolhem velhos temas de eterna beleza esforçam-se por vazá-los na mais pura, na mais requintada e perfeita das fórmulas. Aos primeiros pertence JOSÉ RAMOS COELHO (1832-1914) que deixou nos cinco vol. *Preludios poéticos*, estreia de 1857, *Novas poesias*, *Lampejos*, *Cambiantes* e *Reflexos* amostras da facilidade do seu estro, que é aquecido pela nota dum patriotismo sincero. Conhecedor das linguas modernas soube traduzir no mais puro vernáculo algumas gemas de poetas estrangeiros, sendo de notar-se, como mais notável, a *Jerusalém Libertada* de Tasso, vertida em 8.^a rima ¹.

MANOEL DUARTE DE ALMEIDA (1844-1914) é dos nossos poetas mais ilustres. As suas *Estâncias ao Infante D. Henrique* manifestam uma ardente fé patriótica. E se a sua musa respira elevação deante do grande vulto histórico que canta, não é menos sentida deante de pequeninos temas, como na *Elegia panteista a uma mosca morta* ou na *Terra Azul*, colecção de poesias em vários géneros. Rigoroso na técnica do verso, conhecia-lhe bem os segredos, e por isso tinha autoridade entre os seus contemporâneos, confiando-lhe, por ex., João de Deus, a revisão das suas composições ².

JULIO DE CASTILHO (1840-1919) é o herdeiro dum nome glorioso nas letras pátrias, que êle também honrou distintamente. Purista intransigente a sua obra literária é uma obra moral, saída do cérebro e da consciência. A *Lisboa Antiga* consagra-o como historiador e arqueólogo, ao lado da *Ribeira de Lisboa* do mesmo teor.

As suas *Memórias de Castilho*, como a ed. das *Obras Completas* de seu Pai, deu-nos o ambiente literário, político e social em que se formaram êle e a sua geração e serão sempre um elemento indispensável a todo o que quizer estudar essa época. O seu vol. de de versos *Manuelinas* e os *Factos Portugueses* documentam a sua capacidade e o seu bom gosto. Este volume, o último que escreveu, é em verso branco e escrito no casticismo peculiar aos Castilhos. A traça do livro não deixa de ser original, pois Júlio de Castilho quis glosar dia a dia acontecimentos da história pátria como lhe impressionavam o espírito, mas, como era natural, o estro sente-se preso da realidade episódica e perde bastante em elevação e espontaneidade.

JOÃO PENHA (1839-1919) é o contemporâneo de Gonçalves

¹ Ramos Coelho deixou uma bela ed. do *Hyssope*, Lisboa, 1879, e publicou um vol. de larga investigação histórica, *Memórias do Infante D. Duarte*, monografia valiosa deste desgraçado irmão de D. João IV. Natural de Lisboa foi durante largos anos Conservador do Arquivo Nacional.

² De Vila Real de Trás-os-Montes. As *Estâncias* foram conhecidas desde a recitação delas feita pelo autor em sessão solene na Soc. de Instr. do Porto em honra do Navegador. Cfr. *Inoc. Dic. Bibl.*, xvi, 173.

Crespo, Simões Dias, Gomes de Amorim, Frederico Laranjo, Cândido de Figueiredo, Alberto Pimentel, Guerra Junqueiro e doutros, que formavam em Coimbra um grupo de cavaleiros do Ideal, quando ele de 1868 a 1873 tomou a direcção do jornal literário *A Folha*. Já no meio académico era o correctíssimo sonetista, que sempre se conservou. O vol. *Rimas* saiu em 1892 dividido em 4 partes — *Vinho e Fel*, *Violão nocturno*, *Onofre* e *Lira de Pangloss* e abrange as composições dessa época. Em 1905 fez sair em Coimbra *Novas Rimas* e já não viu terminada a publicação em 1919 *Ultimas Rimas*. Sabe-se das torturas físicas e morais que atingiram os últimos anos da vida do mais alegre boémio que tem transitado por Coimbra. Que melancolia a dos seus últimos versos, últimos também no valor. Nos primeiros volumes cita-lo é onde deve procurar-se o estalão do seu merecimento literário.

Infeliz como João Penha foi outro talento poético, que desapareceu quâse despercebidamente no recolhimento dum hospício. Referimo-nos a JOAQUIM DE ARAÚJO (1858-1917) que além de ser distinto poeta foi bibliófilo e bibliógrafo notável, deixando trabalhos que como *A Infanta D. Maria* muito honram o seu espírito de investigador consciencioso. Fica a sua obra dispersa por grande número de jornais e de revistas literárias, ou por pequenos folhetos, publicados lá fóra em tiragens pequenissimas, sendo de lamentar que não haja quem a reuna, pois nela muito há que aprender e aproveitar. Intitula-se o seu livro de poesias *Lira Intima* compreendendo duas partes — *Canções de Abril* e *Filigranas*, em que há composições delicadissimas, que mereceram a Antéro de Quental uma apreciação muito lisongeira¹.

ANTONIO FEIJÓ (1862-1917) falecido longe da pátria, em Estocolmo, onde era ministro, a quem alguém chamou o último lírico nacional. Vivendo distante do seu país é a paisagem da sua terra natal, Ponte de Lima, que lhe inspira a imaginação, fazendo dêle um espírito de escol, notável de sobriedade elegante, de colorido e graciosidade. Por ocasião do centenário de Camões escreveu o *Sacerdos Magnus* em que o verso epo-lírico é digno do príncipe dos nossos Poetas. Vieram depois *Líricas e Bucolicas*, *A' janela do Ocidente*, *Cancioneiro Chines*, *Ilha dos Amores* e *Transfigurações*, todos impregnados dum verdadeiro fulgor de inspiração e de beleza.

JOÃO LUCIO († 1918) talento roubado às letras na flôr dos anos e que na vida académica se revelou dotado de grande originalidade.

¹ *A Infanta* é constituída por uma série de notas históricas-artísticas, que rectificam e completam o que a sôr da illustre Filha de D. Manoel já publ., saiu em Genova em 1909, em fol. illustr. A apreciação de Quental sob o título *A Poesia na actualidade* appareceu no *Jornal do Comercio* de 7 julho 1881 e em sep., Porto, 1882.

Os seus livros *Descendo* e *O meu Algarve* ficaram como documentos duma arte profundamente pessoal, que *Na asa do sonho* mais se avigora e particulariza. Nesta resenha rápida não devemos esquecer o nome duma Poétisa, que teve a sua época de fama e de brilho e firmou poesias de autêntico valor — AMÉLIA JANNY, († 1914) que apareceu no mundo literário pela mão de Castilho no famoso *Teatro Académico* de Coimbra em maio de 1862 e que depois a apresentou encomiásticamente na *Conversação Preambular* do poema *D. Jaime* de Tomás Ribeiro. A sua musa é tranquila, doce e perfumada, como o foi todo o seu viver, consagrado ao amor de Coimbra, á amizade do pequeno grupo de admiradores que com ela conviviam, ao círculo de grandes e fecundos ideais que lhe povoavam o coração — a amizade entre os indivíduos, a paz entre os cidadãos, o progresso e a liberdade. Viveu eternamente joven, querida e estimada e quando ela desapareceu alguma coisa se foi com ela — desta paz dourada que nos nossos tempos perturbados nos parece um sonho. A obra de D. Amelia Janny ficou dispersa por grande número de revistas literárias. Era um preito merecido que Coimbra lhas reunisse. As poesias *Progresso* de 1867 e *A Guerra* de 1870 impr. á parte em folh. sam hoje raras ¹.

FERNANDES COSTA (1848-1920) militar que para a arma de artilharia, a que pertenceu, escreveu trabalhos de valor, jornalista de grande saber que como tal se afirmou em numerosos jornais, queremos dar-lhe aqui lugar como poeta lírico que o foi e muito distinto tendo firmado quer traduções, quer originais do maior valor. Lembremos daquellas *Alguma coisa* de Bartina, a que deu o relêvo do original e destes os numerosos sonetos espalhados pelo *Almanack Bertrand* e que saíam da sua pena com perfeição parnasiana ².

POESIA DRAMÁTICA

Embora não escrevessem todas as suas obras em verso e embora também cultivassem outros géneros podemos aqui mencionar aqueles dos nossos autores que nos últimos tempos se tornaram insignes na forma dramática. Os principais sam:

212.— FRANCISCO PALHA (1826-1890) poeta de feição humorística e satírica como se revelou na *Fabia*, tragédia heróica em três actos e mais tarde se acentuou no *Andador das almas*

¹ Pedro Eurico [psedónimo do falecido magistrado Dr. Pinto Osório, éle próprio literato de raro brilho] *Figuras do Passado* Lisboa, 1915, 205-236, publicou-lhe o retrato e várias poesias algumas inéd.

² José Fernandes da Costa Júnior é mencionado no *Dic. Bibl. de Inc.* III, 319.

e em *A morte do Catimbão*. Palha foi durante 24 anos empresário do teatro da Trindade e comissário do governo junto do Normal e nestes cargos prestou ótimos serviços á arte dramática e seus cultores, já pela nacionalização de muitas novidades estrangeiras, já pela sua influência e acção dentro do nosso próprio meio nacional.

213.— FERNANDO CALDEIRA (1841-1894) é um delicado dramaturgo de fôrma requintadamente artística. A sua primeira comédia *O sapatinho de setim* valeu-lhe, desde que foi conhecida, verdadeira consagração. Apareceram depois a *Mantilha de renda* e as *Nadadoras*, ambas em verso, em dois actos, finissimas de contextura e de perfumada graça. O mesmo filigranista se revela no seu vol. de versos. — *Madrugada* ¹.

214.— JOAQUIM ALVES CRESPO († 1907) foi um escritor distinto, apaixonado cultor da fôrma, que o vol. de versos *Escola* bastaria para consagrar. Enriqueceu a literatura dramática com a comédia *Jogo de Cartas*, com a trad. do drama de André Theuriet *João Maria* e a comédia de F. Copée *Le passant*. Há também dêle o elogio do Prof. Manoel Bento de Sousa.

215.— D. JOÃO DA CAMARA (1852-1908). O nome dêste escritor ficará perduravelmente ligado á sua obra dramática notabilissima.

Os dramas históricos *Afonso VI*, *Alcácer Qebir*, os dramas de psicologia social *O pantano*, *A toutinegra real*, *Rosa Engeitada*, *Amôr de perdição*, as comédias *Os velhos*, *A triste viuvinha*, *Meia noute* demonstram o seu grande talento privilegiado, essencialmente artistico. Numerosas outras peças teatrais, originaes e traduzidas, algumas também escritas de colaboração com outros autores, dam á medida do que valia êste primoroso escritor, um dos que melhor soube honrar a nossa literatura teatral ². Era uma alma *crente* e cheia de bondade.

216.— SOUSA MONTEIRO (José Maria) [1846-1909] natural da cidade da Praia, da ilha de Santiago, arquipélago de Cabo Verde, intransigente purista e admirador dos clássicos, poeta, jorna-

¹ O n.º de 29 de dez. 1907 de a *Soberania do Povo*, jornal de Agueda, traz o retrato do Poeta e ó-lhe inteiramente consagrado.

² Enumeração bibl. em *Ocid.*, onde êle escreveu durante doze anos a *Crónica Occidental*, n.º de 10 jan. 1908.

Escritor fecundo no género dramático foi *José Ignacio de Araújo* (1827-1907) autor de *A princesa de Arrentela*, trag. burlesca; no mesmo gosto *O Principe Escarlata*. A maior parte da sua obra ficou ou inédita ou dispersa pelos jornais e revistas. Era essencialmente um poeta popular.

lista e dramaturgo. Um dos seus últimos trabalhos para o teatro foi o *Auto dos Esquecidos* escrito para as festas do Centenário da Índia.

Para o teatro adaptou o *Falstaf*, e traduziu o *Pato bravo* de Ibsen. Como sócio da Academia das Ciências tomou parte em numerosos trabalhos dessa corporação, elaborando relatórios, pareceres, etc., e pronunciando discursos, dos quais se tornou célebre o recitado na sessão solene comemorativa do Centenário de Cervantes em 1905.

O romance histórico *Os amôres de Julia* é uma reconstituição da vida romana no tempo de Tibério, onde a cultura documental se casa harmónicamente com as exigências da arte e da imaginação ¹

Póstumamente saiu o drama lírico em verso *D. Pedro* ² com prefácio de António Cândido.

217.—MIXIMILIANO EUGENIO DE AZEVEDO (1850-1911) foi distinto autôr dramático, sendo numerosos os seus trabalhos, quer originais, quer traduções, sobresaindo como dos de maior valor o drama *Inês de Castro* representando pela primeira vez em 1894. Escreveu também um livro de contos *Em campanha e no quartel* de narrativas militares.

218.—RANGEL DE LIMA (Francisco) (1839-1909) jornalista, cuja obra ficou, como a de tantos outros dispersa e esquecida em breve, e dramaturgo, género em que deixou algumas produções como a *Pedra de escândalo*, *Condessa de Freixial*, *Visão redentora*, etc., representados nos melhores palcos portugueses com agrado e até com entusiasmo.

Era apaixonado por assuntos de arte, sendo o fundador da *Sociedade promotora de Belas-Artes de Portugal* e das revistas *Artes e Letras* e depois da *Arte*, em que deixou numerosos artigos.

219.—ANTONIO DE SOUSA BASTOS (1844-1911) autôr de comédias, dramas, mágicas, revistas do ano, quer originais, quer traduzidas, que aspiravam a ser não obras de gosto literário, mas trabalhos de ocasião. Sousa Bastos foi empresário teatral, conhecendo, portanto, perfeitamente a vida dos palcos, a que consagrou a *Carteira do Artista*, o *Dicionário do Teatro* e numerosos artigos no *Diário de Notícias*.

220.—Mas, áparte D. João da Câmara, todos êstes nomes sam eclipsados pelo de MARCELINO MESQUITA (1856-1919), homem de teatro no mais rigoroso sentido da palavra, que deixou uma obra cheia de audácia e de originalidade, percorrendo todos os tons, desde o cómico

¹ Biogr. e retrato no *Occidente*, n.º de 20 de outubro de 1909.

² Lisboa, 1913.

ao trágico, conseguindo dominar e impôr-se ás plateias pelo conhecimento por assim dizer espontâneo, imprevisto e fulgurante dos recursos scénicos e representativos, que tinha como ninguém. Basta dizer que quem escreveu êsse acto comovedor da *Dôr suprema* foi quem nos deu a deliciosa aguarela, encantadora obra prima de graça e de pintoresco, que se chama *Peraltas e Sécias*. Ainda estudante escreveu o drama em verso *Leonor Teles*, em que desenha as figuras dessa sedutora intrigante e do fraco e apaixonado D. Fernando I. Em 1885 a *Pérola* regeitada pela emprêsa do teatro D. Maria deu pretexto a uma violenta polémica na imprensa que teve o mérito, pelo menos, de tornar conhecido em todo o país o nome do autor. A obra dramática de Mesquita é muito vasta constituindo quâse um triunfo cada peça que foi apresentada ao público desde a primeira até á última — *Phrinea*, aproveitando com habilidade e delicadeza o têmea da vida dessa cort sã grega, tam famosa, como celebrada, em um acto, acolhida com aplauso no palco do teatro Nacional. *O Velho Tema*, *Almas doentes*, *Pedro o Cruel*, *Envelhecer*, *Sempre noiva* e tantas mais demonstram a flexibilidade do seu talento dramático e a maleabilidade do seu estilo, que se acomodava maravilhosamente a todas as scenas. Certamente a peça que melhor grava a sua memória no bronze da história é a tragédia histórica, *O Regente*, inspirada numa nobre e patriótica intenção. O protagonista é o Infante D. Pedro, o sábio filho de D. João I, gloriosa figura dessa imortal *Inclita Geração*. Ao seu lado eleva-se, épico como êle, D. Alvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, heróico e cavalleiresco, e a infeliz rainha D. Isabel torturada entre o seu anôr de filha e o seu amôr de esposa, D. Afonso, Conde de Barcelos, e 1.º Duque de Bragança, etc.

Marcelino Mesquita, além de colaborar em vários jornais escreveu o romance *Quatro reis impostores* sobre os aventureiros, que se quizeram fazer passar como o verdadeiro D. Sebastião, o livro de contos *Na azenha* e o vol. de poesias *As Meridionais*. Mas repetimos — a sua glória estriba-se sobretudo no teatro, que encheu com o seu talento essencialmente impressivo, fulgurante e teatralizador ¹.

¹ Marcelino Mesquita era do Cartaxo, onde tinha as suas propriedades, e cujo grangeio nos últimos anos se entregava. Era formado em Medicina.

P R O S A

Sumário : 221. A História e sciências auxiliares. Causas do desenvolvimento. — 222. Cunha Rivara. — 223. Visconde de Santarem. 224. Rebello da Silva. — 225. Latino Coelho. — 226. Pinheiro Chagas. — 227. Oliveira Martins. — 228. Judice Bickel. — 229. Soriano. — 230. Martins de Carvalho. — 231. Luciano Cordeiro. — 232. Lino de Assunção. — 233. Chaby. — 234. Viterbo. — 235. Loureiro.

221. — História e Sciências auxiliares. A literatura histórica no séc. XIX foi honrada por homens de insigne valor. O movimento iniciado no séc. XVII por Fr. António Brandão e no imediato continuado por Caetano do Amaral, Santa Rosa Viterbo, Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro, veio ter a sua corôa em Herculano, mestre e modelo que os historiadores do futuro muito ganharão em lêr e meditar. Investigações seguras, apreciações rigorosas e bem deduzidas, estilo grave, majestoso e severo sam qualidades que o exornam e fornecem boa lição aos estudiosos. As *sciências auxiliares da história* como a archaeologia, a história literária, etc., tiveram também cultores no presente século continuando um movimento, que vai juntando incansavelmente e sem desânimo muitos materiais colhidos nos arquivos e bibliotecas do País, e que agora tem vivos, felizmente, muitos e apaixonados representantes.

222. — CUNHA RIVARA (Joaquim Heliodoro da) (1809-1879) o notável bibliotecário da Biblioteca de Évora, que êle organizou e dirigiu ¹ proficientemente, organizando igualmente o rico Arquivo Municipal ², no meio dum trabalho indefeso, patientissimo, de longos anos, (1838-1853), o insigne secretário do Governo Geral da Índia Portuguesa, que com tanto denodo e brilho defendeu o glorioso padroado da Índia, hoje perdido ³, foi um erudito investigador, um pesquisador de factos e sucessos a que deu sempre relevo pela sua sinceridade e pelo amor da verdade, como se vê nos documentos publicados no *Arquivo Portuguez Oriental* (1853-1866) e no *Cronista de Tisuary* (1866-1869). Bons 20 anos de paciência inesgotável nos arquivos da Índia lembraram-no a Sá da Bandeira quando ministro da marinha em 1858 para continuador das *Décadas* de Barros e Couto, tarefa de que não chegou a desempenhar se.

Em 1877 regressou á pátria, fixando residência em Évora,

¹ *Catálogo dos Mss.* I, 1850 (Innoc., IV, 83), continuado por Joaquim António de Sousa Telles de Matos (Id., X I, 13).

² 5 vols. dos Mss. existentes no Arquivo da Câmara Municipal de Évora.

³ Redacção desses trabalhos em Innoc., XII, 60.

onde faleceu quando se occupava de dous interessantes assuntos — *Bocage na India e Camões na India*, que nunca chegaram a imprimir-se. Saber, consciência, sinceridade, trabalho, tais os característicos de Rivara ¹.

223. — O VISCONDE DE SANTAREM ² (1791-1856) foi um investigador notável como o provou com diferentes trabalhos, entre os quais avultam: o *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo...* (vols. 1 a 8 e 14 e 15), a *Memória sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa de Africa occidental...* (1 vol.) e muitos outros, alguns em francês, todos reveladores da sua vasta erudição e do seu constante e aturado estudo. Nos dous vols. *Opúsculos e Esparsos* (Lisboa, 1910) reeditaram-se vários trabalhos seus espalhados por Boletins e Revistas scientificas, hoje de difficil consulta. Conquanto sejam pequena parcella, diz o erudito prefaciador d'esses vols., do muito que produziu aquele assombroso espirito de investigador e crítico... e nstituem um padrão glorioso das prodigiosas faculdades do afanoso labor, da criteriosa intelligência, da inexgotável erudição, do saber profundo, do atilado discernimento e do alto patriotismo daquelle que as escreveu e lhes deu publicidade ³. A *Correspondência* abrange 8 vols. e é uma fonte riquissima de informações de toda a ordem de indispensável consulta para o historiador da época. (Lisboa, 1918-19). O sábio de novo n.º aparece nos vols. recentemente publicados — *Estudos de Cartografia antiga* (I, 1919-II, 1920) com largo Prefácio de Aires de Sá.

224. — LUÍS AUGUSTO REBELO DA SILVA (1821-1871), um dos discípulos mais notáveis do romantismo. Os primeiros trabalhos dignos de menção, que escreveu foi o *Ráusso por Homi-*

¹ Innoc., *Dicc.*, iv. mas sobretudo xii, onde vem bibliographia extensa. Seria injustiça não deixar aqui menção de José António *Ismael Gracias* († 1919) que continuou com brilho na India o nome de Rivara. A sua obra patriótica ficou patente em muitas publicações, de que só agora citaremos *O Oriente Português*, revista de preciosa documentação sobre o nosso domínio ultramarino.

² Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita Leitão e Carvalhosa Cfr. Innoc., *Dicc. Bibl.*, v, 135 e xvi, 217; P. Chagas, *Dicc. Pop.*, xi, 150; *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 21.ª série, 357 e seg., e *Id.*, 23.ª série, 1 e seg., onde começaram a ser publicadas muitas cartas suas, que abrangem o período de maior actividade scientifica do seu autor. Ed. aparte: *Algumas Cartas inéditas do V. de S. com uma introd. e notas por Vicente Almeida d'Eça*, Lisboa, 1903, 1 vol.; A. Baião, Visconde de Santarem como guarda Mór da Torre do Tombo, Coimbra, 1909, 1 folha; Jordão de Freitas, *Onde nasceu o 2.º Visconde de Santarem?* Lisboa, 1913; Ferreira da Fonseca, *Visconde de Santarem, apontamentos para a sua biografia*, Lisboa, 1907.

³ Sr. Jordão de Freitas, no *Prólogo*, ao 1.º dos vols., p. viii.

zio, romance histórico do reinado de D. Sancho 2.^o ¹, e o *Odio velho não carsa*, fundado numa tradição do século XIII. Seguem-se o delicioso conto, que descreve um episódio do reinado de D. José I, *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, e a *Mocidade de D. João V*, que é de 1852. No ano imediato saiu *Lagrimas e Tesouros* referente ao reinado de D. Maria I, em que as qualidades históricas soblevam as novelísticas, e o seu trabalho capital com o historiador — a *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, 5 vols., escrita entre 1860 a 1871. A sua linguagem era correctíssima e as qualidades do estilo brilhantíssimas como se pôde vêr, além dos livros citados, nos *Fastos da Igreja*, onde descreve o primeiro século do cristianismo. Nos *Varões ilustres das três épocas constitucionais* a correção e a elegância casam-se numa perfeita harmonia com os dados históricos dos seus biografados. Continuou o *Quadro Elementar do Visconde de Santarem* ².

225. — JOSÉ MARIA LATINO COELHO (1825-1891), foi um políptico doutíssimo, escritor de grande erudição, exímio professor, historiador primoroso e clássico duma vernaculidade irrepreável. As brilhantes qualidades da sua linguagem revelam-se nos numerosos trabalhos a que vinculou o seu nome. Entre elles selectaremos: — *A história política e militar de Portugal desde os fins do século XVIII até 1814* ³; e os estudos considerados como modelos: — *Luís de Camões*, 1 vol., 1880 e *Vasco da Gama*, 2 vol., 1884.

Latino Coelho traduziu do grego a belíssima *Oração da Corôa*, de Demóstenes ⁴ e do alemão o *Gladiador de Rarapa*. Como sócio da Academia Real das Sciências de Lisboa compôs e publicou diversos estudos biográficos sobre o Cardeal Saraiva, Rodrigo da Fonseca Magalhães e outros portugueses ilustres ⁵, andando dispersa

¹ Saiu na *Rev. Universal*, de 1842-43.

² Consultar para a sua biogr.: Andrade Ferreira, *Lit., Música, etc.*, já cit., pág. 43 e segs.; Teixeira de Vasconcelos, *Cartas de Paris*, vol. 2.^o, pág. 568; A. N. Rodrigues Cordeiro, *Almanach de Lembranças para 1874*; Bulhão Mattos, *Sob os cyprestes*; *Serões*, n.^o de abril de 1907, sobre a parte iconográfica; o 1.^o vol. das *Obras completas* insere o excursão biogr. do brilhante escritor. Foi um grande serviço essa edição dirigida modestamente pelo grande admirador de Rebelo da Silva, que já havia dirigido as igualmente edições completas de Castilho (e com que amor!) e de Garrett. 3 vols. 1874.

⁴ *A Oração... versão do original grego precedida dum estudo sobre a civilização da Grécia*, 1879, 1 vol.

⁵ Vid. Inoc. *Dic. Bibl.*, v, 37 e xiii, 97. Elogio académico por Sousa Monteiro, na *Hist. e Mem. da Acad. das Sc. de Lisboa*, viii, pág. 1, 1900), pág. 1-21; J. Antonio de Freitas, *Atlantida*, i (1916), 1043; Livro de Homenagem a Latino Coelho em 29 de agosto de 1916 (25.^o aniv. da sua morte).

por jornais e revistas grande parte da sua actividade literária, que agora começa porém a coligir-se estando já publicados os vols. *Fernão de Magalhães* (1917), *Garrett e Castilho* (1917), *Tipos Nacionais* (1919) e *Cervantes* (1919). Aí se pode admirar o artista insigne que era Latino.

226. — MANOEL PINHEIRO CHAGAS (1842-1895), escritor de notáveis e fecundas aptições literárias, de xou bi grafias, romances, folhetins, dramas, poesias, história, etc. Político notabilíssimo, orador insigne, jornalista, a sua prodigiosa actividade parecia não ter limites. As suas obras mais estimadas são em verso o *Poema da mocidade*¹ (1864); no género dramático: *A Judia*, *A morgadinha de Val-flor*, *O drama do povo*, a *Roca de Hercules*; no género histórico a *História de Portugal*², *História alegre de Portugal*³. *Portuguêses ilustres*: no romance *A flôr sêca*, *O juramento da Duquesa*. *As duas flores de sangue*, *A mantilha de Beatriz*, *Tristeza à beira mar*, etc. Pinheiro Chagas colaborou em inumeráveis jornais, dirigiu o *Dicionário Popular* em 16 volumes⁴ e fez numerosas traduções. A *Morgadinha de Val-flor* representada em 1869 no meio de vibrantes aplausos consagrou-o como um dominador das platéias. Entre as flores dum canteiro na Avenida da Liberdade, em Lisboa, foi erguido em 1908 um busto dêste escritor, que foi um protótipo de honestidade, trabalho e bondade. Mas há outra homenagem a erguer-lhe e é a publicação integral das suas obras, que serão sempre uma lição para todos os que amam a língua portuguesa que, poucos, como êle, escreveram com tanto brilho, talento e maleabilidade.

227. — JOAQUIM PEDRO DE OLIVEIRA MARTINS (1845-1894), publicista ilustre, natural de Lisboa, onde nasceu aos 30 de abril de 1845 e prematuramente falecido na maior pujança do talento em 1894. Começou aos 14 anos a carreira comercial, indo aos 24 administrar as minas de Santa Eufênia em Espanha e conservando-se aí até 1874. Nêste ano veio para Portugal, onde permaneceu até á morte, que foi uma verdadeira perda nacional, tanto havia ainda a esperar das suas fecundas qualidades intellectuais.

¹ A pág. 182 e seg. insere a carta de Castilho — *Critica Literária* — dirigida ao editor da obra A. M. Pereira, e que deu origem á *Questão de Coimbra*, como já dissemos.

² Teve na 1.^a ed. 8 tomos e saiu na 2.^a com 12. Saiu há pouco uma 3.^a ed.

³ 3.^a ed., 1891.

⁴ Vid. sobre a bio-bibliografia de Pinheiro Chagas — Inoc., *Dic. Bibl.*, xvi, 288; *Ocidente*, vol. xviii, n.^o de 15-Abril-1895.

O seu elogio hist. na Acad. R. das Sci. de Lisboa foi feito pelo sr. H. Lopes de Mendonça no dia 8 de maio de 1904. Vid. ainda sr. Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo*, iii, 109 e seg.

Oliveira Martins iniciou a sua carreira literária aos 19 anos com a publicação do romance histórico *Phabus Moniz*, que obteve êxito mediocre para quem, como êle, se havia de revelar um dos mais lúcidos escritores na história, na literatura e em diversos trabalhos da ordem económica e filosófico-religiosa. Dentre os trabalhos históricos mencionaremos a *História da Civilização Iberica*, a *História de Portugal*, o *Portugal contemporâneo* e os seus últimos trabalhos *A vida de Nun'Alvares*, os *Filhos de D. João I*, e o *Príncipe Perfeito*, que deixou incompleto. Todas estas obras se prendem, como os títulos indicam, á história do país, mas Oliveira Martins escreveu trabalhos de história geral, sendo primacial aquelle que êle mesmo designava como o « coração das suas obras » e que é realmente dos mais belos e mais profundos — a *História da República Romana*, deixando mais *As raças humanas e a civilização primitiva*, *O Hellenismo e a civilização christã*, *Quadro das instituições primitivas*, etc. Sem de character económico: *O Regimen das riquezas* (2.^a ed., 1894, 1 vol.), o opúsculo *Reorganização do Banco Commercial, Politica e Economica Nacional* (1 v. l.) e a memoria apresentada á Academia Real das Sciências de Lisboa, *A circulação fiduciária*, etc.

Oliveira Martins tinha um poder de análise e de descrição verdadeiramente assombrosos. A sua linguagem é encantadora, adquirindo o estilo das suas obras, principalmente as históricas e as quasi puramente literárias, como a *Inglaterra de hoje* (2.^a ed., 1894, 1 vol.) escrita sob a forma epistolar, e as *Cartas Peninsulares* (1895, 1 vol.) todos os tons e todas as intensidades. Mais considerado rigorosamente sob o aspecto scientifico é indubitável que nêlo o artista sobreleva o investigador, e o estilista excede e chega a fazer esquecer o frio dissecador e analista dos factos históricos.

Menéndez y Peláyo chamou-lhe com todo o direito o « autor artista histórico » que a Península produziu em nossos dias ¹. Quer dizer êle não é um frio construtor das personagens do passado e das épocas em que ellas viveram. A sua poderosa imaginação baseada não em trabalhos originaes, como o fez Herculano, como o fez hoje Gama Barros, mas nas narrativas dos cronistas, discreta, por vezes,

¹ D. Carolina Michaëlis, *Uma Obra inéd. do Condestável*, cit., 31. Ahamos demasiado severo o juizo de E. Prestage na *Rev. da Hist.*, vol. de 1916, pag. 32, « A Hist. de Portugal de Oliveira Martins; é Michelet em via reduzida », etc.

² Vid. Antero de Quental — *Oliveira Martins, o critico literário, o economista, o historiador, o publicista, o politico*, Lisboa, 1894, 1 foilh.; *Serões*, n.º 27, setembro de 1907, art. do sr. J. L. d'Ávila acompanhado de 7 illustrações, 1 vinhete e 1 adagio, pag. 167; Leite de Vasconcelos, *O doutor Stork*, pag. 248.

mais livremente do que lho permitiria a realidade. Lança afirmações, estabelece juízos, dita sentenças, que criam o desalento, geram o pessimismo, fazem perder a fé. A esta acção destruidora e negativista, que se destaca sobretudo da *Hist. de Portugal e do Portugal Contemporâneo*, há que opôr o entusiasmo do escritor pela inclita geração e pelo Santo Condestabre desenhados a grandes traços épicos nos *Filhos de João I* e de *Nun'Alvares*. Que elle tinha té no país, que também pensava em *organisar* e não só em destruir, mostra-o o seu livro *Política e Economica Nacional* e o seu *Projecto de lei do fomento rural*. A attitude de espirito de O. Martins, era idêntica á de Ramalho Ortigã, nas *Farpas*, á de Eça nos seus romances, á de Antéro na sua *fil sophia*. Era um mal do tempo, de que procuravam libertar-se na medida do possível.

228. — JÚLIO FIRMINO JUDICE BIKER († 1899), laborioso escritor que tendo sido encarregado de continuar a *Collecção de tratados, convenções, etc.*, do visconde de Borges de Castro, deixou o *Suplemento á collecção de tratados, convenções, contractos e actos públicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potências desde 1640* (I a XXII do *Suplemento* ou IX a XXX da *Collecção*); *Collecção de tratados e concertos de pazes que o Estado da India Portuguesa fez com os reis e senhores com quem teve relações nas partes da Asia e Africa Oriental desde o principio da conquista até ao fim do século XVIII*, 14 vol.), trabalhos estes de penosas e curiosissimas investigações. Deixou mais: *Documentos inéditos para subsidio á história eclesiastica de Portugal*, catorze documentos relativos aos reinados de D. João V, D. José I, D. João VI e regência de D. Pedro, e a *Collecção dos negócios de Roma no reinado de D. José I*, etc.

229. — SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO (1802-1891) deixou várias obras históricas, podendo citar-se como mais a que intitulou *História do cerco do Porto* (2 vol.). No vol. *Revelações da minha vida e memórias de alguns factos e homens meus contemporâneos* (1 vol., 1860) há noticias interessantes que se prendem mais ou menos com a história geral do país, como as notas sobre Coimbra e a Universidade (pág. 68 a 297), a descrição geográfica dos Açores (470 a 308), etc. Publicou mais a *História da guerra civil* (19 vol.), e a *Vida do Marquês de Sá da Bandeira*. Soriano foi um benemérito, deixando um rasto luminoso da sua memória, entre outros factos, no legado de 12:000\$000 réis á Misericórdia de Coimbra para subsidios de três alunos pobres nas aulas desta cidade.

230. — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO (1822-1898) benemérito filho de Coimbra, cujos interesses intemeratamente advo-

gou durante toda a sua operosa vida jornalística principiada com o *Observador* (1847) e continuada no *Conimbricense* (1854) até á sua morte, sucedida a 18 de outubro de 1898. Nas páginas do seu jornal ficou dispersa uma numerosa aluvião de notícias de alto interesse para a história geral e particular do nosso país. O mesmo interesse se liga aos seus volumes *Apontamentos para a história contemporânea* e *Os assassinos da Beira* ¹.

231.—LUCIANO CORDEIRO (1844-1900) jornalista, crítico e autor de numerosos trabalhos sobre viagens, questões económicas, coloniais, históricas, etc. Fundador da Sociedade de Geografia, ao engrandecimento e prosperidade da qual consagrou todos os seus esforços, pela sua rasgada iniciativa, pela sua actividade incansável, pela honestidade do seu viver, postos desinteressadamente ao serviço da causa pública, impôs-se como um modelo de sacrificio e de corajosa abnegação, em que há muito a louvar e imitar.

Dentre as suas numerosas obras mencionamos como principais: *Livro de Crítica, Arte e Literatura Portuguesa de hoje, 1868-1869*; *Segundo livro de Crítica*; *Viagens: Espanha e França*; *Viagens: França, Baviera, Austria-Itália*, *Soror Mariana, a freira portuguesa, etc.*

Luciano Cordeiro morreu a 24 de dezembro de 1900 com 55 anos de idade ².

232.—LINO DA ASSUMPÇÃO († 1902) escritor infatigável, cuja actividade ficou assinalada em bastantes vols. de investigação histórica. Falecido a 1 de nov. de 1902, deixou: *Frades e Freiras* (curiosidades monásticas), *As Freiras de Lervão*, *as Monjas de Semide*, *As últimas freiras*, *Histórias de frailes*, apreciáveis como elementos da vida conventual em Portugal e que elle pôde conhecer muito bem como Director, que foi, das Bibliotecas e Arquivos do reino, obrigado por isso a folhear todos os documentos dos conventos, á medida que éstos iam sendo extintos. Tem mais: *Narrativas do Brasil* (1876-1880); *Mil e seiscentas legoas pelo Atlantico*; *O Catholicismo (Da costa ao sertão)*; *Fim de seculo (historias do meu tempo)*; *As festas d'outr'a*, *Matheus de Magalhães*; *Em Hespanha (Arte e paisagem)*; *Miscelanea*; *Diccionario dos termos de architettura*; *Historia dos jesuitas e Martyres* (paraphrase duma

¹ Vid. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria*, Coimbra, 1910, pág. 1-12.

² Veja-se a sua biogr. muito documentada no *Novo Almanach de Lembranças* para 1904.

lenda christã), que é o seu último livro. Para o teatro escreveu: *Eva*, drama em 4 actos; *Os Lazaros*, drama em 5 actos; *A Pátria na oficina*, comédia em 1 acto; a *Gramática*, id. em 1 acto; *Maldita campanha*, id., id., *Dormir acordado*, id., id., *Monsenhor*, que é o seu último drama. Escrevia ainda no *Dia* e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

233. — CLAUDIO BERNARDO PEREIRA DE CHABY (1818 1905) — notável escritor militar, cuja vida de austeridade e de trabalho foi um exemplo e um alto ensinamento. Dentre os seus trabalhos literários e científicos destacaremos: *Excerptos históricos e colecção de documentos relativos á guerra denominada da Península* (1863), *Apostamentos para a história da legião portuguesa ao serviço de Napoleão I* (1863); *Apostamentos biográficos de sua majestade imperial o senhor D. Pedro IV* (1864); *Maguas e flôres* (poesias, 1855); *Só Deus*, poemeto (1856); *Do Porto a Lisboa*, versão do espanhol anotada pelo tradutor (1856).

234. — SOUZA VITERBO (Francisco Marques de) (1846 1910) é um dos mais honestos, mais incansáveis e mais valiosos trabalhadores de moderna literatura histórica portuguesa.

As numerosas monografias por elle publicadas versando os mais variados assuntos têm todas o cunho da consciência e da probidade. Iniciando a sua carreira litteraria pelo livro de versos *O anjo do pudor* (1869) breve se orientou para os trabalhos históricos, o último dos quais foi *D. Lenor de Portugal, Imperatriz da Alemanha* (1910).

As dezenas e dezenas desses trabalhos eram sempre acompanhados da parte documental parecendo impossível que um só homem, de mais no último período da vida cego, podesse ter reunido tanta vasta documentação para dela tirar as devidas conclusões. De xemos arquivados aqui os nomes dalgumas das suas principais obras — *Dicionário hist. e documental dos Arquitectos, Engenheiros e Constructores portuguezes...*; *Noticia sobre pintores portuguezes ou que exerceram a sua arte em Portugal*; *Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos sécs. XVI e XVII*; *A armaria em Portugal*; estudos sobre *Sá de Miranda*, *Caminha*, *Damião de Goes*, *Fr. Luis de Sousa*, *Duarte Galvão*; numerosas memórias sobre *Artes e Artistas em Portugal*, etc., etc.

A lista das suas obras pode ver-se quâse completa na *Enciclopédia Portuguesa*, vol. XI. Por ocasião da sua morte todos os jornais e revistas publicaram artigos encomiásticos da vida e obras do prestimoso cidadão, devendo citar-se entre todos o *Diário de Notícias*,

de que êle fôra constante e devotado colaborador. Parte dessa obra jornalística foi póstumamente reúnida no vol. *Cem artigos de jornal*¹.

235. — ADOLFO FERREIRA LOUREIRO (1836-1911) engenheiro distintíssimo de que sam prova os trabalhos técnicos que deixou e aqui não é lugar de nomeiar, pelos seus estudos e investigações históricas é uma figura importante da vida literária contemporânea. Além do livro de poesias *Espinhos e Amores* (1889) escreveu para o centenário da Índia os dois volumes — *No Oriente e De Napoles á China*.

Adolfo Loureiro foi dos bibliófilos mais apaixonados que temos tido, deixando uma livraria riquíssima de assuntos militares, e em determinados pontos inegalável, como em tudo que se referia á Guerra Peninsular, etc.

SCIÊNCIAS AUXILIARES DA HISTÓRIA

Sumário: 236. A arqueologia, etc. — 237. Pinho Leal. — 238. Felipe Simões. — 239. Vilhena Barbosa. — 240. J. A. Vieira — 241. Estácio da Veiga. — 242. Martins Sarmento. — 243. Aragão. — 244. Zeferino Brandão. — 245. Consigheri Pedroso. — 246. Gabriel Pereira. — 247. Outros autores...

236. — Arqueologia, Humismática, Heráldica, etc. Durante o séc. XIX fôram muitos os escritores, que dedicaram pacientes e aturadas investigações a êstes interessantes estudos, que em tam alto apreço sam tidos hoje em todos os países.

237. — AUGUSTO SOARES DE AZEVEDO BARBOSA DE PINHO LEAL (1816-1884), é o autor do *Portugal Antigo e Moderno*, vasto repositório de informações topográficas e históricas acerca das povoações e monumentos do nosso país. Trabalhou nessa obra quarenta anos, levando-a até págs. 412 do vol. 10 sendo daqui por deante continuada até o vol. 12 por Pedro Augusto Ferreira († 1913) com o mesmo zelo e desinteressada abnegação. Copiosos fôram os dados recolhidos quer da tradição oral, quer da leitura de velhos livros e códices espalhados pelas bibliotecas públicas e particulares do reino. Nêsse monumento erguido á custa de tantos sacri-

¹ O elogio histórico de Sousa Viterbo foi lido na *Ass. dos Arqueólogos Portug.* pelo Dr. Alfredo da Cunha em sessão solene de 31 de dez. de 1911, e novamente pelo mesmo distinto poeta e escritor na sessão solene do Ateneu Comercial do Porto em 29 de dezembro de 1913.

Vid. também o *Instituto*, vol. de 1911; *Ocid.* n.º de 20 de janeiro de 1911, e o discurso do Dr. Pedro de Azevedo na sessão da Academia de 9 de fev. de 1911, no *Bol. de Seg. Cl.*, 17, (1911), pág. 244-251.

fícios nem tudo, sem duvida, está a coberto da critica, mas nem por isso elle fica menos como um padrão a conferir aos seus autôres titulo de verdadeiros beneméritos ¹.

238. — DR. AUGUSTO FILIPE SIMÕES (1835-1884) professor da Faculdade de Medicina na Univ., deixou importantes trabalhos sobre sciências médicas, sendo o mais importante o vol. *Educação Física* ². A *Introducção á arqueologia da península ibérica* ³; a *Reliquias da Architectura romano-byzantina em Portugal* ⁴, a *Exposição retrospectiva da arte ornamental portug. e espanh. em Lisboa* ⁵, são seguramente os seus estudos mais completos e perfeitos no campo da arqueologia e das belas-letas ⁶.

239. — IGNACIO DE VILHENA BARBOSA (1811-1890) foi o fundador e principal redactor do *Universo Pitoresco*, revista em que durante seis anos appareceram trabalhos seus sobre arqueologia pátria, reveladores da sua larga eructação, que depois se affirmou brilhantemente na collaboração em diferentes revistas como o *Panorama* (segunda série), *Arquivo Pitoresco*, *Artes e Lettras*, *Ocidente*, etc., e sobretudo nos três vol. *As cidades e vilas da monarchia portugueza que têm brazão d'armas*.

240. — JOSÉ AUGUSTO VIEIRA (1856-1890), de Valença do Minho, nêco pela escola do Porto, vitimado aos 34 anos por uma tísica galopante escritor que será sempre dignamente lembrado pelo d'nosso livro *Minho Pitoresco*, photographia da ridente provincia do norte, onde numa magia de estilo encantadora se desenrolam a paisagem, os monumentos, as tradições, a lenda, numa palavra, a vida da natureza e a da história apanhada em flagrante pelo intelligente e perspicaz observador que elle era. Ao lado do *Minho Pitoresco* figuram do mesmo autôr o livro de contos *Fototípias do Minho* e o romance *A Divorciada* ⁷.

241. — SEBASTIÃO FILIPE MARTINS ESTACIO DA VEIGA, de Tavira (6 maio 1828 — 7 dezembro 1891) depois

¹ Leia-se o que escreve o Dr. Pedro Ferreira no vol. 12 a seguir á pág. 2302.

² 1.^a ed., Coimbra, 1872; 2.^a e 3.^a, *ibid.*, 1874 e 1878.

³ Lisboa, 1878.

⁴ *Ibid.*, 1870.

⁵ *Ibid.*, 1882.

⁶ Cfr. para a sua biogr. A. F. Barata e G. Pereira. *Estema de perpétuas na campa do dr. A. Simões*, Lisboa, 1884.

⁷ João de Lemos, *J. A. Vieira não cultivou só a prosa, trabalhou também o verso. Os seus inéd.* Coimbra 1917, 1 folh.

dalguns ensaios em poesia e drama especializou-se nos trabalhos arqueológicos alcançando grande celebridade. Aqui mencionaremos como interessando mais os trabalhos literários somente o seu *Romanceiro do Algarve* (Lisboa, 1870), dividido em duas partes: *romances* e *lendas christãs*, e acompanhado de eruditas explicações ¹.

242.— F. MARTINS SARMENTO (1833-1899) arqueólogo destintissimo, cujos trabalhos o colocam na primeira plana dos sábios da especialidade. Nas excavações da Citânia de Briteiros (1874) e nas de Sabroso (1877) feitas com um método e rigor verdadeiramente científicos empregou grande parte da sua actividade fecunda. À *Sociedade Martins Sarmiento* criada em Guimarães, sua terra natal (1882), deixou toda a sua Bibliotheca e todos os seus manuscritos ².

243.— AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA DE ARAGÃO (1823-1903) — numismata ilustre, autor da *Descrição histórica das moedas romanas existentes no museu numismático de...* *D. Luís I* (8.º 640 págs., Lisboa, 1870). A sua obra capital — *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, em três grandes vols. publicados em 1874, 1877 e 1880 e clássica no assunto. Sem de a menos valor a monografia *D. Vasco da Gama e a vila da Vidigueira*, (8.º, 46 págs., Lisboa, 1871) e *Diabruras, santidades e prophcias* (8.º, 150 págs., Lisboa, 1894) ³.

244.— ZEFERINO BRANDÃO (1842-1910) ligou o seu nome a alguns escritos que merecem citar-se.

Aparte o seu vol. de versos *Páginas intimas* deixou ficar os *Monumentos e lendas de Santarem*, sem dúvida o seu trabalho de maior fôlego, e ainda o *Bitizado de D. Afonso VI, Pero da Covilhã*, escrito por ocasião do *Centenário da India* e constituindo um epíodio romântico do séc. XV, e a obra de investigação histórica *Bélgica*, sobre as relações desse país com Portugal.

245.— ZOFIMO CONSIGLIERI PEDROSO († 1910), o ilustre director e professor do antigo Curso Superior de Letras, e presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, a que imprimiu grande desenvolvimento, conferencista terso e erudito, é autor de

¹ *Rev. Lusit.*, II, 353-355 onde vem uma notícia succinta escrita por Gabriel Pereira

² *Portugalia*, I, 421, biogr., bibliogr. e retrato.

³ *Portugalia*, I, 863, notícia com retrato.

várias obras como *As grandes épocas da História, Tradições populares portuguesas, Contribuições para um Cancioneiro e romanceiro popular português*; e outros estudos de mitologia e folclore. Trabalhador infatigável, caracter grave e independente, Consiglieri Pedroso que era muito conhecido, entre outras qualidades de cultura geral, pela perfeição com que escrevia e falava várias línguas, fica na nossa história literária como exemplo e guia digno de ser imitado.

246. — GABRIEL VICTOR DO MONTE PEREIRA (1847-1911), profundo conhecedor de tudo quanto se relacionava com a história e a arqueologia do país, como quem se acostumara a lidar nas bibliotecas e arquivos com os documentos autênticos e originais, que sam a verdadeira base de toda a elaboração histórica.

Onde estivesse um ponto obscuro, delicado, às vezes indecifrável, acudia Gabriel Pereira com a sua lucidez e deixava o problema aclarado numa monografia curta, rápida, sem aparato, como êle, modesta e simples. Os seus *Estudos Eborenses* sam uma prova do que afirmamos. Fôram incalculáveis os serviços que prestou á Bibl. Nacional, de que foi nomeado Inspector-mór¹.

247. — Outros cultores da arqueologia e estudos afins. — Por não podermos dar maior desenvolvimento não queremos contudo deixar de citar aqui os nomes de muitos indefesos trabalhadores a quem a história deve úteis e importantíssimos subsídios. Citemos: Borges de Figueiredo († 1800) o fundador e director da *Revista Arqueológica*; Joaquim Maria Pereira Botto (1861-1907) o fundador do *Museu Arqueológico Lapidar Infante D. Henrique*, de Faro, a que inteiramente se consagrou descrevendo-lhe os principais exemplares no seu vol. *Glossário...*; Albano Bellino († 1907) que deixou três vols. sobre *Inscrições e letreiros de Braga* e um outro de *Archeologia cristã*. Muitas sam as achegas reunidas pelo pesquisador de antigualhas António Francisco Barata (1836-1910) autôr de numerosos estudos de bibliografia, história, arqueologia, além de poesias e romances, constituindo tudo uma longa lista, que dá bem a medida da sua energia de trabalho e da sua luta contra a adversidade e pobreza. *Um duelo nas sombras, O último Cartucho, A Monja de Cister*, etc., sam romances históricos. *A memória sobre a fundação da Sé, o Catálogo do Museu Arqueológico, Évora antiga*, fornecem elementos apreciáveis para o conhecimento da ci-

¹ Vid Brito Aranha, *Gabriel Pereira, notas biogr.* (separ. do Bol. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa) 1913. Quase todo este n.º é consagrado a G. Pereira. Pedro de Azevedo fez-lhe o elogio histórico com inteira verdade. *Rev. de Hist.*, 1912, págs. 213-224.

dade onde Barata viveu por largos anos e prestou bons serviços, como Director que por muito tempo foi da sua Bibl. Pública.

Aos estudos de folque-lore, lendas, usos e costumes populares consagraram-se MANOEL DIAS NUNES († 1907) o fundador da *Tradição* (5 vols. e parte do 6.º) e ANTÓNIO THOMÁS PIRES († 1912). SANCHES DE BAENA (Visconde de) [1832-1909] primou nos trabalhos genealógicos, sendo o *Arquivo Heráldico* a sua obra capital; VIEIRA NATIVIDADE († 1918) defensor inteligente de Alcobaça e suas tradições que estudou desde a prehistória nas *Grutas de Alcobaça* (1901) até á etnografia nas *Rocas da minha terra* (1908). O seu último trabalho *Inês de Castro e Pedro o Cruel* póde ter e tem vários deslises, mas é um subsídio notável para o estudo iconográfico dos túmulos daquelas importantes figuras da nossa história.

HISTÓRIA LITERÁRIA

Sumário: 248. Os historiógrafos da Literatura. — 249. Inocência da Silva. — 250. A. P. Lopes de Mendonça. — 251. Juromenha. — 252. António J. Viale. — 253. Santos Valente. — 254. Vasconcelos Abreu. — 255. J. Silvestre Ribeiro. — 256. J. Gomes Monteiro. — 257. Silva Pinto. — 258. Diferentes géneros. — 259. Outros autôres. — 260. Autôres contemporâneos.

248.— Os Historiógrafos da Literatura. Aos progressos da história e dos generos afins, já mencionados, ligam-se intimamente os de história literária, de crítica, filologia e em certo modo até os romances históricos e outros trabalhos de exposição geral e bastante difusa para se poderem concretizar em fórmulas sintéticas e concisas. Mencionarêmos neste lugar aqueles dos nossos autôres, que deixaram maior sulco da sua passagem.

249.— INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA (1810-1876), o infatigável e patientíssimo bibliógrafo português, que escreveu o *Diccionario bibliographico*, brilhantemente continuado por Brito Aranha, e as *Memórias para a vida intima de José Agostinho de Macedo* (1 vol., 1901) publicadas, com ampliações e correções, pelo diligente cuidado de Theóphilo Braga. Aquele trabalho de Inocência é hoje um auxiliar absolutamente indispensável na provincia de estudos a que é consagrado, e isto basta para fazer o seu elogio. Inocência deixou concluidos nove tomos, sendo dous dêles de *Suplemento* ¹.

¹ Inocência inseriu no *Dic.* a sua própria biogr. — *III*, 220-225. Para completar *Annais de Bibl. Nac. do Rio de Jan.* 1 (1876), 161-178.

O PEDRO LOPES DE MENDONÇA

Bulhão Pato escreveu que tinha na frente o aventura ¹, autor da monografia *Damião de* e de apreciações literárias sobre Bocage, nas *Memórias da Literatura Contemporânea* trabalhos teve o mérito de chamar a atenção de D. Manoel e, não obstante o assunto e por mais duma vez tratado e discutido, a Mendonça não é para ser posta de parte.

DE DE JUROMENHA, João António de Serda, (1807-1887), autor da *Cintra pintura* anónima em 1838. O seu principal trabalho ed. das *Obras de Luís de Camões* em 6 vols. conde de Rackzinski no livro *Les Arts en aire histórico-artistique du Portugal*, melhoramentos que corrigiram e ampliaram os estudos por Cirilo Volckmar Machado e João da

O JOSÉ VIALE (1806) um dos professores de grega e latina que temos tido. A sua *Miséria* é prova cabal da sua educação clássica. As suas obras, enriquecidas com uma carta notável do Viale fôra mestre, são um modelo de traduções mostram o erudito sempre ponderado, que foi esta nobre figura do Portugal intelectual.

JOÃO LOPES DOS SANTOS VALENTE

linguista, filólogo e crítico. Ao mesmo tempo que a fadiga do *Dicionário Contemporâneo*, que Caldas Aulete deixára apenas em es-

boço, ia vertendo para latim e grego belíssimas composições portuguesas. Os seus versos latinos saíram no vol. *Carmina*. Quando estudante na Universidade, publicou o poema *Ermelinda*, e em 1861, também em Coimbra, foi publicado o vol. *Primicias*, encerrando poesias líricas latinas e portuguesas. Santos Valente redigiu a *Re-*

¹ *Sob os Ciprestes*, 97.

² Vid. Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo, memórias de um jornalista*, I, Lisboa, 1907, pág. 23 e seg.; Leite de Vasconcelos, *O doutor Storck*, pág. 246.

³ *Inoc. Dic.*, I, 181-182 e VII, 219-220; A. A. da Fonseca Pinto, *Paranaso Mariano*, 215.

vista popular de conhecimentos úteis e dirigiu a edição dos *Lusíadas* manuscritos.

254. — GUILHERME AUGUSTO DE VASCONCELOS ABREU (1842-1906), de Coimbra, foi, além dum sábio orientalista, professor emérito de língua e literatura sânscrita, sobre que deixou trabalhos importantíssimos, um cultor da língua portuguesa, notável pela sobriedade, vigor e propriedade com que a escreveu, aliando grandes predicados de imaginação e de gosto literário a uma formosa erudição. Citaremos aqui apenas os *Fragmentos de uma tentativa de estudo scoliastico da Epopeia portuguesa* e os *Passos dos Lusíadas esboçados á luz da mythologia e do orientalismo*, dedicados á obra imortal de Camões, e *Os contos, apólogos e fábulas da India, influência indirecta no Auto da Mofina Mendes de Gil Vicente*, curioso estudo sobre o fundador do nosso teatro. Vasconcelos Abreu faleceu em Lisboa no dia 1 de fevereiro de 1906 consagrando-lhe a maioria dos jornais, com bastante superficialidade, palavras de elogio e de louvor.

255. — JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO (1807-1891), individualidade política e literária de grandes méritos e serviços feitos ao país. Entre os seus trabalhos literários destaca-se como o de maior importância a sua *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal, nos successivos reinados da monarchia*, de preciosas informações laboriosamente colhidas e agrupadas nos 16 volumes de que consta a obra. A esta há a acrescentar: *Resoluções do Conselho de Estado* (18 vols.), *O que há sido feito e o que há a fazer em matéria de beneficência*; *Estudos sobre os Lusíadas*, etc. José Silvestre Ribeiro foi o fundador em Lisboa da benéfica, humanitária e civilizadora *Sociedade Protectora dos Animais*¹.

256. — JOSÉ GOMES MONTEIRO (1807-1879), do Porto, tendo encontrado numa excursão pela Alemanha, na Bibliotheca da Universidade de Göttingen, a 1.^a edição dos autos de Gil Vicente, deu, com o auxílio de Barreto Feio, a conhecida edição das *Obras* do famoso comediógrafo em dous volumes. Para defender Castilho acusado de ter adulterado o *Fausto* de Goethe, de que Monteiro fôra o editor, escreveu *Os críticos do Fausto*, modelo de erudição e serenidade crítica. Na célebre edição dos *Lusíadas* empreendida pela

¹ Tem estátua na vila da Praia na Vitória, em comemoração dos serviços ali prestados. Para a sua biogr. vêr *Occid.*, vol. xiv, págs. 66, 76, 87 e 110 e vol. xxx, pág. 284; Eduardo A. da Rocha Dias, *O Conselheiro J. S. R. exemplo de inteira dedicação á Patria... factos da hist. nac.*, Lisboa, 1888.

casa Biel, do Porto, há uma introdução da sua penna que é igualmente modelo de saber e estudo. Gomes Monteiro deixou muitas obras inéditas que é para sentir venham com o tempo a perder-se. Ele concorreu imensamente para o triunfo das idéas românticas em Portugal com a sua edição de Gil Vicente ¹.

257. — SILVA PINTO (Manoel José da) (1848-1911) jornalista, crítico de temperamento insubmisso e independente, dotado de singular vigor de estilo, de espírito cáustico e mordaz, que lhe criaram fama nas numerosas polémicas que sustentou, duma linguagem vernácula, pura, camiliana, inconfundível. Desde 1870 por diante publicou numerosos e vários trabalhos, como *Do realismo na arte*, *Combates e críticas*, *Novos combates e críticas*, *Terceiro livro de combates e críticas*, *Filosofia de João Braz*, *A queimar cartuchos*, *De Palanque*, *Noites de vigília*, *Em férias*, *Frente a frente*, *Para o fim*, *Na procela*, etc., etc. Apesar da fecundidade de trabalho, Silva Pinto, que disposera na sua mocidade de largos meios, veio a falecer quâse na penúria, chegando ainda alguns jornais a abrir uma subscrição poucos dias antes da sua morte!

258. — Autores contemporâneos. Á história literária contemporânea prestaram os mais valiosos serviços, entre outros, JOSÉ DE SAMPAIO (1857-1915) mais conhecido no mundo das letras pelo pseudónimo de *Bruno*, cuja erudição é pena não ter sido servida por uma linguagem mais limpa e correcta. *Geração Nova*, *O Encoberto*, *Portugueses ilustres*, atestam de sobejo a sua extraordinária cultura. Implicado na revolução republicana de 31 de jan. de 1891 teve de emigrar, e, em Paris, onde se acolheu, escreveu *Notas de exílio* em que dentro duma acrisclada fé política há um grande amor de verdade e de justiça na apreciação de factos e de homens do nosso tempo. A crítica religiosa demolidora e irreverente do seu 1.º livro *Análise da crítica cristã* (1874) torna a aparecer, mas já segura de si, revelando um grande pensador e um vasto saber em *A idéa de Deus* que com o *Brasil Mental* forma sem dúvida o seu melhor título de gloria. Mas a sciência, a análise abstracta de tantas idéas superiores afogam por assim dizer a limpidez das idéas. Parece que Bruno propositadamente encobria o pensar sob o véo espesso da forma, recorrendo a inversões, a trocadilhos, a termos arcaicos ou invulgares. Tradutor da *História de Portugal* de Schoeffer, director da *Colecção de Inéditos* da Câmara do Porto, a que nos logares próprios tivemos ocasião de nos referir, jornalista, em todos os seus trabalhos há a nota original que os torna úteis a quem souber ler, visto que

¹ Alberto Pimentel, *Vinte annos de vida literária*, cit., pág. 35.

Bruno pertence á categoria dos escritores que obrigam a pensar para ser compreendido.

259. — ANTÓNIO AIRES DE GOUVEIA (1818-1916) é uma das figuras mais interessantes das letras contemporâneas. Tendo obrigado a falar muito de si e de muito diversas maneiras quando nos primeiros tempos da vida académica publicou *A reforma das cadeias em Portugal* (1860) e *Resenha das principais cadeias da Europa* (1860) estava por assim dizer esquecido quando sob o modesto nome de *Um curioso obscuro* publicou no Porto em 1911 o vol. *Apontamentos sobre os Lusíadas, Ensaio de crítica ás críticas*. Conhecimento perfeito do grande poema, mestria no manejo dos textos suggestionados ou suggestionadores da grande obra, através dos poemas clássicos ou gregos e latinos, ou modernos — sam quilates do livro que aos primeiros capítulos se impunham á atenção. O que se descortinava logo também era o prurido do uso de certas formas um pouco desusadas, duma feitura do período com seus ressaibos do desterrado gongorismo. Quere dizer — Aires de Gouveia conservava através das vicissitudes da longa existência um pouco daquela sua maneira de estilo com que entrara na arena das letras, entre o sorriso benévolo de muitos e a gargalhada causticante de alguns. Mas o saber real não pode negar-se-lhe. Os *Lusíadas* ficam assim relacionados com o Passado e o Presente como obra imorredoura que é.

260. — Dos mais novos e mais recentemente desaparecidos temos MONIZ BARRETO que na crítica literária deixou alguns estudos rápidos, mas de alto valor, notáveis pela elevação e profundidade do pensamento, traduzidos num estilo vigoroso, cheio de personalidade, duma beleza concisa. Aparte a monografia consagrada a *Oliveira Martins*, que elle quis que fôsse, e realmente é, *um estudo de psicologia*, todos os outros estudos, como que capítulos de preparação para livros de amplos objectos, ficaram espalhados por diversos jornais. Nêsses estudos há uma orientação sciêntífica de crítica rara em Portugal ¹. CARLOS DE MESQUITA († 1916) de quem vivem na memória dos que o conheceram o vigor e originalidade do pensamento. Os outros poderão avaliá-lo escassamente pelos trechos poéticos que firmou, muito poucos, na *Ave Azul* ², no esboço crítico de Manoel Gaio ³ e no *Romantismo inglês* ⁴ vol. em que revela o profundo co-

¹ A *Revista de História*, Lisboa, 1918, pág. 245-276 reproduziu nove dêsses trabalhos.

² Revista publ. em Viseu em 1899 pelo poeta Carlos de Lemos e sua Esposa. Mesquita só publ. a poesia de pág. 56.

³ Separata do *Instituto*, folh. de 22 págs., Coimbra, 1900.

⁴ Separata da mesma Revista, vol. de 263 págs., ibid., 1911.

conhecimento da literatura inglesa, de que era Prof. na Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra. Ficaram do moço escritor vários inéditos, que um dia publicados estenderão mais largamente, como é justo, a memória do seu nome.

TRABALHOS FILOLÓGICOS

261.—A Filologia é uma ciência moderna criada em França, em Inglaterra e principalmente na Alemanha, onde as bases do estudo das línguas românicas fôram lançadas por Frederico Diez, prof. em Bona, cuja 1.^a ed. da *Gram. das Línguas Românicas* é de 1836-44. Passados bastantes anos, um erudito português que, desde que apareceu, conquistou o lugar duma autoridade, tornou êsse trabalho conhecido no nosso país, chamando para êle a atenção, esclarecendo-o e completando-o. Era ADOLFO COELHO [1847-1919] doutor pela Univ. de Heidelberg, e que depois veio a ser Prof. do Antigo Curso Sup. de Letras, publicista, pedagogo de vasta, sólida e larga erudição. Em 1868 apareceu o seu primeiro trabalho *A Língua Portuguesa*, onde traçava um programa, que não chegou a realizar, publicando a seguir em 1870 a *Teoria da Conjugação em latim e português*, primeira tentativa, como êle diz, de aplicação metódica dos princípios da Gramática comparada indo-germânica a uma língua românica. Deve-se a êste grande erudito a vulgarização no ensino dos princípios científicos da linguística, que fôram a sua melhor preocupação, embora tivesse publicado diversos outros estudos como *Os Negros da A'frica*, *os Ciganos de Portugal*, *os Cantos populares portugueses*, etc. A monografia *A língua portuguesa* publicada em 1881, o seu *Dicionário Etimológico* de 1890 prestaram os mais assinalados serviços. Se as condições de trabalho lho tivessem permitido a sua obra seria muito mais metódica e útil ¹. Ao lado de A. Coelho outros eruditos versaram os estudos da língua nacional honrando os esforços que no estrangeiro romanistas abalisados como o suíço Júlio Corrau ² animavam com os seus próprios trabalhos e incitamentos, como Júlio Moreira (1854-1911) autor dos *Estudos da Língua Portuguesa*, prova da sua competência e bom senso ³;

¹ Francisco Adolfo Coelho era natural de Coimbra e cursou com distinção a Universidade. A lista dos seus trabalhos, desconexos, mas sempre repletos da melhor erudição, tendo-lhe granjeado autoridade em todos os meios universitários estrangeiros, é bastante grande.

² Falecido em 1919 em Loeben, na Estíria, a quem cabe a glória da iniciativa da primeira Gram. Hist. da nossa língua.

³ *Estudos...* I — *Subsídios para a Sint. hist. e popular*, 1907; II — *Continuação e outros estudos*. É póstumo e inscreve a biogr. por J. Leite de Vasconcelos.

AUGUSTO EPIFÂNIO DA SILVA DIAS, (1841-1916) renovador dos métodos gramaticais do português e do ensino do latim nas escolas, autoridade consumada em assuntos de lexicologia e evolução da língua, de que deixou prova na *Sintaxe histórica portuguesa* e em edições críticas do *Crisfal* e dos *Lusiadas* e noutros trabalhos ¹; GONÇALVES VIANA (1840-1914) famoso poliglota e eminente foneticista, o maior defensor da pureza da língua pelos vols. *Ortografias Nacionais* e *Pronúncia Normal*, pelas *Palestras Filológicas* e *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, repositórios de imenso saber, que o conhecimento das mais numerosas e variadas línguas vivas e mortas, desde o grego e o latim ao russo e línguas orientais e africanas, tornava essencialmente fecundo e original. O seu *Vocabulário ortográfico e ortoépico* será o vade-mecum indispensável e insubstituível a quem quiser escrever cuidadosamente o português ². O DR. GONÇALVES GUIMARÃES [1850-1919] honrou igualmente as sciências e as letras. Se notáveis são os seus trabalhos de *Geologia*, não o são menos os de filologia e história da língua nacional, como o atestam os cursos que professou na Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra. Ao lado das eds. da colecção *Jóias Literárias* da Impr. da Univ., que nobremente dirigiu, deixou estudos da maior originalidade, muitos dos quais a morte não permitiu que se publicassem ³.

262. — Diferentes géneros literários. HENRIQUE O'NEILL (Visconde de Santa Mónica) († 1889) descendente duma família nobre de Irlanda, por muitos anos chefe da segunda repartição da direcção central (estatística) da secretaria de justiça e preceptor do monarca D. Carlos e de seu irmão D. Afonso, espírito dotado duma grande ilustração e dum espírito muito brilhante. O *Fabulário* (2.^a ed., 1888) composto em parte de fábulas originais, em parte de traduções ou imitações de fábulas antigas e modernas,

¹ A *Sintaxe*... saiu póstuma, portanto, sem ter a última lima da mão do autor, Lisboa, 1917, 1 vol. A ed. dos *Lus.* provocou da parte do insigne Cononocasta Dr. José Maria Rodrigues *Algumas observações a uma ed. coment. dos Lus.*, Coimbra, 1915, que fazem lembrar, pela justeza da apreciação, o *Quandoquidem bonus*...

² Aniceto dos Reis Gonçalves Viana era de Lisboa e aí, onde era funcionário, viveu e trabalhou constantemente. A lista dos seus trabalhos foi publ. no *Bol. d. Seg. Cl. da Acad.*, x, 972-1010. Vide Leite de Vasc. — *Gonçalves Viana, apontamentos para a sua biogr.*, Lisboa, 1917, 1 folh., Rodolfo Dalgado, *G. V. e a Lexicologia Port. de origem asiático-africana* Lisboa, 1917, 1 vol.

³ Algarvio, de Tavira, deixou no ensino das cadeiras de Filosofia e Letras nome imorredouro. Destaquemos na sua obra. *Elem. de Gr. latina*, 1900 e 1907); *Primeiro Curso de latim* (1904); *Breviário da pronuncia normal do latim cl.* (1903); Das *Jóias* saíram *Cr. do Principe D. João*, de Gois, (1 vol.), *Canc. Geral* (5 vols.) e *Lusiadas* (1 vol). Tem artigos valiosos na *Rev. da Univ. de Coimbra*.

«não é uma série de contos pueris e frívolos... mas um todo harmónico e útil... com a maior cópia de idéas sãs e práticas, destinadas a concorrer para a educação da mocidade e a servir de momento ás outras edades mais avançadas». Os grandes modelos de O'Neill no seu *Fabulário* fôram La Fontaine e Lessing¹. ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO (1830-1893) revisor literário da Imprensa da Universidade, sócio efectivo do Instituto de Coimbra a cujo jornal *O Instituto* prestou relevantes serviços, encontrando-se disseminados por êle muitos artigos seus de bastante valor. O estilo de Fonseca Pinto era duma grande pureza, muito escolhido e clássico, como se convencerá quem percorrer a *Flôr de mármore*, *Carta Familiar*, as *Cartas selectas* e as curiosas notas bio-bibliográficas publicadas (págs. 203 a 394) no vol. *Parnaso Mariano*. Por ocasião do tricentenário de Camões escreveu acerca do episódio de *Inês de Castro*, sobre o ponto literário, nas suas variadas manifestações, algumas páginas que constituem um formosíssimo trecho de literatura hodierna. D. ANTONIO DA COSTA DE SOUSA MACEDO (1824) foi entre nós o indefesso propagador da instrução popular, sendo ministro de instrução pública quando êsse ministério foi decretado em 22 de junho de 1870. Durante os sessenta e nove dias que durou êsse ministério, D. António da Costa promulgou o decreto da liberdade do ensino superior, o da reforma da instrução primária, o das bibliotécas populares, o das escolas normais, o da reorganização do teatro normal, etc. Deixou livros muito apreciados pela correcção e elegância da linguagem como os *Três mundos*, *História da instrução popular em Portugal*, *O christianismo e o Progresso*, etc. TEIXEIRA BASTOS, trabalhador ilustre e honesto faleceu em Lisboa a 24 de maio de 1901, com quarenta e cinco anos, quando portanto muito havia ainda a esperar da sua infatigável actividade. Entre outras obras Teixeira Bastos escreveu *Sciência e Philosophia* (1 vol.); *Comte e o positivismo* (1 vol.); *Principios de philosophia positiva* (1 vol.); *Theophilo Braga e a sua Obra* (2 vols.); *A Crise*, estudo económico (1 vol.). Em verso escreveu os *Rumores vulcânicos* e deixou o interessante vol. sobre literatura contemporânea brasileira, *Estudos críticos sobre os poetas do Brasil*. VISCONDE DE BENALCANFOR († 1889) mais conhecido pelo título, do que pelo seu nome — Ricardo Augusto Pereira Guimarães, prosador elegante e correctissimo de quem mencionaremos como notáveis pelo brilho e colorido das descrições os vols. *Impressões de viagem: Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres* (Porto, 1869, 1 vol.); *De Lisboa ao Cairo, scenas de viagens*; *Leituras de verão*, etc. Traduziu o *D. Quixote de Cervantes* (2 vols., Lis-

¹ Tem também um vol. de versos — *In memoriam* — que saiu sem nome de autor. Vid. Cândido de Figueiredo, *Figuras literárias*, pág. 301.

boa). VISCONDE DE SEABRA (António Luís de Seabra) (1798-1895) foi ao mesmo tempo que um grande jurisconsulto, e nisto está o seu principal título de glória, pois a êle, e em grande parte, se deve a redacção do *Código Civil* e os trabalhos que o implantaram e fizeram vingar em Portugal, um culto escritor de esmerada forma. Soldado das idéas liberais, emigrado em 1828, ao serviço delas pôs a sua penna e a sua palavra. No parlamento combateu ao lado de José Estevão, Garrett, Passos Manuel, etc.; na Academia colaborou com A. Herculano, com quem travou polémica a propósito do *Casamento Civil*, com Castilho, Meneses Leal e outros; e no silêncio e tranquillidade do seu gabinete de estudo, entreteve-se em traduzir para castiça e apurada linguagem os melodiosos versos de Ovídio ¹. DR. JAYME AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO (1822-1902) espirito ilustradíssimo, homem de ciência, cultor das belas-artes, professor exímio, orador sóbrio e culto, tais as qualidades que assinalam á immortalidade esta nobre e simpática figura do magistério universitário do século XIX. As suas *Lições de Philosophia Chimica* que sam o seu primeiro livro apparecido em 1855 revelam ao lado do sábio o mesmo apaixonado literato que redigiu para comemorar o centenário da Universidade a *Memória hist. da Faculdade de Philosophia* ². CONDE DE FICALHO (1837-1903) ³, de Lisboa, foi durante muitos anos professor de botânica na Escola Politécnica da capital, tendo succedido a Andrade Corvo na regência dessa cadeira, que muito enobreceu pelo sua sólida e profunda erudição. Os seus commentários a Garcia da Orta nos *Coloquios dos Simples e Drogas da India* (Lisboa, 1891, 2 vols.), se não sam impecáveis sob o ponto de vista filológico, dão idéa do seu vasto saber e da sua cultura e variada instrução. O mesmo atesta a sua monografia *Flora dos Lusíadas* (Lisboa, 1 vol.) publicada por ocasião do tricentenário de Luís de Camões, bem como o trabalho histórico *Viagens de Pero da Covilhan* (Lisboa, 1 vol.). Na *Tradução*, jornal que se publica em Serpa, deixou os seus últimos escritos com este título: *Serpa sob o domínio dos Sarracenos e Influências mosarabes na linguagem dos pastores alentejanos*. A Sociedade de Geografia de Lisboa dedicou ao illustre extinto, alta figura por igual aristocrática na fidalguia e nas letras, uma sessão solene em que foi encarregado do panegirico o Conde de Arnoso, grande amigo do finado ⁴. MANOEL BENTO DE SOUSA († 1899) médico e

¹ Vid. o *Elogio histórico do Visconde de Seabra na Associação dos Advogados de Lisboa aos 1 de dezembro de 1895* pelo sócio José Dias Ferreira. Imprensa Nacional, 1896, 8.º gr. de 47 págs.

² *Occid.*, 1902, pág. 138, retrato e biogr.

³ Francisco Manuel de Melo.

⁴ *Elogio...*, Lisboa, 1903; Eduardo Burnay, *Elogio hist. lido na sessão da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, em 25 março 1906; *Ocidente*, de 10 de

o erador eminente, mas simultâneamente espírito muito culto e inclinado ás belas-artes. Deixou várias poesias inéditas ¹ e dous vols. em prosa, um de crítica de costumes *A Parvonia, recordações de viagem*, publicado com o pseudónimo de MARCOS PINTO, e outro de crítica ao ensino da história em Portugal *Doutor Minerva*, cheios de fino humorismo e escritos em uma linguagem castiça e amena. Há ainda de Manoel Bento o seu *Discurso em homenagem ao Dr. A. Maria Barbosa* ². IGNACIO FRANCISCO SILVEIRA DA MOTA — prosador dos mais distintos e da maior vernaculidade, como se prova pelas formosas páginas das *Horas de Repouso*, *Quadros da história portuguesa* e *Viagens na Galiza*. Era natural de Lisboa onde nascêra a 26 de agosto de 1835 e onde também faleceu a 15 de abril de 1907. A sua linguagem era sóbria, clara e elegante, o seu estilo despretencioso e correctissimo. Nos poucos livros que deixou Silveira da Mota firmou a sua reputação literária mais ou melhor que muitos que deixaram numerosos volumes ³.

263. — Outros Autores. Não deixaremos em completo esquecimento os nomes de CANAES DE FIGUEIREDO († 1857) cujos *Estudos Biográficos*, apesar das digressões políticas e religiosas por vezes bem alheias ao fim que se propunha, prestam bons auxílios; FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO (1799-1854) autor do *Primeiro Ensaio sobre a hist. lit. em Portugal* onde, no meio de lentas, há muito que aproveitar; JOSE' MARIA DE ANDRADÊ FERREIRA (1823-1875) que retomou o assunto de Freire de Carvalho com outro discernimento no *Curso de Lit. Portug.*, que Camilo continuou, e escreveu várias críticas literárias no vol. *Literatura, Música e Belas Artes*; ANTONIO DA SILVA TULIO (1817-1884) erudito literato que na *Revista Universal*, *Arquivo Pitoresco*, *Semana* (com o criptónimo de *Visconde de de ****) e *Epoca* (*Barão de Alfenim*) usou sempre duma linguagem pura e escolhida constituindo todos os seus escritos espalhados por aquelas revistas outras tantas lições de estilo e boa crítica; JULIO MOREIRA (1854-1911) filólogo de opiniões sempre maduramente pensadas, de que sam bom testemunho os dous vols. *Estudos da lingua portug.* (1.º 1907; 2.º póstumo, com prefácio do Dr.

maio de 1903; *Bol. da Segunda Cl. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, n, 1910, págs. 56 59.

¹ Veja a *Rev. Lit., scientif. e artist. do Século*, n.º de 9 de Março de 1903, artigo de Bulhão Pato.

² O seu *Elogio histórico* foi recitado na sessão solene celebrada pela Associação dos Médicos Portuguezes, na noite de 23 de nov. de 1899 pelo poeta e médico Alves Crespo.

³ Vid. Cândido de Figueiredo, *Figuras literárias*, Lisboa, 1906, págs. 99-102. Biogr. e retrato no *Ocidente*, de 20 de abril de 1907; elogio por Sousa Monteiro *Bol. da Seg. Classe da Acad. Real das Sc. de Lisboa*, n, (1910), 325.

Leite de Vasconcelos, 1913), que já citamos, e ainda Anibal Fernandes Tomás (1840-1912), um dos mais distintos bibliófilos e bibliógrafos que temos tido. Possuía uma riquíssima livraria de espécies raras e valiosas, vendida em leilão após a sua morte! As suas *Cartas bibliográficas* (1.^a série 1876, 2.^a 1877) revelaram a sua mestria nos assuntos que versam. Que pena que tam grande competência não fôsse posta ao serviço do país, na cooperação do *Dic. Bibliográfico* ou na publicação dum trabalho como o de Brunet ou Gallardo! Modesto, simples e bom Anibal Fernandes Tomás se deixou pequena bagagem literária, viverá na memória de todos os que a êle recorriam a pedir um esclarecimento, uma nota, um documento, e que nunca saíam de junto dêle sem serem largamente beneficiados ¹.

264. — Às pesquisas bibliográficas se consagraram dois funcionários ilustres da Biblioteca Nacional, que trabalharam ao lado de Júlio de Castilho e de Gabriel Pereira. Foram Xavier de Cunha [1840-1920] autor de muitos estudos de bibliografia, infelizmente dispersos em raros folhetos. O seu último trabalho é uma larga *Carta-Prefácio* anteposta ao livro de Latino Coelho *Garrett e Castilho* (1917) em que revela as qualidades que o distinguem como escritor — a vernaculidade e o estilo simples, mas elegante. O outro também conservador da Bibl. Nacional foi José António Moniz (1849-1917), que nêsse Estabelecimento prestou os mais relevantes serviços numa das mais delicadas e importantes secções que lhe fôrem confiadas — a dos Cimelios ou preciosidades bibliográficas ². A *Imprensa em Espanha no séc. XV* (1913) é um folh. no género dos que publicou — sóbrio, mas cheio de utilidade. Moniz também prestou á arte dramática muitos serviços, sendo actor e ensaísta por muitos anos e escrevendo peças ao gosto popular conforme as necessidades de ocasião. A sua biografia, como pode lêr se extensamente no *Dicionário Portugal* é um grande exemplo de tenacidade de trabalho e de virilidade de character.

265. — Notável não pelo que produziu, mas pelos serviços prestados á história literária como editor de raridades de alto valor documental foi Eugénio do Canto (1856-1915) irmão de José do Canto que no vol. *Camoneana* (1895) deixou vastas notícias de crítica imparcial sobre o nêssô Epico, e de Ernesto do Canto, o fundador do *Arquivo dos Açores* (12 vols.), onde se encontra tudo quanto se refere á história do Arquipélago açoriano desde os seus monumentos aos seus

¹ A lista das suas produções, muito raras, pois eram sempre de tiragem deminuta, está cuidadosamente registada no *Occid.*, n.^{os} de 20 e 30 de abril de 1912.

² Vide *Anais das Bibl.*, 1917, III, 20.

homens mais insignes, sendo incalculável a soma dos documentos que aproveitou e tornou conhecidos. Eugenio do Canto seguindo esteira dos irmãos no seu amor aos livros, impôs-se a tarefa de fazer reimprimir todas as raridades bibliográficas respeitantes ao nosso domínio ultramarino, contribuindo para êsse fim as Bibliotecas nacionais e estrangeiras por meio de cópias fidelíssimas ou de reproduções fotográficas. Como tal os serviços que prestou á historiografia sam do maior alcance. ¹

266. — Autores contemporâneos. Longa é a lista dos autôres que em nossos dias firmaram trabalhos, que não serão esquecidos, como Antonio Serpa Pimentel, ² poeta e homem político autôr do interessantíssimo estudo *A. Herculano e o seu tempo*; José Frederico Laranjo (1846-1909) incansável trabalhador, que deixou na cátedra de Direito, no parlamento e no jornalismo, provas do seu fecundo talento.

E' longa a lista dos seus livros, que póde vêr-se no «Dicc. Portugal». Ficaram no «Instituto» arquivados vários artigos seus notáveis pelos seus primores literários. Manoel Fernandes Sant'anna (1864-1910) sacerdote católico de vasta e segura illustração como se deduz dos vols.: *Materialismo em face da Sciência*, jornalista e orador notável, morto em plena pujança de talento. Outro sacerdote, de vasta e segura erudição, mas dotado de cultura literária mais aprimorada, foi Senna Freitas (1840-1913) cujos livros *No presbiterio e no templo*, *Por agua e terra*, para não citar senão êstes, ficarão como modêlos da mais tersa, da mais perfeita, da mais lítima e bela linguagem. Polemista foi-o também e como o soube ser! ³

Sam críticos de arte

RIBEIRO ARTUR (Bartolomeu Sezinando) (1851-1910) autoridade de provada competência como o demonstram os três vols. *Artes e Artistas contemporâneos*, indispensáveis a quem, de futuro, quiser elaborar a história da evolução da arte e dos artistas dos nossos dias, muitos dos quais o autôr conheceu e tratou.

¹ O *Bol. Bibl. da Acad. das Sc. de Lisboa*, 1.^a s., v. II, de março de 1917 deu o catálogo pormenorizado de todas essas publ. organizado por Alvaro Neves e já antes até á época respectiva o sr. Braamcamp Freire no *Arch. Hist. Port.* v, 1907, 241.

² O seu elogio na *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, XI, pág. II (1909).

³ Algumas págs. vivas como sabe escrevê-las o Visconde de Vila Moura, em *A vida mental portuguesa*. Coimbra, 1909, pág. 99, e *Vida litt. politica*, Porto, 1911, pág. 67.

ZACHARIAS DE EÇA (Francisco ... de Araújo da Costa...) (1840-1908) crítico de arte dos mais conhecedores que temos tido, cuja obra neste sentido ficou dispersa por jornais e revistas. Apaixonado pelo desporto da caça escreveu o vol. de interessantes narrativas *Caçadas Portuguesas*, onde incluía *Paisagens e figuras de campo*, a sua melhor obra pelo cuidado da forma, que é irrepreensível. O seu último vol. é *A Lisboa moderna* (1907), onde recopilou muitas das suas críticas de contestura bastante original ¹.

JORNALISMO

Sumário: 267. Desenvolvimento do jornalismo no séc. XIX. Alguns cultores — 268. A. Ennes — 269. Mariano de Carvalho. — 270. Emygdio Navarro.

267. — O jornalismo no séc. XIX. O jornal tomou no século XIX um desenvolvimento assombroso. Política, ciência, arte, questões sociais, tudo êle invadiu, tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial. A êle se deve a popularização da literatura pelas suas condições de modicidade de preço e de atualidade. Se nem sempre literariamente e como força moral é impecável, se inteligências que se lhe consagram dariam mais e melhor com trabalho menos rápido, menos febril, não se póde contestar a sua acção profunda e estensa no movimento de difusão das idéas literárias. Depois da implantação do regimen liberal em Portugal a imprensa jornalística assinalou-se por grandes progressos. Por lá passou a grande maioria dos nossos escritores — desde Herculano, Castilho e Garrett até Mendes Leal, Pinheiro Chagas e tantos outros, uns aproveitando-o como arma politica, outros como instrumento literário, alguns como meio de vida, outros simplesmente como mero passatempo. Mas há a distinguir, dentre a magna caterva que pelo jornalismo passou, aqueles que a êle se consagraram tornando-se verdadeiros profissionais atingindo o seu trabalho fóros de reputação merecidíssima.

Três ou quatro nomes registaremos. ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO (1806-1882) é um dos fundadores do jornalismo moderno em Portugal. Na *Revolução de Setembro*, ao lado do tribuno José Estevão e doutros, depois no *Espectro*, entregou-se a uma laboriosa vida pugnando sempre denodadamente pelas idéas de liberdade e de progresso ². Teixeira de Vasconcelos (1816-1878) é outro jornalista insigne,

¹ Biogr. e retrato no *Occid.*, 1909, n.º de 20 de janeiro.

² Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo*, Lisboa, 1907. Tras o retrato e largos elementos biogr., alguns inéditos e íntimos. Os habitantes de

fundador da *Gazeta de Portugal* e do *Jornal da Noite*. As suas obras literárias *Lição ao Mestre*, *Ermida de Castromino*, *Prato de arroz doce*, que são romances de alto valor, o vol. de *Viagens na terra alheia*, os *Contemporâneos* (em francês), biografias e opúsculos vários mostram a pujança e a grande maleabilidade do seu talento ¹. Carlos Lobo de Avila († 1895), parlamentar vivo e brilhante, e fino argumentador, cujas qualidades literárias começou a revelar ainda quando estudante na *Revista de Coimbra* e melhor na *A carteira d'um viajante*. Assinalou-se como jornalista na direcção de *O Tempo*. Urbano de Castro (1850-1902) deixou uma obra vastíssima difundida pelas páginas do *Jornal da Noite*, onde ganhou as suas esporas de ouro e pelo *Diário da Manhã*, *Correio da Noite e Tarde*. Mas em quem o jornalismo do Portugal contemporâneo encontrou os seus melhores paladinos foi em António Enes, Emídio Navarro e Mariano de Carvalho.

268. — ANTÓNIO ENES (1848-1901), de Lisboa, tem também de encarar-se como dramaturgo. Muito moço ainda obteve um êxito triunfal com as peças dramáticas *Saltilbanco* e sobretudo com os *Lazaristas*, peça de combate e de propaganda liberal, que fez voar o seu nome em sobressaltos de entusiasmo por todo o Portugal e Brasil. Vieram depois *Os Engeitados*, o *Luxo*, o *Divórcio*, a *Extrangeira* (tradução). Tendo entrado na política envolveu-se na vida jornalística, tornando-se, pela correcção dos seus artigos, sobretudo no último jornal que dirigiu o *Dia* um dos nossos primeiros jornalistas contemporâneos. Era também um polemista vigoroso e incisivo. Deve-se-lhe uma versão anotada e ampliada da *História Universal* de Cesar Cantu. Na revista literária que apareceu em Lisboa com o título *Serões* foram publicadas interessantíssimas notas de viagem — *De Lisboa a Moçambique*.

269. — MARIANO DE CARVALHO (1836-1905) professor da Escola Politécnica de Lisboa, político e financeiro de grandes recursos intelectuais. Foi no *Diário Popular* que durante quarenta anos Mariano de Carvalho ditou as suas opiniões económicas e finan-

Esposende, donde o grande jornalista era natural, levantaram-lhe em 1906 uma estátua no melhor largo da vila. Vid. *Occidente*, n.º de 10 dez. 1907. Vid. também Alberto Pimentel, *Vinte anos de vida literária*, já cit., pág. 61.

¹ Elogio hist. por Teixeira de Queiroz in *Hist. e Mem. da A. R. das Sc. de Lisboa*, nova série, 2.ª ed. xi, parte 2.ª (1909). A obra jornalística foi em parte reunida nos 2 vols. *Cartas de Paris*, Porto, 1908, de que só se tiraram 60 exs. ! Interessante para a vida íntima do grande jornalista o opúsculo de J. Corrêa Pacheco. *O arquivo de Ex-libris portug. e A. A. Teix. de Vasc., Carta a J. de Araújo*, Porto, 1910.

ceiras, que abrangiam um largo plano depois metódicamente exposto no livro *Questões d'hoje* (1893), que saiu com um prefácio do jornalista Mariano Pina. Nas horas vagas, momentaneamente alheado das pugnas quer da imprensa, quer do parlamento, traduziu algumas obras de Júlio Verne. O seu estilo, apesar de irregular, era brilhante e repleto de *humorismo* e de fina graça.

270. — Com Mariano competia, sobrepujando-o literariamente Emidio Navarro (1864-1905) estadista e político, que deixou um profundo vinco da sua personalidade, sobretudo no *Novidades*, que fundou em 1885 e redigiu até á sua morte. A sua prosa sonora e vigorosa, era formidável na polémica, ficando célebres alguns dos seus artigos sôbre personalidades políticas ou acontecimentos de ocasião. Nos *Quatro dias na Serra da Estrela* (1884) há páginas de descritivo, que sam modelares ¹.

271. — **Jornalistas Contemporâneos** — Pelo seu saber, consciência da sua profissão e valor literário sam merecedores de registo nos últimos tempos os nomes de Brito Rebelo (1830-1920) que tem o seu nome ligado, entre vários jornais, ao "*Ocidente*", de que foi redator-fundador em 1878. Os seus artigos tinham um cunho histórico da maior probidade e só reunidos se lhes poderia aquilatar o valor. O seu vol. *Gil Vicente* (1912) fica entre os últimos trabalhos consagrados ao fundador do teatro português como modelo de probidade em investigações históricas ². Outro jornalista insigne e simultaneamente esmerilhador de antigualhas históricas foi Brito Aranha (1833-1914), que nasceu no jornalismo e nêle morreu ficando aí a maior parte da sua glória. Foi continuador de Inocêncio dando a êsse monumento bibliográfico os melhores cuidados do seu espírito [vols. 10, 3.º do *Supl.*, até o 21] desde que em 1878 foi encarregado d'essa pesadíssima tarefa ³. RODRIGO AUGUSTO CERQUEIRA VELOSO (1839-1913) ganhou o amor ao jornalismo, pode dizer-se, desde os bancos da Universidade, pois em Coimbra quando estudante fundou diversos jornais, embora de curta duração, — o *Phosphoro*, *Tira Teimas* e *Atila*. Dependeu a maior actividade na direcção da *Aurora do Cavado*, de Barcelos, semanário quâse exclusivamente consagrado a questões

¹ Vid. *Vinte e cinco anos nos bastidores da politica* — Emidio Navarro e as "*Novidades*" por E. de Noronha, Lisboa, 1913.

² Jacinto de Brito Rebelo n. em Ponta Delgada e seguiu a carreira militar morrendo no posto de General. Vid. Inoc. da Silva — *Dic. Bibl.* x, 106.

³ Pedro Wenceslao de Brito Aranha, de Lisboa, trabalhou incansavelmente até á proecta idade de 80 anos com que faleceu. O *Diario de Noticias* de que foi durante largos anos redactor efectivo, publicou-lhe por ocasião do falecimento — 9 de set. 1914 — larga e justíssima biografia.

bibliográficas. Reimprimiu livros raros e coligiu composições inéditas ou pouco conhecidas, que ou se perderiam de todo, ou de raras ficariam conhecidas, como fez com o poeta brasileiro *Francisco Bastos* falecido em 1895, (*Versos*, Barcelos, 1898), com Antéro, João de Deus, etc.

PEDRO D'ALCANTARA VIDOEIRA (1833-1917) também se assinalou no jornalismo ao lado de Pinheiro Chagas, Júlio Cesar Machado e outros escritores da época. Traduziu obras de Júlio Verne e entre outros trabalhos literários deixou os romances — *A fidalga do Juncal*, *Ambições de Cortesã*, etc.

ELOQUÊNCIA

Sumário: 272. A eloquência sagrada: seu caracter. — 273. Malhão. — 274. Mota Veiga e Rodrigues de Azevedo. — 275. Alves Mateus. — 276. Alves Mendes. — 277. Francisco Patrício.

272. — A eloquência sagrada. Separemos nesta exposição as duas formas tão diferentes por natureza, fins e recursos que respectivamente as inspiram e de que cada qual lança mão: a eloquência sagrada e a profana na sua forma mais literária e brilhante, a forma parlamentar. «O orador sagrado do século XIX não deve apresentar-se no campo armado de escudo e morrião para bater adversários, que zombam desta armadura antiga, mas valer-se para defender a religião das armas, que os inimigos dela empregaram para a arruinar». Assim pensava e escrevia Malhão, o mais notável orador do século que findou; essas mesmas idéas tratou êle de efectivar na prática, bem como os oradores Mota Veiga e Rodrigues de Azevedo, que mencionamos a seguir. Mais modernos, Alves Mateus, Alves Mendes e Patrício são também doutro feitio literário que muito os distancia daquelles, sobretudo Alves Mendes que, pôsto que brilhante, está longe de poder servir de modelo no género da oratória sacra.

273. — FRANCISCO RAFAEL DA SILVEIRA MALHÃO (1794-1860) notável orador sagrado e insigne poeta, natural de Obidos, a quem os seus contemporâneos exaltaram chamando-lhe, como D. António da Costa, o Lacordaire português. Conta-se que outro grande orador, José Estevão, ouvindo-o uma vez prégar, irrompera, em plena igreja, em bravos e palmas, arrebatado pela palavra dominadora de Malhão. Dos seus numerosos sermões destaca-se o que recitou nas exéquias do Conde de Barbacena (Fran-

ciaco Furtado de Castro do Rio Mendonça e Faro) na igreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, no dia 25 de agosto de 1854. Malhão cultivou: 1. a sacra com muita felicidade, encontrando-se no escriptorio que as encerra (não todas), a que pôs o título de *Lyra Christã*, muitas notáveis pela sua incontestável beleza ¹. —

274. — MANUEL EDUARDO DA MOTA VEIGA (1831-1879), doutor e lente da Faculdade de Teologia, foi um orador fluente e vigoroso. As suas *Conferências religiosas* ² são conceituosas e ornadas de frase elegante e erudita. Mota Veiga escreveu, além doutras obras, um *Esboço da Faculdade de Teologia* ³, que encerra preciosos materiais para a história da Universidade, em geral, e muito particularmente para a da doutíssima corporação, de que foi praeclaro ornamento; FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE AZEVEDO (1811-1897), outro doutor e lente da Faculdade de Teologia, professor insigne, e não menos insigne orador. A oração fúnebre recitada nas exéquias de *Filinto Elysio* merece particular referência pois que nela, segundo as expressões de Malhão « o elogio do rei dos líricos foi feito pelo rei dos oradores portugueses » ⁴.

275. — JOAQUIM ALVES MATEUS (1833-1903) natural de Santa Comba Dão, bacharelou-se em teologia na Universidade de Coimbra, onde foi estudante distinto, e notabilizou-se na tribuna sagrada deixando publicados numerosos discursos, que são uma afirmação incontestável do seu grande valor literário. A linguagem cêlica é vernácula e muito castiça, podendo apontar-se como verdadeiros modelos do género. Citaremos tam sómente a *Oração Congratulatória no consórcio de SS. MM. El Rei D. Luís e D. Maria Pia*, pregada na Sé do Porto em 1862; as orações fúnebres de D. Pedro IV, D. Pedro V, Sá da Bandeira e de D. Luís, etc. A última vez que subiu ao púlpito foi em Braga por ocasião do Congresso Católico realizado nesta cidade em 1892, e ainda então a sua

¹ Vid. a notícia necrológica por J. M. de Andrade Ferreira, *Literatura, Música e Belas Letras*. 1.º vol., 1871, pag. 149.

² *Conferências recitadas na Sé de Coimbra em os domingos de Quaresma*, Lisboa, 1874, 1 vol.

³ *Esboço histórico-literário da faculdade de teologia e da Universidade de Coimbra em comemoração do centenário da reforma... 1772*. Coimbra, 1872, 1 vol.

⁴ Os sermões do Doutor Rodrigues foram reunidos numa ed. de 1897: *Tributo de saudade que á Memória do seu dedicado amigo Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, do conselho de sua Magestade..., paga o Visconde de Taveiro*.

Vid. o *Elogio histórico* pelo Dr. L. M. da Silva Ramos in *Anuário da Universidade de Coimbra* para o anc de 1897, pág. xxxv e seg.

te, a sua argumentação brilhante e erudita, a sua presença levantada e augusta, fôra que já começava de miná-lo, o ponto mais saliente e mais distinto daquela celebração religiosa.

Alves Mateus morreu no dia 29 de agosto de 1903, na sua terra natal, vitimado por uma bronquite, deixando profundas saudades a todos que ouviram a sua palavra eloquente.

276.— FRANCISCO JOSÉ PATRÍCIO (1850-1911). Dêas orador sam notáveis as orações por êle pronunciadas nos Jerónimos quando ali deram entrada os restos mortais de Garrett, e nas exéquias de D. Luís I, na das vítimas do incêndio do Baquet, do africanoista Silva Porto, etc. Os seus primeiros ensaios literários publicou-os êle no vol. *Telas Românticas*. Foi também colaborador de diferentes jornais do Porto, terra da sua naturalidade, especialmente do *Comercio do Porto*.

277.— ANTÓNIO ALVES MENDES DA SILVA RIBEIRO, nasceu em Penacova e morreu em 4 de julho de 1900. Foi bacharel formado em teologia, cônego da Sé do Porto e professor no Seminário desta cidade. A sua fama como orador sagrado firmou-se principalmente desde que em Lisboa pronunciou a oração fúnebre de A. Herculano por ocasião da trasladação dos restos mortais do inclito historiador para os Jerónimos. Prêgou depois em idénticas solenidades, comemorando o passamento de vultos insignes como Fontes Pereira de Melo e Barros Gomes. Uma das suas orações mais notáveis foi pronunciada no mosteiro da Batalha, quando ali se fez trasladação dos ossos dos príncipes de Aviz.

Além de discursos Alves Mendes publicou um livro de viagens *Itália* que originou azeda polémica tendo sido acusado pelos seus detractores de plagiário de E. Castelar, citando-se em especial os *Recuerdos de Itália* dêste grande orador espanhol. Para se defender escreveu *Os meus plagios*, e em discussão com Mgr. Almeida Silvano sobre questões de filosofia tomista escreveu *Um quadruplante á desfilada e Thomista ou tolista?*, panfletos que no género sam verdadeiramente notáveis pelo vigor do sarcasmo e da linguagem.

Como orador sagrado Alves Mendes não o foi no rigoroso sentido do termo. Foi antes um burilador de frases e um joalheiro de linguagem.

A ELOQUÊNCIA PARLAMENTAR

Sumário: 278. A eloquência política e parlamentar. Vários oradores. — 269. J. Estevão. — 270. Vieira de Castro.

278.— A eloquência parlamentar. Com a conquista das idéas liberais e a implantação do regime representativo abre-se uma época gloriosa para a eloquência parlamentar portuguesa. A convicção ardente, que impeliu para o campo de batalha os defensores da liberdade, levou-os igualmente á tribuna onde puseram a sua palavra na defesa dos mesmos ideais: tais fôram MANOEL FERNANDES TOMÁS (1771-1822) antonomasticamente designado por o « patriarca da liberdade » a quem foi erguida uma estátua pelos habitantes da Figueira da Foz, seus patrícios; MANOEL BORGES CARNEIRO (1774-1833) que no período anterior mencionamos como jurisconsulto; AGOSTINHO JOSÉ FREIRE (1780-1836), como os anteriores, patriota exímio; FRANCISCO MANOEL TRIGOSO DE ARAGÃO MORATO ¹ e mais tarde, numa fase de combate e antagonismo dos partidos políticos, RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES (1789-1858) político habil, e muito astuto, a quem os contemporâneos demasiadamente severos e por ventura até injustos chamaram a « Raposa Política »; ² GARRETT, ³ MANOEL DA SILVA PASSOS (1801-1862), outro grande liberal, como os mencionados, verdadeiro democrata a quem devemos um grande passo na reforma do ensino, todos honraram de modo notável a tribuna do parlamento. Mas a todos sobressaíu José Estevão.

279.— JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES (1809-1862), de Aveiro, o príncipe incontestado da eloquência parlamentar portuguesa. Nem antes nem depois dêle a liberdade teve mais enérgico e devotado apóstolo. A sua palavra tinha o poder de dominar todos os auditórios. Arrojo nas imagens, grandeza nas concepções, uma forma ampla e vasta, postas ao serviço da mais completa vocação oratória, fizeram de José Estevão um tribuno insigne, cujo nome será sempre recordado com admiração ⁴. Os seus discursos

¹ Aragão Morato (1777-1838) é autôr de duas memórias muito estimadas — *Sôbre o teatro português*; e *Sôbre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa*.

² Bulhão Pato, *Memórias*, vol. 2.º, Lisboa, 1894, pág. 11-22; Latino Coelho, *Elogio hist.* 1859; J. M. Andrade Ferreira, *Rev. Contemp. de Portugal e Brazil*, t. 3.º.

³ O discurso mais notável de Garrett é o do *Porto Pireu*, proferido na Câmara dos Deputados na sessão de 1840, discutindo a resposta ao discurso da corôa. Cfr. *Obras Completas*, cit., tom. 21, pág. 67.

⁴ Vid. *Discursos Parlamentares com um Apendice* contendo vários artigos jornalísticos, a defesa do *Portugal Velho*, etc. Ed. do Centenário (1609-1809) Porto, 1909, 1 vol.

os principais sam sôbre a questão *Charles et George*¹, pronunciado a 14 de dezembro de 1857; sôbre as *Irmãs da caridade* de 9 e 10 de junho de 1861; sôbre a *suspensão de garantias* de 12 de agosto de 1840; e a *resposta ao discurso da corôa* (Porto Pireu) de 6 e 13 de fevereiro de 1840 em que tomou parte Almeida Garrett.

280. — JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO (1838-1872) foi um orador de palavra quente, apaixonada e vibrante. Conhecido desde os bancos da Universidade pelo seu temperamento irrequieto notavelmente desde o dia em que, em plena Sala dos Capelos, violentamente apostrofou a decisão dum júri, Vieira de Castro, conseguida a sua formatura, entrou no parlamento como deputado e ali a sua eloquência alcançou enormes triunfos. Em 1866 partiu para o Brasil, mas jogou amargamente a ambição que para lá o arrastou. O seu casamento com uma senhora brasileira deu origem ao seu enorme infortunio. Em 1870 Vieira de Castro foi condenado a 10 anos de degrado, vindo a falecer dois anos depois em 7 de outubro de 1872. Dixou entre outras obras: *Uma página da Universidade*, Porto, 1858; *C. C. Branco, Noticia da sua vida e obras*, Lisboa, 1861; *Discursos parlamentares*, 1865-1866, Lisboa, 1896.

Como documento biográfico e literário tem muito valor a correspondência que Vieira de Castro trocou com C. Castelo Branco publicada sob o título de *Correspondência entre Camilo... e Vieira de Castro* (2 vols.).

O trágico desenlace da vida de tam promettedor espírito, abruptamente acontecido aos 32 anos, chama ainda sôbre êle a piedade da história, não obstante o tempo volvido.

Vieira de Castro exerceu grande, embora efémera, influência nos escritores seus contemporâneos. A obra sôbre Camilo foi a colhida com alvoroço e constituiu a fonte principal do gongorismo moderno, que foi depois a feição mais característica da chamada *Escola de Coimbra*². Tinha a envergadura dum grande orador e sê-lo hía cer-

¹ Pinheiro Chagas, *Dicc. Popular*, vol. xiii, pág. 389.

² A *Charles et George* era uma barca francesa apresada como negreira nas aguas de Moçambique. O govêrno de Napoleão III mandou-a restituir dentro de 48 horas ou, dada a recusa, que o ministro se recolhesse á esquadra surta no Tejo e que as hostilidades principiassem. Não foi preciso tanto. No dia 25 de outubro de 1858 a *Charles et George* era entregue ao capitão Turville e com ela uma indemnização de 120 contos! E era ministro da marinha Sá da Bandeira! O discurso sôbre a *Charles et George* vem no *Diário da Câmara dos Deputados*, 1858-59, pág. 348.

Em 1909 celebrou-se o centenário natalício do grande tribuno, cumprindo destacar dos trabalhos então publicados o do Sr. Jaime de Magalhães Lima, *José Estevão*, Coimbra, 1 vol., estudo sereno, sincero e consciencioso. Vide também J. A. de Freitas Oliveira, *J. E., esboço histórico*, Lisboa, 1863.

tamente se tivesse tempo de moderar o arrebatamento da sua palavra. Dos seus discursos os mais célebres fôram aquele em que defendeu as leis de desamortização e um outro sôbre liberdade de imprensa.

ROMANCE

Sumário: 281. O *romance* no séc. XIX: sua grande extensão. Vários autores. — 282. Julio Denis. — 283. Camilo. — 284. Eça de Queiroz. — 285. O *conto*. — 286. Paganino. — 287. J. Cesar Machado. — 288. Barros Lobo. — 289. Alberto Braga. — 290. — Trindade Coelho. — 291. Conde de Arnoso. — 292. Fialho de Almeida.

281. — O Romance. Sua grande extensão. Vários autores. Esta fôrma literária ocupa na literatura do séc. XIX um lugar proeminente, umas vezes aproveitando a história para base de narração e criando assim com W. Scott o género que se divulgou por toda a Europa, conservando-se outras vezes exclusivamente dentro dos âmbitos do idealismo, tomando ás vezes a fôrma do romance propriamente dito, outros a fôrma mais rápida, ligeira, mas não menos artística do *conto*, êle atingiu entre nós, como nas literaturas estrangeiras grande extensão e desenvolvimento. Algumas das mais belas páginas da moderna literatura sam devidas a Júlio Denis, Camilo, Eça, Fialho, etc. Mas pouco mais podemos aqui fazer do que apresentar uma nota rápida, sumária e simplicíssima de muitos dos nossos escritores que primaram nêste género literário.

Assim RODRIGUES BASTOS (1777-1862), o autor da *Virgem da Polonia* e dos *Dois artistas*; ARNALDO GAMA, romancista histórico, (1828-1869), cujas obras mais estimadas sam o *Sargento-mór de Villar*, *Um motim ha cem anos*, *O segredo do Abbade* e a *Ultima Dona de S. Nicolau*; ANTONIO DE OLIVEIRA DA SILVA GAYO (1830-1870) que, além do drama *D. Frei Caetano Brandão* (Coimbra, 1869) nos deu a reconstituição da agitada época liberal do nosso país de 20 a 34 no romance tam popularizado *Mario*, (Lisboa, 1868); ¹ OLIVEIRA MARRECA (1815-1889) figura de alto relêvo social, autor do que melhor chamariamos ensaios de romance histórico, *Manoel de Sousa Sepulveda* (*in* *Panorama* de 1843) e *O Conde Soberano de Castela* (*Ibid.*, 1844 e 1853); JOÃO DE ANDRADE CORVO (1824-1890), escritor de vasta erudição patenteada em numerosos trabalhos de história,

¹ Alguns traços íntimos da vida dêste simpático escritor em Bulhão Pato, *Sob os cyprestês*, já cit., pág. 269.

etc.¹. Mas além de erudito foi também artista: belas faculdades de imaginação como o demonstra o romance *Um ano na corte*, Lisboa, 1850 51, 4 v. *O Aliciador* (in-*Arquivo Univ.*, 1, 1859), *O Al. I e II*) e várias poesias avulsamente impressas. Guilhermino de Barros (1835-1900), além de poeta, correcto, do que deixou assinalado testemunho no *romance-crónica* que lhe rendeu os encórritos da época e o vol. de versos *Cantos do* obteve o-prémio D. Luís; Gervasio Lobato (1850-comediógrafo destinto. A sua primeira peça, *De*, foi representada no Ginásio em 1873. Desde aí de seguir o que nêle era vocação e tendência os dentre as suas muitas peças os *Grotescos*, *Me-Sua Excelência*, *O commissario de policia*, *As* e de colaboração com D. João da Câmara — *O* *ide*; *Cóco*, *Reineta e Facada*, *O testamento da* *de copas*. A facilidade dos diálogos, a graça e o, como faíscas, de todos êles, o *apropósito* alegre am as obras de Gervasio essencialmente populares originais sam *A comédia de Lisboa*, *A pri-Lisboa em camisa*, *Os invisiveis de Lisboa*, e *ica*. Deixou numerosas traduções teatrais e coladua em diferentes jornais do país. Julio Lourenço do Porto, onde nasceu a 24 de maio de 1842 e mo mês de 1907. Escritor vernáculo e primoroso *a*, *scenas da vida contemporânea*, Porto, 1879; *idem*, 1880; *O senhor Deputado*, *id.*, 1882; *O* *vel*, *id.*, 1884 e *Estética naturalista*, *estudos*, *id.*, 1885. Colaborou além disso em diferentes as sendo sempre tudo o que escravia de aprimor de muita leitura e saber.

QUIM GUILHERME GOMES COELHO, mais dónimo de Júlio Dinis. Nasceu no Porto a 14 de e morreu a 19 de setembro de 1871. Era mé-Porto e ainda quando estudante publicou alguns romances que depois formaram o volume *cia*. O romance que de repente o consagrou na as *Pupilas do Snr. Reitor*, primeiro vindo á luz

¹ III, e x, 148 e 399.

itou o *Roteiro de Lisboa a Gôa por D. João de Castro*,

m vol. pela 1.^a vez em 1874. Ultima ed., a 5.^a em 1913.

em folhetins no *Jornal do Porto* e depois em volume em 1867 seguindo-se numerosas edições, e que mereceu a Herculano a classificação de primeiro romance português do século XIX. Vieram depois a *Morgadinha dos Canaviaes*, os *Fidalgos da Casa Mourisca* e *Uma família inglesa*, que não fizeram senão confirmar o alto valor d'este finíssimo psicólogo e interessantíssimo escritor. Morreu aos 32 anos vítima da tuberculose, para debelar a qual fôra sem resultado até á Madeira, numa idade em que a glória lhe começava a nimbar a fronte. E' o criador do romance naturalista em Portugal. As scenas dos seus livros accusam um observador perspicaz, delicado e exacto da alma portugueza. Em Grijó, Ovar, Famalicão e Fânzeres, onde tinha alguns parentes e amigos e onde viveu em procura de alívios para a sua saúde abalada, foi observando os tipos com que enriqueceu a galaria notabilíssima dos seus romances — o *Mestre Bento Pertunhas*, o *Herbanário Vicente*, o *Dr. João Semana*, o *Snr. Reitor*, aquelas boas e dôces figuras de *Madalena*, de *Cristina*, etc. Sem esforço, o enredo desenvolve-se prendendo a atenção do leitor, que não se cansa de admirar os quadros e as personagens que os enchem e que não mais se lhe apagam da memória numa lembrança suavíssima e deliciosa ¹. Recentemente publicou-se o vol. *Inéditos e Esparsos* ² importantíssimo para o estudo psicológico e crítico do autor.

283. — CAMILO CASTELO-BRANCO (1826-† 1 de junho 1890), poeta, dramaturgo, romancista, crítico, é um dos mais fecundos e operosos escritores que conta a história da nossa literatura. Natural de Lisboa, orfão de pais desde verdes anos seguiu os seus estudos com muita irregularidade no Porto e em Coimbra. A sua actividade literária é verdadeiramente febricitante desde os primeiros passos no domínio das letras. As suas obras elevam-se a 262 compreendendo poesia, romance, conto, drama, opúsculos de crítica, traduções, biografias, etc. ³. E não fôsse a doença que o torturava nos últimos anos, o desconsolo produzido por muitas dores morais, a cegueira que o atacou irremediavelmente, e por fim a morte que a si próprio se deu no dia primeiro de junho de 1890, e certamente a herança legada ao país seria melhormente acrescida como de quem

¹ Vid. a biografia do distinto romancista escrita por Alberto Pimentel nos *Fidalgos da Casa Mourisca*, 3.^a ed., 1877. Cfr. também o artigo de A. X. Rodrigues Cordeiro no *Almanach de Lembranças* para 1876, o *Museu Ilustrado*, II (1879), n.º 1, e muitas cartas suas inéditas até então e publicadas no *Portugal Artístico*, Porto, 1905.

² Lisboa, 1910, 1 vol. A obra traz largo estudo biográfico-crítico pelo falecido escritor Sousa Viterbo.

³ M. Henrique Marques, *Esboço duma Camiliana*.

possuía a pena mais bem dotada, mais rica e mais fecunda que porventura pôde apontar a nossa galaria literária. Como Herculano, Garrett, Rebelo da Silva, Arnaldo Gama, Silva Gaio, explorou Camilo o domínio da história aliado ao da fantasia escrevendo dezenas de novelas e romances históricos, em que o interesse pela narrativa se desenrola através de páginas duma lídima linguagem bem portuguesa é bem clássica, sempre rica e variada, maleável ao sabôr do artista genial que a emprega, umas vezes provocando a gargalhada, outras o patético, mas sempre ductil, apropriada e bela. Os seus tipos — o brasileiro, os velhos fidalgos do norte, os abades do Minho, o boticário, o escrevente, o namorador apaixonado e romantico, o brasileiro, o político e quantos outros! vivem nas páginas dos seus livros imorreduramente.

Há, como era natural, na sua vasta obra desigualdades, incoerências, fraquezas. Mas quem as não tem!

Deste a *Aguilha em palheiro*, *O olho de vidro*, o *Retrato de Ricardina*, ao *Eusébio Macário*, *Brasileira de Prazins*, sem dúvida, o espaço percorrido é enorme, mas em todos se pôde admirar o estilo amplo e a maneira viva e colorida que prende e encanta. Citemos das suas obras tam sómente:

TEATRO: *Abençoadas lágrimas*, *Agostinho de Ceuta*, *Condemnado*, *Justiça*, *O morgado de Fafe em Lisboa*, *Morgado de Fafe amoroso*, *Marquês de Torres Novas*, *Purgatório e Paraizo*, etc.

ROMANCES: *Amôr de perdição*, *Amôr de salvação*, *Os brilhantes do Brasileiro*, *Sereia*, *A bruxa do monte Cordova*, *A Corja*, *Mistérios de Lisboa*, *Livro Negro*, *Neta do Arcediago*, *Eusébio Macário*, *Volcões de Lama*, etc.

POESIA: *Ao anoitecer da vida*, *Duas épocas da vida*, *Inspirações*, *Um livro*, *Nas trevas*.

TRADUÇÕES: *Amôres do diabo*, de Carotte, a *Fanny*, de Feydeau, o *Génio do Cristianismo*, de Chateaubriand, o *Inferno*, de Calet, *Romance dum rapaz pobre*, de Octave Feuillet, o *Dicionário de Educação e Ensino*, de Campagne, *História de Gabriel Malagrida*, de Mony, *A immortalidade, a morte e a vida*, de Puchesse, etc.

Repetimos: é impossível citar a obra de Camilo, tam vasta, tam complexa se oferece a quem tenta fixá-la. Que brilhantes páginas ainda nos *Críticos do Cancioneiro Alegre*, nos *Serões de S. Miguel de Seide*, na *Boémia do Espírito*! A luminosa trajectória percorrida por êste belo espírito pode seguir-se com minúcias aqui descabidas, por exemplo, no *Romance do Romancista* do seu discípulo e amigo sr. Alberto Pimentel, nas *Idéas Modernas na lit. portugêsa* do sr. Th. Braga (I, pág. 240-285) e em outros livros da especialidade.

Aqui só queremos salientar dentre os romances o *Amôr de Perdição*, história passional dum tio do romancista Simão Botelho,

romance que parece ser, dentre todos, aquele que o carinho público de há muito consagrou. Ao lado dessa obra impregnada de sentimento e de beleza ponhamos a sua obra de ironia e de riso, já leve, já cáustico, dos *Serões de S. Miguel de Seide*, *Cancioneiro Alegre* e *Críticos do Cancioneiro*, da *Senhora Ratazzi*, da *Cavalaria da Sebenta*, etc., e teremos os dois tipos característicos da complicada psicologia de Camilo, que é português e bem português na raça, no espírito, no coração, sentimental, impulsivo, generoso e nobre¹.

284. — J. M. EÇA DE QUEIROZ (1846-1900) natural da Póvoa de Varzim, consul de Portugal em Cuba, em Bristol e por último em Paris, onde faleceu. No dia 9 de novembro de 1903, inaugurou-se no Largo do Quintela, em Lisboa, a sua estátua e na sua terra natal no dia 14 de outubro de 1906 colocaram os seus admiradores uma lápide na casa onde nasceu.

Na história do romance nacional o seu nome, independentemente do juízo que venha a fixar-se a respeito da sua obra, ficará para sempre perdurável pelo caminho novo que rasgou no campo do naturalismo e pela influência decisiva que a sua *maneira* criou e exerceu. Temos d'ele *O Mistério da Estrada de Cintra*, escrito de colaboração com Ramalho Ortigão, primeiramente publicado em folhetins no *Diário de Notícias* e mais tarde em volume: *O crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, episódio doméstico; *O Mandarim*, *A Relíquia*, *scenas da vida romantica*, *Os Maias*, episódios da vida romantica, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras*, *Contos*, *Prosas barbaras com uma introdução de Jaime Batalha Reis*, *Cartas d'Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Notas contemporâneas* e *Ultimas páginas* (mss. inéditos).

Em todos os seus trabalhos não é só o entrecho que prende e seduz o leitor, mas principalmente a magia do estilo, vivo, novo, de riquíssima policromia. Devemos colocar á parte o *Mistério da Estrada de Cintra*, que os seus autores publicaram já com o propósito de aproveitar todas as velhas molas do *deus-ex-machina* dos romances sensacionais. Eça foi acusado de plagiário no *Crime do Padre Amaro* que derivaria de *La faute de l'abbé Mouret*, de Emilio Zola, mas basta registrar que o *Crime* é de 1871, foi lido a

¹ Veja-se Silva Pinto, *C. C. Branco, notas e documentos: desagrvos*. Lisboa, s. a. (1910). 1 vol.; J. J. Tavares Proença, *Auto-biografia de Camilo*, Coimbra, 1906, 1 vol.; A. Pimentel, *Memórias do tempo de Camilo*, Porto, 1913, 1 vol.; Paulo Osório, *Camilo, a sua vida, o seu génio, a sua obra*, Porto, 1908, 1 vol.; Visconde de Vila Moura, *Camilo inédito*; Sérgio de Castro, *C. C. B. tipos e episódios da sua galeria*, Lisboa, 1914, 3 vo s.; A. Cabral, *Camilo de perfil*; e *Camilo desconhecido*, 1918; Prado Coelho, *Camilo*, 1919.

um grupo de amigos em 1872 e foi desde fevereiro de 1875 publicada na *Revista Occidental*. Ora *La faute...* foi escrito e publicado em 1875.

Da obra de Eça fôram póstumamente coligidos alguns trabalhos dispersos ¹, mas a melhoria dela, qualquer que seja o lugar definitivo a dar ao *Crime do Padre Amaro*, ao *Primo Basílio*, aos *Maias*, foi publicada e amorosamente revista por êle e é essa que firma a inconfundível personalidade do seu autor. No entretanto o livro já póstumamente publicado — *A Cidade e as Serras* — tem tantos encantos de estilo, tanta riqueza e variedade de descrições, diálogos tam bem tracejados e com tal arte, tam simples e tam naturais, um sabor tam exquisito e tam fino que, parece-nos, não se hesitará em lhe dar a primasia sôbre todos os demais livros de tam finissimo talento.

Fialho afirmou um dia que Eça não era um escritor nacional, mas antes um escritor europeu, cosmopolita, o que é um paradoxo, ou não tem significação. Outros têm sustentado que a obra de Eça é essencialmente imoral e sceptica. Mas sem querer desculpar o exagero de certos pormenores e o aproveitamento de situações moralmente indefensaveis e que não sabemos em que importavam á sua arte, á sua estese, o facto é que o notável romancista não pôde ser considerado, em princípio, como um sistemático demolidor de forças morais. O mais criticado dos seus livros, o *Primo Basílio* é a formal condenação do adultério. No *Crime do Padre Amaro* a figura abnegada e simpática do Padre Ferrão é a prova de que o autor quere e sabe distingui-lo dos máus e falsos sacerdotes, êsses merecedores das suas ironias e das suas censuras. Há quem afirme que no pensamento de Eça o *Mandarim* não é senão o estado humorístico do Remorso, como a *Relíquia* o estado humorístico da Hipocrisia. Em conclusão «sustentar-se-hia sem grande dificuldade, contra o equívoco de muita gente, que a obra de Eça de Queiroz teria exercido afinal, e poderá exercer ainda, uma acção social de efeito benéfico, embora na maior parte das suas páginas mais como agente de saneamento do que como estímulo de edificação.» ²

¹ Sôbre Eça deve lêr-se um artigo de Caiel na *Rev. critica de História y Literatura españolas, portuguesas e hispano-americanas*, 1901, reproduzido no *Diário de Notícias*, n.º de 24 e 25 de maio do mesmo ano, notável sobretudo pelo aspecto bibliográfico; o estudo tam *intimo* e tam belo de Batalha Reis na introdução ao vol. *Prosas bárbaras*, cit., e as páginas quentes de Silva Bastos no prefácio ao *Dic. de Milagres* rebatendo um paradoxo tam frequente, de resto, na penna inconfundivelmente brilhante de Fialho de Almeida; J. Agostinho, *Queiroz (Eça de)*, Porto, 1909, 1 vol.; A. Cabral, *E. de Q. sua vida e a sua obra, cartas e documentos inéditos*, Lisboa, 1900; Alberto d'Oliveira, *E. de Q., páginas de memórias*, 1919; Manoel Gaio, *E. de Q. (Carta)*, Coimbra, 1919.

² Manuel Gaio, *Eça de Queiroz (Carta)*, cit., pág. 18.

CONTO

285. — Não há distinção essencial entre o romance e o conto. A extensão é um elemento todo exterior e superficial. Em todo o conto há naturalmente uma base, um fundo, que alargado a outras proporções, entremeiado com outras intrigas, daria um romance; como êste, apertado em moldes mais concisos teria de classificar-se no primeiro género. No conto brilham, porém, talvez com mais destaque, as qualidades que personalizam um autôr — fantasia, arte, estilo próprio e inconfundível. Como nas fórmulas poéticas o *soneto*, nas fórmulas em prosa o *conto* define rapidamente o que é e o que vale um escritor. Não admira por isso que esse género tenha também os seus cultôres especiais, embora a maior parte não limitasse exclusivamente a sua actividade a essa fórmula literária, como passamos a vêr.

286. — **RODRIGO PAGANINO** (1835-1863) além de colaborar em diversos jornais e revistas literárias, deixou um livro de contos, que tiveram longa aceitação do público *Os contos do tio Joaquim*, e justamente a mereciam pela simplicidade e naturalidade aliadas á beleza do estilo ¹.

287. — A linguagem é quasi sempre humorística em **JÚLIO CESAR MACHADO** (1835-1890) autôr de *Apontamentos dum folhetinista* 1878; *A vida em Lisboa* (1858); *Contos ao luar* (1861); *Recordações de Paris e Londres* (1862); *Em Espanha* (1865); *Do Chiado a Veneza* (1867); *A lareira* (1872); *A vida alegre* (1880). Traduziu em ed. monumental a *História de Gil Braz de Santilhana*, de Lesage. Os seus livros ligeiros, recreativos, simples e bons são documentos interessantes para o conhecimento das letras e para o da vida das diferentes classes no período de 1849 a 1880.

288. — **BARROS LOBO** (Eduardo de) (1857-1863) mais conhecido pelo pseudónimo de *Beldemónio*, autôr de pequenos contos, artigos de jornalismo e de crítica, em que se revelou sempre estilista primoroso e desassombrado. *A musa loira*, *Viagens no Chiado*, *Contos imorais* são uma amostra, aliás incompleta, do seu brilho como artista, que se manifestou ainda em algumas tradu-

¹ Cfr. J. J. de Sousa Teles. *Anuário portug., sc., litt. e artístico*, 127-131. Paganino era de Lisboa, médico e faleceu em Carnide em 22 de set. de 1863. Vid. B. Pato, *Sob os cyprestes*, cit., pág. 195.,

ções primorosas de Zola e Balzac. Os seus artigos de polémica suscitaram-lhe muitos inimigos.

289. — ALBERTO BRAGA (1851-1911) um dos mais finos contistas dos nossos dias, como se vê desde o primeiro vol. *Contos da minha lavra* (1879) até aos *Contos de aldeia*, *Novos contos*, *Contos escolhidos*, todos, pôde dizer-se, primorosos. Para o teatro, onde não foi feliz, escreveu *A estrada de Damasco*, *a Irmã* e *O Estatuário*. Deixou também uma longa colaboração em vários jornais. Minado pela tuberculose, Alberto Braga finou-se no Porto, (Foz), sua terra natal, no meio dum esquecimento bem injusto e bem cruel.

290. — TRINDADE COELHO (José Francisco...) [1861-1908] é o fino burilador do formoso livro que só pelo seu título nos revela o conceito em que o tinha quem o idealizara e lhe dera aquela perfeição de estilo, aquela finura de sentimento, aquela graça, aquela gentileza, aquela arte, tudo enclôto numa simplicidade de alma casta e boa e pura, que dá a êsse livro um lugar primacial na história da novela portuguesa — *Os meus amores*. E como é que o autôr dêsse livro, que traduz em todas as suas páginas tanta saúde moral, pôde ser arrastado á tremenda crise que teve o seu desfecho doloroso em 19 de agosto de 1908?

Trindade Coelho deixou páginas esplendidas em várias revistas e jornais. Magistrado lúcido e íntegro publicou obras da especialidade; como educador do povo a êsse larguissimo ideal consagrou dinheiro, fôrças e actividade incansável.

A sua *auto-biografia* e as *Cartas* editadas por seu filho, o ilustre poeta Henrique Trindade Coelho, sam a fonte principal para o estudo desta complexa individualidade.

291. — CONDE DE ARNOSO, (Bernardo Pinheiro Correia de Melo) (1856-1911) — prosador que criou um lugar de destaque no nosso meio literário desde a publicação do seu primeiro livro *Azulejos*. O volume de viagens *Jornadas pelo mundo* acentuou as qualidades de elegância, de vivacidade, de gosto, que predominam, de resto, em todos os trabalhos, como nos contos, artigos de jornal, e ainda nas peças teatrais *A primeira nuvem* e no *Suave milagre*, pequenos episódios de fina elegância literária. Todos sabem o abalo moral que lhe acarretou a morte trágica do rei D. Carlos de quem fôra grande amigo. O Conde de Arnoso ficou desde êsse acontecimento morto para a vida, senão apenas para erguer no Parlamento

a sua voz vingadora e justiceira contra quem tinha causado a morte do seu grande amigo, atitude de grandeza moral que se impôs ao nosso respeito, e de que ficou o éco, embora longinquo, nos dois volumezinhos *Justiça*.

292. — FIALHO DE ALMEIDA (1857-1912) é incontestavelmente um dos escritores mais originais, mais vivos e que melhor e mais vigorosamente soube conhecer, amar e imprimir um cunho de individualidade á nossa língua. Os combates dos seus primeiros anos contra os azares da vida a que êle alude no *A' Esquina*¹ (1903) ajudam a compreender como nêle surgiu e com o tempo se avigorou esta maneira, talvez cruel, talvez mordaz e cáustica em excesso, como êle apreciava as cousas e os homens do seu e nosso tempo. Vindo do seu pequeno recanto de Vila de Frades *fez-se*, pela vontade, pela energia e pela decisão, qualidades que, por singular contraste, se lôram apagando e diluindo até o tornarem, nos últimos anos, uma criatura singularmente indiferente a tudo. Este poderoso mestre da língua, que vibrou como ninguém o látigo da crítica, como o revelam os *Gatos*,² as *Pasquinadas* (1890), a *Vida ironica* (1192) e o *Barbear, penteiar*, póstumo, acabou como uma creança ou um velho abúlico, na paz da sua aldeia, entre os cuidados da sua modesta lavoura e os seus livros, pôstos por fim os olhos na contemplação da morte, com verdadeira resignação cristã.

O observador e psicólogo, a quem não escapavam as mais insignificantes minúcias, revelam-se nessas obras de análise, de colorido e de sentimento, algumas das quais constituem verdadeiras obras primas e que se chamam *A cidade do vicio* (1882), o *País das uvas* (1893), *Lisboa galante* (1899), *Contos* (1881).

As bel-zas que êstes livros encerram difficilmente se poderiam destacar. Conhecedor profundo da língua, *arcaico* pelo contato dos mestres que melhor a escreveram, *modernissimo* pela originalidade que tanto se afastava dos seus contemporâneos, através de todas as páginas que escreveu foi sempre um artista superior, amoroso do colorido, dos tons fortes e quentes que definem num traço, num es-corço, numa atitude, uma completa figura, viva, sentimental, apaixonada. Que orquestração de ricos sons no *Sempre amigos*, no *Funambulo de mármore*, na *Ruiva* do seu primeiro livro de contos! Havia nêsse admirável artista vigor e doçura, raiva e perdão, o dardo envenenado e vertiginoso e o seu gesto brando e de piedade.

¹ Aí figura a sua auto-biografia «Eu». Entre outras cousas diz: «tenho escrito... cerca de 1.300 páginas por ano... nem lôgro auferir da pena o sustento necessário ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro».

² 1.^a série, 54 n.^{os} agosto de 89 a junho de 93; 2.^a-3 n.^{os}; último, de 25 de janeiro 94, recentemente reeditados.

Pintando como Rembrandt, cinzelando como Benevenuto Cellini, não é por isso de admirar que a sua obra tenha produzido tam forte impressão nos escritores novos, alguns dos quais tal mal decerto o compreenderam. Mas é que os seus quadros fixam-se na retina, e de lá não é fácil expulsá-los. E como tantas vezes sucede, como sucedeu com Eça de Queiroz, sam as extravagâncias dêstes grandes artistas, a êles facilmente desculpaveis, as que se imitam e repetem e propagam com maior facilidade. No juizo de Guerra Junqueiro, Fialho é a mais rica natureza artística que Portugal tem há duas duzias de anos, rutilando em génio por instantes... natureza de sensibilidade vibratil, agudíssima, quási mórbida. Depois português idolatrando o seu Alentejo, adorando a sua pátria, intuitivamente, organicamente, como a raiz adora a terra. Acrescentaremos sómente que desejaríamos vêr expungida da obra do grande impressionista certas páginas, que sam indubitavelmente uma mancha de máo gosto, que a desfeia. Para que o uso de grosseiros plebeismos em pena a que devemos quadros tam delicados como os que se nos deparam no *País das uvas* e mesmo nos *Gatos*? Escreveu algures um inteligente crítico aproximando os criadores da nossa prosa contemporânea — se Eça fere com o seu florete sorrindo, Ramalho com a sua espada rindo, Camilo com o seu cacete nodoso gargalhando, Fialho fere com as suas pedradas assobiando ¹.

293.—FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIROZ [1849-1919]
de Arcos de Val-de-Véz, que usou durante muito tempo do pseudónimo de *Bento Moreno* impõe-se á atenção pela elegancia e correcção com que manejou a língua que, cheia de viveza, de colorido e de sentimento êle nunca quis abastardar em sacrificio á popularidade, que não cortejou. Desde *A Comedia do campo* (I Contos; II Novelas), os *Noivos*; *Salustio Nogueira*; *O illustre Galvão*; *A Morte de D. Agostinho*; *Caridade em Lisboa*; *Cartas de Amor*, até o seu último romance *A Grande Quiméra* deixou documentos de intelligência e de cultura primorosas, propondo-se a explanar scenas sociais ou morais d-baixo da orientação experimental em que o seu espirito, como médico que era, primeiro se tinha formado. Para o teatro escreveu *O grande homem* acolhido no palco em 1881 com simpatia. Dominado pela idéa de maior perfeição raro foi o romance que não refundio, bem convencido decerto de que não é o número, mas a qualidade dos trabalhos que salva o escritor do esquecimento. Teixeira de Queiroz é dos que não esquecerá nunca — pela vernaculidade e pelo brilho

¹ *Patria*, Porto, 1896, «Anotações», 206. Flexa Ribeiro, *Fialho de Almeida, visão estética da sua obra*, Lisboa, 1912; *Occid.*, n.º de 20 de março de 1907; *Novo Alm. de Lemb. Luso Bras. para 1912*; Visconde de Vila Moura, *F. de A.*, Porto, 1917; Raul Brandão, *Memórias*, 1.º (1919), 61.

com que escreveu algumas páginas dos seus formosos livros. A perfeição da sua arte conhece-se melhor que nos romances, nos *Contos* (3.^a ed.) onde alguns como *A vingança do morto*, *O tio Agrela*, etc. não podem esquecer a quem uma vez os leu.

294.— ABEL BOTELHO (1854-1917), escritor, jornalista, mediógrafo, deixou muitas obras audaciosas nos seus processos realistas e que fôram largamente discutidas. Da sua vasta obra literária, que em 1885 êle iniciou com a *Lira insubmissa*, citaremos as comédias *Jucunda*, *Imaculável* e *Germano*, e dos romances o *Barão de Lavos*, o *Livro de Alda*, *Amanhã*, os *Lazaros*, *Sem remédio*, *Fatal dilema* e *Próspero Fortuna*. Quer no teatro, quer no romance, Abel Botelho quis discutir temas ou originais ou escabrosos, que lhe criaram adeptos e adversários, uns sempre prontos a exaltar o seu talento, que era incontestável, outros a denigri-lo e rebaixá-lo. A representação do *Imaculável* em D. Maria terminou quâse por um motim e *Germano* nem sequer foi aceito pela empresa e originou conflitos pessoais. O *Barão de Lavos* foi indubitavelmente o romance que lhe conquistou maior renome. O caso patológico nêle estudado, como sucedeu em *Os Lazaros*, julgou se ser cópia do natural,—o que provocou a maledicente curiosidade do maior número. Não podem negar-se a Abel Botelho finas qualidades de observador. Tem páginas de grande tacto psicológico, perfitas de análise e de estudo. Mas os processos realistas que adoptou, demasiadamente exagerados, cansaram o leitor, que acabou por abandonar o autor de tantos quadros de podridão social. As suas obras ficam assim reservadas aos homens de estudo como documentos duma época ou como sintomas duma sociedade que êle soube e quis—era a sua idiosincrasia—apresentar com verdade, outros dirão, com crueza demasiada. Entre os seus volumes não deixaremos de citar *Mulheres da Beira*, interessantes contos regionais e o seu último livro *Amor crioulo* (Vida argentina, de 1919) ¹.

295.—RAMALHO ORTIGÃO (1836-1915) é dos mais vivos, mais originais, mais ricos e mais prestimosos escritores que conta a literatura contemporânea. A suceder aos fundadores do romantismo, duma geração a que pertenceram Latino Coelho, Camilo, Chagas, Rebelo da Silva, Tomás Ribeiro, Antero e tantos mais, êle ocupa o seu lugar cheio de altivez e de independência, como alguém que deixou uma obra, que não poderá esquecer jámais quando se fale em quilates de

¹ Abel Acácio de Almeida Botelho era de Taboão na Beira Alta e faleceu em Buenos Aires, na Argentina, onde era ministro plenipotenciário desde 1910, não tendo mais voltado ao país. Era oficial do Estado maior muito distinto.

boa prosa portuguesa. Tendo principiado pelo jornalismo o seu nome impôs-se á curiosidade pública desde o aparecimento de *O Mistério da Estrada de Cintra* no *Diário de Notícias* em colaboração estreita com Eça de Queiroz, que residia ao tempo em Leiria, ao passo que Ramalho vivia em Lisboa. A forma como êsse romance foi iniciado, o *artifício* de que autor e editor se serviram para atrair a atenção do público, absorvida pelas notícias da guerra — estava-se em 1870 e só então importavam os telegramas sobre a guerra franco-prussiana — acordaram a indiferença geral e até a própria policia julgou estar em presença dum *delicto* da sua alçada! Era uma prova de que os autores alcançavam o seu *desideratum* escrevendo uma obra que, como diria mais tarde o seu primeiro suggestionador, «se não valia como obra literária, valia como obra imaginativa», ficando assinalada pelos episódios da sua original composição e por êsse estilo novo, sacudido, nervoso e policrômico que depois appareceria nas *Farpas*, saídas igualmente da mutua colaboração amigável. O 1.º n.º das *Farpas* surgiu em maio de 1871. Dessa tribuna saiu, sempre com eloquência e brilho, a voz do maior crítico que tem contado Portugal analisando a mais completa ordem de questões da actualidade, desde as de hygiene individual ás de pedagogia geral, dos problemas políticos e economicos aos da mais elevada transcendência religiosa e social. Durante largo espaço o espírito, o chamado «bom-humor» perfuravam como estilete agudo a vida social portuguesa, não num intuito subversivo, destruidor e anarquico, mas como quem tem um ideal de justiça, de bondade e de beleza e quer a todo o custo impô-lo e vê-lo respeitá-lo. Nêsses volumes pela primeira vez apparecia a prosa variada, multipla, riquíssima, bem portuguesa e bem sã, incutindo força, inspirando beleza, distribuindo graça. Havia Camilo, mas era mais amargo, havia Eça mas era mais sentimental, triste e recolhido. Ramalho tinha a franqueza da dicção cheia de clarezas e de sol. O dom de pintar, de descrever uma paisagem, um objecto, um episódio, ninguém o possuiu como êle. E' vêr a *Holanda*; todo êsse vol. é uma maravilha do descriptivo, a começar nêsse capítulo inicial *Primeiros Aspectos*, desde o qual logo principiamos a conhecêr e a amar êsse singular país «labirinto aquático, teia de aranha enorme em que os fios sam agua», vol. que é certamente a sua obra de mais uniforme e concisa beleza. Amigo da luz e da côr soube pintar as cousas em que o seu espírito de espírito de artista e o seu coração de português mais se deliciavam — as nossas aldeias, os nossos rios e montanhas, as nossas arvores, e nêsse scenario distribuiu a galaria dos seus tipos, o aldeão, o camponês, a rapariga do povo, cuja beleza se comprouve em exaltar, mostrando-nos nas nossas festas populares, nas procissões e romarias, nos bailes e nas feiras. A destruição malévola ou inconsciente dos nossos mo-

numentos artísticos ou arqueológicos fez-lhe levantar êsse grito de protesto que representa um dos seus últimos vols. — *A Arte em Portugal*. Este amor a tudo que é nacional e representa a força ou a graça é uma das características da sua vida de escritor. A outra é o espírito de verdade, de justiça e de independência. Estas qualidades que o impunham moralmente fizeram amar ainda mais as que irradiavam do seu talento de grande prosador. Tanto em Portugal como no Brasil Ramalho Ortigão exerceu uma influência intensa, salutar e imediata. Mais equilibrado que Eça de Queiroz e que Fialho de Almeida, nêle o impressionismo da visão não altera a serenidade emotiva. E' sóbrio, ponderado, diz o que quer e só o que quer. Há páginas suas que são águas-fortes de intensidade. E isso ou faça a descrição do Museu de *South Kensington* no *John Bull* (c. VII) ou a da lapidação dos diamantes na *Holanda* (P. 176), a da casa holandesa (*ibid.*, 98), por ex., ou a da festa do Natal nas *Farças*, (V, 171). E' a sua natureza de artista que se revela na mais pequena minúcia. E essa natureza de artista é servida pela mais pujante linguagem possível. E' para cada coisa; para cada trecho, para cada tipo, para cada emoção, o vocábulo adequado, preciso e completo.

O poder descritivo encontra-se ainda no livro de viagens *Em Paris*, contendo estudos e observações da exposição universal de 1889, nas *Histórias cor de rosa*, contos de deliciosa leitura e outros. Nenhum livro, porém, retrata melhor o escritor, o cidadão, o homem de bem, do que as *Farças* com todos os seus exageros, irregularidades e mesmo injustiças, a que as circunstâncias do momento por ventura o puderam arrastar quando tinha em mira um ideal mais alto e nobre.

Daqueles e destas se resgatou na última fase da sua vida em que muitos quiseram achar uma contradição com o período negativista da primeira fase dela e outros só viram um esforço, o derradeiro, para a aproximação do ideal de justiça e de bondade, por que combatera toda a sua vida de escritor ¹.

¹ O Dr. Ednardo Burnay escreveu algumas *Cartas* sobre esta delicada questão. Sobre o distinto escritor é ainda cedo para ajuizar serenamente. São dignas de notar-se as impressões críticas seguintes, de Ricardo Jorge, *Ramalho Ortigão*, Lisboa, 1915; Hemetério Arantes, *Ramalho Ortigão*, *ibid.*, 1915; Prado Coelho, *Ramalho Ortigão, confer.*, *ibid.*, 1916. Há três artigos no *Diário* de 8 nov. 1915 notáveis, do Conde de Sabugosa, António Cândido e Luís de Magalhães. Prado Coelho estudou Ramalho com o educador nos *Ensaíes Críticos*, 1919, 36-66.

ANTOLOGIA

SÉCULO XIX

POESIA

I

As minhas asas

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.
—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu.
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Velo a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas asas não quis dar.
—Velo a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e glória;
Por nenhum preço as quis dar.

Porque as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estréllas,

E ja suspenso da terra
La voar para ellas,
—Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estréllas...
Vi, entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Ja não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De enfeitados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
—Tudo perdi nessa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram...
Nunca mais voei ao ceu.

Almeida Garrett, *Flores sem fruto*, ed. de 1858, pág. 184-186.

II

Ignoto Deo

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
E's: — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva,

Em que — indistinctas ! se envolve
 Este espirito agitado,
 De ti vem, a ti devolve.
 O Nada, a que foi roubado
 Pelo sopro creador
 Tudo o mais, o ha de tragar.
 Só vive de eterno ardor
 O que está sempre a aspirar
 Ao infinito d'onde veio.
 Belleza és tu, luz és tu,
 Verdade és tu só. Não creio
 Senão em ti ; o olho nú
 Do homem não vê na terra
 Mais que a duvida, a incerteza,
 A fôrma que engana e erra.
 Essencia ! a real beleza,
 O puro amor — o prazer
 Que não fatiga e não gasta...
 Só por ti os póde ver
 O que inspirado se affasta,
 Ignoto Deus, das ronceiras,
 Vulgares turbas : despídos
 Das cousas vans e grosseiras
 Sua alma, razão, sentidos,
 A ti se dão, em ti vida,
 E por ti vida tem. Eu, consagrado
 A teu altar, me prostro, e combatida
 Existencia aqui ponho, aqui votado
 Fica este livro — confissão sincera
 Da alma que a ti voou e em ti só espera.

A. Garrett, *Folhas caídas*, 1859, pág. 123.

III

Deus

Nas horas do silencio, á mela-noite,
 Eu louvarei o Eterno !
 Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
 E os abysmos do inferno.
 Pela amplidão dos céos meus cantos sôem,
 E a lua resplandente
 Pare em seu gyro, ao resoar nest'harpa
 O hymno do Omnipotente.

Antes de tempo haver, quando o infinito
 Media a eternidade,
 E só do vacuo as solidões enchia
 De Deus a immensidade,
 Elle existia, em sua essencia envolto,
 E fôra d'elle o nada :
 No seio do Creador a vida do homem
 Estava ainda guardada :

Ainda então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
De Jehovah, e os astros fulgurantes
Nos céus não se volvião.

Eis o tempo, o Universo, o Movimento
Das mãos solta o Senhor:
Surge o sol, banha a terra, e desabrocha
N'esta primeira flor:
Sobre o invisível eixo range o globo:
O vento bosque ondeia:
Retumba ao longe o mar: da vida a força
A natureza aneia!

Quem, dignamente, oh Deus, ha-de louvar-te,
Ou cantar teu poder?
Quem dirá do Teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da criação; quando os thesouros.
De neve amontoaste;
Quando da terra nos mais fundos valles
As aguas encerraste?!
E eu onde estava, quando o Eterno os mundos
Com dextra poderosa,
Fez, por lei immutavel, se librassem
Na mole ponderosa?
Onde existia então? No typo immenso
Das gerações futuras;
Na mente do meu Deus. Louvor a Elle
Na terra e nas alturas!

Oh, quanto é grande o Rei das tempestades,
Do raio e do trovão!
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,
Da tarde a viração!
Por sua Providencia nunca, em balde,
Zumbiu minimo insecto;
Nem volveu o elephante, em campo esteril,
O olhos inquieto.

Não deu Elle á avesinha o grão da espiga,
Que ao ceifador esquece;
Do norte ao urso o sol da primavera,
Que o reanima e aquece?
Não deu elle á gazella amplos desertos,
Ao cervo a amena selva,

Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,
No prado ao touro a reiva?
Não mandou Elle ao mundo, em lucto e trévas,
Consolação e luz?
Acaso em vão algum desventurado
Curvou-se aos pés da cruz?
A quem não ouve Deus? Sómente ao impio
No dia da afflicção,
Quando pésa sobre elle, por seus crimes,
Do crime a punição.

Homem, ente immortal, que és tu perante
 A face do Senhor?
 És a junça do bréjo, harpa quebrada
 Nas mãos do trovador!
 Olha o velho pinheiro, campeando
 Entre as neves alpinas:
 Quem irá derribar o rei dos bosques
 Do throno das collinas?
 Ninguém! Mas ai do abeto, se o seu dia
 Extremo Deus mandou!
 Lá correu o aquillão; fundas raizes
 Aos ares lhe assoprou.
 Suberbo, sem temor, sahiu na margem
 Do caudaloso Nilo,
 O corpo monstruoso ao sol voltando,
 Medonho crocodillo.
 De seus dentes em roda o susto habita;
 Vê-se a morte assentada
 Denti em sua garganta, se descerra
 A bocca afogueada:
 Qual ouro arnez de intrepido guerreiro
 É seu dorso escamoso;
 Como os ultimos ais de um moribundo
 Seu grito lamentoso:
 Fumo e fogo respira quando irado;
 Porém, se Deus mandou,
 Qual do norte impellida a nuvem passa,
 Assim elle passou!

Teu nome ousei cantar! — Perdoa oh, Nume;
 Perdoa ao teu cantor!
 Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,
 Mas são hymnos de amor.
 Embora vis hypocritas te pintem
 Qual barbaro tyrano:
 Mente i, por dominar com ferreo sceptro
 O vulgo cego e insano.
 Quem os crê é um impio! Recear-te
 É maldizer-te, oh Deus;
 E' o throno dos despotas da terra
 Ir collocar nos céos.
 Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
 Dos males da existencia
 Tranquillo, e sem temor, á sombra posto
 Da tua Providencia.

Alexandre Herculano, *Poesias*, Liv. 1, *A Harpa do Crente*, pág. 58-90.

IV

A Cruz mutilada

Amo-te oh! cruz, no vertice firmada
 De esplendidas igrejas:
 Amo-te quando á noite, sobre a campa,
 Junto ao cypreste alvejas;

Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam :
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hastelam ;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no athaude,
Guias ao cemiterio ;
Amo-te, oh ! cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó :

Porém, quando mais te amo,
Oh ! cruz do meu Senhor,
E' se te encontro á tarde,
Antes do Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredado assombra,
Quando á luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

Eu te encontrô, n'um alcantil agreste,
Meia quebrada, oh ! cruz ! Sosinha estavas
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, talhadas, ternas,
Oh ! mutilada cruz, taldem de um crime
Sacrilego brutal e ao impio inutil !
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples tons pelas quebradas
Da cordilheira annunciando o instante
Da *Ave-Maria* ; da oração singela,
Mas solemne, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,
Que a natureza envia ao Ceu no extremo
Ralo de Sol, passando fugitivo
Na tangente de te orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o desprezo e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento !

V

Cântico da noite

Sumiu-se o Sol esplendido
 Nas vagas rumorosas !
 Em trevas o crepusculo
 Foi desfolhando as roras !
 Pela ampla terra alarga-se
 Calada solidão !
 Parece o mundo um tumulto
 Sob estrellado manto !
 Alabastrina lampada,
 Lá sobe a lua ! Emtanto
 Gemidos de aves lugubres
 Soando a espaços vão !

Hora dos melancolicos
 Saudosos devaneios !
 Hora, que aos gostos intimos
 Abres os castos seios !
 Infunde em nos os animos
 Inspirações da Fé !
 De noite, se um revérbero
 De Deus nos alumia,
 Distillam-se de lagrimas
 A prece, e a prophesia !
 Alma enlevada em extase
 Terrena já não é !

Antes que o somno tacito
 Olhos nos cerre, e os sonhos
 Nos tomem no seu vortice,
 Já rindo, e já medonhos,
 Hora dos Ceus, conversa-me
 No extincto e no porvir.

Onde os que amei ? sumiram-se.
 Onde o que eu fui ? deixou-me.
 Delles, só vans memorias ;
 De mim, só resta um nome.
 No abysmo do preterito
 Desfez-se choro e rir.

Desfez-se ! e quantas lagrimas
 Brotaram de alegrias !
 Desfez-se ! e quantos jubilos
 Nasceram de agonias !
 Teu curso, ó Providencia,
 Quem o sondou jámais ?
 Que horas d'est'hora tacita
 Me irão desabrochando ?
 Quantos não fez cadaveres
 Num leito o somno brando !
 Vir-me-hão co'a aurora proxima...
 As saudações ? os ais ?

Se o penso, tremo, aterro-me. .
 Porém, se ao Pae Supremo
 Remonto o meu espirito,
 Exulto : já não tremo,
 A alma lhe dou ; reclino-me
 No somno sem pavor.
 Chama me ? ascendo á pátria ;
 Poupa-me ? aspiro a ella.
 Servir-te ou ver-te, e amarmo-nos !
 Que sorte, ó Deus, tão bella !
 Vem ! cerra as minhas palpebras,
 Virgem do casto amor !

António Feliciano de Castilho, *Estrêlas poéticas-musicas*, ed. de 1907, pág. 75.

VI

A Lua de Londres

É noite ; o astro saudoso
 Rompe a custo um plumbeo céu,
 Tolda-lhe o rosto formoso
 Alvacento, humido véu,
 Traz perdida a côr de prata,
 Nas agoas não se retrata,
 Não beija no campo a flôr,
 Não traz cortejo de estrellas,
 Não falla d'amor ás bellas,
 Não falla aos homens d'amor.]

Meiga lua ! os teus segredos
 Onde os deixaste ficar ?
 Deixaste-os nos arvoredos
 Das praias d'além do mar ?
 Foi na terra 'ua amada,
 Nessa terra tão banhada
 Por teu limpido clarão ?
 Foi na terra dos verdores,
 Na patria dos meus amores,
 Patria do meu coração !

Oh ! que foi : deixaste o brilho
 Nos montes de Portugal,
 Lá onde nasce o tumilho,
 Onde ha fontes de cristal ;
 Lá onde veceja a rosa,
 Onde a leve mariposa
 Se espaneja á luz do sol ;
 Lá onde Deus concedera
 Que em noites de primavera.
 Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
 Talvez ha pouco o paiz
 Onde do bosque as madeixas
 Já tem um floreo matiz,
 Amaste do ar a doçura.
 Do azul céu a formosura
 Das agãos o suspirar,
 Como has de agora entre gelos
 Dardejar teus raios bellos
 Fumo e nevoa aqui amar ?

Quem viu as margens do Lima,
 Do Mondego os salgueiraes,
 Quem andou por Tejo a cima
 Por cima dos seus cristaes.
 Quem foi ao meu patrio Doiro
 Sobre fina arêa d'oiro
 Raios de prata esparzir,
 Não póde amar outra terra
 Nem sob o céu d'Inglaterra
 Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princeza
 Tens aqui, mas Deus egual
 Não quis dar-lhe essa lindeza
 Do teu e meu Portugal ;
 Aqui a industria e as artes,
 Além de todas as partes
 A natureza sem véu ;
 Aqui oiro e pedrarias,
 Ruas mil, mil arcarias,
 Além... a terra e o céu.

Vastas serras de tijolo,
 Estatuas, praças sem fim
 Retalham, cobrem o solo
 Mas não me encantam a mim ;
 Na minha patria uma aldêa
 Por noites de lua chela
 É tão bella, e tão feliz !...
 Amo as casinhas da serra
 C'o a lua da minha terra
 Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
 Padecemos egual dôr,
 Temos a mesma saudade,
 Sentimos o mesmo amor ;
 Em Portugal o teu rosto
 De riso e luz é composto,
 Aqui triste e sem clarão,
 Eu lá sinto-me contente,
 E aqui lembrança pungente
 Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,
 Voltemos aos puros céus,
 Leva-me, ó lua, contigo
 Preso n'um raio dos teus,
 Voltemos ambos, voltemos
 Que nem eu, nem tu podemos
 Aqui ser quaes Deus nos fez,
 Terás brilho, eu terêi vida,
 Eu já livre e tu despida
 Das nuvens do céu inglês.

J. de Lemos, *O Trovador*, 1848, pág. 362-365.

VII

O sino da minha terra

Tange, tange, augusto bronze
 Teu som alegre e festivo,
 Despertando echos do peito,
 Faz-me ficar pensativo !

Era assim que tu cantavas
 Quando nasceu minha mãe.
 Quando a viste ser esposa.
 E após ter filhos tambem.

Choraste-a quando ao sepulchro...
Longe idéa tão funesta!
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que tu folgaste
Quando fui, debil menino,
Mergulhar nas santas aguas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao Ceo dizias.
Acompanhando a oração.
— Mais um roubo a Satanaz,
Para Deos, mais um Christão —

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo
A cada nova pancada,
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes me chamaste
Em melo de meus folguedos,
A louvar c'o povo todo
Da Igreja lindos segredos!

Ora á missa convidando,
Ora ao solemne sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a Procissão.

Eu era doido no templo
C'os sons do organ sagrado,
Canto, insenso, ramalhetes,
E c'o tronco iluminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'innocencia,
Inda os labios recusavam
As preces da penitencia.

Oh! como tu me recordas
N'essa voz enternecida,
Doce viver d'essas horas
Da aurora doce da vida!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Ás vezes nas horas quentes
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me — reza
Que é chegado o meio dia!

Ás vezes n'hora da sesta
Acordava ao teu clamor,
Era um christão que pedia
A vizita do Senhor.

Ás vezes junto da noite
Tristinho amando um retiro,
Tu me afagaste enlaçando
Teu suspiro ao meu suspiro.

Ás vezes tambem vieste
Dizer-me com voz de ferro,
— Caminha p'ra aqui agora
Do teu amigo o enterro! —

Eu chorava... eras forçado,
Era a mão do atroz sineiro,
Não eras tu, que buscava
Ser da morte o pregueiro.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Com que esp'ranças vi saudar-te
Lavrador, que a lida insana
Deixava, para c'os filhos
Ir demandar a cabana!

Com que ledice t'esp'ravam
Ternos amantes d'a deia!
Tu lhes dizias a hora
Em que inda é morta a candeia.

Em que a voz tem mais doçura,
Tem o peito mais desejos,
São os risos mais mimosos,
São mais suaves os beijos.

Nada disso eu conhecia,
Mas tua voz feticelra,
Não me era nunca indifferente,
Nunca me foi estranjeira.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir... talvez p'ra sempre
Levem-me os echos da serra
Estes sons, que hei de amar sempre,
O sino da minha terra!

**Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se for em terra alheia,
Repete o alheio signal.**

J. de Lemos, *ibid.*, pág. 24-25.

**Tange, tange, angusto bronze
Teu som, casado commigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.**

VIII

O Firmamento

**Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véu mysterioso:
Desprende as asas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôso!**

**Estrellas que brilhaes nessas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas do seu carro ardente
Ao rolar atravez da inensidade.**

**E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguem pode contar-vos: quem poderá
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?**

**Mas vós brilhaes, no fundo accesas
Do throno soberano:
Quem vos ha de seguir nas profundezas
Desse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos nessas plagas
Que os ceus ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sus.cem as vagas
Dos sóes que um dia romperão na altura?**

**E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véus do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle fallou? e as sombras num momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véu de mundos desfraldou ovante!**

E tudo despertou, e tudo gira
Immerso em seus fulgores ;
E cada mundo é sonora lyra
Cantando os seus louvores.
Cantae, ó mundos, que seu braço impelle,
Harpas da criação, faxes do dia,
Cantae louvor universal A'quelle,
Que vos sustenta, e nos espaços guia !

Terra, globo que gera nas entranhas
Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano ?
Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
Em volta de seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho
Que soberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas ?
Que és tu com teus imperios e colossos ?
Um átomo subtil, um frôxo alento :
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas, ah ! tu pensas, e o girar das orbes
A' razão encadeias ;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
Na chamma das ideias :
Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas dum jazigo escasso !
Gloria a Deus, que num átomo resume
O pensamento que transcende o espaço !

Caminha, ó rei da terra ! se inda és pobre,
Conquista aureo destino,
E de seculo em seculo mais nobre
Eleva a Deus teu hymno !
E tu, ó terra, nos floridos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reúne aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras !

Dizem que já sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente ;
Oh ! não, de tanto Sol que te circumda
Teu sol inda é fulgente.
Tu és joven ainda : a cada passo
Tu assistes dum mundo ás agonias,
E rolas entrando nesse espaço
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai ! tu findarás ! alem scintilla
 Hoje um astro brilhante ;
 Amanhã ei-lo treme, ei-lo vacilla,
 E fenece arquejante ;
 Que foi ? quem o apagou ? foi seu alento
 Que extinguiu essa luz já fatigada ?
 Foram seculos mil, foi um momento
 Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dis, quem o sabe ? um dia, ao pêso
 Dos annos e ruinas,
 Tu cahirás nesse vulcão accêso
 Que teu Sol denominas ;
 E teus irmãos tambem, esses planetas
 Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
 Attrahidos emfim, quaes borboletas,
 Cahirão como tu na mesma chamma.

Então, ó Sol, então nesse aureo throno
 Que farás tu ainda,
 Monarcha solitario, e em abandono,
 Com tua gloria finda ?
 Tu findarás tambem, e fria morte
 Alcançará teu carro chammejante :
 Elle te segue, e prophetiza a sorte
 Nessas manchas que toldam seu semblante.

Que são ellas ? talvez os restos frios
 D'algum antigo mundo,
 Que inda referve em borbotões sombrios
 No teu seio profundo.
 Talvez, envôlta pouco a pouco a frente
 Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
 Debaixo delles todos de repente
 Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras pousarão no vasto imperio
 Que teu faxo alumia ;
 Mas que vale de menos um psalterio
 Dos orbes na harmonia ?
 Outro Sol como tu, outras espheras
 Virão no espaço descantar seu hymno,
 Renovando aos sitios onde imperas
 Do Sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome ! um dia meditando
 Outro Céu mais perfeito,
 O Céu d'agora a seu altivo mando
 Talvez caia desfeito.
 Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
 Qual bando d'aguas na amplidão disperso,
 Chocando-se em destroços fumegantes,
 Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao selo
 Do fóco soberano,
 Parará concentrando-se no meio
 Desse infinito oceano :
 É, acabado por fim quanto fulgura,
 Apenas restarão na immensidade —
 O silencio aguardando a voz futura.
 O throno de Jehovah, e a eternidade !

Soares de Passos, *Poesias*, ed. 1858, pág. 145.

IX

Ave. Cæsar!

(A MORTE DE CARLOS ALBERTO, REI DO PIEMONTE)

I
 Ei-lo, o teu defensor, ó liberdade;
 Ei-lo no extremo leito ! A' humanidade
 O tributo pagou !
 Da nobre espada á lamina abraçado,
 Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
 Sobre a espada expirou !

Rasgou-lha ovante as margens do destino,
 Foi-lhe rota bordão de peregrino
 Essa espada leal !
 Hoje é cruz ! Do aço puro a cruz só resta.
 Sentinella da campa, ao mundo attesta
 Que o heroe era mortal !

Os Cedidos de um drama incerto e vario
 Talharam-te na purpura o sudario
 Deixaram-te ermo e só !
 Salvé, ó rei ! Rei no solio e no abandono :
 Mais rei no exilio, do que os reis no throno :
 Rei até sobre o pó !

II

Salvé, ó martyr, coroadado
 Dos espinhos da paixão;
 N'uma nova cruz pregado
 D'uma nova redempção !
 O teu Gólgotha foi este.
 Aqui te cobre um cypreste
 Muita gloria e muita dôr ;
 Aqui teu marco plantaste ;
 Vencido, aqui triumphaste
 De ti mesmo vencedor !

O calix já trasbordava :
 Bebeste-o. Foi Deus que o quis !...
 Deu a vida á Italia escrava,
 E a sua alma ao seu país.

Não dobra a fronte suprema :
Impondo o pé no diadema
Dos estranhos fuge á lei,
E, holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei !

Foi longa aquella agonia !
Foi curta aquella afflicção !
Desceu rapida n'um dia
Da cabeça ao coração.
Entre as balas despedidas,
Entre as phalanges caídas,
Ficou, tranquillo e de pé,
Como o cedro da montanha,
Que, da tormenta na sanha,
A selvas prostradas vê !

Pela Italia, Hespanha e França
Depois, calado, galgou ;
E por momentos descansa
Onde o mundo lhe faltou !
Chega, observa, scisma e pára,
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Este berço de muralhas
Que fez livre Portugal.

Onde a nossa liberdade
Martyr, heroica nasceu,
Pela sua a majestade
Heroica e martyr morreu.
Das glorias tuas, ó Douro,
Accrescentaste o thesouro.
O que é ligando ao que fol,
Cingiu teu braço robusto
D'um heroe ao resto augusto
A memoria d'outro heroe !

Ambos firmes combateram
Para a patria libertar ;
Ambos do throno desceram
Para a vida á patria dar ;
Ambos reis, ambos soldados,
Ambos fleis a seus fados,
Mostraram que no porvir
Podem ambos muitas vezes,
No triumpho ou nos revezes,
Eguaes da historia surgir.

III

Ferve o sangue, troveja a batalha !
Tine o ferro, rebomba o canhão !
Pavorosa sibila a metralha,
Varre as filas, dispersa-as no chão,

Lá galopam, se imbebem, se enlaçam
 Uns nos outros rivaes esquadões;
 Corpo a corpo ferventes se abraçam
 Em sangrentos, cruéis turbilhões.

No lampejo do gladio vermelho
 Fulge o raio que a morte vibrou!...
 Sem seu filho a gemer deixa um velho,
 Sem esposo uma esposa deixou!

D'essa immensa procella de guerra,
 D'esse ardente e confuso stridor,
 Que ficou? Uma c'rôa por terra,
 Uma bella captiva, um senhor!

Pobre Italia, tão bella e tão triste
 No teu vasto, florido jardim!
 Fô-te ingrata a fortuna, caiste;
 Mas a queda d'um povo tem fim!

Infelizes! Da turba guerreira
 Fica um resto, que, prompto a morrer,
 Cobre a face c'o a rota bandeira,
 Para ao menos a affronta não ver!

Mudos prantos os rostos consomem
 Dos valentes de Goito... Que adeus!...
 Era a sombra d'um rei e d'um homem,
 Que passava em silencio entre os seus!

E passava. Expirar não lograra
 Sob o golpe que em vão procurou;
 Mas a vida que o ceo lhe deixara
 Entre os braços da patria a deixou.

IV

Salve, salve, ó magestade
 Moribunda a succumbir!
 Como o espinho da saudade
 Te havia fundo pungir!
 Como o homem soffreria
 Do monarcha na agonia!
 Longe do que era tão seu,
 Da esposa e filhos briosos,
 E dos campos seus formosos,
 E do seu formoso ceo!

— «Patria, adeus! Italia minha,
 «Oh! terra que tanto amei!
 «Se não te fiz ser rainha
 «Não quis mais tambem ser rei!
 «Adeus, margens do Tessino,
 «Sentença do meu destino!
 «Adeus, povo que escolhi;
 «Sê tu justo, e livre e forte,
 «Possa dar-te a minha morte
 «O que em vida não venci!

Assim diria; e, lançando
Os olhos em de-redor,
E vendo afflicto e chorando
Outro povo aquella dôr,
Resoluto accrescentara :
— «O Soldado de Novara
«Morre contente afinal,
«Morre ao ecco das batalhas
«N'este berço de muralhas
«Que fez livre Portugal !»

José da Silva Mendes Leal Júnior, *Cânticos*, ed. 1858, págs. 327-132.

X

O marinheiro

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés duma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga, larga, deixa a terra;
Iça longo e sem parar!
Fóra sobres e cutelos!
Uma talha aos enderbelos!
Ancora toda a beljar!

Larga essas velas de prôa!
Gavia grande, todo o pano!
Meu navio é uma c'rôa
Sobre a frente do oceano.
Eu sou rei, aqui domino!
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre meu norte,
Que me importa o meu paiz?

Onde nasci?... não o digo,
Porque não o sei ao certo;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento,
Quando ouvi a voz do vento
Nas gaviás a sibilar;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas
Dos meus rudes companheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta,

Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu pasmando a contemplava;
A vista me fascinava
O abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Os meus braços estendia
Para a curva do horisonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobada deserta
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que de homem tivera a idade!
A escola do marinheiro,
E' a voz da tempestade.
Oh! do leme, encontra! arriba! —
Folga a bujarrona, e giba
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiwa e o traquete!
Ala velacho, e joanete,
Vá de longo! bate o pé.

Temos vento Las-Nord-Este,
Já vai o cabo dobrado.
Faz prôa de sudoeste;
Aguenta o leme! cuidado. —
Passa talha na retranca.
Olha a escota! volta franca!
Arria mais... de vagar...
Volta! volta! — sete e meia:
O vento não escaccia;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é nestes mares.
 Meus campos estes banzeiros,
 Este navio meus lares,
 Minha familia os pampellos !
 Diz-me a voz do cataclismo,
 Que dormirei neste abysmo
 Aos eccos do temporal;
 Envolvido nestas vellas,
 Como o anjo das procellas,
 Ou como o genio do mal !

Com furia o mar se alevanta
 E ás nuvens cuspindo a vaga,
 Pela tremenda garganta,
 O laes das vergas alaga ?
 O espaço todo se abala,

Se o trovão rugindo estala
 E o raio lança dos ceus :
 Mas o navio não treme,
 Que a minha mão vai no leme,
 E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino velleiro,
 Até que no ceu se apague
 A estrella do marinheiro,
 Depois que a onda te esmague;
 Que venha, atravez do espaço,
 Do senhor o occulto braço
 Tuas pranchas deslocar :
 Tu és da terra inimigo,
 Por isso virás comigo
 Dormir no fundo do mar.

Francisco Gomes d'Amorim, *Cantos matutinos*, ed. 1858, págs. 46-51.

XI

O voto d'Elrei

Ó milagre claríssimo e evidente !

CAMÕES.

Em que pensas ? que tens ? que fixa ideia,
 Em quanto um mundo annexas, te sopêa ?
 Onde, inquieto assim, vaes ?
 Séres quem és, e ver que mais te agrade,
 Que o aspecto do fausto, o dos sarçaes,
 E o silencio de um êrmo, que a cidade !

Deixas tudo o que, em torno, te sorri,
 Tudo o que do esplendor, que espalhas, vive,
 E sóbes, só do pincaro o declive,
 E lá, triste e esquecido até de ti,
 Ficas horas !... O que ha que tal motive ?

Dize, porque antepões,
 Aos coxins de brocado, a rocha brava,
 Em que do raio o gume, em chammas, giava
 O Nome, que ahi no ambito, os trovões
 Proclamam com voz cava ?

Porque á c'rôa, que, em brilho, igual não tem,
 E que, ennastrada em louros, já domina
 Do Estreito áquem e além,
 Preferes os aljofres da neblina,
 Que a fronte, em febre, rociar-te vem ?

Que fazes onde, só, bem vês que habita,
 Entre as urzes e o ar,
 Seu ninho, a aguia, e a cella, o cenobita?
 Em que é que, inteira, essa attenção se fita?
 O que buscas, ó rei, a olhar... a olhar?...

.....
 E é lá... não onde a vaga, em flor, espuma
 Nos eternos vae-vens,
 Mas onde da agua o anil se esvae na bruma,
 Que tu póstos, ó rei, teus olhos tens!

Que te falta? o que esperas
 De climas, que talvez são só chimeras?
 Quem te ha-de vir de lá?
 Que planos concebeste? em que é que scismas?
 Através de que prismas,
 Teu espirito o futuro ahí vendo está?

Oh! e agora que o sol d'aureas scentelhas
 Já franja ao ar o véo, e em seus clarões
 Banha o penhasco e os valles, te ajoelhas
 No chão humido, e as mãos, orando, pões!
 E que fervor! que mystica doçura!
 Ver em ti se afigura,
 Em extasi, propheta, no Synai!
 Que de orão é essa,
 Em que a alma, inteira, aos lablos se arremessa,
 E toda n'um pedido se contráe?

O' Virgem do Restêllo,
 Dizia humilde o rei,
 Se eu chego a merecê-lo,
 Ouvi o meu appêllo,
 E os olhos nos volvei,
 A mim, e á minha grei.
 «D'alto mysterio um sêllo
 Toda esta empresa tem.
 Toda! e poder rompê-lo,
 O' Virgem do Restêllo,
 Só vós, e mais ninguem.

«Parece-me ainda vê-lo!
 Sáe, dobra o cabedêlo,
 Ao largo mar se fez;
 E passa o dia, o mes,
 Dous annos... e, a escondê-lo,
 Sempre esta névoa... vês,
 O' virgem do Restêllo?

«Ha tanto tempo já!
 Onde é que elle estará,
 O' Virgem do Restêllo?
 Quem poderá detê-lo?
 O que o detem por lá!
 A guerra? os sóes? o gélo?
 Ai! quando é que virá!

•E, ó Virgem do Restêllo,
Cá dentro podeis lê-lo...
Se o plano herança é
De um rei, de reis modelo,
Moveu-se a commettê-lo,
Não a ambição, a fé.

• Só este ardente zelo
De cultos dar á cruz...
Vós bem deveis sabê-lo,
O' Virgem do Restêllo.
Ao feito audaz me induz.

• Não heis-de protegê-lo?
Não me direis que sim,
O' Virgem do Restêllo?
Pedir-vol'o, hoje, vim;
Viria, se fazê-lo
Preciso fosse assim,
De rastos e em cabelo.

• Que q'ereis? que vos convem,
Que exprima o meu desvêlo?
Com claustro um templo?... Bem.
Se a frota agora ahi vem...
D'aqui prometto erguê-lo,
Do orago de Bethlem,
Qual vossa ermida o tem,
O' Virgem do Restêllo.

.....
.....

Pereira da Cunha, *Selecta*, ed. 1879, pág. 84-93.

XII

Saudades do céu

— Ó mãe, quem semeou tantas estrellas
N'esse abysmo que estás a contemplar?
Quem deu ás ondas, que me inspiram medo,
As perolas que tens no teu collar?

Seria aquelle Deus cujos decretos
Nos roubaram meu pae e meus irmãos,
E para quem, de joelhos sobre o leito,
Ergo ao denar-me as pequeninas mãos?—

• Foi esse, foi! Vê tu como elle é grande,
Que tantos astros espalhou nos céus!
Que tantas joias escondeu nos mares!
Vê tu como elle é grande, aquelle Deus!.

—O' mãe, que linda noite! Em noites d'estas
Eu sinto os anjos sobre mim passar:
Quem me dera também as asas puras
Que os vôos lhe sustentam pelo ar! —

Estremeceu a mãe. Depois, convulsa,
Ao palpitante seio o filho uniu;
Rebentaram-lhe as lagrimas dos olhos,
E o menino a scismar nem mesmo as viu.

N'esse noite, ao deitar-se, o bello infante
Ergueu de novo as pequeninas mãos,
Mas quando o sol lhe penetrou no quarto
Tinha partido em busca dos irmãos!

Guilherme Braga, *Heras e Violetas*, p. 1, pág 225.

XIII

Às mães

O' santas que emballaes o berço das creanças,
E assim lh'o revestis de flóreas esperanças!
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!
Sois vós que, pela mão, da gloria á vida inquieta,
Levaes um vosso filho, um pallido propheta,
Que é Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel,
Fazendo ennobrecer quem lhe seguir o exemplo...
Sois vós que o conduzis aos porticos do templo
Onde o porvir coroa os genios immortaes,
E, mal chegadas lá, de todo o abandonaes,
Sem aguardar sequer nas sombras d'uma arcada
A grande acclamação que lhe festeja a entrada!
E—modestas que sois!—voltaes a vosso lar
E só vos contentaes em vê-lo atravessar
—C'roada de laureis a fronte scismadora—
Um arco triumphal que o cerca d'uma aurora...
Mas nós, cabeças vãs, escravos pelo amor,
Andamos a dizer: "Beatriz! Leonor!",
E o nome vosso, ó mães, não lembra um só instante!
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?

Ó santas, perdoae! Lá tendes o Senhor
A cobrir-vos de luz, de benções e d'amor,
Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças.

Ó santas, emballae o berço das creanças!

G. Braga, *Heras e Violetas*, p. 1, pág. 249.

XIV

Velha Farça

Rufa ao longe um tambôr. Dir-se-ia ser o arranco
D'um mundo que desaba ; ahí vae tudo em tropel !
Vão vêr passar na rua um velho saltimbanco
E uma fêra que dança atada a um cordel.

O' funambulos vis, comediantes rotos,
O vosso riso alvar agrada á multidão !
E quando vós passaes o archanjo dos esgostos
Atira-vos a flôr que mais encontra á mão !

Lá vae tudo a correr : são as grotescas dansas
D'uns velhos animaes que já foram crueis
E agora vão soffrendo os risos das creanças
E os apupos da turba a troco de dez reis.

Conta um velho hístrião, descabellado e pallido,
Da fêra sanguinaria o instincto vil e mau,
E vae chicoteando um urso melo invalido
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de páu.

Depois inclina a face e obriga a que lh'a beije
A fêra legendaria olhada com pavor :
E uma deosa gentil, vestida de bareje,
Annuncia o prodigio a rufo de tambor !

E as mães erguem ao collo uns filhos enfezados
Que nunca tinham visto a luz dos europeis :
E accresce á multidão a turba dos soldados,
— Ao ilota da cidade o escravo dos quarteis.

E o funambulo grita ; impõe qual evangelho
A' turba extasiada a grande narração.
E sobre um cão enfermo um ourangotango velho
Passcia nobremente os gestos de truão.

Correi de toda a parte, aligetrae o passo,
Deixae a grande lida e vinde á rua vêr
As prendas d'uma fêra, as gallas d'um palhaço,
E um archanjo que sua e pede de beber !

A tua imagem tens ó povo legendario
No comico festim que mal podes pagar,
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedario
Que a vara do hístrião nas praças faz dansar.

XV

O teu lenço

O lenço que tu me deste
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
D'onde este lenço me veio.

As letras que lá bordaste
São feitas do teu cabelo;
Por mais que o veja e reveja,
Nunca me farto de vê-lo.

De noite dorme comigo,
De dia trago-o no seio,
Com medo que os outros saibam
D'onde este lenço me veio.

Alvo, da côr da açucena,
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.

O lenço que tu me déste
Tem dois corações no meio;
Só tu no mundo é que sabes
D'onde este lenço me veio.

Todo elle é de cambraia,
O lenço que me offertaste;
Parece que inda estou vendo
A agulha com que o bordaste.

Para o ver até me fecho
No meu quarto com receio,
Não venha alguém perguntar-me
D'onde este lenço me veio.

A scismar neste bordado
Não sei até no que penso;
Os olhos trago-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

Com receio de perdê-lo
Guardo-o sempre no meu seio,
De modo que ninguém saiba
D'onde este lenço me veio.

Nas letras entrelaçadas
Vem o meu nome e o teu;
Bemdito seja o teu nome
Que se enlaçou com o meu!

Por isso o trago escondido,
Bem guardado no meu seio,
Com medo que me perguntem
D'onde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vê-lo,
Mais este amor se renova;
No dia do meu enterro
Quero levá-lo p'ra cova.

Vem pô-lo sobre o meu peito,
Que eu hei de te-lo no seio;
Mas nunca digas ao mundo
D'onde este lenço me veio.

José Simões Dias, *Peninsulares*, ed. 1899, pág. 195-197.

XVI

Alguem

Para alguém sou o lyrio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
E se na terra existe, é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancholico, triste e fatigado,
Esse alguém abre as asas no meu leito,
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bênçãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! esse alguém
É de meus dias a esplendente aurora.
É's tu, doce velhinha, oh minha Mãe!

Gonçalves Crespo, *Obras completas*, pág. 105.

XVII

Mater-Dolorosa

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céos a curva era tranquilla e pura.
Dos gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulo, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De aivôr banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.

Gonçalves Crespo, *Ibid.*

XVIII

A Judia

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
a riba, silenciosa; a viração subtil;
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno;
no ceu, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tudo reme e longinquo; airoso barco ao largo
lêva a aureo listão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

Ó noites de Lisboa! ó noites de poesia!
as c'cias d'aroma! esplendido luar!
vas jardins em flor! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo, o ceu e o mar...

Se a triste da judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu:
um bosque sobre a prala, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu!...

Corria branda a noite; immersa em funda magua
fui assentar-me triste e só no meu jardim;
ouvi um canto ameno! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente. A voz dizia assim:

— « Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme—Impossivel—que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalantar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vem dos ceus:
dorme; e não vejas o martyrio, as maguas,
que eu digo ás aguas e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,
perto ou distante que de mim tu vás,
ha de seguir-te uma saudade inflada,
hebreia linda, que dormindo estás.

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
mundo infinito, e tu sem berço?! oh! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbellle que um tufão roubou!
flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
ri, desaparece e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê:
sempre Ashevero a percorrer a esphera!
desgraça austera! inabalavel fé!

porque ha de o lume de teus olhos bellos,
mostrar-me anheles d'infinito ardor?
porque esta chama a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anccias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos;
não n'a acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme. que eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme—Impossivel—que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não vo to aqui!» —

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus lábios tomei ..
ergui-me chela d' affecto;
vi scintillar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse ás auras: — «Correi!

trazei-m'o! quero contar-lhe
o fundo tormento enorme:
da judia que não dorme
a penar d'ignoto amor!
voae! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto...
que venha! o meu trovador!...

Ai, não! que ha na minha historia
que lhe suavise a tristeza?
Nasci na triste Veneza,
onde perdi minha mãe;
acalentaram-me lagrimas
que derramava a saudade,
na desgraçada cidade
que não tem patria tambem.

Cresce; meu pae uma noite
disse-me: — «E' já tempo agora;
ergue-te ao romper da aurora,
vamos partir amanhã;
vamos vêr as terras santas,
sepulchros de teus monarchas;
a patria dos patriarchas,
desde o Egypto ao Chanaan.

Fui, corri o mappa immenso
das montanhas da Judea;
ai, patria da raça hebreia!
ai, desditosa Sião!
que extensos montes sem relva!
que paragens sem conforto,
onde se estende o Mar-Morto
e onde serpela o Jordão!...

Aqui, de Hemor os vertigios;
de Ziphe, além o deserto;
longe, o Sinay encoberto;
d'Horeb o morro, inda além;
d'este lado, o Mar-Vermelho;
d'aquelle... nada! uns destroços:
ruinas, campas sem ossos,
e, ao fundo, Jerusalem.

Meu pae chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestigio,
terra de tanto prodigio,
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, esteril,
tudo vastos camiterios
onde ruinas d'imperios
ficaram por mausoleus!

— « Meu pae — disse eu — tenho sede. »

— « Vê filha, a aridez do monte:
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael. »

— « Pae, cansei; mostra-me a patria,
quero dormir sem receio. . . »

— « Filha, encosta-te ao meu seio
que não tem patria Israel. »

.....

Em todo o mundo estrangeira,
toda a vida p. regrina!
Vêde se ha mais triste sina:
ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino,
como Abraão á pobre Agar!

Que póde valer á hebreia
sentir n'alma chama infinda,
como a linda Esther ser linda
e amada como Rachael?
Se o coração da Judia
se entre-abre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai! trovador nazareno,
não voltes, tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
não, blasphemastes; Deus, não
Pôs o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor chama-lhe — loucura,
e o preconceito razão.

Deus é Deus, e um só existe;
cégo é o mundo, e vária a crença;
mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós:
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão de ser de nossos filhos,
foram de nossos avós.

Mas se a crença nos separa
e o mundo exige o supplicio,
dê-se o amor em sacrificio,
deixando-se o pranto á dôr ;
eu, cerro o peito á ventura ;
tu, esmaga o teu desejo ;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador !

Thomás Ribeiro, *Sons que passam*, ed. 1898, pág. 173-181.

XIX

A vida

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degrãos do túmulo descendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annueava ;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do ceo (se o não sonharam...)
Quis mostrar-me que o bem bem pouco dura !

Não sei se me voou, se m'a levaram ;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah ! quando no seu collo recclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do ro-maninho
Osculava seu labio pe fumado ;

Quando á luz dos seus olhos (que era vêl-os,
E enfeitçar-se a alma em graça tanta !)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escrepta em letra côr dos seus cabellos ;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus lábios de rosa pouco aberta,
Como tímida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo ;

Quando, como a alvéola, delicada
É linda como a flor que haja mais linda,
Passava como o cysne, ou como ainda
Antes do sol cair nuvem doirada ;

Quando em balsamo de alma pledosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Com a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa ;

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo de amor que as almas prende,
Me dizia . . . o que ás mais dizer não ouço ;

Quando, se negra nuvem me espalha
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume de um riso a dissipava :

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando ;

Quando o anel da bocca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de agua,
Em beijos á saudade abrindo a magua,
Mil rosas pela face me esparzia ;

Tinha o céu da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um páraiso,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés brotavam flores !

Deus era inda meu pae ; e em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia arida e triste,
No céu, no mar, na terra e . . . na virtude !

Virtude ! Que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assome
Numa lagrima nos cae !

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração ?
E's a blasphemia de Bruto :
Não és mais que um nome vão

Abre a flor á luz, que a enleva,
Seu calix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flor !

Que é d'esses cabellos de oiro
Do mais subido quitate,
D'esses labios escarlata,
Meu thesoiro !

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma!
Que é d'esse collo de espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda
Dos teus doirados cabellos!
D'esses olhos, quero vê-los,
Esmeralda;

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle chaille mais leve
Do que a nuvem côr de neve,
Margarida!

Que é d'essa alma que me deste,
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua bocca tão doce,
Flor celeste!

Tua cabeça que é d'ella,
A tua cabeça de ouro,
Minha pomba! meu thesoiro!
Minha estrella!

De dia a estrella de alva empallidece;
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida manhecesse!

Poste a concha da prala! A flor para o
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,
Meu calix de cristal onde hei bebido
Os nectares do céu... e um céu ouvessas!

Ponte pura das lagrimas que choras,
Quem tão menina e moça desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos de ouro!

Some-te, vela de baixel que ebrado!
Some-te, vòta, apaga-te, meteoro!
E' só mais neste mundo um desgraçado.

E as desgraças podia prevêê-las
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prever a desgraça
Deus podia prever e não quis!
E não quis, não... se a nuvem que passa
Tambem pôde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve.
E como o fumo se esvae;
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!
A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrella cadente,
Voa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma apos outra lançou,
A vida — penna cahida
Da asa de ave ferida —
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lirios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flor delicada o vento sul,
E a estrella que se estende
Nessa abobada azul;

Como os avidos olhos de um amante
Levam consigo a luz de um terno olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos labios maternas,
E a alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as asas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas destes aos ares,

Dás perolas aos mares,
 Ao campo das a flor,
 Frescura das ás fontes,
 O lirio das ao montes,
 E roubas-m'a, Senhor!

Ah ! quando numa vista o mundo abranjo,
 Estendo os braços e, palpando o mundo,
 O céu, a terra e o mar vejo a meus pés,
 Buscando em vão a imagem do meu anjo,
 Soletro á froixa luz de um moribundo
 Em tudo só : Talvez !...

Talvez ! — é hoje a Bíblia, o livro aberto
 Que eu só ponho ante mim nas rochas quando
 Vou pelo mundo ver se a posso ver ;
 E onde, como a palmeira do deserto,
 Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
 A sombra do meu sêr !

Meu sêr... voou na asa da agulha negra
 Que, levando-a, só não levou consigo
 D'esta alma aquelle amor !
 E quando a luz do sol o mundo alegre,
 Chrisallida nocturna a sós commigo
 Abraço a minha dor !

Dor inutil ! Se a flor que ao céu envia
 Seus balsamos se esfolha, e tu no espaço
 Achas depois seus atomos subteis,
 Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia...
 Como a sua Leonor inda ouve o Tasso...
 Dante, a sua Beatriz !

— Nunca ! responde a folha que o outono,
 Da haste que a sustinha a mão abrindo,
 Ao vento confiou ;
 — Nunca ! responde a campã onde do somno
 E quem talvez sonhava um sonho lindo,
 Um dia despertou !

— Nunca ! responde o al que o labio vibra ;
 — Nunca ! responde a rosa que na face
 Um dia emmurcheceu :
 E a onda que um momento se equilibra
 Enquanto diz ás mais : Deixae que eu passe
 E passou e... morreu !

XX

Rachel

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lírio esquecido
Do orvalho do céu !
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher ! irmã dos que hão sofrido,
Mulher ! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem de lágrimas suas nunca enxuto
Possa as do outro enxugar :
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar se escuto
Alguem também chorar.

Botão de rosa murcho á luz da aurora !
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deus ?
Se é como justo e bom que elle se adora,
Quem te ha mudado a tí, ó rosa, em lírio,
E em lírio os lábios teus ?

Não enche elle de balsamos o calix
Da flor a mais humilde, a esses espaços
Não enche elle de luz ?
Não velu o Filho seu, lírio dos valles !
Só por amor de nós pregar os braços
N'os braços de uma cruz :

Mulher, mulher ! quando eu num cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho :
Eis, digo, eis o que eu sou !
Mas, quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz : Vae teu caminho ;
Do's mundos Deos creou !...

Deus não dispara a setta envenenada
A' pombinha, que aos ares despedira,
Com mão traidora e vil ;
Imagem sua, Deus não volve ao nada,
Não anniquilla a flor que ao chão cahira
Lá d'esse eterno abril !

Has-de, cysne, expirando alcançar teu canto ;
Hás-de lá quando a lua da montanha
Te acene o extremo adeus,
Voar, Candida, ao céu, e ebria de encanto
No oceano de amor que as almas banha,
Unir teu canto aos seus.

Seus d'ellas, mãe e irmã... cinzas cobertas
 D'um só lanço de terra... Oh desventura!
 Oh destino cruel!
 Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
 Gulando-se uma á outra á sepultura,
 E a mãe: « Rachel! Rachel! »

Desde então, á janella do occidente
 Te hão de ver como a bussola em seu norte
 Fita pensando... em que?
 Oh! não n'os vões também, pomba innocente!
 E' grande a eternidade e é certa a morte:
 Espera, vive e crê!

J. de Deus, *ibid*, págs. 215-217.

XXI

A Victoria Colonna

Ha não sei quê divino, força é crê-lo
 N'esses teus olhos de uma luz tão pura
 Que ao vê-los, tive logo por segura
 A eterna paz que é meu constante anelo.

Filha de Deus, nossa alma aspira a vê-lo;
 Desprezando caduca formosura
 Ella em seu giro eterno só procura
 A fórma, o typo universal do bello.

Não póde amar, não deve, uma alma casta
 Fugaz belleza, graça transitoria,
 Coisa que o tempo leva, o tempo gasta.

Nem também alma digna de memoria
 Póde amar o prazer que o bruto arrasta,
 Em vez do puro amor — sombra da gloria.

J. de Deus, *ibid*, pág. 623.

XXII

Á Virgem Santissima

Num sonho todo feito de incerteza,
 De nocturna e indizivel anciedade,
 E' que eu vi teu olhar de piedade
 E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
 Nem o ardor banal da mocidade,
 Era outra luz, era outra suavidade
 Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Felta só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Antero do Quental, *Os sonetos completos*, ed. de 1890, pág. 88.

XXIII

Na mão de Deus

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a fim do meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Disci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores martaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitória imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,
Que a mãe levou ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, arcias do deserto...
Dorme o teu sonno coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

A. do Quental, *ibid.*, pág. 121.

XXIV

Anima mea

Estava a Morte ali, em pé, deante,
Sim, deante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a funebre bacchante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo mundo errante?»

— Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um trophéo
Glorioso de mais... Busco a tua alma.» —
Respondi-lhe: «A minha alma já morreu!»
A. de Quental, *ibid.*, pág. 82.

XXV

Aparição

Pelas espadas que tu tens no peito,
Pelos teus olhos róxos de chorar,
Pelo manto que trazes de astros felto,
Por esse modo tão lindo de andar;

Por essa graça e esse suave geito,
Pelo sorriso (que é de sol e luar)
Por te ouvir assim sobre o meu leito,
Por essa voz, baixinho: «Ha-de sarar...»

Por tantas benções que eu sinto n'alma,
Quando chegando vens, assim tão calma,
Pela cinta que trazes, côr dos ceus:

Adivinhei teu nome, Apparição!
Pois consultando manso o coração
Senti dizer em mim «A mãe de Deus!»

Antônio Nobre, *Despedidas*, 1902, pág. 8.

XXVI

Ao cair das folhas

A minha irmã Maria da Gloria.

Podessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fôr viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto
O travesseiro comporá com geito.
E eu tam feliz! — Por não estar affeito,
Hei-de sorrir, Senhor, quasi com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas que não tive?

Assim irei dormir com as crianças,
Quasi como ellas, quasi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

Antônio Nobre, *Ibid.*

XXVII

A Vida

.....
Olha em redor, polza os teus olhos! O que ves?
O mar a uivar! A espuma verde das marés!
Escarros! A traição, o odio, a agonia, a inveja!
Toda uma cathedral de lutas, uma igreja
A arder entre clarões de coleras! O orgulho
Insupportavel tal o meu, e o sol de Julho!
Jesus! Jesus! quantos doentinhos sem botica!
Quantos lares sem lume e quanta gente rica!
Quantos reis em palacio e quanta alma sem ferias!
Quantas torturas! Quantas Londres de miserias!
Quanta injustiça! quanta dor! quantas desgraças!
Quantos suores sem proveito! quantas taças
A trasbordar veneno em espumantes boccas!
Quantos martyrios, aí! quantas cabeças loucas,
N'este macomio do Planeta! E as orfandades!
E os vapores no mar, doidos ás tempestades!
E os defuntos, meu Deus! que o vento traz á praia!
E aquella que não sae por ter uzada a sala!
E os que sossobram entre a vaidade e o dever!
E os que têm, amanhã, uma lettra a vencer!
Olha essa procissão que passa: um torturado
De Infinito! Um rapaz que ama sem ser amado,
E para ser feliz fez todos os esforços...
Olha as insomnias d'uma noite de remorsos,
Como dez annos de prizão maior-cellular!
Olha esse tysico a tossir, á beira-mar...
Olha o bébé, que teve Torre de coral
De lindas illuzões, mas que uma agula, afinal,
Devorou, pois, ao vê-la ao longe, avermelhada,
Cuidou, ingenua! que era carne ensanguentada!
Quantos são, hoje? Horror! A lembrança das datas...
Olha essas rugas que têm certos diplomatas!
Olha esse olhar que têm os homens da politica!
Olha um artista a ler, soluçando, uma critica...
Olha esse que não tem talento e o julga ter
E aquelle outro que o tem... mas não sabe escrever!
Olha, acolá, a Estupidez! Olha a Valdade!
Olha os Afflictos! A mentira na Verdade!
Olha um filho a espancar o pae que tem cem annos!
Olha um moço a chorar seus crueis desenganos!
Olha o nome de Deus, cuspidó num jornal!
Olha aquelle que habita uma Torre de sal,
Muros e andaimes feitos, não de ondas coalhadas,
Mas de outras que chorou, de lagrimas salgadas!
Olha um velhinho a carregar com a farinha
E o filho no arraial, jogando a vermelhinha!
Olha a sair a baria a galera *Gentil*
E a Anna a chorar p'lo João que parte p'ro Brazil!
Olha, acolá, no caes uma outra como chora:
E' o marido, um ladrão, que vae «p'la barra fóra!»
Olha esta noiva amortalhada, n'um caixão...

Jesus ! Jesus ! Jesus ! o que ahi vae de afflicção !
O' meu amor ! é para ver tantos abrolhos,
O' flor sem elles ! que tu tens tão lindos olhos !
Ah ! foi para isto que te deu leite a tua ama,
Foi para ver, coitada ! essa bola de lama
Que pelo espaço vae, leve como a andorinha,
A Terra ?

O' meu amor !... antes fosse ceguinha...

A. Nobre, *Só*, ed. de 1892, pág. 111-113.

XXVIII

Ave Marias

Nas nossas ruas, ao apolitecer,
Ha tal soturnidade, ha tal melancholia,
Que as sombras, o bulicio, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de soffrer.

O ceu parece baixo e de neblina,
O gaz extravasado enjôa-me, perturba ;
E os edificios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se d'uma côr monotona e londrina.

Batem os carros d'aluguer, ao fundo,
Levando á via ferrea os que se vão. Felizes !
Occorrem-me em revista exposições, países :
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo !

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações, sómente emmadeiradas :
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao hombro, enfarruscados, seccos ;
Embrenho-me, a scismar, por boqueirões, por beccos,
Ou erro pelos caes a que se atracam botes.

E evoco, então, as chronicas navaes :
Mouros. baixeis, heroes, tudo resuscitado !
Lucta Camões além salvando um livro a nado !
Singram soberbas naus que eu não verei já mais !

E o fim da tarde inspira-me; e incommoda !
De um couraçado inglês vogam os escaleres ;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flammejam, ao jantar, alguns hotels da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas ;
Um tropego arlequim braceja numas andas ;
Os cherubins do lar fluctuam nas varandas ;
A's portas, em cabello, enfadam-se os logistas !

Vasam-se os arsenaes e as officinas ;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras ;
E num cardume negro, herculeas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vem sacudindo as ancas opulentas !
Seus troncos varonis recordam-me pilastras ;
E algumas, á cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças ! Nas descargas de carvão,
Desde manhã á noite, a bordo das fragatas ;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe pôdre gera os focos de infecção !

Cesario Verde, O Livro de Cesario Verde, 1901, pág. 60.

XXIX

De tarde

N'aquelle « pic-nic » de burguezas,
Houve uma coisa simplesmente bella,
E que, sem ter historia nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarella.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão de bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos
Nós acampámos, inda o sol se via ;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro, a sahir da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas !

C. Verde, ibid. pág. 69.

XXX

A mãe e o filho morto

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia,
E nos braços o apertava !
O coração que batia
Era o d'ella, e não do filho
Que já do somno da morte
Havia instantes dormia.

Olhei, e fiquei absorto
Na dôr d'aquella mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto!

Resava, e do fundo d'alma!
Em quanto a infeliz resava
O pobre infante esfriava!

Quando gelado o sentira,
O grito que ella soltou,
Meu Deus! — que dôr expressou!

Pensei então: — A mulher,
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,
Na fervorosa oração
Basta que possa dizer:
«Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer!!»
Balhão Pato, *Cantos e Satyras*, 1873, pág. 29.

XXXI

No serão

(FRAGMENTO)

AO VISCONDE DE BENALCANFOR

São os teus olhos, menina
dois gominhos de maçã...
Quem me dera a mim trincal-os
em jejum, pela manhã,

Cant. popul.

E o serão começou. Tudo é festejo...
Rompe a banza de Paulo alegre harpejo...

— E agora, ó da flada, haja quem toque —
diz Theresita. Diz e o seu galante
aquella voz, que o intima,
ergue o chapéo,
encara o céu,
prepara a voz, mais a rima,
desce o bordão, sobe a prima,
e canta.

A viola está bem alta,
mas por a'ta nada perde,
a voz a mim não me falta;
vou cantar a canna verde.

Ó Canninha, ó verde canna,
ó filha do cannavial,
eu namoro uma tricana
mas em bem, que nem-ja em mal.

Não tem o sol ondas de oiro
ao descair no sol posto
como as do cabelo loiro,
que lhe inunda todo o rosto.

Os olhos — duas estrellas
e da côr da noite o olhar,
mal desunidos sobre ellas
dols arcos negros a par.

A fronte da côr da lua,
as faces côr da manhã...
Madurece côr da sua
a pelle de uma maçã.

A boquita, conjecturo
que lh'a fizeram as fadas
das metades orvalhadas
de um morango bem maduro.

Por isso, quando succede
respirar-lhe a gente a fala,
morre-se a gente de sede
e, o que appetitece, é trincál'a.

— Tão pequena, tão pequena,
que a gente ás vezes nem sabe,
quando suspira de pena,
se um ai! por ella lhe cabe!

— Não vem no rio pedrinhas
a rebolar nas correntes
tão lustrosas, tão branquinhas,
como o esmalte dos seus dentes.

Nem ha no raiar do dia,
quando a estrella empallidece,
não ha d'aquella alegria,
que ao seu sorrir amanhece!

O pescoço côr de neve
dá nas vistas pela alteza.
Rosas de tal gentileza
querem hastil, que as eleve.

De descabidos, coitados!
os hombros dá pena vêl'os,
talvez de tão carregados
com o pezo dos cabellos.

D'uma vez enamorado
o amor pousou-lhe no seio,
e, áquelle doce embalado,
adormeceu-lhe no meio.

— Tem umas mãos tão pequenas,
que não se me dava um dia
de lhes dar um beijo apenas,
a ver se o beijo cabia.

— Os pésinhos tomam banho
em duas gotas d'orvalho!
vejam, d'aquelle tamanho,
quando a levam, que trabalho!

Quando canta na ribeira
de salas arregaçadas,
ficam as aguas paradas
a adorar a lavadeira.

E d'alli até aos mares
tudo são conversas ternas
sobre miragens de olhares,
Sobre esculpturas de pernas.

— Mas retrato seu perfeito
não tem ella um, senão
aqui dentro do meu peito
gravado no coração.

Fernando Caldeira, *Mocidades*, 1882, pág. 84.

XXXII

Missa das almas

Altas horas. Ao vicio a febre, sem descanso,
Povôa de visões a treva abafadiça.
Então na muito velha egreja, muito manso,
Um sino velho-relho acorda e toca á missa.

Em tempos bons tangeu repiques ás centenas,
Baptismos festejando e deslumbrados noivos:
Rachado agora, o som que vibra alcança apenas
O termo a que attingir um balsamo de goivos.

Rangem portas. Fieis velhinhas pelas ruas
Vão tossindo e gemendo, arfando, enoveladas;
Sombras, com vivo amor pelas alminhas suas,
São nuncias sem falhar das frescas madrugadas.

Na ermida a noite escura acolhe-se affectiva;
Sós, duas vélas põem, de lume ao ceu direito,
Na Senhora do altar tres pontos de luz viva,
Nos olhos e na espada a atravessar-lhe o peito.

Um padre e um sacristão, dos dois qual mais velhinho
Dobrados como anzoes, de frontes como neve,
D'alva e sobrepelliz d'alvinitente linho,
Um vago alvor no escuro abriram muito leve.

Velhas, da noite irmãs, na sombra, velha amiga,
Quanta visão lhes surge, ai, quanto sonho idéam!
O padre resa o introito e o sacristão mastiga
Um latim acabando em *juventutem meam*.

E logo, por milagre, em cada peito arrulha
Uma saudade azul que estende as azas, corre,
Que da aurora ideal nos altos céos mergulha,
Sabendo que lá vive o que na terra morre.

Pelos olhos sem brilho e alguns talvez sem vista,
Todos postos em alvo, o antigo amor perpassa,
De tempos mortos lume, estrellas em revista,
Purissima visão cheia de luz e graça.

A missa continúa, a cada olhar devoto
Rasga a treva buscando um mundo em que se interna,
Buscando n'esse mundo outro que foi, remoto,
E uns olhos em que vive a claridade eterna.

Tem canticos de arrollo o ciciar da prece,
As alminhas têm sede, a missa é de defunctos;
Então sob a vetusta abobada parece
Ouvir-se o revoar de muitos pombos juntos.

Ao levantar a Deus, correm pelo ar livores;
Ao som da campainha, a luz ajuda a festa;
Já, como n'um bafejo, os palidos vapores
Esfumam, ao de leve, um traço a cada aresta.

Um tenuissimo véo de seda luminosa
Tendeu-se pela cal do tecto e das columnas;
Nas velas muda a chamma a côr em côr de rosa;
Albergam toda a sombra as concavas tribunas.

A missa vai no fim. O padre deita a bençã.
Radiante surge o dia embalsamado e loiro.
As velhas a benzer-se, olhando os muros, pensam
Que uma frota do céu navega em rios d'oiro.

E cuidam que é, decerto, a aurora que as encanta
E as aquece e as perfuma, o resplendor sómente
Das almas, que as reveste, além, na terra santa,
D'onde ao mundo as evoca uma oração fervente.

E sonham inda mais que, um dia muito perto,
Hão ir também buscando, ao despontar da aurora,
N'um barco de topasio o porto em céos aberto,
Puxando a cada remo uma alma que se adora.

Dia claro. Fechou-se a porta. As velhas descem.
O sol no azul palpita esplendido e risonho.
E ellas vão, sem dar fé das coisas que florescem,
As vidas entretendo a prolongar o sonho.

D, João da Camara, *A Cidade*, 1908, pág. 67.

XXXIII

As Mondadeiras

Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as várzeas de cantorias,
Herva damninha, que bem que cheiras
Nasces e afrontas as sementelras
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rego em rego, senpre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas,
— O' mocidade, tu nunca mentes!—
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas,
Que rico assumpto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras;
Saías, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella
Faina constante pelos trigaes;
O' mondadeiras, tende cautella,
Que o parasita que se debella,
Se escapa cresce cada vez mais!

É necessario que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia,
E, quando caia na mó da azenha,
Não seja o caso que ás vezes tenha
Joio ou mistura de grãos de aveia.

.

.

Ó sombra da ilusão, que foi ventura,
Fumo que o vento dissipou no ar,
De que só resta o salmo d'amargura:
— Chorar, chorar!

Amelia Janney.

Das « Figuras do Passado » Dr. Pinto Osorio, 227.

PROSA

XXXV

Fr. Luis de Sousa

MANUEL DE SOUSA, *sentado num tamborete ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços caídos e em completa prostração d'espirito e do corpo; num tamborete do outro lado JORGE meio encostado para a parede com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão.*

MANUEL

Oh minha filha, minha filha! *(silencio longo)* Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e de mãe... *(Pausa)*... e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje... *(Levanta-se com violencia afflicção)* A desgraçada nunca os teve! — Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! *(Apertando a mão do irmão que se levantou após d'elle e o abraça consolando do gesto)* E' o castigo terrivel do meu erro... se foi erro... creio sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão!

[JORGE

Paciencia, paciencia: os seus juizos são imperscrutaveis (Acalma e faz sentar o irmão: tornam a ficar ambos como estavam).

MANUEL

Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, o filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho de nosso pae, Jorge.

JORGE

Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste que ainda está vivo aquelle...

[MANUEL, cahindo em si]

E' verdade. *(Pausa; e depois, como quem se desdiz)* Mas não é, nem tanto: padecceu mais, padecceu mais longamente, e bebeu até às fezes o cálice das amarguras humanas... *(Levantando a voz)* Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... innocentes mãos! d'esta infeliz...

que arrastel na minha quéda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras, e que não tinham córado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lh'as de um veo d'infamia que nem a morte ha de levantar, porque lhe fica perpétuo e para sempre, lançada sobre o tumulto a cobrir-lhe a memaria de sombras... de manchas que se não lavam! — Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles... Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

JORGE

Vê a palavra que disseste: «deshonra:» lembra-te d'ella e de 'i, e considera, se podes pleitear miserias com esse homem a quem Deus não quis acudir com a morte antes de conhecer ess'outra agonia maior. — Elle não tem...

MANUEL

Elle não tem uma filha como eu, desgraçado... (*Pausa*) — uma filha bella, pura, adorada, sobre cuja cabeça — oh, porque não é na minha! — vai cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

JORGE

Não é assim, meu irmão, não te ceges com a dor, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! e Deus ha de levar em conta essas amarguras. Já que te não póde apartar o calix dos beiços, o que tu padeces, ha de ser descontado n'ella, ha de resgatar a culpa...

MANUEL

Resgate! sim, para o ceu: n'esse confio'eu, mas o mundo'?...

JORGE

Deixa o mundo e as suas valdades.

MANUEL

Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

JORGE

Deus, Deus será o pae de tua filha.

MANUEL

Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespero, é a coroa d'espinhos de toda esta paixão que estou passando... é que a minha filha... Maria... a filha do meu amor — a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado — não vive, não resiste, não sobrevive a esta affronta. (*Desata a soluçar, cai com os cotovelos flexos na mesa e as mãos apertarlas no rosto; fica n'esta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um suspiro comprimido. Frei Jorge está em pé de traz d'elle, amparando-o com seu corpo, e os olhos postos no ceu.*)

JORGE, chamando timidamente.

Manuel!

MANUEL

Que me queres irmão?

JORGE, animando-o.

Ella não está tão mal: já lá estive hoje...

MANUEL

Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive animo de a ir ver.

JORGE

Haverá duas horas que entrei na sua camara, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegamos a Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado, — parecia declinar... quebrar-se mais alguma coisa. Dorothea, e Telmo... pobre velho coitado!... estavam ao pé d'ella, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a...

MANUEL

A lançar sangue?... Se ella deitou-o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tão franzino, tão delgado, que mais sangue ha de haver? — Quando hontem a arranquei de ao pé da mãe e a levava nos braços, não m'o lançou todo ás golphadas aqui no peito? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não o tenho aqui... o sangue... o sangue da minha victima?... que é o sangue das minhas veias... que é sangue da minha alma — é o sangue da minha querida filha; (*beija o lenço muitas vezes*) Oh meu Deus! meu Deus, eu queria pedir-te que a levasses já... e não tenho animo. Eu devia acceitar por mercê de tuas misericordias que chamasses aquelle anjo para junto dos teus, antes que o mundo, este mundo infame e sem commisseração, lhe cuspsse na cara com a desgraça do seu nascimento. — Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho animo, não tenho coração, Peço-te vida meu Deus (*Ajoelha e põe as mãos*) peço-te vida, vida, vida... para ella, vida para minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escarneo do mundo, deshonne-me o opprobrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas eras deshonra e infamia sobre mim!.... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cahe de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi em peso, e o torna a assentar.*)

JORGE

Manuel, meu bom Manuel. Deus sabe melhor o que nos convém a todos: Põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'o resignado e contricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericordia sabe que é melhor.

MANUEL, com vehemencia e medo.

Então desenganas-me... desenganas-me já?... é isso que queres dizer? Falla, homem: não ha que esperar d'alli, não é assim? dize: morre, morre?... (*Desanimado*) Tambem fico sem filha!

JORGE

Não disse tal. Por caridade contigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

MANUEL, variando.

Se Deus quizer que não acordasse!

JORGE

Valha-me Deus!

MANUEL

Para mim aqui está esta mortalha: (*tocando no habito*) morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas a minha filha não era do mundo... não era Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veio do céu para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida para a eterna pousada d'onde viera e onde me conduzia... Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sobre mim o vaso cheio das lágrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua cholera... (*Cahindo de tom*) Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão de conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... (*Pausa*) — Torna lá, Jorge, vai vê-la outra vez, vai e vem-me dizer: que eu ainda não posso... mas hei de ir, oh! hei de ir vê-la e beijá-la antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

JORGE

Havemos de ir... quando estiveres mais socegado... havemos de ir ambos: descansa, has de vê-la. — Mas isto inda é cedo.

MANUEL

Que horas são?

JORGE

Quatro, quatro e meia. (*Vae á porta da esquerda e volta*) São cinco horas, pelo alvor da manhan que já dá nos vidros da igreja. D'aquí a pouco iremos; mas socega.

MANUEL

E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

JORGE

Está — imagina por ti — está como não podia deixar de estar: mas a confiança em Deus póde muito: vai-se conformando. O Senhor fará o resto. — Eu tenho fé n'este escapulario (*Tocando no habito em cima da mesa*) para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os alumiou a ambos. Deixa estar; ainda póde haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

MANUEL

E isso está tudo prompto? Eu não soffro n'estes habitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

JORGE

Está tudo concluído. O arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião; e é um san'to homem, e. O arcebispo já expediu todas as licenças e mais papéis necessários. Coitado! O pobre velho velou quasi toda a noite com o seu vigário para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e também vigário do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está; é quem te ha de lançar o habito, a ti e a Dona... a minha irman. — Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

MANUEL

Tu és um bom irmão, Jorge: (*Aperta-lhe a mão*) Deus t'o ha de pagar. (*Pausa*) Eu não me atrevo .. tenho repugnancia... mas é forçoso perguntar-te por alguém mais. Onde está *elle*... e o que fará!...

JORGE

Bem sei, não digas mais: oromeiro. Está na minha cela, e de lá não ha de sair — que foi ajustado entre nós — senão quando... quando eu lh'o disser. Descansa: não verá ninguém, nem será visto de nenhum d'aquelles que o não devem ver. Demais, o segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti — além do arcebispo, a quem foi indispensavel communicá-lo para evitar todas as formalidades e delongas que aliás havia de haver n'uma separação d'esta ordem. — Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti — não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accordo algum — com quem lhe prometti que havia de fallar hoje e antes de mais nada.

MANUEL

Quem? será possível? Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços d'aquelle coração já partido? — Não tem intranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada. — E' D. Magdalena que elle quer vêr?

JORGE

Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo Paes. Como lh'o havia de eu recusar?

MANUEL

De nenhum modo: fizeste bem; eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal!... Vamos; eu ainda me não intendo bem claro com esta desgraça: dize-me, falla-me a verdade: minha mulher .. — minha mulher! com que bocca pronuncio eu ainda estas palavras! D. Magdalena o que sabe?

JORGE

O que lhe disse o romeiro n'aquella fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde: supõe-no na Palestina talvez; é onde o deve suppor pelas palavras que ouviu.

MANUEL

Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitável verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

JORGE

Hontem de tarde não: mas esta noite começava a ralar-lhe no espirito alguma falsa luz d'essa van esperança. Deus lh'a deixe se é para bem seu.

MANUEL

Porque não ha de deixar? Não é já desgraçada bastante? — E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não salba, ao menos por ora...

JORGE

Não sabe. E ninguém lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quasi nas agonias da morte. Mas o motivo, só se ella o adivinha. — Tenho medo que o faça...

MANUEL

Tambem eu.

JORGE

Deus será connosco e com ella! — Mas não: Telmo não lhe diz nada por certo; eu já lhe asseverei — e acreditou-me — que a mãe estava melhor, que tu las logo vê-la... E assim espero que, até lá por meio dia, a possamos conservar em completa ignorancia de tudo. Depois ir-se-lhe-ha dizendo, pouco a pouco, até onde for inevitavel. E Deus... Deus acudirá.

MANUEL

Minha pobre filha, minha querida filha!

A. Garrett, *Frei Luís de Sousa*, acto 3.^o, scena 11.

XXXVI

Discurso do Porto Pireu

(PERORAÇÃO)

Os individuos morrem; depois da morte vem a justiça e começa a immortalidade das famas honradas. Eu não sou materialista religioso nem politico, espero salvar a minha alma em Jesu-Christo, e o meu credito na lembrança dos Portugueses: nessa esperança certa de resurreição adormeço tranquillo ao som dos huiuos infernaes com que presumiam fazer-me desesperar nesta hora que cuidaram da morte.

Mas não é assim das crenças e opiniões politicas; essas não morrem, essas precisam desaggravadas em vida dos que as professam, e por isso as vim hoje defender, e aos seus irmãos em doutrina, dos traiçoeiros ataques de seus inimigos. Por mim, ladrem todas as tres gargantas do cão infernal, que nem me importa açaimá-lo de fôrça, nem uma sopa lhe heide deitar para lhe callar um latido.

Como cidadão nunca renunciei um direito, nem que me custasse a fazenda, a vida, a patria: tenho-o provado nos cárceres no exílio, na miséria...

Como subdito nunca faltei a uma obrigação: e não menos duramente asselei a minha lealdade...

Como portuguez, nem um pensamento leve, momentaneo, — chegou a cruzar-me ainda no cerebro, de que não possa vangloriar-me á face do mundo...

Como funcionario publico, quis minha boa estrella que ainda não estivesse em logar a que podessem chegar nem as suspeitas da inveja...

Fraco homem de letras sou, não presumo d'ellas; mas nunca prostitui a minha prosa numa mentira, os meus versos numa lisonja... Fallem esses opusculos que a Nação portuguesa ainda tem a indulgencia de ler.

Fraco soldado fui, o último, o derradeiro d'essa phalange em que tantos morreram para nos immortalizar a todos. Mas nem fiquei nos *bailes de Paris* ou nos *pasmatorios de Londres*, em quanto os meus compatriotas vinham incerrar-se nos debeis muros do Porto; nem a minha mão, apesar de imbelles e doente, recusou pegar na espingarda de soldado, para ficar nas reservas de França e de Inglaterra, manejando a penna censoria que tudo achava mau quanto se fazia pelos que expunham a sua vida por elles. Cubri-me do vestido grosseiro, nutri-me do pão grosseiro do soldado raso, nunca tive outra paga ou outra etapa, fiz como os outros sem ser valentão; e a debil pégada que o meu obscuro pé imprimiu nas praias do Mindello, hade ficar gravada na historia, como a dos bravos cujos heroicos feitos rodeam de uma aureola de glória os fracos serviços de seus honrados compãheiros que, para o commum empenho, não deram pouco no que deram porque era quanto tinham.

.....
Não fomos nós os únicos que estivemos no porto Pyreu. Lá estavam sem dúvida os que vendo estar esses bojudos galleões carregados de urnas e de votos, de actas e de escrutínios, calculando mal a aura popular que lhes infundava as velas, imaginaram que toda aquella carga era sua, correram á alfandega, fizeram os gastos do despacho, e ao conheceram a pequena parte que tinham na sociedade quando viram chegar os donos a tomar posse da maior porção da carga.

No porto Pyreu estavam os que suppunham, que nenhum poder era possivel senão o seu nesta terra; e que a Nação se h via de levantar *em massa virtuosa*, cada vez que o Chefe do Estado ousasse quebrar o que, em sua modestia, como privilegio exclusivo se arrogavam, chamando fosse quem fosse aos conselhos da Coroa, sem ordem ou, pelo menos, sem consentimento de suas altas potencias.

No porto Pyreu estavam, mas com má e perigosa doudice, os que não duvidaram transtornar a ordem pública, fazer correr o sangue pelas ruas para que não entrasse no ministério um homem fortemente suspeito de Ordeiro a quem declaram inimigo do Povo e assassino da liberdade — e que d'ahi a pouco chamaram inimigos de Povo e assassinos da liberdade aos que tiveram a menor dúvida sobre a conveniencia d'esse mesmo ministerio.

No porto Pyreu estavam os que, sem virtudes... ou com ellas, de toda a parte importavam calumnias e injúrias que vendiam a retação, mercadejando da reputação dos homens de bem; e que, na momentanea crença que suas falsidades encontravam no vulgo, imaginavam ter estabelecido perpetua fé que para sempre os fizesse odiosos ao Povo, e so para si ficasse a boa opinião e credito de honrados exclusivos.

No Porto Pyreu estavam os que sem serviços... ou com elles imaginaram poder offuscar os de todos os que não fossem de sua parcialidade, e condemnar a perpetuo ostracismo quantos fizessem sombra a suas pretensões vaidosas.

.....

No porto Pyreu estavam os que imaginaram que este honrado Povo portuguez se tinha esquecido de que pela Legitimidade lhe viera a Liberdade, que na fidelidade dos seus Reis tinha a melhor garantia d'ella, e a *única* de sua independencia; que na religião de Jesu-Cristo — a so ciencia que professa a egualdade do homem — tinha o mais seguro amparo e fortaleza de seus direitos. Que assentaram que bastava dizer insultos ao Throno para que o Throno ficasse impopular; que bastava mofar da religião, para que o Povo abjurasse a religião de seus paes!... O Povo zombou d'elles!! O Povo curou-nos de sua loucura, desenganando-os, amando a religião, respeitando o Throno e querendo a liberdade com ambos. O povo foi o seu medico, quem se d'elle se podem, mas as receitas ahi estão — e as visitas do medico, ao menos não as pagaram.

A. Garrett, *Obras*, t. XXI, pág. 112-121.

XXXVII

O Mosteiro

Grossos e altos cancellos de roble separam do resto do templo um extenso recinto sem sepulchros, immediato ao altar principal: ergue-se no topo cruz agigantada; por um e outro lado daquelle espaço além das grades negrejam duas fileiras de monjas: muitas estão de joelhos e debruçadas sobre o primeiro degrau do altar; em pé, entre as duas fileiras, uma dellas, cujos olhos desvairados reluzem á claridade das tochas e cujo aspecto severo intunde uma especie de terror, tem na mão um punhal, cujo ferro sem brilho parece tincto em sangue. Juncto da monja um vulto de mulher vestida de branco sobresae no meio das virgens cubertas de luto: unido ás grades que defendem a entrada daquelle recinto, um velho, cujas melenas e longa barba lhe alvejam sobre os hombros e peito, está de joelhos com os braços estendidos através da balaustrada: agita-o uma convulsão horrivel de pavor, que lh'embarga na garganta os sons articulados e só lhe consente murmurar um ruído confuso, semelhante ao respiro ancioso, do agonizante. Um dos dous côros de freiras começa a entoar de novo os psalmos: a monja do punhal estende a mão ordenando silencio. Vai falar. Suintila, a ponto de arremessar-se para aquelle lado, pára e escuta as suas palavras. São lentas e lugubres, como as de espectro que se alevantasse d'alguuma das campas derramadas ao longo da crypta. Dirige-se ao vulto branco que está ao seu lado:

«Ainda uma vez, nobre dama, attendei as supplicas do velho bucellario que tenta salvar-nos. Para vós ha esperanza na terra: a nossa mora no céu. Quando os infieis souberem que ainda existe na Hespanha quem possa quebrar com ouro o vosso captivo ou vingar com ferro a vossa affronta, respeitarão a pureza de nobre virgem. A nós, que não temos ninguem no mundo, restava-nos unicamente o tremendo arbitrio que o Senhor nos inspirou. O martyrio não tardará a cingir-nos a fronte duma aureola de gloria: os anjos de Deus nos esperam».

«A minha ultima resolução, veneravel Chrimhilde, é acabar juncto de vós e de nossas irmãs. O meu animo sai á, como o d'ellas, illeso da ultima prova que Christo nos pede na vida. Como ellas, darei sem hesitar testemunho da cruz. O velho bucellario de meu pai mente á propria consciencia quando afirma que os infieis respeitarão a pureza de uma donzella goda: a infamia tem sido escripta por elles na fronte das familias mais illustres da Hespanha: o castello ou a prostituição é o que os arabes offerecem á innocencia. Eu escolho o

cutello: a morte vale mais que a deshonra. Porventura, para a evitar me guiou o Senhor ao mosteiro da Virgem Dolorosa.»

«Seja feita a vontade do Altíssimo» — respondeu a abbadessa alevantando ao céu as mãos, entre as quaes apertava o punhal.

Depois de um momento de silencio, Chrimhilde disse, voltando-se para o lado esquerdo: Hermentruda, approxima-vos!»

Uma das monjas saiu d'entre as outras e veio ajoelhar aos pés da abbadessa: as suas companheiras ajoelharam tambem voltadas para o altar; e o hymno que Suintila ouvira ao descer para a crypta murmurou de novo naquellas curvas abobadas.

Como lá no horizonte o sol tremulo e sereno se reclinava ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancolico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicio de orações submissas. Apenas cessou de todo, um gemido de agonia agudo e rapido soou juncto da abbadessa. Aos olhos de Suintila afigurou-se que o punhal de Chrimhilde descera duas vezes sobre a monja que estava a seus pés. Um brado de colera e horror, saindo involuntariamente da boca do godo, restrugiu pelo templo. Creu o renegado que Hermentruda havia sido assassinada. Pareceu-lhe então claro o sentido das palavras mysteriosas que ouvira. As monjas fugiam ao captivo do harem pelo ádito do sepulchro. Elle assistia a uma scena horrenda de suicidio, e o braço mais robusto de Chrimhilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades, conformes para morrer.

«Mulher ou demonio, detem-te!» — bradou Suintila, correndo com os cheiks e o centenario para o recinto fechado e procurando abrir os fortes cancellos que lh'embargavam os passos.

Embebidas no seu drama cruel, nem as monjas nem Chrimhilde voltavam sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas reluzem ao fulgor das tochas. Hermentruda não está morta. Ergueu-se. Tem a cabeça descuberta, os louros cabellos esparzidos, o collo nú. Bem como o aspecto do formoso archanjo de luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condenação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pallidos, estão sulcados por betas escuras, que serpeiam por aquelle gesto, como as viboras estradas ao sol sobre um busto grego tombado entre as ruínas de antigo templo pagão. E' que, semelhantes ao nordeste frio e agudo, que, passando pela bonina viçosa, lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Chrimhilde correram por lá violentos e rapidos, e num momento anniquilaram a formosura da virgem.

As grades fechadas interiormente balouçam aos empuxões de Suintila: mas não cedem. «Okba — diz o godo a um dos cheiks — correi! Chamae os mais robustos zenetas e os negros de Taktur armados dessas achas a cujo primeiro golpe nunca resistiu elmo de bronze. Prestes! Chamae-os aqui. Abdulaziz deve ter chegado. Que venha! Mulher infernal lhe vae destruindo peça a peça os despojos mais ricos, os que elle destinava para si e para o khalifa. Que venha salvá-los! Que venha! Prestes, cheik de Hoara!»

E, enquanto o cheik galga a extensa escadaria, os tres tentam muitas vezes fazer estourar os grossos ferrolhos, que resistem ás suas diligencias. Arquejando, Suintila abandona a tentativa inutil. Ameaça Chrimhilde: as injurias acompanham as ameaças; seguem-nas as supplicas, as promessas, e logo, de novo, as pragas e as affrontas. Baldado é tudo. Chrimhilde lançou ao renegado um olhar de compaixão e conservou-se em silencio.

Mas os canticos cessaram de todo; as monjas saem successivamente de ambos os lados e vem ajoelhar aos pés da abbadessa; vem despir as galas da formosura e comprar á custa dellas a pureza da virgindade e a palma do martyrio. Cada vez mais rapido range o punhal nos collos purissimos das virgens do mosteiro. O gemido que expira comprimido pela constancia, já se prende com o que a dôr e a fraqueza mulheril arranham do seio das victimas ao descer do

primeiro golpe, e a fileira das que se vão debruçar sobre os degraus do altar cresce d'istante a instante, ao passo que rareiam as outras duas.

A terrível sacerdotisa parou. Está o seu braço cansado de tão largo sacrificio? Não! Braço e animo são robustos, porque os fortalece o espirito do Senhor. É que o momento supremo da morte se approxima. A mourisma jorra subitamente pelo portal estreito, como o rio caudal na caverna que lhe estendia de baixo do leito e cuja abobada fendeu tremor de terra. Os guerreiros negros das tribus de Takiur, á voz de Abdulaziz que os precede, precipitam-se contra os solidos cancellos do lugar vedado: vinte machados ferem a um tempo nas grades, que gemem sob a furia dos golpes e mal resistem ás pancadas violentas dos negros possantes, aos quaes redobra os brios a presença do amir, cuja colera resólega em maldições e blasphemias.

Entre as monjas e os arabes bem curta distancia medeia: e todavia, lá no mais pequenò recinto, onde soam gemidos de dores atrozes, onde só ri uma esperança, a da morte, ha paz intima, ha o céu; aqui, na vasta crypta, onde a ebridade de facil triumpho, a riqueza dos despojos, o futuro de uma larga existencia de gloria e deleites sorriem na mente dos infieis, está o furor insensato, está o inferno. O evangelho e o koran estão frente a frente no resultado das suas doutrinas. E' sublime a victoria do livro do Nazareno!

Os golpes de machado redobram: os troncos affeiçãoados do roble commecam a estourar nas suas juncturas. A ultima freira fora já curvar-se juncto aos degraus do altar: a donzella vestida de branco vai ajoelhar aos pés de Chrimhilde, exclamando:

« Para mim tambem o martyrio! Salvae-me do opprobrio!

« A tua constancia, filha, na dura prova de agonia por que tens passado te purificou. Sê uma das monjas da Virgem Dolorosa e vae com tuas irmans receber a coroa de martyr »

O ferro, porém que descia sobre o collo da donzella foi cair com a mão de Chrimhilde aos pés da cruz gigante do altar. Um revês do alfange de Abdulaziz lh'a cerceara: as solidas grades estavam despedaçadas.

A abbadessa vacillou e, ao cair, só pôde murmurar: « Jesus, recebe a minha alma! »

Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe atalhou na garganta o derradeiro suspiro.

As freiras ergueram-se e encaminharam-se para o lugar em que jazia o cadaver destroncado da abbadessa. Ajoelharam juncto deila com a face voltada para a turba dos infieis. Os seus rostos inchados, e manando sangue, eram disformes e horribéis.

« Ao menos tu, serás minha! exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzella vestida de branco, a quem o terror desta scena rapidissima tornara immovel, como uma dessas estatuas que parecem orar sobre os sepulchros nas cathedraes da idade-média. Filhos valentes do Sudan, conduzi-a á minha tenda. As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadaveres. »

D'ahi a poucas horas a crypta estava em silencio. As monjas da Virgem Dolorosa jaziam degoladas em volta da veneravel Chrimhilde, e as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus.

XXXVIII

Um poeta cego

Encetava eu apenas a carreira do estudo, tão menino, que a ouvirem-me já ler, e verem-me formar caracteres, era (nunca a minha valdade o esqueceu) um thema de admirações e de felizes prognosticos para os parentes e amigos da familia.

De repente uma doença não paga com martyrisar-me, não contente de balançar-me por um fio largos meses entre a vida e a morte, me atira vivo para um sepulchro! Eu respirava; mas os bellos olhos, idolatras das flores e de Amalia, e vangloria de minha mãe, não sabiam se havia ainda no ceo o sol de Deus! E' impossivel recordar-me desse prazo, prazo de não sei quantas eternidades, sem que ainda agora o coração se me confranja.

Imaginal um homem á hora em que se fosse embarcar num bergantim doirado, por um mar de prata, com virações balsamicas dos vergéis da terra, cuidando já velejar horizonte em fóra para um mundo de delicias... e lançado de improviso no mais fundo subterraneo de uma torre! Esse homem tão desafortunado, e desafortunado tão sem culpa, que nem ainda era homem, fui-o eu; e tanto mais sem ventura, quanto ninguem então, nem eu por conseguinte me julgava possivel a resurreição, e a soltura. Convalesci. Tinha as forças e a idade para folgar, tinha o desejo e a precisão do movimento, da convivencia, da fraternisação, geral, da conquista, enfim, do que pelos olhos de opéra de continuo nos inexauríveis dominios da natureza e da sociedade; não podia permanecer immovel; mas o meu carcere, sem lanterna, me seguia por toda a parte. A ave da poesia, que me pipilava dentro, debatia-se contra as grades quando ouvia lá de fóra estrondear a vida festival, e pelo ecco deshumano das suas vozes se lhe revelava o sem numero de bellas coisas, que até os insectos e vermes senho-reavam pela vista.

A. F. de Castilho, *Amor e melancolia*, pág. 204.

XXXIX

Coimbra á morte de Afonso Henriques

...Funda magoa apertava com mão robusta os corações dos christãos de Coimbra. e de todos os que começavam a povoar de novo esta terra portuguesa, assolada por guerras d'anniquilação, mas remida do dominio dos Mosselemanos com sangue de muitos milhares de martyres soldados Vestidos com sobrevestes de burel pardo, viam-se os cavalleiros subirem para a alcaçova, ou descerem de lá em silencio pelas ruas escuras e tortuosas da cidade. e os sobrejuizes e officiaes paladinos com vestiduras d'almafega encaminharem-se para a corte, ou tribunal supremo, onde se distribuia a justiça. Similhante á paz de um cemiterio, a paz que reinava em Coimbra era lóbrega e pesada.

No campanario do cenobio de Sancta Cruz um sino batia de quando em quando uma pancada soturna, e lá em cima nos paços do alcacer os prantos das carpideiras, discordes e agudos, reboavam pelas salas, e iam expirar pelas corredouras e arcarías, misturando-se e confundindo-se com o gemido do vento.

D. Affonso Henriques fôra depositar perante o throno de Deus uma larga vida consumida em grande parte nas batalhas pelejadas em nome do christianismo e da patria. A voz de bronze do mosteiro era o gemido da igreja; o murmurio profundo e sentido, que transverberava pelas ventanas e frestas da alcaçova, resumia e representava o pranto doloroso, que soava por todos os ar-

gulos da boa terra lusitana, ao verem seus filhos que o braço d'aquelle homem de ferro, cuja passagem na terra fôra uma incessante peleja, e a cujo nome, maldicto d'infiéis, estavam ligadas as glórias portuguezas de meio seculo, largara a espada para nunca mais a empunhar quando por entre os eccos dos anafes mouriscos retumbasse o grito de Allah, — o grito do accommetter.

As portas do templo monastico estavam cerradas havia tambem tres dias: os monges palmeavam as orações dos finados ao redor de uma tumba vazia, e na capella fronteira uma campaaahi posta de fresco, cubria o cadaver agigantado do fundador da monarchia, que de tantos senhorios herdados a seu filio, reservara apenas para si nove palmos de terra e uma lousa, que lhe servissem de derradeira morada, e dos avulsos thesouros, accumulados por elle, só guardára para seu monumento uma espada embotada, e um escudo assignado de golpes das lanças e a fanges dos arabes.

Tal era o aspecto grave e melancolico de Coimbra durante os dois dias primeiros depois, que se finára o vencedor d'Ourique: tal era o seu aspecto pelo alvor da manhã de nove de Dezembro do anno de 1185.

A. F. de Castilho, *Quadros Historicos*, f. 53.

XL

Decadencia dos povos Peninsulares no principio do século XVII

.....
A producção decresce, a agricultura recua, estagna-se o commercio, deperecem uma por uma as industrias nacionaes; a riqueza, uma riqueza faustosa e esteril, concentra-se em alguns pontos excepçionaes, em quanto a miseria se alarga pelo resto do pais: a população, decimada pela guerra, pela emigração, pela miseria, diminue d'uma maneira assustadora. Nunca povo algum absorveu tantos thesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre! No meio d'essa pobreza e d'essa atonia, o espirito nacional desanimado e sem estimulos, devia cair naturalmente n'um estado de torpor e de indifferença. E' o que nos mostra claramente esse salto mortal dado pela intelligencia dos povos peninsulares passando da Renascença para os seculos 17.^o e 18.^o. A uma geração de philosophos, de sabios e artistas criadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores. Saimos d'uma sociedade de honiêns vivos, movendo-se ao ar livre, entramos n'um recinto acanhado e quasi sepulcral, com uma atmospheraturva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores. A poesia, depois da exaltação esteril, falsa, e artificialmente provocada do Gongorismo, depois da affectação dos conceitos (que ainda mais revelava a nullidade do pensamento), cae na imitação servil e inintelligente da poesia latina, n'aquella escola classica, pesada e fradesca, que é a antithese de toda a inspiração e de todo o sentimento. Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação theologica. Traduzir é o ideal: inventar, considera-se um perigo e uma inferioridade: uma obra poetica é tanto mais perfeita quanto maior numero de versos contiver traduzidos de Horacio, de Ovidio. Florescem a tragedia, a ode plinderica e o poema heroico-comico, isto é, a affectação e a degradação da poesia. Quanto á verdade humana, ao sentimento popular e nacional, ninguém se preocupava com isso. A invenção e originalidade, n'essa epoca deporavil, concentra-se toda na descripção cynicamente galhofeira das misérias, das intrigas, dos expedientes da vida ordinaria. Os *Romances picarescos*, hespanhoes, e as *Comedias populares* portuguezas, são os irrefutaveis actos de accusação, que, contra si mesma, nos deixou essa sociedade, cuja profunda desmoralisação tocava os limites da ingenuidade e da innocencia no vicio. Fôra d'esta realidade pungente, a litteratura official e palaciana, expraiava-se pelas regiões

insípidas do discurso academico, da oração funebre, do panegirico encomendado — generos artificiaes, pueris, e mais que tudo soporíficos. Com um tal estado dos espiritos, o que se podia esperar da Arte? Basta erguer os olhos para essas lugubres moles de pedra, que se chamam o Escorial e Mafra, para vermos que a mesma ausencia de sentimento e invenção, que produziu o gosto pesado e insípido do Classicismo, ergueu tambem as massas compactas, e friamente correctas na sua falta de expressão, da architectura jesuitica. Que triste contraste entre essas montanhas de marmore, com que se julgou attingir o grande, simplesmente por que se fez o monstruoso, e a construção delicada, aérea, proporcional e, por assim dizer, espirital dos Jeronymos, da Batalha, da cathedral de Burgos! O espirito sombrio e depravado da sociedade reflectio-o a Arte, com uma fidelidade desesperadora, que será sempre perante a historia uma incorruptivel testemunha de accusação contra aquella epoca de verdadeira morte moral. Essa morte moral não invadira só o sentimento, a imaginação, o gosto: invadira tambem, invadira sobre tudo a intelligencia. Nos ultimos dois seculos não produziu a Peninsula um unico homem superior, que se possa pôr ao lado dos grandes criadores da sciencia moderna: não saiu da Peninsula uma só das grandes descobertas intellectuaes, que são a maior obra e a maior honra do espirito moderno. Durante 200 annos de f.cunda elaboração, reforma a Europa culta as sciencias antigas cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a physiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia: apparecem os Newton, os Descartes, os Bacon, os Leibniz, os Harvey os Bufon, os Ducange, os Lavoisier, os Vico — onde está entre os nomes d'estes e dos outros verdadeiros heroes da epopea do pensamento, um nome espanhol ou portuguez? que nome hespanhol ou portuguez se liga á descoberta d'uma grande lei scientifica, dum systema, d'um facto capital? A Europa culta engrandeceu-se, nobilitou-se, subiu sobre tudo pela sciencia: foi sobre tudo pela falta de sciencia que nós descemos, que nos degradamos, que nos annullámos. A alma moderna morrera dentro em nós completamente.

.....
A. do Quental, *Causas da decadência dos Povos Peninsulares...*, Porto, 1871, págs. 13-17.

XLI

Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra, que antigamente era quasi que o nosso unico estabelecimento scientifico, conserva ainda hoje o primeiro lugar entre os outros que a revolução liberal creou e engrandeceu. Entre os seus antigos alumnos ou professores contou ella sempre homens illustres, taes como Luis de Camões, Gabriel Pereira de Castro, Sá de Miranda, Antonio Ferreira; depois os dois Elpinos, Durão, Mello Freire, Brotero, José Anastasio, S. Luis, Macra-Familia, Garrett, Castilhos, Coelho da Rocha, e outros muitos. Os partidos politicos deveram-lhe e devem-lhe ajuda hoje a'guns dos seus principaes caudilhos e ornamentos; J. A. d'Aguar e F. A. Lobo, Antonio Ribeiro Saraiva, Bruschy, Gomes d'Abreu, José Estevão e os dois Passos honram este a caçar das letras. A litteratura contemporanea recebeu d'aqui muitos dos seus melhores florões; João de Lemos, Soares de Passos, João de Deus, João Penha, e outros que continuam as tradições gloriosas da nossa historia litteraria, receberam das auras do Mondego as inspirações das suas musas.

Bem conhecido é o que de Coimbra e de sua Universidade escreveu o distinto humanista e infeliz patriota Frei Heitor Pinto. Diz elle na sua obra dos

Dialogos: «E assim como quem edifica em terra alheia, por mais que faça, sempre fica devendo o foro ao senhorio de cuja mão tem a terra, assim por mais que os moradores de Lisboa, Evora, Santarem e d'outras cidades e villas nobres d'este reino edifiquem, sempre ficam devendo o foro a esta tão antiga como excellente cidade de Coimbra . . . E assim como do centro da esphera sahem as linhas para a circumferencia, assim d'aqui sairam as armas com que se conquistou o reino, e d'aqui sahem as virtudes e as letras, assim divinas como humanas, com que elle é ornado e ennobrecido. E finalmente é esta cidade como alma d'este reino, coroada e sempre leal, e uma formosa imagem em que todas devem pôr os olhos.»

Tinha razão o douto monge Jeronymo, elle que foi tambem uma das joias mais preciosas da Universidade de Coimbra. E o que elle escreveu no seculo XVI ainda hoje se verifica em grande parte.

O antigo estabelecimento de D. Dinis, disse alguem ha bem poucos annos, é como a cidade da sua séde — nunca envelhece. Remoça constante numa juventude perpetua; impregna-se d'aquella florescente mocidade de seus filhos, que são os filhos de todo o Portugal, que para aqui faz convergir de todos os pontos o mimo das suas povoações. Por isso esta terra é como espelho de todas as outras, centro de muitas attensões, alvo de innumeradas esperanças, onde os paes concentram futuros auspiciosos, e as mães as suas longas saudades.

A. A. da Fonseca Pinto, *Panorama photographico de Portugal*, pág. 105.

XLII

Retrato de Tibério

.....
No seio do mar de Napoles, e defronte das costas da Campania, erguia-se Capréa, prisão por fora e asylo de delicias por dentro. Na corôa do seu alcançilado rochedo descobriam-se os tectos e eirados das doze casas de recreio construidas por Tibério em memoria dos doze deuses superiores do Olympo. Bellos edificios thermaes, aqueductos e arcarías ligavam os valles com a montanha.

N'este recanto aprazivel, resguardados pelo mar dos tumultos do continente, e cobertos dos rigores das estações pela grande muralha do monte Solaro, buscaram silencio e tranquillidade alguns dos senhores do mundo: Augusto habitou-o quatro annos. O filho de Livia escolheu-o para a cidadella das suas crueldades. Nero não se esquecia de o visitar frequentes vezes.

A sensualidade romana era habil em accommodar as formosuras da natureza aos seus deleites. Nero cavou os seus banhos na famosa gruta, que os viajantes admiram em Capréa, fazendo entrar as aguas salgadas por conductos subterraneos.

No tempo de Tibério escarpadas rochas fechavam o acesso da ilha por toda a parte; e no unico sitio, aonde se desembarcava, sentinellas vigilantes tomavam o passo, não deixando que ninguem se aproximasse da residencia do principe, sem licença.

.....
Aquelle velho disforme, com o rosto meio comido de ulceras, melo remendado de emplastros, calvo, curvado, de olhos ferinos, e halito fetido; repugnante, taciturno, e altivo — aquelle homem gasto e cansado de devassidões monstruosas e occultas, que está recostado á mesa, e questiona, sordido de embriaguez, no meio dos grammaticos sobre a côr dos cabellos de Phebo, ou ácerca da idade dos cavalos de Achilles — aquella figura sinistra, que a hediondez e os vicios assignalam pela sua expressão sinistra — é Tiberio!

Ao seu lado acha-se Thrasy'lo, poderoso no animo do imperador pelo medo que lhe intunde em nome dos astros.

Desprezador das leis divinas e humanas, e alardeando impiedade e esgarneo em pontos de crença religiosa, o enteado de Augusto, como todas as almas fracas, unia a superstição ao atheismo. Quando o trovão estalava e os raios fuzillavam cobria a cabeça de louros para afugentar a tempestade; e desafiando o poder de Deus, cedia como uma criança a os signaes imaginarios das estrellas, permitindo tudo ao astucioso grego, que fingia ler nos céus — no livro sublime, que a Sabedoria eterna cerrou aos homens!

Os deleites asquerosos, e as torpezas mais abjectas acabaram de lhe esgotar as forças, e a decrepidez apressou-se antes da idade. Quanto a devassidão requintada, e a obscenidade podiam inventar, tinha-o elle realisado n s seus harens secretos. Para se formar idea da depravação a que Roma tinha chegado é preciso lutar com o peio, e seguir em algumas paginas de Tacito e de Suetonio as descripções espantosas, que ultrajam o pudor, e pareceriam traçadas pela calumnia se o testemunho de tantas victimas e de tantos depoimentos as não confirmasse!

Igual em todas as cousas. Tiberio até se excedu a si nos vicios sensuaes! Levantando-se dos prazeres do banquete, cambaleando, e perdido de vinho; ou saindo das infamias monstruosas dos serranhos. o passatempo de Cesar era assistir aos supplicios e á agonia dos que o seu capricho, a sua cubica, ou as suspeitas haviam sentenciado. Os mais barbaros tratos precediam ali a morte, que debalde imploravam as dores e supplicas dos condemnados.

Espojando-se no lodo das devassações, e no sangue derramado pelos algozes, Tiberio cessou de matar quando a vida lhe fugiu. De vinte conselheiros, chamados no começo do reinado, dous ou tres escaparam apenas á sua ferocidade. Elle proprio conhecia o horror que inspirava exclamando: — «Detestem-me; mas obedeçam!»

Luís Augusto Rebello da Silva, *Faustos da Egreja*, t. I, 1854, pág. 253-258.

XLIII

Vasco da Gama

.....

Quem era Vasco da Gama? De que tronco procedia? Onde nascera? Que feitos lhe tinham assellado o merecimento, quando el-rei D. Manuel o escolheu por seu primeiro descobridor? E' quasi indifferente a prosapia e genealogia para os que nascem não para se comprazerem ociosos no passado, senão para rasgarem por si mesmos o caminho até á mais remota posteridade. Ha homens que derivam dos seus antepassados todo o merito. São como vermes, que vivem de ossadas sepulchraes. Estes são os que só valem pelo sangue dos avós, sangue já sem hematina e sem globulos vermelhos, sangue obscuro, inerte, incapaz de grandes feitos, sangue de mendigos illustres ou de chatins agaloados. Outros homens ha, que á simi bança do Nilo para os antigos, não se acerta dizer d'onde procedem, e principiando em berço escuro e nevoento, a pouco trecho já assombram com o seu nome e dominam com a sua irresistivel superioridade uma inteira civilização, assim como o rio caudaloso do Egypto, inundando os campos com a sua corrente impetuosa, derrama o seu nateiro fecundissimo na região, por onde corre já distante das nascentes ignoradas. Estes homens não carecem de herdar no sangue o esforço, o genio, a majestade. Elles são ao mesmo tempo o tronco e o rebento, a estirpe e a descendência.

cia. Nasceram para dar nome ás ociosas gerações, de que são progenitores. Uns para valerem, é mister que digam: «Fu descendo de um heroe». Os outros com o nobre orgulho dos que a si mesmos se coroaram, basta que digam: «Da luz, que diffundi na minha epocha, no mundo, em toda a humanidade, ainda uns clarões irão dourar a fronte obscura da familia que eu fundar». Uns são os que encontraram no berço a purpura, cosida dos retalhos, que ainda restam do manto dos avós. Os outros são os que a souberam talhar com o engenho ou com a espada do estofo humilde e sem valor. Uns são os reis *fainéants*, os magnates de cerebro vazio e de escudo divisado de heraldicas pinturas. Os outros são os Gamas, os Bonapartes, os Newtons, os Laplaces, os Hugos, os Shakespeares, cuja gloria é tão grande e pessoal, que ao mundo absorto e deslumbrado na contemplação de tão intensa luz, não é dado o distinguir em suas stirpes quem antes ou depois d'elles existiu.

.....
Foi Vasco da Gama de estatura mean, porém de vigorosa corporatura. A' forte compleição respondia cabalmente a impavida fortaleza do seu animo, a constancia inabalavel nas emprezas, o desprezo dos perigos mais instantes, o vigor inflexivel no governo, a severa justiça, em que foi exemplar. Em verdade, no seu trato com os inimigos, á força de ser duro e inexoravel, raiava muitas vezes em cruel. Mas se hoje pomos de um lado na balança algumas de suas mais inclementes represalias contra mouros e gentios e se estamos a ponto de o condemnar sem remissão em nome da humanidade, ponhâmos na outra concha as circumstancias extraordinarias, em que passaram os seus feitos no Oriente, e venhamos a concluir que a necessidade, as idéas e os costumes do seu tempo em certa maneira o escusaram das cruezas e sevicias, que exerceu. Como navegador foi talvez o primeiro, não sómente do seu seculo, senão de todas as edades e nações desde o primeiro que ás ondas se aventurou. Com elle podem unicamente entrar em paralelo Christovão Colombo, e principalmente Fernão de Magalhães. De navegante foi sem duvida a sua gloria principal. Como soldado e capitão apraziám-lhe mais as pelejas do Oceano do que em terra os mais galhardos feitos de armas. Nunca o vemos como um Almeida, um Albuquerque, ou um Pacheco, desembarcar de suas naus e reptar longe d'ellas o inimigo. O mar era a scena predilecta dos seus bríos, a terra, como que um passageiro diversorio, onde apenas repousar das maritimas refregas, ou tratar com os reis orientaes, mais como negociador do que soldado. Quandourgia castigar uma traicção ou uma affronta não saía na praia com os seus bellicosos companheiros, antes recolhido em seus navios, d'alli senhoreava o mar e a terra com as bombardas, ora arrasando as povoações, ora afundindo no Oceano as fustas e os parões do inimigo.

Acima de todos os homens eminentes, que levaram os baixéis e as armas portuguezas até os mais remotos confins do nosso globo, levanta-se Vasco da Gama, á similitude do mais alteroso cimo do Himalaya, que vê abaixo de si as mais erguidas cumiadas, que sem elle seriam assombrosas serranias colossaes. Toda a acção de Portugal na historia da civilisação está personificada no seu grande soldado navegador, o espirito da patria no Camões, tambem guerreiro e navegante, que ao nome do argonauta enlaçou no seu poema todas as glorias de Portugal.

Latino Coelho, *Galeria de Varões Illustres de Portugal, Vasco da Gama*, 2.^a parte, ed. de 1882, págs. 10-19 e 369-371.

XLIV

Origens de Portugal

(PRIMEIRO SERÃO)

O que era Portugal.—Os carthagineses.—Os romanos.—Viriato.—Sertorio.

— Meus amigos, começou o João da Aqualva, é de saber que esta terra em que nós vivemos nem sempre foi Portugal, e se alguém se lembrasse de fallar, aqui ha cousa de uns tres ou quatro mil annos ou mesmo, só de mil annos, em Portugal e em portuguezes, havia de ver como todos ficavam embasbacados sem perceber patavina. Isto lá para os antigos era tudo Hespanha, desde os cocurutos dos Pyrinéus, que são uns montes que separam a Hespanha da França, até essas aguas do mar que cercam por todos os lados a nossa terra, mais a dos hespanhoes, e até por estar este pedaço de terra cercado de agua por toda a parte, menos pela banda dos Pyrinéus, é que se chama a isto *península*, que quer dizer uma cousa que é quasi uma ilha, mas que o não vem a ser de todo.

.....
Estavam os carthagineses senhores da Hespanha, e, como tinham posto fóra os phenicios, queriam tambem pôr fóra os gregos, quando estes se lembraram de pedir o soccorro dos romanos, que andavam ha muito tempo de rixa velha com os carthagineses, e que eram dos povos mais pimpões d'aquelle tempo.

— Vieram então os romanos? perguntou o Francisco Artilheiro que estava seguindo com interesse a narrativa.

— Não tiveram tempo de vir, porque um tal Annibal, rapasote dos seus vinte e cinco annos, e que dizem até que era filho de uma lusitana, succedendo no commando dos carthagineses a seu pae Amilcar, não esperou que elles viessem, correu a Sagunto, uma das t es colonias gregas, tomou-a e queimou-a, e depois sae da Hespanha, atravessa os montes Pyrenéus e mais os montes Alpes, que parecia que tinha mesmo o diabo no corpo, bate os romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha os mais alem, e ás duas por tres, se continua assim de vento em pôpa, era uma vez Roma. Porém, os romanos, que eram tambem levadinhos da breca, nunca desanimaram, e, apesar de estarem de corda na gargaranta, tiveram artes de mandar para cá um exército, de fórmula que, enquanto Annibal saia por uma porta, entravam os romanos por outra. O atrevimento ia-lhes saindo caro, isso é verdade, mas a fortuna virou, e o que é certo é que d'aqui a pouco tempo não havia nem um carthaginez na península, e estavam os romanos senhores de tudo isto.

— Então os povos de cá estavam a olhar ao signal? perguntou Bartholomeu.

— Ora ahi é que bate o ponto. Effectivamente, os povos ci das Hespanhas acharam assim exquisito que os cartaginezes e os romanos andassem a dispor d'elles, sem ao menos lhes perguntar a sua opinião, de fórmula que, quando os romanos, julgando-se senhores da Hespanha, começaram a espreguiçar-se, os differentes povos da península disseram-lhes d'esta maneira: "Ora esperem lá, senhores romanos, que nós somos duros para colchões!"

— Ah! boa rapaziada! observou, esfregando as mãos, o Francisco Artilheiro.

— Começou a pancadaria, e o povo que andou sempre na frente foram cá os nossos lusitanos, principalmente os serranos do Herminio (que era assim que se chamava d'antes a serra da Estrella). Não eram os romanos capazes de

metter dente cá para este lado, até que uma vez um dos seus generaes, chamado Sergio G. Iba, apanhou os lusitanos á traição, e fez nelles uma mortandade de que poucos escaparam.

— Ah ! grande patife ! exclamou o Manuel da Idanha.

— Isso era, mas alem de patife era tolo, porque isto de excitar muito dá maus resultados. Os lusitanos, que escaparam, ficaram como uma bicha. Ora um d'elles era um pastor chamado Viriato, homem decidido e esperto, que disse para os seus patricios : Façam vocês o que eu mandar, e deixem os romanos commigo. Assim foi, juntaram-se á roda de Viriato, e, quando appareceu um exercito romano commandado pelo consul Vetilio, o nosso homem, que era das bandas de Vizeu, esconde n'uma emboscada uma parte da sua gente, e com o resto põe-se a fazer fosquinhas aos romanos, parecendo a modo medroso. O consul percebe que elle es á com seu susto, e diz lá de si para si : « Vae apanhar uma surra mestra. » Corre sobre elle, Viriato faz trez meia volta, e pernas para que te quero, elle ahi vae. O consul Vetilio desata a correr atraz de Viriato, e vae-se mesmo metter na bôca do lobo. Era uma vez um exercito romano. Depois de Vetilio vem outro e outro, e elle sempre zás, pásada de crear bicho. Em Roma havia terror, diziam que o luzitano lhes dava mais que fazer que o proprio Annibal. Em Hespanha não era um entusiasmo por ahi alem. Se Viriato já nem se contentava em estar nas montanhas, entrava pelos povoados, romanos, levantava contribuições, revolucionava os povos, era um vivo demonio, e cada novo exercito, que por cá apparecia, não lhes digo nada, sumia-se n'um abrir e fechar de olhos, até que enfim o consul Scipião apanha lá dois patifes que Viriato mandára para tratar de um negocio e tantas endrominas lhes metteu na cabeça e tantas promessas lhes fez que elles quando voltaram para onde estava o seu chefe apanharam-n'o a dormir e mataram-n'o.

— Oh ! que grandes malvados ! exclamou Bartholomeu.

— E assim acabou esse homem que foi o que se pôde chamar um homemzarrão: O' senhores, eu sou um pateta, que não percebo nada d'estas cousas, mas, quando me ponho a pensar n'este Viriato quando me lembro que era apenas um pobre pastor de cabras, um selvagem que não entendia nada de guerras, nem de manôbras, nem de legiões para ahi, nem de centuriões para ahi, e que, apesar d'isso, em defesa da sua terra, fez andar os romanos em papos de aranha, e atarantou aquella poderosa Roma que mettia medo a todos, quando me lembro que elle era filho d'esta boa terra, que hoje se chama Portugal, ah ! c'o a breca, sinto assim uns arrepios pela espinha, e parece que é até uma vergonha para o paiz não se lhe ter levantado uma estatua de um tamanho por ahi alem no alto da Serra da Estrella, que aquillo é que se podia chamar a sentinella da nossa independencia.

E o bom do João da Agualva, no impeto do seu entusiasmo, cerrava os punhos ; falcavam-lhe os olhos e dava mostras de querer elle mesmo ir pôr nos fraguedos da serra da Estrella a estatua do seu heroe.

— Tem razão, tem, observou o Bartholomeu, lá que o tal Viriato foi um homem de truz, isso foi.

— A morte de Viriato, como podem imaginar, continuou o João da Agualva, deixou ficar os lusitanos um pouco atrapalhados. Mas continuaram a defender-se, e os romanos viram uma bruxa com elles. Pode-se dizer que Roma só foi senhora da Lusitania quando não ficaram nas nossas montanhas senão as mulheres e as creanças. Mas as creanças fizeram-se homens, e os homens estavam mortos por jogar as cristas com os romanos. Não tardou a apparecer-lhes uma boa occasião.

— Vamos lá a ver isso ? exclamou o Bartholomeu, com um orgulho patriotico.

— E' de saber que em Roma havia umas guerras civis ; tal qual como nós tivemos cá por muito tempo em Portugal, assim umas cousas á moda da *Maria da Fonte* ou da guerra dos dois irmãos. Um fulano Sylla e um sicrano

Mario andaram á pancadaria um com o outro, até que venceu um d'elles que foi Sylla. Era homem de cabellino na benta este Sylla, e apenas se viu no poleiro, começou a chacinar nos que eram do partido contrario de forma que parecia que não queria deixar vivo nem um só. Os amigos de Mario trataram de se escapulir, e um d'elles, homem desembaraçado, chamado Sertorio safou-se cá para Hespanha, para os lados do Oriente. Ah! num instante revolucionou tudo, arranjou um exército, mas os generaes de Sylla, espatifaram-lh'o, e o amigo Sertorio tingou-se para a Africa. Souberam os lusitanos do caso, e disseram comsigo: «Este maganão é que nos faz conta». Metem-se uns poucos num barco, vão allí a Marrocos, por onde o Sertorio andava aos paus, oferecem-lhe o vir comandá-los. Sertorio saltou logo para dentro do barco e d'ahi a pouco estavam os lusitanos em campo com Sertorio á frente.

Este, porem, não era, como Viriato, um pastor de cabras, era homem civilizado, sabendo tudo o que se sabia no seu tempo, e que tratou de arranjar cá nas nossas terras uma especie de Roma. Pareceu-lhe que Evora servia para o caso, estabeleceu-se allí, e, como o tinham acompanhado muitos romanos, conseguiu perfeitamente o seu fim.

Que o Sertorio era uma grande cabeça, isso é que não tem duvida! Não só pos o sal na moleirinha dos seus patricios que se quizeram metter com elle, mas costumou os lusitanos a ser gente civilizada, e a imitar os romanos em tudo, de fórma que Viriato se resuscitasse, não os conhecia. E a final de contas, vejam como as cousas são! Este Sertorio deu lambada nos romanos por um sarilho! pois ninguem fez mais serviços a Roma do que elle! Introduziu aqui as artes, os usos e os costumes de Roma! de fórma que, depois, os nossos começaram a ter menos repugnancia aos estrangeiros, a confundir-se com elles. Isto de fallar a mesma lingua, de ter os mesmos habitos, sempre é uma grande cousa! Sertorio foi assassinado, assassinado tambem por um traidor, um patricio d'elle, um tal Perpenna! Pois senhores, quando morreu, já isto por cá era tão romano como a propria Roma! de fórma que nunca mais houve revoltas, e os lusitanos como o resto dos habitantes de Hespanha, á excepção dos vasconsos que sempre foram mettido comsigo, e nunca se deram com os vizinhos, os lusitanos ficaram fazendo parte do grande imperio que vinha do Mar Negro ao Oceano Atlantico, e da boca do Rheno até á foz do Guadalquivir e ainda mais para baixo, do outro lado do estreito.

E com isto os não enfado mais meus amigos, a Margarida já acabou a sua estriga, a luz do candleiro está assim a modos ás upas como quem se quer ir embora, e então domingo á noite continuaremos com esta conversa, visto que vocês parece que vão gostando,

— Ora se gostamos, sr. João da Agualva! bradaram todos em coro. Venha depressa o domingo para ouvirmos o resto.

E despedindo-se de Margarida, e de João, retiraram-se para as suas casas.

Pinheiro Chagas, *História alegre de Portugal*, ed. de 1885, pág. 1-14.

XLV

A batalha de Valverde

... A hoste portuguesa arremeteu logo contra os inimigos da vanguarda, fustigada ao mesmo tempo pelos que a seguiam na marcha. Então o combate ganhou o seu momento culminante. As settas, os dardos, as pedras, as lanças, formavam sobre o monte coroado pelos combatentes como que uma coureça de escamas scintilantes em perpetua agitação, e de sob ella reboava pelos ares o trovão medonho das juras e imprecações de guerra, com o tenir das armas, o

estalar dos golpes, o gemer dos feridos, o soluçar dos agonisantes : tudo revolvido numa onda que descia sobre a campinha, alastrando-a de horror.

Uma setta, sibilando, veio cravar-se num pé a Nun'alvares. Ferido, assim mesmo correu á retaguarda d'onde vinham gritos de perdição : as fileiras vergavam sob o ataque sempre renovado, batendo-as como catapulta contra muralhas de pedra. Reforçou os animos, avivou a coragem, partiu : da vanguarda chamavam-no... Mas desaparecera... Já a hoste portuguesa não avançava : fixara-se no chão como petrificada, obedecendo ao impulso contrario dos inimigos, que de ambos os lados a assaltavam. Começava a surgir o terror vago da derrota. Nuns empallideciam as faces, noutros redobrava a iurgia ; mas quando chamavam por Nun'alvares, e não o viam, gelava-se-lhes o sangue, sentindo-se orfãos. Para onde fora ? Morrera ? Fugira ? Não ; não podia ser...

Um milagre talvez : Deus têl-o-hia arrebatado ao ceu, livrando-o á morte e á deshonra que viam imminentes no crescer cada vez mais temível dos inimigos contra os muros hesitantes do quadrado português... Sumira-se ! Buscavam-no por toda a parte, numa angustia summa, com o medo cruel de perderem um pae. No recinto do quadrado, dentro da hoste, não estava. Sairam para fóra, lateralmente, á procurá-lo na charneca, por entre os dentes empinados da rocha que aflorava. Entretanto o combate feria-se cada vez mais rijo. Ruy Gonçalves, de subito, deparou com elle.

Ao lado estava a mula e o pagem que a tinha á mão, segurando a lança e o braçal do condestavel. Nun'alvares, de joelhos, entre dois penedos, com as mãos postas e os olhos no ceu rezava. Pendia-lhe ao peito o relicario do rei de Castella, tomando em Aljubarrota, e que D. João I lhe dera. Pertencera a Burgos, d'onde o castelhano o trouxera como talisman. Continha um espinho da corôa do Redemptor, uns ossos de martyres, e um dos trinta dinheiros de ouro por que Judas vendera o seu Mestre. Era uma joia preciosa de prata cinzelada a buril, suspensa por cadelas, para se deitar ao pescoço : era o talisman de Nun'alvares que entrará com elle na batalha. Agora, na angustia de a ver ariscada, transportava-se em extase para Deus, orando. O seu rosto, banhado por uma illuminação intima, com os olhos cravados no ceu e os labios entreabertos, dizia : Ruy Gonçalves, parado a contemplá-lo, n'aquelle instante o condestavel fallava com Deus, transportado em alma ao ceu. O extase, e este silencio do escudeiro, contrastavam com o fragor medonho da batalha que se feria ao lado... Erguido nas asas da poesia. Nun'alvares transformára as phantasias cavalheirescas da sua educação num realismo piedoso e práctico, d'onde provinha, ao mesmo tempo, a sua arte de guerreiro e a sua allucinação de santo... Deus assegura-lhe nesse instante que venceria a batalha, rematando por um verdadeiro milagre a sua doida aventura ; elle em paga promettia á Virgem levantar-lhe em Lisboa um templo magnifico. O realismo mystico transportava, assim, para a piedade transcendente, as normas da vida mundana, transfigurada. Entre o ceu e a terra, negociavam se ajustes.

Passado o primeiro espanto, Ruy Gonçalves, afflicto e accordado pelo travão constante da batalha, arrancou num grito :

— Estamos perdidos !

Nun'alvares, fitando-o distrahidamente, com uma voz pousada, tornou-lhe :

— Ruy Gonçalves, amigo... ainda não é tempo. Aguardae um pouco, e acabarei de orar.

Mas, nisto, outros tinham descoberto o condestavel, e, açoitado, effegante, Gonçalves Annes que vinha adeante, gritava, atropellando as palavras brutalmente :

— Nada de rezas... que morremos todos !

Elle, voltando a face e emudecendo-o com a fascinação do olhar, tornou :

— Ainda não é tempo amigo...

Caiu no extase. Em volta, os seus calam num desespero mudo, misturado de espanto. Que homem singular, mas seductor!

De repente, Nun'alvares, como que accordando, ergueu-se. O acesso de hypnose passara. Ergueu-se firmou-se nos pés, distendeu os braços, fixou a vista, armou o ouvido: a batalha rugia medonha! Em frente, na crista do monte, recortando-se no azul do céu, destacava-se mais alta a bandeira do mestre de Santiago. Pondo a mão esquerda no hombro do seu alferes Diogo Gil, apontando com a direita, disse-lhe:

— Vês as bandeiras que estão no cômoro d'aquelle monte?... a mais alta deve ser a do mestre Santiago... vês?

— Senhor vejo.

— Pois andae lá com essa minha e vamos junto d'ella... Amigos avante! Cada um seja para quatro!

Largaram, guiados pela bandeira sagrada do condestavel, partida por quatro campos em que se confundiam aereamente, batidos pelo vento, as imagens da alma mystica, os braços do sangue fidalgão, perfumes de santidade, reptos de heroismo, concatenados pelos braços vermelhos da cruz floreteada dos Pereiras, fundindo assim, phantasmagoricamente, o céu e a terra. Involvendo tudo n'uma atmosphera de milagre e allucinação. Uma rajada de fé passava pelos cerebros rude, dando aos nervos de cada braço rigidez cataleptica e força mais que humana. A ondulação magnetica passara do condestavel para o grupo dos que o cercavam, e, correndo todos loucamente, a encorporar-se na hoste, passava ao corpo inteiro do exercito que arremeteu com furia, levando perante si, de roldão, toda a gente inimiga, num arranco de violencia hysterica. A batalha estava ganha; o campo ficava livre, o milagre consummava-se.

.....
Oliveira Martins, *A vida de Nun'alvares*, 1893, pág. 306-309.

XLVI

O solitário de Val-de-Lobos

A rova do cemiterio de Azolá onde baixou o cadaver de Herculano no verão de 77 é, no seu isolamento, o symbolo da insensibilidade com que Portugal o sepultou. Os camponezes arrancavam das oliveiras de Val-de-Lobos tristes ramos dessas paídas arvores melancolicas, em memoria do que vivera entre elles: sejam tambem estas palavras, esboçadas pouco depois da morte de Herculano e agora de novo escriptas: sejam tambem como um ramo de saudades deposto por mão fielmente amiga sobre a pedra do sepulchro.

Os camponezes celebraram, poetica, ruralmente, um saimento que deixava indifferentes os grandes homens de Lisboa: e assim devia ser, porque o morto fôa em vida um açolte para os poderosos, e um pae, um protector, um amigo, para esses humildes em cuja sociedade vivia. Como um Voltaire no seu retiro, Herculano era uma especie de patrono dos camponezes, defendendo-os contra os casos arbitrarios de uma justiça, de uma politica, muitas vezes cruel. O mesmo que já reclamara uma esmola para as pobres freiras de Lervão era o que salvava do degredo um condemnado da Azolá, victima de um erro judicial, sem poder evitar que a cadella o matasse com as doenças alli ganhas. Herculano, procurador do infeliz, vinha a Lisboa, pedia, batia de porta em porta, subia ás casas dos conselheiros — e com que ironia contava a sorte a que se via reduzido! — para alcançar o perdão da victima injustamente condemnada em todas as instancias. Sob uma descrença convicta nos homens, elle, afinal, tinha no coração uma ingenuidade feminina, e sob o aspecto rude de um quasi

affectada dureza, uma verdadeira meiguice, uma caridade doce, uma candura diaphana.

O seu genio produzia o seu pensamento. Era uma intelligencia, lucida enkystada em fórmulas duras, e um coração bondoso e meigo, encoberto pela educação, sob um exterior rigido e apparentemente hostil. Quem o ouvia, depois de o ter lido, irritava-se muitas vezes; quem o tratava não podia deixar de o amar. Ingenuo como uma creança, mais de uma vez foi visto dando o braço, nas suas palestras peripateticas do Chiado, a algum janota a quem expunha a theoria de Savigny sobre os municipios da Edade-media: o janota ouvia, orgulhoso, mostrando-se, — porque então era moda, como alguém disse, «trazer o Herculano ao peito». Se o advertiam, elle, sem se offender, ao contrario, respondia como uma fala arrastada e séria: oh, diabo!

Era a candura propria dos bons; mas o singular no genio de Herculano estava na força de uma convicção que, em vez de religiosa, era civilica, e que, portanto, em lugar de se affirmar condemnando abstractamente o mundo como um mystico, affirmava-se condemnando individualmente os homens, pelos seus nomes, como um Juvenal ou um Suetonio. Ninguém lhe falasse no Saldanha, no Rodrigo! E esta direcção que o seu estoicismo tomára levado pela vida de Portugal, fazia, com que, para muita gente, Herculano passasse por um ser duro, aspero, intractavel, construido apenas com orgulhos e odios.

Mas, se no fundo do seu coração havia notas doces de meiguices e uma candidez ingenua, não foi sem duvida este o traço dominante do seu character. Ao lado da humanidade tinha Herculano a dureza e a força lusitana; e por cima da espontaneidade, abafando muitas vezes o coração, dando sempre uma forma intelligivel á força, viera a educação racionalista dar uma unidade, mais ou menos consistente aos seus, pensamentos e aos seus sentimentos. Assim, a palavra que o retrata é o Character, porque n'elle a vida moral e intellectual eram uma e unica: o contrario do sceptico, não raro santo, o proprio do estoico, não raro obtuso.

.....
Se na mocidade, pois, ao ver terminada a iniciação dolorosa, que as suas poesias nos cantam. Herculano, ainda impellido por illusões generosas, ainda incerto do destino fatal do seu genio, entrou na batalha da vida como soldado, esperando chegar a ver realisadas as normas esboçadas em seu espirito, esse entusiasmo caiu depressa; e já no ardor com que escreven a *Voz do Propheta*, para condemnar a democracia, an i-liberal em seu conceito, se vê esboçada fugitivamente a condemnação futura dos partidos todos sob a forma artificial de um estylo prophetico, á Lamménais. O momento de se convencer das razões de uma tal sentença chegou em 1851, quando fugia corrido da vergonha e tédio perante uma corrupção que se lhe figurava excepcional e unica. Passou á condição de caturra para os homens praticos, de orgulhoso para os simples, e de protesto symbolico contra a decadencia portugueza, e contra o abatimento universal da Europa, utilitaria e imperialista para os que, de fóra do mundo, como criticos, observam e classificam os phenomenos. Tornou-se o remorso vivo de uma nação degenerada. E' neste momento que as cousas levam o genio de Herculano a definir-se na sua pureza; e é por isso que ao extinguirem-se-lhe as illusões politicas, principia a tornar-se um typo caracteristico da nossa vida contemporanea. Pode dizer-se que, ao morrer para o mundo, nasce para a historia. O lugar que lhe compete, na galeria dos nossos homens modernos, é este. Embora já antes o seu nome tivesse andado nos programmas e polemicas, a sua individualidade não se destacava ainda senão pelo valor adicional da reputação litteraria conquistada.

.....

XLVII

Excerptos do sermão prégado nas exequias
do conde de Barbacena

« Só Deus é grande (*eminentissimo e reverendissimo senhor*)! só Deus é grande »! — Foi assim que um grande orador francês principiou a oração funebre de um grande monarcha d'aquelle pais. Depois de Deus só é grande a virtude —: é assim que eu, o mais humilde prégador da nossa terra, começo o elogio, tambem funebre, e d'uma distincta gloria d'ella.

Grandezas ha que, não obstante fazerem o timbre de uma familia, o orgulho de um povo, e até a admiração do mundo não passam muitas vezes, por falta de solido fundamento, de estatuas de uma belleza apparente, firmadas, como a do rei de Babilonia, sobre os pés de barro.

Que importa que por algum tempo deslumbrem os olhos, fascinem os espiritos, e recebam a indevida homenagem do respeito? Lá teem na base a razão de sua ruina.

Se por ventura se conservam de pé, em quanto dura a illusão que as levantou, baqueam, logo que a analyse do bom senso pôde vir examiná-las de perto, e descobrir a fraqueza dos seus alicerces.

Eis aqui a historia dos homens de todos os seculos, que usurpam um lugar que não lhes pertence na jerarchia do sangue, do poder ou do talento. Eis aqui o destino de todas as grandezas que devem a existencia, não ao merito e á virtude, mas ás lisonjas do genio prostituido, ás inspirações da poesia degradada, aos enredos da intriga, a tudo quanto pôde ser posto em acção pelo pelor dos dois homens que ha em cada homem.

Só ha um meio de edificar solidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude. Só ella é grande depois de Deus, e só as obras em que ella mette a mão são obras immortaes. A morte passa por ellas desarmada, o tempo inclina-lhe, reverente, a frente encauecida pelo gelo dos seculos, e a posteridade recebe-as como unica herança que lhe pertence, porque só acceta o que escapa á linha do tempo e á foice da morte.

Quando a adversidade entrou em casa do conde e a fortuna saiu, a virtude não se retirou. Companheira fiel nos dias da gloria, não o desamparou nos dias do infortunio. Depois de fazer que não se deslembrasse com os risos da prosperidade, fez que não succumbisse com os revezes da desgraça. Ajudou-o a ser feliz com sabedoria, ajudou-o a ser desgraçado com valor.

Este campo, confesso-o, para o illustre finado está matizado de flores, mas para o orador está coberto de espinhos. Apresenta flores de alto preço, mas difficeis de colher, e de um aroma que só pôde ser justamente apreciado por um sentido delicado. E deverei eu deixá-las morrer na obscuridade, onde foram tão diligentemente cultivadas? Não: irei com cautella por causa dos espinhos, mas hei de colhê-las, e até espero fazê-las amar. Só peço duas coisas: bom uso do espirito e do coração.

Cada um de vós sabe o que são convicções (não tractemos agora de apreciar o valor d'ellas; as boas louvam-se; as ruins lamentam-se: insulto não se faz a nenhuma. Mas, se antes quereis, desçamos da esphera intellectual para a moral, da região do espirito para a do coração. Cada um de vós sabe o que é o amor de uma idéa, de um principio, de um systema, de uma causa; e, sabendo isto, sabe egualmente o que será amar uma, jogar as armas, expôr a vida por ella e perdê-la! Juntae ainda ás sympathias do amor a firmeza de um character nobre de um character portuguez. Agora, como falo a pessoas de espirito subido

e coração delicado, peço a todos que decidam (fazendo bom uso de um e outro); que deverá fazer um homem que perde uma causa que ama? Julgo que decidireis comigo, que só lhe restam tres recursos: ou morrer, ou abandonar a causa, ou retirar-se das scenas do mundo. Morrer succumbindo, não pertence ás almas energicas: morrer attentando contra a vida, não pertence ás christãs: abandonar a causa, pede um triplíce sacrificio que o mundo todo condemna: o das convicções, o das sympathias, o da firmeza de character. Que restava ao conde, não podendo morrer, nem abandonar a causa? Retirar-se das scenas do mundo. E' o que fez; resistindo, ainda nos ultimos annos da sua vida, ao convite que lhe fizeram para acceitar o cargo de ministro e de conselheiro d'estado.

Retirado, pois, das scenas do mundo e reduzido a uma vida de obscuridade, aquelle que luzira num theatro esplendido, que assistira aos conselhos dos reis, e que exercera os mais honrosos cargos da republica; devia, porque era homem, sentir as luctas que occasionam semelhantes sinistros; mas era nestas luctas, neste fogo lento, neste cysol, que a Providencia tinha resolvido acabar de purificar a sua virtude. A adversidade, que abate os espiritos fracos e eleva os fortes, não abateu o seu, elevou-o. O conde adorava os decretos de Deus, vivia resignado, purificava-se, ia sacudindo o pó da sua passagem pelo mundo, occupava-se do infinito e do eterno, dava ao céu um espectáculo digno d'elle. Tal foi o caminho recto por onde ultimamente o conduziu o Senhor, o caminho recto da resignação.

.....
Francisco Raphael da Silveira Malhão, *Sermão*, cit.

XLVIII

Um trecho do discurso sobre a "Charles et George,,

.....
Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa especie exceder as condições ordinarias da nossa existencia mas essa valiosa satisfação custa sempre cara. Os heroes são uns filhos prodigos da natureza e da sociedade, que dispõem, em provelto das suas paixões, do ouro, do sangue e da honra do mundo; que sacrificam aos seus caprichos quanto ha n'elle de mais santo, de mais nobre e de mais sympathico, (*Apoiados*) e a Providencia, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que se esquecem da humidade do berço commum, ou lhes esconde a lousa da sepultura para que os de lembrar, ou lh'a deixa apontada a indignação publica para que os abeneçam. (*Vozes:— Muito bem.*)

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amonteam-se; sobem umas sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que palgam á altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e destetadas em espuma, caem no mar de onde saíram, no mar de onde eram, no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornam. (*Vozes:— Muito bem.*) Os heroes são estas e taratas passageiras, estes cachãos espumosos. O mar é a humidade; como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre apesar da sua inquietação, aos principios da harmonia natural a que pertence; e eis á suplicio, e para conservar os quaes foi creado. E terem da tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem que o mar abençoe, que não bata mais as nossas vistas pela luta que sobre elles se travava? Pedris de irregular conformação sem belezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem a mem o nosso pavor.

Sr. presidente, esse mesmo moneta que foi reputado o salvador da França

o domador da anarchia, este grande capitão que venceu tantos povos, mas que não pôde vencer as idéas, esse guerreiro estadista, a quem attribuem a gloria de ter segurado a regeneração europea de 1793, esta mesma entidade historica parece-me que se poderia ter dispensado e suprimido, e que a sorte da Europa seria a mesma que hoje é, ou ainda melhor, sem as suas batalhas, as suas victorias e as suas leis. O genio dos acontecimentos e da civilização é mais poderoso que o genio dos homens. (*Apoiados*).

Eu tenho asco á guilhotina e não tenho consideração pela espada, quando ella serve a violentar os povos, porque a guilhotina é sempre a ignominia das revoluções, e a espada muitas vezes o opprobrio dos governos. Mas se nós tirassemos da historia o grande vulto do verdadeiro Napoleão, pelos milhares de vidas que se perderam nos campos da batalha, teriamos a contar mais alguns milhares de cabeças decepadas nos cadafalsos politicos, e o curso dos acontecimentos teria sido o mesmo, afóra a differença moral d'estes martyrios, porque os destinos do mundo saltam por cima das baionetas e dos potros, e seguem a sua vereda sem haver nada que os detenha nem os desvie. (*Apoiados*). Por estas razões para mim, quanto menos heroes melhor, e se digo isto dos heroes que verdadeiramente o são, que será dos heroes que apenas pretendem arremedá-los?

N'um jantar dado em Paris em prol da liberdade dos negros, mr. Lamartine pronunciou um discurso inspirado pelos princípios mais humanitarios e pelas ideas mais elevadas, e julgando necessario doutrinar o patriotismo francês que reluctava em ceder ao direito de visita, disse apoiando-se na auctoridade de Mirabeau pouco mais ou menos estas palavras: «*Consistirá a dignidade da bandeira franceza em tornar inviolaveis os navios empregados no trafico da escravatura, verdadeiros tumulos fluctuantes, ou em defender o santo principio da liberdade e humanidade conquistada em nome de Deus e em proveito de todos os homens?*»

E é mr. Lamartine, esse poe a que carpiu todas as miserias da humanidade, que exaltou todas as suas glorias, que excitou todos os seus melhores extinctos, que levantou a coragem dos povos, que acalmou as suas demasias, que suspendeu com a sua palavra todas as paixões revolucionarias da França: esse homem cuja composição moral e intellectual, é no meu presentimento como o simulacro da futura politica e dos futuros governos na Europa; esse homem que depois de tantos serviços e de tantas lides, só pede que o deixem ter sepultura honrada na terra em que teve o berço! Onde estamos nós? Onde está a França que nós conheciamos? Choremos todos por ella, porque o nosso pranto é pela civilização (*Vozes: — Muito bem*).

A França não sabe honrar os seus melhores cidadãos e manda, e presta os seus canhões para o serviço da escravatura! Comparemos a França no Zaire e em Moçambique, com a França a quem mr. Lamartine pede em vão que lhes resgatem da mão dos seus credores os bens paternos, onde está presa a sua alma de poeta e filho (*Apoiados*). Pagar as dividas de mr. Lamartine e honrar a firma das suas virtudes, é de todas as homenagens que são devidas ao seu character, talento e serviços, render-lhes apenas a mais grosseira. Oh! não permita Deus que seja castigado o povo que ouve sem emoção as queixas de tão nobre infortunio e se mostra tão tardio e difficil em lhe dar allivio e consolo (*Apoiados, Vozes: — Muito bem, muito bem*).

José Estevão, *Diário da Câmara dos Deputados*, Sessão legislativa de 1858-1859, vol. 1.º, pág. 334.

XLIX

O sr. Ministro

Tiburcio esfreara-se nos tribunaes em causas crimes. A imprensa jornalística publicou trechos dos seus discursos torrencias de eloquencia commovente; mas elle não se sentia bem; e pertavam-se-lhe os horizontes que sonhára. Não queria salvar delinquentes que a sua propria consciencia accusava. Queria salvar a nação. Anciava as glorias honradas do parlamento. Amalia, que lhe conhecia a repugnancia em ir a Relação combinar a defesa com os criminosos, pedia muito ao tio que embeenhasse as suas relações para que Tiburcio fosse á camera. O bispo, as auctoridades, e a fama do orador aplanaram as difficuldades. O dr. Tiburcio foi eleito por Sinfães — acto que foi por Sinfães, devia ser por Sinfães — um alôbre de deputados talentosos que vem sempre á luz politica por aquel e ventre laxo e fecundo de Sinfães.

« Debutou splendidamente » disseram os jornaes do governo. A opposição achou-o metaphysico, nebuloso como um pântano de ma trugada. Defendeu a eleição cruenta do circulo 79, como quem defendia um réo do parriedio, com as mesmas phrases plangentes dos tribunaes do crime. A opposição accusava o administrador do concelho como se elle fosse o Mattos Lobo ou o Luis Negro. O mesmo consumo de rhetorica, e cia de vitriolo, de parte a parte. No fim da legislatura o dr. Tiburcio confessava que, n'este diluvio de porcaria, as bestas eram tantas e a arca tão pequena que a final não se salvava ninguem, por causa das bestas.

— Eu queria ser ministro três meses — dizia elle um dia a Amalia. — Este país grangrena to ainda podia salvar-se com uma grande amputação.

Ella começou a imaginar que o seu marido podia salvar o país com uma grande amputação e o tio conego perguntava ao sobrinho, sorridente:

— Mas que diabo tem o país?! Ninguem lá por fora me cheira a grangrena. Reínam os reumatismos e os catarrhos; mas quanto a pdridão, não sei de nenhuma, fóra dos hospitais. Eu, se fosse a ti, meu Tiburcio, não amputava nada, sendo ministro.

O doutor insistia em voltar ao parlamento queria dizer as derradeiras e solemnes palavras cuspidas á face do cynismo publico, encarvoar com o estygma da intima a estúpida indifferença geral, inclinar-se sobre o leito de Portugal agonisante e psá mear-lhe threnos de destruição como Jeremias sobre o reino de Israel. E o conego:

— Parece-m, que voltas aos sermões de casa das Botelhas. Fesses sermões do parlamento, se ninguem os encommenda, sempre ha uma nação que os pague; — a pobre nação garg enada, mas a sim mesmo a pagar aos medicos e m rara pontualidade! Tiburcio, nada de amputações, que te não vá ficar a doente nas mãos por causa da hemorragia.

Não obstante, o conego trabalhava para a eleição do sobrinho por um circulo do Porto. Amalia pedia-lho com instancia não só para abrir ao marido a vedada dos conselhos da coôa, mas porque tinha duas irmãs casadas em Lisboa, e queria muito estar perto d'ellas. Padre João Evangelista dava se com os influentes notaveis, grandes firmas commerciaes, potentados do suffragio que tinham os arsenaes da sua populandade nas co-freiras. Aconselhavam-lhe que orientasse o doutor dos mananciaes das irmandades, fontes limpas de votos — que o apresentasse ao Souza Bispo, da Trindade ao Colhadella, ao visconde de Alpendurada, ao Carneiro Giraldes, ao Custodio Pinheiro, ao Torquato, á aristocracia de Cedofita ao Figueiredo, ao Dourado, e outros membros da Ordem Terceira de S. Francisco — uns finorios que a sabiam toda.

O doutor não transigia com os maus hábitos da mendicidade. Se elle queria jarretar excrescências canceradas no organismo nacional, o mais pôde dos membros era a corrupção do suffragio por meio de dinheiro aos pobres ou de abjecções aos ricos. De mais a mais, o insinuar-se nas irmandades parecia-lhe carolice estúpida ou hypocrisia canalha. Apesar da esposa, elle teimava em não ir procurar os irmãos da Ordem Terceira, ao passo que o tio conego mexia os pausinhos, desculpando o doutor com as suas muitas occupações jurídicas. A Ordem Terceira de S. Francisco estava conquistada, desde que o conego fizera inscrever como irmão o doutor Tiburcio Pimenta.

Fallava-se muito em reforma ministerial. O ministro da fazenda em consequencia de se aggravar o golpe de um callo, recolhera-se á cama; o da marinha tinha-se constipado a bordo de uma fragata, onde fôra ver a polacha-se tinha o feltro que elle indicara n'um lindo desinho em que a poesia se dava ás mãos com a geometria linear. Estavam chelos de gloria, mettidos na cama, um com emplastos emolientes, outro a mastigar pastilhas de Naphé, um repuxo de espirros.

— Se agora estivesse em Lisboa, Tiburcio, talvez entrasses para o ministerio — dizia-lhe Amalia.

— Não sejas creança. Homens da minha inflexivel independencia só podem ser ministros, se o povo e as armas os impõe ao Poder Moderador. A minha columna vertebral não se curva nem ao povo, nem aos argentarios, nem á camarilha. Nunca passarei de bacharel Tiburcio Pimenta, natural de Gandarella, e advogado nos auditorios do Porto.

— E irmão da Ordem Terceira de S. Francisco — acrescentou o conego. Lá te metti, e de lá sahirás deputado nas primeiras eleições. Eu conheço o Porto melhor que tu. Isto aqui é Braga com mais alguns miheiros d'almas.

Um dia, ás sete da manhã puxaram fortemente á campainha do doutor Tiburcio. Desceu a creada á cancella, e viu um homem de boa compostura seraphica perguntando se podia fallar ao snr. doutor. Era um sujeito calvo, de oculos verdes, sobre um nariz muito verrugoso, com uma ventá obstruida.

— Que ainda estava recolhido.

Que vinha trazer-lhe um officio a dar parte a sua senhoria que fôra nomeado ministro. E entregou-lhe o officio.

— Faça favor de dar da minha parte os parabens ao snr. ministro; diga-lhe que é o Lavanha, o irmão Campainha.

— O irmão de quem?

O Campainha, o Lavanha; o snr. doutor bem me conhece, que eu tambem sou escrevente no escriptorio do Bandeira; e já cá tenho vindo com papeis ao snr. doutor. Não se esqueça de dar os meus parabens ao snr. ministro. Adeusinho manina.

A creada subiu muito açodada, offegante, a chamar a ama:

— O' senhora, ó senhora, um officio a dar parte que o snr. doutor está ministro!

E Amalia, muito alvorotada, correu com o officio ao quarto, e abriu a janella, exclamando:

— Tiburcio, Tiburcio, parabens! estás ministro! Aqui está o officio!

E deslacrava o sobrescripto sem o lêr para dar o officio ao marido que se sentara estrouvinhado na cama, a esfregar os olhos.

O doutor leu:

Ill.^{mo} Snr. Dr. Tiburcio Pimenta — A Mesa da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta invicta e heroica cidade do Porto, tem a satisfação de participar-lhe que hontem, em reunião geral, foi V. S.^a unanimemente eleito Ministro da mesma Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Tiburcio machucou o papel, atirou-o ao tapete, e disse:

— Não valia a pena accordar-me para isto, Amalia!

E ella, com os olhos espantadamente espasmodicos na cara esquisita do marido, disse com um grande desalento:

— Ministro da ordem terceira de S. Francisco! Ora bolas!

O conego, que tinha ouvido fallar em *ministro*, entrou n'esta conjunctura, e perguntou o que era. Amalia explicou com muito desdem a nomeação de ministro da ordem terceira; e o tio com gravidade, e um pouco de migueilismo:

— Pois eu antes queria ser ministro da Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas, que ministro da primeira ordem da Senhora D. Maria da Gloria.

Camillo Castello Branco, *Narcóticos*, 1, págs. 243-249.

L

A morte do lobo

Uma noite de novembro cahia neve, e os aspectos do céu profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar álgido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida d'uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapela da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos serros. Uivos longinquos do lobo cuviã-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao tiepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contricção; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos sérios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço n'um aspecto de admiração, de surpresa. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôs-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: "Bôca! põga! cêrca! Ahi vai lobo!". Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que reper utiam os brados. Ergueu-se, e desceu mul de passo, com uns vagares ironicos, com a cauda de rojo e o dorço erriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negr-jar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldêa, e para aquelle lado latiam cães d'um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rezes nas en raes. Tiepou afoito ao teso do outeiro: ganhára animo; o lobo uns tragos de aguardente d'uma cabaça atada com o polvorinho no corraão. Sentiu-se capaz de afrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da criação segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcava-se um algar emmaranhado de bravio espesso onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um

estendal de lençóis: e, quando olhava para tras receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta atravessar a lira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o valio de urzes e gestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derrado, arquejando com o dedo no gartilho, e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lobo que o fariava de focinho anhelante e as orelhas fiás; e assim que a fera passou de pernil e n'frente do tapigo, o rei da criação, que o era pelo direito do bacamarte despendeu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já m'atado aguias com zagaões. O lobo, varado pela espiada até ao coração decahiu sobre um dos quadris, escabujou em roncões fragmentos, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteirado n'uma grande agonia, e morreu.

C. C. Branco, *Eusebio Mauroio*, ed. de 1687, pág. 35-37.

LI

Suave m'lagre

Entre Enganim e Cearea, n'um casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma v'ua mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filho único, todo aleijado, passava do magro peito a que ella o creára, para os farrapos da exerga apodrecida, onde jazera, sete annos passados, mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engeilhára, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miséria cresceu, com o bo'or sobre cacos perdidos n'um ermo. Até na lampada de barro vermelho seccára havia muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão de côia. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois no quinteiro seccára a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel enrava o portal. E sóervas apanhadas nas fendas das rochas, cosidas sem sal, nutriam aquellas creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves m'eficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou d'essa grande esperança dos tristes, esse Rabbi que apparecera na Galiléa, e de um pto no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxugava todos os prantos, e promettia aos nobres um grande e luminoso reino, de abundancia maior que a Corte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judéa como o sol, que até por qual'quer velho muro se esende e se gosa; mas, para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo e c'lhia. Obed, tão rico, mandára os seus servos por toda a Galiléa, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Setimo, tão soberano, destacára os seus soldados até á costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem por seu mando a Cesarea. Errando esmolando por tantas estradas, elle topára os servos de Obed, depois os legionarios do S'p'mo. E todos voltavam, como derrotados com as sandalias r'as, sem ter descoberto em que matta ou cidade, em que local ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bo'dão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe reformou o seu canto, a mãe mais vergada mais abandonada. E então, o filhinho, n'um murmurio mais debli que o roçar d'uma

asa, pediu á mãe que lhe trouxesse esse Rabbí, que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os maies ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada :

— Oh filho ! e como queres que te deixe, e me metta aos caminhos, á procura do Rabbí da Galiléa ? Obéd é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areas e colinas desde Chorazin até ao país de Naab. Septimo é forte e tem soldados e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar ! Como queres que te deixe ? Jesus ainda por muito longe, e a nossa dôr mora connosco dentro d'estas paredes, e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convencera eu o Rabbí tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse aavez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rota ?

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou :

— Oh mãe ! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar !

— Oh meu filho, como te posso deixar ? Longas são as estradas da Galiléa, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão tropega, tão triste, até os cães ladrariam entre a porta dos casaes. Ninguém attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbí. Oh filho ! talvez Jesus morresse. . Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a creança murmurou :

— Mãe, eu queria vêr Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança :

— Aqui estou.

Eça de Queiroz, Suave milagre.

LII

A chegada a Tormes

... O carregador lembrou que perto, no casal da Giesta, ainda pertencente a Tormes, o caseiro, seu compadre, tinha uma boa egua e um jumento... E o prestante homem enfiou n'uma carreira para a Giesta — enquanto o meu Príncipe e eu cahiamos para cima d'um banco, arquejantes e succumbidos, como naufragos. O vasto Pimentinha, com as mãos nas algibeiras, não cessava de nos contemplar, de murmurar : — « É de arrelia ». — O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma villasinha clara. O espaço immenso repousava n'um immenso silencio. N'aquellas solidões de monte e penedia os pardaes, revoando no telhado, pareciam aves consideraveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a região.

— Está tudo arranjado, meu senhor ! Vem ahí os bichos !... Só o que não calhou foi um selimsinho para a jumenta !

Era o carregador digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na mão duas esporas deslmanadas e ferrugentas. E não tardaram a apparecer no conego, para nos levarem a Tormes, uma egua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertamos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a egua ao senhor de Tormes. E começamos a trepar o caminho, que não se alisára nem se desbravára desde os tempos em que o trilhavam, com rudes

sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacinthos do século XVI ! Logo depois de atravessarmos uma tremula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... — E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparável belleza d'aquella serra bemdita.

Com que brilho a inspiração copiosa a composera o divino artista que faz as serras, é que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, n'este seu Portugal bem amado ! A grandeza equalava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de aivoredos, tão copados e redondos, d'um verde tão môço que eram como um musgo macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, subranceiros ao carreiro frágil, largas ramarias estendiam o seu toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacudia a fragancia. Atravez dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raizes colliantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alas ravam a solida mudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol ; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas ; e, dentre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todô amachucado e torto, estreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semara nas telhas. Por toda a parte a agua susurrante, agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seichos, d'entre as patas da egua e do burro ; grossos ribeiros açudados saltavam com fragor de pedra em pedra ; fios direitos e luidos como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos ; e multa fonte, posta á beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, á espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma ceára, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em sucalcos verdejavam laranjaes rescendentes. Caminhos de lages soltas circundavam fartos prados com carnelros e vaccas retouçando : — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sobre ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de aldeia dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam envidas. O ar fino e puro entrava na alma, e n'alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua egua ruça, murmurava :

— Que belleza !

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava :

— Que belleza !

Frescos ramos roçavam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por tras das sebes, carregadas d'amoras, as macieiras estendidas offereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros d'uma casa velha, com a sua cruz no topo, refugiaram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um metro nos seguia, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão metro ! Ramos de macieira, obrigado ! Aqui vimos, aqui vimos ! E sempre contigo ficaramos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras !

Assim, vagarosamente e maravilhosos, chegamos áquella avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidaiga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e á egua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou : — « Aqui é que estêmos, meus amos ! » E ao fundo das faias, com effeito, apparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brazão de armas, de secular granito que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com furor. E quando Jacinto, na sua suada egua, e eu atrás, no burro de Sancho, transpossemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto

do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nédio, rapado como um padre, sem collete, sem jaleca, acalmando os cães que se encarniçavam contra o meu Príncipe. Era o Melchior, o caseiro... Apenas me reconheceu, toda a bocca se lhe escancarou n'um riso hospitaleiro a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, n'aquelle cavalheiro de bigodes louros que descia da egua esfregando os quadris, o Senhor de Tormes—o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como diante d'uma avantesma.

— Ora essa!... Santissimo nome de Deus! Pois então...

E, entre o rosar dos cães, n'um bracejar desolado, balbuciou uma historia que por seu turno apavorava Jacintho, como se o negro muro de casarão pendese para desabar.

E. de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, pág. 198-204.

LIII

Um telefone em Tormes!

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco annos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu príncipe já não é o ultimo Jacintho, Jacintho ponto final—porque n'aquelle solar que decahira, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Theresinha, minha afilhada, e um Jacinthinho, senhor muito da minha amisade. E, pae de familia, principiára a fazer-se monotomo, pela perfeição da belleza moral, aquelle homem tão pittoresco pela inquietação philosophica, e pelos variados tormentos da phantasia insaciada. Quando elle agora, bom sabedor das cousas da lavoura, percorria comigo a quinta, em solidas palestras agricolas, prudentes e sem chimeras—eu quasi lamentava esse outro Jacintho que colhia uma theoria em cada ramo d'arvore, e riscando o ar com a bengalia, planeava queijeiras de cristal e porcellana para fabricar que jinhos que custariam duzentos mil reis cada um!

Tambem a paternidade lhe despertára a responsabilidade. Jacintho possuia agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscado a lapis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despesas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas. Visitára já as suas propriedades de Montemor, da Beira; e concertava, mobilava as velhas casas d'essas propriedades para que os seus filhos mais tarde, crescidos, encontrassem «ninhos feitos». Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilibrio se estabelecera na alma de meu Príncipe, foi quando elle, já sahido d'aquelle primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade—entreabrio a porta de Tormes á Civilisação. Dous meses antes de nascer a Theresinha, uma tarde, entrou pela avenida de platinos uma effluente e longa fila de carros, requisitados por toda a freguesia, e acuculados de caixotes. Fram os famosos caixotes, por tanto tempo encahados em Alba de Tormes, e que chegavam para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei:—Mau! o meu pobre Jacintho teve uma recahida! Mas os confortos mais complicados, que continha aquella caixotaria temerosa, foram, com surpresa minha, descaidos para os setios immensos, para o pó da inutilidade: e o velho solar apenas as regalou com alguns tapetes sobre os seus soa-lhos, cortinas pelas janellas desabrigadas, e fundos poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que elle aspirára, fossem mais leitos e suaves. Atribui esta moderação a minha prima Jacintho, que amava Tormes na sua nudez rude. Ella jurou que assim o ordenára o seu Jacintho. Mas, decorridas semanas, tremi. Appareceu, vindo de Lisboa, um conta-mestre, com operarios, e mais caixotes, para installar um telephone!

—Um telephone, em Tormes, Jacintho?

O meu Príncipe explicou, com humilde:

— Para casa de meu sogro!... Bem vês.

— Era razoavel e carinhoso. O telephone porém, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacintho, alargando os braços, quasi supplicante:

— Para casa do medico. Compreendes...

Era prudente. Mas, certa manhã, em Guiães, accordei aos berros da tia Vicencia! Um homem chegára, misterioso, com outros homens, trazendo arame, para installar na nossa casa o novo invento. Soceguei a tia Vicencia, jurando que essa machina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem attrahia as trovoadas. Mas corri a Tormes. Jacinto sorriu, encolhendo os hombros:

— Que queres? Em Guiães está o boticario, está o carnicheiro... E, depois, estás tu!

Era fraternal. Todavia pensei: Estamos perdidos! Dentro d'um mes temos a pobre Joanna a apertar o vestido por meio d'uma machina! Pois não! o Progreso, que, á intimação de Jacintho, subira a Tormes a estabelecer aquella sua maravilha, pensando talvez que conquistára mais um reino para desfilar, desceu, silenciosamente, desilludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra côr de ferro e de fuligem. Então comorehendi que, verdadeiramente, na alma de Jacintho se estabelecera o equilibrio da vida, e com elle a Gran-Ventura, de que tanto tempo elle fôra o principe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grillo, agora reconciliado com a serra, desde que a serra lhe dera meninos para trazer ás cavalleiras, observei ao digno preto, que lia o seu *Figaro*, armado de imensos oculos redondos:

— Pois, Grillo, agora realmente bem podemos dizer que o Snr. D. Jacintho está firme.

O Grillo arredou os oculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como petalas d'uma tulipa:

— S. ex.^a brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquelle resequido galho de Cidade, plantado na serra, pegára, chupára o humus do torrão herdado, creára selva, afundára raizes, engrossára de tronco, atirára ramos, rebentára em flôres, forte, sereno, ditoso, benefico, nobre, dando fructos, derramando sombra. E abrigados pela grande arvore, e por ella nutridos, cem casaes em redor a bem-diziam.

E. de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, pág. 351-355.

LIV

Ceifeiros

...Em linha á borda do trigo, distancian-lo seis metros uns dos outros, começaram em silencio a terrivel faina de ceifar. Trazem as pernas apolainadas de trapos atados estes por cordas que se lhes entrecruzam, desde o sapato até ás coxas, por defesa aos abrolhos do restolho; trazem nos braços e mãos piúgas velhas, de que fizera n mitônes contra as escoriações da palha ardente; e a cara mal se lhes vê sob as abas do chapéu de feltro ou de palmeira, e o mover dos seus rhins trahe o derreamento de miseraveis envilecidos pelas moedeiras da fome e do trabalho. Com a mão direita lançam a foice ao raz da terra; com a esquerda agarram nos caules e vão deixando atraz de si o trigo, em pequenos mólhos parallelos. Aqui, além, inla os mais novos cantam, mas nas respirações oppressas, cantiga e palestra entrecortam-se-lhes de prégas, quando o suor, trespassando a saragoça das calças e o punho crú das camisas, começa de se lhes pegar á carne, silgado e chupando-lhes as sarras como fogo. As primeiras horas té ao almoço, são suaves, porque os 38 grãos do sol pouco fazem nessas

Indoles de salamandra, affeitas a torrar. Apenas alguma sêde, um ou outro asso-
pro aos mo-cardos que os pers-guam, e o hadellas ao sol para indagar se a meia
hora de descanso do almoço, estará longe. Fosse placido interregno, porem, por
pouco alcança, que a fornalha solar refla de brazidos, graduando o martyrio na
proporção da mais atroz perversidade. A oriente o sol vem caminhando, sahindo
da fum rada do horizonte passando da cor de sangue, a bronze liquido; e os
seus raios, i medida que se aprumam, trazem na escandencia, nauseas de ve-
neno e a angustia horrorosa do metal derretido sobre a carne: rarela o ar, a
aragem matinal cessa de todo, os cães arquejam, de lingua cahida, as cavalga-
duras cessam de rilhar; e calando-se os passaros, e os vôos mais lentos, os ares
mais trivos, a sombra ma's ephemera — a nora do tormento diabolico da sêde,
não sêde do palidar, tendo por centro de refrigerio a gôrja secca mais sêde do
sangue espessado nas arterias, extenuadora sêde dos tecidos, colossal, geral, que
nada estanca, e sob cujo estertor o cerebro zumbe nos allucinantes delirios da
insolação! Julgareis que a temperatura, marcada ao sol por 44 mortaes riscos
do thermometro, tocado este acume, regresse lentamente ás virações mais fri-
gidas da tarde.

Mas qual regressar! são nove horas apenas da manhã, e dahi ás três, o ther-
mometro não fará senão subir, Começa então o pavoroso espectaculo da natureza e
do homem, torturados a fogo para expiar o crime duma ter dado fructo, e do
outro insistir em viver d'elle. O almoço dos ceifeiros é parco e sem vontade:
pão secco, azeitonas, algum queijo de cabra ou laranjasita mirrada, e agua!
agua! agua! bebida pela bocca dos cantaros, a plena gôrja, ou de bruços nas
poças cheias de limos, onde batracheos estagnam, cor de lama, d'olhos extati-
cos no sol como fakirs. Impaludismo, desynteria, typho, o que elles bebem?
Deixal-o; a sêde não reflecte: cada gotta daquella podridão vale mil vidas; e
são goladas e goladas, a cada instante o cantaro despeja-se, e o rapaz sae a
mergulhal-o no charco proximo, que os cães turvaram banhando-se-lhe dentro,
e donde bandos de passaredo fôgem, e galados. Meia hora de repouso após o
almoço. Mas repouso adonde? os arvoredos são raros, a terra escalda, e na rara
sombra os insectos chacinam, furiosos. Ao mesmo tempo começa a fazer-se
um inquietante silencio na charneca, um silencio opprimido, um silencio irres-
piravel.

Cessaram os vôos, as cigarras começam, e o grasnar dos corvos, nos
valles de milho, faz pelo matto como um echo de disputa rouca entre uma cana-
lha malcreada. Lá para o longe, emquanto nos primeiros planos as folhas das
arvores perto, ganham uma nitidez metalica de contornos, vê-se a atmospha
por completo encinzeirada, a luz do sol sem brilho, como que vista atravez
vidros de fumo; e horrivel coisa! em certos sitios a paizagem, atravez camadas
d'ar aquecidas desegualmente, como que se refrange n'uma successão de lami-
nas horizontaes, apparecendo á vista n'uma perpetua e irradiante oscillação¹.
Como é o tempo das roças, dos lumaréos d'esteva, ao longe, pelos montes,
erguem-se columnas de fumo pardo, muito altos, completamente immoveis,
redondas e direitas, avultando no deserto como troncos, e escabelleiradas lá
cima, n'alguuma zona d'ar onde inda corra viração. Para fora dos bordos de
vaso das montanhas, não se ouve nada; o socego e a solidão dominam tudo.
Dentro do vaso, na seara secca mar de pavêas sem marés, crepitante lençol de
mêsses loiras, oppressos, congestionados, sorvendo o ar rarefeito com medonhos
esforços de clavículas a haustos agonizantes, e verdadeiros rios de suor no torso
latejante, os condemnados ceifeiros lançam a foice e a palha estala, os mólhos
vão caído nos regos, em fitas regulares e parallelas, que o manageiro acama e

¹ A este phenomeno optico, chama-se do Alemtejo, *carmeleijo*, *carameleijo*,
ou *erameleijo*. Os dictionarios não trazem a palavra.

junta, formando mólhos maiores, atando-os com a mesma palha num gesto violento de torsão, e atirando-os para outro, que nos enfeixa afinal em roleiros de doze a dezaseis, d'espigas para o ar como cornucopias d'abundancia. Elles não fallam, toda a energia animal consumida no tumulto d'abrir e fechar o thorax ao oxigenio atmosferico; — assopram! e alguma palavra a dizer, da bocca se lhes secca, apenas solto num gemido, o monosyllabo primeiro.

Dez, onze horas... o thermometro subiu a 48 e a 50, e o zangarreio das cigarras, prenuncio do terrivel meio-dia, a principio disperso, agora multiplica-se num unisono de milhões e milhões de gritos roucos. Aquelles ruidos fazem um marulgo agudo pelo campo, parecendo, não vóz d'insecto, mas uma supplica geral, da terra devorada, ao sol feróz. Elles vêm de todos os pontos do horizonte, e pelo caminho sommam-se aos que tópam, incham no ar, trepidam, centuplicam de furia e resonancia, vão, vêm, ondulam, general sam-se, ensurdecedores, constantes, allucinantes, ora nem choro, ora em zumbaia, ora em chacóta; e de cada vóz que o suão abre a guela para extinguir a vida e encoxarrar as folhas das arvores, mais teimoso, intenso, aquelle marulho maldito desagrega a sua pulsação de loucura isochrona com o delirio do cerebro, a febre do pulso, e o arfar desesperado do peito, á cata d'ar. Desde esse instante a vida normal, physiologica, do celfeiro, é impossivel, e entra-se numa flagelação, donde a poder de teimas a resistencia vital produz, no meio do trabalho, allucinações de sentidos e deliquios. Sob a direita e intoleravel flamma do sol, perdeu-se a sombra, mas o calor não é só do sol, senão concentrar, suffocante, em braza viva, radia de tudo, cega, deslumbra, exhala-se de tudo, como se dentro de cada coisa houvesse um fóco directo, incandescente. Tocar um ferro, uma pedra, uma raiz, um caule, é dar um grito de horror pela queimadura horrilvel de contracto. A luz é tanta, tão reenviada de tudo, que os olhos chamuscados perdem a noção das fórmãs e do plano; de sorte que a paisagem torna-se obscura, e os objectos deixam de existir pela vista real, uniformisando-se as quatro côres da paisagem, em uma unica, a côr do vacuo, que é fulva, ardente, deslumbrante, irradiante, feita de picadas, d'estalidos, d'asphyxias, de blasphemias! Tudo crepita, arvores, terra, ferros, rochas, animaes; faísca tudo, e a natureza toma um tom de martyrio, perante o qual, attonito o proprio homem esquece as suas dôres. Meio-dia, a hora da sésta emfim! O manageiro faz o signal: *Louvado seja Nosso Senhor Jesu Christo!* quando já, automaticos, os desgraçados deixam a foíce, em tropos galopos, á procura d'um canto onde cahir. Sombras, aonde? O sol devora o ar; o thermometro ao sol faz 50 graus completos, temperatura das primeiras vinte leguas d'areia do Sabara; nos bordos do horizonte o céu parece estúpido, baço de pó, dum azul trepidante no zenith; e por mais que se contemple o quadro diabolico, feito de sol, de banalidade, de malevolencia e de grandeza, impossivel encarar sem pavor essa desmesurabilidade de linhas, esse vasio espaço, essa nudez da terra côr de cinza, extenuada num estupor sem outro equal. Mas o que elles querem é abandonar-se, canir prá'li, seja onde fór. Alguns tiram a roupa encharcada e fetida do suor, e entre as estevas immundas, nus, tombam de bruços deslumbrados, incapazes dum esforço, flacidos, com a inquietação sinistra da hora, um peso de cerebro que parece a cabeça rebentando do craneo, inchada de calor, e revolvendo sem appetite os attorges, com o paladar enortigado, o pão sabendo a terra, a agua a caldo, a bocca a lodo — e uma ancia de dormir, atróz, complicada do terror de ficar ali na primeira lethargia.

Dormir! tortura nova, a mais maldita e a peor que os estortéga. Fecham os olhos, amidornam, mas os sentidos exasperados da luz continua, piaffam na allucinação como cavallos de ciganos bebedos d'aguardente. Ao ouvido, o zumbir das verejeiras e atabôes, da lousa a illuzão do falazar de muita gente, e vizes sem conta se erguem para apartar facécias guerreiras. As mesmas desordens no olfacto, onde o simples trave do feno aquecido se lhes exaggera na pituitaria

por modos de lh'a illudir co'as asphyxias dum incendio; e calcula-se o sobre-salto, sabendo como os fogos sejam, naquella região sem agua, o ululante dragão devastador! Mas allucinação torturante é a da vista. Ficou-lhes no cerebro uma claridade que se refracta atravez do somno, e faz das palpebras, stores es-carlates; de sorte que, mesmo dormindo, os ceifeiros não cessam de sonhar intensos sóes, de vêr no campo dos olhos fechados, moscas de fogo, phophenas, reverberos e instantaneas auroras boreaes... Ao cabo d'algumas horas deste estado congestivo, o desejo das trevas toma um character d'ancia adusta, e é neste momento que a impaciencia faz pruridos na pelle, e prepara aos moscardos occasião de exhaustinarem melhor o paciente. As cegueiras periodicas são tambem, nestas occasiões de trabalho, frequentadissimas, e derivam da affluencia de sangue á base do cerebro, da acção persistente do levante, e da fadiga emfim dos nervos visuaes. Começam por vislumbres, vendo-se tudo subitamente amarello de fogo, ou azul, que se accentua com uma zoeira d'ouvidos, té que no fim de cinco minutos é abolida a discriminação das fórmãs, e fica apenas uma noção de nevoa, onde se movem sombras indistinctas...

Fialho d'Almeida, *A' Esquina*, pág. 71 a 79.

LV

Viana do Castelo

AS MULHERES E OS TRAJOS

O mercado semanal em Viana celebra-se ás sextas-feiras, num largo lanço de estrada macadamizada, á beira da agua, ao pé do jardim. A feira é constituida por mulheres de todas as freguezias circumvizinhas, d'aquem e d'além rio. Chegam de manhã, enfileiram-se ao lado umas das outras, em tres ou quatro ordens de extensas alas paralelas, pousam no chão os cestos com as respectivas mercadorias, e vendem de pé á multidão que preenche os espaços intermediarios de fila para fila, os ovos, a manteiga, o pano de linho, a sirgullha, as riscas, as rendas, todos os variados e curiosissimos productos das industrias caseiras dos arredores. Não há uma barraca, nem um toldo, nem um guarda-sol aberto. O sol cae de chapa em cada figura, e a luz, intensissima, verberada do limpido céu, refrangida pelo espelho do rio, inunda numa claridade triumphal, verdadeiramente gloriosa, esse vasto quadro deslumbrante.

As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de côr e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão femínil.

As saias curtas, descobrindo a base piramidal da perna nua, são de pano carmezim ou de sirgullha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas ás listras pretas, castanhas ou azues; cinzentas ás riscas vermelhas, azues, castanhas ou brancas, numa enorme diversidade de tons. Camisas de grosso linho alvissimo, mangas largas, bordadas em apanhados bisantinos no alto do braço, bordadas em entremelos abertos no mesmo linho sobre os hombros, bordadas ainda a linha de côres, á russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso. Grandes colarinhos redondos, de renda. O colete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de veludo preto lavrado no estilo de Utrecht, ordinariamente pospontado numa espigullha de ouro ou de prata. Os eós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em prégas mindissimas, presas aos debruns encarna-

dos, pretos ou azues. Os aventais estreitinhos e curtos, encabeçados em faixas de linho bordado a cores, são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlate e de azul persa. Brincos largos de filigrana de ouro. Colares de contas de ouro liso. Algibeiras pendentes da cintura, a um lado, em ampla *châtelaine* de pano, com aplicações policromas guarnecidas de lentejoulas. Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsacia, fazendo diadema sobre os cabelos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, á semelhança do que usam as mulheres dos Apeninos, já envolvendo o rôlo da trança sobre a nuca e caíndo em duas pontas entre as espáduas, são ordinariamente vermelhos, de um magnífico vermelho ardente, de purpura, cor da flôr dos cactos...

Prézo-me de ter visto mulheres e de ter reparado nelas em alguns dos sitios onde mais famosas se tornaram as legendas da formosura. Vi-as celebradas pela arte nas melhores télas de Leonardo de Vinci, de Rafael e do Ticiano, de Velasquez e de Murillo, de Van Dyck e de Rubens, de Rembrandt, de Metsu e de Ary Scheffer, de Greuse, de Watteau e de Latour, de Reynolds e de Thomas Lawrence. Vi-as nos próprios logares onde vivem ainda os conterrâneos dos grandes tipos consagrados pela arte: em Hyde Park e em St. James Park, nos Champs Elysées e no Luxembourg; nas Delicias e no Prado: nas Galerias St. Hubert e no Bosque da Haya, no Square Brougham em Cannes e no Casselo dos Ingêleses em Nice, no Trinkhalle de Bade, no Cursaal de Wiesbade e no Palmengarten de Francfort; na terra de Espronceda, na terra de Byron, na terra de Musset, na terra de Goethe, em todas as velhas cidades flamengas, e nessa nevoenta e misteriosa Frisa, onde as raparigas de um mmo sagrado e impoluto como o das flôres do gelo, se diz descenderem das antigas sereias do mar do Norte.

Pois bem! eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, vi mulheres mais bonitas do que algumas das que encontrei a vender na feira de Viana.

Impressionado por este fenomeno, procurei explica-lo, e cheguei a esta conclusão: A mulher do campo de Viana é a mais bonita de Portugal simplesmente pela razão de que é, entre as mulheres portuguezas, a mais bem educada...

Farpas, ed. 1887, 1, 30.

RAMALHO ORTIGÃO.

LVI

A lapidação dos diamantes

A lapidação consta de tres operações distinctas.

A primeira operação consiste em cortar a pedra pelo fio, o que quer dizer no sentido da sua cristalização, desbastando-a e tirando-lhe as rugosidades mais salientes. A parte difficilissima deste primeiro trabalho é a de determinar precisamente, matematicamente, o ponto exácto da base e do vertice da pedra, os quais constituem os dois polos do eixo em torno do qual se distribuem as facetas.

A segunda operação é a lapidação propriamente dita, e consiste em indicar as facetas a dar á pedra a sua forma geral. Neste estado o diamante tem ainda a apparencia amarelada e baça de um pequeno cristal de goma arábica.

A terceira operação é o polimento, que se realisa empunhando o diadema n'uma péga solidissima, não deixando sobresair senão a faceta que tem de ser polida, e aproximando-a em seguida de um pequeno disco de ferro, embebido em pó de diamante e azelte, posto em movimento giratorio horizontal por uma máquina de vapor, e dando 2:500 voltas por minuto á banca de onde polidor.

O aspecto destas oficinas tem o que quer que seja de misterioso, cabalístico, que infunde em quem as visita a sensação de entrar num mundo inteiramente áparte daquêle em que vivemos, habitado por uma raça de homens orientada mui diversamente da nossa, não sómente com outra língua e com outra religião primitiva dêles, mas ainda com caractéres anatomicos, com caractéres fisiológicos, com temperamentos, com atavismos absolutamente diversos daquêles que concorrem na nossa idiosincrasia. E' a vida olhada atravez de um vidro escuro e de aumento, com uma intensidade que ela só atinge nas condensações da arte, e que lembra o mundo formidável de Shakespeare, o de Balzac ou o de Carlos Dikens.

Para o fim de terem a máxima quantidade de luz para um trabalho de minudencia microscopica, os *ateliers* dos lapidários acham-se todos enfileirados em estreitos corredores alumiados por largas janelas rasgadas desde o tecto á altura das bancas que lhes ficam fronteiras.

Essas grossas bancadas de carvalho, os solidos mochos altos, aparafusados ao pavimento para o fim de permitirem o máximo desenvolvimento de força muscular empregada sobre a ferramenta, os utensilios de trabalho, as fortes pinças, as torquezas, as luvas com dêdos de ferro, as lamparinas, as caixas de madeira em que cae o pó tenuissimo dos diamantes cortados, as bigornas de aço, as mós de ferro da polição, as correias transmissoras em giro por cima de cada banca, as cortinas brancas caídas ao longo das vidraças, as mãos, as camisas, as caras, os cabelos dos operários em transpiração, tudo n'estas extensas galerias se acha uniformemente sujo, gordoroso, encdoado de oleo preto.

O diamante bruto é tomado com uma pequena tenaz da caixa de deposito em que se acha com muitas outros, e seguro pelo artifice n'uma bolinha de massa ductil como cera, a qual em seguida endurece como ferro ou abranda no grau que se deseje ao fogo de um massarico, e serve de engaste provisório á pedra. Presa esta bolinha numa torquez mecanica, apertada á chave, com garras solidissimas, o lapidário toma, fortemente empunhada noutra torquez igualmente sólida, uma lasca de diamante cortada em forma de cinzel, e, apoiando-se á bigorna cravada ao meio da mesa, por meio de um supremo esforço muscular que o faz vibrar dos pés á cabeça no seu alto banco especado ao sobrado, começa a morder pedra com pedra, gume com gume, diamante joia com diamante escopro...

Para que um brilhante se considere lapidado em regra é preciso que, colocado sobre qualquer dos seus dois vertices, ele se equilibre no proprio peso, sem descair para nenhum dos lados. Para este fim é indispensavel que cada uma das facetas tenha uma dimensão exacta, perfeitamente geometrica. Ora o lapidário, ao passar a pedra no polidor corrosivo, não vê senão uma faceta de cada vez, e é a olho que determina exáctamente, sem discrepancia alguma, a forma e a dimensão justissima de cada uma das sessenta e seis superficies, matematicamente regulares entre si, que tem de apresentar a figura que ele é encarregado de delinear...

Depois de facetado, com as suas sessenta e seis superficies, nas oficinas de Amsterdam, o esteril carbone fica sendo a joia rutilante, mãe fecunda e servidora fiel dos corrosivos pecados do temperamento e da fantasia.

Ide, magneticas estrelas! Ide polvilhar de luz, em doudejantes reflexos rosados, verdes e azues, o firmamento da elegancia! Ide resplandecer nos reliquios sagrados, nos tabernáculos divinos, nas tiaras dos pontifices, nos diademas das rainhas, nos sceptros dos reis e nas chinelas das cortezas! Sereis sucessivamente adoradas, apetecidas, profanadas; e o que uma vez julgar possuir-vos, será eternamente o vosso escravo, acorrentado para todo sempre a um velho altar, a um carcomido trono, a um desgastado braço ou a um inveterado vicio...

INDICE DAS MATERIAS

INTRODUÇÃO. — Sumário: História da literatura; seu âmbito: situação geográfica, raça e tradição e meio. — Sentido em que aqui se emprega. — Antologia portuguesa. — Divisão da história da literatura portuguesa. — Critério desta divisão. — Esquema geral pág. 1 a 10

QUADRO DA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUÊSA. pág. 11

I. — ÉPOCA MEDIEVAL

QUADRO SINÓTICO *do movimento político, social e literário correspondente á Escola Provençal.* pág. 15

CAPITULO I. Escola dos Trovadores ou Provençal (1200-1385). — SUMÁRIO: Idade proto-histórica da língua portuguesa. Origem da literatura portuguesa. Situação política da Provença. Difusão da poesia provençal. Causas gerais. Causas da difusão em Portugal. Caracter da poesia provençal. Arte poética provençal. Trovadores, segreiros e jograes. Antiguidade dos trovadores em Portugal. D. Denis. D. Pedro. D. Afonso Sanches. Outros trovadores e suas obras. Origem dos Cancioneiros. Cancioneiro da Ajuda. Cancioneiro da Vaticana. Cancioneiro Colocci-Brancuti. Importancia dos cancioneiros. Primeiros ensaios históricos. Livro de Linhagens. Novelas de Cavalaria. Ciclo Carolingio. Ciclo Bretão. Ciclo Greco-Latino. Ciclo dos Amadis. Fábulas e lendas. Documentos apócrifos. pág. 19 a 53
Antologia. Séculos XII a XV pág. 55 a 74

QUADRO SINÓTICO *do movimento político, social e literário correspondente á escola Espanhola.* pág. 75

CAPITULO II. Escola Espanhola (1383-1521). — SUMÁRIO: Caracteres gerais d'este período. Invenção da imprensa; seu início em Portugal. Estudo da poesia. Garcia de Resende. Cancioneiro geral. Influência espanhola. Condestável D. Pedro. D. Duarte. D. Pedro, Duque de Coimbra. Aparecimento da história. Fernão Lopes. Gomes Eanes de Zurara. Rui de Pina. Autores de biografias. pág. 77 a 97
Antologia. Século XV pág. 99 a 121

II. — ÉPOCA CLÁSSICA

QUADRO SINÓTICO *do movimento político, social e literário correspondente á escola Italiana* pág. 125

CAPITULO III. Escola Italiana ou Quinhentista (século XVI).

SUMÁRIO: O Renascimento; sua difusão. O Renascimento em Portugal. Os promotores do Renascimento em Portugal. Senhoras portuguesas ilustres. POESIA ÉPICA. Luís de Camões. Sua biografia. Camões escritor. Jerónimo Côrte-Rial. Luís Pereira Brandão. Francisco de Andrade. POESIA LÍRICA. Bernardim Ribeiro. Cristovão Falcão. Francisco Sá de Miranda. António Ferreira. Pedro de Andrade Caminha. Diogo Bernardes. Fr. Agostinho da Cruz. POESIA DRAMÁTICA. Origem do teatro. Gil Vicente. Escola de Gil Vicente. Afonso Alvares. António Ribeiro Chiado. Baltasar Dias. António Prestes. Simão Machado. Escola clássica. A HISTÓRIA NO SÉCULO XVI; suas características. D. Jerónimo Osório. João de Barros. Diogo do Couto. Damião de Goes. Fernão Lopes de Castanheda. António Galvão. Outros historiadores d'êste século. Samuel Usque. Narrativas de viagens; seus autores. Fernão Mendes Pinto. A história trágico-marítima. ELOQUÊNCIA SAGRADA. D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Fr. Luís de Granada. Fr. Miguel dos Santos. Diogo de Paiva de Andrade. Dr. Francisco Fernandes Galvão. MORALISTAS. ROMANCES DÊSTE PERÍODO. Fernão Alvares do Oriente. OBRAS POÉTICAS ESCRITAS EM LATIM. TRABALHOS FILOLÓGICOS. OBRAS DE ERUDIÇÃO pág. 129 a 191
Antologia. Século XVI pág. 193 a 321

QUADRO SINÓTICO *do movimento político, social e literário correspondente á escola Seiscentista ou Gongórica* pág. 323

CAPITULO IV. Escola Seiscentista ou Gongórica (século XVII)

SUMÁRIO: Decadência literária, seus factores. Censura e índices expurgatórios. Universidade de Evora. Escola Gongórica, caracteres. Academias literárias. Academias literárias portuguesas: a) *A. dos Generosos*; b) *A. dos Singulares*. Representantes do lirismo no século XVII. Francisco Rodrigues Lobo. D. Francisco Manoel de Melo. Outros líricos d'êste período. Representantes do género satírico. D. Tomás de Noronha. António Serrão de Castro. Diogo de Sousa ou Camacho. Poesia épica, seu caracter. Gabriel Pereira de Castro. Francisco de Sá de Meneses. Vasco Mousinho. António de Sousa de Macedo. Brás Garcia de Mascarenhas. O teatro no século XVII. Caracter da História. Fr. Bernardo de Brito e seus continuadores. Fr. Luís de Sousa. Faria e Sousa. Jacinto Freire. Historiadores menos importantes.

Viajens. Eloquência: seus representantes. António Vieira. Manoel Bernardes. Trabalhos filológicos no século xvii. O jornalismo. Epistolografia. Cartas da Religiosa Portuguesa. . pág. 327 a 366
Antologia. Século xvii pág. 366 a 411

QUADRO SINÓTICO do movimento político, social e literário correspondente á escola Francêsa ou Arcádica. pág. 413

CAPITULO V. Escola Francêsa ou Arcádica (século xviii). —

SUMÁRIO; O século xviii, caracteres gerais. Reacção literária. O verdadeiro método de Verney. Academias literárias: 1) Academia Real da História Portuguesa; 2) Arcadia Ulissiponense; 3) Academia Real das Sciencias; 4) Nova Arcadia. Géneros literários: principais representantes. Pedro António Correia Garção. Domingos dos Reis Quita. António Dinís da Cruz e Silva. Manoel Maria Barbosa du Bocage. José Agostinho de Macedo. Francisco Manoel do Nascimento. Nicolau Tolentino de Almeida. Duas poetisas. O teatro no século xvii. António José da Silva. Nicolau Luís. Manoel de Figueiredo. A poesia épica no século xviii. José Basílio da Gama. José de Santa Rita Durão. Os Liricos. Thomás António Gonzaga. António Pereira de Sousa Caldas. pág. 419 a 444

PROSA

SUMÁRIO: História, seus representantes. Sebastião da Rocha Pitta. Fr. Manoel dos Santos. D. António Caetano de Sousa. Diogo Barbosa Machado. Francisco Leitão Ferreira. José Soares da Silva. Fr. Manoel do Conaculo Villas Boas. António Ribeiro dos Santos. D. António Caetano do Amaral. João Pedro Ribeiro. D. Francisco Alexandre Lobo. D. Fr. Francisco de S. Luís. Fr. Fortunato de S. Boaventura. Manoel António Coelho da Rocha. Eloquencia. Epistolografia. António da Costa. António Nunes Ribeiro Sanches. Francisco Xavier de Oliveira. Alexandre de Gusmão. Trabalhos filológicos do século xviii. Francisco José Freire. António Pereira de Figueiredo. Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Francisco Dias Gomes. Jeronymo Soares Barbosa. Obras diversas. pág. 444-461
Antologia. Século xviii. pág. 463-504

III — ÉPOCA ROMANTICA

QUADRO SINÓTICO do movimento político, social e literário correspondente á escola Romântica. pág. 507

CAPITULO VI. Escola Romântica (1825). — SUMÁRIO: O Ro-

mantismo: suas características. O Romantismo na Europa. O Romantismo em Portugal. Garrett. Herculano. Castilho. pág. 519

ROMANTICOS E ULTRA-ROMANTICOS

Sumário: Sequazes da Escola. Caracteres. F. Xavier de Novaes e J. P. de Moraes Sarmiento. João de Lemos. O «*Trovador*». Os Poetas do «*Trovador*» A. A. Soares Passos. J. da S. Mendes Leal. Fr. Gomes de Amorim. A. P. da Cunha e Castro. Thomás Ribeiro. Bulhão Pato..... pág. 531

A REACÇÃO CONTRA O ROMANTISMO

Sumário: Como surgiu esta reacção. Elogio-Mútuo. Novas tendências poéticas. J. Simões Dias. João de Deus. Antero do Quental. Cesário Verde. António Nobre. G. de Azevedo. G. Crespo. Alex. da Conceição. Conde de Monsaraz. Outros poetas. Poesia Dramática: Fr. Palha. Fernando Caldeira. J. Alves Crespo. D. João da Camara. Sousa Monteiro. Maximiliano de Azevedo. Rangel de Lima. António de Sousa Bastos..... pág. 537-554

PROSA

Sumário: A História e sciencias auxiliares. Causas do desenvolvimento. Cunha Rivara. Visconde de Santarem. Rebelo de Silva. Latino Coelho. Pinheiro Chagas. Oliveira Martins. Judice Bicker. Soriano. Martins de Carvalho. Luciano Cordeiro. Lino de Assunção. Chabi. Viterbo. Loureiro..... pág. 554-562

SCIÊNCIAS AUXILIARES DA HISTÓRIA

Sumário: A arqueologia, etc. Pinho Leal. Felipe Simões. Vilhena Barbosa. J. A. Vieira. Estacio da Veiga. Martins Sarmiento. Aragão. Zeferino Brandão. Consiglieri Pedroso. Gabriel Pereira. Outros autores..... pág. 562 a 566

HISTÓRIA LITERÁRIA

Sumário: Os historiógrafos da Literatura. Innocêncio da Silva. H. P. Lopes de Mendonça. Juromenha. António J. Viale. Santos Valente. Vasconcelos Abreu. J. Silvestre Ribeiro. J. Gomes Monteiro. Silva Pinto. Diferentes géneros. Outros autores contemporâneos..... pág. 566 a 578

JORNALISMO

Sumário: Desenvolvimento do jornalismo no séc. XIX. Alguns cultores. A. Ennes. Mariano de Carvalho. Emidio Navarro pág. 578 a 581

ELOQUENCIA

Sumário: A eloquência sagrada: seu character. Malhão. Mota Veiga e Rodrigues de Azevedo. Alves Matheus. Alves Mendes. Francisco Patricio pág. 581 a 583

A ELOQUENCIA PARLAMENTAR

Sumário: A eloquência politica e parlamentar. Vários oradores. J. Estevão. Vieira de Castro pág. 584 a 586

ROMANCE

Sumário: O *romance* no séc. XIX: sua grande extensão. Vários autores. Julio Denis. Camillo. Eça de Queiroz. O conto. Paganino. J. Cesar Machado. Barros Lobo. Alberto Braga. Trindade Coelho. Conde de Arnoso. Fialho de Almeida pág. 586 a 598
Antologia. Século XIX. pág. 599 a 679

Antologia de Prosa e Poesia Portuguêsa

DESDE O SÉCULO XII ATÉ Á ATUALIDADE

SÉCULOS XII A XV

POESIA

Pág.

D. Sancho I	}	Cantigas de amigo e de amor .	55-64
P. Soárez de Taveiroos			
López de Baian			
Airas Corpancho			
N. Fernandes Torneol			
D. Denis			
D. Pedro			
D. Afonso Sanches			
D. Denis, Cantigas de escárneo e de maldizer			64
D. Pedro.			65
Lais de Leonoreta			66

PROSA

De "Os Livros de Linhagens":	
Lenda do rei Leir	67
Lenda da Dama de Pé-de-Cabra.	68
Uma aventura de D. Ramiro ou Lenda de Gaia	68
Demanda do Santo Graal.	73

	Pág.
Anónimo, Fabulas — O galo e a pedra preciosa	71
——— O cão e a posta de carne	71
——— O leão velho, o asno, etc	72
Anónimo, Um milagre de Santo Eloy	72
——— Retrato moral e físico de Santo Eloy	73

SÉCULO XV

POESIA

Garcia de Resende, Trovas á morte de D. Inés de Castro.	99
Diogo Brandão, Fingimento de amores	102
Rui Gonçalves, Cantiga	104
Sá de Miranda, Cantiga	105
——— Cantiga	105
Coudel mór	105
Versos trocados entre o Infante D. Pedro e Juan de Mena	106
D. João de Meneses, Cantiga	106
Tristão Teixeira, Cantiga	106
João R. de Castello-Branco, Cantiga	106
Jorge d'Aguiar, Trovas contra as mulheres	108

PROSA

Da « Vita Cristi »:	
Prefácio	108
Retrato de Jesus Cristo	108
Jesus Cristo e a Samaritana	109
Infante D. Pedro, Do requerimento da graça	110
D. Duarte, Da maneira que foi doente do humor menenconico e del guareci	111
——— Prologo do « Livro de bem cavalgar toda sella »	112
Da « Cronica do Condestabre », Primeiros anos de Nuno Alvares	113
Da « Cronica do Infante Santo. », Ultimos sofrimentos	114
Fernão Lopes, Morte do Conde de Andeiro	115
Zurara, O conde D. Pedro faz falar os campos de Seuta	117
R. de Pina, Assassinato do Duque de Vizeu	118
Garcia de Rezende, Justiça que el-rei D. João II mandou fazer na estátua do marquês de Monte-mór	118
——— Do que el-rei disse a um homem, que bebia vinho mais do necessario	119
——— Do que el-rei disse ao Conde de Borba em um conselho	119
——— Morte de D. João II	119
Afonso V (D.)—Carta a Zurara	120

SÉCULO XVI

POESIA

	PAG.
Camões, Sonetos	193
Volts	195
— Endechas a Barbara escrava	195
— Redondilhas	196
— No cruzeiro da costa da Arabia	201
J. Côte-Real, Morte de D. Leonor,	203
L. P. Brandão, El-Rei D. Sebastião em Sintra	206
F. de Andrade, A habitação dos ventos	208
B. Ribeiro, Romance	210
— Romance de Avalor.	211
— Egloga	212
Cristovão Falcão, Egloga Cristal	214
Sá de Miranda, Carta a Antonio Pereira, Senhor de Basto	226
— Egloga Basto	231
— Sonetos 240	241
— Elegia	242
— Cantiga em diálogo	245
Dr. A. Ferreira, Tragédia Castro	246
— Carta a Joam López	252
— Sonetos 254	255
Andrade Caminha, Elegia	256
Diogo Bernardes, Elegias.	258
Fr. Agostinho da Cruz, Sonetos 259	261
Gil Vicente, Mofina Mendes	261
— Feira	265
— Almocreves	273
— Inês Pereira	287
Simão Machado, Alfoa	292

PROSA

F. de Holanda, Sobre a pintura em Flandres	293
Bernardim Bibeiro, Menina e Moça	297
Jeronymo Osorio, Carta.	301
João de Barros, Cristovão Colombo apresenta-se a el-rei de Portugal	302
— Juramento feito sobre o <i>Cancioneiro Geral</i>	304
— D. Henrique faz passar o cabo Bojador	304
Diogo do Couto, De muitas cousas notaveis que ha nas ilhas de Moluco	305

	PAG.
Damião de Goes , De como D. Manoel mandou lançar os Mouros e os Judeus fora de seus reinos.	306
F. L. Castanheda , De como Vasco da Gama foi descobrir a India.	307
A. Galvão , Descobrimento das Antilhas e Indias pelos Espanhoes	308
S. Usque , A vida pastoril	309
—— A Inquisição	310
João de Lucena , Variedade do gentio da India.	311
F. Mendes Pinto , Peregrinação.	312
Heitor Pinto , Da excellencia da vista sobre os outros sentidos	316
—— Comparações	317
Amador Arráez , Que as vitórias dos Portugueses, . . se não a hão de attribuir a forças humanas	318
Tomé de Jesus , Dureza da gente judaica.	310
Fr. de Moraes , Do que passou Palmeirim de Inglaterra . .	329

SÉCULO XVII

POESIA

F. Rodrigues Lobo , Cantigas	367
Anónimo , A que morreu do ar	368
Anónimo , A um desengano.	368
F. M. de Melo , Uma scena do «Fidalgo Aprendiz»	369
—— Soneto	372
—— Fabulas.	372
J. Vahia , Romance.	375
Barbuda e Vasconcellos , Virginidos	376
G. P. de Castro , Helena depois da destruição de Troia . .	377
Sá de Meneses , Glaura procurando no campo de batalha o corpo de Batrão	379
Vasco Mousinho , O Oceano festejando a armada portuguesa	380
A. S. de Macedo , Ulysses dispõe-se a fundar Lisboa	381
Brás Garcia , Episodio de Serralvo	382

PROSA

F. Rodrigues Lobo , O ouro	384
—— A graça da voz	385
F. Manoel de Melo , Visita das Fontes	386
—— Preparativos para a descoberta da ilha da Madeira . .	388
—— Cartas	390

	PAG.
F. Bernardo de Brito, De algũas memorias que ha até ao fim do Imperio de Augusto	391
——— Gonçalo Hermigues o Traga-Mouros	392
Fr. Luís de Sousa, Habitantes de Viana	394
——— Discurso do Arcebispo	395
——— Doença e morte de S. Domingos	395
J. Freire d'Andrade, Ultimos momentos de D. João de Castro	396
A Vieira, O amor menino	397
——— A guerra.	397
——— Preceitos da oratoria sagrada.	398
A. Vieira, O Polvo.	399
——— O Estatuário	400
——— A Fortuna.	400
——— A Formosura	401
——— Premio das acções honradas	401
——— Carta ao Conde da Castanheira.	401
——— Carta a El-rei	402
——— Carta a D. Rodrigo de Meneses	403
——— Outra carta ao mesmo	404
Manoel Bernardes, Vaidades feminis	405
——— Degeneração de Portugal	460
——— Celas de freiras levianas	406
——— Quem quer vai.	407
——— Afonso de Albuquerque	407
——— Lenda dos bailarins	408
——— Repentes	408
——— Grandioso presente.	409
——— O frade de 300 anos	410
——— Freiras loucas	411

SÉCULO XVIII

POESIA

C. Garção, Cantata	468
——— Assembléa	464
——— Teatro Novo	468
R. Quito, Idilio	474
Cruz e Silva, Hyssope	475
Bocage, Sonetos.	478 480
——— Epigramas	480
J. Agostinho de Macedo, O homem no estado insocial . .	481
——— A criação	482

	Pág.
F. Manoel do Nascimento, Ode	483
—— Galicismos	486
N. Tolentino, A função.	487
—— Carta oferecendo um perú	488
—— Soneto.	489
J. Basilio da Gama, Lindoya.	489
Santa Rita Durão, Moema	490
Gonzaga, Lira	492
Sousa Caldas, Pygmalião	493

PROSA

A. Lobo, Vieira julgado por D. Francisco Lobo	496
D. Fr. Caetano Brandão, O Amazonas	497
A. J. da Rocha, Elogio fúnebre de D. Francisco de Lemos	498
A. da Costa, Carta ao sr. Manoel Gomes da Costa.	498
Ribeiro Sanches, Carta sobre a educação da mocidade. . .	500
Cavalleiro de Oliveira, Carta... sobre a pronuncia da lingua latina	501
Alex. de Gusmão, Carta a Barboza Machado	503
—— Carta a Fr. G. da Encarnação	504

SÉCULO XIX

POESIA

A. Garrett, As minhas asas	599
—— Ignoto Deo.	599
A. Herculano, Deus.	600
—— A cruz mutilada.. . . .	602
A. F. de Castilho, Cantico da noute	604
João de Lemos, A lua de Londres	604
—— O sino da minha terra.	605
Soares de Passos, O Firmamento	607
Mendes Leal, Ave, Caesar	610
Gomes de Amorim, O marinheiro	613
Pereira da Cunha, O voto de elrei.	614
Guilherme Braga, Saudades do ceo	616
—— A's mães.	617
Guilherme de Azevedo, Velha farça	618
Simões Dias, O teu lenço.	619
Gonçalves Crespo, Alguem	619
—— Mater Dolorosa	620
Thomás Ribeiro, A judia	620

	PAG.
João de Deus, A vida	624
—— Rachel.	629
—— A Victoria Colonna.	630
Anthero do Quental, A' Virgem Santissima	630
—— Na mão de Deos.	631
—— Anima mea	631
Antonio Nobre, Aparição.	632
—— Ao cair das folhas	632
—— A vida	633
Cesario Verde, Ave Marias.	634
—— De tarde	635
Bulhão Pato, A mãe e o filho morto.	635
Fernando Caldeira, No serão	636
D. João da Camara, Missa das almas.	638
Conde de Monsaraz, As mondadeiras.	640
Dr. Pinto Osorio, Tres cantos	641

PROSA

A Garrett, Fr. Luis de Sousa	642
—— Discurso do Porto Pireu	647
A. Herculano, O Mosteiro.	649
A. F. de Castilho, Um poeta cego	652
A. F. de Castilho, Coimbra á morte de Afonso Henriques.	652
Anthero do Quental, Decadência dos povos peninsulares	653
A. A. da Fonseca Pinto, Universidade de Coimbra	654
L. A. Rebello da Silva, Retrato de Tiberio	655
Latino Coelho, Vasco da Gama	656
Pinheiro Chagas, Origens de Portugal.	658
Oliveira Martins, A batalha de Valverde	660
—— O solitario de Val-de-Lobos	662
Silveira Malhão, Excerptos do sermão prégado nas exequias do Conde de Barbacena	664
José Estevão, Um trecho do discurso sobre a «Charles et George»	665
C. Castello-Branco, O sr. ministro	667
—— A morte do lobo	669
Eça de Queiroz, Suave milagre	670
—— A chegada a Tormes	671
—— Um telefono em Tormes!	673
Fialho de Almeida, Ceifeiros	674
Ramalho Ortigão, Viana do Castelo	677
—— A lapidação dos diamantes	678

ERRATAS

[Ressalvam-se apenas algumas das numerosas erratas, que foi impossível evitar nas condições excepcionais em que êste livro foi impresso].

PÁGS.	LINHAS	EMENDAS
21	9	Minnesang
28	9	Antiguidade
30	16	Cantares
131	22	Cáceres
132	36	famoso
145	15	Cronológica
156	3 a 10	Estas linhas pertencem á nota 1. ^a
159	41	do duque
162	8	Teatro de Gil Vicente
171	21	1570
185	14	prosa
331	6	bens
332	18	Fenix
338	4 e 5	Estas linhas devem seguir na pág. anterior, ao fundo, as que se transcrevem do Bispo do Grão-Pará.
341	13	xvii
426	21	Bocarro
429	41	Azevia
432	19	Galatea
457	1	Pereira
519	6	Caraterísticas
519	16	»
521	2	se W. Scott
523	7	presente

THIS BOOK IS DUE ON THE LAST DATE
STAMPED BELOW

AN INITIAL FINE OF 25 CENTS
WILL BE ASSESSED FOR FAILURE TO RETURN
THIS BOOK ON THE DATE DUE. THE PENALTY
WILL INCREASE TO 50 CENTS ON THE FOURTH
DAY AND TO \$1.00 ON THE SEVENTH DAY
OVERDUE.

JUN	JAN 8 1945
FILE (N)	JAN 16 1945
JAN 31 1946	JAN 27 1946
	JUN 7 1946
MAY 21 1946	JUN 21 1946
MAY 17 1941 M	JAN 17 1968
	RLC J LD
SEP 8 1943	JAN 9
SEP 22 1943	JUN 6 1943
JAN 17 1944	
JUN 9 1944	AUTO DISC CIRC JUN 17 '93
JUL 27 1944	
	LD 21-9

U.C. BERKELEY LIBRARIES

YC 01084



C024195605

